

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

O SENHOR DO CAOS

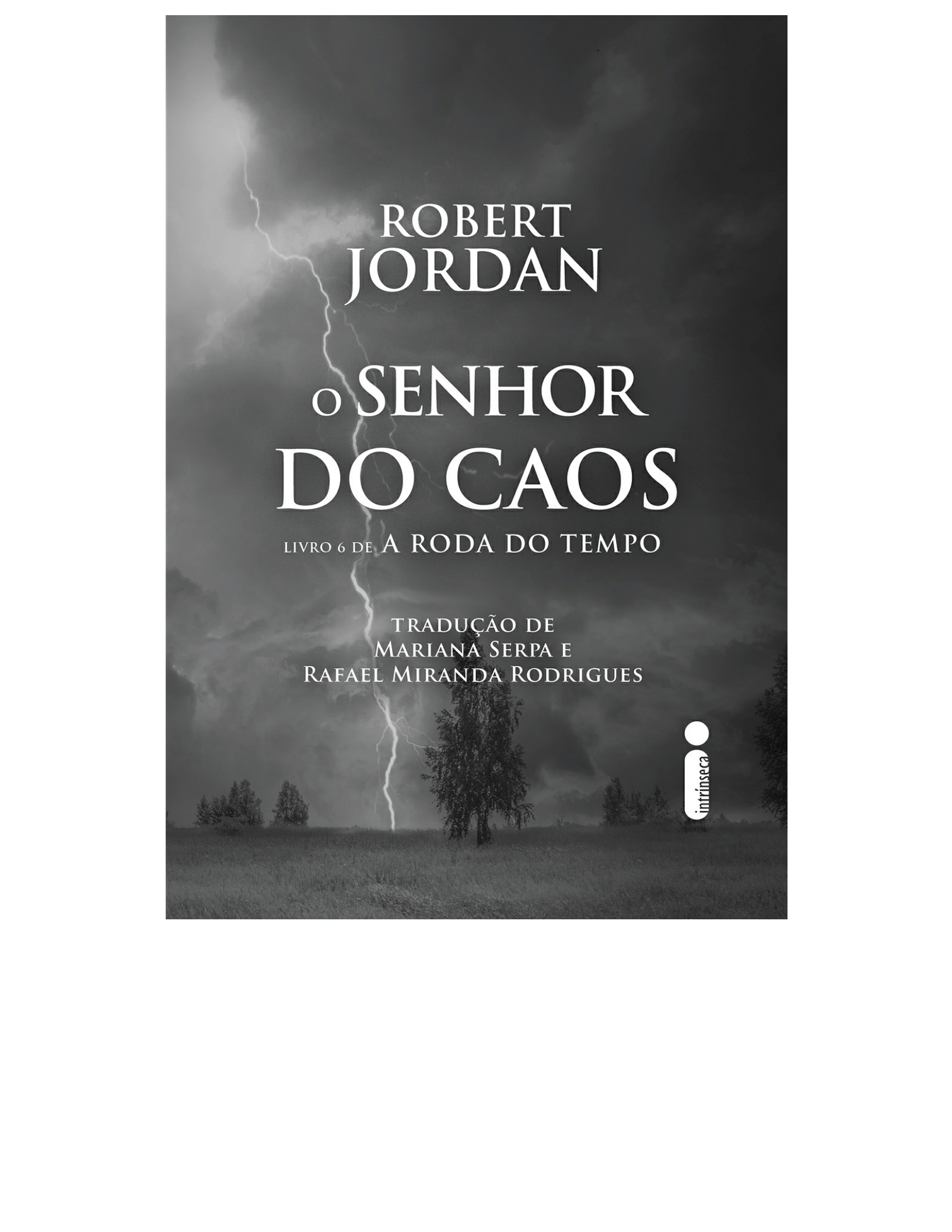


"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times





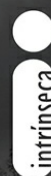


ROBERT
JORDAN

o SENHOR
DO CAOS

LIVRO 6 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES



Copyright © 1994 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan. Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

Lord of Chaos

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Rayssa Galvão

Marcela de Barros

REVISÃO

Cristiane Pacanowski

IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO

Shutterstock.com

MAPAS E ILUSTRAÇÕES

Ellisa Mitchell e Matthew C. Nielsen

ADAPTAÇÃO DO MAPA

Kátia Regina Silva

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

REVISÃO DE E-BOOK

Marina Góes

Roberta Clapp

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0292-6

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – TC – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



_intrinseca.com.br

Para Betsy

PRÓLOGO: A PRIMEIRA MENSAGEM

MAPA 1

1 LEÃO NA COLINA

2 A VISITA

3 OS OLHOS DE UMA MULHER

4 SENSO DE HUMOR

5 UMA DANÇA DIFERENTE

6 TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS

7 UMA QUESTÃO DE OPINIÃO

8 ARMA-SE UMA TEMPESTADE

9 PLANOS

10 UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA

11 AULAS E PROFESSORES

12 PERGUNTAS E RESPOSTAS

13 SOB A POEIRA

14 SONHOS E PESADELOS

15 UM MONTE DE AREIA

16 PREVISÕES DA RODA

17 A RODA DA VIDA

MAPA 2

18 UM POUCO DE SOLIDÃO

19 QUESTÕES DE *TOH*

20 VISITAS DO *POUSO*

21 PARA SHADAR LOGOTH

22 RUMO AO SUL

23 PARA ENTENDER A MENSAGEM

24 A MISSÃO DIPLOMÁTICA

25 COMO RELÂMPAGOS E CHUVA

26 LIGANDO AS LINHAS

27 PRESENTES

28 CARTAS

29 FOGO E ESPÍRITO

30 CURAR DE NOVO

[31 LACRE DE CERA VERMELHA](#)
[32 CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS](#)
[33 CORAGEM PARA FORTIFICAR](#)
[34 A JORNADA PARA SALIDAR](#)
[35 No SALÃO DAS VOTANTES](#)
[36 A AMYRLIN É ELEVADA](#)
[37 QUANDO A BATALHA COMEÇA](#)
[38 UM SÚBITO DESÂNIMO](#)
[39 POSSIBILIDADES](#)
[40 GARGALHADA INESPERADA](#)
[41 UMA AMEAÇA](#)
[42 A TORRE NEGRA](#)
[43 A COROA DE ROSAS](#)
[44 A COR DA CONFIANÇA](#)
[45 UM PENSAMENTO AMARGO](#)
[46 ALÉM DO PORTÃO](#)
[47 A MULHER ERRANTE](#)
[48 APOIADAS NA FACA](#)
[49 O ESPELHO DE BRUMAS](#)
[50 ESPINHOS](#)
[51 A CAPTURA](#)
[52 TESSITURAS DO PODER](#)
[53 O FESTIVAL DAS LUZES](#)
[54 O CHAMADO](#)
[55 POÇOS DE DUMAI](#)

[EPÍLOGO: A RESPOSTA](#)

[GLOSSÁRIO](#)

Cantam os leões, os montes fogem em rol.
De dia brilha a lua, de noite vem o sol.
Mulher cega, homem surdo, corvo atroz.
Vem, Senhor do Caos, reinar sobre nós.

(cantiga infantil ouvida na Grande Arvalon, da Quarta Era)



A PRIMEIRA MENSAGEM

Demandred saiu para as encostas negras de Shayol Ghul, e a passagem, um buraco na trama da realidade, tremeluziu e desapareceu. Nuvens cinzentas se revolviam acima, encobrindo o céu como um mar invertido de ondas cinzentas morosas que arrebatavam em volta do pico oculto da montanha. Abaixo, estranhas luzes lampejavam pelo vale árido, em tons azuis e vermelhos desbotados que não eram suficientes para afastar as trevas sombrias encobrindo sua fonte feito uma mortalha. Relâmpagos subiam pelas nuvens, e trovões lentos ribombavam. Ao longo da encosta, vapor e fumaça se elevavam por vulcões isolados, alguns tão pequenos quanto a mão de um homem, outros enormes o bastante para engolir dez camaradas.

Na mesma hora, soltou o Poder Único — e com a mesma delicadeza que o Poder sumiu, esvaneceu-se também a agudez de sentidos que tornava tudo mais claro, mais penetrante. A ausência de *saidin* deixava um vazio, porém, naquele lugar, apenas um tolo se arriscaria a sequer parecer disposto a canalizar. Além do mais, apenas um tolo desejaria ver, farejar ou sentir com clareza as coisas daquele lugar.

No tempo que era agora conhecido como Era das Lendas, aquele lugar fora uma ilha idílica em um mar tranquilo, lugar predileto dos apreciadores de paisagens rústicas. Apesar do vapor, o frio era cortante. Demandred não se permitia senti-lo, mas o instinto o fazia apertar contra o corpo o manto de veludo forrado de pele. Uma leve bruma revelava sua respiração, quase invisível antes de ser tragada pelo ar. Poucas léguas a norte dali o mundo era puro gelo, mas Thakan'dar era sempre seca como um deserto, por mais que vivesse em um permanente inverno.

Havia água, por assim dizer, um arroio de águas negras que corria pela encosta rochosa ao lado de uma ferraria de teto cinza. Martelos retiniam lá dentro, e luz branca cintilava pelas janelas estreitas a cada repique. Uma mulher vestida em andrajos estava agachada, encostada na parede de pedras brutas da ferraria,

parecendo desesperançosa, com um bebê aninhado nos braços e uma menina comprida afundando o rosto em suas saias. Prisioneiros capturados em uma invasão às Terras da Fronteira, sem dúvida. Mas eram muito poucos; os Myrddraal deviam estar rangendo os dentes, incomodados. Suas espadas sempre falhavam depois de algum tempo e tinham que ser substituídas, apesar de as incursões às Terras da Fronteira terem sido reduzidas.

Um dos forjadores apareceu, um homem robusto e de movimentos lentos que parecia ter sido esculpido de uma montanha. Os forjadores não estavam exatamente vivos: caso se afastassem de Shayol Ghul, transformavam-se em pedra ou pó. Também não eram exatamente ferreiros; não faziam nada além das espadas. Com as duas mãos, o sujeito segurava uma lâmina de espada presa em pinças compridas — a lâmina já estava temperada, pálida feito neve sob a lua. Vivo ou não, o forjador tomou cuidado ao mergulhar o metal reluzente no arroio escuro. Qualquer fragmento de vida que possuía poderia desaparecer ao encostar naquela água. Quando o metal emergiu outra vez, estava negro feito a morte. Porém, o trabalho ainda não havia sido terminado. O forjador voltou para dentro arrastando os pés, e de súbito uma voz masculina soltou um grito desesperado.

— Não? Não! NÃO!

Ouviu-se um ganido, e o som foi definhando sem perder a intensidade, como se o sujeito que gritara fosse arrastado a uma distância inimaginável. A espada estava pronta.

Outro forjador apareceu — talvez o mesmo, talvez outro — e ergueu a mulher com um puxão. Mulher, bebê e criança começaram a choramingar, mas o bebê foi arrancado do colo da mãe e enfiado nos braços da menininha. Por fim, a mulher encontrou um resquício de resistência. Aos soluços, começou a chutar e arranhar desesperadamente. O forjador parecia se abalar tanto quanto uma pedra. Os berros da mulher cessaram assim que ela entrou. Os martelos recomeçaram a retinir, abafando os soluços das crianças.

Uma espada pronta, e duas por vir. Demandred nunca tinha visto menos de cinquenta prisioneiros aguardando para entregar as crias ao Grande Senhor das Trevas. Os Myrddraal deviam estar mesmo rangendo os dentes, incomodados.

— Você está remanchando depois de ser convocado pelo Grande Senhor? — A voz era áspera feito couro podre.

Demandred virou-se devagar — como é que um Meio-homem se atrevia a dirigir-se a ele naquele tom? —, porém as palavras de repreensão morreram na boca. Não por causa do olhar sem olhos da criatura de rosto pálido — o olhar de um Myrddraal metia medo em qualquer homem, mas ele extirpara seu medo havia muito tempo. Foi pela própria criatura coberta de negro. Todos os Myrddraal tinham a altura de um homem alto, eram uma cópia serpeante de um homem, e todos pareciam ter saído do mesmo molde. Aquele era cerca de uma cabeça mais alto que o usual.

— Vou levá-lo ao Grande Senhor — anunciou o Myrddraal. — Sou Shaidar

Haran.

A criatura deu meia-volta e começou a subir a montanha com seu caminhar fluido, feito uma serpente. A capa retinta permanecia estranhamente imóvel, sem a menor ondulação.

Demandred hesitou antes de segui-lo. Os Meios-homens sempre tinham nomes na língua enrolada dos Trollocs. “Shaidar Haran” vinha do idioma que o povo agora denominava Língua Antiga. Significava “Mão das Trevas”. Outra surpresa, e Demandred não gostava de surpresas, sobretudo em Shayol Ghul.

A entrada para a montanha poderia ser confundida com um dos vulcões, à diferença de que não emitia vapor ou fumaça. A abertura era ampla o bastante para a passagem de dois homens lado a lado, mas o Myrddraal manteve-se à frente. Logo na entrada, o caminho já formava um declive — um túnel de piso gasto e liso feito azulejos polidos. O frio foi diminuindo conforme Demandred seguia as largas costas de Shaidar Haran, cada vez mais para baixo, aos poucos substituído por um calor crescente. Demandred o percebia, mas não se deixava atingir. Uma luz pálida emanava da pedra e inundava o túnel, mais brilhante que o crepúsculo incessante lá fora. Do teto despontavam protuberâncias pontudas e serrilhadas, dentes de pedra prontos para se fecharem, os dentes do Grande Senhor para dilacerar os traidores e infiéis. Sem dúvida, não eram formações naturais, porém eram eficazes.

De súbito, Demandred notou algo. Todas as vezes que percorrera esse trajeto, os agulhões quase roçavam o topo da cabeça. Daquela vez, havia um espaço de pelo menos duas mãos entre eles e a cabeça do Myrddraal. Aquilo o surpreendeu. Não o fato de a altura do túnel estar diferente — o estranho era costumeiro, por ali —, e sim de ter sido dado um espaço a mais ao Meio-homem. O Grande Senhor emitia avisos tanto aos homens quanto aos Myrddraal. Aquele espaço extra era um lembrete.

O túnel de repente se abria em uma ampla saliência que dava para um lago de pedras fundidas, vermelhas rajadas de preto, onde chamas da altura de um homem dançavam, se extinguíam e nasciam outra vez. Não havia teto, apenas um buraco imenso se erguendo montanha acima até um céu que não era o céu de Thakan'dar. Aquele céu fazia o de Thakan'dar parecer normal, com as nuvens estranhamente estriadas correndo feito raios, como se conduzidas pelos piores ventos que o mundo já vira. Os homens chamavam aquele lugar de Poço da Perdição, e poucos tinham noção de como o nome era apropriado.

Mesmo depois de tantas visitas — e a primeira fora em um passado de bem mais de três mil anos —, Demandred sempre sentia um pavor reverente. Ali, conseguia sentir a Fenda — o antiquíssimo buraco perfurado na prisão onde o Grande Senhor jazia desde o momento da Criação. Ali, a presença do Grande Senhor o inundava. Fisicamente, o lugar ficava tão distante da Fenda quanto qualquer outro no mundo, mas ali o Padrão parecia mais fino, o que permitia que fosse sentido.

Demandred viu-se perto de abrir um sorriso como nunca estivera antes. Como

eram tolos os que haviam se oposto ao Grande Senhor. Sim, a Fenda ainda estava bloqueada, mesmo que de forma mais tênue do que quando o Grande Senhor despertara de seu longo sono e se libertara de sua prisão. Bloqueada, porém maior do que quando ele despertara. Ainda não tão grande quanto na época em que Demandred fora jogado lá com seus companheiros, no fim da Guerra do Poder, porém um pouco maior a cada visita. Logo, o bloqueio seria desfeito, e o Grande Senhor estenderia a mão outra vez por sobre a terra. Logo, chegaria o Dia do Retorno. E ele governaria o mundo pelo restante dos tempos. Abaixo do Grande Senhor, claro. E com os outros Escolhidos que sobrevivessem, certamente.

— Pode se retirar agora, Meio-homem.

Não queria a criatura ali para ver o êxtase tomando conta dele. O êxtase e a dor. Shaidar Haran não se mexeu.

Demandred abriu a boca... e uma voz explodiu em sua cabeça.

DEMANDRED.

Chamar aquilo de voz era como chamar uma montanha de seixo. Aquilo quase esmagou o interior de seu próprio crânio, e ele foi completamente arrebatado. Tombou de joelhos. O Myrddraal continuava assistindo, impassível, mas apenas uma parte sua era capaz de notar a criatura, com aquela voz invadindo seu cérebro.

DEMANDRED. COMO VAI ESTE MUNDO?

Nunca sabia ao certo quanto o Grande Senhor sabia do mundo. A ignorância o surpreendia tanto quanto o conhecimento. Porém não tinha dúvidas a respeito do que o Grande Senhor queria ouvir.

— Rahvin foi morto, Grande Senhor. Ontem. — Sentiu dor. Uma euforia tão forte logo se tornava dor. Seus braços e pernas se contraíram. Estava suando. — Lanfear desapareceu sem deixar rastros, assim como Asmodean. E Graendal avisou que Moghedien não foi encontrá-lo, como haviam combinado. Também ontem, Grande Senhor. Não acredito em coincidências.

OS ESCOLHIDOS ESTÃO DEFINHANDO, DEMANDRED. OS FRACOS SUCUMBEM. QUEM ME TRAIR, MORRERÁ A MORTE FINAL. ASMODEAN, ESMAGADO PELA PRÓPRIA FRAQUEZA. RAHVIN, MORTO PELO PRÓPRIO ORGULHO. ELE SERVIU BEM, MAS NEM MESMO EU POSSO SALVÁ-LO DO FOGO DEVASTADOR. NEM MESMO EU POSSO CAMINHAR FORA DO TEMPO. Por um instante, uma ira terrível apossou-se daquela voz assustadora, e... seria frustração? Um instante apenas. MORTO POR MEU ANTIGO INIMIGO, O QUE CHAMAM DRAGÃO. VOCÊ USARIA O FOGO DEVASTADOR A MEU SERVIÇO, DEMANDRED?

Demandred hesitou. Uma gota de suor deslizou meia polegada por seu rosto; pareceu ter levado uma hora para escorrer. Durante a Guerra do Poder, ambos os lados passaram um ano usando fogo devastador. Até descobrirem as consequências. Sem acordo nem trégua — jamais houvera trégua, muito menos clemência —, os dois lados simplesmente pararam. Naquele ano, cidades inteiras pereceram sob o

fogo devastador, centenas de milhares de tramas do Padrão foram queimadas, a própria realidade quase desfiou, mundo e universo evaporando em cerração. Se o fogo devastador fosse usado outra vez, poderia não restar um mundo para governar.

Outra coisa o deixou incomodado. O Grande Senhor já sabia como Rahvin morrera. E parecia saber mais sobre Asmodean do que ele.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será. — Seus músculos podiam estar trêmulos, mas sua voz estava firme. A pedra quente começava a formar bolhas em seus joelhos, mas a carne poderia muito bem ser de outra pessoa.

ASSIM SERÁ.

— Grande Senhor, é possível destruir o Dragão. — Um homem morto não conseguiria manejar o fogo devastador, e talvez então o Grande Senhor não visse mais necessidade disso. — Ele é fraco e ignorante, e sua atenção vive dispersa em dezenas de direções. Rahvin era um imbecil vaidoso. Eu...

VOCÊ SERIA NAE'BLIS?

A língua de Demandred congelou. Nae'blis. Aquele que se postava apenas um degrau abaixo do Grande Senhor, comandando todos os outros.

— Eu desejo apenas servi-lo, Grande Senhor, da forma que puder. — Nae'blis.

ENTÃO ESCUTE E SIRVA. OUÇA QUEM VAI MORRER E QUEM VAI VIVER.

Demandred gritou quando a voz o atingiu. Lágrimas de alegria correram por seu rosto.

Imóvel, o Myrddraal o observava.

* * *

— Fiquem quietas. — Nynaeve sacudiu a longa trança por cima do ombro. — Não vai dar certo se vocês ficarem se remexendo feito crianças com coceira.

Do outro lado da mesa instável, nenhuma das mulheres parecia muito mais velha do que ela, embora tivessem cerca de vinte anos a mais, e nenhuma estava de fato se remexendo, mas o calor deixava Nynaeve nervosa. O quartinho sem janelas estava abafado. Ela pingava de suor, enquanto as outras pareciam frescas e secas. Leane, com um vestido domanês de seda azul excessivamente fina, apenas deu de ombros — a mulher alta e de pele acobreada possuía um estoque aparentemente infindável de paciência. Quase sempre. Já Siuan, serena e robusta, quase nunca tinha paciência para oferecer.

Siuan grunhiu e ajeitou as saias outra vez, irritada. Em geral usava roupas lisas, porém esta manhã vestia um delicado linho amarelo com bordado taireno labiríntico envolvendo o decote que por pouco não era cavado demais. Os olhos azuis eram frios feito a água do fundo de um poço. Frios como seria a água no fundo de um

poço, se o tempo não estivesse completamente doido. Os vestidos podiam ser diferentes, mas os olhos não.

— Não vai funcionar mesmo — vociferou ela. Seu modo de falar também permanecia o mesmo. — Não dá para remendar um casco com o barco todo queimado. Bom, é perda de tempo, mas eu prometi que tentaria, então vamos logo com isso. Leane e eu temos trabalho a fazer.

As duas comandavam a rede de olhos-e-ouvidos para as Aes Sedai ali em Salidar, as agentes que divulgavam os informes e rumores a respeito do que acontecia no mundo.

Nynaeve alisou as próprias saias para se acalmar. Seu vestido era de lã branca lisa com sete faixas coloridas na bainha, uma para cada Ajah. Um vestido de Aceita. Aquilo a incomodava mais do que poderia ter imaginado. Preferia estar usando o vestido de seda verde que guardara na bolsa. Estava disposta a admitir, pelo menos para si mesma, que tomara gosto por roupas refinadas, mas a escolha daquele vestido em particular fora apenas pelo conforto — era fino e leve —, e não porque verde era uma das cores preferidas de Lan. Não mesmo. Devaneios do pior tipo. Uma Aceita que usasse qualquer coisa que não o vestido branco com faixas logo descobriria que estava *muito* abaixo das Aes Sedai. Decidida, afastou todos aqueles pensamentos. Não estava ali para se preocupar com roupinhas frescas. Ele também gostava de azul. Não!

Sutilmente, usou o Poder Único para sondar as duas mulheres, primeiro Siuan, depois Leane. De certa forma, não estava canalizando. Não conseguia canalizar nem um fiapo se não estivesse irritada, sequer sentia a Fonte Verdadeira. No fim das contas, dava no mesmo. Finos filamentos de *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, perpassavam as duas mulheres conforme Nynaeve tecia, só que não se originavam dela.

No pulso esquerdo, Nynaeve usava um bracelete fino, uma tira simples de prata segmentada. Quase toda de prata, de qualquer forma, e de origem especial, embora isso não fizesse diferença. Era a única joia que usava além do anel da Grande Serpente. As Aceitas eram desencorajadas a usar muitos adornos. Um colar do mesmo material envolvia o pescoço da quarta mulher, sentada em um banquinho encostado na parede de reboco grosseiro, as mãos cruzadas no colo. Usava lã grossa de fazendeiro e tinha o rosto rechonchudo e cansado das pessoas do campo, mas sequer suava. Também não movia um só músculo, mas seus olhos escuros observavam tudo. Nynaeve via o brilho de *saidar* que envolvia a mulher, mas era ela própria quem conduzia a canalização. Bracelete e colar criavam um elo bastante similar à forma como as Aes Sedai se conectavam para unir poderes. Segundo Elayne, a explicação envolvia “matrizes completamente idênticas”, mas a partir dali a explicação se tornava incompreensível. A verdade era que Nynaeve achava que Elayne não entendia nem a metade do que fingia entender. Ela mesma não entendia nada, a não ser o fato de que era capaz de sentir todas as emoções da outra mulher —

e também de sentir a própria —, em um canto de sua mente, e ela detinha o controle de toda a *saidar* que a outra podia manipular. Às vezes, achava que teria sido melhor se aquela mulher no banquinho estivesse morta. Seria mais simples, sem dúvida. Menos complicado.

— Alguma coisa foi rasgada ou cortada — resmungou a Aceita, secando distraidamente o suor do rosto.

Era apenas uma vaga impressão, quase imperceptível, mas, por outro lado, era a primeira vez que sentia algo além de vazio. Poderia ser imaginação, o desejo desesperado de encontrar alguma coisa, qualquer que fosse.

— Rompida — explicou a mulher no banquinho. — Esse era o nome do que vocês hoje chamam de estancar, no caso das mulheres, e amansar, no dos homens.

Três cabeças se viraram na direção da mulher; três pares de olhos a encararam cheios de fúria. Siuan e Leane tinham sido Aes Sedai até serem estancadas durante o golpe à Torre Branca, que pusera Elaida no Trono de Amyrlin. Estancadas. Uma palavra que provocava arrepios. Nunca mais poderiam canalizar. E sempre se lembrariam disso, teriam consciência da perda. Sentiriam a Fonte Verdadeira eternamente, sabendo que jamais poderiam tocá-la outra vez. O estancamento era tão incurável quanto a morte.

Isso era o que todos acreditavam, ao menos, mas, na opinião de Nynaeve, o Poder Único deveria ser capaz de Curar qualquer coisa, exceto a morte.

— Só fale se tiver algo útil a acrescentar, Marigan — retrucou Nynaeve, com rispidez. — Caso contrário, fique quieta.

Marigan encolheu-se outra vez contra a parede, os olhos faiscantes cravados em Nynaeve. Medo e ódio percorreram o bracelete, o que sempre acabava acontecendo. Os prisioneiros quase nunca gostavam de seus captores, nem mesmo — talvez sobretudo — quando sabiam que mereciam ser presos, e até mais. O problema era que Marigan também dissera que o rompimento — o estancamento — não podia ser Curado. Ora, a mulher enchia a boca para dizer que na Era das Lendas havia Cura para tudo, a não ser para a morte, e que o que hoje a Ajah Amarela chamava de Cura nada mais era do que o trabalho grosseiro e apressado dos campos de batalha. No entanto, sempre que Nynaeve tentava arrancar informações mais específicas ou até um palpite a respeito de como eram os procedimentos, a mulher não abria a boca. Marigan sabia tanto sobre Cura quanto Nynaeve sobre o trabalho nas forjas — os ferreiros enfiavam metal no carvão quente e batiam nele com um martelo. Decerto não era o bastante para fazer uma ferradura. Nem para Curar qualquer coisa além de um hematoma.

Remexendo-se na cadeira, Nynaeve observou Leane e Siuan. Passara dias assim, examinando-as sempre conseguia convencê-las a deixar de lado seu outro trabalho, mas até então nada descobrira. De súbito, deu-se conta de que girava o bracelete no pulso. Fosse qual fosse o ganho, odiava permanecer conectada à mulher. A intimidade-lhe causava arrepios. *Pelo menos posso tentar aprender alguma coisa,*

pensou. *E não pode ser pior do que tudo o que já aconteceu.*

Tomando cuidado, abriu o bracelete — era impossível encontrar o fecho sem saber de antemão onde ele ficava — e entregou-o a Siuan.

— Coloque isso aqui.

Perder o acesso ao Poder era ruim, mas precisava fazer isso. E perder as ondas de emoção era como tomar um banho. Os olhos de Marigan acompanharam o fino aro de metal, hipnotizados.

— Por quê? — inquiriu Siuan. — Você disse que essa coisa só funciona...

— Anda logo, Siuan.

Siuan a encarou com teimosia — Luz, que mulher obstinada! — antes de fechar o bracelete no próprio pulso. Na mesma hora, foi tomada por uma expressão de espanto, depois estreitou os olhos para Marigan.

— Ela odeia a gente, mas disso eu já sabia. E sente medo, e... surpresa. O rosto dela não revela o menor traço, mas a mulher está chocada até a raiz dos cabelos. Acho que não acreditava que eu também pudesse usar isto aqui.

Marigan se remexeu, incomodada. Até então, apenas duas pessoas que sabiam a seu respeito podiam usar o bracelete. Quatro teriam mais chances de fazer perguntas. A mulher parecia cooperar, mas quanto estaria escondendo? O máximo possível, Nynaeve tinha certeza.

Siuan balançou a cabeça, com um suspiro.

— E eu não posso. Deveria conseguir tocar a Fonte a partir dela, não é mesmo? Pois é, não consigo. Mais fácil um peixe subir em árvores. Fui estancada e ponto final. Como é que se tira essa coisa? — A mulher sacudiu o bracelete. — Como é que se tira essa porcaria?

Com delicadeza, Nynaeve deitou a mão sobre a de Siuan, por cima do bracelete.

— Você não consegue ver? O bracelete não funciona para uma mulher incapaz de canalizar, assim como o colar não funcionaria. Se eu pusesse um dos dois em uma das cozinheiras, ia ser só uma joia bonita.

— Cozinheira ou não — retrucou Siuan, impassível —, eu não consigo canalizar. Fui estancada.

— Mas existe algo aí para ser Curado — insistiu Nynaeve —, senão você não receberia sensação nenhuma vinda do bracelete.

Siuan deu um puxão para soltar o braço e estendeu o punho.

— Tire isso de mim.

Nynaeve aquiesceu, balançando a cabeça. Às vezes Siuan conseguia ser tão cabeça-dura quanto qualquer homem!

Quando estendeu o bracelete para Leane, a domanesa ergueu o pulso com avidez. A antiga Curadora das Crônicas fingia aceitar o estancamento tão bem quanto Siuan — quanto Siuan fingia —, mas nem sempre se saía bem nisso. Supostamente, a única forma de sobreviver por um longo tempo após o estancamento era encontrar algo mais para preencher a vida, preencher o vazio deixado pelo Poder Único. Para

Leane e Siuan, esse algo era administrar a rede de agentes e, mais importante, tentar convencer as Aes Sedai em Salidar a apoiar Rand al'Thor como o Dragão Renascido sem deixá-las saber o que estavam fazendo. A questão era se isso bastava. A amargura no rosto de Siuan, além do prazer no de Leane, quando o bracelete se fechou, denunciavam que talvez nada jamais fosse o bastante.

— Ah, sim. — Leane tinha um jeito direto de falar. Exceto quando se dirigia aos homens, pelo menos. Era domanesa, afinal, e vinha tentando tirar o atraso do tempo que passara na Torre. — É, ela está mesmo atônita, não está? Mas está começando a se controlar. — Por uns instantes, a mulher ficou sentada em silêncio, avaliando a figura no banquinho. Marigan a encarava de volta, receosa. Por fim, Leane deu de ombros. — Também não consigo tocar a Fonte. Tentei fazer com que ela sentisse uma picada de pulga no tornozelo. Se tivesse funcionado, ela teria dado algum sinal.

Este era outro truque do bracelete: provocar sensações físicas na mulher que portava o colar. Apenas sensações, pois o ato não gerava qualquer marca ou dano real. Ainda assim, a sensação de duas chicotadas bem dadas tinha bastado para convencer Marigan de que era melhor cooperar. A alternativa seria um julgamento rápido seguido de execução.

Apesar do fracasso, Leane não tirou os olhos do bracelete quando Nynaeve o abriu e o fechou outra vez no próprio punho. Parecia que ela, ao menos, não desistira completamente de algum dia canalizar outra vez.

Recuperar o acesso ao Poder parecia maravilhoso. Não tanto quanto abraçar e ser preenchida por *saidar*, porém até mesmo tocar a Fonte a partir de outra mulher era como duplicar a vida que corria em suas veias. Conter *saidar* dentro de si despertava a vontade de rir e dançar de pura alegria. Supunha que um dia se acostumaria com isso — imaginava que as Aes Sedai plenas com o tempo se acostumassem. Considerando o prazer que lhe trazia, a conexão com Marigan era um preço pequeno a se pagar.

— Agora que a gente sabe que existe uma chance — anunciou —, acho...

A porta se abriu com um estrondo, e Nynaeve viu-se de pé antes mesmo de pensar em reagir. Nem tinha cogitado usar o Poder, e teria gritado, se a garganta não estivesse completamente travada. Não foi a única, porém mal percebeu que Siuan e Leane também se levantaram de um salto. O medo cascadeando pelo bracelete pareceu um eco do que ela própria sentia.

A jovem que fechou a porta de madeira irregular não percebeu a comoção que causara. Alta e empertigada em seu vestido de Aceita, os cachos dourados por sobre os ombros, parecia cuspir fogo, de tão irritada. No entanto, mesmo com o rosto rígido de raiva e pingando de suor, a jovem conseguia permanecer bonita — era uma das habilidades de Elayne.

— Vocês sabem o que elas estão fazendo? Estão enviando uma missão diplomática para... para Caemlyn! E se recusam a me deixar ir! Sheriam me *proibiu* de tocar outra vez nesse assunto. Me proibiu de sequer *falar* a respeito!

— Nunca ensinaram você a bater antes de entrar, Elayne? — Nynaeve endireitou a cadeira e sentou-se outra vez. Desabou, na realidade: os joelhos estavam bambos de alívio. — Achei que *você* fosse Sheriam. — A simples ideia de ser descoberta dilacerava suas entranhas.

Elayne teve a decência de corar e pedir desculpas na mesma hora. Então estragou tudo, acrescentando:

— Mas não entendo por que ficaram tão nervosinhas. Birgitte ainda está lá fora, e vocês *sabem* que ela avisaria caso alguém se aproximasse. Nynaeve, elas *precisam* me deixar ir.

— Elas não *precisam* fazer nada disso — retrucou Siuan com rispidez.

Ela e Leane também haviam se sentado de novo. Siuan mantinha as costas eretas, como sempre, mas Leane estava curvada para trás, meio bamba, feito os joelhos de Nynaeve. Marigan estava encostada na parede, ofegante, os olhos fechados, as mãos pressionadas com força no reboco da parede. Alívio e o mais completo terror jorravam pelo bracelete em solavancos alternados.

— Mas...

Siuan não permitiu que Elayne dissesse outra palavra.

— Você acha que Sheriam, ou qualquer uma das outras, vai deixar a Filha-herdeira de Andor cair nas mãos do Dragão Renascido? Ainda mais depois que sua mãe morreu...

— Eu não acredito nisso! — vociferou Elayne.

— Você não acredita que Rand a tenha matado — prosseguiu Siuan, inflexível —, e isso é outra coisa. Eu também não. No entanto, se Morgase estivesse viva, teria aparecido e reconhecido Rand como o Dragão Renascido. Ou, se acreditasse que ele era um falso Dragão, apesar das provas, estaria organizando a resistência. Nenhuma de minhas informantes ouviu um sussurro sequer a respeito de uma coisa ou outra. Nem em Andor, nem aqui em Altara, nem em Murandy.

— Ouviram, *sim* — retrucou Elayne. — Tem uma rebelião no oeste.

— Contra Morgase. Contra. Isso se também não for boato. — A voz de Siuan demonstrava tanta flexibilidade quanto um tronco de carvalho. — Sua mãe está morta, garota. É melhor admitir e acabar logo com esse período de luto.

Elayne ergueu a cabeça, um hábito muito irritante que tinha — era a imagem da arrogância fria, embora a maioria dos homens, sabe-se lá por quê, considerasse aquilo atraente.

— Você reclama o tempo todo sobre como demora para entrar em contato com as suas agentes — declarou a garota, muito calma —, mas vou deixar de lado o fato de que pode não ter ouvido tudo o que há para ouvir. Esteja minha mãe viva ou não, *meu* lugar agora é em Caemlyn. *Eu* sou a Filha-herdeira.

O bufo alto de desdém de Siuan fez Nynaeve dar um salto.

— Você já é Aceita há tempo o bastante para não se perder nessas besteiras.

Elayne possuía um potencial que não era visto em mil anos. Não tanto quanto

Nynaeve, se a mulher aprendesse a canalizar por vontade própria, mas mesmo assim suficiente para fazer os olhos de qualquer Aes Sedai brilharem. A Filha-herdeira torceu o nariz. Sabia muito bem que, mesmo que já tivesse tomado posse do Trono do Leão, as Aes Sedai ainda a manteriam presa no treinamento — pedindo, se fosse possível, ou enfiando-a em um barril, caso necessário. Abriu a boca, mas Sivan continuou, sem sequer pausar para respirar:

— É verdade, ninguém vai se incomodar se você subir logo ao trono. Há muito não se vê uma Rainha abertamente declarada Aes Sedai. Mas não vão deixar você ir para lá até ser uma irmã completa, ou mesmo depois. Justamente porque você é a Filha-herdeira, em breve será a Rainha, não vão deixar que se aproxime do maldito Dragão Renascido até saberem quanto podem confiar nele. Sobretudo desde essa... *anistia* dele. — A boca da mulher se contorceu ao pronunciar a palavra, e Leane fez uma careta.

Nynaeve também conteve a língua. Fora criada para temer qualquer homem capaz de canalizar, todos destinados a enlouquecer e aterrorizar quem estivesse à sua volta antes que a metade masculina da Fonte, maculada pela Sombra, lhe trouxesse uma morte terrível. Rand, porém, um sujeito que vira crescer, era o Dragão Renascido — sua vinda era um sinal de que a Última Batalha estava próxima, uma batalha na qual ele deveria enfrentar o Tenebroso. O Dragão Renascido, a única esperança da humanidade — um homem capaz de canalizar. E pior: os informes revelavam que estava tentando reunir outros como ele. Naturalmente, não era possível que houvesse muitos. Qualquer Aes Sedai caçaria homens assim — a Ajah Vermelha tinha poucas funções além dessa. Ainda assim, segundo os relatórios, haviam encontrado alguns, embora bem menos do que antes houvera em outros tempos.

Elayne, no entanto, não estava disposta a desistir. Era uma de suas características admiráveis: não desistia nem com a cabeça no cadafalso e o machado já descendo. Permaneceu parada de cabeça erguida, enfrentando o olhar de Sivan, o que Nynaeve considerava muito difícil.

— Existem duas razões muito claras pelas quais eu devo ir. Primeiro: seja lá o que tenha acontecido com minha mãe, ela *está* desaparecida, e eu, como Filha-herdeira, posso acalmar o povo e assegurar que a sucessão continua intacta. Segundo: posso me aproximar de Rand. Ele confia em mim. Eu seria *de longe* melhor do que qualquer outra escolhida pelo Salão.

As Aes Sedai em Salidar tinham escolhido seu próprio Salão da Torre, um novo Salão no Exílio, por assim dizer. Sua suposta tarefa era considerar a escolha de um novo Trono de Amyrlin, uma Amyrlin legítima para clamar o título e a Torre de volta de Elaida, mas Nynaeve não vira muito sinal disso.

— É muita gentileza sua se oferecer para sacrifício, criança — retrucou Leane secamente.

A expressão de Elayne não se alterou, mas a jovem enrubesceu de fúria. Poucas pessoas fora daquele quarto sabiam, e nenhuma delas era Aes Sedai, mas Nynaeve

não tinha dúvidas de que a primeira atitude de Elayne em Caemlyn seria ficar a sós com Rand e quase matá-lo de beijos. Leane continuou:

— Com sua mãe... desaparecida... se Rand al'Thor tiver você e Caemlyn, terá Andor, e o Salão não permitirá que ele possua Andor por mais do que o necessário, ou qualquer outro lugar, se for possível impedir. Ele carrega Tear e Cairhien no bolso, e os Aiel também, ao que parece. Se acrescentarmos Andor, Murandy e Altara desabariam a um espirro dele, e com a gente dentro. Rand está ficando cada vez mais poderoso, e muito depressa. Pode vir a decidir que não precisa de nós. Com Moiraine morta, não tem mais ninguém perto dele em quem possamos confiar.

Nynaeve estremeceu. Moiraine fora a Aes Sedai que a tirara de Dois Rios com Rand e mudara a vida deles. A dela e a de Rand, Egwene, Mat e Perrin. Passara tanto tempo desejando fazer Moiraine pagar pelo que fizera a eles que perdê-la era como perder um pedaço de si mesma. Mas a Aes Sedai morrera em Cairhien e levara Lanfear consigo. Estava rapidamente se tornando uma lenda entre as Aes Sedai, a única da Torre a ter matado não apenas um, mas dois dos Abandonados. A única coisa boa que Nynaeve via nisso, por mais que se envergonhasse de ver qualquer coisa boa, era que Lan agora estava livre de seu elo de Guardião. Se pelo menos conseguisse encontrá-lo.

Siuan prosseguiu, no ponto exato onde Leane parara:

— Não podemos nos dar ao luxo de deixar o garoto sair navegando sem ninguém para conduzir o timão. Quem é que sabe o que ele pode fazer? Sim, sim, sei que você fica aflita para defendê-lo, mas não quero nem ouvir. Estou tentando equilibrar um lúcio vivo no nariz, garota. Não podemos deixar que Rand se fortaleça demais antes de nos aceitar, mas também não ousamos refreá-lo muito. E estou tentando manter Sheriam e as outras convencidas de que *devem* apoiar Rand, mesmo com metade do Salão considerando, com seus botões, que não quer ter nada a ver com ele e a outra metade acreditando de todo o coração que ele deva ser amansado, Dragão Renascido ou não. Em todo caso, sejam quais forem seus argumentos, sugiro que aceite o que Sheriam diz. Você não vai fazer a cabeça de ninguém, e Tiana não tem noviças o suficiente para se ocupar, por aqui.

O rosto de Elayne se contraiu de raiva. Tiana Noselle, irmã Cinza, era Mestra das Noviças em Salidar. Uma Aceita precisava sair muito mais da linha do que uma noviça para ser mandada para Tiana, mas justamente por isso a visita era sempre muito mais dolorosa e vexatória. A Cinza podia demonstrar um pouco de bondade para com uma noviça, ainda que não muita, mas sentia que as Aceitas já não deviam cair em esparrelas e costumava fazê-las pensar o mesmo muito antes de deixarem o pequeno cubículo onde ficava seu gabinete.

Nynaeve andara observando Siuan, e um pensamento lhe veio à mente.

— Vocês sabem tudo a respeito dessa... missão diplomática, ou seja lá o que isso for... não sabem? Vocês duas sempre têm as ideias alinhadas com Sheriam e o circulozinho dela. — O Salão poderia muito bem ter toda a autoridade até que fosse

escolhida uma nova Amyrlin, mas quem de fato controlava tudo era Sheriam e o grupinho de Aes Sedai que organizaram as primeiras chegadas em Salidar. — Quantas estão sendo enviadas, Siuan?

Elayne prendeu a respiração: estava claro que não havia pensado nisso. Era um sinal de como estava transtornada. Em geral era ela que notava os detalhes que Nynaeve deixava passar.

Siuan não negou a acusação. Desde o estancamento, conseguia mentir feito um mercador de lã, mas, quando decidia ser franca, era franca como um tapa na cara.

— Nove. “O bastante para honrar o Dragão Renascido”, elas disseram, afinal, costumamos mandar três para um *rei*, “mas não o suficiente para intimidá-lo”. Isso se ele tiver ficado sábio o suficiente para perceber que deveria ficar intimidado.

— É melhor torcer para que sim — retrucou Elayne, com frieza. — Senão nove podem ser oito a mais do que o necessário.

O número perigoso era treze. Rand era forte, talvez mais do que qualquer homem desde a Ruptura, porém treze Aes Sedai ligadas eram capazes de dominá-lo, blindá-lo de *saidin* e levá-lo prisioneiro. Treze era o número necessário para amansar um homem, embora Nynaeve já começasse a achar que se tratasse mais de costume do que de necessidade. As Aes Sedai faziam muitas coisas apenas por força do hábito.

Siuan abriu um sorriso longe de parecer de agrado.

— Eu fico imaginando... por que é que ninguém mais pensou nisso? Pense, garota! Sheriam pensa, o Salão também. A princípio só uma vai se aproximar dele, depois disso ninguém vai chegar perto, só se ele estiver à vontade. Mas Rand vai saber que tem nove das nossas lá, e sem dúvida alguém vai explicar a ele como isso é uma honra.

— Entendi — respondeu Elayne, com uma vozinha baixa. — Eu devia ter imaginado que uma de vocês pensaria nisso. Desculpe. — Era outra de suas qualidades. Podia ser teimosa feito uma mula vesga, mas, quando concluía que estava errada, admitia, tão mansa quanto uma camponesa. Muito raro para uma nobre.

— Min também vai — completou Leane. — Os... talentos dela podem ser úteis para Rand. As irmãs não saberão disso, é claro. Ela consegue guardar segredos. — Como se essa fosse a parte importante.

— Entendi — repetiu Elayne, desta vez de maneira inexpressiva. Fez esforço para avivar o tom, mas foi um fracasso. — Bom, estou vendo que estão ocupadas com... com Marigan. Não quis incomodar. Por favor, não me deixem interrompê-las.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, a Filha-herdeira se retirou e bateu a porta. Cheia de raiva, Nynaeve virou-se para Leane:

— Pensei que Siuan fosse a malvada das duas, mas isso foi cruel!

Foi Siuan quem respondeu.

— Sempre há problemas quando duas mulheres amam o mesmo homem, e quando o homem em questão é Rand al'Thor... sabe a Luz quanta lucidez ele ainda

tem, ou em que direção mandarão que ele siga. Se arranhões e puxões de cabelo estiverem por vir, que aconteçam aqui e agora.

Sem pensar, a mão de Nynaeve agarrou a trança e deu um puxão por cima do ombro.

— Eu tenho que... — O problema era que havia pouco que pudesse fazer, e nada que fizesse muita diferença. — Vamos retomar de onde paramos quando Elayne entrou. Mas vou avisando, Siuan: se você fizer outra coisa dessas com ela — *ou comigo*, pensou —, farei você se arrepender por... aonde é que pensam que estão indo?

Siuan arrastara a cadeira para trás e se levantara, e, depois de uma olhadela, Leane fez o mesmo.

— Temos que trabalhar — respondeu a mulher, com aspereza, rumando para a porta.

— Você prometeu ficar disponível, Siuan. Sheriam mandou. — Não que Sheriam considerasse aquilo uma perda de tempo menos que Siuan, mas Nynaeve e Elayne haviam conquistado recompensas, além de certa quantidade de indulgências. Uma delas era ter Marigan servindo de criada, o que lhes deixava mais tempo para os estudos de Aceitas.

Siuan disparou um olhar bem-humorado pela porta.

— Talvez você deva reclamar com ela? E explicar como estão conduzindo essa pesquisa? Eu quero um tempo com *Marigan* hoje à noite; tenho mais umas perguntas.

Quando a antiga Amyrlin saiu, Leane anunciou, pesarosa:

— Seria ótimo, Nynaeve, mas nós temos que fazer o que *podemos*. Você podia tentar com Logain. — E também saiu.

A Aceita fechou a cara. Analisar Logain ajudara menos do que analisar as duas mulheres. Já não sabia ao certo se poderia descobrir qualquer coisa com ele. De todo modo, a última coisa que desejava era Curar um homem amansado. Ele a deixava muito nervosa.

— Vocês ficam se mordendo feito ratos presos em uma caixa — comentou Marigan. — Diante das evidências, suas chances não são muito boas. Talvez você devesse considerar... outras opções.

— Engula essa sua língua imunda! — Nynaeve cravou os olhos na mulher. — Engula, que a Luz a queime! — O medo ainda corria pelo bracelete, porém também algo mais, algo quase fraco demais para existir. Uma levíssima centelha de esperança, talvez. — Que a luz a queime — murmurou.

O nome verdadeiro da mulher não era Marigan, e sim Moghedien. Uma Abandonada, presa pelo próprio orgulho e arrogância, prisioneira entre as Aes Sedai. Apenas cinco mulheres no mundo sabiam disso, nenhuma delas Aes Sedai, mas manter Moghedien em segredo era a mais pura necessidade. Os crimes dos Abandonados a levariam à execução com a mesma certeza de que o sol nasceria.

Siuan concordava: para cada Aes Sedai que preferisse aguardar, se houvesse alguma, dez exigiriam justiça imediata. Em sua sepultura sem lápide, também seria enterrado todo o conhecimento a respeito da Era das Lendas, época em que, com o Poder, se operavam feitos inimagináveis nos dias atuais. Nynaeve não sabia ao certo se acreditava em metade do que a mulher contava sobre aquela Era. Mas era certo que compreendia menos da metade.

Arrancar informações de Moghedien não era fácil. Às vezes era como Curar: Moghedien nunca se interessara por muita coisa que não fosse capaz de elevá-la, de preferência por atalhos. Era bastante improvável que revelasse a verdade, mas Nynaeve suspeitava de que a mulher tivesse sido uma espécie de vigarista antes de jurar a alma ao Tenebroso. Às vezes, ela e Elayne simplesmente não sabiam que perguntas fazer. Tinham apenas a certeza de que Moghedien quase nunca falava por vontade própria. Ainda assim, descobriram boas informações e repassaram a maior parte às Aes Sedai. Como se fossem resultado das pesquisas e dos estudos como Aceitas, claro. E ganharam bastante reconhecimento por isso.

Se fosse possível, ela e Elayne teriam guardado segredo a respeito da mulher, mas Birgitte soubera desde o início, e Siuan e Leane precisavam ser informadas. Siuan sabia o bastante sobre as circunstâncias que haviam levado à captura de Moghedien para exigir uma explicação detalhada, além de possuir poder de barganha para obtê-la. Nynaeve e Elayne sabiam alguns segredos de Siuan e Leane; já as duas pareciam saber tudo a respeito dela e de Elayne, exceto pela verdade em relação a Birgitte. Era um equilíbrio precário, com vantagem para a antiga Amyrlin e sua Curadora. Além do mais, alguns fragmentos das revelações de Moghedien faziam menção a supostas tramas de Amigos das Trevas e palpites a respeito do que os outros Abandonados poderiam estar tramando. A única maneira de passar essas informações adiante era fazer com que parecessem ter vindo das agentes de Siuan e Leane. Nada sobre a Ajah Negra — muitíssimo bem escondida e negada havia muito —, ainda que isso fosse o que mais interessava a Siuan. Sentia nojo dos Amigos das Trevas, mas a mera ideia de Aes Sedai prestando juramentos ao Tenebroso era suficiente para levá-la a uma fúria esmagadora. Moghedien alegava ter medo de chegar perto de *qualquer* Aes Sedai, e isso era perfeitamente crível. O medo era uma sensação permanente naquela mulher. Não era de se admirar que tivesse se escondido por tanto tempo nas sombras, a ponto de receber a alcunha de Aranha. Em suma, era um tesouro valioso demais para ser entregue ao carrasco, embora a maioria das Aes Sedai não a visse dessa forma. A maioria das Aes Sedai poderia se recusar a tocar ou confiar em qualquer coisa revelada por ela.

Culpa e repugnância açoitavam Nynaeve, e não era a primeira vez. Que montante de conhecimento poderia justificar manter uma Abandonada livre da justiça? Entregá-la acarretaria punição, decerto extrema, a todos os envolvidos, não apenas a ela própria, mas também a Elayne, Siuan e Leane. Entregá-la acarretaria a revelação do segredo de Birgitte. E a perda de todo aquele conhecimento. Moghedien podia

não saber muito sobre Cura, mas dera a Nynaeve uma dezena de dicas a respeito do que era possível fazer, e sem dúvida tinha mais informações guardadas. Com tudo aquilo a conduzi-la, o que poderia vir a descobrir?

Nynaeve queria um banho, e não tinha nada a ver com o calor.

— Vamos conversar sobre o tempo — resmungou, em um tom amargo.

— Você sabe mais do que eu sobre controlar o tempo. — Moghedien soava exausta, e a sensação ecoou pelo bracelete. Muitas perguntas haviam sido feitas a respeito do assunto. — Tudo o que sei é que o que está acontecendo é obra do Grande... do Tenebroso. — Depois do ato falho, a mulher teve a coragem de abrir um sorriso insinuante. — Seres humanos comuns não têm força suficiente para mudar isso.

Nynaeve teve que se esforçar para não ranger os dentes. Elayne sabia mais sobre alterar o tempo do que qualquer outra em Salidar, e dissera o mesmo. Incluindo a parte do Tenebroso, embora bastasse não ser idiota para saber disso, com o calorão que fazia em uma época em que a neve deveria estar quase chegando, com a chuva escassa e a umidade evaporando.

— Então vamos falar sobre usar tramas diferentes para Curar doenças diferentes. — A mulher tinha contado que antigamente levava-se mais tempo do que nas Curas da atualidade, mas que toda a força provinha do Poder, não do paciente ou da mulher que canalizava. E, claro, que os *homens* de fato se saíam melhor em determinados tipos de Cura, mas Nynaeve não acreditaria numa coisa dessas. — Você deve ter visto alguém fazer isso pelo menos uma vez.

Pôs-se a escavar em busca de pepitas. Alguns conhecimentos valiam muito a pena. Só desejava não ter a sensação de que estava escavando lodo.

* * *

Elayne não hesitou ao sair, apenas acenou para Birgitte e prosseguiu. Com os cabelos dourados presos em uma trança intrincada que ia até a cintura, Birgitte brincava com dois garotinhos enquanto vigiava a viela estreita, o arco apoiado em uma cerca tombada logo ao lado. Ou tentava brincar. Jaril e Seve encaravam a mulher de estranhas calças amarelas e casaco curto e escuro, mas não exibiam qualquer outra reação. Nunca exibiam e nunca falavam. Os dois supostamente eram os filhos de “Marigan”. Birgitte estava contente em brincar com eles, mas também um pouco triste: gostava de crianças, sobretudo de meninos, e sempre se sentia assim quando brincava. Elayne sabia disso tão bem quanto sabia de seus próprios sentimentos.

Se achasse que Moghedien tinha qualquer coisa a ver com o estado dos dois... mas a mulher alegava que eles já estavam assim quando os apanhara em Ghealdan

para o disfarce: órfãos de rua. E algumas irmãs Amarelas disseram que era porque os dois haviam visto muita coisa nos motins em Samara. Elayne acreditava, pelo que ela própria presenciara por lá. Segundo as irmãs Amarelas, os dois melhorariam com tempo e carinho. Elayne torcia que sim. Torcia para que não estivesse permitindo que a única responsável escapasse da justiça.

Não queria pensar em Moghedien. Em sua mãe. Não, definitivamente não queria pensar na mãe. Min. E Rand. Tinha de haver algum jeito de lidar com isso. Quase sem ver o assentir de cabeça que Birgitte dera em resposta, correu pela viela e emergiu na rua principal de Salidar sob o céu aberto e escaldante do meio-dia.

Por anos, Salidar permanecera abandonada, antes que ali comesçassem a se reunir as Aes Sedai em fuga após o golpe de Elaida. Naquele momento, havia palha fresca no telhado das casas, que em sua maioria exibiam reparos e remendos consideravelmente novos, assim como nas três grandes construções de pedra que antes eram estalagens. Uma, a maior delas, era chamada por alguns de Pequena Torre. Era lá que o Salão se reunia. Só haviam consertado o necessário, claro, e muitas janelas exibiam vidraças quebradas, ou não tinham vidro nenhum. Havia questões mais importantes do que recobrir os tijolos de argamassa ou pintar as paredes. As ruas de terra estavam abarrotadas. Não apenas de Aes Sedai, obviamente, mas também de Aceitas nos vestidos com listras e noviças apressadas, todas de branco, além de Guardiões, magros e corpulentos, movendo-se com a graça mortal de leopardos, de serviçais que acompanhavam as Aes Sedai vindas da Torre, e até de algumas crianças. E soldados.

O Salão dali se preparava para fazer cumprir as alegações contra Elaida à mão armada, caso necessário, tão logo escolhessem o verdadeiro Trono de Amyrlin. Vindo das forjas distantes nos arredores da Aldeia, o clangor distante de martelos entrecortava os murmúrios do povo, anunciando a ferração de cavalos e o conserto de armaduras. Um homem de rosto quadrado e cabelos escuros bem grisalhos cavalgava lentamente pela rua, vestindo um casaco meio amarelo e uma placa peitoral já gasta. Abria caminho por entre a multidão, observando os grupos de homens em marcha que levavam nos ombros lanças compridas ou arcos. Gareth Bryne concordara em recrutar e liderar o exército do Salão de Salidar, embora Elayne desejasse saber exatamente como e por quê. Tinha algo a ver com Siuan e Leane, mas não conseguia nem imaginar o quê, posto que o sujeito deixava as duas esgotadas — especialmente Siuan — com o cumprimento de algum juramento que Elayne também não sabia bem qual era. Só sabia que Siuan reclamava, amargurada, por ter que manter limpos o quarto e as roupas daquele homem antes de cumprir qualquer outra obrigação. Reclamava, mas fazia. O juramento devia ser mesmo poderoso.

Os olhos de Bryne passaram por Elayne quase sem hesitar. Desde que chegara a Salidar, o homem se comportara de modo educado, sempre frio e distante, embora a conhecesse desde o berço. Até menos de um ano antes, fora Capitão-General da

Guarda da Rainha em Andor. Elayne chegou a pensar que ele e sua mãe fossem se casar. Não, não pensaria na mãe! Min. Precisava encontrar Min para conversar.

No entanto, assim que se pôs a andar por entre a multidão pela rua de terra batida, duas Aes Sedai a encontraram. Não havia escolha a não ser parar e lhes dispensar uma mesura enquanto o povo passava ao redor. As duas abriram sorrisos enormes. Nenhuma suava uma gota que fosse. Puxando um lençinho da manga para enxugar o rosto, Elayne desejou já dominar um pouquinho desse conhecimento em especial das Aes Sedai.

— Bom dia, Anaiya Sedai, Janya Sedai.

— Bom dia, criança. Tem mais alguma descoberta para nós? — Como sempre, Janya Frende falava como se não tivesse tempo para pronunciar as palavras. — Você e Nynaeve têm feito um progresso impressionante, ainda mais para duas Aceitas. Não sei como Nynaeve consegue, tendo tanta dificuldade com o Poder, mas devo dizer que estou muito satisfeita.

Ao contrário da maioria das irmãs Marrons, geralmente absortas em seus livros e estudos, Janya Sedai era bastante asseada: cada fio de cabelo escuro parecia muito arrumado, emoldurando o rosto etéreo que marcava as Aes Sedai depois de muito tempo manejando o Poder. Contudo, a aparência da mulher esguia denunciava sua Ajah. Usava um vestido liso de lã cinza pesada — as Marrons quase nunca pensavam em roupas como algo além de uma cobertura decente para o corpo —, e, mesmo enquanto falava, parecia ter a testa levemente franzida, como se tivesse a mente tomada por qualquer outra coisa. Janya Sedai seria muito bonita sem a testa franzida. Ela continuou:

— Essa técnica de se enrolar na luz para ficar invisível... Extraordinário. Tenho certeza de que alguém vai encontrar um meio de impedir as ondas, para que seja possível caminhar e manter o efeito ao mesmo tempo. E Carennan está bastante animada com aquele truquezinho de bisbilhotice da Nynaeve. Muito safado da parte dela, porém útil. Carennan está pensando em um jeito de adaptá-lo para *conversarmos* à distância. Pense só. Falar com alguém a uma milha de distância! Ou duas, ou até...

Anaiya tocou o braço da mulher, e ela parou de falar, olhando sem reação para a outra Aes Sedai.

— Vocês estão progredindo muito, Elayne — comentou Anaiya, com a voz calma. A mulher de rosto largo estava sempre calma. A melhor palavra para descrevê-la era “maternal”, às vezes “reconfortante”, embora as feições de Aes Sedai tornassem impossível atribuir-lhe qualquer idade. Além disso, ela pertencia ao pequeno círculo de Sheriam que detinha o verdadeiro poder em Salidar. — Muito mais que qualquer uma de nós esperava, a bem da verdade, esperávamos muito. A primeira a fazer um *ter'angreal* desde a Ruptura. Isso é extraordinário, criança, e quero que você saiba disso. Deveria estar muito orgulhosa de si mesma.

Elayne encarou o chão diante de seus pés. Dois garotos da altura de sua cintura passaram às gargalhadas, entrecortando a multidão. Queria que não houvesse

ninguém por perto para ouvir aquilo. Não que qualquer transeunte estivesse prestando atenção. Com tantas Aes Sedai na aldeia, as próprias noviças só dispensavam medidas às que lhes dirigiam a palavra, e todas estavam sempre cheias de tarefas atrasadas.

Não se sentia nem um pouco orgulhosa, já que todas as “descobertas” provinham de Moghedien. Houvera muitas, a começar pela “inversão” — fazer com que uma tessitura só pudesse ser vista pela mulher que a urdida —, porém não haviam passado todas as novas informações adiante. Como o talento de esconder a habilidade de canalizar, por exemplo. Sem ele, Moghedien teria sido desmascarada em questão de horas — qualquer Aes Sedai a dois ou três passos de uma mulher era capaz de sentir se ela podia ou não canalizar. Se as outras aprendessem esse truque, poderiam aprender a transpô-lo. E isso também ajudava a criar disfarces: as tramas invertidas faziam com que “Marigan” não se parecesse nem um pouco com Moghedien.

Algumas coisas que a mulher sabia eram absolutamente repugnantes. A Compulsão, por exemplo, uma forma de forçar a vontade alheia e plantar instruções de modo que o receptor executasse ordens que sequer se lembrava de ter recebido. Havia coisas piores. Repugnantes demais, talvez perigosas demais para confiá-las a qualquer pessoa. Nynaeve dizia que precisavam aprendê-las para poder contra-atacá-las, mas Elayne não queria. Guardavam tantos segredos, mentiam tanto para os amigos e as pessoas próximas, que quase desejava poder fazer os Três Juramentos no Bastão dos Juramentos sem ter de esperar até ser elevada a Aes Sedai. Um deles a limitaria a não dizer palavra que não fosse verdadeira como se esse fosse o limite de seu próprio corpo.

— Não me saí tão bem quanto poderia com o *ter’angreal*, Anaiya Sedai.

Aquilo, pelo menos, era feito dela e de mais ninguém. Os primeiros haviam sido o bracelete e o colar. Um segredo bem guardado, desnecessário dizer, mas eram uma cópia levemente alterada de uma invenção sórdida — o *a’dam* — que os Seanchan haviam deixado para trás ao retornarem para o mar após a invasão de Falme. O disco verde liso que permitia que alguém sem força suficiente — ou seja, a maioria das Aes Sedai — conseguisse reproduzir o truque da invisibilidade fora ideia dela desde o início. Não possuía qualquer *angreal* ou *sa’angreal* para estudar, portanto fora impossível tentar construí-los até então — e, mesmo tendo facilidade em reproduzir o artefato Seanchan, os *ter’angreal* se mostraram mais complicados do que ela imaginara. Esses objetos usavam o Poder Único, em vez de intensificá-lo, para um propósito específico, para fazer algo. Alguns podiam até ser utilizados por quem fosse incapaz de canalizar, até mesmo por homens. Deveria ter sido mais simples. Talvez as funções fossem simples, mas a fabricação não era.

A afirmação modesta desencadeou uma torrente de Janya.

— Bobagem, criança. Pura bobagem. Ora, não tenho dúvidas de que assim que chegarmos de volta à Torre e pudermos testar você a contento e pôr o Bastão dos

Juramentos em suas mãos, você será elevada ao xale, bem como ao anel. Não tenho dúvidas. Está mesmo atingindo o potencial que vimos em você. E mais. Ninguém poderia imaginar...

Anaiya tocou o braço dela outra vez. Parecia um código entre as duas, pois mais uma vez Janya parou e ficou sem palavras.

— Não há necessidade de encher tanto assim a cabeça dessa criança — comentou. — Elayne, não vou aturar essa sua mania de ficar amuada. Você já deveria ter passado dessa fase há muito tempo. — A mãe conseguia ser firme e gentil ao mesmo tempo. — Não vou admitir que você faça bico por conta de uns poucos fracassos, não com um sucesso tão incrível. — Elayne fizera cinco tentativas com o disco de pedra. Duas não tinham dado em nada, e outras duas deixavam a pessoa fora de foco e causavam embrulhos no estômago. A tentativa bem-sucedida fora a terceira. Mais do que poucos fracassos, na opinião de Elayne. — Tudo o que você fez é incrível. E Nynaeve também.

— Obrigada — respondeu Elayne. — Obrigada às duas. Vou tentar não ficar amuada. — Quando uma Aes Sedai acusava alguém de qualquer coisa, era melhor não tentar negar. — Podem me dar licença, por favor? Fiquei sabendo que a missão diplomática para Caemlyn está partindo hoje e quero me despedir de Min.

As duas a dispensaram, claro, embora Janya talvez tivesse levado meia hora para fazer isso se não estivesse acompanhada de Anaiya, que encarou Elayne com um olhar cortante — decerto sabia tudo sobre a conversa com Sheriam —, mas nada disse. Às vezes, o silêncio de uma Aes Sedai falava tão alto quanto suas palavras.

Mexendo no anel no terceiro dedo da mão esquerda, Elayne disparou, quase correndo, os olhos focados bem à frente para poder alegar não ter visto qualquer outra pessoa que tentasse pará-la para lhe parabenizar. Talvez funcionasse, talvez significasse uma visita a Tiana — indulgências pelo bom trabalho tinham seus limites. Naquele exato instante, preferiria que fosse Tiana a lhe fazer elogios desmerecidos.

O anel de ouro era uma serpente mordendo a própria cauda, a Grande Serpente, símbolo das Aes Sedai, mas também usado pelas Aceitas. Quando vestisse o xale com franjas nas cores da Ajah que escolhesse, usaria o anel no dedo que quisesse. Escolheria a Ajah Verde por necessidade — apenas as irmãs Verdes tinham mais de um Guardião, e ela queria Rand. Ou quanto dele fosse possível, ao menos. A dificuldade era que já fizera um elo com Birgitte, a primeira mulher a se tornar Guardiã. Por isso conseguia sentir as sensações de Birgitte — sabia que a mulher cortara a mão naquela manhã. Só Nynaeve sabia sobre o elo. Guardiões eram reservados para as Aes Sedai completas, e se uma Aceita desobedecesse essa proibição não haveria indulgência no mundo que lhe salvasse a pele. Aquilo fora obra da necessidade, não um capricho — do contrário, Birgitte teria morrido —, mas Elayne não achava que faria diferença. Infringir uma regra com o Poder poderia ser fatal para si mesma e para os outros — para deixar isso bem claro, as Aes Sedai

raramente deixavam alguém escapar ao infringir uma regra, pelo motivo que fosse.

Havia tantos subterfúgios ali em Salidar. Não apenas Birgitte e Moghedien. Um dos Juramentos proibia as Aes Sedai de mentir, mas as coisas não ditas não eram necessariamente mentiras. Moiraine aprendera a urdir um manto de invisibilidade, talvez o mesmo que haviam aprendido com Moghedien. Nynaeve vira Moiraine fazer isso uma vez, antes de aprender qualquer coisa sobre o Poder. No entanto, ninguém mais em Salidar aprendera. Ou admitia ter aprendido, de todo modo. Birgitte confirmara o que Elayne começara a suspeitar: a maioria das Aes Sedai, talvez todas, guardava para si pelo menos parte do que aprendia, e a maioria possuía seus truques secretos. Esses truques poderiam ser ensinados às noviças ou às Aceitas e tornar-se de conhecimento geral, se fossem aprendidos por um número suficiente de Aes Sedai... ou poderiam morrer com quem as descobrira. Por duas ou três vezes, Elayne pensou ter visto um leve brilho nos olhos de uma das mulheres ao demonstrar algo que descobrira. Carennan aprendera o truque da bisbilhotagem com rapidez surpreendente. Mas esse não era bem o tipo de acusação que uma Aceita podia fazer contra uma Aes Sedai.

Esse conhecimento não deixava seus próprios fingimentos mais palatáveis, mas talvez ajudasse um pouco. Isso e também se lembrar da necessidade. Se pelo menos parassem de elogiá-la pelo que não tinha feito...

Tinha certeza de onde encontraria Min. O rio Eldar ficava menos de três milhas a oeste de Salidar, e um pequeno córrego margeava a beirada da aldeia, abrindo caminho pela floresta até o rio. A maioria das árvores que crescera na cidade havia sido derrubada depois que as Aes Sedai começaram a chegar, mas ainda havia um pequeno trecho na ribanceira atrás de algumas casas, em um pedaço de terra estreito demais para ter qualquer utilidade. Min dizia gostar mais das cidades, porém ainda assim tinha o costume de se sentar entre essas árvores. Era uma forma de escapar da companhia de Aes Sedai e Guardiões por um tempo, e para Min isso era quase essencial.

Como esperado, tão logo Elayne virou a curva de uma casa de pedras em direção à estreita faixa de terra, avançando ao lado de um filete de água igualmente estreito, encontrou Min sentada, recostada em uma árvore, observando o pequeno córrego borbulhar por sobre as pedras. Ou o que restava dele: o riacho gotejava por um leito de lama seca com o dobro de sua largura. As árvores daquela área ainda tinham algumas folhas, mas a maior parte da floresta ao redor começava a desfolhar. Até os carvalhos.

Um galho seco se partiu sob a sandália de Elayne, e Min levantou-se de um salto. Como de costume, usava roupas masculinas — casaco cinza e calças —, mas tinha mandado bordar pequenas flores azuis nas lapelas e nas laterais das calças confortáveis. Por estranho que fosse para alguém que dizia ter sido criada por três tias costureiras, Min parecia não saber distinguir as duas pontas de uma agulha. A jovem encarou Elayne, fez uma careta e passou os dedos pelos cabelos escuros na

altura do ombro.

— Você sabe. — Foi tudo o que disse.

— Achei que devíamos conversar.

Min passou as mãos pelos cabelos outra vez.

— Siuan só me contou hoje de manhã. Desde então venho tentando criar coragem para contar a você. Ela quer que eu o espione, Elayne. Por causa da missão diplomática. E me deu nomes de pessoas em Caemlyn que podem mandar recados de volta para ela.

— Você não vai, claro — respondeu Elayne, sem o menor tom de pergunta, e Min lhe devolveu um olhar de gratidão. — Por que estava com medo de vir falar comigo? Nós somos amigas, Min. Prometemos não deixar homem nenhum ficar entre nós. Mesmo que seja amado pelas duas.

A risada de Min era um pouco rouca, e Elayne supunha que muitos homens achassem atraente. E a jovem era bonita, mas de uma forma meio travessa. Além de alguns anos mais velha — o que seria vantagem ou desvantagem?

— Ah, Elayne, dissemos isso quando estávamos a salvo, com ele bem longe de nós duas. Perder você seria como perder uma irmã, mas e se uma de nós mudar de ideia?

Era melhor não perguntar qual das duas seria. Elayne tentava não pensar no fato de que se amarrasse e amordaçasse Min com o Poder e invertesse a trama, poderia escondê-la em um porão até que a missão diplomática estivesse bem distante.

— Não vamos — respondeu, simplesmente. Não, não poderia fazer isso com Min. Queria Rand todo para si, mas não podia magoar a amiga. Talvez pudesse só pedir que a outra não fosse até que ambas pudessem ir. Em vez disso, disse: — Gareth está liberando você do juramento?

Desta vez a risada de Min foi curta, quase uma tosse.

— Até parece. Ele diz que vai me cobrar isso mais cedo ou mais tarde. Siuan é a única que realmente quer manter, sabe a Luz por quê. — Uma leve tensão em seu rosto fez Elayne pensar que havia alguma visão envolvida, mas ela não perguntou. Min nunca falava a respeito de suas visões, a não ser que envolvesse diretamente a pessoa.

A jovem tinha uma habilidade conhecida por poucas em Salidar. Elayne e Nynaeve, Siuan e Leane, só. Birgitte não sabia, mas, por outro lado, Min não sabia a respeito de Birgitte. Ou Moghedien. Tantos segredos. Mas o de Min era só dela. A jovem às vezes via imagens ou auras ao redor dos outros, e às vezes sabia o que significavam. Quando sabia, estava sempre certa — por exemplo, se dizia que um homem e uma mulher iriam se casar, então cedo ou tarde eles se casavam, mesmo que os dois claramente se odiassem no momento. Leane chamava isso de “ler o Padrão”, mas não tinha nada a ver com o Poder. A maioria das pessoas só exibia imagens de vez em quando, mas Aes Sedai e Guardiões, sempre. As fugas de Min para aquele lugar eram uma forma de escapar dessa torrente de informações.

— Você pode levar uma carta a Rand para mim?

— Claro. — A mulher aquiesceu tão depressa, a expressão tão sincera, que Elayne corou e prosseguiu depressa. Não sabia se teria concordado caso fosse a situação inversa. — Você não pode deixar que ele saiba das suas visões, Min. Em relação à gente. — Uma coisa que a jovem vira a respeito de Rand era que três mulheres se apaixonariam perdidamente por ele e se uniriam a ele para sempre, e que uma dessas mulheres seria ela própria. A segunda ficou claro que seria Elayne. — Se ele souber de alguma coisa sobre a visão, pode decidir que não é o que queremos, apenas um capricho do Padrão ou do fato de ele ser *ta'veren*. Rand poderia decidir agir com nobreza e nos salvar, impedindo que qualquer uma de nós se aproxime dele.

— Talvez — concordou Min, meio em dúvida. — Os homens são estranhos. É mais provável que, caso ele perceba que nós duas vamos sair correndo quando ele estalar os dedos, faça exatamente isso. Rand não vai conseguir se conter. Já vi homens fazendo isso. Acho que tem a ver com o cabelo que cresce no queixo deles. — A jovem tinha uma expressão tão pensativa que Elayne não soube dizer se era piada ou não. Min parecia saber muito sobre os homens. A jovem trabalhara basicamente em estábulos, pois gostava de cavalos, mas chegou a mencionar ter servido mesas em uma taverna. — De todo modo, não vou contar. Você e eu vamos dividi-lo feito uma torta. Talvez deixemos a terceira ficar com alguma migalha, quando ela aparecer.

— O que é que vamos fazer, Min?

Elayne não pretendia dizer aquilo, decerto não em tom quase de choramingo. Parte dela queria declarar que não tinha a menor dúvida de que *ela* nunca iria correndo quando ele estalasse o dedo e outra parte desejava que ele estalasse. Parte queria dizer que *não* dividiria Rand de forma alguma, com *ninguém*, nem mesmo com uma amiga, as visões de Min que fossem para o Poço da Perdição. Mas a outra parte desejava dar um cascudo em Rand por fazer isso com ela e Min. Era tudo tão infantil que sentia vontade de enterrar a cabeça, mas era incapaz de separar a raiva dos outros sentimentos. Acalmando a voz, respondeu à própria pergunta antes que Min o fizesse:

— O que vamos fazer é sentar aqui um pouco e conversar. — Dito e feito, escolheu um cantinho particularmente abundante de folhas mortas. Uma árvore formava um ótimo encosto. — Não só sobre Rand. Vou sentir a sua falta, Min. É tão bom ter uma amiga em quem posso confiar.

Min sentou-se de pernas cruzadas ao lado dela e começou, distraída, a catar seixos e atirá-los no córrego.

— Nynaeve é sua amiga. Você confia nela. E Birgitte sem dúvida parece uma amiga: você passa até mais tempo com ela do que com Nynaeve. — Um leve franzido enrugou sua testa. — Ela acredita *mesmo* que é a Birgitte das lendas? Quer dizer, todas as histórias mencionam o arco e a trança, ainda que o dela não seja de prata. E não acredito que ela tenha nascido com esse nome.

— Ela nasceu com o nome — respondeu Elayne, receosa. Era verdade, de certo modo. Era melhor mudar o rumo da conversa. — Nynaeve ainda não decidiu se sou uma amiga ou alguém que ela precisa intimidar para fazer o que ela considera correto. E passa mais tempo do que eu se lembrando de que sou filha da Rainha a quem ela serve. Às vezes acho que ela usa esse fato contra mim. Você nunca faz isso.

— Talvez eu não fique tão impressionada. — Min exibia um sorriso largo, mas soava séria. — Eu nasci nas Montanhas da Névoa, Elayne, nas minas. O poder da sua mãe é bem enfraquecido lá para as bandas do oeste. — O sorriso desapareceu de seu rosto. — Me desculpe.

Sufocando um lampejo de indignação — Min era tão súdita do Trono do Leão quanto Nynaeve! —, Elayne deixou a cabeça pender para trás e encostar na árvore.

— Vamos falar de coisas alegres.

O sol vertia por sobre os galhos das árvores acima delas; o céu era uma folha azul límpida, sem um traço sequer de nuvem no horizonte. Por impulso, ela se abriu para *saidar* e deixou-se preencher, como se todo o prazer da vida no mundo tivesse sido destilado e cada gota em suas veias tivesse sido substituída pela essência. Se conseguisse formar pelo menos uma nuvenzinha, seria um sinal de que tudo daria certo. A mãe estaria viva. Rand a amaria. E Moghedien... dariam um jeito nela. Arranjariam uma solução. Urdiu uma tênue teia de Ar e Água pelo céu, o mais distante que pôde, buscando umidade para uma nuvem. Se ao menos conseguisse puxá-la com força suficiente... a doçura logo se transformou quase em dor, o sinal de perigo — se recorresse a um tanto mais de Poder, poderia acabar estancando a si mesma. Só uma nuvenzinha.

— Coisas alegres? — indagou Min. — Bom, eu sei que você não quer falar sobre Rand, mas, além nós duas, ele ainda é a coisa mais importante no mundo, no momento. E a mais alegre. Os Abandonados caem mortos quando ele aparece, e as nações fazem fila para se curvar perante ele. As Aes Sedai aqui estão prontas para apoiá-lo. Sei que estão, Elayne: precisam estar. Ora, daqui a pouco Elaida vai pôr a Torre nas mãos dele. A Última Batalha será moleza. Ele está vencendo, Elayne. Nós estamos vencendo.

A Aceita largou a Fonte e tombou para trás, encarando o céu vazio como se tornara seu humor. Não era preciso saber canalizar para ver a mão do Tenebroso em ação, e, se ele podia tocar o mundo dessa forma, se podia sequer tocar o mundo...

— Estamos mesmo? — indagou, porém baixo demais para que Min ouvisse.

* * *

A casa do solar ainda não estava terminada, os compridos painéis de madeira do

salão principal continuavam opacos e sem cor, mas Faile ni Bashere t'Aybara ouvia as petições dos súditos todas as tardes, como era apropriado à mulher de um lorde. Ficava sentada em uma robusta cadeira de espaldar alto com entalhes de falcões, bem diante de uma lareira de pedras nuas — havia uma lareira gêmea no outro extremo do aposento. A cadeira vazia a seu lado, com entalhes de lobos e uma grande cabeça de lobo no topo, deveria estar ocupada por seu marido, Perrin t'Bashere Aybara, Perrin Olhos-Dourados, Lorde de Dois Rios.

Naturalmente, o solar não passava de uma casa de fazenda grande demais, e o salão se estendia por pouco mais de quinze passadas. Ah, como Perrin a olhara feio quando ela insistira que fosse tão grande... Ele ainda pensava em si mesmo como ferreiro, ou até ajudante de ferreiro. Além disso, na ocasião de seu nascimento, a mulher recebera o nome de Zarine, não Faile. Essas coisas não importavam. Zarine, nome de mulher lânguida que suspirava trêmula ao ouvir poemas compostos em homenagem a seu sorriso. Faile, o nome que escolhera quando fora jurada Caçadora da Trombeta de Valere, significava falcão na Língua Antiga. Ninguém que olhasse com atenção para seu rosto — com nariz acentuado, maçãs do rosto proeminentes e olhos escuros e oblíquos que lampejavam quando ela estava com raiva — poderia duvidar de qual dos dois nomes lhe era mais apropriado. Quanto ao restante, o que importava era a intenção. E o que era correto e apropriado.

Naquele momento, seus olhos lampejavam. Não tinha nada a ver com a teimosia de Perrin, e apenas um pouco com o calor fora de estação. Mesmo que, em verdade, ter que abanar inutilmente o leque de penas de faisão para tentar secar o suor do rosto não melhorasse em nada seu humor.

Àquela hora já avançada da tarde, restava pouca gente da multidão que fora vê-la julgar as contendias. A verdade é que o povo ia para ser ouvido por Perrin, mas ele ficava apavorado só de pensar em julgar pessoas com quem crescera. A não ser que Faile o encurralasse, fugia feito lobo na neblina quando chegava a hora das audiências diárias. Por sorte, o povo não se incomodava quando Lady Faile os ouvia, em vez de Lorde Perrin. Ou então poucos se incomodavam, de todo modo, e eram sábios o bastante para disfarçar.

— Vocês trouxeram o assunto a mim — declarou, em um tom inexpressivo.

As duas mulheres suadas diante dela se remexiam, desconfortáveis, e encaravam o chão de pedras polidas.

Sharmad Zeffar, de pele acobreada, cobrira as curvas generosas, mas pouco as ocultava. Usava um vestido domanês de gola alta bastante transparente, com as mangas e bainhas de seda dourada bem claras e puídas, ainda com manchinhas da viagem que pareciam impossíveis de limpar. De qualquer forma, seda era seda, algo raro de se encontrar na região. Os patrulheiros que rondavam as Montanhas da Névoa em busca de vestígios da invasão dos Trollocs no último verão encontravam poucas das criaturas bestiais — e nenhum Myrddraal, pela graça da Luz —, mas resgatavam refugiados quase todos os dias: dez aqui, vinte ali, cinco acolá. A

maioria vinha da Planície de Almoth, mas um bom número era de Tarabon e, como Sharmad, de Arad Doman — terras abandonadas, arruinadas pela anarquia, além da guerra civil. Faile não queria nem pensar em quantos haviam morrido naquelas montanhas. Com a falta de estradas ou mesmo de trilhas, a viagem não era fácil, nem em épocas melhores, e os dias atuais estavam longe de ser a melhor época.

Rhea Avin não era refugiada, apesar de usar uma imitação de vestido taraboniano em lã de trama fina, com delicados pregueados cinza que moldavam e revelavam quase tanto quanto a vestimenta delgada de Sharmad. Os que sobreviviam à dura viagem traziam mais do que rumores preocupantes, habilidades nunca vistas em Dois Rios e braços para trabalhar nas fazendas despovoadas pelos Trollocs. Rhea era bonita, de rosto redondo e nascera a menos de duas milhas de onde ficava o solar. Usava os cabelos escuros em uma trança da grossura de um punho que descia até a cintura. Em Dois Rios, as moças só trançavam os cabelos quando o Círculo das Mulheres considerava que estavam em idade de se casar, fosse aos quinze anos ou aos trinta, embora poucas passassem dos vinte. Rhea era cerca de cinco anos mais velha que Faile e trançava os cabelos havia quatro anos, mas, naquele momento, parecia ainda usá-los soltos e ter acabado de reparar que a ideia esplêndida de outrora era de fato a coisa mais burra que poderia ter feito. Aliás, Sharmad parecia ainda mais envergonhada, pois tinha um ano ou dois a mais que Rhea. Para uma domanesa, deveria ser humilhante encontrar-se em tal situação. Faile queria estapear a cara das duas, mas uma lady não podia fazer tal coisa.

— Um homem — disse ela, no tom mais firme possível — não é um cavalo nem um pedaço de terra. Nenhuma de vocês pode tê-lo como propriedade. E vir aqui me perguntar qual das duas tem direito a ele... — Faile soltou um suspiro lento e profundo. — Se eu achasse que Wil al'Seen estivesse seduzindo as duas, poderia ter algo a dizer a respeito. — Wil tinha um fraco pelas mulheres, e elas, por ele, com suas panturrilhas bem torneadas. Mas o sujeito nunca fazia promessas. Sharmad parecia prestes a desabar. Afinal, as domanesas é que tinham reputação de levar os homens na lábia, não o contrário. — Sendo assim, meu julgamento é o seguinte: vocês duas irão até a Sabedoria para explicar o assunto a ela, não deixem nenhum detalhe de fora. Daise vai cuidar disso. Espero que antes do cair da noite tenha notícias de que já estiveram com ela.

As duas se encolheram. Daise Congar, a Sabedoria de Campo de Emond, não toleraria esse tipo de bobagem. Faria até muito mais do que apenas não tolerar. Contudo, as duas se curvaram em mesuras, murmurando “sim, milady” em um uníssono desesperado. Se já não estivessem, dentro em breve se arrependeriam amargamente por fazerem Daise perder tempo com elas.

E eu, pensou Faile, com firmeza. Todos sabiam que era raro Perrin comparecer às audiências, ou as duas jamais teriam trazido um “problema” tão idiota. Se ele estivesse ali, ocupando seu lugar, as mulheres teriam saído de fininho em vez de revelarem aquilo. Faile desejou que o calor tivesse deixado Daise bem irritadiça. Era

pena que não havia como fazê-la dar uma lição em Perrin também.

Cenn Buie ocupou o lugar das mulheres quase antes que as duas saíssem do caminho, arrastando os pés. Apesar de se apoiar bastante em um cajado quase tão velho quanto ele próprio, o homem conseguiu se curvar em uma mesura floreada — então estragou o movimento correndo os dedos ossudos pelos cabelos ralos e finos. Como de costume, parecia ter dormido com o casaco marrom grosseiro.

— Que a Luz brilhe sobre a senhora, Lady Faile, e sobre seu honrado marido, Lorde Perrin. — As palavras grandiosas soavam estranhas naquela voz esganiçada. — Permita que eu acrescente meus votos de contínua felicidade a todos do Conselho. Sua beleza e inteligência iluminam a vida de todos nós, bem como a justiça em seus pronunciamentos.

Faile tamborilou os dedos no braço da cadeira antes que pudesse se deter. Elogios e floreios, em vez dos resmungos azedos de sempre. A lembrança, com o devido respeito, de que ele ocupava uma cadeira do Conselho da Aldeia de Campo de Emond e era um homem de influência. E aquele cajado para suscitar compaixão... O telhador era ágil como qualquer um com metade da sua idade.

— O que o senhor me traz hoje, Mestre Buie?

Cenn se endireitou, sem se lembrar de escorar na bengala. E sem se lembrar de eliminar o tom mordaz da voz.

— São todos esses forasteiros chegando aos montes, trazendo uma porção de coisa que a gente não quer por aqui. — O homem parecia ter esquecido que ela também era forasteira. A maior parte do povo de Dois Rios esquecera. — Costumes estranhos, milady. Roupas indecentes. As mulheres vão vir falar sobre as vestimentas dessas domanesas atiradas, isso se já não tiverem vindo. — De fato, algumas já tinham reclamado, embora uma centelha nos olhos de Cenn revelasse que ela se arrependeria caso cedesse às demandas. — Estranhos roubando comida de nossas bocas, tomando nossos negócios. Aquele rapaz taraboniano e suas telhas idiotas, por exemplo. Ocupando mãos que poderiam estar fazendo algum trabalho útil. Ele não se importa com o povo de Dois Rios. Ora, ele...

Abanando-se, Faile parou de escutar, mas teve o cuidado de dar impressão de que prestava muita atenção — uma habilidade que o pai lhe ensinara, necessária em momentos como esse. Claro. As telhas de Mestre Hornval concorreriam com os telhados de palha de Cenn.

Nem todos se sentiam como Cenn em relação aos recém-chegados. Haral Luhhan, o ferreiro de Campo de Emond, fizera uma parceria com um cutedeiro domanês e um polidor de metais da Planície de Almoth, e Mestre Aydaer contratara três homens e duas mulheres que entendiam de marcenaria, escultura e até de douradura — embora decerto não houvesse ouro para tanto. As cadeiras dela e de Perrin eram trabalho desse grupo, tão caprichadas quanto Faile encontrara em outras cortes. Aliás, o próprio Cenn contratara cerca de meia dúzia de ajudantes, nem todos de Dois Rios, pois muitos telhados tinham pegado fogo no ataque dos Trollocs, e novas casas eram

erguidas para todos os lados. Perrin não tinha o direito de fazê-la ouvir toda aquela bobagem sozinha.

O povo de Dois Rios podia até tê-lo proclamado lorde — o que era o certo a se fazer, depois que Perrin os levou à vitória sobre os Trollocs —, e ele podia até estar começando a perceber que não seria capaz de mudar esse fato — como decerto deveria ter tentado assim que começaram a se curvar em reverências e chamá-lo de Lorde Perrin, a despeito de ele pedir que não o fizessem —, mas ainda assim se recusava a aceitar as pompas que vinham com o título de lorde, tudo o que um povo *esperava* de seus lordes e ladies. Pior ainda: se recusava a cumprir os deveres de lorde. Faile sabia muito bem o que devia ser feito, já que era a filha mais velha que restara de Davram t’Ghaline Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da Fronteira da Praga, Defensor da Terra do Coração, Marechal-General da Rainha Tenobia de Saldaea. Era verdade que fugira para se tornar Caçadora da Trombeta — e aberto mão disso por um marido, o que às vezes ainda a surpreendia —, mas ainda se lembrava. Perrin escutava quando ela tentava explicar, até assentia nos momentos oportunos, mas obrigá-lo a de fato fazer qualquer coisa era como obrigar um cavalo a dançar a sa’sara.

Cenn enfim parou de balbuciar, finalmente lembrando-se de engolir a injúria que fervilhava entre seus dentes.

— Perrin e eu decidimos usar palha — comentou Faile, muito calma. Enquanto Cenn ainda assentia, satisfeito, acrescentou: — E o senhor ainda não terminou o trabalho. — O velho levou um susto. — Parece que aceitou fazer mais telhados do que é capaz de dar conta, Mestre Buie. Se não terminar o nosso logo, temo que precisaremos chamar o Mestre Hornval para colocar suas telhas. — Cenn contraiu os lábios, quieto. Se Faile pusesse telhas na mansão, outros fariam o mesmo. — Aprecio seu discurso, mas tenho certeza de que o senhor prefere terminar meu telhado do que perder tempo com conversa mole, apesar de agradável.

De lábios comprimidos, Cenn a encarou por um instante, furioso, depois curvou-se em uma mesura modesta. Murmurou algo ininteligível, exceto por um “milady” abafado no final, e saiu pisando duro pelo chão liso, segurando o cajado. As coisas que o povo inventava para tomar o tempo dela. Perrin teria de fazer sua parte, nem que ela tivesse de trazê-lo amarrado pelos braços e pernas.

As demais queixas não foram tão exasperantes. Uma mulher outrora corpulenta, usando um vestido de retalhos de flores bordadas que caía no corpo feito um saco, vinda da distante Ponta de Toman, além da Planície de Almoth, queria negociar ervas e medicamentos. O grandalhão Jon Ayellin esfregando a careca, e o magricela Thad Torfinn, puxando as lapelas do casaco, ambos em uma disputa pelas fronteiras de suas terras. Dois mineiros domaneses de pele escura e barba bem rente, ambos em coletes de couro compridos, que acreditavam ter visto sinais de ouro e prata no caminho para as montanhas. E de ferro, embora o interesse fosse menor. E, por fim, uma taraboniana magra e musculosa com o rosto fino coberto por um véu

transparente e os cabelos claros presos em uma infinidade de trancinhas alegando ter trabalhado como tecelã e saber fazer tapetes no tear.

Faile encaminhou a mulher interessada em ervas ao Círculo das Mulheres local — se Espara Soman tivesse talento para a coisa, as mulheres encontrariam um lugar para ela sob a supervisão de uma das Sabedorias da região. Com tanta gente nova chegando, muitos em péssimas condições por conta da viagem, todas as Sabedorias de Dois Rios passaram a ter uma ou duas aprendizes — e estavam sempre à procura de mais. Talvez não fosse exatamente o que a mulher queria, mas era onde teria de começar. Bastaram algumas perguntas para deixar claro que nem Thad nem Jon de fato se lembravam de onde ficava a fronteira — ao que parecia, a disputa começara antes mesmo de Faile nascer —, então ela os orientou a tirarem uma média da diferença entre o limite que cada um julgava ser o certo e dividir as terras nesse ponto, a mesma decisão que os dois acreditavam que teria sido a do Conselho da Aldeia, motivo pelo qual haviam mantido a contenda entre si por tanto tempo.

Aos outros, concedeu a permissão que buscavam. Em verdade, ninguém precisava de permissão, mas era melhor que soubessem desde o início quem detinha a autoridade. Em troca de seu consentimento e prata suficiente para comprar provisões, Faile convenceu os dois domaneses a darem a Perrin um décimo do que encontrassem, bem como a revelar a localização do ferro encontrado no caminho. Perrin não gostaria, mas em Dois Rios não havia qualquer coisa que se assemelhasse a impostos, e era de se esperar que um lorde fizesse e fornecesse coisas que requeriam dinheiro. E ferro seria tão útil quanto ouro. Quanto a Liale Mosrara, a empreitada da taraboniana não duraria muito se ela fosse menos habilidosa do que dizia. No entanto, se fosse tão boa quanto se proclamava... três tecelãs já garantiam que os mercadores encontrariam mais do que apenas lã quando descessem de Baerlon no ano seguinte, e carpetes decentes seriam mais um produto para trazer dinheiro. Liale prometeu que os primeiros e melhores trabalhos de seu tear iriam para a mansão, e Faile aceitou o presente com um gracioso meneio de cabeça. Poderia dar mais se e quando os carpetes aparecessem. O chão estava mesmo precisando de alguma cobertura. No geral, todos pareciam bastante satisfeitos. Até Jon e Thad.

Enquanto a taraboniana se afastava, cheia de medidas, Faile se levantou, feliz em ter terminado, mas parou ao ver quatro mulheres adentrarem por uma das portas que flanqueavam a lareira mais distante, todas suando em vestidos escuros de lã pesada de Dois Rios. Daise Congar, mais alta e larga que a maioria dos homens, destacava-se das outras Sabedorias, projetando-se para a frente para tomar a liderança nas cercanias de sua própria aldeia. Edelle Gaelin, de Colina da Vigília, magra e de tranças grisalhas, mantinha as costas retas e a expressão dura para deixar claro que considerava que deveria ocupar o lugar de Daise, se não por qualquer outra razão, em virtude da idade e do longo tempo no ofício. Elwinn Taron, Sabedoria de Trilha de Deven, era a mais baixa: uma mulher redonda e com um agradável sorriso

maternal, que ela exibia mesmo quando estava obrigando os outros a fazer o que não queriam. A última, Milla al'Azar, de Barca do Taren, vinha na retaguarda. Era a mais jovem, quase com idade para ser filha de Edelle, e sempre parecia insegura perto das outras.

Faile continuou de pé, abanando-se devagar. Desejava, de coração, que Perrin estivesse ali. De verdade. Aquelas mulheres tinham tanta autoridade na aldeia quanto o prefeito — às vezes até mais, sob alguns aspectos —, e era preciso muito cuidado ao lidar com elas, dedicando-lhes a dignidade e o respeito devidos. O que dificultava as coisas. Perto de Perrin, todas pareciam garotinhas tímidas, ávidas por agradar, mas com ela... fazia séculos que Dois Rios não tinha nobres; havia sete gerações que não se via sequer um representante da Rainha em Caemlyn. Todos ainda estavam aprendendo a se comportar diante de um lorde e uma lady, inclusive aquelas quatro. Às vezes esqueciam que estavam diante de Lady Faile, viam apenas uma jovem mulher cujo casamento Daise presidira poucos meses antes. Às vezes enchiam-na de reverências e de “sim, claro, milady”, mas bem no meio da fala diziam exatamente o que ela devia fazer a respeito de alguma questão sem notar a menor incongruência. *Você não vai mais deixar isso na minha mão, Perrin.*

As mulheres curvaram-se em mesuras, com graus variados de habilidade, e disseram “Que a Luz brilhe sobre a senhora, milady”, umas por cima das outras.

Cortesias findadas, Daise começou a falar antes mesmo de retornar a coluna à posição ereta.

— Mais três garotos fugiram, milady. — As palavras estavam no meio do caminho entre o respeito e o tom de “agora escute aqui, mocinha” que ela às vezes usava. — Dav Ayellin, Ewin Finngar e Elam Dowtry. Fugiram para ver o mundo, por conta das histórias de Lorde Perrin sobre as coisas lá fora.

Faile piscou, surpresa. Aqueles três não eram garotos. Dav e Elam eram mais velhos que Perrin, e Ewin não era muito mais novo do que ela própria. E as histórias de Perrin, que ele contava rara e relutantemente, não já não eram a única forma pela qual a juventude de Dois Rios ficava sabendo a respeito do mundo lá fora.

— Posso pedir a Perrin para falar com vocês, se desejarem.

As quatro se remexeram, inquietas, Daise procurando por ele ansiosa, Edelle e Milla alisando as saias sem nem perceber, Elwinn puxando a trança por cima do ombro e ajeitando-a com cuidado, também de modo inconsciente. De súbito, notaram o que estavam fazendo e congelaram, sem olhar umas para as outras. Nem para ela. A única vantagem de Faile era que aquelas mulheres sabiam o efeito que seu marido exercia sobre elas. Tantas vezes vira uma ou outra recuperar a compostura depois de se encontrar com Perrin, jurando não deixar que aquilo acontecesse outra vez; tantas vezes vira a determinação delas sair voando pela janela só de olharem para seu marido. Nenhuma sabia ao certo se preferia tratar com Perrin ou com ela.

— Isso não será necessário — respondeu Edelle, depois de um instante. — A fuga

dos garotos é um aborrecimento, mas nada mais do que isso. — Seu tom se tornou ainda menos respeitoso que o “milady” de Daise.

A roliça Elwinn acrescentou um sorriso próprio de mãe para filha.

— Já que estamos aqui, querida, acho que vale a pena mencionar outra coisinha. Água. Veja bem, algumas pessoas estão preocupadas.

— Já faz meses que não chove — completou Edelle, e Daise assentiu.

Desta vez, Faile piscou de propósito. As mulheres eram inteligentes demais para achar que Perrin poderia fazer qualquer coisa a respeito disso.

— Os córregos ainda estão fluindo, e Perrin ordenou que mais poços sejam cavados. — Na verdade apenas tinha sugerido, mas felizmente dava no mesmo, no fim das contas. — E os canais de irrigação da Floresta das Águas estarão terminados muito antes do período de plantio. — Aquilo era obra dela: metade dos campos em Saldaea eram irrigados, mas ali ninguém ouvira falar nessa técnica. — De todo modo, mais cedo ou mais tarde as chuvas terão que cair. Os canais são só por garantia.

Daise assentiu outra vez, sem muita confiança, bem como Elwinn e Edelle. Mas todas sabiam daquilo tão bem quanto ela.

— Não é só a chuva — murmurou Milla. — Não exatamente, de todo modo. Não é natural. Veja, nenhuma de nós consegue escutar o vento. — Ela se encolheu diante das carrancas repentinas das outras. Ficou claro que estava falando demais e revelando segredos. Supostamente todas as Sabedorias eram capazes de prever o tempo escutando o vento. Pelo menos, todas afirmavam ser capazes. Mas a mulher prosseguiu, obstinada. — Bom, não conseguimos! Em vez disso, olhamos para as nuvens, avaliamos o comportamento dos pássaros, das formigas e das lagartas, e... — Ela respirou fundo e se endireitou, ainda evitando os olhares das outras Sabedorias.

Faile ponderou sobre como aquela mulher conseguia lidar com o Círculo das Mulheres de Barca do Taren, ou ainda com o Conselho da Aldeia. Claro, todas as pessoas eram tão inexperientes nessas posições quanto Milla — a aldeia fora totalmente despovoada com os ataques dos Trollocs, e todo mundo ali era novo.

— Isso não é natural, milady. As primeiras neves deviam ter caído semanas atrás, mas estamos em clima de pleno verão. Não estamos preocupadas, milady, estamos apavoradas! Se ninguém mais quiser admitir, eu admito. Passo quase todas as noites acordada. Faz um mês que não prego o olho, e... — A voz de Milla foi morrendo, e seu rosto enrubesceu quando percebeu que talvez tivesse ido longe demais. As Sabedorias tinham que manter o controle a todo momento, não sair por aí dizendo que estavam apavoradas.

Os olhos das outras iam de Milla para Faile. Não diziam palavra, e suas feições inexpressivas eram dignas de Aes Sedai.

Faile finalmente compreendia. Milla dissera a mais pura verdade. O clima *não* era natural — era absolutamente o contrário disso. Ela mesma com frequência passava a

noite sem dormir, rezando para que chovesse — ou melhor ainda, que nevasse —, tentando não pensar no que espreitava por detrás do calor e da seca. Ainda assim, o papel de uma Sabedoria era tranquilizar o povo. A quem recorreriam quando precisasse ser tranquilizada?

Aquelas mulheres poderiam não saber o que estavam fazendo, mas tinham ido ao lugar certo. Parte do acordo entre nobres e plebeus, internalizado em Faile desde o nascimento, era que os nobres forneciam segurança e proteção. E fornecer segurança também significava lembrar o povo que os tempos difíceis não duravam para sempre. Se hoje estava ruim, amanhã seria melhor — se não amanhã, depois de amanhã. Ela própria desejava ter certeza disso, mas aprendera a ceder a própria força a todos os que se encontravam em posição inferior, ainda que não lhe restasse força alguma para si. Aprendera a mitigar os medos do povo, e não infectá-los com seu próprio.

— Perrin já me falava sobre o povo dele antes mesmo de eu pôr os pés aqui — comentou. Seu marido não era homem de se gabar, mas as informações acabavam escapando. — Quando o granizo acaba com suas colheitas, quando o inverno mata metade do rebanho de ovelhas, vocês se enchem de determinação e seguem em frente. Quando os Trollocs assolaram Dois Rios, vocês os enfrentaram e, assim que acabaram com eles, começaram a reconstruir tudo sem nem pestanejar. — Faile não teria acreditado se não tivesse visto com os próprios olhos, não se tratando de um povo do sul. Aquela gente teria se saído muito bem em Saldaea, onde as incursões de Trollocs eram encaradas com naturalidade, pelo menos nos trechos mais ao norte. — Não posso dizer que o tempo amanhã estará ideal. Posso afirmar que Perrin e eu faremos o que for preciso, tudo o que for possível. E não preciso dizer que vocês enfrentarão o que cada dia trouxer, seja o que for, e que vão se preparar para enfrentar o dia seguinte. É esse o tipo de gente que Dois Rios produz. É o que vocês são.

Aquelas eram mulheres inteligentes. Se ainda não tinham admitido para si próprias o motivo da visita, teriam de fazê-lo depois da resposta de Faile. Se fossem menos inteligentes, poderiam ter se ofendido. Mas mesmo as palavras que aquelas Sabedorias diziam a si mesmas só surtiam o efeito desejado quando vinham de outra pessoa. Claro, isso em si já era constrangedor. As mulheres ficaram bastante ruborizadas, cada uma de um tom de vermelho, desejando silenciosamente estar bem longe dali.

— Bem, é claro — respondeu Daise. Com os punhos robustos plantados nos quadris largos, a mulher encarou as outras Sabedorias, desafiando-as a dizerem o contrário. — Eu falei a mesma coisa, não falei? A garota é sensata. Falei o mesmo logo que ela chegou aqui. Essa garota tem a cabeça no lugar, eu disse.

Edelle fungou com desdém.

— E por acaso alguém falou que ela não tem, Daise? Eu não ouvi ninguém dizer isso. Ela tem, mesmo. — Para Faile, a mulher acrescentou: — Você tem mesmo a

cabeça no lugar.

Milla meneou a cabeça em reverência.

— Obrigada, Lady Faile. Sei que eu já disse o mesmo a cinquenta pessoas, mas, vindo da senhora, de alguma forma... — Um pigarreo alto de Daise a interrompeu bem no meio da frase. Aquilo estava indo longe demais. O rosto de Milla ficou mais vermelho.

— Excelente trabalho de costura, milady. — Elwinn inclinou-se para a frente e tocou a saia de montaria preferida de Faile. — Mas sei de uma costureira taraboniana lá em Trilha de Deven que pode fazer uma ainda melhor para a senhora. Se me permite o comentário. Dei uma palavrinha com a mulher, e agora ela só faz vestidos decentes, exceto para as mulheres casadas. — O sorriso maternal surgiu outra vez em seu rosto, ao mesmo tempo duro e indulgente. — Ou as que estão sendo cortejadas. Ah, ela faz umas peças bonitas. Ora, aposto que consideraria um prazer trabalhar com seu tom de pele e sua cintura.

Antes que a outra terminasse, Daise foi abrindo um sorriso complacente.

— Therille Marza, bem aqui em Campo de Emond, já está fazendo meia dúzia de vestidos para Lady Faile. E o traje de gala mais bonito que já vi.

Elwinn se endireitou, Edelle franziu os lábios e até Milla ficou pensativa.

Para Faile, a audiência estava encerrada. A costureira domanesa requeria pulso firme e vigilância constante para que não vestisse Faile para a corte de Bandar Eban. O traje de gala fora ideia de Daise, uma surpresa. E mesmo que fosse ao estilo de Saldaea, em vez de Arad Doman, Faile não sabia onde poderia usá-lo. Levaria um tempo até Dois Rios começar a organizar bailes ou desfiles. Se dependesse das Sabedorias, logo todas estariam competindo para ver qual das aldeias a vestiria.

Ofereceu chá às mulheres, acrescentando um comentário displicente de que poderiam pensar em uma forma de encorajar o povo em relação ao clima. A fala logo surtiu o efeito desejado, e as mulheres saíram quase tropeçando umas nas outras, lamentando os deveres que as impediam de ficar mais.

Faile observou-as partirem. Milla na retaguarda, como de costume, feito uma criança correndo atrás das irmãs mais velhas. Talvez fosse possível trocar algumas palavras discretas com algumas integrantes do Círculo das Mulheres de Barca do Taren. Cada aldeia precisava de um prefeito e uma Sabedoria firmes para defender os interesses do povo. Palavras discretas e cuidadosas. Quando Perrin descobrira que Faile andara conversando com os homens de Barca do Taren antes das eleições para prefeito.... Ora, se havia um sujeito inteligente e entusiasmado com a presença dela e de Perrin, por que os eleitores não poderiam saber que ela e Perrin retribuía aquele apoio? Mas quando ele descobrira... Perrin era um homem gentil, raramente se irritava, mas Faile se trancara no quarto dos dois só por garantia, até que ele se acalmasse. O que só aconteceu depois da promessa de ela não “interferir” mais em nenhuma eleição para prefeito, abertamente ou às escondidas. O que fora muito injusto da parte dele. E muito inconveniente. Mas Perrin não mencionara as eleições

do Círculo das Mulheres. Bem, o que os olhos dele não viam poderia lhe fazer muito bem. E também a Barca do Taren.

Pensar em Perrin fez Faile relembrar a promessa que fizera a si mesma. O leque de penas abanou mais depressa. Aquele não fora o dia das piores bobagens, nem o pior momento com as Sabedorias — ninguém perguntara quando Lorde Perrin teria um herdeiro, graças à Luz! —, mas talvez o calor impiedoso tivesse sido a gota d'água. Perrin *cumpriria* sua obrigação, ou...

Um trovão ressoou pela mansão, e relâmpagos iluminaram as janelas. Faile encheu-se de esperança. Se a chuva viesse...

Correu sem fazer barulho com os pés calçados nas sandálias, procurando pelo marido. Queria compartilhar a chuva com ele. E ainda pretendia dizer algumas palavrinhas duras. Mais do que algumas, se preciso.

Perrin estava onde ela tinha imaginado: bem lá em cima, no terceiro andar, no alpendre frontal — um homem de cabelos cacheados vestido em um casaco marrom liso, com ombros e braços robustos. Tinha as costas largas viradas para ela e se apoiava em uma das colunas de sustentação da cobertura. Encarava o chão de um dos lados do solar, não o céu. Faile parou à porta.

Outro trovão ressoou, e um raio azul rasgou o céu. Um raio sem trovão em um céu sem nuvens. Não era prenúncio de chuva. Nada de chuva para aliviar o calor. Gotículas de suor brotavam em seu rosto, mas ela tremia.

— Acabou? — perguntou Perrin, e Faile se sobressaltou.

O marido não levantara a cabeça. Às vezes era difícil lembrar-se de como sua audição era sensível. Ou ele poderia ter sentido o cheiro de Faile — torceu para que fosse o perfume, não o suor.

— Achei que você estaria com Gwil ou Hal.

Aquele era um dos maiores defeitos de Perrin. Faile tentava treinar serviçais, mas ele os considerava companhia adequada para tomar uma caneca de cerveja e dar umas risadas. Pelo menos não ficava atrás de qualquer rabo de saia, como tantos homens. Nunca sequer percebera que Calle Coplin começara a trabalhar na casa deles com o intuito de fazer mais do que arrumar a cama de Lorde Perrin. E nem mesmo notara quando Faile pôs Calle para fora com um punhado de gravetos.

Ao aproximar-se do marido, viu para o que ele estava olhando. Dois homens despidos até a cintura praticavam esgrima com espadas de madeira, mais abaixo. Tam al'Thor era robusto e grisalho, e Aram, magro e jovem. Aram estava aprendendo depressa. Muito depressa. Tam já fora soldado, além de mestre espadachim, mas Aram pareceria estar dando trabalho.

Sem nem pensar, ela baixou os olhos para as tendas agrupadas em um campo cercado de pedras a meia milha na direção da Floresta do Oeste. O restante dos latoeiros estava acampado entre carroções — ainda não acabados — que pareciam casinhas sobre rodas. Naturalmente, já não reconheciam a presença de Aram desde que ele empunhara a espada. Os Tuatha'an não praticavam violência, por qualquer

motivo que fosse. Faile se perguntou se iriam embora quando os carroções incendiados pelos Trollocs fossem substituídos, conforme o planejado. Não somavam mais de cem, mesmo depois de reunidos todos os que estavam escondidos na mata. Decerto iriam, deixando Aram para trás, como ele próprio escolhera. Nunca ouvira falar de algum Tuatha'an fixando moradia em qualquer lugar que fosse.

Por outro lado, o povo de Dois Rios costumava dizer que, por ali, nada nunca mudava, ainda que muita coisa tivesse mudado desde os Trollocs. Campo de Emond, a algumas centenas de passadas da mansão, aumentara em tamanho, e sua população já reconstruía todas as casas incendiadas, além de começar a erguer novas moradias. Algumas até eram de tijolos, outra novidade. E algumas tinham telhados de telha. Na velocidade com que as novas habitações estavam sendo erigidas, a mansão logo estaria dentro da aldeia. Muito se falava a respeito de um muro, caso os Trollocs retornassem. Mudanças. Um punhado de crianças corria pelas ruas atrás do gigantesco Loial. Poucos meses antes, a visão do Ogier, da altura de um homem e meio, com as orelhas peludas e o nariz tão largo que quase ocupava o rosto inteiro, deixara todas as crianças embasbacadas, e as mães, desesperadas para protegê-las. Mas as mães já haviam passado a mandar seus filhos para sessões de leitura com o Ogier. Os estrangeiros que circulavam entre os habitantes de Campo de Emond, em seus casacos e vestidos de cortes exóticos, destacavam-se quase tanto quanto Loial, mas ninguém lhes dispensava mais que uma olhadela, e o mesmo acontecia com os três Aiel da aldeia — sujeitos estranhos, longilíneos, todos vestidos em tons de marrom e cinza. Até duas semanas antes, ainda havia duas Aes Sedai por lá, que também já provocavam apenas medidas e cumprimentos respeitosos. Mudanças. Os dois mastros erguidos não muito longe do rio Fonte de Vinho, no Campo, eram visíveis por sobre os telhados das casas, um ostentando a silhueta vermelha da cabeça de lobo que se tornara símbolo de Perrin, o outro, a águia carmesim símbolo de Manetheren, que desaparecera durante as Guerras dos Trollocs, cerca de dois mil anos antes, mas aquela terra fizera parte da nação, e Dois Rios hasteava sua bandeira quase por aclamação. Mudanças — e eles não faziam ideia de como eram grandes, de como eram inexoráveis. Mas Perrin os apoiaria, não importava o que viesse pela frente. Com a ajuda de Faile, ele os apoiaria.

— Eu e Gwil caçávamos coelhos juntos — comentou Perrin. — Ele é só alguns anos mais velho, e às vezes me levava para caçar.

Faile precisou de um momento para se lembrar do que ele estava falando.

— Gwil está tentando aprender a ser lacaio. Você não o ajuda muito quando fica chamando o rapaz para fumar cachimbo e conversar sobre cavalos nos estábulos. — Ela inspirou lenta e profundamente. A tarefa não seria fácil. — Você tem um dever com essas pessoas, Perrin. Por mais difícil que seja, você precisa cumprir seu dever.

— Eu sei — respondeu ele, baixinho. — Consigo senti-lo me puxando.

A voz dele estava tão estranha que Faile estendeu a mão e deu um puxão em sua barba curta, para que ele a encarasse. Os olhos dourados, estranhos e misteriosos

como nunca, tinham um ar triste.

— Como assim? Você pode até ter uma certa afeição por Gwil, mas ele...

— É o Rand, Faile. Ele precisa de mim.

O nó em seu estômago, que ela andara tentando ignorar, se apertou ainda mais. Faile convencera a si mesma de que esse perigo fora embora com as Aes Sedai. Bobagem. Ela era casada com um *ta'veren*, um homem destinado a desviar as vidas dos que o rodeavam conforme o Padrão desejava, e crescera com dois outros *ta'veren*, um deles o próprio Dragão Renascido. Era uma parte de Perrin que Faile era obrigada a dividir. Não gostava de ter que dividir nem um fio de cabelo, mas aquilo não tinha jeito.

— E o que você vai fazer?

— Vou atrás dele. — Perrin desviou o olhar por um instante, e os olhos de Faile acompanharam os seus. Recostados à parede estavam um pesado martelo de ferreiro e um machado com uma lâmina afiada em formato de meia-lua, com um cabo de meia passada de comprimento. — Eu não estava... — Sua voz era quase um sussurro. — Não estava conseguindo encontrar uma forma de contar isso a você. Vou hoje à noite, quando todos estiverem dormindo. Acho que não tenho muito tempo, e a viagem pode ser longa. Mestre al'Thor e Mestre Cauthon vão ajudar você com os prefeitos, se for preciso. Eu já falei com eles. — Perrin tentou suavizar a voz, uma tentativa lamentável. — De qualquer modo, você não deve ter problemas com as Sabedorias. Engraçado... quando eu era garoto, as Sabedorias sempre pareciam tão assustadoras, mas na verdade são bem tranquilas, basta ser firme.

Faile comprimiu os lábios. Então ele tinha falado com Tam al'Thor e Abell Cauthon, mas não com ela? E com as Sabedorias! Só queria que ele trocasse de lugar com ela por um dia, para ver como as Sabedorias eram tranquilas.

— Não tem como a gente partir assim tão rápido. Precisaremos de tempo para organizar uma comitiva decente.

Perrin estreitou os olhos.

— A gente? Você não vai! Vai ser... — Ele tossiu, então prosseguiu em um tom mais moderado. — Vai ser melhor se um de nós ficar aqui. Quando o lorde viaja, a lady precisa ficar para cuidar das coisas. Faz sentido. Chegam mais refugiados a cada dia. Tem um monte de problemas para resolver. Se você também for, a situação por aqui vai ficar pior do que com a invasão dos Trollocs.

Ele realmente acreditava que ela não repararia que ele tinha se corrigido no meio da frase? Perrin estava prestes a dizer que seria perigoso. Como será que essa mania dele de querer protegê-la dos perigos a fazia se derreter por dentro e ao mesmo tempo a deixava tão irritada?

— Nós vamos fazer o que você achar melhor — respondeu a jovem, em um tom brando, e Perrin piscou, desconfiado, então coçou a barba e assentiu.

Só restava fazê-lo enxergar o que realmente era melhor. Pelo menos ele não declarara logo de início que ela *não podia* ir. Quando Perrin fincava a pata, era mais

fácil arredar um celeiro de grãos, mas, tomando o devido cuidado, era possível evitar uma situação dessas. Na maioria das vezes.

Faile o abraçou de repente e enterrou o rosto em seu peito largo. As mãos fortes de Perrin acariciaram seus cabelos com suavidade — ele decerto pensava que Faile estava preocupada com sua partida iminente. Bem, de certa forma, ela estava. Só que não era por ele estar partindo sem ela. Perrin ainda não aprendera o que significava ter uma esposa de Saldaea. Os dois estavam tão longe de Rand al'Thor... Por que é que o Dragão Renascido precisava de Perrin justo naquele momento, e com tanta força que seu marido podia sentir a centenas de léguas de distância? Por que havia tão pouco tempo? Por quê? A camisa de Perrin estava colada ao corpo suado, e o calor anormal também fazia Faile transpirar, mas ela tremia.

* * *

Com uma das mãos no punho da espada, Gawyn Trakand usava a mão livre para jogar uma pedrinha para o alto e pegá-la em seguida enquanto circulava mais uma vez ao redor de seus homens, conferindo as posições nos entornos da colina encimada de árvores. Um vento quente e seco levantava a terra pela pastagem marrom cheia de ondulações e fazia drapejar o manto verde e simples pendurado às suas costas. Não se via nada além de grama morta, moitas isoladas e arbustos mirrados. Teria de cobrir muitas frentes com os homens que comandava, caso uma luta fosse travada ali. Ele os reunira em grupos de cinco espadachins a pé, com arqueiros cinquenta passadas atrás, colina acima. Outros cinquenta homens aguardavam com lanças e cavalos a postos, no cume, próximos ao acampamento, prontos para avançar para onde fosse necessário. Gawyn torcia para que não fosse preciso.

No início, havia menos rapazes da Jovem Guarda, mas sua reputação atraiu recrutas. O aumento dos números seria de grande ajuda, e nenhum recruta tinha permissão para sair de Tar Valon antes de estar à altura de certos padrões. Não que ele esperasse que fosse haver luta naquele dia, não mais do que em qualquer outro, a questão é que aprendera que a hora da batalha muitas vezes vinha quando menos se esperava. Só as Aes Sedai esperariam até o último minuto para revelar a um homem que algo tão importante estava para acontecer.

— Tudo certo? — perguntou, parando junto a um grupo de espadachins. Apesar do calor, alguns usavam os mantos verdes, exibindo símbolo de Gawyn no peito, o javali branco em disparada.

Jisao Hamora era o mais jovem, ainda com sorriso de garoto, mas também o único dos cinco com uma pequena torre prateada na gola, enfeite que o marcava como veterano na batalha da Torre Branca. Foi ele quem respondeu.

— Tudo certo, milorde.

A Jovem Guarda fazia jus ao nome. O próprio Gawyn, com pouco mais de vinte anos, estava entre os mais velhos. Era regra não aceitar ninguém que já tivesse feito parte de algum exército, empunhado armas para um lorde ou lady ou mesmo trabalhado como guarda de mercadores. Os primeiros integrantes haviam chegado à Torre ainda meninos ou jovens para serem treinados pelos Guardiões, os mais exímios espadachins e combatentes do mundo, e continuavam parte da tradição, embora os Guardiões não os treinassem mais. A juventude não era uma falha. Apenas uma semana antes, o grupo conduzira uma pequena cerimônia para os primeiros pelos de bigode que Benji Dalfor raspava, e em seu rosto havia uma cicatriz que ganhara na batalha da Torre. As Aes Sedai estavam ocupadas demais para Curar nos dias seguintes à deposição de Siuan Sanche. A mulher talvez ainda fosse Amyrlin, caso a Jovem Guarda não tivesse enfrentado e vencido muitos de seus antigos instrutores nos corredores da Torre.

— Isso tem algum propósito, milorde? — perguntou Hal Moir. O sujeito era dois anos mais velho que Jisao e, como muitos que não ostentavam a torre de prata, lamentava-se por não ter estado presente no conflito. Ele logo amadureceria. — Não vejo o menor sinal de Aiel.

— Ah, não vê? — Sem qualquer indicativo, Gawyn arremessou a pedra com toda a força no único arbusto que havia por perto, uma moita irregular. O único som que se ouviu foi o farfalhar das folhas mortas, mas o arbusto se remexeu um tantinho mais do que o esperado, como se um homem escondido ali tivesse sido atingido em um ponto sensível. Os mais novos exclamaram, mas Jisao apenas afrouxou a espada na bainha. — Um Aiel, Hal, é capaz de se esconder até em um buraco no chão onde você não teria nem tropeçado. — Não que Gawyn soubesse sobre os Aiel muito além do que havia nos livros, mas lera cada volume que encontrara na biblioteca da Torre Branca, todos escritos pelos homens que de fato haviam enfrentado Aiel. Lera todos os livros que encontrara com relatos de soldados entendidos no assunto. Um homem precisava estar preparado para o futuro, e, ao que parecia, o futuro do mundo era a guerra. — Mas, se aprouver à Luz, não haverá luta hoje.

— Milorde! — gritou uma voz do alto da colina, quando o sentinela avistou o que ele acabara de ver: três mulheres emergindo de uma moitinha algumas centenas de passadas a oeste, vindo em direção à colina. Oeste, que surpresa. Mas os Aiel gostavam de surpresas.

Lera a respeito das mulheres Aiel que lutavam ao lado dos homens, porém aquelas não tinham a menor condição de lutar: usavam volumosas saias escuras e blusas brancas. Apesar do calor, tinham xales enrolados nos ombros. Por outro lado, como haviam chegado àquela moita sem serem notadas?

— Mantenham os olhos atentos, e não nelas — mandou, desobedecendo a própria ordem e encarando com interesse as três Sábias, emissárias dos Aiel Shaido. Ali, não poderiam ser outra coisa.

As mulheres avançavam, imponentes, nem parecendo estar se aproximando de um grupo de homens armados. Os cabelos iam até a cintura — Gawyn lera que os Aiel usavam cabelos curtos — e estavam presos por lenços dobrados. Usavam tantos braceletes e colares compridos de ouro, prata e marfim que o brilho as teria denunciado a uma milha de distância.

Empertigadas e com o semblante orgulhoso, as três passaram pelos espadachins a passos firmes, sem olhá-los, e começaram a subir a colina. A líder era uma loura cuja blusa solta revelava a pele consideravelmente bronzeada sob o decote aberto. As outras duas eram grisalhas, de rostos bronzeados. A loura deveria ter menos da metade da idade das outras.

— Não seria má ideia chamar essa aí para uma dança — comentou um dos rapazes, admirado, depois que as mulheres passaram. Era pelo menos dez anos mais jovem do que a loura.

— Eu não faria isso se fosse você, Arwin — retrucou Gawyn, em um tom seco. — Pode ser que haja um mal-entendido. — Lera que os Aiel chamavam a batalha de “dança”. — Além do mais, ela comeria o seu fígado no jantar. — Avistara de relance os olhos verde-claros da mulher, e nunca vira olhar mais duro.

Gawyn ficou olhando as Sábias até chegarem ao topo da colina, onde meia dúzia de Aes Sedai aguardava com seus Guardiões. As que os tinham: duas eram da Ajah Vermelha, portanto não tinham Guardiões. Quando as Aiel desapareceram no interior de uma das compridas tendas brancas, com os cinco Guardiões montando guarda em volta, ele retomou a ronda da colina.

A Jovem Guarda estava alerta desde que se espalhara a notícia da chegada dos Aiel, o que desagradara Gawyn. Deveriam estar alertas assim desde antes. Até a maioria dos que não exibiam o símbolo da torre prateada haviam sido vistos lutando nos arredores de Tar Valon. Eamon Valda, o Senhor Capitão dos Mantos-brancos em comando, arrastara quase todos os seus homens para o oeste mais de um mês antes, mas o grupinho deixado para trás tentou se juntar aos bandidos e capangas que Valda reunira. Pelo menos esses a Jovem Guarda conseguira afugentar. Gawyn queria poder acreditar que também tinham afugentado Valda — a Torre decerto mantivera seus próprios soldados bem longe das escaramuças, apesar de a única razão para a presença dos Mantos-brancos tivesse sido tentar causar problemas à Torre —, mas suspeitava de que o Senhor Capitão tivesse suas próprias razões para bater em retirada. Provavelmente recebera ordens de Pedron Niall, e Gawyn daria tudo para saber quais eram. Luz, como odiava não saber. Era como tatear no escuro.

A verdade era que estava irritado. Admitia. Não somente por conta dos Aiel, mas por só ter sido informado sobre essa reunião durante a manhã daquele mesmo dia. E também não havia sido informado sobre aonde estavam indo até ser chamado para uma conversa em particular com Coiren Sedai, a irmã Cinza que liderava as Aes Sedai. Elaida sempre fora reticente e arrogante quando conselheira de sua mãe em Caemlyn, mas depois de elevada ao Trono de Amyrlin, a nova Elaida fazia a antiga

parecer aberta e afetuosa. Sem dúvida o pressionara para que ele organizasse aquela escolta com o intuito de afastá-lo de Tar Valon.

A Jovem Guarda aderira ao lado de Elaida durante a luta — a antiga Amyrlin fora destituída do Cajado e da Estola pelo Salão, e a tentativa subsequente de libertá-la havia sido pura e simplesmente uma rebelião contra a lei —, mas Gawyn já tinha suas dúvidas em relação a todas as Aes Sedai muito antes de ouvir a leitura das acusações contra Siuan Sanche. De tão frequentes que eram, ele já nem prestava mais atenção nas afirmações de que elas manipulavam os tronos feito marionetes, mas foi só então que viu os cordéis sendo puxados. Viu as consequências, ao menos, e foi sua irmã Elayne quem dançou: saiu dançando para bem longe de seus olhos, dançou tanto que, até onde ele sabia, cessou até de existir. Ela e a outra. Lutara para manter Siuan presa, depois virou as costas e a deixou fugir. Se Elaida algum dia descobrisse isso, nem mesmo a coroa de sua mãe poderia salvar sua vida.

Ainda assim, Gawyn escolhera ficar porque sua mãe sempre apoiara a Torre, porque sua irmã queria ser Aes Sedai. E porque havia outra mulher que também queria aquele destino. Egwene al’Vere. Não tinha sequer o direito de pensar nela, mas abandonar a Torre seria o mesmo que a abandonar. Como eram frívolos os motivos por que um homem escolhia o próprio destino. No entanto, saber que eram frívolos não mudava nada.

Encarava o gramado ressequido, fustigado pelo vento, enquanto avançava a passos largos de uma posição a outra. Lá estava ele, esperando que os Aiel não decidissem atacar, apesar — ou por causa — da conversa que as Sábias dos Shaido estavam travando com Coiren e as outras. Suspeitava de que houvesse Aiel o suficiente para aniquilá-lo, por ali, mesmo com a ajuda das Aes Sedai. Estava a caminho de Cairhien e não sabia o que sentia a respeito. Coiren o fizera jurar que manteria a missão em segredo, e, mesmo assim, parecia temerosa de suas palavras. Era para estar. Era sempre bom examinar com muito cuidado as palavras de uma Aes Sedai — aquelas mulheres não podiam mentir, mas maleavam a verdade feito massa de pão —, porém nem assim ele encontrou significados obscuros. As seis Aes Sedai pediram ao Dragão Renascido que as acompanhasse até a Torre, junto com a Jovem Guarda como escolta de honra liderada pelo filho da Rainha de Andor. Só poderia haver uma razão, tão chocante para Coiren que a Cinza só conseguira fazer vagas alusões a ela. Gawyn também ficara chocado. Elaida pretendia anunciar ao mundo que a Torre Branca apoiava o Dragão Renascido.

Era quase inacreditável. Elaida fora uma Vermelha antes de se tornar Amyrlin. As Vermelhas odiavam a mera ideia de um homem capaz de canalizar. Na verdade, elas em geral não pensavam muito nos homens. Mesmo assim, a queda da outrora invencível Pedra de Tear, cumprindo a profecia, confirmava que Rand al’Thor era o Dragão Renascido, e até Elaida dizia que a Última Batalha estava próxima. Gawyn não conseguia associar o fazendeiro assustado e abatido que encontrara no Palácio Real em Caemlyn ao homem dos boatos que corriam do Rio Erinin até Tar Valon.

Dizia-se que ele enforcara Grão-lordes tairenos e permitira que os Aiel saqueassem a Pedra. Rand decerto trouxera os Aiel ao longo da Espinha do Mundo para assolar Cairhien pela segunda vez desde a Ruptura. Talvez fosse a loucura. Gawyn tinha gostado de Rand al'Thor e lamentava o que o homem havia se tornado.

Quando retornou ao grupo de Jisao, havia mais alguém à vista: um mascate com um chapéu molengo se aproximava pelo oeste, conduzindo uma mula de carga alta e magrela. O sujeito seguiu direto para a colina: avistara o grupo.

Jisao se remexeu, mas ficou imóvel quando Gawyn tocou seu braço. Este sabia o que o rapaz mais jovem estava pensando, mas, se os Aiel decidissem matar o tal sujeito, não haveria o que pudessem fazer. Coiren não ficaria nem um pouco contente se ele desse início a uma batalha com o povo com quem ela estava negociando.

O mascate prosseguiu, bamboleante, até o arbusto onde Gawyn atirara a pedra. A mula começou a abocanhar a grama marrom sem muito critério enquanto o homem tirava o chapéu, ensaiava uma medida dirigida a todos e começava a secar o rosto grisalho com um lençinho encardido.

— Que a Luz brilhe sobre os senhores, milordes. Os senhores estão muito bem instalados para viajantes nesses tempos escassos, mas, se houver qualquer coisinha de que precisem, o velho Mil Tesen com certeza traz em suas trouxas. E ninguém faz preço melhor em dez milhas, milordes.

Gawyn duvidava de que houvesse uma fazenda sequer em um raio de dez milhas.

— Tempos escassos, de fato, Mestre Tesen. O senhor não tem medo dos Aiel?

— Aiel, milorde? Eles estão todos lá para baixo, em Cairhien. O velho Mil fareja os Aiel, ah se não. Na verdade, queria até que tivesse uns por aqui. É bom fazer negócio com os Aiel. Eles carregam um monte de ouro. De Cairhien. E não incomodam os mascates. Todo mundo sabe disso.

Gawyn absteve-se de perguntar por que o homem não estava rumando para o sul, se os Aiel em Cairhien rendiam tão bons negócios.

— Que notícias traz do mundo, Mestre Tesen? O senhor, vindo do sul, deve saber o que ainda não chegou até nós, no norte.

— Ah, muita coisa lá para o sul, milorde. Os senhores ouviram falar de Cairhien? Daquele sujeito que se diz Dragão e tudo o mais? — Gawyn assentiu, e o mascate prosseguiu. — Bom, ele tomou Andor. Quase tudo, pelo menos. A rainha morreu. Tem gente dizendo que ele vai dominar o mundo inteiro antes de...

O sujeito soltou um ganido abafado e parou de falar antes que Gawyn pudesse perceber que o agarrara pelo colarinho.

— A Rainha Morgase morreu? Responda, homem! Depressa!

Tesen revirou os olhos em busca de ajuda, mas respondeu, e depressa:

— É o que dizem por aí, milorde. O velho Mil não sabe, mas acha que sim. Todo mundo está dizendo, milorde. Todo mundo diz que foi obra desse Dragão. Milorde? Cuidado com o pescoço do velho Mil, milorde! Milorde!

Gawyn soltou as mãos com um movimento brusco, como se tivesse tocado em brasa. Queimava por dentro. Era outro pescoço que queria agarrar.

— A Filha-herdeira. — Sua voz parecia muito distante. — Alguma notícia de Elayne, a Filha-herdeira?

Tesen deu um longo passo atrás assim que se viu livre.

— Não que eu saiba, milorde. Uns dizem que ela também morreu. Alguns dizem que foi obra dele, mas não sei direito.

Gawyn assentiu, hesitante. Seus pensamentos pareciam vir subindo do fundo de um poço. *Meu sangue deve ser derramado antes do dela, minha vida deve ser entregue antes da dela.*

— Obrigado, Mestre Tesen. Eu... — *Meu sangue deve ser derramado antes do dela...* fora o juramento que fizera quando mal tinha tamanho para olhar por cima da borda do berço de Elayne. — O senhor pode fazer negócios com... alguns dos meus homens podem precisar... — Gareth Bryne tivera que explicar o significado daquelas palavras, mas, mesmo naquela época, Gawyn já sabia que teria de honrar o juramento, mesmo que fracassasse em tudo o mais na vida. Jisao e os outros o encaravam, preocupados. — Cuidem do mascate — disse a Jisao, um pouco rude, e deu meia volta.

Sua mãe estava morta, e Elayne também. Era só um boato, mas às vezes os boatos que corriam na boca do povo tinham um quê de verdade. Gawyn deu meia dúzia de passos até o acampamento das Aes Sedai antes de se dar conta do que fazia. Suas mãos doíam. Teve de encará-las para perceber que a câimbra que sentia era causada pela força com que apertara o punho da espada e teve de se obrigar a soltá-lo. Coiren e as outras pretendiam levar Rand al'Thor a Tar Valon, mas se a mãe dele estivesse morta... Elayne. Se as duas estivessem mortas, queria ver se o Dragão Renascido sobreviveria a uma espada cravada no coração!

* * *

Ajeitando o xale de franjas vermelhas, Katerine Alruddin levantou-se das almofadas da tenda onde estava sentada com as outras mulheres. Quase bufou quando Coiren, roliça e pomposa, entoou:

— Tal como foi acordado, assim será feito. — Que absurdo! Era uma reunião com selvagens, não um tratado entre a Torre e um governante, como as palavras sugeriam.

As Aiel não esboçavam outra reação, nenhuma expressão diferente de quando tinham chegado. Era um tanto surpreendente: reis e rainhas sempre traíam seus sentimentos mais íntimos quando encarados por duas ou três Aes Sedai, quem dirá meia dúzia, então esses selvagens deveriam estar tremendo visivelmente. Talvez

fosse melhor dizer que não esboçaram *quase* nenhuma reação: a líder — que se chamava Sevanna, mas apresentava-se com o nome seguido por alguma bobagem sobre “ramos”, “Aiel Shaido” e “sábica” — declarou:

— Está acordado, contanto que eu veja a cara dele. — A mulher era sisuda e usava a blusa com o cordão desamarrado para atrair os olhares dos homens. O fato de os Aiel terem escolhido aquela mulher para liderá-la era uma medida de como eram brutos. — Quero vê-lo, e quero que ele me veja quando for derrotado. Só assim essa sua Torre será aliada dos Shaido.

O toque de ansiedade na voz da Aiel fez Katherine suprimir um sorriso. Sábica? Aquela Sevanna era uma imbecil, isso sim. A Torre Branca não tinha aliados: havia os que serviam aos seus desígnios de bom grado e os que serviam de mau grado, nada mais.

Um leve franzido nos cantos da boca de Coiren denunciava sua irritação. A Cinza era boa negociadora, mas gostava das coisas em perfeita ordem, de que cada passo fosse dado exatamente como planejado.

— O seu serviço sem dúvida merece o preço que você pede.

Uma das Aiel grisalhas — Tarva, ou algo assim — estreitou os olhos, mas Sevanna assentiu, ouvindo o que Coiren queria que ela ouvisse.

A Cinza se levantou para escoltar as Aiel até o pé da colina, acompanhada de Erian, uma Verde, de Nesune, uma Marrom, e dos cinco Guardiões que somavam no total. Katherine avançou até a orla das árvores para observar. Na chegada, as Aiel tinham recebido permissão para subir sozinhas, como as suplicantes que eram, mas na volta recebiam todas as honrarias possíveis, para que acreditassem ser realmente amigas e aliadas. Katherine se perguntou se aquelas mulheres eram civilizadas o bastante para perceber as sutilezas.

Gawyn estava lá embaixo, sentado em uma pedra, encarando o gramado. O que aquele jovem pensaria se descobrisse que ele e seus garotos só estavam ali para permanecerem afastados de Tar Valon? Nem Elaida nem o Salão gostavam de ter à volta um grupinho de lobos que se recusavam a ser encoleirados. Talvez fosse possível persuadir os Shaido a eliminar o problema. Elaida sugerira a ideia. Dessa forma, a morte do rapaz não faria sua mãe se voltar contra a Torre.

— Se olhar por mais tempo para esse garoto, Katherine, vou começar a achar que você estaria melhor como Verde.

A Vermelha deixou entrever um breve lampejo de raiva e inclinou a cabeça respeitosamente.

— Eu estava só especulando sobre os pensamentos dele, Galina Sedai.

Era a demonstração máxima de respeito adequada a um lugar público como aquele, talvez até um tantinho a mais. Galina Casban aparentava no máximo quarenta anos, mas a mulher de rosto redondo tinha pelo menos o dobro da idade real de Katherine e fora líder da Ajah Vermelha por dezoito anos. Naturalmente, o fato não era conhecimento comum entre as irmãs de outras cores — tais coisas

diziam respeito apenas à Ajah. Galina sequer integrava o grupo de Votantes das Vermelhas no Salão da Torre, embora, pelas suspeitas de Katherine, as líderes da maioria das outras Ajahs integrassem. Elaida a teria nomeado líder da expedição em vez da presunçosa Coiren, mas a própria Galina apontara que uma Vermelha poderia despertar as suspeitas de Rand al'Thor. O Trono de Amyrlin deveria ser de todas as Ajahs e de nenhuma, renunciando à sua antiga lealdade, ainda assim, se Elaida prestava deferência a alguém — o que era discutível —, essa pessoa era Galina.

— Será que ele virá por vontade própria, como imagina Coiren? — indagou Katherine.

— Talvez — respondeu Galina, em um tom seco. — A honra que esta delegação dispensa a ele deveria ser suficiente para fazer um rei carregar o próprio trono até Tar Valon.

Katherine não se deu ao trabalho de assentir.

— Essa tal Sevanna vai matá-lo, se tiver a chance.

— Então ela não pode ter chance alguma. — A voz de Galina era fria, e a boca carnuda parecia rígida. — O Trono de Amyrlin não ficará satisfeito em ver seus planos interrompidos. E eu e você passaremos dias gritando no escuro, antes de morrer.

Endireitando o xale nos ombros, pensativa, Katherine estremeceu, pensativa. O ar estava empoeirado, era melhor levar o manto leve. O que as mataria não seria a raiva de Elaida, ainda que a fúria da Amyrlin pudesse ser terrível. Katherine era Aes Sedai havia dezessete anos, mas até a manhã da partida de Tar Valon não sabia que compartilhava com Galina mais do que a Ajah Vermelha. Integrava a Ajah Negra havia doze anos sem saber que Galina também fazia o mesmo, e havia muito mais tempo. Por necessidade, as irmãs Negras mantinham suas identidades em segredo, inclusive umas das outras. Os raros encontros ocorriam entre rostos encobertos e vozes disfarçadas. Antes de Galina, Katherine conhecera apenas três que seria capaz de reconhecer. As ordens eram deixadas em seu travesseiro ou nos bolsos do manto, escritas com uma tinta que desaparecia caso o papel fosse tocado por outra mão que não a sua. Havia um local secreto para entregar mensagens, com ordens expressas de não tentar ver quem vinha apanhá-las. Jamais desobedecera. Poderia haver irmãs Negras entre as que seguiriam no dia seguinte, mas ela não tinha como saber.

— Por quê? — perguntou.

As ordens de poupar o Dragão Renascido não faziam sentido, mesmo que ele fosse entregue nas mãos de Elaida.

— Perguntar é perigoso para alguém que jurou obedecer sem questionar.

Katherine estremeceu outra vez e quase não conseguiu conter uma mesura.

— Sim, Galina Sedai.

Mas não conseguia impedir a mente de repetir a pergunta. Por quê?

— Elas não demonstram respeito nem honra — resmungou Therava. — Nos deixam entrar em seu acampamento como se fôssemos cães desdentados, depois nos levam embora sob escolta, feito suspeitas de ladroagem.

Sevanna não olhava em volta. Não olharia até estar outra vez entre as árvores, em segurança. As Aes Sedai estariam atentas a sinais de nervosismo.

— Elas concordaram, Therava — respondeu. — Por ora, isso basta.

Por ora. Um dia, todas aquelas terras seriam saqueadas pelos Shaido. Incluindo a Torre Branca.

— Isso tudo está muito mal engendrado — interveio a terceira mulher, com a voz rígida. — As Sábias evitam as Aes Sedai, sempre foi assim. Talvez não haja problemas para você, Sevanna. Como viúva de Couladin e de Suladric, você fala como chefe de clã até mandarmos outro homem a Rhuidean. Mas o restante de nós não deveria tomar parte disso.

Sevanna mal conseguia se forçar a continuar avançando. Desaine fora contra sua elevação a Sábica, bradando em alto e bom som que ela não passara por nenhum aprendizado nem fora a Rhuidean uma única vez, clamando que seu posto como chefe de clã a tornava inapta. Além do mais, como viúva de não apenas um, mas dois chefes já mortos, talvez ela trouxesse mau agouro. Felizmente, um bom número das Sábias Shaido dera ouvidos a Sevanna, não a Desaine. Porém, *infelizmente*, havia gente demais dando ouvidos a Desaine para que fosse seguro fazê-la desaparecer. As Sábias supostamente eram invioláveis — até circulavam livres entre os Shaido e os imbecis traidores, lá em Cairhien —, mas Sevanna encontraria um jeito.

Como se infectada pelas dúvidas de Desaine, Therava começou a resmungar, em parte para si mesma:

— Mal engendrado é ficar contra as Aes Sedai. Nós as servíamos antes da Ruptura e falhamos. É por isso que fomos enviados à Terra da Trindade. Se falharmos outra vez, seremos destruídos.

Era nisso que todos acreditavam: era parte das histórias antigas, quase parte dos costumes. Sevanna não tinha tanta certeza. Aquelas Aes Sedai pareciam fracas e tolas aos seus olhos, viajando sob a escolta de umas poucas centenas de homens por terras onde os verdadeiros Aiel, os Shaido, poderiam atacá-los com milhares.

— Vejo o raiar de um novo dia — retrucou, ríspida, repetindo parte de um de seus discursos às Sábias. — Não estamos mais atados à Terra da Trindade. Qualquer olho pode ver que o que foi já mudou. Temos de mudar, ou acabaremos como se nunca tivéssemos sido. — Nunca revelara quanto pretendia mudar, claro. Se conseguisse o que queria, as Sábias dos Shaido jamais enviariam um homem a Rhuidean.

— Dia novo ou antigo — resmungou Desaine —, o que é que vamos fazer com

Rand al'Thor se conseguirmos tomá-lo das Aes Sedai? É melhor, e mais fácil, cravar uma faca em suas costelas durante a escolta delas para o norte.

Sevanna não respondeu. Ela não sabia o que responder. Não ainda. Só tinha a certeza de que, quando o chamado *Car'a'carn*, o chefe dos chefes de todos os Aiel, estivesse acorrentado diante de sua tenda feito um cão raivoso, aquela terra de fato pertenceria aos Shaido. E a ela. Tinha essa certeza antes mesmo de aquele estranho dar um jeito de encontrá-la nas montanhas que os aguacentos chamavam de Adaga do Fratricida. O sujeito lhe entregara um pequeno cubo feito de alguma pedra dura, com entalhes intrincados formando desenhos estranhos, e lhe dissera o que fazer com aquilo quando al'Thor caísse em suas mãos. Precisaria da ajuda de uma Sábia capaz de canalizar. Carregava o objeto no bolso do cinto o tempo todo, mas ainda não decidira o que fazer com aquilo. Apesar disso, ainda não contara a ninguém sobre o aguacento ou o cubo. Seguiu em frente de cabeça erguida, avançando sob do sol escaldante em um céu de outono.

* * *

O jardim do palácio poderia ter um resquício de frescor se houvesse qualquer árvore, mas a única sombra vinha das topiarias exóticas, em formatos de cavalos cavalgando, ursos acrobatas e coisas do tipo. Jardineiros em camisas de manga corriam apressados com baldes de água debaixo do sol escaldante da tarde, tentando salvar suas criações. Tinham desistido das flores, limpando todos os canteiros e padronizando-os com gramados também decadentes.

— Uma pena que o calor esteja tão forte — comentou Ailon. Ele puxou um lenço de renda da manga rendada do casaco de seda amarela e deu tapinhas delicados no rosto, depois jogou o lenço de lado. Um serviçal de uniforme vermelho e dourado logo apanhou o lenço do chão de cascalhos e desapareceu de volta no cenário. Outro homem uniformizado depositou um lenço limpo na mão do Rei, para que este o enfiasse na manga. Ailon não agradeceu, claro, sequer pareceu notar. — Esses camaradas em geral conseguem preservar tudo vivo até a primavera, mas talvez eu tenha algumas perdas neste inverno, já que está parecendo que não teremos inverno nenhum. As plantas toleram melhor o frio do que a estiagem. Você não acha que estão ótimas, minha querida?

Ailon, Ungido pela Luz, Rei e Defensor de Amadícia, Guardião do Portão Sul, não era tão bonito quanto diziam os rumores, porém logo que o conheceu, anos antes, Morgase suspeitara de que ele próprio talvez fosse a fonte de tais rumores. A cabeleira escura era farta e ondulada — e, mesmo assim, as entradas na testa já eram perceptíveis. O nariz era um pouco comprido demais, as orelhas um tantinho grandes. Todo o rosto sugeria uma vaga brandura. Um dia ela teria de perguntar:

esse Portão Sul dava para onde?

Abanando o leque de marfim entalhado, ela examinou uma das... composições dos jardineiros. Pareciam três mulheres nuas imensas em uma luta desesperada contra serpentes gigantes.

— São mesmo extraordinárias — respondeu. Uma pedinte dizia o que era necessário.

— Sim. Sim, não são? Ah, parece que os assuntos de Estado me chamam. Assuntos urgentes, eu receio. — Uma dúzia de homens, de casacos tão coloridos quanto as flores que já não cresciam naquele jardim, tinham despontado na escadinha de mármore no extremo oposto da calçada e aguardavam diante de uma dezena de colunas caneluradas que não serviam para sustentar coisa alguma. — Até a noite, minha querida. Conversaremos mais sobre os seus terríveis problemas e o que posso fazer a respeito.

Ele curvou-se diante da mão dela, parando a um passo de beijá-la, e Morgase respondeu com uma mesura suave, murmurando as frivolidades costumeiras. O homem foi embora depressa, seguido por todos, exceto um, do grupinho de serviçais que o acompanhava por toda parte.

Quando se viu sozinha, Morgase abanou o leque com mais força do que podia na presença daquele homem — Ailron fingia não ser afetado pelo calor, mesmo com o rosto empapado de suor — e seguiu de volta para seus aposentos. Seus por resignação mais que concordância, assim como o vestido azul-claro que tivera que aceitar como presente. Insistira na gola alta, apesar do calor: tinha uma opinião muito firme a respeito de decotes baixos.

O serviçal que ficara seguia atrás dela, a curta distância. E Tallanvor, claro, seguindo-a feito uma sombra, ainda insistindo em usar o grosseiro casaco verde que vestira na viagem até lá, de espada na cintura como se esperasse que ela fosse ser atacada no Palácio de Seranda, a menos de duas milhas de Amador. Morgase tentava ignorar o rapaz alto, mas, como de costume, ele se recusava a ser ignorado.

— Deveríamos ter ido para Ghealdan, Morgase. Para Jehannah.

Adiara certas coisas por tempo demais. Suas saias farfalharam quando ela deu meia-volta para confrontá-lo, e seus olhos se inflamaram.

— Na jornada, certas descrições se faziam necessárias, mas as pessoas à nossa volta sabem quem eu sou. Lembre-se disso você também e demonstre o devido respeito pela sua Rainha. De joelhos!

Para seu espanto, ele não se moveu.

— Você é a minha Rainha, Morgase? — Pelo menos Tallanvor teve a decência de baixar a voz para que o serviçal não ouvisse e espalhasse a fofoca, mas seus olhos... Morgase por pouco não recuou ao ver o desejo nítido contido neles. E a raiva. — Não vou deixá-la à própria sorte, Morgase, mas você deixou muita coisa para trás ao largar Andor nas mãos de Gaebril. Quando resolver isso, vou me ajoelhar aos seus pés, e pode até mandarem cortar minha cabeça, se for sua vontade, mas até lá...

Deveríamos ter ido para Ghealdan.

Aquele jovem tolo se mostrava disposto a morrer lutando contra o usurpador mesmo depois de Morgase perceber que nenhuma Casa em Andor a apoiaria, e dia após dia, semana após semana desde que ela concluía que sua única escolha era procurar ajuda no exterior, ele vinha ficando cada vez mais insolente e insubordinado. Poderia pedir a cabeça de Tallanvor a Ailon e recebê-la sem qualquer questionamento. No entanto, a ausência de questionamentos não significava ausência de pensamentos. Ela realmente era apenas uma suplicante ali e não podia se dar ao luxo de pedir um favor que não fosse absolutamente necessário. Além do mais, não estaria ali sem Tallanvor. Seria prisioneira — pior que prisioneira — de Lorde Gaebriel. Eram os únicos motivos pelos quais a cabeça de Tallanvor continuaria em seu pescoço.

Seu exército guardava as portas ornamentadas de seus aposentos. Basel Gill era um homem de bochechas rosadas, vaidoso, que usava os cabelos grisalhos penteados para trás para disfarçar a careca parcial. Seu colete de couro, cerzido com discos de aço, apertava com dificuldade a barriga, e ele levava uma espada que permanecera intocada por vinte anos até prendê-la no cinto para seguir sua rainha. Lamgwin era durão e corpulento, mas seus olhos de pálpebras pesadas lhe conferiam um aspecto sonolento. Ele também portava uma espada, mas as cicatrizes em seu rosto e no nariz, quebrado mais de uma vez, eram sinal de que estava mais acostumado a usar os punhos, ou um porrete. Um estalajadeiro e um brigão de rua. Fora Tallanvor, esse era o único exército de que dispunha até então para resgatar Andor e seu trono das mãos de Gaebriel.

Os homens se curvaram em mesuras desajeitadas, mas ela passou direto por entre os dois e bateu a porta na cara de Tallanvor.

— O mundo — declarou, em um rosnado — seria muito melhor sem os homens.

— E mais vazio, sem dúvida — completou a antiga ama de Morgase, na antessala, sentada em sua cadeira ao lado de uma janela coberta com cortinas de veludo. O coque grisalho de Lini se balançava de um lado a outro enquanto ela mantinha a cabeça inclinada por sobre o aro de bordado. Uma mulher muito magra, mas nem de longe tão frágil quanto aparentava. — Imagino que Ailon esteja igualmente pouco acessível hoje? Ou foi Tallanvor, minha criança? Você precisa aprender a não deixar os homens estragarem o seu humor. Essa irritação deixa seu rosto todo manchado.

Lini ainda não admitia que não era mais ama, apesar de já ter sido ama da filha de Morgase.

— Ailon foi fantástico — respondeu Morgase, com prudência. A terceira mulher no recinto fungou alto. Estivera ajoelhada, apanhando roupas de cama dobradas de dentro de um baú, e Morgase teve que fazer um esforço para não olhar feito para ela. Breane era... companheira de Lamgwin. A baixinha bronzeada de sol estava sempre atrás dele, mas era cairhiena e deixava bem claro que Morgase não era sua rainha. — Mais um ou dois dias — prosseguiu —, e acho que consigo que ele se comprometa.

Hoje ele finalmente admitiu que preciso de soldados de fora para recuperar Caemlyn. Quando Gaebriel for expulso de lá, os nobres virão outra vez a mim.

Esperava que sim: estava em Amadícia por ter se deixado cegar por Gaebriel, por ter destratado até seus amigos mais antigos entre as Casas só para seguir ordens dele.

— “Um cavalo lento nem sempre chega ao fim da viagem” — citou Lini, ainda concentrada no bordado. Gostava muito de ditados antigos, e Morgase suspeitava de que ela inventasse alguns conforme a demanda.

— Este vai — insistiu. Tallanvor estava errado em relação a Ghealdan: segundo Ailon, a nação estava à beira da anarquia por conta do Profeta a respeito de quem todos os serviçais andavam cochichando, o sujeito que pregava o Renascimento do Dragão. — Gostaria de um pouco de ponche, Breane. — A mulher só a encarou, e ela acrescentou: — Por gentileza.

Ainda assim, o copo foi servido com uma cara emburrada.

A mistura de vinho e sucos de frutas estava gelada e refrescante naquele calor, e Morgase apreciou o toque do cálice de prata contra a própria testa. Ailon mandara trazer neve e gelo das Montanhas da Névoa, embora fosse necessário um fluxo quase incessante de carroções a fim de prover o suficiente para o palácio.

Lini também apanhou um cálice.

— Quanto a Tallanvor — começou, depois de um golinho.

— Deixe quieto, Lini! — vociferou Morgase.

— E daí que ele é mais novo? — começou Breane. Também servira ponche para si. Tamanha afronta! A função dela era de serviçal, fosse lá o que tivesse sido em Cairhien. — Se quer o homem, agarre-o de uma vez. Lamgwin diz que o sujeito está jurado a você, e já vi o jeito como ele a olha. — Ela soltou uma risada rouca. — Duvido que recuse. — Os cairhienos eram nojentos, mas pelo menos a maioria encobria os costumes libertinos apropriadamente.

Morgase estava prestes a expulsar a mulher do quarto quando ouviu uma batida na porta. Sem aguardar permissão, um homem de cabelos brancos, todo magro e musculoso, adentrou o recinto. Seu manto branco como a neve trazia o brasão de um sol dourado e flamejante no peitoral. Torcera para conseguir evitar os Mantos-brancos até selar um acordo sólido com Ailon. O vinho fresco de súbito congelou seus ossos. Onde estavam Tallanvor e os outros? Como tinham permitido que o homem adentrasse seus aposentos daquele jeito?

Com os olhos escuros cravados nela, o sujeito dispensou uma medida ínfima. Tinha o rosto envelhecido e a pele repuxada, mas era fraco como um martelo sem dono.

— Morgase de Andor? — perguntou, com a voz firme e profunda. — Sou Pedron Niall. — Não era um Manto-branco qualquer, mas o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz em pessoa. — Não tema. Não vim para prender a senhora.

Morgase se aprumou.

— Me prender? Sob que acusação? Eu não sei canalizar.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela quase estalou a língua, de tão exasperada. Não deveria ter mencionado a canalização. O fato de ter se colocado na defensiva era prova de como estava nervosa. O que dissera era verdade, pelo menos em grande medida. Cinquenta tentativas de sentir a Fonte Verdadeira resultaram em apenas um sucesso, e precisara de mais vinte tentativas de se abrir a *saidar* até conseguir um único fiozinho. Uma irmã Marrom chamada Verin lhe dissera que havia pouquíssima necessidade de ela permanecer na Torre até aprender a manejar a habilidade ínfima com segurança. Mesmo assim, naturalmente, a Torre a fez ficar. Mas até aquela capacidade de canalizar diminuta era proibida em Amadícia, sujeita a pena de morte. O anel da Grande Serpente em sua mão, joia que tanto fascinara Ailon, agora reluzia de tão quente.

— Mas foi treinada na Torre — murmurou Niall. — Isso também é proibido. Porém, como eu disse, não vim para prendê-la, mas para ajudá-la. Dispense suas mulheres para podermos conversar. — Ele ficou à vontade, ocupando uma poltrona alta acolchoada e dobrando o manto no encosto. — Mas, antes que elas saiam, vou querer um pouco desse ponche. — Para desgosto de Morgase, Breane imediatamente levou um cálice ao homem, mantendo os olhos baixos e o rosto inexpressivo feito uma tábua.

Ela se esforçou para recobrar o controle.

— Elas ficam, Mestre Niall. — Não daria ao homem a satisfação de chamá-lo pelo título. A desfeita não parecia intimidá-lo. — O que aconteceu com os meus homens ali fora? Não vou deixar passar se estiverem feridos. E o que o faz pensar que eu preciso da sua ajuda?

— Seus homens não estão feridos — respondeu Niall, desdenhoso, ainda bebendo. — Acha que Ailon vai dar o que a senhora precisa? A senhora é uma bela mulher, Morgase, e Ailon aprecia as damas de cabelos da cor do sol. A cada dia, vai se aproximar mais desse acordo que a senhora busca, mas sem nunca fechá-lo, até a senhora concluir que, talvez, com... algum sacrifício, ele acabe cedendo. Mas isso não vai acontecer, não importa o que dê a ele. A turba desse suposto Profeta está devastando o norte de Amadícia. A oeste está Tarabon, com uma guerra civil de muitos lados, mercenários jurados ao tal Dragão Renascido e rumores de Aes Sedai e do próprio falso Dragão apavorando Ailon. Fornecer soldados à senhora? Se ele conseguisse dez homens para cada um que tem de prontidão agora, ou até para cada dois, venderia a própria alma. Mas eu posso enviar cinco mil Filhos montados a Caemlyn, com a senhora no comando. Basta pedir.

Dizer que Morgase estava atônita teria sido pouco. Ela foi até uma cadeira oposta ao sujeito, mantendo a imponência apropriada, e sentou-se antes que as pernas cedessem.

— Por que o senhor iria querer me ajudar a expulsar Gaebril? — inquiriu. O sujeito obviamente sabia de tudo, sem dúvida possuía espiões entre os serviços de Ailon. — Nunca dei aos Mantos-brancos a liberdade que desejavam em Andor.

Dessa vez, Niall fez uma careta. Os Mantos-brancos não gostavam dessa alcunha.

— Gaebril? Seu amante está morto, Morgase. O falso Dragão Rand al'Thor somou Caemlyn às suas conquistas.

Lini emitiu um gemido fraco, como se tivesse se furado, mas o homem manteve os olhos em Morgase.

A rainha, por sua vez, precisou agarrar o braço da cadeira para não apertar a mão no estômago. Se a outra mão não tivesse apoiado o cálice no braço da cadeira, ela teria derrubado ponche no carpete. Gaebril, morto? O sujeito tirara vantagem dela, fizera dela sua amante, usurpara sua autoridade, oprimira a nação em seu nome e, por fim, nomeara a si mesmo Rei de Andor, que nunca tivera um rei. Como, depois de tudo isso, ela poderia lamentar por jamais poder sentir suas mãos outra vez? Era loucura. Se não soubesse que era impossível, pensaria que ele tinha dado um jeito de usar o Poder Único nela.

Mas al'Thor estava de posse de Caemlyn? Isso podia mudar tudo. Ela o encontrara uma vez, um jovem camponês assustado, vindo do oeste, tentando de tudo para dispensar o respeito adequado à sua rainha. Mas era um jovem portando a espada de um mestre, com a marca da garça. E Elaida o tratara com cautela.

— Por que o chama de falso Dragão, Niall? — Se o sujeito pretendia chamá-la pelo nome, poderia passar até mesmo sem a alcunha de “mestre” destinada aos camponeses. — A Pedra de Tear caiu, como afirmavam as Profecias do Dragão. Os próprios Grão-senhores de Tear o proclamaram Dragão Renascido.

Niall estampava um sorriso debochado.

— Em todos os lugares onde ele apareceu havia Aes Sedai. Elas canalizam para ele, pode apostar. O garoto é só uma marionete da Torre. Tenho amigos em muitos lugares — eram espiões, a bem da verdade —, e eles me informaram que há provas de que a Torre fez a mesma armação com Logain, o último falso Dragão. Talvez ele tenha ficado muito cheio de si, e as Aes Sedai tenham precisado dar um fim nele.

— Não há prova disso. — Morgase ficou satisfeita com a firmeza da própria voz. Ouvira os rumores sobre Logain a caminho de Amador. Mas eram só rumores.

O homem deu de ombros.

— Acredite no que quiser, mas eu prefiro a verdade a fantasias bobas. Será que o verdadeiro Dragão Renascido faria o que ele fez? Os Grão-senhores o proclamaram, não foi o que a senhora disse? Quantos ele enforcou antes de os outros se curvarem? Ele deixou os Aiel saquearem a Pedra e toda a Cairhien. Afirma que Cairhien deve ter um novo governante, nomeado por ele, mas o único poder de verdade por lá é ele mesmo. E, além do mais, diz que haverá um novo governante em Caemlyn. A senhora está morta, sabia disso? Acho que estão falando em Lady Dyelin. Ele se sentou no Trono do Leão e realizou audiências, mas imagino que o assento seja muito pequeno, por ser destinado a mulheres. Ele o ergueu como troféu de sua conquista no Grande Salão do seu Palácio Real e o substituiu por um trono próprio. Mas nem tudo foram flores para ele, claro. Algumas Casas andorianas acham que ele

matou a senhora. Agora que a senhora está morta, começou a despertar compaixão. Só que ele controla tudo em Andor com punhos de ferro, com uma horda de Aiel e um exército de rufiões das Terras da Fronteira recrutados pela própria Torre. Mas, se a senhora está pensando que ele vai recebê-la de volta em Caemlyn e lhe devolver o trono...

Niall foi baixando a voz, mas a torrente de palavras atingira Morgase feito pedras. Dyelin só seria a próxima na sucessão se Elayne morresse sem ter filhos. Ah, Luz, Elayne! Será que ela ainda estava segura na Torre? Era estranho pensar na antipatia que nutrira pelas Aes Sedai — em grande parte por terem perdido Elayne durante um tempo — e que ela exigira o retorno da filha, sendo que ninguém *exigia* nada da Torre, porém agora esperava que estivessem mantendo sua filha na rédea curta. Lembrou-se de uma carta enviada por Elayne depois de retornar a Tar Valon. Teria havido outras? Muitos acontecimentos do período em que Gaebriel a mantivera cativa eram vagos. Sem dúvida Elayne estava segura. Ela também deveria estar preocupada com Gawyn e Galad — sabia lá a Luz onde os dois estavam —, mas Elayne era sua herdeira. A paz em Andor dependia de uma sucessão tranquila.

Precisava pensar bem no assunto. Tudo fazia sentido, mas as mentiras bem engendradas sempre faziam sentido, e aquele homem era um mestre nessa arte. Precisava de fatos. Não era surpresa que Andor acreditasse em sua morte: tivera de sair do próprio reino às escondidas, para evitar Gaebriel e os que poderiam entregá-la a ele ou fazê-la pagar pelas injustiças que ele cometera. Se disso restasse alguma compaixão, poderia aproveitá-la quando se reerguesse dos mortos. Fatos.

— Precisarei de tempo para pensar — declarou.

— Mas é claro. — Niall levantou-se devagar. A própria Morgase teria se levantado, para que ele não ficasse mais alto, mas não sabia se as pernas aguentariam. — Volto daqui a um ou dois dias. Enquanto isso, quero garantir sua segurança. Ailron está tão ocupado com os próprios problemas que não há como afirmar quem poderia entrar sorrateiro, talvez com más intenções. Tomei a liberdade de postar alguns dos Filhos de vigia aqui. Com o consentimento de Ailron.

Morgase sempre ouvira dizer que os Mantos-brancos eram o verdadeiro poder em Amadícia e tinha certeza de que acabara de comprovar isso.

Niall foi um tantinho mais formal na partida do que na chegada, fazendo uma mesura que serviria a um de seus iguais. De um jeito ou de outro, deixava entrever que ela não tinha escolha.

Morgase se levantou assim que o sujeito foi embora, mas Breane disparou em direção às portas ainda mais depressa. Porém, antes que as duas conseguissem dar três passos, uma das portas se abriu, e Tallanvor e os outros dois irromperam no aposento.

— Morgase — chamou ele, em um arquejo, tentando sorvê-la com os olhos. — Achei que...

— Achou? — indagou a rainha, com desdém. Era demais! Ele não aprendia. — É

assim que você me protege? Um garoto faria melhor! Pensando bem, isso foi mesmo obra de um garoto.

Tallanvor sustentou aquele olhar abrasador por mais um instante, então deu meia-volta e saiu, abrindo caminho por Basel e Lamgwin.

O estalajadeiro permaneceu parado, apertando as mãos nervosamente.

— Eram pelo menos trinta, minha Rainha. Tallanvor teria lutado... Ele tentou gritar, avisar a senhora, mas deram nele com o cabo de uma espada. O mais velho disse que não pretendiam machucar a senhora, mas que queriam tratar unicamente com a senhora, e se fosse necessário nos matar... — Olhou para Lini, depois Breane, que estudava Lamgwin de cima a baixo em busca de ferimentos. O sujeito também parecia bastante preocupado com a esposa. — Minha Rainha, se eu imaginasse que seríamos de alguma serventia... eu sinto muito. Decepcionei a senhora.

— “O remédio que cura é sempre amargo” — murmurou Lini. — Ainda mais para uma criança com ataques de birra.

Pelo menos desta vez a mulher não usara um tom que todo o cômodo fosse capaz de ouvir. E estava certa. Morgase sabia bem disso. Menos em relação ao ataque, claro. Basel, de tão arrasado, já parecia a ponto de aceitar de bom grado a decapitação.

— O senhor não me decepcionou, Mestre Gill. Pode ser que um dia eu venha a pedir que o senhor morra por mim, mas só quando sua morte resultar em um bem maior. Niall só queria conversar. — Basel se aprumou no mesmo instante, mas Morgase sentiu o peso do olhar de Lini sobre si. Muito amargo. — O senhor peça a Tallanvor que venha aqui. Eu... quero me desculpar pelas palavras impetuosas.

— A melhor maneira de se desculpar com um homem — interveio Breane — é levá-lo para um canto isolado do jardim.

Morgase teve um estalo. Antes de se dar conta do que fazia, já tinha arremessado o cálice na mulher, espalhando ponche pelo carpete.

— Saia daqui! — ganiu. — Todos vocês, saiam! O senhor pode levar o meu pedido de desculpas a Tallanvor, Mestre Gill.

Breane limpou o ponche do vestido com toda a calma, depois andou devagar até Lamgwin e deu o braço a ele. Basel saiu quase tropeçando ao tentar conduzi-los para fora.

Para surpresa de Morgase, Lini também saiu. Não era de seu feitio, o mais provável era que a antiga ama ficasse e lhe passasse o velho sermão, como se Morgase ainda tivesse dez anos. Não sabia por que aguentava aquilo. No entanto, quase pediu que a mulher ficasse. Mas logo todos saíram, a porta foi fechada... e ela tinha questões mais importantes com que se preocupar do que os sentimentos feridos de Lini.

Andou em círculos pelo carpete, tentando pensar. Ailron exigiria concessões nos negócios — e talvez o “sacrifício” de Niall — pela ajuda. Estava disposta a fazer as concessões, mas temia que Niall estivesse certo em relação à quantidade de soldados

que o outro dispensaria. De certa forma, seria mais fácil ceder às demandas do Senhor Capitão Comandante. O homem decerto pediria livre acesso a Andor a todos os Mantos-brancos. E autonomia para eliminar os Amigos das Trevas que encontrassem em cada desvão, para incitar motins contra mulheres desamparadas acusadas de serem Aes Sedai, para matar as verdadeiras Aes Sedai. Niall poderia até exigir uma lei contra a canalização, contra a ida de mulheres à Torre Branca.

Seria possível — ainda que difícil e sangrento — expulsar os Mantos-brancos quando eles já tivessem estabelecidos, mas havia mesmo a necessidade de abrir as portas para eles, para começo de conversa? Rand al'Thor era o Dragão Renascido, tinha certeza disso, independentemente do que Niall dissesse. Tinha quase certeza. Porém, pelo que sabia, governar nações não era parte das Profecias do Dragão. Dragão Renascido ou falso Dragão, ele não poderia ter posse de Andor. Mas como ela poderia saber?

Um tímido roçar na porta a trouxe de volta a si.

— Entre — declarou, com rispidez.

A porta se abriu lentamente, e entrou um jovem de sorriso largo, vestido em um uniforme vermelho e dourado e trazendo uma bandeja com uma jarra de prata cheia de ponche gelado, já com gotículas formadas pela umidade. Estava esperando Tallanvor. Lamgwin montava guarda sozinho no corredor, pelo que ela podia ver. Ou pelo menos descansava, recostado na parede feito um segurança de taverna. Ela gesticulou, indicando ao jovem onde deixar a bandeja.

Irritada — Tallanvor deveria ter vindo, ah se deveria! —, voltou a andar em círculos. Basel e Lamgwin podiam partir para a aldeia mais próxima em busca de boatos, mas seriam apenas boatos, e talvez plantados por Niall. O mesmo valia para os serviços do palácio.

— Minha Rainha. Posso falar, minha Rainha?

Morgase se virou, estupefata. O sotaque era de Andor. O jovem estava ajoelhado, o sorriso largo oscilando entre a dúvida e a arrogância. Talvez tivesse sido belo, mas o nariz quebrado fora mal corrigido. Em Lamgwin o traço parecia rústico, ainda que grosseiro, já naquele camarada... parecia que o sujeito tinha tropeçado e caído de cara no chão.

— Quem é você? — inquiriu. — Como entrou aqui?

— Sou Paitr Conel, minha Rainha. Venho de Mercado de Sheran. Em Andor — acrescentou, como se ela pudesse não se dar conta disso.

Impaciente, Morgase fez um gesto para que o rapaz prosseguisse.

— Vim para Amador com meu tio, Jen — explicou o recém-chegado. Ele é mercador em Quatro Reis, e veio atrás de tinturas tarabonianas. Elas estão caras, com todos esses problemas em Tarabon, mas ele achou que pudesse encontrar um preço melhor... — Morgase estreitou os lábios, e o sujeito logo continuou: — Ouvimos falar da senhora, minha Rainha, que a senhora estava aqui no palácio. E tem essa leiaqui de Amadícia, e com a senhora tendo sido treinada na Torre Branca

e tudo o mais... Pensamos que poderíamos ajudar... — O rapaz engoliu em seco e concluiu, com uma vozinha fraca: — Ajudar a senhora a fugir.

— E vocês estão preparados para me ajudar... a fugir?

Não era o melhor plano, mas ela poderia cavalgar rumo ao norte até Ghealdan. Tallanvor ficaria exultante. Não, não ficaria, e isso seria pior.

Paitr, porém, balançou a cabeça cheio de pesar.

— Tio Jen tinha um plano, mas agora há Mantos-brancos em todo o palácio. Eu não sabia o que fazer além de vir falar com a senhora, que foi o que ele mandou. Tio Jen vai pensar em outra coisa, minha Rainha. Ele é esperto.

— Eu tenho certeza disso — murmurou Morgase. Então a ideia de ir a Ghealdan voltou a esmaecer. — Há quanto tempo você saiu de Andor? Um mês? Dois? — O rapaz aquiesceu. — Então não sabe o que está acontecendo em Caemlyn. — Ela deu um suspiro.

O jovem lambeu os lábios.

— Eu... estamos hospedados em Amador, com um homem que tem pombos. Um mercador. Ele recebe mensagens de todos os cantos. De Caemlyn também. Mas só ouço más notícias, minha Rainha. Pode levar um dia ou dois, mas o tio vai achar outra saída. Só queria que a senhora soubesse que tem ajuda por perto.

Bem, as coisas seriam desse jeito, afinal. Uma disputa entre Pedron Niall e esse tal de Jen, tio de Paitr. Desejou não ter tanta certeza quanto em quem apostar.

— Enquanto isso, pode me contar quanto as coisas estão ruins em Caemlyn.

— Minha Rainha, eu fui mandado aqui apenas para informar a senhora a respeito da ajuda. Meu tio vai ficar brabo se eu ficar...

— Eu *sou* a sua Rainha, Paitr — retrucou Morgase, com firmeza —, e também do seu tio Jen. Ele não vai se incomodar se você responder às minhas perguntas. — Paitr parecia prestes a sair em disparada, mas ela se acomodou em uma cadeira e se preparou para esgravatar a verdade.

* * *

Pedron Niall sentia-se bastante satisfeito ao descer de sua montaria no pátio principal da Fortaleza da Luz e jogar as rédeas para um cavaleiro. Morgase estava sob controle, e ele não precisara mentir nenhuma vez. Não gostava de mentir. Criara sua própria interpretação dos acontecimentos, mas tinha certeza de tudo. Rand al'Thor era um falso Dragão, um instrumento da Torre. O mundo estava cheio de idiotas incapazes de pensar. A Última Batalha não seria um duelo titânico entre o Tenebroso e um Dragão Renascido, um homem comum. O Criador abandonara a humanidade à própria sorte havia muito tempo. Não... quando Tarmon Gai'don chegasse, seria como nas Guerras dos Trollocs, mais de dois mil anos antes, quando

hordas de Trollocs e outras Crias da Sombra emergiram da Grande Praga, arruinaram as Terras da Fronteira e quase afogaram toda a humanidade em um mar de sangue. Não pretendia deixar a humanidade enfrentar isso cindida e despreparada.

Uma onda de medidas de Filhos vestidos em mantos brancos o acompanhou pelos corredores de paredes de pedra da Fortaleza ao longo de todo o trajeto até sua sala de audiências particular. Na antessala, Balwer, o secretário de rosto rígido, pôs-se de pé de um salto e começou a enumerar os papéis que aguardavam a assinatura do Senhor Capitão, mas Niall focou a atenção no homem alto que se levantava, sossegado, de uma das cadeiras encostadas na parede — tinha um cajado carmesim de pastor por trás do sol dourado no manto e três nós dourados de graduação abaixo do bordado.

Jaichim Carridin, Inquisidor da Mão da Luz, tinha o aspecto severo de sempre, porém com mais cabelos grisalhos nas têmporas do que da última vez que Niall o vira. Os olhos escuros e fundos guardavam um toque de preocupação, e não era de se admirar. As duas últimas missões que lhe foram outorgadas terminaram em desastres, o que era nada auspicioso para um homem com aspirações de tornar-se Grão-inquisidor, talvez até Senhor Capitão Comandante.

Niall largou o manto com Balwer e fez um gesto para que Carridin o acompanhasse até a sala de audiências propriamente dita, onde as paredes de madeira escura exibiam estandartes de batalha capturados de antigos inimigos como troféus, e o chão era adornado por um sol imenso feito com uma quantidade de ouro capaz de embasbacar a maioria dos homens. No mais, era um aposento simples e estoico, reflexo do próprio Niall. O Senhor Capitão Comandante sentou-se em uma cadeira de espaldar alto bem trabalhada, mas sem ornamentos. As duas compridas lareiras idênticas, uma em cada extremo do aposento, jaziam frias e limpas naquela época do ano em que deveriam abrigar fogueiras. Prova suficiente de que a Última Batalha estava próxima. Carridin dispensou uma medida profunda e ajoelhou-se sobre o raio de sol, já gasto por tantos séculos de receber pés e joelhos.

— Você se perguntou por que mandei buscá-lo, Carridin?

Depois dos acontecimentos na Planície de Almoth e Falme, depois de Tanchico, não haveria como recriminar o homem se ele estivesse pensando que seria preso. Porém, se suspeitava da possibilidade, não deixava entrever na voz. Como de costume, não se absteve de mostrar que sabia mais do que qualquer um. Decerto mais do que deveria.

— As Aes Sedai em Altara, meu Senhor Capitão Comandante. A chance de eliminar metade das bruxas de Tar Valon, bem aqui em nossa porta.

Um exagero. Havia um terço delas em Salidar, se tanto, porém não mais do que isso.

— E por acaso se perguntou em voz alta, com seus amigos?

Niall duvidava de que Carridin tivesse algum amigo, mas havia uns sujeitos com quem ele bebia. Com quem se embebedava, nos últimos tempos. O homem era dotado de algumas habilidades, no entanto. Habilidades úteis.

— Não, meu Senhor Capitão Comandante. Eu não cairia em tamanha esparrela.

— Bom — respondeu Niall. — Porque você não vai chegar nem perto dessa Salidar, e nem qualquer outro Filho.

Não soube dizer se foi um lampejo de alívio que o rosto de Carridin estampou por uns instantes. Se foi, era um comportamento destoante: o homem jamais demonstrara falta de coragem. E alívio, sem dúvida, não era a reação mais adequada.

— Mas elas estão ali pedindo para ser atacadas. Essa é a prova de que os boatos são verdadeiros, de que a Torre está dividida. Conseguiremos destruir esse bando sem que as outras ergam a mão. A Torre vai se enfraquecer a ponto de sucumbir.

— Acha mesmo? — perguntou Niall, secamente. Entrelaçou os dedos diante do corpo e manteve o tom de voz suave. Os Questionadores... a Mão desprezava essa alcunha, mas até ele a empregava. Os Questionadores nunca viam o que não estivesse bem diante do próprio nariz. — Nem a Torre pode apoiar abertamente esse falso Dragão al'Thor. E se ele se rebelar, como Logain? Agora... um grupo de insurgentes? Elas sim podem apoiá-lo, e haja o que houver a Torre Branca não sujará as saias. — Tinha certeza de que era isso que estava acontecendo. Caso não fosse, havia meios de usar qualquer desunião real para enfraquecer mais a Torre. Ainda assim, acreditava estar certo. — Em todo caso, o que o mundo vê é o que importa. Não deixarei que vejam apenas uma luta entre os Filhos e a Torre. — Precisava que o mundo enxergasse a verdadeira face da Torre: um antro de Amigas das Trevas se metendo com forças que deveriam se manter intocadas pela humanidade, as responsáveis pela Ruptura do Mundo. — Esta é uma luta do mundo contra o falso Dragão al'Thor.

— Então, se não vou para Altara, meu Senhor Capitão Comandante, que ordens tem para mim?

Niall jogou a cabeça para trás com um suspiro. Sentia um cansaço súbito. Sentia todo o peso de sua idade, e ainda mais.

— Ah, Carridin, você vai para Altara.

Niall conhecia o nome e o rosto de Rand al'Thor desde pouco depois da suposta invasão marítima de Falme, uma conspiração das Aes Sedai que custara mil homens aos Filhos e espalhara o caos e os Devotos do Dragão por Tarabon e Arad Doman. Na época, ficara sabendo quem era al'Thor e acreditara poder usá-lo para forçar a união das nações. Depois de unidas, com o Falso Dragão sob sua liderança, teria sido possível eliminar al'Thor e preparar-se para as hordas de Trollocs. Enviara emissários a cada governante de cada terra para alertá-los do perigo. Mas al'Thor conseguia ser ainda mais ligeiro do que ele imaginara, ainda era difícil acreditar. A ideia era deixar o leão raivoso rugindo pelas ruas por tempo o bastante para assustar todos, mas o leão se agigantara e ficara mais veloz do que um raio.

No entanto, nem tudo estava perdido, precisava sempre se lembrar disso. Mais de mil anos antes, Guaire Amalasan se declarara Dragão Renascido, um falso Dragão capaz de canalizar. Amalasan conquistara mais terras do que al'Thor possuía no

momento, até que um jovem rei de nome Artur Paendrag Tanreall enfrentou-o em uma batalha e deu início à escalada de seu próprio império. Niall não se considerava um novo Artur Asa-de-gavião, mas era o que o mundo dispunha. E, enquanto estivesse vivo, não desistiria.

Já iniciara o contra-ataque à crescente força de al'Thor. Além dos emissários aos governantes, enviara homens a Tarabon e Arad Doman. Poucos, mas com a missão de encontrar as pessoas certas e sussurrar em seus ouvidos que todos os seus problemas eram culpa dos Devotos do Dragão, os tolos e Amigos das Trevas que haviam declarado apoio a al'Thor. E da Torre Branca. Já chegavam bastantes rumores de Tarabon a respeito do envolvimento de Aes Sedai na briga, rumores que serviam de preparação para a verdade. Era hora de dar o próximo passo naquele novo plano, para indicar que lado escolher aos que se mantinham em cima do muro. Tempo. Tinha tão pouco tempo. Mesmo assim, era impossível não sorrir. Certos homens, já mortos, um dia haviam declarado: “Quando Niall abre um sorriso, está mirando sua jugular.”

— Altara e Murandy estão prestes a ser assolados por uma praga de Devotos do Dragão — disse a Carridin.

* * *

O aposento parecia o salão de estar de um palácio — teto abobadado em reboco trabalhado, carpetes com tramas delicadas no piso de azulejos brancos, painéis com entalhes elaborados nas paredes —, embora estivesse longe de ser um palácio. Na verdade, estava longe de qualquer lugar capaz de ser compreendido pela mente humana. O vestido de seda bronze de Mesaana farfalhava enquanto ela circundava uma mesa marchetada de lápis-lazúli, entretida na montagem de uma complexa torre de dominós de marfim, na qual cada nível era maior que o inferior. Orgulhava-se de realizar o feito unicamente com seus conhecimentos de tensão e alavancagem, sem usar um fio sequer de Poder. A torre já tinha nove andares.

A verdade era que, mais do que entretida, Mesaana estava evitando conversar com sua companhia. Semirhage costurava, sentada em uma cadeira de espaldar alto revestida em tapeçaria vermelha, os dedos compridos e magros trabalhando com destreza os pontos minúsculos do padrão intrincado de flores diminutas. Era sempre surpreendente lembrar que a outra mulher apreciava uma atividade tão... comum. O vestido preto criava um forte contraste com a cadeira. Nem Demandred tinha a ousadia de insinuar a Semirhage que ela só usava preto com tanta frequência porque Lanfear usava branco.

Pela milésima vez, Mesaana tentou analisar a razão do desconforto que sentia perto da outra. Conhecia as próprias forças e fraquezas, tanto em relação ao Poder

Único quanto em outros aspectos. Igualava-se a Semirhage na maioria dos pontos, e, nos que não se igualava, tinha outras forças para contrapor às fraquezas da mulher de preto. Não era isso. Semirhage se deleitava com a crueldade, tinha prazer em causar sofrimento, mas decerto não era essa a questão. Mesaana sabia ser cruel quando necessário, além de não se importar com o que Semirhage fazia com os outros. Tinha de haver uma razão, mas não conseguia descobrir qual.

Irritada, posicionou outra peça de dominó, e a torre desmoronou com um estrondo, despejando os quadradinhos de marfim pelo chão. Estalando a língua, Mesaana deu as costas para a mesa e cruzou os braços.

— Onde está Demandred? Faz dezessete dias que ele foi para Shayol Ghul, mas esperou até agora para nos informar de uma mensagem e ainda por cima não apareceu. — Durante aquele período, ela mesma fora duas vezes ao Poço da Perdição e fizera aquela caminhada inquietante, com os dentes de pedra a lhe roçar os cabelos. E só encontrou um Myrddraal estranho, alto demais e que se recusava a falar. Encontrara a Fenda lá, claro, mas o Grande Senhor não respondera. Não permaneceu por muito tempo nenhuma das vezes. Sempre acreditara ser imune ao medo, pelo menos ao suscitado pelo olhar de um Meio-homem, mas, nas duas vezes, o olhar sem olhos do Myrddraal a mandara embora a passos ligeiros, e apenas seu forte autocontrole evitou que saísse em disparada. Se a canalização naquele local não fosse uma via de morte certa, teria destruído o Meio-homem ou Viajado para fora do Poço. — Onde é que ele está?

Semirhage desviou a atenção da costura, erguendo sem piscar os olhos escuros cravados no rosto escuro e plácido, então deixou o trabalho de lado e levantou-se com graça.

— Ele vai chegar quando chegar — respondeu, calma. Era sempre calma e sempre graciosa. — Se não quiser esperar, vá embora.

Sem perceber, Mesaana ergueu-se um tantinho nas pontas dos pés, mas ainda assim precisou olhar para cima. Semirhage era mais alta que a maioria dos homens, mas tinha proporções tão perfeitas que só se podia notar sua altura quando a mulher se erguia, encarando os outros de cima.

— Embora? Eu *vou* embora. E ele pode...

Não houve qualquer aviso, naturalmente. Nunca havia aviso quando um homem canalizava. Uma linha brilhante e vertical surgiu no ar, depois se expandiu e girou para o lado, formando um portão com largura suficiente para permitir a entrada de Demandred. Ao chegar, ele dispensou a cada mulher uma pequena medida. Trajava vestes cinza-escuro, com uma renda clara no pescoço. Demandred tinha facilidade para acompanhar a moda e os tecidos daquela Era.

Seu perfil de nariz aquilino era bastante bonito, embora não fosse propriamente o tipo que fazia disparar o coração de uma mulher. De certa forma, “quase” e “não propriamente” eram palavras que haviam permeado a vida de Demandred. O Abandonado tivera a infelicidade de nascer no dia seguinte a Lews Therin Telamon,

que se tornaria o Dragão, enquanto BaridBel Medar, seu nome da época, passaria anos quase conseguindo realizar os feitos de Lews Therin, mas sem propriamente conquistar a mesma fama. Se Lews Therin não existisse, Barid teria sido o homem mais aclamado de sua Era. Será que estaria ali naquele momento, caso tivesse sido conclamado líder no lugar daquele homem, que ele considerava intelectualmente inferior, além de um idiota demasiado cauteloso e provido de muita sorte? Bem, *isso* era especulação, embora Mesaana já tivesse especulado antes. Não, o importante era que Demandred desprezava o Dragão e, depois que o Dragão Renascera, esse desprezo fora transferido para o novo Dragão.

— Por quê...?

Demandred ergueu uma das mãos.

— Vamos aguardar a presença de todos, Mesaana, para eu não ter que me repetir.

Mesaana sentiu uma pontada minúscula de *saidar* um instante antes de surgir uma linha cintilante que se abriu em um portão. Graendal adentrou, pela primeira vez sem a companhia de seus serviçais seminus, e deixou a passagem desaparecer tão depressa como a de Demandred. Era uma mulher curvilínea, com cabelo louro-acobreado e cheio de cachos. E de fato conseguira dar um jeito de encontrar estraite para o vestido de gola alta. E embora fosse de gola alta, a roupa refletia seu humor: o tecido era uma bruma diáfana. Às vezes, Mesaana se perguntava se Graendal pensava em qualquer coisa além de seus prazeres sensuais.

— Fiquei imaginando se estariam aqui — comentou a recém-chegada, em um tom jovial. — Vocês três têm andado tão misteriosos.

A mulher soltou uma risada alegre, meio boba. Não... julgar Graendal pela aparência seria um erro terrível. Quase todos que a tomaram por idiota tinham morrido havia muito, vítimas da mulher a quem trataram com desdém.

— Sammael vem? — perguntou Demandred.

Indiferente, Graendal abanou uma das mãos, que ostentava um anel.

— Ah, ele não confia em você. Acho que já não confia nem em si mesmo. — O estraite escureceu, tornando-se uma bruma menos reveladora. — Ele está liderando exércitos em Illian, lamentando não ser capaz de armá-los com lanças de choque. Quando não é isso, fica procurando algum *angreal* ou *sa'angreal* que possa ser usado. Algo com uma força decente, claro.

Todos os olhos se voltaram para Mesaana, que respirou fundo. Qualquer um deles teria dado... bem, quase tudo por um *angreal* ou *sa'angreal* útil. Todos tinham mais força do que aquelas crianças mal treinadas que se diziam as Aes Sedai daqueles tempos. Ainda assim, um elo com um número suficiente de crianças mal treinadas poderia destruí-los. Exceto, claro, pelo fato de que elas não sabiam mais como fazer isso, e nem mesmo possuíam recursos para tanto. Era necessária a presença de um homem para mais de treze mulheres se unirem, e de mais de um homem caso o número total de pessoas ultrapassasse vinte e sete. A verdade era que aquelas garotas — até as mais velhas pareciam garotas para Mesaana, que vivera mais de trezentos

anos, sem contar o tempo que passara presa na Fenda, e era considerada recém-chegada à meia-idade — não representavam perigo real, mas isso não diminuía o desejo dos presentes por um *angreal*, ou, melhor ainda, por um *sa'angreal*, mais poderoso. Com esses objetos remanescentes de seu próprio tempo, eles seriam capazes de canalizar uma quantidade de Poder que os transformaria em cinzas caso tentassem sem ajuda. Qualquer um arriscaria muita coisa por uma recompensa dessas, porém nem tudo. Não sem uma necessidade real. Mas a falta de necessidade real não aplacava o desejo.

Na mesma hora, Mesaana assumiu um tom de bronca.

— A Torre Branca agora tem guardas e vigias em suas câmaras blindadas, do lado de dentro e de fora, e ainda por cima contam *tudo* quatro vezes por dia. A Grande Posse da Pedra de Tear também está sob proteção, com uma trama hedionda que me prenderia com toda força se eu tentasse passar por ela ou desatá-la. Acho que só pode ser desatada por quem atou, e, até isso acontecer, aquilo ali é uma armadilha para qualquer mulher capaz de canalizar.

— Um monte de entulhos inúteis, todos empoeirados, pelo que ouvi falar — retrucou Demandred, com desprezo. — Os tairenos reuniram tudo de que tivessem a menor suspeita de ligação com o Poder.

Mesaana suspeitava de que o homem não falava apenas baseado em rumores. Assim como desconfiava que a Grande Posse também estivesse protegida com uma armadilha contra homens. Do contrário, Demandred já teria capturado seu *sa'angreal* e partido atrás de Rand al'Thor.

— Não há dúvida de que existem alguns em Cairhien e Rhuidean. Mas, mesmo que você não dê de cara com al'Thor, as duas cidades estão abarrotadas de mulheres capazes de canalizar.

— Garotas ignorantes. — Graendal fungou com desdém.

— Existe alguma diferença — retrucou Semirhage, com frieza — entre morrer nas mãos de uma cozinheira, com uma faca cravada nas costas, ou de perder um duelo sha'je em Qal?

Mesaana aquiesceu.

— Então só sobra o que quer que esteja soterrado em antigas ruínas ou esquecido em algum sótão. Se querem contar com a sorte de encontrar alguma coisa, vão em frente. Eu não vou. A não ser que alguém saiba a localização de uma caixa de estase? — Havia certa aspereza na pergunta. Era possível que as caixas de estase tivessem sobrevivido à Ruptura do Mundo, mas, depois de todos os abalos, decerto estariam no fundo de algum oceano ou nas profundezas das montanhas. Restava muito pouco do mundo que tinham conhecido, além de alguns nomes e lendas.

O sorriso de Graendal era só doçura.

— Sempre achei que você devia ser professora. Ah. Desculpe. Esqueci.

O rosto de Mesaana assumiu uma expressão sombria. Sua trajetória até o Grande Senhor começara quando, todos aqueles anos antes, lhe fora negado um lugar em

Collam Daan. Haviam-na declarado inadequada para a pesquisa, porém disseram que ainda poderia ensinar. Bem, e ela ensinara — até que descobriu como dar uma lição nos que a haviam desprezado!

— Ainda estou esperando para ouvir o que o Grande Senhor disse — murmurou Semirhage.

— Sim. Vamos matar al'Thor? — Mesaana percebeu que agarrava a saia com as duas mãos, então a soltou. Estranho. Nunca se deixava provocar. — Se tudo correr bem, em dois meses, no máximo três, ele estará em um lugar onde eu possa alcançá-lo sem problemas, além de indefeso.

— Onde é que você pode alcançá-lo sem problemas? — Graendal arqueou uma sobrancelha, intrigada. — Onde foi que você montou o seu covil? Pouco importa. Por mais simples que seja esse plano, é tão bom quanto os que eu tenho ouvido.

Demandred continuou em silêncio, analisando-as. Não, não analisava Graendal, e sim ela e Semirhage. E, quando enfim falou, meio que para si mesmo, dirigiu-se às duas.

— Quando penso em onde vocês duas se meteram, eu me pergunto... quanto será que o Grande Senhor sabe, e há quanto tempo? Quantos dos acontecimentos ocorreram por desígnio dele, todo esse tempo? — Não havia resposta. Por fim, ele completou: — Vocês querem saber o que o Grande Senhor me falou? Pois bem. Mas fica entre nós, e bem guardado. Já que Sammael escolheu se afastar, não vai saber de nada. Nem os outros, vivos ou mortos. A primeira parte da mensagem do Grande Senhor foi simples: “Deixe o Senhor do Caos reinar.” São as palavras exatas. — Os cantos de sua boca se contorceram no mais próximo de um sorriso que Mesaana já vira em seu rosto. Então, ele contou o resto.

Mesaana percebeu que tremia, mas não soube se de empolgação ou de medo. O plano poderia funcionar: eles poderiam ganhar tudo. Mas precisariam de sorte, e ela não gostava de apostas. Demandred é que era o jogador. Mas ele tinha razão a respeito de uma coisa: Lews Therin cunhara a própria sorte com a mesma imperiosidade que se cunha uma moeda. Ao que parecia, Rand al'Thor vinha fazendo o mesmo.

A menos... a menos que o Grande Senhor tivesse um plano maior do que o que fora revelado. E essa possibilidade a assustava mais do que qualquer outra.

* * *

O espelho de moldura dourada refletia o salão, as paredes repletas de mosaicos perturbadores, mobília dourada e carpetes refinados, além dos outros espelhos e das tapeçarias. Um salão de um palácio, mas sem janelas — nem portas. O espelho refletia uma mulher de vestido vermelho-sangue, bem escuro, andando de um lado a

outro, o belo rosto contorcido em um misto de ira e incredulidade. Principalmente incredulidade. Refletia também o rosto dele, que lhe era muitíssimo mais interessante do que a mulher. Não conseguiu resistir a tocar o próprio nariz, boca e bochechas para certificar-se de que eram reais. Não era jovem, porém era mais jovem do que da primeira vez em que despertara do longo sono, com os infinitos pesadelos. Um rosto comum, e ele sempre odiara ser comum. Sentiu na garganta o princípio de uma gargalhada, uma risadinha, e a abafou. Não estava louco. Apesar de tudo, não estava.

Um nome lhe fora concedido durante o segundo sono, de longe muito mais terrível, antes que ele acordasse naquele rosto e corpo. *Osan'gar*. Um nome dado por uma voz que ele conhecia e não ousava desobedecer. Seu antigo nome, concedido com escárnio e adotado com orgulho, deixara de existir. A voz de seu mestre assim declarara, e assim foi. A mulher era *Aran'gar*. E já não era mais quem tinha sido.

Escolhas interessantes, esses nomes. *Osan'gar* e *aran'gar*: as adagas das mãos esquerda e direita em uma forma de duelo bastante popular durante um breve período logo no princípio daquele longo processo, desde o dia da criação da Fenda até o verdadeiro início da Guerra do Poder. Suas lembranças eram meio turvas — muito fora perdido no longo sono, assim como no curto —, mas disso ele recordava. A luta só fora popular por um breve período porque quase sempre culminava na morte dos dois duelistas. As lâminas das adagas eram revestidas com um veneno de efeito lento.

Algo formou um borrão no espelho, e ele se virou, mas não muito depressa. Tinha de se lembrar de quem era e se certificar de que os outros se lembrassem. Ainda não havia porta, mas um Myrddraal passara a dividir o recinto com ele. Nada daquilo era estranho no lugar onde estava, apesar de o Myrddraal ser mais alto que todos os que *Osan'gar* já vira.

Ele se demorou um pouco, deixando que o Meio-homem esperasse para ter sua presença reconhecida. Antes que pudesse abrir a boca, *Aran'gar* bradou:

— Por que fizeram isso comigo? Por que me colocaram neste corpo? Por quê? — A última pergunta saiu quase como um ganido.

Osan'gar pensou ter visto os lábios sem sangue do Myrddraal se contorcerem em um sorriso — algo impossível, ali ou em qualquer outro lugar. Até os Trollocs tinham senso de humor, ainda que vil e violento, mas não os Myrddraal.

— Vocês dois receberam o melhor que pudemos arranjar nas Terras da Fronteira. — Sua voz era um sibilo traiçoeiro em um relvado seco. — É um corpo excelente, forte e saudável. E melhor do que a outra opção.

As duas afirmações eram verdadeiras. Era um corpo excelente, adequado a uma dançarina *daien* dos tempos passados: bem-desenhado e longilíneo, com um rosto oval cor de marfim que combinava muito bem e olhos verdes, emoldurado por cabelos negros e brilhantes. E qualquer coisa era melhor do que a outra opção.

Talvez *Aran'gar* não fosse da mesma opinião. A ira manchava seu belo rosto.

Acabaria se descontrolando. Osan'gar sabia: isso sempre fora um problema de Aran'gar. Lanfear, em contraste, sempre parecia cautelosa. Tentou tocar *saidin*. Canalizar ali seria perigoso, porém menos do que deixar que Aran'gar cometesse alguma estupidez. Se abriu para *saidin*... e nada encontrou. Não tinha sido blindado — teria sentido isso, e saberia como contornar a situação ou romper a blindagem, se não fosse muito forte. Parecia que tinha sido apartado. O choque o deixou petrificado.

O que não aconteceu com Aran'gar, que talvez tivesse feito a mesma descoberta, mas tivera uma reação diferente. Com um guincho alto, feito um gato, partiu para cima do Myrddraal, as mãos em garra.

Um ataque inútil, sem dúvida. O Myrddraal sequer se moveu. Em um movimento displicente, a criatura agarrou a mulher pela garganta, estendeu os braços e a suspendeu até os pés saírem do chão. O guincho tornou-se um murmúrio, e Aran'gar agarrou o punho do Meio-homem com ambas as mãos. Sustentando o corpo da mulher dependurado, ele voltou o olhar sem olhos para Osan'gar.

— Você não foi apartado, mas só vai canalizar quando receber permissão. E nunca vai me atacar. Eu sou Shaidar Haran.

Osan'gar tentou engolir em seco, mas sua boca parecia um deserto. Não era possível que a criatura tivesse alguma coisa a ver com o que fora feito a ele. Myrddraal tinham certos poderes, mas nada desse tipo. Ainda assim, o Meio-homem sabia. Nunca gostara dos Myrddraal. Havia ajudado na criação dos Trollocs, combinando raças humanas e animais — e se orgulhava disso, das habilidades necessárias, da dificuldade envolvida —, mas aquelas crias acidentais o deixavam incomodado, para dizer o mínimo.

Shaidar Haran voltou a atenção ao corpo que se contorcia, preso por seu punho. O belo rosto começava a ficar roxo, mas os pés continuavam se sacudindo, sem forças.

— Você vai se adaptar. O corpo se curva à alma, mas a mente se curva ao corpo. Já está se adaptando. Daqui a pouco vai parecer que nunca esteve em outra carne. Ou pode se recusar... Então outro tomará o seu lugar, e você será entregue... aos meus irmãos. E ainda com o bloqueio. — Os lábios finos se contorceram outra vez. — Eles estão sentindo falta de um pouco de diversão aqui nas Terras da Fronteira.

— Ela não consegue falar — interveio Osan'gar. — Você vai matá-la! Não sabe quem somos? Ponha-a no chão, Meio-homem! Obedeça!

Aquela coisa tinha que ser obrigada a obedecer a um Escolhido. No entanto, o Myrddraal continuou impassível, analisando o rosto escurecido de Aran'gar por um longo instante antes de pousá-la de volta no chão e abrir o punho.

— Eu obedeço ao Grande Senhor. A ninguém mais. — Aran'gar ficou ali, cambaleante, tossindo e engolindo o ar. Se ele retirasse a mão, a mulher cairia. — Vai se submeter à vontade do Grande Senhor? — A voz rascante não fez uma exigência, apenas uma pergunta superficial.

— Eu... eu vou — conseguiu responder a mulher, rouca, e Shaidar Haran a

soltou.

Aran'gar cambaleou, massageando a garganta, e Osan'gar fez menção de ajudá-la, mas antes que a tocasse ela o ameaçou com um olhar cortante e o punho cerrado. Ele recusou de mãos erguidas. Não precisava dessa inimizade. Mas era mesmo um belo corpo, além de uma piada maravilhosa. Sempre se orgulhara do próprio senso de humor, mas aquilo era muito superior.

— Vocês não se sentem gratos? — questionou o Myrddraal. — Estavam mortos, agora estão vivos. Pensem em Rahvin, cuja alma já não tem salvação, já não pertence ao tempo. Vocês têm mais uma chance de servir ao Grande Senhor e se absolver de seus erros.

Osan'gar se apressou em assegurar à criatura de que era grato, que não desejava nada além de servir e ganhar absolvição. Rahvin estava morto? O que acontecera? Não importava: um Escolhido a menos era uma chance a mais de conquistar o verdadeiro poder quando o Grande Senhor fosse libertado. Era desgastante se humilhar diante de um ser que ele próprio criara, exatamente como os Trollocs, mas se recordava muito bem da morte. E rastejaria até diante de um verme para evitá-la outra vez. Aran'gar respondeu com a mesma rapidez, pelo que ele pôde perceber, apesar da raiva no olhar. Decerto também se lembrava.

— Então está na hora de vocês partirem outra vez para o mundo a serviço do Grande Senhor — declarou Shaidar Haran. — Ninguém além de mim e do Grande Senhor sabe que vocês estão vivos. Se forem bem-sucedidos, viverão para sempre e ocuparão um lugar acima de todos os outros. Se falharem... Mas vocês não vão falhar, não é mesmo?

O Meio-homem sorriu. Era como ver a morte sorrindo.







LEÃO NA COLINA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas se desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu por entre as florestas de árvores secas das colinas de Cairhien. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

O vento soprava na direção oeste, por aldeias e fazendas abandonadas, muitas reduzidas a amontoados de madeira carbonizada. A guerra devastara Cairhien, tanto a guerra contra os outros países quanto a civil, ambas trazendo invasão e caos, e, mesmo depois de terminado — se é que *de fato* terminara —, poucas pessoas tinham se aventurado a retornar a suas casas. O vento não trazia umidade, e o sol se esforçava para ressequir a pouca que restava no solo. Na fronteira entre a pequena cidade de Maerone com a grande Aringill, do outro lado do Rio Erinin, o vento adentrava Andor. As duas cidades pareciam fornos, e, ainda que em Aringill houvesse mais orações pedindo chuva — pois os refugiados de Cairhien se acotovelavam no interior das muralhas feito sardinhas em um barril —, até os soldados aglomerados nos arredores de Maerone ofereciam suas preces ao Criador, as palavras às vezes embriagadas, às vezes sôfregas. O inverno já deveria ter começado a despontar na relva, a primeira neve deveria ter caído havia muito tempo, e o povo suado temia a razão para o frio ainda não ter chegado, embora poucos ousassem dar voz a esse temor.

O vento soprava na direção oeste, remexendo as folhas ressecadas das árvores,

fazendo ondear a superfície dos córregos mingua­dos margeados pela lama dura e seca. Não havia destroços de incêndios em Andor, mas os aldeões encaravam o sol escaldante com apreensão, e os fazendeiros tentavam não olhar para os campos que, no outono, não haviam produzido colheita. O vento seguia para oeste, cruzando Caemlyn, onde dois estandartes tremulavam no alto do Palácio Real, no coração da Cidade Interna, erguida pelos Ogier. Um dos estandartes tinha o fundo vermelho como sangue e ostentava um disco dividido por uma linha sinuosa, metade de um branco reluzente, metade de um negro profundo. O outro, de um pano branco feito neve, tremulava contra o céu. A figura ostentada parecia cavalgar ao vento, uma estranha serpente de juba dourada e quatro pés, os olhos cor de sol e as escamas em tons de ouro e escarlate. Era difícil saber qual dos estandartes provocava mais temor. Às vezes, o mesmo seio que acalentava medo trazia esperança. Esperança de salvação e medo de destruição, ambos vindos da mesma fonte.

Muitos diziam que Caemlyn era a segunda cidade mais bela do mundo — e não só os andorianos, que costumavam colocá-la em primeiro lugar, à frente até da própria Tar Valon. Enormes torres redondas estendiam-se pela imensa muralha externa de pedras cinzentas rajadas de branco e prata, enquanto no interior erguiam-se torres ainda mais altas, seus domos brancos e dourados reluzindo ao sol impiedoso. A cidade se estendia colina acima, e, no centro, ficava a antiquíssima Cidade Interna, circundada por uma muralha própria, branca e reluzente, contendo seus próprios domos e pináculos — um mosaico de azulejos roxos, brancos, dourados e cintilantes que encaravam com arrogância a Cidade Nova, lá embaixo, com seus bem menos de dois mil anos.

Assim como a Cidade Interna era o coração de Caemlyn, e não apenas por ocupar o centro, o Palácio Real era o coração da Cidade Interna. Parecia saído de um conto de menestrel, com pináculos brancos como a neve, domos dourados e trabalhos de cantaria que lembravam rendas. Um coração que pulsava sob a sombra daqueles dois estandartes.

Despido até a cintura, equilibrando-se sem dificuldade nas pontas dos pés, Rand estava tão alheio ao fato de estar no pátio de azulejos brancos de um palácio quanto à presença de observadores entre as colunas à volta. O suor colava os cabelos à cabeça e escorria pelo peito. A ferida arredondada na lateral do corpo, ainda meio cicatrizada, doía demais, mas ele se recusava a reconhecer a dor. Havia duas figuras iguais às do estandarte branco acima entrelaçadas em seus antebraços, refletindo um brilho metálico vermelho e dourado. Dragões, como os Aiel chamavam, e outros já adotavam o nome. Rand tinha vaga ciência das marcas de garça nítidas em cada uma de suas palmas, mas só porque podia senti-las contra o longo cabo da espada de madeira que usava para praticar.

Ele era um com a espada, fluindo de postura em postura sem nem pensar, as botas roçando de leve os azulejos claros. Leão na Colina virou Arco da Lua, que virou Torre da Manhã. Sem pensar. Cinco homens suados e sem camisa o rodeavam,

passando nervosamente de postura em postura, manejando as espadas de prática. Eram tudo o que Rand percebia. Com os rostos rígidos e confiantes, eram os melhores que encontrara até então. Os melhores desde que Lan partira. Sem pensar, como Lan lhe ensinara. Ele era um com a espada, um com os outros cinco homens.

De súbito, avançou, e os homens à sua volta logo se deslocaram para mantê-lo no centro. No exato instante em que esse equilíbrio ameaçou se romper, quando pelo menos dois dos cinco sujeitos já faziam menção de rompê-lo, Rand deu um giro ligeiro na metade de um passo e começou a correr no sentido oposto. Os outros tentaram reagir, mas era tarde demais. Com um estrépito, Rand aparou um golpe da espada de prática com a própria lâmina feita de ripas de madeira amarradas. Ao mesmo tempo, seu pé direito acertou a barriga do homem de cabelos grisalhos, ao seu lado. O sujeito se encolheu, gemendo. Lâmina contra lâmina, Rand forçou o oponente de nariz quebrado a se virar, chutando outra vez o homem grisalho encolhido enquanto girava. O grisalho caiu, arquejante, tentando respirar. O oponente de Rand tentou recuar para usar a espada, mas o movimento liberou Rand, que desferiu um golpe em espiral — As Tranças da Videira —, acertando em cheio no peitoral do sujeito, com força suficiente para derrubá-lo no chão.

Apenas alguns instantes haviam se passado, tão poucos que foi nesse momento que os outros homens começaram a se aproximar. O primeiro, um sujeitinho ligeiro, muito baixo e desproporcionalmente robusto, soltou um grito e, apesar da própria estatura, saltou por cima do sujeito do nariz quebrado, enquanto este desabava para a frente. A espada de prática de Rand o atingiu nas canelas, desestabilizando-o, depois outra vez nas costas, derrubando-o sobre as pedras do pavimento.

Com isso, restaram apenas dois, mas eram os melhores: um varapau, cuja espada serpenteava como a língua de uma cobra e um sujeito enorme de cabeça raspada, que não falhava nunca. No mesmo instante, os dois se separaram para atacar pelas laterais, mas Rand não esperou. Mais que depressa, aproximou-se do magrelo — tinha apenas um instante antes que o outro contornasse os sujeitos caídos no chão.

O magrelo era bom, além de ligeiro. Rand oferecera ouro em troca de prática com os melhores, e eles tinham comparecido. O sujeito era alto para um andoriano, embora Rand fosse um palmo mais comprido, mas a altura influenciava pouco o manejo da espada. Às vezes, a força também. Rand partiu com tudo para atacá-lo. O homem franziu o rosto comprido e recuou. O Javali Dispara Montanha Abaixo rompeu Cortando a Seda, desarmou Raio de Três Pontas, e as ripas de madeira atadas atingiram com força a lateral do pescoço do homem. Com um grito abafado, o quarto oponente caiu.

No mesmo instante, Rand se jogou para baixo e para a direita, fez um rolamento por sobre as pedras do pavimento e ergueu-se de joelhos, a espada já traçando O Rio Erode a Margem. O homem de cabeça raspada não era ligeiro, mas tinha conseguido se antecipar ao golpe. Ao mesmo tempo que a espada de madeira de Rand varreu o largo torso do sujeito, as ripas da lâmina do homem acertaram a cabeça do Dragão

Renascido.

Por um momento, Rand vacilou, pontos negros borrando a visão. Sacudindo a cabeça com esforço, tentando clarear a visão, usou a espada de prática como apoio para se levantar. O sujeito da cabeça raspada o observava, ofegante e receoso.

— Pague a ele — declarou, e o receio sumiu do rosto do sujeito de cabeça raspada. — O receio era desnecessário. Como se Rand não tivesse prometido uma moeda extra por dia a qualquer um que conseguisse acertá-lo. E o triplo para quem o derrotasse sozinho. Era uma forma de garantir que ninguém recuasse para bajular o Dragão Renascido. Rand nunca perguntava seus nomes — se o interpretassem mal e lutassem com mais afinco, melhor. Queria oponentes para testá-lo, não amigos. Os amigos que já tinha um dia amaldiçoariam a hora em que o conheceram, isso se já não estivessem amaldiçoando. Os outros sujeitos já começavam a se mover — os “mortos” tinham de permanecer imóveis até o fim da luta, obstruindo a passagem como corpos de verdade, mas o baixinho atarracado teve que ajudar o grisalho a se levantar, além de enfrentar a dificuldade de erguer a si próprio sem auxílio. O sujeito ágil remexia a cabeça, fazendo careta. Não haveria mais treinamento naquele dia. — Pague a todos.

Uma onda de aplausos e vivas percorreu as estreitas colunas caneluradas. Vinha dos observadores: lordes e ladies vestidos em sedas coloridas, cheias de bordados e trançados elaborados. Rand franziu o cenho e jogou a espada de lado. Aquelas pessoas lambiam as botas de Lorde Gaebriel quando a Rainha Morgase — a rainha *deles* — era pouco mais de uma prisioneira dentro do palácio. O palácio *dela*. Mas Rand precisava deles. Por ora. *Se agarrar o espinho, vai sair espetado*, pensou. Esperava que, ao menos, fosse seu próprio pensamento.

Sulin, uma Aiel esguia e grisalha, líder da escolta de Donzelas da Lança que o acompanhava deste lado da Espinha do Mundo, tirou um marco de ouro de Tar Valon da bolsa do cinto e atirou-o, fazendo uma careta que repuxava a cicatriz hedionda na lateral de seu rosto. As Donzelas não gostavam de ver Rand manejando espadas, mesmo de prática. Não aprovavam o uso de espada nenhuma. Assim como todos os Aiel.

O homem da cabeça raspada apanhou a moeda e dispensou uma medida cautelosa em resposta ao olhar azul fixo de Sulin. Todos agiam com cautela perto das Donzelas, com seus casacos, suas calças e botas macias com cadarços marrons e cinza, a roupa inteira feita para se mesclar à desolada paisagem do Deserto. Algumas haviam começado a acrescentar tons de verde ao vestuário, para se adequarem ao que chamavam de terras aguacentas — apesar da seca. Em comparação ao Deserto, eram terras úmidas. Poucos Aiel tinham se deparado com águas intransponíveis antes de deixar o Deserto e já tinham disputado rixas amargas pelo controle de laguinhos de duas ou três passadas de largura.

Como qualquer guerreiro Aiel — como as outras vinte Donzelas de olhos claros espalhadas pelo pátio —, Sulin tinha cabelos curtos, a não ser por um rabo de cavalo

na nuca. Portava três lanças curtas e um broquel redondo de couro de touro na mão esquerda, além de uma faca de lâmina robusta e pontuda no cinto. Como qualquer guerreiro Aiel — até os da idade de Jalani, com seus dezesseis anos e rosto redondo infantil —, Sulin sabia fazer excelente uso daquelas armas — e o faria à menor provocação, pelo menos do ponto de vista do povo daquele lado da Muralha do Dragão. As Donzelas, exceto Sulin, observavam todos os presentes, cada janela coberta de painéis vazados em desenhos intrincados, cada balcão de pedras claras, cada sombra. Algumas portavam arcos curtos e curvos feitos de chifres, com flechas já encaixadas, e mais flechas preparadas nas aljavas peludas da cintura. *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, carregavam a honra do profetizado *Car'a'carn* — ainda que às vezes de forma bem peculiar —, e nenhuma hesitaria em morrer para preservar a vida de Rand. A ideia fez o estômago dele se revirar.

Sulin arremessou mais moedas com um ar de desprezo — Rand gostava de usar ouro de Tar Valon para quitar esta dívida —, uma extra para o de cabeça raspada e uma para cada um dos outros. Os Aiel gostavam tanto dos aguacentos quanto de espadas, uma reprovação que se estendia a qualquer um que não fosse nascido e criado no Deserto. Para a maioria dos Aiel, esse sentimento pouco amistoso também incluiria Rand, apesar do sangue Aiel, mas ele ostentava os Dragões em seus braços. Um o marcava como chefe de clã por ter arriscado a vida com sua própria força de vontade, o segundo o marcava como *Car'a'carn*, chefe dos chefes, Aquele Que Vem Com a Aurora. E as Donzelas tinham outros motivos para aprová-lo.

Os homens recolheram as espadas de prática, camisas e casacos, curvaram-se em mesuras e partiram.

— Amanhã — gritou Rand, para eles. — Cedo.

Mesuras mais profundas mostraram que tinham ouvido a ordem.

Antes que os homens sem camisa abandonassem o pátio, as nobres andorianas emergiram de trás da colunata, um arco-íris de sedas se amontoando ao redor de Rand, dando batidinhas nos rostos suados com lenços de bordas rendadas. Aquilo deixava um gosto amargo na boca do rapaz de Dois Rios. *Faça uso do que precisar, ou a Sombra acabará cobrindo a terra*. Moiraine lhe dissera isso. Ele quase preferia a oposição genuína dos cairhienos e tairenos à adulação daquele bando de andorianos. Por pouco não soltou uma risada: era engraçado chamar as atitudes dos outros nobres de genuínas.

— O senhor foi esplêndido — soltou Arymilla, com um suspiro, tocando delicadamente seu braço. — Tão ágil, tão forte.

Os grandes olhos castanhos da mulher pareciam ainda mais derretidos que de costume. Ao que parecia, ela era tola a ponto de considerá-lo impressionável. O vestido verde, coberto de vinhas de prata, tinha um decote profundo para os padrões andorianos — ou seja: sugeria um leve decote. Ela era bonita, mas parecia ter idade para ser mãe de Rand. Nenhuma das outras era mais jovem, algumas até mais velhas, mas todas competiam entre si para lambar suas botas.

— Foi magnífico, milorde Dragão. — Elenia quase acotovelou Arymilla para que saísse do caminho. O sorriso ficava estranho na mulher de rosto ardiloso, que tinha a reputação de ser uma megera. Exceto quando estava perto de Rand, claro. — Nunca houve espadachim como o senhor em toda a história de Andor. Nem mesmo Souran Maravaile, o maior general de Artur Asa-de-gavião, marido de Ishara, primeira a se sentar no Trono do Leão... nem mesmo ele sobreviveu ao ser enfrentado por apenas quatro espadachins. Quatro assassinos, no vigésimo terceiro ano da Guerra dos Cem Anos. Ainda assim, ele matou todos os quatro. — Elenia quase nunca perdia a chance de exhibir seus conhecimentos acerca da história de Andor, sobretudo das partes obscuras, como a guerra que desmembrara o império de Asa-de-gavião depois de sua morte. Pelo menos daquela vez não tinha acrescentado justificativas às próprias reivindicações ao Trono do Leão.

— Só teve um pouco de azar no fim da luta — acrescentou Jarid, marido de Elenia, em um tom jovial.

Era um homem robusto, escuro para um andoriano. Os punhos e a comprida gola do casaco vermelho estavam cobertos de bordados de arabescos e javalis dourados, o símbolo da Casa Sarand; enquanto o vestido vermelho de Elenia, no mesmo tom, tinha as longas mangas e a gola alta cobertas de bordados dos Leões Brancos de Andor. Rand se perguntou se a mulher pensava que ele não reconheceria os leões. Jarid era Grão-trono da Casa, mas era sua esposa quem detinha toda força e ambição.

— Um feito extraordinário, milorde Dragão — acrescentou Karind, sem rodeios. O vestido cinza brilhoso da mulher, de corte tão severo quanto o rosto, mas ostentando uma infinidade de tranças de prata nas mangas e na bainha, tinha quase o mesmo tom das mechas grisalhas espalhadas em seus cabelos negros. — O senhor decerto deve ser o melhor espadachim do mundo. — Apesar das palavras, a grandalhona exibia um olhar duro como um martelo. Caso sua inteligência se equiparasse à obstinação em seu olhar, seria uma mulher perigosa.

Naeon era esguia, pálida e bonita, com grandes olhos azuis e cabelos negros ondulados e brilhantes, mas o olhar de desprezo com que encarava os cinco homens que partiam era uma constante em seu rosto.

— Acredito que eles tenham planejado tudo de antemão, para que um conseguisse acertar o senhor. Vão dividir a moeda extra entre o grupo. — Ao contrário de Elenia, Naeon, em seu vestido azul cujas mangas longas ostentavam as Três Chaves de prata da Casa Arawn, jamais mencionava suas pretensões de subir ao trono, ao menos não perto de Rand. Fingia estar satisfeita como Grão-trono de uma Casa antiga, feito uma leoa fingindo estar satisfeita com o papel de gatinho domesticado.

— Será que posso esperar que meus inimigos nunca se ajudem? — murmurou Rand.

Naeon ficou boquiaberta. A mulher não era nada burra, mas parecia crer que seus opositores deviam se pôr de joelhos tão logo ela os confrontasse e tomava como uma

afronta quando isso não acontecia.

Ignorando os nobres, Enaila, uma das Donzelas da Lança, entregou a Rand uma toalha branca para secar o suor. Era uma ruiva impetuosa, baixa para os padrões Aiel, e ficava irritada por algumas daquelas aguacentas serem mais altas que ela. Quase todas as Donzelas eram capazes de encarar de frente a maioria dos homens. Os nobres andorianos também fizeram o possível para ignorar a Aiel, mas desviaram o olhar com tamanho acinte que a tentativa resultou em evidente fracasso. Enaila se afastou, comportando-se como se todos os nobres fossem invisíveis.

O silêncio durou apenas uns instantes.

— Milorde Dragão é sábio — comentou Lorde Lir, com uma pequena mesura, o cenho franzido de leve. O Grão-trono da Casa Baryn era esguio e firme como uma lâmina, metido em um casaco amarelo adornado com tranças de ouro, mas, no geral, era demasiado melífluo e delicado. Fora um franzir de cenho ocasional, que sempre parecia inconsciente, nada nunca maculava seu semblante, mas o sujeito estava longe de ser o único a lançar olhares estranhos a Rand. Todos aqueles nobres volta e meia miravam o Dragão Renascido com um misto de descrença e admiração. — Cedo ou tarde, os inimigos acabam trabalhando juntos. É preciso identificá-los antes que tenham a oportunidade.

Mais elogios à sabedoria de Rand foram graciosamente proferidos por Lorde Henren, um sujeito atarracado, careca e de olhar duro, por Lady Carlys, com seus cachos grisalhos, expressão aberta e mente maquinadora, pela gorducha Daerilla, toda risonha, pelo nervoso Elegar, de lábios finos, e também por quase dez outros que tinham segurado a língua enquanto os mais poderosos se pronunciavam.

Assim que Elenia tornou a abrir a boca, um silêncio se abateu entre os lordes e ladies menores.

— É grande a dificuldade de identificarmos nossos inimigos antes que eles se façam conhecidos. Depois que isso acontece, as providências costumam vir tarde demais. — O marido dela assentiu com um ar sábio.

— Como eu sempre digo — anunciou Naeon —, quem não está ao meu lado, está contra mim. Considero uma boa regra. Os indecisos podem estar simplesmente aguardando a oportunidade de cravar uma adaga pelas costas.

Não era nem de longe a primeira vez que aqueles nobres tentavam defender as próprias posições lançando suspeitas sobre qualquer lorde ou lady que não estivesse no recinto, mas Rand gostaria que parassem com aquilo sem que precisasse mandá-los parar. As tentativas andorianas de jogar o Jogo das Casas eram insignificantes se comparadas às manobras dissimuladas dos cairhienos ou até dos tairenos, além de irritantes, mas havia certos pensamentos que Rand preferia que não tivessem por enquanto. Surpreendentemente, a ajuda veio do grisalho Lorde Nasin, o Grão-trono da Casa Caeren.

— Ah, um novo Jearom! — exclamou o sujeito, abrindo um sorriso subserviente no rosto magro e encovado. Arrancou olhares exasperados dos outros, inclusive dos

nobres menores, que não conseguiram se conter depressa o bastante. Nasin andara um pouco aturdido desde os acontecimentos envolvendo a vinda de Rand a Caemlyn. Em vez da Estrela e Espada, símbolo de sua Casa, as lapelas azul-claras exibiam uma padronagem incongruente de flores e folhagens pontilhada de nós-de-amantes carmesins, e ele às vezes usava uma flor presa aos cabelos ralos, feito um rapazote camponês indo fazer a corte. Ainda assim, a Casa Caeren era tão poderosa que nem mesmo Jarid ou Naeen interromperiam Nasin. O homem meneou a cabeça presa ao pescoço magro. — Seu manejo da espada é espetacular, milorde Dragão. O senhor é um novo Jearom.

— Por quê? — irrompeu uma voz pelo pátio, azedando a expressão dos andorianos.

Davram Bashere sem dúvida não era andoriano, com olhos oblíquos e quase negros, nariz adunco feito um bico e as pontas do bigode grisalho que se curvavam para baixo, feito dois chifres ladeando a boca larga. Era magro, um pouco mais alto que Enaila e usava um casaco curto cinza com bordados em prata nos punhos e nas lapelas, além de calças largas enfiadas em botas de cano dobrado na altura dos joelhos. Os andorianos se viraram para observar o local do pátio onde o Marechal-General de Saldaea mandara deixar uma cadeira dourada, na qual estava esparramado, uma perna apoiada sobre um dos braços da cadeira, a espada com guarda-mão anelado virada de modo a deixá-la bem acessível. O suor brilhava em seu rosto escuro, mas ele dispensava tanta atenção a isso quanto aos andorianos.

— Por que o quê? — inquiriu Rand.

— Esse treinamento todo com as espadas — explicou Bashere, tranquilo. — E ainda por cima com cinco homens. Ninguém treina contra cinco. Não faz sentido. Mais cedo ou mais tarde, seus miolos serão esparramados no chão durante uma balbúrdia dessas, mesmo com espadas de prática. E tudo em vão.

Rand contraiu a mandíbula.

— Jearom certa vez derrotou dez homens.

Remexendo-se na cadeira, Bashere soltou uma risada.

— Você acha que vai viver tempo suficiente para se igualar ao maior espadachim da história? — Um murmúrio irritado se ergueu entre os nobres andorianos. Rand tinha certeza de que a raiva era fingida. Bashere, porém, ignorou a reação. — Afinal de contas, você é quem você é. — Ele fez um movimento súbito, feito uma mola se expandindo. Uma adaga disparou em direção ao coração do Dragão Renascido.

Rand não moveu um músculo. Em vez disso, agarrou *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira. Não precisou pensar, foi como respirar. *Saidin* o preencheu, trazendo a mácula do Tenebroso, uma avalanche de gelo turvo, uma torrente fétida de metal fundido. *Saidin* tentava aniquilá-lo, varrê-lo, mas ele o conduziu como um homem se equilibrando sobre uma montanha em colapso. Canalizou uma simples onda de Ar, que envolveu a adaga e bloqueou-a a um braço de distância de seu peito. O Vazio o envolvia, Rand flutuava lá dentro, em meio ao nada, distante de

pensamentos e emoções.

— Morra! — gritou Jarid, empunhando a espada e avançando na direção de Bashere.

Lir, Henren, Elegar e todos os lordes andorianos desembainharam suas espadas, inclusive Nasin, que parecia prestes a largá-la. As Donzelas já tinham as *shoufas* enroladas na cabeça, e seus véus negros cobriam os rostos de olhos verdes e azuis quando as mulheres ergueram as lanças de pontas compridas. Os Aiel sempre erguiam os véus antes de matar.

— Parem! — urrou Rand, e todos ficaram paralisados onde estavam, os andorianos piscando, confusos, as Donzelas suspensas nas pontas dos pés. O único outro movimento de Bashere fora se acomodar outra vez, a perna ainda enganchada ao braço da cadeira.

Usando uma das mãos para puxar a adaga de cabo de chifre de sua prisão de ar, Rand soltou a Fonte. Ainda que a mácula lhe revirasse o estômago — aquela mácula que acabava por destruir os homens capazes de canalizar —, era difícil deixar o poder. Ao ser tomado por *saidin*, ele enxergava com mais clareza, ouvia com mais agudeza. Era um paradoxo que ele não compreendia, mas, quando flutuava naquele Vazio aparentemente infinito, de algum modo protegido de emoções e sensações corpóreas, todos os sentidos ficavam amplificados. Sem o Vazio, Rand sentia-se menos vivo. E a mácula sempre parecia deixar rastros nele, mas não a glória mitigante de *saidin*. A glória mortal, que o mataria se ele vacilasse uma polegada que fosse na luta para dominá-la.

Rand girou a adaga e avançou lentamente até Bashere.

— Se eu tivesse demorado só mais um segundo — murmurou —, estaria morto. Eu poderia matar você agora mesmo, e nenhuma lei de Andor ou de qualquer outro lugar deixaria de me dar razão. — Percebeu que estava prestes a fazer isso. *Saidin* fora substituído por uma raiva fria. Uma relação de poucas semanas não amaciava a atitude do sujeito.

Os olhos oblíquos do Marechal-General estavam calmos como se ele estivesse à vontade na própria casa.

— Minha esposa não ia gostar. Nem você, aliás. Deira provavelmente assumiria o comando e partiria outra vez à caça de Taim. Ela desaprova eu ter concordado em seguir o Lorde Dragão.

Rand assentiu de leve, a raiva um pouco embotada pela postura de seu interlocutor. E pelas palavras. Fora uma surpresa descobrir que, junto com os nove mil cavaleiros de Bashere, estavam as esposas de todos os nobres de Saldaea e da maioria dos oficiais. Rand não entendia como um homem podia levar a mulher para o meio do perigo, mas era tradição em Saldaea, exceto quando a campanha avançava para a Praga.

Evitou olhar para as Donzelas. Eram guerreiras até a raiz dos cabelos, mas também eram mulheres. Rand prometera não as proteger do perigo ou da morte. No

entanto, não prometera passar a gostar disso e sentia uma agonia interna sempre que precisava honrar o acordo, mas era um homem de palavra. Fazia o que tinha de fazer, mesmo odiando a si mesmo por isso.

Com um suspiro, ele jogou a adaga de lado.

— Sua pergunta — declarou, educadamente. — Por quê?

— Porque você é quem é — respondeu Bashere, sem rodeios. — Porque você é o que é... assim como esses homens que você está reunindo, eu suponho. — Rand ouviu pés se remexendo atrás de si. Por mais que tentassem, os andorianos não conseguiam esconder seu horror ante a anistia que ele instaurara. — Você pode fazer o que fez com a adaga todas as vezes — prosseguiu o Marechal-General, baixando o pé apoiado no braço da cadeira e inclinando-se para a frente. — Mas qualquer assassino que queira chegar até o Dragão terá de passar por cima dos seus Aiel. E dos meus cavaleiros, aliás. Ora! Se algum inimigo se aproximar de você, não será humano. — Ele gesticulou com vigor e recostou-se outra vez. — Bom, se quer praticar com a espada, então pratique. Os homens precisam de exercício, e também de uma distração. Só não vá rachar esse crânio. Muita coisa depende de você, e não estou vendo nenhuma Aes Sedai por aqui para Curá-lo. — O bigode quase encobriu o súbito sorriso do sujeito. — Além do mais, acho que nossos amigos andorianos não vão continuar acolhendo a mim e a meus homens de modo tão afetuoso.

Os andorianos tinham embainhado as espadas, mas os olhares malignos permaneciam fixos em Bashere. Aquilo nada tinha a ver com quanto o sujeito chegara perto de matar Rand. Os nobres em geral mantinham o semblante suave perto de Bashere, apesar de ele ser um general estrangeiro comandando um exército estrangeiro em solo andoriano. O Dragão Renascido queria Bashere ali, e aquelas pessoas teriam aberto sorrisos para um Myrddraal, se o Dragão Renascido assim desejasse. Mas se Rand se voltasse contra o saldaeano... aí não seria preciso esconder mais nada. Eram abutres, estiveram a postos para devorar Morgase, antes de sua morte, e devorariam Bashere à menor chance. E Rand também. Mal podia esperar para se livrar deles.

A única forma de viver é morrer. O pensamento lhe veio à cabeça de repente. Já haviam lhe dito aquilo, e de um jeito que fora impossível não acreditar, mas o pensamento não era seu. *Preciso morrer. Só mereço a morte.* Levando a mão à cabeça, Rand deu as costas para Bashere.

O Marechal-General pulou da cadeira no mesmo instante, agarrando o ombro de Rand, que ficava uma cabeça mais alto que ele.

— Qual é o problema? O golpe rachou mesmo a sua cabeça?

— Está tudo bem. — Rand baixou as mãos. Não sentia dor, era só o choque de ter os pensamentos de outro homem na mente. Bashere não era o único a observá-lo. A maioria das Donzelas o encarava com a mesma atenção que dispensavam ao restante do pátio, sobretudo Enaila e Somara, de cabelos louros, a mais alta de todas. Aquelas duas decerto arranjariam algum chá de ervas assim que terminassem suas tarefas e só

sossegariam depois que ele bebesse. Elenia, Naeen e os outros andorianos estavam ofegantes, agarrando os casacos e as saias, analisando Rand de olhos arregalados, temendo estar vendo os primeiros sinais de sua loucura. — Eu estou bem — disse a todos no pátio.

Só as Donzelas relaxaram — Enaila e Somara não muito.

Os Aiel não ligavam para o “Dragão Renascido”. Para eles, Rand era o *Car’a’carn*, profetizado para uni-los e destruí-los. Eles não tiveram dificuldades para aceitar isso, embora também se preocupassem, e pareciam aceitar a canalização e todos os seus possíveis desdobramentos com a mesma tranquilidade. Os outros — *os aguacentos*, pensou, secamente — o chamavam de Dragão Renascido e nunca especulavam a respeito do que aquilo significava. Acreditavam que ele era a reencarnação de Lews Therin Telamon, o Dragão, o homem que selara o buraco da prisão do Tenebroso e dera fim à Guerra da Sombra, mais de três mil anos antes. Também dera fim à Era das Lendas, quando o último contra-ataque do Tenebroso maculara *saidin*, levando todos os homens que canalizavam à loucura, começando pelo próprio Lews Therin e seus Cem Companheiros. Chamavam Rand de Dragão Renascido sem jamais suspeitar que uma parte de Lews Therin Telamon pudesse estar dentro de sua cabeça, tão louco quanto no dia em que dera início ao Tempo da Loucura e à Ruptura do Mundo, tão louco quanto qualquer um dos Aes Sedai homens que modificaram a face do mundo até deixá-la irreconhecível. Aquilo acontecera aos poucos, mas quanto mais Rand aprendia a respeito do Poder, mais forte ficava em relação a *saidin*, e mais forte ficava a voz de Lews Therin — e mais difícil se tornava a luta para evitar ser dominado pelos pensamentos de um homem morto. Era um dos motivos por que ele gostava de praticar com a espada: a ausência de pensamentos era uma barreira que preservava sua identidade.

— Precisamos encontrar uma Aes Sedai — murmurou Bashere. — Se esses boatos forem verdade... que a Luz queime meus olhos, seria melhor se nunca tivéssemos deixado aquela ir embora.

Muita gente fugira de Caemlyn nos dias seguintes à ocupação de Rand e dos Aiel. O próprio Palácio ficara quase vazio da noite para o dia. Havia pessoas que Rand gostaria de ter encontrado, gente que o ajudara, mas todos tinham desaparecido. Alguns ainda fugiam. Uma das fugitivas desses primeiros dias fora uma jovem Aes Sedai — tão jovem que seu rosto ainda não tinha aquele aspecto de idade indefinida típico das Aes Sedai. Os homens de Bashere mandaram um aviso assim que encontraram a mulher em uma estalagem, mas, quando ela descobriu quem Rand era, saiu correndo aos berros. Literalmente. Rand nunca descobriu seu nome ou sua Ajah. Havia rumores de que outra Aes Sedai estava em algum lugar da cidade, mas havia centenas de rumores espalhados por Caemlyn, milhares, cada um mais improvável que o outro. Era bem improvável que qualquer um daqueles boatos fosse levar a uma Aes Sedai. As patrulhas Aiel tinham avistado várias passando direto por Caemlyn, todas claramente apressadas para chegarem a algum lugar, nenhuma com

intenção de adentrar uma cidade ocupada pelo Dragão Renascido.

— Será que eu posso confiar em alguma Aes Sedai? — perguntou Rand. — Foi só uma dor de cabeça. Minha cabeça não é assim tão dura a ponto de nem doer depois de uma pancada.

Bashere bufou com tanta força que o farto bigode se remexeu.

— Por mais dura que seja a sua cabeça, cedo ou tarde você vai ter que confiar nas Aes Sedai. Sem elas, nunca vai obter o apoio de todas as nações sem ter que apelar para a conquista. O povo espera esse tipo de coisa. Por mais que ouçam falar das Profecias que você já cumpriu, muitos vão esperar que as Aes Sedai marquem você.

— De todo modo, eu não vou evitar o conflito. Você sabe bem disso — respondeu Rand. — Duvido que os Mantos-brancos me recebam de braços abertos em Amadícia, mesmo que Ailron concorde com a minha presença, e Sammael não vai abrir mão de Illian sem luta.

Sammael, Rahvin, Moghedien e... com esforço, expulsou o pensamento da mente. Não era fácil. Vinha sempre sem aviso, e nunca era fácil.

Um baque surdo o fez virar a cabeça. Arymilla estava caída no chão de pedras. Karind se ajoelhava para puxar as saias da mulher, cobrindo os tornozelos, e esfregar seus pulsos. Elegar cambaleava, como se fosse se juntar a Arymilla a qualquer momento, e Nasin e Elenia não pareciam muito melhor. A maioria dos outros parecia prestes a vomitar. Mencionar os Abandonados tinha esse efeito, ainda mais depois que Rand contara a eles que Lorde Gaebriel na realidade era Rahvin. Não sabia ao certo em quanto aqueles nobres acreditavam, mas considerar a possibilidade já era suficiente para deixar quase todos tremendo. Só estavam vivos por se mostrarem tão chocados. Se Rand tivesse suspeitado de que eles sabiam a quem estavam servindo... *não*, pensou. *Se eles soubessem, se fossem todos Amigos das Trevas, você mesmo assim os usaria.* Às vezes, se achava tão repugnante que queria morrer de uma vez.

Ao menos estava dizendo a verdade. As Aes Sedai tentavam ao máximo manter segredo sobre os Abandonados estarem livres, temiam que a notícia só espalhasse mais caos e pânico. Rand tentava disseminar a verdade. O povo poderia até entrar em pânico, mas teria tempo de se recuperar. Do jeito que as Aes Sedai queriam conduzir as coisas, a informação e o pânico poderiam chegar tarde demais para serem remediados. Além do mais, o povo tinha o direito de saber o que estava enfrentando.

— Illian não vai aguentar por muito mais tempo — disse Bashere. Rand virou a cabeça depressa de volta para ele, mas o sujeito era experiente demais para falar sobre o que não devia onde não devia. Estava apenas desviando o assunto dos Abandonados. Ainda que Rand nunca tivesse visto qualquer assunto que deixasse o Marechal-General inquieto, nem mesmo os Abandonados. — Illian vai se espatifar feito uma noz golpeada por um martelo.

— Você e Mat bolaram um bom plano. — A ideia principal fora de Rand, mas

Mat e Bashere haviam fornecido os mil detalhes que fariam o plano dar certo. Mat mais do que Bashere.

— Um rapaz interessante, esse Mat Cauthon — refletiu o homem. — Espero um dia poder conversar com ele outra vez. O jovem não chegou a dizer quem o tutelou. Agelmar Jagad? Ouvi dizer que vocês dois foram para Shienar. — Rand não disse uma palavra. Os segredos de Mat pertenciam ao próprio Mat, nem mesmo ele sabia muito bem quais eram. Bashere inclinou a cabeça e esfregou o bigode. — Ele é jovem para ter estudado sob a tutela de alguém. Não parece mais velho do que você. Será que encontrou uma biblioteca? Gostaria de ver os livros que ele leu.

— Vai ter que perguntar a ele — respondeu Rand. — Eu não sei. — Supunha que Mat devia ter lido algum livro, em algum momento, em algum lugar, mas o amigo nunca fora muito interessado em leituras.

Bashere apenas assentiu. Quando Rand não queria falar sobre algum assunto, Bashere em geral o deixava quieto. Mas nem sempre.

— Da próxima vez que for para Cairhien, por que não traz de volta a irmã Verde que ficou por lá? Egwene Sedai? Ouvi os Aiel falando dela, dizem que também é da sua aldeia. Você confia nela, não confia?

— Egwene tem outras obrigações. — Rand soltou uma risada. Irmã Verde. Ah, se Bashere soubesse.

Somara surgiu ao seu lado trazendo a camisa de linho e o casaco de uma bela lã vermelha cortada ao estilo andoriano, com dragões na gola comprida e grossas folhas de loureiro nas lapelas, subindo pelas mangas. Somara era alta até para uma Aiel, talvez nem uma mão mais baixa do que ele. Tal qual as outras Donzelas, ela baixara o véu, mas a *shoufa* marrom acinzentada ainda escondia quase todo o rosto.

— O *Car'a'carn* vai acabar pegando um resfriado — murmurou ela.

Rand duvidava muito. Os Aiel podiam não achar aquele calor muito fora do comum, mas o suor já escorria por seu corpo quase na mesma intensidade que durante o treino. Ainda assim, vestiu a camisa e enfiou-a por dentro da calça, deixando os laços desfeitos, depois se meteu no casaco. Não achava que Somara de fato fosse tentar vesti-lo à força, não na frente dos outros, mas assim evitaria o sermão dela e de Enaila — e muito provavelmente de algumas das outras —, bem como o chá de ervas.

Ele era o *Car'a'carn* para a maioria dos Aiel, e isso valia para as Donzelas. Em público. Quando estava sozinho com aquelas mulheres que haviam escolhido rejeitar o casamento e a família em favor da lança, as coisas ficavam mais complicadas. Supunha que — talvez — pudesse acabar com aquilo, mas tinha uma dívida com as Donzelas. Algumas já tinham morrido por ele, e outras morreriam — ele prometera, que a Luz o queimasse por isso! —, e, se podia permitir que se sacrificassem por ele, poderia permitir que fizessem qualquer outra coisa. Na mesma hora, o suor empapou a caminha e começou a deixar manchas escuras no casaco.

— Você precisa das Aes Sedai, al'Thor. — Rand torcia para que Bashere tivesse

metade dessa tenacidade na batalha, o que era sua reputação. Mas só podia se basear naquela reputação e em algumas poucas semanas de contato. — Você não pode se dar ao luxo de tê-las como inimigas, e se elas não acharem que têm ao menos alguns cordéis atados a você, podem acabar debandando para o lado inimigo. Aes Sedai são traiçoeiras, homem nenhum tem como saber o que elas vão fazer ou deixar de fazer, nem por quê.

— E se eu lhe disser que existem centenas de Aes Sedai dispostas a me apoiar?

Rand estava ciente dos andorianos escutando a conversa. Precisava tomar cuidado para não falar demais. Não que soubesse muita coisa. O que sabia provavelmente era fruto de exagero e esperança. E duvidava bastante das “centenas”, a despeito das insinuações de Egwene.

Bashere estreitou os olhos.

— Se tivesse saído uma missão diplomática da Torre, eu saberia, então... — Ele baixou a voz quase a um sussurro. — A cisão? A Torre realmente se *cindiu*? — O Marechal-General parecia não conseguir acreditar nas palavras que saíam da própria boca. Todos sabiam que Siuan Sanche fora deposta e estancada. E executada, segundo os rumores. Ainda assim, para a maioria da população, a cisão da Torre era mera conjectura, e poucos acreditavam nisso. A Torre Branca permanecera intacta por três mil anos, um monólito se assomando sobre os tronos. Mas o saldaeano considerava todas as possibilidades. Ele prosseguiu em um sussurro de fato, aproximando-se para que os andorianos não entreouvíssem: — Devem ser as rebeldes que estão dispostas a apoiar você. Talvez você conseguisse um acordo melhor com elas... Aquelas mulheres vão precisar de você tanto quanto você delas, talvez até mais. Mas rebeldes, mesmo sendo Aes Sedai, não chegam nem perto de ostentar o poder da Torre Branca, ao menos não com qualquer coroa. Os cidadãos comuns podem não ver a diferença, mas os reis e as rainhas vão saber.

— Mesmo assim são Aes Sedai — respondeu Rand, também baixinho —, não importa quem sejam. — *E onde quer que estejam*, pensou secamente. *Aes Sedai... servas de todos... o Salão dos Servos está destruído... destruído para sempre... destruído... Ilyena, meu amor...* Impiedoso, ele esmagou os pensamentos de Lews Therin. Às vezes eles até ajudavam, fornecendo informações necessárias, mas estavam ficando fortes demais. Se tivesse uma Aes Sedai por ali... uma Amarela, as que mais sabiam sobre Cura. Aí talvez ela... Ele encontrara uma Aes Sedai de confiança, embora só tivesse passado a confiar nela pouco antes de sua morte. Moiraine deixara um conselho em relação às Aes Sedai, em relação a qualquer mulher que usasse o xale e o anel. — Eu nunca vou confiar em nenhuma Aes Sedai — declarou, em um tom baixo e rouco. — Vou usá-las, porque preciso delas. Mas, rebeldes ou da Torre, sei que elas vão tentar me usar, porque é isso o que as Aes Sedai fazem. Nunca vou confiar nelas, Bashere.

O saldaeano assentiu, hesitante.

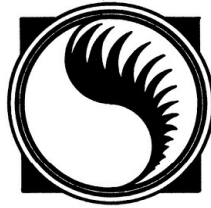
— Então use-as, se puder. Mas não se esqueça. Ninguém dura muito tempo

seguindo o caminho das Aes Sedai. — Ele soltou uma risada curta de repente. — Até onde eu sei, Artur Asa-de-gavião foi o último. Que a Luz queime meus olhos, talvez você venha a ser o segundo.

O ruído de botas anunciou movimento no pátio: um dos homens de Bashere chegara, um sujeito jovem e corpulento, de nariz pronunciado, uma cabeça mais alto que seu general, ostentando uma barba negra brilhosa e um bigode espesso. Caminhava feito um homem mais habituado a uma sela do que aos próprios pés, mas manejou a espada na cintura com suavidade, ao se curvar em uma reverência. Para Bashere mais do que para Rand. Bashere podia até ser seguidor do Dragão Renascido, mas Tumad — Rand achava que era esse o nome do homem: Tumad Ahzkan — era seguidor de Bashere. Enaila e três outras Donzelas cravaram os olhos no saldaeano recém-chegado. Elas realmente não confiavam em nenhum aguacento perto do *Car'a'carn*.

— Um sujeito aí se apresentou aos portões — declarou Tumad, desconfortável. — Ele diz... É Mazrim Taim, milorde Bashere.





A VISITA

Mazrim Taim. Ao longo dos séculos, antes de Rand, outros homens haviam alegado ser o Dragão Renascido. Nos últimos anos, houvera uma epidemia de falsos Dragões, alguns de fato capazes de canalizar. Um deles era Mazrim Taim, que reuniu um exército e destruiu Saldaea antes de ser capturado. A expressão de Bashere não se alterou, mas ele agarrou o cabo da espada com tanta força que os nós de seus dedos ficaram brancos. Tumad o encarava, à espera de ordens. A fuga de Taim, a caminho de Tar Valon para ser amansado, era o principal motivo pelo qual Bashere fora até Andor. Era essa a extensão do medo e do ódio que Saldaea sentia por Mazrim Taim. A Rainha Tenobia mandara Bashere levar seu exército atrás do homem aonde quer que ele fosse, pelo tempo que fosse, para garantir que Taim jamais atormentasse Saldaea outra vez.

As Donzelas permaneceram paradas e serenas, mas aquele nome se espalhou entre os andorianos como uma tocha atirada na grama seca. Arymilla estava sendo ajudada a se levantar, mas revirou os olhos outra vez e teria desabado de novo se Karind não a tivesse amparado a meio caminho do chão de pedras. Elegar cambaleou para trás por entre as colunas e se curvou, vomitando audivelmente. O restante arquejava, em pânico, levando lenços à boca e agarrando os punhos das espadas. Até mesmo a impassível Karind umedecia os lábios, em um tique nervoso.

Rand tirou a mão do bolso do casaco.

— A anistia — lembrou, e os dois saldaeanos lhe lançaram um olhar longo e inexpressivo.

— E se ele não tiver vindo pela sua anistia? — perguntou Bashere, depois de um instante. — E se ele ainda alegar que é o Dragão Renascido?

Os andorianos se mexeram nervosamente. Ninguém queria estar a milhas de distância de onde o Poder Único poderia ser usado em um duelo.

— Se ele achar isso — respondeu Rand, com firmeza —, vou desiludi-lo.

Rand levava no bolso o tipo mais raro de *angreal*: um feito para homens. Era uma escultura de um homenzinho gordo portando uma espada. Por mais forte que Taim fosse, não tinha condições de enfrentar aquilo. — Mas, se ele tiver vindo pela anistia, eu a concedo, assim como a concedi aos outros. — Fosse lá o que Taim tivesse feito em Saldaea, Rand não poderia se dar ao luxo de rejeitar um homem capaz de canalizar, alguém que não tivesse a necessidade de ser instruído desde os primeiros passos. Precisava de um homem desses. E não rejeitaria ninguém que não fosse um Abandonado, a não ser que fosse forçado a isso. *Demandred e Sammael, Semirhage e Mesaana, Asmodean e...* Rand forçou Lews Therin a recuar. Não podia se dar ao luxo de se distrair.

Bashere fez outra pausa antes de falar, mas por fim assentiu e soltou a espada.

— A sua anistia persiste, é claro. Mas escute bem, al’Thor. Se Taim puser os pés em Saldaea outra vez, não vai sair vivo. Há lembranças demais. Não há ordem que eu possa dar, ou mesmo Tenobia em pessoa, que vá impedir isso.

— Vou mantê-lo longe de Saldaea. — Ou Taim fora até lá para se submeter a ele, ou seria necessário matá-lo. Em um gesto inconsciente, Rand tocou o bolso, comprimindo o homenzinho gordo por baixo da lã. — Vamos recebê-lo aqui.

Tumad encarou Bashere, mas o breve aceno de cabeça do Marechal-General veio tão ligeiro que a mesura do barbudo ficou parecendo resposta à ordem verbalizada. Um lampejo de irritação passou pelo rosto de Rand, mas ele nada disse, e Tumad se afastou depressa, naquele caminhar meio gingado. Bashere cruzou os braços diante do peito e permaneceu parado com um dos joelhos dobrado, a imagem de um homem à vontade. Aqueles olhos escuros e oblíquos, fixos na direção pela qual Tumad saíra, exibiam o retrato de um homem com o desejo de matar.

O roçar de pés recomeçou entre os andorianos, meias passadas hesitantes se afastando, depois retornando. Pelo modo como respiravam, o grupo parecia ter corrido milhas.

— Vocês podem partir — anunciou Rand.

— Eu, de minha parte, continuarei ao seu lado — começou Lir, ao mesmo tempo que Naeon dizia, rispidamente:

— Não vou fugir de...

Rand cortou os dois:

— Vão!

Os nobres queriam demonstrar que não tinham medo, ainda que estivessem prestes a borrar as calças. Queriam fugir, abandonando o que lhes restava de dignidade que ainda não haviam atirado aos pés de Rand. Era uma escolha simples. Ele era o Dragão Renascido, e ganhar sua aprovação significava demonstrar obediência. E obediência, nesse caso, significava fazer o que eles realmente queriam. Com uma onda de mesuras profundas, reverências com saias completamente estendidas e murmúrios apressados de “Com sua permissão, milorde Dragão” e “Às

suas ordens, milorde Dragão”, os nobres saíram... não exatamente correndo, mas andando o mais depressa que podiam sem parecer que estavam correndo. E na direção oposta à de Tumad: sem dúvida não queriam arriscar um encontro fortuito com Mazrim Taim, que se dirigia para o pátio.

A espera alongou-se no calor — demorava para conduzir um homem pelos amplos corredores desde os portões do Palácio —, mas, assim que os andorianos saíram, ninguém se mexeu. Bashere manteve o olhar fixo no ponto onde Taim surgiria. As Donzelas vigiavam tudo, mas era sempre assim; e, ainda que parecessem prontas para velar o rosto em um instante, também era sempre assim. Exceto pelos olhos, aquelas mulheres poderiam muito bem ser estátuas.

Enfim o som de botas ecoou pelo pátio. Rand quase tentou agarrar *saidin*, mas se conteve. O homem perceberia que ele estava de posse do Poder no instante em que adentrasse o recinto, e Rand não podia se permitir parecer temê-lo.

Tumad emergiu primeiro sob a luz do sol que invadia o ambiente, logo seguido de um homem de cabelos pretos e altura bem acima da média ostentando o rosto escuro, os olhos oblíquos, o nariz adunco e as maçãs do rosto proeminentes bem característicos do povo de Saldaea, embora estivesse de barba feita e se vestisse como um mercador andoriano que já fora próspero, mas estivesse enfrentando dificuldades. O casaco azul-escuro era de lã fina urdida com veludo mais escuro, mas o uso deixara os punhos puídos. As calças estavam esgarçadas nos joelhos e as botas rachadas exibiam uma camada de poeira. Ainda assim, o sujeito caminhava empertigado, um feito impressionante considerando os quatro homens do exército de Bashere atrás de si, empunhando as lâminas quase retas, mas levemente curvas, as pontas a pouquíssima distância de suas costelas. O calor não parecia incomodá-lo. Os olhos das Donzelas acompanhavam seus passos.

Rand observou Taim enquanto o homem e sua escolta cruzavam o pátio. O sujeito era pelo menos quinze anos mais velho do que ele, devia ter trinta e cinco, no máximo alguns a mais. Pouco se sabia e menos ainda se encontrava nos livros a respeito de homens capazes de canalizar — era um assunto evitado por grande parte das pessoas com um pinga de decência —, mas Rand aprendera tudo o que pudera. Eram relativamente poucos os que de fato procuravam saber mais sobre o assunto, e este era um dos problemas. Desde a Ruptura, a maioria dos homens que canalizavam nascia com a habilidade, com potencial para ativá-la ao chegar à idade adulta. Alguns conseguiam controlar a loucura durante anos antes de serem encontrados e amansados por Aes Sedai; outros já eram encontrados irremediavelmente loucos, por vezes menos de um ano depois de tocar *saidin* pela primeira vez. Rand se mantivera agarrado à sanidade — ao menos até então — por quase dois anos. Ainda assim, diante dele estava um homem que talvez tivesse conseguido manter esse feito durante dez ou quinze anos. Só isso já valia de algo.

A um gesto de Tumad, o grupo parou a alguns passos de Rand. Ele abriu a boca, mas, antes que pudesse se pronunciar, Lews Therin irrompeu em sua mente em um

frenesi. *Sammael e Demandred me odiavam, por mais honrarias que eu lhes concedesse. Quanto mais honrarias, mais ódio, até que venderam a alma e se afastaram. Principalmente Demandred. Eu deveria tê-lo matado! Deveria ter matado todos eles! Arrasado a terra para matá-los! Arrase a terra!*

Com o rosto paralisado, Rand lutou para controlar a própria mente. *Eu sou Rand al'Thor. Rand al'Thor! Nunca conheci Sammael, Demandred ou nenhum deles! Que a Luz me queime, sou Rand al'Thor!* Como um eco débil, outro pensamento surgiu, vindo de algum lugar. *Que a luz me queime.* Parecia uma súplica. Então Lews Therin desapareceu, de volta a fossem quais fossem as sombras onde vivia.

Bashere tirou vantagem do silêncio.

— Você alega ser Mazrim Taim? — Ele soou descrente, e Rand o encarou, confuso. Era ou não era Taim? Só um louco alegaria ser aquele falso Dragão, se fosse mentira.

A boca do prisioneiro se contorceu no que poderia ser o esboço de um sorriso, e ele esfregou o queixo.

— Eu fiz a barba, Bashere. — A voz trazia mais do que um toque de deboche. — É meio quente aqui tão ao sul, você não percebeu? Mais quente do que deveria estar, mesmo por aqui. Quer alguma prova? Devo canalizar para você? — Os olhos escuros do homem desviaram de relance para Rand, depois retornaram a Bashere, cujo rosto ficava mais sombrio a cada instante. — Talvez não, não agora. Eu me lembro de você. Eu o derrotei em Irinjavár, até que aquelas visões surgiram no céu. Mas todo mundo sabe disso. O que ninguém sabe além de você e Mazrim Taim? — Com a atenção voltada para Bashere, o homem parecia ignorar os guardas, todos ainda segurando as espadas perto de suas costelas. — Ouvi dizer que você abafou o que aconteceu com Musar, Hachari e suas esposas. — O deboche desaparecera. Ele simplesmente relatava o ocorrido. — Eles não deveriam ter tentado me matar debaixo de uma bandeira de negociação. Creio que você tenha arrumado boas posições para eles, como serviçais? Tudo o que vão querer agora é servir e obedecer, não conseguirão ser felizes de outra forma. Eu poderia tê-los matado. Todos os quatro empunharam as adagas.

— Taim — rosnou Bashere, levando a mão depressa ao cabo da espada —, seu...!

Rand se pôs entre os dois, agarrando o punho da mão que tentava erguer a espada. As espadas dos guardas e a de Tumad já estavam encostando em Taim, decerto tocando a carne, pela forma como estavam cravadas em seu casaco, mas ele não esboçou reação.

— Você veio me ver — inquiriu Rand — ou insultar Lorde Bashere? Se fizer isso de novo, vou deixar que ele o mate. Minha anistia perdoa o que você fez, mas não permite que fique se gabando de seus crimes.

Taim analisou Rand por um instante, antes de falar. Apesar do calor, o sujeito quase não suava.

— Vim ver você. Foi você que eu vi no céu. Dizem que enfrentou o Tenebroso

em pessoa.

— Não era o Tenebroso — respondeu Rand. Bashere não estava exatamente lutando contra seu gesto de contenção, mas sentia o braço tensionado do homem. Se o soltasse, aquela lâmina estaria cravada em Taim em um piscar de olhos. A menos que usasse o Poder. Ou que Taim usasse. Era preciso evitar isso, se possível. Continuou segurando o punho de Bashere. — Ele se autodenominava Ba'alzamon, mas acho que era Ishamael. Eu o matei depois, na Pedra de Tear.

— Ouvi dizer que você matou vários Abandonados. Devo chamá-lo de Lorde Dragão? Ouvi esse pessoal usando esse título. Pretende matar todos os Abandonados?

— Você tem outra ideia de como resolver essa questão? — perguntou Rand. — Ou eles morrem, ou o mundo morre. A não ser que você acredite que eles possam ser persuadidos a abandonar a Sombra da mesma forma que abandonaram a Luz.

Aquilo estava ficando ridículo. Lá estava ele, conversando com um sujeito espetado por cinco pontas de espadas que com certeza tiravam sangue por baixo do casaco enquanto ele próprio continha outro sujeito, ávido por cravar a sexta espada e arrancar mais do que um filete de sangue. Pelo menos os homens de Bashere eram disciplinados o bastante para não fazer mais sem ordens de seu general. Pelo menos Bashere estava mantendo a boca fechada. Admirado com a frieza de Taim, Rand prosseguiu o mais depressa que pôde, tentando não parecer precipitado:

— Sejam lá quais forem os seus crimes, Taim, não são nada perto dos crimes dos Abandonados. Você já torturou uma cidade inteira, já obrigou milhares de pessoas a ferirem umas às outras lentamente, a ferirem seus entes queridos? Semirhage fez isso, e simplesmente porque podia fazê-lo, para provar que era capaz, por puro prazer. Você já matou crianças? Graendal matou. Dizia que era bondade de sua parte, que as matava para que não sofressem ao ver seus pais escravizados e levados embora por ela. — Só torcia para que os outros saldaeanos estivessem escutando com metade da atenção de Taim, que estava até um pouco inclinado para a frente, parecendo interessado. E torcia para que os outros não fizessem muitas perguntas a respeito de onde tinham vindo todas aquelas informações. — Você deu seres humanos para os Trollocs comerem? Todos os Abandonados fizeram isso. Os prisioneiros que não se curvavam a eles eram sempre dados aos Trollocs, isso se não fossem mortos na hora. Mas Demandred aprisionou duas cidades só porque achava que o povo delas o menosprezara antes de ele se voltar para a Sombra. Cada homem, mulher e criança foi parar na barriga de um Trolloc. Mesaana construiu escolas no território que controlava, escolas onde crianças e jovens eram instruídos a respeito da *glória* do Tenebroso, onde eram ensinados a matar os colegas que tinham dificuldade de aprender. Eu poderia continuar. Poderia nomear os treze, um a um, listando as centenas de crimes escabrosos atribuídos a cada um deles. Seja lá o que você tenha feito, nem se compara. E agora você veio receber o meu perdão, para caminhar pela Luz e se submeter a mim, para enfrentar o Tenebroso com uma força

com a qual jamais enfrentou ninguém. Os Abandonados estão vacilantes. Pretendo caçar todos e erradicá-los. E você vai me ajudar. É por isso que merece o perdão. E, para dizer a verdade, é provável que você mereça mais cem perdões até que a Última Batalha tenha terminado.

Enfim sentiu o braço de Bashere relaxar, a espada do homem deslizar de volta para dentro da bainha. Quase não conseguiu abafar um suspiro de alívio.

— Não vejo motivo para vigiá-lo tão de perto. Guardem as espadas.

Hesitantes, Tumad e os outros começaram a embainhar as espadas. Hesitantes, mas obedeceram. Taim, então, se pronunciou.

— Me submeter? Eu tinha pensado mais em estabelecer uma espécie de aliança entre nós dois. — Os outros saldaeanos ficaram tensos. Bashere ainda estava atrás de Rand, mas ele já podia *sentir* que o homem ficara tenso. As Donzelas não moviam um só músculo, exceto pela mão de Jalani, que tremulou de leve em direção ao véu. Taim inclinou a cabeça, sem perceber. — Eu seria o parceiro inferior, é claro, apesar de já ter tido muitos anos a mais do que você de estudo do Poder. Há tanto que eu posso lhe ensinar.

A ira se avultou dentro de Rand até embotar a visão. Falara sobre coisas das quais não deveria saber, decerto dera origem a dezenas de rumores a respeito de si mesmo e dos Abandonados, tudo para suavizar o terror das ações daquele sujeito, e o homem tinha a audácia de falar em *uma aliança*? Dentro de sua mente, Lews Therin se enfurecia. *Mate-o! Mate-o agora mesmo! Mate-o!* Pela primeira vez, Rand não se deu ao trabalho de calar a voz.

— Nada de alianças! — rosnou. — Nada de parcerias! Eu sou o Dragão Renascido, Taim! Eu! Se você tiver algum conhecimento de que eu possa tirar proveito, vou usá-lo, mas você vai aonde eu mandar, fazer o que eu mandar e quando eu mandar.

Sem hesitar, Taim deslizou até o chão, prostrando-se apoiado em um dos joelhos.

— Eu me submeto ao Dragão Renascido. Vou servir e obedecer.

Os cantos de sua boca se contorceram outra vez naquele esboço de sorriso enquanto ele se levantava. Tumad o encarava, boquiaberto.

— Rápido assim? — murmurou Rand. A raiva não se dissipara, estava incandescente. Se cedesse, não sabia ao certo o que poderia acabar fazendo. Lews Therin ainda balbuciava nas profundezas de sua mente. *Mate-o! Você tem que matá-lo!* Rand afastou Lews Therin, transformando-o em um murmúrio quase inaudível. Talvez não devesse se surpreender: coisas estranhas aconteciam perto dos *ta'veren*, ainda mais de um *ta'veren* tão forte quanto ele. Não deveria se surpreender ao ver um homem mudar de ideia tão depressa, mesmo alguém cujo destino parecia gravado na pedra. Porém, a raiva o dominava, junto com uma forte desconfiança. — Você se declarou o Dragão Renascido, lutou batalhas por toda Saldaea, só foi capturado porque ficou inconsciente, e agora desiste assim tão fácil? Por quê?

Taim deu de ombros.

— Que escolha eu tenho? Vagar pelo mundo sozinho, sem amigos, perseguido, enquanto você conquista todas as glórias? Isso supondo que Bashere não dê um jeito de me matar antes que eu consiga sair da cidade, ou essas suas mulheres Aiel. Mesmo que não consigam, mais cedo ou mais tarde as Aes Sedai vão me encurralar. Duvido que a Torre vá se esquecer de Mazrim Taim. Ou eu posso seguir você, e parte dessa glória será minha. — Pela primeira vez, o sujeito olhou em volta, examinando os guardas e as Donzelas, e balançou a cabeça como se não conseguisse acreditar. — Poderia ter sido eu. Como eu poderia saber, se não tentasse? Eu posso canalizar, sou forte nisso. Que indicativos eu tinha de que não era o Dragão Renascido? Só precisava cumprir uma das Profecias.

— E como você daria um jeito de ter nascido nas encostas do Monte do Dragão? — perguntou Rand, com frieza. — A primeira Profecia a ser cumprida.

Taim contorceu a boca outra vez. Não era um sorriso de verdade: seus olhos denunciavam isso.

— Os vencedores escrevem a história. Se eu tivesse tomado a Pedra de Tear, a história teria demonstrado que nasci no Monte do Dragão, de uma mulher jamais tocada por um homem, e que os céus se abriram, radiantes, para anunciar a minha chegada. O tipo de coisa que dizem a seu respeito, agora. Mas foi você quem tomou a Pedra, com seus Aiel, e o mundo o aclama como o Dragão Renascido. Eu não sou idiota de resistir a isso: você é o escolhido. Bem, já que eu não posso comer o bolo inteiro, me contento com os farelos que caírem no meu prato.

— Você pode ter honras, Taim, ou pode não ter. Se vai começar a se atormentar por conta disso, pense no que aconteceu com os outros que fizeram o mesmo que você. Logain foi capturado e amansado, e há rumores de que morreu na Torre. Um sujeito sem nome decapitado em Haddon Mirk pelos tairenos. Outro, queimado pelos murandianos. Queimado *vivo*, Taim! E também foi isso que os illianenses fizeram com Gorin Rogad, quatro anos atrás.

— Não é um destino que eu gostaria de ter — concluiu Taim, em voz calma.

— Então esqueça as honras e lembre-se da Última Batalha. Tudo o que eu faço é pensando em Tarmon Gai'don. Tudo o que eu mandar você fazer será com isso em mente. *Você* deve pensar sempre em Tarmon Gai'don!

— É claro. — Taim estendeu as mãos. — Você é o Dragão Renascido. Não tenho dúvidas, reconheço isso publicamente. Nós marchamos para Tarmon Gai'don. E as Profecias afirmam que você sairá vitorioso. E as histórias vão lembrar que Mazrim Taim foi seu braço direito.

— Talvez — respondeu Rand, em um tom rude. Vivera profecias demais para acreditar que qualquer uma delas se realizava exatamente do jeito que prometia. Ou que eram garantia de alguma coisa. Acreditava que as profecias estabeleciam as condições necessárias para determinado acontecimento. Só que satisfazer as condições não era garantia de que tal coisa *fosse* ocorrer, apenas de que *poderia* ocorrer. Algumas condições fixadas pelas Profecias do Dragão eram mais do que

indicativos de que ele teria de morrer para ter qualquer chance de vitória. Pensar nisso não o ajudava a manter o temperamento sob controle. — Queira a Luz que essa sua oportunidade não chegue tão cedo. Agora... que conhecimentos você tem de que eu possa fazer uso? Consegue ensinar homens a canalizar? Consegue testar um homem para saber se ele tem condições de aprender? — Ao contrário das mulheres, um homem capaz de canalizar não conseguia simplesmente sentir a habilidade de outro. As diferenças entre homens e mulheres em relação ao Poder Único eram quase tantas quanto as que havia entre homens e mulheres no geral. Às vezes, essas diferenças eram sutis feito um fio de cabelo, outras, eram tão opostas quanto pedra e seda.

— E a sua anistia? Quer dizer que realmente apareceram alguns imbecis querendo aprender a ser como eu e você?

Bashere apenas encarava Taim, cheio de desprezo, os braços cruzados e os pés bem afastados, mas Tumad e os guardas se remexiam, incomodados. As Donzelas, não. Rand não fazia ideia de como as Donzelas se sentiam em relação ao número de homens que havia respondido ao seu chamado, elas nunca demonstravam coisa alguma. Com a lembrança de Taim como falso Dragão ainda pulsando forte, poucos saldaeanos conseguiam esconder a inquietação.

— Só me responda, Taim. Se puder fazer o que eu quero, então diga. Se não puder... — Era a raiva dentro dele que falava. Não podia mandar o homem embora, não com uma nova luta a cada dia. Taim, no entanto, parecia crer que Rand faria isso.

— Consigo fazer as duas coisas — respondeu, mais do que depressa. — Encontrei cinco ao longo dos anos... não que eu estivesse procurando... mas apenas um teve coragem de prosseguir, depois de ser testado. — Ele hesitou, então acrescentou: — Ele enlouqueceu dois anos depois. Tive que matá-lo antes que ele me matasse.

Dois anos.

— Você consegue refrear a loucura há muito mais tempo. Como?

— Está preocupado? — murmurou Taim, então deu de ombros. — Não posso ajudar. Não sei como, eu simplesmente consigo e pronto. Estou lúcido como... — Ele voltou os olhos na direção de Bashere, ignorando o olhar impassível do homem. — Como Lorde Bashere.

De repente, Rand foi tomado por dúvidas. Metade das Donzelas voltara a observar o pátio. Elas nunca se mantinham tão atentas a uma possível ameaça a ponto de ignorar outras. A possível ameaça era Taim, e a segunda metade das Donzelas ainda tinha os olhos cravados nele e em Rand, querendo captar o menor indício de que a ameaça se tornasse real. Qualquer homem estaria atento àquilo, àquelas mulheres com uma ameaça de morte súbita nos olhos, nas mãos. Rand estava ciente, e elas estavam ali para protegê-lo. Tumad e os outros guardas ainda mantinham as mãos nos cabos das espadas, prontos para empunhá-las outra vez. Se os homens de Bashere e os Aiel decidissem matar Taim, seria bem difícil que ele escapasse

daquele pátio, por mais que canalizasse, a não ser que Rand o ajudasse. Ainda assim, Taim dispensava aos soldados e às Donzelas a mesma atenção que à colunata e às pedras do pavimento. Seria coragem, genuína ou fingida, ou algo mais? Uma espécie de loucura?

Depois de um instante de silêncio, Taim prosseguiu.

— Você ainda não confia em mim. Não há motivos para isso. Ainda. Com o tempo, você vai confiar. Em consideração a essa futura confiança, eu lhe trouxe um presente.

Ele puxou um embrulho surrado de debaixo do casaco, um pouco maior do que dois punhos de um homem.

Franzindo o cenho, Rand apanhou o embrulho e prendeu a respiração ao sentir a forma rígida envolta em pano. Puxou depressa os trapos multicoloridos, revelando um disco do tamanho de sua palma — um disco igual ao do estandarte escarlate pendurado no alto do palácio, metade branco e metade negro: o antigo símbolo dos Aes Sedai, de antes da Ruptura do Mundo. Passou os dedos pelas duas lágrimas gêmeas.

Apenas sete daqueles haviam sido fabricados, todos de *cuendillar*. Selos da prisão do Tenebroso, selos que mantinham o Senhor das Trevas apartado do mundo. Rand estava de posse de outros dois, ambos muito bem escondidos. Muito bem protegidos. Nada era capaz de destruir *cuendillar*, nem mesmo o Poder Único — a borda de uma taça delicada feita de pedra-do-coração era capaz de riscar aço e diamante —, mas três dos sete *tinham* sido destruídos. Ele os vira estilhaçados. E vira Moiraine arrancar uma lasca da borda de um deles. Os selos estavam se enfraquecendo, só a Luz sabia como ou por quê. O disco em suas mãos ainda apresentava a rigidez lustrosa de *cuendillar*, parecia uma mistura da mais fina porcelana com metal polido... mas ele tinha certeza de que se quebraria, se o deixasse cair nas pedras a seus pés.

Três quebrados. Estava de posse de outros três. Onde estaria o sétimo? Restavam apenas quatro selos entre a humanidade e o Tenebroso. Quatro, se o último ainda estivesse inteiro. Apenas quatro separavam a humanidade da Última Batalha. Enfraquecidos como estavam, será que ainda continham bem a prisão?

A voz de Lews Therin irrompeu como um trovão. *Quebre quebre todos você precisa quebrar todos precisa precisa precisa quebrar todos quebre e ataque você precisa atacar depressa precisa atacar agora quebre quebre quebre...*

Rand estremeceu com o esforço de lutar contra aquela voz, repelindo um nevoeiro que se grudava à sua mente feito teias de aranha. Seus músculos doíam, como se ele lutasse contra um gigante de carne e osso. Aos poucos, foi empurrando o nevoeiro de Lews Therin para as entranhas mais profundas, as sombras mais ocultas que podia encontrar dentro da própria mente.

De súbito, ouviu as palavras que murmurava, com a voz rouca.

— Precisa quebrar agora quebre tudo quebre quebre quebre.

Percebeu que segurava o selo acima da cabeça, prestes a esmagá-lo no pavimento branco. A única coisa que o impedia era Bashere, nas pontas dos pés, as mãos erguidas agarrando seus braços.

— Eu não sei o que é isso — murmurou o Marechal-General —, mas você não acha melhor esperar um pouco antes de quebrar?

Tumad e os outros já não olhavam para Taim: encaravam Rand, embasbacados. Até as Donzelas o observavam, os olhos cheios de preocupação. Sulin fez menção de dar um passo em direção aos homens, e Jalani, sem nem perceber, estendeu a mão para Rand.

— Realmente. — Rand engoliu em seco. A garganta doía. — É melhor não.

Bashere deu um passo atrás, hesitante, e Rand baixou a mão que segurava o selo, também hesitante. Se Rand considerara Taim imperturbável, agora tinha uma prova do contrário. O rosto do falso Dragão estava tomado pelo choque.

— Você sabe o que é isso, Taim? — inquiriu. — Deve saber, ou não teria trazido para mim. Onde foi que encontrou isso? Tem outro? Sabe onde está?

— Não — respondeu Taim, a voz instável. Não exatamente de medo, parecia mais um homem que presenciara um despenhadeiro se desintegrar sob seus pés e de repente, de alguma forma, se vira de volta em solo firme. — Esse é o único que eu... Ouvi toda sorte de rumores desde que fugi das Aes Sedai. Monstros surgindo do meio do nada. Feras estranhas. Homens falando com animais, e os animais respondendo. Aes Sedai enlouquecendo como deveria acontecer conosco. Aldeias inteiras enlouquecendo, matando umas às outras. Alguns podem ser verdade. Metade do que eu sei ser verdade é igualmente doido. Ouvi dizer que alguns dos selos tinham sido destruídos. Um martelo poderia quebrar esse aí.

Bashere franziu o cenho, encarou o selo nas mãos de Rand e arquejou. Agora, entendia.

— Onde foi que você encontrou isso? — repetiu Rand. Se conseguisse encontrar o último... então o quê? Lews Therin se revolvía em sua mente, inquieto, mas ele se recusava a escutar.

— No último lugar onde você poderia imaginar — disse Taim —, que eu creio ser o primeiro lugar onde deveríamos procurar pelos outros. Uma fazendinha decadente em Saldaea. Parei para pegar água e o fazendeiro me entregou o disco. Era velho, sem filhos ou netos para herdar o objeto, e achou que eu fosse o Dragão Renascido. Contou que a família guardara o disco por mais de dois mil anos. Que foram reis e rainhas durante as Guerras dos Trollocs, nobres durante a época de Artur Asa-de-gavião. Talvez a história seja verdade. Seria tão improvável quanto encontrar esse disco em uma choupana a poucos dias de viagem até a Fronteira da Praga.

Rand assentiu, depois parou para recolher os trapos do embrulho. Estava acostumado a ver o improvável acontecer a seu redor, e por vezes também devia acontecer em outras terras. Reembrulhou o selo depressa e entregou-o a Bashere.

— Guarde isso com muito cuidado. — *Quebre!* Ele sufocou a voz. — Nada pode

acontecer com este disco.

Bashere tomou o embrulho com as duas mãos, em um gesto reverente. Rand não soube ao certo se a mesura era para ele ou para o selo.

— Estará seguro durante dez horas ou dez meses, até que você o requeira.

Por um instante, Rand analisou o Marechal-General.

— Todos estão esperando eu enlouquecer, estão todos com medo, menos você. Agora há pouco, você deve ter pensado que eu finalmente tinha ficado louco, mas mesmo assim não teve medo de mim.

Bashere deu de ombros, abrindo um sorriso por trás do bigode grisalho.

— Quando dormi pela primeira vez em cima de uma sela, Muad Cheade era Marechal-General. O homem era louco feito uma lebre no início da primavera. Revistava o camareiro duas vezes por dia para ver se ele não estava escondendo veneno e só bebia vinagre e água, que alegava terem o efeito de neutralizar o veneno com o qual o sujeito o alimentava. Mas, durante todo o tempo em que convivi com ele, o vi comer tudo o que seu camareiro preparava. Uma vez, mandou derrubar um bosque de carvalhos porque as árvores estavam olhando feio para ele. Depois insistiu para que os troncos caídos tivessem funerais decentes, e ele próprio conduziu a oração. Você faz ideia do tempo que leva para cavar covas para vinte e três carvalhos?

— Por que ninguém fez nada? A família dele?

— Os que não eram tão loucos quanto ele, ou mais, tinham medo de olhá-lo com desconfiança. De todo modo, o pai de Tenobia não teria deixado ninguém encostar um dedo em Cheade. Ele podia ser louco, mas comandava melhor que qualquer um que já conheci. Nunca perdeu uma batalha. Sequer chegou perto disso.

Rand riu.

— Então você me segue porque acha que eu posso superar o Tenebroso nas táticas de batalha?

— Eu o sigo porque você é quem é — respondeu Bashere, baixinho. — O mundo precisa seguir você, ou os que sobreviverem vão desejar ter morrido.

Hesitante, Rand aquiesceu. As Profecias diziam que ele iria destruir nações e reuni-las. Não que ele desejasse fazer isso, mas as Profecias eram seu único guia para como lutar a Última Batalha, como vencê-la. E achava, mesmo sem elas, que unir as nações era necessário. A Última Batalha não seria travada apenas entre ele e o Tenebroso. Não podia acreditar nisso: por mais que pudesse estar enlouquecendo, ainda não chegara ao ponto de se julgar mais que um simples homem. Aquela também seria uma batalha da humanidade contra Trollocs e Myrddraal, contra todo tipo de Crias da Sombra que a Praga fosse capaz de regurgitar, e contra Amigos das Trevas emergindo de seus esconderijos. Haveria outros perigos na jornada até Tarmon Gai'don, e, se o mundo não estivesse unido... *Você faz o que tem de ser feito.* Não sabia dizer se a voz viera dele mesmo ou de Lews Therin, mas, até onde sabia, era verdade.

Avançou depressa até a coluna mais próxima, olhou para trás e disse para Bashere:

— Vou levar Taim para a fazenda. Quer vir junto?

— Fazenda? — perguntou Taim.

Bashere balançou a cabeça.

— Não, obrigado — respondeu, em um tom seco. O saldaeano podia não aparentar nervosismo, mas Rand e Taim juntos decerto era o máximo que ele era capaz de suportar. Ele claramente evitava a fazenda. — Meus homens estão ficando moles em policiar as ruas para você. Pretendo dar uma dura em uns deles, durante algumas horas. Você ia inspecioná-los hoje à tarde. Mudou de ideia?

— Que fazenda? — perguntou Taim.

Rand soltou um suspiro, se sentindo cansado de repente.

— Não, não mudei de ideia. Estarei na inspeção, se possível. — Aquilo era importante demais para mudar de ideia, embora ninguém além de Bashere e Mat soubessem. Não podia deixar que pensassem que era mais do que uma formalidade, uma cerimônia inútil para um homem cada vez mais tomado pela pompa de sua posição, o Dragão Renascido indo receber a saudação de seus soldados. Também tinha outra visita a fazer, naquele mesmo dia. Uma que todos pensariam estar sendo mantida em segredo. Poderia até continuar em segredo para a maioria, mas Rand não tinha dúvidas de que as pessoas que ele queria que soubessem, saberiam.

Apanhou a espada, apoiada em uma das colunas estreitas, e afivelou-a por cima do casaco aberto. O cinto era de couro de javali, escuro e sem adornos, bem como a bainha e o cabo comprido. A fivela era ornamentada com um dragão de aço e ouro muito bem trabalhado. Precisava se livrar daquela fivela, encontrar algo mais simples. Mas não podia fazer isso. Fora presente de Aviendha. E justamente por isso deveria se livrar daquilo. Não conseguia encontrar uma solução para aquele ciclo de pensamentos.

Algo mais o aguardava ali: uma lança de dois pés de comprimento, com borla verde e branca abaixo da ponta afiada. Ao virar-se de volta para o pátio, ergueu-a. Uma das Donzelas entalhara o cabo curto com Dragões. Alguns já chamavam aquilo de Cetro do Dragão, sobretudo Elenia e seu grupo. Rand mantinha o objeto por perto para se lembrar de que talvez tivesse mais inimigos do que conseguia enxergar.

— Que fazenda é essa que você está falando? — A voz de Taim ganhou firmeza. — Aonde é que pretende me levar?

Rand analisou o homem por um longo instante. Não gostava de Taim. Alguma coisa nos modos dele. Ou talvez algo em si próprio. Passara tempo ele sendo o único que conseguia sequer pensar em canalizar sem medo das Aes Sedai. Bem, não fazia muito tempo, e pelo menos as Aes Sedai não tentariam amansá-lo, não agora que sabiam quem ele era. Poderia ser simplesmente isso? Ciúme por não ser mais o único? Achava que não. Apesar de tudo o mais, acolheria quantos homens capazes de canalizar tranquilos que pudesse encontrar no mundo. Enfim deixaria de ser uma

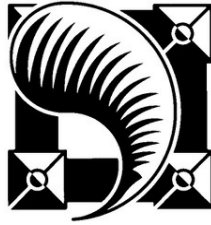
aberração. Não, não chegaria a tanto, não deste lado de Tarmon Gai'don. Ele era único, era o Dragão Renascido. Quaisquer que fossem os motivos, ele simplesmente não gostava do sujeito.

Mate esse homem! Ganiu Lews Therin. *Mate todos eles!* Rand abafou a voz. Não era obrigado a gostar de Taim, só precisava usá-lo. E confiar nele. O que era o mais difícil.

— Vou levá-lo a um lugar onde você pode me servir — respondeu com frieza.

Taim não se encolheu nem franziu o rosto, apenas observou e aguardou, os cantos da boca por um breve instante se contorcendo naquele meio sorriso.





OS OLHOS DE UMA MULHER

Contendo a própria irritação — e os murmúrios de Lews Therin —, Rand tentou tocar *saidin*, lançando-se à já familiar batalha por controle e sobrevivência em meio ao vazio. A mácula vinha em uma torrente enquanto ele canalizava. Mesmo no vazio dava para senti-la se embrenhando em seus ossos, talvez até em sua alma. Não havia outra forma de descrever o que estava fazendo, além de dizer que era um vinco no Padrão, um buraco. Aprendera isso sozinho, já que seu professor não tivera muito êxito em explicar nem mesmo o que jazia por detrás das coisas que ensinava. Uma linha vertical brilhante surgiu no ar, expandindo-se depressa até virar uma abertura do tamanho de uma porta larga. O que se via através dela parecia distorcida, uma clareira iluminada pelo sol em meio a árvores afetadas pela seca, tudo girando até parar.

Enaila e mais duas Donzelas ergueram os véus e saltaram pouco antes que a abertura se firmasse. Meia dúzia de outras as seguiram, algumas com os arcos de chifre a postos. Rand não esperava que houvesse nada ali contra o qual fosse preciso proteção. Fizera com que o outro extremo da abertura — isso se *houvesse* outro extremo: Rand não entendia como funcionava, mas parecia existir apenas um lado da coisa — fosse no meio da clareira porque talvez abrir um portal entre as pessoas fosse perigoso, mas dizer às Donzelas — ou a qualquer Aiel — que não era preciso manter-se alerta era como dizer a um peixe que não era preciso nadar.

— Isso é um portão — explicou a Taim. — Posso mostrar a você como fazer, se não tiver entendido.

O homem o encarava. Se tivesse prestado atenção, teria visto a tessitura de *saidin* sendo feita. Qualquer homem capaz de canalizar poderia vê-la.

Taim juntou-se a Rand para adentrar a clareira, com Sulin e as outras Donzelas

trás. Algumas lançaram um olhar de desdém à espada na cintura de Rand, ao passar por ele em fila, gesticulando rápida e silenciosamente na língua de sinais das Donzelas. Indignadas, decerto. Enaila e a vigia à frente já haviam se separado, cautelosas, por entre as árvores esqueléticas e sem cor. Seus casacos e calças, o *cadin'sor*, mesclavam seus corpos às sombras, mesmo sem terem acrescentado verde ao cinza e marrom. Com o Poder dentro de si, Rand conseguia ver cada agulha dos pinheiros, a maioria morta. Sentia o odor azedo da seiva das folhas-de-couro. O próprio ar tinha um cheiro quente, seco e empoeirado. Não havia perigo para ele ali.

— Espere, Rand al'Thor — chamou uma voz insistente de mulher, do outro lado da abertura. A voz de Aviendha.

Na mesma hora, Rand soltou *saidin* e a trama. A abertura fechou-se em um piscar de olhos, do mesmo modo que se abria. Havia perigos e perigos. Taim o encarou, curioso. Algumas das Donzelas, veladas e desveladas, também lhe lançaram olhares ligeiros. Olhares reprovadores. Gesticularam na linguagem das Donzelas. Contudo, tinham o bom senso de manter a boca fechada — Rand se fizera muito claro a respeito disso.

Ignorando tanto a curiosidade quanto a desaprovação, Rand avançou pelas árvores com Taim a seu lado, folhas e galhos mortos se partindo sob seus pés. As Donzelas, avançando em um largo círculo ao redor deles, não emitiam qualquer som sob as botas macias e amarradas até os joelhos. Algumas já tinham feito essa jornada com Rand, sempre sem nenhum incidente, mas nada jamais as convenceria de que aquelas matas não eram um bom local para uma emboscada. Antes de Rand, a vida no Deserto amargara quase três mil anos de ataques, escaramuças, rixas e guerras que tempo nenhum poderia mitigar.

Sem dúvida havia coisas que ele poderia aprender com Taim — mesmo que não tantas quanto o sujeito pensara que poderia ensinar —, mas o aprendizado era uma via de mão dupla, e estava na hora de ele começar a instruir o mais velho.

— Ao meu lado, cedo ou tarde você terá que enfrentar os Abandonados. Talvez antes da Última Batalha. Provavelmente antes. Você não parece surpreso.

— Ouvi rumores. Alguma hora eles iam se libertar.

Então as notícias estavam se espalhando. Sem querer, Rand abriu um sorriso. As Aes Sedai não iam gostar. Além de tudo o mais, havia um certo prazer em lhes dar uma cutucada.

— Você precisa estar pronto para qualquer coisa, a qualquer momento. Trollocs, Myrddraal, Draghkar, Homens Cinza, *gholam*...

Ele hesitou, acariciando o longo punho da espada com a palma da mão marcada pela garça. Não fazia ideia do que era um *gholam*. Lews Therin não tinha se pronunciado, mas ele sabia que era de lá que vinha o nome. Às vezes alguns pensamentos fragmentados penetravam a fina barreira entre ele e aquela voz e se tornavam parte das lembranças de Rand, em geral sem qualquer explicação. Nos últimos tempos, vinha acontecendo com mais frequência. Não era algo contra o qual

ele pudesse lutar, como a voz. A hesitação durou apenas um instante.

— Não só no norte, perto da Praga. Mas também aqui ou em qualquer lugar. Eles estão usando os Caminhos.

Era outra coisa que precisava resolver. Mas como? Criados a partir de *saidin*, os Caminhos tinham se perdido nas trevas, tão maculados quanto *saidin*. As Crias da Sombra não conseguiam evitar todos os perigos dos Caminhos — a maioria, na melhor das hipóteses, fatal para os homens —, mas, de alguma maneira, ainda eram capazes de viajar por eles. Mesmo que percorrer os Caminhos não fosse tão rápido quanto cruzar um portão, era possível avançar centenas de milhas em um só dia viajando por eles. Esse problema teria que ficar para depois. Deixara muitos problemas para depois. Tinha muitos problemas para agora. Irritado, golpeou uma folha-de-couro com o Cetro do Dragão; fragmentos de folhas largas e resistentes caíram pelo chão, quase todos marrons.

— Se a criatura já foi mencionada em alguma lenda, pode ter certeza de que virá nos atacar. Até mesmo Cães das Trevas, embora, nesse caso, se eles fazem mesmo parte da Caçada Selvagem, pelo menos o Tenebroso não está livre para vir cavalgando atrás deles. Os Cães sozinhos já são bem ruins. Tem como matar algumas dessas Crias da Sombra do modo como as lendas instruem, mas outros só morrem com fogo devastador, disso eu tenho certeza. Você conhece o fogo devastador? Se não, é uma coisa que não vou ensinar. Se conhece, não use em nada, só nas Crias da Sombra. E não ensine a ninguém.

“A origem de alguns desses rumores que você ouviu pode ser... não sei bem como chamá-las, uso a expressão ‘bolhas de mal’. São como aquelas bolhas que às vezes despontam em algum pântano, só que essas emergem do Tenebroso à medida que os selos se enfraquecem. Em vez de odores pútridos, são cheias de... de mal. Ficam pairando pelo Padrão até estourar, então, quando estouram, qualquer coisa pode acontecer. Qualquer coisa. Seu próprio reflexo pode pular para fora do espelho e tentar matá-lo. Pode acreditar.”

Se a ladainha estava deixando Taim preocupado, ele não demonstrou. Apenas respondeu:

— Eu já estive na Praga, já matei Trollocs e Myrddraal. — Ele afastou um galho baixo do caminho e segurou-o para que Rand passasse. — Nunca ouvi falar nesse tal de fogo devastador, mas se um Cão das Trevas vier atrás de mim, darei um jeito de matá-lo.

— Bom — respondeu Rand, tanto sobre a ignorância de Taim quanto à autoconfiança. O fogo devastador era um fragmento de conhecimento que Rand não se importaria de ver desaparecer do mundo. — Com sorte, você não vai encontrar nada disso por aqui, mas nunca dá para ter certeza.

A mata de súbito terminou e deu lugar a uma fazenda, com uma ampla casa de dois andares e telhado de palha, a construção desgastada pelo tempo, fumaça subindo de uma das chaminés e um grande celeiro meio inclinado. O dia ali não

estava mais fresco do que na cidade a algumas milhas de distância, o sol, não menos escaldante. Galinhas ciscavam, duas vacas pardas ruminavam em um cercadinho de ripas, um rebanho de cabras pretas amarradas se ocupava em arrancar as folhas dos arbustos ao alcance e uma carroça de rodas altas jazia à sombra do celeiro, mas o lugar não parecia uma fazenda. Não havia campo à vista: o entorno era todo ocupado por florestas, cortadas apenas pelo sinuoso caminho de terra batida que se estendia para o norte, usado para as raras excursões até a cidade. E havia gente demais.

Quatro mulheres, todas de meia-idade exceto por uma, penduravam roupas lavadas em um par de varais, e uma dezena de crianças, nenhuma com mais de nove ou dez anos, brincava entre as galinhas. Também havia homens circulando por ali, a maioria parecendo ocupada. Vinte e sete, ainda que fosse exagero chamar alguns deles de homens. Eben Hopwil, o magrelo que puxava um balde de água de dentro do poço, alegava ter vinte anos, mas devia ter quatro ou cinco a menos. O que mais se via no garoto eram o nariz e as orelhas. Fedwin Morr, um dos três sujeitos suados que trocavam a palha velha do teto, era bem mais desenvolvido e tinha bem menos espinhas, mas sem dúvida não era mais velho. Mais da metade dos homens tinha apenas três ou quatro anos a mais do que esses dois. Rand quase mandara alguns de volta para casa — pelo menos Eben e Fedwin, mesmo a Torre Branca aceitando noviças tão jovens quanto eles, às vezes até mais. Em algumas cabeças já dava para ver fios grisalhos entre os cabelos escuros, e Damer Flinn, de rosto enrugado, empunhando um galho descascado em frente ao celeiro para demonstrar a dois rapazes como se usava uma espada, mancava e exibia apenas uma franjinha fina de cabelos brancos. Damer integrara a Guarda da Rainha até ser atingido na coxa por uma lança murandiana. Não era um grande espadachim, mas parecia ter competência para ensinar os outros a não acertarem o próprio pé. A maioria dos homens era de Andor, alguns poucos cairhienos. Ainda não havia nenhum de Tear, embora a anistia também tivesse sido proclamada por lá. Levaria algum tempo para que chegasse gente de tão longe.

Damer foi o primeiro a reparar nas Donzelas. Ele deitou o graveto e dirigiu a atenção dos pupilos a Rand. Então Eben soltou um berro e largou o balde, se molhando todo, e todos dispararam, atabalhoados, gritando avisos em direção à casa, e se amontoaram atrás de Damer, ansiosos. Mais duas mulheres de avental saíram da casa, o rosto vermelho por conta dos fogões, e ajudaram as outras a juntar as crianças atrás dos homens.

— Lá estão eles — explicou Rand. — Você tem quase metade de um dia. Quantos consegue testar? Quero saber quem tem condições de ser treinado quanto antes.

— Este bando foi tirado do fundo de um... — começou a dizer Taim, desdenhoso, então parou no meio do pátio da fazenda, encarando Rand. Galinhas ciscavam em volta de seus pés. — Você não testou nenhum? Por quê, em nome da...? Você não sabe, não é? Sabe Viajar, mas não sabe testar alguém para detectar o talento.

— Alguns não querem canalizar. — Rand aliviou a força com que agarrava o

punho da espada. Detestava admitir as lacunas em seu conhecimento àquele homem. — Alguns só pensaram na chance de ter glória, riqueza ou poder. Mas quero qualquer homem que tenha condições de aprender, sejam lá quais forem as motivações.

Os alunos — os homens que seriam alunos —, parados diante do celeiro, observavam Rand e Taim com o que quase poderia ser considerado calma. Afinal de contas, todos tinham ido a Caemlyn na esperança de aprender com o Dragão Renascido ou crendo que aprenderiam. Eram as Donzelas, dispostas em círculo ao redor da fazenda e investigando a casa e o celeiro, que lhes atraíam a atenção, em uma espécie de fascínio cauteloso e até mesmo apreensivo. As mulheres agarravam as crianças às saias, o olhar fixo em Rand e Taim e uma variedade de expressões nos rostos, desde ar impassível até mordidas ansiosas nos lábios.

— Venha — declarou Rand. — Está na hora de conhecer seus alunos.

Taim hesitou.

— É mesmo só para isso que você me quer? Para tentar ensinar a essa escória deprimente? Isso se for possível ensinar a algum deles. Quantos você realmente acha que vai encontrar em um grupo que simplesmente veio vagando até você?

— Isso é importante, Taim. Eu mesmo faria, se pudesse, se tivesse tempo. — O tempo era sempre crucial, estava sempre faltando. E ele mesmo admitira, por mais que lhe fosse penoso. Rand percebia que não gostava muito de Taim, mas não era obrigado a gostar. Não ficou esperando e, depois de um instante, o outro o alcançou com passos compridos. — Você falou em confiança. Estou confiando em você para isso. — *Não confie!*, vociferou Lews Therin, de seu recôndito obscuro. *Nunca confie em ninguém! Confiança traz a morte!* — Teste os rapazes e comece as aulas assim que descobrir quem é capaz de aprender.

— Como o Lorde Dragão desejar — murmurou Taim, irônico, quando chegaram ao grupo que os aguardava.

Foram saudados com medidas e reverências, nenhuma muito polida.

— Este é Mazrim Taim — anunciou Rand. Queixos caíram e olhos se arregalaram, naturalmente. Alguns dos mais jovens os encararam como se achassem que ele e Taim estavam ali para lutar, uns poucos pareciam ansiosos para assistir. — Apresentem-se a ele. A partir de hoje, ele será seu instrutor.

Taim lançou a Rand um olhar frio enquanto os alunos foram se agrupando devagar em torno dele e começaram a se apresentar.

Na verdade, as reações foram variadas. Fedwin avançou com avidez, abrindo caminho até a frente, logo ao lado de Damer, enquanto Eben permaneceu atrás, com o rosto pálido. Os outros estavam divididos, hesitantes, indecisos, mas por fim foram se pronunciando. A declaração de Rand punha um ponto final em semanas de espera para alguns daqueles homens, talvez em anos de sonhos. Um novo paradigma começava naquele momento, um que lhes permitiria canalizar, fossem quais fossem as implicações.

Um sujeito troncudo de olhos escuros, seis ou sete anos mais velho que Rand, ignorou Taim e afastou-se dos outros. Vestido em um casaco bruto de fazendeiro, Jur Grady parou diante de Rand, remexendo os pés e retorcendo um quepe de tecido nas mãos ásperas. Encarava o quepe e o chão sob as botas gastas, só de vez em quando erguendo os olhos para Rand.

— É... milorde Dragão, eu andei pensando... é... meu pai está cuidando do meu terreno, um bom pedaço de terra, e se o córrego não secar ainda vai dar uma safra, isso se chover, e... e... — Ele esmagou o quepe, então endireitou-o outra vez, com cuidado. — Estava pensando em voltar para casa.

As mulheres não estavam agrupadas em volta de Taim. Agarravam as crianças e observavam, em uma fileira silenciosa de olhos angustiados. A mais jovem, uma moça roliça de cabelos claros, com um garoto de quatro anos brincando com seus dedos, era Sora Grady. Aquelas mulheres estavam ali acompanhando os maridos, mas Rand suspeitava de que metade das conversas entre os casais eventualmente mencionasse a partida. Cinco homens já tinham ido embora, todos casados, ainda que nenhum tivesse dado o casamento como justificativa. Que mulher ficaria tranquila vendo o marido esperar para aprender a canalizar? Deveria ser como vê-lo na fila para cometer suicídio.

Alguns diriam que aquele não era um lugar para famílias, embora muito provavelmente esses mesmos diriam que os homens também não deveriam estar ali. Na opinião de Rand, as Aes Sedai haviam cometido um erro se fechando para o mundo. Poucos adentravam a Torre Branca além das Aes Sedai, as mulheres que queriam ser Aes Sedai e as pessoas que as serviam. Apenas um punhado ia até lá em busca de ajuda e só fazia isso em circunstâncias extremas. Quando as Aes Sedai saíam da Torre, a maioria mantinha distância do povo — e algumas nunca saíam. Para as Aes Sedai, as pessoas eram peças de um jogo e o mundo era o tabuleiro, não um lugar onde viver. Para elas, apenas a Torre Branca era real. Nenhum homem conseguiria esquecer o mundo e as pessoas comuns quando tinha a própria família diante de si.

Aquilo só precisava durar até Tarmon Gai'don — quanto tempo? Um ano? Dois? —, mas a questão era se duraria até lá. De alguma forma, duraria. Ele faria durar. As famílias eram, para os homens, uma lembrança de por que lutavam.

Os olhos de Sora estavam cravados em Rand.

— Vá, se quiser — respondeu a Jur. — Você pode ir embora a qualquer momento antes que comece a aprender a canalizar. Depois que der esse passo, terá se tornado o mesmo que um soldado. Você sabe que vamos precisar de todos os soldados que pudermos encontrar antes da Última Batalha, Jur. A Sombra vai arrebanhar novos Senhores do Medo prontos para canalizar, pode contar com isso. Mas a escolha é sua. Talvez você consiga ficar de fora lá na sua fazenda, até acabar. Deve haver alguns lugares no mundo que ficarão a salvo do que está por vir. Espero. De todo modo, o restante de nós vai fazer o possível para preservar o máximo de locais que

der. Mas você podia ao menos dizer seu nome a Taim. Seria uma vergonha ir embora antes de descobrir se tem condições de aprender.

Evitando os olhos de Sora, Rand deu as costas para Jur, que parecia confuso. *E você recrimina as Aes Sedai por manipular os outros*, pensou com amargura. Fazia o que tinha de fazer.

Taim ainda ouvia os nomes do grupo, continuando a lançar olhares irritados mal contidos a Rand. De súbito, a paciência dele se esgotou.

— Já chega disso. Posso pegar os nomes depois, dos que ainda estiverem aqui amanhã. Quem é o primeiro a ser testado? — Na mesma rapidez, os homens congelaram a língua. Alguns o encaravam sem nem piscar os olhos. Taim apontou para Damer. — É melhor já tirar você do caminho. Venha cá.

Damer não se moveu até Taim o agarrar pelo braço e o puxar, afastando-o um pouco dos outros.

Observando, Rand também se aproximou.

— Quanto mais Poder for usado — ia explicando Taim, a Damer —, mais fácil detectar a ressonância. Por outro lado, uma ressonância grande demais pode lhe trazer um desconforto na cabeça, ou talvez até matá-lo, então vou começar de leve.

Damer piscou os olhos. Não entendera quase nada, exceto talvez a parte sobre desconforto e morte. Rand, porém, sabia que a explicação tinha sido para ele. Taim estava escondendo sua ignorância dos outros.

De súbito, uma pequenina chama tremulante irrompeu no ar. Tinha uma polegada de altura e estava equidistante dos três homens. Rand sentia o Poder em Taim, ainda que apenas um pouquinho, e via o fino fluxo de Fogo que o homem urdia. A chama trouxe um alívio surpreendente, era prova de que Taim podia mesmo canalizar. As dúvidas iniciais de Bashere deviam ter ficado em sua mente.

— Concentre-se na chama — disse Taim. — Você é a chama. O mundo é a chama. Não existe nada além da chama.

— Eu não sinto nada, só um princípio de dor nos olhos — resmungou Damer, enxugando o suor do rosto com o dorso da mão bruta e calejada.

— Concentre-se! — vociferou Taim. — Não fale, não pense, não se mexa. Concentre-se.

Damer aquiesceu, depois piscou os olhos para a carranca de Taim e congelou, encarando a chama diminuta em silêncio.

Taim estava concentrado, mas Rand não sabia ao certo em quê. Ele parecia escutar. Uma ressonância, ao que dissera. Rand manteve o foco, escutando, tentando sentir... alguma coisa.

Minutos se passaram sem que ninguém movesse um só músculo. Cinco, seis, sete minutos intermináveis, e Damer praticamente sem piscar. O velho respirava com dificuldade, suando tanto que parecia que tinham derramado um balde de água em sua cabeça. Dez minutos.

De repente, Rand sentiu. A ressonância. Uma coisa pequena, um eco do

minúsculo fluxo de Poder que pulsava em Taim, mas parecia vir de Damer. Só podia ser a ressonância que Taim mencionara, mas ele não se mexeu. Talvez houvesse mais, ou talvez aquilo não fosse o que Rand imaginava.

Mais um ou dois minutos se passaram, e por fim Taim assentiu, liberando a chama e *saidin*.

— Você é capaz de aprender... Damer, não é? — Ele parecia surpreso. Sem dúvida não imaginara que o primeiríssimo homem passaria no teste, ainda mais um velho quase careca. Damer abriu um sorriso fraco, parecia prestes a vomitar. — Acho que eu não deveria me surpreender se todos esses simplórios passarem no teste — murmurou o homem de nariz de gavião, olhando para Rand. — Você parece ter a sorte de dez homens juntos.

Botas se remexeram, sem jeito, entre o restante dos “simplórios”. Sem dúvida alguns já desejavam não passar. Não podiam recuar agora, mas, se falhassem no teste, poderiam voltar para casa sabendo que tinham tentado, sem precisar encarar o que viesse caso passassem.

O próprio Rand ficou um pouco surpreso. Não houvera nada além daquele eco, no fim das contas, e ele sentira antes de Taim, que sabia o que procurava.

— No devido tempo, vamos descobrir qual é a extensão da sua força — explicou Taim, enquanto Damer retornava para perto dos outros. O grupo se afastou um pouco dele, sem encará-lo. — Talvez você tenha tanta força quanto eu ou até quanto o Lorde Dragão aqui. — O vão em torno de Damer se ampliou mais um pouco. — Só o tempo dirá. Preste atenção enquanto eu testo os outros. Se for esperto, vai conseguir pescar o jeito daqui a mais quatro ou cinco testes. — Uma rápida olhadela para Rand informou que o comentário tinha sido para ele. — Pois bem, quem é o próximo? — Ninguém se mexeu. O saldaeano alisou o queixo e apontou para um sujeito desajeitado com bem mais de trinta anos, um tecelão de cabelos escuros chamado Kely Huldin — Você. — Na fileira de mulheres, a esposa de Kely soltou um gemido de lamento.

Vinte e seis outros testes tomariam o restante da tarde, talvez até mais. Com ou sem calor, os dias estavam ficando cada vez mais curtos, como se o inverno de fato estivesse chegando, e um teste malsucedido levava alguns minutos a mais do que um bem-sucedido, só por garantia. Bashere estava aguardando, e ainda havia Weiramon para visitar, e...

— Continue aí — disse Rand a Taim. — Volto amanhã para ver como foram as coisas. Lembre-se da confiança que estou depositando em você. — *Não confie nele, ganiu Lews Therin. A voz parecia vir de alguma figura cabriolante nas profundezas de sua mente. Não confie. Confiança leva à morte. Mate o homem. Mate todos eles. Ah, morrer e acabar, acabar com tudo, dormir sem sonhos, sonhos de Ilyena, me perdoe, Ilyena, não há perdão, apenas a morte, mereço morrer...* Rand deu as costas para o grupo antes que seu rosto denunciasse a luta interna. — Amanhã. Se eu puder.

Taim o alcançou antes que ele e as Donzelas chegassem à metade do caminho de

volta até as árvores.

— Se ficar mais um pouco, pode aprender a fazer o teste. — Havia um toque de exasperação em sua voz. — Isso se eu encontrar mais uns quatro ou cinco, de todo modo, o que não vai me surpreender. Você parece ter a sorte do próprio Tenebroso. Imagino que queira aprender. A não ser que esteja pretendendo largar tudo nas minhas costas. Estou lhe avisando, vai levar tempo. Por mais que eu pressione, esse Damer ainda vai levar dias, semanas, antes de sequer conseguir sentir *saidin*, que dirá tocá-lo. Só tocar, sem canalizar nem uma centelha.

— Eu já entendi como funciona o teste — respondeu Rand. — Não foi difícil. E de fato pretendo largar tudo nas suas costas, até você conseguir encontrar outros e ensinar a eles o suficiente para que possam ajudá-lo a procurar mais outros. Lembre-se do que eu disse, Taim. Seja rápido em ensinar a eles.

Havia perigos naquilo. Aprender a canalizar a metade feminina da Fonte Verdadeira era como aprender a aceitá-la, pelo que as mulheres tinham dito a Rand, aprender a submeter-se a algo que prestaria obediência a quem se entregasse. Era como guiar uma força colossal que só faria mal a quem abusasse de seu uso. Elayne e Egwene viam aquilo como natural. Para Rand, era quase impossível de acreditar. Canalizar a metade masculina era uma guerra constante por controle e sobrevivência. Se avançasse além da conta ou muito depressa, viraria um rapazinho atirado sem roupas em uma batalha intensa contra inimigos armados. Mesmo depois de aprender, era possível acabar destruído, morto ou com a mente obliterada por *saidin* — isso se simplesmente não acabasse exaurindo a própria habilidade de canalizar. O mesmo preço que as Aes Sedai cobravam de um homem capaz de canalizar que capturassem poderia ser cobrado do próprio canalizador em um instante de descuido, em um instante em que baixasse a guarda. Não que alguns daqueles homens diante do celeiro não estivessem dispostos a pagar esse preço naquele exato minuto. A esposa de Kely Huldin, com seu rosto redondo, agarrava o marido pela gola da camisa, falando com urgência. Kely balançava a cabeça, indeciso, e os outros homens casados encaravam suas esposas, preocupados. Mas estavam diante de uma guerra, e as guerras eram feitas de baixas, mesmo entre os casados. Luz, Rand estava ficando calejado a ponto de dar nojo a uma cabra. Virou um pouco o corpo para não ter que ver os olhos de Sora Grady.

— Vá avançando por onde der — disse a Taim. — Ensine o máximo possível no menor tempo possível.

Taim comprimiu os lábios de leve ao ouvir as primeiras palavras de Rand.

— O máximo possível — repetiu, impassível. — Mas o quê? Coisas que possam ser usadas como armas, suponho.

— Armas — concordou Rand. Todos os homens tinham que ser armas, inclusive ele próprio. Será que uma arma poderia ter família? Poderia se permitir ser amada? Ora, *de onde* ele tirara aquela ideia? — O máximo que puderem aprender, mas principalmente isso.

Havia tão poucos homens. Vinte e sete. E se houvesse pelo menos mais um além de Damer capaz de aprender, Rand agradeceria por ser *ta'veren* e ter atraído o homem para si. As Aes Sedai apenas capturavam e amansavam homens de fato capazes de canalizar, mas tinham se aprimorado bastante ao longo dos últimos três mil anos. Ao que parecia, algumas acreditavam estar tendo sucesso em algo que jamais pretenderam: apartar da humanidade a habilidade de canalizar através da seleção. A Torre Branca fora construída para abrigar três mil Aes Sedai constantemente — muito mais, se todas fossem convocadas de uma vez, com aposentos para abrigar centenas de meninas em treinamento. Contudo, antes da cisão havia apenas quarenta e tantas noviças na Torre, e menos de cinquenta Aceitas.

— Preciso de mais gente, Taim. Dê um jeito de encontrar mais. Ensine a eles como fazer o teste, antes de qualquer outra coisa.

— Pretende chegar ao número das Aes Sedai, é? — O sujeito parecia impassível, mesmo considerando que aquele poderia mesmo ser o plano de Rand. Seus olhos escuros e oblíquos mantiveram-se firmes.

— Quantas Aes Sedai existem ao todo? Mil?

— Menos que isso, acho — respondeu Taim, cauteloso.

Eliminaram os canalizadores da raça humana. Queimaram todos por serem quem eram, mesmo que com motivo.

— Bom, haverá inimigos suficientes, de todo modo. — O que não faltava eram inimigos. O Tenebroso, os Abandonados, Crias da Sombra, Amigos das Trevas. Os Mantos-brancos, sem dúvida, e muito provavelmente algumas Aes Sedai, as que pertenciam à Ajah Negra e as que queriam controlá-lo. Essas últimas ele contava como inimigas, por mais que elas não se considerassem assim. Decerto haveria Senhores do Medo, bem como ele afirmara. E mais. Inimigos o bastante para destruir todos os seus planos, para destruir tudo. Apertou o cabo entalhado do Cetro do Dragão. O tempo era o maior inimigo, o que ele tinha a menor chance de derrotar. — Eu vou derrotá-los, Taim. Todos eles. Eles acham que podem destruir tudo. É sempre destruindo, nunca construindo! Eu vou construir alguma coisa, vou deixar um legado. Seja lá o que aconteça, isso eu farei! Vou derrotar o Tenebroso. E vou purificar *saidin*, para que os homens não tenham medo de enlouquecer, para que o mundo não precise temer a canalização dos homens. Eu vou...

A borla verde e branca balançou quando ele sacudiu a lança, nervoso. Era impossível. O calor e a terra zombavam dele. Algumas coisas precisavam ser feitas, mas era tudo impossível. O máximo que qualquer um deles poderia esperar era ganhar e morrer antes de enlouquecer, e nem isso ele sabia como controlar. Só podia continuar tentando. Mas tinha que haver um meio. Se de fato existisse algo parecido com justiça, tinha que haver um meio.

— Purificar *saidin* — murmurou Taim. — Acho que isso iria requerer mais poder do que você imagina. — Ele fechou os olhos, pensativo. — Ouvi falar de coisas chamadas *sa'angreal*. Você tem algum que acha que poderia...

— Não importa o que eu tenho ou deixo de ter — retrucou Rand, com rudeza. — Ensine os que forem capazes de aprender, Taim. Depois encontre mais e os ensine também. O Tenebroso não vai esperar. Luz! Não temos tempo, Taim, mas temos que dar um jeito. Nós temos!

— Vou fazer o possível. Só não espere que Damer seja capaz de derrubar as muralhas de uma cidade amanhã de manhã.

Rand hesitou.

— Taim? Fique de olho em qualquer aluno que comece a aprender depressa demais. Me avise imediatamente. Um dos Abandonados pode tentar se infiltrar entre os estudantes.

— Um dos Abandonados! — Saiu quase como um sussurro. Pela segunda vez, Taim parecia abalado, agora de fato bastante surpreso. — Por que é que...?

— Qual é a extensão da sua força? — interrompeu Rand. — *Agarre saidin*. Agora. O máximo que conseguir.

Por um instante, Taim simplesmente encarou Rand, inexpressivo. Então o Poder fluíu por dentro dele. Não havia brilho, tal como as mulheres viam umas em torno das outras, apenas uma sensação de força e ameaça, mas Rand conseguia senti-la muito bem e avaliá-la. Taim continha o suficiente de *saidin* para destruir a fazenda e todos ali em questão de segundos, o suficiente para devastar tudo até onde a vista alcançasse. Não era muito menos do que o próprio Rand era capaz de manejar sozinho. Por outro lado, o homem podia estar se contendo. Não aparentava estar se esforçando. Ele talvez não quisesse exibir toda a sua força. Como poderia prever a reação de Rand?

A sensação de *saidin* se esvaneceu de Taim, e, pela primeira vez, Rand percebeu que ele próprio estava tomado pela metade masculina da Fonte, uma torrente indomável feita de todos os fios que ele conseguia puxar do *angreal* guardado em seu bolso. *Mate-o*, murmurou Lews Therin. *Mate-o agora mesmo!* Por um instante, o choque o arrebatou. O vazio que o rodeava cedeu um pouco, *saidin* se intensificou e avolumou, e ele quase não conseguiu soltar o Poder antes de ser esmagado junto com o Vazio. Quem agarrara a Fonte, ele ou Lews Therin? *Mate-o! Mate-o!*

Em um assomo de fúria, Rand deu um berro dentro da própria cabeça: *Cale a boca!* Para sua própria surpresa, a outra voz desapareceu.

Suor escorria por seu rosto, e ele o limpou com a mão quase trêmula. Ele próprio agarrara a Fonte, só podia ter sido isso. A voz de um homem morto não poderia ter feito uma coisa dessas. Inconscientemente, não confiava em Taim manejando tamanha quantidade de *saidin* enquanto ele permanecia indefeso. Era isso.

— Só fique de olho em quem aprender depressa demais — murmurou.

Talvez estivesse revelando demais a Taim, mas as pessoas tinham o direito de saber o que poderiam vir a enfrentar. Quanto precisassem saber. Não ousava deixar que Taim ou qualquer um descobrisse onde ele aprendera a maior parte das coisas que sabia. Se alguém descobrisse que ele mantivera um dos Abandonados

prisioneiro e permitira que ele fugisse... os rumores jamais mencionariam a parte do *prisioneiro*. Os Mantos-brancos alegavam que ele era um falso Dragão e muito provavelmente também Amigo das Trevas e diziam o mesmo de qualquer um que tocasse o Poder Único. Se o mundo soubesse a respeito de Asmodean, muita gente mais poderia acreditar nisso. Pouco importava que Rand tivesse precisado de um homem para instruí-lo com *saidin*. Nenhuma mulher podia fazer isso, não mais do que podiam ver suas tessituras, ou ele as delas. *Os homens sempre acreditam no pior, e as mulheres sempre acreditam que o pior esconde algo ainda mais terrível.* Era um antigo ditado de Dois Rios. Se Asmodean aparecesse outra vez, Rand lidaria com o homem sozinho.

— Só fique de olho. Discretamente.

— Como milorde Dragão desejar. — Taim chegou a fazer uma leve mesura antes de sair outra vez pela fazenda.

Rand percebeu que as Donzelas o encaravam. Enaila, Somara, Sulin, Jalani e todas as outras tinham o olhar cheio de preocupação. Elas aceitavam de pronto quase tudo o que ele fazia, até as coisas que ele hesitava em fazer e as decisões que deixavam os outros povos sobressaltados. Mas ficavam chocadas com coisas que ele nem compreendia. Elas aceitavam e *se preocupavam* com ele.

— Você não pode se cansar — murmurou Somara.

Rand a encarou e a mulher de cabelos louros enrubesceu. Aquele poderia até não ser considerado um lugar público, já que Taim estava longe demais para ouvir, mas mesmo assim aquilo estava passando dos limites.

Enaila, contudo, puxou uma *shoufa* reserva do cinto e entregou-a a ele.

— Não é bom para você pegar sol demais — murmurou a mulher.

— Ele precisa de uma esposa para vigiá-lo — resmungou uma das outras, Rand não soube dizer qual.

Nem mesmo Somara e Enaila diziam essas coisas na frente dele. E Rand sabia a quem se referiam: Aviendha. Quem melhor para se casar com o filho de uma Donzela do que uma Donzela que largara a lança para se tornar uma Sábia?

Suprimindo um lampejo de raiva, Rand enrolou a *shoufa* na cabeça e se sentiu grato. O sol estava mesmo escaldante e o tecido marrom-acinzentado bloqueava uma quantidade surpreendente de calor. O suor empapou o pedaço de pano na mesma hora. Seria possível que Taim conhecesse algum truque como o das Aes Sedai para não se deixar afetar pelo calor e pelo frio? Saldaea estava muito longe ao norte e, no entanto, tal qual os Aiel, o homem quase não transpirava. Apesar da gratidão, o que Rand disse foi:

— O que eu não posso é ficar aqui parado perdendo tempo.

— Perdendo tempo? — indagou a jovem Jalani, em um tom inocente demais, desamarrando a *shoufa* e expondo momentaneamente os cabelos curtos, quase tão ruivos quanto os de Enaila. — Como pode o *Car'a'carn* estar perdendo tempo? Da última vez que suei tanto quanto ele, tinha corrido do nascer ao cair do dia.

Sorrisos e gargalhadas irromperam entre as outras Donzelas. Maira, uma ruiva, pelo menos dez anos mais velha do que Rand, se acabava de rir, dando tapas na própria coxa, enquanto Desora, uma loura, tentava esconder o riso com a mão, como de costume. Liah, com sua cicatriz no rosto, pulava sem parar, enquanto Sulin quase se curvava de tanto rir. O humor Aiel era estranho, para dizer o mínimo. Os heróis das histórias não tinham sofrido chacotas, nem mesmo estranhas como aquela e Rand duvidava de que coisa parecida acontecesse com reis. Parte da questão era que um chefe Aiel, mesmo o *Car'a'carn*, não era um rei. Sob muitos aspectos, ele até podia ter a autoridade de um, mas qualquer Aiel podia ficar cara a cara com um chefe e dizer exatamente o que pensava. A maior parte da questão, no entanto, era outra.

Apesar de ter sido criado em Dois Rios, por Tam al'Thor e pela esposa de Tam, Kari, que morrera quando Rand tinha cinco anos, sua verdadeira mãe, fora uma Donzela da Lança que morrera dando à luz nas encostas do Monte do Dragão. Não uma Aiel, embora o pai tivesse sido, mas ainda assim uma Donzela. Dessa forma, Rand estava sujeito a costumes Aiel mais poderosos que a lei. Não havia como resistir. Nenhuma Donzela podia se casar e continuar portando a lança, e, a menos que abrisse mão da lança, qualquer criança que gestasse era entregue pelas Sábias a outra mulher, de modo que a Donzela jamais sabia que mulher era essa. Havia a crença de que o filho de uma Donzela trazia sorte, tanto ao nascer quanto a quem o criasse, embora ninguém além da nova mãe e seu marido soubessem que o filho não era dela. Mais ia além disso: a Profecia Aiel de Rhuidean dizia que o *Car'a'carn* seria gerado daquela forma, mas criado por aguacentos. Para as Donzelas, Rand representava o retorno de todas aquelas crianças: o primeiro filho de uma Donzela a ser conhecido por todos.

A maioria, fossem mais velhas que Sulin ou mais jovens que Jalani, o acolhia como a um irmão perdido por muitos anos. Em público, dispensavam-lhe o mesmo respeito que a qualquer chefe, por menor que parecesse. Sozinho com elas, no entanto, Rand acabava sendo tratado como irmão, ainda que a posição de irmão mais novo ou mais velho não tivesse nada a ver com a idade de cada mulher. Ele se contentava em ver que poucas seguiam o mesmo caminho de Enaila e Somara: em público ou não, era muito irritante ter uma mulher da idade dele se comportando como sua mãe.

— Então temos que ir para um lugar onde eu não vá suar — respondeu, conseguindo abrir um sorriso.

Devia isso a elas. Algumas já tinham morrido por ele e mais morreriam, antes que tudo terminasse. As Donzelas logo reprimiram as risadas, a postos para ir aonde o *Car'a'carn* mandasse, a postos para defendê-lo.

A questão era: para onde ir? Bashere aguardava sua visita calculadamente fortuita, mas se Aviendha tivesse ouvido a respeito, poderia muito bem estar com o Marechal-General. Rand andava evitando a mulher o máximo que podia, sobretudo

se houvesse o risco de ficarem a sós. Porque queria ficar sozinho com ela. Até então, conseguira esconder isso das Donzelas. Se elas tivessem a menor suspeita que fosse, o atormentariam pelo resto da vida. O fato era que ele *precisava* manter distância dela. Rand levava a morte consigo, feito uma doença contagiosa. Era um alvo e as pessoas que o cercavam acabavam morrendo. Precisara endurecer o coração para permitir que as Donzelas morressem — que a Luz o queimasse para sempre por aquela promessa! —, mas Aviendha abria mão da lança para estudar com as Sábias. Rand não sabia ao certo o que sentia por ela, só sabia que se Aviendha morresse por sua causa algo dentro dele morreria também. Era uma sorte que ela não tivesse qualquer envolvimento emocional com ele. Só tentava ficar por perto porque as Sábias queriam que ela o vigiasse e porque queria vigiá-lo para Elayne. Nenhum dos motivos facilitava a situação para ele — era exatamente o oposto.

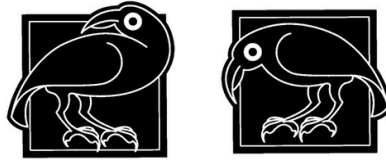
Na verdade, não era difícil decidir. Bashere teria que esperar, só assim ele conseguiria evitar Aviendha. E a visita a Weiramon, planejada no Palácio para que parecesse uma tentativa de manter segredo, ocorreria primeiro. A vontade de fugir era um motivo tolo para tomar uma decisão, mas o que podia fazer um homem diante da insensatez de uma mulher? Inverter as obrigações poderia acabar sendo a melhor decisão. As pessoas que ele queria que descobrissem sobre o encontro secreto descobririam de qualquer forma — e talvez fosse justamente pela inversão que acabassem acreditando no que Rand queria que acreditassem, posto que tudo de fato seria feito às escondidas. Talvez a vitória com Bashere e os homens de Saldaea parecesse ainda mais despropositada, já que ele deixaria para fazê-la no fim do dia. Isso. Manobras sobre manobras, um comportamento digno de qualquer cairhieno jogando o Jogo das Casas.

Agarrando *saidin*, Rand abriu um portão — a nesga de luz em pleno ar foi se alargando, revelando o interior de uma grande tenda com listras verdes, vazia exceto por um carpete colorido bordado com uma padronagem tairana em forma de labirinto. Não havia chance de sofrerem uma emboscada naquela tenda, menos ainda do que nos entornos da fazenda, mas Enaila, Maira e as outras se velaram e avançaram com pressa. Rand fez uma pausa e olhou para trás.

Kely Huldin caminhava em direção à casa de fazenda, a cabeça baixa, a esposa conduzindo os dois filhos a seu lado. A mulher afagava o ombro de Kely, como se tentando consolá-lo, mas mesmo do outro lado do terreno, Rand distinguia a expressão radiante dela. Estava claro que Kely falhara no teste. Taim estava diante de Jur Grady, ambos encarando uma minúscula chama que tremeluzia entre os dois. Sora Grady, com o filho agarrado junto ao seio, não olhava para o marido. Ainda mantinha os olhos cravados em Rand. *Os olhos de uma mulher cortam mais que uma faca* — outro ditado de Dois Rios.

Ele adentrou a abertura, aguardou o restante das Donzelas fazerem a travessia e soltou a Fonte. Fazia o que tinha que fazer.





SENSO DE HUMOR

O interior pouco iluminado da tenda estava quente o bastante para fazer Caemlyn, cerca de oitocentas milhas ao norte, parecer fresca e agradável. Ao erguer a aba de tecido da entrada, Rand teve que piscar para acostumar os olhos. O sol o atingiu como um martelo e ele ficou feliz por estar usando a *shoufa*.

Uma réplica do estandarte do Dragão pendia no alto da tenda de listras verdes, bem ao lado de um estandarte carmesim que ostentava o antigo símbolo dos Aes Sedai. Outras tendas se estendiam pela planície de elevações suaves, onde quase todos os tufo de grama dura tinham se incorporado à terra, depois de pisoteados por tantos cascos e botas. Havia tendas de topo pontudo e tendas de topo plano, além de muita cor. A maioria das tendas era inteiramente branca — ou pelo menos de um branco sujo —, mas muitas eram listradas ou completamente coloridas e também havia as cores dos estandartes dos lordes. Havia um exército reunido ali, na fronteira de Tear, às margens da Planície de Maredo — milhares e milhares de soldados vindos de Tear e Cairhien. Os Aiel haviam erguido os próprios acampamentos, bem longe dos aguacentos. Havia cinco Aiel para cada taireno e cairhieno e mais chegavam a cada dia. Um exército capaz de fazer Illian tremer na base, um bando já com força suficiente para aniquilar qualquer coisa que cruzasse seu caminho.

Enaila e o restante da guarda dianteira já estavam do lado de fora, os véus baixados, reunidas com mais de dez homens Aiel. Os Aiel montavam guarda constante naquela tenda. Vestidos e armados feito as Donzelas, eram todos tão altos quanto Rand ou ainda mais — leões frente aos leopardos das Donzelas, homens de rosto duro, curtido pelo sol, com frios olhos azuis, verdes ou cinza. Naquele dia eram os *Sha'mad Conde*, Andarilhos do Trovão, liderados pelo próprio Roidan, o chefe da sociedade daquele lado da Muralha do Dragão. As Donzelas carregavam a honra do *Car'a'carn*, mas cada uma das sociedades de guerreiros exigia fazer sua

parte na guarda de Rand.

Um detalhe do traje de alguns dos homens diferia das roupas das Donzelas. Metade usava enrolado nas têmporas um tecido carmesim ostentando o antigo símbolo Aes Sedai, o disco preto e branco logo acima das sobrancelhas. Era uma novidade, vista pela primeira vez apenas alguns meses antes. Os que usavam a faixa na cabeça se consideravam *siswai'aman*, que na Língua Antiga queria dizer “As Lanças do Dragão”. As Lanças que Pertencem ao Dragão, em uma tradução mais literal. As faixas nas cabeças e seu significado deixavam Rand incomodado, mas havia pouco que ele pudesse fazer, já que os homens se recusavam até mesmo a admitir que as usavam. Por que nenhuma Donzela as ostentava — pelo menos nenhuma que ele tivesse visto —, Rand não fazia ideia. Elas eram quase tão relutantes em tocar no assunto quanto os homens.

— Vejo você, Rand al'Thor — declarou Roidan, muito sério. Os cabelos de Roidan eram consideravelmente mais grisalhos do que louros, mas o rosto do homem de ombros largos poderia servir de martelo ou bigorna a um ferreiro. A julgar pelas cicatrizes no nariz e nas bochechas, parecia provável que tivesse sido mesmo usado, e mais de uma vez. Os frios olhos azuis faziam o rosto parecer suave. Ele evitava olhar para a espada de Rand. — Que o dia lhe traga boa sombra. — A frase não tinha relação com o sol escaldante ou o céu sem nuvens. Roidan não parecia transpirar sequer uma gota. Era apenas uma saudação comum ao povo de uma terra onde o sol era sempre escaldante, e as árvores, raras.

Com o mesmo nível de formalidade, Rand respondeu:

— Vejo você, Roidan. Que o dia lhe traga boa sombra. O Grão-lorde Weiramon está por aqui?

Roidan indicou com a cabeça um grande pavilhão com as laterais listradas de vermelho e o teto carmesim, todo circundado por homens portando lanças compridas apoiadas com precisão, as placas peitorais reluzentes, os casacos de tecido preto e dourado dos Defensores da Pedra tairenos. Acima, tremulavam as Três Luas Crescentes de Tear, brancas sobre um fundo vermelho e dourado, e o sol raiado de Cairhien, dourado sobre um fundo azul, ambos flanqueando o estandarte escarlate de Rand, os três drapejando ao sabor de uma brisa que mais parecia o bafo de um forno.

— Os aguacentos estão todos lá. — Encarando Rand direto nos olhos, Roidan acrescentou: — Faz três dias que Bruan não é chamado àquela tenda, Rand al'Thor. — Bruan era o chefe de clã dos Aiel Nakai, o clã de Roidan. Ambos eram do ramo do Campo de Sal. — Nem Han, dos Tomanelle, ou Dhearic, dos Reyn. Ou qualquer outro chefe de clã.

— Vou falar com eles — respondeu Rand. — Pode informar Bruan e os outros de que estou aqui?

Roidan aquiesceu, solene.

Olhando os homens de esguelha, Enaila inclinou-se para perto de Jalani e perguntou, em um sussurro que poderia ter sido ouvido claramente a dez passadas de

distância:

— Sabe por que eles são chamados de Andarilhos do Trovão? Porque, mesmo quando estão parados, a gente fica olhando para o céu procurando os raios.

As Donzelas explodiram em gargalhadas.

Um jovem Andarilho do Trovão deu um salto, chutando a bota alta e macia mais alto do que a cabeça de Rand. Era bonito, exceto pela cicatriz branca enrugada que ostentava abaixo da tira de pano preto que cobria o olho que faltava. Ele também usava a faixa vermelha na cabeça.

— Sabe por que as Donzelas se comunicam por gestos? — gritou, quando atingiu o ponto mais alto do salto. Ao voltar ao chão, fez uma careta atordoada. Não era direcionada às Donzelas: o sujeito falava com seus companheiros, ignorando as mulheres. — Porque mesmo quando não estão falando, elas não conseguem parar de falar.

Os *Sha'mad Conde* gargalharam tão alto quanto as Donzelas tinham rido.

— Só mesmo os Andarilhos do Trovão veriam honra em vigiar uma tenda vazia — comentou Enaila, com Jalani, em um tom desapontado, balançando a cabeça. — Se os *gai'shain* trouxerem canecas vazias da próxima vez que eles pedirem vinho, com certeza vão ficar mais bêbados do que a gente conseguiria se estivesse bebendo *oosquai*.

Parecia que os Andarilhos do Trovão pensavam que Enaila tinha levado a melhor. O caolho e vários outros ergueram os broquéis de couro de touro na direção dela e bateram neles com as lanças. A Donzela apenas escutou por um instante, depois assentiu e foi atrás das outras que seguiam Rand.

Refletindo a respeito do humor Aiel, Rand observava o vasto campo. Os aromas de comida emergiam de centenas de fogueiras espalhadas — pão assando no carvão, carne assando em espetos, sopa borbulhando em caldeirões pendurados em tripés. Soldados comiam bem e bastante sempre que podiam, pois as provisões das campanhas costumavam ser limitadas. Cada fogueira exalava seus próprios aromas adocicados — havia mais estrume de boi seco do que lenha para queimar, na Planície de Maredo.

Havia arqueiros, besteiros e lanceiros pelos arredores, vestidos em seus coletes de couro com discos de aço costurados ou simplesmente em casacos acolchoados, mas tanto os nobres tairenos quanto os cairhienos desprezavam andar e enalteciam a cavalgada, portanto acabavam ficando em evidência, já que estavam montados. Os tairenos usavam capacetes bojudos com abas, ostentando placas peitorais sobre os casacos de mangas bufantes de tecido listrado nas cores de seus vários lordes. Os cairhienos estavam de casacos escuros, com placas peitorais surradas e capacetes em formato de sino com uma abertura que expunha o rosto. Pequenos estandartes chamados *con* ficavam presos em bastões curtos às costas de alguns dos homens, demarcando a nobreza inferior cairhiena, os filhos caçulas e às vezes os baixos oficiais, embora poucos plebeus cairhienos fossem elevados — e poucos tairenos,

também. As duas nacionalidades não se misturavam. Enquanto os tairenos costumavam sentar-se esparramados nas selas e sempre dirigir um olhar de desprezo a qualquer cairhieno que se aproximasse, os nobres cairhienos — de estatura mais baixa — se sentavam rígidos nas selas, o mais empertigados que podiam, ignorando completamente a presença tairena. Os dois países haviam travado mais de uma guerra um contra o outro antes que Rand os obrigasse a cavalgar juntos.

Usando vestimentas rústicas, velhos grisalhos e alguns rapazes recém-saídos da infância perambulavam em meio às tendas cutucando o chão com varas robustas. Alguns perseguiam ratos, tentando golpeá-los com um porrete para acrescentá-los aos demais, já mortos, pendurados no cinturão. Um sujeito narigudo e sem camisa, usando um colete de couro manchado, com um arco na mão e a aljava na cintura, se aproximou de uma mesa diante de uma das tendas e depositou no tampo uma comprida fileira de corvos e gralhas amarradas pelos pés. Recebeu em troca uma bolsa, entregue pelo taireno sem capacete e aparentemente entediado que estava sentado do outro lado. Pouca gente tão ao sul acreditava que Myrddraal de fato usassem ratos, corvos e afins como espiões — Luz, exceto pelos que de fato os haviam visto, quase ninguém tão ao sul de fato acreditava em Myrddraal, ou mesmo Trollocs! —, mas se o Lorde Dragão queria livrar o acampamento dessas criaturas, todos ficavam satisfeitos em obedecer. Ainda mais considerando que o Lorde Dragão pagava em prata por cada cadáver.

Muitos vivas se ergueram, claro. Ninguém mais circularia pelo acampamento com uma escolta de Donzelas da Lança, ainda por cima portando o Cetro do Dragão. “Que a Luz ilumine o Lorde Dragão!”, “Que a Graça proteja o Lorde Dragão!” e outras saudações similares foram ouvidas de todos os lados. Muitas, inclusive, pareciam sinceras, embora fosse difícil afirmar, com os homens gritando a plenos pulmões. Alguns apenas encaravam a escolta com um olhar temeroso ou davam meia-volta e cavalgavam para longe, mas não muito depressa. Afinal, não havia como dizer quando Rand decidiria invocar raios ou partir o chão em dois. Os homens capazes de canalizar acabavam mesmo loucos e quem poderia saber o que um homem louco faria, ou quando? Aclamando-o ou não, todos observavam as Donzelas com desconfiança. Poucos haviam se acostumado a ver mulheres portando armas feito homens. Além do mais, todos sabiam que os Aiel eram tão imprevisíveis quanto os loucos.

O barulho não foi suficiente para evitar que Rand ouvisse o que as Donzelas cochichavam.

— Ele tem um ótimo senso de humor. Quem é? — perguntou Enaila.

— Ele se chama Leiran — respondeu Somara. — Um Cosaida Chareen. Você só gostou do senso de humor dele porque Leiran julgou sua piada melhor que a dele. Mas o homem parece mesmo ter mãos fortes. — Várias Donzelas disfarçaram as risadinhas.

— Não achou a piada de Enaila engraçada, Rand al'Thor? — Sulin caminhava ao

lado dele a passos largos. — Você não riu. Nunca ri. Às vezes acho que você não tem senso de humor.

Rand parou na mesma hora, virando-se para as Donzelas tão de repente que várias agarraram os véus e olharam em volta, tentando entender o que o assustara. Ele pigarreou.

— Certa manhã, um velho fazendeiro irritadiço, chamado Hu, encontrou seu melhor galo no topo de uma árvore muito alta ao lado do laguinho da fazenda e o bicho não queria descer. Então ele foi pedir ajuda a seu vizinho, Wil. Os dois nunca tinham se dado bem, mas Wil por fim concordou em ajudar. Eles foram até o laguinho e começaram a subir a árvore, Hu primeiro. Os dois pretendiam assustar o galo para fazê-lo descer, mas a ave simplesmente voava cada vez mais alto, subindo de galho em galho. Então, quando Hu e o galo já estavam quase no topo da árvore, com Wil logo atrás, os dois ouviram um estalo bem alto. O galho sob os pés do velho fazendeiro tinha se partido e lá foi ele laguinho adentro, espalhando água e lama por todo lado. Wil desceu o mais depressa possível, todo desajeitado. Da margem do laguinho, ele estendeu a mão para Hu, mas o velho só ficou ali, parado, deitado de barriga para cima, afundando cada vez mais na lama, até só se ver o nariz dele para fora da água. Um terceiro fazendeiro viu o que aconteceu, foi correndo e puxou Hu de dentro do laguinho. “Por que você não tomou a mão de Wil?”, perguntou o sujeito. “Você podia ter se afogado.” Hu resmungou em resposta: “Por que eu deveria tomar a mão dele? Acabamos de nos cruzar, em plena luz do dia, e ele não dirigiu uma palavra a mim.”

Rand aguardou, ansioso.

As Donzelas trocaram olhares inexpressivos. Por fim, Somara perguntou:

— O que aconteceu com o laguinho? O ponto principal da história é a água, não é?

Jogando as mãos para o alto em um gesto de frustração, Rand retomou a caminhada em direção ao pavilhão de listras vermelhas. Atrás dele, ouviu Liah dizer:

— Acho que era para ser uma piada.

— Como é que a gente vai rir se ele não sabe o que aconteceu com a água? — perguntou Maira.

— Foi o galo — concluiu Enaila. — O humor dos aguacentos é estranho. Acho que tem alguma coisa a ver com o galo.

Rand tentou parar de escutar.

Os Defensores se enrijeceram ainda mais com a aproximação dele, se isso era possível, e os dois parados diante da entrada abriram caminho suavemente, afastando as duas abas de franjas douradas. Eles encaravam um ponto além das Aiel.

Rand já havia liderado os Defensores da Pedra uma vez, em uma luta desesperada contra Myrddraal e Trollocs nos corredores da própria Pedra de Tear. Os homens teriam seguido qualquer um que se pusesse na liderança, naquela noite, mas tinha sido ele.

— A Pedra resiste — murmurou. Aquele fora seu grito de batalha.

O lampejo de um sorriso estampou alguns daqueles rostos antes que retomassem as expressões rígidas. Em Tear, plebeus não sorriam para o que um lorde dizia, a menos que estivessem absolutamente certos de que o lorde esperava um sorriso.

A maioria das Donzelas ficou de cócoras do lado de fora, as lanças apoiadas nos joelhos — postura que aquelas mulheres poderiam manter durante horas sem mover um músculo sequer. Sulin seguiu Rand para dentro, junto com Liah, Enaila e Jalani. Mesmo que aqueles Defensores fossem todos amigos de infância de Rand, as Donzelas teriam sido igualmente cautelosas, mas de amigos os homens lá dentro não tinham nada.

Carpets coloridos e com franjas cobriam o chão do pavilhão, todos com padronagens de labirintos tairenos e arabescos elaborados. No centro jazia uma mesa colossal, repleta de entalhes e douraduras, excessivamente marchetada com marfim e turquesa. Com certeza fora necessário um carroção particular para transportar algo tão grande. A mesa, repleta de mapas, separava uma dúzia de tairenos de rosto suados de metade do mesmo número de cairhienos, que sofriam ainda mais com o calor. Cada um segurava um cálice dourado que serviçais discretos em roupas de tecido preto e dourado mantinham sempre cheio de ponche. Todos os nobres usavam seda, mas os cairhienos de barba feita, mais baixos, esguios e pálidos do que os homens do outro lado da mesa, trajavam casacos escuros e sóbrios, exceto pelas cores de suas Casas em faixas horizontais brilhantes no peitoral, cujo número indicava a graduação da Casa. Os tairenos, por sua vez, com a barba oleada e cuidadosamente aparada, usavam casacos acolchoados em uma profusão de vermelhos, amarelos, verdes e azuis, de cetim e brocados, com bordados em fios de prata e de ouro. Os cairhienos eram formais, sombrios até, a maioria de rosto encovado e com a frente da cabeça raspada e coberta de pó de arroz — o que já fora moda entre os soldados em Cairhien, mas não entre os lordes. Os tairenos sorriam e fungavam lenços e caixinhas perfumadas que inundavam o pavilhão com seus aromas pesados. Além do ponche, a única coisa que pareciam ter em comum eram os olhares impassíveis que dirigiam às Donzelas, além do costume de fingir que os Aiel eram invisíveis.

O Grão-lorde Weiramon, de barba oleada e mechas grisalhas nos cabelos, curvou-se em uma reverência profunda. Era um dos quatro Grão-lordes no recinto, calçando botas com elaborados enfeites em prata. Os outros eram o gorduchão untuoso chamado Sunamon; Tolmeran, cuja barba cinza como ferro lembrava a ponta de uma lança, o corpo magro servindo de cabo; e Torean, com o nariz de batata, que tinha mais cara de fazendeiro do que a maioria dos fazendeiros. No entanto, Rand deixara a liderança nas mãos de Weiramon. Por ora. Os outros oito eram lordes inferiores, alguns de barba feita, mas com não menos mechas grisalhas nos cabelos. Estavam ali por conta de seu juramento de fidelidade a um ou outro Grão-lorde, mas todos tinham alguma experiência em batalhas.

Weiramon não era baixo para um taireno, embora Rand fosse uma cabeça mais alto. O sujeito lembrava um galo de briga: todo empertigado e de peito estufado.

— Todos saúdam o Lorde Dragão — entoou ele, com uma mesura —, em breve Conquistador de Illian. Todos saúdam o Senhor da Manhã. — Os outros pronunciavam a frase apenas um átimo depois, os tairenos com os braços estendidos, os cairhienos com a mão no peito.

Rand fez uma careta. Senhor da Manhã fora um dos títulos de Lews Therin, pelo menos segundo os fragmentos de histórias. Grande parte das informações fora perdida com a Ruptura do Mundo, outra virara fumaça durante as Guerras dos Trollocs e mais ainda se perdera depois, na Guerra dos Cem Anos. No entanto, surpreendentemente, alguns fragmentos às vezes sobreviviam. Ficou surpreso por Lews Therin não ter começado a gritaria insana ao ouvir Weiramon pronunciar o título. Pensando bem, Rand não ouvia a voz desde que gritara com ela. Até onde se lembrava, aquela fora a primeira vez que ele de fato se dirigira à voz que coabitava sua mente. As possibilidades que isso encerrava provocavam calafrios.

— Milorde Dragão? — Sunamon secou o suor das mãos gordas. Parecia tentar não encarar a *shoufa* enrolada na cabeça de Rand. — O senhor está...? — Ele engoliu as palavras e abriu um sorriso obsequioso. Perguntar a um louco em potencial, para dizer o mínimo, se ele estava bem talvez não fosse o mais apropriado. — O Lorde Dragão gostaria de um pouco de ponche? Uma mistura de safra de Lodanaille com melão.

Um Senhor da Terra magricelo vassalo de Sunamon, um sujeito chamado Estevan, de rosto duro e olhos ainda mais duros, fez um gesto ríspido. Um serviçal correu para apanhar um cálice dourado que jazia sobre uma mesinha lateral encostada à parede de lona, enquanto outro se apressava em enchê-lo.

— Não — respondeu Rand. Então repetiu, mais enfático: — Não. — Dispensou o serviçal sem nem olhá-lo. Teria Lews Therin *lhe dado ouvidos*? De alguma forma, aquilo só piorava a situação. Não queria pensar nessa possibilidade agora, não queria pensar nela em momento algum. — Assim que Hearne e Simaan chegarem, vai estar quase tudo pronto. — Os dois Grão-lordes deveriam chegar em breve. Estavam conduzindo os maiores grupos de soldados tairenos que haviam saído de Cairhien, mais de um mês antes. Havia grupos menores a caminho do sul, claro, e mais cairhienos. Além de mais Aiel. O fluxo de Aiel desencadearia as coisas. — Quero ver...

De súbito, Rand percebeu que o pavilhão ficara muito quieto, muito silencioso, exceto pelo movimento repentino de Torean, bebendo o restante do ponche na taça de um gole só. O homem esfregou a mão na boca e estendeu o cálice pedindo mais, mas os serviçais pareciam tentar se fundir às paredes de listras vermelhas. Sulin e as outras três Donzelas se levantaram depressa, prontas para velar os rostos.

— O que foi? — perguntou Rand, baixinho.

Weiramon hesitou.

— Simaan e Hearne foram... para Haddon Mirk. Eles não virão. — Torean agarrou um cântaro trabalhado a ouro da mão de um dos serviçais e encheu o próprio cálice, espirrando ponche nos carpetes.

— E por que eles foram para lá em vez de virem para cá? — Rand não ergueu a voz. Tinha certeza da resposta. Aqueles dois, além de cinco outros Grão-lordes, haviam sido enviados a Cairhien basicamente para encontrar as mentes determinadas a conspirar contra o Dragão Renascido.

Sorrisos maliciosos surgiram entre os cairhienos, a maioria meio escondida pelos cálices erguidos mais do que depressa. Semaradrid, de posição mais alta, as faixas coloridas no casaco indo até a cintura, sorria sem nem disfarçar. Era um homem de rosto comprido, com mechas brancas nas têmporas e olhos escuros que poderiam quebrar até uma pedra. Ele se movia com dificuldade por causa das feridas causadas pela guerra civil de seu país, mas a ferida que o fazia mancar viera em uma batalha contra Tear. Seu principal motivo para cooperar com os tairenos era o fato de eles não serem Aiel. Quanto aos tairenos, a principal razão pela qual cooperavam era o fato de os cairhienos também não serem.

Quem respondeu foi um dos vassalos de Semaradrid, um jovem lorde chamado Meneril que ostentava um casaco com metade das listras de seu senhor e um rosto com uma cicatriz da guerra civil que repuxava o canto esquerdo de sua boca em um eterno sorriso sardônico.

— Traição, milorde Dragão. Traição e rebelião.

Weiramon poderia ter hesitado em dizer essas palavras na cara de Rand, mas não deixaria um estrangeiro falar em seu lugar.

— Sim, rebelião — apressou-se em confirmar, cravando os olhos em Meneril, mas a afetação não demorou a retornar. — E não apenas eles, milorde Dragão. Os Grão-lordes Darlin e Tedosian e a Grã-lady Estanda também estão envolvidos. Que a minha alma queime, mas eles todos confirmaram a oposição! Parece que vinte ou trinta nobres menores se juntaram a eles, e alguns não passam de fazendeiros arrogantes. Tolos queimados pela Luz!

Rand quase admirava Darlin. O homem se opusera abertamente a ele desde o início, fugindo da Pedra depois da queda e tentando estruturar uma resistência entre os nobres do campo. Tinha sido diferente com Tedosian e Estanda. Assim como Hearne e Simaan, os dois tinham se curvado em mesuras e sorrisos, chamado Rand de Lorde Dragão e tramado pelas suas costas. A falta de uma atitude punitiva de Rand agora cobrava seu preço. Não era de admirar que Torean derrubasse ponche pela barba grisalha: o sujeito estivera profundamente envolvido com Tedosian e também com Hearne e Simaan.

— Eles confirmaram mais do que oposição — completou Tolmeran, em um tom frio. — Afirmaram que o senhor é um falso Dragão e que a queda da Pedra, bem como a empunhadura da Espada Que Não É Espada, foram truques das Aes Sedai. — Sua voz traía uma ponta de dúvida. Ele não estivera na Pedra de Tear na noite em

que ela sucumbira.

— No que você acredita, Tolmeran? — Era uma acusação tentadora para os habitantes de uma terra onde a canalização fora ilegal antes de Rand mudar a lei; onde as Aes Sedai eram, na melhor das hipóteses, toleradas; onde a Pedra de Tear permanecera invencível por quase três mil anos antes que o Dragão Renascido a conquistasse. E uma acusação familiar. Rand se perguntou se encontraria Mantos-brancos junto com os rebeldes, quando fossem derrotados. Achava que Pedron Niall talvez fosse inteligente demais para permitir que eles fossem pegos.

— Acho que o senhor empunhou *Callandor* — respondeu o homem esguio, depois de hesitar por um instante. — Acho que o senhor é o Dragão Renascido. — Nas duas vezes, houve uma leve ênfase no “acho”. Tolmeran era audacioso.

Estevan assentiu. Hesitante, mas assentiu. Outro homem de coragem.

Mas nem mesmo eles fizeram a pergunta óbvia: se Rand queria que fossem atrás dos rebeldes. Ele não se surpreendeu. Por um lado, Haddon Mirk não era um lugar fácil para encontrar alguém, era um imenso emaranhado de florestas sem nenhuma aldeia, estrada ou trilha. No terreno montanhoso encrespado que cortava a margem mais ao norte, um homem levaria, com sorte, um longo dia para cobrir um punhado de milhas, e exércitos inteiros poderiam esgotar a ração percorrendo aquelas terras antes de se confrontarem. Além disso, havia talvez o aspecto mais importante: quem fizesse tal pergunta poderia ser suspeito de se voluntariar para liderar a expedição, e um voluntário poderia ser suspeito de querer se juntar a Darlin, não acorrentá-lo. Os tairenos podiam não jogar *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, com a mesma proficiência que os cairhienos — que viam as mais secretas motivações em uma simples olhadela e ouviam em uma só frase mais do que todas as entrelinhas que a pessoa poderia querer transmitir —, mas maquinavam e vigiavam uns aos outros, atentos a conspirações, acreditando que todos faziam o mesmo.

Contudo, era melhor que, por ora, Rand deixasse os rebeldes em paz. Toda a sua atenção tinha que estar em Illian — tinha que *parecer* estar em Illian. Mas também não podia ser visto como benevolente. Os homens presentes não se oporiam a ele, porém, com ou sem Última Batalha, apenas duas coisas evitavam que tairenos e cairhienos se engalfinhassem. Ainda que mal e porcamente, eles preferiam estar acompanhados uns dos outros do que dos Aiel, além de temerem a ira do Dragão Renascido. Se perdessem esse medo, começariam a tentar matar uns aos outros e os Aiel mais rápido que Rand conseguia dizer “Jak da Névoa”.

— Alguém se pronuncia em defesa deles? — indagou Rand. — Alguém sabe de algum atenuante? — Se alguém sabia, segurou a língua. Contando os serviçais, quase duas dezenas de pares de olhos o observavam, à espera. Talvez os serviçais fossem os mais atentos. Sulin e as Donzelas olhavam *tudo*, menos ele. — Eles perderão seus títulos e suas terras e propriedades serão confiscadas. Quero que sejam expedidos mandados de prisão para todo homem cuja identidade seja conhecida. E toda mulher também. — Isso poderia se revelar um problema: em Tear, a pena para

rebelião era a morte. Rand havia mudado algumas leis, mas não essa, e agora era tarde demais. — Leve a público que quem matar um deles será absolvido, e quem os ajudar será acusado de traição. Qualquer um que se render terá a vida poupada. — O que talvez pudesse solucionar a questão crítica de Estanda, caso desse para controlá-la, pois Rand não ordenaria a execução de uma mulher. — Mas os que resistirem irão para a forca.

Os nobres mudaram de posição, incomodados, e se entreolharam — tanto os tairenos quanto os cairhienos. Seus rostos estavam lívidos. Decerto esperavam sentenças de morte — era a punição mínima para rebeliões, ainda mais com a guerra iminente —, mas a perda dos títulos os deixou claramente chocados. Apesar de todas as leis que Rand mudara em ambas as terras, apesar dos lordes repreendidos diante dos magistrados, enforcados por assassinato ou multados por agressão, eles ainda acreditavam haver alguma diferença marcada a ferro, alguma ordem natural que os tornava leões por direito e os plebeus, ovelhas. Um Grão-lorde que fosse para a forca morria como Grão-lorde, mas Darlin e os outros morreriam como camponeses aos olhos daqueles homens — um destino muito pior do que a própria morte. Os serviçais continuaram parados, as jarras suspensas, aguardando para encherem qualquer cálice vazio demais. Tinham as feições inexpressivas como sempre, mas alguns olhos exibiam uma satisfação que não estivera ali antes.

— Agora que resolvemos isso — começou Rand, puxando a *shoufa* enquanto caminhava até a mesa —, vejamos os mapas. Sammael é mais importante do que um bando de idiotas apodrecendo em Haddon Mirk. — Esperava mesmo que apodrecessem. Que a Luz os queimasse!

Weiramon comprimiu os lábios e Tolmeran se apressou em suavizar o cenho franzido. O rosto de Sunamon estava tão impassível que podia muito bem ser uma máscara. Os outros tairenos pareciam igualmente indecisos, os cairhienos também, embora Semaradrid disfarçasse bem. Alguns tinham visto Myrddraal e Trollocs durante aquele ataque na Pedra, e outros tinham presenciado o duelo de Rand com Sammael em Cairhien, mas, ainda assim, achavam que sua afirmação de que os Abandonados estavam à solta fosse um sintoma da loucura. Rand ouvira boatos sussurrados sobre como causara sozinho a destruição em Cairhien, atacando amigos e inimigos feito um maníaco. Pela expressão pétrea de Liah, um deles acabaria espetado por uma lança de Donzela, se não controlassem os olhares.

De qualquer forma, todos se reuniram em torno da mesa. Rand jogou a *shoufa* no chão e começou a revirar os mapas espalhados uns por cima dos outros. Bashere estava certo: os homens seguiriam qualquer louco que vencesse. Contanto que vencesse. Assim que encontrou o mapa que queria, um desenho detalhado do extremo leste de Illian, os chefes Aiel chegaram.

Bruan, dos Aiel Nakai, foi o primeiro a entrar, seguido de perto por Jheran, dos Shaarad; Dhearic, dos Reyn; Han, dos Tomanelle e Erim, dos Chareen, cada um retribuindo os acenos de cabeça de Sulin e das três Donzelas. Bruan, um homem

corpulento de olhos acinzentados e tristes, era quem realmente liderava os cinco clãs que Rand mandara para o sul. Nenhum dos outros se opusera: o aspecto sereno de Bruan mascarava suas habilidades de luta. Usando o *cadin'sor*, a *shoufa* pendurada no pescoço, os Aiel vinham desarmados, exceto pelas pesadas facas de cintura. No entanto, um Aiel nunca estaria desarmado enquanto tivesse braços e pernas.

Os cairhienos simplesmente fingiram que eles não estavam ali, mas os tairenos fizeram questão de olhar com desprezo e cheirar abertamente as caixinhas e os lenços perfumados. A única coisa que Tear perdera para os Aiel fora a Pedra e isso com a ajuda do Dragão Renascido, acreditavam — ou das Aes Sedai —, mas Cairhien fora destruída por eles duas vezes, duas vezes derrotada e humilhada.

Exceto por Han, os Aiel ignoravam todos. Han, de cabelos brancos e um rosto que parecia couro enrugado, encarava os nobres com um olhar assassino. Era um homem espinhoso, para dizer o mínimo, e talvez não ajudasse o fato de que alguns dos tairenos tinham a mesma altura que ele. Han era baixo para um Aiel — o que significava ter uma altura bem acima da média para um aguacento —, e tão sensível quanto Enaila em relação a isso. E, claro, os Aiel desprezavam os tais “Assassinos da Árvore” — uma de suas alcunhas para os cairhienos — mais do que qualquer outro aguacento. E também os chamavam de “Quebradores de Juramentos”.

— Os illianenses — começou Rand, com firmeza, alisando o mapa. Usara o Cetro do Dragão para manter aberto um dos lados e um tinteiro adornado em ouro e uma vasilha de areia combinando para segurar o outro. Não precisava que aqueles homens comessem a matar uns aos outros. Não achava que fariam isso, pelo menos não enquanto ele estivesse lá. Nas histórias, os aliados eventualmente acabavam por confiar e gostar uns dos outros. Rand duvidava de que o mesmo algum dia fosse acontecer com aqueles homens.

A Planície de Maredo, com sua sucessão de colinas baixas, estendia-se a certa distância para o interior de Illian, a partir de onde dava lugar a montes cobertos de florestas até bem perto do Manetherendrelle e de um de seus braços, o Rio Shal. Cinco marcações em cruz, a cerca de dez milhas de distância uma da outra, assinalavam a extremidade leste dessas colinas. As Colinas de Doirlon.

Rand pôs o dedo na cruz bem do meio.

— Vocês têm certeza de que Sammael não acrescentou novos acampamentos? — Uma leve careta no rosto de Weiramon o fez completar, irritado: — Lorde Brend, se preferir. Ou então o Conselho dos Nove, Mattin Stepaneos den Balgar, o rei em pessoa, o que quer que seja. Os acampamentos continuam assim?

— Nossos batedores informam que sim — respondeu Jheran, calmo. Esguio feito uma lança, de cabelos castanho-claros com muitas mechas grisalhas, ele estava sempre calmo agora que a rixa de sangue de quatrocentos anos dos Shaarad com os Goshien havia terminado, com a chegada de Rand. — *Sovin Nai* e *Duadhe Mahdi'in* estão vigiando bem. — Ele assentiu de leve, satisfeito, e Dhearic também. Jheran fora *Sovin Nai*, um Mão de Faca, antes de se tornar chefe; e Dhearic fora *Duadhe*

Mahdi'in, um Buscador das Águas. — Ficaremos sabendo de qualquer mudança em cinco dias, com os corredores.

— Meus batedores acreditam que sim — declarou Weiramon, como se Jheran não tivesse falado. — Envio uma nova tropa a cada semana. Leva um mês inteiro para eles irem e voltarem, mas garanto a você que estou tão atualizado quanto a distância permite.

Os rostos dos Aiel pareciam esculpidos em pedra.

Rand ignorou a interação. Já tentara estreitar à força a distância entre tairenos, cairhienos e Aiel, mas eles sempre se separavam assim que ele virava as costas. Era um desperdício de energia.

Quanto aos acampamentos... sabia que ainda havia apenas cinco. Ele os visitara, por assim dizer. Havia um... lugar... que sabia como adentrar, um reflexo do mundo real estranho e despovoado, e ele caminhara pelas muralhas de madeira dos imensos castros ali. Sabia as respostas a quase todas as perguntas que pretendia fazer, mas estava fazendo malabarismos com planos dentro de planos, feito um menestrel fazendo malabarismo com fogo.

— E Sammael ainda está mandando mais homens para cima? — Desta vez, enfatizou o nome.

As expressões dos Aiel não se alteraram. Se os Abandonados estavam à solta, então estavam. O mundo deveria ser encarado como era, não como eles gostariam que fosse. Os outros, no entanto, dispararam olhares ligeiros e preocupados para ele. Cedo ou tarde, se acostuariam. Cedo ou tarde, acreditariam.

— Cada homem de Illian capaz de segurar uma lança sem tropeçar, ao que parece — respondeu Tolmeran, lúgubre. Estava tão ansioso para lutar contra os illianenses quanto qualquer taireno. As duas nações se odiavam desde que tinham sido arrancadas à força dos escombros do império de Artur Asa-de-gavião, e sua história incluía guerras disputadas pelos motivos mais insignificantes. Contudo, Tolmeran parecia menos inclinado que os outros Grão-lordes a crer que uma batalha pudesse ser vencida com apenas uma boa investida. — Cada batedor que consegue voltar informa que os acampamentos estão maiores, com defesas ainda mais descomunais.

— É melhor avançarmos agora, Lorde Dragão — sugeriu Weiramon, com vigor. — Que a Luz queime a minha alma, posso pegar os illianenses de surpresa. Eles estão cavando a própria cova. Ora, quase não têm nenhum cavalo! Vou esmagá-los e o caminho para a cidade ficará livre. — Em Illian, bem como em Tear e Cairhien, “a cidade” era a cidade que originara o nome da nação. — Que meus olhos queimem, vou cravar seu estandarte em Illian dentro de um mês, milorde Dragão. Dois, no máximo. — Olhando para os cairhienos, ele acrescentou, como se as palavras lhe fossem arrancadas da boca: — Semaradrid e eu. — Semaradrid dispensou-lhe uma discreta medida. Muito sutil.

— Não — respondeu Rand, com aspereza. O plano de Weiramon estava fadado ao fracasso. Boas duzentas e cinquenta milhas separavam o acampamento dos

grandes castros de Sammael, do outro lado de uma planície gramada onde um aclave de cinquenta pés poderia ser considerado uma colina alta, e um amontoado de moitas, uma floresta. Sammael também tinha batedores: qualquer rato ou corvo poderia estar fazendo as vezes de vigia. Duzentas e cinquenta milhas. Com sorte, doze ou treze dias para os tairenos e cairhienos. Os Aiel talvez pudessem fazer em cinco, com esforço — um ou dois batedores sozinhos avançavam mais depressa que um exército, mesmo entre os Aiel, mas eles não eram parte dos planos de Weiramon. Com tanto tempo até os tairenos e cairhienos chegarem às Colinas de Doirlon, Sammael estaria pronto para esmagá-los, não o contrário. Um plano tolo. Até mais do que o que Rand apresentara. — Eu já lhes dei as ordens. Esperem aqui até Mat chegar para assumir o comando, e mesmo assim ninguém vai dar um passo até eu considerar que estão em número suficiente. Temos mais homens a caminho, tairenos, cairhienos, Aiel. Eu quero destruir Sammael, Weiramon. Destruí-lo para sempre, colocar Illian sob o estandarte do Dragão. — Tudo isso era verdade. — Eu só queria poder estar com vocês, mas Andor ainda necessita da minha atenção.

O rosto de Weiramon virou uma pedra. A careta de Semaradrid, de tão azeda, teria transformado o vinho do ponche em vinagre. Tolmeran estampava uma expressão impassível, demonstrando sua censura com a sutileza de um soco no nariz. No caso de Semaradrid, a preocupação era a demora. Mais de uma vez, ele apontara que, se a cada dia mais homens chegavam ao acampamento, o mesmo acontecia nos fortes em Illian. O plano de Weiramon com certeza era resultado de sua influência, embora o lorde cairhieno pudesse ter feito melhor. As dúvidas de Tolmeran estavam em Mat. A despeito do que ouvira dos cairhienos em relação às habilidades de Mat para a batalha, Tolmeran acreditava ser mera bajulação de idiotas em relação a um camponês que, por acaso, era amigo do Dragão Renascido. Eram objeções sensatas, e a de Semaradrid inclusive tinha fundamento — se o plano que tinha chegado a eles fosse mais do que mero disfarce. Era improvável que Sammael dependesse inteiramente de ratos e corvos como espiões. Rand imaginava que também houvesse espiões humanos mandados pelos outros Abandonados, e provavelmente também pelas Aes Sedai.

— Será como o senhor quiser, milorde Dragão — disse Weiramon, derrotado.

O homem era bastante corajoso em relação à batalha, mas um completo idiota, cego, incapaz de pensar além da glória do ataque, de seu ódio pelos illianenses, seu desprezo pelos cairhienos e os “selvagens” Aiel. Rand tinha certeza de que Weiramon era exatamente o homem de quem precisava. Tolmeran e Semaradrid não se mexeriam tão cedo, contanto que Weiramon permanecesse no comando.

Os nobres conversaram durante mais algum tempo e Rand escutou, fazendo perguntas de vez em quando. Não havia mais oposição, nem sugestões de que o ataque acontecesse imediatamente, nem mesmo discussões a respeito de como seria. As perguntas de Rand a Weiramon e aos demais eram relativas a carroções — carroções e o que havia neles. Planície de Maredo possuía poucas aldeias, bem

distantes umas das outras, sem nenhuma cidade além de Far Madding, ao norte, e tão poucas fazendas que era quase impossível alimentar o povo que já vivia por lá. Um exército gigantesco iria requerer um fluxo constante de carroções vindos de Tear para trazer de tudo, desde farinha para pães até pregos para ferraduras. Exceto por Tolmeran, os Grão-lordes eram da opinião de que o exército poderia carregar o que fosse preciso para cruzar a planície, depois simplesmente viver às custas de Illian. Parecia haver certo apreço à ideia de assolar as terras de seu antigo inimigo feito um enxame de gafanhotos. Os cairhienos tinham uma opinião diferente, sobretudo Semaradrid e Meneril. Não eram só os plebeus que haviam passado fome durante a guerra civil de Cairhien e o sítio dos Shaido à sua capital: aqueles rostos encovados eram prova disso. Illian era uma terra abundante, e até mesmo as Colinas de Doirlon possuíam fazendas e vinhas, mas Semaradrid e Meneril não queriam confiar os estômagos de seus soldados a forragens inconstantes, se houvesse opção. Quanto a Rand, ele não queria Illian mais assolada do que o estritamente necessário.

Ele não pressionou ninguém. Sunamon assegurou-lhe de que os carroções estavam sendo montados, e o homem já aprendera bem a lição sobre dizer uma coisa a Rand e fazer outra. Estavam reunindo suprimentos em toda Tear, apesar das caretas de impaciência de Weiramon diante da ideia e dos resmungos de Torean em relação aos custos. O importante, no entanto, era que o plano estava indo adiante — o que seria notado.

Sua partida envolveu mais baboseiras afetadas e medidas elaboradas e ele enrolou a *shoufa* de volta na cabeça e apanhou outra vez o Cetro do Dragão, recebendo convites pouco animados para que ele ficasse para um festim e ofertas igualmente insinceras para acompanhá-lo na partida, caso ele não pudesse ficar para o banquete. Tairenos ou cairhienos, os nobres evitavam a companhia do Dragão Renascido o máximo possível sem perder sua boa graça enquanto fingiam estar fazendo o oposto. Acima de tudo, desejavam estar bem longe quando ele canalizasse. Os nobres o acompanharam até a entrada, naturalmente, e alguns passos para o lado de fora, mas Sunamon soltou um suspiro audível quando ele os deixou, e Rand ouviu Torean soltar uma risadinha de alívio.

Os chefes Aiel acompanharam Rand em silêncio e as Donzelas do lado de fora juntaram-se a Sulin e às outras três, circundando os seis homens que partiam em direção à tenda de listras verdes. Dessa vez, houve apenas umas poucas saudações e os chefes não disseram uma palavra. Haviam falado igualmente pouco no pavilhão. Quando Rand comentou a respeito, Dhearic disse:

— Esses aguacentos não querem nos ouvir. — Era um homem alto e forte, menos de um dedo mais alto que Rand, narigudo e com mechas brancas bem destacadas nos cabelos louros. Seus olhos azuis estavam repletos de desprezo. — Eles só ouvem o vento.

— Eles falaram sobre os que se rebelam contra você? — perguntou Erim. Mais alto que Dhearic, ele tinha um rosto belicoso e quase tanto branco quanto vermelho

nos cabelos.

— Falaram — respondeu Rand e Han franziu o cenho para ele.

— Se estiver mandando esses tairanos atrás de sua própria gente, está cometendo um erro. Mesmo que pudéssemos confiar neles, não acho que dariam conta. Mande as lanças. Um clã seria mais do que suficiente.

Rand balançou a cabeça.

— Darlin e seus rebeldes podem esperar. Sammael é mais importante.

— Então nos deixe ir para Illian agora — retrucou Jheran. — Esqueça esses aguacentos, Rand al'Thor. Já tem quase duzentas mil lanças reunidas aqui. Podemos destruir os illianenses antes que Weiramon Saniago e Semaradrid Maravin cheguem à metade do caminho até lá.

Por um instante, Rand fechou os olhos com força. Será que todo mundo discutiria com ele? Aqueles homens não se submeteriam a uma cara feia do Dragão Renascido — o Dragão Renascido era apenas uma profecia dos aguacentos. Os Aiel seguiam Aquele Que Vem Com a Aurora, o *Car'a'carn*, e, como ele estava mais do que cansado de ouvir, nem o *Car'a'carn* era rei.

— Quero a sua palavra de que vão ficar aqui até Mat mandar vocês se mexerem. Uma promessa, de cada um de vocês.

— Nós vamos ficar, Rand al'Thor. — A voz enganadoramente melíflua de Bruan guardava uma pontada de rigidez. Os outros concordaram em tons um pouco mais duros, mas concordaram.

— Mas é perda de tempo — acrescentou Han, contorcendo a boca. — Que eu jamais veja a sombra se não for.

Jheran e Erim assentiram. Rand não esperava que eles cedessem tão depressa.

— De vez em quando, é preciso perder tempo para ganhá-lo — retrucou, e Han bufou.

De volta à tenda de listras verdes, os Andarilhos do Trovão haviam erguido as laterais com estacas, deixando a brisa soprar pelo interior protegido pela sombra. Por mais quente e seca que estivesse, os Aiel pareciam achá-la refrescante. Rand não parecia suar uma gota a menos do que quando estava exposto ao sol. Puxou a *shoufa* enquanto se ajeitava nos tapetes dispostos em camadas, com Bruan e os outros chefes diante de si. As Donzelas foram circundar a tenda com os Andarilhos do Trovão — de vez em quando um deles soltava alguma gracinha e os outros riam. Dessa vez, Leiran parecia estar ganhando vantagem. Pelo menos, as Donzelas bateram as lanças nos broquéis duas vezes para ele. Rand não entendia quase nada.

Usando o polegar para apertar o tabaco que enchia o cachimbo de haste curta, ele passou a bolsa de pele de cabra entre os chefes, para que enchessem seus próprios cachimbos — encontrara um pequeno barril de boas folhas de Dois Rios em Caemlyn —, então canalizou para acender seu fumo enquanto os outros mandavam um Andarilho do Trovão pegar um galho em brasa de uma das fogueiras. Depois de todos os cachimbos serem acesos, os homens se acomodaram para conversar,

baforando satisfeitos.

A conversa durou pelo menos o mesmo tempo que o debate com os lordes. Não que houvesse tanto a conversar, mas porque Rand conversara sozinho com os aguacentos. Os Aiel eram muito sensíveis em relação à honra, suas vidas eram governadas pelo *ji'e'toh*, honra e obrigação, que tinha regras tão complexas e estranhas quanto o senso de humor daquele povo do Deserto. Eles conversaram sobre os Aiel que ainda vinham de Cairhien, sobre quando Mat chegaria, sobre o que deveria ser feito em relação aos Shaido — e se algo devesse ser feito. Conversaram sobre caça, sobre mulheres, sobre conhaque ser tão bom quanto *oosquai*, sobre piadas. Até o paciente Bruan jogou as mãos ao alto com impaciência, desistindo de tentar explicar as piadas Aiel. O que, pela Luz, havia de engraçado em uma mulher esfaquear o marido por acidente, fossem quais fossem as circunstâncias, ou em um homem que acabava se casando com a irmã da mulher que desejava? Han grunhia, bufava e se recusava a acreditar que Rand não compreendia — o Aiel quase caíra para trás de tanto rir com a história do esfaqueamento. A única coisa sobre a qual não conversaram foi a guerra iminente contra Illian.

Quando os homens saíram, Rand estreitou os olhos na direção do sol, a meio caminho do horizonte. Han repetia a história do esfaqueamento, e os chefes que estavam de saída riram mais uma vez. Rand bateu o cachimbo na base da mão para esvaziá-lo e esmagou o resto de fumo com o pé. Ainda havia tempo de retornar a Caemlyn e encontrar Bashere, mas voltou para a tenda, sentou-se e ficou observando o cair do sol. Quando a bola de fogo tocou o horizonte, tornando-se vermelha como sangue, Enaila e Somara trouxeram-lhe um prato de cozido de carneiro com comida suficiente para dois homens, uma fatia redonda de pão e uma jarra de chá de menta que fora posta para esfriar em um balde de água.

— Você não come o suficiente — reclamou Somara, tentando alisar seus cabelos antes que ele afastasse a cabeça.

Enaila o encarou.

— Se não evitasse tanto Aviendha, ela faria você comer.

— Ele atrai o interesse dela, depois foge — resmungou Somara. — Você precisa atraí-la de novo. Por que não se oferece para lavar os cabelos dela?

— Ele não pode ser *tão* ousado — retrucou Enaila, com firmeza. — Oferecer-se para pentear os cabelos dela vai ser mais do que suficiente. Rand não quer que ela pense que ele é atrevido.

Somara fungou alto.

— Ela não vai pensar que ele é atrevido se continuar fugindo desse jeito. Você pode ser modesto demais, Rand al'Thor.

— Vocês sabem que nenhuma das duas é minha mãe, não sabem?

As duas mulheres de *cadin'sor* se entreolharam, confusas.

— Será que isso é outra piada de aguacentos? — perguntou Enaila.

Somara deu de ombros.

— Não sei. Ele não parece estar achando graça. — Ela deu um tapinha nas costas de Rand. — Tenho certeza de que foi uma boa piada, mas precisa ser explicada.

Rand aturou aquilo, sofrendo em silêncio, rangendo os dentes enquanto elas o observavam comer. As mulheres vigiavam literalmente cada colherada. As coisas não melhoraram quando elas saíram com seu prato e Sulin juntou-se ao grupo. Sulin tinha conselhos objetivos e bastante impróprios sobre como ele poderia atrair outra vez a atenção de Aviendha. Entre os Aiel, era o tipo de coisa que uma irmã-primeira podia fazer por um irmão-primeiro.

— Você precisa ser recatado aos olhos dela — explicou a Donzela de cabelos brancos —, mas não tão recatado a ponto de ela considerá-lo um chato. Peça a ela que raspe suas costas na tenda de vapor, mas peça timidamente, olhando para o chão. Quando se despir para se deitar, permita-se dançar como se estivesse satisfeito com a vida. Daí, finja perceber que ela está por perto, peça desculpas e se enfie nos cobertores. Você consegue enrubescer?

Um grande sofrimento e em silêncio. As Donzelas sabiam demais e, ao mesmo tempo, não o bastante.

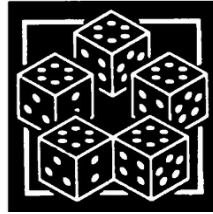
Quando retornaram a Caemlyn, bem depois do pôr-do-sol, Rand seguiu para seus aposentos com as botas nas mãos, tateando sem jeito pela antessala até o dormitório, no escuro. Mesmo que não soubesse que Aviendha estava lá, já deitada em seu catre no chão perto da parede, teria sentido a presença dela. Na quietude da noite, podia ouvir sua respiração. Pela primeira vez, parecia que conseguira esperar tempo bastante para que ela caísse no sono. Tinha tentado parar com aquilo, mas Aviendha não lhe dava atenção, e as Donzelas riam de sua “timidez” e seu “recato”. Concordavam que eram boas características em um homem, individualmente, desde que não fossem muito exageradas.

Ele se deitou na cama com uma sensação de alívio por Aviendha estar de fato dormindo, além de certo descontentamento por não ter ousado acender uma lâmpada para se lavar. Então a mulher se virou em seu catre. Claro que estivera acordada o tempo todo.

— Durma bem e acorde amanhã. — Foi só o que ela disse.

Pensando na idiotice que era sentir uma satisfação súbita ao ouvir uma mulher que queria evitar lhe desejar boa-noite, Rand enfiou um travesseiro de penas de ganso debaixo da cabeça. Aviendha decerto considerava aquilo a piada mais incrível — insultar era quase uma arte entre os Aiel, e quanto mais perto o insulto chegasse de arrancar sangue, melhor. O sono começou a vir, e seu último pensamento consciente foi de que ele também tinha uma grande piada na manga — uma que por enquanto apenas ele, Mat e Bashere conheciam. Sammael não tinha o menor senso de humor, mas aquele exército forte e enorme aguardando em Tear era a maior piada que o mundo veria. Com sorte, Sammael estaria morto antes de perceber a graça.





UMA DANÇA DIFERENTE

A estalagem Cervo Dourado fazia, em muitos aspectos, jus ao próprio nome. Mesas lustrosas e bancos de pés com entalhes de rosas ocupavam o grande salão. Uma serviçal de avental branco tinha a única função de varrer o chão de pedras brancas. Ornatos azuis e dourados formavam uma larga faixa pintada nas paredes caiadas, logo abaixo do teto de vigas altas. As lareiras eram de pedra bem adornada, seus pisos haviam sido decorados com galhos de árvores perenes e sobre cada lintel havia um cervo esculpido, sustentando uma taça de vinho nos ramos dos chifres. Em cada cornija jazia um grande relógio com detalhes em douradura. Um grupo de músicos tocava sobre uma pequena plataforma nos fundos, dois homens suados em camisas de manga entoando flautas lamentosas, um par dedilhando sabiolas de nove cordas e uma mulher de rosto vermelho metida em um vestido de listras azuis tangendo pequeninos martelos de madeira em um saltério de pés finos. Mais de uma dezena de serviçais corria para cima e para baixo a passos rápidos, usando aventais e vestidos azul-claros. A maioria era bonita, embora algumas tivessem quase a idade da Senhora Daelvin, a estalajadeira roliça e pequenina de coque grisalho, ralo e baixo. Bem o tipo de lugar de que Mat gostava: exalava conforto e riqueza. Escolhera aquele local por ficar praticamente cravado no centro da cidade, mas os outros motivos também não eram nada maus.

Nem tudo era perfeito na segunda melhor estalagem de Maerone, claro. Os aromas da cozinha eram mais uma vez de carneiro, nabo e a inevitável sopa picante de cevada e se misturavam ao cheiro de terra e dos cavalos lá fora. Bem, comida era um problema em uma cidade abarrotada de refugiados e soldados, que se multiplicavam nos acampamentos ao redor. Roucas vozes masculinas entoavam marchas, indo e vindo pela rua, somando-se aos sons de botas, cascos de cavalos e homens maldizendo o calor. O salão também estava bem quente, sem uma mísera

brisa. Se alguém abrisse as janelas, a poeira cobriria tudo lá dentro, e em nada minimizaria o calor. Maerone parecia uma assadeira.

Pelo que Mat podia ver, a droga do mundo inteiro estava secando, e ele não queria pensar no porquê. Gostaria de poder esquecer o calor, esquecer o motivo pelo qual estava em Maerone, esquecer tudo. Seu bom casaco verde, com bordados de ouro na gola e nos punhos, estava desabotoado, a boa camisa de linho, aberta, mas mesmo assim ele suava feito um porco. Talvez ajudasse se soltasse o lenço de seda preta em torno do pescoço, mas era raro ele fazer isso em público. Tomou o último gole do vinho, deitou a caneca de estanho reluzente sobre a mesa, junto ao cotovelo e apanhou o chapéu de aba larga para se abanar. Não importava o que ele bebesse: assim que descia pela goela, já começava a sair pelo suor.

Quando escolheu se hospedar na Cervo Dourado, os lordes e os oficiais do Bando da Mão Vermelha o seguiram, o que significava que todos os outros guardaram distância. Normalmente a Senhora Daelvin não se incomodava. Ela podia ter alugado cada cama por cinco vezes mais só entre os lordes e fidalgotes do Bando — e o pessoal pagava bem, brigava pouco e costumava resolver suas desavenças na rua antes de derramar sangue. Naquela tarde, no entanto, apenas nove ou dez homens ocupavam as mesas, e ela volta e meia piscava para os bancos vazios, dava um tapinha no coque e suspirava — não venderia muito vinho até a noite. Boa parte de seus lucros provinha do vinho. Os músicos, porém, tocavam com vigor. Um punhado de lordes satisfeitos com a música — qualquer um com ouro merecia ser tratado por “milorde”, na opinião deles — podiam ser mais generosos do que um salão apinhado de soldados comuns.

Para infelicidade dos bolsos dos músicos, Mat era o único que escutava, estremecendo a cada três notas. Não era culpa dos músicos: a melodia era boa, se o ouvinte não conhecesse o que estava escutando. Mat conhecia — e ensinara aos sujeitos, batendo palmas no ritmo e cantarolando com os lábios fechados —, mas ninguém além dele ouvia aquela melodia havia mais de dois mil anos. Pelo menos podia dizer que eles tinham acertado o ritmo.

Um fragmento de conversa chegou a seus ouvidos. Deitando outra vez o chapéu, abanou a caneca para pedir mais vinho e inclinou-se por cima da mesa na direção dos três homens que bebiam à mesa ao lado.

— Como é que é?

— Estamos tentando descobrir como recuperar uma parte do dinheiro que perdemos para você — respondeu Talmanes, o rosto sério por trás da caneca de vinho. Não estava aborrecido. Com apenas alguns anos a mais que os vinte de Mat e uma cabeça mais baixo, era raro Talmanes sorrir. Para Mat, o homem parecia uma mola encolhida. — Ninguém ganha de você nas cartas. — Ele era comandante de metade da cavalaria do Bando e um lorde ali em Cairhien, mas tinha a frente da cabeça raspada e coberta de pó de arroz, embora o suor de alguma forma tivesse removido um pouco da cobertura. Um bom número de lordes cairhienos mais jovens

assumira o estilo dos soldados. O casaco de Talmanes também era liso, sem as faixas coloridas dos nobres, embora ele tivesse direito a algumas.

— Nem tanto — protestou Mat. Verdade, quando a sorte estava com ele, era perfeito, mas a sorte vinha em ciclos, sobretudo ao tratar-se de algo tão ordenado quanto um deque de cartas. — Sangue e cinzas! Vocês arrancaram cinquenta coroas da minha bolsa, semana passada.

Cinquenta coroas. Cerca de um ano antes, teria dado cambalhotas ao ganhar uma coroa e chorado ao pensar em perdê-la. Um ano antes, ele não tinha nenhuma moeda para perder.

— E isso me deixa para trás em quantas centenas? — retrucou Talmanes, em um tom seco. — Quero ter a chance de recuperar algumas.

Se o nobre de fato começasse a ganhar de Mat com alguma frequência, também começaria a se preocupar. Bem como a maioria dos homens do Bando, Talmanes considerava a sorte de Mat um talismã.

— Os dados são uma bela porcaria — retrucou Daerid, o comandante da infantaria do Bando. Ele bebeu com avidez e ignorou a careta escondida por detrás da barba oleada de Nalesean. A maioria dos nobres que Mat conhecera considerava dados um jogo comum, apropriado apenas aos camponeses. — Nunca vi você levar prejuízo nos dados. Tem que ser um jogo sobre o qual você não tenha controle, nenhuma mãozinha, se é que me entende.

Só um pouco mais alto do que Talmanes, seu companheiro cairhieno, Daerid era cerca de quinze anos mais velho. Já quebrara o nariz mais de uma vez e ostentava três cicatrizes brancas cruzando o rosto. Era o único dos três que não tinha sangue nobre, mas também usava a frente da cabeça raspada e coberta de pó. Daerid fora soldado a vida toda.

— Pensamos em cavalos — comentou Nalesean, gesticulando com a caneca de estanho. Era um sujeito grandalhão, mais alto que os dois cairhienos e liderava a outra metade da cavalaria do Bando. Dado o calor, Mat com frequência se perguntava por que o homem cultivava aquela viçosa barba negra, mas ele a aparava todas as manhãs para mantê-la pontuda. E, enquanto Daerid e Talmanes deixavam os casacos cinza lisos desabotoados, Nalesean mantinha o seu fechado até o pescoço. Era um casaco de seda verde com mangas tairenas, listradas e bufantes, e punhos de cetim dourado. Seu rosto reluzia de suor, o que ele ignorava. — Que minha alma queime, mas a sua sorte é páreo duro na batalha e nas cartas. E nos dados — acrescentou, com outra careta para Daerid. — No entanto, nas corridas de cavalos, só depende dos cavalos.

Mat sorriu e apoiou os cotovelos na mesa.

— Arrume um bom cavalo, então veremos.

Sua sorte talvez não afetasse um cavalo de corrida. Além de dados, cartas e similares, ele nunca sabia muito bem o que poderia influenciar, ou quando. Porém, Mat crescera vendo o pai negociar carne de cavalo e também tinha um bom olho

para os animais.

— Vai querer o vinho ou não? Não dá para servir se eu não alcançar a sua caneca.

Mat olhou por cima do ombro. A serviçal atrás dele, carregando uma jarra de estanho polida, era baixa e magra, uma belezinha de olhos escuros, pele clara e cachos negros aninhados nos ombros. Aquele sotaque bem marcado e musical de Cairhien tornava sua voz melodiosa. Mat pusera os olhos em Betse Silvin desde o primeiro dia em que entrara na Cervo Dourado, mas essa era sua primeira chance de falar com ela — estava sempre ocupado com cinco coisas urgentes e mais dez que deveriam ter sido feitas no dia anterior. Os outros homens já tinham enterrado a cara no vinho, deixando-o a sós com a mulher — ou tão a sós quanto era possível sem irem embora. Tinham bons modos, até mesmo os dois nobres.

Escancarando um sorriso, Mat passou as pernas por cima do banco, virando-se para a mulher, e estendeu a caneca para que ela a enchesse.

— Obrigado, Betse — disse e ela balançou a cabeça em uma medida.

Contudo, quando Mat sugeriu que ela servisse uma caneca para si mesma e bebesse com ele, a moça deitou a jarra na mesa, cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado, encarando-o de cima a baixo.

— Duvido de que a Senhora Daelvin fosse gostar disso. Ah, não, acho que ela não iria gostar. O senhor é lorde? Esses sujeitos ficam lambendo o chão que o senhor pisa, mas nenhum o chama de “milorde”. E quase não o cumprimentam com reverências, só os plebeus.

— Não — respondeu Mat, mais ríspido do que gostaria, erguendo as sobrancelhas —, eu *não* sou um lorde. — Rand podia deixar o povo ficar para lá e para cá chamando-o de Lorde Dragão e coisa e tal, mas isso não era para Matrim Cauthon. Não, nada disso. Ele respirou fundo e voltou a abrir um sorriso. Algumas mulheres tentavam desestabilizar os homens, mas esse tipo de dança ele conhecia muito bem. — Me chame de Mat, Betse. Tenho certeza de que a Senhora Daelvin não vai se incomodar se você sentar um pouquinho aqui comigo.

— Ah, vai, sim. Mas acho que posso conversar um minutinho. O senhor deve ser quase lorde. Por que está usando esse troço neste calor? — Inclinando-se para a frente, Betse puxou o lenço dele para baixo. Mat não estava muito atento e deixou que escorregasse um pouco. — O que é isso? — Betse passou o dedo pela saliência grossa e clara que circundava o pescoço dele. — Alguém tentou enforcá-lo? Por quê? O senhor é jovem demais para ser um cascudo fora-da-lei. — Mat afastou a cabeça e amarrou depressa a seda negra de volta, escondendo a cicatriz, mas Betse nem piscou. Ela enfiou a mão dentro da camisa aberta de Mat e puxou o medalhão de prata com cabeça de raposa que ele usava preso a uma tira de couro. — Foi por roubar isso aqui? Parece caro... é muito caro?

Mat agarrou o medalhão e o guardou de volta no lugar. A mulher mal parava para respirar, de modo que ele não conseguia brecha para falar. Ouviu Nalesean e Daerid dando risadinhas mais atrás e sua expressão pesou. Às vezes toda aquela sorte no

jogo parecia trazer o oposto em relação às mulheres, e eles sempre achavam graça.

— Não, se o senhor tivesse roubado, não o teriam deixado ficar com ele, não é mesmo? — Betse prosseguiu com o falatório. — E, se o senhor é quase lorde, imagino que possa ter coisas feito essa. Talvez tenha sido porque sabia demais. O senhor parece um jovem que sabe bastante coisa. Ou que pensa que sabe. — Ela abriu um daqueles sorrisos astutos, típicos de quando as mulheres queriam confundir um homem. Raramente isso queria dizer que elas sabem mesmo de alguma coisa, mas conseguiam fazer os homens acreditarem que sim. — Tentaram enforcar o senhor por achar que sabia demais? Ou foi por fingir ser lorde? Tem certeza de que não é um lorde?

Daerid e Nalesean já gargalhavam alto, e até Talmanes soltava risadinhas, mesmo tentando fingir que era por outra coisa. Daerid, já sem ar, comentava alguma história sobre um homem caindo de um cavalo sempre que conseguia recuperar o fôlego, mas não parecia nem um pouco engraçada, pelo menos as partes que Mat ouvia.

Ele, no entanto, manteve o sorriso largo. Nem que aquela mulher *conseguisse* falar mais depressa do que ele corria, Mat não se daria por vencido. Betse era muito bonita e ele passara as últimas semanas conversando com gente do naipe de Daerid para baixo — homens suados que às vezes se esqueciam de fazer a barba e com frequência não tinham chance de tomar banho. Betse suave nas bochechas, mas exalava um leve perfume de sabão de lavanda.

— Na verdade, arrumei esse arranhão por saber de menos — comentou, em um tom suave. As mulheres sempre gostavam quando um homem fazia pouco de suas cicatrizes. Só a Luz sabia como ele estava arrumando cicatrizes demais. — Eu agora sei mais do que deveria, mas na época sabia menos. Pode-se dizer que fui enforcado por conhecimento.

Balançando a cabeça, Betse fez um beicinho.

— Me parece que isso foi um gracejo, Mat. Os fidalgotes sempre soltam gracejos, mas ainda assim o senhor diz que não é lorde. Além do mais, eu sou uma mulher simples. Gracejos são complicados demais para mim. Acho que o melhor é ir direto ao ponto. Já que o senhor não é lorde, seria melhor se falasse simples, ou pode dar a entender que está fingindo ser lorde. Nenhuma mulher gosta de um homem que finge ser o que não é. Talvez o senhor possa me explicar o que estava tentando dizer?

Era um esforço manter o sorriso. Aquele bate-e-volta não estava indo nada como ele queria. Não sabia dizer se Betse era uma completa idiota ou se só estava tentando fazê-lo tropeçar nos próprios pés ao tentar se levantar. Fosse como fosse, ela era bonita e cheirava a lavanda, não a suor. Daerid e Nalesean pareciam prestes a morrer por falta de ar. Talmanes cantarolava “Um Sapo no Gelo”. O desgraçado achava que Mat tinha trocado os pés pelas mãos na hora de andar, é?

Mat pousou a caneca de vinho e se levantou, fazendo uma medida e tomando a mão de Betse.

— Eu sou quem sou e ninguém mais, mas seu rosto me deixa sem palavras. — Aquilo a fez piscar, sem palavras. Não importava o que as mulheres dissessem, elas sempre gostavam de floreios. — Me concede uma dança?

Sem esperar resposta, ele a conduziu até um espaço livre por entre as mesas do salão. Com sorte, a dança acalmaria um pouco aquela língua, e, afinal de contas, ele era um sujeito de sorte. Além do mais, nunca tinha ouvido falar de uma mulher cujo coração não amolecesse com uma dança. *Quem dança consegue que as moças perdoem muito; quem dança bem consegue que elas perdoem tudo.* Era um ditado muito antigo. Muito antigo mesmo.

Betse hesitou, mordendo o lábio e procurando a Senhora Daelvin com o olhar, mas a estalajadeira gordinha apenas sorriu e acenou para que ela fosse adiante, depois deu uma ajeitadinha pouco eficaz nos cachos que escapavam do coque e voltou a atormentar as outras serviçais, como se as mesas estivessem cheias. A Senhora Daelvin ficava de olho atento em qualquer homem que ela acreditasse estar se comportando de maneira inadequada. Apesar da aparência tranquila, a mulher carregava um pequeno porrete entre as saias, e às vezes o botava em uso — Nalesean ainda a olhava com cautela quando ela se aproximava —, mas que mal havia se um cliente desejava uma dança? Mat segurou as mãos de Betse e esticou os braços para os lados. Haveria espaço suficiente entre as mesas. Os músicos começaram a tocar mais alto, mas não melhor.

— Deixa que eu conduzo — instruiu Mat a Betse. — O início é fácil. — Ele começou a dançar no compasso da música, inclinando-se e deslizando a perna para a direita, o pé esquerdo vindo logo atrás. Inclinando, deslizando e puxando o pé, os braços estendidos.

Betse pegou o jeito depressa e se movimentava com graça. Quando eles alcançaram os músicos, Mat ergueu as mãos dela delicadamente acima da cabeça e girou o próprio corpo e o da moça, costas contra costas. Então inclinou e deslizou, girou de volta frente a frente, deslizou e girou, e de novo e de novo, de volta até o ponto de partida. Betse engatou no passo com a mesma agilidade, sorrindo feliz para ele, quando os giros permitiam. Ela era mesmo bonita.

— Agora vai ficar um pouco mais complicado — anunciou Mat, virando-se de modo que os dois encarassem os músicos lado a lado, os punhos cruzados e as mãos unidas à frente.

Joelho direito para cima, um chutinho de leve para a esquerda, então um deslize para a frente e para a direita. Joelho esquerdo para cima, chutinho para a direita, deslize para a frente e para a esquerda. Betse ria enquanto os dois avançavam mais uma vez em direção aos músicos. Os movimentos ficavam mais complexos a cada passo, mas ela só precisava de uma demonstração para conseguir acompanhá-lo, leve feito uma pluma em suas mãos a cada volta, giro e rodopio. E o melhor de tudo: estava completamente muda.

Ele foi envolvido pelo compasso da dança e pela música, mesmo com as notas

faltando, e as memórias tomaram sua mente enquanto os dois deslizavam pelo salão, indo e voltando. Nas memórias, Mat era uma cabeça mais alto, tinha longos bigodes dourados e olhos azuis. Usava um casaco de seda cor de âmbar, atado à cintura com uma faixa vermelha, decorado com babados da mais fina renda barsinesa e botões de safira amarela de Aramaelle no peitoral. Estava dançando com uma bela emissária de pele escura dos Atha'an Miere, o Povo do Mar. A fina corrente de ouro que unia o aro no nariz da mulher a uma das inúmeras argolas na orelha sustentava pequeninos medalhões que a identificavam como Mestra das Ondas do Clã Shodin. Para Mat, não importava quanto aquela mulher era poderosa: isso era preocupação do rei, não de um lorde mediano. A mulher era bela e leve em seus braços, e os dois dançavam sob o imenso domo de cristal da corte de Shaemal, quando o mundo inteiro invejava o esplendor e o poder de Coremanda. Outras memórias perpassavam as margens de sua consciência, revelando pequenos fragmentos daquela dança que ele recordava. A manhã traria notícias do aumento das investidas dos Trollocs fora da Grande Praga, e o mês seguinte viria com a notícia de que Barsine, das torres douradas, fora invadida e incendiada e de que as hordas de Trollocs rumavam para o sul. Então começaria o que mais tarde viria a ser chamado de Guerras dos Trollocs, embora ninguém chamasse assim no início — mais de trezentos anos de batalhas quase ininterruptas, sangue, fogo e ruínas, até que os Trollocs fossem expulsos de volta, e os Senhores do Medo, derrotados. Então teria início a queda de Coremanda, com toda sua riqueza e seu poder; de Essenia, com seus filósofos e célebres instituições educacionais; de Manetheren, Eharon e todas as Dez Nações, tudo reduzido a ruínas, mesmo na vitória, a partir de onde outras terras se ergueriam, terras que só tinham memória das Dez Nações como mera lenda de um tempo mais feliz. Mas isso tudo estava no futuro, e ele banuiu as memórias em troca do prazer da lembrança do momento. Naquela noite, dançava a dança do padrão com...

Mat piscou, subitamente assustado com os raios de sol que inundavam as janelas e o formoso rosto sorrindo à sua frente, cintilante de suor. Quase tropeçou no emaranhado de seus pés com os de Betse, com quem rodopiava pelo salão, mas conseguiu se recompor antes disso, lembrando os passos instintivamente. Essa dança pertencia a ele com a mesma certeza que aquelas memórias pertenciam à sua mente, emprestadas ou roubadas, mas tão entranhadas no que ele de fato vivera que Mat já não era capaz de distinguir a diferença. Tudo era parte dele agora, preenchendo as lacunas em suas próprias lembranças. Mat podia muito bem ter vivido todas elas.

Ele dissera a verdade sobre a cicatriz em seu pescoço. Fora enforcado por conhecimento e pela falta dele. Por duas vezes, adentrara um *ter'angreal* como se fosse um desmiolado, um camponês tolo achando que seria um feito simples como uma caminhada no pasto. Bem, quase tão simples. Os resultados só reforçaram suas suspeitas sobre qualquer coisa relacionada com o Poder Único. Da primeira vez, ouviu que iria morrer e nascer de novo, entre outras coisas que preferia não ter

ouvido. Algumas dessas outras coisas o encaminharam para a segunda jornada através de um *ter'angreal*, cuja consequência fora uma corda amarrada em seu pescoço.

Uma série de decisões, todas regidas por bons motivos ou pura necessidade, todas parecendo muito sensatas no momento em que as tomara, todas com consequências que ele jamais imaginara. Mat sempre se via preso nesse tipo de dança. Estivera morto até o momento em que Rand o soltara daquela força e o ressuscitara. Pela centésima vez, fez uma promessa a si mesmo. Daquele momento em diante, prestaria atenção onde pisava. Nada de se precipitar sem pensar nos desdobramentos.

Na verdade, ele ganhara mais do que a cicatriz naquele dia. O amuleto prateado de cabeça de raposa, por exemplo, o único olho sombreado de forma a parecer o antigo símbolo dos Aes Sedai. Às vezes, Mat ria tanto por causa daquele medalhão que suas costelas doíam. Não confiava em nenhuma Aes Sedai, por isso chegava a dormir e a tomar banho com aquela coisa no pescoço. O mundo era um lugar curioso, quase sempre curioso e esquisito.

Outra coisa que ganhara fora conhecimento, ainda que indesejado. Fragmentos das vidas de outros homens enchiam sua cabeça, milhares e milhares, às vezes algumas horas de memórias, às vezes anos inteiros, mas em fragmentos, lembranças de cortes e de combates, momentos vividos ao longo de bem mais de mil anos, desde muito antes das Guerras dos Trollocs até a batalha final do império de Artur Asa-degavião. Todas essas lembranças eram suas agora, ou era como se fossem.

Nalesean, Daerid e Talmanes batiam palmas ao ritmo da música e os outros homens espalhados pelas mesas também. Homens do Bando da Mão Vermelha, estimulando seu comandante a dançar. Luz, o nome do grupo dava calafrios em Mat. Pertencera a um lendário bando de heróis que morrera tentando salvar Manetheren. Não havia um só homem cavalgando ou marchando atrás do estandarte do Bando que não achasse que aquele grupo também acabaria fazendo parte das lendas. A Senhora Daelvin também batia palmas e o restante das serviçais fizera uma pausa para assistir à dança.

Era por causa das lembranças daqueles outros homens que o Bando seguia Mat, embora eles não soubessem. Sua cabeça continha memórias de mais batalhas e campanhas do que cem homens poderiam ter vivido. Fosse do lado vencedor ou do derrotado, Mat se lembrava de como aquelas batalhas tinham sido ganhas ou perdidas, e bastava um pouco de sagacidade para traduzir tudo aquilo em vitórias para o Bando. Isso quando não conseguia encontrar um jeito de evitar o confronto.

Mais de uma vez, desejara que aqueles fragmentos das vidas de outros homens saíssem de sua cabeça. Sem eles, Mat não estaria onde estava, liderando um grupo de quase seis mil soldados que aumentava a cada dia, prestes a conduzi-los para o sul e assumir o comando de uma maldita invasão a uma terra controlada por um dos malditos Abandonados. Ele não era nenhum herói, nem queria ser. Heróis tinham o péssimo hábito de acabar mortos. Um herói recebia no máximo um tapinha nas

costas — isso quando não havia apenas a promessa de um tapinha antes de ele ser mandado à caça outra vez. Aliás, o mesmo valia para os soldados.

Por outro lado, sem essas lembranças Mat não teria seis mil soldados com ele. Estaria sozinho, *ta'veren* e preso ao Dragão Renascido, alvo fácil e conhecido dos Abandonados. Ao que parecia, alguns sabiam muita coisa a respeito de Mat Cauthon. Moiraine alegara que ele era importante, que talvez Rand precisasse dele e de Perrin para vencer a Última Batalha. Se fosse verdade, ele faria o que fosse preciso — só teria que se acostumar à ideia, mas faria —, mas não seria um maldito herói. Se pelo menos conseguisse descobrir o que fazer a respeito da maldita Trombeta de Valere... Oferecendo uma pequena prece pela alma de Moiraine, desejou que ela estivesse errada.

Ele e Betse terminaram a última sequência de passos, e a mulher desabou em cima dele, rindo, quando pararam.

— Ah, foi maravilhoso. Me senti em um palácio. Vamos de novo? Ah, vamos? Vamos?

A Senhora Daelvin aplaudiu os dois por um instante, mas assim que percebeu as outras serviçais paradas ao redor do casal, sacudiu os braços com vigor e pôs todas para correr feito galinhas.

— “Filha das Nove Luas” significa alguma coisa para você?

As palavras simplesmente saíram. Era só porque se lembrara daquele *ter'angreal*. Onde quer que fosse encontrar a tal Filha das Nove Luas, quando isso acontecesse — *Luz, espero que ainda falte muito tempo para isso!*, pensou com fervor —, com certeza não seria em um vilarejo, servindo mesas em uma estalagenzinha abarrotada de soldados e refugiados. Por outro lado, quem poderia saber, em se tratando de profecias? Fora uma profecia, de certo modo. Morrer e nascer outra vez. Casar-se com a Filha das Nove Luas. Abrir mão de metade da luz do mundo para salvar o mundo, fosse lá o significado daquilo. Mat *tinha* morrido, afinal, pendurado naquela corda. Se essa parte era verdade, o resto também tinha que ser. Não havia escapatória.

— Filha das Nove Luas? — repetiu Betse, ofegante. A falta de fôlego não diminuía a tagarelice. — É uma estalagem? Uma taverna? Não é aqui em Maerone, disso eu sei. Talvez seja do outro lado do rio, em Aringill? Nunca fui a...

Mat encostou um dos dedos nos lábios dela.

— Deixe para lá. Vamos dançar mais uma dança. — Uma regional, dessa vez, algo atual, que não carregasse lembranças de outros homens. O problema era que realmente precisava pensar para identificar em meio às lembranças qual dança era de seu tempo.

Um pigarreio o fez olhar para trás e ele suspirou ao ver Edorion parado na entrada, as manoplas com dorso de aço enfiadas atrás do cinturão, o capacete debaixo do braço. O jovem lorde taireno era um homem roliço e de bochechas rosadas quando apostara contra Mat, na Pedra de Tear. No entanto, desde que

chegara ao norte adquirira um aspecto mais duro e curtido pelo sol. O capacete de abas agora não ostentava plumas, e a douradura um dia ornamentada de sua placa peitoral já estava desfigurada por lascas e mossas. O casaco de mangas bufantes era azul com listras pretas, mas parecia bastante usado.

— Você me pediu para lembrá-lo de sua ronda a essa hora. — Edorion tossiu contra o punho cerrado. Fazia questão de não olhar para Betse. — Mas posso voltar mais tarde, se preferir.

— Vou agora — respondeu Mat.

Era importante fazer a ronda diária, buscar estranhezas todos os dias. As memórias daqueles outros homens lhe diziam isso e ele aprendera a confiar nas memórias quando se tratava desse tipo de coisa. Já que estava preso a essa função, era melhor desempenhá-la direito. Fazer as coisas direito talvez pudesse preservar sua vida. Além do mais, Betse se afastara, tentando enxugar o suor do rosto com o avental e ajeitar os cabelos ao mesmo tempo. A euforia já esvanecia de sua expressão. Não importava. Ela se lembraria. *Dance bem com uma mulher*, pensou Mat, convencido, *que já ganha metade de seu coração*.

— Entregue isso aos músicos — pediu ele à serviçal, depositando três marcos de ouro em sua mão. Por mais que tivessem tocado mal, durante alguns momentos a melodia o transportara para longe de Maerone e do futuro imediato. De todo modo, as mulheres gostavam de generosidade. As coisas estavam indo muito bem. Com uma medida, quase beijando a mão dela, Mat acrescentou: — Até mais ver, Betse. Dançaremos de novo quando eu voltar.

Para sua surpresa, ela abanou um dedo sob o nariz dele e balançou a cabeça em reprimenda, como se lesse sua mente. Bem, ele jamais alegara entender as mulheres.

Ajeitando o chapéu na cabeça, apanhou a lança de cabo preto que jazia ao lado da porta. Fora outro presente do lado de lá daquele *ter'angreal*, com a inscrição em Língua Antiga no cabo e a ponta estranha, feito uma espada curta gravada com dois corvos.

— Vamos percorrer os bares hoje — disse a Edorion, e os dois saíram a passos firmes sob o calor intenso do meio-dia, adentrando a balbúrdia de Maerone.

Era uma cidade pequena e sem muros, porém cinquenta vezes maior do que qualquer uma que Mat vira antes de sair de Dois Rios. Na verdade, era uma aldeia grande, cuja maior parte das construções de tijolos e pedras tinha um único andar de altura, e as estalagens, no máximo três; além de apresentarem tantos telhados de ripas de madeira e de palha quanto de laje ou telha. Aquela hora, as ruas, quase todas de terra batida, estavam abarrotadas. A cidade tinha gente de todo tipo, na maioria cairhienos e andorianos. Embora ficasse do lado cairhieno do Erinin, Maerone não fazia parte de nação alguma: estava bem no meio do caminho, e a gente que ali vivia ou passava pertencia a uma meia dúzia de nações diferentes. Até Aes Sedai — umas três ou quatro — tinham aparecido por ali, desde que Mat chegara. Mesmo usando o medalhão, sempre mantivera distância delas — não havia motivo para caçar

problemas —, mas todas tinham ido embora tão rápido quanto haviam chegado. Ele de fato tinha sorte, quando importava. Pelo menos até então.

O povo da cidade estava imerso em seus afazeres, a maioria ignorando os muitos homens, mulheres e crianças vestidos em andrajos que perambulavam a esmo. Esses últimos eram todos cairhienos e em geral chegavam até o rio antes de retornarem aos acampamentos de refugiados ao redor da cidade. Poucos, no entanto, voltavam para casa. A guerra civil podia ter terminado em Cairhien, mas ainda havia as milícias, e eles temiam os Aiel. E, pelo que Mat sabia, também temiam topar com o Dragão Renascido. A pura verdade era que haviam fugido para o mais longe possível, e nenhum deles tinha energia para mais do que ir até o rio e admirar Andor.

Os soldados do Bando se somavam à multidão, grupos de um ou três serpenteando por entre as lojas e tavernas, tropas em forma, besteiros e arqueiros com coletes cobertos de discos de metal, lanceiros usando placas peitorais surradas descartadas por seus superiores ou arrancadas dos mortos. Por toda parte se viam cavaleiros de armaduras, lanceiros tairenos em capacetes com abas, cairhienos de capacetes em formato de sino e até alguns andorianos com seus capacetes cônicos de elmos com barras horizontais. Rahvin expulsara um bom número de homens da Guarda da Rainha, homens leais demais a Morgase e alguns haviam se juntado ao Bando. Mascates aos berros circulavam pela massa de gente com suas bandejas. Ofereciam agulhas e fios; unguentos bons para qualquer ferida e remédios para todo tipo de mal, desde bolhas até diarreia e tifo; sabão; panelas e canecas de estanho que prometiam jamais enferrujar; meias de lã; facas e adagas do mais fino aço andoriano — eles davam sua palavra —, todo tipo de coisa indispensável a um soldado ou que os vendedores pudessem convencê-los de que era indispensável. O burburinho era tamanho que os berros de qualquer mascate eram engolidos a mais de três passos de distância.

Os soldados reconheceram Mat na mesma hora, claro, e muitos deram vivas, mesmo os que estavam longe demais para ver além de seu chapéu de aba larga e a estranha lança. O acessório e a arma o marcavam tão claramente quanto a insígnia de qualquer nobre. Mat ouvira todo tipo de boatos em relação à sua recusa a usar armadura e capacete. Eram os mais diversos, desde coragem insana à suspeita de que apenas uma arma forjada pelo Tenebroso em pessoa poderia matá-lo. Alguns diziam que ele ganhara o chapéu das Aes Sedai e que, enquanto o usasse, *nada* seria capaz de matá-lo. A verdade era que se tratava de um chapéu comum, e ele o usava para garantir boa sombra. E porque o ajudava a se lembrar de não chegar perto de nenhum lugar onde fosse preciso usar armadura e capacete. As histórias que circulavam sobre sua lança, com aquela inscrição que pouca gente entre os nobres era capaz de ler, eram ainda mais exageradas. No entanto, nenhuma se aproximava da estranheza da verdade. Aquela lâmina com inscrição de corvo fora feita por Aes Sedai durante a Guerra da Sombra, antes da Ruptura. Não era necessário afiá-la, nunca, e ele duvidava de que a lâmina pudesse ser quebrada.

Acenando para agradecer os berros de “Que a Luz ilumine Lorde Matrim!”, “Lorde Matrim e vitória!” e outras bobagens, ele cruzou a multidão com Edorion. Pelo menos não precisava acotovelar ninguém: o povo abria caminho logo que o via. Queria que não fossem tantos os refugiados que o encaravam como se ele escondesse a chave de sua esperança no bolso. Além de garantir que recebessem a comida vinda nas fileiras de carroções que saíam de Tear, Mat não sabia o que mais podia fazer. Muitos estavam sujos e vestidos em farrapos.

— O sabão seguiu para os acampamentos? — perguntou.

Edorion ouviu, apesar da gritaria.

— Seguiu. A maioria acabou trocando o sabão com os mascates por vinho barato. Eles não querem sabão: querem ou cruzar o rio ou afogar as mágoas.

Mat soltou um grunhido amargo. Passagem para Aringill era algo que não podia dar àquelas pessoas.

Até a guerra civil destruir Cairhien, Maerone fora ponto de passagem entre Cairhien e Tear, o que significava que possuía quase tantas estalagens e tavernas quanto casas. As primeiras cinco onde ele enfiara o nariz eram bem similares, desde A Raposa e O Ganso até a Chicote do Carroceiro — construções de pedra com mesas abarrotadas e eventuais brigas, que Mat ignorava. Todavia, nunca encontrava ninguém bêbado.

A Portão do Rio, do outro lado da cidade, já fora a melhor estalagem de Maerone, mas placas pesadas pregadas nas portas de madeira manchada pelo sol serviam de lembrete aos estalajadeiros e serventes para que não embebedassem os soldados do Bando. Ainda assim, mesmo os soldados sóbrios entravam em brigas — tairenos com cairhienos com andorianos; homens a pé com cavaleiros; vassalos de um lorde lutavam contra os de outro; veteranos enfrentavam novatos e soldados brigavam com civis. Antes de saírem de controle, as lutas eram interrompidas por soldados de cassetetes e braçadeiras vermelhas que iam do punho ao cotovelo. As unidades se revezavam no fornecimento de Braços Vermelhos, mandando homens diferentes a cada dia, e o grupo tinha que pagar por qualquer dano ocorrido em seus dias de serviço. Isso aumentava o esforço para manter a paz.

Quando adentrou A Raposa e O Ganso, Mat viu um menestrel corpulento de meia idade equilibrando bastões em chamas; enquanto na Estalagem do Erinin, um menestrel magrelo e já meio careca, de harpa na mão, declamava parte da *Grande Caçada à Trombeta*. Apesar do calor, ambos usavam a inconfundível capa, toda coberta de retalhos multicoloridos que se agitavam ao menor movimento. Um menestrel daria a própria mão para não perder aquela capa. Os dois tinham plateias bastante atentas — muitos espectadores vinham de aldeias que saudavam avidamente a visita de um menestrel —, mais até do que a garota que cantava em cima de uma mesa, na taverna chamada As Três Torres. A moça era bonita, com seus longos cachos escuros, mas uma canção sobre amor verdadeiro decerto não seria muito interessante para os homens que bebiam e gargalhavam. Nos outros

locais, a única diversão vinha de um ou dois músicos, mas o burburinho era ainda mais alto e metade das mesas estava envolvida em jogos de dados que fizeram os dedos de Mat coçar. Mas era verdade que ele quase sempre ganhava, pelo menos no dado, e não seria correto tomar moedas de seus próprios soldados. E a maioria dos homens às mesas era do Bando, poucos refugiados tinham moedas para gastar em salões.

Algumas pessoas que não faziam parte do grupo circulavam por entre os integrantes do Bando. Um kandoriano esguio e de barba forçada ostentando uma pedra da lua do tamanho da unha do dedão pendurada em uma orelha e correntes de prata cruzando o peitoral em seu casaco vermelho; uma domanesa de pele acobreada e olhos astutos, com anéis de pedras preciosas em todos os dedos, apesar do vestido azul modesto; um taraboniano com um quepe azul cônico de ponta achatada, o bigode grosso escondido por trás de um véu transparente. Homens gorduchos em casacos tairenos apertados na cintura; sujeitos magrelos usando casacos murandianos que iam até o joelho; mulheres de olhar penetrante em vestidos de gola alta ou até o tornozelo, mas sempre de lã bem cortada e cores sóbrias. Todos mercadores, prontos para quando recomeçassem as tiradas entre Andor e Cairhien. Em cada salão havia dois ou três homens afastados dos outros, em geral sozinhos, a maioria sujeitos de olhar severo, alguns bem-vestidos, outros pouco mais ajeitados que os refugiados, mas todos com ar de quem sabia manejar a espada que traziam na cintura ou nas costas. Mat identificou duas mulheres com aquele grupo, embora nenhuma portasse armas — uma tinha um cajado comprido apoiado na mesa e supôs que a outra levasse facas escondidas no vestido de montaria. Ele próprio escondia umas facas nas roupas. Tinha certeza de que sabia o que ela e os outros queriam, e a mulher seria tola de se meter naquilo desarmada.

Ao sair com Edorion da Chicote do Carroceiro, Mat parou para observar uma mulher grandalhona de saias marrons divididas abrindo caminho pela multidão. A mulher nem piscava, os olhos observando tudo, desmentindo a aparente placidez do rosto redondo e ela ainda trazia no cinto um porrete cravejado de pregos e uma adaga de lâmina pesada o suficiente para dar conta de um Aiel. Então havia uma terceira mulher no grupo. Eram Caçadores da Trombeta, estavam atrás da lendária Trombeta de Valere que convocaria os mortos de volta de seus túmulos para lutar na Última Batalha. Quem a encontrasse teria lugar garantido nas histórias. *Isso se sobrar alguém para escrever alguma maldita história*, pensou Mat, mordaz.

Alguns acreditavam que a Trombeta surgiria onde houvesse lutas e tumulto. Fazia quatrocentos anos desde que a última Caçada à Trombeta fora convocada e o povo tinha surgido de tudo que era lugar para fazer os juramentos mais recentes. Mat vira bandos de Caçadores nas ruas de Cairhien e esperava ver mais quando chegasse a Tear. Decerto também estariam avançando para Caemlyn. Queria que um deles tivesse encontrado a coisa. Pelo que sabia, a maldita Trombeta de Valere jazia em algum ponto das profundezas da Torre Branca — e, se ele conhecia minimamente as

Aes Sedai, ficaria surpreso se dez delas estivessem cientes disso.

Uma tropa marchava atrás de um oficial a cavalo de placa peitoral amassada e capacete cairhieno, entre Mat e a mulher corpulenta. Cerca de duzentos lanceiros com as armas para cima, um matagal de ponteiras, seguidos por mais de cinquenta arqueiros com aljavas na cintura e arcos presos aos ombros. Não era o arco longo de Dois Rios que Mat crescera usando, mas era uma arma bastante digna. Precisava encontrar bestas para os homens, embora os arqueiros não estivessem muito dispostos a trocar de arma. O batalhão cantava enquanto marchava e a massa de vozes se sobrepunha ao resto do barulho.

*— O almoço vai ser feijão e feno estragado,
no dia do nome ganha um casco quebrado.
Vai suar e sangrar até envelhecer,
Só nos seus sonhos ouro vai ter.
É a vida de um soldado.
É a vida de um soldado.*

Uma multidão de civis os seguia, cidadãos e refugiados juntos, todos homens jovens e curiosos, observando e escutando. Mat não deixava de se impressionar. Quanto mais a canção maldizia o serviço — e a pior parte ainda não chegara —, maior a multidão. Certo como a água era molhada, alguns daqueles homens saíam para falar com um porta-estandarte antes de o dia terminar, e a maioria assinaria seu nome ou deixaria uma marca. Decerto achavam que a música era uma tentativa de assustá-los, de preservar a glória e os ganhos ilícitos. Pelo menos os lanceiros não estavam cantando “Dançando com Jak das Sombras”. Mat odiava aquela música. Assim que os rapazes percebiam que Jak das Sombras era a morte, começavam a ir atrás de um porta-estandarte.

*— Sua garota com outro se casa.
Sua única terra é uma cova rasa.
Sua comida de verme, ninguém vai chorar,
Seu próprio nascimento você vai amargar.
É a vida de um soldado.
É a vida de um soldado.*

— O pessoal não para de se perguntar quando é que vamos para o sul — comentou Edorion, com um ar despretensioso, enquanto a tropa avançava pela rua levando um rastro de imbecis — Estão surgindo boatos. — Ele espiou Mat de

soslaio, avaliando seu humor. — Percebi que os ferradores estão conferindo as parselhas para os carroções de suprlmentos.

— A gente vai quando a gente for — respondeu Mat. — Não precisamos informar Sammael de nossa partida.

Edorion lançou a ele um olhar firme. O taireno não era nem um pouco bronco. Não que Nalesean fosse — só era ansioso demais, às vezes —, mas Edorion tinha uma mente perspicaz. Nalesean jamais teria percebido os ferradores. Era pena que a Casa Aldiaya fosse superior à Casa Selorna em importância, ou Mat teria posto Edorion no lugar de Nalesean. Aqueles nobres idiotas, com sua fixação idiota nas graduações. Não, Edorion não era nem um pouco burro — sabia que tão logo o Bando rumasse para o sul, as notícias desceriam o rio a toda a velocidade, talvez também voando com os pombos. Mat não teria apostado contra a possibilidade de haver espiões em Maerone, nem se sentisse a sorte com força suficiente para lhe arrebentar o crânio.

— Tem também um boato de que o Lorde Dragão estava na cidade, ontem — comentou Edorion, no volume mais baixo que o barulho da rua permitia.

— O máximo que aconteceu ontem — respondeu Mat, seco — foi que tomei o primeiro banho em uma semana. Vamos logo. Vai levar metade do tempo que nos resta de luz para acabar com isso.

Mat daria tudo para descobrir como aquele boato começara. Estava errado em apenas metade de um dia, e decerto não houvera ninguém para ver. Nas primeiras horas da manhã, um raio de luz despontara de repente no quarto de Mat, lá na estalagem Cervo Dourado. Desesperado, ele se atirara do outro lado da cama de quatro pilares, uma bota calçada e a outra a meio caminho, puxando a faca que mantinha presa entre as omoplatas. Então percebeu que era Rand, brotando de um daqueles malditos buracos no nada. Parecia estar saindo do palácio em Caemlyn, pelas colunas visíveis antes de a abertura se esvair. Ficou um pouco espantado com a visita no meio da noite, sem escolta Aiel, irrompendo bem no quarto de Mat — coisa que ainda lhe dava calafrios. Aquela luz estranha poderia tê-lo fatiado em dois, se estivesse no lugar errado. Mat *não gostava* do Poder Único. A situação toda fora muito estranha.

— *Vá depressa e devagar, Mat — disse Rand, andando de um lado para o outro, sem olhar em sua direção. Mantinha a mandíbula tensa, o rosto empapado de suor. — Ele tem que estar avisado. Tudo depende disso.*

Sentado na cama, Mat deu um solavanco com o pé para terminar de tirar a bota e largou-a no tapete que a Senhora Daelvin lhe cedera.

— *Eu sei — respondeu, em um tom amargo, parando para esfregar o tornozelo que machucara em uma das colunas da cama. — Eu ajudei a bolar a porcária do plano, lembra?*

— *Como é que a gente sabe quando está apaixonado por uma mulher, Mat? — Rand não parava de andar e disparou a pergunta como se tivesse tudo a ver com o*

que estava dizendo antes.

Mat piscou.

— Pelo Poço da Perdição, como eu vou saber? Nessa armadilha eu nunca pus o pé. Por quê?

Rand apenas deu de ombros.

— Vou acabar com Sammael, Mat. Eu juro. Devo isso aos mortos. Mas onde estão os outros? Preciso acabar com todos.

— Mas um de cada vez. — Ele quase não conseguiu evitar que a frase saísse como uma pergunta. Nos últimos tempos, não havia como saber com o que Rand ficaria obcecado.

— Tem Devotos do Dragão em Murandy, Mat. Em Altara também. Homens devotos a mim. Quando Illian for minha, Altara e Murandy cairão feito ameixas maduras. Vou iniciar contato com os Devotos do Dragão em Tarabon. e em Arad Doman. E, se os Mantos-brancos tentarem me impedir de chegar a Amadícia, vou acabar com eles. O Profeta já deixou Ghealdan preparada e está quase terminando com Amadícia, pelo que eu ouvi dizer. Consegue imaginar Masema como Profeta? Saldaea virá até mim, Bashere tem certeza. Todas as Terras da Fronteira virão. Têm que vir! Eu vou conseguir, Mat. Todas as nações unidas antes da Última Batalha. — A voz de Rand assumira um tom febril.

— Claro, Rand — respondeu Mat, hesitante, acomodando a outra bota ao lado da primeira. — Mas uma coisa de cada vez, certo?

— Nenhum homem deveria ter a voz de outro homem na própria cabeça — resmungou Rand e as mãos de Mat congelaram enquanto ele tirava uma das meias de lã.

Por mais estranho que fosse, pegou-se pensando se ainda poderia usar o par mais um dia. Rand sabia de parte do que acontecera dentro daquele ter'angreal em Rhuidean — pelo menos sabia que ele, de alguma forma, obtivera conhecimento a respeito das funções de um soldado. Mas não sabia de tudo... Mat achava que não. Não sabia das lembranças de outros homens. Rand não pareceu notar nada fora do comum. Só passou os dedos pelos cabelos e prosseguiu:

— Ele pode ser enganado, Mat... Sammael sempre pensa de maneira muito linear. Mas será que tem alguma brecha por onde ele possa se esgueirar? Se houver qualquer erro, milhares de pessoas vão morrer. Dezenas de milhares. Centenas já vão morrer, de todo modo, mas não quero que sejam milhares.

Mat contorceu o rosto em uma careta tão intensa que o mascate de rosto suado que tentava lhe vender uma adaga com cabo de pedras “preciosas” de vidro colorido quase largou a mercadoria ao tentar se misturar à multidão. Rand era sempre assim, trocando de assunto toda hora, indo da invasão de Illian para os Abandonados e as mulheres — Luz, Rand sempre conseguia o que queria com as mulheres, que nem Perrin —, da Última Batalha às Donzelas da Lança e coisas que Mat não compreendia. E quase nunca ouvia as respostas, às vezes sequer esperava por elas.

Ouvir Rand falar de Sammael como se conhecesse o homem era mais que apenas desconcertante. Sabia que Rand acabaria enlouquecendo, mas se a loucura já estivesse à espreita...

E quanto aos outros, os coitados que *desejavam* canalizar, que Rand estava reunindo, e o tal sujeito Taim, que já conseguia? Rand mencionara como se não fosse nada muito relevante. Mazrim Taim, o maldito falso Dragão, ensinando aos malditos alunos de Rand — ou fosse lá o que fossem aqueles homens. Quando todos comessem a enlouquecer, Mat não queria estar nem a mil milhas deles.

Só que tinha tanta opção quanto uma folha em um redemoinho. Era *ta'veren*, porém Rand era mais. Nada havia nas Profecias do Dragão sobre Mat Cauthon, mas ele fora capturado e preso, feito um leitãozinho. Luz, queria nunca ter posto os olhos na Trombeta de Valere.

Com a expressão sombria, avançou pelas tavernas e pelos salões, afastando-se dos entornos da Cervo Dourado. Não eram diferentes da primeira que vistoriara: mesas abarrotadas de homens bebendo, jogando e brigando, os músicos sempre abafados pelo burburinho, Braços Vermelhos apartando as brigas assim que começavam. Em uma, um menestrel recitava *A Grande Caçada* — popular mesmo sem Caçadores por perto —, em outra, uma mulher branca e pequenina entoava uma canção um tanto obscena, que ficava ainda mais escandalosa ao ser recitada por alguém de rosto redondo e olhos tão grandes e inocentes.

Ainda desanimado, abandonou a Trombeta de Prata — que nome idiota! — e sua cantora de rosto inocente. Talvez tenha sido por isso que saiu disparado em direção à gritaria que estourava na rua, logo na frente de outra estalagem. Se houvesse soldados envolvidos, os Braços Vermelhos cuidariam da situação, mas mesmo assim Mat foi se embrenhando pela multidão. Rand estava enlouquecendo e largando-o no meio da tempestade, com Taim e aqueles outros idiotas prontos para adentrar a loucura com ele. Sammael aguardava em Illian e nem a Luz sabia onde estava o restante dos Abandonados — todos decerto à procura de uma chance de arrancar sua cabeça pelo caminho. Isso sem levar em conta o que as Aes Sedai fariam se pusessem as mãos nele outra vez — pelo menos, as que sabiam demais. E todo mundo pensando que ele ia dar as caras e virar um maldito herói! Em geral, tentava se safar das brigas na lábia quando não conseguia passar longe delas, mas naquele momento queria uma desculpa para meter um soco bem no meio da cara de alguém. O que encontrou não foi nada do que esperava.

Um grupo de cidadãos — cairhienos baixos usando roupas discretas e um punhado de andorianos mais altos vestidos em cores mais vivas — rodeava, inexpressivo, dois homens compridos e magros de bigodes curvos, que usavam casacos murandianos longos de seda brilhosa e portavam espadas ornamentadas de pomos e guarda-mãos dourados. O sujeito de casaco vermelho exibia um sorriso largo, divertindo-se ao observar o de amarelo agarrar a gola da camisa de um garoto pouco mais alto que a cintura de Mat, sacudindo-o como um cachorro sacode um

rato.

Ele manteve a calma. Lembrou a si mesmo de que não sabia o motivo de tudo aquilo.

— Vá com calma com o garoto — mandou, pousando a mão no braço do casaco amarelo. — O que foi que ele fez para merecer...?

— Ele tocou o meu cavalo! — vociferou o sujeito com sotaque de Mindea, afastando a mão de Mat com uma sacudida. Os mindeanos se gabavam de ter o pior temperamento de todos em Murandy. Se gabavam! — Vou torcer esse pescocinho de camponês! Vou esmagar esse moleque magricela...!

Sem dizer outra palavra, Mat ergueu a base da lança e a enfiou direto no meio das pernas do sujeito. O murandiano abriu a boca, mas não emitiu som algum. Seus olhos se reviraram até ficarem completamente brancos. O garoto disparou assim que o homem desabou de joelhos, as pernas moles e a cara no chão da rua.

— Não vai, não — retrucou Mat.

Aquilo não foi o fim, claro. O homem de casaco vermelho agarrou a própria espada. Até conseguiu desembainhar um pedacinho antes que Mat lhe acertasse o pulso com a base da lança. Grunhindo, o sujeito largou o cabo, mas esticou a outra mão para agarrar a adaga de lâmina comprida pendurada em seu cinto. Mais que depressa, Mat o golpeou acima da orelha. Não foi com força, mas o sujeito caiu em cima de seu companheiro. Que imbecil! Mat não soube ao certo se estava pensando no sujeito do casaco vermelho ou em si mesmo.

Finalmente chegaram alguns Braços Vermelhos, abrindo caminho por entre os observadores. Eram cavaleiros tairenos de costas largas, pareciam meio sem jeito andando a pé com as botas até os joelhos, as mangas douradas espremidas embaixo das braçadeiras. Edorion agarrara o garoto, um menino encovado e emburrado de cerca de seis anos, arrastando os dedos nus pela terra e de vez em quando tentando dar um tranco no braço de seu captor. Talvez fosse a criança mais feia que Mat já vira, com nariz achatado, boca grande demais para o rosto e orelhas imensas despontando das laterais da cabeça. Pelos rombos em seu casaco e calças, era um dos refugiados. Parecia imundo.

— Dê um jeito nisso, Harnan — mandou Mat. Harnan era um Braço Vermelho de queixo comprido, um líder de destacamento de expressão tolerante com uma tatuagem tosca de um gavião na bochecha esquerda. A moda parecia estar se difundindo pelo Bando, mas a maioria se limitava a marcar partes do corpo que costumavam ficar encobertas. — Descubra o motivo disso tudo, depois mande esses dois grosseirões para fora da cidade. — Eles mereciam, fosse lá qual tivesse sido a provocação.

Um magricelo de casaco murandiano de lã escura serpenteou por entre o povo e caiu de joelhos ao lado dos dois, no chão. O de casaco amarelo começara a emitir grunhidos abafados e o de casaco vermelho já agarrava a cabeça, murmurando algo que pareciam xingamentos. O recém-chegado fez mais barulho que os dois juntos.

— Ah, milordes! Milorde Paers! Milorde Culen! Os senhores foram mortos? — Ele estendeu as mãos trêmulas na direção de Mat. — Ah, mas não mate os dois, milorde! Não assim, indefesos. Eles são Caçadores da Trombeta, milorde. Eu sou Padry, servo deles. São heróis, milorde, são sim.

— Eu não vou matar ninguém — interrompeu Mat, enojado. — Você faça esses heróis montarem em seus cavalos e caia fora de Maerone até o anoitecer. Não gosto de marmanjos que ameaçam torcer o pescoço de uma criança. Eles têm até o anoitecer!

— Mas, milorde, eles estão machucados. Era é só um camponesinho, e estava bulindo no cavalo de Lorde Paers.

— Eu só sentei no cavalo — gritou o garoto. — Eu não estava... isso aí que o senhor disse.

Mat assentiu, de cara feia.

— Não se quebra o pescoço de uma criança por se sentar em um cavalo, Padry. Nem se for um *camponesinho*. Tire esses dois daqui, ou eu é que vou torcer o pescoço *deles*. — Gesticulou para Harnan que assentiu depressa para os outros Braços Vermelhos. Os líderes de destacamento nunca faziam nada sozinhos, assim como os porta-estandartes. O grupo ergueu Paers e Culen com violência e os atirou para longe, grunhindo. Padry foi atrás, contorcendo as mãos e gritando, em protesto, que seus mestres não estavam em condições de cavalgar, que eram Caçadores da Trombeta e heróis.

Mat percebeu que Edorion ainda agarrava o braço da causa de todo aquele problema. Os Braços Vermelhos tinham ido embora, os habitantes da cidade já se dispersavam. Ninguém prestava atenção ao garoto, todos tinham suas próprias crianças para cuidar, tarefa que já era bastante difícil. Mat suspirou pesadamente.

— Você não entende que pode se machucar “só sentando” em um cavalo estranho, garoto? O garanhão que esse tipo de sujeito cavalga é capaz de pisotear um garotinho que nem você em sua baia e ninguém nunca mais o encontraria.

— Capão. — O garoto deu outro puxão para tentar se soltar de Edorion, e, ao perceber que não tinha conseguido, fechou um bico emburrado. — Era um capão e não ia me machucar. Os cavalos gostam de mim. Eu não sou um *garotinho*, tenho nove anos. E meu nome é Olver, não é *garoto*.

— Olver, é? — Nove anos? Podia ser. Mat era ruim em dizer a idade de crianças, ainda mais sendo uma criança cairhiena. — Bom, Olver, onde estão sua mãe e seu pai? — Ele olhou em volta, mas os refugiados ao redor passavam tão ligeiros quanto os cidadãos. — Onde é que eles estão, Olver? Tenho que devolver você a eles.

Em vez de responder, Olver mordeu o lábio inferior. Uma lágrima se formou em um dos olhos e ele a esfregou, cheio de raiva.

— Os Aiel mataram o papai. Um desses... Shado. Mamãe disse que a gente estava indo para Andor. Ela disse que a gente ia morar em uma fazenda. Com cavalos.

— Onde é que ela está? — perguntou Mat, baixinho.

— Ela ficou doente. Eu... eu a enterrei num lugar com umas flores. — De súbito, Olver chutou Edorion e começou a se debater, preso a seu pulso. As lágrimas escorriam pelo rosto do menino. — Me solte. Eu consigo me cuidar sozinho. Me solte.

— Cuide dele até encontrarmos alguém — disse Mat a Edorion que o encarou embasbacado, tentando ao mesmo tempo afastar e segurar o garoto.

— Eu? E o que é que eu vou fazer com esse ratinho bravo como um leopardo?

— Para começar, dê a ele um prato de comida. — Mat torceu o nariz. Pelo cheiro, Olver passara pelo menos um tempinho no chão da baia do capão. — E um banho. Ele está fedendo.

— Fale comigo — gritou Olver, esfregando o rosto. As lágrimas ajudaram a dar um jeito na imundície. — Fale comigo, não de mim!

Mat piscou, surpreso, depois se agachou.

— Me desculpe, Olver. Eu também sempre odiava quando faziam isso comigo. Agora, o negócio é o seguinte: você está fedendo, então Edorion vai levar você até a Cervo Dourado, onde a Senhora Daelvin vai deixar você tomar um banho. — A irritação no rosto de Olver cresceu. — Se ela falar alguma coisa, diga que fui eu quem mandou. Ela não vai poder impedir. — Mat conteve um sorriso diante do olhar espantado do garoto, aquilo poderia pôr tudo a perder. Olver talvez não gostasse da ideia de tomar um banho, mas se alguém tentasse proibi-lo... — Agora faça o que Edorion mandar. Ele é um verdadeiro lorde taireno e vai arranjar um prato de comida quentinha para você e umas roupas sem furos. E uns sapatos. — Era melhor não acrescentar “e alguém para cuidar de você”. A Senhora Daelvin poderia dar um jeito nisso. Um pouco de ouro daria conta de qualquer relutância.

— Eu não gosto de tairenos — resmungou Olver, franzindo o cenho primeiro para Edorion, depois para Mat. Edorion fechara os olhos e murmurava sozinho. — Ele é lorde de verdade? O senhor também é lorde?

Antes que Mat pudesse responder, Estean veio correndo pela multidão, o rosto grumoso todo vermelho e empapado de suor. A placa peitoral amassada conservava alguns fragmentos da antiga glória dourada e as tiras de cetim vermelho nas mangas amarelas do casaco estavam bem puídas. Ele não parecia nem um pouco o filho do lorde mais rico de Tear. Por outro lado, jamais parecera.

— Mat. — O homem ofegava, metendo os dedos pelos cabelos ralos que insistiam em cair por sobre a testa. — Mat... no rio, lá embaixo...

— O quê? — interrompeu Mat, irritado. Começaria a mandar bordar “Não sou um maldito lorde” em seus casacos. — Sammael? Os Shaído? A Guarda da Rainha? Os malditos Leões Brancos? O quê?

— Um navio, Mat — respondeu Estean, ofegante, remexendo o cabelo. — Um navio imenso. Acho que é do Povo do Mar.

Era improvável. Os Atha'an Miere nunca levavam os navios além do porto mais

próximo do mar aberto. Porém... não havia muitas aldeias ao sul do Erinin e os carregamentos que os carroções conseguiam levar escasseariam antes que o Bando chegasse a Tear. Ele já tinha contratado embarcações fluviais para acompanhar a trilha da marcha, mas um navio maior seria bastante útil.

— Cuide de Olver, Edorion — mandou, ignorando a careta do homem. — Estean, me leve a esse navio.

Estean assentiu com vigor. Teria voltado a correr em disparada se Mat não tivesse agarrado a manga de seu casaco para obrigá-lo a caminhar. Estean estava sempre ansioso e demorava a aprender, combinação responsável pelos cinco hematomas que ele ostentava no corpo, todos causados pelo porrete da Senhora Daelvin.

O fluxo de refugiados crescia à medida que Mat se aproximava do rio, ambos em lentos movimentos sinuosos. Meia dúzia de barcas de ripas largas estava atracada ao cais, feito de vigas de madeira revestidas de piche, mas os remos haviam sido levados para longe e não havia um único tripulante à vista em nenhum deles. Os únicos barcos em atividade eram meia dúzia de balsas fluviais, embarcações robustas de um ou dois mastros que haviam feito uma parada rápida antes de seguir o rio. Os tripulantes descalços mal se mexiam nos barcos que Mat contratara. Os porões estavam abarrotados, e os capitães garantiam ter condições de navegar assim que ele emitisse a ordem. Pelas águas do Erinin corriam embarcações de proa larga e velas quadradas, navios estreitos de velas triangulares, mas nada que fizesse a passagem entre Maerone e Aringill, toda murada, onde estava exposto o Leão Branco de Andor.

O estandarte também ondeava em Maerone, e os soldados andorianos que guardavam a cidade não tinham ficado felizes em deixar o Bando da Mão Vermelha entrar na cidade. Rand podia até controlar Caemlyn, mas seu comando não se estendia à Guarda da Rainha nem às unidades erguidas por Gaebril, como os Leões Brancos. Eles agora estavam em algum ponto a oeste — pelo menos era naquela direção que haviam fugido, e qualquer boato que mencionasse bandidos podia ser obra deles —, mas o restante cruzara o rio depois das escaramuças com o Bando. Desde então, ninguém cruzara o Erinin.

Mas a única coisa que Mat realmente viu foi um navio ancorado bem no meio do imenso rio. Era mesmo uma embarcação do Povo do Mar, maior e mais comprida do que qualquer das fluviais, porém de aspecto bem suave, com dois mastros inclinados. Silhuetas escuras subiam pelos cordames, umas de peitoral desnudo e calças largas que à distância pareciam pretas, outras usando as blusas de cores vivas comum às mulheres. Metade da tripulação, ou quase isso, parecia de mulheres. As imensas velas quadradas tinham sido puxadas, mas ainda pendiam em dobras frouxas, prontas para serem soltas a qualquer instante.

— Arrume um barco para mim — pediu a Estean. — E uns remadores. — Precisava lembrar isso a Estean. O taireno apenas piscou, surpreso, passando a mão pelos cabelos. — Corra, homem! — Estean assentiu de repente e pôs-se a correr.

Mat caminhou até a ponta do desembarcadouro mais próximo, apoiou a lança no ombro e puxou a luneta do bolso do casaco. Quando pôs o tubo revestido de latão diante do olho, o navio pulou mais para perto. O Povo do Mar parecia estar à espera de algo... mas do quê? Alguns olhavam na direção de Maerone, mas a maioria observava o lado oposto, inclusive o pessoal no tombadilho superior — onde deviam estar a Senhora das Velas e as outras oficiais do navio. Ele girou a luneta para o outro extremo do rio e avistou um bote a remos comprido e estreito com homens escuros remando, avançando em direção ao navio.

Havia alguma confusão em um dos compridos cais de Aringill, quase idênticos aos de Maerone. Casacos vermelhos com golas brancas e reluzentes placas peitorais indicavam a presença da Guarda da Rainha, que claramente recebia um grupo de pessoas que chegava do navio. O que fez Mat assobiar baixinho foi o par de para-sóis vermelhos entre os recém-chegados, um deles com dois andares. Às vezes aquelas antigas lembranças eram bastante úteis: o para-sol de dois andares indicava a Mestra das Ondas de um clã, e o outro, seu Mestre da Espada.

— Arrumei um barco, Mat — anunciou Estean, ofegante, por cima de seu ombro. — E uns remadores.

Mat virou a luneta de volta para o navio. Pela atividade no convés, estavam subindo a pequena embarcação, mas alguns homens no cabrestante já puxavam a âncora para cima, e as velas já estavam sendo sacudidas.

— Parece que eu não vou precisar — murmurou.

Do outro lado do rio, a delegação dos Atha'an Miere desapareceu no desembarcadouro com uma escolta de guardas. Nada daquilo fazia sentido. Pessoas do Povo do Mar a novecentas milhas do mar. Apenas a Senhora dos Navios era mais importante que uma Mestra das Ondas; apenas o Mestre das Lâminas era mais importante que um Mestre da Espada. Não fazia sentido, não pelas lembranças que tinha daqueles outros homens em sua mente. Mas eles *eram* velhos — Mat “lembrava” que se conhecia menos sobre os Atha'an Miere do que sobre qualquer povo, exceto os Aiel. Sabia mais sobre os Aiel por experiência própria do que por lembranças, e isso já era bem pouco. Talvez alguém que conhecesse o Povo do Mar de hoje em dia pudesse entender o que estava havendo ali.

As velas já ondeavam ao alto do navio, a âncora ainda sendo puxada, encharcada de água, para a proa. Fosse lá o que tanto os apressava, parecia que não os levaria de volta ao mar. A embarcação deslizou rio acima a uma velocidade crescente, traçando uma curva em direção à foz pantanosa do Alguenya, poucas milhas a norte de Maerone.

Bem, não tinha nada a ver com ele. Com uma última olhadela pesarosa para o navio — aquela coisa poderia transportar mais do que todas as embarcações menores que ele conseguira juntas —, Mat enfiou a luneta de volta no bolso e deu as costas para o rio. Estean ainda andava de um lado a outro, encarando-o.

— Pode dispensar os remadores, Estean — disse Mat, com um suspiro, e o taireno

saiu pisando firme, resmungando sozinho e esfregando as mãos no cabelo.

Havia mais lama visível desde a última vez que fora até o rio, alguns dias antes. Era só uma nesga viscosa de menos de uma mão de largura entre a água e a tirinha estreita de lama seca da margem, mas era prova de que mesmo um rio como o Erinin estava secando aos poucos. Nada a ver com ele. Pelo menos, nada que pudesse fazer a respeito. Deu meia-volta e retomou as rondas nas tavernas e nos salões. Era importante que nada parecesse fora do normal, naquele dia.

Quando o sol caiu, Mat já estava de volta à estalagem Cervo Dourado, dançando com Betse, agora sem o avental, enquanto os músicos tocavam o mais alto que podiam. Danças regionais, dessa vez. As mesas tinham sido afastadas para dar lugar a seis ou oito casais. A noite trouxe um pouco de frio, mas só em comparação com o dia. Homens bebendo às gargalhadas apinhavam os bancos, e as serventes corriam para levar sopa de carneiro, nabo e cevada às mesas e manter cheias as canecas de cerveja e as taças de vinho.

Por mais surpreendente que fosse, as mulheres pareciam considerar a dança um descanso da tarefa de circular pelo salão com as bandejas. Pelo menos, todas sorriam avidamente quando chegava sua vez de enxugar o suor da face e tirar o avental para uma dança, embora suassem na mesma intensidade depois que a música começava. Talvez a Senhora Daelvin tivesse acertado algum tipo de revezamento. Nesse caso, Betse era exceção. A bela jovem só servia vinho para Mat, só dançava com Mat e a estalajadeira abria sorrisos enormes para o casal, como uma mãe no casamento da filha, o que deixava Mat constrangido. Na verdade, Betse dançava com ele até lhe deixar os pés e as panturrilhas doloridas, mas jamais interrompia o sorriso, os olhos brilhando de puro prazer. Exceto quando paravam para recuperar o fôlego, claro. Ou melhor, para ele recuperar o fôlego — a moça não parecia precisar. Assim que seus pés paravam, a língua disparava a galope. O mesmo, inclusive, acontecia quando ele tentava beijá-la: Betse sempre virava a cabeça e exclamava sobre uma coisa ou outra, de modo que ele acabava por lhe beijar a orelha ou os cabelos, em vez de os lábios. E ela sempre parecia se surpreender. Mat ainda não conseguira concluir se a mulher era muito tonta ou esperta demais.

O relógio já marcava quase duas da manhã quando ele enfim disse a Betse que ia parar pela noite. A decepção se estampou no belo rosto, e um biquinho apareceu. A moça tinha ânimo para dançar até amanhecer. Não estava só: uma das servas mais velhas massageava um dos pés, apoiada em uma parede, mas as outras pareciam tão animadas e alertas quanto Betse. A maioria dos homens parecia exausta e os que se deixavam arrastar para longe dos bancos estampavam sorrisos petrificados, mas a maior parte apenas recusava a dança. Mat não entendia. Concluiu que devia ser porque, na dança, quase todo o esforço ficava a cargo dos homens, tendo de conduzir tantas levantadas e rodopios. Além do mais, as mulheres eram leves, pular de um lado a outro simplesmente consumia menos de sua energia. Piscando para uma servente corpulenta que rodopiava Estean pelo salão, em vez do contrário — o

homem sabia dançar, esse talento ele tinha —, Mat apertou uma moeda de ouro na mão de Betse, uma coroa andoriana bem gorda, para que ela comprasse algo bonito.

A mulher analisou a coroa por um instante, então se pôs nas pontas dos pés e o beijou de leve na boca, feito o roçar de uma pluma.

— Eu nunca enforcaria você, não importa o que fizesse. Dança comigo amanhã?
— Antes que ele pudesse responder, a mulher deu uma risadinha e saiu em disparada, olhando-o por cima do ombro até começar a tentar puxar Edorion para a área da dança. A Senhora Daelvin interceptou o casal e enfiando um avental nas mãos de Betse, apontou o polegar na direção da cozinha.

Mat mancou de leve ao andar até a mesa encostada na parede dos fundos, onde Talmanes, Daerid e Nalesean haviam se escondido. Talmanes encarava a taça de vinho como se ali fosse encontrar respostas a questões profundas. Daerid, com um sorriso de orelha a orelha, observava Nalesean tentando se desvencilhar de uma servente roliça de olhos cinza e cabelos castanho-claros sem querer admitir para a moça que estava com os pés doloridos. Mat apoiou os punhos na mesa.

— O Bando segue para o sul ao amanhecer. É melhor vocês comecem a se aprontar.

Os três o encararam, boquiabertos.

— Mas isso é daqui a algumas horas — protestou Talmanes.

— Vai levar esse tempo só para tirar esses homens dos salões — disse Nalesean, ao mesmo tempo.

Estremecendo, Daerid sacudiu a cabeça.

— Ninguém vai dormir hoje à noite.

— Eu vou — respondeu Mat. — Algum de vocês me acorde daqui a duas horas. Assim que amanhecer, quero todo mundo em marcha.

E foi assim que se viu montado em Pips, seu robusto capão marrom, à cinzenta luz da aurora, levando a lança na sela e o arco longo sob a cilha. Estava com o sono atrasado e uma dor atrás dos olhos, observando o Bando da Mão Vermelha deixar Maerone. Todos os seis mil homens. Metade a cavalo, metade a pé, fazendo barulho o bastante para acordar os mortos. Apesar da hora, o povo se enfileirava nas ruas e olhava, atordoado, por detrás das janelas.

O estandarte quadrado de franjas vermelhas do Bando guiava o caminho, uma mão vermelha sobre um fundo branco, o lema bordado em carmesim logo abaixo: *Dovie'andi se tovyu sagain. "É hora de rolar os dados."* Nalesean, Daerid e Talmanes seguiam com o estandarte, dez homens montados batiam em atabales de latão com panos escarlata amarrados, e o mesmo número de trombeteiros somavam floreios aos sons. Atrás vinha a cavalaria de Nalesean, composta por uma mistura de cavaleiros tairenos e Defensores da Pedra, fidalgotes cairhienos ostentando *con* nas costas — os pequeninos estandartes que identificavam os oficiais de Cairhien — e serviçais em seu encalço, e um punhado de andorianos. Cada esquadrão e tropa tinha seu próprio estandarte comprido exibindo a Mão Vermelha, uma espada e um

número. Mat os fizera sortear quem ficaria com cada número.

A mistura causara certa reclamação, ou mais do que isso, verdade fosse dita. No início, os cavalos cairhienos seguiam Talmanes, e os tairenos, Nalesean. Os homens a pé desde sempre se configuraram um grupo heterogêneo. Também houvera reclamações para que cada unidade tivesse o mesmo número de homens, além de protestos quanto aos números nas flâmulas. Os lordes e os capitães sempre reuniram o máximo de homens capazes de segui-los, e os grupos ficavam conhecidos como homens de Edorion, Meresin ou Alhandrin. Eles ainda faziam isso um pouco — por exemplo, os quinhentos de Edorion chamavam a si mesmos de Martelos de Edorion, não de Primeiro Esquadrão —, mas Mat lhes incutira a noção de que todos os homens pertenciam ao Bando, não às nações onde por acaso tivessem nascido, e quem não gostasse de fazer as coisas do jeito dele, que se sentisse livre para ir embora. O mais impressionante era que ninguém tinha ido.

Era difícil entender por que ficavam. Sob a liderança dele os homens venciam, claro, mas alguns morriam. Tinha dificuldade de alimentá-los e garantir que o pagamento chegasse mais ou menos na época certa, e era bom que esquecessem a fortuna que alardeavam que iriam saquear. Ninguém até então vira uma só moeda daquela fortuna e ele não via grandes chances de que um dia isso fosse acontecer. Era loucura.

O Primeiro Esquadrão ergueu um viva, que logo se alastrou pelo Quarto e o Quinto. Os Leopardos de Carlomin e as Águias de Reimon, como chamavam a si mesmos.

— Lorde Matrim e vitória! Lorde Matrim e vitória!

Se Mat tivesse uma pedra à mão, teria jogado neles.

A infantaria vinha em seguida, serpenteante, cada companhia sob a cadência de batuques de tambor e uma flâmula comprida, esta com uma lança cruzada diante da mão, em vez de uma espada. Eram vinte fileiras encrespadas com pontas de lança, seguidas por cinco de arqueiros ou besteiros. Cada companhia também tinha uma ou duas flautas, e entoavam uma canção seguindo a melodia.

— *A noite toda beber, o dia todo dançar,
e com as garotas moedas gastar.
E quando tudo acabar, é hora de bailar
com Jak das Sombras.*

Mat ficou ouvindo a música até o primeiro homem da cavalaria de Talmanes aparecer, então cravou os calcanhares nos flancos de Pips. Não precisava esperar os carroções de mantimentos na outra ponta, nem as fileiras de remontas. Entre aquele ponto e Tear, os cavalos ficariam mancos ou sofreriam mortes que os ferradores não

teriam condições de impedir, e um cavaleiro sem cavalo não adiantava de muita coisa. No rio, sete pequenos navios vinham descendo devagar, debaixo de velas triangulares, um pouco mais ligeiros que a correnteza. Cada um ostentava uma pequena bandeira com a Mão Vermelha. Outras embarcações também começavam a zarpar, algumas rumando ligeiras para o sul, debaixo de toda a lona que podiam sustentar.

Assim que alcançou a dianteira da coluna, o sol enfim despontou por detrás do horizonte, enviando os primeiros raios pelas fileiras de colinas e os matagais isolados. Mat puxou o chapéu para baixo, para proteger os olhos do brilho daquela nesga de luz. Nalesean cobriu a boca com o punho envolto em uma manopla, abafando um bocejo impressionante, e Daerid permaneceu sentado em sua sela, corcunda, as pálpebras pesadas, como se fosse cair no sono ali mesmo. Apenas Talmanes mantinha as costas eretas, os olhos bem abertos e alerta. Mat sentia-se mais como Daerid.

Ainda assim, ergueu a voz para ser ouvido por cima dos tambores e trombetas.

— Enviem os batedores assim que estivermos fora das vistas da cidade. — Tanto a floresta quanto o descampado ficavam bem mais longe ao sul, mas uma estrada bem estabelecida entrecortava os dois. A maior parte do tráfego seguia pela água, mas ao longo dos anos haviam passado por ali andarilhos e carroções suficientes para demarcar uma trilha. — E fechem a matraca, que droga.

— Batedores? — repetiu Nalesean, espantado. — Que a minha alma queime, não tem ninguém nem com uma lança em um raio de dez milhas, a não ser que você ache que os Leões Brancos tenham parado de correr. E, se tiverem parado, não vão avançar mais de cinquenta milhas se souberem que estamos por perto.

Mat ignorou o homem.

— Quero cobrir trinta e cinco milhas hoje. Quando conseguirmos cobrir trinta e cinco todos os dias, veremos quantas mais conseguimos forçar. — Eles o encararam boquiabertos. Os cavalos não conseguiam manter esse ritmo por muito tempo e qualquer pessoa além dos Aiel considerava vinte e cinco milhas uma distância boa até demais para se percorrer a pé. Mas Mat precisava jogar com a mão que recebera. — Comadrin escreveu: “Ataquem por terra, de onde o inimigo não imagina, de um canto inesperado, em um momento inesperado. Armem defesas onde o inimigo não imagina, quando acredita que terão fugido. A surpresa é a chave da vitória, e a rapidez é a chave da surpresa. Para o soldado, a velocidade é vida.”

— Quem é Comadrin? — perguntou Talmanes, depois de um instante, e Mat precisou se apurar para responder.

— Um general. Morreu há muito tempo. Eu li um livro dele.

Lembrava-se de ter lido, pelo menos, e mais de uma vez. Duvidava de que ainda existisse alguma cópia. Lembrava-se até de ter conhecido Comadrin depois de perder uma batalha para ele, por volta de seiscentos anos antes de Artur Asa-de-gavião. Essas lembranças lhe vinham à mente sem qualquer aviso. Pelo menos não

falara na Língua Antiga, já estava conseguindo evitar esse tipo de coisa.

Observando os batedores montados se dispersarem pela planície ondulante ao longo do rio, Mat relaxou. Sua parte naquilo tudo havia começado, e de acordo com o plano. Uma partida afobada sem aviso prévio, como se estivesse tentando fugir sorrateiro para o sul, mas pomposa o suficiente para garantir que seria notada. A coisa toda o faria parecer um idiota, o que também era bom. Era boa ideia ensinar o Bando a se deslocar mais depressa — a rapidez poderia evitar o confronto —, e o avanço certamente seria notado ao longo do rio, mesmo que ninguém mais reparasse. Esquadrinhou o céu: nenhum corvo ou gralha, o que não significava muita coisa. Nenhum pombo, também, mas Mat comeria a própria sela se nenhum pombo tivesse saído de Maerone aquela manhã.

Dentro de no máximo alguns dias, Sammael saberia que o Bando estava chegando depressa e a notícia que Rand espalhara em Tear teria deixado claro que a chegada de Mat sinalizava a invasão iminente de Illian. Mesmo no melhor ritmo que o Bando fosse capaz de imprimir, levariam mais de um mês para chegar a Tear. Com sorte, Sammael ficaria preso feito um piolho entre duas pedras antes que Mat sequer precisasse chegar a cem milhas de distância do Abandonado. Sammael veria todo o ataque se aproximando — ou quase todo —, mas aquela seria uma dança diferente da que ele imaginava. Diferente da dança que qualquer um além de Rand, Mat e Bashere imaginavam. Esse era o verdadeiro plano. Mat se pegou assobiando. Pela primeira vez, tudo sairia do jeito que esperava.





TRAMAS URDIDAS EM SOMBRAS

Cauteloso, Sammael pisou nos carpetes de seda florida, deixando o portão aberto para caso fosse preciso recuar, mantendo-se firmemente agarrado a *saidin*. Costumava recusar reuniões fora de territórios neutros — ou de seu próprio —, mas já era a segunda vez que pisava ali. Questão de necessidade. Nunca fora de confiar nos outros, ainda mais desde que ouvira fragmentos do que se passara entre Demandred e as três mulheres — e Graendal sem dúvida contara apenas o suficiente para se beneficiar de alguma forma. Ele compreendia: tinha seus próprios planos, desconhecidos pelos outros Escolhidos. Haveria apenas um Nae’blis, um prêmio tão valioso quanto a própria imortalidade.

Sammael ficou parado sobre um palanque largo com parapeito de mármore em uma das extremidades. Mesas e cadeiras com entalhes trabalhados em ouro e marfim, algumas com detalhes bastante repulsivos, tinham sido dispostas no alto do palanque de modo a fornecer ampla visão de todo o restante do salão comprido e cheio de colunas, dez pés abaixo. Nenhuma escada levava até à imensa e extravagante arena para apresentações de espetáculos. O sol reluzia através das janelas altas, cujo vidro colorido fora montado em padrões intrincados. O calor escaldante não penetrava o aposento. O ar ali estava frio, mas Sammael só o sentia de leve. Graendal, assim como ele, não tinha necessidade alguma de tamanho esforço, mas era claro que faria alguma coisa rebuscada. Era uma surpresa ela não ter estendido a trama ao palácio inteiro.

Havia algo de diferente na parte inferior do aposento, desde sua última visita, mas ele não conseguia distinguir o quê. Viu três piscinas rasas no centro do salão, cada uma com uma fonte — silhuetas esguias feitas de pedra, dando a impressão de movimento — jorravam água quase até as vigas de mármore entalhado do teto

abobadado. Homens e mulheres brincavam nas piscinas, vestindo retalhos diminutos de seda, enquanto outros um pouco mais cobertos se apresentavam nas áreas laterais: acrobatas, malabaristas, dançarinos de diversos estilos, músicos de flautas, trombetas, tambores e todo tipo de instrumento de corda. Gente de todos os tamanhos, de todos os tons de pele, cabelos e olhos, cada um com o físico mais perfeito que o outro. Tudo organizado para entreter quem estivesse em cima do palanque. Era uma idiotice. Desperdício de tempo e energia. Típico de Graendal.

Quando adentrou o local, o palanque estava vazio, mas, com *saidin* a preenchê-lo, sentiu o doce perfume de Graendal, o sopro de um jardim florido, e ouviu o suave roçar de suas sandálias nos carpetes bem antes que ela se pronunciasse, atrás dele.

— Meus bichinhos não são lindos?

A mulher juntou-se a ele no parapeito, abrindo um sorriso para o cenário abaixo. Seu delicado vestido azul à moda domanesa era colado ao corpo e mais revelava do que sugeria. Como de costume, ela usava anéis de pedras diferentes em cada dedo, além de quatro ou cinco braceletes com pedras preciosas em cada pulso. Um largo colar de imensas safiras repousava ao redor da gola alta do vestido. Sammael não entendia dessas coisas, mas suspeitou de que a mulher tivesse passado horas ajeitando os cachos dourados que tocavam seus ombros e as pedrinhas em forma de lua salpicadas neles. Aquela aparência displicente traía um certo toque de precisão.

Sammael às vezes se questionava a respeito da mulher. Só a conhecera depois de escolher abandonar uma causa perdida e juntar-se ao Grande Senhor, mas todos sabiam quem ela era — famosa, honrada, asceta dedicada, cuidando das pessoas de mente perturbada que a Cura era incapaz de tocar. Naquele primeiro encontro, quando Graendal aceitou o compromisso inicial de Sammael para com o Grande Senhor, cada traço da benfeitora comedida tinha sumido, como se ela passasse deliberadamente a ser o oposto de tudo o que fora. Ao que parecia, a mulher só se dedicava ao próprio prazer, quase ocultando um desejo de humilhar qualquer um que possuísse uma partícula de poder. Isso, por sua vez, quase ocultava sua própria sede de poder, que ela quase nunca demonstrava abertamente. Graendal sempre tivera muito talento para ocultar segredos à vista de todos. Sammael acreditava conhecê-la melhor do que todos os outros Escolhidos — a mulher o acompanhara até Shayol Ghul para prestar sua homenagem ao Grande Senhor —, mas nem mesmo ele conhecia todas as suas nuances. Graendal tinha tantos lados obscuros quanto um *jegal* tinha escamas, e passava de um a outro com a rapidez de um raio. Naquela época, ela era a senhora — e ele, o acólito, apesar de todas as suas realizações como general. Agora era diferente.

Nenhum dos banhistas ou artistas olhava para cima, mas a chegada dela os deixou mais vivazes, mais graciosos — se é que tal coisa era possível —, tentando exhibir-se melhor. Aquelas pessoas viviam para agradá-la. Graendal garantia que assim fosse.

Ela apontou para um grupo de quatro acrobatas, um homem de cabelo escuro sustentando três mulheres esguias, as peles acobreadas besuntadas e brilhosas.

— Acho que esses são os meus preferidos. Ramsid é irmão do rei domanês. A mulher apoiada em seus ombros é esposa de Ramsid, as outras duas são a irmã mais nova e a filha mais velha do rei. Você não acha incrível o que se pode aprender com o estímulo apropriado? Imagine a quantidade de talentos desperdiçados.

Aquele era um dos conceitos preferidos da mulher. Um lugar para cada um e cada um em seu lugar, de acordo com os talentos pessoais e as necessidades da sociedade. Que pareciam sempre girar em torno dos desejos da própria Graendal. Sammael achava aquilo entediante. Se essas regras tivessem sido aplicadas a ele, ainda estaria no mesmo posto.

O acrobata virou-se lentamente para que os dois vissem bem a cena. De braços abertos, o homem equilibrava uma mulher em cada mão, enquanto as duas seguravam as mãos da terceira, que ele sustentava nos ombros. Graendal já seguira para a atração seguinte, um homem de pele bem escura e uma mulher de cabelos cacheados, ambos muito bonitos. A bela dupla tocava harpas estranhas e alongadas, com sinos que ressoavam ecos cristalinos ao movimento das cordas.

— Minhas mais recentes aquisições, das terras além do Deserto Aiel. Deviam me agradecer por tê-los resgatado. Chiape era Sh'boan, uma espécie de imperatriz, recém-enviuada, e Shaofan estava prestes a casar-se com ela e se tornar Sh'botay. Ela governaria absoluta durante sete anos, depois morreria. Ele, então, escolheria uma nova Sh'boan e reinaria absoluto até morrer, dali a mais sete anos. Esse ciclo durou quase três mil anos ininterruptos. — Graendal soltou uma risadinha e balançou a cabeça, pensativa. — Shaofan e Chiape insistem que as mortes são naturais. Vontade do Padrão, como eles chamam. Para eles, tudo é a Vontade do Padrão.

Sammael manteve os olhos nas pessoas abaixo. Graendal tagarelava feito uma tola, mas só outro tolo para acreditar em sua ingenuidade. Tudo o que ela parecia deixar escapar sem querer no meio das baboseiras era plantado com o cuidado de uma agulha *conje*. O segredo era descobrir por que ela revelava aquelas coisas e o que pretendia ganhar com isso. Por que Graendal de repente resolvera buscar bichinhos de estimação tão longe? Ela quase nunca optava por fazer muito esforço. Estaria tentando fazê-lo pensar que tinha algum interesse pelas terras além do Deserto, só para desviar a atenção dele? O campo de batalha era ali. Ali seria o primeiro lugar a receber o toque do Grande Senhor, depois de liberto. O resto do mundo seria fustigado pelas rebarbas das tempestades, até mesmo assolado, mas as tempestades teriam origem ali.

— Já que tanta gente da família do rei domanês obteve sua aprovação — começou ele, em um tom seco —, fico surpreso por não haver outros. — Se Graendal queria desviar a atenção de Sammael, ela daria um jeito de retomar o assunto. A mulher nunca achava que alguém pudesse conhecer seus truques a ponto de poder enxergá-los.

Uma mulher esguia de cabelos escuros, não muito jovem, mas que ostentava o

tipo de elegância e beleza que a acompanhariam por toda a vida, surgiu a seu lado com um cálice de cristal cheio de ponche de vinho tinto nas mãos. Sammael apanhou o cálice, embora não tivesse intenção de beber. Novatos sempre cansavam os próprios olhos à espera de uma grande investida, mas acabavam por se deixarem surpreender pelo assassino solitário que atacava pelas costas. As alianças, por mais que fossem temporárias, estavam indo muito bem, mas quanto menos Escolhidos continuassem vivos no Dia do Retorno, maiores as chances de um dos sobreviventes ser nomeado Nae'blis. O Grande Senhor sempre encorajara essa... competição. Apenas os mais aptos eram dignos de servir. Às vezes, Sammael acreditava que aquele que governaria o mundo para sempre seria o último dos Escolhidos a permanecer de pé.

A mulher se virou para um jovem musculoso que segurava uma bandeja dourada com outro cálice, combinando com uma jarra comprida. Ambos usavam mantos brancos diáfanos, e nenhum deu atenção para o portão que levava aos aposentos de Sammael, em Illian. Quando a mulher serviu Graendal, seu rosto era um retrato de pura adoração. Graendal nunca via problema em falar o que fosse na frente de seus serviçais e bichinhos de estimação, embora não houvesse um único Aliado das Trevas entre eles. A mulher não confiava em Aliados das Trevas, considerava-os muito volúveis, mesmo que o nível de Compulsão usado naqueles que a serviam pessoalmente deixasse pouco espaço para qualquer coisa além de adoração.

— Imagino que daqui a pouco verei o próprio rei aqui servindo vinho — comentou Sammael.

— Você sabe que eu só seleciono os melhores. Alsalam não está à altura do meu padrão. — Graendal tomou o vinho da mão da mulher sem nem olhá-la, e, não pela primeira vez, Sammael se perguntou se os bichinhos de estimação não seriam uma defesa, assim como o falatório. Um pouco de estímulo poderia fazê-la soltar alguma coisa.

— Cedo ou tarde você vai escorregar, Graendal. Um de seus visitantes vai reconhecer alguém que lhe sirva vinho ou recuse dividir a sua cama. E vai ter o bom senso de segurar a língua até a hora de ir embora. O que você vai fazer se alguém invadir este palácio com um exército para resgatar um marido ou uma irmã? Uma flecha pode não ser o mesmo que uma lança de choque, mas ainda pode ser letal.

A mulher jogou a cabeça para trás e soltou uma risada alegre e bem-humorada, obviamente frívola demais para ter percebido o insulto. Ou é o que pareceria, se a pessoa não a conhecesse.

— Ah, Sammael, por que eu deixaria que vissem qualquer coisa além do que quero que vejam? É claro que não mando meus bichinhos servirem os outros. Os partidários de Alsalam, seus oponentes e até os Devotos do Dragão saem daqui pensando que apoio apenas eles e mais ninguém. E não querem incomodar uma inválida.

Ele sentiu um leve arrepio na pele quando Graendal canalizou, e, por um instante,

a imagem dela mudou. Sua pele ficou acobreada mas opaca, e seus olhos e cabelos ficaram escuros, porém inexpressivos. A mulher parecia frágil e encovada, uma domanesa outrora bela, aos poucos perdendo uma batalha contra a doença. Sammael quase não pôde evitar fazer uma careta. Um toque comprovaria que os contornos ossudos daquele rosto não eram dela — apenas o emprego mais refinado de Ilusão passaria ao teste. Porém, Graendal não conseguia abandonar a exuberância. No instante seguinte, voltou ao normal, exibindo um sorriso irônico.

— Você não acreditaria em como todos eles confiam em mim e levam em consideração o que tenho a dizer.

Sammael nunca deixava de se espantar com a escolha dela em permanecer ali, em um palácio conhecido por toda Arad Doman, rodeada por guerra civil e anarquia. Claro que não pensava que ela tivesse revelado aos outros Escolhidos onde se estabelecera. E ficava receoso da confiança que a mulher depositara nele ao informá-lo. Graendal gostava de conforto, mas nunca queria ter muito trabalho para mantê-lo. Aquele palácio, no entanto, estava à vista das Montanhas da Névoa, e era necessário um esforço considerável para manter a desordem afastada, a fim de evitar que perguntassem aonde foram parar o antigo dono, sua família e seus serviçais. Sammael não ficaria surpreso em descobrir que cada domânês que visitasse o lugar saísse dali acreditando que aquela terra pertencia à família dela desde a Ruptura. A mulher usava a Compulsão às marteladas, e com tanta frequência que não era incomum esquecerem que ela podia manejar o Talento de formas mais brandas com grande maestria, enredando os caminhos de uma mente de forma tão sutil que até o exame mais atento deixaria de notar os vestígios. Talvez Graendal fosse a pessoa mais competente no uso da Compulsão que já existira.

Deixou o portão desaparecer, mas agarrou-se a *saidin*. Os truques dela não funcionariam em um homem envolto pela Fonte. E a verdade era que ele gostava de lutar pela sobrevivência, embora já nem reparasse mais. Apenas os mais fortes mereciam sobreviver, e ele comprovava a própria aptidão todos os dias naquela batalha. A mulher não tinha como saber que ele ainda se agarrava a *saidin*, mas sorriu de leve para o cálice, como se soubesse. Sammael detestava quando as pessoas fingiam saber algo que desconheciam tanto quanto odiava quando elas sabiam algo que ele desconhecia.

— O que você tem para me contar? — perguntou, em um tom mais ríspido do que o pretendido.

— Sobre Lews Therin? Você parece não se interessar por mais nada. Ah, como ele daria um bom bichinho. Eu faria dele o centro de todas as exposições. Não que seja bonito o suficiente, claro, mas vale a pena por ele ser quem é. — Ela sorriu outra vez para o cálice e acrescentou, em um murmúrio que teria sido inaudível se ele não estivesse de posse de *saidin*: — E eu gosto dos altos.

Sammael se conteve para não se espichar o máximo possível. Não era um homem baixo, mas se ressentia por sua altura não se equiparar às suas capacidades. Lews

Therin tinha sido uma cabeça mais alto que ele, assim como al'Thor. Era comum a presunção de que os mais altos eram melhores. Teve que se conter ainda mais para não tocar a cicatriz enviesada que marcava seu rosto, da linha do cabelo até a barba bem-aparada. Fora obra de Lews Therin, e Sammael a conservava como lembrete. Suspeitava de que a mulher tivesse confundido a pergunta dele de propósito, para atormentá-lo.

— Lews Therin morreu há muito tempo — respondeu ele, em um tom duro. — Rand al'Thor é um fazendeiro arrogante, não passa de um roceiro que teve sorte na vida.

Graendal ficou sem reação, como se estivesse surpresa.

— Acha mesmo? Não pode ser apenas obra da sorte. A sorte não o levaria tão longe, tão depressa.

Sammael não tinha ido até lá para falar sobre al'Thor, mas sentiu um frio congelante na espinha. Pensamentos que se forçara a abandonar retornaram em uma torrente. Al'Thor não era Lews Therin, mas al'Thor era a alma de Lews Therin renascida, assim como o próprio Lews Therin tinha sido o renascimento daquela alma. Sammael não era filósofo nem teólogo, mas Ishamael fora as duas coisas e afirmava haver segredos divinos escondidos naquele fato. Era verdade que Ishamael morrera louco, mas, mesmo enquanto ainda estava são, na época em que a derrota de Lews Therin Telamon parecia garantida, afirmava que aquela luta acontecia desde a Criação, uma guerra interminável entre o Grande Senhor e o Criador, tudo por meio de representantes humanos. E mais: declarava abertamente que o Grande Senhor gostaria tanto de trazer Lews Therin para a Sombra quanto de se libertar. Talvez Ishamael já estivesse meio louco na época, mas houvera esforços para trazer Lews Therin para a Sombra. E Ishamael dizia que o mesmo havia acontecido antes, que o campeão do Criador passara a ser uma criatura da Sombra e fora erguido como campeão da Sombra.

Havia implicações perturbadoras naquelas alegações, ramificações que Sammael não queria considerar. Mas o que martelava fundo em sua mente era a possibilidade de o Grande Senhor de fato querer tornar al'Thor Nae'blis. Algo que não poderia acontecer sozinho. Al'Thor precisaria de ajuda. Ajuda... isso poderia explicar sua suposta sorte até então.

— Você descobriu onde al'Thor está escondendo Asmodean? Ou qualquer coisa sobre o paradeiro de Lanfear? Ou de Moghedien?

Naturalmente, Moghedien sempre permanecia escondida. A Aranha sempre dava as caras quando todos acreditavam que ela finalmente estava morta.

— Você sabe tanto quanto eu — respondeu Graendal, em um tom displicente, fazendo uma pausa para bebericar o ponche. — Na minha opinião, Lews Therin matou todos. Ah, não me venha com caretas. Al'Thor, já que insiste. — O pensamento não parecia incomodá-la, mas, por outro lado, ela jamais se veria em conflito aberto com al'Thor. Nunca fora esse o seu jeito de proceder. Se al'Thor

algum dia a descobrisse, Graendal simplesmente abandonaria tudo e se estabeleceria em outro canto... ou se renderia antes que ele desferisse o primeiro golpe, depois tentaria convencê-lo de que era indispensável. — Há rumores em Cairhien sobre Lanfear ter sido morta pelas mãos de Lews Therin no mesmo dia em que ele matou Rahvin.

— Rumores! Lanfear tem ajudado al'Thor desde o início, se você quer saber. Eu o teria degolado na Pedra de Tear, mas alguém enviou Myrddraal e Trollocs para salvá-lo! Foi Lanfear, tenho certeza. Estou farto dela. Da próxima vez que a vir, vou matá-la! E por que ele mataria Asmodean? Eu mesmo faria isso, se o encontrasse, mas ele se bandeou para o lado de al'Thor. Estava instruindo al'Thor no uso do Poder!

— Você sempre tem uma desculpa para as suas falhas — comentou ela, a boca junto ao cálice de ponche, outra vez em um tom baixo demais para que ele pudesse ter ouvido sem ajuda de *saidin*. Depois prosseguiu, mais alto: — Escolha suas próprias explicações para o que aconteceu, se desejar. Você pode até estar certo. Só sei que Lews Therin parece estar nos tirando do jogo, um a um.

A mão de Sammael tremeu de raiva, quase derramando um pouco do ponche antes que conseguisse se controlar. Rand al'Thor *não era* Lews Therin. Ele próprio sobrevivera ao grande Lews Therin Telamon, espalhando louvores por vitórias que não poderia ter conquistado sozinho e torcendo para que todos acreditassem. Seu único arrependimento era que o homem não tivesse deixado uma cova onde ele pudesse cuspir.

Balançando os dedos cheios de anéis no compasso de uma música que vinha lá de baixo, Graendal comentou, distraída, como se sua atenção de fato estivesse na melodia.

— Tantos de nós morremos ao confrontá-lo. Aginor e Balthamel. Ishamael, Be'lal e Rahvin. E também Lanfear e Asmodean, não importa no que você acredite. E talvez até Moghedien. Ela pode estar se esgueirando pelas sombras, esperando o restante de nós cair... ela é idiota o bastante para tentar uma coisa dessas. Eu realmente espero que você tenha um lugar preparado para onde fugir. Não resta dúvidas de que você é o próximo na lista dele. E ele não vai demorar, eu diria. Não vou enfrentar nenhum exército aqui, mas Lews Therin está reunindo um bastante grande para mandar atrás de você. É o preço que se paga por não se contentar em ter o poder, querendo também ser *visto* como poderoso.

Sammael, de fato, fizera alguns preparativos para o caso de ter que bater em retirada — era no mínimo uma medida prudente —, mas ouvir Graendal professar em alto e bom som a certeza dessa necessidade o deixou enfurecido.

— Então, se eu destruir *al'Thor*, não estarei violando nenhuma ordem do Grande Senhor. — Ele não entendia. Mas não era necessário entender o Grande Senhor, apenas obedecer a ele. — Pelo que você me contou. Se tiver encoberto algum detalhe...

Os olhos de Graendal se transformaram em duas pedras de gelo. Ela podia sempre querer evitar conflitos, mas não gostava de ameaças. No instante seguinte, já era toda sorrisos vazios outra vez. Instável como o tempo em M'jinn.

— Demandred me disse o que o Grande Senhor disse a ele, e é o que estou repassando a você, Sammael. Cada palavra. Duvido de que até mesmo ele ousasse mentir em nome do Grande Senhor.

— Mas você me disse muito pouco sobre o que ele planeja fazer — retrucou Sammael, baixinho. — Ele, ou Semirhage, ou Mesaana. Praticamente nada.

— Eu disse o que sei. — Ela soltou um suspiro irritado. Talvez estivesse dizendo a verdade. Parecia desgostosa por não saber. Talvez. Com Graendal, tudo e qualquer coisa poderia ser encenação. — Quanto ao resto... pense no passado, Sammael. Costumávamos maquinar uns contra os outros quase com a mesma veemência com que combatíamos Lews Therin, e ainda assim estávamos levando a melhor, até que ele nos apanhou reunidos em Shayol Ghul. — Ela estremeceu, e por um instante seu rosto pareceu abatido. Sammael também não queria se lembrar daquele dia, nem do que veio depois: um sono sem sonhos enquanto o mundo se transformava até ficar irreconhecível, e tudo o que ele produzira desaparecia. — Agora despertamos em um mundo onde deveríamos estar tão acima dos meros mortais quanto se fôssemos de outra espécie... e estamos morrendo. Esqueça-se por um instante de quem vai ser o Nae'blis. Al'Thor, já que você insiste em chamá-lo assim... al'Thor, quando despertamos, estava indefeso como um bebê.

— Ishamael não pensava assim — respondeu Sammael.

Claro, Ishamael *estava* louco naquela época... mas Graendal apenas continuou como se ele não tivesse retrucado:

— Nós agimos como se este fosse o mundo que conhecemos, só que nada é o que conhecemos. Um a um, estamos morrendo, e al'Thor só se fortalece. E vai arrebanhando povos e nações. A imortalidade é minha. Eu não quero morrer.

— Se está com medo dele, então mate-o.

Se pudesse, Sammael teria engolido de volta as palavras antes que saíssem todas da boca.

O rosto de Graendal se contorceu em uma careta de desprezo e incredulidade.

— Eu sirvo ao Grande Senhor e obedeço, Sammael.

— Bem como eu. Bem como qualquer um de nós.

— Que bondade a sua, dignar-se a ficar de joelhos diante de nosso Mestre. — A voz dela era gélida como o sorriso, e a expressão dele se tornou sombria. — Só estou dizendo que Lews Therin é tão perigoso agora quanto no tempo dele. Medo? Sim, estou com medo. Pretendo viver para sempre, e não ter o mesmo destino de Rahvin!

— *Tsag!* — A palavra de baixo calão a fez piscar, surpresa, e encará-lo de verdade. — Al'Thor... al'Thor, Graendal! Um garoto ignorante, seja lá o que Asmodean consiga ensinar a ele! Um grosseirão primitivo que provavelmente ainda considera impossíveis nove em cada dez fatos que eu e você já estamos cansados de

saber! Al'Thor arranca reverências de uns poucos lordes e acha que conquistou uma nação. Ele não tem a determinação para cerrar os punhos e conquistá-las de verdade. Só os Aiel... *Bajad drovja!* Quem iria imaginar que mudariam tanto? — Precisava se controlar. Nunca praguejava daquele jeito, considerava sinal de fraqueza. — Apenas eles o acompanham de verdade, e nem todos. Al'Thor está por um fio, e, de um jeito ou de outro, vai acabar caindo.

— Será? E se ele...? — Ela hesitou, erguendo o cálice tão depressa que derrubou um pouco de ponche no pulso, então bebeu quase tudo. A elegante serviçal veio correndo com a jarra de cristal. Graendal estendeu o cálice para ser preenchido e prosseguiu, sem fôlego. — Quantos de nós vamos morrer antes que isso acabe? Precisamos nos unir como nunca fizemos antes.

Não era isso o que Graendal começara a dizer. Sammael ignorou o arrepio gelado que outra vez lhe percorreu a espinha. Al'Thor não seria escolhido como Nae'blis. Não seria! Então ela queria que eles se unissem, não era?

— Então vamos fazer um elo. Nós dois unidos seríamos mais do que páreo para al'Thor. Que esse seja o início de nossa nova parceria. — A cicatriz se esticou quando ele abriu um sorriso, notando a súbita impassibilidade no rosto de Graendal. O elo teria de partir da mulher, mas, sendo apenas os dois, Graendal teria de confiar a ele o controle da situação e a decisão de quando finalizar a conexão. — Pois bem. Parece que vamos continuar como antes. — Verdade fosse dita, jamais houvera qualquer dúvida a respeito. Nenhum dos dois possuía o dom da confiança. — O que mais você tem a me dizer? — Essa era a razão pela qual ele fora até lá, não para escutar baboseiras sobre Rand al'Thor. Dariam um jeito em al'Thor. Direta ou indiretamente.

A mulher o encarou, empertigada, os olhos cintilando de animosidade. Por fim, disse:

— Muito pouco. — Graendal não se esqueceria de que ele a vira perder o controle. Sua voz não revelava a menor raiva. O tom era suave, até informal. — Semirhage perdeu a última reunião. Não sei por quê, e não acho que Mesaana ou Demandred saibam. Mesaana ficou particularmente aborrecida, embora tenha tentado esconder. Ela acredita que logo Lews Therin estará nas nossas mãos, mas, por outro lado, Mesaana sempre diz isso. Ela tinha certeza de que Be'lal iria matá-lo ou capturá-lo em Tear, estava muito orgulhosa daquela armadilha. Demandred pede que você tenha cuidado.

— Então Demandred sabe que eu e você nos encontramos — comentou Sammael, impassível. Por que esperara receber algo menos que migalhas, daquela mulher?

— É claro que sabe. Não faz ideia de quanto eu lhe conto, mas sabe que conto uma parte. Estou tentando nos unir, Sammael, antes que seja...

Ele a interrompeu de repente.

— Entregue um recado meu a Demandred. Diga que eu sei o que ele está tramando. — Os acontecimentos do sul traziam a marca de Demandred, que sempre

gostara de agir por representantes. — Diga a *ele* que tome cuidado. Não vou admitir que ele ou que seus *amigos* interfiram em meus planos. — Talvez pudesse direcionar a atenção de al'Thor para lá. Isso decerto daria um fim nele. Se não fosse possível por outros meios. — Contanto que fiquem longe de mim, os lacaios de Demandred podem escavar o que ele quiser, mas quero que mantenham distância, ou ele é quem vai responder por isso. — Houvera uma longa luta depois que a Fenda foi aberta na prisão do Grande Senhor, muitos anos antes de ser reunida força suficiente para um movimento declarado. Desta vez, quando o último selo fosse destruído, Sammael presentearia o Grande Senhor com nações dispostas a segui-lo. Que diferença faria se não soubessem a quem estavam seguindo? Sammael não falharia, como Be'lal e Rahvin. O Grande Senhor veria quem o servia melhor. — Diga a ele!

— Se é o que você deseja — respondeu Graendal, dando um sorriso relutante. Um instante depois, aquele sorriso indolente retornou a seu rosto. Ela estava sempre mudando de expressão. — Essas ameaças me esgotam. Venha. Escute a música e se acalme. — Sammael começou a dizer que não tinha interesse na música, como ela sabia muito bem, mas a mulher se voltou para o parapeito de mármore. — Lá estão eles. Escute.

O homem de pele muito escura e a mulher tinham ido até o pé do palanque com suas harpas peculiares. Sammael imaginou que os carrilhões acrescentassem algo à melodia, mas não sabia dizer o quê. Ao ver que Graendal os observava, os músicos abriram um sorriso reverente.

Apesar de tê-lo mandado escutar a música, Graendal continuou falando.

— Eles vêm de um lugar bem peculiar. As mulheres capazes de canalizar são forçadas a se casarem com filhos de mulheres com a mesma capacidade, e todas as pessoas dessas linhagens são marcadas com tatuagens no rosto logo ao nascer. Ninguém marcado tem permissão de se casar com alguém não marcado, e qualquer criança que nasça de tal união é morta. Os homens tatuados são mortos no vigésimo primeiro ano de vida, sem exceção, e passam a vida enclausurados, sem nem sequer aprender a ler.

Então ela voltara ao assunto, afinal de contas. Devia mesmo considerá-lo um idiota. Sammael decidiu plantar sua própria farpinha.

— Eles prendem uns aos outros feito criminosos?

Um lampejo de confusão assomou o olhar de Graendal, mas foi logo suprimido. Era evidente que a mulher não pensara no assunto — não havia por que ter pensado naquela relação. Pouca gente da época deles cometera sequer um crime violento, muito menos uma quantidade maior de infrações. Antes da Fenda, pelo menos. Mas claro que a mulher não admitia a própria ignorância. Em alguns momentos era melhor disfarçar a falta de conhecimento, mas Graendal costumava não fazer exceções à regra. Por isso Sammael fizera o comentário: sabia que aquilo a afetaria, e seria uma ótima punição pelas asneiras que ela não cansava de despejar em seus ouvidos.

— Não — respondeu a mulher, como se tivesse entendido. — Os Ayyad, como se denominam, vivem em seus vilarejos, evitando todas as outras pessoas, e supostamente nunca canalizam sem permissão ou por ordem dos Sh'botay ou Sh'boan. Na verdade, eles são o verdadeiro poder, são a razão pela qual os Sh'botay e Sh'boan só governam durante sete anos. — Graendal irrompeu em uma sonora gargalhada. Ela própria sempre acreditara que o melhor era ser o poder por trás do poder. — Pois sim, uma terra fascinante. Longe demais do centro para ser de alguma valia durante muitos anos, é claro. — A mulher fez um gesto sutil de dispensa, abanando os dedos cheios de anéis. — Teremos muito tempo para ver o que pode ser feito de lá, depois do Dia do Retorno.

Sim, Graendal obviamente queria induzi-lo a pensar que tinha algum interesse naquele lugar. Se de fato tivesse, nunca o teria mencionado. Sammael pôs o cálice intocado na bandeja que o sujeito musculoso estendeu para ele antes mesmo que movesse a mão. Graendal treinava muito bem os serviçais.

— Tenho certeza de que a música deles é fascinante. — Para quem se interessava por esse tipo de coisa. — Mas tenho uns preparativos para coordenar.

Graendal pousou a mão no braço dele.

— Preparativos meticulosos, eu creio? O Grande Senhor não vai gostar nem um pouco se você atrapalhar os planos dele.

Sammael comprimiu os lábios.

— Eu fiz tudo para convencer al'Thor de que não represento ameaça alguma, só faltou me render, mas o homem está obcecado.

— Você poderia abandonar Illian, recomeçar em algum outro lugar.

— Não! — Ele nunca fugira de Lews Therin, e não fugiria daquele bufão provinciano. O Grande Senhor não podia estar pretendendo colocar um sujeito daquele naipe acima dos Escolhidos. Acima dele! — Você me passou as ordens do Grande Senhor?

— Não gosto de ficar me repetindo, Sammael. — Sua voz guardava um toque de exasperação, e os olhos, certa raiva. — Se não acreditou em mim da primeira vez, não vai acreditar agora.

Ele a encarou por mais um instante, depois assentiu em um gesto brusco. Era muito provável que a mulher tivesse dito a verdade — mentir a respeito do Grande Senhor poderia causar um contra-ataque fatal.

— Não vejo motivo para nos encontrarmos outra vez até que você tenha algo a me contar, além da ausência de Semirhage. — Um breve olhar intrigado para os harpistas devia ser suficiente para fazê-la crer que a tentativa de desviar o foco do assunto fora bem-sucedida. Para não ficar muito óbvio, Sammael transformou o olhar em uma expressão de desaprovação para as pessoas que brincavam nas piscinas, os acrobatas e os outros. Todo aquele esforço despendido, toda aquela exibição de carne... tudo aquilo o enojava. — Da próxima vez, você pode ir a Illian.

Graendal deu de ombros, como se aquilo não importasse, mas moveu os lábios

bem de leve — a audição dele, intensificada por *saidin*, captou “isso se você ainda estiver lá”.

Com frieza, Sammael abriu um portão de volta a Illian. O jovem musculoso não conseguiu se mover rápido o bastante — sequer teve tempo de gritar antes de morrer fatiado em dois, bem no meio, junto com a bandeja e a jarra de cristal. A borda de um portão fazia uma navalha parecer uma lâmina cega. Graendal franziu os lábios em um biquinho rabugento pela perda de um de seus bichinhos.

— Se quiser nos ajudar a permanecer vivos — disse Sammael —, descubra como Demandred e os outros pretendem levar adiante as instruções do Grande Senhor. — Sem desviar o olhar, ele adentrou o portão.

* * *

Graendal manteve a expressão contrariada até que o portão se fechasse atrás de Sammael, depois permitiu-se tamborilar com as unhas no parapeito de mármore. Sammael, com seus cabelos dourados, poderia ser belo o suficiente para figurar entre seus bichinhos, se deixasse Semirhage — a única que restava com a habilidade para fazer o que outrora fora uma tarefa simples — remover o sulco calcinado naquele rosto. Era inútil pensar naquilo. Melhor ponderar se seu esforço valeria a pena.

Shaofan e Chiape tocavam sua estranha música atonal, muito bonita, repleta de harmonias complexas e dissonâncias estranhas. Seus rostos refletiam a alegria de estar agradando Graendal. Ela assentiu, e o deleite da dupla foi quase palpável. Eles eram muito mais felizes agora do que se ela não os tivesse capturado. Tivera muito trabalho para obtê-los, e só o fizera para aqueles poucos minutos que passara com Sammael. Claro que poderia ter se preocupado menos — qualquer um daquelas terras teria servido —, mas tinha seus critérios, mesmo para preparar um subterfúgio momentâneo. Muito tempo antes, escolhera ir atrás de todos os prazeres, permitir-se tudo o que não a diminuísse aos olhos do Grande Senhor.

Seus olhos repousaram nas entranhas que sujavam seu tapete, e Graendal torceu o nariz, irritada. Daria para salvar a trama, mas ficou irritada por ter de ser ela a remover o sangue. Dispensou ordens ligeiras, e Osana correu para coordenar a remoção do tapete. E para mandar descartarem os restos de Rashan.

Sammael era um completo idiota. Não, não idiota. Representava um perigo mortal quando travava lutas diretas, quando enfrentava algo que compreendia com clareza, mas parecia um cego em se tratando de sutilezas. Era muito provável que acreditasse que a intenção dos artificios de Graendal fosse mascarar o que ela e os outros estavam tramando. Jamais imaginaria que ela conhecesse cada curva de sua mente, cada volteio de suas ideias. Afinal de contas, Graendal passara quase quatro mil anos estudando o trabalho de mentes muito mais convolutas que a dele. Sammael era

muito transparente, ah, como era. Por mais que tentasse encobrir, estava desesperado. Aprisionado na caixa-forte de suas próprias maquinações — em uma caixa-forte que ele, em vez de abandonar, defenderia até a morte, e dentro da qual acabaria por morrer.

Ela bebericou o ponche, franzindo a testa de leve. Era possível que já tivesse atingido seu objetivo com o homem, embora tivesse pensado que levaria quatro ou cinco visitas. Teria de encontrar um motivo para ir vê-lo em Illian — era melhor observar o paciente, mesmo depois de já ter tomado as providências desejadas.

Fosse o rapaz um mero fazendeiro ou o Lews Therin em pessoa retornado do túmulo — ela não conseguia se decidir a respeito —, ele havia se provado perigoso até demais. Graendal servia ao Grande Senhor das Trevas, mas não pretendia morrer — nem mesmo pelo Grande Senhor. Viveria para sempre. Claro que só contrariava o Grande Senhor, mesmo que no menor de seus caprichos, quem desejasse passar uma eternidade morrendo e outra desejando agonias mais suaves do que a longa morte. Ainda assim, Rand al'Thor precisava ser eliminado, mas seria Sammael quem levaria a culpa. Seria uma grande surpresa se o homem percebesse que ela o botara no rastro de Rand al'Thor tal qual um *dornat* mandado à caça. Não, ele não era o tipo de homem que reconhecia sutilezas.

No entanto, estava longe de ser burro. Seria interessante saber como ele descobrira a respeito do elo. Ela própria jamais teria descoberto se Mesaana não tivesse cometido um raro deslize ao despejar sua ira pela ausência de Semirhage. Estava tão furiosa que não percebera quanto havia revelado. Por quanto tempo Mesaana ficara enfiada dentro da Torre Branca? Esse simples fato já abria caminhos bem interessantes. Se houvesse algum meio de descobrir onde Demandred e Semirhage haviam se metido, talvez fosse possível desvendar o que estavam tramando. O grupo não havia confiado a informação a ela. Ah, não. Aqueles três trabalhavam juntos desde antes da Guerra do Poder. Nas aparências, pelo menos. Graendal tinha certeza de que tramavam uns contra os outros com a mesma frequência com que todos os outros Escolhidos. No entanto — fosse porque Mesaana minasse os planos de Semirhage, ou Semirhage quem sabotasse Demandred —, Graendal ainda não descobrira uma ranhura entre o grupo por onde pudesse forçar a entrada.

O som de botas anunciou uma chegada, mas não eram os homens para trocar o carpete e recolher Rashan. Ebram era um domanês alto e bem-apesoado, usando calças vermelhas justas e uma camisa branca larga. Poderia figurar entre seus bichinhos, não fosse apenas filho de um mercador. Ebram manteve os olhos fixos nela enquanto se ajoelhou, escuro e lustroso.

— O Lorde Ituralde chegou, Grande Senhora.

Graendal pousou o cálice sobre uma mesa que parecia marchetada com dançarinos de marfim.

— Então ele falará com a Lady Basene.

Ebram levantou-se devagar e estendeu o braço para a frágil domanesa que agora via diante de si. Ele sabia quem estava por trás da trama da Ilusão, mas mesmo assim sua expressão de reverência diminuiu um pouco. A mulher sabia que era Graendal, e não Basene, quem Ebram venerava. Naquele momento, ela não se importava. Sammael estava encaminhado na direção de Rand al'Thor, para dizer o mínimo, e talvez já tivesse disparado. Quanto a Demandred, Semirhage e Mesaana... Apenas Graendal sabia que fizera sua própria viagem para Shayol Ghul e cruzado o lago de fogo. Só ela sabia que o Grande Senhor praticamente prometera nomeá-la Nae'blis, uma promessa garantida com al'Thor fora do caminho. Graendal seria a mais obediente dos servos do Grande Senhor. Semearia o caos e usaria a colheita para explodir os pulmões de Demandred.

* * *

Semirhage deixou a porta com vigas de ferro se fechar atrás de si. Uma das esferas de luz, resgatada sabia lá o Grande Senhor de onde, bruxuleava espasmodicamente, mas esses objetos ainda forneciam mais luz do que as velas e os lampiões a óleo com que ela tinha que viver naquela nova Era. Exceto pela luminosidade, o lugar tinha o aspecto intimidador de uma prisão, com paredes de pedra bruta, chão sem revestimento e uma mesinha de madeira crua em um canto. Não era de seu estilo — gostaria de tudo feito do mais branco e reluzente *cueran*, lustroso e estéril. O lugar fora preparado antes que ela encontrasse uma finalidade para ele. Uma mulher de cabelos claros, vestida em seda, estava pendurada no ar, no meio do aposento, os braços e as pernas abertos, os olhos desafiadores cravados nela. Uma Aes Sedai. Semirhage odiava Aes Sedai.

— Quem é você? — inquiriu a paciente. — Uma Amiga das Trevas? Uma irmã Negra?

Ignorando o barulho, Semirhage conferiu depressa o escudo entre a mulher e *saidar*. Caso a barreira falhasse, conseguiria envolver a infeliz de novo sem a menor dificuldade — era uma medida da fraqueza da mulher que ela pudesse se dar ao luxo de deixar a trama do escudo sem vigilância —, mas era de sua natureza ser cautelosa, dar cada passo exatamente no momento certo. Agora, as roupas. Quando vestida, a pessoa sentia-se mais segura do que quando despida. Delicadamente, Semirhage urdiu Fogo e Vento e dilacerou vestido, roupa de baixo e qualquer tecido que houvesse da cabeça aos pés da paciente. Juntou tudo em um montinho à sua frente e canalizou outra vez Fogo e Terra — um fino pó se espalhou pelo chão de pedra.

Os olhos azuis da mulher se arregalaram. Semirhage duvidava de que ela pudesse reproduzir essas simples ações, ainda que tivesse sido capaz de entendê-las.

— Quem é você? — Desta vez havia certa aspereza na pergunta, uma exigência. Medo, talvez. Era sempre bom quando o medo vinha logo.

Semirhage localizou com precisão no cérebro da mulher os centros receptores das mensagens de dor enviadas pelo corpo, e, com a mesma minúcia, começou a estimulá-los com Espírito e Fogo. A princípio, só um pouquinho, em um trabalho vagaroso. Um estímulo forte demais poderia matar em instantes, mas era impressionante ver quanto o sistema poderia ser forçado com incrementos graduais. Era difícil trabalhar em algo invisível, mesmo tão de perto, mas ela conhecia o corpo humano melhor que ninguém.

A paciente esparramada sacudiu a cabeça, como se pudesse espantar a dor. Ao perceber que não podia, cravou os olhos em Semirhage, que simplesmente assistia a cena se desenrolar, sustentando a rede. Mesmo com toda a pressa que aquilo requeria, podia se dar ao luxo de um pouquinho de paciência.

Como odiava qualquer pessoa que se intitulasse Aes Sedai. Ela própria fora uma — e uma Aes Sedai de verdade, não uma idiota ignorante feito aquela simplória pendurada à sua frente. Fora famosa, célebre, enviada aos quatro cantos do mundo por sua habilidade de reparar qualquer ferida, de resgatar do abismo pessoas por quem já não havia nada a se fazer. Então, uma delegação do Salão dos Servos lhe ofereceu uma escolha na qual não havia o que escolher: ser atada à promessa de que nunca mais voltasse a viver seus prazeres, assistindo ao fim da própria vida se aproximar por causa da atadura, ou ser apartada do Poder e banida dos Aes Sedai. E esperavam que ela aceitasse ser atada — era a coisa mais racional e sensata a se fazer, e eles eram homens e mulheres racionais e sensatos. Jamais imaginaram que ela iria fugir. Fora uma das primeiras pessoas a ir até Shayol Ghul.

Gotas densas de suor brotavam no rosto pálido da paciente. A mandíbula estava contraída, e as narinas se abriam quando ela puxava o ar. De vez em quando, a mulher soltava um pequeno grunhido. Paciência. Faltava pouco.

Tinham inveja dela. Os que não podiam fazer o que ela podia. Alguma das pessoas que ela resgatara das garras da morte já dissera que preferia ter morrido a sofrer o tantinho a mais que ela infligia? E os outros? Sempre havia quem merecesse sofrer. E daí se ela sentia prazer em lhes dar a punição que mereciam? Ah, o Salão e suas lamúrias hipócritas sobre direitos e legalidades. Semirhage tinha o direito de fazer o que fizera — conquistara o direito. Fora mais importante para o mundo do que todos aqueles que a entretinham com seus gritos. E, por inveja e despeito, o Salão tentara *derrubá-la*!

Bem, alguns deles tinham caído diante dela, durante a guerra. Tendo tempo, ela podia destruir mesmo o homem mais forte, a mulher mais orgulhosa, moldá-los da forma exata que desejasse. O processo até podia ser mais lento do que a Compulsão, mas era infinitamente mais prazeroso, e ela acreditava que nem mesmo Graendal conseguiria desfazer o resultado. A Compulsão podia ser revertida. No entanto, seus pacientes.... De joelhos, eles imploravam para que suas almas fossem entregues à

Sombra, então serviam com obediência até o dia de sua morte. Demandred sempre se demonstrava impressionado com o tamanho daquele golpe, mais um Conselheiro do Salão proclamando sua aliança com o Grande Senhor, mas a parte favorita de Semirhage era observar os rostos empalidecerem ao vê-la, mesmo anos depois, e sua urgência em garantir que permaneciam fiéis ao que ela os tornara.

Um primeiro soluço escapou da mulher pendurada no ar, mas foi abafado. Semirhage aguardou, impassível. O momento podia até requerer pressa, mas pressa demais poderia pôr tudo a perder. Outros soluços escaparam, sobrepujando os esforços da paciente para controlá-los, cada vez mais altos, mais altos, até se transformarem em um uivo. Semirhage aguardou. A mulher brilhava com uma camada lustrosa de suor, a cabeça se virava de um lado a outro, e ela se debatia inutilmente sob as amarras invisíveis, em espasmos convulsivos. Os berros, intensos e agudíssimos, só acabavam ao usar todo o estoque de ar em seus pulmões, então ela os enchia outra vez e recomeçava. Aqueles olhos azuis completamente arregalados nada enxergavam — estavam vidrados. Tinha começado.

Semirhage cortou os fluxos de *saidar* de repente, mas minutos se passaram até que os berros cessassem e dessem lugar a arquejos.

— Qual é o seu nome? — perguntou, em um tom gentil.

Não importava qual seria a pergunta, contanto que a mulher respondesse. Poderia ter sido “Ainda quer me desafiar?”. Era sempre um prazer continuar perguntando até que comesçassem a suplicar para provar que não a desafiariam. Mas, daquela vez, precisava tirar o máximo de cada pergunta.

Tremores involuntários percorreram a mulher pendurada. Lançando um olhar cauteloso a Semirhage, os olhos semicerrados, ela lambeu os lábios, tossiu, e por fim disse, em um murmúrio rouco:

— Cabriana Mecandes.

Semirhage abriu um sorriso.

— É bom me dizer a verdade. — No cérebro havia centros de dor e de prazer. Enquanto se aproximava, ela estimulou um dos últimos, apenas por alguns instantes, porém com força. O estímulo fez Cabriana arregalar os olhos ao máximo, ofegante e trêmula. Puxando um lençinho da manga, Semirhage ergueu o rosto espantado da mulher e secou o suor com delicadeza. — Eu sei que isso é muito difícil para você, Cabriana — declarou, com doçura. — Tente não dificultar ainda mais. — Com um gesto suave, afastou os cabelos molhados do rosto da mulher. — Quer alguma coisa para beber? — Canalizou sem esperar resposta, fazendo um cantil de metal surrado flutuar de cima da mesinha no canto até sua mão. A Aes Sedai não tirava os olhos de Semirhage, mas bebeu com avidez. Depois de alguns goles, Semirhage tomou de volta o cantil e devolveu-o à mesa. — Pois bem, assim é melhor, não é? Lembre-se, tente não dificultar ainda mais as coisas.

Quando ela se virou, a mulher falou, ácida:

— Eu cuspo no leite da sua mãe, Amiga das Trevas! Está me ouvindo? Eu...

Semirhage parou de escutar. Em qualquer outra época, ficaria coruscante de prazer pelo fato de a rebeldia da paciente persistir. Sentia a mais pura alegria em reduzir a rebeldia e a dignidade a lascas diminutas, observando o paciente enfim se dar conta de que estava se esvaindo e começar a lutar — em vão — para agarrar-se ao que restava. Daquela vez, não havia tempo para aquilo. Com cuidado, urdiu outra vez a teia entrelaçando os centros de dor do cérebro de Cabriana. Preferia estar pessoalmente no controle, mas era necessário um pouco de pressa. Impulsionou a rede, canalizou para apagar as luzes e saiu, fechando a porta atrás de si. A escuridão também faria sua parte. Sozinha, no escuro, com dor.

Sem querer, Semirhage emitiu um gemido frustrado. Não havia *finesse* naquilo. Não gostava de ter que se apressar. Muito menos de se afastar de suas responsabilidades. A garota era dura e voluntariosa, e as circunstâncias, difíceis.

O corredor era quase tão desolado quanto o aposento, um largo túnel cruzando a pedra, com passagens transversais que ela não tinha o menor desejo de explorar quase perdidas na escuridão. Havia apenas duas outras portas à vista, e uma levava a seus aposentos. Eram bastante confortáveis, já que precisava estar ali, mas Semirhage não seguiu naquela direção. Shaidar Haran estava parado diante da porta, todo de preto, envolto em uma escuridão que parecia fumaça, tão imóvel que foi quase um choque quando ele se pronunciou, em um som que era quase o triturar de ossos:

— O que você descobriu?

As invocações a Shayol Ghul tinham trazido em uma advertência do Grande Senhor. *QUANDO OBEDECE SHAI DAR HARAN, VOCÊ OBEDECE A MIM. QUANDO DESOBEDECE SHAI DAR HARAN...* Por mais exasperante que tivesse sido a advertência, não havia necessidade de mais.

— O nome dela. Cabriana Mecandes. Não consegui descobrir mais nada em tão pouco tempo.

A criatura deslizou pelo corredor daquela maneira angustiante aos olhos, a capa cor de ébano suspensa, sem ser afetada pelo movimento. Em um instante, parecia uma estátua a dez passos de distância, no momento seguinte, se avultava por cima dela, forçando-a a escolher entre recuar e esticar o pescoço para olhar para cima, encarando aquele rosto sem olhos e totalmente branco. Recuar estava fora de cogitação.

— Você vai exauri-la, Semirhage. Vai apertá-la até secar, sem demora, e me contar todos os detalhes do que descobrir.

— Prometi ao Grande Senhor que faria isso — respondeu a mulher, com frieza.

Os lábios sem sangue se contorceram em um sorriso. Foi a única resposta. A criatura se virou depressa, avançou a passos firmes por entre as sombras... e desapareceu.

Semirhage queria saber como os Myrddraal faziam aquilo. Não tinha nada a ver com o Poder. Nos umbrais da sombra, onde a luz se enfraquecia, um Myrddraal

podia surgir subitamente em outro ponto, em outra sombra bem distante. Muito tempo antes, Aginor fizera testes com centenas deles, até destruí-los, em um esforço vão para aprender como aquilo era feito. Os próprios Myrddraal não sabiam — ela mesma provaria isso.

De repente, percebeu que suas mãos comprimiam com força o próprio estômago, que lembrava uma bola de gelo. Fazia muitos anos que não sentia medo em qualquer situação que não envolvesse encarar o Grande Senhor no Poço da Perdição. O nó congelante começou a derreter assim que se deslocou até a outra porta de prisão. Mais tarde analisaria a emoção de maneira desapaixorada. Shaidar Haran podia ser diferente de qualquer Myrddraal que ela já vira, mas ainda era um Myrddraal.

Seu segundo paciente, suspenso no ar feito a primeira, era um homem atarracado de rosto quadrado, usando casaco e calças de um verde próprio para se camuflar nas matas. Metade dos bulbos-candentes estava bruxuleante, quase se apagando — era um milagre que tivessem durado todo aquele tempo —, mas a verdade era que o Guardião de Cabriana era de pouca importância. O necessário, pelo propósito que fosse, jazia na mente da Aes Sedai. Parecia que os Myrddraal tinham recebido a ordem de capturar uma Aes Sedai, e, por algum motivo, acreditavam que Aes Sedai e Guardiões fossem inseparáveis. O que não era exatamente ruim. Semirhage ainda não tivera a oportunidade de destruir um desses lutadores célebres.

Os olhos escuros do homem tentavam penetrar a mente de Semirhage enquanto ela lhe removia as roupas e botas e as destruía, da mesma forma que fizera com as de Cabriana. Ele era peludo, uma massa de músculos grandes e rijos e cicatrizes. Não tremeu. Nada disse. Possuía uma rebeldia diferente. A da mulher era audaciosa, escancarada, a dele era uma recusa silenciosa a se dobrar. Talvez fosse mais difícil de destruir do que sua senhora. Em geral lidar com ele teria sido muito mais interessante.

Semirhage fez uma pausa, analisando-o. Havia algo... uma rigidez ao redor da boca e dos olhos. Como se ele já tivesse lutado contra a dor. Claro. Havia aquele elo entre Aes Sedai e Guardiões. Era estranho que esses primitivos tivessem concebido algo que nenhum dos Escolhidos compreendesse, mas era assim. Pelo pouco que sabia, era muito provável que este sujeito tivesse sentido ao menos um pouco do que se passava com a outra paciente. Em outra ocasião, isso apresentaria possibilidades interessantes. Naquele momento, significava apenas que o homem pensava saber o que o aguardava.

— Sua dona não cuida muito bem de você — comentou Semirhage. — Se a mulher não fosse uma selvagem, você não estaria desfigurado por tantas cicatrizes. — O homem alterou a expressão apenas um tantinho. A um levíssimo desprezo. — Pois sim.

Desta vez, urdiu a teia nos centros de prazer e começou a estimulação lenta e gradual. O homem era inteligente. Franziu o cenho, balançou a cabeça e estreitou os olhos, cravados nela feito lascas de gelo negro. Sabia que não deveria estar sentindo

aquele êxtase crescente e, embora não pudesse enxergar a rede, sabia que só podia ser obra dela, então resistiu. Semirhage quase abriu um sorriso. Ele decerto considerava mais fácil lutar contra o prazer do que contra a dor. Em raras ocasiões, destruía as vontades de pacientes apenas com isso. Essa maneira era menos satisfatória, e, depois que ela acabava, eles ficavam incapazes de formar pensamentos coerentes — simplesmente queriam mais do êxtase que aflorava em suas mentes. Porém era rápido, e eles faziam qualquer coisa para ter mais. Aquela falta de coerência era a razão pela qual Semirhage não procedera dessa maneira com a outra paciente: precisava arrancar respostas. No entanto, aquele sujeito logo saberia a diferença.

Diferença. Ela levou um dos dedos aos lábios, pensativa. Por que Shaidar Haran era diferente de todos os outros Myrddraal? Não gostou de detectar uma estranheza logo quando tudo parecia estar indo a favor deles, e um Myrddraal acima dos Escolhidos, mesmo que apenas em algumas situações, ia além de mera estranheza. Al'Thor estava cego, com toda a atenção voltada para Sammael, e Graendal só permitia que Sammael soubesse o bastante para evitar que arruinasse tudo por orgulho. E era óbvio que Graendal e Sammael estavam tramando para levar vantagens, fosse juntos ou separados. Sammael era um *so-far* superaquecido com manete empenado, e Graendal não era muito menos imprevisível. Os dois nunca tinham entendido que o poder provinha apenas do Grande Senhor, distribuído conforme sua escolha, por suas próprias razões. De acordo com seus caprichos — na segurança de sua mente, podia pensar aquilo.

O maior problema eram os Escolhidos que tinham desaparecido. Demandred insistia que deviam estar mortos, mas ela e Mesaana não tinham tanta certeza. Lanfear. Se houvesse alguma justiça, o tempo lhe entregaria Lanfear. A mulher sempre aparecia quando menos se esperava, sempre se comportava como se tivesse o direito de meter o bedelho nos planos alheios, sempre fugia para se proteger quando suas intromissões causavam problemas. Moghedien. Aquela lá sempre ficava escondida, mas nunca conseguia passar muito tempo sem dar as caras, só para lembrar ao restante que também era uma Escolhida. Asmodean. Um traidor, e já condenado. Mas tinha mesmo desaparecido. E a existência de Shaidar Haran e as ordens que ela própria recebera serviam para lembrá-la de que o Grande Senhor tinha os próprios meios e objetivos.

Os Escolhidos eram meras peças no tabuleiro; podiam ser Conselheiros e Pináculos, mas ainda assim não passavam de peças. Se o Grande Senhor a deslocara até ali em segredo, talvez também estivesse deslocando Moghedien, Lanfear ou até Asmodean. Shaidar Haran talvez tivesse sido mandado para dar ordens secretas a Graendal ou Sammael. Ou, talvez até, a Demandred ou Mesaana. Aquela perturbadora aliança — se é que podia ser chamada por um nome tão forte — entre os três já durava muito tempo, mas nenhum dos dois lhe contaria se recebesse ordens secretas do Grande Senhor, bem como ela jamais os deixaria saber das ordens que a

levaram até ali ou das que a fizeram enviar Myrddraal e Trollocs até a Pedra de Tear para lutar contra os enviados por Sammael.

Se o Grande Senhor pretendia transformar al'Thor em Nae'blis, ela própria se ajoelharia diante dele — e ficaria esperando por um deslize que o pusesse em suas mãos. A imortalidade lhe concedia tempo de espera infinito. Enquanto isso, sempre haveria outros pacientes para entretê-la. O que a preocupava era Shaidar Haran. Ela sempre fora uma jogadora de *tcheran* medíocre, mas Shaidar Haran era uma nova peça do tabuleiro, cuja força e propósito eram desconhecidos. E uma das jogadas ousadas para capturar o Grão-conselheiro do oponente e levá-lo para seu lado do tabuleiro era sacrificar os Pináculos em um falso ataque. Semirhage se ajoelharia, se fosse preciso, por quanto tempo fosse preciso, mas não seria sacrificada.

Uma estranha sensação na teia a desviou de seus pensamentos. Ela olhou para o paciente e estalou a língua, exasperada. A cabeça dele pendia para o lado, o queixo estava escuro, sujo do sangue da própria língua, que ele mastigara. Os olhos estavam vidrados e opacos. Por falta de atenção, intensificara a estimulação depressa demais. Com uma raiva que não chegou a transparecer em seu rosto, Semirhage parou de canalizar. Não havia por que tentar estimular o cérebro de um cadáver.

Um súbito pensamento lhe ocorreu. Se o Guardião podia sentir o que a Aes Sedai sentia, será que o oposto também aconteceria? Analisando as cicatrizes que adornavam o corpo do homem, teve certeza de que era impossível. Até aquelas imbecis teriam alterado o elo, se compartilhassem a sensação *daquilo*. Ainda assim, deixou o corpo de lado e saiu pelo corredor, um pouco apressada.

Antes de abrir a porta de vigas de ferro para adentrar a escuridão, ouviu berros que lhe trouxeram um profundo suspiro de alívio. Matar a mulher antes de arrancar tudo o que ela sabia decerto a faria permanecer ali até a captura de outra Aes Sedai. No mínimo.

Por entre os uivos guturais, Semirhage ouviu palavras quase ininteligíveis, palavras que pareciam carregar toda a força da alma da paciente.

— Por favooooooooorrrrrr! Ah, Luz, POR FAVOOOORRR!

Semirhage abriu um sorriso discreto. Era divertido, afinal.





UMA QUESTÃO DE OPINIÃO

Sentada em seu colchão, Elayne terminou de dar as cem escovadas com a mão esquerda, depois guardou a escova de cabelo na bolsinha de viagem de couro e a empurrou de volta para baixo da cama estreita. Sentia um latejar fraco atrás dos olhos depois de passar o dia canalizando para fabricar *ter'angreal*. Na maior parte do tempo *tentando* fabricá-los. Nynaeve, equilibrada no banquinho de pés soltos, terminara muito antes de escovar os cabelos até a cintura e já tinha quase acabado de refazer a trança frouxa para ir dormir. O suor brilhava em seu rosto.

Mesmo com uma das janelas abertas, o quartinho estava abafado. A lua cheia pairava em um céu negro repleto de estrelas. Um toco de vela fornecia luz fraca. As velas e os lampiões a óleo eram escassos em Salidar, e ninguém conseguia mais que uma nesga de luz à noite, a não ser que precisasse trabalhar com pena e tinta. O quarto era bem apertado, com pouco espaço para circulação entre as duas camas pequenas. A maior parte dos pertences das duas estava guardada em um par de baús surrados com dobradiças de latão. Dos ganchos nas paredes pendiam os vestidos de Aceitas e capas desnecessárias naquele calor, e buracos no reboco amarelado revelavam a madeira da fundação. Espremida entre as camas havia uma minúscula mesa meio torta, e o lavatório bambo no canto do quarto sustentava uma jarra e uma bacia brancas cheias de lascas. Nem mesmo as Aceitas mais elogiadas recebiam luxos ou mimos.

Um maço de flores silvestres meio amassadas, brancas e azuis — iludidas pelo clima a florescerem mais tarde, e sem muito primor — despontava de um vaso amarelo com gargalo quebrado em cima da mesa, entre um par de canecas de cerâmica marrom. O outro único ponto de cor era o pardal preso em uma gaiola de palha. Elayne cuidava do bichinho, que estava com uma asa quebrada. Testara suas

poucas habilidades de Cura em outro pássaro, mas os pardais eram pequenos demais para sobreviver ao choque.

Nada de reclamar, disse a si mesma com firmeza. As Aes Sedai viviam um pouco melhor; as noviças e serviçais, um pouco pior; e os soldados de Gareth Bryne quase sempre dormiam no chão. É preciso suportar o *que não se pode mudar*. Lini dizia isso o tempo todo. Bem, Salidar oferecia pouco conforto e nada de luxo. E também nada de frescor.

Afastando o tecido da camisola do corpo, ela assoprou contra os seios.

— É melhor chegarmos lá antes delas, Nynaeve. Você sabe como elas ficam quando têm que esperar.

Não soprava sequer a menor brisa, e o ar seco parecia extrair transpiração de todos os poros. Devia haver algo que pudesse ser feito a respeito do clima. Se houvesse, as Chamadoras de Ventos do Povo do Mar decerto já teriam feito, naturalmente. Mas Elayne talvez conseguisse pensar em uma solução, se pelo menos as Aes Sedai a liberassem dos *ter'angreal* por tempo suficiente. Como Aceita, era de se pensar que pudesse estudar o que quisesse, mas... *Se elas achessem que eu conseguiria comer e ensiná-las a fazer ter'angreal ao mesmo tempo, eu não teria um minuto de sossego*. Pelo menos no dia seguinte tiraria um descanso disso.

Nynaeve se remexia na cama com o *a'dam* no pulso, fazendo caretas e ajustando o bracelete. A mulher sempre insistia para que uma delas o usasse durante o sono, embora isso provocasse sonhos estranhos e desagradáveis. Não havia a menor necessidade, pois o *a'dam* também manteria Moghedien sob controle se estivesse pendurado em um gancho na parede. Além disso, a Abandonada dividia um cubículo realmente minúsculo com Birgitte. A arqueira era uma excelente vigia, e Moghedien quase chorava sempre que a via sequer franzir o cenho. A mulher tinha poucos motivos para manter Moghedien viva, mas muitos para querê-la morta, o que a Abandonada sabia muito bem. Naquela noite, o bracelete seria de menos utilidade que o habitual.

— Nynaeve, elas devem estar *esperando*.

A mulher fungou alto — não lidava bem com ter que estar à disposição de alguém —, mas apanhou um dos dois anéis de pedra chata que jaziam sobre a mesa entre as camas. Ambos eram largos demais para usar nos dedos, um era rajado e pontilhado de azul e marrom, o outro era azul e vermelho. Os dois eram retorcidos de modo a ter apenas uma borda. Nynaeve desamarrou a tira de couro que pendia de seu pescoço, enfiando o anel azul e marrom junto a outro, pesado e dourado. O anel de sinete de Lan. Tocou com carinho o aro robusto e dourado antes de enfiar os dois anéis debaixo da roupa.

Elayne, de testa franzida, apanhou o anel azul e vermelho.

Os anéis eram *ter'angreal* que ela fabricara como imitação de outro, que estava de posse de Siuan. Apesar da aparência simples, eram incrivelmente complexos. Dormir com um deles em contato com a pele levava a pessoa a *Tel'aran'rhiod*, o

Mundo dos Sonhos, um reflexo do mundo real — talvez de todos os mundos. Algumas Aes Sedai afirmavam que havia muitos mundos, como se todas as variações do Padrão de fato existissem, e que todos esses mundos juntos formavam um Padrão ainda maior. O fato era que *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo onde ela vivia e tinha certas propriedades extremamente úteis. Ainda mais porque a Torre não fazia ideia de como adentrá-lo, pelo que as duas sabiam.

Os anéis funcionavam, embora nenhum tão bem quanto os originais. Elayne estava se aprimorando aos poucos: das quatro tentativas de produzir uma cópia, fracassara em apenas uma. Uma média *muito* melhor do que a dos objetos que fabricava do zero. Mas e se uma das tentativas acabasse produzindo resultados piores do que apenas não funcionar, ou não funcionar muito bem? Aes Sedai tinham sido estancadas ao estudar *ter'angreal*. “Exauridas” era o nome que se dava quando acontecia por acidente, mas o resultado era igualmente irreversível. Nynaeve, naturalmente, não considerava que fosse irreversível, porém não se daria por satisfeita até que conseguisse Curar uma pessoa morta há três dias.

Elayne girou o anel nos dedos. O que ele fazia era fácil de compreender, era o “como” que lhe escapava. “Como” e “por quê” — essas eram as questões. Acreditava que o padrão de cores dos anéis tinha tanta influência quanto a forma — qualquer forma que não um aro retorcido não tinha serventia, e o anel que acabara saindo todo azul provocava pesadelos terríveis —, mas não sabia ao certo como reproduzir o vermelho, o azul e o marrom originais. Ainda assim, suas cópias tinham a mesma estrutura delicada, a mesma disposição dos pequeninos fragmentos, impossível de ser vista ou detectada sem o Poder Único. Por que as *cores* seriam importantes? Parecia haver uma trama comum na estrutura diminuta dos *ter'angreal* que só funcionavam com canalização, e outra na dos que apenas se utilizavam do Poder latente — descobrir isso foi o que permitiu suas tentativas de fabricar *ter'angreal* originais. Mas havia tanto que ela não sabia, tanto que só fazia na base da adivinhação.

— Vai ficar aí sentada a noite inteira? — perguntou Nynaeve em um tom seco, e Elayne se sobressaltou. Apoiando uma das canecas de cerâmica de volta na mesa, a mulher se ajeitou na cama, as mãos cruzadas sobre o colo. — Foi *você* quem disse para não as deixarmos esperando. No que depende de mim, não pretendo dar àquelas patas-chocas nenhuma desculpa para virem abocanhar minhas plumas.

Mais que depressa, Elayne deslizou o anel rajado — já não era de pedra, ainda que ela tivesse usado pedra para fazê-lo — por um cordão, que então amarrou no próprio pescoço. A segunda caneca de cerâmica também continha uma tintura de ervas que Nynaeve preparara, levemente adoçada com mel para suavizar o amargor. Elayne bebeu quase a metade, o que, por suas experiências anteriores, seria suficiente para ajudá-la a dormir, mesmo com a dor de cabeça. Era uma daquelas noites em que não podia se dar ao luxo de perder tempo.

Estirada na cama apertada, canalizou um fluxo rápido para apagar a vela, depois

abanou a camisola em busca de um pouco de frescor. Uma brisa, pelo menos.

— Queria que Egwene melhorasse. Estou cansada das migalhas que Sheriam e as outras jogam para a gente. Quero saber o que está acontecendo!

Percebeu que tocara em um assunto perigoso. Egwene fora ferida um mês e meio antes, em Cairhien, no dia em que Moiraine e Lanfear morreram. No dia em que Lan desaparecera.

— As Sábias dizem que ela *está* melhorando — murmurou Nynaeve, sonolenta, no escuro do quarto. Pela primeira vez, não pareceu querer desviar o assunto para Lan. — É isso o que Sheriam e a panelinha dela dizem, e elas não têm motivo para mentir, mesmo que possam fazê-lo.

— Bom, queria conseguir descobrir o que Sheriam está aprontando para amanhã à noite.

— Se vai ficar desejando coisas impossíveis... — Nynaeve parou para bocejar. — Pode começar a torcer para o Salão escolher você como Amyrlin. Acho que você até tem chance. Quando elas finalmente escolherem alguém, nós duas estaremos grisalhas o bastante para a função.

Elayne abriu a boca para retrucar, mas, a exemplo da outra, acabou emendando um bocejo. Nynaeve começou a roncar — não alto, mas com persistência. Elayne deixou os olhos se fecharem, mas seus pensamentos continuavam a toda, mesmo contra sua vontade.

O Salão estava mesmo sendo dilatatório. Havia dias em que as Votantes se encontravam durante menos de uma hora, e com frequência sequer se reuniam. Ao falar com uma delas, não se via a menor urgência, embora as Votantes das seis Ajahs — não havia Vermelhas em Salidar, óbvio — não revelassem às outras Aes Sedai o que discutiam durante as sessões, muito menos a uma Aceita. Definitivamente havia motivo para a pressa em decidir. Ainda que suas intenções permanecessem em segredo, a existência do grupo de Salidar já não era. Elaida e a Torre não as ignorariam para sempre. Além disso, os Mantos-brancos ainda estavam a poucas milhas de distância, em Amadícia, e já havia rumores sobre Devotos do Dragão bem ali em Altara. Só a Luz sabia o que os Devotos do Dragão poderiam tramar, se Rand não os controlasse. O Profeta era bom exemplo — ou talvez um exemplo péssimo. Motins, casas e fazendas incendiadas, gente morta por não demonstrar fervor suficiente no apoio ao Dragão Renascido.

O ronco de Nynaeve parecia um tecido sendo rasgado, mas bem ao longe. Elayne abriu outro bocejo, estalando o maxilar, virou-se de lado e abraçou o travesseiro fino. Havia motivo para se apressarem. Sammael estava em Illian, e Salidar ficava a poucas centenas de milhas da fronteira illianense, perto demais de um dos Abandonados. Só a Luz saberia onde os outros estavam ou o que estariam tramando. E Rand. As Votantes deviam estar preocupadas com Rand. Ele não representava perigo, claro. Não poderia. Mas *era* a chave de tudo — o mundo de fato se curvava à volta dele. Elayne *daria um jeito* de criar um elo com ele. Min. Ela e a missão

diplomática já deviam ter percorrido mais da metade do trajeto até Caemlyn. Não havia neve para atrasar o passo. Chegariam dali a mais um mês. Não que estivesse preocupada com a aproximação entre Min e Rand. No que a garota estava pensando? Min. O sono veio chegando, ela foi entrando em *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu parada na rua principal de Salidar, em um silêncio noturno sepulcral, a lua quase cheia no céu. Via tudo com bastante clareza, mais do que o mero luar permitiria. Sempre havia essa sensação de clareza, no Mundo dos Sonhos, vinda de todos os lados e de lado nenhum, como se a própria escuridão emanasse um brilho sombrio. Por outro lado, os sonhos eram assim mesmo, e aquilo era um sonho — por mais que não fosse um dos comuns.

Aquela aldeia refletia a verdadeira Salidar, mas como um estranho fac-símile, mais quieta do que a verdadeira vila estaria com o cair da noite. Todas as janelas estavam escuras, e um ar de vazio se abatia sobre o local, como se nenhuma das construções estivesse ocupada. Ali, naturalmente, não estavam. O silvo agudo de um pássaro noturno foi seguido por outro, depois por um terceiro, e algo produziu um fraco farfalhar, como se escapulindo em meio à indefinível meia-luz. Mas os estábulos estariam vazios, e também as cercas de estacas do lado de fora da cidade, e as clareiras onde o gado e as ovelhas ficavam reunidos. Criaturas selvagens apareciam aos montes por ali, mas nenhuma domesticada. Os detalhes mudavam a cada olhadela: as construções de telhados de palha permaneciam iguais, mas um barril de água podia estar em uma posição ligeiramente diferente ou ter desaparecido, uma porta antes fechada estaria aberta ao se voltar o rosto outra vez para a mesma direção. Quanto mais efêmero fosse um objeto no mundo real, mais inconstante era sua posição ou condição ali, e menos concreto era seu reflexo.

De vez em quando via-se um movimento bruxuleante na rua escura: alguém surgia, dava uns passos e ia embora, ou flutuava pelo chão, como se voasse. Muita gente podia adentrar *Tel'aran'rhiod* em sonhos, porém apenas por um breve instante. O que era uma grande sorte. Outra característica do Mundo dos Sonhos era que tudo o que ocorresse ali afetava a realidade do mundo desperto. Se alguém morresse ali, não acordava. Um estranho reflexo. Mas o calor era idêntico.

Nynaeve estava ali, parada, usando um vestido branco de Aceita com faixas na bainha, impaciente ao lado de Siuan e Leane. Também usava o bracelete de prata, embora ele não se conectasse dali com o mundo desperto. O bracelete ainda controlava Moghedien, mas Nynaeve, fora do corpo, não sentiria nada através dele. Leane ostentava uma aparência esbelta e majestosa, mas, na opinião de Elayne, o vestido domanês de seda fina, pouquíssimo opaco, prejudicava um pouco a elegância. As cores também não paravam de mudar — o tipo de coisa que acontecia até que a pessoa aprendesse a se virar por ali. Siuan estava melhor. Usava um vestido simples de seda azul, com decote baixo o suficiente para exibir o anel retorcido preso em um colar. Vez por outra, no entanto, brotavam enfeites de renda pelo vestido, e o colar passava de uma simples corrente de prata a uma elaborada

peça com rubis, gotas de fogo ou esmeraldas cravejadas em ouro, com os brincos combinando, logo em seguida retornando à corrente simples.

O anel que pendia do pescoço de Siuan era o original, e ela tinha a mesma concretude de qualquer um dos edifícios. Elayne, a seus próprios olhos, parecia igualmente concreta, mas sabia que seu aspecto aos olhos das outras era um pouco indistinto, tal qual o de Nynaeve e Leane. Parecia possível ver o luar através de seus corpos. Era o resultado de usar uma das cópias. Dava para sentir a Fonte Verdadeira, mas daquele jeito *saidar* era tênue — se tentasse canalizar, a canalização também seria fraca. Com o anel de Siuan, não. Mas era o preço que se pagava por ter seus segredos mais irreveláveis expostos a terceiros. Siuan confiava mais no original do que nas cópias de Elayne, então o usava — ou às vezes Leane usava —, enquanto Elayne e Nynaeve, que tinham acesso a *saidar*, precisavam se contentar com os outros.

— Onde elas estão? — inquiriu Siuan. Seu decote subia e descia. O vestido estava verde, com uma imensa fileira de pedras-da-lua no decote. — Já é péssimo que queiram meter o remo no meu barco e remar do jeito que bem entenderem, agora ainda por cima me deixam esperando.

— Não sei por que você se incomoda tanto em esperá-las chegar — retrucou Leane. — Você gosta de ver as garotas errarem. Elas não sabem metade do que acham que sabem. — Por um instante, o vestido dela ficou quase transparente. Um pesado colar de pérolas grandes surgiu ao redor de seu pescoço e desapareceu. A mulher não percebeu. Tinha ainda menos experiência com aquele lugar do que Siuan.

— Preciso dormir de verdade — resmungou Siuan. — Bryne tenta me matar de trabalhar. Mas preciso esperar de boa vontade duas mulheres que vão passar metade da noite lembrando como se anda. Sem falar nessas duas me estorvando. — Ao avistar Elayne e Nynaeve, franziu o cenho e revirou os olhos.

Nynaeve agarrou a trança com firmeza, indicação precisa de que estava ficando irritada. Pela primeira vez, Elayne concordou plenamente com a irritação. Era muito difícil ensinar a alunas que acreditavam saber mais do que de fato sabiam e que se achavam no direito de repreender a professora quando não aceitavam o contrário. Claro, as outras eram muito piores do que Siuan ou Leane. *Onde* estavam as outras?

Um movimento surgiu na rua. Seis mulheres envoltas no brilho tênue de *saidar*, que não desapareceram. Como de costume, Sheriam e o restante do conselho tinham se transportado em sonho a seus próprios aposentos e ido para a rua. Elayne não sabia ao certo quanto elas já compreendiam acerca dos atributos de *Tel'aran'rhiod*. De todo modo, as mulheres com frequência insistiam em fazer coisas do próprio jeito, mesmo quando havia um modo melhor de fazê-las. Quem poderia saber mais que uma Aes Sedai?

As seis mulheres recém-chegadas de fato eram novatas em *Tel'aran'rhiod*, e a cada vez que Elayne as olhava seus vestidos tinham mudado. De início, uma delas

usava o xale bordado de Aes Sedai, com franjas na cor de sua Ajah e a Chama de Tar Valon — uma robusta lágrima branca — bordada na parte de trás. Depois quatro delas vestiam o xale. Depois nenhuma. Por vezes, alguma usava uma capa leve de viagem daquelas que só servem para impedir a poeira da estrada de sujar as roupas, sempre com a Chama atrás e do lado esquerdo do peito. Suas feições etéreas não se mostravam afetadas pelo calor, claro — as Aes Sedai nunca demonstravam sentir calor —, nem que estavam cientes das alterações em suas vestimentas.

As mulheres pareciam tão indistintas quanto Nynaeve ou Leane. Sheriam e as outras confiavam mais nos *ter'angreal* que requeriam canalização para adentrar os sonhos do que nos anéis. Simplesmente não pareciam querer crer que *Tel'aran'rhiod* não tinha relação alguma com o Poder Único. Pelo menos Elayne não podia dizer quais delas estavam usando as cópias. Dentre as mulheres, haveria três com um disquinho feito de um material que um dia fora ferro, gravado dos dois lados com uma espiral compacta e acionado por um fluxo de Espírito, o único dos Cinco Poderes capaz de ser canalizado durante o sono — com exceção de onde estavam, é claro. As outras três estariam portando pequenas placas que um dia foram de âmbar, com uma mulher dormindo gravada dentro de cada uma. Ainda que tivesse diante de si todos os seis *ter'angreal*, Elayne não seria capaz de distinguir os três originais. As cópias tinham saído muito boas. Mesmo assim, eram cópias.

Pôde ouvir o fim da conversa enquanto as Aes Sedai vinham descendo a rua de terra batida, mas não entendeu nada.

— ... vão desdenhar da nossa escolha, Carlinya — dizia Sheriam, com seus cabelos de fogo —, mas vão desprezar qualquer escolha que façamos. Nós podemos muito bem manter a nossa decisão. Você não precisa que eu liste os motivos outra vez.

Morvrin, uma corpulenta irmã Marrom com mechas grisalhas nos cabelos, riu com desdém.

— Depois de todo o nosso trabalho com o Salão, teríamos um trabalhão para fazê-las mudar de ideia.

— Desde que nenhum governante nos ridicularize, de que isso nos importa? — indagou Myrelle, em um tom acalorado. A mais jovem das seis, Aes Sedai havia poucos anos, ela parecia bastante irritada.

— Que governante ousaria? — perguntou Anaiya, parecendo uma dona de casa inquirindo que criança ousaria pisar em seus carpetes com os sapatos sujos de lama. — De todo modo, nenhum rei ou rainha sabe o bastante do que se passa entre as Aes Sedai para entender. Só a opinião das irmãs deve ser motivo de preocupação, não a deles.

— O que me preocupa — retrucou Carlinya, impassível — é que, se tivermos facilidade em manipulá-la, outros também podem ter. — A irmã Branca, de pele pálida e olhos quase negros, estava sempre impassível, alguns diriam gélida.

Fosse qual fosse o assunto, não era nada que quisessem debater na frente de

Elayne e das outras. Logo antes de encontrá-las, as mulheres se calaram.

Siuan e Leane reagiram às recém-chegadas dando subitamente as costas uma para a outra, como se sua conversa tivesse sido interrompida pelas Aes Sedai. Elayne, por sua vez, na mesma hora baixou a cabeça para conferir o vestido. Era o correto, branco com as listras. Não sabia como se sentia a respeito de ter surgido, sem nem pensar, já com o vestido certo — podia apostar que Nynaeve tivera de trocar a roupa depois de chegar. Por outro lado, Nynaeve era muito mais intrépida do que ela, desafiando limites aos quais ela mesma se sujeitara. Como conseguiria governar Andor? Isso se sua mãe estivesse morta. Se.

Sheriam, meio gorducha e com as maçãs do rosto proeminentes, voltou os olhos verdes e oblíquos para Siuan e Leane. Por um momento, usava um xale de franjas azuis.

— Se vocês duas não aprenderem a se dar bem, juro que as mandarei para Tiana.
— Parecia algo dito com tanta frequência que já perdera o tom de ameaça.

— Vocês trabalharam juntas por bastante tempo — interveio Beonin, com seu sotaque taraboniano carregado. Era uma bela irmã Cinza, com cabelos cor de mel em uma infinidade de tranças e olhos azuis acinzentados que pareciam sempre sobressaltados. No entanto, nada surpreendia Beonin. A cada novo dia, ela só acreditava no nascer do sol se o visse com os próprios olhos, e Elayne achava que, se alguma manhã não visse o sol nascer, Beonin não arrepiaria um só fio de cabelo. Só se consideraria vingada por sempre ter exigido provas. — Então podem e devem trabalhar juntas outra vez.

Beonin soava como se tivesse dito aquilo tantas vezes que mal tinha que pensar para repetir a frase. Todas as Aes Sedai estavam acostumadas com Siuan e Leane. Tinham começado a tratá-las da mesma forma que tratariam garotinhas incapazes de parar de brigar. As Aes Sedai de fato tendiam a ver qualquer adulto como criança. Até aquelas duas, que um dia haviam sido suas irmãs.

— Você pode mandar as duas para Tiana ou não — vociferou Myrelle —, mas pare de falar nisso. — Elayne não achava que a mulher de beleza soturna estivesse irritada com Siuan ou Leane. Talvez não fosse nada ou ninguém em particular. Seu temperamento difícil era famoso até entre as Verdes. O vestido de seda amarelo-ouro passou a ostentar uma gola alta, mas com um recorte oval que expunha o topo dos seios. Ela também usava um colar curioso, uma larga gargantilha de prata sustentando três pequenas adagas cujos punhos repousavam sobre o decote. Uma quarta adaga apareceu e desapareceu tão depressa que poderia ter sido imaginação. Ela olhou Nynaeve de cima a baixo, como se buscasse alguma imperfeição. — Estamos indo para a Torre ou não? Se temos que fazer isso, podemos muito bem aproveitar o tempo gasto para fazer algo de útil.

Elayne então entendeu o motivo da irritação de Myrelle. Logo que ela e Nynaeve chegaram a Salidar, tinham encontros com Egwene em *Tel'aran'rhiod* a cada sete dias para compartilhar suas descobertas. O que nem sempre era fácil, já que Egwene

era acompanhada de pelo menos uma das Andarilhas do Sonho Aiel com quem estava estudando. Encontrar-se sem uma ou duas das Sábias fora um tanto difícil. De todo modo, tudo aquilo acabou quando elas chegaram a Salidar. Aquelas seis Aes Sedai do conselho de Sheriam tinham assumido o controle dos encontros, mas tinham apenas os três *ter'angreal* originais e pouco conhecimento acerca de *Tel'aran'rhiod* além de como adentrá-lo. Tinha sido exatamente na época em que Egwene fora ferida, de forma que as Aes Sedai tinham que lidar sozinhas com as Sábias. Eram encontros de dois grupos de mulheres orgulhosas e resolutas, cada um desconfiado do que o outro queria, nenhum disposto a ceder ou baixar a cabeça um tantinho que fosse.

Claro que Elayne não sabia o que se passava nessas reuniões, mas tomava por base as próprias experiências e os fragmentos de informação que Sheriam e as outras deixavam escapar aqui e ali.

As Aes Sedai estavam convencidas de que eram capazes de aprender qualquer coisa que pudesse ser aprendida, além de em geral sempre exigirem o respeito dispensado às rainhas e sempre esperarem que tudo lhes fosse revelado sem protestos nem delongas. Ao que parecia, as mulheres da Torre tinham exigido resposta para tudo: os planos de Rand, quando Egwene estaria em condições de retornar ao Mundo dos Sonhos e até se havia a possibilidade de espionar sonhos alheios em *Tel'aran'rhiod*, de adentrar fisicamente o Mundo dos Sonhos ou de levar alguém para o sonho à revelia. Tinham até perguntado mais de uma vez se era possível afetar o mundo real a partir do que se fazia no sonho, impossibilidade da qual pareciam duvidar. Morvrin já estudara um pouco alguns escritos sobre *Tel'aran'rhiod*, o suficiente para ter um sem-fim de dúvidas, embora Elayne desconfiasse de que Siuan fosse responsável por uma parte. Achava que Siuan estava tramando algum artil para participar das reuniões, mas as Aes Sedai pareciam crer que já era o bastante dar a ela salvo-conduto para usar o anel a fim de auxiliar no trabalho com os olhos-e-ouvidos. A antiga Amyrlin só se incomodava realmente com a interferência de Aes Sedai em seu trabalho.

Quanto às Aiel... as Sábias — ao menos as Andarilhas dos Sonhos —, pelo que Elayne percebera a partir dos próprios encontros, elas não apenas sabiam praticamente tudo o que havia para se saber a respeito do Mundo dos Sonhos, como também o consideravam quase uma propriedade particular. Não gostavam que ninguém fosse até lá na ignorância e lidavam de forma muito rigorosa com qualquer atitude que julgassem tola. Além do mais, eram um grupo reticente e, ao que parecia, extremamente leal a Rand e que não estava disposto a revelar muito mais do que o fato de ele estar vivo ou de que Egwene retornaria a *Tel'aran'rhiod* quando estivesse em condições. Também não mostravam a menor disposição a responder às perguntas que consideravam inapropriadas — o que podia significar tanto que não confiavam que os conhecimentos do inquiridor fossem suficientes para a resposta, ou que a pergunta, a resposta ou ambas de alguma forma violavam sua estranha filosofia de

honra e obrigação. Elayne sabia pouco sobre o *ji'e'toh* — tudo o que sabia era que aquilo existia e que gerava comportamentos bastante peculiares e delicados.

De todo modo, era a receita para o desastre, e Elayne achava muito provável que esse prato fosse servido fresco a cada sete dias, pelo menos do ponto de vista das Aes Sedai.

A princípio, Sheriam e as outras cinco tinham requisitado aulas todas as noites, mas agora as solicitavam em apenas duas ocasiões: na véspera da reunião com as Sábias, como se para apurar as habilidades antes do dia da competição, e na noite seguinte, quando em geral estavam mais quietas, como se para processar o que dera errado e como contra-atacar. Myrelle decerto já fervilhava de agitação por conta do desastre da noite que viria em seguida. Era certo que haveria algum.

Morvrin virou-se para Myrelle e abriu a boca, mas outra mulher surgiu de repente entre elas. Elayne levou um instante para reconhecer as feições sem idade de Gera, uma das cozinheiras. Vestida com o xale de franjas verdes com a Chama de Tar Valon e pesando menos da metade de seu peso verdadeiro, Gera ergueu um dedo admonitório para as Aes Sedai... e desapareceu.

— Quer dizer então que é com isso que ela sonha? — perguntou Carlinya, com frieza. Mangas pontudas cresceram em seu vestido de seda alvíssima, cobrindo as mãos, e uma gola alta e justa se projetou sob o queixo. — Alguém devia ter uma conversa com ela.

— Deixe para lá, Carlinya — retrucou Anaiya, com uma risadinha. — Gera é uma boa cozinheira. Eu até entendo o atrativo desses pensamentos. — Ela de repente ficou mais magra e alta. Suas feições em si não se alteraram: era o mesmo rosto inexpressivo e maternal de sempre. Com uma risada, a mulher mudou de volta. — Será que você nunca vê diversão em nada, Carlinya?

Até a fungada desdenhosa de Carlinya em resposta foi fria.

— Gera com certeza nos viu — interveio Morvrin. — Mas será que vai se lembrar? — Seus duros olhos escuros estavam pensativos. O vestido de lã escura e lisa era o mais estável dos seis. Alguns detalhes mudavam, mas era uma mudança tão sutil que Elayne não conseguia de fato dizer o que havia de diferente.

— É claro que vai — respondeu Nynaeve, em um tom amargo. Já explicara isso. Seis Aes Sedai a encararam com as sobancelhas erguidas, e ela moderou o tom. Um pouco. Também odiava esfregar panelas. — Se ela se lembrar do sonho, vai se lembrar. Mas só como sonho.

Morvrin franziu o cenho. Queria uma prova, quase como Beonin. A expressão extremamente aborrecida de Nynaeve traria problemas, fosse qual fosse seu tom. Antes que Elayne pudesse dizer algo que desviasse o foco das Aes Sedai da amiga, Leane abriu a boca, exibindo no rosto um sorrisinho quase afetado:

— Vocês não acham que a gente deveria ir agora?

Siuan bufou de desdém em resposta à timidez da mulher, e Leane cravou os olhos penetrantes nela.

— Pois sim, você com certeza quer passar o máximo de tempo possível na Torre — retrucou Siuan, num tom acanhado, e Leane fungou.

Elas realmente atuavam muito bem. Sheriam e as outras sequer suspeitavam de que Siuan e Leane fossem mais do que duas mulheres estancadas agarrando-se a um propósito que preservasse sua vida, agarrando-se às rebarbas do que um dia haviam sido. Duas mulheres infantis tentando o tempo inteiro irritar uma à outra. As Aes Sedai não deveriam ter se esquecido da fama de manipuladora voluntariosa de Siuan, sempre cheia de artimanhas — assim como Leane, ainda que em menor grau. Se aquelas duas tivessem demonstrado união ou revelado suas verdadeiras faces, as seis Aes Sedai teriam se lembrado disso e considerariam com muita atenção todas as declarações da dupla. Porém, divididas e destilando rancor uma para cima da outra, quase sem perceber que praticamente rastejavam aos pés das Aes Sedai... nesse caso, quando uma era forçada a concordar com o que a outra dizia, a sugestão vinha com maior peso. Quando uma se opunha com base em argumentos claramente frívolos, também. Elayne sabia que o objetivo do fingimento era levar Sheriam e as outras a apoiarem Rand. Só desejava saber os outros propósitos para os quais empregavam o ardil.

— Elas têm razão — interveio Nynaeve, com firmeza, lançando um olhar enojado para Siuan e Leane. Aquele disfarce a aborrecia ao extremo: Nynaeve jamais se rebaixaria, nem que a própria vida dependesse disso. — A essa altura, vocês já devem saber que quanto mais tempo passam aqui, menos descansam de verdade. O sono enquanto se está em *Tel'aran'rhiod* não é reparador feito o sono comum. Agora, lembrem-se de tomar cuidado caso vejam qualquer coisa fora do normal. — Ela de fato odiava ter que se repetir, e seu tom de voz deixava isso bem claro. E Elayne precisava admitir que, em se tratando daquelas mulheres, se repetir era muitas vezes necessário. Se pelo menos Nynaeve não parecesse estar falando com crianças desmioladas... — Quando alguém adentra *Tel'aran'rhiod* em sonho, feito Gera, mas está tendo um pesadelo, às vezes o pesadelo persiste. E eles são muito perigosos. Evitem tudo o que parecer incomum. E tentem controlar os pensamentos, desta vez. O que vocês pensam aqui pode se tornar real. Aquele Myrddraal que apareceu do nada da última vez pode até ter sido resquício de um pesadelo, mas acho que foi uma de vocês que deixou a mente vagar. Vocês estavam falando sobre Ajah Negra, se não se lembram, debatendo se elas estariam permitindo a entrada de Crias da Sombra na Torre. — Como se tudo aquilo já não fosse péssimo, Nynaeve ainda acrescentou: — Vocês não vão impressionar as Sábias amanhã à noite se chamarem um Myrddraal.

Elayne estremeceu.

— Criança — retrucou Anaiya, com gentileza, ajustando o xale de franjas azuis que de súbito surgiu sobre seus braços —, você tem feito um excelente trabalho, mas isso não é desculpa para falar com tamanha irritação.

— Você ganhou muitos privilégios — concordou Myrelle, sem o mesmo tom

gentil —, mas parece estar se esquecendo de que são *privilégios*. — Sua carranca devia ter sido suficiente para fazer até Nynaeve estremecer. Myrelle, nas semanas anteriores, agira de maneira cada vez mais dura com a Aceita. E agora também usava o xale. Todas usavam. Péssimo sinal.

Morvrin bufou audivelmente.

— Quando eu era Aceita, qualquer garota que falasse com uma Aes Sedai dessa maneira teria passado o mês esfregando o chão, mesmo que estivesse para ser elevada no dia seguinte.

Elayne mais que depressa se pronunciou, torcendo para conseguir se antecipar ao desastre. Nynaeve pusera no rosto o que ela acreditava ser uma expressão de complacência, porém estava mais para uma careta emburrada e teimosa.

— Tenho certeza de que ela não teve a menor intenção, Aes Sedai. Temos trabalhado demais. Por favor, nos perdoe. — Incluir a si mesma poderia ser de alguma ajuda, já que não tinha feito nada. E poderia fazer com que as duas acabassem esfregando o chão. Pelo menos aquilo fez Nynaeve olhar para ela. E, ao que parecia, a levou a refletir, já que a amiga assumiu uma expressão de fato complacente, fez uma mesura e encarou o chão, como se estivesse envergonhada. E talvez estivesse mesmo. Talvez. Elayne apressou-se em prosseguir, como se Nynaeve tivesse pedido desculpas formais e as outras tivessem aceitado. — Sei que todas vocês querem passar o máximo de tempo possível na Torre, então talvez seja melhor não nos demorarmos mais? Que tal se todas visualizarem o gabinete de Elaida da maneira exata como o viram da última vez? — Ali em Salidar, Elaida jamais era chamada de Amyrlin. Da mesma forma, o gabinete da Amyrlin na Torre Branca tivera o nome alterado. — Peço que todas visualizem o lugar bem fixamente, para que cheguemos lá juntas.

Anaiya foi a primeira a assentir, mas até Carlinya e Beonin se deixaram contornar.

Não ficou claro se as dez mulheres se deslocaram ou se foi *Tel'aran'rhiod* que se deslocou em torno delas. Poderia ter sido ambas as coisas, pelo pouco que Elayne de fato compreendia. O Mundo dos Sonhos era de uma maleabilidade quase infinita. Primeiro estavam todas na rua em Salidar, mas, no instante seguinte, se viram no interior de um aposento grande e todo ornamentado. As Aes Sedai assentiram, satisfeitas, ainda inexperientes a ponto de se contentar com tudo o que funcionasse de acordo com o planejado.

Assim como *Tel'aran'rhiod* refletia o mundo desperto, aquele aposento refletia o poder das mulheres que o haviam ocupado durante os últimos três mil anos. Os grandes abajures de chão dourados estavam apagados, mas havia luz, à maneira estranha dos sonhos e de *Tel'aran'rhiod*. A comprida lareira era de mármore dourado de Kandor, e o chão, de pedra vermelha polida das Montanhas da Névoa. Os painéis das paredes tinham sido instalados havia relativamente pouco tempo, meros mil anos. Eram de madeira clara, com linhas desiguais e entalhes de bestas e pássaros maravilhosos, que Elayne tinha certeza de serem originários da imaginação

do escultor. Reluzentes pedras peroladas emolduravam as imensas janelas em arco que levavam até a sacada com vista para o jardim particular da Amyrlin — aquela pedra fora extraída de uma cidade sem nome, submersa no Mar das Tempestades durante a Ruptura do Mundo, e ninguém jamais encontrara material similar.

Cada mulher que utilizava aquele aposento deixava ali sua própria marca, ainda que apenas durante o período de sua posse, e com Elaida não era diferente. Uma pesada cadeira com ares de trono, com uma Chama de Tar Valon de marfim coroadando o espaldar alto, jazia atrás de uma pesada escrivaninha ornamentada com entalhes de três anéis conectados. Sobre a mesa havia apenas três caixas de laca altaranas, cada uma precisamente à mesma distância das outras. Um vaso branco liso repousava no topo de um austero pedestal recostado a uma parede. O vaso continha rosas cujo número e cor mudavam a cada olhada, porém sempre dispostas em arranjos muito sóbrios e rígidos. Rosas naquela época do ano, com aquele clima! O Poder Único fora *desperdiçado* só para fazê-las florescer. Elaida fazia o mesmo quando era conselheira da mãe de Elayne.

Acima da lareira estava pendurada uma pintura no novo estilo, em lona estendida, de dois homens lutando entre as nuvens, disparando raios. Um deles tinha rosto de fogo, o outro era Rand. Elayne estivera em Falme durante aquele episódio, e a pintura não estava muito longe da realidade. A tela fora rasgada bem em cima do rosto de Rand, ao que parecia pelo arremesso de um objeto pesado, e havia um remendo quase invisível. Estava claro que Elaida queria uma lembrança constante do Dragão Renascido — e estava igualmente claro que a mulher não ficava muito feliz em ter que olhar para ele.

— Se me dão licença — pediu Leane, antes mesmo que todas terminassem de menear a cabeça, satisfeitas —, preciso ver se meu povo recebeu minhas mensagens.

Todas as Ajahs, exceto a Branca, tinham uma rede de olhos-e-ouvidos espalhada pelas nações, e um bom número de Aes Sedai tinha sua rede própria, mas Leane era rara, talvez única — como Curadora, criara uma rede dentro da própria Tar Valon. No instante em que falou, a mulher desapareceu.

— Ela não devia andar por aqui sozinha — comentou Sheriam, exasperada. — Nynaeve, vá atrás dela. E fiquem juntas.

Nynaeve deu um puxão na trança.

— Eu não acho que...

— Você “não acha” um pouco demais — interrompeu Myrelle. — Pelo menos uma vez na vida, Aceita, faça o que lhe for mandado. E na hora em que for mandado.

Trocando um olhar azedo com Elayne, Nynaeve assentiu, claramente engolindo uma bufada, e desapareceu. Elayne não foi muito simpática ao sofrimento da amiga. Se Nynaeve não tivesse cedido à própria irritação em Salidar, talvez tivesse podido explicar que seria impossível encontrar Leane, que a mulher podia estar em qualquer lugar da cidade e que fazia semanas que ela vinha se aventurando sozinha em

Tel'aran'rhiod.

— Agora vamos ver o que podemos descobrir — disse Morvrin.

Porém, antes que as outras pudessem se mexer, Elaida surgiu atrás da escrivaninha, os olhos vidrados. Uma mulher inflexível, de beleza masculina e olhos e cabelos escuros, Elaida usava um vestido vermelho-sangue e a estola listrada do Trono de Amyrlin por sobre os ombros.

— Como eu Previ — entoou. — A Torre Branca vai se reunir sob o meu comando. Sob o *meu* comando! — Ela apontou para o chão, irritada. — Ajoelhem-se e peçam perdão por seus pecados! — Com isso, ela sumiu.

Elayne soltou um longo suspiro, então sentiu-se grata ao perceber que não fora a única.

— Uma Previsão? — Beonin franziu a testa, pensativa. Não parecia preocupada, mas poderia muito bem estar. Elaida de fato tinha o dom da Previsão, ainda que não fosse constante. Quando a Previsão dominava uma mulher e ela previa um acontecimento, acontecia.

— Um sonho — retrucou Elayne, e ficou surpresa em ver como sua voz estava firme. — Ela está dormindo e sonhando. Não me admira que sonhe tudo conforme seu gosto. — *Por favor, Luz, que seja apenas isso.*

— Perceberam a estola? — perguntou Anaiya, a ninguém em particular. — Não tinha listra azul. — A estola da Amyrlin deveria exibir uma listra para cada uma das sete Ajahs.

— Um sonho — repetiu Sheriam, inexpressiva. Soava destemida, mas usava outra vez o xale de franjas azuis, que apertava em volta do corpo. Anaiya também.

— Seja isso ou não — interveio Morvrin, muito calma —, é melhor fazermos o que viemos fazer. — Pouca coisa a amedrontava.

A súbita agitação desencadeada pelas palavras da irmã Marrom deixou muito claro como todas tinham ficado paralisadas. Ela, Carlinya e Anaiya mais que depressa saíram para a antessala, onde estaria a mesa de trabalho da Curadora — Alviarin Freidhen, sob as ordens de Elaida. Uma Branca, por estranho que fosse, já que a Curadora *sempre* vinha da mesma Ajah da Amyrlin.

Siuan olhou irritada para as mulheres que saíam. Ela sempre dizia que havia mais a se descobrir com os papéis de Alviarin do que os de Elaida, pois a Branca às vezes parecia saber mais do que a mulher a quem supostamente servia, e por duas vezes Siuan encontrou provas de que Alviarin havia ido contra as ordens de Elaida sem repercussão aparente. Não que tivesse revelado tais ordens a Elayne ou Nynaeve. O que Siuan decidia compartilhar era bem limitado.

Sheriam, Beonin e Myrelle se reuniram diante da mesa de Elaida, abriram uma das caixas de laca e começaram a revirar os papéis lá dentro. Era ali que Elaida guardava as correspondências e os relatórios recentes. A caixa, entalhada com gaviões dourados lutando entre as nuvens brancas de um céu azul, cismava em fechar de repente toda vez que uma delas soltava a tampa, até que as mulheres se

lembraram de mantê-la presa, mas os papéis também se modificavam durante a leitura. Papel era mesmo uma matéria efêmera. Entre *tsc*, *tsc* exaltados e suspiros de irritação, as Aes Sedai perseveraram.

— Aqui tem um relatório de Danelle — anunciou Myrelle, passando os olhos por uma das folhas. Siuan tentou juntar-se a elas, pois Danelle, uma jovem Marrom, fizera parte do grupo de conspiradoras que a depusera; mas Beonin olhou feio para a antiga Amyrlin, que retornou para o canto, resmungando sozinha. Beonin voltou a atenção à caixa e aos documentos antes mesmo que Siuan desse três passos, e as outras duas nem sequer perceberam a troca. Myrelle continuou: — Ela diz que Mattin Stepaneos aceita cordialmente, que Roedran ainda está tentando ouvir de todos os lados e que Alliandre e Tylin querem mais tempo para considerar a resposta. Tem uma observação aqui, na caligrafia de Elaida: “Pressione-os!” — A mulher estalou a língua enquanto o relatório se desfazia em suas mãos, transformando-se em ar. — Não dizia em relação ao quê, mas só pode haver duas possibilidades que envolva aqueles quatro.

Mattin Stepaneos era Rei de Illian, e Roedran, de Murandy, enquanto Alliandre era Rainha de Ghealdan, e Tylin, de Altara. O assunto só podia ser Rand ou as Aes Sedai em oposição a Elaida.

— Pelo menos sabemos que nossas emissárias ainda têm as mesmas chances que as de Elaida — comentou Sheriam.

Claro, Salidar não mandara ninguém até Mattin Stepaneos, pois Lorde Brend, do Conselho dos Nove — na verdade Sammael —, era quem detinha o poder em Illian. Elayne queria muito poder saber que proposta de Elaida Sammael estava disposto a apoiar, ou pelo menos permitir que Mattin Stepaneos dissesse que ele iria apoiar. Tinha certeza de que as três Aes Sedai também queriam muito saber, mas elas apenas continuaram pegando documentos de dentro da caixa de laca.

— O mandado de prisão para Moiraine ainda está em vigor — anunciou Beonin, balançando a cabeça enquanto a folha em sua mão de súbito se transformava em um grosso calhamaço de papéis. — Ela ainda não sabe que Moiraine morreu. — Franzindo o cenho para os papéis, ela os deixou cair. As folhas se espalharam e se dissolveram no ar antes de chegar ao chão. — E Elaida continua pretendendo construir um palácio para si.

— Bem típico dela — retrucou Sheriam, num tom seco. Estendeu a mão com um tranco e apanhou o que parecia um bilhete. — Shemerin fugiu. A *Aceita* Shemerin.

As três olharam para Elayne antes de voltar a atenção à caixa, que tiveram que abrir outra vez. Ninguém fez qualquer comentário em relação às palavras de Sheriam.

Elayne quase rangeu os dentes. Ela e Nynaeve tinham dito às outras que Elaida estava rebaixando Shemerin, uma irmã Amarela, a *Aceita*, mas elas naturalmente não tinham acreditado. Era possível obrigar uma Aes Sedai a cumprir penitências, era possível bani-la, mas não era possível rebaixá-la, a não ser que fosse estancada.

Porém, fora exatamente isso que Elaida fizera, fossem quais fossem as leis da Torre. Talvez ela estivesse reescrevendo as leis da Torre.

A verdade era que muitas coisas que haviam contado àquelas mulheres não tinham sido levadas a sério. Moças tão novas, Aceitas, não podiam ter tanto conhecimento sobre o mundo a ponto de saberem o que podia ou não ser verdade. Jovens eram crédulas, ingênuas, podiam muito bem ver e acreditar em algo que com certeza não existia. Elayne se esforçou para não bater o pé. Uma Aceita aceitava o que as Aes Sedai desejassem oferecer e não pedia o que as Aes Sedai escolhessem guardar para si. Como pedidos de desculpas. A Filha-herdeira preservou o rosto sereno e conteve a ira.

Siuan não se sentia presa a tais amarras. Pelo menos, não na maior parte do tempo. Quando as Aes Sedai não estavam olhando, sempre lhes dispensava uma carranca. Naturalmente, se uma das três lhe dirigisse o olhar, ela na mesma hora assumia uma expressão mansa. Era muito experiente nisso. Um leão sobrevive sendo leão, dissera certa vez a Elayne, e um rato, sendo rato. Mas Siuan dava um rato muito pertinaz.

Elayne pensou ter detectado preocupação nos olhos da antiga Amyrlin. Aquela tarefa fora dela desde que Siuan provara às Aes Sedai que podia usar o anel com segurança — na verdade, depois de ela e Leane terem aulas secretas ministradas por Nynaeve e Elayne —, além de ser uma excelente fonte de informações. Restabelecer contato com os olhos-e-ouvidos espalhados pelas nações e redirecionar os informes da Torre para Salidar levava tempo. Se Sheriam e as outras pretendiam assumir o controle daquilo, Siuan poderia se tornar menos útil. Nenhuma rede de agentes da história da Torre jamais fora comandada por ninguém menos que uma irmã completa antes que a antiga Amyrlin chegasse a Salidar com seu conhecimento sobre os olhos-e-ouvidos do Trono e da Ajah Azul, que ela comandara antes de se tornar Amyrlin. Beonin e Carlinya mostravam relutância em depender de uma mulher que já não era uma delas, e as outras não pareciam pensar muito diferente. Verdade fosse dita, nenhuma delas se sentia muito confortável perto de uma mulher estancada.

E também não havia nada que Elayne pudesse fazer. As Aes Sedai poderiam chamar aquilo de instrução, poderiam até pensar que fosse, mas ela sabia por experiência própria que, se tentasse ensinar qualquer coisa sem que lhe fosse solicitado, seria repreendida na hora. Estava ali para responder às perguntas e nada mais. Pensou em um banquinho que apareceu na mesma hora — tinha entalhes de vinhas nos pés —, e se sentou para esperar. Uma cadeira seria mais confortável, mas talvez gerasse comentários. Uma Aceita sentada muito confortavelmente em geral era considerada uma Aceita sem tarefas o bastante. Depois de um instante, Siuan conjurou um banquinho quase idêntico e abriu um sorriso tenso para Elayne... e uma careta de desprezo para as costas das Aes Sedai.

Da primeira vez que Elayne visitara aquele aposento em *Tel'aran'rhiol*, havia um semicírculo de banquinhos similares, uma dúzia ou mais, diante da robusta mesa

entalhada. A cada visita havia menos, e agora, ela não via nenhum. Tinha certeza de que isso indicava alguma coisa, embora não conseguisse imaginar o quê. Tinha certeza de que Siuan pensava o mesmo e que, muito provavelmente, já desvendara a razão. Mas, se era o caso, não compartilhara a explicação com Elayne e Nynaeve.

— Os combates em Shienar e Arafel estão arrefecendo — murmurou Sheriam, meio que para si mesma —, mas ainda não tem nada aqui que indique por que começaram. Apenas escaramuças, só que os homens da Fronteira não lutam entre si. Eles têm que lidar com a Praga. — Ela era de Saldaea, uma das Terras da Fronteira.

— Pelo menos a Praga continua em paz — comentou Myrelle. — Paz até demais. Isso não vai durar muito. Ainda bem que Elaida tem muitos olhos-e-ouvidos pelas Terras da Fronteira.

Siuan conseguiu estremecer ao mesmo tempo que olhava feio para Myrelle. Elayne achava que a antiga Amyrlin ainda não conseguira entrar em contato com seus agentes nas Terras da Fronteira, muito longe de Salidar.

— Eu ficaria mais tranquila se pudéssemos dizer o mesmo de Tarabon. — A folha na mão de Beonin ficou maior e mais larga. Ela deu uma olhadela, fungou e deixou-a de lado. — Os olhos-e-ouvidos em Tarabon, eles andam quietos. Todos eles. A única notícia que Elaida tem de Tarabon são os rumores de Amadícia de que as Aes Sedai estão envolvidas na guerra. — Ela balançou a cabeça, pensando no absurdo de depositar tais rumores em uma folha de papel. As Aes Sedai não se envolviam em guerras civis. Pelo menos não abertamente a ponto de serem detectadas. — E, ao que parece, há apenas uns poucos relatos confusos de Arad Doman.

— Dentro em breve nós mesmas saberemos de Tarabon — disse Sheriam, em um tom tranquilo. — Só mais algumas semanas.

A busca prosseguiu por horas. Os documentos nunca escasseavam, a caixa de laca estava sempre cheia. Inclusive, a pilha às vezes crescia com a retirada de uma folha. Claro que apenas as menores mantinham sua concretude por tempo suficiente para serem lidas por completo, mas de vez em quando uma carta ou um relatório já visualizado despontava outra vez na caixa. Havia longos períodos de silêncio, mas alguns documentos provocavam comentários, e uns poucos suscitavam discussões entre as Aes Sedai. Siuan começou a trançar um barbante, brincando de cama de gato sozinha, em aparente desatenção. Elayne desejou poder fazer o mesmo, ou melhor, poder ler um pouco — um livro surgiu no chão a seus pés, *As Jornadas de Jain, o Viajante*, e ela logo o fez desaparecer —, mas as mulheres que não eram Aes Sedai tinham mais liberdade do que as ainda em treinamento. Contudo, ouvindo a conversa, ela descobriu algumas coisas.

O envolvimento de Aes Sedai em Tarabon não foi o único boato que chegou à escrivania de Elaida. Havia rumores de que a reunião de Pedron Niall com os Mantos-brancos tivera muitos objetivos, como tomar o trono de Amadícia — o que sem dúvida ele não precisava fazer —, reprimir as guerras e a anarquia em Tarabon e Arad Doman, e até *apoiar* Rand. Elayne só acreditaria nisso quando o sol nascesse

no oeste. Havia relatos de acontecimentos estranhos em Illian e Cairhien: aldeias tomadas pela loucura, pesadelos ambulantes à luz do dia, bezerros falantes de duas cabeças, Crias da Sombra se materializando do nada — talvez houvesse outros acontecimentos, mas só esses tinham sido testemunhados. Sheriam e as outras não pareceram se importar muito, pois o mesmo tipo de histórias chegava a Salidar vindas de algumas partes de Altara e Murandy e também pelo rio, de lá de Amadícia. As Aes Sedai achavam que fosse histeria do povo por saber do Dragão Renascido. Elayne não tinha tanta certeza. Tinha visto coisas que as outras não tinham, mesmo com tantos anos de experiência. Corria o boato de que sua mãe estava formando um exército a oeste de Andor — e ainda por cima sob a antiga bandeira de Manetheren! — e também que fora feita prisioneira por Rand e escapara para todas as nações imagináveis, incluindo as Terras da Fronteira e Amadícia — sendo que essa última era um absurdo *inimaginável*. Ao que parecia, a Torre não acreditava em nada disso. Elayne queria saber no que acreditar.

Tentou parar de sofrer por não saber o paradeiro da mãe quando ouviu Sheriam mencionar seu nome. A mulher não estava falando com ela, apenas lendo às pressas uma folha de papel quadrada, que logo se transformou em um comprido pergaminho com três selos no canto inferior. Elayne Trakand deveria ser localizada e levada de volta à Torre Branca a qualquer custo. Caso fracassasse, a encarregada “invejaria a punição de Macura”. Aquilo deixou Elayne arrepiada. Quando ela e Nynaeve estavam a caminho de Salidar, uma mulher chamada Ronde Macura chegara muito perto de mandá-las de volta à Torre feito trouxas de roupa suja. A casa governante de Andor, leu Sheriam, era “a chave” — o que não fazia o menor sentido. Chave de quê?

Nenhuma das três Aes Sedai sequer olhou na direção dela. Apenas se entreolharam e prosseguiram. Talvez tivessem se esquecido de que Elayne estava ali, mas, por outro lado, talvez não. Aes Sedai faziam o que decidiam fazer. Se Elayne seria defendida de Elaida ou se por qualquer motivo a entregariam de pés e mãos atados, isso seria decisão das Aes Sedai. “*O lúcio não pede permissão para jantar o sapo*”, costumava dizer Lini.

A reação de Elaida era evidente na condição do relatório que reportava a anistia de Rand. Elayne quase podia vê-la esmagando a folha, começando a rasgá-la e então alisando-a com frieza e depositando-a de volta na caixa. Seus acessos de fúria eram quase sempre gélidos. Elaida não escrevera nada naquele documento, porém um rabisco contumaz em outro, enumerando as Aes Sedai ainda na Torre, deixava claro que ela estava prestes a declarar publicamente que qualquer uma que não obedecesse sua ordem de retorno seria considerada traidora. Sheriam e as outras debateram essa possibilidade com toda a calma. Por mais que muitas irmãs pretendessem obedecer, algumas teriam bastante chão a percorrer — algumas talvez ainda nem tivessem recebido a convocação. De todo modo, a ordem confirmaria ao mundo os rumores sobre a cisão da Torre. Elaida devia estar em pânico para considerar uma coisa

dessas, ou talvez absolutamente fora de si.

Elayne sentiu um calafrio, e não tinha nada a ver com não saber se Elaida estava apavorada ou descontrolada. Havia duzentas e noventa e quatro Aes Sedai na Torre apoiando Elaida. Quase um terço do total, quase tantas quanto as que estavam reunidas em Salidar. Talvez o melhor a esperar disso fosse que as outras também se dividissem. Depois de um grande afluxo no início, o número que chegava a Salidar era muito pequeno. Talvez o fluxo à Torre também tivesse diminuído. Havia esperança.

Durante um tempo, as três mulheres vasculharam em silêncio. Então Beonin exclamou:

— Elaida, ela mandou emissárias a Rand al'Thor.

Elayne se levantou de um salto. Quase não conseguiu segurar a língua, mas viu Siuan cerrar o punho — o gesto um pouco comprometido pelo fracasso em fazer o barbante sumir depressa.

Sheriam procurou a folha, mas antes que sua mão a tocasse, o papel se dividiu em três.

— Para onde ela as mandou? — perguntou, ao mesmo tempo que Myrelle inquiria, com a calma e serenidade por um fio:

— Quando foi que saíram de Tar Valon?

— Para Cairhien — respondeu Beonin. — E não vi quando, se é que estava escrito. Mas elas com certeza vão seguir para Caemlyn assim que descobrirem onde ele está.

Mesmo assim, era bom. Talvez levassem um mês ou mais para viajar de Cairhien até Caemlyn. A missão diplomática de Salidar o alcançaria antes, sem dúvida. Elayne guardava um mapa roto debaixo de seu colchão em Salidar, e todos os dias marcava quanto achava que as enviadas já tinham percorrido em direção a Caemlyn.

A irmã Cinza ainda não tinha terminado.

— Parece que Elaida, ela está pretendendo oferecer apoio a Rand. E uma escolta à Torre.

Sheriam arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Isso é um absurdo. — O rosto cor de oliva de Myrelle assumiu uma expressão sombria. — Elaida era uma Vermelha.

A Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma, mas mesmo assim ninguém abandona completamente suas origens.

— Aquela mulher é capaz de qualquer coisa — retrucou Sheriam. — Pode ser que ele veja atrativos no apoio da Torre.

— Talvez a gente possa enviar uma mensagem para Egwene pelas mulheres Aiel? — sugeriu Myrelle, em tom de dúvida.

Siuan tossiu alto, de um jeito bastante falso, porém Elayne já estava no limite. Advertir Egwene era vital, sem dúvida — o pessoal de Elaida com certeza tentaria arrastá-la de volta para a Torre caso a descobrisse em Cairhien, e ela não teria uma

recepção muito agradável —, mas o resto...!

— Como vocês podem sequer pensar que Rand escutaria qualquer coisa vinda de Elaida? Acham que ele não sabe que ela era da Ajah Vermelha e o que isso significa? Elas não vão oferecer apoio, e vocês sabem disso. Nós precisamos avisá-lo! — Havia contradição naquilo, e ela sabia, mas estava tomada de preocupação. Morreria se alguma coisa acontecesse a Rand.

— E como é que você sugere que *nós* façamos isso, Aceita? — inquiriu Sheriam, com frieza.

Elayne temia que estivesse parecendo um peixe, com a boca escancarada daquele jeito. Não fazia ideia de que resposta dar. E foi salva por um berro ao longe, de repente, seguido por gritos indistintos vindos da antessala. Estava mais perto da porta, mas quando saiu correndo as outras vieram logo atrás.

O quarto estava vazio, exceto pela escrivanhinha da Curadora, com pilhas de papéis e montes de rolos e documentos, e uma fileira de cadeiras encostadas em uma das paredes, onde as Aes Sedai se sentavam enquanto aguardavam para falar com Elaida. Anaiya, Morvrin e Carlinya tinham sumido, mas uma das altas portas de entrada ainda estava se fechando. Os gritos frenéticos de uma mulher ecoavam pela abertura estreita. Sheriam, Myrelle e Beonin quase derrubaram Elayne no desespero de chegar à parede. Podiam ter a aparência indistinta, mas tinham corpos concretos até demais.

— Tomem cuidado — gritou Elayne, mas não havia nada a fazer além de juntar as saias e correr com Siuan.

Adentraram a cena de um pesadelo. Literalmente. A cerca de trinta passos à direita, o corredor cheio de tapeçarias de súbito se abria em uma caverna de pedras que se estendia infinitamente, iluminada em alguns trechos pelo fraco brilho avermelhado das fogueiras e dos braseiros espalhados. Havia Trollocs por toda parte, imensas silhuetas com contornos de gente, os rostos demasiadamente humanos distorcidos por focinhos, trombas e bicos bestiais, além de chifres, presas ou cristas emplumadas. Os que estavam mais longe pareciam mais indefinidos que os próximos, como se os mais distantes não estivessem completamente ali, ao passo que os mais próximos eram gigantes, duas vezes maiores que um homem, maiores até do que um Trolloc de verdade, todos envoltos em couro e malha negra com ponteiros, uivando e cabriolando por entre fogueiras, caldeirões, rodas de tortura, estranhas molduras pregueadas e outros utensílios de metal.

Era de fato um pesadelo, porém maior do que qualquer outro que Elayne já tivesse ouvido Egwene ou as Sábias mencionarem. Depois de deixarem a mente de quem as criava, essas criaturas às vezes vagavam pelo Mundo dos Sonhos e se fixavam em algum lugar. Assim que as encontravam, as Andarilhas dos Sonhos Aiel as destruíam com toda a tranquilidade, mas as Sábias — e Egwene — tinham lhe dito que o melhor a fazer era evitar qualquer criatura com quem topasse. Infelizmente, Carlinya não devia ter prestado atenção quando ela e Nynaeve passaram o conselho

adiante.

A irmã Branca estava amarrada e pendurada pelos tornozelos por uma corrente que sumia na escuridão acima. Aos olhos de Elayne, o tênue brilho de *saidar* ainda a rodeava, mas Carlinya se contorcia e gritava freneticamente enquanto era abaixada de ponta cabeça em direção a um imenso caldeirão negro cheio de óleo fervente.

Ao mesmo tempo que Elayne avançava pelo corredor, Anaiya e Morvrin pararam na fronteira do pesadelo, onde o chão da torre de repente se transformava em caverna. Assim que pararam, suas formas indistintas começaram a se espichar para dentro da borda, feito fumaça entrando em uma chaminé. Na mesma hora ambas surgiram do lado de dentro, Morvrin aos berros enquanto dois Trollocs giravam imensas rodas de ferro que a faziam se esticar cada vez mais, Anaiya pendurada pelos pulsos com Trollocs dançando à sua volta, fustigando-a com chicotes com pontas de metal que deixavam rasgos enormes em seu vestido.

— Precisamos nos unir — anunciou Sheriam, e o brilho tênue que a envolvia se fundiu com o de Myrelle e o de Beonin. Mesmo assim não chegou nem perto do brilho capaz de envolver uma única mulher no mundo desperto, uma mulher que não fosse um sonho nebuloso.

— Não! — gritou Elayne, desesperada. — Vocês não podem aceitar isso como real! Tem que tratar a situação como... — Ela agarrou o braço de Sheriam, mas o fluxo de Fogo que as três haviam urdido, tênue mesmo com o elo, tocou a fronteira entre sonho e pesadelo. A trama desapareceu, como se absorvida pelo pesadelo, e no mesmo instante as três começaram a se espichar feito brumas levadas pelo vento. Só tiveram tempo de gritar, surpresas, antes de tocar a fronteira e desaparecer. Sheriam ressurgiu lá dentro com a cabeça para fora de um objeto de metal escuro em formato de sino; ao seu redor os Trollocs giravam manivelas e impulsionavam alavancas, e os cabelos ruivos da Aes Sedai balançavam enquanto ela guinchava cada vez mais alto. Das outras duas não havia sinal, mas Elayne achou que ouvia mais berros ao longe, com gritos ininterruptos de “Não!” e mais pedidos de ajuda.

— Você lembra o que lhe dissemos sobre como desfazer pesadelos? — perguntou Elayne.

Com os olhos fixos na cena à frente, Siuan assentiu.

— Negar a realidade deles. Tentar visualizar mentalmente como as coisas seriam fora dele.

Aquele tinha sido o erro de Sheriam, e decerto o erro de todas as outras Aes Sedai. Ao tentar canalizar para combater o pesadelo, elas o tinham aceitado como verdade, e essa aceitação tragara todas para dentro do pesadelo exatamente como se elas o estivessem sonhando, deixando-as impotentes. A única saída era recordar o conselho, o que elas não davam sinal de sequer tentar fazer. Os ganidos cada vez mais altos penetravam os ouvidos de Elayne.

— O corredor — murmurou a Filha-herdeira, tentando formar na mente a imagem da última vez que o vira. — Pense em como era o corredor.

— Estou tentando, garota — rosnou Siuan. — Não está funcionando.

Elayne suspirou. Siuan tinha razão. Nenhuma linha da cena diante delas sequer estremeceu. A cabeça de Sheriam quase vibrava acima da mortalha de metal que envolvia o restante de seu corpo. Os uivos de Morvrin saíam feito arquejos contidos, e Elayne quase podia ouvir suas articulações sendo rompidas. Os cabelos de Carlinya, pendurados logo abaixo do corpo de ponta-cabeça, já quase tocavam a superfície borbulhante do óleo quente. Duas mulheres não eram o bastante. O pesadelo era grande demais.

— Precisamos das outras — anunciou.

— Leane e Nynaeve? Garota, mesmo que soubéssemos onde encontrá-las, Sheriam e as outras estariam mortas antes de... — Siuan foi baixando a voz, encarando Elayne. — Você não está falando de Leane e Nynaeve, está? Está falando de Sheriam e... — Elayne apenas assentiu, assustada demais para verbalizar. — Acho que elas não podem nos ouvir daqui, nem nos ver. Esses Trollocs nem sequer olharam na nossa direção. O que quer dizer que teremos que tentar fazer isso pelo lado de dentro. — Elayne assentiu outra vez. — Garota — a voz de Siuan estava inexpressiva —, você tem a coragem de um leão, mas o bom senso de um pássaro-peixe. — Com um suspiro pesado, ela acrescentou: — Bem, eu mesma não vejo outra maneira.

Elayne concordava com tudo, menos em relação à coragem. Se não estivesse com os joelhos travados, já teria se jogado aos soluços no chão de azulejos com as cores de todas as Ajahs. Percebeu que tinha uma espada na mão, uma lâmina comprida de aço reluzente completamente inútil ali, mesmo se soubesse como empunhá-la. Largou a arma, que desapareceu antes de tocar o chão.

— Essa demora não está ajudando em nada — resmungou. Mais algum tempo, e a pouca coragem que conseguira reunir acabaria por evaporar.

Juntas, ela e Siuan deram um passo em direção à fronteira. Elayne deixou o pé tocar aquela linha divisória, e de súbito se sentiu sendo puxada para dentro, sugada feito água por um tubo.

Primeiro estava parada de pé no corredor, encarando aqueles horrores, e, no instante seguinte, estava deitada de barriga para baixo na pedra cinza bruta, os pulsos e os tornozelos presos bem forte às costas, com os mesmos horrores à sua volta. A caverna se estendia infinitamente em todas as direções, e o corredor da torre já não parecia existir. Gritos ecoavam pelo ar, vindos das paredes de pedra e do teto cheio de estalactites. A poucos passos, um imenso caldeirão negro borbulhava sobre um fogo imenso e crepitante. Um Trolloc com focinho de javali, arrematado com presas, jogava lá dentro uns caroços que pareciam raízes impossíveis de identificar. Um painelão. Trollocs comiam qualquer coisa. Até gente. Elayne pensou nas mãos e nos pés livres, mas a corda áspera ainda comprimia sua carne. Até a sombra pálida de *saidar* desparecera, a Fonte Verdadeira já não existia para ela — não ali. Um pesadelo de verdade, e fora capturada por completo.

A voz de Siuan entrecortou os gritos em um gemido de dor.

— Sheriam, me escute! — Só a Luz sabia o que estava sendo feito a ela. Elayne não conseguia ver nenhuma das outras, só ouvir. — Isso é um sonho! *Aah... aaaaaaah!* P-pense em como as coisas são de verdade!

Elayne tomou a dianteira.

— Sheriam, Anaiya, todo mundo, me escutem! Vocês precisam pensar no corredor como ele era! Isso só é real se vocês acreditarem! — Ela fixou a imagem do corredor na mente, os azulejos coloridos em fileiras ordenadas, os lampiões de pé dourados e as tapeçarias esplêndidas. Nada mudou. Os gritos ainda ecoavam. — Vocês precisam pensar no corredor! Fixem essa imagem na cabeça, e ela vai se tornar real! Vocês podem derrotar isso, basta tentarem! — O Trolloc a encarou, trazia na mão uma faca grossa de lâmina afiada. — Sheriam, Anaiya, vocês precisam se concentrar! Myrelle, Beonin, concentrem-se no corredor! — O Trolloc a ergueu pela lateral do corpo. Elayne tentou se esquivar, mas um joelho gigantesco a prendeu no lugar sem esforço enquanto a coisa começava a dilacerar suas roupas feito um caçador esfolando a carcaça de um cervo. Desesperada, Elayne se agarrou à imagem do corredor. — Carlinya, Morvrin, pelo amor da Luz, concentrem-se! Pensem no corredor! No corredor! Todas vocês! Firmem a imagem no pensamento! — Grunhindo qualquer coisa numa língua áspera, que não fora feita para uma boca humana, o Trolloc girou Elayne de cabeça para baixo outra vez e ajoelhou-se por cima dela, os joelhos grossos esmagando seus braços contra as costas. — O corredor! — gritou a jovem. A coisa entrelaçou os dedos pesados em seus cabelos e puxou sua cabeça com força. — O corredor! Pensem no corredor! — A lâmina do Trolloc tocou seu pescoço retesado por trás da orelha esquerda. — O corredor! O corredor! — A lâmina começou a deslizar.

De repente, Elayne se viu encarando os azulejos coloridos do chão sob seu nariz. Levando as mãos à garganta, maravilhada por tê-las livres, sentiu algo molhado e examinou os próprios dedos. Sangue, mas só um fiozinho. Um arrepio percorreu seu corpo. Se aquele Trolloc tivesse conseguido cortar sua garganta... Cura nenhuma teria adiantado. Com outro arrepio, a jovem se levantou devagar. Estava na Torre, no corredor que levava ao gabinete da Amyrlin, sem sinal de Trollocs ou de cavernas.

Siuan estava ali, parecia uma massa de hematomas usando um vestido todo rasgado, e as demais Aes Sedai não passavam de figuras indistintas prestes a se desmanchar. Carlinya era quem parecia em melhor estado, toda trêmula e de olhos arregalados. Ela tocou os cabelos escuros chamuscados que agora mediam apenas um palmo de comprimento. Sheriam e Anaiya estavam ensanguentadas, as roupas reduzidas a trapos. Myrelle estava encolhida, o rosto pálido, toda nua e repleta de hematomas e arranhões vermelhos. Morvrin gemia a cada vez que se mexia, o que fazia de maneira pouco natural, como se as juntas já não funcionassem da forma correta. O vestido de Beonin parecia ter sido rasgado por garras, e ela arquejava, ajoelhada, os olhos arregalados como nunca, apoiada à parede para não cair.

De súbito Elayne percebeu que seu próprio vestido e sua roupa de baixo estavam pendurados dos ombros, abertos com um corte limpo que expunha a frente de seu corpo — como se um caçador tivesse cortado a carcaça de um cervo. Ela tremeu tanto que quase caiu. Para remendar as roupas bastou um pensamento, mas ela não sabia ao certo quanto tempo levaria para remendar a memória.

— Temos que voltar — anunciou Morvrin, ajoelhando-se desajeitadamente entre Sheriam e Anaiya. Apesar da rigidez e dos gemidos, soava impassível como nunca. — Precisamos de algumas Curas, e do jeito que estamos ninguém aqui vai ser capaz de fazê-las.

— Isso. — Carlinya tocou outra vez os cabelos curtos. — É, talvez seja melhor voltarmos a Salidar. — Sua voz sem dúvida soava como uma versão instável da frieza costumeira.

— Vou ficar um pouco, se ninguém se opuser — retrucou Siuan. Ou pelo menos sugeriu, naquele tom inadequadamente humilde. O vestido estava inteiro outra vez, mas os hematomas persistiam. — Talvez eu descubra mais alguma coisa útil. Só tenho umas manchas roxas, já me machuquei mais do que isso caindo num barco.

— Parece mais que alguém fez um barco cair em você — retrucou Morvrin —, mas você é que sabe.

— Eu também vou ficar — anunciou Elayne. — Posso ajudar Siuan e não estou nem um pouco ferida. — Sentia o corte na garganta toda vez que engolia.

— Não preciso de ajuda — retrucou Siuan, ao mesmo tempo que Morvrin completou, em um tom de voz ainda mais firme:

— Você manteve o controle muito bem hoje, criança. Não estrague tudo agora. Você vem com a gente.

Elayne assentiu com a cabeça, emburrada. Discutir só a poria em maus lençóis. Quem visse a cena até poderia imaginar que a irmã Marrom era a professora, e Elayne, a pupila. E decerto pensaria que ela tinha adentrado o pesadelo sem querer, assim como as outras.

— Lembrem-se de que vocês podem sair direto do sonho para o próprio corpo. Não precisam voltar a Salidar primeiro. — Não havia como dizer se elas tinham ouvido. Morvrin dera as costas assim que Elayne fizera que sim com a cabeça.

— Calma, Sheriam — disse a Marrom corpulenta, em um tom tranquilizador. — Já, já estaremos de volta a Salidar. Calma, Anaiya. — Pelo menos Sheriam parara de chorar, embora ainda gemesse de dor. — Carlinya, pode ajudar Myrelle? Está pronta, Beonin? Beonin?

A Cinza ergueu a cabeça e encarou Morvrin por um instante antes de assentir.

As seis Aes Sedai desapareceram.

Com uma última olhada para Siuan, Elayne só se demorou um instante a mais, porém não seguiu para Salidar. Decerto alguém viria Curar o corte em seu pescoço quando reparasse nele, mas por alguns instantes todas estariam preocupadas com as seis Aes Sedai acordando com a aparência de quem fora empurrado para dentro de

uma engrenagem monstruosa. Elayne tinha esses poucos minutos — e tinha outro destino em mente.

Não foi fácil fazer aparecer a sua volta o Grande Salão do palácio de sua mãe, em Caemlyn. Elayne sentiu certa resistência antes de parar em um piso de azulejos vermelhos e brancos sob o imenso teto abobadado, entre fileiras de robustas colunas brancas. Assim como nos outros lugares, a luz parecia vir de todos os cantos e de lugar nenhum. As imensas janelas acima, que exibiam alternadamente o Leão Branco de Andor, as primeiras rainhas do reino e cenas de grandes vitórias andorianas, confundiam-se com a noite lá fora.

Na mesma hora Elayne viu a diferença que dificultara sua chegada: no estrado, no fim do corredor, onde deveria estar o Trono do Leão, havia em lugar uma monstruosidade toda elaborada de Dragões em ouro reluzente, esmaltados de vermelho e dourado, com pedras-do-sol no lugar dos olhos. O trono de sua mãe não fora removido do aposento: jazia sobre uma espécie de pedestal, atrás e acima daquela monstruosidade.

Elayne avançou devagar pelo corredor, subindo as escadas de mármore branco para olhar o trono dourado das Rainhas de Andor. O Leão Branco de Andor, feito de pedras-da-lua dispostas sobre um fundo de rubis, ficava acima do ponto onde repousaria a cabeça de sua mãe.

— O que você está fazendo, Rand al'Thor? — sussurrou, irritada. — O que você pensa que está fazendo?

Sentiu um pavor imenso ao pensar que ele estivesse estragando as coisas, sem ela ali para conduzi-lo por entre as armadilhas e os imprevistos. Era bem verdade que Rand lidara bastante bem com os tairenos e, ao que parecia, com os cairhienos, mas o povo dela era diferente. Eram francos e honestos e não gostavam de ser manipulados nem intimidados. O que dera certo em Tear e Cairhien, ali podia explodir bem na cara dele, feito a exibição de fogos de artifício de um Iluminador.

Se ao menos pudesse estar com ele. Se ao menos pudesse adverti-lo sobre a missão diplomática da Torre. Elaída com certeza escondia algum truque na manga, do qual lançaria mão quando ele menos esperasse. Será que Rand seria sensato o suficiente para ver isso? Aliás, Elayne não fazia ideia de quais eram as ordens da missão diplomática de Salidar. Apesar dos esforços de Siuan, a maioria das Aes Sedai em Salidar ainda parecia ter opiniões conflitantes a respeito de Rand al'Thor. Ele era o Dragão Renascido, o salvador profetizado da humanidade, mas, por outro lado, era um homem capaz de canalizar, condenado à loucura, à morte e à destruição.

Cuide dele, Min, pensou. Encontre-o logo e cuide dele.

Uma pontada de ciúme a invadiu ao pensar que Min estaria lá justamente para fazer o que ela queria. Talvez tivesse que dividi-lo, mas *teria* uma parte dele só para si. Elayne criaria um *elo*, fazendo dele seu Guardião, custasse o que custasse.

— Vai acontecer. — Ela estendeu a mão em direção ao Trono do Leão, querendo

jurar como todas as rainhas de Andor juraram, desde que Andor existia. O pedestal era alto demais para que ela tocasse o trono, mas o que contava era a intenção. — *Vai acontecer.*

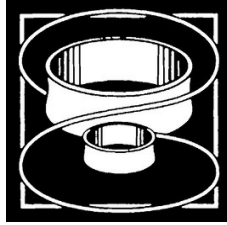
O tempo estava se esgotando. Uma Aes Sedai logo chegaria, lá em Salidar, para acordá-la e Curar o minúsculo corte em seu pescoço. Com um suspiro, Elayne saiu do sonho.

* * *

Demandred saiu de trás das colunas do Grande Salão e olhou dos dois tronos para o ponto onde a garota desaparecera. Elayne Trakand, a menos que estivesse redondamente enganado, e usando um *ter'angreal* menor, dado seu aspecto indistinto, um desses feitos para estudantes em início de treinamento. Daria tudo para saber o que se passava na cabeça daquela jovem, mas suas palavras e expressão tinham sido bastante claras. Ela não gostava do que al'Thor estava fazendo ali, nem um pouco, e pretendia tomar uma atitude a respeito. Suspeitava de que fosse uma jovem determinada. De todo modo, era mais um fio puxado na trama, por mais fraco que tivesse sido o puxão.

— Deixe o Senhor do Caos reinar — disse para os tronos, embora ainda desejasse saber por que tinha que ser assim, e abriu um portão para sair de *Tel'aran'rhiod*.





ARMA-SE UMA TEMPESTADE

Na manhã seguinte, Nynaeve acordou de mau humor ao raiar do dia. Tinha a sensação de que vinha mau tempo pela frente, mas uma olhadela pela janela não revelou uma nuvem sequer no céu ainda meio escuro. O dia já prometia ser outro forno. A roupa de baixo estava empapada de suor e toda amarrotada, de tanto que ela se remexera. Já fora capaz de confiar em sua capacidade de escutar o vento, mas, desde que saíra de Dois Rios, parecia não funcionar do mesmo jeito — isso quando não a deixava na mão.

Ter que aguardar a vez de usar o lavatório também não ajudou, e muito menos escutar o relato de Elayne sobre o que tinha acontecido depois que ela deixou o gabinete de Elaida. Sua própria noite fora uma busca em vão pelas ruas de Tar Valon, onde além dela mesma só se viam pombos, ratos e pilhas de lixo. Aquilo fora um choque: Tar Valon estava sempre impecável. Elaida devia estar negligenciando demais a cidade, para que aparecesse lixo em *Tel'aran'rhiod*. Em dado momento, avistou Leane de relance pela janela de uma taverna perto da Baía do Sul, por mais incrível que fosse vê-la num lugar daqueles, mas quando correu para dentro do salão só encontrou mesas e bancos recém-pintados de azul. Devia ter desistido, mas Myrelle andava atormentando seu juízo nos últimos tempos, e queria ter a consciência tranquila quando contasse à mulher que de fato tentara. Myrelle podia detectar uma evasiva mais rápido do que qualquer pessoa que ela já conheceria ou de quem ouvira falar. Para completar, tinha saído de *Tel'aran'rhiod* na noite anterior e encontrado o anel de Elayne já de volta na mesa, com a jovem caída no sono. Se existisse um prêmio para esforço inútil, teria ganhado sem nem tentar. E saber que Sheriam e as outras quase tinham morrido... Até o canto do pardal, em sua gaiolinha de palha, ganhou uma olhada de desprezo.

— Elas acham que sabem de tudo — resmungou Nynaeve, em tom de desprezo.

— Contei a elas sobre os pesadelos. Eu avisei, e ontem não foi a primeira vez. — Não fazia diferença que todas as seis irmãs tivessem sido Curadas antes mesmo que ela tivesse voltado de *Tel'aran'rhiod*. Tudo poderia ter terminado de maneira muito pior... e só porque elas achavam que já sabiam tudo. Os puxões irritados que ela deu na trança atrasaram a refeitura do penteado para o dia. O bracelete do *a'dam* também às vezes agarrava no cabelo, mas ela não pretendia tirá-lo. Era dia de Elayne usá-lo, o que daria no mesmo que deixá-lo pendurado em um prego na parede. Sentiu preocupação passar pelo bracelete, junto com aquele medo inevitável, porém, mais do que qualquer coisa, frustração. “Marigan” sem dúvida já estava ajudando a preparar o café da manhã, e ter que fazer as tarefas parecia irritá-la mais do que ser prisioneira. — Foi muito bem pensado da sua parte, Elayne. Mas você não disse como foi que acabou no meio da coisa depois de tentar avisar todo mundo.

Ainda esfregando o rosto com a toalha, Elayne estremeceu.

— Não foi tão difícil chegar nessa solução. Um pesadelo daquele tamanho requeria o trabalho de todas. Talvez elas tenham aprendido um pouco de humildade. Talvez a reunião com as Sábias, hoje, não seja tão ruim.

Nynaeve assentiu, pensando consigo mesma. Então fora o que ela imaginara. Não em relação a Sheriam e às outras — as Aes Sedai só aprenderiam a ter humildade no dia em que as cabras comessem a voar, e as Sábias ainda levariam um dia mais. Era em relação a Elayne: estava claro que a garota entrara no pesadelo por escolha própria, embora jamais fosse admitir. Nynaeve não sabia ao certo se a menina considerava ostentação levar crédito pela bravura ou se simplesmente não percebia quanto era corajosa. De todo modo, Nynaeve estava dividida entre admiração pela coragem da amiga e o desejo de que, ao menos uma vez na vida, Elayne reconhecesse seus feitos.

— Achei que tinha visto Rand.

Aquilo fez Elayne baixar a toalhinha.

— Ele estava lá em carne e osso? — Aquilo era perigoso demais, segundo as Sábias. Havia o risco de perder parte de sua humanidade. — Mas você o avisou.

— E desde quando ele escuta a voz da razão? Só o vi de relance. Talvez ele só tenha tocado *Tel'aran'rhiod* em sonho. — Era improvável. Ao que parecia, Rand criava blindagens tão fortes nos próprios sonhos que ela achava que ele não teria como adentrar aquele mundo de outra forma senão em carne e osso, nem que fosse um Andarilho dos Sonhos e portasse um dos anéis. — Talvez fosse alguém um pouco parecido com ele. Como eu disse, foi uma visão muito rápida, na praça em frente à Torre.

— Eu devia estar lá com ele — murmurou Elayne. Esvaziando a bacia na jarra para a noite, ela abriu espaço para Nynaeve usar o lavatório. — Ele *precisa* de mim.

— Ele precisa é do que sempre precisou. — Nynaeve parecia irritada enquanto enchia a bacia com água da jarra. Realmente odiava se lavar com água que tinha ficado ali parada a noite toda. Pelo menos não estava fria, já que, naqueles tempos,

não havia mais o que se pudesse chamar de água fria. — Alguém para dar um safanão em sua orelha uma vez por semana, só por precaução, e também para mantê-lo na linha.

— Não é justo. — As palavras saíram abafadas pela roupa de baixo limpa que Elayne enfiava pela cabeça. — Eu me preocupo com ele o tempo todo. — A cabeça emergiu pela gola exibindo um semblante mais preocupado que indignado, a despeito do tom, e ela puxou um vestido branco com listras de um dos pregos da parede. — Eu me preocupo com ele até em *sonhos*! Você acha que ele passa o tempo inteiro preocupado *comigo*? Duvido muito.

Nynaeve assentiu, embora parte dela considerasse que não era exatamente a mesma coisa. Rand havia sido informado de que Elayne estava em segurança com as Aes Sedai, por mais que não soubesse onde. Como é que ele algum dia poderia estar em segurança? Nynaeve se debruçou no lavatório, e o anel de Lan escapou pela gola da roupa de baixo e ficou balançando no cordão de couro. Não, Elayne tinha razão. Fosse lá o que Lan estivesse fazendo, fosse lá onde ele estivesse, Nynaeve duvidava de que ele pensasse nela metade das vezes que ela pensava nele. *Luz, que ele esteja vivo, mesmo que não pense nem um pouco em mim.* Aquela possibilidade a encheu de raiva, raiva o bastante para dar um puxão na trança, se não estivesse com as mãos cheias de sabão e segurando a toalha de rosto.

— Você não pode passar o tempo todo preocupada com um homem — declarou, com amargor —, mesmo se quiser ser uma Verde. O que foi que elas encontraram, ontem à noite?

Foi uma longa história, embora com pouco conteúdo, e, depois de um tempo, Nynaeve sentou-se na cama de Elayne para escutar e fazer perguntas. Não que as respostas revelassem muito. Não era a mesma coisa que ela própria olhar os documentos. Era importante descobrir que Elaida finalmente ficara sabendo da anistia de Rand, mas o que a mulher pretendia fazer a respeito? A prova de que a Torre estava travando contato com governantes até poderia ser boa notícia, já que talvez fizesse o Salão começar a se mexer. Alguma coisa tinha que tirar a Aes Sedai daquele marasmo. Era mesmo preocupante que Elaida estivesse enviando uma missão diplomática a Rand, mas ele não seria idiota a ponto de dar ouvidos a qualquer um que viesse a mando de Elaida. Ou seria? Simplesmente não havia informação suficiente no que Elayne entreouvira. E o que Rand estava pensando quando colocou o Trono do Leão em um pedestal? O que ele estava fazendo com um trono, para começo de conversa? Ele até podia ser o Dragão Renascido e o tal *car-sei-lá-o-que-das-quantas* dos Aiel, mas Nynaeve não conseguia esquecer que cuidara dele quando criança e lhe dera umas boas palmadas quando preciso.

Elayne continuou se vestindo, mas estava arrumada antes de a história acabar.

— Eu conto o resto mais tarde — disse a jovem, muito apressada, e disparou porta afora.

Nynaeve grunhiu e voltou a se vestir, sem pressa. Naquele dia, Elayne daria sua

primeira aula às noviças, coisa que Nynaeve ainda não tivera permissão para fazer. Mas, ainda que não tivesse ganhado a confiança para ensinar às noviças, havia Moghedien. Que dentro em breve estaria concluindo as tarefas do café da manhã.

Quando encontrou a mulher, enfiada até os cotovelos em água com sabão, o colar de prata do *a'dam* parecia bastante deslocado ali. Moghedien não estava sozinha: cerca de dez mulheres esfregavam roupas sobre tábuas em um pátio com cerca de madeira, entre caldeirões borbulhantes de água fervente. Outras penduravam as roupas já limpas em compridos varais erguidos entre estacas, mas, nas tábuas de lavar, pilhas de roupa de cama, roupas de baixo e de todo tipo de tecido aguardavam a vez. O olhar que Moghedien lhe dirigiu teria sido capaz de fritar o couro de Nynaeve. Ódio, vergonha e ira atravessaram o *a'dam*, quase suficientes para sobrepujar o medo, sempre presente.

A mulher no comando, Nildra, grisalha e magra feito um varapau, veio toda alvoroçada, segurando sua comprida colher de pau feito um cetro, as saias de lã escura amarradas aos joelhos para não tocarem o chão enlameado por conta da água espalhada.

— Bom dia, Aceita. Veio atrás de Marigan, suponho? — Seu tom era seco, um misto de respeito com a certeza de que, no dia seguinte, poderia ver qualquer Aceita trabalhando com as lavadeiras por um dia ou um mês. E sendo tão atormentadas quanto as outras, se não mais. — Bom, eu ainda não posso liberá-la. Já tem pouquíssima gente aqui. Uma das minhas garotas está se casando hoje, outra fugiu, e duas vão pegar leve no trabalho porque estão grávidas. Myrelle Sedai disse que eu podia ficar com ela. Talvez eu consiga liberá-la daqui a umas horas. Vou ver.

Moghedien se endireitou, abrindo a boca, mas Nynaeve a silenciou com um olhar firme e um toque conspícuo no bracelete em seu pulso, e a Abandonada retornou ao trabalho. Bastariam algumas palavras impróprias de Moghedien, uma reclamação do tipo que jamais seria proferida pela camponesa que ela aparentava ser, para levá-la ao estancamento e ao carrasco — e Nynaeve e Elayne não teriam fim muito melhor. Nynaeve não pôde evitar engolir em seco, aliviada, quando Moghedien inclinou-se de volta para a tábua, a boca se contorcendo enquanto resmungava entre dentes. Vergonha imensa e fúria desmedida percorreram o *a'dam*.

Nynaeve conseguiu abrir um sorriso para Nildra e murmurar qualquer coisa indistinta, depois seguiu a passos firmes até uma das cozinhas comunitárias para tomar o café da manhã. Ficou imaginando se a Verde criara alguma birra com ela, por qualquer motivo que fosse. E se iria amargar uma dor de estômago permanente por estar prendendo Moghedien. Comia menta-de-ganso quase feito bala, desde que pusera o *a'dam* na mulher.

Foi bem fácil arranjar uma caneca de barro cheia de chá com mel e um pãozinho saído do forno, mas teve que ir comendo enquanto andava. Seu rosto pingava de suor. Mesmo àquela hora da manhã, o calor já estava forte, e o ar, seco. O sol nascente era um domo de ouro fundido acima da floresta.

As ruas de terra batida estavam movimentadas, como de costume quando havia luz do dia. Aes Sedai deslizavam, serenas, ignorando a poeira e o calor, os rostos misteriosos compenetrados em tarefas misteriosas, em geral seguidas de seus Guardiões — lobos de olhos frios fingindo, em vão, que haviam sido domados. Havia soldados por toda parte, em geral marchando ou cavalgando em grupamentos, mas Nynaeve não entendia por que tinham permissão de deixar as ruas lotadas daquele jeito, se seus acampamentos eram na mata. As crianças saracoteavam, às vezes imitando os soldados, mas portando gravetos em lugar das espadas e ponteiras. Noviças com vestidos brancos, ocupadas com suas tarefas, abriam caminho a passo rápido pela multidão. Os serviçais se deslocavam um pouco mais devagar, mulheres com braços abarrotados de lençóis para as camas das Aes Sedai ou cestas de pão das cozinhas, homens guiando carros de boi cheios de lenha empilhada, puxando baús ou levando nos ombros carcaças inteiras de ovelhas para as cozinhas. Salidar não fora concebida para comportar tanta gente, e a aldeia estava quase explodindo.

Nynaeve continuou andando. Uma Aceita supostamente deveria ter a maior parte do dia para si, para estudar sobre o que escolhesse, sozinha ou com uma Aes Sedai, a não ser que desse aulas para as noviças. Ainda assim, se a Aceita aparentasse não estar fazendo nada, poderia ser chamada por qualquer Aes Sedai. E ela não pretendia passar o dia ajudando uma irmã Marrom a catalogar livros ou passando anotações a limpo para uma Cinza. *Odiava* passar a limpo, com todas aquelas estaladas de língua quando manchava o papel e bufadas por não ter a caligrafia limpa como a de um copista. Então ela seguiu por entre o povo e a poeira, atenta para caso visse Siuan e Leane. Estava com raiva suficiente para canalizar sem usar Moghedien.

Cada vez que reparava no pesado anel de ouro aninhado entre os seios, pensava: *ele tem que estar vivo. Mesmo que tenha me esquecido, Luz, que ele esteja vivo.* E esse último pensamento, naturalmente, a deixava ainda mais irritada. Se a ideia de esquecê-la sequer passasse pela cabeça de al'Lan Mandragoran, ela o poria na linha. Ele tinha que estar vivo. Os Guardiões quase sempre morriam vingando suas Aes Sedai, e era tão certo quanto o nascer sol que nenhum Guardião se permitiria desviar do caminho dessa vingança, mas não havia como Lan vingar Moiraine. Era como se a Azul tivesse caído de um cavalo e quebrado o pescoço. Ela e Lanfear tinham matado uma à outra. Ele *tinha* que estar vivo. E por que ela deveria se sentir culpada pela morte de Moiraine? Era verdade que aquilo deixara Lan livre, mas ela não tivera nada a ver com o fato. Ainda assim, a primeira coisa que sentira ao saber que Moiraine estava morta, por mais efêmero que tivesse sido, fora alegria por Lan estar livre, e não pesar por Moiraine. Dessa vergonha ela não tinha como se livrar, o que a deixava com mais raiva do que nunca.

De súbito, viu Myrelle caminhando a passos firmes em sua direção, acompanhada de um homem louro a cavalo: Croi Makin, um de seus três Guardiões, bem jovem e bem magro, mas forte como uma rocha. Com uma expressão determinada, a Aes Sedai decerto não demonstrava os efeitos da noite anterior. Nada indicava que

Myrelle estivesse procurando por ela, porém Nynaeve logo se enfiou em um grande edifício de pedras, que outrora fora uma das três estalagens de Salidar.

O amplo salão havia sido limpo e mobiliado como uma recepção. As paredes caiadas e o teto alto tinham sido remendados, havia umas poucas tapeçarias vistosas penduradas e alguns tapetes coloridos jaziam espalhados no chão, que já não parecia lascado, mas continuava a resistir a todos os esforços dos serviçais para deixá-lo com aspecto lustroso. O interior protegido do sol estava fresco, se comparado à rua. Pelo menos um pouco mais fresco. E estava ocupado.

Logain permanecia, insolente, diante de uma das grandes lareiras apagadas, a cauda do casaco vermelho com bordados em ouro enfiada nas costas, parado sob o olhar atento de Lelaine Akashi, com seu xale de franjas azuis indicando a formalidade da ocasião. Uma mulher esbelta, com um ar de dignidade que às vezes se abrandava em um sorriso afetuoso, uma das três Votantes da Ajah Azul no Salão da Torre de Salidar. Naquele dia, o mais evidente era seu olhar penetrante, observando a audiência de Logain.

Eram dois homens e uma mulher resplandecente, vestidos com sedas bordadas e joias de ouro, todos os três grisalhos, embora um dos homens estivesse quase careca — o que ele compensava com a barba quadrada e um longo bigode. Eram poderosos nobres altaranos, que haviam chegado na véspera com uma escolta de peso e pareciam tão desconfiados uns dos outros quanto das Aes Sedai que reuniam um exército dentro de Altara. Os altaranos deviam lealdade a um lorde, uma lady ou cidade — pouca ou nenhuma lealdade restava à nação que chamavam de Altara. Poucos nobres pagavam impostos ou davam atenção ao que dizia a rainha em Ebou Dar, mas voltavam sua atenção a um exército comum. Só a Luz sabia que efeitos os boatos sobre os Devotos do Dragão exerciam no povo dali. Naquele momento, contudo, os nobres tinham se esquecido de trocar olhares altivos e de encarar Lelaine em desafio. Todos tinham os olhos fixos em Logain, como se ele fosse uma serpente imensa e de cores fortes.

Completando o ciclo, Burin Shaeren, de pele acobreada, cujo rosto parecia entalhado de um toco de madeira, observava tanto Logain quanto os visitantes — era um homem preparado para se mover súbita e violentamente em um piscar de olhos. O Guardião de Lelaine estava ali em parte para vigiar Logain — afinal de contas, o sujeito supostamente estava em Salidar de livre e espontânea vontade —, mas sobretudo para proteger o homem dos visitantes e de uma facada no peito.

De sua parte, Logain parecia florescer sob aqueles olhares. Era um homem alto, de cabelos cacheados que tocavam os ombros largos, pele escura e bem bonito, mesmo com feições rígidas, e tinha a soberba e a confiança de uma águia. Mas era uma promessa de vingança que alimentava o brilho em seus olhos. Ainda que ele não pudesse dar o troco em todos os que lhe fizeram mal, poderia pelo menos se esforçar para punir alguns.

— Seis irmãs Vermelhas me encontraram em Cosamelle, cerca de um ano antes

de eu me proclamar — ia dizendo ele, quando Nynaeve entrou. — Javindhra, esse era o nome da líder, embora uma chamada Barasine também falasse bastante. E ouvi mencionarem Elaida, como se a mulher soubesse o que elas estavam tramando. Elas me encontraram enquanto eu dormia, e, quando me blindaram, achei que seria o meu fim.

— Aes Sedai — interrompeu a mulher que escutava, bruscamente. Era troncuda e de olhar rígido, com uma fina cicatriz na bochecha, que Nynaeve considerou incongruentes com uma mulher. As altaranas de fato tinham reputação de ferozes, embora muito provavelmente fosse exagero. — Aes Sedai, como pode o que ele alega ser verdade?

— Não sei como, Lady Sarena — respondeu Lelaine, muito calma —, mas recebi a confirmação de uma pessoa incapaz de mentir. Ele está dizendo a verdade.

O rosto de Sarena não se alterou, mas ela cerrou os punhos às costas. Um de seus companheiros, o homem alto de rosto encovado, com mais fios grisalhos que pretos no cabelo, tinha os polegares cravados no cinturão. Ele tentava parecer relaxado, mas a força com que cerrava os punhos embranquecia as juntas.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu Logain, dando um sorrisinho —, elas me encontraram e me deixaram optar entre morrer ali mesmo ou aceitar sua oferta. Uma escolha estranha, nada do que eu esperava, mas eu não tinha muito tempo para pensar. Elas não disseram que já tinham feito isso, mas tive a sensação de que já eram experientes na coisa. Não davam motivos, mas, olhando para trás, me parece bem claro. Capturar um homem capaz de canalizar trazia pouca glória, mas abater um falso Dragão, por outro lado...

Nynaeve franziu o cenho. Ele falava em um tom tão displicente, como se conversasse sobre a caça do dia, mas tratava da própria ruína, e cada palavra era mais um prego cravado no caixão de Elaida. Talvez no caixão de toda a Ajah Vermelha. Se as Vermelhas tinham pressionado Logain a se proclamar o Dragão Renascido, poderiam ter feito o mesmo com Gorin Rogad ou Mazrim Taim? Talvez com *todos* os falsos Dragões da história? Ela quase podia ver as engrenagens girando feito moinhos nas mentes dos altaranos — a princípio lentas, depois girando cada vez mais rápido.

— Durante um ano inteiro, elas me ajudaram a evitar outras Aes Sedai — continuou Logain —, enviando mensagens quando avistavam alguma, embora naquela época não houvesse muitas. Depois que eu me proclamei e comecei a reunir seguidores, elas mandavam notícias sobre onde estavam os exércitos do rei e quantos eram em número. Como é que vocês acham que eu sempre soube onde e quando atacar?

Os ouvintes remexiam os pés, tanto pelas palavras quanto pelo sorriso feroz daquele homem.

Logain odiava as Aes Sedai. Nynaeve tinha certeza disso pelas poucas vezes em que conseguira se obrigar a estudá-lo. Não que tivesse continuado a pesquisa depois

da partida de Min ou descoberto qualquer coisa durante as sessões anteriores. Chegara a pensar que observá-lo seria como olhar para o problema de outro ângulo — a diferença entre os homens nunca ficava tão clara quanto ao usarem o Poder —, mas observá-lo era pior do que olhar uma caverna escura. Não havia nada ali, nem a caverna. Em geral, estar perto de Logain era perturbador. O homem perscrutava cada movimento seu com intensidade fervorosa, fazendo-a estremecer mesmo ciente de que poderia envolvê-lo com o Poder, caso ele erguesse um dedinho que fosse para lhe fazer mal. Não era o tipo de fervor que os olhos dos homens costumavam direcionar às mulheres, era um desprezo puro. E o mais aterrorizante era que ele jamais deixava o sentimento transparecer em suas feições. As Aes Sedai o haviam apartado para sempre do Poder Único. Nynaeve só podia imaginar o que ela própria sentiria se alguém lhe fizesse isso. Ele, no entanto, não podia se vingar de todas as Aes Sedai. O que podia era destruir a Ajah Vermelha — e a missão até agora parecia promissora.

Era a primeira vez que vinham três ao mesmo tempo, mas toda semana, mais ou menos, chegava um lorde ou uma lady para ouvir a história dele, vindos de Altara ou às vezes até de Murandy, e todos saíam completamente arrebatados pelo que Logain lhes contava. Não era de se admirar: a única notícia mais chocante seria se as Aes Sedai admitissem que a Ajah Negra de fato existia. Bem, elas não fariam uma coisa dessas, não em público, e era pela mesma razão que faziam o possível para manter em segredo as notícias relacionadas a Logain. Podia ter sido obra da Ajah Vermelha, mas ainda assim eram Aes Sedai, e muita gente não sabia distinguir uma Ajah da outra. No geral, apenas poucas pessoas eram trazidas para ouvir Logain, ainda que cada uma fosse escolhida pelo poder da Casa que liderava. Casas que agora cederiam seu apoio às Aes Sedai em Salidar, ainda que nem sempre abertamente. Ou que pelo menos se recusariam a apoiar Elaida.

— Javindhra me avisou da chegada de mais Aes Sedai — continuou Logain —, as que estavam atrás de mim, e informou onde estariam, para que eu pudesse atacá-las sem aviso prévio. — As feições serenas e etéreas de Lelaine se endureceram por um instante, e a mão de Burin foi sozinha para o punho da espada. Irmãs haviam morrido tentando capturar Logain. O homem pareceu não notar a reação. — A Ajah Vermelha nunca me deu informações falsas, até que me traíram.

O homem barbado encarava Logain com tanta intensidade que era evidente que estava se forçando a fazê-lo.

— Aes Sedai, e os seguidores dele? Talvez ele estivesse seguro na Torre, mas foi capturado muitas léguas mais perto de onde estamos.

— Não foram todos mortos ou capturados — observou o lorde de rosto encovado, logo atrás do primeiro. — A maioria fugiu, evaporou. Eu conheço bem a história de meu povo, Aes Sedai. Os seguidores de Raolin Algoz-das-trevas ousaram atacar a própria Torre Branca depois da captura dele, e os de Guaire Amalasan também. Nós nos lembramos muito bem do exército de Logain marchando por nossas terras para

querer que isso se repita numa tentativa de resgate.

— Você não precisa temer isso. — Lelaine olhou para Logain com um sorriso breve, como uma mulher olharia um cão domesticado e preso a uma coleira. — Ele já não deseja glória, quer apenas reparar um pouco do mal que causou. Além do mais, duvido de que muitos de seus antigos seguidores viriam ao seu chamado, não depois de ele ser levado enjaulado para Tar Valon, onde foi amansado. — Sua risada baixinha ecoou na voz dos altaranos, mas só depois de um instante, e era um eco bem fraco. O rosto de Logain era uma máscara de ferro.

De repente, Lelaine notou Nynaeve logo à frente do batente da porta e ergueu as sobrancelhas. A mulher já havia trocado palavras amistosas com Nynaeve mais de uma vez e elogiara as supostas descobertas dela e de Elayne, mas seria tão rápida quanto qualquer outra Aes Sedai em repreender uma Aceita que cometesse um deslize.

Nynaeve curvou-se em uma mesura, fazendo um gesto com a caneca de barro já sem chá.

— Peço perdão, Lelaine Sedai. Preciso levar isso de volta à cozinha. — Ela disparou pela rua escaldante antes que a Aes Sedai pudesse dizer uma palavra.

Por sorte, Myrelle já não estava à vista. Nynaeve não estava com disposição para mais um sermão sobre como demonstrar responsabilidade, manter a calma ou qualquer coisa idiota. Por uma sorte ainda maior, viu Siuan parada a menos de trinta passos de distância, encarando Gareth Bryne no meio da rua, os dois no meio da multidão de transeuntes que iam e vinham. Tal qual Myrelle, Siuan não dava sinais do ataque relatado por Elayne — na opinião de Nynaeve, elas respeitariam mais *Tel'aran'rhiol* se não pudessem simplesmente fugir de lá e ter seus deslizes Curados na mesma hora em que chegavam ao mundo desperto. Nynaeve se aproximou.

— Qual é o seu problema, mulher? — rosnou Bryne para Siuan. Sua cabeça grisalha a olhava de cima, assomando-se sobre aquele rosto de aspecto jovem. Com os pés calçados em botas bem plantados no chão e as mãos nos quadris, Bryne parecia robusto como um rochedo. O suor que escorria por seu rosto poderia ser de outra pessoa, de tão pouca atenção que ele dispensava às gotas. — Eu a elogio pela maciez das minhas camisas, e você retruca com essa rudeza. E eu disse que você parecia bem-disposta, o que não é um golpe comum para começar batalhas, até onde eu sabia. Foi um elogio, mulher, mesmo que não tenha vindo acompanhado de rosas.

— Elogio? — rosnou Siuan em resposta, os olhos azuis cravados nele. — Eu não quero seus elogios! Você fica todo alegre por eu ter que passar suas camisas. Você é um homem muito mais baixo do que eu imaginava, Gareth Bryne. Espera mesmo que eu corra atrás de você feito uma criadinha quando o exército marchar, mendigando mais *elogios*? E você *não* vai se dirigir a mim dessa forma, como *mulher*! Eu tenho nome!

Uma veia saltou na têmpora de Bryne.

— Fico feliz em saber que você mantém a palavra, *Siuan*. E, se o exército de fato

marchar, espero que continue mantendo. Nunca pedi que você fizesse esse juramento, ele foi escolha sua, para tentar se eximir da responsabilidade pelo que fez. Você nunca achou que seria obrigada a cumpri-lo, não é? Falando na marcha do exército, o que foi que você ouviu enquanto rastejava diante das Aes Sedai e beijava os pés delas?

Em um piscar de olhos, Siuan passou da ira fervilhante à calma gélida.

— Isso não faz parte do meu juramento. — Ela parecia uma jovem Aes Sedai, parada ali, toda empertigada, com aquela rebeldia fria e arrogante. Parecia alguém que ainda não usara o Poder por tempo suficiente para adquirir aquele ar etéreo. — Não vou servir de espiã para você. Você serve ao Salão da Torre, Gareth Bryne, por juramento *seu*. Seu exército vai marchar quando o Salão decidir. Fique atento às palavras deles e obedeça.

A mudança em Bryne foi imediata.

— Você seria uma inimiga com quem valeria a pena cruzar espadas — comentou, dando uma risadinha de admiração. — Seria melhor ainda... — Com a mesma rapidez, o sorriso deu lugar a uma careta. — O Salão, é? Ora! Diga a Sheriam que ela pode muito bem parar de me evitar. O que pode ser feito aqui já foi feito. Diga a ela que um cão de caça preso em uma jaula pode virar porco com a chegada dos lobos. Não reuni esses homens para serem vendidos no mercado. — Com um curto aceno de cabeça, ele saiu pisando firme pela multidão.

Siuan o encarou de cenho franzido.

— Que história foi essa? — perguntou Nynaeve, e Siuan se assustou.

— Não é da sua conta — retrucou em tom rude, alisando o vestido. Pairava no ar a suspeita de que Nynaeve a estava espiando de propósito. Siuan sempre levava tudo para o lado pessoal.

— Deixe para lá — disse Nynaeve em um tom firme. Ela não se deixaria ser distraída. — O que eu não vou deixar para lá é a vontade de estudar você. — Faria algo de útil hoje, nem que acabasse morta. Siuan abriu a boca e olhou em volta. — Não, eu não estou com Marigan, e, neste exato instante, não preciso dela. Você só permitiu que me aproximasse de você duas vezes desde que encontrei uma pista de que algo em você poderia ser Curado. Duas! Pretendo estudar você hoje, e, se eu não conseguir, *vou* contar a Sheriam que você está desobedecendo as ordens dela de se colocar disponível. Juro que vou!

Por um instante, pensou que a outra fosse desafiá-la a tentar, mas Siuan por fim respondeu, de má vontade:

— Hoje à tarde. Estou ocupada agora de manhã. A não ser que você considere sua vontade mais importante do que ajudar seu amigo de Dois Rios?

Nynaeve deu um passo à frente. Ninguém na rua dispensava às duas mais do que uma olhadela ao passar, mas mesmo assim ela baixou o tom.

— O que é que elas estão planejando para ele? Você vive dizendo que elas não se decidiram em relação ao que fazer, mas a essa altura devem ter chegado a *alguma*

conclusão. — Se tinham, Siuan saberia, não importava se devesse ou não estar sabendo.

Leane apareceu de repente, e teria sido melhor Nynaeve ficar de boca calada. Siuan e Leane cravaram os olhos uma na outra, as costas rígidas, pareciam dois gatos se estranhando em um cantinho.

— E então? — murmurou Siuan, o maxilar contraído.

Leane fungou, e seus cachos balançaram quando ela jogou a cabeça para trás. Ela contorceu os lábios em uma expressão de desprezo, mas as palavras não correspondiam à expressão e nem ao tom.

— Eu tentei dissuadi-las — retrucou, mas num tom suave. — Só que elas não tinham escutado você o suficiente para sequer considerar. Você não vai se reunir com as Sábias hoje à noite.

— Ah, entranhas de peixe! — rosnou Siuan, dando meia-volta e disparando a passos firmes, porém não mais ligeiros do que Leane, para o lado oposto.

Nynaeve quase jogou as mãos para o alto, de tão frustrada. As duas estavam conversando como se ela não estivesse ali, como se ela não soubesse exatamente sobre o que estavam falando. Ignorando-a. Era bom que Siuan aparecesse à tarde, como prometera, ou daria um jeito de torcê-la todinha e colocá-la para secar! Ao ouvir uma voz de mulher atrás de si, Nynaeve deu um salto.

— Aquelas duas deviam ser enviadas a Tiana para receber umas boas varadas. — Lelaine parou a seu lado, olhando primeiro para Siuan, depois para Leane. A Aes Sedai chegara de mansinho. Que mulher bisbilhoteira! Não havia sinal de Logain, nem de Burin, nem dos nobres altaranos. A irmã azul remexeu o xale. — Elas não são o que eram, claro, mas era de se esperar que conservassem um pouco de decoro. Não será nada bom se elas começarem a puxar os cabelos uma da outra no meio da rua.

— Às vezes as pessoas simplesmente irritam as outras sem querer — comentou Nynaeve. Siuan e Leane se esforçavam tanto para sustentar a historinha que o mínimo que ela podia fazer era corroborá-la. Ah, como odiava gente bisbilhoteira.

Lelaine olhou a mão de Nynaeve, agarrada à trança, e ela mais que depressa soltou o cabelo. Muita gente conhecia aquele hábito — um hábito que ela se esforçava para abandonar. Mas a Aes Sedai apenas disse:

— Não quando isso fere a dignidade das Aes Sedai, criança. Mulheres que servem às Aes Sedai precisam demonstrar certa reserva em público, por mais patetas que sejam a portas fechadas. — Decerto não havia nada a ser dito em resposta. Pelo menos, nada que não gerasse problemas. — Por que você entrou agora há pouco no recinto onde eu estava exibindo Logain?

— Achei que o salão estivesse vazio, Aes Sedai — respondeu Nynaeve, prontamente. — Peço perdão. Espero não ter incomodado a senhora. — Isso não era resposta... ela não podia dizer que estava se escondendo de Myrelle, mas a Azul esguia apenas a encarou por um instante.

— O que você acha que Rand al'Thor vai fazer, criança?

Nynaeve piscou, confusa.

— Aes Sedai, faz meio ano que não o vejo. Só sei o que a gente ouve por aqui. O Salão já...? Aes Sedai, o que foi que o Salão decidiu em relação a ele?

Perscrutando o rosto de Nynaeve, Lelaine franziu os lábios. Aqueles olhos escuros, que pareciam ler pensamentos, eram muito perturbadores.

— Que coincidência impressionante. Você vem da mesma aldeia que o Dragão Renascido, assim como aquela outra garota, Egwene al'Vere. A expectativa era muito boa, quando ela se tornou noviça. Você faz alguma ideia de onde ela está? — A mulher não esperou a resposta. — E os outros dois rapazes, Perrin Aybara e Mat Cauthon. Ambos também *ta'veren*, pelo que eu soube. É mesmo impressionante. E agora você, com descobertas extraordinárias, apesar de suas limitações. Seja lá onde Egwene estiver, será que está se aventurando em lugares onde nenhuma de nós esteve? Todos vocês geraram muitos debates entre as irmãs, como pode imaginar.

— Espero que estejam dizendo coisas boas a nosso respeito — respondeu Nynaeve, hesitante.

As Aes Sedai haviam feito muitas perguntas sobre Rand desde sua vinda para Salidar, sobretudo depois da partida da missão diplomática para Caemlyn — algumas Aes Sedai, inclusive, eram incapazes de conversar com ela sobre outra coisa. Mas aquilo era diferente. Esse era o problema em falar com Aes Sedai. Metade das vezes não dava para saber ao certo o que elas buscavam ou pretendiam.

— Você ainda tem esperanças de Curar Siuan e Leane, criança? — Lelaine assentiu, como se Nynaeve já tivesse respondido, e soltou um suspiro. — Às vezes acho que Myrelle tem razão. Nós mimamos você demais. Sejam lá quais forem as suas descobertas, talvez devêssemos deixá-la aos cuidados de Theodrin até que esse seu bloqueio de canalizar por vontade própria seja dissolvido. Considerando o que você fez nos dois últimos meses, pense no que poderá fazer depois. — Agarrando a trança sem perceber, Nynaeve tentou encontrar uma brecha para falar, para fazer um protesto cauteloso, mas Lelaine ignorou a tentativa. E decerto foi melhor assim. — Você não está fazendo nenhum favor a Siuan e Leane, criança. Deixe que elas esqueçam quem e o que eram e se contentem com quem e o que são. Pela forma como se comportam, o único impeditivo para que esqueçam completamente é você, com essas tentativas tolas de Curar o que não pode ser Curado. Elas não são mais Aes Sedai. Por que alimentar falsas esperanças?

Havia um toque de compaixão em sua voz, junto com um leve desprezo. Afinal de contas, as que não eram Aes Sedai eram inferiores, e os ardis de Siuan e Leane definitivamente as fizeram cair ainda mais no conceito geral. Além disso, ali em Salidar não eram poucas as que culpavam Siuan e suas tramas, em seus tempos de Amyrlin, pelos problemas da Torre. Era muito provável que acreditassem que ela merecia tudo o que lhe acontecera e muito mais.

O que *fora* feito, contudo, era um complicador. O estancamento era raro. Antes de

Siuan e Leane, fazia cento e quarenta anos que uma mulher não era julgada e estancada, e pelo menos doze anos que não se via uma mulher exaurida. As estancadas em geral tentavam se afastar ao máximo das Aes Sedai. Lelaine, caso fosse estancada, decerto tentaria esquecer que fora Aes Sedai — se é que isso era possível. E deixava claro que gostaria de esquecer que Siuan e Leane também tinham sido, de que haviam sido destituídas de tudo aquilo. Grande parte das Aes Sedai se sentiria mais confortável se elas pudessem ser encaradas como duas mulheres que jamais tinham sido capazes de canalizar, que jamais tinham sido Aes Sedai.

— Sheriam Sedai me concedeu permissão para tentar — declarou Nynaeve, com a maior firmeza que ousava dirigir a uma irmã completa. Lelaine sustentou o olhar até Nynaeve se desviar. Ela agarrou a trança antes que pudesse perceber, e as juntas de seus dedos ficaram brancas, mas manteve a expressão serena. Tentar encarar uma Aes Sedai era um truque bastante insensato para uma Aceita.

— Todas agimos feito bobas algumas vezes, criança, porém a mulher sábia aprende a limitar a frequência desse tipo de atitude. Como parece que você já terminou o café da manhã, sugiro que se livre dessa caneca e vá encontrar o que fazer antes que arrume problemas. Nunca pensou em cortar esse cabelo? Ah, não importa. Pode ir.

Nynaeve fez uma mesura, mas a Aes Sedai já tinha virado as costas. Olhou feio para Lelaine assim que se viu livre de seu olhar. *Cortar o cabelo?* Ergueu a trança e a sacudiu com força na direção da Aes Sedai que se afastava — e ficou furiosa por ter esperado ela se afastar para fazer aquilo, mas, se não tivesse esperado, com certeza seria mandada para fazer companhia a Moghedien na lavagem das roupas, e no caminho ainda teria que dar uma paradinha para ver Tiana. Já estava ali em Salidar havia meses, sem fazer nada — pelo menos era o que parecia, apesar de tudo o que ela e Elayne tinham conseguido arrancar de Moghedien —, cercada de Aes Sedai que tinham decidido ficar só conversando enquanto esperavam o mundo acabar sem elas. E Lelaine ainda sugeriu que ela cortasse o cabelo! Ah, Nynaeve perseguira a Ajah Negra, havia sido capturada e tinha fugido, além de ter capturado uma Abandonada — tudo bem que ninguém sabia disso —, e ajudado a Panarca de Tarabon a reconquistar o trono — tudo bem que não tinha durado muito. Depois de fazer isso tudo, era obrigada a ficar sentada levando crédito pelo que conseguia arrancar de Moghedien. E vinham lhe sugerir cortar o cabelo? Se fosse adiantar de alguma coisa, aceitaria até ficar careca!

Avistou Dagdara Finchey, que era tão robusta quanto qualquer homem ali na rua e mais alta do que a média, avançando por entre a multidão. Ver a Amarela de rosto redondo só a deixou mais irritada. Um dos motivos para permanecer ali em Salidar era estudar com as Amarelas, que todos diziam conhecer a arte da Cura melhor do que ninguém. Bem, se alguma delas sabia mais que Nynaeve sobre Cura, não estava disposta a compartilhar seus conhecimentos com uma reles Aceita. Tinha pensado

que as Amarelas seriam as mais receptivas ao seu desejo de Curar tudo e todos, inclusive o estancamento, mas era o grupo que parecia menos animado com a ideia. Não fosse a intervenção de Sheriam, Dagdara a teria mandado esfregar o chão dia e noite até ela desistir dessas “bobagens e perdas de tempo”; e Nisao Dachen, uma Amarela bem baixinha de olhos penetrantes, se recusava até a falar com Nynaeve enquanto ela insistisse em tentar “alterar a forma da trama do Padrão”.

E, para piorar a situação, os sentidos ainda diziam que uma tempestade estava para chegar, cada vez mais próxima, embora ela continuasse sofrendo os efeitos do céu completamente sem nuvens com um sol escaldante.

Resmungando sozinha, Nynaeve enfiou a caneca de barro na traseira de um carrinho de madeira e seguiu pela rua abarrotada desviando dos outros transeuntes. Sua única opção era seguir com o dia até Moghedien estar livre, e só a Luz sabia quanto isso ia demorar. Uma manhã inteira perdida somada a uma longa lista de dias perdidos.

Muitas das Aes Sedai meneavam a cabeça e sorriam para ela, mas bastava forçar um sorriso de desculpas e acelerar um tantinho o passo, como se estivesse com pressa, para evitar ser parada pelas inevitáveis perguntas sobre que novidades podiam esperar dela. Com seu humor atual, poderia acabar respondendo exatamente o que estava pensando, uma atitude extremamente tola. Ficavam ali fazendo nada. Querendo que *ela* adivinhasse o que Rand faria. Mandando-a cortar o cabelo. Argh!

Claro que não recebeu apenas sorrisos. Quando se deparou com a pequena Nisao, que agiu como se ela fosse invisível, ainda teve que pular para fora do caminho para não ser atropelada pela Amarela. E uma Aes Sedai altiva, de cabelos claros, olhos azuis e queixo proeminente, guiando um capão ruano alto pela multidão, passou olhando feio para ela. Nynaeve não a reconheceu. Ela estava muito arrumada, usando um vestido de montaria de seda cinza-claro, mas a capa de linho leve dobrada na frente da sela indicava que a mulher tinha acabado de chegar — outro indício era o Guardião magricela de casaco verde que vinha atrás dela, montado em um cavalo de batalha alto e cinzento e com um ar apreensivo. Os Guardiões *nunca* pareciam apreensivos, mas Nynaeve imaginou que poderiam abrir uma exceção quando sua Aes Sedai decidia se juntar a uma rebelião contra a Torre. Luz! Até os recém-chegados a irritavam!

Então viu Uno, com sua cara cheia de cicatrizes, o cabelo todo raspado, exceto pelo rabo de cavalo no topo da cabeça e o tapa-olho com um olho falso horroroso pintado em vermelho-vivo. Uno parou ao ouvir o berro assustado de um jovem a cavalo vestido com armadura de placa e malha, com uma lança amarrada à sela. O jovem passou de assustado a envergonhado na mesma hora. Uno abriu um sorriso afetuoso para Nynaeve. Bem, até poderia ser afetuoso, não fosse o tapa-olho. A Aceita respondeu com uma careta que o fez piscar e dar meia-volta para ralar com o soldado.

Não foram Uno e seu tapa-olho que tinham deixado Nynaeve amarga. Não

exatamente. Uno acompanhara ela e Elayne até Salidar e até prometera roubar cavalos — “pegar emprestado”, como ele dizia —, caso elas quisessem partir, mas já não havia a menor chance disso. Uno passara a usar uma faixa dourada trançada nos punhos do casaco escuro e surrado, indicando seu posto de oficial — ele estava treinando uma cavalaria pesada para Gareth Bryne, estava dedicado demais para se preocupar com Nynaeve. Não, não era verdade. Se ela dissesse que queria ir embora, Uno arranjaria cavalos em questão de horas, e ela partiria com uma escolta de shienaranos de rabos de cavalo que haviam jurado lealdade a Rand e só estavam ali em Salidar porque ela e Elayne tinham levado todos até lá. Só que para isso ela precisaria admitir que estivera errada ao decidir ficar ali, precisaria admitir que tinha mentido todas as vezes que afirmara estar muito feliz em Salidar. E não era capaz de admitir tudo isso. Uno só estava ali porque acreditava que deveria *cuidar* dela e de Elayne, e Nynaeve não admitiria nada para ele!

Aquela ideia de sair de Salidar era nova, uma vontade despertada ao ver Uno, e Nynaeve começou a pensar seriamente no assunto. Se Thom e Juilin não tivessem ido embora para Amadícia... Não que os dois tivessem decidido viajar a passeio, é claro. Quando morrer ali como Aes Sedai ainda lhe parecia valer de alguma coisa, aqueles dois tinham se oferecido para descobrir o que estava acontecendo do outro lado do rio. Como queriam avançar até a própria Amador, eles já estavam afastados havia bem mais de um mês — e, na melhor das hipóteses, ainda levariam mais uns dias para voltar. Claro que os dois não eram os únicos despachados para descobrir o que estava acontecendo. Haviam mandado até algumas Aes Sedai, mas a maioria tinha ido mais para oeste, na direção de Tarabon. Entre fingir estar fazendo alguma coisa e a demora no retorno dos dois, Nynaeve tinha boas desculpas para esperar. Desejou não ter deixado os dois partirem — nenhum deles teria ido se ela tivesse dito não.

Thom era um velho menestrel, embora já tivesse sido muito mais que isso, e Juilin era um apanhador de ladrões de Tear: dois homens competentes que sabiam como agir em terras estranhas, além de dotados de um sem-número de capacidades úteis. Os dois também tinham acompanhado Nynaeve e Elayne até Salidar, e nenhum teria questionado caso ela dissesse que queria ir embora. Com certeza falaria dela pelas costas, mas não pela frente, como no caso de Uno.

Era horrível ter que admitir que de fato precisava daqueles dois, mas não tinha a menor ideia de como faria para roubar um cavalo. E, além disso, uma Aceita rondando os estábulos ou as fileiras de estacas dos soldados não passaria despercebida. E, se tirasse o vestido branco, seria vista e denunciada antes mesmo de chegar perto de um casco. E, mesmo que conseguisse fugir, seria perseguida. Quase todas as Aceitas e noviças fugidas eram capturadas e sofriam punições amargas que reduziam a pó qualquer ideia de uma segunda tentativa. Depois de começado, o treinamento para ser Aes Sedai só terminava quando as *Aes Sedai* diziam que tinha terminado.

Claro que não era o medo da punição que a impedia — o que eram uma ou duas varadas diante da possibilidade de ser morta pela Ajah Negra ou de ter que enfrentar um dos Abandonados? Só não sabia se queria mesmo ir. E para onde iria? Para Caemlyn, atrás de Rand? Encontrar Egwene em Cairhien? E será que Elayne iria junto? Ah, a menina com certeza iria se fossem para Caemlyn. Será que aquela sua ansiedade era uma vontade de *agir*, de fazer qualquer coisa que fosse, ou o medo de que as Aes Sedai descobrissem Moghedien? A punição para uma fuga não seria páreo para isso! Ainda não tinha chegado a nenhuma conclusão quando virou uma curva e se deparou com a turma de noviças de Elayne, todas reunidas em um espaço aberto entre duas casas de pedra e telhado de palha, onde antes ficavam as ruínas de outra casa.

Eram mais de vinte mulheres vestidas de branco sentadas em semicírculo, observando enquanto Elayne guiava duas outras mulheres em um exercício, as três envoltas pelo brilho tênue de *saidar*. Tabiya, uma menina sardenta e de olhos verdes, com cerca de dezesseis anos, e Nicola, uma mulher esguia e de cabelos negros da idade de Nynaeve, passavam, inseguras, uma pequenina chama de um lado a outro. A chama tremulava e volta e meia sumia por alguns segundos quando uma das mulheres não era rápida o suficiente em manter a trama que a outra lhe passara. Naquele estado de humor, Nynaeve conseguia ver claramente os fluxos urdidos.

Dezoito noviças tinham sido levadas às pressas quando Sheriam e as outras fugiram da torre, e Tabiya era uma delas, mas a maioria das moças ali era como Nicola: recrutadas depois que as Aes Sedai se estabeleceram em Salidar. Nicola não era a única mais velha que o normal para uma noviça, quase metade das outras mulheres tinha a mesma idade. Quando Nynaeve e Elayne foram para a Torre, era raro as Aes Sedai testarem mulheres mais velhas que Tabiya — Nynaeve era famosa tanto por ser bravia quanto pela idade avançada —, mas, talvez por desespero, as mulheres de Salidar tinham expandido os testes para mulheres até um ou dois anos mais velhas que Nynaeve. E, com isso, aquele acampamento passara a abrigar mais noviças do que a Torre Branca tivera em anos, um sucesso que levou as Aes Sedai a iniciarem novas buscas, cruzando Altara de aldeia em aldeia.

— Você não queria estar dando essa aula?

Nynaeve sentiu o estômago se revirar ao ouvir aquela voz por cima do ombro. Duas vezes na mesma manhã. Ah, como queria ter um pouco de menta-de-ganso na bolsa do cinto. Se continuasse se deixando ser pega de surpresa, acabaria tendo que organizar a papelada de alguma Marrom.

A domanesa bochechuda não era Aes Sedai. Se estivesse na Torre, Theodrin já teria sido elevada ao xale, mas ali fora apenas elevada à uma posição superior à de uma Aceita, porém inferior à de uma irmã plena. Ela usava o anel da Grande Serpente na mão direita, não na esquerda, e o vestido verde caía bem na pele bronzeada, mas ainda não tinha permissão para escolher uma Ajah ou para usar o xale.

— Tenho mais o que fazer do que ensinar um bando de noviças cabeças-duras.

Theodrin apenas sorriu ao notar o tom mordaz de Nynaeve. Ela era sempre tão simpática.

— Uma Aceita cabeça-dura ensinando noviças cabeças-duras? — Bem, nem sempre. — Bom, depois que conseguirmos fazer você canalizar sem estar a ponto de arrancar a cabeça das meninas, também vai ser instrutora. E eu não ia achar nem um pouco surpreendente se você fosse elevada logo em seguida, com todas as coisas que vem descobrindo. Sabe, você nunca me contou o seu truque.

As bravias quase sempre tinham algum truque, desenvolvido logo na primeira vez em que desvelavam a habilidade de canalizar. Outra característica comum era uma espécie de bloqueio, uma barreira mental que escondia o poder de canalização até delas mesmas.

Nynaeve teve que fazer um esforço para manter a expressão serena. Poder canalizar quando bem entendesse, ser elevada a Aes Sedai... Nada disso ia resolver o problema de Moghedien, mas ao menos poderia ir aonde quisesse, estudar o que lhe desse vontade sem ninguém buzinando em seus ouvidos que simplesmente não havia Cura para isso ou aquilo.

— Às vezes, alguns doentes já sem salvação se curavam. Eu ficava tão irritada quando via alguém à beira da morte, mesmo com todos os meus conhecimentos a respeito das ervas... — Ela deu de ombros. — Aí a pessoa ficava boa.

— Muito melhor que o meu. — A mulher esguia suspirou. — Eu podia fazer um rapaz querer me beijar... ou não querer. Meu bloqueio eram os homens, não a raiva. — Nynaeve a encarou, incrédula, e Theodrin deu uma risada. — Bem, e os sentimentos. Se eu estivesse perto de um de quem eu gostasse ou detestasse muito, eu conseguia canalizar. Se não tivesse nenhum sentimento extremo ou se não houvesse homens por perto, eu era praticamente uma árvore para *saidar*.

— E como foi que você conseguiu superar isso? — perguntou Nynaeve, curiosa.

Elayne tinha dividido as noviças em duplas, e as garotas, muito sem jeito, passavam pequenas chamas de uma para a outra.

O sorriso de Theodrin cresceu, e seu rosto corou.

— Um rapaz chamado Charel, criado dos estábulos da Torre, começou a me olhar diferente... Eu tinha quinze anos, e o sorriso dele era lindo. As Aes Sedai permitiam que ele ficasse em silêncio em um canto durante as minhas aulas, até eu conseguir canalizar. Só que até o nosso primeiro encontro tinha sido planejado por Sheriam, eu não fazia ideia. — Ela enrubesceu ainda mais. — E também não sabia que ele tinha uma irmã gêmea. Nem que, depois de uns dias, o Charel sentado diante de mim na realidade era a Marel. Um dia ela tirou o casaco e a camisa no meio de uma aula, e eu fiquei em estado de choque, quase desmaiei... mas depois disso passei a conseguir canalizar sempre que quisesse.

Nynaeve não conseguiu evitar cair na gargalhada, e, apesar do rosto corado, Theodrin riu junto sem o menor constrangimento.

— Ah, queria que também fosse fácil assim para mim.

— Nós vamos romper esse seu bloqueio, não importa quão difícil seja — respondeu Theodrin, parando de rir. — Hoje à tarde...

— Hoje à tarde eu vou estudar Siuan — interrompeu Nynaeve, mais do que depressa, e Theodrin comprimiu os lábios.

— Você tem me evitado, Nynaeve. No mês passado só tivemos três encontros, você conseguiu escapar de todas as outras aulas. Não tenho problemas com suas tentativas falhas, mas não vou tolerar que você fique com medo de tentar.

— Eu não estou com medo... — começou Nynaeve, indignada, mas uma vozinha perguntou se ela estava tentando esconder a verdade de si mesma. Era tão desanimador tentar, tentar, tentar... sem nunca conseguir.

Theodrin não permitiu que ela continuasse a frase.

— Vou acreditar que você já tem um compromisso hoje — respondeu, muito calma —, mas vamos ter que nos encontrar amanhã e todos os dias seguintes, ou serei forçada a tomar uma atitude. Não quero apelar para outros métodos, e você também não quer que eu faça isso, mas vou quebrar esse seu bloqueio. Myrelle me pediu para dedicar uma atenção especial a isso, e juro que é exatamente o que farei.

Aquilo era quase um eco do que Nynaeve dissera a Siuan, e a antiga Sabedoria ficou de queixo caído. Era a primeira vez que Theodrin usava a autoridade de sua posição, e, considerando sua sorte desde que acordara naquele dia, era capaz de Nynaeve acabar tendo que ir junto com Siuan fazer uma visita à Tiana.

Theodrin não esperou resposta, simplesmente assentiu, como se as duas estivessem de acordo, e saiu deslizando rua afora. Nynaeve quase podia ver um xale franjado sobre os ombros dela. A manhã não estava indo nada bem. E de novo Myrelle se metendo! Quase deu um berro.

Elayne, no meio de suas noviças, sorriu orgulhosa para ela, mas Nynaeve apenas balançou a cabeça e virou as costas. Ia voltar para o quarto. E, como se para ficar bem claro o desastre que estava sendo aquele dia, antes de chegar na metade do caminho Nynaeve trombou com Dagdara Finchey, que passou correndo e a derrubou. Correndo! Uma Aes Sedai! A grandalhona não parou e nem se dignou a se virar para pedir desculpas enquanto seguia abrindo caminho pela multidão.

Nynaeve se levantou, espanou a poeira do vestido, foi até o quarto pisando firme, entrou e bateu a porta com força. Lá dentro estava quente e sufocante, e as camas desfeitas ainda aguardavam Moghedien vir arrumá-las. E o pior de tudo era aquela sensação de que uma chuva de granizo deveria estar se abatendo sobre Salidar naquele exato instante. Bem, ela não seria surpreendida nem derrubada.

Nynaeve se atirou nos lençóis amarfanhados e ficou ali, mexendo no bracelete de prata, divagando sobre o que conseguiria arrancar de Moghedien naquela tarde, se perguntando se Siuan apareceria para o estudo, pensando em Lan, no seu bloqueio, em ficar ou não em Salidar... Não seria uma fuga de verdade, afinal. Provavelmente acabaria indo para Caemlyn atrás de Rand — ele precisava de alguém para impedir

que aquele poder todo lhe subisse à cabeça, e Elayne ia gostar de encontrá-lo. Só queria que sua partida — e *não* fuga! — não tivesse começado a parecer ainda mais atraente depois da conversa com Theodrin.

Esperava que as emoções que recebia pelo *a'dam* lhe dessem algum sinal de que Moghedien tinha terminado as tarefas, e só então iria atrás dela — a mulher sempre se escondia quando estava de mau humor. Mas a vergonha e o ultraje que identificava pelo bracelete não amainaram, e ela ficou completamente surpresa ao ver a porta ser escancarada com violência.

— Ah, então você está aqui — grunhiu Moghedien. — Olhe só! — Ela ergueu as mãos. — Estão arruinadas! — Nynaeve achou que pareciam as mãos de qualquer outra pessoa que lavava roupas... estavam brancas e enrugadas, era verdade, mas isso era temporário. — Além de eu ter que viver na miséria, andando de um lado para o outro cumprindo tarefas, feito uma serviçal, agora querem que eu trabalhe feito uma primitiva...!

Nynaeve interrompeu a mulher com um procedimento muito simples: pensou em um golpe ligeiro de vara, na sensação de recebê-lo, então transferiu o pensamento para a parte de sua mente que recebia as emoções de Moghedien. A mulher arregalou os olhos escuros e fechou a boca depressa, apertando os lábios. Não foi um golpe forte, apenas um lembrete.

— Feche a porta e sente-se — mandou Nynaeve. — Depois você arruma as camas. Vamos estudar um pouco.

— Estou acostumada a levar uma vida muito melhor — resmungou Moghedien, mas obedeceu. — Até um trabalhador noturno de Tojar levava uma vida melhor!

— Se eu não estiver enganada — retrucou Nynaeve com rispidez —, um trabalhador noturno de sei lá onde não tem uma sentença de morte esperando por ele. Estou pronta para contar a Sheriam exatamente quem você é, se quiser. Basta me pedir. — Era puro blefe, e ela sentiu um embrulho quente no estômago só de pensar.

Ainda assim, Moghedien foi tomada por uma onda de medo e repugnância. Nynaeve quase admirava a capacidade da mulher de manter a expressão firme: se ela estivesse sentindo aquilo, estaria gritando e rangendo os dentes no chão.

— O que você quer que eu ensine? — perguntou Moghedien, contida.

Tinham sempre que dizer o que queriam dela. A mulher quase nunca fazia sugestões ou oferecia seus conhecimentos, a não ser que fosse pressionada a um ponto que Nynaeve considerava à beira da tortura.

— Vamos tentar uma coisa que você não conseguiu me ensinar muito bem: como detectar a canalização de um homem. — Até então, era a única coisa que ela e Elayne não tinham conseguido aprender com facilidade. Seria útil, caso decidisse ir para Caemlyn.

— Não é fácil, ainda mais sem um homem para praticar. Pena que você ainda não conseguiu Curar Logain. — O tom e a expressão de Moghedien não indicavam

escárnio, mas ela encarou Nynaeve e prosseguiu, mais do que depressa: — Bem, mesmo assim, podemos tentar outra vez.

A aula realmente não foi fácil. Nunca era, mesmo quando era alguma coisa que Nynaeve aprendia assim que entendia as tramas necessárias. Moghedien não conseguia canalizar sem que Nynaeve permitisse — sem que Nynaeve a conduzisse, na verdade —, e, quando se tratava de aprender algo novo, Moghedien precisava ditar a condução dos fluxos. Era uma confusão e tanto, o principal motivo para não conseguirem aprender dez coisas diferentes por dia. Neste caso específico, Nynaeve já tinha *alguma* ideia de como eram urdidos os fluxos, mas era um trabalho intrincado que envolvia os Cinco Poderes e fazia a Cura parecer simples, além de o padrão se alterar constantemente, em um piscar de olhos. Pelo que Moghedien dizia, era a dificuldade que reduzia a frequência do uso. E provocava uma bela dor de cabeça em quem tentasse sustentar aqueles fluxos por muito tempo.

Nynaeve se deitou na cama e se esforçou ao máximo. Se decidisse ir mesmo atrás de Rand, poderia precisar disso, e não havia como prever quando partiria. Até canalizou os fluxos sozinha — foi só pensar em Lan, ou Theodrin, que a raiva veio com força. Cedo ou tarde, Moghedien teria que pagar por seus crimes, então como ela ficaria, já tão acostumada a recorrer ao poder da mulher sempre que queria? Precisava viver e operar dentro dos próprios limites. Será que Theodrin era *mesmo* capaz de encontrar uma forma de quebrar o bloqueio? Lan tinha que estar vivo, ela precisava encontrá-lo. O incômodo se transformou em uma dor penetrante bem nas têmporas. Uma tensão surgiu nos olhos de Moghedien, que volta e meia esfregava a cabeça, mas por baixo do medo que corria pelo bracelete, também havia algo que quase parecia satisfação. Nynaeve supôs que ensinar trouxesse alguma satisfação, mesmo quando a pessoa não queria. Não sabia muito bem se gostava de ver Moghedien exibir uma reação tão normal e humana.

E também não soube dizer quanto tempo a aula durou, com Moghedien murmurando “quase” e “não tanto”, mas, quando a porta se abriu outra vez, ela se sentou tão depressa que quase caiu do colchão. O susto de Moghedien foi tão intenso que qualquer outra mulher teria gritado.

— Já ficou sabendo, Nynaeve? — perguntou Elayne, encostando a porta. — Tem uma emissária da Torre aqui, foi mandada por Elaida.

Nynaeve esqueceu as palavras que teria gritado se o coração não estivesse entalado na boca. Esqueceu até a dor de cabeça.

— Uma emissária? Tem certeza?

— Claro que eu tenho certeza, Nynaeve. Acha que eu teria vindo correndo até aqui só para contar uma *fofoca*? A aldeia inteira está em polvorosa.

— Não sei por que todo esse alvoroço — retrucou Nynaeve, amarga. Sua cabeça voltou a doer, e nem toda a menta-de-ganso do estoque de ervas guardado debaixo da cama teria aliviado a queimação no estômago. Aquela garota não ia aprender nunca a bater na porta antes de entrar? Moghedien comprimia a barriga com as duas

mãos, como se também precisasse de um pouco de menta-de-ganso. — Já contamos a elas que Elaida sabe de Salidar.

— Bem e pode até ser que tenham acreditado — respondeu Elayne, desabando ao pé da cama de Nynaeve —, e pode ser que não, mas acho que isso confirmou a notícia. Elaida sabe onde estamos. Provavelmente sabe até o que estamos tramando. Qualquer um dos serviçais pode ser espião. Talvez até alguma irmã. Dei uma boa olhada na emissária, Nynaeve. É bem louca e tem olhos azuis congelantes. Uma Vermelha chamada Tarna Feir, segundo Faolain. Um dos Guardiões montando guarda a escoltou. Pelo olhar dela, a mulher poderia estar encarando uma pedra.

Nynaeve olhou para Moghedien.

— Vamos parar com essa lição. Volte daqui a uma hora para fazer as camas. — Ela esperou Moghedien sair, franzindo a boca e agarrando as saias, então virou-se para Elayne. — Que... que recado ela trouxe?

— Claro que não me contaram, Nynaeve. Todas as Aes Sedai com quem cruzei estavam se perguntando a mesma coisa. Ouvi dizer que Tarna riu quando informaram que ela seria recebida pelo Salão da Torre... E não foi porque achou graça. Você acha... — Elayne mordeu o lábio inferior por um instante. — Você acha que elas podem mesmo decidir...

— Voltar? — perguntou Nynaeve, incrédula. — Elaida vai querer que elas percorram as últimas dez milhas de joelhos. E a última milha rastejando, com a barriga no chão! E mesmo que não seja o caso, mesmo que essa Vermelha diga “voltem para casa, está tudo perdoado, é hora do jantar”, acha mesmo que elas iam conseguir ignorar Logain assim tão fácil?

— Nynaeve, as Aes Sedai vão ignorar qualquer coisa para reunificar a Torre Branca. Você não compreende a situação como eu. Eu convivo com Aes Sedai no palácio desde o dia em que nasci. A questão é: qual é a mensagem de Tarna? E qual é a resposta do Salão?

Nynaeve esfregou os braços, irritada. Não tinha respostas, só um pouco de esperança, e seus sentidos indicavam que aquela chuva de granizo invisível deveria estar ressoando feito tambor nos telhados de Salidar. A sensação se arrastou durante dias.





PLANOS

— Você mandou trazer esses Iluminadores para Amador? — Muitos teriam se encolhido ao ouvir tamanha frieza na voz de Pedron Niall, mas não o homem parado em cima do raio de sol dourado entalhado no chão, diante daquela cadeira lisa e de espaldar alto em que Niall se sentava. Aquele homem exalava confiança e competência. Pedron prosseguiu: — Omerna, eu coloquei dois mil Filhos de vigia na fronteira com Tarabon por um motivo. Tarabon está de quarentena. *Ninguém* tem permissão de cruzar a fronteira. Se dependesse de mim, aqui não entraria nem um pardal.

Omerna era a imagem ideal de um oficial dos Filhos da Luz: alto e imponente, com o rosto impávido e confiante, queixo proeminente e mechas brancas nas têmporas. Os olhos escuros pareciam mais do que capazes de se manterem firmes ao inspecionar o campo de batalha mais sangrento, como de fato acontecia. Mas os olhos, naquele momento, estavam imersos em reflexão profunda. O tabardo branco e dourado de Senhor Capitão Ungido pela Luz lhe caía muito bem.

— Meu Senhor Capitão Comandante, eles estão querendo estabelecer uma casa do capítulo aqui. — Até sua voz, grave e melíflua, era adequada à imagem. — Os Iluminadores viajam por todos os cantos. Deve ser fácil infiltrar agentes entre eles. Agentes que seriam bem recebidos em qualquer cidade, em qualquer solar de nobres, em qualquer palácio de governantes. — Abdel Omerna tinha o cargo de um membro inferior do Conselho dos Ungidos, mas na verdade ele era o mestre dos espiões dos Filhos da Luz. Por assim dizer. — Pense em como seria bom!

Mas Niall estava pensando que a Guilda de Iluminadores era toda de tarabonianos, cada homem e mulher. E Tarabon estava infectada pelo caos e pela loucura, que ele não deixaria correr soltos em Amadícia. Por mais que tivesse que esperar para cauterizar essa ferida pustulenta, ia pelo menos isolá-la.

— Eles vão receber o mesmo tratamento que qualquer um que tente atravessar a fronteira, Omerna. Serão mantidos sob vigia, sem poder falar com ninguém e escoltados para fora de Amadícia o mais rápido possível.

— Se me permite a insistência, meu Senhor Capitão Comandante, eles podem ser muito úteis, o que vale o preço dos rumores que talvez acabem espalhando. Os Iluminadores não se misturam muito com o povo. E, além de serem úteis para os meus agentes, Amador ainda teria o imenso prestígio de ter uma casa do capítulo de Iluminadores. E seria a única. A de Cairhien foi abandonada, assim como aposto que aconteceu o mesmo com a de Tanchico.

Prestígio! Niall esfregou o olho esquerdo para aliviar um tremor involuntário. Não adiantava muito se irritar com Omerna, mas teve que fazer um esforço para se controlar. O calor da manhã era um fogo cozinhando seu temperamento.

— Eles são mesmo bem isolados, Omerna. Só andam uns com os outros, só viajam juntos e raramente falam com gente de fora. Você vai querer fazer esses agentes se casarem com Iluminadores? É raro haver casamentos com gente de fora da Guilda, e só é possível se tornar um Iluminador por herança de nascença.

— Ah. Bem... Com certeza vamos encontrar um jeito. — Nada abalava aquela fachada de confiança e competência.

— As coisas serão feitas segundo minhas ordens, Omerna. — O homem chegou a abrir a boca outra vez, mas Niall, irritado, se antecipou: — Segundo as minhas ordens, Omerna! Não quero ouvir mais uma palavra sobre isso! Muito bem, e que informações você traz para mim, hoje? Que informações úteis? Essa é a sua função, e não ficar jogando lenha na fogueira de Ailron.

Omerna hesitou, obviamente querendo continuar argumentando em favor de seus preciosos Iluminadores, mas por fim disse, em um tom solene:

— Parece que os informes sobre Devotos do Dragão em Altara são mais do que apenas rumores. E deve ser o mesmo em Murandy. A infestação é pequena, mas vai crescer. Ainda estamos em um momento em que seria possível dar conta deles e das Aes Sedai em Salidar com uma só cajadad...

— Você agora dita as estratégias dos Filhos? Reúna informações e deixe que eu decida o que fazer. O que mais você tem para mim?

O homem respondeu à interrupção com um leve balançar de cabeça, calmo e respeitoso. Omerna tinha muito talento para manter a calma, talvez fosse o que fazia de melhor.

— Tenho boas notícias. Mattin Stepaneos está pronto para se unir ao senhor. Ele ainda está hesitante em fazer um pronunciamento público, mas meu pessoal em Illian informou que isso vai acontecer em pouco tempo. Pelo que dizem os relatórios, ele está bem ansioso.

— Isso seria extraordinário — respondeu Niall, em um tom seco.

É, sem dúvida seria extraordinário. Entre os muitos estandartes e galhardetes enfileirados nas cornijas do escritório estavam os Três Leopardos de Mattin

Stepaneos, em preto e prata. Estavam pendurados ao lado de um Estandarte Real Illianense, com franjas douradas e nove abelhas bordadas com fios de ouro em seda verde. O rei de Illian tinha levado a melhor nas Confusões — pelo menos havia conseguido forçar um acordo ratificando a fronteira entre Amadícia e Altara no mesmo ponto inicial —, mas Niall duvidava de que o homem algum dia fosse esquecer que, mesmo tendo a vantagem do terreno e mais homens na batalha em Soremaine, fora derrotado e capturado. Se os Companheiros illianenses não tivessem protegido o campo durante a fuga do restante do exército para longe da armadilha de Niall, Altara teria virado um feudo dos Filhos, e Murandy também, talvez até Illian. E pior: Mattin Stepaneos tinha uma bruxa de Tar Valon como conselheira, mesmo que tentasse esconder isso — e a mulher. Niall enviara os emissários porque não ousava deixar de explorar todas as possibilidades, mas ter Mattin Stepaneos a seu lado de livre e espontânea vontade seria, de fato, extraordinário.

— Prossiga. E seja breve. Tenho um dia cheio e posso ler os relatórios escritos mais tarde.

Apesar das instruções, Omerna relatou as novidades num discurso longo, proferido em uma voz sonora e cheia de certeza. Al'Thor só tinha estendido o controle em Andor para pouco além de Caemlyn, e estava claro que seu ataque surpresa fora contido — como Omerna lembrou, cautelosamente, que já previra. Havia pouca chance de que as Terras da Fronteira se unissem aos Filhos contra o falso Dragão — os lordes de Shienar, Arafel e Kandor estavam aproveitando a calmaria da Praga para armar uma rebelião, e a Rainha de Saldaea tinha se refugiado na casa de campo por medo de que o mesmo acontecesse em suas terras. Mas os agentes de Omerna continuavam trabalhando, e os governantes das Terras da Fronteira teriam que entrar na linha assim que as rebeliões menores fossem contidas. Por outro lado, os governantes de Murandy, Altara e Ghealdan estavam quase se juntando a eles, embora ainda falassem coisas ambíguas para acalmar as bruxas de Tar Valon. Alliandre, de Ghealdan, sabia que seu trono estava abalado, sabia que precisava dos Filhos para não cair de repente, assim como seus predecessores; e tanto Tylin, de Altara, e Roedran, de Murandy, nutriam esperanças de que a influência dos Filhos finalmente fizesse deles mais do que peças decorativas. Estava claro que o homem considerava que aquelas terras já estavam praticamente nas mãos de Niall.

E Omerna achava que o quadro era ainda melhor dentro de Amadícia. Recrutavam aos bandos até os estandartes dos Filhos, tinham mais homens do que em muito tempo. Estritamente falando, os recrutas não eram da conta de Omerna, mas ele sempre mesclava os relatórios com todas as boas notícias que conseguisse encontrar. O Profeta não perturbaria a terra por muito tempo mais, já que sua turba estava envolvida numa disputa sobre quem cuidaria dos saques de aldeias e mansões ao norte, e poderia muito bem acabar debandando de volta para Ghealdan no embate seguinte com os soldados de Ailron. Não tinha muito mais espaço nas cadeias, já que

estavam prendendo os Amigos das Trevas e os espiões de Tar Valon mais depressa do que conseguiam enforcá-los. A caça às bruxas de Tar Valon só rendera duas capturas, porém mais de cem mulheres haviam sido interrogadas, o que era uma boa medida da intensidade do patrulhamento. E estavam apreendendo cada vez menos refugiados de Tarabon, prova de que a quarentena estava se revelando eficaz — e os capturados eram mandados de volta para Tarabon no tempo em que levava para arrastá-los de volta à fronteira. Omerna relatou depressa essa última notícia, o que não era de se surpreender, considerando a ideia idiota sobre os Iluminadores.

Niall só escutava com atenção suficiente para saber a hora de assentir. Omerna tinha sido bem adequado ao papel de comandante de campo, só precisava que alguém lhe dissesse como proceder, mas, agora que mudara de posto, era cansativo lidar com tanta tolice e ingenuidade. O homem havia relatado a morte de Morgase, afirmando com absoluta certeza que seu corpo fora visto e identificado, e mantivera a história até que Niall o pôs frente a frente com a antiga rainha. Omerna escarnecera dos “rumores” de que a Pedra de Tear tinha caído, e até hoje negava que a fortaleza mais poderosa do mundo pudesse ter sido tomada por qualquer força externa — insistia que era algum caso de traição, que algum Grão-lorde entregara a Pedra a al’Thor e a Tar Valon. E ele insistia em dizer que o desastre em Falme e as questões em Tarabon e Arad Doman eram obra do retorno dos exércitos de Artur Asa-de-gavião pelo Oceano de Aryth. Estava convencido de que Siuan Sanche não havia sido deposta; de que al’Thor estava louco e à beira da morte; de que Tar Valon tramara a morte do Rei Galldrian para deflagrar a guerra civil em Cairhien; e de que esses três “fatos” estavam ligados aos rumores ridículos de gente irrompendo em chamas e pesadelos brotando do nada e massacrando aldeias inteiras — que eram sempre convenientemente relatados por alguém que vivia num lugar muito distante. Ele ainda não tinha muita certeza de nada, mas estava trabalhando numa grande teoria que prometia revelar a qualquer momento — uma teoria que supostamente acabaria com toda aquela conspiração das bruxas e deixaria Tar Valon nas mãos de Niall.

Com Omerna era assim: ou ele inventava razões mirabolantes para os acontecimentos, ou pescava as fofocas nas ruas e as engolia sem nem refletir. Passava boa parte do tempo escutando fofocas nas mansões e nas ruas. Além de ter sido visto bebendo nas tavernas com Caçadores da Trombeta, não era segredo que ele desembolsara quantias enormes de dinheiro por nada menos que três supostas Trombetas de Valere. E, nas três vezes, Omerna levava o objeto para o interior e passara dias soprando o negócio, até ter que admitir que nenhum herói lendário morto sairia cavalgando do túmulo. Mesmo assim, os fracassos provavelmente não o impediriam de fazer novas compras nos becos escuros e nos fundos das tavernas. O problema era fácil de explicar: enquanto um mestre espião duvidava até mesmo do próprio reflexo no espelho, Omerna acreditava em qualquer coisa.

O homem enfim esgotou o falatório, e Niall disse:

— Lerei seus relatórios com a devida atenção, Omerna. Bom trabalho. — Ah, como ele ficou feliz com o elogio, alisando o tabardo, todo orgulhoso. — Agora vá. E mande Balwer entrar quando estiver saindo. Tenho que ditar algumas cartas.

— Claro, meu Senhor Capitão Comandante. Ah. — Omerna parou no meio de uma medida, franziu o cenho e revirou o bolso do colete branco e puxou um pequenino cilindro de osso que entregou a Niall. — Isso aqui chegou no pombal hoje de manhã.

O cilindro estava marcado com três finas linhas vermelhas de cima a baixo, o que indicava que deveria ser entregue a Niall com os selos de cera intactos. E o homem quase se esquecera.

Omerna aguardou, decerto esperando alguma dica sobre o conteúdo do cilindro, mas Niall o dispensou com um aceno.

— Não se esqueça de falar com Balwer. Se existe alguma chance de Mattin Stepaneos se juntar a mim, é melhor eu escrever e ver se consigo influenciá-lo a tomar a decisão certa. — Omerna não teve escolha a não ser curvar-se em mais uma medida e sair.

Mesmo depois de o homem fechar a porta, Niall simplesmente correu os dedos pelo cilindro por um tempo. Aquelas raras mensagens especiais quase nunca traziam boas notícias. Ele se levantou com cuidado — nos últimos tempos, a idade andava lhe pesando nos ossos — e encheu de ponche um cálice de prata, que deixou em cima da mesa para ir abrir uma pasta de couro trabalhado presa por um fio de linho. A pasta continha uma única folha de papel grosso, amassado e parcialmente rasgado, com um desenho a giz de um artista de rua: dois homens lutando entre nuvens, um com o rosto de fogo, o outro de cabelos vermelhos e escuros. Al’Thor.

Todos os seus planos de impedir o falso Dragão tinham dado errado, todas as suas esperanças de conter a crescente maré de conquista daquele homem, de desviá-lo de seu caminho de vitórias. Será que tinha esperado demais, deixando al’Thor ficar ainda mais poderoso? Se fosse o caso, havia apenas uma forma de lidar de vez com aquilo: uma faca no escuro, uma flecha lançada de algum telhado. Quanto tempo ousaria esperar? Ousaria correr o risco de não esperar? Tanto a pressa quanto a espera poderiam causar um desastre.

— Milorde mandou me chamar?

Niall encarou o homem que entrara tão silenciosamente. À primeira vista, Balwer não parecia capaz de se mover sem nem um farfalhar seco para denunciar sua presença. Tudo nele era tenso e aflitivo. O casaco marrom caía sobre os ombros calombentos, as pernas pareciam prestes a quebrar com o peso do corpo esquelético. O sujeito se movia feito um pássaro saltando de galho em galho.

— Você acredita que a Trombeta de Valere vai convocar os heróis mortos para nos salvar, Balwer?

— Pode ser que sim, milorde — respondeu o homem, remexendo as mãos, nervoso. — Pode ser que não. Eu não contaria muito com isso.

Niall assentiu.

— E você acha que Mattin Stepaneos vai se juntar a mim?

— Mais uma vez, pode ser que sim. Ele não vai querer acabar morto ou feito de marionete. O homem só quer agarrar a Coroa de Louros, e o exército que está se reunindo em Tear provavelmente vai fazer ele suar para conseguir o que quer. — Balwer abriu um sorriso minúsculo, não mais que um esgar de lábios. — Ele já falou abertamente sobre a inclinação de aceitar sua proposta, milorde, mas, por outro lado, acabei de saber que Mattin anda se comunicando com a Torre Branca. Ao que parece, ele concordou em fazer alguma coisa, mas ainda não sei o quê.

Todo mundo sabia que Abdel Omerna era o espião-mestre dos Filhos. A posição deveria ser um segredo, é claro, apesar de qualquer pedinte ou cavaliário ser capaz de apontar Omerna na rua — ainda que o fizessem discretamente, para não serem pegos em flagrante por quem consideravam o homem mais perigoso de Amadícia. Mas a verdade era que Omerna era um chamariz, um idiota que sequer sabia que só servia para encobrir o verdadeiro espião-mestre da Fortaleza da Luz: Sebban Balwer, o secretário empertigado e enrugado de Niall, com a constante cara de desaprovação. Um homem acima de qualquer suspeita, um nome em que ninguém acreditaria, se ouvisse em alguma confissão.

Enquanto Omerna acreditava em todo e qualquer rumor, Balwer era um cético — talvez não acreditasse nem nos Amigos das Trevas nem no Tenebroso. Balwer acreditava na eficiência de espreitar os outros, escutar seus sussurros e arrancar seus segredos. Naturalmente, o homem teria servido a qualquer outro mestre tão bem quanto servia a Niall, o que só o tornava um espião melhor. As descobertas de Balwer nunca eram maculadas pelo que ele supunha — ou pelo que desejava — ser a verdade. Como duvidava de tudo, o homem sempre conseguia desencavar os fatos.

— Eu não esperava outra coisa de Illian, Balwer, mas até Mattin pode ser convencido. — O homem precisava ser convencido. Não podia ser tarde demais. — Alguma novidade das Terras da Fronteira?

— Nada ainda, milorde. Mas Davram Bashere está em Caemlyn. E com uma cavalaria ligeira de trinta mil, segundo meus informantes, mas acho que não chega nem a metade disso. Ele não deixaria Saldaea tão vulnerável, por mais que a Praga esteja tranquila, mesmo que Tenobia ordenasse.

Niall grunhiu, o canto do olho esquerdo começando a tremelicar. Passou os dedos pelo desenho da pasta, um retrato supostamente bem preciso de al'Thor. Bashere em Caemlyn. Um bom indicativo de que Tenobia estava no interior, se escondendo de seu enviado.

Não havia boas notícias das Terras da Fronteira, independentemente do que quer que Omerna acreditasse. As “rebeliões menores” de que ele falara eram mesmo menores, mas não tinham as causas que o falso espião imaginava. Homens de toda a Fronteira da Praga estavam debatendo sobre se al'Thor era apenas mais um falso Dragão ou o Dragão Renascido. Considerando o jeito dos homens das Terras da

Fronteira, esses debates às vezes evoluíam para pequenas batalhas. As lutas tinham começado em Shienar logo que a Pedra de Tear caiu, o que só servia para confirmar o envolvimento das bruxas — como se realmente precisassem de confirmação. De acordo com Balwer, ainda não dava para saber no que isso tudo acabaria.

Uma das poucas coisas que Omerna tinha acertado era que al'Thor ainda estava em Caemlyn. Mas por quê? Ainda mais com Bashere, os Aiel e as bruxas? Isso nem mesmo Balwer soubera responder. Qualquer que fosse o motivo, precisava agradecer à Luz por isso! Era verdade que as turbas do Profeta estavam se dedicando apenas a saquear o norte de Amadícia, mas consolidavam cada vez mais seu poder, matando ou botando para correr qualquer um que se recusasse a apoiar o Profeta do Dragão. Os soldados de Ailron só haviam parado de recuar porque aquele maldito Profeta tinha decidido cessar os avanços. Alliandre e os outros que Omerna tinha tanta certeza de que se juntariam aos Filhos na verdade estavam indecisos, evitando dar uma resposta aos emissários de Niall com atrasos e desculpas esfarrapadas. O Senhor Capitão Comandante dos Filhos suspeitava de que nem mesmo eles soubessem muito bem como iam proceder.

Ao que parecia, tudo estava a favor de al'Thor, exceto pelo que quer que fosse que o prendia em Caemlyn, mas Niall sempre fora muito mais perigoso quando estava na desvantagem, acuado contra a parede.

De acordo com os rumores, se é que dava para acreditar na boataria das ruas, Carridin estava se saindo bem em Altara e Murandy, embora não tão rápido quanto Niall gostaria. O tempo era um inimigo tão poderoso quanto al'Thor e a Torre. Ainda assim, provavelmente já seria o bastante se Carridin só estivesse se saindo bem de acordo com os boatos. Talvez fosse hora de expandir o domínio dos “Devotos do Dragão” até Andor. Quem sabe também até Illian, embora umas poucas fazendas e aldeias invadidas não fossem fazer a menor diferença para influenciar Mattin Stepaneos a seguir pelo caminho certo, já que nem o exército se formando em Tear parecia suficiente para convencê-lo. Niall ficava horrorizado só de pensar no tamanho daquele exército — mesmo que fosse só a metade, mesmo que não passasse de um quarto do número que Balwer informava, era aterrador. Não se via nada dessa magnitude desde os dias de Artur Asa-de-gavião. Em vez de assustar os homens a ponto de convencê-los se unir a Niall, um exército desses poderia intimidá-los a ponto de saírem correndo atrás do estandarte do Dragão. Se os Filhos tivessem um ano, ou meio ano que fosse, Niall conseguiria fazer frente a todo o exército de imbecis e vilões e selvagens Aiel que al'Thor reunira.

Claro que nem tudo estava perdido. Enquanto ele estivesse vivo, nada estava perdido. Tarabon e Arad Doman eram tão inúteis para al'Thor e as bruxas quanto para ele, dois poços apinhados de escorpiões, e apenas um tolo enfiaria a mão ali antes que mais daqueles escorpiões se matassem. Mesmo que Saldaea estivesse perdida — uma derrota que ele era incapaz de admitir —, Shienar, Arafel e Kandor ainda estavam pesando as opiniões e possíveis consequências, numa balança que,

como todas as outras, podia ser forçada para o lado certo. Mesmo que Mattin Stepaneos estivesse tentando cavalgar dois cavalos ao mesmo tempo — o homem sempre tentava —, ainda poderia ser forçado a montar o alazão correto. Altara e Murandy ainda podiam ser inclinadas para o caminho mais apropriado, e Andor cairia em suas mãos com ou sem um leve toque do chicote de Carridin. Em Tear, os agentes de Balwer tinham convencido Tedosian e Estanda a se unirem a Darlin, transformando uma pretensa rebeldia em uma verdadeira rebelião, e Balwer estava confiante de que o mesmo pudesse ser feito em Cairhien e Andor. Em mais um mês, no máximo dois, Eamon Valda chegaria de Tar Valon — Niall poderia passar sem Valda, mas isso deixaria a maior parte da força dos Filhos concentrada num único ponto, pronta para ser usada onde fosse melhor.

Sim, ainda tinha muito a seu favor. Ainda não havia nada definitivo, mas tudo estava convergindo na direção certa. Só precisava de tempo.

Niall notou que ainda segurava o cilindro de metal, então quebrou o selo de cera com o polegar e desenrolou o papel fino com todo o cuidado.

Balwer não disse uma palavra, mas estreitou a boca de novo — e dessa vez não foi um sorriso. Conseguia tolerar Omerna, sabia que o homem era um imbecil e de fato preferia operar nas sombras, mas não gostava de ver Niall recebendo notícias antes dele, ainda mais vindas de desconhecidos.

Uma caligrafia minúscula cobria o pedaço de papel em um criptograma conhecido por poucos além de Niall, e ninguém ali em Amador. Para o Senhor Capitão Comandante, ler aquilo era tão fácil quanto ler a própria letra. A assinatura na base da folha o fez piscar, surpreso, e o conteúdo também. Varadin era, ou tinha sido, um de seus melhores agentes pessoais. O homem, um vendedor de tapetes que lhe servira muito bem durante as Confusões enquanto mascateava seus produtos em Altara, Illian e Murandy. Lucrara tanto que conseguira se estabelecer como comerciante rico em Tanchico, fornecedor regular de bons carpetes e vinhos para os palácios do Rei e da Panarca e para as casas da maioria dos nobres de suas cortes. Em suas visitas comerciais, o homem sempre ia embora com olhos e ouvidos cheios. Niall o dera como morto havia muito tempo por conta das reviravoltas naquela região — era a primeira vez em um ano que Varadin mandava notícias. Pelo que seu informante alegava, teria sido melhor que o homem estivesse mesmo morto. A mensagem tinha sido na caligrafia trêmula de alguém à beira da loucura, um relato desconexo sobre homens cavalgando estranhas bestas e criaturas voadoras, sobre Aes Sedai presas em coleiras e sobre os *Hailene*. A palavra da Língua Antiga significava Predecessores, mas Varadin nem ao menos tentara explicar por que aquelas pessoas o deixavam tão apavorado ou quem supostamente eram. O homem estava obviamente delirante, tendo visto sua nação se desintegrando diante de si.

Irritado, Niall amassou o papel e o atirou longe.

— Primeiro tenho que aguentar as idiotices de Omerna, agora isso. O que mais você tem para mim, Balwer?

Bashere. As coisas podiam ficar feias com Bashere no comando dos exércitos de al'Thor. O homem fazia jus à reputação. Quem sabe não era melhor enviar uma adaga nas sombras para ele?

Balwer não desviou o olhar de Niall nem por um segundo, mas o Senhor Capitão Comandante sabia que a bolinha de papel no chão acabaria nas mãos do homem, a menos que a queimasse.

— Sei de quatro coisas que poderiam atrair seu interesse, milorde. Primeiro, a menos importante: os rumores sobre as reuniões dos Ogier em seus *pousos* são verdadeiros. O que parece transmitir certa ansiedade, em se tratando dos Ogier. — Claro que ele não disse sobre o que essas reuniões tratavam: era tão provável fazer um humano ser aceito em uma reunião Ogier quanto convencer um Ogier a se tornar espião. Ou seja: mais fácil fazer o sol nascer à noite. — Além disso, uma quantidade bem inusitada de navios do Povo do Mar está atracada nos portos ao sul, sem recolher cargas nem navegar.

— E eles estão esperando o quê?

O verdadeiro mestre espião contraiu os lábios por um instante, como se uma corda os repuxasse.

— Ainda não sei, milorde.

Balwer não gostava de admitir que existiam segredos que ele era incapaz de desencavar. Tentar descobrir mais que o senso comum sabia sobre os Atha'an Miere era como tentar aprender o segredo da Guilda de Iluminadores para fazer fogos de artifício: completamente inútil. Pelo menos os Ogier talvez acabassem decidindo revelar as decisões tomadas nas tais reuniões.

— Prossiga.

— A notícia razoavelmente mais interessante é... um tanto curiosa, milorde. Fontes confiáveis me informaram que al'Thor foi visto em Caemlyn, em Tear e em Cairhien, por vezes no mesmo dia.

— Confiáveis? Só se for de um confiável louco. As bruxas devem ter dois ou três homens parecidos com al'Thor, parecidos o bastante para enganar qualquer um que não o conheça muito bem. Isso explicaria muita coisa.

— Pode ser, milorde. Meus informantes *são* confiáveis.

Niall fechou a pasta de couro com força, escondendo o rosto de al'Thor.

— E a notícia de maior interesse?

— Suas fontes em Altara... fontes confiáveis, milorde... informaram que as bruxas de Salidar alegam que a Ajah Vermelha encorajou Logain a se tornar um falso Dragão. Que praticamente o fabricaram, na verdade. As bruxas estão com Logain em Salidar, ou pelo menos com um homem que alegam ser Logain, e o exibem aos nobres que convidam para uma visita. Não tenho provas, mas suspeito de que estejam contando essa história para todos os governantes com quem conseguem contato.

Franzindoo cenho, Niall observou os estandartes expostos na sala. Os símbolos

representavam inimigos de quase todas as nações — nenhum daqueles o derrotara duas vezes, poucos tinham conseguido ao menos uma vitória. Os estandartes já estavam velhos, desgastados com o tempo. Assim como Niall. Mas não estava tão velho a ponto de não conseguir ver um fim para o que ele mesmo havia começado. Cada um daqueles estandartes tinha sido capturado em batalhas sangrentas, quando era difícil saber o que estava acontecendo para além do que os olhos podiam informar, quando a certeza da vitória ou da derrota eram igualmente efêmeras. A pior batalha que já lutara, com exércitos trôpegos caindo uns por sobre os outros perto de Moisen, durante as Confusões, parecia movida por artimanhas tão fáceis de compreender quanto as fantasias de uma criança, se comparados àquela batalha que ele travava agora.

Será que estava errado? A Torre estaria mesmo dividida? Haveria mesmo algum conflito entre as Ajahs? Por quê? Por al'Thor? Se as bruxas estavam brigando entre si, muitos dos Filhos se mostrariam prontos para defender a solução de Carridin: um golpe que destruísse Salidar e o máximo de bruxas possível. Muitos dos Filhos eram homens que acreditavam que pensar no dia de amanhã era pensar muito à frente e que nunca consideravam a semana ou o mês seguinte, que dirá o ano que ainda estava por vir. Valda era um deles, e talvez fosse bom que o sujeito ainda não tivesse chegado a Amador. E também Rhadam Asunawa, o Grão-inquisidor dos Questionadores. Valda estava sempre querendo usar o machado, mesmo quando o punhal servia melhor para a tarefa em questão; enquanto Asunawa simplesmente queria — e queria para ontem — ver enforcadas todas as mulheres que tivessem passado uma mísera noite na Torre, ver queimados todos os livros que mencionavam Aes Sedai ou o Poder Único, ver banidas todas as palavras a respeito daquela feitiçaria maligna. Asunawa nunca pensava para além desses objetivos, nem se preocupava com o custo. Niall trabalhara muito duro, arriscara muita coisa, para permitir que aquilo se transformasse, aos olhos do mundo, numa disputa entre os Filhos e a Torre.

Na verdade, não fazia muita diferença ele estar ou não errado. Mesmo que estivesse, ainda conseguiria tirar muitas vantagens da situação. Talvez ainda mais vantagens do que se estivesse certo. Com um pouco de sorte, poderia arrasar a Torre Branca de um jeito irreparável, esmagar as bruxas até virarem pó. Com isso, o poder de al'Thor decerto iria vacilar, mas o falso Dragão continuaria a representar ameaça suficiente para ser usado como isca. E estaria perto da verdade. Muito perto.

Sem tirar os olhos dos estandartes, o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz respondeu:

— A cisão da Torre é real. A Ajah Negra se revelou. As vitoriosas detêm a Torre, e as perdedoras foram expulsas e estão lambendo as feridas em Salidar. — Niall olhou para Balwer e quase abriu um sorriso. Qualquer outro dos Filhos já estaria protestando, dizendo que não havia Ajah Negra, ou então que todas as bruxas eram Amigas das Trevas. Até o recruta mais novo teria feito isso. Mas Balwer mal olhou

para ele, sem nem piscar diante de sua blasfêmia contra tudo o que os Filhos representavam. — Só nos resta decidir se a Ajah Negra ganhou ou perdeu. Acho que ganhou. A maioria vai considerar que as verdadeiras Aes Sedai são as da Torre. E é mesmo melhor que associem as *verdadeiras* Aes Sedai com a Ajah Negra. Al'Thor é uma criatura da Torre, um vassalo da Ajah Negra. — Ele pegou a taça que estava na mesa e bebericou, o que não ajudou em nada a aplacar o calor. — Talvez eu possa me aproveitar disso como mais uma desculpa para ainda não ter agido contra Salidar. — Por meio de seus emissários, ele alegava que o fato de não ter tomado providências era prova de como acreditava que al'Thor era uma ameaça terrível, já que preferira permitir que as bruxas se reunissem às portas de Amadícia a desviar os esforços das forças dos Filhos contra o perigo do falso Dragão. — Aquelas mulheres de lá estão horrorizadas, assombradas em finalmente ver, depois de tantos anos, a extensão do avanço da Ajah Negra. Finalmente se rebelaram contra a maldade em que estavam imersas... — Ele foi perdendo o vigor da imaginação. Aquelas mulheres eram todas servas do Tenebroso, que tipo de mal as faria se rebelar? Porém, depois de um instante, Balwer tomou a palavra:

— Pode ser que elas tenham decidido se jogar à mercê do senhor, milorde, ou até pedir sua proteção. Saíram derrotadas de uma rebelião, mais fracas que as inimigas, e temem ser subjugadas. Um homem à beira do precipício, já certo de sua morte, estende a mão para pedir ajuda até a seu pior inimigo. Pode ser que... — Balwer tamborilou os dedos ossudos sobre os lábios, pensativo. — Pode ser que estejam prontas para se arrepender de seus pecados e abdicar da posição de Aes Sedai?

Niall o encarou. Suspeitava de que os pecados das bruxas de Tar Valon fossem mais uma das coisas em que Balwer não acreditava.

— Isso é absurdo — retrucou, impassível. — O tipo de coisa que se poderia esperar de Omerna.

O secretário manteve a mesma expressão afetada de sempre, mas começou a esfregar as mãos, como sempre fazia quando se sentia insultado.

— É mesmo o que milorde esperaria dele, mas é o tipo de coisa que seria repetida onde ele mais colhe informações, nas ruas e nos salões onde os nobres fofocam enquanto bebem vinho. Ninguém nunca ri dos absurdos, nesses lugares, apenas escuta. O que pode parecer absurdo demais para acreditar é tomado como verdade justamente por ser absurdo demais para ser mentira.

— E como é que você apresentaria isso? Não vou plantar nenhum boato sobre uma possível ligação dos Filhos com as bruxas.

— Seriam apenas rumores, milorde. — Niall endureceu o olhar, e Balwer espalmou as mãos. — Como milorde desejar. A cada conto se aumenta um ponto, então a história mais simples tem mais chance de preservar sua essência. Sugiro quatro rumores, milorde, não apenas um. Primeiro, espalhamos o boato de que a cisão da Torre foi causada por uma insurreição da Ajah Negra. Segundo, que a Ajah Negra saiu vitoriosa e agora controla a Torre Branca. Terceiro, que as Aes Sedai em

Salidar, expulsas e apavoradas, renunciaram ao posto de Aes Sedai. E quarto, que as mulheres vieram até o senhor em busca de piedade e proteção. Para o povo, cada história servirá como confirmação das outras. — Ajeitando a lapela, Balwer abriu um sorrisinho de satisfação.

— Muito bom, Balwer. Que assim seja. — Niall tomou um gole maior de vinho. O calor o deixava cada vez mais consciente da própria idade. Sentia que os ossos pareciam frágeis. Mas viveria por tempo suficiente para ver o falso Dragão cair, ver o mundo reunido para enfrentar Tarmon Gai'don. Ainda que não vivesse para liderar a Última Batalha, tinha certeza de que a Luz lhe concederia ao menos isso. — E quero que Elayne Trakand e seu irmão Gawyn sejam localizados e trazidos de volta para Amador. Cuide disso. Agora pode sair.

Em vez de sair, Balwer hesitou.

— Milorde sabe que eu jamais faria nenhuma sugestão sobre como proceder.

— Mas está querendo fazer uma agora? E qual seria?

— Pressione Morgase, milorde. Já passou mais de um mês, e ela ainda está *considerando* a sua proposta. Ela...

— Já chega, Balwer. — Niall suspirou. Às vezes desejava que Balwer não fosse de Amadícia, e sim um cairhieno que absorvera o jogo das casas junto com o leite da mãe. — Morgase está cada dia mais comprometida comigo, seja lá em que ela acredite. Eu preferiria que ela tivesse aceitado a proposta logo, pois já teria Andor contra al'Thor, e com uma boa quantidade de Filhos para engrossar as fileiras. Mas, a cada dia que a mulher passa como minha hóspede, fica mais e mais atada a mim. Não vai demorar a descobrir que é minha aliada simplesmente porque o mundo acredita que ela é, então estará tão enroscada que será impossível se soltar. E ninguém jamais vai poder dizer que a coagi, Balwer. Isso é muito importante. É sempre mais difícil abandonar uma aliança que o mundo acredita ter sido formada por livre e espontânea vontade do que uma que é possível provar que foi formada à força. Pressa e descuido só levam à ruína, Balwer.

— Muito bem, milorde.

Niall o dispensou com um gesto, e o sujeito fez uma mesura e se retirou. Balwer não compreendia. Morgase era uma oponente de peso. Se fosse pressionada demais, lutaria contra todas as adversidades. No entanto, bastava pressioná-la da maneira certa para que ela se pusesse a enfrentar o inimigo que acreditava ver, então só perceberia a armadilha quando já fosse tarde demais. O tempo urgia, pressionando-o, pesando com todos os anos que já vivera, todos os meses de que precisava tão desesperadamente, mas Niall não deixaria que a pressa arruinasse seus planos.

O falcão arremeteu, lançando-se em um golpe certo contra o enorme pato que cruzava os céus, provocando uma explosão de penas. As duas aves se afastaram, e o pato, com o voo interrompido, começou a cair. O falcão mergulhou no céu límpido, inclinando o corpo em um ângulo preciso, e se lançou outra vez contra a presa abatida, prendendo-a entre as garras. O peso considerável do pato atrapalhava o voo, mas, com certo esforço, a ave vitoriosa voou ao encontro das pessoas que a aguardavam em terra.

Morgase se perguntou se ela mesma não seria como o falcão: orgulhosa e determinada demais para perceber que sua presa era maior do que as asas podiam suportar. Tentou relaxar as mãos enluvadas, que agarravam as rédeas com força. O chapéu branco de aba larga, com longas plumas brancas, era uma leve proteção contra o sol impiedoso, mas o suor ainda assim brotava em seu rosto. Em seu vestido de montaria de seda verde com bordados em ouro, Morgase nem parecia uma prisioneira.

Havia outras pessoas a cavalo e a pé no longo campo de grama seca e marrom, mas não chegavam a formar uma multidão. Um grupo de músicos, todos de tabardos azuis com bordados brancos, trazendo flautas, sabiolas e tambores, tocavam uma melodia suave, bem apropriada para a tarde regada a vinho gelado. Uma dezena de adestradores vestindo coletes de couro bem trabalhados por cima das camisas brancas de mangas bufantes afagava os falcões de olhos vendados empoleirados em seus braços protegidos por manoplas ou pitavam os cachimbos e baforavam uma fumaça azul nos rostos das aves. E havia o dobro de serviçais uniformizados circulando com frutas e vinho em cálices dourados apoiados em bandejas também douradas, além de homens usando cotas de malha reluzentes circulando pelos arredores, mantendo-se bem próximos às grandes árvores de galhos nus. Tudo isso para acompanhar o cortejo de Morgase e garantir que a tarde de falcoaria transcorresse sem grandes problemas.

Bem, pelo menos era esse o motivo que tinham alegado, embora o povo do Profeta estivesse quase a duzentas milhas ao norte e não fosse muito provável encontrar bandidos tão perto de Amador. Além disso, apesar do grupo de mulheres que a acompanhavam em éguas e capões, todas com vestidos de montaria de seda brilhosa e deslumbrantes chapéus de abas largas com plumagens coloridas, os cabelos compridos divididos em cachos, conforme ditava a moda da corte amadecida, a verdade era que o cortejo de Morgase consistia apenas em mais duas pessoas: o desajeitado Basel Gill, montado meio torto no cavalo, o colete de discos de metal comprimindo a barriga volumosa por cima do casaco de seda vermelha — casaco esse que a própria Morgase arranajara, para Basel não ser ofuscado pelos serviçais —, e Paitr Conel, que parecia ainda mais desajeitado em seu casaco branco e vermelho de pajem, claramente muito nervoso desde que Morgase o fizera se juntar ao cortejo. As mulheres que os acompanhavam eram nobres da corte de Ailron que tinham se “oferecido” como damas de companhia. O pobre Mestre Gill

mexia na espada, distraído, observando os Mantos-brancos com um olhar de pura desilusão. Sim, aqueles homens de cotas de malha eram Mantos-brancos, apesar de sempre abrirem mão do uniforme quando a acompanhavam para fora da Fortaleza da Luz. E também eram vigias: se Morgase tentasse cavalgar para muito longe ou se afastar por muito tempo, o comandante daquele destacamento, Norowhin, um sujeito de olhar duro, que odiava fingir não ser um Manto-branco, “sugeria” que ela retornasse a Amador, dando alguma desculpa como o calor muito intenso ou algum boato de bandoleiros rondando a área. Não havia como discutir com cinquenta homens de armadura sem perder a dignidade. Na primeira vez em que saíram, Norowhin quase tomou as rédeas das mãos dela, e era por isso que Morgase nunca permitia que Tallanvor a acompanhasse nesses passeios. O rapaz era tolo o bastante para insistir em defender a honra e os direitos de Morgase mesmo diante de cem homens. Ele passava o tempo livre praticando com a espada, como se esperasse dar um jeito de abrir o caminho de Morgase à força.

Uma brisa se ergueu de repente, roçando seu rosto, e, com um susto, Morgase percebeu que estava sendo abanada: Laurain estava inclinada na sela, balançando um leque de renda branca. Ela era uma mulher jovem e esbelta, com os olhos escuros um pouco próximos demais, e estava sempre com um sorrisinho coquete.

— Vossa majestade deve ter ficado tão satisfeita em saber que seu filho se juntou aos Filhos da Luz. E que subiu de graduação tão depressa.

— Isso não deveria ser nenhuma surpresa — retrucou Altalin, abanando o próprio rosto gorducho. — Não havia dúvidas de que o filho de Sua Majestade evoluiria rápido, assim como o esplendor do sol não demora em se intensificar. — A mulher se regozijou ao ouvir os murmúrios de concordância de algumas das outras damas de companhia, em resposta àqueles joguinhos de palavras ridículos.

Morgase se esforçava para manter o rosto sereno. A notícia de Niall, que recebera na noite anterior, durante uma das visitas surpresa, tinha sido um verdadeiro choque. Galad, um Manto-branco! Bem, pelo menos ele estava seguro, segundo o Comandante dos Filhos. Mas não podia visitá-la, já que as obrigações de um Filho da Luz o mantinham afastado. Claro que ele faria parte de sua escolta quando ela retornasse a Andor, liderando um exército de Filhos.

Não, Galad estava tão em perigo quanto Elayne ou Gawyn — talvez até mais. Quisesse a Luz que Elayne estivesse em segurança na Torre Branca. Quisesse a Luz que Gawyn estivesse vivo. Niall alegava não saber o paradeiro do garoto, só tinha certeza de que Gawyn não estava em Tar Valon. E Galad agora era como uma faca em sua garganta — claro que Niall jamais seria cruel a ponto de sugerir uma coisa dessas, mas bastaria uma ordem dele para que o menino fosse enviado em alguma missão de morte certa. A única coisa que o mantinha em segurança era o fato de Niall achar que Morgase não ligava tanto para ele quanto para Elayne e Gawyn.

— Fico feliz por ele, se é isso o que o rapaz busca — respondeu, indiferente. — Mas Galad é filho de Taringail, não meu. Meu casamento com Taringail foi

arranjado, vocês sabem como são essas coisas. Pode parecer estranho, mas ele já está morto há tanto tempo que mal me lembro de seu rosto. Galad é livre para fazer o que bem entender. Gawyn é quem será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne ocupar o Trono do Leão. — Ela dispensou um serviçal que trazia um cálice de vinho numa bandeja. — Niall poderia ao menos ter providenciado um vinho decente.

Esse último comentário gerou uma onda de risadinhas nervosas. Morgase até conseguira se aproximar um pouco daquelas mulheres, mas ninguém se sentia à vontade para ofender Pedron Niall — ao menos não ali, onde qualquer comentário poderia chegar aos ouvidos dele. Morgase aproveitava toda e qualquer oportunidade de reclamar do Comandante dos Filhos quando as damas de companhia podiam ouvir: a atitude de desafio servia para convencê-las de sua valentia, o que era importante se quisesse forjar alianças, mesmo que parciais. E mais importante, pelo menos para ela, era que ajudava a preservar a ilusão de que não era prisioneira ali.

— Ouvi dizer que Rand al'Thor exhibe o Trono do Leão feito um troféu de caça.

O comentário tinha vindo de Marande, uma bela mulher com rosto em formato de coração, um tanto mais velha que as outras. Era irmã do Grão-trono da Casa Algoran, o que por si só já a tornava bastante poderosa — talvez o bastante para se opor a Ailron, mas não a Niall. As outras afastaram as montarias para que Marande se aproximasse no capão baio. Não havia a menor chance de forjar qualquer tipo de aliança ou amizade com aquela mulher.

— Pois ouvi dizer o mesmo — retrucou Morgase, displicente. — O leão é um animal perigoso de se caçar, e o Trono do Leão mais ainda. Sobretudo para um homem. Os homens que se aventuram sempre acabam mortos.

Marande abriu um sorriso.

— Também ouvi dizer que al'Thor deixa os homens capazes de canalizar em postos altos de seu exército.

A frase provocou uma troca de olhares desconfortáveis entre as demais presentes, acompanhados de um burburinho de murmúrios de preocupação. Uma das mais jovens, a esguia Marewin, ainda quase uma menina, se desequilibrou na sela de patilho alto, parecendo prestes a desmaiar. As notícias da anistia de al'Thor vinham acompanhadas de histórias assustadoras — conversas que Morgase desejava fervorosamente que fossem apenas boatos. Quisesse a Luz que todas as notícias não passassem de boatos: homens capazes de canalizar se reunindo em Caemlyn, bebendo e festejando no Palácio Real, aterrorizando a cidade.

— Você ouve bastante coisa — retrucou. — Por acaso passa o dia escutando atrás das portas?

Marande alargou o sorriso. Havia sido incapaz de resistir à pressão de se tornar uma das damas de companhia de Morgase, mas tinha poder o suficiente para exibir sua insatisfação sem medo. Era como um espinho cravado fundo no pé: impossível de remover e provocava uma pontada de dor a cada passo.

— O prazer de servir Vossa Majestade me deixa com pouco tempo livre, mas de

fato tento ouvir tudo o que chega de notícias de Andor. Para tratar delas com Vossa Majestade, claro. Ouvi dizer que o falso Dragão se reúne diariamente com os nobres andorianos. Lady Arymilla e Lady Naeen, Lorde Jarid e Lorde Lir. E outros amigos deles.

Um dos falcoeiros ergueu uma ave cinza de asas negras e olhos vendados para Morgase. Os sinos de prata presos nas tiras de couro das patas tilintavam enquanto a ave andava pela manopla do adestrador.

— Obrigada, mas já cacei bastante por hoje — respondeu Morgase, então ergueu a voz: — Mestre Gill, reúna a escolta. Estou voltando para a cidade.

Gill levou um susto. Sabia muito bem que só estava ali para cavalgar na cola dela, mas começou a acenar e gritar ordens aos Mantos-brancos como se acreditasse que os homens fossem obedecer. Morgase, por sua vez, deu meia-volta com a égua negra, mas conduziu o animal a um passo lento, claro. Norowhin sairia em disparada atrás dela se suspeitasse da menor possibilidade de uma tentativa de fuga.

Claro que os Mantos-brancos sem mantos saíram a galope, formando a escolta antes mesmo que a égua pudesse avançar dez passos. E, antes que Morgase chegasse à beirada do gramado, Norowhin já estava a seu lado com uma dezena de homens à frente e o restante seguindo atrás, bem de perto. Os serviçais, os músicos e os falcoeiros foram deixados para trás, para ajeitarem as cargas e seguirem o mais depressa possível.

Gill e Paitr tomaram suas posições atrás de Morgase, seguidos pelas damas de companhia. Marande sorria triunfante, embora algumas das outras exibissem caretas de desaprovação. Nada muito explícito — mesmo que tivesse que se submeter à vontade de Niall, Marande tinha um poder considerável dentro de Amadícia —, mas a maioria daquelas mulheres tentava se esforçar na tarefa de dama de companhia, mesmo tendo sido forçadas àquilo. A maioria delas provavelmente teria assistido Morgase de bom grado, apenas não gostava de ter que morar na Fortaleza da Luz.

A própria Morgase teria sorrido, se tivesse certeza de que Marande não notaria. A língua solta era a única razão pela qual não insistira, semanas antes, para que a mulher fosse dispensada. Marande gostava de alfinetá-la apontando a extensão dos problemas em Andor como se fossem indícios de que o poder da rainha estava esgotado, mas os nomes que citava eram um bálsamo para Morgase: todos de homens e mulheres que se opuseram a ela durante a Sucessão, todos bajuladores de Gaebriel. Daqueles nobres, não esperava nada menos — nem nada mais — do que essa atitude. Se Marande tivesse citado outros nomes, seria diferente. Se ela falasse de Lorde Pelivar, Abelle, Luan, Lady Arathelle, Ellorien ou Aemlyn. Ou outros. Mas aqueles nobres nunca tinham sido citados nas provocações de Marande, e o nome deles com certeza estaria presente caso o mais leve sussurro vindo de Andor os pusesse em suspeita. Enquanto Marande não mencionasse aqueles nobres, haveria esperança de que não tinham se ajoelhado diante de al'Thor. Aquelas pessoas a apoiaram na primeira reivindicação ao trono e, se a Luz quisesse, poderiam apoiá-la

de novo.

A floresta de árvores quase secas deu lugar a uma estrada de terra batida, e o grupo foi avançando para o sul, em direção a Amador. Passaram por trechos em que a mata tinha sido reduzida a tocos de troncos de árvores derrubadas e descampados de grama amarelada envoltos por cercas de pedra caídas, com casas de pedra com telhados de palha e celeiros bem afastados da estrada. Tinha bastante gente na estrada, todos levantando poeira ao andar, e Morgase teve que cobrir o rosto com um lenço de seda, embora o povo abrisse caminho ao avistar um grupo tão grande de homens com armas e armaduras. Alguns até corriam para as árvores ou saltavam por cima das pedras das cercas caídas e disparavam campo adentro. Os Mantos-brancos ignoravam as pessoas, e nenhum fazendeiro ergueu os punhos ou gritou com os invasores. Muitas fazendas pareciam abandonadas, sem galinhas ou qualquer outro animal à vista.

Por entre o povo que andava pela estrada Morgase viu uma carroça de bois, um homem conduzindo algumas ovelhas e até mesmo uma jovem guiando um grupo de gansos. Todos eram obviamente locais. Alguns levavam trouxas nos ombros ou alforjes abarrotados, mas a maioria ia de mãos vazias, como se não tivesse ideia de para onde seguia. E essa maioria parecia maior a cada vez que Morgase recebia permissão para sair de Amador, não importava para que direção seguisse com a comitiva.

Ajustando o lenço sobre o nariz, Morgase olhou Norowhin de esguelha. O sujeito tinha mais ou menos a mesma idade e altura de Tallanvor, mas as semelhanças acabavam por aí. Norowhin nunca fora bonito, com o rosto vermelho coberto pelo capacete reluzente em forma de cone e a pele descascada por conta do sol. Era magricela, desengonçado e tinha um nariz proeminente que lembrava uma picareta. Ele liderava a “escolta” sempre que Morgase saía da Fortaleza da Luz, e ela sempre tentava engatar conversa. Manto-branco ou não, ela considerava uma vitória cada passinho que avançava na empreitada de convencê-lo de que não precisava tratá-la como prisioneira.

— Esses são os refugiados do Profeta, Norowhin?

Não podiam ser, pelo menos não todos. Havia tanta gente rumando para o norte quanto para o sul.

— Não. — Foi a resposta rude, e ele nem se dignou a encará-la. Seus olhos esquadrinhavam a beira da estrada, como se ele esperasse que alguém fosse aparecer do nada para resgatá-la.

Infelizmente, era o único tipo de reação que Morgase conseguia arrancar dele. Mesmo assim insistiu:

— E quem são, homem? Com certeza não são tarabonianos. Vocês estão mesmo conseguindo manter esse povo longe de Amadícia. — Tinha visto Mantos-brancos a cavalo acompanhando um grupo de tarabonianos para oeste, mais cedo. Cinquenta e tantos homens, mulheres e crianças imundos e quase caindo de cansaço sendo

conduzidos feito gado. Só tinha conseguido conter a língua por saber que não havia nada que pudesse fazer sobre o assunto. — Amadícia é uma terra rica. Nem mesmo uma seca dessas teria conseguido expulsar tanta gente de suas fazendas em uns poucos meses.

Norowhin pareceu tentar conter uma careta.

— Não são — respondeu enfim. — São refugiados do falso Dragão.

— Mas como? Ele está a centenas de léguas daqui.

A relutância do homem ficou mais uma vez estampada no rosto queimado de sol, só não era possível saber se ele hesitava em busca das palavras certas ou se estava considerando se deveria responder ou não.

— Essas pessoas acreditam que ele seja o verdadeiro Dragão Renascido — disse, por fim, parecendo enojado. — Alegam que ele quebrou todos os elos, segundo as Profecias. Homens renunciaram a seus lordes, aprendizes largaram os mestres. Maridos abandonaram as famílias, e as esposas deixaram os maridos. É uma praga levada pelo vento, um vento que vem do falso Dragão.

Morgase avistou um jovem casal abraçado que observava a passagem da comitiva. O suor escorria em seus rostos, sujos da mesma poeira que cobria as roupas simplórias. Pareciam famintos, de rosto encovado e olhos arregalados. Será que coisa parecida poderia estar acontecendo em Andor? Será que Rand al'Thor também teria causado isso em sua terra? *Se tiver, ele vai pagar.* O problema era conseguir ter certeza de que a cura não seria pior do que a doença. Se resgatasse Andor, mesmo que de uma situação dessas, e a entregasse aos Mantos-brancos...

Tentou continuar a conversa, mas, depois de lhe dirigir mais palavras do que já tinha conseguido dizer de uma só vez, Norowhin retomou as respostas monossilábicas. Não importava: se conseguira abrir aquela casca uma vez, poderia repetir o feito.

Morgase se remexeu sobre a sela para tentar ver melhor o casal de jovens, mas eles estavam ocultos atrás dos soldados Mantos-brancos. Isso também não importava. Aqueles rostos permaneceriam guardados em sua memória, assim como sua promessa.





UM DITADO DAS TERRAS DA FRONTEIRA

Rand estava com saudade dos dias em que teria sido possível caminhar sozinho pelos corredores do Palácio. Naquela manhã, estava acompanhado por Sulin e mais vinte Donzelas; por Bael, o chefe de clã dos Aiel Goshien, com seus cinco *Sovin Nai*, os Mãos de Faca dos Jhirad Goshien, pela honra do chefe de clã; e por Bashere, escoltado por homens de Saldaea com os típicos narizes de gavião. A comitiva apinhava o amplo corredor com paredes cobertas de tapeçarias. As *Far Dareis Mai* e os *Sovin Nai*, vestidos em seu *cadin'sor*, nem olhavam para os serviçais que se curvavam em medidas e reverências rápidas logo e saíam do caminho. Já os saldaeanos, mais jovens, avançavam com um ar afetado, vestidos com casacos curtos e calças largas enfiadas nas botas. Estava fazendo calor até ali, naquela passagem sombreada, com grãosinhos de poeira dançando no ar. Alguns serviçais ostentavam o uniforme vermelho e branco dos tempos do governo de Morgase, mas a maioria era recém-chegada e ainda usava as mesmas roupas de quando se candidatara ao trabalho: a lã típica de fazendeiros e comerciantes, os tecidos quase todos escuros e lisos, mas de diversas cores, com bordados ou pedacinhos de renda aqui e ali.

Rand fez uma anotação mental para não se esquecer de mandar a Senhora Harfor, a Criada-chefe, providenciar uniformes para todos, de modo que os recém-chegados não sentissem que precisavam usar suas melhores roupas para trabalhar. Os uniformes do Palácio com certeza seriam de qualidade superior à de qualquer roupa dos camponeses, exceto talvez pelas suas roupas de festa. Havia menos serviçais do que durante o governo de Morgase, e boa parte dos homens e mulheres vestidos em vermelho e branco eram grisalhos e meio corcundas, pois tinham sido convocados dos alojamentos dos aposentados. Em vez de fugir, como tantos outros, aqueles serviçais preferiram abdicar da aposentadoria a ver o palácio destruído. Outra anotação mental. Mandar a Senhora Harfor — Criada-chefe não era um título muito glorioso, mas era Reese Harfor quem comandava o dia a dia do Palácio Real —

encontrar serviçais o bastante para que os mais velhos pudessem desfrutar da aposentadoria. Será que o benefício ainda estava sendo pago, agora que Morgase morrera? Devia ter pensado nisso antes. Bem, Halwin Norry, guarda-livros-chefe, saberia. Rand se sentia como se estivesse sendo espancado por penas até a morte. Cada coisa o fazia lembrar-se de outra que precisava ser feita. E ainda tinha o problema com os Caminhos... as penas não eram nada macias. Mandara uma guarda vigiar o Portal dos Caminhos ali em Caemlyn, além de todas as entradas próximas a Tear e Cairhien, mas não tinha nem como ter certeza de quantos existiam.

Sim, trocaria todas as medidas e reverências, toda a guarda de honra, todas aquelas questões e incumbências, toda aquela gente com necessidades a serem atendidas... trocaria tudo aquilo pelos dias em que sua única preocupação era arranjar um casaco para se aquecer. Claro que, naqueles dias, não teria sequer permissão de caminhar por esses corredores, pelo menos não sem um tipo diferente de guarda, vigiando para que ele não surrupiasse um dos cálices de ouro e prata dos nichos na parede ou alguma das esculturas de marfim de uma das mesas marchetadas de lápis-lazúli.

Pelo menos a voz de Lews Therin não estava resmungando ininterruptamente naquela manhã. E pelo menos Rand achava que estava pegando o jeito daquele truque que Taim lhe ensinara. O rosto de Bashere estava empapado de suor, mas Rand quase não era afetado pelo clima extremo — o casaco cinza de seda bordado estava abotoado até o pescoço, e, mesmo sentindo um pouco de calor, o jovem não suava uma gota sequer. Taim explicara que com o tempo Rand sequer sentiria calor ou frio, mesmo que a temperatura chegasse a extremos que incapacitariam um homem comum. Era apenas questão de se retrair e se distanciar de si mesmo, de um jeito parecido com quando ele se preparava para abraçar *saidin*. Era estranho que aquela habilidade fosse tão similar aos usos do Poder, mesmo sem ter qualquer relação com a Fonte Verdadeira. Será que as Aes Sedai também faziam isso? Nunca tinha visto uma delas suar. Pelo menos achava que não.

Riu de repente. Ah, estava pensando se as Aes Sedai suavam ou não! Talvez ainda não estivesse louco, mas não teria dificuldades em se passar por um tonto cabeça de lã.

— Eu falei alguma coisa engraçada? — indagou Bashere, em um tom seco, coçando o bigode.

Algumas Donzelas o encararam, um pouco ansiosas. Estavam tentando compreender o humor dos aguacentos.

Rand não sabia como Bashere conseguia manter a compostura. Naquela mesma manhã, chegara ao Palácio um boato sobre levantes nas Terras da Fronteira provocados por disputas entre os locais. As fofocas dos viajantes brotavam feito erva depois da chuva, mas aquele rumor parecia ter vindo direto do norte, trazido por mercadores vindos de lugares tão distantes quanto Tar Valon. Ninguém mencionara nomes ou locais específicos, então as disputas poderiam muito bem estar ocorrendo

em Saldaea. Além disso, Bashere não recebia notícias de sua terra desde que fora embora, meses antes. Ainda assim, pela reação ao boato, ele poderia simplesmente ter ouvido alguém comentar que o preço do nabo subira.

Claro, Rand também não tinha notícias sobre Dois Rios, apenas os vagos rumores de que sua terra natal fora afetada por alguma rebelião originada em algum lugar a oeste, o que, em tempos como aqueles, podia ou não ser verdade. Mas não era a mesma coisa: Rand abandonara Dois Rios. As Aes Sedai tinham espiões em toda parte, e ele não estaria se arriscando nem um pouco em apostar que os Abandonados também. O Dragão Renascido não tinha qualquer interesse na aldeiazinha onde Rand al'Thor crescera — isso estava no passado. Se não fosse assim, dominariam Campo de Emond para usar o lugar contra ele. Bem, não ia se ocupar discutindo sozinho sobre seus motivos. Havia abandonado o lugar e ponto final.

Será que eu mereço escapar do destino que me espera, mesmo que eu descubra como? O pensamento vinha dele mesmo, não de Lews Therin.

Rand endireitou os ombros, que de repente pareciam muito doloridos, e manteve a voz baixa:

— Me desculpe, Bashere. Foi uma ideia meio engraçada que tive. Mas estava ouvindo. Você disse que Caemlyn está ficando muito cheia. Que para cada homem que fugiu supostamente por medo do falso Dragão, chegaram outros dois porque acham que não sou falso e, portanto, não têm medo. Está vendo?

Bashere grunhiu em resposta — uma resposta que poderia significar qualquer coisa.

— E quantos não vieram para cá por outros motivos, Rand al'Thor? — perguntou Bael, o sujeito mais alto que Rand já vira, quase uma boa mão maior que ele próprio. O Aiel fazia um contraste estranho com Bashere, que era mais baixo do que todas as Donzelas, exceto Enaila. O chefe de clã dos Aiel Goshien ostentava espessas mechas grisalhas nos cabelos vermelho-escuros, mas seu rosto magro ainda era bem rígido, e os olhos azuis, muito penetrantes. — Você já tem inimigos mais do que suficiente para a cota de cem homens. Ouça bem o que eu digo, logo vão tentar um novo ataque contra você. Talvez tenham vindo até Mensageiros das Sombras entre os recém-chegados.

— Mesmo que não tenha Amigos das Trevas entre o povo, os problemas virão — observou Bashere —, a inquietação cresce aos poucos na cidade, como um pão no forno. Bastante gente foi atacada e espancada por duvidarem de que você é mesmo o Dragão Renascido. E um coitado foi arrastado de uma taverna até um celeiro e enforcado nas vigas só por ter rido ao ouvir o relato dos seus milagres.

— Meus milagres? — indagou Rand, incrédulo.

Um serviçal enrugado e grisalho, metido em um casaco meio largo à guisa de uniforme, que ia pelo corredor carregando um grande vaso, tropeçou e caiu para trás quando tentou se curvar em uma mesura e recuar para sair do caminho ao mesmo tempo. O vaso verde-claro, um artigo do Povo do Mar feito de porcelana fina como

papel, voou por cima da cabeça do serviçal e saiu rolando pelo chão de azulejos vermelho-escuros, rodopiando e quicando até parar, perfeitamente de pé, cerca de trinta passadas mais adiante. O velho se levantou mais que depressa, com agilidade surpreendente, e correu para resgatar o vaso. Ele tateou a porcelana toda, ao mesmo tempo incrédulo e aliviado, e soltou uma exclamação quando viu que não havia sequer uma lasca ou rachadura. Outros serviçais encararam a cena com a mesma incredulidade, antes de se recomporem de repente e seguirem com seus afazeres. Eles se esforçavam tanto em evitar olhar para Rand que muitos esqueciam as medidas e reverências.

Bashere e Bael se entreolharam, e Bashere bufou, soprando o frondoso bigode.

— Têm acontecido coisas estranhas — comentou. — A cada dia chega uma história nova. Alguma criança caiu de uma janela a quarenta passadas de altura e se estatelou nas pedras do pavimento, mas não sofreu um único arranhão. Ou alguma velhinha se meteu no meio de mais de vinte cavalos em disparada, mas além de não ter sido derrubada ou pisoteada ainda conseguiu sair ilesa. Outro dia um sujeito acertou cinco coroas vinte e duas vezes seguidas nos dados, e o pessoal também pôs isso na sua conta. Sorte a dele.

— Dizem por aí que ontem à noite uma cesta de telhas caiu de cima de um telhado. As telhas ficaram intactas, mas caíram formando o antigo símbolo dos Aes Sedai — acrescentou Bael. Ele encarou o serviçal grisalho que estava de queixo caído, apertando o vaso contra o peito enquanto eles passavam. — E eu não duvido.

Rand soltou a respiração devagar. Claro que os dois não tinham mencionado o outro tipo de coisa estranha que andava acontecendo. Não falaram do homem que estava caminhando quando tropeçou e foi enforcado pelo próprio lenço amarrado ao pescoço, que ficou preso na lingueta de uma porta. Nem do vento forte que soprou pelas janelas e portas abertas de uma casa, soltou uma ripa do teto e matou a mulher que estava sentada à mesa com a família. O tipo de coisa que realmente podia acontecer, mas era raro. Só que aqueles eventos não eram incomuns quando ele estava por perto. O mero fato de Rand estar a algumas milhas de distância retorcia o padrão e o acaso, para o bem ou para o mal — e os dois aconteciam com a mesma frequência. Mesmo que os Dragões sumissem de seus braços, e as garças desaparecessem das palmas das mãos, Rand ainda estaria marcado. Havia um ditado nas Terras da Fronteira: *“A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha.”* Depois de erguer a montanha nos ombros, a única opção era sustentá-la com firmeza: não havia como deitá-la outra vez no chão. E também não havia mais ninguém que pudesse carregá-la em seu lugar. Reclamar não resolveria nada.

— Você encontrou os homens responsáveis pelo enforcamento? — indagou, rude. Bashere balançou a cabeça. — Então encontre os responsáveis e prenda todos por homicídio. Quero acabar com essa moda. Não é crime nenhum duvidar de mim.

Segundo os rumores, o Profeta declarara que aquilo era, sim, um crime. Mas Rand

não podia fazer nada a respeito disso — pelo menos por enquanto. Nem ao menos sabia onde Masema estava, só tinha a vaga noção de que era em algum lugar de Ghealdan ou de Amadícia. Isso se não tivesse se mudado nesse meio-tempo. Fez mais outra anotação mental: precisava encontrar aquele homem e dar um jeito de freá-lo.

— Seja qual for o tamanho dessa dúvida? — inquiriu Bashere. — Andam dizendo pelos cantos que você é um falso Dragão e que matou Morgase com a ajuda das Aes Sedai. Que o povo deveria se rebelar e vingar sua rainha. Esses rumores podem estar sendo repetidos por mais gente do que imaginamos. Não dá para ter certeza.

Rand ficou muito sério. Conseguia aceitar que o povo especulasse sobre sua participação na morte de Morgase — não tinha muita opção: por mais que negasse, muitas estranhezas tinham acontecido durante a tomada do Palácio, havia coisas demais que não se encaixavam, o que suscitava dúvidas. Mas não podia tolerar qualquer incitação à rebelião. Não dividiria Andor entre guerras e disputas. Entregaria a Elayne um país tão intocado quanto o que recebera. Se algum dia a encontrasse outra vez, é claro.

— Descubra quem começou esses rumores e jogue os responsáveis na prisão — mandou, em um tom severo. Luz, como poderiam descobrir quem dera início àquela fofoca? — Se quiserem perdão, podem pedir a Elayne. — Uma jovem serviçal usando um vestido marrom simples e espanando um vaso de vidro retorcido olhou para o seu rosto enquanto Rand dava a ordem. O vaso caiu de suas mãos subitamente trêmulas e se despedaçou. É, ele nem sempre alterava o acaso. — Alguma boa notícia? Seria ótimo.

A jovem se agachou, ainda trêmula, para recolher os cacos, mas bastou um olhar de Sulin — um simples olhar! —, e ela se afastou correndo, de olhos arregalados, e se apertou contra a parede, junto a uma tapeçaria de um leopardo em plena caça. Rand não entendia por quê, mas algumas mulheres pareciam temer mais as Donzelas que os homens Aiel. A jovem olhou para Bael como se esperasse receber alguma proteção. Mas ele não parecia nem vê-la.

— Bem, depende de o que você considera boas notícias — retrucou Bashere, dando de ombros. — Fiquei sabendo que Ellorien, da Casa Traemane, e Pelivar, da Casa Coelan, chegaram à cidade faz três dias. Entraram escondidos, por assim dizer, e, pelo que eu sei, nenhum dos dois chegou nem perto da Cidade Interna. E corre o boato de que Dyelin, da Casa Taravin, está aqui por perto, no interior. Nenhum deles respondeu aos seus convites. Não ouvi nada que pudesse ligá-los aos boatos. — Ele olhou de esguelha para Bael, que balançou a cabeça de leve.

— Ouvimos ainda menos do que você, Davram Bashere. O povo daqui só deixa a língua solta na companhia de outros aguacentos.

De todo modo, eram boas notícias. Rand precisava daquelas pessoas. Poderia dar um jeito de resolver a situação, se aqueles nobres achassem que ele era um falso Dragão. E se aquelas pessoas acreditassem que ele tinha matado Morgase... bem,

era ainda melhor que permanecessem leais à memória e ao sangue da rainha.

— Mande novos convites para virem me visitar. E inclua o nome de Dyelin. Os dois devem saber onde ela está.

— Se eu mandar o convite, acho que a única coisa que eles vão ouvir é que tem um exército de Saldaea instalado em Andor — retrucou Bashere, meio na dúvida.

Rand hesitou, então assentiu, abrindo um sorriso de repente.

— Peça a Lady Arymilla que leve o convite. Não tenho dúvidas de que ela vai adorar a oportunidade de mostrar aos outros quanto é próxima de mim. Mas quero que você redija.

Mais uma vez, as aulas de Moiraine sobre o Jogo das Casas se mostravam úteis.

— Bem, tem mais, e não sei se é uma notícia boa ou ruim — continuou Bael, mudando de assunto —, mas os Escudos Vermelhos disseram que duas Aes Sedai alugaram quartos em uma estalagem na Cidade Nova. — Os Escudos Vermelhos tinham ajudado os homens de Bashere a fazer o policiamento de Caemlyn, no começo, mas depois assumiram a função. Bael abriu um leve sorriso ao notar o desapontamento no rosto de Bashere. — Nós ouvimos menos, Davram Bashere, mas pode ser que, às vezes, nossos olhos vejam mais.

— Alguma delas é nossa amiga que gosta de gatos? — perguntou Rand.

As histórias de que havia uma Aes Sedai na cidade persistiam. Às vezes eram duas, ou três, ou um grupo maior, mas o máximo que Rand conseguira descobrir eram umas poucas histórias sobre uma Aes Sedai que Curava gatos e cachorros, mas que sempre estava em alguma rua mais à frente. E sempre contada por alguém que ouvira de alguém que ouvira em uma taverna ou um mercado.

Bael balançou a cabeça.

— Acho que não. Os Escudos Vermelhos disseram que as duas parecem ter chegado no meio da noite.

Bashere parecia interessado — o homem não perdia uma chance de repetir que Rand precisava das Aes Sedai. Bael, contudo, franzia o cenho de leve, tão de leve que só um Aiel teria percebido. Aquele era um povo cauteloso, até relutante, quando o assunto era Aes Sedai.

Aquelas poucas palavras davam a Rand muito o que pensar, e cada pensamento desencadeado pelos boatos levava de volta para ele. As duas Aes Sedai deviam ter um motivo para ir a Caemlyn quando suas irmãs andavam evitando a cidade desde que o Dragão Renascido aparecera por lá. O mais provável era que tivesse a ver com ele. Era comum evitar viajar à noite até mesmo nos tempos de paz, e os tempos não andavam nada pacíficos. Chegar no meio da madrugada talvez indicasse que as Aes Sedai estavam tentando passar despercebidas — e o mais provável é que fosse justamente ele quem elas não quisessem que notasse sua presença. Por outro lado, poderia ser apenas alguma viagem urgente. O que talvez indicasse uma missão para a Torre. E a verdade era que Rand não conseguia pensar em nada mais importante para a Torre, naquele momento, do que ele próprio. Ou as duas poderiam estar

viajando ao encontro das Aes Sedai que Egwene insistia que iam apoiá-lo.

Fosse o que fosse, Rand queria saber. Só a Luz sabia o que as Aes Sedai — fossem as da Torre ou as desse grupo escondido com Elayne — estavam tramando, mas ele tinha que descobrir. As Aes Sedai eram um grupo grande demais e potencialmente perigoso demais para ele se dar ao luxo de não ficar atento. Como a Torre reagiria quando Elaida soubesse da anistia? Como as Aes Sedai reagiriam? Será que já estavam sabendo?

Enquanto se aproximavam das portas no fim do corredor, Rand abriu a boca para pedir a Bael que convidasse uma das Aes Sedai para vir ao Palácio. Podia dar conta de duas delas, se fosse o caso — contanto que não o pegassem de surpresa —, mas não havia motivo para se arriscar antes de saber quem eram e o que pretendiam.

Estou tomado de orgulho. Esse mesmo orgulho doentio que me destruiu!

Rand tropeçou. Era a primeira vez do dia que ouvia a voz de Lews Therin em sua cabeça — e ainda por cima o comentário era parecido demais com o que estava pensando a respeito das Aes Sedai —, mas não foi isso o que o fez parar de repente e engolir as palavras que estava prestes a dizer.

As portas que davam para um dos jardins do Palácio estavam abertas por causa do calor. Não havia flores, e alguns dos arbustos de rosas e estrelas-brancas estavam murchos, mas, mesmo com poucas folhas nas copas, ainda havia a sombra das árvores ao redor da fonte de mármore branco que jorrava água, bem no coração do jardim. Uma mulher de saia rodada de lã marrom e uma blusa branca e larga de *algode* estava parada junto à fonte, com um xale cinza enrolado nos braços, com aquela mesma expressão atônita que os Aiel encaravam a água que não tinha outra função além de ser olhada. Rand deixou os olhos de perderem nas linhas do rosto de Aviendha, nas ondas de seus cabelos ruivos que caíam sobre os ombros, o lenço cinza dobrado amarrado no topo da cabeça. Luz, como ela era bonita. Aviendha observava o movimento da água, ainda sem reparar em sua presença.

O que sentia por ela era amor? Não sabia. A Aiel sempre aparecia nos sonhos com Elayne e com Min. Rand sabia que aquilo é que era perigoso. Sabia que não tinha nada a oferecer a uma mulher além de sofrimento.

Ilyena, lamentou Lews Therin. *Eu a matei! A Luz há de me consumir para sempre!*

— Deve ser coisa importante, para uma dupla de Aes Sedai aparecer desse jeito — murmurou Rand. — Talvez seja melhor eu visitar a estalagem e descobrir por que vieram. — Quase todos da comitiva pararam junto com ele, mas Enaila e Jalani se entreolharam e continuaram avançando, passando por ele e indo para o jardim. Rand ergueu a voz uma fração mínima e a deixou ainda mais dura. — As Donzelas aqui virão comigo. Quem quiser botar um vestido e fofocar sobre juntar casais pode ficar para trás.

Enaila e Jalani se empertigaram e se viraram para ele, um brilho de indignação nos olhos. Era bom que Somara não estivesse na guarda naquela manhã: a mulher

provavelmente teria seguido em frente mesmo assim. Sulin remexeu os dedos, dizendo alguma coisa na língua de sinais secreta das Donzelas. Fosse lá o que ela estivesse dizendo, acabou com a indignação dos olhares das outras duas e as deixou com o rosto ardendo de vergonha. Os Aiel empregavam uma variedade de gestos quando era melhor manter o silêncio. Cada clã tinha alguns sinais específicos, assim como cada sociedade, além dos gestos comuns entre todos os Aiel. Mas apenas as Donzelas tinham criado uma verdadeira linguagem a partir dos sinais.

Rand se afastou do jardim, sem esperar Sulin acabar o que estava dizendo. Aquelas Aes Sedai podiam sair de Caemlyn tão rápido quanto tinham chegado. Olhou por cima do ombro. Aviendha ainda encarava a água — ela não tinha reparado nele. Apressou o passo.

— Bashere, pode mandar um de seus homens aprontar os cavalos? No Portão do Estábulo Sul. — Os portões principais do Palácio davam para a Esplanada da Rainha, que estaria apinhada de gente na esperança de conseguir um vislumbre de Rand. Levaria meia hora para passar, se tivesse sorte.

Com um gesto, Bashere botou a questão a encargo de um dos saldaeanos mais jovens, que saiu em disparada. Seus passos tinham o balanço ligeiro de um homem mais acostumado a uma sela do que às próprias pernas.

— Um homem inteligente sabe quando recuar diante de uma mulher — comentou Bashere, para o ar —, mas um homem sábio reconhece que às vezes é preciso ficar e enfrentá-la.

— É coisa dos jovens — retrucou Bael, em tom indulgente. — Os jovens perseguem as sombras e fogem do luar, mas no fim das contas acabam acertando o próprio pé com a lança que carregavam.

Alguns outros Aiel, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, soltaram risadinhas. Só os mais velhos. Irritado, Rand olhou para trás outra vez.

— Nenhum de vocês ficaria bem de vestido.

Para sua surpresa, tanto as Donzelas quanto os Mãos de Faca riram outra vez, e ainda mais alto. Talvez ele estivesse pegando o jeito do humor Aiel.

Tudo correu conforme o esperado quando ele saiu do Portão do Estábulo Sul e adentrou uma das ruas sinuosas da Cidade Interna. Os cascos de Jeade'en ressoavam nas pedras do pavimento enquanto o garanhão se remexia — o sarapintado quase não saía mais do estábulo, ultimamente. Havia bastante gente na rua, mas nem de longe na mesma quantidade que deveria estar apinhando os caminhos do outro lado do Palácio, e todos ali estavam ocupados com seus afazeres. Mesmo assim, as pessoas apontavam para ele, cochichando umas com as outras. Alguns talvez tivessem reconhecido Bashere — que, ao contrário de Rand, circulava com frequência pela cidade —, mas qualquer um que saísse do Palácio, ainda mais com uma escolta de Aiel, devia ser importante. Os cochichos e dedos apontados os seguiram pelas ruas.

Apesar dos olhares, Rand tentou apreciar a beleza das construções Ogier da

Cidade Interna. Considerava preciosos os raros momentos em que conseguia simplesmente parar e apreciar alguma coisa. As ruas sinuosas saíam do reluzente Palácio Real, todo branco, e seguiam em curvas pelos contornos das colinas como se fossem parte da paisagem natural. O lugar era pontilhado de torres elegantes revestidas de ladrilhos coloridos, algumas com domos dourados, roxos ou brancos cintilando à luz do sol. Em certo ponto, havia um grande espaço aberto dando vista para um parque bem arborizado; em outro, uma colina atraía o olhar para os limites da cidade, para as florestas e planícies ondulantes além do comprido muro branco rajado de prata que circundava toda Caemlyn. A Cidade Interna fora projetada para encantar e confortar os olhos. De acordo com os Ogier, apenas a própria Tar Valon e a histórica Manetheren a superavam em beleza, e muitos humanos, sobretudo os andorianos, acreditavam que na verdade a beleza de Caemlyn fazia jus às outras duas.

As alvíssimas muralhas da Cidade Interna demarcavam o início da vizinha, a Cidade Nova, com seus próprios domos e pináculos, alguns tentando competir em altura com os da Cidade Interna, que ocupava as colinas mais altas. As ruas ali eram mais estreitas e estavam cheias de vida. Até os bulevares mais amplos, divididos por canteiros com fileiras de árvores, estavam lotados de gente a pé, carros de boi, carroções puxados por cavalos, pessoas montadas ou em carruagens e liteiras. Um burburinho pairava no ar, feito um imenso enxame de abelhas.

Avançavam ainda mais devagar por ali, mesmo com o povo abrindo caminho. Assim como o povo nas ruas da Cidade Interna, aquela gente não sabia quem ele era, mas ninguém queria atravancar o avanço dos Aiel — ainda assim, avançar pelas ruas cheias em uma comitiva tão grande era algo que, simplesmente, levava tempo. E na rua havia todo tipo de gente: fazendeiros usando lã crua; mercadores em casacos ou vestidos de corte mais refinado; artesãos envolvidos em seus trabalhos; mascates berrando sobre os produtos expostos em bandejas e carrinhos de mão, vendendo desde fitas e alfinetes até frutas e fogos de artifício — e os preços dos dois últimos itens estavam igualmente exorbitantes. Um menestrel, em seu manto coberto de retalhos, esbarrou em três Aiel que inspecionavam as lâminas expostas nas mesas diante da oficina de um couteleiro. Dois sujeitos esguios de cabelos escuros e trançados e espadas nas costas — Rand supôs que fossem Caçadores da Trombeta — estavam parados em uma esquina, conversando com um grupo de saldaeanos enquanto ouviam uma dupla de músicos; uma mulher na flauta e um homem batucando um tambor. Os cairhienos, mais baixos e de pele mais clara, destacavam-se entre os andorianos, assim como os tairenos, de pele mais escura. Mas também havia murandianos em seus casacos compridos, altaranos em coletes elaborados, kandorianos de barba forçada e até um par de domaneses, com seus longos brincos e o típico bigode fino e comprido.

E outro tipo de gente também se destacava na multidão, com seus casacos surrados e vestidos amarrotados, quase sempre sujos, com olhares fixos perdidos,

piscando em confusão, claramente sem rumo e ou ideia do que fazer. Era uma gente que já tinha encontrado o que buscava: ele — o Dragão Renascido. Rand não tinha noção do que fazer com aquelas pessoas, mas, querendo ou não, eram sua responsabilidade. Não importava que ele não tivesse pedido a ninguém que jogassem a vida fora, que nunca nem tivesse esperado que eles abandonassem tudo. Nada importava: já estava feito. E por ele. Aquelas pessoas, se descobrissem Rand ali na rua, poderiam muito bem subjugar os Aiel em meio ao desespero de simplesmente tocá-lo.

Rand tocou a estátua do homenzinho gordo no bolso do casaco, o *angreal*. Era um artefato excelente, se as coisas chegassem ao ponto de ele precisar usar o Poder Único para se proteger de gente que abandonara tudo por sua causa. Era justamente por isso que Rand quase nunca se aventurava pela cidade. Ou esse era pelo menos um dos motivos — ele era ocupado demais para se dar ao luxo de perder tempo com passeios.

Bael os guiou até uma estalagem chamada Sabujo de Culain, na parte oeste da cidade, uma construção de pedra de três andares com telhado de azulejos vermelhos. A multidão aglomerada na sinuosa rua lateral que levava à estalagem recuou para os lados, se amontoando em volta da comitiva quando eles pararam na porta de entrada. Rand tocou outra vez o *angreal* — duas Aes Sedai... provavelmente conseguiria lidar com elas sem ajuda —, desceu da montaria e entrou. Claro que antes entraram três Donzelas e uma dupla de Mãos de Faca, todos avançando nas pontas dos pés e prestes a erguer os véus. Seria mais fácil ensinar um gato a cantar do que convencer os Aiel a se acalmarem um pouco. Dois saldaeanos ficaram com os cavalos, e Bashere e os outros o seguiram de perto, com Bael e outros Aiel atrás — claro que Bael deixara homens de guarda do lado de fora. Mas o que encontraram não era o que Rand esperava.

O salão poderia ser qualquer um dos mais de cem salões de estalagem em Caemlyn: os imensos barris de cerveja e vinho enfileirados em uma parede caiada, sustentando uma fileira de pequenas barricas de conhaque e o gato cinza listrado deitado bem no topo; o par de lareiras de pedra completamente vazias; o teto de vigas, as três ou quatro serviçais de avental circulando por entre as mesas; os bancos espalhados pelo lugar; o chão de madeira crua. O estalajadeiro, cuja enorme papada fazia seu rosto redondo parecer ter três queixos, com o corpanzil apertado num avental branco, aproximou-se depressa a passos pesados, limpando as mãos e lançando um olhar nervoso na direção dos Aiel. O povo de Caemlyn já conseguira compreender que aquele povo do deserto não sairia saqueando e incendiando tudo — tinha sido muito mais difícil convencer os Aiel de que Andor não era um território conquistado e que eles não poderiam reivindicar o quinto —, mas isso não queria dizer que os estalajadeiros estavam acostumados a receber tantos Aiel armados em seus salões.

O estalajadeiro concentrou a atenção em Rand e Bashere, porém mais em

Bashere. Os dois obviamente eram homens de recursos, a julgar por suas roupas, mas Bashere era bem mais velho, então o mais provável era que ele fosse o mais importante do grupo.

— Bem-vindo, milorde, milordes... O que posso oferecer aos senhores? Tenho vinhos de Murandy e de Andor, conhaque de...

Rand o ignorou. Havia uma diferença gritante em relação às outras centenas de salões de estalagens na cidade: a clientela. Teria esperado encontrar pelo menos um ou dois homens bebendo, àquela hora, mas não havia nenhum. Quase todas as mesas estavam cheias de moças — quase todas garotas, na verdade — em vestimentas simples. Ainda sentadas e segurando as canecas de chá, elas se viraram, espantadas, para encarar os recém-chegados. Mais de uma soltou um murmúrio de surpresa ao notar a altura de Bael. No entanto, nem todas olharam para os Aiel, e foram as jovens que se voltaram para *ele*, boquiabertas, que deixaram Rand surpreso. Ele conhecia aquelas meninas. Não conhecia todas muito bem, mas mesmo assim... Uma em particular chamou sua atenção.

— Bo? — perguntou, incrédulo.

A garota de olhos grandes que o encarava... não conseguia entender quando a menina passara a ser velha o bastante para trançar os cabelos. Aquela era Bodewhin Cauthon, irmã de Mat. E ali estava a roliça Hilde Barran, sentada ao lado da magrela Jerilin al'Caar e da bela Marisa Ahan, com as mãos espalmadas nas bochechas, como sempre fazia quando estava surpresa. E também Emry Lewin, de corpo robusto, Elise Marwin, Darea Candwin, e... As meninas eram todas de Campo de Emond ou das vilas vizinhas. Passando os olhos pelas outras mesas, notou que as garotas ali também deviam ser de Dois Rios. Pelo menos a maioria. Viu um rosto domanês, além de pelo menos dois outros que também deveriam ser de um lugar distante, mas poderia ter visto cada um daqueles vestidos em um dia comum em Campo de Emond.

— Pela Luz, o que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos indo para Tar Valon — conseguiu dizer Bo, apesar da surpresa. Sua única semelhança com Mat era o leve toque de malícia nos olhos. O espanto em vê-lo sumiu depressa, e a jovem abriu um largo sorriso de encanto e admiração. — Para virar Aes Sedai, que nem Egwene e Nynaeve.

— E olha que a gente poderia perguntar a mesma coisa — acrescentou Larine Ayellin, sempre graciosa, ajeitando a grossa trança por cima do ombro com uma displicência calculada. Era a mais velha das garotas de Campo de Emond, quase três anos mais nova que ele, mas a única de cabelos trançados além de Bo. Larine sempre se considerara muito importante, e era bonita o bastante para que todos os rapazes corroborassem sua opinião. — Lorde Perrin praticamente não falou sobre você, só comentou que você estava viajando e tendo aventuras. E usando casacos finos, o que pelo visto é verdade.

— Está tudo bem com o Mat? — perguntou Bo, parecendo ansiosa de repente. —

Ele está com você? Minha mãe está tão preocupada... Ele não lembrava nem de calçar meias limpas se não tivesse alguém em cima dele.

— Não — respondeu Rand, hesitante —, ele não está aqui. Mas está bem.

— A gente não imaginou que fosse encontrar você aqui em Caemlyn — comentou Jancy Torfinn, em sua voz aguda. A menina não devia ter mais que quatorze anos: era a mais jovem do grupo, pelo menos entre as garotas de Campo de Emond. — Aposto que Verin Sedai e Alanna Sedai vão ficar muito felizes. As duas sempre fazem perguntas sobre você.

Então elas eram as duas Aes Sedai ali na cidade. Rand conhecia Verin, uma irmã Marrom, até melhor do que gostaria, mas não sabia o que pensar sobre a presença dela na cidade. De todo modo, essa não era nem de longe a notícia mais importante. Aquelas garotas tinham vindo de *casa*.

— Então está tudo bem em Dois Rios? Em Campo de Emond? Parece que Perrin conseguiu chegar bem. Ei... espera aí! *Lorde* Perrin?

Aquilo abriu as comportas, liberando a torrente de novidades. As garotas de outras vilas de Dois Rios estavam mais interessadas em espiar os Aiel, principalmente Bael, com olhares de esguelha, e algumas até dispensavam olhares para os saldaeanos, mas as jovens de Campo de Emond se aglomeraram ao redor de Rand e começaram a falar ao mesmo tempo. A informação saía toda entrecortada e confusa, pontuada por perguntas sobre ele, Mat, Egwene e Nynaeve. Mesmo que tivesse chance de falar, Rand não levaria menos de uma hora para responder àquilo tudo.

Trollocs tinham invadido Dois Rios, mas Lorde Perrin os expulsara. As meninas se empolgaram ao relatar a grande batalha, todas falando ao mesmo tempo e tão rápido que foi difícil entender qualquer coisa além do fato de que houvera uma batalha. Claro que todos da região haviam se envolvido na luta, mas Lorde Perrin fora quem salvara o lugar. E era sempre *Lorde* Perrin — quando Rand chamava o amigo apenas de Perrin, era corrigido com a mesma naturalidade com que as garotas corrigiriam o erro gramatical de uma criança pequena.

Mesmo com a notícia de que os Trollocs tinham sido derrotados, Rand sentiu um aperto no peito. Abandonara seu povo. Se estivesse lá, talvez não houvesse uma lista de mortos tão extensa, com tantos nomes conhecidos. Porém, se tivesse voltado para sua terra natal, não teria os Aiel ao seu lado. E não teria domínio sobre Cairhien — pelo menos não naquela magnitude. E Rahvin com certeza teria unido Andor e enviado os exércitos contra ele e Dois Rios. Havia um preço a ser pago por qualquer decisão que ele tomava — e quem pagava eram os outros. Não podia esquecer que era um preço muito menor do que o mundo pagaria sem ele — o que, claro, não ajudava muito.

Julgando a expressão sombria de Rand como uma provável consternação diante da lista dos mortos de Dois Rios, as garotas mais que depressa mudaram para os relatos mais alegres. Ao que parecia, Perrin tinha se casado com Faile. Rand desejou que os dois fossem felizes e se perguntou quanto tempo poderia durar qualquer

felicidade que qualquer um deles encontrasse. As garotas achavam tudo muito lindo e romântico, mas lamentavam não ter havido tempo para as festividades de costume. Apesar de aprovarem e admirarem muito Faile, todas as jovens, até Larine, também pareciam sentir um pouco de inveja.

O vilarejo também fora visitado por Mantos-brancos. Estavam acompanhados de Padan Fain, o velho mascate que visitava Campo de Emond toda primavera. As garotas não pareciam ter muita certeza se os Mantos-brancos tinham ido como amigos ou inimigos, mas, se Rand ainda tivesse dúvidas, a união com Fain as teria dissipado. O antigo mascate era um Amigo das Trevas — ou talvez fosse coisa ainda pior —, e faria qualquer coisa para prejudicar Rand, Mat e Perrin. Principalmente Rand. A pior notícia das garotas talvez fosse o fato de ninguém saber se Fain estava vivo ou morto. De todo modo, os Mantos-brancos e os Trollocs tinham batido em retirada, e uma torrente de refugiados cruzava as Montanhas da Névoa trazendo todo tipo de novidades, de costumes a mercadorias, de plantas e sementes a roupas e tecidos. Uma das garotas ali era domanesa, e também havia duas tarabonianas e três da Planície de Almoth.

— Larine comprou um vestido domanês — comentou a pequena Jancy, com uma risada que a fez estreitar os olhos —, mas a mãe mandou ela devolver.

Larine ergueu uma das mãos, então parou para pensar e apenas fungou com desdém e ajeitou a trança. Jancy deu uma risadinha.

— E quem liga para vestidos? — retrucou Susa al'Seen. — Rand não liga para vestidos. — A jovem magra e agitada sempre se entusiasmara com as menores coisas, e ela agora quase saltitava, apoiando-se nas pontas dos pés enquanto falava. — Alanna Sedai e Verin Sedai testaram todo mundo lá. Bem. Quase todo mundo...

— Cilia Cole também queria ser testada — intrometeu-se Marce Eldin, uma menina robusta de quem Rand não se lembrava muito bem, suas únicas memórias eram da garota com a cara enfiada em algum livro, mesmo enquanto andava pela rua. — Ela insistiu! E passou, mas disseram que ela era muito velha para ser noviça.

Susa quase não deixou Marce terminar.

— ... e nós todas passamos...

— Estamos viajando dia e noite quase sem parar desde que saímos de Ponte Branca — intrometeu-se Bo, sem esperar por uma pausa. — É tão bom fazer uma pausa e descansar um pouquinho...

— Você já foi a Ponte Branca, Rand? — perguntou Jancy, por cima de Bo. — Chegou a ver a ponte em si?

— ... então estamos indo para Tar Valon, para virar Aes Sedai! — concluiu Susa, olhando feio para Bo, Marce e Jancy ao mesmo tempo. — Em Tar Valon!

— Ainda vamos demorar um pouco para seguir para Tar Valon.

A voz, vinda da porta que levava para a rua, desviou a atenção das garotas, mas as duas Aes Sedai que acabavam de entrar nem deram atenção para os questionamentos prestes a surgir — ambas só tinham olhos para Rand. Apesar de partilharem da

mesma feição etérea, as duas eram bastante diferentes. Era impossível definir a idade de qualquer uma delas, mas Verin era baixinha e gorducha, com rosto quadrado e um toque grisalho nos cabelos; enquanto a outra, que devia ser Alanna, tinha pele escura e o corpo esguio: uma bela mulher com olhar ardiloso, de cabelos negros e ondulados e um brilho de gênio forte no olhar — além de uma leve vermelhidão nos olhos, como se tivesse chorado, embora Rand achasse difícil de imaginar uma Aes Sedai aos prantos. O vestido de montaria de Alanna era de seda cinza com listras verdes e parecia impecável, como se ela tivesse acabado de trocar de roupa, ao passo que o tecido marrom-claro do vestido de Verin estava um pouco amarrotado. Apesar de a Marrom não dar muita atenção às roupas, seus olhos escuros eram bem astutos e penetrantes. E estavam cravados em Rand feito musgos em pedra.

Dois homens vestindo casacos de um tom verde opaco acompanharam as duas para dentro do salão. Um era parrudo e grisalho, e o outro, mais alto, era muito magro e de pele escura, mas ambos estavam com uma espada presa à cintura, e, mesmo sem a presença das Aes Sedai, dava para saber que eram Guardiões só pelos movimentos fluidos. Os dois ignoraram Rand e ficaram de olho nos Aiel e nos saldaeanos. Permaneciam imóveis e calmos, claramente prontos para qualquer movimento súbito. Os Aiel não se mexeram, não exatamente, mas parecia que o grupo inteiro, tanto Donzelas quanto Mãos de Faca, estava prestes a erguer os véus. Os saldaeanos mais jovens de repente aproximaram as mãos do punho da espada. Apenas Bael e Bashere pareciam realmente tranquilos. As garotas não repararam em nada além da chegada das Aes Sedai, mas o estalajadeiro gordo notou a súbita mudança de humores do grupo e começou a esfregar as mãos, sem dúvida já visualizando a destruição no salão, talvez até na estalagem inteira.

— Não teremos problemas — declarou Rand, num tom alto e firme, tanto para o estalajadeiro quanto para os Aiel. Esperava que todos os presentes tivessem entendido o recado. — Não teremos nenhum problema, Verin, a não ser que venha de você.

Várias garotas arregalaram os olhos ao verem Rand falando daquele jeito com uma Aes Sedai, e Larine fungou alto.

Verin o examinou com seus olhos astutos.

— Quem somos nós para criar problemas perto de você? Vejo que você avançou muito desde a última vez em que nos encontramos.

Rand não sabia bem por quê, mas não queria falar sobre aquilo.

— Se decidiram não ir para Tar Valon, então é porque devem ter ouvido que a Torre está cindida. — A frase gerou um burburinho assustado entre as garotas, que decerto não tinham ouvido as notícias. As Aes Sedai não esboçaram qualquer reação. — Sabem onde estão as opositoras de Elaida?

— Algumas coisas devem ser discutidas em particular — respondeu Alanna, muito calma. — Mestre Dilham, precisaremos da sala de jantar privada.

O estalajadeiro quase tropeçou nos próprios pés na pressa de assegurar que a sala

estava à disposição.

Verin saiu andando em direção a uma porta lateral.

— Por aqui, Rand.

Alanna o encarou, erguendo a sobrancelha com uma expressão indagativa.

Rand conteve um sorriso amargo. As duas mal tinham chegado e já queriam assumir o comando, mas parecia que esse tipo de atitude era tão natural para as Aes Sedai quanto respirar. As garotas de Dois Rios o encaravam com olhares de diferentes níveis de pena. Sem dúvida achavam que as Aes Sedai iam arrancar seu couro se ele não se comportasse e falasse com mais educação. Talvez Verin e Alanna também pensassem o mesmo. Com uma medida suave, Rand gesticulou para que Alanna fosse na frente. Quer dizer que tinha avançado bastante, é? As duas não faziam ideia.

Alanna respondeu à medida com um aceno de cabeça, juntou as saias em um gesto elegante e saiu deslizando atrás de Verin, mas foi nesse momento que os problemas começaram. Os dois Guardiões fizeram menção de seguir as Aes Sedai, mas, antes que pudessem dar um só passo, um par de *Sovin Nai* de olhos frios avançou para impedi-los. No mesmo instante, Sulin mexeu os dedos na linguagem de sinais das Donzelas, mandando Enaila e Dagendra, uma mulher grandalhona, em direção à porta para onde as Aes Sedai estavam indo. Os saldaeanos olharam para Bashere, que fez um gesto para que permanecessem onde estavam, mas ele próprio lançou um olhar interrogativo para Rand.

Alanna soltou um muxoxo irritado.

— Vamos falar com ele a sós, Ihvon.

O Guardião esguiou franziu o cenho, então assentiu, hesitante.

Verin olhou para trás, levemente surpresa, como se tivesse sido arrancada de seus pensamentos.

— O quê? Ah, sim, claro. Tomas, fique aqui, por favor.

O Guardião grisalho pareceu um pouco hesitante, então olhou firme para Rand antes de se recostar tranquilamente na parede ao lado da porta de saída. Parecia tão tranquilo quanto o fio esticado que acionaria uma armadilha. Só depois é que os dois Mãos de Faca que tinham se adiantado pareceram relaxar... pelo menos o tanto que um Aiel poderia relaxar, é claro.

— Quero falar com elas sozinho — declarou Rand, encarando Sulin.

Por um momento, achou que ela fosse retrucar. A líder do grupo de Donzelas retesou a mandíbula, mas por fim engatou alguns gestos, dando ordens para Enaila e Dagendra, e as duas se afastaram, olhando para ele enquanto balançavam a cabeça em desaprovação. Sulin mexeu os dedos outra vez, e todas as Donzelas riram. Ah, como Rand queria dar um jeito de aprender aquela linguagem de sinais... Sulin tinha ficado escandalizada quando ele perguntou se podia.

As garotas de Dois Rios trocaram olhares confusos quando Rand saiu atrás das Aes Sedai, e quando ele fechou a porta, ao entrar, ouvia um burburinho crescente. A

sala era pequena, mas tinha cadeiras de madeira polida em vez de bancos, e havia castiçais de estanho na mesa lustrosa e na cornija com entalhes de vinhas sobre a lareira. As duas janelas estavam fechadas, mas ninguém fez menção de abri-las. Rand se perguntou se alguma das Aes Sedai notara como o calor o afetava tão pouco quanto a elas.

— Vocês vão levar as meninas para as rebeldes? — perguntou, assim que fechou a porta.

Verin franziu o cenho e alisou as saias.

— Você sabe muito mais a respeito disso do que nós.

— Só ouvimos falar do que se passou na Torre quando chegamos a Ponte Branca. — O tom de Alanna era frio, mas havia calor em seus olhos, que não desviavam dele. — O que você sabe sobre as... rebeldes? — Todo o desgosto do mundo pareceu acompanhar aquela palavra.

Pelo visto as duas haviam ouvido os rumores em Ponte Branca, então tinham ido correndo para lá e mantido tudo escondido das garotas. Pelas reações de Bo e das outras, a decisão de não ir a Tar Valon era novidade. Ao que parecia, as duas só tinham confirmado que os rumores eram verdadeiros naquela mesma manhã.

— Imagino que vocês não vão me dizer quem é sua espiã em Caemlyn.

As duas simplesmente o encararam, e Verin inclinou a cabeça para analisá-lo. Era estranho pensar em como já ficara inquieto ao ser alvo do olhar de uma Aes Sedai, que sempre pareciam tão serenas e no controle da situação. Já não sentia o estômago se revirar, ansioso, quando encarava de frente uma — ou mesmo duas — Aes Sedai. *Ah, o orgulho*, comentou Lews Therin, soltando uma risada insana, e Rand conteve uma careta.

— Fui informado de que existe um grupo de rebeldes. E vocês não negaram saber onde elas estão. Não desejo nenhum mal a elas, longe disso. Tenho motivos para crer que podem me apoiar.

Rand preferiu manter segredo sobre a principal razão de querer saber o paradeiro das rebeldes. Talvez Bashere estivesse certo, talvez ele realmente precisasse do apoio das Aes Sedai, mas o que mais o impelia a descobrir onde as outras estavam era ter sido informado de que Elayne estava com elas. Precisava dela para conquistar Andor sem violência. Era só por isso que a estava procurando. Só por isso. Rand sabia que ele era tão perigoso para a Filha-herdeira quanto para Aviendha.

— Pelo amor da Luz, se souberem, me digam.

— Se soubéssemos — retrucou Alanna —, não teríamos o direito de contar a ninguém. Se elas decidirem apoiar você, pode ter certeza de que virão ao seu encontro.

— E no tempo delas — acrescentou Verin —, não no seu.

Rand abriu um sorriso taciturno. Deveria ter esperado isso, talvez até menos. O que o guiava era o conselho de Moiraine, no dia em que ela morreu: não confiar em mais nenhuma mulher que usasse o xale.

— Mat está com você? — perguntou Alanna, em um tom que sugeria que aquilo realmente tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Se eu soubesse onde ele está, por que contaria a vocês? E então, já é minha vez de perguntar de novo? — Elas não pareceram achar graça.

— É tolice sua nos tratar como inimigas — murmurou Alanna, aproximando-se. — Você parece abatido. Está conseguindo descansar direito?

Quando a mulher ergueu a mão, Rand deu um passo atrás, afastando-se. Ela parou.

— Assim como você, Rand, não tenho intenção de causar mal. Isso não vai machucá-lo.

Alanna organizara a frase de um jeito tão direto que não tinha como não ser verdade. Rand assentiu, e a mulher ergueu a mão para tocar sua cabeça. A pele de Rand formigou de leve quando Alanna abraçou *saidar*, e ele sentiu uma onda morna e familiar percorrer o corpo — a sensação de alguém conferindo sua saúde.

A mulher assentiu, satisfeita. Então aquela sensação morna virou um calor intenso de repente, como se ele tivesse sido transportado por um instante para o meio de uma caldeira crepitante. Mesmo depois que o calor passou, Rand se sentiu estranho, muito mais consciente de si mesmo do que jamais estivera, muito consciente da presença de Alanna. Ele balançou o corpo de leve, ligeiramente tonto, os músculos fracos. Sentiu um eco de confusão e desconforto vindo de Lews Therin.

— O que você fez? — inquiriu. Furioso, agarrou *saidin*. A força do Poder Único o ajudou a se manter de pé. — O que foi que você fez?

Sentiu uma pancada no fluxo que o unia à Fonte Verdadeira. As mulheres estavam tentando blindá-lo! Urdiu seus próprios escudos e os jogou com força contra as duas. Ah, tinha mesmo avançado muito e aprendido bastante desde a última vez que encontrara Verin. A Marrom cambaleou, apoiando-se na mesa, e Alanna grunhiu, como se tivesse levado um soco.

— O que foi que você fez? — Mesmo no Vazio frio e desapaixonado, sentiu que a voz saía rascante. — Me responda! Eu não prometi que não machucaria vocês. Se não me disserem...

— Ela criou um elo com você — respondeu Verin, mais do que depressa. Se a sua serenidade tinha sido abalada, ela a recuperou em um instante, porque continuou, a voz tranquila: — Ela fez de você um de seus Guardiões, com um elo. Foi isso.

Alanna recuperou a compostura ainda mais depressa. Mesmo blindada, a mulher o encarou com toda a calma, os braços cruzados e um leve brilho satisfeito nos olhos. Satisfeito!

— Eu falei que não ia machucá-lo. E, de fato, fiz o oposto.

Rand tentou se acalmar, respirando lenta e profundamente. Caíra no jogo dela feito um patinho. Sentia a ira rastejando fora do Vazio. Calma. Precisava manter a calma. Um Guardião. Então ela era uma Verde. Não que fizesse diferença. Rand não sabia muitosobre Guardiões, e não tinha ideia de como quebrar o elo — não sabia

nem se era possível. Sentia apenas choque e espanto emanando de Lews Therin. Não pela primeira vez, desejou que Lan não tivesse fugido a galope logo após a morte de Moiraine.

— Vocês disseram que não vão para Tar Valon. Nesse caso, e já que parecem não ter muita certeza se sabem ou não onde as rebeldes estão, podem ficar aqui em Caemlyn. — Alanna abriu a boca, mas ele não a deixou falar. — E deviam ficar gratas por eu não atar a blindagem e largar as duas assim! — Aquilo as fez parar e ouvir. Verin comprimiu os lábios, e o brilho de raiva nos olhos de Alanna podia se equiparar ao calor daquela fornalha em que ele mergulhara mais cedo. — Mas vão ficar longe de mim. As duas. Estão proibidas de entrar na Cidade Interna, a não ser que sejam convocadas por mim. Se tentarem entrar lá, podem acreditar que *vou* deixar as duas presas nesse escudo, além de jogá-las em uma cela. Estamos entendidos?

— Perfeitamente. — Apesar do fogo nos olhos, a voz de Alanna era puro gelo.

Verin limitou-se a assentir.

Rand parou assim que abriu a porta. Tinha se esquecido das garotas de Dois Rios. Um conversavam com as Donzelas, outras apenas as observavam, cochichando por trás das canecas de chá. Bo e um grupo das meninas de Campo de Emond interrogavam Bashere, que estava agarrado a uma caneca de estanho, com um dos pés apoiado em um banco. Pareciam metade entretidas, metade horrorizadas. O barulho da porta se abrindo as fez virar a cabeça de repente.

— Rand! — exclamou Bo — Este sujeito aqui está falando umas coisas horríveis de você.

— Ele disse que você é o Dragão Renascido — balbuciou Larine.

Ao que parecia, as outras garotas espalhadas pelo salão ainda não tinham ouvido a novidade, e todas soltaram murmúrios surpresos.

— Eu sou — confirmou Rand, cansado.

Larine fungou e cruzou os braços.

— Percebi que você estava se achando todo importante assim que vi esse casaco, ainda mais depois de ter ido embora com uma Aes Sedai. E notei isso antes mesmo de você ser tão desrespeitoso com Alanna Sedai e Verin Sedai. Mas não sabia que você tinha virado um completo idiota.

Bo soltou uma risada, mas parecia mais de medo do que de alguém que achava graça.

— Você não devia dizer essas coisas, Rand, nem mesmo de brincadeira. Tam criou você direito, e não para essas besteiras. Você é Rand al'Thor. Agora deixe de bobagem.

Rand al'Thor. Era mesmo seu nome, mas ele mal sabia quem era. Tam al'Thor o criara, mas seu pai na verdade era um chefe de clã Aiel morto havia muito. Sua mãe era uma Donzela, mas não era Aiel. E isso era tudo o que sabia sobre quem realmente era.

Saidin ainda o preenchia. Com toda a delicadeza, envolveu Bo e Larine em fluxos de Ar e ergueu as duas até ficarem com os pés balançando.

— Eu sou o Dragão Renascido. Negar isso não muda nada. Nem desejar que seja mentira. Eu não sou o homem que vocês conheceram em Campo de Emond. Entendem agora? Entendem? — Reparou que estava gritando e calou a boca.

Sentia o estômago pesado feito chumbo, estava tremendo. Por que Alanna fizera aquilo? Que conspirações de Aes Sedai se escondiam por trás daquele belo rosto? Moiraine lhe dissera para não confiar em nenhuma delas.

Sentiu uma mão tocar seu braço e girou a cabeça com um solavanco.

— Por favor, ponha as meninas no chão — pediu Alanna. — Por favor. Elas estão assustadas.

E estavam mais do que assustadas. Larine estava completamente pálida, a boca escancarada como se ela quisesse gritar e não lembrasse o que precisava fazer. Bo soluçava tanto que seu corpo todo tremia. E não eram as únicas. As outras garotas de Dois Rios tinham se afastado ao máximo dele, abraçadas umas com as outras, e a maioria também chorava. As serviçais também tinham se juntado ao grupinho, chorando tanto quanto as meninas. O estalajadeiro estava caído de joelhos, de olhos arregalados, murmurando sons indistintos.

Rand desceu as duas garotas de volta para o chão e soltou *saidin* depressa.

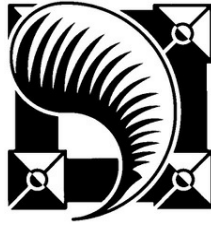
— Me desculpem. Não quis assustar vocês. — Assim que conseguiram se mover, Bo e Larine saíram correndo para perto das outras. — Bo? Larine? Me desculpem. Não vou machucar vocês, prometo.

As duas não olharam para ele. Nenhuma das garotas olhou. Claro que Sulin o encarava, assim como as outras Donzelas, todas impassíveis e com olhares de reprovação.

— O que está feito, está feito — disse Bashere, deitando a caneca. — Talvez seja melhor assim. Quem sabe?

Rand assentiu, hesitante. Provavelmente era mesmo melhor que as garotas quisessem manter distância dele. Melhor para elas. Só queria ter conseguido conversar um pouquinho mais sobre as notícias de casa. Ter um pouquinho mais de tempo para ser apenas Rand al'Thor. Ainda sentia os joelhos tremendo por conta do elo, mas depois que começou a andar só parou ao subir na sela de Jeade'en. Melhor que tivessem medo dele. Melhor esquecer Dois Rios de vez. Ficou se perguntando se a montanha algum dia ficaria mais leve, ou se seu peso só aumentaria cada vez mais.





AULAS E PROFESSORES

Assim que Rand saiu da estalagem, Verin soltou o suspiro que estivera segurando. Tinha alertado Siuan e Moiraine sobre quanto aquele garoto era perigoso. Mas nenhuma das duas lhe dera ouvidos, e agora, após pouco mais de um ano, Siuan estava estancada e provavelmente morta, enquanto Moiraine... As ruas fervilhavam com rumores sobre o Dragão Renascido instalado no Palácio Real, quase todos inacreditáveis, e nada digno de crédito sequer mencionava alguma Aes Sedai. Moiraine até podia ter decidido deixar Rand pensar que estava seguindo o próprio caminho, mas jamais permitiria que o rapaz se afastasse — não com a situação como estava, com Rand reunindo tamanho poder. Não num momento como aquele, com o jovem representando tamanho perigo. Será que Rand havia se voltado contra Moiraine com ainda mais violência do que demonstrara contra ela e Alanna, havia pouco? O rapaz envelhecera desde a última vez em que o vira, e seu rosto apresentava as marcas de uma vida difícil. Só a Luz sabia como Rand tinha uma vida bastante dura, mas Verin se perguntava se aquelas marcas no rosto dele também não estavam relacionadas com a dificuldade em manter a sanidade?

Pois então. Moiraine morta, Siuan morta, a Torre Branca cindida, e Rand possivelmente à beira da loucura. Verin soltou um grunhido irritado. Quando se corria riscos, às vezes a conta chegava em momentos inesperados, e o pagamento nunca era na moeda prevista. Passara quase setenta anos trabalhando com extrema cautela e dedicação, e aquele garoto poderia ter botado tudo a perder. Mas Verin vivera tempo demais e passara por coisas demais para ficar balançada. *Vamos por partes. Melhor resolver o que dá para resolver agora, em vez de perder tempo se preocupando com o que talvez não aconteça nunca.* Aprendera essa lição a duras penas, mas nunca deixou de segui-la.

Primeiro precisava acalmar as jovens, que ainda estavam encolhidas em um canto feito um rebanho de ovelhas assustadas, agarradas umas às outras, soluçando e escondendo o rosto. Verin entendia muito bem o que elas estavam sentindo. Não era a primeira vez que ela confrontava um homem capaz de canalizar, muito menos o Dragão Renascido em pessoa, mas sentia o estômago revirar como se estivesse em um navio em alto-mar. Começou com palavras de consolo, um tapinha no ombro aqui, um afago no cabelo ali, tentando manter um tom maternal na voz. Conseguiu restabelecer boa parte da calma só de convencer as meninas de que Rand tinha ido embora, e para isso precisara persuadir quase todas a abrirem os olhos. Pelo menos com isso os soluços passaram, mas Jancy ainda exigia, insistente, que alguém lhe dissesse que Rand estava mentindo, que tinha sido apenas um truque. Bodewhin implorava, com a mesma veemência, que seu irmão fosse localizado e resgatado — ah, Verin faria quase qualquer coisa para saber onde Mat estava —, e Larine balbuciava que precisavam deixar Caemlyn naquele mesmo dia, e sem demora.

Verin puxou uma das serviçais para um canto. A mulher de rosto comum, apesar de pelo menos vinte anos mais velha que qualquer uma das meninas de Dois Rios, estava com os olhos arregalados e ainda tremia e secava as lágrimas com o avental. Depois de perguntar qual era seu nome, Verin pediu:

— Azril, traga um chá fresco para todas. Bem quente e com bastante mel. E ponha um pouquinho de conhaque. — Então examinou a jovem mulher por um instante e acrescentou: — Ponha um tanto mais que um pouquinho, melhor dar uma dose generosa para cada uma. — Aquilo ajudaria a acalmar os nervos. — E quero que você e as outras serviçais também tomem um pouco.

Azril fungou, piscou e limpou o rosto, mas aquiesceu com uma medida — receber a ordem de desempenhar uma tarefa corriqueira pareceu aplacar suas lágrimas, embora ela continuasse com medo.

— Sirva as garotas em seus quartos — mandou Alanna, e Verin aquiesceu.

Dormir um pouco faria maravilhas aos ânimos delas. Não fazia muito tempo que as meninas estavam fora da cama, mas a mistura do conhaque com a viagem difícil que tiveram até ali daria conta do recado.

A ordem causou comoção.

— Não podemos nos esconder aqui — conseguiu dizer Larine, entre fungadas e soluços. — Precisamos ir embora! Agora! Ele vai matar todas nós!

As bochechas de Bodewhin estavam úmidas e reluzentes, mas o rosto assumira uma expressão determinada. A teimosia de Dois Rios causaria problemas àquelas jovens.

— Temos que encontrar Mat. Não podemos deixar meu irmão com aquele... com um homem capaz de... não podemos! Mesmo que ainda seja Rand, não podemos!

— Quero ver Caemlyn — gemeu Jancy, com um ganido, embora ainda estivesse trêmula.

As outras fizeram coro às três. Algumas apoiavam Jancy, apesar de ainda estarem

tremendo de medo, mas a maioria se juntara, inflexível, na exigência de ir embora. Elle, um dos achados mais promissores em Dois Rios, uma garota alta e bonita de Colina da Vigília, voltou a chorar a plenos pulmões.

Verin precisou de todo o seu autocontrole para não começar a distribuir tapas. As mais jovens até tinham desculpa para agir daquele jeito, mas Larine, Elle e algumas outras garotas usavam os cabelos trançados porque supostamente já eram mulheres. Além disso, apenas duas tinham sido tocadas pelos fluxos de Poder de Rand, e o perigo já passara. Por outro lado, estavam todas cansadas, além de a visita de Rand ter sido um choque — um dos muitos que as meninas decerto enfrentariam no futuro —, então Verin conteve a irritação.

Mas Alanna não pensava da mesma forma. Mesmo entre as Verdes, era conhecida pelo gênio imprevisível, que nos últimos tempos andava ainda pior.

— Vocês vão para os quartos agora mesmo — declarou, com frieza. Mas a frieza só estava no tom.

Verin soltou um suspiro ao ver a companheira de viagem urdir Ar e Fogo em uma Ilusão. Exclamações de assombro tomaram o salão da estalagem, e os olhos já arregalados das meninas se abriram ainda mais. Não havia necessidade daquela demonstração, mas o costume das Aes Sedai ditava que não era certo desautorizar uma irmã em público, e, para dizer a verdade, a Marrom se viu aliviada quando os ganidos de Elle enfim cessaram. Até a própria Verin estava com os nervos à flor da pele. Claro que as jovens, ainda sem treinamento, não conseguiam ver os fluxos. Para elas, Alanna ficava maior a cada palavra, e sua voz parecia cada vez mais alta — não era o tom que mudava, e sim a intensidade, adequando-se ao tamanho que ela parecia ter.

— Vocês se tornarão noviças, e a primeira lição é aprender a obedecer às Aes Sedai. Na hora em que são mandadas. E sem reclamar nem choramingar. — Alanna estava parada no meio do salão, e Verin não via diferença em sua aparência, mas a cabeça da Ilusão tocava as vigas do teto. — Agora vão logo! Quem não estiver no quarto quando eu contar até cinco vai se arrepender da decisão até a hora da morte. Um. Dois...

As meninas saíram correndo e fazendo uma barulheira, subindo as escadas nos fundos do salão em desespero, antes que a Verde chegasse ao três. Verin ficou surpresa ao notar que nenhuma tinha sido pisoteada.

Alanna não se deu ao trabalho de contar além de quatro: soltou *saidar* assim que a última garota de Dois Rios desapareceu no andar de cima, deixando a Ilusão sumir, e balançou a cabeça de leve, satisfeita. Verin imaginava que todas precisariam de uma boa dose de convencimento até para enfiar as cabeças para fora da porta dos quartos. E talvez fosse melhor assim. Com as coisas como estavam, não queria ter que ir atrás de ninguém que saísse às escondidas para dar um passeio por Caemlyn.

Claro que a Ilusão de Alanna não fez efeito apenas nas futuras noviças. Tiveram que convencer as serviçais a saírem de debaixo das mesas, e a mulher que caíra

enquanto tentava se arrastar até a cozinha precisou de ajuda para se levantar. As serviçais não soltaram um pio, apenas tremiam feito vara verde. Cada uma delas precisou de um leve empurrãozinho de Verin para começar a se mexer, e a Marrom ainda teve que repetir a ordem de que servissem chá e conhaque três vezes antes de Azril parar de encará-la como se estivesse brotando mais uma cabeça em seu pescoço. O estalajadeiro estava de queixo caído, os olhos pareciam a ponto de saltar das órbitas. Verin olhou para Tomas e gesticulou para o sujeito abalado.

Seu Guardião a encarou com o mesmo olhar amargo de todas as vezes em que Verin pedia a ele que resolvesse problemas triviais — mesmo assim, o homem raramente questionava suas ordens —, então passou um dos braços por cima dos ombros de Mestre Dilham e perguntou, em um tom jovial, se ele não gostaria de acompanhá-lo em algumas canecas do melhor vinho da casa. Tomas era um bom homem, com talentos surpreendentes. Ihvon estava sentado com as costas na parede e as botas apoiadas em uma mesa, um olho na porta e outro em Alanna — o olho em Alanna estava bastante atento. O homem estava ainda mais solícito com ela desde a morte de Owein, o outro Guardião da Verde, além de, sabiamente, tratá-la com ainda mais delicadeza para não provocar seu mau gênio — embora, no geral, Alanna se controlasse um pouco melhor. E a Verde não demonstrava o menor interesse em ajudar a arrumar a bagunça que fizera. Estava parada de braços cruzados no meio do salão, olhando para o nada. Para qualquer um que não fosse Aes Sedai, a mulher parecia a encarnação da serenidade. Para Verin, a Verde estava prestes a explodir.

A Marrom foi até ela e tocou seu braço.

— Precisamos conversar.

Alanna a encarou com um olhar indecifrável e, sem dizer uma palavra, saiu deslizando a passos elegantes em direção à sala de jantar particular.

Às suas costas, Verin ouviu Mestre Dilham dizer, com a voz trêmula:

— Acha que eu posso dizer que o Dragão Renascido é freguês da minha estalagem? Ele entrou aqui, afinal.

A Marrom deu um leve sorriso. Pelo menos aquele homem ficaria bem. O sorriso sumiu assim que ela fechou a porta atrás de si.

A Verde andava de um lado para o outro pela pequena sala de jantar, batendo o pé, a seda das saias divididas farfalhando a cada passo, um sussurro tão leve quanto o de espadas sendo desembainhadas. A serenidade sumira de seu rosto.

— Que audácia! Ele nos deteve! Nos *restringiu*!

Verin a observou por uns momentos antes de responder. Levava dez anos para superar a morte de Balinor e estabelecer um elo com Tomas. A verde estava com os nervos à flor da pele desde a morte de Owein e passara tempo demais contendo as emoções. Os poucos arroubos de choro que ela se permitira desde que partiram de Dois Rios não eram o suficiente — a mulher precisava deixar a tristeza sair.

— Imagino que ele realmente tenha como nos manter longe da Cidade Interna, botando guardas no portão, mas não pode nos prender aqui em Caemlyn.

Aquilo suscitou o olhar fulminante que Verin esperava. Rand podia ter aprendido bastante sozinho, mas era pouco provável que soubesse tecer selos que as prendessem ali, então as duas não teriam muita dificuldade em partir — mas para isso teriam que abandonar as garotas de Dois Rios. Não se encontrava um tesouro como o de Dois Rios desde... Verin não conseguia nem imaginar quanto tempo fazia. Talvez desde as Guerras dos Trollocs. Eram muitas garotas. Tinham estabelecido um limite de idade de dezoito anos — mesmo garotas tão jovens em geral tinham dificuldades em aceitar as restrições da vida de noviça —, mas, se tivessem aumentado esse limite em apenas cinco anos, estariam levando o dobro de garotas, se não mais. Cinco das que traziam consigo — cinco! — tinham nascido com a centelha, inclusive a irmã de Mat, uma garota chamada Wile e a jovem Jancy: aquelas garotas conseguiriam canalizar, não importava se alguém as ensinasse ou não, e seriam muito fortes. Ela e Alanna tinham deixado outras duas para trás, para serem recolhidas dali a um ou dois anos, quando tivessem idade suficiente para sair de casa. Não havia muito perigo: sem treinamento, as nascidas com a habilidade raramente manifestavam o poder antes dos quinze anos. Todas as outras prometiam um talento excepcional, cada uma delas. Dois Rios era um veio de ouro puro.

Depois de chamar a atenção da Verde, Verin mudou de assunto. Não tinha a menor intenção de abandonar aquelas jovens. Ou de se afastar mais do que o necessário de Rand.

— Acha que ele está certo em relação às rebeldes?

Alanna cerrou os punhos, agarrando as saias, então relaxou as mãos.

— Fico com nojo só de pensar na possibilidade! Será que realmente chegamos a esse ponto... — Sua voz foi morrendo, meio perdida. Deixou os ombros caírem. Já dava para ver o prenúncio das lágrimas, que ela quase não conseguia conter.

Com a ira da Verde atenuada, Verin decidiu que era hora de fazer algumas perguntas, antes de deixá-la irritada outra vez.

— Será que com algum incentivo a sua açougueira conseguiria nos dizer alguma coisa sobre o que aconteceu em Tar Valon?

A açougueira não era realmente de Alanna, e sim uma agente da Ajah Verde — só tinha sido descoberta porque Alanna reparara no sinal que indicava um aviso urgente no exterior da loja. Não que a Verde tivesse lhe contado qual era o sinal, claro. A Marrom certamente não teria revelado nenhum segredo das Marrons.

— Não. A mulher não sabe nada além daquela mensagem, que já foi o bastante para deixar sua boca tão seca que ela mal conseguia pronunciar as palavras.

A mensagem. “Todas as Aes Sedai leais devem retornar à Torre. Tudo está perdoado.” Aquilo, pelo menos, era a essência da mensagem. Um lampejo de raiva cintilou nos olhos de Alanna, mas durou apenas um instante e não teve a mesma força de antes.

— Não fosse por todos esses boatos, eu jamais teria revelado identidade da informante a você — declarou a Verde.

Não fossem os boatos e o fato de ela estar com as emoções tão fora de controle. Pelo menos a mulher tinha parado de andar de um lado para o outro.

— Eu sei — retrucou Verin, sentando-se à mesa —, e vou respeitar o segredo. Mas você tem que concordar que essa mensagem confirma os rumores que ouvimos. A Torre está cindida. É bem provável que *de fato* tenha rebeldes em algum lugar. A questão é: o que faremos?

Alanna a encarou como se Verin estivesse louca, o que não era de se espantar: Siuan só podia ter sido deposta pelo Salão da Torre, segundo as leis da Torre. Só a sugestão de ir contra a lei da Torre já era algo inimaginável. Mas, por outro lado, ver a Torre cindida também era inimaginável.

— Se ainda não tiver uma resposta, pense um pouco a respeito. E considere isto: Siuan Sanche foi uma das responsáveis por o jovem al'Thor ter sido encontrado, em primeiro lugar. — Alanna abriu a boca, decerto para perguntar como Verin sabia daquilo e se também tinha parte da responsabilidade, mas a Marrom não deu nem chance. — E apenas uma mente simplória poderia acreditar que a responsabilidade por ter encontrado o Dragão Renascido não teve relação com a deposição da Amyrlin. Não existem coincidências assim tão grandes. Então é melhor pensar em qual deve ser a opinião de Elaida sobre Rand. Não esqueça que ela era Vermelha. E, enquanto pensa no assunto, quero que me responda uma coisa: onde você estava com a cabeça para formar um elo com ele daquele jeito?

Alanna não deveria ter ficado surpresa com a pergunta, mas ficou. A Verde hesitou, então puxou uma cadeira e também se sentou, ajeitando as saias, antes de responder.

— Era a coisa mais lógica a se fazer, com ele ali na nossa frente. E deveria ter sido feito há muito tempo. Mas vocês não conseguiram... ou não quiseram. — Como a maioria das Verdes, Alanna achava um pouco surpreendente que as outras Ajahs insistissem que cada irmã devesse ter apenas um Guardião. E era melhor nem mencionar o que achavam sobre as Vermelhas preferirem não ter nenhum. — Alguém devia ter forjado um elo com aqueles três desde que o encontraram. São importantes demais para ficarem à solta, ainda mais al'Thor.

A Verde de repente ficou com as bochechas coradas. Ela ainda levaria um bom tempo para voltar a ter as emoções sob controle.

Verin sabia a causa do rubor: Alanna tinha se descuidado e soltado a língua. As duas mantiveram o olho em Perrin durante as longas semanas enquanto testavam as moças de Dois Rios, mas Alanna logo parara de falar sobre a necessidade de estabelecer um elo com ele. O silêncio se devia à ameaça simples, porém fervorosa, de Faile — e feita bem longe dos ouvidos de Perrin — de que Alanna não sairia viva de Dois Rios se ousasse fazer uma coisa daquelas. Claro que a ameaça não teria funcionado caso Faile soubesse alguma coisa sobre o elo entre uma Aes Sedai e seu Gaidin, mas fora justamente sua ignorância que refreara a Verde. Era bem provável que a frustração de ter sido impedida pela ameaça de uma garota qualquer, somada à

exaustão, que levara Alanna a fazer aquilo com Rand. A mulher não tinha apenas forjado um elo com ele: tinha feito aquilo sem permissão. Uma prática abandonada havia centenas de anos.

Bem, pensou Verin, secamente, *eu também violei alguns costumes ao longo da vida*.

— Lógica? — perguntou, abrindo um sorriso para abrandar as palavras. — Você está parecendo uma Branca. Muito bem. E o que vai fazer, agora que Rand é seu? Considerando a lição que ele acabou de nos dar. O que me lembra uma história de quando eu era menina, dessas que contavam à beira da lareira, sobre uma mulher que conseguiu botar sela e rédea em um leão. Ela adorou a nova montaria, até que descobriu que nunca mais poderia desmontar nem dormir.

Alanna estremeceu e esfregou os braços.

— Ainda não consigo acreditar em como ele é forte. Se pelo menos tivéssemos nos unido mais cedo... E eu tentei... mas fracassei... Ele é tão forte!

Até Verin teve que fazer um esforço para conter o tremor. Alanna estava falando do momento em que uniram suas forças para manejar uma quantidade maior de Poder, e Verin não via como poderiam ter feito isso mais cedo — a não ser que Verde estivesse sugerindo que tivessem se unido antes de ela estabelecer o elo de Guardião. A Marrom não sabia dizer o que poderia ter acontecido caso tivessem se atrevido a tanto. De todo modo, o encontro com al'Thor fora uma sucessão de acontecimentos horríveis. Depois de descobrirem que não conseguiam apartá-lo da Fonte Verdadeira, tiveram que testemunhar o desdém com que ele, sem a menor dificuldade, blindara as duas ao mesmo tempo, rompendo sua ligação com *saidar* como se cortasse um fio. As duas, e de uma só vez. Impressionante. Quantas mulheres seriam necessárias para blindá-lo e contê-lo? Todas as treze, como ditava a tradição? Aquilo era apenas um costume antigo, mas no caso dele talvez de fato fosse necessário. Bem, de qualquer forma, não era hora de pensar naquilo.

— E ainda temos que pensar na questão da anistia.

Alanna arregalou os olhos.

— Você não pode acreditar numa coisa dessas! Sempre que surgia um falso Dragão, vinham também os boatos de que o sujeito estava reunindo homens capazes de canalizar. Mas eram apenas boatos, e tão falsos quanto os homens que se diziam Dragões. Esses homens querem todo o poder para si, não gostam de dividir nada com os outros.

— Ele não é um falso Dragão — retrucou Verin, muito calma. — Isso muda tudo. Se um dos boatos é verdadeiro, o outro pode ser também. E essa história de anistia está na boca do povo desde que saímos de Ponte Branca.

— Mesmo que seja verdade, talvez ninguém tenha vindo. Nenhum homem decente sonha em canalizar. Teríamos um falso Dragão por semana, se houvesse muitos homens com essas ideias.

— Ele é *ta'veren*, Alanna. Ele atrai o que necessita.

Alanna abriu e fechou a boca, cerrando os punhos apoiados sobre o tampo da mesa até os dedos ficarem brancos, de tanta força. Não restava mais nenhum traço da tranquilidade das Aes Sedai em seu rosto, e ela estava visivelmente trêmula.

— Não podemos permitir uma coisa dessas... Agora temos homens canalizando à solta pelo mundo? Se for verdade, precisamos dar um fim nisso. É nossa obrigação!

O acesso de raiva estava prestes a irromper outra vez, e os olhos de Alanna faiscavam.

— Precisamos saber onde al'Thor está mantendo esses homens, antes de pensar no que fazer com eles — retrucou Verin, ainda calma. — O Palácio Real parece um bom local para isso, mas vai ser difícil descobrir se não tivermos acesso à Cidade Interna. Proponho o seguinte...

Alanna se inclinou para a frente e ouviu com atenção.

O plano ainda precisava de muitos ajustes, mas podiam deixar quase todos para mais tarde. Ainda havia diversas questões a serem respondidas, porém isso também ficaria para depois. Moiraine estava mesmo morta? Se sim, como morrera? Havia mesmo rebeldes? E como ela e Alanna deveriam se posicionar nessa cisão entre as Aes Sedai? Era melhor tentarem entregar Rand a Elaida ou às rebeldes? E onde estavam essas Aes Sedai foragidas? O paradeiro das rebeldes era uma informação valiosa, independente das respostas para as outras perguntas. Como poderiam tirar proveito da corrente tão frágil que Alanna colocara em Rand? Será que era boa ideia uma delas, ou quem sabe as duas, tentar tomar o lugar de Moiraine? Pela primeira vez desde que Alanna extravasara seus sentimentos, tão à flor da pele depois da morte de Owein, Verin ficou feliz por isso ter demorado tanto. Naquele estado tão volúvel e confuso, a Verde ficava mais suscetível a aceitar sua orientação, e Verin sabia exatamente qual devia ser a resposta para algumas daquelas perguntas. E sabia que Alanna não ia gostar nada de algumas das respostas. Melhor que ela só descobrisse quando já fosse tarde demais.

* * *

Rand galopou de volta para o Palácio, aos poucos foi deixando para trás até mesmo os Aiel, ignorando os gritos de sua comitiva e a contrariedade das pessoas em seu trajeto, que sacudiam o punho no ar por precisarem saltar para fora do caminho de Jeade'en — ignorava até o rastro de confusão que deixava, com liteiras e carruagens enroscadas com as rodas dos carrinhos de venda. Bashere e seus homens, que usavam cavalos menores, mal conseguiam manter o ritmo. Rand não sabia muito bem por que estava com tanta pressa — não levava notícias tão urgentes assim —, mas, conforme a tremedeira em seus braços e pernas diminuía, aumentava a percepção de que continuava muito consciente de Alanna. Podia *sentir-la*. Era como

se a mulher tivesse se esgueirado para dentro de sua mente e se alojado lá. Se podia senti-la, então a Aes Sedai também o sentia? O que mais ela podia fazer? O que mais? Precisava escapar daquilo.

Orgulho, disse Lews Therin, gargalhando. Pela primeira vez, Rand não tentou silenciar a voz.

Não era ao palácio que estava pensando em ir, mas para Viajar era preciso conhecer o lugar de partida ainda melhor que o de chegada. Quando entrou no Estábulo Sul, jogou as rédeas do garanhão para um cavaleiro de colete de couro e saiu correndo. As pernas compridas o mantiveram à frente dos saldaeanos que o tinham seguido até ali, e Rand disparou por corredores onde serviçais o encaravam, boquiabertos, curvando-se em mesuras e reverências assim que o viam passar a toda. No Grande Salão, Rand agarrou *saidin*, abriu o vão no ar e disparou, avançando pela clareira próxima à fazenda e largando a Fonte Verdadeira.

Soltando um longo suspiro, ele caiu de joelhos sobre as folhas mortas. Sentia o golpe duro do calor do sol, que atravessava por entre os galhos nus das copas das árvores. Já fazia um bom tempo que perdera a concentração necessária para se manter indiferente à temperatura. Ainda sentia a mulher ali, porém era uma sensação mais fraca — se é que dava para chamar de fraca a certeza de que Alanna estava *naquela* direção. Poderia apontar para onde ir mesmo de olhos fechados.

Agarrou *saidin* outra vez, apenas por um instante, mergulhando naquele êxtase de fogo, gelo e lodo rançoso. Uma espada em sua mão. Uma espada de fogo — de Fogo —, com uma garça escura na lâmina vermelha e meio curvada. Mas não conseguia se lembrar de ter pensado na arma. Era Fogo, mas o cabo longo era frio e rígido contra a palma da mão. O Vazio não fazia diferença, o Poder não fazia diferença. Alanna ainda estava li, enroscada em um canto de seu cérebro, à espreita.

Com uma risada amarga, Rand soltou o Poder outra vez e se ajoelhou ali mesmo. Ah, como estivera confiante. Eram apenas duas Aes Sedai. Claro que conseguia dar conta delas — não dera conta de Egwene e Elayne juntas? O que aquelas mulheres poderiam fazer a ele? Percebeu que a risada persistia. Parecia incapaz de parar. Bem, era mesmo engraçado. Aquele orgulho idiota... O excesso de confiança. Aquilo já lhe metera em problemas antes — e não só a ele. Ah, tivera tanta certeza de que, junto com os Cem Companheiros, não teria o menor problema para selar a Fenda...

As folhas secas no chão estalaram quando ele se forçou a ficar de pé.

— Não fui eu! — exclamou, rouco. — Isso não fui eu! Saiam da minha cabeça! Todos vocês, saiam da minha cabeça!

A voz de Lews Therin, ao longe, emitia murmúrios indistintos. Alanna aguardava em silêncio, paciente, em um canto de sua mente. A voz do antigo Dragão parecia ter medo da mulher.

Determinado, Rand esfregou os joelhos das calças. Ele não se renderia àquilo. Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai — não ia mais esquecer. *Quando não temos mais em quem confiar, só o que resta é a morte*, comentou Lews Therin, com

uma risadinha. Rand não se renderia.

Nada na fazenda mudara — nada, mas também tudo. A casa e o celeiro continuavam iguais, com as galinhas, as cabras e as vacas. Sora Grady, com o rosto frio e inexpressivo, ficou na janela observando a chegada de Rand. Sora era a única mulher que restava, todas as outras esposas e namoradas tinham ido embora junto com os homens que haviam falhado nos testes. Taim estava com os alunos — todos os sete — em uma área aberta um pouco atrás do celeiro, onde ervas escassas cresciam no chão de barro vermelho e duro. Além do marido de Sora, Jur, apenas Damer Flinn, Eben Hopwil e Fedwin Morr tinham passado nos primeiros testes. Os outros eram novos, todos quase tão jovens quanto Fedwin e Eben.

Todos os alunos exceto Damer, com seus cabelos brancos, estavam sentados um ao lado do outro, de costas para Rand. O mais velho estava diante da fileira, o cenho franzido, encarando uma pedra do tamanho de uma cabeça a trinta passadas de distância.

— Agora — mandou Taim.

Rand sentiu Damer agarrar *saidin* e o viu urdir Fogo e Terra em tramas inexperientes.

A pedra explodiu, e Damer e os outros alunos se jogaram no chão para escapar dos fragmentos que saíram voando. Taim nem se mexeu — as lascas de pedra quicaram no escudo de Ar erguido no último instante. Damer ergueu a cabeça, receoso, e limpou o sangue de um talho raso logo abaixo do olho esquerdo. Rand comprimiu os lábios — apenas por pura sorte não tinha sido atingido por alguma daquelas lascas voadoras. Olhou para trás, para a casa. Sora ainda estava lá, aparentemente ilesa. E ainda o encarava. As galinhas nem ao menos pararam de ciscar — pareciam acostumadas.

— Talvez da próxima vez você se lembre do que eu sempre digo — comentou Taim calmamente, deixando sua trama esvaecer. — Você precisa erguer o escudo ainda enquanto ataca, ou pode acabar se matando. — O homem deu uma olhada raivosa para Rand, como se já tivesse notado sua presença desde que ele chegara. — Continuem — disse aos alunos, e foi andando até Rand, empinando o nariz de gavião. Naquele dia, seu rosto parecia um pouco cruel.

Damer se sentou entre os homens na fileira, e Eben, um jovem com o rosto coberto de marcas vermelhas, se levantou, nervoso, mexendo em uma de suas orelhas enormes enquanto usava uma trama de Ar para erguer uma pedra de uma pilha mais afastada. Os fluxos eram inconstantes, e ele deixou a pedra cair antes de ajeitá-la no lugar.

— Acha que é seguro eles ficarem sem supervisão? — perguntou Rand, quando Taim se aproximou.

A segunda pedra também explodiu, mas dessa vez os alunos já tinham urdido os escudos para se protegerem dos fragmentos. E Taim também — o professor envolvera asi mesmo e a Rand na mestra urdidura. Sem dizer uma palavra, Rand

agarrou *saidin* e criou seu próprio escudo, afastando o de Taim, que contorceu a boca em seu costumeiro meio sorriso.

— O senhor me mandou pegar pesado com os rapazes, milorde Dragão, então é o que estou fazendo. Mando usarem o Poder para tudo, tudo mesmo, até as tarefas do dia. Ontem à noite, o mais novo conseguiu ter a primeira refeição quente. Se não conseguem produzir calor suficiente sozinhos, eles comem comida fria. Ainda levam o dobro do tempo que o normal para fazer quase tudo, mas estão aprendendo a manejar o Poder o mais depressa possível, pode acreditar. Mas ainda não temos muitos aprendizes, claro.

Ignorando a pergunta implícita, Rand olhou em volta.

— E cadê Haslin? Está bêbado de novo? Eu já disse que ele só pode tomar vinho à noite.

Henre Haslin tinha sido Mestre da Espada da Guarda da Rainha, o encarregado de treinar recrutas até Rahvin começar a reorganizar a guarda, descartando todos os fiéis a Morgase ou mandando-os para a guerra em Cairhien. Como era velho demais para ingressar em uma campanha, Haslin fora mandado embora do palácio com o dinheiro da aposentadoria. Quando a notícia da morte de Morgase se espalhou por Caemlyn, o homem começara a se afogar no vinho. Haslin tinha seus defeitos, mas ao menos acreditava que Rahvin — que conhecia como Gaebril — é que era o assassino de Morgase, e não Rand. E o sujeito era um bom professor. Quando estava sóbrio.

— Mandei o sujeito embora — retrucou Taim. — Qual é a serventia das espadas? — Outra pedra explodiu. — Nunca senti falta de uma, e preciso tomar cuidado para não me cortar com minha própria lâmina. Esses homens agora têm o Poder.

Mate-o! Mate-o agora! A voz de Lews Therin, etérea, ecoava dentro do Vazio. Rand exterminou o eco, mas não conseguiu acabar com a raiva que o envolveu no Vazio de repente, fechando-o como uma concha. Mesmo assim, o Vazio drenava toda a emoção de sua voz.

— Trate de encontrar Haslin, Taim, e traga-o de volta para cá. Diga a ele que mudou de ideia. E também diga isso aos alunos. Ou melhor, pode escolher dizer o que quiser, mas quero Haslin aqui, dando aulas todos os dias. Esses homens precisam fazer parte do mundo, não ficar à margem. O que é que eles vão fazer quando não conseguirem canalizar? Se soubesse manejar uma espada ou lutar com as próprias mãos, você teria escapado quando foi blindado pelas Aes Sedai.

— Eu escapei. Estou bem aqui.

— Pelo que ouvi dizer, você foi libertado por alguns dos seus seguidores. Se não fosse eles, teria acabado ao lado de Logain em Tar Valon, amansado. Esses homens aqui não têm seguidores. Vá atrás de Haslin.

Taim curvou-se em uma medida suave.

— Como ordenar, milorde Dragão. O que o trouxe aqui, milorde Dragão? Veio falar de Haslin e espadas? — A voz dele guardava um levíssimo toque de desprezo,

mas Rand ignorou.

— Tem Aes Sedai em Caemlyn. Está na hora de parar com as idas à cidade, tanto suas quanto dos alunos. Só a Luz sabe o que aconteceria se um deles topasse com uma Aes Sedai e ela o reconhecesse pelo que é.

Ou, o que também era possível, se um aluno reconhecesse uma Aes Sedai, como decerto reconheceria. O homem sem dúvida sairia correndo ou entraria em pânico e atacaria, e qualquer uma dessas reações o deixaria marcado. Qualquer uma dessas reações seria sua ruína. Pelo que Rand vira mais cedo, tanto Verin quanto Alanna acabariam com qualquer um daqueles alunos como se fossem apenas criancinhas.

Taim deu de ombros.

— Apesar de destreinados, é bem provável que consigam explodir a cabeça de uma Aes Sedai com a mesma facilidade com que destroem essas pedras. A trama é só um pouco diferente... — Ele olhou para trás e ergueu a voz: — Precisa de mais concentração, Adley. Concentração é tudo.

O rapaz desengonçado, todo braços e pernas, que estava parado diante dos outros alunos, se assustou e perdeu contato com *saidin*, mas conseguiu agarrar o Poder de novo, ainda sem jeito. Mais uma pedra explodiu quando Taim virou de volta para Rand e sugeriu:

— Aliás, posso... dar conta das mulheres sozinho... se esse for o problema para você.

— Se eu quisesse essas mulheres mortas, já teria matado.

Rand achava que conseguiria dar conta disso, se tentassem matá-lo ou amansá-lo. Pelo menos torcia para estar certo. Mas será que tentariam, ainda mais depois de estabelecer aquele elo? Aí estava uma coisa que não pretendia informar a Taim. Não precisava dos resmungos de Lews Therin para saber que o homem não era confiável — não a ponto de expor alguma fraqueza que pudesse esconder. *Luz, quanto poder permiti que Alanna tivesse sobre mim?*

— Pode deixar que vou informar se for preciso matar alguma Aes Sedai. Até lá, ninguém deve sequer levantar a voz para uma, a não ser que ela esteja tentando arrancar a cabeça do sujeito. Aliás, quero vocês todos o mais longe possível das Aes Sedai. Não quero nenhum incidente, nada que as ponha contra mim.

— E acha mesmo que elas já não estão contra você? — murmurou Taim.

Rand decidiu ignorar a provocação de novo. Dessa vez, foi porque não tinha certeza da resposta.

— E não quero ver ninguém morto nem amansado porque a cabeça é grande demais para o chapéu. E quero que você garanta que eles saibam bem disso. Você é responsável por eles.

— Como quiser — respondeu Taim, dando de ombros outra vez. — Mais cedo ou mais tarde, alguns deles vão acabar morrendo. A não ser que o que você queira é mantê-los confinados aqui para sempre. Bem, é provável que alguns morram mesmo assim. A morte é quase inevitável, a não ser que eu reduza o passo das aulas. Você

não precisaria se preocupar tanto com eles, se me deixasse sair para procurar mais homens.

Tinham voltado ao mesmo ponto. Rand olhou os alunos. Um jovem suado, de cabelos claros e olhos azuis, estava com dificuldade para colocar uma pedra no lugar. O sujeito não parava de perder o contato com *saidin*, e a pedra avançava aos pulinhos. Dali a poucas horas, a carroça com os candidatos ao treinamento que haviam chegado desde a tarde de ontem sairia do Palácio. Dessa vez seriam quatro. Alguns dias vinham apenas três, ou dois, embora o número de candidatos estivesse aumentando aos poucos. Já tinham testado dezoito homens desde que Rand levara Taim até ali, sete dias antes, e apenas três conseguiriam aprender a canalizar. Taim insistia que era um número extraordinário, considerando que os homens só tinham ido a Caemlyn atrás de uma oportunidade. E também atentou outra vez para o fato de que, nesse passo, poderiam medir forças com a Torre em seis anos. Rand não precisava ser lembrado de que não tinha seis anos. E não havia tempo para reduzir o ritmo do treinamento.

— E como você faria isso?

— Com os portões. — Taim aprendera a usá-los de primeira. Ele aprendia bem rápido tudo o que Rand mostrava. — Posso visitar duas, talvez até três aldeias por dia. É mais fácil começar com aldeias, mais até do que com vilarejos. Deixo Flinn a cargo das aulas, já que ele é o mais avançado do grupo, apesar da demonstração que você viu. E levo comigo Grady, Hopwil ou Morr. Você teria que fornecer uns cavalos decentes... Aquele pangaré que puxa a carroça não vai servir.

— Mas qual seria o seu plano? Chegar do nada e anunciar que está procurando homens capazes de canalizar? Vai ter sorte se os aldeões não tentarem mandar você direto pra força.

— Eu me considero um pouco mais sensato do que isso — retrucou Taim secamente. — Vou dizer que estou recrutando homens para seguir o Dragão Renascido. — Mais sensato? Não muito. — Isso vai assustar o povo, que vai ficar afastado por tempo suficiente para eu reunir quem estiver disposto a vir conosco. E ajuda a selecionar quem ainda não estiver pronto para apoiar você. Suponho que você não tenha a intenção de treinar homens que vão se voltar contra você na primeira oportunidade. — Taim ergueu uma sobrancelha indagativa, mas não esperou a resposta óbvia. — Assim que eu tirar os homens das aldeias em segurança, trago todos para cá através de um portão. Alguns talvez entrem em pânico, mas isso não deve ser muito difícil contornar. E, já que terão concordado em seguir um homem capaz de canalizar, vai ser difícil rejeitarem meus testes. E posso mandar os que falharem para Caemlyn. Está mais do que na hora de você começar a organizar um exército próprio, em vez de depender dos outros. Bashere pode mudar de ideia a qualquer momento. E ele com certeza vai se voltar contra você se a Rainha Tenobia mandar. E sabe-se lá do que esses Aiel são capazes.

O homem fez uma pausa depois do último comentário ácido, mas Rand segurou a

língua. Já tinha pensado coisa parecida — apesar de com certeza não suspeitar dos Aiel —, mas Taim não precisava saber disso. Depois de um instante, o tutor prosseguiu como se sequer tivesse tocado no assunto:

— Vamos fazer uma aposta, você define o valor. No primeiro dia de recrutamento, aposto que encontro tantos homens capazes de aprender a canalizar quanto os que vierem por conta própria até Caemlyn no período de um mês. Quando Flinn e alguns dos outros já estiverem prontos para continuar seus estudos sem mim... — Ele espalmou as mãos. — Em menos de um ano, consigo tantos homens quanto há Aes Sedai na Torre Branca. E cada homem será uma arma.

Rand hesitou. Deixar Taim partir era um risco. O homem era agressivo demais — o que faria se topasse com uma Aes Sedai em uma de suas viagens de recrutamento? Talvez mantivesse a palavra e a poupasse, mas e se a mulher descobrisse do que ele era capaz? E se ela o blindasse e o capturasse? Era uma perda que Rand não podia se permitir. Não conseguiria treinar os alunos e fazer tudo o que precisava fazer. Do jeito que estavam, levaria seis anos para se igualar à Torre Branca em número. Isso se as Aes Sedai não descobrissem aquela fazenda e destruíssem tudo, inclusive os alunos, antes que formassem um grupo experiente o bastante para se defender. Do jeito de Taim, levariam menos de um ano. Por fim, Rand assentiu. A voz de Lews Therin era um zumbido ensandecido ao longe.

— Você terá seus cavalos.





PERGUNTAS E RESPOSTAS

— E então? — perguntou Nynaeve, na voz mais paciente que conseguiu. Estava fazendo um esforço para manter as mãos paradas sobre o colo, e ainda mais para permanecer sentada na cama. Sufocou um bocejo. Estava muito cedo, e já fazia três dias que não dormia direito. A gaiola de palha estava vazia — tinham libertado o pardal. Como queria estar livre também... — E então? — repetiu.

Elayne estava ajoelhada em sua cama, com a cabeça e os ombros enfiados para fora da janela que dava para a viela atrás da casa. Dali, dava para ver apenas uma nesga dos fundos da Pequena Torre, onde, apesar da hora, estavam quase todas as Votantes de Salidar, recebendo os emissários que a Torre Branca enviara naquela manhã. Não dava para ver muito, mas era o suficiente para notar um pedaço do selo que impedia o som das vozes das mulheres ali reunidas de sair da estalagem. O tipo de selo que barrava inclusive as tentativas de usar o Poder para escutar. Era o preço que ela e Nynaeve tinham que pagar por compartilhar o que sabiam.

Depois de um instante, a Filha-herdeira se sentou de volta, a frustração estampada no rosto.

— Nada. Você disse que esses fluxos iam atravessar o selo sem serem notados. Acho que ninguém me notou, mas não ouvi absolutamente nada.

O comentário fora dirigido a Moghedien, sentada no banquinho bambo em um canto. Nynaeve não conseguia nem exprimir quanto ficava irritada em ver que a mulher não suava uma gota sequer. A Abandonada afirmava que era preciso passar um bom tempo em contato com o Poder até ser capaz de alcançar o distanciamento necessário para ignorar o frio e o calor, o que não era nem um pouco mais animador do que as vagas promessas das Aes Sedai de que “com o tempo” a temperatura pararia de afetá-la. Elayne e Nynaeve pingavam suor, e Moghedien estava fresca como uma manhã de primavera. Luz, que ódio!

— Eu disse que havia a possibilidade de atravessarem — retrucou Moghedien, na defensiva. Ela mantinha a atenção quase toda em Elayne: a mulher sempre cravava os olhos em quem estivesse usando o bracelete do *a'dam*. — Uma possibilidade. Existem milhares de formas de urdir um selo. Pode levar dias para abrir uma brecha em um.

Nynaeve mal conseguiu conter a língua. Estavam tentando havia dias. Era a terceira tentativa desde a chegada de Tarna Feir, e o Salão ainda mantinha a mensagem de Elaida como segredo absoluto. Bem, Sheriam, Myrelle e as outras sabiam do que se tratava — Nynaeve não se surpreenderia se elas tivessem ficado sabendo antes mesmo do Salão —, mas até Siuan e Leane tinham sido deixadas de fora daquelas reuniões. Pelo menos era o que diziam.

Reparou que estava puxando as saias e sossegou as mãos. Precisavam dar um jeito de descobrir o que Elaida queria — e o mais importante, qual fora a resposta do Salão de Salidar. Era urgente. Tinham que arranjar um jeito.

— Tenho que ir — anunciou Elayne, com um suspiro. — Tenho que mostrar o processo de fabricação de um *ter'angreal* a mais algumas irmãs.

Pouquíssimas Aes Sedai em Salidar pareciam ter o dom, mas todas queriam aprender, e a maioria acreditava que conseguiria pegar o jeito, bastava que Elayne demonstrasse quantas vezes fossem necessárias.

— É melhor você ficar com isso — acrescentou a Filha-herdeira, soltando o bracelete. — Quero testar uma ideia nova para a fabricação depois que acabar com as irmãs, e ainda tenho que dar uma aula para as noviças.

Elayne também não parecia muito feliz com a perspectiva da aula com as noviças — pelo menos não como ficara antes da primeira vez. A Filha-herdeira saía tão irritada das aulas que ficava arisca feito um gato. As garotas mais novas eram ansiosas demais e ficavam atropelando as lições e se aventurando em coisas com as quais não faziam ideia de como lidar — e quase sempre sem perguntar antes. As mais velhas, embora fossem um pouco mais cautelosas, eram muito mais propensas a discutir e retrucar, e muitas simplesmente se recusavam a seguir as ordens de uma mulher seis ou sete anos mais nova. Elayne tinha adquirido o costume de sair resmungando coisas como “noviças tontas” e “idiotas teimosas” pelos cantos, como uma mulher que já tivesse passado dez anos como Aceita.

— Isso pode lhe comprar um pouco de tempo para questionar essa aí. Talvez você tenha mais sorte do que eu para aprender a detectar um homem canalizando.

Nynaeve balançou a cabeça.

— Tenho que passar a manhã ajudando Janya e Delana com suas anotações. — Não conseguiu conter a careta ao responder. Delana era uma Votante da Ajah Cinza, e Janya era da Marrom, mas Nynaeve sabia que não conseguiria arrancar nada daquelas duas. — E depois tenho mais uma *aula* com Theodrin. — Mais perda de tempo. Todos ali em Salidar estavam apenas perdendo tempo. — Use o bracelete — mandou, quando Elayne foi pendurar o *a'dam* em um prego na parede, junto com

suas roupas.

A Filha-herdeira soltou um suspiro irritado, mas recolocou o bracelete. Nynaeve achava que Elayne confiava demais no *a'dam*. Enquanto o colar permanecesse no pescoço de Moghedien, qualquer mulher capaz de canalizar poderia encontrá-la e controlá-la através do bracelete. E, se ninguém estivesse com o *a'dam* no pulso, a Abandonada não conseguiria se afastar mais de dez passos do bracelete sem cair de joelhos e ter ânsias de vômito — e o mesmo aconteceria se a mulher tentasse mover o *a'dam* mais de umas poucas polegadas de onde ele fora deixado ou tentasse soltar o colar em seu pescoço. Talvez isso fosse o suficiente para a mulher se convencer a ficar ali, bem quietinha, mas uma Abandonada talvez conseguisse arranjar um jeito de contornar as limitações do *a'dam*, se tivesse oportunidade. Em Tanchico, Nynaeve dera as costas para uma Moghedien blindada e atada com o Poder por apenas alguns instantes e a mulher conseguira escapar. Depois que a capturou de volta, uma de suas primeiras perguntas foi sobre como a mulher conseguira dar conta daquela proeza — e arrancar a resposta dela tinha sido quase tão difícil quanto arrancar a cabeça do pescoço. Ao que parecia, bastava um pouco de tempo e de paciência para descobrir como romper uma blindagem. Elayne insistia que aquilo não funcionaria no caso do *a'dam* — não havia nenhum nó da trama para atacar, e, com o colar no pescoço, Moghedien não teria nem ao menos como *tentar* tocar *saidar* sem permissão —, mas Nynaeve preferia não correr o risco.

— Tome cuidado na hora de passar as notas a limpo — aconselhou Elayne. — Já ajudei Delana com as anotações. Ela *odeia* erros e borrões. Vai obrigar você a reescrever cinquenta vezes, se for preciso, só para ter uma folha limpa.

Nynaeve fez careta. Podia não ter a caligrafia tão limpa e delicada quanto a de Elayne, mas não era uma grosseirona que acabara de aprender que a ponta da pena devia ser mergulhada na tinta. A Filha-herdeira nem reparou, só abriu um último sorriso e saiu. Talvez a menina só quisesse ajudar. Se as Aes Sedai descobrissem como Nynaeve odiava passar as notas a limpo, começariam a lhe passar a tarefa como punição.

— Talvez seja melhor você ir até al'Thor — sugeriu Moghedien, de repente.

Ela estava sentada de um jeito diferente, com a postura mais rígida. Os olhos escuros estavam fixos em Nynaeve. Por quê?

— Como assim? — inquireu Nynaeve.

— Você e Elayne deveriam ir atrás de Rand, em Caemlyn. Elayne pode virar rainha, e você... — O sorriso de Moghedien não era nada agradável. — Cedo ou tarde, vão chamar você para uma sala e tentar descobrir como é que você consegue fazer todas essas descobertas incríveis e ao mesmo tempo tremer feito uma garotinha pega roubando doces quando tenta canalizar na frente dos outros.

— Eu não...! — Não iria se explicar, não àquela mulher. Por que Moghedien de uma hora para a outra começara a se comportar daquele jeito tão petulante? — Só se lembre, seja lá o que acontecer comigo se descobrirem a verdade, sua cabeça vai

parar debaixo do machado rapidinho.

— E o seu sofrimento vai durar muito mais tempo. Semirhage já conseguiu fazer um homem passar cinco anos gritando todos os dias. E até manteve o sujeito são... Bem, no fim, nem mesmo ela conseguiu manter o coração dele funcionando. Duvido de que alguma dessas crianças tenha um décimo da habilidade de uma Abandonada, mas talvez você descubra em primeira mão quanto elas já aprenderam.

Como a mulher conseguia dizer aquelas coisas? Parecia ter se livrado daquela ansiedade habitual feito uma serpente soltando a pele velha. Seria de se pensar que eram duas iguais debatendo um assunto corriqueiro. Não, pior: a atitude de Moghedien dava a entender que o assunto, apesar de ser corriqueiro para ela, era algo terrível para Nynaeve. Desejou estar usando o bracelete, o que teria sido ao menos um consolo. Moghedien não podia estar tão serena e tranquila quanto indicavam seu rosto e sua voz.

Nynaeve ficou sem fôlego. O bracelete. Era isso. O bracelete não estava no quarto. Sentiu uma bola de gelo formar-se no fundo do estômago, e o suor de repente pareceu escorrer mais intensamente pelo rosto. Pela lógica, não fazia diferença se o bracelete estava ou não ali: o colar estava muito bem preso ao pescoço de Moghedien, enquanto Elayne usava a outra parte do *a'dam* — *Por favor, Luz, que ela não tenha tirado esse negócio!* Mas, na verdade, não era questão de lógica: Nynaeve nunca tinha ficado sozinha com a mulher sem o bracelete por perto. Ou melhor: as únicas vezes em que isso acontecera quase haviam terminado em desastre completo. Verdade que Moghedien não estava usando o *a'dam* nessas ocasiões, mas isso também não fazia diferença. A mulher ainda era uma Abandonada, e Nynaeve estava a sós com ela sem uma maneira de controlá-la. Agarrou as saias para se impedir de agarrar a faca de cintura.

O sorriso de Moghedien se alargou como se a mulher tivesse lido seus pensamentos.

— Mas não se preocupe, pode ter certeza de que essa minha sugestão de partir leva em conta o que é melhor para você. Isto aqui — acrescentou, erguendo a mão acima do colar, mas tomando cuidado para não o tocar — vai me manter presa em Caemlyn tão bem quanto me mantém aqui, mas é melhor ser escrava lá do que morrer neste lugar. Só não demore muito para se decidir: se essas mulheres que se consideram Aes Sedai resolverem voltar para a Torre, não haveria presente melhor para o novo Trono de Amyrlin do que você, uma mulher tão próxima de Rand al'Thor. Além de Elayne, claro. Se o rapaz sentir metade do que a menina sente por ele, quem a mantiver sob seu poder tem uma corda amarrada nele. Uma corda que ele jamais poderá arrebentar.

Nynaeve se levantou, forçando os joelhos a ficarem firmes.

— Pode ir fazer as camas e limpar o quarto. Quero encontrar tudo brilhando quando voltar.

— Quanto tempo você tem? — perguntou Moghedien, antes de ela conseguir

chegar à porta. Pelo tom, poderia estar perguntando se a água para o chá já tinha fervido. — Alguns dias, no máximo, até enviarem uma resposta para Tar Valon? Algumas horas? Como fica a balança das Aes Sedai, se de um lado estiver Rand al'Thor, talvez até somado aos supostos crimes de Elaida, e do outro a reunificação de sua preciosa Torre?

— E trate de dar atenção redobrada na limpeza dos penicos — disse Nynaeve, sem se virar. — Desta vez quero ver eles bem limpos — acrescentou, saindo antes que Moghedien pudesse dizer qualquer outra coisa e fechando a porta com força.

Nynaeve se apoiou nas tábuas ásperas de madeira, parando para respirar fundo no corredor estreito e sem janelas. Revirou a bolsa do cinto, pegou um saquinho e enfiou duas folhas de menta-de-ganso amassadas na boca. Levava um tempo para a menta-de-ganso aliviar a queimação no estômago, mas ela mastigou e engoliu como se a pressa fosse acelerar o processo. Os últimos minutos de conversa tinham sido um baque atrás do outro, com Moghedien destruindo várias de suas *certezas*. Mesmo com toda a desconfiança, acreditara que a mulher estava com medo. E se enganara. Ah, Luz, estava redondamente enganada. Tivera tanta certeza de que Moghedien sabia tão pouco sobre o relacionamento de Elayne e Rand quanto as Aes Sedai. Outra vez se enganara. E ainda sugerir que fossem encontrá-lo... haviam tomado pouco cuidado com as conversas que tinham na frente daquela Abandonada. O que mais teriam deixado escapar, e como Moghedien conseguiria usar aquelas informações contra elas?

Outra Aceita adentrou o corredor mal iluminado, vinda da sala principal da casinha, e Nynaeve se endireitou, enfiando a menta-de-ganso de volta na bolsa e alisando o vestido. Todos os aposentos, exceto a sala da frente, tinham sido transformados em alojamentos, e todos eram ocupados por Aceitas e serviçais — três ou quatro em cada quarto, nenhum muito maior do que o aposento de onde acabara de sair, e em alguns casos duas mulheres eram obrigadas a dividir a cama. A Aceita que acabava de chegar era uma mulher esguia, quase frágil, com olhos cinza e sorriso ligeiro. Era Emara, uma illianense que não gostava nem de Siuan nem de Leane — o que Nynaeve conseguia compreender — e que achava que as duas deviam ser mandadas embora — com toda a decência, como fizera questão de ressaltar —, como acontecera com todas as outras mulheres estancadas. Apesar disso, era simpática e não se ressentia do “espaço extra” de Elayne e Nynaeve, nem do fato de “Marigan” desempenhar as tarefas das duas. E essa ausência de ressentimento era rara entre as Aceitas.

— Ouvi dizer que você está passando a limpo para Janya e Delana — comentou ela, naquela voz aguda, quando passou apressada em direção ao próprio quarto. — Vá por mim: escreva o mais depressa que der. Janya, no caso, se preocupa mais em conseguir registrar tudo do que com alguns borrões.

Nynaeve olhou feio para as costas de Emara. Escrever devagar para Delana. Escrever depressa para Janya. Mas que maravilha de conselho que recebia. De todo

modo, não podia se preocupar com cópias borradas. E nem com Moghedien, não até ter chance de conversar sobre o assunto com Elayne.

Balançando a cabeça e murmurando entre dentes, avançou a passos firmes para fora da casa. Tudo bem que talvez tivesse dado sua situação ali como certa e cometido alguns deslizes, mas ainda tinha tempo de mudar o rumo das coisas. Sabia quem precisava encontrar.

Nos últimos dias, Salidar estivera imersa em uma onda de tranquilidade, embora as ruas continuassem abarrotadas. Uma boa medida da calma era como as ferrarias dos arredores da cidade estavam silenciosas. Todos tinham sido orientados a segurar a língua enquanto Tarna estivesse por ali, sem revelar nada sobre a missão diplomática a caminho de Caemlyn nem sobre Logain, que estava sendo mantido em segurança em um dos acampamentos dos soldados — e muito menos sobre os próprios soldados e o motivo pelo qual estavam se reunindo. E isso deixava o povo quase todo com medo de falar qualquer coisa numa voz mais alta que um sussurro. O burburinho que permeava a cidade tinha um toque de ansiedade.

Todos tinham sido afetados. Serviçais que viviam apressados avançavam a passos hesitantes, olhando temerosos por cima do ombro. Até as Aes Sedai pareciam cautelosas, por baixo daquela fisionomia calma, sempre se entreolhando, pensativas, analisando os comportamentos umas das outras. Havia menos soldados nas ruas — como se Tarna não tivesse visto os números, quando chegou, e tirado suas próprias conclusões. Caso o Salão de Salidar desse a resposta errada para a Torre Branca, todos ali podiam parar no cadafalso. Até governantes e nobres que preferiam se manter alheios aos assuntos da Torre decerto enforcariam qualquer soldado em quem conseguissem pôr as mãos só para evitar que difundissem a ideia de rebelião. Sentindo a situação incerta, os poucos homens que circulavam ostentavam expressões impassíveis ou carrancas ansiosas — exceto Gareth Bryne, que aguardava pacientemente diante da Pequena Torre. O homem ia todos os dias ali, chegando antes de qualquer das Votantes e só indo embora depois de a última sair. Nynaeve achava que ele queria garantir que as Aes Sedais dali se lembrassem dele e do que estava fazendo por elas. E, na única vez em que viu as Votantes saindo, Nynaeve achou que elas não pareciam muito felizes em vê-lo esperando.

Só os Guardiões não se comportavam diferente diante da chegada da irmã Vermelha. Os Guardiões e as crianças. Nynaeve levou um susto quando três garotinhas de lacinhos no cabelo passaram à sua frente, correndo feito codornas, suadas, poeirentas e rindo enquanto iam de um lado a outro. As crianças não sabiam das notícias que toda a Salidar estava esperando — e nem entenderiam se soubessem. E cada Guardião seguiria sua Aes Sedai sem pestanejar, não importava o que ela decidisse e para onde rumasse.

Quase todos os cochichos pareciam tratar do clima, mas também se falava das histórias que chegavam sobre acontecimentos estranhos em outros lugares — bezerros falantes de duas cabeças; homens sufocados por enxames de moscas; todas

as crianças de uma aldeia desaparecendo no meio da noite; gente caindo morta de repente, em plena luz do dia, afetada por algo invisível. Qualquer pessoa em sã consciência sabia muito bem que a seca e o calor fora de época eram causados pelo toque da mão do Tenebroso, mas até as Aes Sedai — pelo menos a maioria — duvidavam quando Elayne e Nynaeve diziam que esses outros acontecimentos eram igualmente verídicos, que bolhas de mal estavam se erguendo da prisão do Tenebroso à medida que os selos se enfraqueciam, subindo para o mundo e pairando pelas tramas do Padrão até estourarem. A maioria das pessoas não era capaz de pensar com tal lucidez. Alguns culpavam Rand por tudo, enquanto outros afirmavam que o Criador ficara insatisfeito com o mundo — fosse porque não estavam se unindo para seguir o Dragão Renascido, ou porque as Aes Sedai não o haviam capturado e amansado, ou porque as Aes Sedai estavam se opondo a uma Amyrlin entronada. Nynaeve, inclusive, ouvira que o tempo voltaria ao normal assim que a Torre estivesse unificada outra vez. Foi abrindo caminho pela multidão, querendo chegar logo.

— ... juro que é verdade! — ia resmungando uma cozinheira, com farinha até os cotovelos — Tem um exército de Mantos-brancos reunido do outro lado do rio Eldar, só esperando uma ordem de Elaida.

Além do falatório sobre o clima e os bezerros de duas cabeças, as histórias sobre os Mantos-brancos também estavam na boca do povo. Mas *Mantos-brancos* aguardando ordens de *Elaida*? O calor devia ter derretido os miolos daquela mulher!

— É verdade, que a Luz seja testemunha — murmurava um carroceiro grisalho para uma mulher de cenho franzido, cujo vestido de lã bem cortado indicava seu posto de camareira de alguma Aes Sedai. — Elaida morreu. A Vermelha veio convocar Sheriam para ser a nova Amyrlin.

A camareira assentia, aceitando cada palavra.

— Pois eu acho que Elaida é uma ótima Amyrlin — afirmava um homem de casaco tosco, remexendo um molho de varas apoiado no ombro. — Tão boa quanto qualquer outra. — Ele não se dirigia especificamente à mulher que o acompanhava. Falava alto e precisou se controlar para não dar uma olhada em volta e conferir quem estava ouvindo.

Nynaeve contorceu a boca, amargurada. Aquele homem *queria* ser ouvido. Como Elaida conseguira descobrir tão depressa sobre Salidar? Pelo que via, Tarna saíra de Tar Valon logo que as Aes Sedai começaram a se reunir ali na aldeia. Siuan já comentara, em tom sombrio, que um bom número das Azuis — a Ajah originalmente convocada a Salidar fora a Azul — ainda estavam desaparecidas, e Alviarin fizera questão de abordar o assunto com a mensageira de Elaida. Nynaeve sentia o estômago revirar só de pensar naqueles questionamentos, mas nada parecia tão terrível quanto a explicação mais óbvia para o caso: havia partidárias de Elaida infiltradas ali em Salidar. Todos se olhavam com desconfiança, e o lenhador encasacado não tinha sido o primeiro que Nynaeve ouviu dizer aquilo, e naquelas

mesmas palavras. As Aes Sedai podiam até não tocar no assunto, mas Nynaeve suspeitava de que algumas estivessem doidas para se pronunciarem. Aquela inquietude deixava Salidar borbulhante feito um caldeirão de cozido, e não dos mais saborosos. E só lhe deixava mais certa sobre o que estava fazendo.

Ia demorar para encontrar quem estava procurando. Precisava primeiro encontrar grupos de crianças brincando, e não havia muitas crianças ali em Salidar. Como era de se esperar, Birgitte estava assistindo a cinco garotos correndo pela rua e jogando um saquinho de pedras uns nos outros, gargalhando alto sempre que um era atingido, inclusive o que levava a pancada. Uma brincadeira tão tola quanto quase todas as brincadeiras de meninos. Ou de homens.

Claro que Birgitte não estava sozinha. Era muito raro de acontecer, a não ser que ela própria buscasse a solidão. Areina estava bem ali ao lado, dando batidinhas com um lenço para secar o suor que escorria pelo rosto e tentando não parecer entediada com as crianças. A mulher era um ou dois anos mais nova que Nynaeve e usava os cabelos escuros pouco abaixo dos ombros trançados como as madeixas loiras de Birgitte, que iam até a cintura. As roupas também eram cópia das de Birgitte: um casaco cinza-claro até a cintura e volumosas calças cor de bronze, presas no tornozelo pelas botas curtas com salto elevado, imitando até o arco e a aljava na cintura. Nynaeve suspeitava que Areina nunca tivesse sequer segurado um arco antes de conhecer Birgitte. Decidiu ignorar a mulher.

— Preciso falar com você — disse a Birgitte. — Em particular.

Areina a encarou, os olhos azuis exibindo um brilho que lembrava desprezo.

— Nossa, achei que você fosse querer usar o xale em um dia lindo como esse, Nynaeve. Minha nossa! Você está suando feito um porco. O que aconteceu?

Nynaeve contraiu o rosto. Virara amiga daquela mulher antes de Birgitte entrar no grupo, mas a relação azedou quando chegaram a Salidar. Areina ficara mais do que decepcionada ao saber que Nynaeve não era uma Aes Sedai completa, e foi só a pedido de Birgitte que a mulher não revelou às verdadeiras Aes Sedai que Nynaeve fingira ser uma delas. Além do mais, Areina fizera o juramento de Caçadora da Trombeta, e Birgitte decerto era melhor modelo para essa vida. Ah, e pensar que Nynaeve um dia sentira pena ao vê-la machucada!

— Pela sua cara — comentou Birgitte, com um sorriso suado —, ou você está a ponto de estrangular alguém, provavelmente a Areina aqui, ou seu vestido abriu bem na frente de um bando de soldados e você não estava usando roupa de baixo.

Areina soltou uma risada curta, mas pareceu chocada. Nynaeve não entendia a surpresa; a mulher já tivera bastante tempo para se acostumar com o suposto senso de humor de Birgitte, mais apropriado a um marmanjo barbado com o nariz enfiado em uma caneca e a pança cheia de cerveja.

Nynaeve ficou um tempo assistindo aos garotos brincarem, querendo dar uma chance de a irritação arrefecer. Seria ainda pior do que inútil se deixar irritar quando tinha um favor a pedir.

Dois dos garotos que brincavam de correr e desviar do saquinho de pedras eram Seve e Jaril. As Amarelas estavam mesmo certas, um tempo atrás, quando os diagnosticaram: precisavam mesmo era de tempo. Depois de quase dois meses com outras crianças em Salidar, sem motivos para ter medo, eles riam e gritavam tão alto quanto os amiguinhos.

Um pensamento súbito a atingiu, golpeando-a feito uma marreta. “Marigan” continuava cuidando deles, ainda que de má vontade, sempre se certificando de que estivessem alimentados e de banho tomado, mas, agora que os meninos tinham voltado a falar, poderiam revelar que a mulher não era mãe deles. Talvez já até o tivessem feito. O que até poderia não suscitar perguntas, mas havia o risco — e perguntas poderiam fazer desabar o castelo de cartas que tinham erguido acima de suas cabeças. Nynaeve sentiu a bola de gelo ressurgir no fundo do estômago. Por que não tinha pensado nisso antes?

Levou um susto quando sentiu Birgitte tocar seu braço.

— Qual é o problema, Nynaeve? Você está com uma cara.. parece que sua melhor amiga acabou de morrer e ainda a amaldiçoou com seu último suspiro.

Areina se afastava a passos largos, empertigada, e deu uma olhada para as duas por cima do ombro. Ela nem se abalava ao ver Birgitte beber e flertar com os homens, e até tentava imitá-la, mas ficava toda encrespada sempre que Birgitte queria ficar a sós com Elayne ou Nynaeve. No mundo de Areina, os homens não representavam ameaça e só mulheres podiam ser consideradas amigas, mas apenas ela podia ser amiga de Birgitte. Parecia achar estranha a ideia de ter duas amigas. Bem, não havia por que perder tempo pensando nela.

— Você conseguiria arrumar cavalos para nós? — Nynaeve tentou manter a voz firme. Não era isso o que tinha ido pedir, mas Seve e Jaril fizeram com que aquela pergunta parecesse excelente. — Quanto tempo levaria?

Birgitte a puxou do meio da rua até a entrada de uma viela estreita entre duas casas castigadas pelo clima, dando uma olhada cautelosa em volta antes de responder. Não havia ninguém por perto para ouvir, nem ninguém prestava atenção nelas.

— Um ou dois dias. Uno acabou de me contar...

— Uno não! Quero deixar ele fora disso. Só você, eu, Elayne e Marigan. A não ser que Thom e Juilin voltem a tempo. E Areina, se você insistir.

— Areina é mesmo muito tonta em alguns aspectos — respondeu Birgitte, hesitante —, mas a vida logo acaba com esse comportamento... ou acaba com ela. Você sabe que eu não vou insistir se você e Elayne não quiserem a presença dela.

Nynaeve ficou quieta. Birgitte estava se comportando como se *ela* é que estivesse com ciúmes! Ora, não se importava se aquela mulher quisesse uma companhia tão volúvel como Areina.

Esfregando as juntas dos dedos sobre os lábios, Birgitte franziu o cenho.

— Thome Juilin são bons homens, mas o melhor para evitar confusão é garantir

que ninguém esteja disposto a criar confusão com você. Dez ou mais shienaranos, com armaduras ou sem, seriam de grande ajuda. Não entendo você e Uno. Ele é durão e seguiria você e Elayne até o Poço da Perdição. — Um súbito sorriso se abriu em seu rosto. — Além do mais, ele até que é bem constituído...

— Não precisamos de ninguém segurando nossa mão pelo caminho — retrucou Nynaeve, rígida. Bem constituído? Teve um lampejo daquele tapa-olho pintado, junto com as cicatrizes. Birgitte tinha um gosto estranhíssimo para homens. — Podemos muito bem dar conta de qualquer coisa que cruze nosso caminho. E acho que já provamos isso, se é que você precisa de provas.

— Eu sei que podemos, Nynaeve, mas vamos acabar atraindo problemas feito uma pilha de esterco atraindo moscas. Altara está cozinhando em fogo brando, a cada dia chegam mais rumores sobre os Devotos do Dragão. E aposto meu melhor vestido de seda contra uma das suas camisolas velhas que metade daquele bando é de bandidos, bem do tipo que vai achar que quatro mulheres sozinhas são presa fácil. Aí vamos ter que provar o contrário a cada dois dias. E ouvi dizer que a situação em Murandy é ainda pior, cheia como está de Devotos do Dragão, bandidos e os refugiados de Cairhien, apavorados achando que o Dragão Renascido vai atrás deles a qualquer momento. Imagino que você não esteja pensando em fazer a travessia por Amadícia, e sim por Caemlyn. — A trança intrincada balançou de leve quando ela inclinou a cabeça e ergueu uma sobrancelha, com uma expressão interrogativa. — E Elayne concorda com você nessa questão do Uno?

— Vai concordar — resmungou Nynaeve.

— Entendi. Bem, quando tiver a palavra dela vou providenciar todos os cavalos de que precisarmos. Mas primeiro quero que ela me explique por que não levar Uno.

O tom inflexível deixou Nynaeve ardendo de raiva. Se pedisse a Elayne, mesmo que com toda a delicadeza, para explicar a Birgitte que Uno deveria ficar, podiam muito bem acabar encontrando o sujeito na estrada, à espera delas. E Birgitte ia parecer toda surpresa, sem entender como ele sabia que estavam partindo — e por qual caminho. A mulher podia até ser Guardiã de Elayne, mas Nynaeve às vezes se perguntava qual das duas estava no comando. Quando encontrasse Lan — *quando*, não *se*! —, ia fazer o homem jurar por tudo o que é mais sagrado que acataria suas decisões.

Respirou fundo algumas vezes, tentando se acalmar. Não fazia sentido discutir com uma parede. Era melhor ir direto ao assunto que a levara a procurar Birgitte.

Com a maior naturalidade possível, deu um passo mais para dentro da estreita viela, forçando a outra mulher a segui-la. O chão estava coberto de tocos e galhos marrons, restos dos arbustos que tinham sido removidos para abrir caminho. Examinou a multidão na rua, tentando manter um ar despreocupado. Ninguém prestava atenção nelas, mas baixou a voz mesmo assim.

— Precisamos descobrir que mensagem Tarna trouxe para o Salão e o que estão respondendo. Elayne e eu tentamos, mas as reuniões são protegidas por um selo, não

dá para espionar a conversa. Mas só se a pessoa tentar ouvir alguma coisa com o Poder. Ficaram tão preocupadas com essa possibilidade que se esqueceram do velho método de encostar a orelha atrás da porta. Bastaria que alguém...

— Não — interrompeu Birgitte, em um tom indiferente.

— Pelo menos considere o pedido. É dez vezes mais provável que eu ou Elayne sejamos descobertas do que você.

Nynaeve até pensou em acrescentar que Elayne era bem esperta e conseguiria dar conta, mas a mulher bufou, interrompendo-a.

— Eu já disse que não! Você já demonstrou ser muitas coisas desde que a conheci, Nynaeve, mas nunca me pareceu tola. Luz, daqui a um ou dois dias vão anunciar as decisões para todo mundo.

— Temos que saber agora — insistiu Nynaeve, sussurrando e engolindo em seco. — Ah, sua tonta com cérebro de homem.

Tonta? Claro que nunca parecera tonta! Ah, não podia ficar irritada. Se conseguisse convencer Elayne a ir embora, talvez não estivessem mais em Salidar dali a um ou dois dias. Melhor não abrir aquele saco de serpentes outra vez.

Com um arrepio — que Nynaeve achou um tanto exagerado, aliás —, Birgitte se apoiou no arco e voltou a falar:

— Uma vez me pegaram espionando as Aes Sedai. Me largaram três dias depois, e saí de Shaemal assim que consegui arrumar um cavalo. Não vou passar por isso de novo só para você ganhar um ou dois dias, ainda mais sem necessidade.

Nynaeve manteve a calma. Fez um esforço para conservar a expressão serena, para não ranger os dentes nem puxar a trança. Estava calma.

— Nunca ouvi história nenhuma sobre você espionando as Aes Sedai.

Ela se arrependeu das palavras assim que saíram de sua boca. Aquele era o cerne do segredo de Birgitte: ela era a Birgitte das histórias. Não deveriam jamais mencionar nada que pudesse levar alguém a pensar nisso.

A mulher permaneceu impassível por um instante, encobrindo tudo o que poderia estar remoendo em seu interior. Aquilo foi o bastante para Nynaeve estremecer: aquele era um segredo permeado de muita dor. Seu rosto de pedra por fim voltou a ser de carne, e Birgitte suspirou.

— O tempo transforma as coisas. Eu mesma mal reconheço metade dessas histórias, e a outra metade ainda menos. Não vamos mais falar disso. — Ficou bem óbvio que não era uma sugestão.

Nynaeve abriu a boca, ainda sem qualquer ideia do que dizer. A dívida que tinha com Birgitte a impedia de obrigar a outra a remoer suas dores, mas depois de ter dois pedidos simples negados...!

A voz de uma terceira mulher irrompeu subitamente da entrada da viela.

— Nynaeve, Janya e Delana querem ver você neste instante.

O sobressalto de Nynaeve foi tão grande que o pulo mais pareceu um voo — e o seu coração quase fugiu voando pela boca.

Quem estava na entrada da viela era Nicola, em suas roupas de noviça. A mulher mais nova pareceu surpresa por um instante — e Birgitte também, mas ela logo baixou os olhos para o arco, parecendo divertida.

Nynaeve engoliu em seco duas vezes antes de conseguir forçar uma palavra a sair da boca. Quanto a mulher teria ouvido?

— Se acha que isso é jeito de falar com uma Aceita, Nicola, é melhor se corrigir depressa. Ou vai acabar tendo ajuda para aprender.

Era uma resposta digna de Aes Sedai, mas a mulher esguia de olhos escuros simplesmente examinou Nynaeve de alto a baixo, com um olhar observador e avaliativo.

— Peço perdão, Aceita — respondeu, com uma mesura. — Vou tentar ser mais cuidadosa.

A mesura não se estendeu mais do que o suficiente para uma Aceita, e, ainda que o tom da resposta tivesse sido frio, não fora o bastante para valer uma bronca. Areina não fora a única companheira de viagem decepcionada em saber a verdade sobre Elayne e Nynaeve, mas Nicola concordara em manter o segredo — só parecera um pouco surpresa por elas acharem que precisariam pedir. Só depois de a testagem revelar que a mulher era capaz de aprender a canalizar é que ela passou a assumir aquela postura avaliativa.

Nynaeve entendia muito bem. Nicola não possuía a centelha inata — sem orientação, jamais teria tocado *saidar* —, mas já haviam falado de seu potencial, da força que um dia teria, caso se dedicasse. Apenas dois anos antes, Nicola teria demonstrado mais potencial do que qualquer noviça em séculos e teria causado grande comoção, mas isso era antes de Elayne e de Egwene, e da própria Nynaeve — Nicola nunca lhe dissera isso, mas tinha certeza de que a mulher estava determinada a chegar ao nível dela e de Elayne, talvez até a superá-las. A noviça nunca ultrapassava a linha do decoro, mas era comum se comportar bem no limite do aceitável.

Nynaeve meneou a cabeça, ríspida. Compreender o que se passava não a impedia de querer mandá-la tomar uma dose tripla de raiz de língua-de-ovelha, para deixar de ser tonta.

— Pois tente mesmo. Vá dizer às Aes Sedai que vou encontrá-las daqui a pouco. — Nicola curvou-se em outra mesura, mas, assim que a mulher se virou para ir embora, Nynaeve chamou: — Espere. — Nicola parou imediatamente. Não parecia mais estar lá, mas Nynaeve tinha certeza de ter notado um lampejo de... satisfação? — Você deu o recado completo?

— Me mandaram aqui para mandar você ir encontrar com elas, Aceita, e foi isso que eu fiz. — O tom da resposta parecia tão estagnado quanto água há mais de uma semana na jarra.

— O que foi que elas disseram? Quero as palavras exatas.

— As palavras exatas, Aceita? Não sei se consigo lembrar as palavras *exatas*, mas

vou fazer um esforço. Não se esqueça que foram as palavras delas, eu só estou repetindo. Janya Sedai disse algo como: “Se aquela garota tonta não aparecer logo, juro que ela só vai conseguir sentar direito quando tiver idade para ser avó.” E o que Delana Sedai falou foi algo como: “Capaz de ela conseguir os netos antes de decidir aparecer aqui. Se a Aceita não estiver na minha frente em quinze minutos, vou fazer pano de chão com o couro dela.” — Havia um brilho de pura inocência nos olhos da noviça. — Isso foi há uns vinte minutos, Aceita. Talvez um pouquinho mais.

Nynaeve quase teve que engolir em seco outra vez. Não era só porque as Aes Sedai não podiam mentir que as ameaças deviam ser levadas ao pé da letra, mas às vezes quase não fazia diferença. Se fosse qualquer outra noviça ali, que não Nicola, ela teria gritado “ai, Luz!” e saído em disparada. Mas não sob aquele olhar. Não diante de uma mulher que parecia estar criando uma lista mental de suas fraquezas.

— Nesse caso, suponho que não haja motivo para você ir correndo na frente. Vá cuidar das suas tarefas. — Nynaeve virou as costas para a mesura de Nicola, como se não estivesse dando a mínima, e disse a Birgitte: — Falo com você mais tarde. Sugiro que até lá você não decida tomar nenhuma atitude a respeito do que conversamos. — Com sorte, conseguiria manter a mulher longe de Uno com aquela ameaça velada. Com muita sorte.

— Vou considerar sua sugestão — retrucou Birgitte, muito séria.

Mas não havia nada de sério na mistura de compaixão e divertimento em seu rosto. A mulher conhecia bem as Aes Sedai — em alguns aspectos, sabia mais sobre elas do que qualquer Aes Sedai daquele tempo.

Não havia o que fazer além de aceitar e torcer pelo melhor. Assim que começou a andar pela rua, Nynaeve notou Nicola a seu lado.

— Mandei você cuidar das suas tarefas.

— Elas me mandaram voltar depois de encontrar você, Aceita. Essa aí é uma das suas ervas? Por que você usa ervas? É porque não consegue...? Ah, me desculpe. Eu não devia ter mencionado...

Nynaeve piscou, encarando o saco de menta-de-ganso em suas mãos. Não se lembrava de tê-lo pegado. Enfiou o saco de ervas de volta na bolsa, pensando em como queria mascar todas as folhas ali. Ignorou tanto o pedido de desculpas quanto o comentário anterior. O arrependimento com certeza era tão falso quanto a pergunta fora deliberada.

— Uso ervas porque nem sempre é preciso Curar.

O que as Amarelas achariam desse comentário, se isso chegasse a seus ouvidos? Elas desprezavam as ervas e só demonstravam interesse por doenças graves demais para os métodos tradicionais. Ou pelo menos enfermidades graves em que optar pela Cura não chegava ser um uso supérfluo do Poder. Ah, o que estava fazendo? Toda preocupada com a resposta que dera para Nicola, temendo que ela fosse dedurar tudo para as Aes Sedai? A despeito dos olhares que dava para Nynaeve e Elayne, ela ainda era uma noviça. Os olhares não importavam.

— Fique quieta — mandou Nynaeve, irritada. — Quero pensar.

Nicola ficou mesmo quieta enquanto as duas iam andando pelas ruas apinhadas, mas Nynaeve teve a impressão de que a mulher caminhava se arrastando. Talvez fosse só sua imaginação, mas sentiu os joelhos doerem com o esforço de não passar na frente dela. Não importava o que acontecesse, não ia deixar Nicola sequer pensar que ela parecia com pressa.

A situação começou a corroê-la por dentro. De todas que poderiam ter sido enviadas para buscá-la, era difícil imaginar alguém pior do que Nicola, com aqueles olhares. Birgitte já devia estar encontrando Uno. As Votantes deviam estar dizendo a Tarna que queriam se ajoelhar e beijar o anel de Elaida. Seve e Jaril deviam estar falando para Sheriam que não sabiam distinguir “Marigan” de um ganso selvagem. Tinha sido um dia daqueles, e o sol escaldante nem chegara ao topo do céu sem nuvens.

Janya e Delana aguardavam na sala principal da pequena casa que dividiam com três outras Aes Sedai — claro que cada uma tinha seu próprio quarto. Cada Ajah tinha uma casa onde se reunir, mas as Aes Sedai estavam espalhadas pela aldeia, e seus alojamentos tinham sido dispostos de acordo com a ordem de chegada. Janya, que encarava o chão de cara feia e lábios franzidos, nem pareceu notar a chegada das duas. Mas a pálida Delana, cujos cabelos eram tão claros que não dava para dizer se havia ou não fios brancos, encarou-as com os olhos azuis, igualmente claros, assim que adentraram pela porta. Nicola deu um salto. Nynaeve teria apreciado mais aquilo se não tivesse feito a mesma coisa. Os olhos da robusta irmã Cinza não eram muito diferentes dos de qualquer outra Aes Sedai, mas, quando se concentravam em alguém, era como se ninguém mais existisse. Havia quem dissesse que Delana era boa mediadora, já que ambas as partes sempre chegavam a um acordo só para que ela parasse de encará-los. O alvo do olhar começava a se perguntar o que havia feito de errado, mesmo que não tivesse feito nada. A lista de erros que surgiu em sua cabeça fez Nynaeve se curvar em uma mesura tão intensa quanto a de Nicola, antes mesmo que percebesse o que estava fazendo.

— Ah — comentou Janya, surpresa, como se as duas tivessem brotado do chão —, aí estão vocês.

— Peço desculpas pelo atraso — disse Nynaeve, mais do que depressa. Nicola que pensasse o que quisesse. Era Delana quem a encarava, não a noviça. — Perdi a noção do tempo, e...

— Não importa. — Delana tinha a voz grave para uma mulher, e seu sotaque era um eco gutural do shienarano de Uno, apesar de estranhamente melódico em uma mulher tão corpulenta. Por outro lado, Delana era estranhamente graciosa para uma mulher tão robusta. — Nicola, pode sair. Você vai fazer umas tarefas para Faolain até a próxima aula.

Nicola não perdeu tempo em curvar-se em outra mesura e sair. Talvez quisesse ter ouvido o que as Aes Sedai diriam por Nynaeve estar atrasada, mas ninguém testa os

limites com nenhuma Aes Sedai.

Nynaeve não teria reparado nem se tivessem brotado asas em Nicola. Acabara de perceber que não havia frasco de tinta na mesa em que as Aes Sedai faziam as refeições, nem caixa de areia, pena, ou papel. Nada do que poderia precisar. Será que devia ter levado os seus? Delana *ainda* a encarava. A mulher *nunca* encarava alguém por tanto tempo. Na verdade, ela nunca encarava ninguém, a não ser com algum motivo.

— Quer chá de menta gelado? — ofereceu Janya, e foi a vez de Nynaeve ficar surpresa. — Acho chá reconfortante. Suaviza a conversa, é o que sempre digo. — Sem esperar resposta, a irmã Marrom, que parecia um pássaro, começou a encher xícaras desparelhadas com o líquido de um bule de listras azuis que estava no aparador, e uma pedra fazia as vezes de um dos pés do móvel. As Aes Sedai até podiam ter mais espaço, mas a mobília delas estava em condições tão precárias quanto as das Aceitas. — Delana e eu decidimos que as anotações podem ficar para outra hora. Em vez disso, vamos só conversar. Quer mel? Eu prefiro sem. Acho que o doce estraga o sabor. As jovens sempre querem mel. Você vem fazendo umas coisas incríveis. Você e Elayne. — Delana pigarreou alto, o que fez a Marrom encará-la com um olhar interrogativo. Depois de um instante, Janya disse: — Ah. Sim.

Delana puxara uma das cadeiras da mesa para o centro da sala. Uma cadeira com assento de palha. No instante em que Janya mencionou que só iriam conversar, Nynaeve soube que não seria bem assim. A Cinza indicou a cadeira, e Nynaeve sentou-se bem na pontinha, aceitou a xícara apoiada em um pires quebrado da mão que Janya oferecia e agradeceu. Depois disso, não precisou esperar muito.

— Fale mais sobre Rand al'Thor — mandou Janya.

A Marrom parecia prestes a dizer mais alguma coisa, mas Delana pigarreou outra vez. Janya piscou e se calou, bebericando o chá. As duas estavam paradas uma de cada lado da cadeira de Nynaeve. Delana a encarou, soltou um suspiro e canalizou para apanhar a terceira xícara, que veio flutuando, então cravou os olhos nela outra vez, daquele jeito que parecia que abria buracos em sua cabeça. Janya parecia perdida em pensamentos, parecendo ter se esquecido de Nynaeve.

— Já contei tudo o que sei — respondeu Nynaeve, com um suspiro. — Bem, contei às outras Aes Sedai, de todo modo.

E tinha contado mesmo. Nada do que soubesse poderia fazer mal a Rand, pelo menos não mais do que saber o que ele era. E talvez ajudasse se pudesse fazer as irmãs o enxergarem como homem. Não um homem capaz de canalizar, mas apenas um homem. Não era tarefa fácil, quando o assunto era o Dragão Renascido.

— Eu não sei de mais nada — completou.

— Não faça malcriação — retrucou Delana, bruscamente. — E não fique se remexendo.

Nynaeve deitou a xícara de volta no pires e limpou a mão na saia.

— Criança — começou Janya, em tom de pura compaixão —, sei que você acha que contou tudo o que sabe, mas Delana... eu não acredito que você esconderia algo de propósito...

— E por que não? — vociferou a Cinza. — Os dois nasceram na mesma aldeia. Um viu o outro crescer. Ela pode ser mais leal a ele do que à Torre Branca. — O olhar lancinante se abateu outra vez sobre Nynaeve. — Conte alguma coisa que ainda não contou. Já ouvi todas as suas histórias, garota, então vou saber se tentar me enrolar.

— Tente, criança. Tenho certeza de que não quer Delana zangada com você. Por que... — Outro pigarreio fez Janya se calar.

Nynaeve torceu para que as duas achassem que o chocalhar da xícara de chá significasse que ela também estava agitada. Primeiro fora arrastada até ali, apavorada — não, apavorada, não, apreensiva — com a possível irritação delas, e agora isso. Ficar rodeada por Aes Sedai ensinava a ouvir com atenção. Poderia até não ser possível captar a intenção real, mas a chance era maior do que ouvindo sem muita atenção, como a maioria costumava fazer. Nenhuma das duas dissera que de fato achava que ela estava escondendo alguma coisa, só estavam querendo assustá-la para ver se ela soltaria mais alguma informação. E Nynaeve não estava com medo das duas. Bem, não muito. Mas estava furiosa.

— Quando ele era garoto — começou, hesitante —, aceitava a punição sem discutir, se achasse que merecia. Mas, se não achasse, protestava até o fim.

Delana bufou.

— Você já contou isso para todo mundo que quisesse escutar. Conte algo diferente. E logo!

— Dá para tentar orientá-lo ou convencê-lo, mas não adianta querer forçá-lo. Rand empaca se achar que...

— Isso também. — Apoiando as mãos na cintura larga, Delana abaixou-se até que seus olhos ficassem na altura dos de Nynaeve, que quase desejou que fosse Nicola encarando-a de novo. — Conte alguma coisa que não tenha contado a todas as cozinheiras e lavadeiras de Salidar.

— Tente, criança — pediu Janya e, espantosamente, deixou por isso mesmo.

As duas continuaram cavando informações. Janya pedia, simpática, e Delana pressionava sem piedade. Nynaeve mencionou cada detalhe que conseguiu lembrar. Aquilo não aliviou sua situação: os detalhes tinham sido mencionados tantas vezes que ela já se lembrava deles de cor. Como Delana observou, tão delicadamente — ou melhor, nem tanto. Quando Nynaeve conseguiu dar um gole no chá, a bebida já estava rançosa, e a doçura quase travou a língua. Janya parecia de fato acreditar que as moças gostavam de muito mel. A manhã estava passando devagar. Muito devagar.

— Não vamos a lugar nenhum com isso — anunciou Delana, por fim, cravando os olhos em Nynaeve como se ela fosse a culpada.

— Então posso ir? — perguntou Nynaeve, cansada.

Cada gota de suor que empapava seu corpo parecia ter sido espremida. Ela se sentia sem energia. Também queria estapear aqueles rostos frios de Aes Sedai.

Delana e Janya trocaram olhares. A Cinza deu de ombros e foi até o aparador, encher outra xícara de chá.

— Claro que pode — respondeu Janya. — Sei que deve ter sido difícil para você, mas precisamos mesmo conhecer Rand al'Thor melhor do que ele conhece a si mesmo, se quisermos tomar a melhor decisão possível. Do contrário, tudo pode acabar virando uma catástrofe. Ai, ai, sim... Você foi muito bem, criança. Por outro lado, eu não esperava menos. Uma pessoa capaz de fazer as descobertas que fez, e ainda por cima com a sua deficiência... Ora, não espero de você nada menos que a excelência. E pensar que...

Levou um bom tempo até a mulher parar de falar e deixar Nynaeve sair, cambaleante. E ela cambaleou mesmo: sentia os joelhos fracos. Todas estavam falando dela. Claro que estavam. Deveria ter dado ouvidos a Elayne e deixado as tais descobertas para ela. Moghedien tinha razão. Cedo ou tarde, começariam a investigar como ela conseguia fazer aquilo. Então as Aes Sedai queriam tomar a melhor decisão para evitar uma catástrofe. E não davam qualquer pista do que pretendiam com relação a Rand.

Olhando para o sol, quase no topo do céu, Nynaeve percebeu que estava atrasada para a reunião com Theodrin. Pelo menos dessa vez tinha uma boa desculpa.

A casa de Theodrin — e de mais umas vinte mulheres — ficava depois da Pequena Torre. Nynaeve reduziu o passo ao chegar perto da antiga estalagem. O burburinho dos Guardiões na porta da frente, perto de Gareth Bryne, deixava claro que a reunião ainda não havia terminado. Um resíduo de raiva permitiu que ela visualizasse o selo de proteção, um domo plano, fechado, feito principalmente de Fogo e Ar, mas com toques de Água, cintilava diante de seus olhos, cobrindo toda a construção. O nó da trama parecia um tormento. Tocar nele seria quase como oferecer o próprio couro a um curtume, já que havia muitas Aes Sedai na rua lotada. De vez em quando, alguns Guardiões entravam e saíam do brilho, invisível a eles, deixando ou juntando-se à vigília na porta. O mesmo selo de proteção que Elayne não conseguira penetrar. Um escudo contra bisbilhoteiros. Contra quem tentasse ouvir algo com o Poder.

A casa de Theodrin ficava a cerca de cem passadas mais adiante na rua, mas Nynaeve virou-se para entrar no pátio ao lado de um casebre de telhado de palha, apenas duas casas depois da antiga estalagem. Uma cerca de madeira bamba protegia o pequenino jardim de ervas murchas nos fundos do casebre, mas havia um portão ainda preso por uma única dobradiça quase completamente enferrujada. Quando ela o abriu, a dobradiça soltou um rangido tétrico. Nynaeve olhou em volta, afobada — ninguém nas janelas ou na rua podia vê-la —, juntou as saias e disparou pela viela estreita que dava no quarto que ela dividia com Elayne.

Hesitou por um instante, secando as palmas suadas no vestido, lembrando-se do que Birgitte dissera. Sabia que no fundo era uma covarde, por mais que se odiasse por isso. Houve um tempo em que pensara em si mesma como corajosa — não uma heroína como Birgitte, mas corajosa o bastante. O mundo lhe dera uma boa lição. Só de pensar no que as irmãs fariam se a pegassem ali, sentia vontade de dar meia-volta e ir correndo até Theodrin. Havia uma pequena chance de que encontraria a janela do aposento exato onde estavam as Votantes. Uma chance ínfima.

Tentando molhar um pouco a boca — como podia estar tão seca, se o resto do corpo estava tão úmido? —, ela se aproximou devagar. Um dia gostaria de saber como era ser corajosa feito Birgitte ou Elayne, em vez de uma covarde.

O selo de proteção não se alterou quando ela o adentrou, e ela sequer o sentiu. Sabia que não sentiria. Tocá-lo não faria mal nenhum, mas, mesmo assim, ela se espremeu contra a parede de pedra bruta para evitar a trama ao máximo. Alguns pedacinhos de trepadeira agarrados às rachaduras roçaram seu rosto.

Nynaeve foi seguindo devagar até o batente da janela — mas quase deu meia-volta e foi embora. A janela estava bem fechada, e todo o vidro tinha desaparecido e sido substituído por um tecido impermeável que podia até deixar entrar luz, mas não permitia que ela visse nada lá dentro. E nem ouvisse nada — se é que havia alguém do outro lado. Não havia como saber, já que nenhum som escapava. Foi respirando bem fundo e avançando aos poucos até a janela seguinte. Um dos painéis também fora substituído, mas dava para ver uma mesa surrada, a madeira outrora ornamentada coberta de papéis e frascos de tinta, com poucas cadeiras em volta. Fora isso, o cômodo estava vazio.

Resmungando um xingamento que ouvira de Elayne — a garota tinha um repertório surpreendente de palavrões —, ela foi Tateando o caminho pela pedra bruta. A terceira janela estava aberta. Nynaeve chegou mais perto — e então deu um pulo para trás. Não tinha realmente acreditado que encontraria alguma coisa, mas Tarna estava ali. Não com as Votantes, mas com Sheriam, Myrelle e o restante daquele grupinho. Se seu coração não estivesse batendo tão alto, teria ouvido os murmúrios das vozes das mulheres antes de vê-las.

Ela se ajoelhou e se aproximou do batente o máximo que podia sem ser vista pelas pessoas lá dentro. A base da janela aberta roçava sua cabeça.

— ... tem certeza de que é essa a mensagem que quer que eu leve de volta? — Aquela voz dura só podia ser de Tarna. — Está me pedindo mais tempo para avaliar a situação? O que há para avaliar?

— O Salão... — começou Sheriam.

— O *Salão* — retrucou a emissária da Torre, em tom de escárnio. — Não pense que não sei onde está o poder. Esse suposto *Salão* pensa o que vocês seis mandam.

— Foi o Salão, ele pediu mais tempo — declarou Beonin, com firmeza. — Quem é que pode dizer a que decisão elas vão chegar?

— Elaida vai ter que esperar para ouvir a decisão delas — completou Morvrin, em

uma imitação clara do tom gélido de Tarna. — Ela não aguenta esperar mais um pouco para poder ver a Torre Branca íntegra mais uma vez?

A resposta de Tarna foi ainda mais fria:

— Vou levar a sua... a mensagem do *Salão*... para a Amyrlin. Vamos ver o que ela pensa a respeito.

Uma porta se abriu e se fechou com um baque cortante.

Nynaeve poderia ter gritado de frustração. Agora sabia a resposta, mas não a pergunta. Se pelo menos Janya e Delana a tivessem liberado um pouquinho mais cedo... Bem, melhor do que nada. Melhor do que “vamos voltar e obedecer a Elaida”. Não havia por que ficar ali, esperando ser vista.

Ela começou a se afastar, então ouviu Myrelle dizer:

— Talvez seja melhor simplesmente deixar uma mensagem para ela. Talvez seja melhor convocá-la.

Com o cenho franzido, Nynaeve parou onde estava. Ela quem?

— As formalidades devem ser cumpridas — retrucou Morvrin, em um tom ríspido. — Temos que seguir as cerimônias apropriadas.

Beonin respondeu na hora, em um tom firme.

— Precisamos cumprir cada letra da lei. O menor deslize será usado contra nós.

— E se tivermos cometido um erro? — Carlinya soava acalorada, talvez pela primeira vez na vida. — Quanto temos que esperar? Quanto ousamos esperar?

— Esperaremos o tempo que for preciso — retrucou Morvrin.

— O tempo que for necessário — ratificou Beonin. — Não esperei esse tempo todo para aquela criança dócil simplesmente abandonar todos os nossos planos.

Por algum motivo, aquilo gerou um silêncio, embora Nynaeve tenha ouvido alguém murmurar “dócil” outra vez, como se examinasse a palavra. Que criança? Uma noviça, talvez uma Aceita? Não fazia sentido. As irmãs *nunca* esperavam pelas noviças ou Aceitas.

— Já fomos longe demais para voltar atrás agora, Carlinya — declarou Sheriam, por fim. — Ou trazemos a garota aqui e garantimos que ela faça o que tem que fazer, ou deixamos tudo para o Salão e esperamos que elas não nos levem ao desastre. — Pelo tom, ela considerava a última possibilidade uma esperança tola.

— Um deslize — acrescentou Carlinya, com uma voz ainda mais fria do que de costume —, basta um deslize, e vamos todas acabar com a cabeça numa estaca.

— Mas quem é que vai colocar ela lá? — perguntou Anaiya, pensativa. — Elaida, o Salão, ou Rand al'Thor?

O silêncio se estendeu, as saias farfalharam, e a porta se abriu e se fechou outra vez.

Nynaeve arriscou uma espiada. O aposento estava vazio. Soltou um muxoxo exaltado. Era de pouco consolo que elas tivessem decidido esperar — a resposta final ainda poderia ser qualquer coisa. O comentário de Anaiya mostrou que aquelas seis ainda estavam tão cautelosas em relação a Rand quanto a Elaida. Talvez até

mais. Elaida não estava reunindo homens capazes de canalizar. E quem era a “criança dócil”? Não, isso era irrelevante. Elas podiam estar tramando cinquenta planos dos quais Nynaeve nada sabia.

O selo de proteção esvaneceu, e ela deu um salto. Já passava da hora de sair dali. Levantando-se às pressas, começou a espanar a terra dos joelhos enquanto se afastava da parede. Deu apenas um passo, pois foi obrigada a parar, ainda agachada, as mãos paralisadas sobre as manchas de terra do vestido, diante de Theodrin.

A domanesa bochechuda a encarou de volta sem dizer uma palavra.

Em instantes, Nynaeve considerou e descartou a desculpa ridícula de que estava procurando algo que deixara cair. Em vez disso, endireitou-se e passou lentamente pela domanesa, como se não tivesse nada a explicar. Theodrin a seguiu com as mãos na cintura. Nynaeve considerou suas opções. Podia dar uma pancada na cabeça de Theodrin e sair correndo. Podia se ajoelhar outra vez e implorar. As duas seriam bem equivocadas, em sua opinião, mas não conseguia pensar em nenhuma solução intermediária.

— Você tem conseguido manter a calma? — perguntou Theodrin, olhando para a frente.

Nynaeve levou um susto. Recebera aquela instrução da domanesa, depois do treino da noite anterior para romper o bloqueio. Manter a calma, ter sempre pensamentos tranquilos e serenos.

— É claro — respondeu, com uma risada fraca. — O que poderia me aborrecer?

— Que bom — respondeu Theodrin, em um tom suave. — Hoje pretendo tentar algo um pouco mais... direto.

Nynaeve a encarou. Nenhuma pergunta? Nenhuma acusação? Pelo jeito que o dia estava se desenrolando, não conseguia acreditar que sairia tão fácil dessa.

Nenhuma das duas viu a mulher que as observava de uma das janelas do segundo andar.





SOB A POEIRA

Nynaeve, enrolada em uma toalha esfarrapada de listras vermelhas e se perguntando se era melhor desfazer a trança, olhou irritada para o vestido e a roupa de baixo pendurados no encosto das cadeiras, pingando nas tábuas recém-varridas do chão. Sua outra opção de vestimenta era outra toalha velha, essa listrada de verde e branco e consideravelmente maior.

— Agora sabemos que choque não funciona — rosnou, para Theodrin, estremecendo. Sentia a mandíbula doer, e as bochechas ainda ardiam. Theodrin tinha reflexos rápidos e um braço forte. — Eu até conseguiria canalizar agora, mas, enquanto testávamos essa alternativa, *saidar* era a última coisa em que eu pensaria. — No momento em que fora encharcada, perdera o fôlego, os pensamentos fugiram e os instintos assumiram o comando.

— Bem, então canalize para secar suas coisas — resmungou Theodrin.

A dor na mandíbula de Nynaeve até diminuiu ao ver Theodrin examinar o próprio reflexo em um triângulo de espelho quebrado e levar a mão ao olho. A pele já estava meio inchada, e Nynaeve suspeitava que o hematoma ficaria espetacular. Seu braço não era tão fraco assim. E um hematoma era *o mínimo* que Theodrin merecia!

Talvez a domanesa pensasse a mesma coisa, já que disse, em um suspiro:

— Não vou tentar isso de novo. Mas ainda vou conseguir ensinar você a se render a *saidar* sem ter que ficar irritada a ponto de agarrar a Fonte com os dentes.

Olhando irritada para as roupas encharcadas, Nynaeve parou um instante para pensar. Nunca tinha feito nada parecido. Eram proibidas de realizar tarefas com o Poder, e com razão. *Saidar* era sedutora. Quanto mais a pessoa canalizava, mais queria canalizar — e, quanto mais a pessoa queria canalizar, maior o risco de que abraçasse Poder demais e acabasse estancada ou morta. A doçura da Fonte

Verdadeira veio preenchê-la sem quaisquer impedimentos — se a manhã já não tivesse sido o suficiente, o balde de água de Theodrin garantira a irritação. Uma simples trama de Água absorveu toda a umidade de suas roupas e a fez escorrer pelo chão, formando uma poça que logo se espalhou e se juntou aos resquícios do balde.

— Não sou muito boa em me render — comentou.

A menos que não houvesse mais razão para lutar. Só um tolo insistiria quando não havia chance de vitória. Nynaeve não conseguia respirar debaixo d'água, não conseguia voar batendo os braços... e não conseguia canalizar se não estivesse irritada.

Theodrin, que olhava irritada para a poça, voltou-se para Nynaeve e plantou as mãos na cintura fina.

— Estou bem ciente disso — retrucou, com calma demais. — Por tudo o que aprendi, você não deveria sequer conseguir canalizar. Fui ensinada que é preciso estar calma para canalizar, estar internamente serena e tranquila, com a mente aberta e complacente. — O brilho tênue de *saidar* a rodeava, e fluxos de Água reuniram a pocinha em uma bola líquida, uma visão estranha apoiada no chão. — É preciso se entregar antes de guiar. Mas você, Nynaeve... por mais que tente se render, e olha que já a vi tentar, você persiste e se agarra com unhas e dentes, a não ser que esteja furiosa o bastante para esquecer a luta e se deixar levar. — Fluxos de Ar ergueram a bola oscilante. Por um instante, Nynaeve achou que a domanesa pretendia atirar a água nela, mas a esfera flutuou pelo recinto e saiu por uma das janelas abertas. Fez um estrondo ao cair, e um gato berrou, assustado e irritado. Talvez a proibição não se aplicasse a alguém do nível de Theodrin.

— Por que não deixamos por isso mesmo? — Nynaeve tentou soar otimista, mas achava que não tinha se saído muito bem. *Queria* poder canalizar quando bem entendesse. Mas, como dizia o ditado, “se desejos dessem asas, os porcos poderiam voar”. — Não faz sentido perder...

— Deixe ele assim — mandou Theodrin, quando Nynaeve começou a passar a trama de Água nos cabelos. — Solte *saidar*, deixe ele secar naturalmente. E vista suas roupas.

Nynaeve estreitou os olhos.

— Você tem outra surpresa me esperando, não tem?

— Não. Agora comece a preparar sua mente. Você é um botão de flor sentindo o calor da Fonte, pronto para se abrir. *Saidar* é o rio, você é a margem. O rio é mais poderoso que a margem, mas é ela que o contém e o conduz. Esvazie a mente e fique só com o botão. Não há nada em seus pensamentos além do botão. Você é o botão...

Enfiando a roupa de baixo pela cabeça, Nynaeve suspirou enquanto a voz de Theodrin prosseguia, hipnótica. Exercícios de noviça. Se funcionassem para ela, já teria conseguido canalizar por vontade própria muito tempo antes. Devia desistir logo daquilo e ir tratar de coisas que conseguiria resolver, como convencer Elayne a ir a Caemlyn. Mas queria que Theodrin conseguisse o que pretendia, mesmo que

precisasse de dez baldes d'água. Aceitas não viravam as costas; Aceitas não desafiavam a autoridade. Odiava que os outros lhe dissessem o que não era capaz de fazer, mais ainda do que quando lhe diziam o que fazer.

Horas se passaram, e as duas ficaram ali, sentadas, uma de frente para a outra, diante de uma mesa que parecia saída de uma fazenda decrépita. Passaram horas repetindo os exercícios que as noviças também deviam estar fazendo naquele mesmo instante. O botão de flor e a margem do rio. A brisa de verão e o riacho murmurante. Nynaeve tentou ser uma semente de dente-de-leão flutuando ao vento, tentou ser a terra sorvendo a chuva da primavera, tentou ser uma raiz penetrando o solo bem lentamente. Tudo sem efeito — ou, pelo menos, sem o efeito que Theodrin queria. A domanesa chegara a sugerir que Nynaeve se imaginasse nos braços de um amante, o que acabou sendo um desastre, já que ela acabou pensando em Lan — como ele *ousava* sumir daquele jeito! —, mas a cada vez a frustração virava raiva, incendiando seu gênio feito brasa em palha seca, e punha *saidar* a seu alcance, Theodrin mandava que soltasse e recomeçasse, devagar e com calma. A domanesa se agarrava ao que queria com tanta intensidade que era enlouquecedor. Nynaeve achou que a mulher poderia ensinar as mulas a serem teimosas. E Theodrin nunca se frustrava, sua serenidade era quase uma arte. Nynaeve queria virar um balde de água fria na cabeça *dela*, para ver se *ela* ia gostar. Por outro lado, considerando a dor que sentia na mandíbula, talvez não fosse boa ideia.

Theodrin Curou o machucado antes de a aula acabar, que era até onde iam suas habilidades naquele Dom. Logo depois, Nynaeve retribuiu a Cura. O olho de Theodrin assumira um tom de roxo brilhante, e odiava não poder deixá-lo de lembrança para que a mulher tivesse um pouco mais de cuidado ao planejar as aulas seguintes. Mas a retribuição era apenas justa, e os arquejos e arrepios de Theodrin quando os fluxos de Espírito, Ar e Água percorreram seu corpo foram como uma retribuição pelos arquejos da própria Nynaeve, quando aquele balde foi jogado em cima dela. Claro que também estremecera na hora de ser Curada, mas não se podia ter tudo.

Lá fora, o sol já estava a meio caminho do horizonte a oeste. Na rua, uma onda de mesuras e reverências percorreu a multidão, que abria caminho para Tarna Feir. A representante da Torre ia deslizando com a elegância de uma rainha ao caminhar por um chiqueiro, o xale de franjas vermelhas enrolado nos braços, tão chamativo quanto um estandarte. Mesmo a cinquenta passadas de distância, a atitude era clara na maneira como mantinha a cabeça erguida e levantava as saias para não sujá-las de terra, ignorando até os que a cumprimentavam com mesuras quando ela passava. Houvera muito menos reverências e bem mais alvoroço e insultos no primeiro dia, mas uma Aes Sedai era uma Aes Sedai — ao menos para as irmãs em Salidar, que reforçaram essa lição com duras punições: duas Aceitas, cinco noviças e quase dez serviçais, homens e mulheres, passavam as horas de folga arrastando lixo da cozinha e dejetos de penico até as florestas, para serem enterrados.

Enquanto Nynaeve tentava escapulir antes que Tarna pudesse vê-la, seu estômago roncou tão alto que rendeu um olhar assustado de um sujeito carregando um cesto de nabos nas costas. Tinha perdido o café da manhã com as tentativas de Elayne de romper o selo de proteção e o almoço com os exercícios de Theodrin — e as aulas daquele dia ainda não tinham acabado: recebera instruções de Theodrin para que não dormisse à noite. O choque falhara, mas talvez a exaustão funcionasse. *Qualquer bloqueio pode ser quebrado*, dissera Theodrin, em um tom confiante e implacável, *e eu vou quebrar o seu. Só precisa acontecer uma vez. Uma vez canalizando sem raiva, e saidar será sua.*

Naquele momento, Nynaeve só queria comida. Os ajudantes já estavam quase terminando a limpeza das cozinhas, claro, mas o aroma de cozido de carneiro e porco assado aguçou seu nariz — ainda assim, Nynaeve teve que se contentar com duas maçãs horrorosas, um pedaço de queijo de cabra e um naco de pão. O dia não estava melhorando.

De volta ao quarto, encontrou Elayne esparramada na cama. A Filha-herdeira olhou-a sem nem erguer a cabeça, então voltou a encarar o teto rachado.

— Meu dia foi péssimo, Nynaeve — comentou, com um suspiro. — Escaralde *insiste* em aprender a fazer um *ter'angreal*, sendo que não tem força para isso. E Varilin fez *alguma coisa*... não sei o quê... e a pedra em que ela estava trabalhando virou uma bola de... bem, não era exatamente fogo... e bem nas mãos dela! Acho que teria morrido se Dagdara não estivesse conosco... Ninguém mais ali conseguiria Curá-la, e acho que não teria dado tempo de buscar outra pessoa. Daí fiquei pensando em Marigan... Mesmo que a gente não consiga aprender a detectar um homem canalizando, talvez dê para detectar o que ele já fez... Acho que me lembro de Moiraine *insinuando* que era possível. *Acho* que me lembro... de todo modo, eu estava distraída pensando nela quando alguém encostou no meu ombro, aí eu dei um berro, como se tivesse levado uma picada de agulha. Era só o coitado de um carroceiro querendo me perguntar sobre algum boato idiota, mas assustei tanto o homem que ele quase saiu correndo.

Ela enfim fez uma pausa para tomar fôlego, e Nynaeve abandonou a ideia de atirar o resto da última maçã em sua cabeça e aproveitou o silêncio para perguntar:

— Cadê a Marigan?

— Ela demorou bastante na arrumação, mas como já tinha terminado, eu a mandei voltar para o quarto. E *ainda* estou usando o bracelete. Está vendo? — Ela sacudiu o braço, depois o largou de volta no colchão, mas a torrente de palavras não desacelerou. — Ela não parava de choramingar daquele jeito horrível sobre como deveríamos fugir para Caemlyn, e eu simplesmente não conseguia aguentar *nem mais um minuto*, não depois do dia que tive. A aula com as noviças foi um desastre. Sabe a Keatlin, aquela mulher *terrível*, a nariguda? Ela não parava de resmungar que se estivesse em casa não deixaria uma *garota* dar as ordens. Daí Faolain chegou batendo o pé, *exigindo* saber por que Nicola estava na aula. Como é que *eu* ia saber

que Nicola devia estar cuidando de umas tarefas para ela? Depois *Ibrella* decidiu tentar fazer a maior chama que poderia e quase tocou fogo na sala *inteira*, e Faolain me passou um sermão na frente de *todo mundo* por não conseguir controlar a turma. E Nicola disse que *ela*...

Nynaeve desistiu de tentar encontrar uma brecha para falar — talvez devesse ter atirado a maçã —, então simplesmente gritou:

— Eu concordo com a Moghedien!

O nome calou a boca de Elayne, que se sentou na cama, surpresa. Mesmo sabendo que estava dentro do quarto, Nynaeve não pôde deixar de olhar em volta para conferir se alguém a ouvira.

— Mas que tolice, Nynaeve.

Não dava para saber se a Filha-herdeira se referia à sua opinião ou a ela ter falado o nome da Abandonada em voz alta, e Nynaeve não pretendia perguntar. Ela se sentou na própria cama, de frente para Elayne, e ajeitou as saias.

— Não, não é. Qualquer dia desses, Jaril e Seve vão acabar contando que Marigan não é mãe deles, isso se já não tiverem contado. Você está preparada para responder às perguntas que virão depois? Eu, não. Qualquer dia desses, alguma Aes Sedai vai querer entender como é que eu consigo descobrir tanta coisa sem passar raiva do dia até a noite. A cada duas Aes Sedai com quem falo, uma menciona o assunto. E Dagdara anda me olhando de um jeito estranho. Além do mais, elas só vão ficar aqui, sentadas, mais nada. A não ser que decidam voltar para a Torre. Entrei escondida lá e escutei Tarna conversando com Sheriam...

— Você *o quê*?

— Eu entrei escondida e fiquei ouvindo — respondeu Nynaeve, muito calma. — A mensagem que mandaram para Elaida é de que precisam de mais tempo para considerar a proposta. O que, no mínimo, quer dizer que estão considerando esquecer essa história da Ajah Vermelha com Logain. Não sei como teriam coragem de deixar isso de lado, mas aposto que estão considerando. Se ficarmos por muito mais tempo aqui, podemos acabar entregues de presente a Elaida. Se formos agora, pelo menos poderemos dizer a Rand para ele não contar com o apoio de nenhuma Aes Sedai. Dizer para ele não confiar em nenhuma Aes Sedai.

Franzindo o cenho com toda a elegância, Elayne se sentou de pernas cruzadas.

— Se ainda estão considerando a proposta, então não se decidiram. Acho melhor ficarmos. Talvez a gente possa ajudá-las a tomar a decisão certa. Além do mais, você nunca vai conseguir romper esse seu bloqueio se formos embora. A não ser que pretenda convencer Theodrin a ir junto.

Nynaeve ignorou o comentário. Como se Theodrin tivesse feito muita diferença. Baldes de água. Nada de dormir à noite. O que viria depois? A mulher praticamente dissera que ia tentar o possível e o impossível até descobrir algo que funcionasse. Nynaeve achava que havia coisa demais entre o possível e o impossível.

— Ajudá-las a decidir? Elas não vão nos dar ouvidos. Até mesmo *Siuan* mal nos

dá ouvidos. E isso porque ela tem o rabo preso com a gente, e nós com ela.

— Ainda acho melhor ficarmos aqui. Pelo menos até o Salão *decidir* alguma coisa. Então, se o pior acontecer, pelo menos teremos fatos para contar a Rand, e não suposições.

— E como é que vamos descobrir o que elas decidirem? Não dá para esperar que eu vá encontrar duas vezes a janela certa para espiar. Se esperarmos algum anúncio, pode ser que já tenham começado a nos vigiar. Ou a mim, pelo menos. Não tem uma só Aes Sedai que não saiba que eu e Rand somos de Campo de Emond.

— Siuan vai nos contar antes de qualquer anúncio — retrucou a garota tola, com toda a calma. — Você não acha que ela e Leane vão voltar mansinhas para Elaida, acha?

Havia esse detalhe. Elaida ia mandar arrancar a cabeça de Siuan e de Leane antes que elas pudessem sequer fazer uma mesura.

— Mas isso ainda não leva em conta o problema de Jaril e Seve — insistiu Nynaeve.

— Vamos pensar em alguma coisa. Não é como se fossem as primeiras crianças refugiadas cuidadas por alguém que não é parente. — Elayne decerto estava achando que o sorriso de covinhas que deu era reconfortante. — Só precisamos nos concentrar em arranjar uma solução. E temos no mínimo que esperar Thom voltar de Amadícia. Não posso deixá-lo para trás.

Nynaeve jogou as mãos para cima, frustrada. Se a aparência das pessoas refletisse a personalidade, Elayne seria uma mula esculpida em pedra. A garota tinha tomado Thom Merrillin como substituto do pai, que morrera quando ela ainda era pequena. E às vezes parecia pensar que o homem não conseguiria nem encontrar o caminho até a mesa de jantar se ela não o tomasse pela mão.

O único aviso foi a sensação de alguém abraçando *saidar* ali perto, então um fluxo de Ar fez a porta se abrir, e Tarna Feir adentrou o quarto. Nynaeve e Elayne se levantaram de um salto. Uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e em alguns casos bastara a palavra de Tarna para que a pessoa se juntasse aos demais ofensores enterrando lixo nas horas vagas.

A loura encarou as duas Aceitas com uma expressão arrogante no rosto que parecia feito de mármore branco.

— Pois bem. A Rainha de Andor e a bravia incapaz.

— Ainda não sou rainha, Aes Sedai — respondeu Elayne, com uma polidez fria. — Só quando for coroada no Grande Salão. E só se minha mãe estiver morta.

Tarna abriu um sorriso mais gélido do que uma tempestade de neve.

— É claro. Tentaram manter sua presença aqui em segredo, mas sempre há boatos e sussurros. — Ela olhou as camas estreitas e o banquinho bambo, as roupas penduradas nos grampos presos às paredes de gesso rachado. — Imaginei que teriam alojamento melhor, considerando todos os milagres por que são responsáveis. Se estivessem na Torre, onde é o seu lugar, não seria surpresa se as duas já estivessem

prestes a ser testadas para o xale.

— Obrigada — respondeu Nynaeve, querendo mostrar que podia ser tão educada quanto Elayne. Tarna a encarou. Aqueles olhos azuis quase faziam sua expressão parecer calorosa. Então acrescentou, mais do que depressa: — Aes Sedai.

Tarna virou-se de volta para Elayne.

— Você tem um lugar especial no coração da Amyrlin, assim como Andor. Você não conseguiria nem acreditar na enormidade de recursos empregados nas buscas pelo seu paradeiro. Sei que ela ficaria muito feliz se você retornasse comigo a Tar Valon.

— Meu lugar é aqui, Aes Sedai. — A voz de Elayne ainda era agradável, mas a jovem mantinha o queixo erguido, em uma postura tão arrogante que competia com a de Tarna. — Retornarei à Torre junto com as outras irmãs.

— Entendo — respondeu a Vermelha, impassível. — Muito bem. Agora nos dê licença. Quero conversar a sós com a bravia.

Nynaeve e Elayne se entreolharam, mas não havia nada que a Filha-herdeira pudesse fazer além de se curvar em uma mesura e se retirar.

Quando a porta se fechou, a mudança na postura de Tarna foi surpreendente. A mulher se sentou na cama de Elayne e pôs as pernas para cima, cruzou os pés, recostou-se contra a cabeceira lascada e cruzou as mãos sobre a barriga. Seu rosto relaxou, e ela até sorriu.

— Você parece tensa. Não fique. Eu não mordo.

Nynaeve teria acreditado mais se os olhos da Aes Sedai também tivessem mudado junto com a postura. O sorriso não chegava aos olhos — pelo contrário, os olhos pareciam dez vezes mais duros, cem vezes mais gélidos, por causa do contraste. Nynaeve sentiu calafrios.

— Eu não estou tensa — retrucou, rígida, plantando os pés no chão para não os remexer.

— Ah. Então está ofendida? Por quê? Foi porque a chamei de “bravia”? Eu também sou bravia, sabe. Foi a própria Galina Casban que desfez meu bloqueio, com uma boa surra. Ela já sabia qual seria a minha Ajah muito antes que eu mesma soubesse e manifestou seu interesse por mim. Galina sempre faz isso com as que ela acredita que escolherão a Ajah Vermelha. — Tarna balançou a cabeça, rindo, os olhos ainda frios e cortantes. — Ah, as horas que passei gritando e chorando antes de conseguir encontrar *saidar* sem estar com os olhos bem fechados... não dá para urdir tramas sem enxergar os fluxos. Fiquei sabendo que Theodrin está usando métodos mais delicados com você.

Nynaeve remexeu os pés involuntariamente. Theodrin não tentaria uma coisa dessas! Tinha certeza disso. Retesar os joelhos não diminuía as reviravoltas em seu estômago. Então não deveria se sentir ofendida? Era para ignorar o “incapaz” também?

— Sobre o que queria falar comigo, Aes Sedai?

— A Amyrlin quer ver Elayne em segurança, mas, sob muitos aspectos, você é igualmente importante. Talvez até mais. O que você guarda na cabeça sobre Rand al'Thor pode ser inestimável. Isso é o que tem na cabeça de Egwene al'Vere. Sabe onde ela está?

Nynaeve queria secar o suor da testa, mas manteve as mãos firmes ao lado do corpo.

— Faz muito tempo que não vejo Egwene, Aes Sedai. — Fazia meses desde o último encontro das duas, em *Tel'aran'rhiod*. — Se me permite a pergunta, quais são as intenções da... — Ninguém ali em Salidar chamava Elaida de Amyrlin, mas ela supostamente devia respeito àquela Vermelha à sua frente. — ... da Amyrlin em relação a Rand?

— Intenções, criança? Ele é o Dragão Renascido. A Amyrlin sabe disso e pretende dar a ele todas as honras merecidas. — A voz de Tarna ganhou um toque de intensidade. — Pense, criança. Este grupo daqui vai voltar assim que as irmãs perceberem as consequências de seus atos, mas cada dia que se passa pode fazer a diferença. Já faz três mil anos que a Torre Branca orienta os governantes — sem as Aes Sedai, teria havido mais guerras, e muito mais sangrentas. O mundo corre o risco de cair em desgraça se al'Thor não receber essa orientação. Só que, assim como não dá para urdir a trama sem ver os fluxos, não se pode orientar um completo desconhecido. O melhor para al'Thor seria que você voltasse comigo e repassasse tudo o que sabe sobre ele à Amyrlin. E que voltasse logo agora, não daqui a semanas ou meses. Isso também seria o melhor para você. Não dá para ser elevada a Aes Sedai aqui: o Bastão dos Juramentos está na Torre. A testagem só pode ser feita em Tar Valon.

O suor escorria, fazendo arder os olhos de Nynaeve, mas ela se recusava a piscar. Aquela mulher achava que podia suborná-la?

— A verdade é que nunca passei muito tempo com ele. Eu morava na aldeia, sabe, e ele morava numa fazenda mais afastada na Floresta do Oeste. Só me lembro de um garoto que se recusava a ouvir a voz da razão. Ele precisava ser obrigado a cumprir com suas obrigações, às vezes até arrastado. Isso quando garoto, é claro. Ele pode muito bem ter mudado. Claro que quase todos os homens não passam de garotos crescidos, mas ele pode ter mudado.

Tarna apenas a encarou por um longo instante — longo demais, sob aquela mirada gélida.

— Bom — disse a Vermelha, enfim, e levantou-se tão depressa que Nynaeve quase deu um passo para trás, mas não havia para onde recuar naquele quatinho minúsculo. O sorriso inquietante permanecia. — Foi um grupo estranho o que se reuniu aqui. Não vi nenhuma das duas, mas ouvi dizer que Siuan Sanche e Leane Sharif estão abrilhantando a cidade com sua presença. Não é o tipo de gente a quem uma mulher sábia gostaria de se associar. E talvez os outros também não sejam. Seria muitomelhor para você se viesse comigo. Partirei pela manhã. Quero que me

avise ainda hoje à noite se devo ou não esperar por você na estrada.

— Receio que não...

— Pense a respeito, criança. Essa pode ser a decisão mais importante da sua vida. Pense bem. — A máscara de cordialidade esvaneceu, e Tarna saiu do quarto.

Os joelhos de Nynaeve cederam, e ela despencou na cama. A mulher despertara tantas emoções que ela não fazia ideia de como lidar com tudo aquilo. Sentia a raiva e a inquietude se revolvendo dentro de si em um frenesi. Queria que a Vermelha tivesse algum meio de se comunicar com as Aes Sedai da Torre que estavam atrás de Rand. Ah, queria ser uma mosquinha para ouvir quando tentassem usar o que ela dissera a respeito dele. Aquelas mulheres tentavam suborná-la. Tentavam deixá-la com medo — e tinham sucesso, precisava admitir. Tarna tinha tanta certeza de que as Aes Sedai ali acabariam se ajoelhando aos pés de Elaida... A Vermelha decidira que a rendição era inevitável, era apenas uma questão de tempo. E será que a parte final havia sido uma alusão a Logain? Nynaeve suspeitava de que Tarna soubesse mais de Salidar do que o Salão ou Sheriam imaginavam. Talvez Elaida realmente tivesse defensoras ali na cidade.

Ficou esperando Elayne voltar, mas, depois de quase meia hora sem nem sinal da Filha-herdeira, saiu atrás da garota. A princípio apenas andou pelas ruas de terra batida, depois apertou o passo, parando aqui e ali para espiar a multidão de cabeças de cima de um carroção, escalando um barril virado para baixo ou uma plataforma de pedra. O sol já estava bem baixo, quase na linha das árvores, quando ela voltou para o quarto, resmungando sozinha. E deu de cara com Elayne, que também acabava de chegar.

— Onde você se meteu? Achei que Tarna tinha lhe amarrado em algum canto!

— Estava pegando isto aqui com Siuan.

Elayne abriu a mão. Na palma havia dois dos anéis de pedra retorcidos.

— Algum deles é o verdadeiro? Foi uma boa ir atrás deles, mas você deveria ter tentado pegar o verdadeiro.

— Nada me fez mudar de opinião, Nynaeve. Ainda acho melhor ficarmos.

— Mas Tarna...

— Só aumentou minhas certezas. Se formos embora, Sheriam e o Salão *definitivamente* vão escolher a Torre em vez de Rand. Sei disso. — Ela pôs as mãos nos ombros de Nynaeve, que se deixou conduzir até sentar-se na cama. Elayne ocupou a cama em frente e se inclinou para mais perto, enfatizando o que dizia: — Você se lembra do que me disse sobre usar a necessidade como guia para encontrar alguma coisa em *Tel'aran'rhiod*? A gente precisa é de um jeito de convencer o Salão a não ir até Elaida.

— Como? Que jeito? Se a história de Logain não basta...

— A gente vai saber quando encontrar — respondeu Elayne, com firmeza.

Nynaeve, absorta, passou os dedos pela trança grossa.

— E você vai aceitar ir embora se não encontrarmos nada? Não gosto da ideia de

ficar aqui, sentada, até elas decidirem começar a nos vigiar.

— Vou aceitar ir embora, mas só se você concordar em ficar se encontrarmos alguma coisa útil. Nynaeve, por mais que eu queira vê-lo, somos mais úteis aqui.

Nynaeve hesitou, então concordou com um murmúrio. Parecia um acordo seguro. Como não tinham ideia do que procurar, ela achava que não havia a menor chance de encontrarem qualquer coisa de útil.

Se o dia já estava passando devagar antes daquilo, agora parecia se arrastar. As duas foram para a fila de uma das cozinhas pegar os pratos de presunto fatiado, nabos e ervilhas. O sol parecia parado havia horas bem no topo das árvores. Quase todos em Salidar se deitavam logo após o pôr do sol, mas sempre restavam umas poucas luzes saindo das janelas, sobretudo na Pequena Torre, onde o Salão oferecia jantares para Tarna. Uma melodia de harpas volta e meia escapava da antiga estalagem — as Aes Sedai tinham encontrado um harpista razoável entre os soldados, então mandaram o sujeito fazer a barba e se enfiar nas roupas chamativas dos músicos. As pessoas na rua circulavam a passos rápidos diante da estalagem, apenas olhando de soslaio para o interior ou fazendo tanto esforço para ignorar a movimentação lá dentro que chegavam a tremer com a tensão. Gareth Bryne, como sempre, era a exceção. Ele fez sua refeição sentado em um caixote de madeira no meio da rua, em um ponto em que seria visto por qualquer um do Salão que olhasse pela janela. Devagar, muito devagar, o sol foi deslizando por entre as árvores. A escuridão chegou de repente, sem o anúncio do crepúsculo, e as ruas logo ficaram desertas. A melodia do harpista voltou a escapar da estalagem. Gareth Bryne permaneceu sentado no caixote, na beira da luz que saía de uma das janelas do Salão em festa. Nynaeve balançou a cabeça — não sabia se o achava fantástico ou idiota. Um pouco de cada, talvez.

Só depois de estar na cama com o *ter'angreal* de pedra rajada preso ao cordão em seu pescoço, junto ao pesado anel de ouro de Lan, com a vela apagada, que ela se lembrou das instruções de Theodrin. Bem, tarde demais para aquilo. E, de todo modo, a domanesa não teria como saber se Nynaeve tinha ou não dormido. E *onde* estava Lan?

A respiração de Elayne foi ficando mais lenta. Nynaeve abraçou o travesseirinho com um breve suspiro, e...

... se viu ao pé da cama vazia, encarando uma Elayne enevoadada sob a tênue luz da noite em *Tel'aran'rhiod*. Ninguém as via ali. Talvez Sheriam ou alguma Aes Sedai de seu círculo estivesse por perto, ou quem sabe Siuan ou Leane. Claro que ela e Elayne tinham o direito de visitar o Mundo dos Sonhos, mas não queriam ter que responder a perguntas sobre o que pretendiam fazer naquela noite. Elayne parecia ver aquilo como uma caçada — conscientemente ou não, se vestira como Birgitte: casaco verde e calças brancas. A jovem piscou para o arco de prata em suas mãos, e ele desapareceu junto com a aljava.

Nynaeve olhou para as próprias vestimentas e suspirou. Um vestido de baile de

seda azul com flores douradas bordadas no decote baixo e em linhas trançadas ao longo da saia volumosa. Sentia que calçava sapatilhas de festa de veludo. Não importava muito o que a pessoa vestia em *Tel'aran'rhiod*, mas o que dera nela para sua mente escolher aquelas roupas?

— Você sabe que isso pode não dar certo, não sabe? — perguntou, mudando as roupas para o vestido de lã simples e os sapatos grossos típicos de Dois Rios. Elayne não tinha o direito de sorrir daquele jeito. Um arco de prata. Rá! — Precisamos ter pelo menos alguma ideia do que estamos procurando, precisamos de pelo menos uma leve noção do que queremos.

— Vai ter que dar certo, Nynaeve. Pelo que você disse, as Sábias ensinaram que quanto mais forte a necessidade, melhor, e precisamos mesmo encontrar alguma coisa, ou a ajuda que prometemos a Rand vai por água abaixo. Vai sobrar só o que Elaida estiver disposta a oferecer. Eu não vou permitir que isso aconteça, Nynaeve. Não vou.

— Abaixе esse nariz empinado. Eu também não vou permitir uma coisa dessas se puder fazer algo a respeito. É melhor a gente andar logo com isso.

Nynaeve deu a mão a Elayne e fechou os olhos. Concentrou-se na necessidade de algo que ajudasse. Esperava que uma parte de si tivesse alguma ideia do que seria isso. Talvez nada acontecesse. Algo que ajudasse. De repente, tudo pareceu derreter à sua volta, e ela sentiu *Tel'aran'rhiod* inclinar e arremeter.

Abriu os olhos de supetão. Inevitavelmente, cada passo baseado em sua necessidade era dado às cegas e, embora a aproximassem de seu objetivo, qualquer um desses passos poderia jogá-la em um poço de serpentes ou deixá-la cara a cara com um leão em plena caça, pronto para lhe arrancar a perna.

Não viu leões, mas o que viu era perturbador. O brilho do sol indicava que já era meio-dia, mas isso não a incomodou — o tempo ali transcorria de um jeito diferente. Ela e Elayne estavam de mãos dadas em uma rua de paralelepípedos, rodeadas por edifícios de tijolo e pedra — casas e lojas decoradas com sancas e frisos elaborados, os telhados de telha sustentando domos ornamentados, pontes de pedra ou madeira se elevando em arco sobre as ruas, às vezes até três ou quatro andares acima. Pilhas de lixo, roupas velhas e mobília quebrada se amontoavam pelos cantos das ruas, e ratos corriam em bandos, às vezes parando para bater os dentes, destemidos, em desafio. Algumas pessoas apareciam de repente, tremeluzindo, e logo sumiam, trazidas por seus sonhos às margens de *Tel'aran'rhiod*. Um homem despencou de uma das pontes, aos berros, mas esvaneceu antes de chegar ao chão de pedras. Uma mulher de vestido rasgado gritava enquanto corria em direção a elas, mas também sumiu depois de poucos passos. Gritos e berros truncados ecoavam pelas ruas, e às vezes se ouvia uma risada rouca e quase insana.

— Não estou gostando nada disso — comentou Elayne, preocupada.

Ao longe, uma coluna branca feito neve se assomava acima da cidade, muito mais alta do que as torres ao redor — algumas, inclusive, ligadas por pontes tão altas que

faziam as grandes torres da área em que estavam parecerem baixas. As duas estavam em Tar Valon, na parte onde Nynaeve avistara Leane da última vez. A antiga Curadora não falara muito abertamente sobre o que andava fazendo — alegando, com um sorriso, que buscava uma forma de manter a aura de mistério e assombro das Aes Sedai.

— Não importa — declarou Nynaeve, corajosamente. — Ninguém aqui em Tar Valon sequer sabe sobre o Mundo dos Sonhos. Não vamos encontrar ninguém.

Nynaeve sentiu o estômago se revirar quando um homem apareceu de repente, com o rosto ensanguentado, cambaleando em direção a elas. O sujeito não tinha mãos, apenas cotocos esguichando sangue.

— Não foi isso o que eu quis dizer — resmungou Elayne.

— Vamos logo. — Nynaeve fechou os olhos, concentrando-se no que precisavam encontrar.

Tudo mudou.

Estavam na Torre, em um dos corredores circulares com paredes cobertas de tapeçarias. Uma garota gorducha em trajes de noviça brotou a menos de três passadas dali, arregalando os olhos ao vê-las.

— Por favor — choramingou a menina. — Por favor. — E desapareceu.

De repente, Elayne deu um grito:

— Egwene!

Nynaeve deu meia-volta, mas o corredor estava vazio.

— Eu vi a Egwene — insistiu Elayne. — Tenho certeza.

— Imagino que ela possa tocar *Tel'aran'rhiod* em um sonho comum, como qualquer outra pessoa — sugeriu Nynaeve. — Vamos continuar com o que viemos fazer.

Estava começando a sentir algo maior que desconforto. As duas deram as mãos outra vez. O que precisavam encontrar.

Tudo mudou.

Não era um depósito comum. As paredes estavam cobertas de prateleiras e havia duas fileiras curtas de estantes no meio do aposento, cheias de caixas de vários formatos e tamanhos muito bem guardadas, algumas de madeira lisa, outras com entalhes ou envernizadas. Continham coisas enroladas em pedaços de pano; às vezes pequenas imagens e estatuetas; figuras peculiares de vidro, metal, cristal, pedra ou porcelana esmaltada. Nynaeve não precisava nem olhar com mais atenção para saber que deviam ser objetos do Poder Único, muito provavelmente *ter'angreal*, talvez até alguns *angreal* e *sa'angreal*. Dentro da Torre, uma coleção de objetos tão díspares e guardada com tanto esmero e ordenação não podia ser de outra coisa.

— Acho que não faz muito sentido continuar explorando esse lugar — comentou Elayne, desanimada. — Não sei o que poderíamos conseguir aqui.

Nynaeve deu um leve puxão na trança. Se tivesse alguma coisa ali que pudessem usar — devia haver, a não ser que as Sábias tivessem mentido —, então devia ter um

jeito de conseguir chegar a essa coisa no mundo desperto. No tempo que passou na Torre, os *angreal* e similares não eram tão bem guardados — em geral, eram vigiados apenas por um cadeado e uma noviça. A porta dali era de tábuas pesadas, trancada por um pesado cadeado de ferro preto. Sem dúvida estava trancado, mas ela o visualizou aberto e empurrou a porta.

O depósito se abria para um aposento da guarda. Uma das paredes estava coberta por camas estreitas empilhadas, enquanto a outra continha fileiras de estantes com velhas alabardas. Atrás de uma mesa maciça e surrada rodeada de banquetas ficava outra porta, reforçada com ripas de ferro, com uma pequena janela gradeada.

Assim que ela se virou de volta para Elayne, percebeu que a porta estava fechada outra vez.

— Se a gente não conseguir pegar o que precisa aqui, talvez dê para encontrar algo parecido em algum outro lugar. Quer dizer, talvez alguma outra coisa funcione. Pelo menos agora temos uma pista. Acho que essas coisas aqui são *ter'angreal* que ninguém descobriu como usar. Só por isso estariam guardados desse jeito. Pode ser que até mesmo canalizar perto deles seja perigoso.

Elayne a encarou com um olhar irônico antes de responder:

— Mas se tentarmos a busca pela necessidade outra vez, não vamos acabar voltando para cá? A não ser que... A não ser que as Sábias tenham lhe ensinado como eliminar um local da busca.

As Sábias não tinham ensinado, não estavam nem um pouco ávidas por compartilhar informação com ela. Mas tudo era possível naquele lugar, onde se podia abrir um cadeado só com a força do pensamento.

— Vamos fazer exatamente isso. Vamos nos concentrar em como o que queremos não está em Tar Valon. — Franzindo o cenho para as prateleiras, Nynaeve acrescentou: — E aposto que vai ser algum *ter'angreal* que ninguém sabe como usar. — Só não sabia como aquilo ia ajudar a convencer o Salão a apoiar Rand.

— Precisamos de um *ter'angreal* que não esteja em Tar Valon — disse Elayne, como se tentasse se convencer daquilo. — Muito bem. Vamos em frente.

Ela estendeu as mãos, e, depois de um instante, Nynaeve as segurou. Ainda não conseguia entender o que a possuía para insistir em continuar a busca. Queria ir embora de Salidar, não encontrar um motivo para ficar. Mas se aquilo lhes trouxesse uma garantia de que as Aes Sedai de Salidar apoiariam Rand...

Pensou no que precisavam. De um *ter'angreal*. Que não estivesse em Tar Valon. Era disso que precisavam.

Tudo mudou.

Fosse lá onde estivessem, a cidade banhada pela luz da aurora com certeza não era Tar Valon. A menos de vinte passadas dali a rua larga e pavimentada transformava-se em uma ponte de pedras com estátuas nas duas extremidades, a base arqueada unindo as duas margens de pedra de um canal. A cinquenta passadas, no sentido oposto, havia outra ponte. Torres delgadas circundadas por varandas se elevavam

por toda a parte, feito lanças cravadas em fatias de estruturas redondas e ornamentadas. Todas as construções eram brancas, com portas e janelas com formato de grandes arcos pontiagudos, às vezes duplos ou triplos. Os edifícios maiores ostentavam compridas varandas de ferro forjado pintadas de branco com vista para as ruas e os canais, mas com telas de ferro em desenhos intrincados encobrindo quaisquer ocupantes; no topo, domos brancas com faixas douradas ou escarlates se erguiam até formarem pontas agudas, tão altas quanto as torres.

Nynaeve se concentrou naquilo que precisavam.

Tudo mudou.

Poderia muito bem ser outra cidade. A rua era estreita e com pavimento irregular, os dois lados completamente cobertos de construções de cinco e seis andares com as paredes rebocadas de massa branca já descascando em vários pontos, deixando os tijolos à mostra. Não havia varandas. Moscas zumbiam pelo ar, e era difícil dizer se ainda era alvorada, com o chão tomado pelas sombras dos edifícios.

As duas se entreolharam. Parecia improvável encontrar um *ter'angreal* ali, mas já tinham ido longe demais para parar. Tinham que ir atrás do que precisavam.

Tudo mudou.

Nynaeve espirrou antes de conseguir abrir os olhos, então espirrou outra vez assim que os abriu. Cada vez que mexia os pés, subia uma nuvem de poeira. O depósito não era nada parecido com o da Torre. Um pequeno aposento lotado de baús, barris e engradados, empilhados de todas as maneiras possíveis, quase sem deixar espaço entre si, e tudo sob uma grossa camada de poeira. Nynaeve deu um espirro tão forte que achou que seus sapatos iam sair dos pés... e a poeira desapareceu. Toda. Elayne abriu um sorrisinho presunçoso. Nynaeve não disse uma palavra, apenas visualizou o recinto na cabeça, mas *sem* poeira. Devia ter pensado nisso.

Ela encarou o amontoado de tralhas e soltou um suspiro. O lugar não era maior que o quartinho onde seus corpos dormiam, em Salidar, mas vasculhar aquilo tudo...

— Vai levar semanas.

— Podemos tentar mais uma vez. Talvez isso nos mostre as coisas que precisamos examinar. — Elayne soava tão descrente quanto Nynaeve se sentia, mas era uma boa sugestão.

Nynaeve fechou os olhos, e mais uma vez... tudo mudou.

Quando ela abriu os olhos de novo, estava parada no fim da fileira de tralhas mais afastada da porta, encarando um alto baú quadrado de madeira que ia até sua cintura. As alças estavam enferrujadas, e o próprio baú parecia ter passado os últimos vinte anos sob golpes de martelos. Nynaeve não conseguia imaginar um local mais improvável para armazenar qualquer coisa de útil, ainda mais um *ter'angreal*. Mas viu Elayne ali, parada bem a seu lado, encarando o mesmo baú.

Nynaeve pôs a mão na tampa — aquelas dobradiças *iam* abrir sem que ela precisasse forçá-las — e a empurrou para cima. Não houve sequer um rangido. Lá

dentro, duas espadas extremamente enferrujadas e uma placa peitoral com um buraco no meio e no mesmo tom amarronzado jaziam sobre o restante do conteúdo: um emaranhado de pacotes embrulhados em tecidos que pareciam ter sido reaproveitados a partir de roupas velhas e dos resquícios de alguma cozinha.

Elayne remexeu em um pequeno caldeirão com a alça quebrada.

— Não sei se levaríamos semanas, mas pelo menos o resto da noite.

— Quer tentar outra vez? — sugeriu Nynaeve. — Mal é que não faria.

Elayne deu de ombros. Olhos fechados. O que precisavam.

Nynaeve estendeu a mão e tocou um objeto redondo e rígido, enrolado em trapos podres. Quando abriu os olhos, viu a mão de Elayne próxima à sua. A Filha-herdeira sorria de orelha a orelha.

Não foi fácil tirar o embrulho do baú. Não era pequeno, e tiveram que revirar casacos esfarrapados, painéis amassados e embrulhos que se desintegravam revelando estatuetas, animais entalhados e todo tipo de bobagem. Quando enfim desenterraram o embrulho, tiveram que erguê-lo juntas. Era um disco largo e achatado envolto em tecido velho. Quando afastaram os trapos que o cobriam, o objeto revelou-se uma tigela rasa de cristal espesso com mais de dois pés de diâmetro, o interior coberto de entalhes profundos que pareciam nuvens formando redemoinhos.

— Nynaeve — começou Elayne, hesitante —, acho que isso aqui é...

Nynaeve levou um susto e quase largou a tigela, que de repente assumiu um tom azul bem claro, e as nuvens entalhadas começaram a se mover devagar. Uma fração de segundo depois, o cristal estava transparente outra vez, e as nuvens entalhadas, paradas. Mas Nynaeve tinha certeza de que não eram as mesmas nuvens de antes.

— É, sim! — exclamou Elayne. — É um *ter'angreal*. E aposto o que você quiser que tem alguma relação com o clima. Mas não sou forte o suficiente para usá-lo sozinha.

Engolindo em seco, Nynaeve tentou fazer o coração parar de palpitar.

— Pare com isso! Você ainda não entendeu que pode acabar se estancando se mexer com um *ter'angreal* sem saber o que ele faz?

A tola teve a ousadia de parecer surpresa.

— Mas é *isso* o que viemos procurar, Nynaeve. Você acha que existe *alguém* que saiba mais sobre os *ter'angreal* do que eu?

Nynaeve fungou. Não era só porque Elayne estava certa que não merecera a advertência.

— Não estou dizendo que não seria maravilhoso se isso fizesse alguma coisa com o clima, porque é. Só não vejo como isso pode ser o que a gente precisa. Esse negócio não vai fazer o Salão mudar de opinião em relação a Rand.

— O que você precisa nem sempre é o que você quer — respondeu Elayne. — Era o que Lini costumava dizer quando me proibia de cavalgar ou de subir em árvores, mas talvez também se aplique aqui.

Nynaeve fungou com desdém outra vez. Talvez até se aplicasse, mas naquele momento ela queria ter o que queria. Era pedir demais?

A tigela sumiu de suas mãos, e foi a vez de Elayne levar um susto, resmungando sobre nunca se acostumar com aquilo. O baú também se fechou.

— Nynaeve, quando eu canalizei dentro da tigela, senti... Olha, esse não é o único *ter'angreal* aqui. Acho que também tem algum *angreal*, talvez até um *sa'angreal*.

— Aqui? — perguntou Nynaeve, incrédula, encarando o quartinho atulhado. Mas, se havia um, por que não dois? Ou dez? Ou cem? — Luz, não canalize de novo! E se você sem querer fizer algum deles se manifestar? Você poderia acabar estanca...

— Eu sei o que estou fazendo, Nynaeve. De verdade, sei mesmo. Agora, o que *nós* temos que fazer é descobrir exatamente onde fica este quarto.

O que não foi tarefa fácil. Embora as dobradiças parecessem massas de ferrugem maciça, a porta não era um obstáculo — não em *Tel'aran'rhiod*. Os problemas vieram logo depois. O corredor estreito e escuro lá fora possuía apenas uma janela, na outra extremidade. Através dela, não se via nada além da parede branca caiada descascada do outro lado da rua. E também não adiantou descer os estreitos lances de escada de pedra. A rua lá fora poderia ter sido a primeira que tinham visto naquela área da cidade, fosse lá onde fosse — as construções eram todas tão parecidas que não serviam para se localizarem. As pequeninas lojinhas ao longo da rua não tinham placas, e só o que indicava as estalagens eram as portas pintadas de azul — o vermelho parecia indicar as tavernas.

Nynaeve avançou à procura de algum marco, qualquer coisa que pudesse indicar sua localização. Algo que informasse qual era aquela cidade. Cada rua onde entrava era igual à anterior, mas ela não demorou a encontrar uma ponte que, ao contrário das outras, era de pedra lisa e não tinha estátuas. Subindo até o centro da plataforma arqueada, viu apenas o canal, que nos dois sentidos se encontrava com outros, além de mais pontes e mais construções de massa branca flocada.

De súbito, ela percebeu que estava sozinha.

— Elayne — chamou.

Silêncio, exceto pelo eco de sua própria voz.

— Elayne? Elayne!

A loura apareceu de volta em um canto, perto da base da ponte.

— Aí está você! — exclamou a jovem. — Nossa, este lugar faz uma toca de coelho parecer bem planejada. Desviei os olhos por um segundo, e você sumiu. Encontrou alguma coisa?

— Nada. — Nynaeve olhou outra vez para o canal, antes de se juntar à amiga. — Nada útil.

— Pelo menos dá para ter certeza de onde estamos. Ebou Dar. Só pode ser. — O casaco curto e as calças largas de Elayne se transformaram em um vestido de seda verde com renda saindo pelas mangas, gola alta com bordados elaborados e um

decote estreito, porém bastante profundo e revelador. — Não consigo pensar em nenhuma outra cidade com tantos canais além de Illian, e isso aqui com certeza não é Illian.

— Espero que não — retrucou Nynaeve, sem forças.

Nunca tinha lhe ocorrido que uma busca às cegas poderia levá-las ao covil de Sammael. Reparou que o próprio vestido também tinha mudado para uma seda azul-marinho mais adequada a viagens, completado com uma capa de linho. Fez a capa desaparecer, mas deixou o restante como estava.

— Você ia gostar de Ebou Dar, Nynaeve. As Mulheres Sábias de lá sabem mais de ervas do que ninguém. Conseguem curar de tudo. E é bom que consigam, mesmo, porque lá o povo duela como se trocasse de roupa, sejam nobres ou plebeus, homens ou mulheres. — Elayne deu uma risadinha. — Thom disse que aqui tinha leopardos, mas eles foram embora porque achavam o povo de Ebou Dar muito nervosinho.

— Muito interessante — respondeu Nynaeve —, mas de que me interessa se esse povo passa o dia se esbofeteando? Elayne, isso aqui foi tão útil quanto se tivéssemos deixado os anéis de lado e ido dormir. Eu não conseguiria voltar àquele quarto nem se fosse para receber o xale. Se pelo menos tivéssemos como fazer um mapa... — Ela fez uma careta. Era melhor pedir asas no mundo desperto: se pudessem sair de *Tel'aran'rhiod* com um mapa, poderiam sair com a tigela.

— Então teremos que ir procurar em Ebou Dar — declarou Elayne, com firmeza. — No mundo real. Pelo menos saberemos em que *parte* da cidade começar.

Nynaeve se animou. Ebou Dar ficava a apenas algumas milhas de Salidar, descendo o Rio Eldar.

— Parece uma ótima ideia. E vamos poder dar no pé antes que tudo desabe na nossa cabeça.

— Sério, Nynaeve? Você ainda acha que isso é o que importa?

— É uma das coisas que importam. Consegue pensar em alguma outra coisa para fazer aqui? — Elayne balançou a cabeça. — Então é melhor voltarmos. Quero dormir de verdade esta noite.

Não dava para saber quanto tempo passava no mundo desperto quando se estava em *Tel'aran'rhiod* — às vezes uma hora lá correspondia a uma hora no Mundo dos Sonhos, mas às vezes era um dia ou mais. Por sorte, a recíproca não parecia verdadeira, ou pelo menos não tanto, ou correriam o risco de morrer de fome durante o sono.

Nynaeve saiu do sonho...

... e abriu os olhos, encarando o travesseiro, tão empapado de suor quanto ela própria. Nenhuma brisa soprava pela janela aberta. O silêncio se abatera sobre Salidar, e o som mais alto eram os arrulhos agudos das garças. Ela se sentou, desatou o nó do cordão no pescoço e removeu o anel de pedra retorcido, pausando um instante para tocar o robusto anel de ouro de Lan. Elayne se remexeu, então se sentou, bocejando, e canalizou para acender um toco de vela.

— Acha que vai adiantar de alguma coisa? — perguntou Nynaeve, baixinho.

— Não sei. — Elayne se deteve para abafar um bocejo com o dorso da mão. Como ela conseguia ser bonita até bocejando, com os cabelos bagunçados e a bochecha com marcas do travesseiro? Era um mistério que as Aes Sedai deveriam investigar. — O que eu sei é que aquela tigela talvez possa fazer alguma coisa em relação ao clima. E sei que um esconderijo de *ter'angreal* e *angreal* precisa cair nas mãos certas. É nosso dever entregá-lo ao Salão. Ou pelo menos a Sheriam. E sei que, se isso não fizer com que elas apoiem Rand, vou continuar buscando até encontrar algo que faça. E sei que quero dormir. Podemos continuar esta conversa de manhã?

Sem esperar resposta, a Filha-herdeira apagou a vela, enroscou-se outra vez na cama e respirou fundo. As respirações lentas e intensas do sono começaram assim que ela encostou a cabeça no travesseiro.

Nynaeve se esticou outra vez, encarando o teto em meio à escuridão. Pelo menos em breve estariam a caminho de Ebou Dar. No dia seguinte, talvez. No máximo um ou dois dias depois, já que precisariam se aprontar para a jornada e parar algum barco de passagem. Pelo menos...

Ela de repente se lembrou de Theodrin. Se levassem dois dias para se aprontar, a domanesa iria querer duas sessões — isso era tão certo como um pato tinha penas. E a mulher esperava que Nynaeve não dormisse à noite. Bem, Theodrin não tinha como saber, mas...

Suspirando pesadamente, ela saiu da cama. Não havia muito espaço para caminhar, mas usou todo o espaço disponível, ficando mais irritada a cada minuto. Só queria ir embora. Já tinha dito que não possuía muito talento para a rendição, mas talvez estivesse se aprimorando na arte da fuga. Seria maravilhoso poder canalizar quando bem entendesse. Nynaeve nem percebeu as lágrimas que começaram a rolar por seu rosto.





SONHOS E PESADELOS

Quando viu Elayne e Nynaeve, Egwene não saiu do sonho — ela pulou fora. Não voltou para seu corpo adormecido em Cairhien, pois a noite estava apenas começando. Em vez disso, foi explorar o vasto negrume pontilhado de luzes cintilantes que pareciam piscar, muitas mais do que havia estrelas no mais límpido dos céus, cada uma nítida e distinta, até onde a vista alcançava. Embora ela na verdade não tivesse olhos ali. Egwene flutuava sem forma definida no infinito entre *Tel'aran'rhiod* e o mundo desperto, a fenda estreita entre sonho e realidade.

Se tivesse um coração, ele estaria martelando feito um tambor desenfreado. Egwene achava que não tinha sido vista, mas o quê, em nome da Luz, aquelas duas estavam fazendo *lá*, naquela parte da Torre que não guardava nada de importante? Em suas excursões noturnas, Egwene tinha o cuidado de evitar o gabinete da Amyrlin, os alojamentos das noviças e até os das Aceitas. Sempre parecia que, caso Nynaeve ou Elayne — ou ambas — não estivessem em um daqueles lugares, haveria alguma outra pessoa. Podia ter falado com as amigas, claro — elas com certeza guardariam segredo —, mas algo lhe disse que era melhor não. Sonhara com aquilo, e a sensação tinha sido de um pesadelo. Não do tipo que faz a pessoa acordar suando frio, e sim aqueles pesadelos que fazem quem os sonha ficar se virando, agonizante, de um lado para o outro. Aquelas outras mulheres... Será que as Aes Sedai de Salidar sabiam que estranhos perambulavam pela Torre no Mundo dos Sonhos? Bom, eram estranhos para ela, ao menos. E, se as mulheres já não soubessem, não tinha como alertá-las — não sabia como. Era tudo tão frustrante!

O grande oceano de escuridão cintilante criava um redemoinho ao seu redor, parecendo se mover enquanto ela permanecia onde estava. Egwene nadou confiante, como um peixe nativo daquele mar de escuridão e luz — assim como os peixes, ela não precisava pensar no que fazia para se mover por ali. Aquelas luzes tremeluzentes

eram sonhos, todos os sonhos de todas as pessoas do mundo. De todos os mundos, de lugares que não eram exatamente o mundo que Egwene conhecia, de mundos que não tinham nada a ver com o seu. Verin Sedai tinha sido a primeira a lhe falar sobre aqueles lugares, e as Sábias afirmavam que era exatamente isso — e, espiando, ela mesma avistara coisas em que simplesmente não podia acreditar, nem mesmo em sonho. Não eram pesadelos — que sempre pareciam banhados em vermelho, azul ou no cinza turvo das sombras profundas —, e sim sonhos repletos de coisas impossíveis. Melhor evitá-los, já que claramente não pertencia àqueles mundos. Espionar aqueles sonhos era como se ver cercada por espelhos quebrados, com tudo girando, tornando impossível distinguir o que estava em cima e o que estava embaixo. Só de pensar sentia o estômago querendo se esvaziar — e, se fosse embora com aquela sensação, mas sem ter como aliviá-la justamente por *não ter* um estômago, a vontade voltaria assim que retornasse ao próprio corpo. E não era nada bom acordar vomitando.

Aprendera algumas coisas naquelas aventuras solitárias, conhecimento que somara aos ensinamentos das Sábias — chegara até a se aventurar onde as Andarilhas do Sonho Aiel a teriam impedido de entrar. Mas, ainda assim... tinha certeza de que saberia mais, muito mais, se tivesse ajuda de alguma Andarilha dos Sonhos. Claro que a mulher diria que aquilo ainda era perigoso demais, para não falar em proibido, mas também sugeriria as melhores táticas a tentar. Egwene já estava bem avançada, já ultrapassara as lições mais simples, e agora as soluções vinham fáceis — bem, não tão fácil assim, nunca era realmente fácil, apenas menos difícil. Ela chegara a um ponto em que era capaz de descobrir sozinha qual seria o passo seguinte, mas esses sempre seriam passos que as Sábias Andarilhas dos Sonhos já haviam trilhado muito antes. Aquelas mulheres poderiam ensinar em uma noite, em uma hora, o que Egwene levava um mês para dominar sozinha. Mas só ensinariam quando decidissem que ela estava pronta — nunca antes. Isso era tão irritante... só queria aprender. Aprender tudo. Imediatamente.

Todas as luzes pareciam idênticas, mas Egwene aprendera a reconhecer algumas — só não sabia dizer exatamente como ou por quê, o que a deixava bem irritada. Nem mesmo as Sábias entendiam por quê, mas, depois que identificava a quem pertencia um sonho, conseguia encontrar os outros sonhos daquela pessoa feito uma flecha bem mirada acertando o alvo — e não importava se quem sonhava estivesse do outro lado do mundo. Aquela luz ali era de Berelain, a Primeira de Mayene, mulher que Rand deixara no comando de Cairhien. Egwene sempre ficava desconfortável olhando os sonhos de Berelain. Eles em geral não eram muito diferentes dos sonhos de qualquer outra mulher que se interessasse igualmente por poder, política e os vestidos da última moda, mas Berelain às vezes tinha sonhos com homens — inclusive alguns com conhecidos seus — que faziam Egwene enrubescer só de lembrar.

E aquele brilho discretamente embotado logo adiante era Rand, com os sonhos

guardados por trás de um selo de proteção tecido com *saidin*. Egwene quase parou — ficava um pouco ressentida de ser bloqueada por algo que não era capaz de ver ou sentir —, porém decidiu deixar para lá. Não queria perder mais uma noite com tentativas inúteis.

Aquele lugar distorcia as distâncias da mesma forma que *Tel'aran'rhiod* distorcia o tempo. Rand estava dormindo em Caemlyn — a menos que tivesse ido passear em Tear, coisa que Egwene gostaria muito de descobrir como ele fazia —, mas ela identificou uma luz conhecida bem perto do sonho dele: era Bair, que estava em Cairhien, a centenas de léguas de Rand. Egwene tinha certeza absoluta de que, naquela noite, Rand não estava em Cairhien. *Como* ele fazia aquilo?

Egwene se afastou do sonho da Sábia na hora, os pontinhos de luzes passando tão depressa que pareciam riscos. Provavelmente não fugiria se também tivesse visto os sonhos de Amys e Melaine, mas, se as outras duas Andarilhas dos Sonhos não estavam dormindo e sonhando, poderiam muito bem estar andando por entre os sonhos. E uma delas podia estar bem ali, pronta para investir contra ela e arrastá-la para fora daquele universo escuro e pontilhado — ou talvez até para dentro do próprio sonho de Andarilha, onde teria mais controle sobre o ambiente. E Egwene duvidava de que fosse capaz de impedir o ataque, pelo menos não ainda. Estaria à mercê da Aiel que a encontrasse, seria apenas parte do sonho *dela*. Manter-se no controle de si mesma dentro do sonho de uma pessoa comum, que não tinha ideia do que estava acontecendo, já era bem difícil, mas isso nem se comparava à dificuldade de escapar de tal sonho sem que a própria pessoa parasse de sonhar com você, o que normalmente ela só fazia ao acordar se você estava de fato lá, invadindo o sonho dela. Quando quem sonhava era uma Andarilha, tão consciente do que acontecia no próprio sono quanto do mundo desperto, era impossível. E isso só na *melhor* das hipóteses.

Egwene só então reparou em como estava sendo tola. Era inútil correr. Se tivesse sido encontrada, Amys ou Melaine já a teriam levado para outro lugar. Aliás, podia muito bem estar correndo na direção das duas. As luzes que passavam depressa ao redor não desaceleraram, simplesmente pararam de vez. As coisas eram assim naquele lugar.

Frustrada, Egwene pensou um pouco no que fazer. Queria aprender o máximo que conseguisse a respeito de *Tel'aran'rhiod*, mas tinha ido ali principalmente para dar uma olhada no que estava acontecendo no mundo. Às vezes, era como se as Sábias se recusassem a permitir que ela soubesse se o sol já tinha ou não nascido se ela não pudesse ver por conta própria. Diziam que ela não deveria se exaltar — mas como, se ficava desesperada só de pensar em tudo o que não sabia? E era por isso que estava na Torre Branca, tinha tentado encontrar alguma pista sobre as intenções de Elaida. E de Alviarín. Nunca encontrava nada muito concreto, apenas pistas — e poucas. Odiava não saber. Continuar na ignorância era como se ver, de repente, cega e surda.

Bem, a Torre estava fora de questão — não havia opção, já que não tinha certeza de que partes eram seguras. O restante de Tar Valon já fora eliminado depois da quarta vez em que quase deu de cara com uma mulher de pele acobreada que assentia, surpreendentemente satisfeita, enquanto examinava um estábulo que parecia ter acabado de ser pintado de azul. Quem quer que fosse a mulher, era óbvio que não tinha ido a *Tel'aran'rhiod* por acidente — além de não ter desaparecido como um sonhador eventual, ela aparentava ser feita de névoa. A mulher estava obviamente usando algum *ter'angreal* para acessar o mundo dos sonhos, o que quase com certeza significava que se tratava de uma Aes Sedai. Egwene só sabia de um *ter'angreal* que dava acesso ao Mundo dos Sonhos sem canalização, e ele estava com Elayne e Nynaeve. Ainda assim, aquela mulher esbelta e muito bonita, usando um vestido escandalosamente transparente, não parecia ser Aes Sedai havia muito tempo — parecia ter a idade de Nynaeve, e não aquele rosto etéreo de idade indefinida.

Egwene poderia ter tentado segui-la — afinal, a mulher talvez fosse da Ajah Negra, já que as Negras tinham roubado alguns *ter'angreal* relacionados ao Mundo dos Sonhos. Mas achou que não valia a pena ir atrás da mulher, considerando os riscos de ser descoberta, talvez até capturada, e o fato de que não teria com quem compartilhar as informações que descobrisse até arranjar um jeito de falar de novo com Elayne ou Nynaeve — a não ser que acabasse descobrindo algo terrível o bastante para botar tudo a perder... A questão era que a Ajah Negra era problema das Aes Sedai e, além de todos os outros motivos para guardar segredo, ela não poderia sair contando aquilo para qualquer um. Manter o silêncio não era questão de escolha.

Egwene examinou as luzes mais próximas sem muita atenção. Não reconheceu nenhuma. Os pontos cintilantes estavam completamente imóveis, estrelas bruxuleantes paralisadas em um gelo negro e límpido.

Estava aparecendo gente demais no Mundo dos Sonhos para o seu gosto. Tudo bem que tinham sido duas pessoas, mas só essas duas já eram gente demais. A mulher de pele acobreada e uma outra, bela e robusta, de olhos azuis e rosto determinado, andando a passos resolutos. Egwene a apelidara de “a mulher determinada” e achava que ela devia ser capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod* sozinha — ela tinha uma aparência sólida, e não entalhada na névoa. Além disso, quem quer que fosse a mulher e qualquer que fosse o motivo para ela estar ali, Egwene a via pela Torre com mais frequência do que via Nynaeve, Elayne, Sheriam e todas as outras juntas. A mulher parecia ser vista em todos os lugares — além da Torre, ela quase surpreendera Egwene, em sua última visita a Tear. E claro que *não* tinha sido uma noite de reunião das Sábias com as Aes Sedai. Egwene avistou a mulher caminhando escondida pelo Coração da Pedra, resmungando sozinha, parecendo irritada. E ela também aparecera em Caemlyn nas *duas* últimas visitas de Egwene.

A mulher determinada tinha tantas chances de ser da Ajah Negra quanto a outra,

de pele acobreada — mas qualquer uma das duas também poderia ser de Salidar. Ou quem sabe as duas fossem do grupo de Aes Sedai dissidente, embora Egwene nunca as tivesse visto juntas e muito menos na companhia de alguém de Salidar. Aliás, qualquer uma delas podia muito bem ser da Torre — entre as que restavam lá havia divisões internas o bastante para que um lado decidisse espionar o outro. Além do quê, as Aes Sedai da Torre mais cedo ou mais tarde ficariam sabendo de *Tel'aran'rhiod* — isso se já não soubessem. Aquelas duas estranhas só traziam mais perguntas sem resposta. E a única solução em que Egwene conseguia pensar era evitá-las.

Claro que, nos últimos tempos, ela andava tentando evitar qualquer um no Mundo dos Sonhos. Tinha começado a andar por lá sempre vigilante, olhando por cima do ombro, achando que alguém a seguia sorrateiramente, vendo coisas. Pensou ter avistado Rand, Perrin e até Lan de relance, sempre meio de canto de olho. Era sua imaginação, claro — ou talvez eles só tivessem entrado ali por acaso, em sonhos. Mas aquilo tudo a deixava assustadíssima feito gato no canil.

Ela franziu o cenho — ou teria franzido, se tivesse rosto. Uma daquelas luzes parecia... Não podia dizer que era familiar, já que não a conhecia, mas a luz parecia... atraí-la. Não importava para onde olhasse, acabava se voltando para o mesmo pontinho cintilante.

Talvez devesse tentar encontrar Salidar. Para isso teria que esperar Elayne e Nynaeve saírem de *Tel'aran'rhiod* — já conseguia identificar os sonhos das duas só de olhar, claro. Na verdade, conseguiria encontrar os sonhos das duas até dormindo, pensou, dando uma risadinha muda. Até o momento, suas muitas tentativas de localizar Salidar através dos sonhos das duas amigas tinham sido tão frutíferas quanto tentar atravessar a barreira dos sonhos de Rand. Ali, a distância e a localização não tinham nenhuma relação com o mundo desperto. Amys dizia que a distância e a localização naquele lugar nem ao menos *existiam*. Por outro lado, seria um exercício tão bom quanto qualquer...

Ficou surpresa ao notar que o pontinho em que seu olhar sempre pousava começou a flutuar em sua direção, aumentando a ponto de o que antes parecia uma estrela distante logo se transformar em uma lua branca e cheia. Egwene sentiu uma centelha de medo se acender dentro de si. Encostar em um sonho e bisbilhotá-lo era fácil — era como encostar um dedo na superfície de um lago em um toque tão suave que a água envolvia o dedo, mas a superfície não era perturbada —, mas tudo aquilo deveria ser fruto da sua própria vontade. Era a Andarilha quem buscava o sonho, e não o sonho que a procurava. Desejou que a luz fosse embora, desejou que toda a paisagem estrelada se movesse — só que aquela luz é que se moveu, expandindo-se até preencher sua visão com uma luz branca.

Desesperada, ela tentou se afastar. Luz branca. Nada além da luz branca, absorvendo-a...

Egwene piscou, embasbacada. Ao seu redor, estendia-se uma floresta de grandes

colunas brancas. Quase tudo parecia confuso, indistinto, sobretudo as colunas mais distantes, mas havia algo bem nítido e real: Gawyn, correndo em sua direção pelo piso de ladrilhos brancos, trajando um casaco verde, um misto de ansiedade e alívio no rosto. Que era *quase* o rosto de Gawyn. Ele não era tão belo quanto o meio-irmão, Galad, mas mesmo assim era bonito. Só que aquele rosto parecia muito... comum. Egwene tentou se mexer, mas não conseguiu — não conseguia de jeito nenhum. Sentia as costas apoiadas em uma das colunas, e correntes prendiam seus pulsos acima da cabeça.

Aquilo devia ser o sonho de Gawyn. De todos aqueles incontáveis pontos de luz, tinha parado justamente perto do dele — que, de alguma forma, a atraía. Aquela atração era um problema para depois: naquele momento, ela queria saber por que ele sonharia em mantê-la presa. Egwene tratou de fixar a verdade com firmeza na mente: aquilo era um sonho, o sonho de outra pessoa. Ela era ela, e não o que quer que Gawyn quisesse que fosse. Egwene não aceitava a realidade de nada daquilo. Nada ali a afetava de verdade. Não parava de repetir aquilo na mente, como um mantra. O processo tornava difícil pensar em qualquer outra coisa, mas, contanto que se mantivesse firme, poderia correr o risco de permanecer naquele sonho — ao menos por tempo suficiente para descobrir que esquisitices e peculiaridades perpassavam os pensamentos de Gawyn. Mantê-la presa!

De repente, uma imensa chama em forma de gota brotou nos ladrilhos do piso, e uma fumaça amarela e ácida ondulou pelo ar. Rand saiu daquele inferno de chamas. Trajava um casaco vermelho com bordados dourados aos moldes de um rei e encarava Gawyn. Fogo e fumaça desvaneceram. Só que aquele homem mal se parecia com Rand — o verdadeiro era da mesma altura e porte de Gawyn, mas aquela figura ali diante deles era uma cabeça mais alto que o irmão de Elayne. E o rosto também era apenas levemente parecido, com proporções ligeiramente estranhas e uma expressão mais dura do que deveria — o rosto frio de um assassino. O recém-chegado abriu um sorriso desdenhoso.

— Ela não será sua — rosnou.

— Ela não vai ficar presa aqui com você — retrucou Gawyn, com a voz tranquila.

De repente, os dois empunhavam espadas.

Egwene ficou boquiaberta. Não era Gawyn quem a mantinha prisioneira — em seu sonho, ele a resgatava! E de Rand! Tinha que ir embora daquela loucura. Ela se concentrou em estar *fora* dali, de volta na escuridão, vendo tudo aquilo *de fora*. Nada aconteceu.

As espadas se chocaram com um estrondo, e os dois bailaram uma dança mortal — ou quão mortal poderia ser em um sonho. Nada ali fazia sentido. Quem sonharia com um duelo de espadas?! E não era pesadelo — podia ser confuso, mas tinha um aspecto muito normal, as cores não estavam embotadas. “Os sonhos dos homens são um labirinto tão confuso que até ele desconhece”, dissera Bair, certa vez.

Egwene fechou os olhos e se concentrou. Fora. Estava lá fora, olhando aquilo se

desenrolar dentro da luz. Não restava espaço para pensar em mais nada. Estava do lado de fora, olhando para dentro. Do lado de fora, olhando para dentro. Do lado de fora!

Abriu os olhos outra vez. O confronto estava chegando ao clímax. A lâmina de Gawyn penetrou o peito de Rand, que pareceu murchar. O aço se desprende do corpo dele e deslizou pelo ar, em um arco reluzente. A cabeça de Rand rodopiou pelo chão, quase alcançando os pés de Egwene, parando com os olhos cravados nela. A jovem sentiu um grito borbulhar na garganta antes que pudesse contê-lo. Era um sonho. Apenas um sonho. Mas aqueles olhos mortos a encará-la pareciam bem reais.

Então Gawyn surgiu diante dela, a espada de volta na bainha. A cabeça e o corpo de Rand tinham sumido. Ele estendeu as mãos para as algemas que a prendiam, que também sumiram.

— Eu tinha certeza de que você viria — sussurrou Egwene, e levou um susto com a própria reação.

Ela ainda era ela mesma! Não podia se render àquilo, senão acabaria presa de verdade.

Sorrindo, Gawyn tomou-a nos braços.

— Essa sua certeza me deixa tão feliz. Eu teria vindo antes, se pudesse. Não deveria ter deixado que você corresse perigo por tanto tempo. Você me perdoa?

— Eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

Havia duas Egwenes: uma alegremente aninhada nos braços de Gawyn, que a carregava por um corredor palaciano repleto de tapeçarias coloridas e grandes espelhos com molduras douradas ornamentadas; outra em um cantinho ao fundo da mente da primeira.

Aquilo estava ficando sério. Mesmo se concentrando o máximo que podia em estar do lado de fora, Egwene continuava ali, vendo tudo pelos olhos de uma outra Egwene. Ela tratou de reprimir a curiosidade a respeito do que Gawyn sonhava com ela. Essa curiosidade, ali, podia ser perigosa. Não aceitava nada do que estava vivenciando como verdade! Mas nada mudava.

Olhou para o corredor, que parecia bem real à primeira vista, mas tudo o que ela via de canto de olho parecia enevoado. Sua atenção foi capturada pela própria imagem, vista de relance em um espelho. Egwene até teria se virado para olhar, quando passaram, mas era apenas uma passageira na mente da mulher dos sonhos de Gawyn. A mulher refletida naquele espelho era ela — não havia qualquer traço que diferisse minimamente do seu rosto verdadeiro —, mas, de alguma forma, o conjunto era todo muito... Bonito — era a única palavra que se aplicava. Uma beleza estonteante. Era assim que Gawyn a via?

Não! Nada de curiosidade! Estava do lado de fora!

Entre um passo e outro de Gawyn, o corredor virou uma encosta coberta de flores silvestres, cujo perfume era trazido pela brisa suave. A verdadeira Egwene levou um susto. Será que aquilo era obra sua? Sentiu a barreira entre ela e a outra enfraquecer.

Egwene se concentrou, desesperada. Aquilo não era real. Recusava-se a aceitar. Ela era ela. Estava do lado de fora. Queria estar do lado de fora, olhando para dentro.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da boca. Estava muito difícil se concentrar em qualquer coisa. Egwene podia até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas sentia o que aquela Egwene do sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar faíscas contra sua pele.

— Meu coração é seu — entooou ele, baixinho. — Minha alma, tudo o que eu sou. — O casaco de Gawyn assumira um tom escarlate, todo trabalhado com bordados elaborados de folhas de ouro e leões de prata. Ele gesticulava dramaticamente, levando a mão da cabeça ao coração. — Quando penso em você, não sobra espaço para mais nada. Seu perfume invade meu cérebro e incendeia meu sangue. Meu coração bate tão forte que não conseguiria escutar nem se o mundo se rompesse ao meio. Você é o meu sol, a minha lua, as minhas estrelas. Você é o Céu e a Terra. Você é mais preciosa do que a vida, o ar ou... — Ele parou de repente e franziu o cenho. — Estou parecendo um idiota — resmungou consigo mesmo.

Se Egwene tivesse algum controle sobre as próprias cordas vocais, teria discordado. Era muito bom ouvir aquilo, mesmo que soasse um pouquinho — só um pouquinho — exagerado.

Naquele instante em que ele franziu o cenho, ela sentiu a tensão se afrouxar, mas...

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza sobre um manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da boca. Egwene podia até não ter controle sobre o corpo em que estava, mas sentia o que aquela Egwene do sonho sentia, e os dedos de Gawyn pareciam soltar faíscas contra sua pele.

Não! Egwene não podia aceitar nenhuma parte daquele sonho como real!

O rosto de Gawyn era puro sofrimento, o casaco assumiu um tom cinza e sóbrio. As mãos cerradas repousavam sobre os joelhos.

— Não tenho o direito de me dirigir a você como bem entender — declarou, todo rígido. — Meu irmão ama você. Sei que Galad vive em agonia, temendo pela sua vida. E acabou virando um Manto-branco em grande parte porque acha que as Aes Sedai abusaram de você... Eu sei que ele... — Gawyn fechou os olhos com força. — Ah, Luz, me ajude!

O mundo ao redor mudou.

Gawyn colocou-a com toda a delicadeza num manto que, naquele jeito estranho dos sonhos, já estava estendido na encosta. Ele se ajoelhou a seu lado e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Egwene, deixando os dedos roçarem o canto da

boca.

Não! Egwene estava perdendo o pouco controle que tinha! Precisava sair dali! *Por que tanto medo?* Não tinha certeza se o pensamento era seu ou da *outra*. A barreira entre elas estava fina como seda. É o *Gawyn*. *Gawyn*.

— Eu amo você — declarou ele, hesitante. Estava outra vez no casaco verde, mas ainda parecia menos bonito do que na vida real. Ele cutucou um dos botões do casaco, então afastou a mão. Gawyn olhou para ela como se temesse o que poderia ver em seu rosto. Claramente, tentava esconder esse medo, ainda que sem sucesso. — Eu nunca disse isso para mulher nenhuma, Egwene, nunca nem tive vontade. Você não tem ideia de como é difícil dizer agora... Mas não é que eu não queira — acrescentou, mais do que depressa, estendendo uma das mãos para tocá-la. — Mas revelar meus sentimentos desse jeito, sem o menor encorajamento, é como largar a espada e deixar o peito exposto a uma lâmina. Mas não que eu ache que você... Luz! Não consigo me expressar direito! Será que existe alguma chance de... quem sabe um dia... você começar a nutrir... algum... sentimento... por mim? Algo... além de amizade?

— Você é um idiota... e um amor! — respondeu, com a voz cheia de ternura, rindo. — Eu te amo.

Aquele *eu te amo* ecoou na parte dela que era realmente ela. Egwene sentiu a barreira desaparecer, teve um segundo para perceber que não se importava, e então passou a haver uma única Egwene — uma Egwene feliz que passou os braços por trás do pescoço de Gawyn.

* * *

Sentada em seu banquinho sob a luz fraca do luar, Nynaeve cobriu a boca para abafar o bocejo que escapou e piscou firme os olhos que pareciam cheios de areia. Aquilo ia funcionar — ah, se ia. Ela ia desmaiar de sono assim que cumprimentasse Theodrin, se não antes! Sentiu o queixo se inclinando contra o peito e tratou de se levantar. O banquinho parecia feito de pedra, e seu traseiro já estava dormente, mas, ao que parecia, aquele desconforto já não era mais o suficiente para mantê-la desperta. Talvez fosse melhor caminhar um pouco ao ar livre. Esticando os braços, ela bateu para encontrar o caminho até a porta.

De repente, um grito distante cortou a noite. No mesmo instante, o banquinho em que estava sentada atingiu com força nas costas. Nynaeve se chocou contra a madeira áspera da porta, soltando seu próprio grito assustado. Estarrecida, encarou o banco, que jazia no chão ao seu lado, com um dos pés tortos.

— O que foi?! — gritou Elayne, sentando-se de repente na cama.

Mais gritos e berros ressoaram pela cidade, alguns vindos da própria casa em que

elas estavam, acompanhados de baques e uma sinfonia de coisas caindo que pareciam vir de tudo que era lado. A cama vazia de Nynaeve chacoalhou e se deslocou praticamente uma passada. A de Elayne se ergueu no ar, quase arremessando a jovem para fora do colchão de palha.

— Uma bolha de mal — explicou Nynaeve, surpresa com a calma na própria voz. Não havia por que sair pulando desesperada de um lado para o outro, mas, por dentro, era exatamente o que ela estava fazendo. — Precisamos acordar todos que ainda estiverem dormindo. — Não sabia como alguém poderia não ter acordado com aquela algazarra, mas quem ainda estivesse dormindo podia acabar morrendo, sem chance de se defender.

Sem esperar resposta, ela saiu depressa do quarto e tratou de abrir a primeira porta que encontrou no corredor — teve que se agachar quando uma bacia de louça branca passou voando pelo espaço onde um segundo antes estivera sua cabeça e se chocou contra a parede logo atrás. Quatro mulheres dividiam aquele quarto, mobiliado com duas camas pouco maiores que a de Nynaeve. Uma das camas estava virada de cabeça para baixo, e as duas ocupantes presas sob ela tentavam em vão se arrastar para fora. Na outra cama, Emara e Ronelle, outra Aceita, debatiam-se desesperadas, aparentemente sufocadas pelas próprias roupas de cama que haviam se enrolado nelas com firmeza.

Nynaeve agarrou a primeira mulher que conseguiu sair de baixo da cama virada, uma serviçal esquelética chamada Mulinda, ainda atônita, e a empurrou para a porta.

— Corra! Acorde todo mundo que ainda estiver dormindo nesta casa e ajude quem puder! Corra! — Mulinda saiu aos tropeços, enquanto Nynaeve puxava a outra mulher caída e a ajudava a se levantar. — Me ajude, Satina. Preciso de ajuda para soltar Emara e Ronelle.

A mulher rechonchuda estava trêmula, mas assentiu e obedeceu sem pestanejar. Não era só questão de desenrolar os lençóis, claro — o tecido parecia vivo, como uma trepadeira maligna agarrada às mulheres, apertando-as cada vez mais, até esmagá-las. Trabalhando juntas, Nynaeve e Satina tinham acabado de, mal a mal, afastar os panos da garganta das outras duas quando o jarro d'água saltou do lavatório e se chocou contra o teto. Satina deu um pulo e largou o lençol, que se soltou das mãos de Nynaeve e voltou para a mesma posição de antes. As mulheres presas começavam a parecer cada vez mais sem forças, debatendo-se com movimentos mais lentos. Uma delas ofegava, deixando escapar murmúrios roucos, a outra não emitia som algum. Mesmo sob o luar fraco que entrava pelas janelas, dava para ver que seus rostos estavam inchados e escuros.

Nynaeve agarrou o lençol outra vez e se abriu para *saidar*, mas não encontrou nada. *Estou me rendendo, que me queime! Estou me rendendo! Preciso do Poder!* Nada. A cama se sacudiu, empurrando-a pelos joelhos, e Satina ganiu.

— Não fique aí parada! — ralhou Nynaeve. — Me ajude!

De repente, a roupa de cama escapou outra vez de suas mãos. Em vez de se

enroscar de volta em Emara e Ronelle, o tecido se desenroscou das duas e se afastou tão depressa e com tanta força que Emara e Ronelle se chocaram uma contra a outra ao caírem de volta no colchão. Quando viu Elayne à porta, Nynaeve fechou a boca. O lençol caiu do teto. O Poder. Claro.

— Todas estão acordadas — informou Elayne, já com um robe por cima da camisola, entregando outro a Nynaeve. — Sofreram alguns machucados e arranhões, um ou dois cortes bem feios que precisarão ser tratados quando houver tempo, e acho que *todo mundo* vai ter pesadelos por uns dias, mas foi só. Tome. — Gritos e berros ainda ressoavam noite adentro. Satina deu um pulo quando Elayne deixou o lençol cair, mas ele ficou imóvel no chão. A cama virada, no entanto, se mexeu, rangendo. Elayne se curvou, examinando as duas mulheres que gemiam, caídas na cama. — Acho que só estão um pouco tontas. Satina, me ajude com elas.

Nynaeve olhou irritada para o robe em suas mãos. Aquelas duas deviam mesmo estar tontas, depois de serem torcidas feito pano. Ah, Luz, como ela era inútil... E ainda por cima saía correndo feito uma tola, querendo assumir o comando. Sem o Poder, ela era inútil.

— Nynaeve, pode me ajudar aqui? — Elayne sustentava uma Emara cambaleante, enquanto Satina mais do que carregava Ronelle até a porta. — Acho que Emara vai vomitar, e é melhor que seja lá fora. Parece que os penicos quebraram.

Pelo cheiro, Elayne estava certa. Os cacos de cerâmica se sacudiam no chão, tentando escapar da cama virada.

Irritada, Nynaeve enfiou o robe. Já sentia a Fonte, um brilho tépido ligeiramente fora de vista, mas decidiu ignorá-la. Passara anos se virando bem sem o Poder, podia continuar assim. Ela ergueu o braço livre de Emara por cima do ombro e ajudou a conduzi-la, ainda gemendo, até a rua. Quase conseguiram chegar a tempo.

Quando finalmente saíram da casa, depois de limpar a boca de Emara, todas as outras mulheres já estavam reunidas diante da porta, em robes ou o que quer que usassem para dormir. A lua brilhante, ainda cheia, no topo de um céu límpido, iluminava tudo. Mais pessoas saíam das outras casas em meio a uma profusão de berros e gritos. Uma tábua de uma cerca próxima começou a chacoalhar, seguida de outra. Um balde saiu quicando rua abaixo. Uma carroça carregada de lenha avançou de repente, as traves das rodas arando sulcos rasos no chão de terra batida. Fumaça começou a subir de uma casa mais adiante, e elas ouviram gritos pedindo por água.

Nynaeve reparou em um vulto escuro caído na rua. O lampião bruxuleante, quase ao alcance de suas mãos inertes estendidas, indicava que devia ser um dos guardas noturnos. Dava para ver seus olhos arregalados reluzindo ao luar, o rosto coberto de sangue e a cabeça amassada na lateral, onde algo o atingira com a força de um golpe de machado. Nynaeve mesmo assim tentou sentir seu pulso na garganta. Estava tão furiosa que tinha vontade de dar um berro. A morte devia vir depois de uma vida longa, com a pessoa na própria cama, cercada pela família e pelos amigos. Qualquer outro cenário indicava um desperdício de vida. Um desperdício terrível!

— Ah, então você encontrou *saidar* esta noite, Nynaeve. Que bom.

Nynaeve deu um pulo e ergueu os olhos, encontrando o rosto de Anaiya. Só então percebeu que de fato agarrava *saidar* — e mesmo assim era inútil. Levantou-se, esfregou os joelhos com pesar e tentou não olhar para o homem morto. Se tivesse sido mais rápida, será que teria feito diferença?

O brilho do Poder cercava Anaiya — e não apenas ela. Aquela aura de luz singular também envolvia outras duas Aes Sedai já em seus trajes habituais, além de uma Aceita de robe e Nicola e outras duas noviças, ainda de camisola. Nynaeve notou outros grupos reluzentes, dezenas e mais dezenas de pontinhos de luz deslocando-se pela rua. Alguns pareciam de Aes Sedai completas, mas a maioria, não.

— Abra-se para uma união — instruiu Anaiya. — E você também, Elayne. E... Qual é o problema com Emara e Ronelle? — Ao ouvir que estavam ainda meio tontas, se recuperando, Anaiya resmungou baixinho, depois mandou que as duas fossem encontrar um círculo para se unir assim que estivessem melhores. Sem delongas, selecionou outras quatro Aceitas do grupo em torno de Elayne. — Sammael logo vai ver que Salidar está bem longe de estar indefesa. Isso se for mesmo ele, e não um dos outros. Bem, vamos logo. Abracem a Fonte, mas se mantenham bem no limiar. Fiquem abertas, se entregando.

— Isto não é coisa dos Abandonados — começou Nynaeve, mas Anaiya, em um tom muito rígido e maternal, cortou-a com firmeza.

— Não discuta, criança, apenas se abra. Já estávamos esperando um ataque. Não algo desse tipo, mas já estávamos preparadas, nos planejamos para isso. Vamos, criança. Não podemos perder tempo com conversa inútil.

Nynaeve tratou de calar a boca e tentou se colocar naquele limiar do abraço de *saidar*, no momento da rendição. Não foi fácil. Por duas vezes, sentiu o Poder fluir para dentro de si e depois atravessar seu corpo até Anaiya — e nas duas vezes o fluxo escapuliu de volta para ela. A Aes Sedai estreitou os lábios e olhou feio para Nynaeve, como se achasse que tinha sido de propósito. A terceira vez foi como se a tivessem agarrado pela nuca. *Saidar* passou varrendo por seu corpo até Anaiya e, quando ela tentou se retrair — era de fato culpa dela, não do fluxo, afinal —, o Poder que ela canalizava ficou retido ali, misturando-se com um fluxo ainda maior.

Nynaeve ficou impressionada. Viu-se olhando para o rosto das outras, querendo descobrir se sentiam o mesmo. Agora era parte de algo mais, algo maior que ela mesma. Não era só o Poder Único. As emoções iam desabando sobre ela — medo, esperança, alívio e assombro, maior do que qualquer outra, além daquela sensação de calma que só podia vir das Aes Sedai. Não havia como discernir que emoções eram suas. A experiência deveria ser assustadora — sentia-se mais próxima daquelas mulheres do que poderia se sentir até mesmo de uma irmã. Era como se todas fossem uma só carne. Ashmanaille, uma Cinza magricela, pareceu compreender o que ela estava pensando e abriu um sorriso caloroso.

Nynaeve ficou surpresa quando percebeu que não estava mais irritada. A raiva desaparecera, engolida pelo assombro. Mas o fluxo de *saidar* ainda permanecia, talvez pelo fato de o controle já ter passado para a irmã Azul. Seu olhar caiu sobre Nicola, que não abriu um sorriso fraterno, apenas lhe lançou aquele olhar calculista. Por reflexo, Nynaeve tentou se afastar da união, mas nada aconteceu. Faria parte daquele círculo até que Anaiya o quebrasse, e fim.

A entrada de Elayne no círculo foi muito mais tranquila, mas ela primeiro escondeu o bracelete de prata no bolso do robe. Nynaeve sentiu o suor frio brotar de seu rosto. O que aconteceria se Elayne tivesse entrado na união ainda ligada a Moghedien através do *a'dam*? Não fazia ideia, o que só piorava a sensação da dúvida. Nicola franziu o cenho, olhando de Nynaeve para Elayne. Claro que a noviça não tinha como separar uma emoção da outra, ainda mais quando nem mesmo Nynaeve conseguia identificar o que ela própria estava sentindo. A entrada das últimas duas mulheres no círculo foi igualmente tranquila. Shimoku, uma bela kandoriana de olhos escuros, elevada a Aceita pouco antes da cisão da Torre, e Calindin, uma taraboniana que usava os cabelos negros em uma infinidade de trancinhas finas, Aceita já fazia uns bons dez anos — uma era um pouco mais que uma noviça, a outra precisava dar o máximo de si para aprender cada migalha de conhecimento, mas nenhuma das duas teve a mesma dificuldade que ela para se unir ao círculo.

Então Nicola se pronunciou, de repente. Era como se estivesse falando dormindo:

— A espada do leão, a lança dedicada e ela aquela que enxerga além. Três a bordo do barco, e aquele que está morto, mas ainda vive. Chega ao fim a grande batalha, mas não acabam as batalhas do mundo. A terra dividida pelo retorno, e há tantos guardiões quanto servas. O futuro se equilibra no fio de uma lâmina.

Anaiya a encarou.

— O que você disse, criança?

Nicola piscou, confusa.

— Eu falei alguma coisa, Aes Sedai? — perguntou, com a voz fraca. — Estou me sentindo... diferente...

— Bem, se for vomitar, então vomite logo de uma vez — retrucou Anaiya, com rispidez. — Unir-se pela primeira vez pode deixar algumas mulheres meio estranhas. Não temos tempo para cuidar do seu estômago. — Como se para comprovar a urgência da situação, ela ergueu as saias e disparou pela rua. — Tratem de ficar bem juntas, todas vocês. E avisem quando virem algum problema que precise de nossa atenção.

O que não foi muito difícil. Pessoas se amontoavam pelas ruas, gritando perguntas sobre o que estava acontecendo — algumas apenas gritando coisas sem sentido —, e havia muito movimento: portas batiam, janelas se escancaravam sem que ninguém as tocasse; ouviam-se estrondos e objetos se estilhaçando dentro das casas. Panelas, ferramentas, pedras e qualquer objeto que não estivesse bem preso podia dar um

salto ou sair voando a qualquer momento. Com uma risada triunfante quase histérica, uma cozinheira rechonchuda de camisola agarrou um balde que se arremessava contra ela ainda no ar. Quando um sujeito pálido e magro só com as roupas de baixo tentou se desvencilhar de um pedaço de lenha, seu braço acabou quebrando com um estalido. Cordas se retorciam, subindo por pernas e braços, e até as roupas começaram a se remexer sobre os corpos de quem as usava. Encontraram um homem muito peludo com a camisa toda enrolada na cabeça, debatendo-se com tamanho desespero que ninguém conseguia se aproximar para tentar arrancar a peça de cima de seu rosto antes que ele se asfixiasse. Uma mulher, que conseguira se enfiar em um vestido, mas não tivera tempo de abotoá-lo, se agarrava à ponta de um telhado de palha, gritando a plenos pulmões enquanto o vestido tentava lançá-la por cima da casa — ou talvez céu adentro.

Resolver essas questões acabou se revelando tão simples quanto encontrar problemas a serem resolvidos. Os fluxos de Poder que Anaiya manejava por meio da união — assim como os fluxos dos outros círculos — não teriam a menor dificuldade de refrear a investida de uma manada de touros, que dirá uma chaleira que decidira sair voando. Assim que um objeto era contido, fosse pelo Poder ou com as próprias mãos, a coisa raramente voltava a se mover, mas o problema era que eram muitos. Não havia tempo nem para Curar alguém, a menos que a vida da pessoa estivesse em perigo. Pancadas, sangramentos e ossos fraturados tinham que esperar enquanto mais uma tábua de alguma cerca era jogada de volta no chão, de preferência antes de rachar a cabeça de alguém, ou enquanto outro barril que saíra rolando desgovernado era detido antes de quebrar a perna de algum desavisado.

Nynaeve sentia uma frustração crescente. Havia tanto a resolver — vários problemas pequenos, mas um homem com o crânio rachado por uma frigideira ou uma mulher estrangulada pela própria camisola acabavam tão mortos quanto alguém atacado diretamente pelo Poder. E a frustração não era só dela — pelo que podia entender, vinha de todas do círculo, inclusive das Aes Sedai. Ainda assim, só o que podia fazer era seguir marchando ao lado das outras, assistindo a Anaiya tecer a combinação dos fluxos de todas as mulheres do círculo para lutar contra mil pequenos perigos. Nynaeve ficou completamente absorta em ser apenas um canal, em ser uma com todas aquelas outras mulheres.

Anaiya enfim parou, franzindo o cenho. A dissolução da união pegou Nynaeve de surpresa. Ela ficou parada um momento, com o olhar perdido e fixo de quem não compreendia o que estava acontecendo. Gemidos e lamentos tinham tomado o lugar de gritos e berros. A rua, iluminada pelo brilho pálido do luar, estava parada, exceto pelas pessoas que tentavam ajudar os feridos. Pela posição da lua, passara menos de uma hora, mas, para Nynaeve, pareciam ter sido dez. Sentia as costas doloridas no ponto em que o banco a atingira, os joelhos vacilavam, e os olhos pareciam ter sido ariados. Ela bocejou tão forte que achou que as orelhas iam saltar do rosto.

— Eu não esperava isso de um dos Abandonados — resmungou Anaiya, meio que

para si mesma, mas alto o bastante para ser para as outras. Ela também soava cansada, mas disparou para assumir a tarefa seguinte. Antes, segurou Nicola pelo ombro. — Você mal se aguenta em pé, criança. Vá para a cama. Pode ir. Quero que venha falar comigo assim que amanhecer, antes mesmo do café. Angla, você fica. Você ainda consegue se unir de novo e emprestar um pouco de força para a Cura. Lanita, cama.

— Não foi nenhum dos Abandonados — afirmou Nynaeve. Murmurou, na verdade. Luz, como estava cansada. — Foi uma bolha de mal.

As três Aes Sedai a encararam. E as outras Aceitas também, aliás, assim como as noviças. Todo mundo, exceto Elayne. Até mesmo Nicola, que ainda não tinha ido embora. Pelo menos daquela vez, Nynaeve não deu a mínima para como o olhar da outra mulher parecia medi-la. Estava com sono demais para se importar.

— Vimos uma em Tear, na Pedra — confirmou Elayne. Na verdade, tinham visto apenas as consequências, no entanto era mais do que qualquer uma das duas desejava ver outra vez. — Se Sammael tivesse atacado, não ficaria só arremessando gravetos.

Ashmanaille trocou olhares indecifráveis com Bharatine, uma Verde capaz de fazer o corpo esquelético parecer esbelto e dar ao nariz comprido um aspecto elegante.

Anaiya sequer pestanejou.

— Me parece que você tem energia de sobra, Elayne. Também pode me ajudar com a Cura. E você, Nynaeve... Perdeu de novo, não foi? Bem, pela cara, devia ser carregada para a cama, mas vai ter que dar um jeito de ir sozinha. Shimoku, levante-se e vá para a cama, criança. Calindin, venha comigo.

— Anaiya Sedai — chamou Nynaeve, com muita educação —, Elayne e eu fizemos uma descoberta, hoje à noite. Se pudermos conversar a sós...

— Amanhã, criança. Para você, é cama. E já, antes que desabe no meio da rua.

Anaiya nem esperou para ver se seria obedecida. Levando Calindin a tiracolo, caminhou a passos largos até um homem que se lamuriava, deitado no chão, a cabeça apoiada no colo de uma mulher, e se curvou sobre ele. Ashmanaille puxou Elayne para o outro lado, e Bharatine levou Angla para uma terceira direção. Antes de desaparecer em meio à multidão, Elayne encarou Nynaeve por cima do ombro e balançou a cabeça de leve.

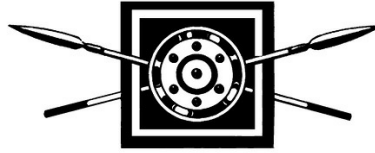
Bem, talvez não fosse o melhor momento para mencionar a vasilha e Ebou Dar. A reação de Anaiya fora meio estranha, como se ela tivesse ficado desapontada ao descobrir que não tinha sido um ataque dos Abandonados. Por quê? Nynaeve estava cansada demais para pensar naquilo. Anaiya até podia ter controlado os fluxos, mas seu corpo servira como canal para *saidar* durante uma hora inteira, o suficiente para desgastar até alguém que já tivesse dormido uma boa noite de sono.

Cambaleando, Nynaeve avistou Theodrin. A domanesa mancava, ladeada por um par de noviças trajando branco, parando sempre que encontrava alguém com um

ferimento que suas habilidades com a Cura pudessem dar conta. Ela não reparou em Nynaeve.

Vou para a cama, pensou Nynaeve, emburrada. *Anaiya Sedai mandou*. Por que Anaiya parecera desapontada? Um pensamento começou a brotar lá no fundo da mente, mas ela estava com sono demais para examiná-lo. Andava a passos arrastados, quase tropeçando no chão nivelado. Ia *dormir*, e Theodrin que pensasse o que quisesse a respeito.





UM MONTE DE AREIA

Egwene abriu os olhos, sem reparar nos arredores. Ficou um tempo ali, deitada, aconchegada na cama, mexendo distraidamente no anel da Grande Serpente preso à tira em torno do pescoço. Quando o usava no dedo, recebia muitos olhares suspeitos. Era mais fácil se passar por aluna das Sábias se ninguém achasse que ela era Aes Sedai — o que de fato não era, claro: era uma Aceita. Tinha passado tanto tempo fingindo ser Aes Sedai que às vezes quase esquecia que não era.

Uma nesga do sol morno do início da manhã entrava pela fresta na abertura de entrada, tão fraca que mal servia para iluminar o interior da tenda. Era como se não tivesse pregado o olho, e as têmporas latejavam de dor. Desde que Lanfear quase matara Aviendha e Egwene, no dia em que Moiraine tinha levado a Abandonada consigo para a morte, a jovem sempre ficava com dor de cabeça depois de ir a *Tel'aran'rhiod*, embora nunca forte o bastante para incomodar de verdade. De qualquer forma, aprendera uma coisinha ou outra com Nynaeve sobre as ervas, muito tempo antes, ainda em casa, e conseguira encontrar algumas plantas conhecidas ali em Cairhien. Raiz de dorme-bem a deixaria sonolenta — ou, cansada como ela estava, talvez a apagasse por horas —, mas acabaria com qualquer vestígio de dor de cabeça.

Ela se levantou, endireitou a camisola amarrotada e empapada de suor e foi pisando nas camadas de tapetes até o lavatório da tenda — uma vasilha de cristal entalhada que já devia ter sido usada para servir sangria a um nobre qualquer. Ora, a vasilha era tão boa para armazenar água limpa quanto o jarro de vidro azul, mas água não estava nem um pouco fresca quando Egwene lavou o rosto. Teve o vislumbre de seus próprios olhos no espelhinho de moldura dourada preso à parede escura da tenda e sentiu as bochechas ficarem vermelhas.

— Bem, o que você achava que ia acontecer? — sussurrou. Parecia impossível,

mas seu rosto no espelho ficou ainda mais vermelho.

Aquilo não tinha passado de um sonho — não fora como em *Tel'aran'rhiod*, onde o que acontecia passava a ser real depois de acordar, mas Egwene se lembrava de cada detalhe como se tivesse sido mesmo real. Achou que as bochechas iam pegar fogo. Fora só um sonho, e ainda por cima um sonho de Gawyn. Ele não tinha o direito de sonhar aquelas coisas com ela.

— Foi tudo culpa dele — declarou, zangada, para o próprio reflexo. — Não tive nada a ver com isso! Não tive nem escolha! — Ela tratou de fechar a boca, já arrependida. Estava querendo culpar o homem pelas coisas com que sonhava! E ainda por cima estava falando com um espelho, feito uma galinha tonta.

Egwene parou diante da saída da tenda baixa para espiar o movimento lá fora. Estava instalada na extremidade do acampamento Aiel, e as muralhas cinzentas de Cairhien se erguiam cerca de duas milhas a oeste, cruzando as colinas descampadas. O espaço entre o acampamento e as muralhas, onde antes ficava Portão da Frente, a cidade que envolvia Cairhien, agora estava vazio, e restava apenas o chão chamuscado. Considerando a luz ambiente, o sol acabara de surgir acima da linha do horizonte, mas os Aiel já zanzavam por entre as tendas.

Egwene decidiu que não levantaria cedo aquela manhã. Não depois de passar a noite toda fora do corpo — uma lembrança que a fez corar de novo. Luz, ia passar o resto da vida com as bochechas vermelhas só por causa de um sonho? Ao que parecia, era uma grande possibilidade. Bem, depois de tudo o que passara, podia se dar ao luxo de dormir até tarde. O cheiro de mingau sendo feito não era páreo para as pálpebras pesadas.

Muito cansada, Egwene se jogou de volta nos cobertores e massageou as têmporas. Estava cansada demais para preparar a raiz de dorme-bem. De qualquer forma, achava que estava cansada demais para que a erva fizesse diferença. A dor era fraca e sempre sumia em cerca de uma hora. Já estaria bem quando acordasse.

Considerando a noite que tivera, não foi surpresa ter Gawyn invadindo seus sonhos. Reviveu algumas vezes um dos sonhos dele — mas não que tenham sido idênticos, claro. Nas versões de Egwene, algumas situações constrangedoras simplesmente não ocorriam ou, no mínimo, não apareciam em tantos detalhes. Gawyn passava muito mais tempo recitando poemas ou abraçando-a enquanto assistiam ao sol nascer e se pôr. E ele também não dizia que a amava, todo atrapalhado. Além disso, aparecia tão bonito quanto na vida real. Tudo o mais fora obra da cabeça de Egwene: beijos ternos que duravam para sempre, Gawyn ajoelhado enquanto ela amparava sua cabeça com as mãos... Algumas coisas não faziam sentido. Por duas vezes seguidas, sonhou que agarrava os ombros dele e tentava forçá-lo a se virar para o outro lado. Na primeira vez, Gawyn afastou suas mãos com rispidez; na outra, Egwene parecia ser mais forte que ele. As duas ocorrências se mesclavam na memória. Em outra ocasião, Gawyn ia fechando uma porta na cara dela, e Egwene sabia que morreria se aquela fresta de luz cada vez

menor desaparecesse.

Os sonhos foram se amontoando. Nem todos eram com ele, e a maioria parecia mais pesadelo do que sonho.

Perrin surgiu diante dela. O amigo ferreiro tinha um lobo deitado a seus pés, além de um gavião e um falcão aninhados um em cada ombro, os dois se encarando por cima da cabeça dele. Perrin, que não parecia reparar nos pássaros, ficava tentando jogar o machado longe, até que desistiu e saiu correndo, com o machado flutuando atrás dele. Perrin reapareceu: deu as costas a um latoeiro e saiu correndo cada vez mais rápido, ignorando seus gritos para que ele voltasse. Mat surgiu, falando palavras estranhas que Egwene quase compreendia — é *na Língua Antiga*, pensou —, com dois corvos pousados um em cada ombro, as garras perfurando o casaco, afundando na pele logo abaixo. Mat parecia tão alheio aos animais quanto Perrin, porém mantinha uma expressão desafiadora, que logo mudou para uma carranca resignada. Em outro sonho, uma mulher com o rosto encoberto por sombras chamava Mat, atraindo-o em direção a um grande perigo. Egwene não sabia do que se tratava, só tinha certeza de que era monstruoso. Vários sonhos foram sobre Rand; nem todos eram ruins, mas eram sempre estranhos. Elayne o forçava a ficar de joelhos, empurrando-o para baixo com apenas uma das mãos. Elayne ao lado de Min e Aviendha, sentadas caladas ao redor dele, cada uma esperando sua vez de pousar uma das mãos sobre ele. Rand andando em direção a uma montanha em chamas, esmigalhando alguma coisa sob as botas. Egwene se remexeu e choramingou: as coisas que Rand esmagava com os pés eram os lacres da prisão do Tenebroso, despedaçando-se a cada passo dele. Egwene sabia. Não precisava vê-los para saber.

Alimentados pelo medo, os sonhos foram piorando. As duas estranhas que vira em *Tel'aran'rhiod* a apanhavam e a arrastavam até uma mesa cheia de mulheres encapuzadas. Quando as mulheres baixaram os capuzes, eram todas Liandrin, a irmã Negra que a capturara em Tear. Uma Seanchan sisuda lhe entregou um bracelete e um colar de prata conectado por uma correia prateada — um *a'dam*. Aquilo a fez gritar. Já tinha sido obrigada a usar um *a'dam*. Preferiria morrer a permitir que aquilo acontecesse de novo. Outro sonho — Rand fazendo estripulias pelas ruas de Cairhien, gargalhando enquanto explodia as casas e as pessoas na rua com relâmpagos e fogo. Outros homens corriam com ele, golpeando a tudo com o Poder. Aquela terrível anistia de Rand fora anunciada em Cairhien, mas homem nenhum *escolheria* canalizar. Sonhou que as Sábias a surpreendiam em *Tel'aran'rhiod* e a vendiam feito bicho nas terras além do Deserto Aiel, que era o que faziam com os cairhienos encontrados pelo Deserto. Egwene sonhou que saía do corpo e ficava ali, parada, assistindo ao rosto se derreter e ao crânio rachar, enquanto vultos de sombras a cutucavam com bastões. Cutucando. Cutucando...

Ela se sentou de repente, ofegante, e Cowinde se endireitou ao lado da cama, a cabeça curvada escondida no capuz do robe branco de lã.

— Me perdoe, Aes Sedai. Só pretendia acordá-la para acabar com seu jejum

noturno.

— Não precisava abrir um buraco nas minhas costelas — resmungou Egwene, mas logo se arrependeu do comentário ácido.

Um brilho irritado tomou os olhos azuis intensos de Cowinde, mas logo foi abafado, escondida por trás da máscara de *gai'shain* resignada e submissa. Depois de fazer o juramento de obedecer com docilidade e não tocar em armas durante um ano e um dia, os *gai'shain* aceitavam o que lhes acontecesse, não importava se era uma palavra rude, uma agressão ou até uma facada no peito, provavelmente. Era por isso que os Aiel consideravam matar um *gai'shain* tão absurdo quanto matar uma criança — era algo imperdoável, e o assassino acabava morto por seu próprio irmão ou irmã. Ainda assim, Egwene tinha certeza de que aquela obediência cega era uma máscara. Os *gai'shain* eram obstinados e se esforçavam para manter a aparência de docilidade, mas eram Aiel. Impossível pensar em um povo menos dócil, mesmo no caso de Cowinde, que se recusara a abandonar a roupa branca ao fim do um ano e um dia. A recusa foi um ato de rebeldia, um orgulho teimoso similar ao de qualquer homem que se recusava a bater em retirada mesmo diante de dez inimigos. Era nesse tipo de enrascada que os Aiel acabavam por causa daquele *ji'e'toh*.

E era um dos motivos por que Egwene tomava cuidado com o modo como se dirigia aos *gai'shain*, sobretudo aos que eram como Cowinde. Aquelas pessoas não tinham como revidar uma agressão sem violar tudo em que acreditavam. Por outro lado, Cowinde fora uma Donzela da Lança — e voltaria a ser, se algum dia a convencessem a abandonar aquela roupa branca. Se Egwene não pudesse contar com o Poder, aquela *gai'shain* provavelmente conseguiria subjugá-la com uma das mãos enquanto amolava a lança com a outra.

— Não quero café da manhã — declarou Egwene. — Pode ir embora, quero dormir.

— Nada de café da manhã? — questionou Amys, os colares e braceletes de marfim, ouro e prata tilintando quando ela se agachou para entrar na tenda. A mulher não usava anéis, coisa que Aiel nenhum usava, mas usava adornos o suficiente para enfeitar três mulheres e ainda sobrar um pouco. — Achei que pelo menos seu apetite já tivesse voltado.

Bair e Melaine entraram logo em seguida, ambas também adornadas com muitas joias. Cada uma era de um clã, mas mantinham suas tendas bem próximas, apesar de as outras Sábias que haviam cruzado a Espinha do Dragão terem permanecido junto a seus ramos. As três se acomodaram sobre almofadas borladas coloridas diante das cobertas de Egwene e ajustaram os xales escuros que as Aiel usavam o tempo todo — pelo menos as Aiel que não faziam parte das *Far Dareis Mai*. Amys tinha cabelos tão brancos quanto os de Bair, mas — talvez pelo contraste entre os cabelos brancos e o rosto liso — parecia estranhamente jovem em comparação com a cara de avó de Bair, que ostentava rugas profundas. Amys tinha dito que seus cabelos eram apenas um pouco menos claros quando ela era pequena.

Em geral, era Bair ou Amys que ficava no comando, mas foi Melaine, de cabelos dourados e olhos verdes, quem falou primeiro naquele dia:

— Se você parar de comer, não vai se recuperar. Nós tínhamos pensado em permitir que nos acompanhasse ao próximo encontro com as Aes Sedai. Elas sempre perguntam quando vão poder ver você outra vez...

— E sempre agem como aguacentas tolas — completou Amys, ácida.

Amys não era uma mulher amarga, mas seu humor azedava sempre que se referia às Aes Sedai de Salidar. Talvez esse azedume todo fosse simplesmente por se ver obrigada a fazer reuniões com Aes Sedai. Era costume das Sábias evitar as mulheres da Torre, sobretudo as Sábias capazes de canalizar, como Amys e Melaine. Além disso, as mulheres não ficaram nada felizes ao ver que as Aes Sedai tinham substituído Nynaeve e Elayne nas reuniões. Egwene também não. Pelo que entendera, as Sábias achavam que haviam conseguido impressionar suas duas amigas com a seriedade de estar em *Tel'aran'rhiod*. No entanto, pelo que ouvira das reuniões, as Aes Sedai não tinham ficado nem um pouco impressionadas. Pouca coisa impressionava uma Aes Sedai.

— Mas talvez seja melhor reconsiderar — continuou Melaine, com a voz tranquila. Antes do casamento, que não tinha muito tempo, a mulher era irascível feito um espinheiro. Mas, agora, pouca coisa a fazia perder a compostura. — Você não deve voltar para os sonhos até seu corpo ter se recuperado.

— Seus olhos estão vermelhos — observou Bair, com uma voz preocupada e ansiosa que combinava com a expressão em seu rosto. Ainda assim, ela era a mais dura das três. — Você dormiu mal?

— Como ela poderia ter dormido bem? — indagou Amys, irritada. — Tentei olhar os sonhos dela três vezes, ontem à noite, mas não encontrei nada. Ninguém dorme bem sem sonhar.

Egwene sentiu a boca ficar seca num piscar de olhos; e a língua grudou no céu da boca. Claro que elas iam verificar seus sonhos justamente na única noite em que ela passara mais do que apenas algumas horas fora do corpo.

Melaine fez cara feia. Não para Egwene, mas para Cowinde, ainda ajoelhada e de cabeça baixa.

— Tem um monte de areia perto da minha tenda — avisou, em um tom que lembrava um pouco a irritação constante de antes do casamento. — Quero que você olhe grão por grão até encontrar um que seja vermelho. E se não for o que estou procurando, vai ter que olhar tudo de novo. Agora vá. — Cowinde se curvou em uma mesura tão profunda que o rosto quase tocou os tapetes coloridos e saiu. Melaine abriu um sorriso satisfeito. — Você parece surpresa, Egwene. Se a garota não quer fazer o que é certo por conta própria, vou fazer com que queira. Já que ela diz que continua me servindo, ainda é minha responsabilidade.

O longo cabelo de Bair rodopiou quando ela balançou a cabeça.

— Não vai dar certo. — Ela ajustou o xale nos ombros pontudos. Egwene suava,

mesmo só de camisola e com o sol ainda baixo, mas os Aiel estavam acostumados a passar ainda mais calor. — Já açoitei Juric e Bera até cansar o braço, mas, não importa quantas vezes eu diga para elas deixarem de usar branco, as duas voltam a usar o robe antes do pôr do sol.

— É uma abominação — resmungou Amys. — Desde que viemos para as terras aguacentas, um em cada quatro dos *gai'shain* que terminam de cumprir seu tempo se recusam a voltar para seus ramos. Eles estão distorcendo o significado do *ji'e'toh*.

Aquilo era obra de Rand, que revelara a todos o que apenas as Sábias e os chefes de clã sabiam: que, no passado, todos os Aiel haviam se recusado a tocar em armas ou praticar a violência. Depois disso, alguns acreditavam que ser *gai'shain* era dever de todos os Aiel, ao passo que outros se recusavam a aceitar Rand como o *Car'a'carn* justamente por conta disso, e ainda havia os que a cada dia decidiam se juntar aos Shaido, nas montanhas do norte. Alguns simplesmente abandonavam as armas e sumiam, e ninguém sabia de seu paradeiro. Vítimas da Desolação, como chamavam os Aiel. Para Egwene, o mais estranho daquilo tudo era que nenhum Aiel culpava Rand, a não ser os Shaido. A Profecia de Rhuidean afirmava que o *Car'a'carn* os levaria de volta e os destruiria. De volta para o quê, ninguém parecia ter certeza, mas que ele os destruiria, todos, de alguma forma, aceitavam com a mesma calma com que Cowinde se conformara com uma tarefa que sabia não ter propósito.

Naquele momento, Egwene não teria se importado se todos os Aiel de Cairhien passassem a usar o robe branco dos *gai'shain*. Se as Sábias sequer suspeitassem do que ela andara aprontando... Preferiria examinar *centenas* de montes de areia, e faria isso de boa vontade, já que achava que não teria tanta sorte. Sua punição seria bem mais severa. Certa vez, Amys dissera que o Mundo dos Sonhos era extremamente perigoso e, se ela não fizesse exatamente o que mandassem, não a ensinaria mais. As outras com certeza concordariam. E aquela era a punição que Egwene mais temia. Preferia encarar *milhares* de montes de areia sob o sol escaldante.

— Não precisa ficar tão nervosa — brincou Bair, rindo. — Amys não está com raiva de todos os aguacentos, e com certeza não está zangada com você, que é como uma filha das nossas tendas. É com aquela sua irmã Aes Sedai. Uma mulher chamada Carlinya insinuou que estaríamos prendendo você contra vontade.

— Insinuou? — Amys ergueu as sobrancelhas claras quase até a raiz dos cabelos. — A mulher afirmou com todas as letras!

— Mas ela aprendeu a controlar a língua — retrucou Bair, dando uma risada que a fez se balançar na almofada escarlate. — Ah, aposto que aprendeu. Quando saímos, a Aes Sedai ainda estava aos berros, tentando tirar os lagartos-escarlates do vestido. Para os olhos fracos de uma aguacenta, um lagarto-escarlate é igualzinho a uma víbora-vermelha, mas eles não são venenosos. Só que não param de se contorcer quando ficam confinados.

Amys fungou.

— E os lagartos-escarlates teriam sumido se ela os visualizasse sumindo. Aquela mulher não aprende nada. Os Aes Sedai a quem servimos na Era das Lendas não deviam ser tão tolos. — Apesar das palavras duras, ela parecia mais calma.

Melaine gargalhava com vontade, e Egwene também acabou soltando uma risadinha. Havia aspectos inexplicáveis no humor Aiel, mas não tinha dificuldade em ver a graça naquela situação. Só encontrara Carlinya três vezes, mas só de imaginar aquela mulher presunçosa, sisuda e fria se sacudindo sem parar enquanto tentava arrancar cobras de dentro do vestido... Egwene mal conseguia conter uma gargalhada.

— Pelo menos seu humor anda bem — comentou Melaine. — As dores de cabeça voltaram?

— Minha cabeça está bem — mentiu Egwene, e Bair aquiesceu.

— Ótimo. Aquela dor persistente nos deixou preocupadas. Basta você continuar sem entrar em sonhos por mais um tempo que elas não devem voltar. Não precisa ficar com medo de qualquer efeito negativo depois de ter entrado nos sonhos. A dor é só uma forma de o corpo nos mandar descansar.

Aquilo quase fez Egwene rir de novo, mas não por ter achado graça. Os Aiel muitas vezes ignoravam ferimentos graves e ossos quebrados só porque achavam que tinham mais o que fazer.

— Por mais quanto tempo vou precisar esperar? — indagou. Detestava mentir para as Sábias, mas ficar sem fazer nada era ainda pior. Já tinha sido bem ruim durante os primeiros dez dias depois de Lanfear a acertar com aquilo, fosse o que fosse. Naqueles primeiros dias ela não conseguia nem pensar sem sentir que a cabeça ia explodir. Assim que melhorou, a “coceira do tédio”, como sua mãe chamava, a fizera ir a *Tel'aran'rhiod* escondida das Sábias. Ninguém aprendia descansando, afinal. — Então é para eu ir na próxima reunião?

— Talvez — respondeu Melaine, dando de ombros. — Veremos. Mas você precisa comer. Se estiver sem apetite é porque tem alguma coisa errada que não sabemos.

— Ah, eu consigo comer. — Inclusive, o mingau cozinhando lá fora cheirava bem. — Acho que só estava com preguiça. — Foi complicado se levantar sem vacilar; a cabeça ainda não queria ser movida. — Pensei em mais perguntas ontem à noite.

Melaine revirou os olhos, divertida.

— Desde que você se machucou, faz cinco perguntas para cada questionamento de antes.

Porque estava tentando decifrar as coisas sozinha. Mas claro que não podia dizer isso, então apenas pegou uma roupa de baixo limpa de um dos pequenos baús alinhados junto à parede da tenda e trocou-a pela camisola suada que estava usando.

— Perguntar é bom — interveio Bair. — Pergunte.

Egwene escolheu as palavras com cuidado, continuando a trocar a roupa com uma

naturalidade medida, metendo-se na mesma blusa branca de *algode* e na saia volumosa de lã das Sábias.

— É possível alguém ser puxado para dentro de um sonho contra a vontade?

— Claro que não — respondeu Amys —, a não ser que tenha um toque muito desajeitado.

Mas, logo em seguida, Bair respondeu:

— A não ser que haja emoções muito fortes envolvidas. Se tentar ver o sonho de alguém que a ama ou odeia, você pode acabar sendo puxada para dentro. Ou se amar ou odiar a pessoa. É por isso, inclusive, que nem nos atrevemos a olhar os sonhos de Sevanna ou sequer falar com as Sábias Shaido em seus próprios sonhos.

Egwene achava muito surpreendente que aquelas mulheres — e todas as outras Sábias, na verdade — ainda se encontrassem e conversassem com as Sábias dos Shaido. Segundo os costumes, a união entre as Sábias estava acima de rixas e batalhas, mas Egwene achava que se opor ao *Car'a'carn* e jurar matá-lo deixava os Shaido muito além de um conflito comum.

— Sair do sonho de alguém que a odeia ou a ama é como tentar escalar para sair de um buraco bem fundo e de paredes lisas — concluiu Bair.

— Bem isso. — Amys pareceu recobrar o humor, olhando de soslaio para Melaine. — Por isso que nenhuma Andarilha dos Sonhos comete o erro de tentar ver os sonhos do marido. — Melaine parecia cada vez mais séria, os olhos fixos à frente. — Bem, pelo menos não comete esse erro duas vezes.

Bair abriu um sorriso enorme que aprofundou os vincos de seu rosto, tudo isso enquanto claramente evitava olhar para Melaine.

— Pode ser um tremendo choque, ainda mais se o marido estiver irritado com a esposa Andarilha. Como, em um exemplo que acabei de inventar, caso o marido tivesse que ficar longe da esposa por causa do *ji'e'toh*, e ela, revoltada feito uma criança tola, fosse boba o bastante para dizer que ele não iria se a amasse de verdade.

— Isso já está fugindo demais da pergunta — advertiu Melaine, com o rosto muito vermelho e a voz muito contida.

Bair riu.

Egwene conteve a curiosidade e o divertimento. Forçou a voz a soar ainda mais casual:

— Mas e se a pessoa não estiver tentando olhar?

Melaine olhou para ela, agradecida, e Egwene sentiu uma pontada de culpa. Claro que não o suficiente para deixar de tentar descobrir a história inteira mais tarde. Só podia ser hilária, para *Melaine* corar daquele jeito.

— Já ouvi um caso assim — comentou Bair. — Quando eu era jovem e estava começando a aprender, fui treinada por Mora, a Sábida do Forte Colrada. Ela dizia que, se o sentimento fosse *muito* intenso, como um amor ou um ódio imensos e que não deixassem espaço para mais nada, a Andarilha poderia ser puxada para dentro do sonho só de ficar sabendo que ele existia.

— Nunca ouvi falar de nada parecido — afirmou Melaine.

Amys apenas pareceu incerta.

— Eu também nunca ouvi isso de ninguém, só de Mora — confirmou Bair. — Mas Mora era incrível. Diziam que tinha quase trezentos anos quando morreu com uma picada de cobra-sangue, mas parecia tão jovem quanto qualquer uma de vocês. Eu não passava de uma garota, mas me lembro bem de Mora. Ela entendia de muitas coisas, e não só era capaz de canalizar como era bem forte. Vinham Sábias de todos os clãs para aprender com ela. Acho que é muito raro haver um amor ou um ódio tão grandes, mas Mora dizia que já tinha acontecido duas vezes com ela. Uma com o primeiro homem com quem se casou, outra com um rival que disputava o interesse de seu terceiro marido.

— Trezentos?! — exclamou Egwene, parando de amarrar a bota macia que ia até os joelhos. Achava que nem Aes Sedai viviam tanto.

— Como falei, era o que se dizia — retrucou Bair, sorrindo. — Algumas mulheres envelhecem mais devagar, como Amys aqui. E, quando se trata de uma mulher como Mora, sempre surgem histórias. Um dia conto a história de como Mora moveu uma montanha. Quer dizer, é o que dizem.

— Um dia? — indagou Melaine, em um tom um tanto delicado demais. Dava para ver que ela ainda se ressentia do que acontecera no sonho de Bael, fosse o que fosse, e de todas as outras saberem do acontecido. — Já ouvi todas as histórias de Mora quando era criança. Acho até que sei todas de cor. No dia em que Egwene terminou de se vestir, temos que a fazer comer alguma coisa. — Um brilho em seus olhos verdes indicava que ela pretendia conferir que cada mordida fosse engolida. Suas suspeitas quanto à saúde de Egwene com certeza não tinham cessado. — E responder às outras perguntas.

Egwene, desesperada, se atrapalhou na formulação da pergunta seguinte. Em geral, sempre acordava com um monte de perguntas, mas, depois dos acontecimentos da noite anterior, acabara só com aquela dúvida. Se deixasse por aquilo mesmo, as Sábias poderiam começar a suspeitar se a indagação não surgira por ela ter ido escondida espionar algum sonho. Mais uma pergunta. E não sobre os próprios sonhos, tão estranhos. Um ou outro até poderiam ter algum significado, se ela conseguisse decifrá-lo. Anaiya afirmava que Egwene era uma Sonhadora, alguém capaz de prever o curso de acontecimentos futuros, e aquelas três Sábias concordavam que podia ser o caso, mas diziam que Egwene deveria aprender que a interpretação dos sonhos vinha de dentro. Além disso, não sabia ao certo se queria discutir seus sonhos, não importava com quem. Aquelas mulheres já sabiam mais do que se passava em sua cabeça do que Egwene gostaria que soubessem.

— Ah... e as Andarilhas dos Sonhos que não são Sábias? Vocês por acaso encontram outras mulheres em *Tel'aran'rhiod*?

— Às vezes — respondeu Amys —, mas não é comum. Sem um guia com quem aprender, a mulher pode nunca sequer perceber que caminhar no Mundo dos Sonhos

é mais do que ter sonhos vívidos.

— E, ignorante dos arredores, pode muito bem acabar morrendo, vítima do sonho, antes de aprender... — completou Bair.

Já mais segura por ter se afastado daquele assunto arriscado, Egwene relaxou. Conseguira mais respostas do que poderia esperar. Sabia que amava Gawyn — *Então você sabia, é?* sussurrou uma voz. *E estava disposta a admitir?* —, e os sonhos dele eram um claro indicativo de que esse amor era correspondido. Porém, pensando bem, se os homens eram capazes de dizer coisas que não sentiam quando acordados, era muito provável que pudessem sonhá-las. Bem, com as Sábias confirmando que ele a amava com tanta intensidade que passava por cima de tudo, Egwene...

Não. Pensaria nisso depois. Não fazia ideia de em que parte do mundo estava Gawyn. O importante era que sabia do perigo. Da próxima vez, conseguiria reconhecer e evitar os sonhos de Gawyn. *Se é isso que você realmente quer*, sussurrou aquela vozinha. Egwene torceu para que as Sábias encarassem suas bochechas coradas como um fulgor saudável. Queria poder interpretar o significado dos próprios sonhos. Isso se tivessem algum significado.

* * *

Aos bocejos, Elayne subiu em uma pedra para ver por cima das cabeças da multidão. Naquele dia, não havia soldados em Salidar, mas o povo enchia as ruas e assistia das janelas, entre sussurros ansiosos, esperando, os olhos fixos na Pequena Torre. Os únicos sons vinham do arrastar de pés ansioso que levantavam poeira e, volta e meia, faziam alguém tossir. Apesar do calor logo no início da manhã, as pessoas mal se moviam, a não ser para abanar algum leque ou chapéu a fim de se refrescar.

Leane estava parada entre duas casas de telhado de palha, nos braços de um homem alto e de rosto muito sério que Elayne nunca vira. E bem nos braços dele. Decerto era algum dos agentes da antiga Curadora das Crônicas. Era mais comum que os olhos-e-ouvidos das Aes Sedai fossem mulheres, mas os de Leane eram quase todos homens. Ela sempre os mantinha fora de vista, mas Elayne já notara alguns tapinhas em bochechas desconhecidas e sorrisos em direção a um par de olhos estranhos. Não fazia ideia de como Leane conseguia. Tinha certeza de que, se tentasse aqueles truques domaneses, o sujeito acabaria achando que ela prometera muito mais do que pretendia dar. Com Leane, os homens ganhavam um tapinha e um sorriso e iam embora tão felizes quanto se tivessem recebido um baú de ouro.

Em outro ponto da multidão, viu Birgitte, que, muito esperta, se mantivera afastada. Daquela vez, não viu aquela horrorosa da Areina em lugar nenhum. A noite tinha sido muito mais que agitada, e Elayne só fora para a cama quando o dia já

começava a raiar. Na verdade, nem teria ido se Birgitte não tivesse dito a Ashmanaille que Elayne parecia um pouco tonta. Claro que Birgitte não estava sendo apenas observadora: o elo com um Guardião era uma via de mão dupla. Qual era o problema de estar um pouco cansada? Quando fora mandada para a cama, ainda havia muito trabalho a fazer, e ela conseguiria canalizar com mais força do que metade das Aes Sedai ali em Salidar. Através do elo, sabia que a própria Birgitte ainda não dormira! Ah, tinha sido mandada para a cama feito uma noviça, enquanto Birgitte passava a noite carregando os feridos e limpando destroços!

Quando olhou de novo, viu que Leane já estava sozinha, espremendo-se por entre a multidão em busca de um bom lugar para assistir a tudo. Não havia sinal do homem alto.

Aos bocejos, uma Nynaeve sonolenta e de olhos vermelhos foi para perto de Elayne, fazendo cara feia para um lenhador de colete de couro que tentara chegar antes dela. Resmungando sozinho, o sujeito se enfiou de volta na multidão. Elayne gostaria que Nynaeve não fizesse aquilo — os bocejos, não a cara feia. Antes que pudesse se conter, imitou o movimento. Birgitte até tinha desculpa — não muita —, mas Nynaeve, não. Theodrin não podia ter esperado que ela ficasse acordada depois da noite anterior, e Elayne ouvira Anaiya mandá-la para a cama. Ainda assim, quando Elayne entrou no quarto, deu de cara com Nynaeve sentada no banquinho, que acabara com o pé torto, tentando se manter acordada, a cabeça meneando a cada dois minutos, resmungando que Theodrin ia ver só, todo mundo ia ver só....

Claro que o bracelete do *a'dam* transmitia medo, mas também tinha um toque do que poderia ser diversão. Moghedien passara a noite escondida debaixo da cama, ileso — e, como se escondera bem, não recebera ordens de catar um único galho caído. Conseguira até ter uma boa noite de sono assim que a comoção arrefeceu. Ao que parecia, ainda valia o velho ditado sobre a sorte do Tenebroso.

Nynaeve abriu a boca para um novo bocejo, e Elayne desviou os olhos depressa. Ainda assim, precisou botar a mão na frente da boca e segurar firme para não imitar — o que não deu muito certo. O som de pés arrastando e de tossidelas foi assumindo um ar cada vez mais impaciente.

As Votantes ainda estavam com Tarna na Pequena Torre, mas o cavalo ruão da Vermelha já estava preparado, amarrado bem ali, na rua, diante da antiga estalagem. Ao redor encontrava-se a escolta de honra para as primeiras dez milhas de viagem da Vermelha de volta a Tar Valon: dez Guardiões ao lado de seus cavalos de batalha, segurando bem as rédeas — uma visão difícil, com os mantos furta-cor confundindo o olhar. A multidão não se reunira ali ansiosa, apenas por causa da partida da enviada da Torre, mas a maioria parecia tão esgotada quanto Elayne.

— Seria de se pensar que ela era... era... — Cobrindo a boca com a mão, Nynaeve deu um enorme bocejo.

— Ah, sangue e cinzas! — murmurou Elayne.

Ou tentou murmurar, pois só o que saiu depois do “ah” foi um resmungo abafado

pela mão cobrindo seu próprio bocejo. Lini sempre dizia que aquele tipo de comentário vulgar era indicativo de uma mente lerda e de inteligência limitada — e isso sempre vinha logo antes de uma ordem para que Elayne lavasse a boca, claro. Mas, algumas vezes, não havia expressão melhor para expressar tantos sentimentos em tão poucas palavras. E ela teria dito mais, porém não conseguiu.

— Por que não fazem logo uma procissão? — vociferou Nynaeve. — Não entendo para que tanto alvoroço por causa dessa mulher — completou. E bocejou de novo. De novo!

— É porque essa mulher é Aes Sedai, dorminhoca — respondeu Siuan, juntando-se a elas. — Duas dorminhocas — completou, olhando para Elayne. — Vão acabar com o casco coberto de cracas, se continuarem nessa leseira. — Elayne tratou de fechar a boca e encarar Siuan com seu olhar mais gélido. Como de costume, o efeito foi como chuva deslizando por um telhado laqueado. — Tarna é Aes Sedai, meninas — prosseguiu Siuan, encarando os cavalos parados à espera. Ou talvez estivesse olhando para a carroça vazia que tinham puxado até a entrada da estalagem de pedra. — E uma Aes Sedai é uma Aes Sedai, não há como mudar isso.

Nynaeve olhou feio para Siuan, que nem reparou.

Elayne agradeceu por Nynaeve ter se controlado. Sabia que a resposta pronta na ponta da língua da amiga teria sido bem venenosa.

— Qual foi o prejuízo de ontem à noite?

Siuan respondeu sem nem desviar o olhar da porta da estalagem, por onde Tarna sairia.

— Sete mortos só aqui na aldeia. Quase cem soldados nos acampamentos, com todas aquelas espadas, machados e outras armas jogadas pelos cantos, mas sem ninguém para ajudar com o Poder. Algumas irmãs estão Curando os sobreviventes agora.

— E Lorde Gareth? — perguntou a Filha-herdeira, um pouco ansiosa.

O homem podia estar agindo com frieza com ela, mas Elayne já vira seus sorrisos calorosos quando era criança, e ele sempre tinha balas no bolso para ela.

Siuan bufou tão alto que algumas pessoas se viraram para olhar.

— Aquele lá... Até um peixe-leão quebraria os dentes, se tentasse morder o homem — resmungou.

— Você parece de bom humor — observou Nynaeve. — Finalmente descobriu qual é a mensagem da Torre? Gareth Bryne a pediu em casamento? Alguém morreu e deixou uma herança...?

Elayne tentou não olhar para a amiga — até o som do bocejo dela fazia sua mandíbula ranger.

Siuan encarou Nynaeve com indiferença, e ela devolveu na mesma moeda, ainda que com olhos um tanto úmidos.

— Por favor, conte se tiver descoberto alguma coisa — interrompeu Elayne, antes que os olhares assassinos que as duas trocavam acabassem matando de verdade.

— Todo mundo sabe que uma mulher que se diz Aes Sedai quando não é está se metendo num caldeirão fervente com água até o pescoço, mas se a mulher ainda por cima alegar fazer parte de uma Ajah específica, essa Ajah tem prioridade na escolha da punição... — murmurou Siuan, como se estivesse pensando em voz alta. — Myrelle já contou sobre a vez em que encontrou uma mulher em Chachin que dizia ser uma Verde? Era uma antiga noviça que não passou no teste para Aceita. Vocês deviam perguntar, quando ela tiver algumas horas livres. Vai levar um bom tempo para contar a história toda. A coitada deve ter desejado ter sido simplesmente estancada muito antes de Myrelle acabar. Estancada e decapitada.

Inexplicavelmente, a ameaça não surtiu mais efeito do que o olhar feio de antes tivera em Nynaeve. As duas sequer estremeceram. Talvez estivessem cansadas demais.

— Ah, trate de me contar o que sabe — ameaçou Elayne, baixinho —, senão vou ensinar você a se sentar direito, na próxima vez em que estivermos sozinhas. E pode sair chorando atrás de Sheriam, se quiser.

Siuan estreitou os olhos. De repente, Elayne soltou um gritinho de dor e levou a mão à cintura.

Siuan nem tentou disfarçar enquanto recolhia a mão que dera o beliscão.

— Não sou muito chegada a ameaças, garota. Você sabe o que Elaida disse tão bem quanto eu. E viu antes de todo mundo aqui.

— Para voltarem, que está tudo perdoado? — indagou Nynaeve, incrédula.

— Mais ou menos. Tem uma boa dose de tempero para disfarçar o peixe azedo, uma conversa de que, mais do que nunca, a Torre precisar se unir. Sem falar na isca de que ninguém precisar ter medo, só quem “de fato decidiu se rebelar”. Só a Luz sabe o que isso quer dizer. Eu não sei.

— E por que estão mantendo tudo em segredo? — protestou Elayne. — Não é possível que elas achem que alguém vai voltar para Elaida. Basta mostrar Logain!

Siuan não respondeu, apenas franziu a testa para os Guardiões à espera na frente da estalagem.

— Ainda não entendo por que elas estão pedindo mais tempo — resmungou Nynaeve. — Elas sabem o que deve ser feito. — Siuan continuou quieta. Depois de alguns segundos, Nynaeve ergueu as sobrancelhas. — Você não sabe o que elas responderam.

— Agora eu sei — retrucou Siuan, irritada, para então murmurar sozinha, algo que saiu como sobre “tolas fracas de joelhos bambos”.

Elayne concordou, mas segurou a língua.

A porta da antiga estalagem se abriu de repente, e algumas Votantes — uma de cada Ajah — saíram, usando os xales cheios de babados, seguidas de Tarna. As outras Votantes fechavam a procissão. Se a multidão ali reunida estava esperando alguma cerimônia, devia ter ficado desapontada. Com uma expressão indecifrável, Tarna montou no cavalo, correu os olhos pelas Votantes, encarou brevemente a

multidão e esporou o capão, colocando-o em movimento. A escolta de Guardiões foi junto. Um burburinho preocupado se elevou da multidão, ansiosa como abelhas agitadas, à medida que as pessoas iam abrindo passagem.

Os murmúrios se prolongaram até Tarna sumir de vista, já fora da aldeia, e Romanda subir na carroça e, com toda a delicadeza, endireitar o xale de babados amarelos. Seguiu-se um silêncio mortal. Segundo a tradição, os pronunciamentos do Salão eram feitos pela Votante mais antiga. Claro que Romanda não se movia como uma idosa, e seu rosto tinha a idade tão indefinida quanto qualquer outro, mas mechas de cabelo grisalho sempre eram um indicativo da idade numa Aes Sedai, e o coque preso à nuca da Amarela era de um grisalho claro, sem o menor sinal de qualquer mecha escura. Elayne se perguntava quantos anos a mulher devia ter, mas perguntar a idade de uma Aes Sedai era considerado extremamente rude.

Romanda teceu fluxos de Ar para aumentar o alcance da voz aguda de soprano, que chegou a Elayne como se estivesse cara a cara com a Amarela.

— Muitos de vocês andam preocupados, mas não há necessidade. Se Tarna Sedai não tivesse vindo até nós, teríamos enviado missivas para a Torre Branca. Afinal, não dá para dizer que a localização do nosso esconderijo é um segredo. — Romanda fez uma pausa, como se quisesse dar tempo para a multidão rir, mas todos mantiveram os olhos fixos na mulher, que arrumou o xale. — Nosso propósito aqui não mudou. Estamos em busca da verdade e da justiça, de fazer o que é certo...

— Certo para quem? — murmurou Nynaeve.

— ... e não vamos hesitar ou fracassar. Cuidem de suas tarefas como têm cuidado, certos de que continuam abrigados sob nossas mãos, agora e depois de retornarmos a nossos devidos lugares na Torre Branca. Que a Luz brilhe sobre todos vocês. Que a Luz brilhe sobre todos nós.

O burburinho se intensificou, e a multidão foi se dispersando aos poucos enquanto Romanda descia da carroça. O rosto de Siuan poderia ter sido esculpido em pedra, tamanho estoicismo, os lábios comprimidos e pálidos. Elayne tinha algumas perguntas, mas Nynaeve saltou da pedra onde estivera e forçou caminho em direção à estalagem. Elayne se apressou em segui-la. Na noite anterior, a amiga estivera prestes a revelar o que tinham descoberto sem nem pensar. Se quisessem usar a informação para influenciar o Salão, precisavam expor o que sabiam com cuidado. E de fato parecia que precisavam dessa influência. O pronunciamento de Romanda fora uma carroça e meia de nada e claramente irritara Siuan.

Espremendo-se por entre dois grandalhões de olhos cravados nas costas de Nynaeve, que pisara em vários pés para passar, Elayne se virou para trás e flagrou Siuan de olho nela e em Nynaeve. Mas só durou um instante: assim que percebeu que havia sido vista, fingiu ter encontrado algum conhecido na multidão e pulou para o chão, como se estivesse indo atrás da pessoa. Franzindo o cenho, Elayne apressou o passo. Siuan estava ou não irritada? E quanto daquela irritação e ignorância do que se passava era fingimento? A ideia de Nynaeve de fugir para

Caemlyn — que Elayne ainda não tinha certeza se já fora descartada — era mais que estúpida, mas até ela estava ansiosa para ir a Ebou Dar e fazer algo realmente útil. Todos aqueles segredos e suspeitas eram como uma comichão que não conseguia alcançar para coçar. Bastava que Nynaeve não estragasse tudo...

Elayne alcançou a amiga no exato instante em que Nynaeve chegava a Sheriam, parada perto da carroça da qual Romanda fizera o pronunciamento. Morvrin também estava lá, junto com Carlinya, e as três usavam os xales. Naquela manhã, todas as Aes Sedai estavam de xale. O cabelo cacheado de Carlinya, agora muito mais curto, era o único sinal do quase desastre em *Tel'aran'rhiod*.

— Precisamos falar com você a sós — declarou Nynaeve, para Sheriam. — Em particular.

Elayne suspirou. Não era o melhor dos começos, mas também não era um dos piores.

Sheriam encarou as duas por um momento e então olhou para Morvrin e Carlinya.

— Muito bem. Lá dentro — ordenou.

Quando se viraram, deram de cara com Romanda entre elas e a porta. A Amarela, de olhos escuros e com uma beleza masculina, estava parada, envolta no xale de babados amarelos cheio de flores e vinhas e com a Chama de Tar Valon bem no topo, entre os ombros. Ignorando Nynaeve, ela abriu um sorriso caloroso para Elayne — o tipo de sorriso que ela já se acostumara a esperar e a temer, vindo de uma Aes Sedai. Para Sheriam, Carlinya e Morvrin, a expressão foi bem diferente. Romanda as encarou, apática e de cabeça erguida, até as três se abaixarem em reverências tímidas e murmurarem “Com sua licença, Votante”. Só então Romanda se afastou para o lado, mas mesmo assim fungou alto.

O povo não notou, claro, mas Elayne já entreouvira trechos de conversas das Aes Sedai a respeito de Sheriam e seu pequeno conselho. Algumas achavam que elas só cuidavam de aspectos do cotidiano de Salidar, liberando o Salão para tratar questões mais importantes. Outros sabiam que elas tinham influência junto ao Salão — mas o tamanho dessa influência variava de acordo com quem opinava. Romanda era uma das que acreditavam que era influência demais. Pior ainda: havia duas Azuis e nenhuma Amarela no grupinho. Elayne sentiu o olhar da Votante mais velha cravado em suas costas enquanto acompanhava as outras porta adentro.

Sheriam as conduziu a uma das salas privativas junto à antiga área comum, com painéis carcomidos por insetos e uma mesa cheia de papéis encostada a uma das paredes. Ela ergueu as sobrancelhas quando Nynaeve pediu que tomassem precauções para evitar que alguém entreouvisse, mas teceu a barreira ao redor do aposento sem nenhum comentário. Lembrando-se das aventuras passadas de Nynaeve, Elayne tomou o cuidado de verificar se todas as janelas estavam bem fechadas.

— Não espero menos do que notícias de que Rand al'Thor está a caminho — avisou Morvrin, seca.

As duas outras se entreolharam. Elayne conteve a indignação. Aquelas mulheres realmente acreditavam que ela e Nynaeve estavam escondendo segredos sobre Rand al'Thor. Elas e aqueles segredos!

— Não é nada disso — respondeu Nynaeve —, mas é igualmente importante. Apenas diferente.

As duas contaram de sua viagem a Ebou Dar e da descoberta da vasilha *ter'angreal*. Não na ordem certa e sem mencionar a Torre, mas com todos os pontos essenciais.

— E vocês têm certeza de que essa vasilha é um *ter'angreal*? — indagou Sheriam, quando Nynaeve terminou. — Ela pode controlar o clima?

— Pode, Aes Sedai — confirmou Elayne, simplesmente. O melhor era ser simples, para começar.

Morvrin grunhiu. A mulher duvidava de tudo.

Mexendo no xale, Sheriam assentiu.

— Então vocês fizeram bem. Vamos mandar uma carta para Merilille. — Merilille Ceandevin, a irmã Cinza enviada para Ebou Dar a fim de convencer a rainha a apoiar Salidar. — Precisaremos de todos os detalhes.

— Ela não vai conseguir encontrar — interveio Nynaeve, antes que Elayne pudesse abrir a boca. — Mas eu e Elayne conseguiremos.

Os olhos das Aes Sedai gelaram.

— Provavelmente seria impossível para ela — acrescentou Elayne, mais do que depressa. — Nós *vimos* onde está a vasilha, mas mesmo assim vai ser difícil. Mas pelo menos *sabemos* o que vimos. Descrevê-la numa carta nunca seria igual.

— Ebou Dar não é lugar para Aceitas — afirmou Carlinya, com frieza.

O tom de voz de Morvrin foi um pouco mais gentil, ainda que rude:

— Todas precisamos fazer o melhor que pudermos, criança. Acham que Edesina, Afara e Guisin queriam ir para Tarabon? O que elas poderiam fazer para trazer ordem àquela terra agitada? Mas temos que tentar, então elas foram. Neste exato momento, Kiruna e Bera devem estar na Espinha do Mundo, em sua jornada atrás de Rand al'Thor no Deserto Aiel, porque, quando enviamos as duas, achamos, e era só um palpite, que ele pudesse estar lá. A jornada delas não é menos fútil porque estávamos certas, agora que ele já saiu do Deserto. Todas fazemos o que podemos, o que devemos. Vocês são Aceitas. Aceitas não saem correndo para Ebou Dar ou outro lugar qualquer. O que vocês duas podem e devem fazer é ficar aqui, estudando. Mesmo se vocês fossem irmãs completas, eu diria para ficarem. Há mais de cem anos ninguém faz o tipo de descoberta que vocês fizeram, tantas em tão pouco tempo.

Nynaeve, sendo quem era, ignorou o que não queria ouvir e se concentrou em Carlinya.

— Temos nos saído muito bem sozinhas, obrigada. Duvido que Ebou Dar seja tão ruim quanto Tanchico.

Elayne achava que Nynaeve não sabia nem que estava agarrando a trança, puxando a ponto de quase arrancar. Será que ela nunca aprenderia que às vezes bastava um pouco de civilidade para conquistar o que a honestidade poria a perder?

— Entendo as suas preocupações, Aes Sedai — ponderou Elayne —, mas, mesmo podendo parecer falta de modéstia, a verdade é que estou mais qualificada para localizar um *ter'angreal* do que qualquer pessoa em Salidar. E Nynaeve e eu sabemos mais sobre onde procurar do que conseguiríamos transmitir em uma carta. Se nos mandarem para Merilille Sedai, tenho certeza de que, sob a orientação dela, conseguiríamos localizar a tigela bem rápido. Seriam apenas alguns dias de barco até Ebou Dar e mais os poucos dias da volta, além de alguns dias sob a tutela de Merilille Sedai. — Foi difícil não respirar fundo. — Enquanto isso, vocês poderiam mandar uma mensagem para um dos olhos-e-ouvidos de Siuan em Caemlyn. para que a pessoa já esteja lá quando Merana Sedai chegar com a missão diplomática.

— E por que, sob a Luz, deveríamos fazer isso? — contestou Morvrin.

— Achei que Nynaeve tivesse dito, Aes Sedai. Não tenho certeza, mas acredito que a vasilha também precise da canalização de um homem para funcionar.

Claro que aquilo causou uma pequena comoção. Carlinya engasgou, Morvrin resmungou baixinho e Sheriam ficou literalmente boquiaberta. Nynaeve também ficou surpresa, mas apenas por um instante. Elayne teve certeza de que a amiga conseguira disfarçar antes que as outras notassem — estavam estupefatas demais para ver muita coisa, afinal. A questão, pura e simples, era que se tratava de uma mentira. O segredo era ser simples. Em tese, os grandes feitos da Era das Lendas tinham sido alcançados por homens e mulheres canalizando em conjunto, provavelmente em união. Era muito provável que *existissem* alguns *ter'angreal* que precisassem da canalização conjunta de um homem para funcionar. Em todo caso, se Elayne não conseguisse fazer aquela vasilha funcionar, ninguém mais em Salidar conseguiria — exceto talvez Nynaeve. Caso o funcionamento dependesse da participação de Rand, o Salão de Salidar não poderia simplesmente desperdiçar a chance de tomar alguma providência a respeito do clima e teriam que se aliar a ele. Quando Elayne “descobrisse” que um círculo de mulheres daria conta da vasilha, as Aes Sedai de Salidar já estariam muito atreladas a Rand para poderem se libertar.

— Tudo isso faz muito sentido — afirmou Sheriam, por fim —, mas não muda o fato de que vocês são apenas Aceitas. Vamos enviar uma carta para Merilille. Tem havido muita conversa sobre vocês duas...

— Conversa! — irrompeu Nynaeve. — Vocês só fazem isso, vocês *e* o Salão! Só conversam! Elayne e eu podemos *encontrar* esse *ter'angreal*, mas vocês preferem ficar cacarejando feito galinhas chocadeiras! — As palavras iam se atropelando ao sair. Nynaeve puxava a trança com tanta intensidade que Elayne não se surpreenderia se acabasse se soltando da cabeça, pendurada em suas mãos. — Vocês só ficam aqui, sentadas, torcendo para que Thom, Juilin e os outros voltem dizendo que os Mantos-brancos não vão desabar feito uma casa velha em cima da gente,

sendo que eles podem muito bem voltar com os Mantos-brancos em seu encalço. Ficam sentadas só pensando no que fazer com Elaida, em vez de fazer o que disseram que fariam, e se atrapalham todas para resolver como lidar com Rand. Por acaso já sabem como vão se posicionar a respeito dele? Sabem, apesar de a missão diplomática já estar a caminho de Caemlyn? E querem saber por que só ficam sentadas conversando? Pois eu sei! Vocês têm medo. Medo de ver a Torre cindida, medo de Rand, dos Abandonados, da Ajah Negra... Ontem à noite, Anaiya deixou escapar que vocês tinham um plano pronto para o caso de um dos Abandonados atacar. Todos aqueles círculos, e tudo por uma bolha de mal... Será que finalmente acreditam que elas existem? E os círculos estavam todos desordenados, a maioria deles com mais novças do que Aes Sedai, porque só algumas Aes Sedai sabiam de antemão o que fazer. Acham que a Ajah Negra está aqui em Salidar, e estavam com medo de que o plano pudesse chegar a Sammael ou algum dos outros. Não confiam nem umas nas outras! Não confiam em ninguém! E é por isso que não vão nos mandar para Ebou Dar? Acham que *nós* somos da Ajah Negra, ou que vamos fugir para Rand, ou... ou...! — A voz foi fraquejando, e Nynaeve começou a ofegar e a gaguejar. Mal parara para respirar durante aquele rompante.

O primeiro instinto de Elayne foi tentar colocar panos quentes, mas não conseguia nem começar a pensar em como fazer isso. Seria tão fácil quanto suavizar o relevo de uma cordilheira. Foram as Aes Sedai que a fizeram esquecer a preocupação por Nynaeve talvez ter conseguido estragar tudo. Os rostos inexpressivos, com olhos capazes de ver através de rochas, não deveriam ter transmitido nenhuma emoção — mas, para ela, transmitiam. E não era aquela raiva fria que deveria ser direcionada a qualquer um tolo o bastante para vociferar contra uma Aes Sedai. O que ela viu foi um escudo, e a única coisa a ser escondida era a verdade. Uma verdade que elas mesmas não queriam admitir: estavam realmente com medo.

— Acabou? — indagou Carlinya, com uma voz capaz de congelar o sol.

* * *

Elayne soltou um espirro tão forte que bateu a cabeça na lateral do caldeirão virado. O cheiro de sopa queimada enchia seu nariz. O sol do meio da manhã esquentara o interior escuro do panelão até parecer que ele ainda estava no fogo. O suor pingava de seu rosto — ou melhor, escorria. Ela largou a pedra-pomes áspera e engatinhou de costas para fora do caldeirão, então olhou para a mulher a seu lado — ou melhor, para a metade exposta da mulher, enfiada em um caldeirão um pouco menor, também deitado de lado. Ela cutucou a cintura de Nynaeve e abriu um sorriso satisfeito quando o cutucão a fez bater a cabeça no ferro, resultando em um gemido de dor. Nynaeve saiu de dentro do panelão com um olhar ameaçador — o brilho

perigoso em seus olhos sequer foi amenizado pelo bocejo que ela escondeu por trás da mão encardida. Elayne não lhe deu nem chance de falar.

— Você tinha que explodir, não tinha? Não consegue controlar esse gênio nem por cinco minutos. Já tínhamos tudo nas mãos, mas você teve que ir lá e dar um pontapé bem no nosso tornozelo.

— Elas não teriam deixado a gente ir para Ebou Dar, de qualquer jeito — resmungou Nynaeve. — E não chutei nada sozinha. — Ela empinou o queixo em um gesto afetado, erguendo tanto a cabeça que teve que olhar bem para baixo para ver Elayne. — “Aes Sedai controlam o próprio medo” — entoou, em um tom que poderia ter servido para repreender um vagabundo bêbado e cambaleante que tivesse se metido na frente de seu cavalo. — “E não permitem que o medo as controle. Liderem, e seguiremos com prazer. Mas vocês precisam liderar, não se curvar na esperança de que alguma coisa faça os problemas desaparecerem.”

Elayne sentiu as bochechas esquentarem. Não se comportava daquele jeito. E com certeza não tinha falado naquele tom.

— Bem, talvez nós duas tenhamos perdido a calma, mas... — Ela ouviu passos, então parou de falar.

— Ah, então quer dizer que as crianças de ouro das Aes Sedai decidiram descansar um pouco, é? — O sorriso de Faolain era tão pouco amigável quanto um sorriso poderia ser. — Não estou aqui pelo prazer, entendem? Queria passar o dia trabalhando em algum projeto meu, algo não terrivelmente inferior ao que as duas crianças de ouro têm feito. Em vez disso, tenho que vigiar duas Aceitas esfregando panelas para expiar seus pecados. Vigiar para que não saiam de fininho feito as duas noviças inferiores que deveriam ser. Agora voltem ao trabalho. Só posso ir embora quando vocês terminarem, e não pretendo passar o dia inteiro aqui.

A mulher de cabelo escuro e cacheado era como Theodrin: acima de uma Aceita, mas abaixo de uma Aes Sedai. O que Elayne e Nynaeve teriam sido, caso Nynaeve não tivesse se comportado como uma gata que levou um pisão. Nynaeve e ela, corrigiu-se Elayne, relutante. Sheriam dissera exatamente isso enquanto anunciava quanto tempo das horas “livres” as duas passariam trabalhando nas cozinhas, dando conta do pior trabalho que as cozinheiras pudessem encontrar. Mas nada de Ebou Dar, de um jeito ou de outro. Isso também fora deixado bem claro. Uma carta estaria a caminho de Merilille ao meio-dia — isso se já não tivesse sido enviada.

— Eu... sinto muito — disse Nynaeve.

Elayne piscou para ela. Ouvir a amiga pedindo desculpas era como ver neve em pleno verão.

— Também sinto muito, Nynaeve.

— Ah, se sentem — retrucou Faolain. — Nunca vi ninguém sentir tanto. Agora voltem ao trabalho, antes que eu encontre um motivo para mandar as duas para Tiana assim que terminarem.

Elayne lançou um olhar pesaroso para Nynaeve, rastejou de volta para dentro do

caldeirão e atacou a sopa queimada com a pedra-pomes como se atacasse Faolain. Voaram pedaços pretos de legumes carbonizados e pó de pedra. Não, Faolain não: as Aes Sedai, que ficavam sentadas quando deveriam estar agindo. Ah, mas ela *ia* para Ebou Dar, *ia* encontrar aquele *ter'angreal* e *ia* usá-lo para amarrar Sheriam e todas as outras a Rand. E de joelhos! Deu um espirro tão forte que os sapatos quase saíram voando dos pés.

* * *

Sheriam deu meia-volta e saiu andando pela viela estreita, com brotos e trechos de erva daninha e palhada murchas aqui e ali. Estivera observando as duas trabalhando em sua punição por uma fresta na cerca.

— Estou arrependida. — Ao refletir sobre as palavras e o tom de Nynaeve, sem falar em Elayne, aquela criança deplorável, acrescentou: — Só um pouco.

Carlunya abriu um sorriso desdenhoso. Era muito boa naquilo.

— Quer contar para Aceitas o que nem vinte Aes Sedai sabem? — Com o olhar penetrante de Sheriam em resposta, ela fechou a boca com um estalo.

— Há ouvidos onde menos se espera — disse Sheriam em voz baixa.

— Mas numa coisa aquelas duas têm razão — ponderou Morvrin. — Só de pensar em al'Thor fico com o estômago revirado. Não temos escolha, com ele.

Sheriam achava que fazia muito tempo que já não tinham escolha.





PREVISÕES DA RODA

Rand estava sentado no Trono do Dragão, o Cetro do Dragão apoiado nos joelhos abertos, muito tranquilo e relaxado — ou era o que demonstrava. Tronos não são feitos para alguém se sentar relaxado, e aquele ali parecia ainda menos propício para o conforto, mas isso era apenas parte da dificuldade. Também havia o incômodo de sentir Alanna, uma presença constante chamando sua atenção. Se contasse às Donzelas o que acontecera, elas iam... não. Como podia sequer cogitar uma coisa dessas? Já a deixara assustada o bastante para a mulher se manter na linha, a prova disso era que Alanna não fizera nenhum esforço para entrar na Cidade Interna. E Rand saberia se a mulher tivesse tentado. Não... naquele momento, Alanna incomodava ainda menos do que o assento almofadado e desconfortável.

Apesar do casaco azul trabalhado em prata abotoado até a gola, Rand não sentia calor — estava mesmo pegando o jeito do truque de Taim —, mas, se a impaciência o fizesse suar, estaria pingando como se tivesse acabado de sair de um rio. Manter o frescor do corpo não era problema, o complicado era ficar ali, parado. Queria entregar a Elayne um reino em boas condições, e aquela manhã seria o primeiro passo em sua missão para devolver Andor. Se o grupo fosse vê-lo.

— ... e, além do mais — ia dizendo o homem alto e magrelo diante do Trono, em uma voz monótona —, mil, quatrocentos e vinte e três refugiados de Murandy, quinhentos e sessenta e sete de Altara, e cento e nove de Illian. Isso pelo que conseguimos da contagem dentro da cidade propriamente dita, é claro. — Os poucos fios de cabelo que restavam a Halwin Norry eram grisalhos e arrepiados, mais parecendo penas de escrever enfiadas atrás das orelhas. Visual bem apropriado, já que ele era o secretário-chefe de Morgase. — Contratei vinte e três secretários a mais para a contagem, mas o número ainda é insuficiente para...

Rand parou de escutar. Apesar de estar grato pelo fato de o homem não ter fugido do reino, como tantos outros fizeram, não sabia dizer se Norry considerava qualquer outra realidade que não a dos números em seu livro contábil. O homem enumerava as mortes durante a semana no mesmo tom seco e sem emoção com que relatava o preço do nabo nas carroças do interior; organizava os enterros diários de refugiados que não tinham onde cair mortos com o mesmo desprendimento com que contratava pedreiros para a reforma das muralhas da cidade. Para ele, Illian era apenas uma terra, não a morada de Sammael; Rand era apenas mais um governante.

Onde estão?, perguntou-se, furioso. *Por que nem Alanna tentou se aproximar de mim?* Moiraine não teria se acovardado com tão pouco.

Onde estão os mortos?, sussurrou Lews Therin. *Por que não se calam?*

Rand soltou uma risadinha soturna. Só podia ser piada.

Sulin estava acocorada de um dos lados do tablado do trono, parecendo muito confortável, e a ruiva Urien se acomodara do outro. Vinte *Aethan Dor*, Escudos Vermelhos, montavam guarda junto com a escolta permanente de Donzelas entre as colunas do Grande Salão, alguns usando a faixa vermelha na cabeça. Alguns estavam de pé, outros sentados ou agachados, e muitos conversavam baixinho, mas todos prontos para entrar em ação em um piscar de olhos, até mesmo as Donzelas e os dois Escudos Vermelhos que jogavam dados. Ao menos um par de olhos estava sempre em Norry — poucos Aiel confiavam em um aguacento tão perto de Rand.

Bashere apareceu de repente entre as portas altas do Salão e o chamou com um balançar de cabeça — Rand se endireitou no trono. Sangue e cinzas, *até que enfim*. A borla verde e branca pendurada à lança Seanchan com entalhe de dragão se balançou quando ele gesticulou, encerrando o discurso do contador.

— Muito bom trabalho, mestre Norry. Seu relatório não deixou nada de fora, e vou cuidar para que você receba o ouro necessário. Agora, se o senhor puder me desculpar, preciso cuidar de outros assuntos.

O homem não deu o menor sinal de curiosidade ou mágoa por ter sido interrompido daquele jeito tão abrupto. Ele parou de falar na hora, no meio da frase, curvou-se em uma mesura, entoou um “como o Lorde Dragão ordenar” com a mesma falta de emoção de sempre e recuou três passos antes de dar meia-volta e sair. Ele sequer olhou Bashere ao passar. Para ele, só havia a realidade dos livros contábeis.

Impaciente, Rand assentiu para Bashere e se endireitou ainda mais, com as costas rijas coladas ao trono. Os Aiel se calaram, o que os fez parecer ainda mais prontos para agir.

O saldaeano não entrou sozinho. Dois homens e duas mulheres vinham logo atrás, nenhum deles jovem, todos metidos em sedas finas e brocados. Tentavam ignorar a existência de Bashere — e quase conseguiam, mas não puderam evitar os olhares atentos dos Aiel espalhados por entre as colunas. A loura, Dyelin, apenas hesitou um pouco, mas Abelle e Luan, ambos grisalhos e de feições duras, franziram o cenho

para as figuras metidas no *cadin'sor*, levando a mão instintivamente para o espaço vazio onde estariam as espadas. Ellorien, uma mulher roliça e de cabelos escuros, que seria bem bonita se perdesse a teimosia e a dureza do rosto, parou e ficou encarando os Aiel, antes de voltar a si e apressar o passo para alcançar os outros. Assim que puderam ver Rand direito, também pareceram surpresos. Todos se entreolharam brevemente, em dúvida. Talvez tivessem imaginado que fosse mais velho.

— Milorde Dragão — entoou Bashere, bem alto, parando diante do tablado —, Senhor da Manhã, Príncipe da Aurora, Verdadeiro Defensor da Luz, aquele diante de quem o mundo se ajoelha em reverência, eu trago Lady Dyelin, da Casa Taravin, Lorde Abelle, da Casa Pendar, Lady Ellorien, da Casa Traemane e Lorde Luan, da Casa Norwelyn.

Os quatro andorianos enfim reconheceram a presença de Bashere, todos comprimindo os lábios e o fitando apenas com olhares penetrantes e de esguelha. Algo no tom de Bashere dera a impressão de que o homem estava trazendo quatro cavalos para Rand, e dizer que pareceram ficar mais empertigados seria como sugerir que a água parecia ainda mais molhada — ainda assim, foi exatamente o que aconteceu quando os quatro olharam para Rand. Ou para a direção geral onde ele estava. Não conseguiram evitar olhar o Trono do Leão, cintilante e reluzente, em um pedestal atrás da cabeça do Dragão Renascido.

Rand quis rir daquelas expressões indignadas — estavam indignados, sim, mas também cautelosos e talvez até um pouco espantados, ainda que não tivessem intenção de demonstrar surpresa. Ele e Bashere tinham pensado muito bem naquela lista de títulos para seu posto de Dragão Renascido, mas a parte sobre o mundo se ajoelhar diante dele era nova, um acréscimo do próprio Bashere. Rand estava seguindo o conselho de Moiraine. Quase podia ouvir sua voz suave recitando: *O que fica registrado a seu respeito é a primeira impressão que têm de você. É assim que o mundo funciona. Se primeiro aparecer em um trono, não importa se no segundo seguinte você se comportar feito um fazendeiro no chiqueiro: parte deles sempre se lembrará de que o viram em um trono. Mas, se virem primeiro um jovem, um mero camponês, vão se ressentir ao ver você subindo ao trono, não importa quanto isso seja seu direito, não importa o tamanho de seu poder.* Bem, se um ou dois títulos tivessem mesmo todo esse poder, as coisas ficariam muito mais fáceis.

Eu era o Senhor da Manhã, murmurou Lews Therin. *Eu sou o Príncipe da Aurora.*

Rand manteve a expressão serena.

— Não lhes darei as boas-vindas, pois esta é a sua terra, é o palácio da sua rainha. Ainda assim, fico feliz por terem aceitado meu convite.

Claro que não mencionou o fato de só terem vindo depois de cinco dias e ainda por cima só tendo avisado com algumas poucas horas de antecedência. Apenas se levantou, deitou o Cetro do Dragão no trono e desceu do tablado. Com um sorriso

contido — *Nunca pareça hostil, a menos que seja realmente necessário*, dissera Moiraine. *Mas, acima de tudo, não pareça amistoso demais. Não pereça ávido.* — Rand apontou para cinco poltronas com encostos almofadados dispostas em círculo entre as colunas.

— Vamos nos sentar — convidou. — Vamos conversar e beber um pouco de vinho gelado.

E os quatro foram, claro, examinando Rand e os Aiel com a mesma curiosidade — e talvez o mesmo nível de animosidade, tudo muito mal disfarçado. Depois que todos se acomodaram, os *gai'shain* se aproximaram em silêncio, usando as túnicas brancas com capuz. Alguns traziam vinho em cálices dourados já úmidos pela condensação, outros se postaram atrás de cada poltrona com um leque de plumas, abanando o ar. Todas as poltronas, menos a de Rand. E os quatro perceberam isso, notaram a ausência de suor em seu rosto. Mas os *gai'shain* também não transpiravam, mesmo com as túnicas, e nem os outros Aiel. Rand examinou os rostos dos quatro nobres por sobre o próprio cálice de vinho.

Os andorianos se orgulhavam de serem mais objetivos e sempre se vangloriavam de que o Jogo das Casas era muito mais intrincado em outras terras do que na deles, mas ainda assim se julgavam capazes de jogar *Daes Dae'mar*, quando preciso. E eram mesmo, de certa forma, mas os cairhienos — e até mesmo os tairenos — consideravam suas táticas muito simplórias para os movimentos e contramovimentos tão sutis do Grande Jogo. Os quatro nobres ali presentes conseguiam manter a postura boa parte do tempo, mas, para um aluno de Moiraine cuja força fora posta à prova em Tear e Cairhien, eles revelavam demais a cada mexida dos olhos, a cada levíssima mudança de expressão.

Primeiro, os nobres repararam que não havia cadeira para Bashere. Eles trocaram olhares rápidos, um tanto mais animados, ainda por cima depois de ver que o próprio Bashere estava saindo a passos largos da sala do trono. Os quatro até se permitiram acompanhá-lo com o olhar e o mais sutil sorriso de satisfação. Estava claro que eles desprezavam a presença do exército saldaeano em Andor com a mesma intensidade com que Naeon e aquele bando. Seus pensamentos eram óbvios: talvez a influência do estrangeiro fosse menor do que temiam. Ora, Bashere fora tratado como nada mais do que um serviçal com um cargo mais elevado.

Dyelin arregalou os olhos bem de leve no mesmo instante que Luan, apenas um segundo antes dos outros dois. Durante breves momentos, os quatro encararam Rand com tanta atenção que ficou óbvio que evitavam olhar uns para os outros. Bashere era forasteiro, mas também era o Marechal-General de Saldaea, três vezes lorde, tio da Rainha Tenobia. Se Rand o usava como serviçal...

— Um vinho excelente — comentou Luan, encarando o cálice, e hesitou um momento antes de acrescentar: — Milorde Dragão. — O título parecia ter sido arrancado à força.

— É do sul — acrescentou Ellorien, depois de um golinho. — Safra das Colinas

de Tunaighan. Acho espantoso o senhor conseguir gelo em Caemlyn, este ano. Ouvi dizer que o povo já começou a chamar este de “o ano sem inverno”.

— Acha mesmo que eu gastaria tempo e esforço para encontrar gelo com tantos problemas assolando o mundo? — retrucou Rand.

O rosto magro de Abelle empalideceu, e ele pareceu se forçar a tomar mais um gole do vinho. Luan, por outro lado, fez questão de esvaziar o cálice e em seguida o estendeu para um *gai'shain*, indicando que queria mais. Os olhos verdes do Aiel de robe branco exibiram um lampejo de fúria, um contraste com a suavidade calculada do rosto bronzeado de sol. Servir aguacentos era coisa de serviçal, e os Aiel desprezavam o conceito de serviçais. Claro que Rand nunca conseguira entender como esse desprezo se encaixava em toda a ideia de ser *gai'shain*, mas as coisas eram assim.

Dyelin apoiou a taça bem firme entre os joelhos e passou a ignorá-la. De perto, dava para ver alguns fios grisalhos em seus cabelos louros. Ela era linda, embora apenas os cabelos lembrassem Morgase e Elayne. Dyelin, a seguinte na sucessão ao trono, era no mínimo prima próxima da Filha-herdeira. A mulher, encarando-o com uma leve carranca, parecia prestes a balançar a cabeça em reprovação, mas apenas disse:

— Estamos preocupados com os problemas do mundo, mas ainda mais com os que afetam Andor. O senhor nos trouxe aqui para encontrar uma cura?

— Se os senhores souberem de alguma — respondeu Rand, simplesmente. — Se não, acho que devo procurar em outro lugar. Muitos julgam conhecer a cura apropriada e, se eu não encontrar a que quero, terei que me contentar com a segunda opção. — Aquilo fez os nobres contraírem a boca. No caminho até lá, Bashere os conduziu por um pátio onde Arymilla, Lir e as outras tinham sido deixadas. Era uma espécie de fila de espera, mas, para olhares estranhos, pareciam estar relaxando no Palácio. — Achei que os senhores iam querer ajudar a recuperar a integridade de Andor. Ouviram minha proclamação? — Não precisou dizer qual. Naquele contexto, só poderia haver uma.

— Há uma recompensa por notícias de Elayne — respondeu Ellorien, inexpressiva, o rosto ainda mais contido —, que será feita rainha, agora que Morgase morreu.

Dyelin assentiu.

— Para mim, está bom.

— Mas para mim, não! — vociferou Ellorien. — Morgase traiu os amigos e desprezou os partidários mais antigos. É hora de acabar com o poder da Casa Trakand sobre o Trono do Leão. — Ela, assim como todos os outros, parecia ter se esquecido de Rand.

— Dyelin é a próxima na sucessão — declarou Luan, sem rodeios. A mulher balançou a cabeça, como se já tivesse ouvido aquilo, mas Luan prosseguiu mesmo assim: — Eu apoio Dyelin.

— Elayne é a Filha-herdeira — retrucou Dyelin com firmeza. — *Eu apoio Elayne.*

— Que diferença faz quem cada um de nós apoia? — inquiriu Abelle. — Se ele matou Morgase, não vai... — Ele se calou de repente, fazendo careta, então olhou para Rand. Seu olhar não era exatamente rebelde, mas estabelecia um claro desafio para que ele respondesse ao comentário. Parecia esperar que ele reagisse mal.

— É isso que vocês acham? — Rand olhou com pesar para o Trono do Leão em seu pedestal. — Por que, sob a Luz, eu mataria Morgase, se fosse entregar o controle a Elayne?

— Pouca gente sabe em que acreditar — respondeu Ellorien, rígida, as bochechas bem vermelhas. — O povo fala de tudo, a maioria é pura asneira.

— Como, por exemplo? — A pergunta era para Ellorien, mas foi Dyelin quem respondeu, encarando-o bem nos olhos.

— Dizem que o senhor vai lutar a Última Batalha e matar o Tenebroso. Dizem que o senhor é um falso Dragão, uma marionete das Aes Sedai, ou ambos. Dizem que o senhor é o filho bastardo de Morgase, um Grão-lorde taireno, um Aiel... — Ela franziu o cenho, mas logo prosseguiu. — Dizem que o senhor é filho de uma Aes Sedai com o próprio Tenebroso. Que o senhor é o Tenebroso, ou que é até mesmo o Criador em um corpo humano. Dizem que o senhor vai destruir o mundo, depois vai salvá-lo, então vai subjugá-lo e dar início a uma nova Era. Há tantos boatos quanto há bocas. A maioria afirma que o senhor matou Morgase. Muitos acrescentam Elayne à história. Dizem que essa proclamação é um disfarce para encobrir seus crimes.

Rand soltou um suspiro. Alguns daqueles boatos eram os piores que ele já ouvira.

— Não vou perguntar em quais vocês acreditam.

Por que Dyelin insistia em franzir o cenho quando ele falava? E não era a única. Luan fazia o mesmo, enquanto Abelle e Ellorien lhe lançavam o tipo de olhar que Rand aprendera a esperar receber do pessoal de Arymilla, quando achavam que ele não estava olhando. *Olhando. Sempre olhando*, murmurou Lews Therin, em um sussurro rouco, dando uma risadinha. *Eu estou sempre olhando você. Mas quem olha para mim?*

— Em vez disso, prefiro perguntar se vão me ajudar a unificar Andor outra vez. Não quero que Andor acabe virando outra Cairhien, ou pior, uma terra como Tarabon ou como Arad Doman.

— Eu conheço um pouco do *Ciclo de Karaethon*. Acredito que o senhor seja o Dragão Renascido — comentou Abelle. — Ainda assim, nada nas profecias menciona o senhor governando, apenas falam da luta contra o Tenebroso em Tarmon Gai'don.

Rand apertou o cálice com tanta força que a superfície escura do vinho oscilou. Seria tão mais fácil se aqueles quatro fossem como quase todos os Grão-lordes tairenos ou cairhienos. O problema era que nenhum deles queria um ínfimo de poder a mais do que já possuíam. Por mais gelado que estivesse o vinho, duvidava de que o

Poder Único fosse intimidar aquele bando. *Tenho certeza de que, se eutentasse, os quatro apenas me mandariam matá-los de uma vez, e a Luz que me queimasse!*

A Luz que me queime, ecoou Lews Therin, irritado.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não quero governar Andor? Vou embora assim que Elayne se sentar no Trono do Leão. E, se depender de mim, jamais voltarei.

— Se o trono pertence a alguém — retrucou Ellorien, sem se abalar —, é a Dyelin. Se está sendo sincero, então ponha a coroa na cabeça dela e vá embora. Andor estará recuperada, e não duvido de que nossos soldados vão segui-lo até a Última Batalha, se necessário.

— Ainda assim, eu recuso — interveio Dyelin, a voz firme, então voltou-se para Rand. — Quero esperar e considerar as possibilidades, milorde Dragão. Quando vir Elayne viva e coroada e depois que o senhor for embora, mandarei os meus homens o seguirem, não importa se mais ninguém em Andor fizer isso. Mas, se o tempo passar e o senhor ainda estiver reinando aqui, ou se esses seus Aiel selvagens fizerem com esta terra o que ouvi que fizeram em Cairhien e Tear... — Ela olhou com desprezo para as Donzelas e os Escudos Vermelhos e até assim como para os *gai'shain*, como se estivessem saqueando e incendiando a cidade naquele exato momento. — Ou se o senhor mandar para cá aqueles... homens que reuniu depois dessa sua anistia, então me voltarei contra o senhor, mesmo que nenhum outro cidadão de Andor faça isso.

— E eu estarei ao lado dela — declarou Luan, com firmeza.

— E eu também — completou Ellorien, logo seguida por Abelle.

Rand jogou a cabeça para trás e riu, sem conseguir se conter, parte por divertimento, parte por frustração. *Luz! E eu achando que uma oposição direta seria melhor do que tê-los tramando pelas minhas costas ou lambendo minhas botas!*

Os quatro o encararam, inquietos, sem dúvida achando que aquilo já era a loucura em curso. E talvez fosse, mesmo. Nem ele tinha mais certeza de nada.

— Podem considerar a situação pelo tempo que for necessário — retrucou, levantando-se para encerrar a audiência. — O que estou falando é verdade. Mas peço que também considerem isto: Tarmon Gai'don está cada dia mais perto. Não sei mais quanto tempo os senhores poderão gastar com reflexões.

Os quatro se despediram com um movimento calculado da cabeça, como se estivessem entre iguais — era mais do que quando chegaram —, mas, quando se viraram para sair, Rand segurou Dyelin pela manga.

— Tenho uma pergunta para a senhora. — Os outros pararam e se viraram, antes de Rand acrescentar: — Uma pergunta pessoal.

Depois de um instante, Dyelin assentiu, e seus companheiros se afastaram um pouco. Os outros três permaneceram na sala do trono, observando com atenção, mas não estavam perto o bastante para entreouvir.

— A senhora me olhou... de um jeito estranho — comentou Rand. *A senhora e*

todos os outros nobres que conheci em Caemlyn. Pelo menos, todos os nobres andorianos. — Por quê?

Dyelin ergueu a cabeça e o encarou, então assentiu de leve, para si mesma.

— Qual é o nome da sua mãe?

Rand piscou.

— Minha mãe?

Sua mãe era Kari al'Thor. Pelo menos, era no que ele acreditava — Kari o criara desde a infância até o dia de sua morte. Mas decidiu dar a verdade crua que descobrira no Deserto.

— Minha mãe se chamava Shaiel. Foi uma Donzela da Lança. Meu pai era Janduin, chefe do clã dos Aiel Taardad. — Dyelin ergueu uma sobrancelha, desconfiada. — Juro pelo que a senhora quiser. O que isso tem a ver com o que eu quero saber? Os dois já morreram há muito tempo.

A mulher pareceu aliviada.

— Então parece ser apenas uma mera semelhança, um acaso, só isso. Não estou sugerindo que o senhor não saiba quem são seus pais, mas é que tem um sotaque do oeste de Andor.

— Semelhança? Eu cresci em Dois Rios, mas meus pais são esses que eu disse. Com quem é que eu pareço, para a senhora ficar me encarando?

A mulher hesitou, então soltou um suspiro e respondeu:

— Acho que não importa. Um dia o senhor precisa me contar como tem pais Aiel, mas foi criado em Andor. Vinte e cinco anos atrás, talvez mais, a Filha-herdeira de Andor desapareceu na calada da noite. Seu nome era Tigraine, e ela deixou para trás um marido, Taringail, e um filho, Galad. Sei que é apenas coincidência, mas vejo Tigraine em seu rosto. Da primeira vez que o vi, fiquei chocada.

O próprio Rand ficou chocado. Um arrepio gelado percorreu seu corpo. Fragmentos da história que ouvira das Sábias rodopiaram em sua mente... *uma jovem aguacenta de cabelos louros... um filho que ela amava, um marido que não amava... Shaiel foi o nome que ela adotou. Nunca nos deu outro... você parece um pouco com ela.*

— Como foi que Tigraine desapareceu? Sou muito interessado na história de Andor.

— Agradeço se não chamar de história, milorde Dragão. Eu era garota quando isso aconteceu, mas já não era mais criança e vinha muito ao Palácio. Certa manhã, Tigraine simplesmente não estava mais aqui, então nunca mais foi vista. Diziam que tinha o dedo de Taringail naquilo, mas ele parecia louco de aflição. Taringail Damodred queria ver sua filha Rainha de Andor e seu filho Rei de Cairhien mais do que tudo no mundo. Taringail era cairhieno, entende? O casamento supostamente era para acabar com as guerras entre Andor e Cairhien, e de fato conseguiu fazer isso. Mas o desaparecimento de Tigraine levou os cairhienos a pensarem que Andor fosse quebrar o acordo, e isso os levou a conspirar, como bons cairhienos que são. Essa

história, claro, acaba com o episódio do Orgulho de Laman. E o senhor sabe aonde isso deu. — Essa última parte veio em um tom mais seco. — Meu pai diz que a culpa na verdade era de Gitara Sedai.

— Gitara? — perguntou Rand, impressionado por não soar tão espantado quanto se sentia. Ouvira aquele nome mais de uma vez.

Gitara Moroso foi uma Aes Sedai com o dom da Previsão, a mulher que anunciou que o Dragão havia Renascido nas encostas do Monte do Dragão e que pusera Moiraine e Siuan em sua longa busca. Gitara Moroso que, anos antes, dissera a “Shaiel” que, caso ela não fugisse para o Deserto sem contar a ninguém e se tornasse Donzela da Lança, a desgraça se abateria sobre Andor e o mundo.

Dyelin assentiu, um tanto impaciente.

— Gitara era conselheira da Rainha Mordrellen — respondeu, sem rodeios —, mas passava mais tempo com Tigraine e Luc, o irmão dela, do que com a Rainha. Depois que Luc foi para o norte para nunca mais voltar, correram boatos de que Gitara o convencera de que sua fama, ou seu destino, estavam na Praga. Outros diziam que ele encontraria o Dragão Renascido por lá, ou também que a Última Batalha dependia de sua partida. Isso foi cerca de um ano antes de Tigraine desaparecer. Eu, por mim, duvido de que Gitara tenha tido qualquer coisa a ver com isso ou com o sumiço de Luc. Ela continuou conselheira da Rainha até Mordrellen morrer, e dizem que foi uma morte de tristeza pela perda de Tigraine e de Luc. Foi isso que desencadeou a Sucessão, é claro. — Ela deu uma olhada para os outros, que se remexiam, impacientes, lançando olhares desconfiados para os dois. Ainda assim, não resistiu e acrescentou: — Se não tivesse sido dessa forma, o senhor teria encontrado Andor bem diferente. Tigraine seria rainha, Morgase seria apenas Grão-trono da Casa Trakand, e Elayne nem teria nascido. Morgase casou-se com Taringail depois que subiu ao trono, o senhor bem sabe. Quem é que pode dizer o que mais teria sido diferente?

Enquanto a olhava se juntar aos outros e sair, Rand pensou em mais uma coisa que teria sido diferente: ele não estaria ali em Andor — não teria nem nascido. Tudo voltava para o mesmo ponto, em círculos sem fim. Tigraine foi para o Deserto em segredo, o que levou Laman Damodred a derrubar *Avendoraldera*, um presente dos Aiel, para fazer um trono. Isso, por sua vez, levou os Aiel até a Espinha do Mundo com o único objetivo de matar Laman — apesar disso, as nações chamavam o evento de Guerra dos Aiel. Com os Aiel, veio uma Donzela chamada Shaiel, que morreu no parto. Tantas vidas se alteraram e tantas vidas se perderam para que sua mãe pudesse dar à luz na hora e no local apropriados, para que então morresse naquele momento. Kari al'Thor era a mãe de quem ele se lembrava, ainda que muito pouco, mas Rand desejava ter conhecido Tigraine, Shaiel, ou fosse lá o nome pelo qual ela quisesse ser chamada, mesmo que por pouco tempo. Queria pelo menos ter visto seu rosto.

Devaneios inúteis. Sua mãe estava morta havia muitos anos. Já estava tudo

acabado. Então por que aquilo ainda o incomodava tanto?

A Roda do Tempo e a roda da vida de um homem giram igual, sem pena nem misericórdia, murmurou Lews Therin.

Você está mesmo aí?, pensou Rand. *Ah, se houver algo aí além de uma voz e umas poucas memórias muito antigas, então responda! Está aí?* Silêncio. Como gostaria de receber um dos conselhos de Moiraine — ou de qualquer um.

De súbito, Rand percebeu que encarava a parede de mármore branco do Grande Salão, voltado para noroeste — na direção de Alanna. A Verde estava longe do Sabujo de Culain. *Não! Que a Luz a queime!* Não trocaria Moiraine por uma mulher capaz de preparar uma armadilha daquelas para ele. Não podia confiar em nenhuma mulher da Torre, exceto três: Elayne, Nynaeve e Egwene. Ou ao menos esperava poder confiar nelas. Mesmo que só um pouquinho.

Rand então se voltou para o grande teto abobadado, cujos vitrais coloridos exibiam batalhas, antigas rainhas e o Leão Branco. Aquelas mulheres, retratadas em uma escala maior que seu tamanho normal, encaravam Rand com olhares desaprovadores, como se estivessem perguntando o que ele estaria fazendo ali. Claro que a reprovação no olhar delas era fruto da sua imaginação, mas... por que pensara aquilo? Por conta da descoberta sobre Tigraine? E aquilo era mesmo apenas sua imaginação, ou já seria a loucura?

— Chegou alguém que acho que o senhor devia ver — anunciou Bashere, aparecendo atrás de Rand de repente.

Rand se sobressaltou, desviando o olhar das mulheres no teto. Estivera mesmo encarando aquelas antigas rainhas? Bashere vinha acompanhado por um de seus cavaleiros. Um sujeito mais alto — coisa fácil perto de Bashere —, de barba e bigode escuros e olhos verdes oblíquos.

— Não verei ninguém, a não ser que seja Elayne — retrucou Rand, em um tom mais ríspido do que pretendia. — Ou alguém com provas de que o Tenebroso está morto. Vou passar a manhã em Cairhien.

A verdade é que não tivera qualquer intenção de viajar antes de as palavras saírem de sua boca. Mas lá poderia encontrar Egwene — e ficar longe das rainhas no teto.

— Já faz algumas semanas desde que apareci por lá. Se eu não ficar de olho, algum lorde ou lady vai acabar reivindicando o Trono do Sol pelas minhas costas.

Bashere olhou estranho para ele. Rand estava se explicando demais.

— Como quiser, mas acho que vai querer ver este homem primeiro. Ele diz que vem em nome de Lorde Brend, e acho que é verdade.

Os Aiel se levantaram no mesmo instante. Todos sabiam quem usava aquele nome.

Rand apenas encarou Bashere, surpreso. A última coisa que esperava era um emissário de Sammael.

— Traga o homem até mim.

— Hamad — disse Bashere, virando-se para o jovem que o acompanhava, e o

saldaeano saiu depressa.

Alguns minutos depois, Hamad voltou trazendo um bando de saldaeanos desconfiados que escoltavam um sujeito. A princípio, nada no homem justificava todo aquele cuidado: ele não portava nenhuma arma visível, e seu estilo correspondia à moda de Illian — um casaco longo e cinza com o colarinho erguido e a barba encaracolada e cheia, mas sem bigode, além de ter um nariz curto e largo e ostentar um largo sorriso. Mas, quando o sujeito se aproximou, Rand notou que o sorriso nunca se alterava — todo o rosto do homem parecia congelado naquela expressão sorridente. Os olhos escuros, em contraste, se projetavam por trás daquela máscara de alegria forçada, e o medo neles era evidente.

Quando o homem estava a dez passadas de distância, Bashere ergueu a mão, e a guarda parou. O illianense, que encarava Rand, só percebeu a ordem de parada quando Hamad ergueu a espada e pressionou a ponta contra seu peito, forçando-o a parar para evitar ser atravessado pela arma. O homem simplesmente encarou a lâmina levemente sinuosa, então voltou os olhos aterrorizados para Rand, o sorriso ainda escancarado, os braços caídos ao lado do corpo. As mãos do sujeito tremiam na mesma intensidade da rigidez da expressão em seu rosto.

Rand começou a se aproximar do homem, mas Sulin e Urien se meteram entre os dois de repente — não bloquearam a passagem, não foi bem isso, apenas se posicionaram de modo que, para avançar mais, Rand teria que os empurrar ligeiramente para fora do caminho.

— O que será que fizeram com ele? — perguntou Sulin, examinando o sujeito. Donzelas e Escudos Vermelhos tinham saído de seus postos entre as colunas e se aproximado mais, alguns até de rosto velado. — Se não for uma Cria da Sombra, no mínimo foi tocado pela Sombra.

— Um sujeito desses deve poder fazer coisas que nem sequer imaginamos — comentou Urien, um dos Escudos Vermelhos que usava a tira de tecido escarlate presa à cabeça. — Talvez possa até matar com apenas um toque. Seria uma bela mensagem para um inimigo.

Nenhum dos dois o encarou, como se não falassem diretamente com Rand, mas ele assentiu. Talvez tivessem razão.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rand ao homem.

Quando perceberam que ele ficaria onde estava, Sulin e Urien se afastaram um passo, indo um para cada lado.

— Eu, no caso, venho de... de Sammael — respondeu o sujeito, o sorriso ainda congelado no rosto. — Eu trago uma mensagem para... para o Dragão Renascido. Para o senhor, no caso.

Bem, era bem direto. Será que o sujeito era Amigo das Trevas, ou só mais uma pobre alma que Sammael aprisionara em uma de suas tramas hediondas de que Asmodean lhe falara?

— Que mensagem? — perguntou Rand.

A boca do illianense se contorceu, como se ele tentasse resistir. O som que saiu não parecia nem de longe com a voz de antes: era mais profunda, mais confiante e com um sotaque diferente.

— Eu e você estaremos de lados diferentes quando chegar o Dia do Retorno do Grande Senhor, mas qual é o sentido de nos matarmos agora e deixarmos Demandred e Graendal disputarem o mundo sobre nossos cadáveres? — Rand reconheceu aquela voz de um dos fragmentos da memória de Lews Therin que tinham se fixado em sua mente. Era a voz de Sammael. Lews Therin rosnou, uma raiva sem palavras. — Você já tem bastante para digerir, para que pegar ainda mais? — prosseguiu Sammael, através do illianense. — E são bocados bem difíceis de mastigar, mesmo sem Semirhage ou Asmodean tentando lhe apunhalar pelas costas enquanto você está distraído. Eu proponho uma trégua, uma trégua que vai durar até o Dia do Retorno. Se você não agir contra mim, não agirei contra você. Eu me comprometo a não estender meus domínios a leste para além das Planícies de Maredo ou ao norte para além de Lugard e Jehannah, a noroeste. E que fique claro que estou deixando a maior parte do terreno para você. Não posso falar em nome dos outros Escolhidos, mas você pode ter certeza de que não tem o que temer de mim ou das terras sob meu domínio. Eu também me comprometo a não ajudar os outros em nada do que armem contra você, muito menos a se defenderem. Você tem feito um bom trabalho, retirando os Escolhidos do jogo. Não tenho dúvidas de que continuará muito bem, melhor até do que antes, agora que sabe que seu flanco sul está a salvo e que os outros lutam sem minha ajuda. Suspeito de que, no Dia do Retorno, restaremos apenas nós dois, como deve ser. Como está destinado a ser.

O illianense cerrou os dentes com um estalido, ainda se escondendo por trás daquele sorriso congelado. O brilho em seus olhos beirava a loucura.

Rand encarou o sujeito. Uma trégua com Sammael? Mesmo que pudesse confiar que o Abandonado fosse honrar a proposta, mesmo que isso significasse um perigo a menos até que desse conta dos outros... também significava que Sammael teria milhares de pessoas à sua mercê, e o Abandonado jamais se mostrara misericordioso. Rand sentiu a ira deslizando pela superfície do Vazio e só então percebeu que agarrara *saidin*. Aquela torrente abrasadora de doçura fétida e congelante parecia ecoar sua raiva. Lews Therin. Não era de se surpreender que aquela personalidade insana perdesse a cabeça. O eco da ira de Lews Therin ressoou na fúria de Rand, até que não dava mais para distinguir uma da outra.

— Leve esta mensagem de volta a Sammael — começou, a voz fria. — Vou cobrar o preço de cada morte que ele causou desde que despertou, é uma dívida. Vou cobrar o preço de cada assassinato que ele cometeu ou provocou, é uma dívida. Sammael escapou da justiça em Rorn M'doi, em Nol Caimaine e em Sohadra. — Eram lembranças de Lews Therin, mas a dor do que acontecera e a agonia que os olhos de Lews Therin tinham testemunhado queimavam no Vazio, como se fossem do próprio Rand. — Agora verei a justiça ser feita. Diga a Sammael que não há

trégua com os Abandonados. Não há trégua com a Sombra.

O mensageiro ergueu a mão trêmula, secando o suor do rosto — não, não era suor: a mão ficou vermelha. Gotículas escarlate escapavam dos poros, e o homem tremia dos pés à cabeça. Hamad deu um passo atrás, surpreso, e não foi o único. Bashere cofiou o bigode, desconfortável, apertando-o bem entre os dedos, fazendo uma careta de dor em solidariedade. Até os Aiel encararam o sujeito. O illianense desabou, convulsionado, uma massa coberta de vermelho, o sangue formando uma poça escura e viscosa que se espalhava conforme o homem se debatia.

Recolhido à profundidade do Vazio, Rand apenas assistiu ao homem morrer, sem sentir nada. O Vazio isolava as emoções, e, além disso, não havia o que ele pudesse fazer. Mesmo que soubesse algo de Cura, não teria conseguido impedir aquilo.

— Eu acho — começou Bashere, hesitante — que Sammael saberá a resposta ao ver que o sujeito não vai retornar. Sei que há quem mate mensageiros que trazem más notícias, mas nunca ouvi falar de alguém que matasse os mensageiros *para transmitir* a má notícia.

Rand assentiu. Assim como quando descobriu a verdade sobre Tigraine, aquela morte não mudava nada.

— Mande organizarem o enterro. Uma prece não fará mal ao homem, mesmo que não vá adiantar de nada.

Por que as rainhas, nos vitrais coloridos, ainda o encaravam acusadoramente? Elas com certeza já tinham visto coisa pior, talvez até ali, naquela sala do trono. E ainda conseguia apontar na direção exata de Alanna, ainda podia senti-la — o Vazio não o protegia. Será que podia confiar em Egwene? Ela sabia guardar segredo.

— Talvez eu passe a noite em Cairhien.

— Um fim estranho para um homem estranho — comentou Aviendha, contornando o trono. Pequenas portas ocultas ali atrás levavam às salas de vestir, que davam para outros corredores.

Rand fez menção de se colocar entre ela e o corpo sobre os azulejos vermelhos e brancos, mas parou. Depois de uma olhada curiosa, Aviendha apenas ignorou o homem morto no chão. A ruiva tinha sido Donzela da Lança, decerto testemunhara tantas mortes quanto Rand. E, quando Aviendha enfim abriu mão da lança, já devia ter matado tantos homens quanto Rand vira morrer.

Era nele que a jovem estava concentrada, olhando-o de cima a baixo para garantir que não estava ferido. Algumas Donzelas sorriram e abriram caminho, empurrando alguns Escudos Vermelhos para o lado, mas Aviendha ficou parada, ajeitando o xale, só olhando. Rand teve vontade de abraçá-la ali mesmo e ficou feliz por poder se conter. Sabia que, apesar do que as Donzelas achavam, Aviendha só estava ali porque as Sábias a tinham mandado espioná-lo. Era bom saber que ela não o queria. O bracelete de marfim que Aviendha usava no braço, todo de rosas entalhadas entre espinhos, bem como ela, fora presente de Rand. Era a única joia que ela usava além de um colar de prata, uma corrente kandoriana intrincada, forjada em um padrão que

chamavam de flocos de neve. Rand não sabia de quem fora aquele presente.

Luz!, pensou, enojado com o próprio comportamento. Queria Aviendha e Elayne, mesmo sabendo que não podia ter nenhuma das duas. *Você é pior do que Mat sequer cogitou ser algum dia.* Até mesmo Mat teria o bom senso de ficar longe das mulheres a quem poderia fazer mal.

— Também tenho que ir para Cairhien — declarou Aviendha.

Rand fez careta. Uma das vantagens de passar a noite em Cairhien seria dormir sem ela no quarto.

— Não tem nada a ver com... — começou a jovem, irritada, mas se conteve, mordendo o lábio inferior carnudo, um brilho estranho nos olhos verde-azulados. — Preciso falar com as Sábias, com Amys.

— Claro — concordou Rand. — Não vejo por que a impedir.

Além disso, talvez conseguisse deixá-la para trás, por lá.

Bashere chamou sua atenção, tocando seu braço.

— Você ia ver meus cavaleiros marcharem hoje à tarde. — O tom era displicente, mas os olhos oblíquos do general conferiam grande peso às palavras.

Era *mesmo* importante, mas Rand queria ir para longe de Caemlyn, de Andor.

— Amanhã. Ou depois.

Precisava ir para longe dos olhares daquelas rainhas, todas se perguntando se alguém de seu sangue teria coragem de destruir sua terra, como fizera com tantas outras. Luz, Rand tinha o sangue delas nas veias! E também precisava ficar longe de Alanna, mesmo que só por uma noite. Precisava ficar longe dela.





A RODA DA VIDA

Com um breve fluxo de Ar, Rand apanhou o cetro e o cinturão ao lado do trono, então abriu o portão ali mesmo, diante da plataforma do trono — a barra de luz giratória foi se ampliando, abrindo-se para uma câmara vazia com paredes cobertas por painéis escuros. O aposento ficava a mais de seiscentas milhas de Caemlyn, no Palácio do Sol, o palácio real de Cairhien. A sala, reservada para que ele usasse justamente daquela maneira, não tinha nenhuma mobília, e tanto o chão de azulejos azul-escuros quanto os painéis de madeira da parede estavam lustrados e brilhantes. Apesar de não ter janelas, o lugar estava bastante iluminado — oito lampiões de chão dourados queimavam dia e noite, e os espelhos no aposento ampliavam o brilho das chamas a óleo. Rand fez uma pausa para afivelar a espada enquanto Sulin e Urien abriam a porta do corredor e conduziam Donzelas e Escudos Vermelhos velados adiante, à frente dele.

Rand achava a cautela dos Aiel ridícula. O largo corredor do lado de fora era a única forma de acesso ao aposento, e ele era constantemente guardado por cerca de trinta Aiel *Far Aldazar Din*, Irmãos da Águia, e quase vinte dos homens de Berelain, a Primeira de Mayene, todos com placas peitorais pintadas de vermelho e capacetes arredondados cujas abas, atrás, desciam quase até a nuca. Se havia um lugar no mundo onde Rand tinha certeza de que não precisava da escolta de Donzelas, era em Cairhien — e mais até do que em Tear.

Quando Rand saiu, viu um Irmão da Águia já no fim do corredor, indo anunciar sua chegada. Um mayenense ia atrás do Aiel mais alto, agarrado desajeitado à lança e à espada curta — ou melhor, um pequeno batalhão marchava atrás do *Far Aldazar Din*: serviçais nos mais variados uniformes; um Defensor da Pedra taireno metido em uma reluzente placa peitoral e um casaco preto e dourado; um soldado cairhieno com a frente da cabeça raspada e a placa peitoral bem mais surrada que a do taireno; duas jovens Aiel em saias pesadas e blusas brancas soltas, que Rand achou que

reconhecia das aprendizes de Sábias. As notícias de sua chegada correriam depressa. Era sempre assim.

Pelo menos Alanna estava longe. Verin também, mas principalmente Alanna. Mesmo àquela distância, ainda tinha a vaga sensação de que a Verde estava em algum lugar a oeste. Era como sentir que havia alguém com a mão estendida parada a apenas um fio de cabelo de distância de sua nuca. Será que havia alguma forma de se livrar daquela mulher? Agarrou *saidin* outra vez, por um instante, mas não fez diferença.

Você nunca escapa das armadilhas em que se mete. O murmúrio de Lews Therin parecia confuso. *Para destruir uma força, só uma força ainda maior, mas então você acaba preso outra vez. Preso para sempre, sem poder morrer.*

Rand estremeceu. Às vezes parecia que a voz estava mesmo falando com ele. Se o que ela dizia ao menos fizesse sentido, vez ou outra, seria mais fácil tê-la dentro da mente.

— Vejo você, *Car'a'carn* — cumprimentou um dos Irmãos da Águia. O homem tinha olhos cinza na mesma altura dos de Rand e uma cicatriz branca cortava seu nariz, em forte contraste com o rosto bronzeado de sol. — Eu sou Corman, dos Mosaada Goshien. Que o dia lhe traga sombra.

Rand não teve chance de dar a resposta apropriada, pois o oficial de Mayene, um sujeito de bochechas rosadas, veio logo se enfiando entre os dois, empurrando o Aiel com um tranco dos ombros. Bem, não exatamente se enfiando: o sujeito era esguio demais para conseguir dar um tranco em alguém uma cabeça mais alto e com quase o dobro de largura no corpo, ainda mais se tratando de um Aiel — mas o mayenense talvez fosse jovem o suficiente para achar que podia. Ainda assim, ele se meteu na frente de Rand, ao lado de Corman, o capacete carmesim com uma única pluma vermelha enfiado debaixo do braço, duas asas trabalhadas nas laterais da redoma de metal.

— Milorde Dragão, sou Havien Nurelle, Lorde Tenente dos Guardas Alados, a serviço de Berelain sur Paendrag Paeron, Primeira de Mayene, e também a serviço do senhor.

Corman olhou de esguelha para o homem, contendo um sorrisinho.

— Vejo você, Havien Nurelle — respondeu Rand, solene, e o garoto piscou, surpreso. *Garoto?* Pensando bem, o tenente talvez não fosse muito mais novo que Rand, o que era um choque. — Se você e Corman puderem...

Ele de repente reparou que Aviendha tinha ido embora. Quase se matara tentando evitar aquela mulher, e, na primeira vez em que concordava em tê-la por perto, ela escapava de fininho assim que ele dava as costas!

— Levem-me a Berelain e Rhuarc — ordenou, com rispidez. — Se os dois não estiverem juntos, levem-me ao que estiver mais perto e vão atrás do outro.

Aviendha só podia ter corrido para as Sábias para relatar o que ele estava fazendo. Ah, mas dessa vez ele ia deixá-la para trás quando voltasse a Caemlyn.

Você quer o que não pode ter. E o que não pode ter é o que quer. Ao dizer isso, Lews Therin soltou uma risada maníaca. Sua presença já não incomodava Rand como antes. Não tanto. O fardo inevitável sempre pode ser carregado.

Corman e Havien deixaram seus homens para trás, conversando sobre quem estaria mais próximo, porém Rand ainda assim foi seguido por uma grande comitiva. As Donzelas e os Escudos Vermelhos o acompanhavam de perto, lotando o corredor com teto quadrado e abobadado. O ambiente parecia escuro, apesar dos lampiões de chão espalhados. Quase não havia cor, exceto em uma ou outra tapeçaria, e os cairhienos tentavam compensar a invasão de cores com muita rigidez nos bordados, fossem de flores, pássaros, cervos, leopardos caçando ou uma batalha de nobres. Os uniformes indicadores dos serviços cairhienos, que saíam depressa do caminho, consistiam em listras coloridas nos punhos das mangas e a insígnia da casa a que serviam bordada no peitoral, no máximo uma gola ou as mangas nas cores da Casa e, muito raramente, um vestido ou casaco inteiro de um tom mais vívido. Claro que apenas os serviços superiores usavam mais cores. Os cairhienos gostavam de ordem e desprezavam exageros. Poucas prateleiras espalhadas abrigavam ornamentos, uma vasilha dourada ou um vaso do Povo do Mar, mas tudo muito austero e trabalhado em linhas retas, sempre tentando disfarçar as curvas, caso houvesse alguma. Quando o corredor se abria para uma colonata de colunas retas, dava para ver, nos poucos jardins do andar de baixo, caminhos de sebe em ângulos precisos, cada canteiro do mesmo tamanho, cada arbusto e pequena árvore podados à perfeição e com o mesmo espaçamento. Se a seca e o calor tivessem permitido flores, Rand tinha certeza de que cada botão teria nascido em fileiras perfeitas.

Rand desejou que Dyelin pudesse ver aquelas vasilhas e vasos espalhados por ali. Os Shaido tinham levado tudo o que eram capazes de carregar no caminho do Deserto até Cairhien, então queimaram o que sobrara — um comportamento que violava o *ji'e'toh*. Os Aiel que seguiam Rand, os que tinham salvado a cidade, também pegaram algumas coisas, pois, pelas regras do povo do Deserto, a conquista de um lugar em batalha lhes dava a permissão de levarem um quinto de todas as riquezas e recursos — e nem uma colher a mais. Bael até concordara, relutante, em abster-se do quinto em Andor, mas Rand achou que ninguém poderia pensar que qualquer coisa tivesse sido tirada dali, não sem uma listagem.

Apesar de toda a discussão, Corman e Havien não conseguiram encontrar nem Rhuarc nem Berelain antes de os dois decidirem aparecer.

Os dois se aproximaram sozinhos por entre as colonatas, sem qualquer comitiva — o que só fez Rand se sentir como se estivesse liderando uma espécie de desfile alegórico. Rhuarc, em seu *cadin'sor*, com o cabelo ruivo escuro pontilhado de mechas grisalhas, avultava-se sobre Berelain, uma bela jovem de pele clara metida em um vestido azul e branco. O decote era tão baixo que Rand pigarreou e desviou os olhos quando ela se abaixou para uma medida. Rhuarc, de *shoufa* enrolada no pescoço, não portava nenhuma arma além de uma pesada faca Aiel, enquanto

Berelain usava o Diadema da Primeira de Mayene, um gavião dourado em pleno voo preso aos cabelos negros e brilhantes, que caíam em ondas por sobre os ombros nus.

Talvez fosse melhor mesmo que Aviendha tivesse ido embora — ela às vezes se comportava de forma muito violenta com mulheres que pensava estarem se jogando para cima de Rand.

Ele então reparou que Lews Therin cantarolava uma melodia dissonante — algo nela parecia perturbador, mas... o quê? Era uma espécie de zumbido, feito um homem admirando uma bela mulher que nem sequer o notara.

Pare com isso!, gritou Rand, para dentro da própria cabeça. *Pare de olhar pelos meus olhos! Não havia como dizer se Lews tinha ouvido* — será que havia alguém lá dentro para ouvir? —, mas o zumbido cessou.

Havien baixou-se em um dos joelhos, mas Berelain, quase distraída, gesticulou para que ele se levantasse.

— Creio que tudo esteja bem com milorde Dragão e com Andor. — A Primeira tinha o tipo de voz que fazia um homem parar para escutar. — E também com seus amigos, Mat Cauthon e Perrin Aybara.

— Está tudo bem — respondeu Rand. Berelain sempre perguntava por Mat e Perrin, não importava quantas vezes ele dissesse que um estava a caminho de Tear e que não via o outro desde antes da ida ao Deserto. — E com vocês?

Berelain olhou de esguelha para Rhuarc enquanto os dois se posicionavam um de cada lado de Rand, avançando para o corredor seguinte.

— Tão bem quanto se pode esperar, milorde Dragão.

— Tudo está bem, Rand al'Thor — respondeu Rhuarc, sem muita expressão. O que, afinal, era bem comum.

Rand sabia que ambos compreendiam por que ele deixara Berelain no comando de Cairhien. Pura lógica. Ela fora a primeira governante a lhe oferecer uma aliança sem pedir nada em troca, e Rand sabia que podia confiar nela, já que Berelain precisava dele, ainda mais do que quando fizeram a aliança, para manter Tear longe de Mayene. Além de os Grão-lordes tairenos sempre tentarem tratar Mayene como uma província, a jovem era estrangeira, vinda de uma pequena nação a centenas de léguas ao sul, e não tinha por que favorecer uma Casa ou facção cairhiena em detrimento de outra, nem qualquer esperança de se manter por muito tempo no poder. Além disso, ela sabia governar. A mais pura lógica. Além disso, considerando como os Aiel se sentiam em relação aos cairhienos — o que era recíproco —, colocar Rhuarc no comando teria gerado um derramamento de sangue. Cairhien já vira sangue suficiente.

O arranjo parecia estar funcionando bem. Tal qual Semaradrid e Weiramon, em Tear, os cairhienos aceitavam uma cidadã de Mayene como sua governante tanto porque ela não era Aiel, quanto porque o próprio Rand a havia escolhido. Berelain sabia o que estava fazendo, e pelo menos escutava os conselhos de Rhuarc, que falava em nome dos chefes dos clãs que ainda permaneciam ali. E, apesar de ainda

não ter reclamado, a Primeira também lidava com as Sábias, que só desistiriam de se intrometer — ainda que não considerassem o que faziam como intromissão — um dia depois das Aes Sedai.

— E Egwene? — perguntou Rand. — Ela está melhor?

Berelain comprimiu os lábios de leve. A Primeira não gostava de Egwene — por outro lado, Egwene também não gostava dela. Não havia motivos para isso, não que Rand soubesse, mas também não havia o que fazer.

Rhuarc espalmou as mãos.

— Só sei o que Amys diz.

Amys era uma Sábia, e esposa de Rhuarc — uma das esposas. Eram duas, um dos costumes Aiel mais estranhos dentre os muitos costumes que Rand considerava estranhos.

— Ela diz que Egwene precisa descansar, não fazer muito esforço, comer bem e tomar ar fresco. Acho que a menina tem caminhado ao frescor do dia.

Berelain encarou o Aiel com um olhar irônico. O leve brilho da transpiração em seu rosto não diminuía sua beleza, mas Rhuarc, naturalmente, não suava nem um pouco.

— Eu gostaria de ver Egwene. Se as Sábias permitirem. — As Sábias eram tão enfáticas em reforçar suas regras internas quanto qualquer Aes Sedai, sempre fazendo questão de deixá-las bem delimitadas para os chefes de ramo, os chefes de clã e, sobretudo, para o *Car'a'carn*. — Mas, primeiro, temos que...

Ouviu um ruído baixo quando começaram a se aproximar daquela área, onde uma parede do corredor tinha sido substituída por uma balaustrada de colunas: era o clangor de espadas de treinamento. Rand deu uma olhada quando passou — ou pelo menos essa fora sua intenção inicial. Mas não pôde deixar de parar, surpreso, ao perceber que um cairhieno muito rígido, metido em um casaco cinza liso, supervisionava o treinamento de cerca de uma dezena de mulheres empapadas de suor, algumas usando vestidos de montaria com as saias divididas, outras vestidas em casacos e calças masculinos. A maioria ainda não conseguia manter muito bem as posturas e formas, apesar de serem bem vigorosas no combate, mas algumas fluíam suavemente de postura em postura, mesmo manejando as lâminas com certa hesitação. Todas pareciam muito obstinadas, mas os rostos sérios se dissolviam em risadas e lamentações quando elas percebiam que tinham cometido algum erro.

O cairhieno sisudo bateu palmas, e as mulheres pararam, ofegantes, apoiando-se nas espadas de treinamento, algumas alongando os braços, claramente não acostumadas ao esforço. Para além de seu campo de visão, Rand notou os serviçais indo e vindo, curvando-se em medidas e reverências enquanto apresentavam suas bandejas com cântaros e taças. Podiam ser serviçais, mas usavam um uniforme estranho para os padrões Cairhien — a roupa era toda branca, não importava se fossem vestidos ou casacos com calças.

— O que é isso? — perguntou, para os dois que o acompanhavam.

Rhuarc soltou um muxoxo desgostoso.

— Algumas cairhienas ficaram muito impressionadas com as Donzelas — explicou Berelain, com um sorriso. — Querem ser uma delas. Só que imagino que queiram manejar a espada, e não a lança. — Sulin se empertigou, ultrajada, e as Donzelas começaram a conversar naquela linguagem de sinais, com gestos que pareciam indignados. — São filhas de Casas nobres, e as deixei ficarem aqui porque os pais não permitiriam esse treinamento. A cidade já tem quase uma dúzia de escolas que instruem as mulheres no manejo da espada, mas muitas precisam ir escondidas para as aulas. E não são só as mulheres que estão tentando aprender. Todos os jovens cairhienos parecem bastante impressionados com os Aiel, estão até adotando o *ji'e'toh*.

— Estão é acabando com o *ji'e'toh* — resmungou Rhuarc. — Muitos vêm nos perguntar sobre nossos costumes, e quem não instruiria alguém disposto a aprender o que é o correto? Mesmo se for um Assassino da Árvore — Ele estava quase cusbindo. — Mas esses jovens distorcem os ensinamentos.

— Ah, eu não diria que distorcem — protestou Berelain. — Acho que só adaptam para os nossos costumes.

Rhuarc ergueu a sobancelha de modo sutil, e a Primeira de Mayene suspirou em resposta. Havien parecia a personalização do ultraje, vendo sua governante ser contestada. Nem Rhuarc nem Berelain repararam, ambos tão concentrados em Rand — ao que parecia, aquele era um debate que os dois tinham com frequência.

— Distorcem, sim — retrucou Rhuarc, insistente. — Esses idiotas vestidos de branco até alegam ser *gai'shain*. *Gai'shain!* — Os outros Aiel resmungaram, e as Donzelas voltaram a se comunicar na linguagem de sinais. Havien começou a parecer um pouco desconfortável. — Em que batalha ou invasão eles foram derrotados? Em que *toh* incorreram? Você confirmou minha ordem de proibição às brigas pela cidade, Berelain Paeron, mas esses jovens disputam duelos em qualquer canto onde acham que não serão vistos, e o perdedor adota o branco. Se um consegue golpear o outro mesmo enquanto os dois estão armados, o ferido pede por um duelo; quando o duelo é negado, o tolo veste o branco. O que isso tem a ver com honra ou obrigação? Esses jovens distorcem tudo, se comportam de um jeito que faria até um sharamano corar. Isso precisa acabar, Rand al'Thor.

O rosto de Berelain assumiu uma expressão teimosa, e ela agarrou as saias com os punhos cerrados.

— É normal os jovens lutarem, isso sempre acontece — retrucou ela, com um tom tão condescendente que dava para esquecer que ela também era jovem. — Mas, desde que isso começou, mais nenhum morreu em duelo. *Nenhum*. Só isso já basta para deixá-los seguirem com essas ideias. Além do mais, já confrontei pais e mães e alguns poderosos que exigiam que suas filhas fossem mandadas de volta para casa. Não vou negar a essas jovens o que já lhes prometi.

— Pode ficar com elas. Deixe que aprendam a arte da *espada*, se é o que elas

querem. Mas precisam parar de dizer que estão seguindo o *ji'e'toh*. Precisam parar com essa história de usarem roupas brancas e alegarem ser *gai'shain*. O que elas fazem é uma ofensa — respondeu Rhuarc, os frios olhos azuis fixos em Berelain. Mas os olhos grandes e escuros da Primeira de Mayene permaneceram cravados em Rand.

Rand hesitou apenas por um instante. Podia entender por que os cairhienos mais jovens estavam impressionados com o *ji'e'toh* — depois de serem derrotados duas vezes pelos Aiel em menos de trinta anos, eles decerto deveriam se perguntar se aquele seria o segredo da vitória, ou talvez achassem que as derrotas simplesmente fossem prova de que o estilo de vida Aiel era melhor. Era evidente que os Aiel estavam incomodados com aquele comportamento que viam como um escárnio de suas crenças, mas a verdade era que algumas das situações que levavam os Aiel a se tornarem *gai'shain* também eram bastante peculiares. Por exemplo, reclamar com um homem sobre seu sogro ou com uma mulher sobre sua sogra — que, na nomenclatura Aiel, eram chamados de segundo-pai ou segunda-mãe — era considerado ofensa o bastante para justificar desembainhar armas, a não ser que a nora ou o genro é que tivesse começado a reclamar do parente em questão. Se, em vez de iniciar um duelo, a parte ofendida tocasse a outra, seria como se ela tivesse tocado um inimigo armado sem o ferir — o que tocava ganhava muito *ji* e incorria em muito *toh* para seu oponente, que, por sua vez, podia exigir tornar-se *gai'shain* para atenuar o ganho de honra de quem o tocara e diminuir a própria obrigação. De acordo com o *ji'e'toh*, era obrigatório honrar qualquer exigência de se tornar *gai'shain*, então a pessoa poderia acabar trabalhando em servidão durante um ano e um dia apenas por ter falado da sogra de alguém. O que parecia tão tolo quanto o que os cairhienos estavam fazendo. No fim das contas, seria muito fácil de resolver: deixara Berelain no comando, então tinha que apoiá-la. Simples assim.

— Rhuarc, os cairhienos já ofendem os Aiel simplesmente por serem cairhienos. Deixe estar. Quem sabe eles não acabem aprendendo o suficiente para que vocês parem de odiá-los.

Rhuarc resmungou, amargo, e Berelain sorriu. Por um momento, a jovem pareceu prestes a dar a língua para o Aiel. Claro que fora apenas sua imaginação — Berelain era apenas alguns anos mais velha do que ele, mas já governava Mayene quando ele ainda pastoreava ovelhas em Dois Rios.

Rand mandou Corman e Havien de volta à guarda e continuou seu caminho com Rhuarc e Berelain de cada lado e o restante da comitiva logo atrás. Era praticamente um desfile, só faltavam os tambores e trompetes.

Mais atrás, o clangor das espadas de treinamento recomeçou. Era mais uma mudança, por menor que fosse. Nem mesmo Moiraine, que passara tanto tempo estudando as Profecias do Dragão, sabia se a nova Ruptura marcaria o começo de uma nova Era, mas não havia dúvidas de que Rand estava trazendo mudanças. Tantas por acidente, ao que parecia, quanto de propósito.

Quando chegaram à porta do gabinete que Berelain e Rhuarc dividiam — uma sala com paredes cobertas de painéis de madeira com entalhes de sóis nascentes, o que indicava que era usada pela realeza —, Rand parou e virou-se para Sulin e Urien. Se não conseguisse dispensá-los ali, com todos aqueles guardas, não ficaria livre em nenhum outro lugar.

— Pretendo retornar a Caemlyn amanhã, uma ou duas horas depois do nascer do sol. Até lá, visitem as tendas, vejam seus amigos e tentem não começar nenhuma rixa de sangue. Se fizerem muita questão, destaquem um de cada grupo para ficar comigo e me proteger dos ratos, mas duvido que haja qualquer coisa maior que isso disposta a me atacar, aqui.

Urien abriu um leve sorriso e assentiu, apesar de ter apontado para um cairhieno próximo, murmurando:

— Tem uns ratos grandes por aqui.

A princípio, Rand achou que Sulin fosse discutir, mas a mulher só sustentou aquele olhar inexpressivo por alguns momentos, antes de assentir — apesar da boca contraída. Ele com certeza ouviria bastante assim que se visse a sós com as Donzelas.

Era sua segunda vez no gabinete, mas Rand ainda ficava admirado com os contrastes do grande aposento. No teto alto de gesso trabalhado, linhas retas e ângulos marcantes formavam padronagens elaboradas, que desciam pelas paredes e marcavam o entorno de uma enorme lareira revestida de mármore azul-escuro. Uma mesa imponente coberta de papéis e mapas estava posicionada no centro do recinto, servindo como uma espécie de fronteira. As duas janelas altas e estreitas de um dos lados da lareira abrigavam vasos de barro em tamboretas baixos, com plantinhas cheias de botões diminutos vermelhos e brancos. Diante delas, do lado de lá da mesa, uma comprida tapeçaria exibia navios no mar, com homens puxando redes cheias de enchovas-pretas — a fonte da riqueza de Mayene. Um bordado ainda no aro, a agulha presa a um fio de linha vermelha pendendo do trabalho inacabado, jazia em uma poltrona alta e larga o bastante para Berelain se deitar, caso desejasse. No chão havia um único tapete, com desenho floral em vermelho e azul, e uma mesinha ao lado da cadeira sustentava uma bandeja de prata com uma jarra e cálices. Logo ao lado da bandeja, uma tirinha de couro trabalhada em ouro marcava um livro fino de encadernação vermelha, indicando o ponto onde Berelain parara de ler.

O chão do outro lado da mesa era coberto por camadas de tapetes menores de cores vivas e almofadas adornadas com borlas vermelhas, azuis e verdes. Uma bolsa de tabaco, um cachimbo de cano curto e um par de pinças jaziam ao lado de uma tigela de latão fechada, tudo sobre um pequeno baú com tiras de metal. Um baú maior, envolto por uma alça de ferro, apoiava uma escultura de marfim de algum animal desajeitado que Rand duvidava de que existisse. Cerca de vinte livros de todos os tamanhos possíveis, de edições de bolso a tomos tão grandes que até mesmo Rhuarc precisaria de ambas as mãos para sustentá-los, estavam alinhados no

chão, ocupando toda a extensão da parede. Os Aiel fabricavam tudo de que precisavam no Deserto, exceto livros. Muitos mascates tinham feito fortunas negociando apenas livros com os Aiel.

— Pois bem — disse Rand, depois de ver a porta fechada, já a sós com Rhuarc e Berelain —, e como é que estão as coisas, de verdade?

— Estão como eu já disse — respondeu Berelain —, tão bem quanto se pode esperar. Cresceu o falatório sobre Caraline Damodred e Toram Riatin, mas o povo anda cansado demais para querer outra guerra tão cedo.

— Há boatos de que dez mil andorianos se juntaram a eles. — Rhuarc começou a encher o cachimbo, prensando o tabaco com o polegar. — Qualquer boato sempre multiplica as coisas por dez, quando não por vinte, mas mesmo assim é preocupante, se for verdade. Nossos vigias relataram que os números não são tão grandes, mas, se os deixarmos crescer, podem se tornar mais que um aborrecimento. A mosca-amarela é quase imperceptível, mas, se ela põe um ovo na sua pele, você acaba perdendo um braço ou uma perna antes mesmo de o ovo acabar de chocar... e isso se não morrer.

Rand soltou um grunhido. A rebelião de Darlin em Tear não era a única. A Casa Riatin e a Casa Damodred, as duas últimas a ocuparem o Trono do Sol, já estavam em uma rivalidade feroz antes de ele chegar, e era bem provável que voltassem à inimizade de antes assim que ele fosse embora. Ambas tinham deixado a rivalidade de lado, ao menos nas aparências — os cairhienos podiam ser completamente diferentes sob a superfície. Agora, seguindo o exemplo de Darlin, Toram e Caraline queriam reunir suas tropas em algum lugar que julgassem seguro — para tanto, tinham escolhido o interior mais distante possível da cidade: o sopé das montanhas da Espinha do Mundo. Juntas, as duas casas tinham reunido a mesma mistura que compunha as forças de Darlin, nobres quase sempre medianos, camponeses desalojados, alguns mercenários ultrajados com a situação e uns poucos milicianos. E aquilo talvez tivesse dedo de Niall, como no caso de Darlin.

Os sopés das montanhas não eram nem de longe tão impenetráveis quanto Haddon Mirk, mas Rand estava decidido a conter seus esforços: tinha vários inimigos, em muitos locais. Se parasse para matar a mosca-amarela de Rhuarc, um leopardo furtivo poderia lhe dar um bote. Queria acabar primeiro com os leopardos — se conseguisse descobrir onde estavam todos.

— E os Shaido? — perguntou, apoiando o Cetro do Dragão sobre a mesa, em cima de um mapa meio desenrolado do norte de Cairhien, com as montanhas que chamavam de Adaga do Fratricida. Os Shaido não eram um leopardo tão perigoso quanto Sammael, mas ainda eram um pouco maiores que o Grão-lorde Darlin ou que Lady Caraline. Berelain lhe entregou um cálice de vinho, que ele aceitou e agradeceu. — As Sábias já disseram alguma coisa sobre Sevanna e suas pretensões?

Achava que pelo menos uma ou duas poderiam investigar um pouco quando iam resolver suas questões de Sábias na Adaga do Fratricida — as Sábias dos Shaido

com certeza faziam isso quando desciam para esses lados do Rio Gaelin. Mas não disse nada, claro. Os Shaido podiam ter abandonado o *ji'e'toh*, mas Rhuarc era muito tradicional em suas opiniões sobre espionagem. Claro que as Sábias tinham suas próprias opiniões, embora fosse impossível saber que opiniões eram essas, exatamente.

— Disseram que os Shaido estão construindo fortalezas. — Rhuarc fez uma pausa, pinçando um carvão em brasa do forninho de latão cheio de areia e o levando até o cachimbo. Depois de acender o fumo, prosseguiu: — Elas não acham que os Shaido tenham qualquer pretensão de voltar à Terra da Trindade. Eu concordo.

Rand passou a mão livre pelo cabelo. Caraline e Toram infestando o interior, e os Shaido se assentando deste lado da Muralha do Dragão — uma mistura bem mais perigosa do que os problemas com Darlin. E a mão invisível de Alanna parecia sempre prestes a tocar sua nuca.

— Tem mais notícias boas?

— Temos conflitos em Shamara — respondeu Rhuarc, o cachimbo na boca.

— Onde?

— Shamara... Ou Shara. Esse povo dá vários nomes para a própria terra: Co'dansin, Tomaka, Kigali, vários outros. E qualquer um pode ser verdadeiro. Ou nenhum. É um povo que mente sem nem pensar. Se não tomar o cuidado de abrir cada rolo de seda que comprar, você corre o risco de descobrir que só a parte de fora é seda. E, quando encontrar o vendedor de novo, ele vai dizer que não o conhece ou que é a primeira vez que faz negócios na área. Se você insistir muito, os outros acabam matando o vendedor só para lhe tranquilizar, depois dizem que o sujeito era o único que podia tomar alguma providência em relação à seda e ainda tentam vender água como se fosse vinho.

— E por que os conflitos em Shara são boa notícia? — murmurou Rand.

Ele não estava realmente interessado na resposta, mas Berelain escutava com atenção. Só os Aiel e o Povo do Mar conheciam mais sobre as terras além do Deserto do que o marfim e a seda provenientes da região — as outras informações vinham das histórias em *As Jornadas de Jain, o Viajante*, fantasiosas demais para serem verdade. Mas, pensando bem, Rand se lembrava de alguma menção às mentiras do povo e aos vários nomes que davam àquela terra, mas, até onde lembrava, nenhum dos exemplos do livro coincidia com os de Rhuarc.

— Porque nunca há conflitos em Shara, Rand al'Thor. Dizem que as Guerras dos Trollocs chegaram até lá, mas, se houve alguma batalha desde então, não chegaram notícias aos pátios de troca. — Os Trollocs também tinham adentrado o Deserto Aiel durante aquela guerra. Desde então, as criaturas chamavam aquela região de Solo da Morte. Rhuarc continuou: — Na verdade, aqui fora não chegam notícias de nada daquelas terras. O povo diz que sempre foi uma só terra, e não muitas, como aqui, e que sempre houve paz. Quando você saiu de Rhuidean como *Car'a'carn*, a notícia se espalhou. E também havia menções do seu título entre os aguacentos daqui,

“Dragão Renascido”. A notícia se espalhou dos pátios de troca, atravessando todo o Grande Fosso e os Penhascos da Aurora. — Os olhos de Rhurc se mantiveram firmes e calmos; aquilo não o perturbava. — E as notícias agora voltam pela Terra da Trindade. Há conflitos em Shara, e os sharamanos nos pátios de troca perguntam quando é que o Dragão Renascido vai Romper o Mundo.

De repente, o vinho ficou amargo. Mais um lugar que, a exemplo de Tarabon e Arad Doman, mergulhara no caos só com o rumor de sua existência. Até onde ia sua influência? Será que, por causa dele, guerras das quais jamais saberia estavam se desenrolando em terras das quais ele jamais ouviria falar?

A morte se apoia em meus ombros, murmurou Lews Therin. *A morte caminha em minhas pegadas. Eu sou a morte.*

Rand estremeceu e pousou o cálice na mesa. Que preço aquelas Profecias cobravam, em todos aqueles versos grandiloquentes e insinuações tortuosas? Será que deveria acrescentar Shara — ou qualquer que fosse o verdadeiro nome daquela terra — à lista, junto com Cairhien e as outras? Será que devia contabilizar o mundo inteiro? Mas como, se nem ao menos conseguia ocupar Tear inteira, ou mesmo Cairhien? Aquilo levaria mais tempo do que uma vida inteira. E Andor... Ainda que estivesse destinado a destruir todas as nações, romper o mundo inteiro, preservaria Andor. Por Elayne. Daria um jeito.

— Shara, ou seja lá qual for o nome desse lugar, fica muito longe daqui. Daremos um passo de cada vez. E Sammael é nosso primeiro passo.

— Sammael — concordou Rhurc.

Berelain estremeceu e esvaziou o cálice.

Passaram um tempo conversando sobre os Aiel a caminho do sul. Rand queria que o exército que estavam reunindo em Tear fosse grande o bastante para aniquilar de um só golpe o que quer que Sammael pusesse em seu caminho. Rhurc parecia satisfeito, mas Berelain protestou, alegando que precisavam de mais gente em Cairhien — isso até Rhurc mandá-la ficar quieta. A Primeira resmungou alguma coisa sobre o Aiel ser excessivamente teimoso, mas passou para o tópico seguinte, os esforços de reassentar os fazendeiros. Segundo seus cálculos, no ano seguinte não haveria mais necessidade de receberem grãos de Tear. Isso se a seca desse alguma trégua — se não desse, Tear não conseguiria suprir nem as próprias necessidades de grãos, muito menos exportar. E estavam começando a surgir os primeiros sinais da volta do comércio: mercadores chegavam de Andor, Tear e Murandy, descendo pelas Terras da Fronteira. Por falar no comércio, um navio do Povo do Mar ancorara naquela mesma manhã — Berelain achou estranho vê-los tão longe do mar, mas ainda assim eram bem-vindos.

A Primeira de Mayene ficou séria e concentrada, passando a falar mais depressa e dar voltas na mesa para alcançar uma ou outra pilha de papéis e enumerar o que Cairhien precisava comprar e o que podia pagar; o que tinha para vender agora e o que teria dali a seis meses ou um ano. O futuro dependia do clima, claro, mas ela não

se demorou nos comentários sobre a seca, agindo como se não fosse uma questão tão premente — ainda assim, encarou Rand com um olhar firme que dava a entender que ele era o Dragão Renascido e que, se havia como refrear aquele calor, cabia a ele descobrir. Rand já a vira lânguida e sedutora, e também já lidara com Berelain assustada, desafiadora e arrogante, mas nunca a vira daquele jeito. Parecia outra mulher. Rhuarc, sentado em uma de suas almofadas, baforando o cachimbo, parecia se divertir com a cena.

— ... essa sua escola talvez possa ajudar — comentou ela, franzindo o cenho para um longo pergaminho completamente preenchido por uma caligrafia precisa. — Quer dizer, se pararem de pensar em novas criações por tempo o bastante para executar as ideias que já conceberam. — Ela deu uma batidinha nos lábios e encarou o nada, pensativa. — Você me diz para dar todo o ouro que pedirem, mas se me deixasse segurar um pouco o dinheiro até eles de fato...

A frase foi interrompida pelo anúncio de Jalani, que meteu o rosto gorducho porta adentro — os Aiel pareciam incapazes de entender o conceito de bater à porta antes de entrar em um aposento.

— Mangin está aqui para falar com você e Rhuarc, Rand al'Thor.

— Avise que terei muito prazer em conversar com ele depois de...

Rand não conseguiu terminar, foi interrompido por Rhuarc, que disse, em voz baixa:

— Você deveria falar com ele agora, Rand al'Thor.

O chefe do clã parecia muito sério, e Berelain, que largara o pergaminho em cima da mesa, encarava o chão.

— Pois bem — aquiesceu Rand, hesitante.

Jalani voltou para o corredor, e Mangin entrou. O Aiel, um sujeito mais alto que Rand, era um dos que cruzaram a Muralha do Dragão em busca d'Aquele Que Vem Com a Aurora, e também fazia parte do pequeno grupo que tomou a Pedra de Tear.

— Seis dias atrás, eu matei um homem — anunciou ele, sem preâmbulos —, um Assassino da Árvore. E preciso saber se tenho *toh* com você, Rand al'Thor.

— Comigo? — perguntou Rand. — Você tem o direito de se defender, Mangin. Luz, você sabe muito bem diss... — Ele ficou mudo, encarando aqueles olhos cinza muito sérios, mas sem o menor sinal de medo; no máximo uma possível curiosidade. A expressão de Rhuarc nada revelava, e Berelain ainda se recusava a erguer os olhos do chão. — Ele atacou primeiro, não atacou?

Mangin balançou a cabeça bem lentamente.

— Eu vi que o homem merecia morrer, então o matei — retrucou ele, em um tom quase displicente, como se contasse que limpava ralos que pareciam precisar de uma limpeza. — Mas você tinha dito que só podemos matar os quebradores de juramentos que estivessem tentando nos matar. Eu agora tenho *toh* com você?

Rand lembrou-se do que dissera quando conquistaram a cidade... *vou mandar enforcar*. Sentiu um aperto no peito.

— Por que o homem merecia morrer?

— Ele usava o que não tinha direito de usar.

— Usava? O que é que ele estava usando, Mangin?

— Isto.

Foi Rhuarc quem respondeu, tocando o antebraço esquerdo, indicando o Dragão que envolvia seu antebraço. Não era comum os chefes de clã exibirem o desenho, e em geral nem mencionavam que o tinham — quando se tratava daquelas marcas, quase tudo era envolto em mistério, e os chefes preferiam que permanecesse assim.

— Uma versão feita com agulha e tinta, claro — completou Rhuarc.

Era uma tatuagem.

— E o homem estava fingindo ser chefe de clã? — perguntou Rand, mas sabia que estava procurando uma justificativa... *vou mandar enforcar*. Mangin tinha sido um dos primeiros a segui-lo.

— Não — respondeu o Aiel assassino. — Ele estava bebendo, exibindo a todos o que nem deveria ter no braço. Eu vejo seus olhos, Rand al'Thor. — O homem de repente escancarou um sorriso. — É uma complicação. Eu fiz o certo em matar aquele homem, mas agora tenho *toh* com você.

— Foi errado matar o sujeito. Você sabe a punição para um assassinato.

— Uma corda do pescoço, como fazem esses aguacentos — concordou Mangin, então assentiu, pensativo. — Me diga onde e quando, e eu estarei lá. Que você encontre água e sombra, Rand al'Thor.

— Que você encontre água e sombra, Mangin — respondeu Rand, triste.

Berelain comentou, depois que viram a porta se fechar outra vez:

— Bem, suponho que ele comparecerá ao próprio enforcamento de livre e espontânea vontade. Ah, Rhuarc, não me olhe com essa cara. Não estou querendo impugná-lo, nem manchar a honra Aiel.

— Seis dias! — grunhiu Rand, virando-se para ela. — Vocês dois sabiam por que ele queria falar comigo, *os dois*. Isso já faz seis dias, e vocês deixaram para eu resolver. Assassinato é assassinato, Berelain.

A Primeira de Mayene se aprumou, imponente, mas sua voz saiu na defensiva.

— Não estou acostumada a ver homens vindo confessar que cometeram um assassinato. É essa droga desse *ji'e'toh*. Esses Aiel com essa honra maldita. — Era estranho vê-la praguejando.

— Você não tem por que ficar irritado com Berelain, Rand al'Thor — observou Rhuarc. — A *toh* de Mangin é para com você, não com ela. Nem comigo.

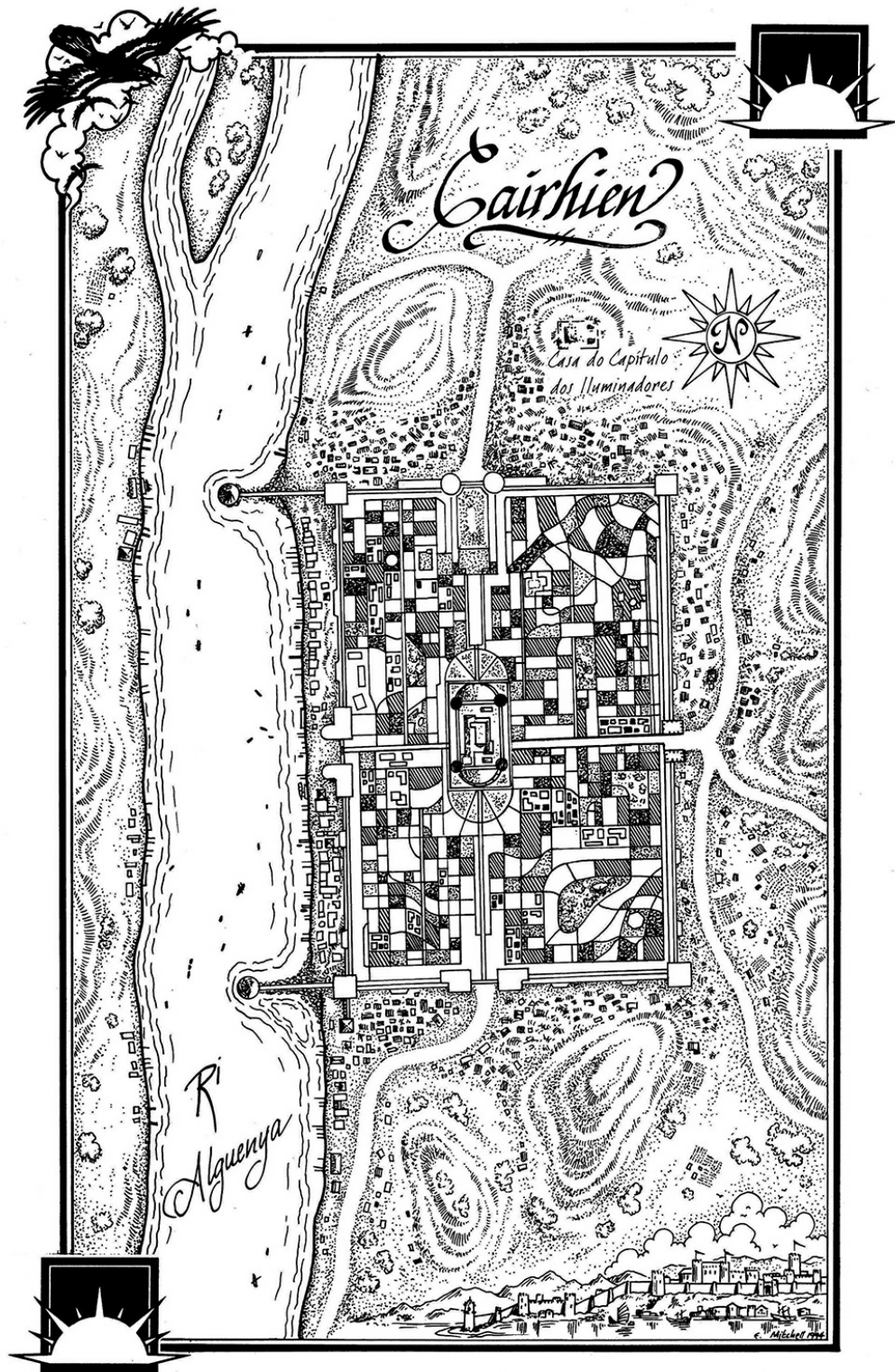
— A *toh* dele era para com o homem que morreu — retrucou Rand, com frieza. Rhuarc pareceu chocado. — Da próxima vez que alguém cometer assassinato, não esperem por mim. Façam valer a lei!

Assim, talvez não tivesse que passar por aquela situação outra vez e ter que sentenciar um homem que ele conhecia e de quem gostava. Claro que faria de novo, se fosse preciso. Sabia muito bem disso, o que só o deixava mais triste. O que havia

se tornado?

A roda da vida de um homem, murmurou Lews Therin. Sem piedade. Sem misericórdia.







UM POUCO DE SOLIDÃO

— Tem mais algum problema que vocês queiram que eu resolva? — O tom de Rand deixava claro que ele se referia a problemas que os dois já deveriam ter resolvido. Rhuarc balançou a cabeça de leve, e Berelain enrubesceu. — Ótimo. Marquem a data para o enforcamento de Mangin.

Quando a dor for demais, faça doer em outra pessoa, sussurrou Lews Therin, com uma risada rouca. Aquilo era sua responsabilidade. Era seu dever. Rand enrijeceu as costas, tentando não ser esmagado por aquela montanha, e completou:

— Marquem o enforcamento para amanhã. Digam a ele que foi decisão minha. — Rand fez uma pausa, os olhos vidrados, então percebeu que estava esperando ouvir o comentário de Lews Therin, e não o deles dois. Aguardando o conselho de um homem morto. Um homem morto e louco. — Vou até a escola.

Rhuarc comentou que as Sábias já deviam estar a caminho, e Berelain acrescentou que os nobres tairenos e cairhienos também exigiriam saber onde ela estava escondendo o Dragão Renascido, mas Rand mandou que os dois dissessem a verdade. E que avisassem para ninguém ir atrás dele, explicando que voltaria quando fosse a hora. Rhuarc e Berelain fizeram cara de quem comeu ameixa azeda, mas Rand simplesmente pegou o Cetro do Dragão e saiu.

No corredor, Jalani e um Escudo Vermelho, um sujeito louro e não muito mais velho que ela, puseram-se de pé em um movimento fluido e trocaram um olhar furtivo. Fora eles e alguns serviçais apressados em suas tarefas, o corredor estava vazio. Ao que parecia, Rand teria uma escolta com um integrante de cada grupo Aiel, mas ficou se perguntando se Urien tivera de brigar com Sulin para garantir aquela equidade.

Gesticulando para que os dois o acompanhassem, Rand foi direto para o estábulo mais próximo, com baías do mesmo mármore verde das colunas que sustentavam o

teto alto. O criado-chefe, um velho calejado e orelhudo ostentando o Sol Nascente de Cairhien bordado no colete de couro curto, ficou tão chocado em vê-lo com apenas dois Aiel de escolta que ficou um tempo olhando as portas do estábulo, esperando os outros. O velho fez tantas medidas entre uma olhadela e outra para a porta que Rand se perguntou, impaciente, se algum dia conseguiria um cavalo. Assim que o velho finalmente gritou para os cavaleiros, pedindo “um cavalo para o Lorde Dragão!”, seis homens saíram em disparada, indo preparar um capão baio alto de olhos geniosos. Meteram o animal em uma rédea de franjas douradas, com uma sela trabalhada em ouro acima do teliz azul-celeste franjado, cheio de sóis nascentes bordados com fios de ouro.

Tão rápido quanto os cavaleiros, o criado-chefe orelhudo já estava longe quando Rand subiu na sela, pouquíssimo tempo depois da ordem dada. Decerto fora atrás da comitiva que o Dragão Renascido deveria ter consigo; ou quem sabe fora espalhar a notícia de que Rand estava deixando o palácio praticamente só — Cairhien era assim. O baio que ele montava era um cavalo nobre e forçava um passo saltitante, mas Rand o forçou a trotar. Ainda estava tentando ajustar o estranho passo do animal quando saiu dos muros do palácio, assustando os guardas cairhienos ao passar. Não estava preocupado com uma possível tocaia de assassinos que porventura ouvissem os avisos do criado orelhudo — qualquer um que tentasse armar uma emboscada para ele acabaria descobrindo que estava tão mal preparado quanto um camponês sem tesoura na tosquia de ovelhas. Ainda assim, não queria se demorar — quanto mais tempo passava, maior era a chance de se ver cercado de nobres, e então seria impossível partir desacompanhado. E era bom estar sozinho, para variar.

Encarou Jalani e o jovem Aiel que corriam ao lado do baio. Achava que o homem se chamava Dedric, um Codarra do septo Fenda de Jaern. Bem, estava quase sozinho. Ainda sentia Alanna e ouvia os lamentos distantes de Lews Therin, pranteando a morte de sua Ilyena. Jamais estava realmente só. Isso talvez nunca mais acontecesse. Ainda assim, gostava daquela solidão parcial, o máximo que poderia ter, depois de tanto tempo no meio de todos.

Cairhien era uma cidade grande, e as ruas principais eram largas o bastante para fazer a multidão parecer pequena. As ruas pareciam flechas atravessando as colinas — tão perfeitamente escavadas e aterradas que mais pareciam obra dos homens — e sempre se cruzavam em ângulos muito retos. Havia imensas torres espalhadas pela cidade, todas envoltas em andaimes de madeira que quase encobriam seus suportes elaborados com arcos quadrados, todas parecendo já tocar o céu, mas planejadas para ir ainda mais alto. Já fazia vinte anos que as lendárias torres de Cairhien, tão elevadas que não tinham topo, consideradas uma das maravilhas do mundo, tinham sido incendiadas, queimando feito tochas durante a Guerra dos Aiel, e as restaurações ainda não haviam terminado.

Não foi fácil abrir caminho pela multidão, e o trote ligeiro do baio não durou

muito. Rand já havia se acostumado a ter as pessoas abrindo espaço para sua escolta de sempre, mas o efeito não era o mesmo com apenas dois acompanhantes, ainda mais quando havia centenas de Aiel em seus *cadin'sor* andando por entre os locais. Achava que alguns daqueles Aiel o reconheciam, mas optavam por ignorá-lo, sem querer o constrangimento de chamar atenção para o *Car'a'carn* enquanto ele portava uma espada e montava um cavalo — o que era menos pior, mas não digno de aplauso. Para os Aiel, vergonha e constrangimento eram sensações muito piores que a dor, embora o *ji'e'toh* complicasse tudo de maneiras que Rand quase não conseguia compreender. Aviendha sem dúvida adoraria explicar, já que parecia querer que ele se tornasse Aiel.

E também havia todo tipo de gente apinhando as ruas: cairhienos da capital, em seus costumeiros trajes amarronzados; as pessoas que tinham vivido em Portão da Frente antes do incêndio, nas típicas roupas surradas de cores vibrantes; e tairenos, quase sempre uma cabeça mais altos que os locais, mas não tão altos quanto os Aiel. Carros de boi e carroções puxados por cavalos ziguezagueavam pelo povo, abrindo caminho para carruagens envernizadas de portas fechadas e liteiras, algumas com o estandarte de uma Casa ou outra. Ambulantes anunciavam seus produtos aos berros, exibindo bandejas, e mascates puxavam carrinhos de mão. Músicos, acrobatas e malabaristas se apresentavam em cada esquina — duas grandes mudanças. Cairhien costumava ser uma cidade silenciosa e tranquila, a não ser em Portão da Frente, e algo daquela sobriedade ainda se mantinha. As lojas ainda tinham placas pequenas, sem exibirem os produtos do lado de fora, e os locais ainda olhavam, altivos e indignados, para o povo da antiga Portão da Frente, com a costumeira algazarra, rindo alto e gritando uns com os outros, discutindo bem no meio da rua.

Só os Aiel reconheceram o cavaleiro de casaco azul trabalhado em prata, embora de vez em quando alguém olhasse com mais atenção para seu teliz. O Cetro do Dragão ainda não era muito conhecido por ali, e ninguém abria passagem. Rand estava dividido entre a impaciência e o prazer de não ser o centro das atenções.

A escola ficava em um palácio a uma milha do Palácio do Sol, e o lugar já fora propriedade de um certo Lorde Barathanes, já falecido sem deixar saudades. O lugar era um gigantesco aglomerado de quadrados de pedra com torres em ângulos retos e varandas sem adornos. Os compridos portões do pátio principal estavam abertos, e Rand foi bem recebido.

Idrien Tarsin, diretora da escola, estava parada nos degraus largos do extremo oposto do pátio. Era uma mulher atarracada, metida em um vestido cinza simplório, tão empertigada que parecia uma cabeça mais alta do que era. E não estava sozinha: dezenas de pessoas se aglomeravam junto a ela nos degraus de pedra, homens e mulheres, quase todos vestindo lã, e não seda, as roupas quase sempre surradas e sem adorno. A maioria já tinha uma idade avançada, e Idrien não era a única com mais fios grisalhos do que pretos — alguns também não tinham preto nenhum na cabeça; ou não tinham cabelo —, embora aqui e ali Rand notava um rosto mais

jovem encará-lo com avidez. Por “mais jovem”, entendia-se dez ou quinze anos mais velho do que ele.

Eram os professores, de certa forma, embora aquilo não fosse bem uma escola. Era verdade que havia alunos que iam lá para aprender, e ele notou rapazes e moças boquiabertos, dependurados em todas as janelas ao redor do pátio. Mas o objetivo de Rand tinha sido reunir o conhecimento do mundo em um só lugar. Já ouvira tantas vezes sobre quanto se perdera durante a Guerra dos Cem Anos e as Guerras dos Trollocs... Quanto mais teria sido perdido com a Ruptura do Mundo? Se estava destinado a Romper o Mundo outra vez, então criaria repositórios para preservar o conhecimento. Já fundara outra escola em Tear, embora ainda estivesse apenas no começo, e ele já buscava um bom local para criar a de Caemlyn.

Nada nunca sai como você espera, resmungou Lews Therin. *Não espere nada, e não terá surpresas desagradáveis. Não espere nada. Não deseje nada. Nada.*

Rand ignorou a voz em sua cabeça e desceu do cavalo.

Idrien veio cumprimentá-lo com uma medida. Quando ela se endireitou, Rand teve o costumeiro choque de perceber que ela mal batia em seu peito.

— Bem-vindo à Escola de Cairhien, milorde Dragão. — Idrien tinha uma voz surpreendentemente doce e jovial, um forte contraste com seu rosto firme, mas Rand já a ouvira falar em tom mais áspero com alunos e professores. A mulher conduzia a escola na rédea curta.

— Quantos espiões a senhora tem no Palácio do Sol? — perguntou Rand, sem muita emoção.

Idrien pareceu assustada, Rand só não sabia se era porque ele sugerira tamanho ultraje ou se — o que era mais provável — era porque a pergunta não era de bom-tom ali em Cairhien.

— Preparamos uma pequena exposição — anunciou a diretora, à guisa de resposta. Bem, Rand não esperava resposta, afinal. Ela encarou os dois Aiel como uma mulher olharia para dois cães marrons imensos e de temperamento imprevisível, mas se contentou em fungar em desaprovação. — Milorde Dragão, queira me acompanhar.

Rand a seguiu, franzindo o cenho. Exposição de quê?

O saguão de entrada era imenso, com colunas lustrosas de um tom sobre tom cinza-escuro e chão de azulejos de um cinza mais claro, além de uma varanda de mármore com veios cinza que circundava todo o saguão, três andares acima. E o lugar estava atulhado de... geringonças. Os professores aglomerados atrás dele correram para suas invenções, e Rand ficou olhando, lembrando-se do que Berelain dissera sobre a escola ter começado a fabricar coisas... Mas o quê?

Idrien respondeu sua dúvida conduzindo-o até cada geringonça, onde homens e mulheres apresentavam suas criações. Rand até conseguiu compreender algumas coisas.

Um conjunto de telas, raspadores e jarros cheios de retalhos de linho formavam

uma máquina capaz de produzir o papel mais fino já fabricado — ou pelo menos era o que alegava seu inventor. Uma instalação gigantesca e maciça, com alavancas e imensas placas achatadas, era uma prensa de impressão muito melhor do que as que já havia em uso — mais uma vez, segundo o inventor. Dedric pareceu bem interessado na prensa, até que Jalani decidiu que o Escudo Vermelho deveria estar atento a alguém que pudesse querer atacar o *Car'a'carn* e deu um pisão em seu pé. Depois disso, o Aiel foi mancando atrás de Rand. Viram um arado sobre rodas que parecia ter o propósito de abrir seis sulcos de uma só vez — pelo menos essa invenção Rand compreendia e até achava que poderia ser útil —; uma geringonça com hastes para cavalos tinha a função de substituir os homens que golpeavam o feno com foices durante a colheita; e também um novo tipo de tear, que o criador alegava ser mais fácil de manejar. Viram maquetes de madeira pintada, algumas com dutos para transportar água a locais onde os poços estavam secando; outras com prospectos de novos escoadouros e sistemas de esgoto para Cairhien; e até um modelo com estatuetas de homens, carroças, gruas e cilindros, feita com o propósito de demonstrar como as estradas poderiam voltar a ser construídas e pavimentadas com a mesma qualidade de muitos anos antes.

Rand não sabia se aquelas invencionices funcionariam, mas algumas pareciam valer a pena tentar. O arado, por exemplo, poderia ser bem útil para Cairhien conseguir voltar a produzir o próprio alimento. Mandaria Idrien construí-lo — não, ordenaria a Berelain mandar Idrien. *Sempre siga a hierarquia em público*, dissera Moiraine. *A não ser que pretenda passar por cima de algum governante e derrubá-lo.*

Kin Tovere era um dos professores que ele conhecia, um sujeito atarracado que fabricava lentes e tinha a mania de lustrar a careca com um lencinho listrado. Além de fazer lunetas de diversos tamanhos — “dá para contar os pelos do nariz de um sujeito a uma milha daqui”, como ele dizia —, o homem apresentou uma lente do tamanho da própria cabeça com um modelo de lunetas para sustentá-la junto com outras seis lentes imensas. A coisa toda tinha cerca de seis passadas de comprimento, além de um esquema surpreendente de orientações para observar as estrelas. Bem, Kin sempre quisera ver o que havia ao longe.

Idrien pareceu exibir uma satisfação contida enquanto Rand analisava o esboço de Mestre Tovere. A mulher não era muito fã do que não fosse prático. Durante o sítio de Cairhien, ela própria fabricara uma besta enorme e cheia de roldanas e alavancas capaz de arremessar lanças a uma milha com força suficiente para perfurar um homem. Se tudo fosse como ela gostaria, não se desperdiçaria tempo com qualquer coisa que não parecesse real e sólida.

— Pode construir — disse Rand. Talvez a invenção não tivesse utilidade real, não na mesma medida do arado, mas ele gostava de Tovere. Idrien suspirou e balançou a cabeça, mas Tovere ficou radiante. — E lhe concedo um prêmio de cem coroas de ouro. Isso parece interessante.

Aquela última frase gerou muito alarido, e foi difícil dizer se quem ficou mais surpreso e boquiaberto foi Idrien ou Tovere.

Outras geringonças no salão faziam Tovere parecer tão sensato quanto o aspirante a construtor de estradas. Um sujeito de rosto redondo apresentou alguma coisa com estrume de vaca que terminava com uma chama azulada queimando na ponta de um tubo de latão, mas nem mesmo ele parecia saber a serventia. Uma jovem magricela apresentou um mostruário que era basicamente uma concha de papel amarrada por cordas, suspensa no ar pelo calor que subia de um pequeno fogo em um braseiro. A jovem murmurou algo a respeito de voar — Rand tinha certeza de que tinha sido isso — e sobre a curvatura das asas do pássaro — ela apresentou desenhos de pássaros e do que pareciam pássaros *de madeira* —, mas ficou tão sem palavras diante do Dragão Renascido que não conseguiu soltar mais nenhuma explicação compreensível. Naturalmente, Idrien não conseguiu dizer do que se tratava.

E um sujeito careca estava parado diante de um conjunto de barras, rodas, tubos e cilindros de metal, tudo sobre uma pesada mesa de madeira recém-entalhada e raspada, com alguns talhos quase fundos o bastante para perfurar o tampo da mesa. Por alguma razão misteriosa, metade de seu rosto e uma das mãos estavam envoltos em ataduras. Assim que Rand adentrara o saguão de entrada, o sujeito começara a acender uma fogueira debaixo de um dos cilindros, muito nervoso. Logo que Rand e Idrien pararam diante da invenção, ele movimentou uma alavanca e abriu um sorriso orgulhoso.

A geringonça começou a vibrar, vapor saindo sibilante de dois ou três pontos. O sibilo tornou-se um guincho, e a coisa começou a tremer, emitindo um ruído tétrico. O guincho ficou ensurdecedor. A coisa tremia tanto que a mesa começou a se mexer. O careca se jogou em cima da mesa, sem jeito, e agarrou um fio solto do cilindro maior. O vapor irrompeu em uma nuvem, e a coisa toda parou. O homem gemeu, lambendo os dedos queimados.

— Belo trabalho com latão — comentou Rand, antes que Idrien o conduzisse para longe. Então perguntou, baixinho, quando se afastaram: — O que era aquilo?

A diretora deu de ombros.

— Mervin não quer contar a ninguém. Às vezes dá para ouvir uns estrondos vindos do quarto dele. São tão altos que as portas chegam a tremer. E ele já se escaldou seis vezes, mas não para de dizer que, se fizer aquela coisa funcionar, dará início a uma nova Era. — Ela olhou para Rand, constrangida.

— Essa nova Era de Mervin será muito bem recebida — retrucou Rand, seco. Será que aquele treco deveria fazer música? E todos aqueles guinchos? — Não vi Herid. Ele se esqueceu de descer?

Idrien soltou outro suspiro. Herid Fel era um andoriano que sabe-se lá como fora parar na Biblioteca Real de Cairhien. O homem se autointitulava estudioso de história e filosofia — ou seja, um campo que não agradava à diretora.

— Milorde Dragão, Herid só sai do gabinete para ir à Biblioteca.

Rand precisou fazer um pequeno discurso para poder ir embora. Do alto de um banquinho, com o Cetro do Dragão enganchado na dobra do cotovelo, ele disse a todos que as criações eram magníficas. E algumas até poderiam ser, afinal. Só então conseguiu escapar com Jalani e Dedric. E com Lews Therin e Alanna. O grupo deixou para trás um burburinho satisfeito, e Rand se perguntou se alguém além de Idrien já cogitara fabricar alguma arma.

O gabinete de Herid Fel ficava em um dos andares superiores, em um ponto de onde não se via muito mais que os telhados de azulejo escuro e uma torre quadrada que bloqueava a paisagem. Herid alegava que não se importava, já que nunca olhava pela janela.

— Podem esperar aqui — declarou, quando chegaram à porta estreita que dava para o gabinete também estreito. Ficou surpreso em ver Jalani e Dedric concordarem prontamente.

De súbito, uma série de pequenos detalhes começaram a fazer sentido. Jalani não olhara com desaprovação para sua espada — coisa que sempre fazia questão de fazer — desde que Rand saíra da reunião com Rhuarc e Berelain. Nem ela nem Dedric sequer olharam para o cavalo no estábulo ou fizeram qualquer comentário depreciativo sobre como as pernas de Rand deveriam bastar — outra coisa que a mulher fazia com frequência.

Rand se virou para a porta e, como se para confirmar suas suspeitas, Jalani olhou Dedric de cima a baixo. Um olhar breve, mas cheio de interesse, e ainda por cima acompanhado de um sorriso. Dedric a ignorou com tanta ênfase que era como se estivesse retribuindo o olhar. Era o jeito Aiel, um sempre fingindo não entender até que o outro se fizesse claro. Jalani também teria ignorado Dedric, se ele a tivesse olhado primeiro.

— Divirtam-se — disse Rand antes de entrar, com uma olhadela por cima do ombro, apreciando as expressões sobressaltadas que seu comentário provocou.

O quarto era pequeno e estava abarrotado de livros, pergaminhos e maços de papel — tanto que não parecia haver mais nada ali. Prateleiras abarrotadas até o teto escondiam as paredes, exceto pela área da porta e de duas janelas abertas. Livros e papéis cobriam a mesa, que ocupava quase todo o espaço útil, e jaziam amontoados na cadeira sobressalente ou aqui e ali, no pouco que sobrava de chão. Herid Fel era um homem corpulento que sempre parecia ter se esquecido de pentear os cabelos finos e grisalhos pela manhã. O cachimbo que segurava entre os dentes estava apagado, e havia cinzas caídas no casaco marrom amarrotado.

O homem olhou com surpresa para Rand, então disse:

— Ah. Sim. Claro. Eu ia... — Ele franziu o cenho para o livro em suas mãos, então sentou-se à mesa e passou os dedos por algumas folhas soltas diante de si, resmungando baixinho para si mesmo. Herid virou-se para a primeira página do livro e coçou a cabeça. Então olhou de volta para Rand, olhando-o com surpresa mais uma vez. — Ah, sim. Sobre o que você queria conversar, mesmo?

Rand esvaziou a segunda cadeira, pousando livros e papéis no chão, apoiou o Cetro do Dragão sobre uma pilha de pergaminhos e se sentou. Já tentara conversar com os outros estudiosos, todos filósofos e historiadores, mulheres dotas e acadêmicos, mas era como tentar extrair informação de uma Aes Sedai. Todos tinham muita certeza das coisas sobre as quais tinham certeza, mas, quando se tratava de todo o resto, engatavam um falatório monótono que poderia significar qualquer coisa. E eles também se irritavam quando pressionados, já que pareciam achar que Rand duvidava de seu intelecto, o que consideravam um grande pecado. Quando não era isso, ou se empenhavam tanto em seus discursos que chegava ao ponto de Rand não entender metade, ou assumiam uma postura subserviente, tentando dizer exatamente o que ele queria ouvir. Herid era diferente. Sempre parecia se esquecer de que Rand *era* o Dragão Renascido, o que Rand achava ótimo.

— O que é que você sabe sobre Aes Sedai e Guardiões, Herid? Sobre o elo?

— Guardiões? Elo? Tanto quanto qualquer um que não seja Aes Sedai, suponho. O que não é muita coisa, veja bem. — Herid tragou o cachimbo, sem perceber que estava apagado. — O que o senhor queria saber?

— Esse elo pode ser quebrado?

— Quebrado? Ah, não. Creio que não. A não ser que o senhor esteja falando do momento em que o Guardião ou a Aes Sedai morre. Só assim o elo é quebrado. Acho. Eu me recordo de ter ouvido alguma coisa sobre o elo, mas não consigo lembrar exatamente...

Herid avistou uma pilha de anotações em cima da mesa, puxou-as mais para perto com as pontas dos dedos e começou a leitura, fechando a cara e balançando a cabeça. As notas tinham sido escritas em sua própria caligrafia, mas ele já não parecia mais concordar com o teor.

Rand suspirou. Quase acreditava que, se virasse a cabeça de repente, veria a mão de Alanna prestes a tocá-lo.

— E a pergunta que eu fiz da última vez? Herid? Herid?

O homem corpulento ergueu a cabeça com um solavanco.

— Ah. Sim. Ah, a pergunta. Da última vez. Tarmon Gai'don. Bem, não sei como é que vai ser. Trollocs, talvez? Senhores do Medo? Sim... Senhores do Medo. Mas andei pensando. Não tem como ser a Última Batalha. Não acredito que tenha. Talvez cada Era tenha uma Última Batalha. Ou pelo menos a maioria. — Ele franziu o cenho, os olhos voltados para o nariz e o cachimbo preso entre os dentes, e começou a revirar os papéis na mesa. — Tenho um acendedor aqui, em algum lugar.

— Como assim não tem como ser a Última Batalha? — Rand tentou manter a voz baixa. Sempre conseguia fazer Herid chegar ao ponto, o sujeito só precisava de um pouco de ajuda.

— O quê? Isso, exatamente isso. Não tem como ser a Última Batalha. Mesmo que o Dragão Renascido restaure os lacres da prisão do Tenebroso tão bem como fez o Criador. O que eu não acho que seja possível. — Ele se inclinou para a frente,

baixando a voz e assumindo um tom conspiratório. — O Dragão Renascido não é o Criador, entende? Não importa o que andem dizendo por aí. Mesmo assim, alguém tem que selar a prisão. A Roda, entende?

— Não entendo... — A voz de Rand foi morrendo.

— Entende, sim. O senhor daria um bom aluno. — Herid tirou o cachimbo da boca e bafou a fumaça em um círculo. — A Roda do Tempo. As Eras vêm e vão e vêm de novo, com o girar da Roda, e tudo aquilo que a gente já sabe... — Ele ergueu o dedo de repente, apontando para um ponto daquela roda imaginária. — Aqui a prisão do Tenebroso está inteira. Aqui, abriram um buraco nela e depois selaram de volta. — Ele moveu a ponta do cachimbo ao longo do arco que desenhara. — Nós estamos aqui. Os selos estão enfraquecendo. Mas isso não importa, é claro. — A haste do cachimbo completou o círculo. — Quando a Roda voltar para cá, para onde foi aberto o buraco pela primeira vez, a prisão do Tenebroso tem que estar selada de novo.

— Por quê? Talvez da próxima vez abram um buraco no remendo. Talvez tenha sido o que aconteceu da última vez... Quer dizer, é difícil abrir um buraco em algo que o Criador fez. Talvez tenham perfurado a Fenda por um remendo, o que seria muito mais fácil, e a gente não saiba.

Herid balançou a cabeça. Passou um instante encarando o cachimbo, voltando a notar que estava apagado. Rand achou que teria que chamá-lo outra vez para a conversa, mas Herid piscou e prosseguiu:

— Alguém teve que fazer isso, em algum momento. Quer dizer, na primeira vez. A não ser que o senhor ache que o Criador tenha feito a prisão já esburacada e remendada. — Ele ergueu as sobrancelhas, tornando a sugestão cômica. — Não... A prisão começou íntegra, e acho que voltará a ser quando a Terceira Era retornar. Hum... Será que ela era *chamada* de Terceira Era? — Ele molhou uma pena no tinteiro e rabiscou uma anotação apressada na margem de um livro aberto. — Argh, não importa mais. E não estou dizendo que é o Dragão Renascido quem vai tornar a prisão íntegra outra vez, e não necessariamente nesta Era em que estamos, mas isso terá que acontecer antes que a Terceira Era retorne. E já se passou muito tempo desde que a prisão foi restaurada pela última vez... passou no mínimo uma Era. Tanto tempo que ninguém se lembra do Tenebroso ou de sua prisão. Ninguém se lembra. Hum... Será que... — Ele espiou as próprias anotações e coçou a cabeça, então se surpreendeu ao notar que coçara a cabeça com a mão que segurava a pena, deixando um borrão de tinta nos cabelos. — Em qualquer Era que os selos se enfraqueçam, o povo acaba se lembrando do Tenebroso, já que tem que enfrentá-lo e prendê-lo outra vez.

Enfiando de volta o cachimbo entre os dentes, Herid tentou rabiscar outra anotação, mas não molhou a pena no tinteiro.

— A não ser que o Tenebroso se liberte — respondeu Rand, baixinho. — Para romper a Roda do Tempo e recriar o Tempo e o mundo à sua própria imagem.

— Tem isso. — Herid deu de ombros, olhando feio para a pena, até que enfim se lembrou do tinteiro. — Acho que não tem muito que eu ou o senhor possamos fazer a respeito. Por que não vem estudar aqui comigo? Duvido de que Tarmon Gai'don vá acontecer amanhã, e o senhor faria bom uso do seu temp...

— E você consegue pensar em alguma razão para romper os lacres?

Herid ergueu as sobrancelhas.

— Romper os lacres? Romper os lacres?! Por que alguém iria querer fazer isso? Só se fosse louco. Será que é possível romper os lacres, para começo de conversa? Acho que me lembro de ter lido em algum lugar que isso seria impossível, mas não me lembro de ter visto um motivo. O que o fez pensar em uma coisa dessas?

— Não sei.

Rand suspirou. No fundo da mente, Lews Therin entoava: *Rompa os lacres. Rompa os lacres e acabe com tudo. Me deixe morrer para sempre.*

* * *

Abanando-se distraidamente com a borda do xale, Egwene espiou os dois lados do corredor que cruzava, torcendo para não ter se perdido outra vez. Estava quase certa de que tinha e não ficaria nada satisfeita se fosse mesmo o caso. O Palácio do Sol tinha milhas de corredores, nenhum muito mais fresco do que lá fora, e ela não passara tempo suficiente ali para conhecer o caminho.

Havia Donzelas por toda parte, em grupos de duas e três — muito mais do que a comitiva que acompanhava Rand, e decerto muito mais do que o normal, quando ele não estava ali. Pareciam estar só passeando, mas havia algo de... furtivo nelas. Várias a conheciam de vista, e Egwene teria esperado algum cumprimento amigável, já que as Donzelas pareciam ter concluído que ser pupila das Sábias era muito mais importante do que ser Aes Sedai — como acreditavam que ela fosse —, tanto que Egwene já não era mais considerada Aes Sedai, e sim pupila. Ainda assim, elas pareciam tão surpresas em vê-la quanto um Aiel poderia parecer surpreso. As cabeças se balançando em cumprimento vinham um segundo depois, e elas seguiam seu caminho, apressadas, sem dizer uma palavra. Desse jeito, Egwene não tinha como pedir informações.

Em vez de perturbar as Donzelas, Egwene optou por franzir o cenho para um serviçal suado com listras azuis e douradas nos punhos das mangas, ponderando se o sujeito saberia ou não como chegar aonde ela queria ir — a dificuldade, claro, era que não sabia muito bem aonde queria ir. Pena que o sujeito estivesse tão visivelmente tenso, com tantos Aiel por perto. O criado, decerto cheio de caraminholas sobre as Donzelas na cabeça, disparou para longe assim que viu “uma Aiel” encará-lo de cenho franzido — ninguém nunca notava os olhos escuros de

Egwene, característica que não era encontrada entre o povo do Deserto.

Ela bufou, irritada. Bem, não precisava de informação, afinal. Cedo ou tarde acabaria encontrando um corredor conhecido. Não havia por que voltar por onde viera, mas por qual dos outros três corredores devia seguir? Acabou se decidindo por um e seguiu adiante a passos firmes — tão firmes que até algumas Donzelas abriram caminho.

A verdade era que estava um pouco irritada. Teria sido ótimo ver Aviendha, depois de tanto tempo, mas a ruiva simplesmente a cumprimentara com um aceno de cabeça e se enfiara em uma reunião com Amys. *Só com Amys*, como Egwene logo descobriu, ao tentar ir atrás das duas.

Você não foi convocada, dissera a Sábia, com rispidez, enquanto Aviendha se sentava de pernas cruzadas sobre uma almofada, parecendo infeliz enquanto encarava as camadas de tapete no chão. *Vá dar uma volta. E trate de comer. Você quer ser uma mulher ou um caniço?*

Bair e Melaine tinham chegado depressa, convocadas por algum *gai'shain*, e Egwene foi excluída. Ver a fileira de Sábias sendo dispensadas ajudou a apaziguar o incômodo, mas só um pouco. Ela era amiga de Aviendha, afinal. Se a ruiva estava com algum problema, Egwene queria ajudar.

— O que você está fazendo aqui? — inquiriu Sorilea, atrás dela.

Egwene estava muito orgulhosa de si mesma. Virou-se, muito calma, para encarar a Sábia da Fortaleza Shende. Sorilea era uma Jarra Chareen de cabelos brancos e finos e rosto coberto de pele curtida e muito repuxada. Era uma mulher ossuda e forte que podia canalizar, apesar de ter menos força com o Poder do que a maioria das noviças que Egwene conhecera. Se ela estivesse na Torre, teria sido dispensada sem nem chegar a ser Aceita. Claro que a canalização não fazia muita diferença entre as Sábias — fossem quais fossem as misteriosas leis que as regiam, a liderança das Sábias sempre recaía para Sorilea quando a mulher estava por perto. Egwene achava que Sorilea conquistara essa posição apenas com a força de vontade.

Como a maioria das Aiel, Sorilea era uma boa cabeça mais alta que Egwene. A Sábia a encarou com seus olhos verdes e firmes, um olhar capaz de desestabilizar um touro. Egwene se sentiu aliviada, pois aquele era o jeito normal de Sorilea encarar a todos. Se a mulher quisesse ralhar com ela, as paredes já teriam desabado com a força de seu olhar, e as tapeçarias estariam em chamas, ou praticamente isso.

— Vim ver Rand — respondeu Egwene. — E a caminhada das tendas até aqui me pareceu um bom exercício.

Sem dúvida era um exercício melhor do que dar cinco ou seis voltas correndo ao redor das muralhas da cidade, o que os Aiel consideravam um exercício leve. Esperava que Sorilea não lhe perguntasse por que queria falar com Rand. Não gostava de mentir para as Sábias.

Sorilea a encarou por um instante, como se tivesse farejado um segredo oculto, então ajeitou o xale sobre os ombros estreitos e disse:

— Rand não está aqui, foi visitar a escola. Berelain Paeron achou que não seria sensato ir atrás dele, e eu concordo.

Egwene teve que se esforçar para manter a expressão tranquila. Nunca imaginara que as Sábias fossem gostar de Berelain, mas as Aiel a tratavam como uma mulher sensata e respeitável — o que não fazia *o menor* sentido para Egwene —, e não era porque Rand lhe conferira autoridade, já que os Aiel não davam a mínima para a autoridade de nenhum aguacento. Aquilo era ridículo. A Primeira de Mayene se exibia em trajes escandalosos e flertava sem o menor pudor — isso quando não fazia mais do que flertar, como Egwene acreditava. Não era nem de longe o tipo de mulher para quem Amys abriria um sorriso como se se tratasse de sua filha preferida. Muito menos Sorilea.

Sua mente, incontrollável, a fez pensar em Gawyn. Tinha sido apenas um sonho — e um sonho *dele*, aliás. Nada como o que Berelain fazia.

— Quando uma mulher cora sem qualquer motivo aparente, em geral é por causa de um homem — comentou Sorilea. — Quem atraiu seu interesse? Será que logo vamos vê-la pousar uma coroa nupcial aos pés dele?

— Aes Sedai quase nunca se casam — respondeu Egwene, em um tom frio.

A mulher de rosto curtido deu uma risada irônica, um som que lembrou tecido rasgando. As Donzelas e as Sábias — na verdade, todas as Aiel — podiam até considerar que Egwene não era Aes Sedai enquanto estudava com Amys e as outras, mas Sorilea ia ainda mais longe. A mulher parecia achar que Egwene de fato se tornara Aiel. Somado a isso, não havia nenhum assunto em que Sorilea julgasse não ter o direito de meter o bedelho.

— Mas você vai se casar, garota. Não é do tipo que vira essas *Far Dareis Mai*, que acham que a vida com os homens é, quando muito, um esporte feito a caça. Essas suas ancas foram feitas para ter bebês, e bebês você terá.

— Você sabe me dizer onde posso esperar por Rand? — perguntou Egwene, com a voz mais fraca do que gostaria.

Sorilea não era Andarilha dos Sonhos nem podia interpretá-los, e certamente não tinha o dom da Previsão, mas falava de um jeito tão decisivo que o que dizia parecia inevitável. Bebês de Gawyn. Luz, como teria bebês com Gawyn? As Aes Sedai nunca se casavam. Era raro um homem querer se casar com uma mulher que o deixaria tão vulnerável, se quisesse usar o Poder contra ele.

— Venha por aqui — apontou a Sábia. — É Sanduin, aquele Sangue Verdadeiro todo musculoso que eu vi perto da tenda de Amys, ontem? A cicatriz deixa o resto do rosto dele tão mais bonito...

Sorilea não parou de sugerir nomes enquanto conduzia Egwene pelo palácio, sempre espiando de rabo do olho para ver sua reação. A mulher também se esforçava ao máximo para listar os atributos de cada homem, e com certeza viu seu alvo corar várias vezes, já que essa lista incluía uma descrição dos corpos por baixo das roupas — coisa que sabia porque homens e mulheres Aiel compartilhavam as tendas de

vapor.

Quando as duas chegaram à ala onde Rand passaria a noite, Egwene já estava desesperada. Ela ficou mais do que satisfeita em agradecer depressa e fechar a porta da sala com firmeza na cara de Sorilea. Por sorte, a Sábia também devia ter afazeres, ou teria empurrado a porta e imposto sua presença.

Egwene respirou fundo e começou a alisar as saias e arrumar o xale. Não que estivessem em desalinho, mas ela sentia como se tivesse sido empurrada colina abaixo. Sorilea realmente amava bancar a casamenteira — era capaz até de moldar a coroa nupcial e arrastar uma mulher desavisada para deitá-la aos pés do homem que *ela própria* escolhera e ainda torcer o braço do sujeito até ele agarrar a coroa. Bem, ela não arrastava ninguém nem torcia braços, mas era tão insistente que dava no mesmo. Claro que Sorilea não levaria aquilo adiante com ela, e só de pensar naquela possibilidade, Egwene deu uma risadinha. No fim das contas, Sorilea não achava que ela tivesse mesmo virado Aiel — a mulher sabia que Egwene era Aes Sedai, ou pelo menos acreditava que ela fosse. *Claro* que não precisava se preocupar!

Ouvindo passos suaves vindo do dormitório, ela congelou, as mãos ainda no lenço cinza dobrado prendendo seus cabelos. Rand conseguia ir direto de Caemlyn a Cairhien, talvez tivesse surgido no quarto. Ou talvez alguém — ou algo — estivesse esperando por ele. Egwene agarrou *saidar*, preparando urdiduras terríveis, pronta para lançá-las... Até que uma *gai'shain* saiu do aposento e adentrou a sala trazendo roupas de cama dobradas. A mulher levou um susto ao vê-la, e Egwene soltou *saidar*, torcendo para não ter corado outra vez.

A mulher na túnica branca com capuz era Niella, tão parecida com Aviendha que causava espanto à primeira vista. Mas logo era possível ver que seria preciso acrescentar seis ou sete anos àquele rosto, que também não parecia tão bronzeado e talvez fosse um pouco mais rechonchudo. A irmã de Aviendha era tecelã e nunca fora Donzela da Lança. Já passara bem mais da metade da pena de um ano e um dia.

Egwene não a cumprimentou, pois isso só deixaria Niella constrangida.

— Sabe se Rand chegará logo? — perguntou.

— O *Car'a'carn* vai chegar quando chegar — respondeu a jovem, os olhos baixos e submissos. Era mesmo estranho. Mesmo sendo um pouco mais jovem e rechonchudo, era o rosto de Aviendha. Não combinava com a submissão. — Devemos estar preparados para quando ele chegar.

— Niella, faz ideia de por que Aviendha foi se trancar com Amys, Bair e Melaine?

Aquilo com certeza não tinha nada a ver com caminhar pelos sonhos. Aviendha era tão incapaz de acessar *Tel'aran'rhiod* quanto Sorilea.

— Ela está aqui? Não, não sei por quê. — Apesar da negativa, Niella estreitou um pouco os olhos verde-azulados.

— Você sabe, sim — insistiu Egwene. Poderia muito bem tirar vantagem da obediência *gai'shain*. — Diga o que sabe, Niella.

— O que eu sei é que, se o *Car'a'carn* me encontrar aqui com a roupa de cama suja, a surra que vou levar de Aviendha não vai me deixar sentar o dia inteiro — respondeu Niella, em tom de lamento.

Egwene não sabia se havia *ji'e'toh* envolvido naquilo, mas, quando as duas estavam juntas, Aviendha era duas vezes mais rigorosa com a irmã do que com qualquer outro *gai'shain*.

Niella se virou, a túnica deslizando pelo tapete branco, seguindo depressa para a porta, mas Egwene a segurou pela manga.

— Você vai largar o branco quando acabar seu tempo?

Não era uma pergunta educada, e a submissão deu lugar a um orgulho que fazia frente a qualquer Donzela.

— Qualquer outra atitude seria zombar do *ji'e'toh* — respondeu a jovem, muito rígida. Então um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Além do mais, meu marido viria atrás de mim. Ele não ficaria nem um pouco satisfeito. — A máscara de submissão retornou, e ela baixou os olhos. — Posso ir? Se Aviendha está aqui, prefiro não a encontrar, se puder evitar. E ela virá para cá.

Egwene a dispensou. Não tinha o direito de perguntar, falar da vida de antes ou de depois do branco era vergonhoso para um *gai'shain*. Até ela se sentiu um pouco constrangida, mesmo que não fosse sua obrigação seguir o *ji'e'toh*. Só se atinha a ele o suficiente para ser educada.

Quando se viu sozinha, Egwene se acomodou em uma poltrona com enormes entalhes e apliques de ouro — sentar-se nela era estranhamente desconfortável, depois de tanto tempo com as pernas cruzadas em almofadas ou no chão. Enfiando as pernas para baixo do corpo, ela se perguntou o que Aviendha estaria falando com Amys e as outras duas. Sobre Rand, tinha quase certeza. As Sábias sempre queriam saber dele. Os Aiel não davam a mínima para as Profecias do Dragão, mas conheciam a Profecia de Rhuidean de cabo a rabo. Quando Rand destruísse os Aiel, como rezava a profecia, salvaria o que restasse do restante. E as Sábias queriam garantir que esse restante incluísse o maior número possível de Aiel.

Era por isso que obrigavam Aviendha a ficar ao lado dele, beirando a indecência: se Egwene entrasse no quarto onde Rand passaria a noite, tinha certeza de que encontraria um catre no chão para Aviendha. Mas os Aiel não viam as coisas dessa maneira. As Sábias queriam que Aviendha ensinasse os hábitos e costumes Aiel a Rand — lembrá-lo de que seu sangue era Aiel, por mais que a criação tivesse sido outra. Ao que parecia, as Sábias achavam que ele precisava ser lembrado disso *o tempo todo* — considerando o que estavam tentando assegurar, Egwene não podia culpá-las. Não completamente. Ainda assim, era uma indecência botar uma mulher para dormir no mesmo quarto de um homem.

Bem, não havia o que pudesse fazer em relação ao problema de Aviendha, sobretudo se a amiga não parecia ver isso como um problema. Com a cabeça apoiada no cotovelo, Egwene tentava pensar em como abordaria Rand. Sua mente

deu voltas e mais voltas, mas ainda não tinha conseguido pensar em uma solução quando ele entrou na sala, murmurando alguma coisa para dois Aiel no corredor, antes de fechar a porta.

Egwene se levantou de um salto.

— Rand, você tem que me ajudar com as Sábias! Elas vão ouvir você — disparou, sem conseguir se conter.

Não saiu *nem um pouco* como o que tinha planejado dizer.

— Também estou muito feliz em ver você — retrucou ele, abrindo um sorriso. Rand portava a mesma lança Seanchan comprida que ela já conhecia, e Egwene notou que fora entalhada com dragões desde a última vez que a vira. Ela se perguntou onde Rand arrumara aquilo. Ficava arrepiada com qualquer coisa que viesse dos Seanchan. — Eu estou bem, Egwene, obrigado. E você? Parece ter voltado a si, sempre muito cautelosa.

Rand parecia tão cansado. E também severo e implacável — tão implacável que o sorriso ficava esquisito nele. Cada vez que Egwene o via, ele parecia mais implacável.

— Não venha bancar o engraçadinho — retrucou, olhando feio para Rand. Melhor prosseguir como começara. Pelo menos era melhor do que voltar atrás e dar mais motivos para aquele sorrisinho na cara dele. — Você me ajuda?

— Como?

Rand não fez cerimônias — bem, a sala era mesmo dele —, jogando a lança enfeitada com borlas sobre uma mesinha de pés entalhados em forma de leopardo e livrando-se do cinturão da espada e do casaco. Misteriosamente, ele estava tão seco de suor quanto um Aiel.

— As Sábias me escutam, é verdade, mas só ouvem o que querem. Já reconheço de longe aquele olhar sem emoção de quando elas acham que estou falando bobagens, mas decidem simplesmente me ignorar em vez de me constranger chamando minha atenção ou tentando discutir — declarou ele, puxando uma das poltronas com entalhes de ouro para ficar de frente para Egwene e se esparramando, esticando os pés ainda calçados nas botas. Até aquilo ele fazia com um ar de arrogância. Definitivamente tinha gente demais lhe dispensando medidas.

— Mas você realmente fala umas bobagens, de vez em quando — resmungou Egwene. Era surpreendente, mas a falta de tempo para pensar ajudava na concentração. Ajeitando o xale com muito cuidado, ela se postou diante de Rand. — Sei que você gostaria de mais notícias de Elayne... — Por que ele assumira uma expressão tão triste, mas ao mesmo tempo gélida feito o inverno? Devia ser porque já fazia um bom tempo que não ouvia notícias da Filha-herdeira. — Duvido de que Sheriam esteja passando recados dela para você, quando se encontra com as Sábias. — Não houvera nenhuma mensagem, até onde ela sabia, embora fosse raro Rand aparecer em Cairhien em busca de recados. — É em mim que Elayne confia esse tipo de missiva. Posso trazer notícias dela para você, se convencer Amys de que eu

estou forte o bastante para... para retomar meus estudos.

Desejou não ter hesitado, mas Rand já sabia demais a respeito de caminhar pelos sonhos, quicá até de *Tel'aran'rhiod*. Quase tudo sobre aquele talento era segredo das Sábias, sobretudo das Andarilhas. Egwene não tinha o direito de revelar aqueles segredos.

— Vai me dizer onde está Elayne? — perguntou ele, com toda a naturalidade, como se pedisse uma xícara de chá.

Egwene hesitou, mas fizera um acordo com Elayne e Nynaeve — Luz, quanto tempo fazia? Mas o acordo ainda valia, afinal. Rand já não era o garoto com quem ela crescera — tinha virado um homem cheio de si, e, qualquer que fosse o tom que empregava àquela pergunta, seus olhos firmes *exigiam* resposta. Aes Sedai e Sábias juntas já eram uma mistura que gerava faíscas, mas botar Rand de frente com as Aes Sedai acabaria em um incêndio. Era preciso haver algum intermediário entre eles, e só elas três estavam disponíveis. Era inevitável, mas Egwene esperava que não acabassem chamuscadas no processo.

— Não posso lhe dizer isso, Rand. Não tenho o direito. Não é um segredo meu para contar. — E estava dizendo a verdade. Aliás, não era como se pudesse contar onde ficava essa Salidar, se tudo o que sabia era que as amigas estavam em uma cidadezinha depois de Altara, em algum ponto ao longo do Rio Eldar.

Rand se inclinou para a frente, determinado.

— Eu sei que ela está com as Aes Sedai. E você já disse que são Aes Sedai que me apoiam, ou que poderiam apoiar. Mas essas mulheres têm medo de mim? Dou minha palavra de que mantereí distância, se o problema for o medo. Egwene, pretendo entregar o Trono do Leão e o Trono do Sol a Elayne. Ela tem direito aos dois, e Cairhien vai aceitá-la tão fácil quanto Andor. Eu preciso dela, Egwene.

A jovem abriu a boca... então percebeu que estava prestes a contar tudo o que sabia sobre Salidar. Cerrou os dentes na mesma hora, com tanta força que machucou a mandíbula, então se abriu para *saidar*. A doce sensação de vida, tão forte que sobrepujava tudo o mais, pareceu ajudar, e a vontade de falar foi se atenuando aos poucos.

Rand se sentou, com um suspiro, e Egwene o encarou de olhos arregalados. Uma coisa era saber que ele era o *ta'veren* mais forte desde Artur Asa-de-gavião, outra era ela própria se ver envolvida naquilo. Teve que fazer muito esforço para se impedir de envolver o tronco com os braços e estremecer.

— Você não vai me contar — declarou Rand. Não era uma pergunta. Ele esfregou os antebraços por cima das mangas da camisa, lembrando a Egwene que ainda estava abraçada a *saidar*. Ele estava tão perto que devia ter sentido um leve arrepio. — Acha que eu ia arrancar a resposta de você à força? — vociferou ele, irritado. — Eu sou algum monstro, para você ter que usar o Poder para se proteger?

— Eu não preciso de nada para me proteger de você — retrucou Egwene, com toda a calma que conseguiu reunir.

O estômago ainda se revirava um pouco. Aquele era Rand, um homem capaz de canalizar. Parte dela queria simplesmente cair no choro e sair contando tudo. Aquele ímpeto a deixava envergonhada, mas a vergonha não eliminava a vontade. Deixou *saidar* de lado, triste por sentir aquela pontinha de relutância em fazer isso. Mas de fato não importava: se chegassem a lutar, teria que ser rápida o bastante para blindá-lo, ou Rand a venceria tão fácil como em uma queda de braço.

— Rand, sinto muito por não poder ajudar, mas realmente não posso. E, mesmo assim, tenho que pedir outra vez sua ajuda. Mas você sabe que isso também o beneficiaria.

A raiva dele foi engolida por um sorriso enorme e inquietante. Era assustadora a rapidez com que ele mudava de humor.

— “Por um prato, um gato; por um gato, um prato” — citou Rand.

Mas por nada, nada, completou Egwene, em pensamento. Ouvia o ditado de Barca de Taren, desde menina.

— Então quebre esse seu prato na cabeça e depois enfie o gato nas calças, Rand al’Thor — retrucou, com frieza.

Conseguiu não bater a porta na hora de sair, mas foi por pouco.

Enquanto se afastava a passos largos, foi pensando no que faria. Precisava dar um jeito de convencer as Sábias de que estava pronta para voltar a *Tel’aran’rhiod* — oficialmente, por assim dizer. Cedo ou tarde, Rand encontraria as Aes Sedai de Salidar, mas seria de muita ajuda se conseguisse falar com Elayne ou Nynaeve antes disso. Estava um pouco surpresa em ver que Salidar ainda não tentara uma aproximação com Rand. O que estaria impedindo Sheriam e as outras? Bem, não podia fazer nada a respeito, e suas amigas decerto sabiam mais sobre o que estava acontecendo.

Mas havia uma coisa que estava ansiosa para contar a Elayne: Rand precisava dela. O apelo dele parecera mais sincero do que qualquer coisa que ele já dissera na vida. Isso deveria apaziguar as preocupações de Elayne a respeito de seu amor. Homem nenhum diria que precisava de uma mulher que não amasse, não com tamanha intensidade.

* * *

Rand permaneceu alguns instantes sentado, encarando a porta que se fechara atrás de Egwene. Ela estava tão diferente da garota com quem crescera. Naqueles trajes Aiel, Egwene conseguia fazer uma bela imitação de Sábia — exceto pela altura, talvez, mas era uma Sábia baixa e com grandes olhos escuros. Bem, Egwene sempre se dedicara a tudo de corpo e alma. Lembrou-se de que ela o encarara com a calma e frieza de uma Aes Sedai, agarrando *saidar* quando achou que estava sendo

ameaçada. E era isso o que precisava manter em mente: não importava a roupa, o que Egwene queria ser era Aes Sedai. E ela guardaria os segredos das Aes Sedai, mesmo depois de Rand ter deixado bem claro quanto precisava de Elayne para garantir a paz de duas nações. Tinha que passar a pensar nela como Aes Sedai. Era um pensamento triste.

Cansado, Rand se levantou e botou o casaco de volta. Ainda tinha que ver os nobres cairhienos — Colavaere, Maringil, Dobraine e os outros. E os tairenos também — Meilan, Aracome e seu bando entrariam em desespero se ele passasse um instante a mais com os cairhienos do que com eles. E as Sábias também iam querer sua vez, assim como Timolan e os outros chefes de clã que estavam por ali e que ele ainda não encontrara naquele dia. Por que decidira sair de Caemlyn, mesmo? Bem, fora bom falar com Herid. As dúvidas que o homem levantou não tinham sido muito agradáveis de se pensar, mas era bom conversar com alguém que não parecia fixado no fato de que ele era o Dragão Renascido. E tivera um tempinho sem a comitiva permanente de Aiel. Precisava fugir mais.

Viu seu reflexo em um espelho com moldura dourada.

— Pelo menos você não deixou Egwene perceber o quanto estava cansado — disse, para a imagem no espelho.

Era um dos conselhos mais sucintos que recebera de Moiraine: *Nunca demonstre fraqueza*. Só precisava se acostumar a pensar que Egwene agora também era uma das pessoas sobre quem Moiraine lhe avisara.

* * *

Sulin estava muito tranquila, acorada no jardim logo abaixo dos aposentos de Rand al'Thor, aparentemente entretida com uma pequena brincadeira de girar a faca e acertar a ponta da lâmina no chão de terra. Um pio de coruja soou de uma das janelas, e Sulin se levantou de um pulo, praguejando, guardando a faca no cinto. Rand al'Thor saíra do quarto outra vez. Aquele tipo de vigília não adiantaria de nada. Se Enaila ou Somara estivessem ali, mandaria as duas segui-lo, mas em geral tentava protegê-lo desse tipo de bobagens, como protegeria um irmão-primeiro.

Sulin foi a passos rápidos até a saída mais próxima para se juntar às outras três Donzelas lá em cima e, fingindo caminhar a esmo, começou a explorar o labirinto de corredores em busca de Rand. Não importava o que o *Car'a'carn* quisesse: não podiam deixar que nada acontecesse ao único filho de uma Donzela que já havia voltado para elas.



QUESTÕES DE *TOH*

Rand achou que conseguiria dormir bem aquela noite. Estava tão cansado que quase podia ignorar Alanna, e — mais importante — Aviendha estava nas tendas com as Sábias, e não se despindo para dormir sem nem se importar com sua presença, ou atrapalhando seu descanso com o som de sua respiração. Ainda assim, outra coisa o fez se revirar na cama: sonhos. Sempre blindava seus sonhos, querendo impedir a entrada dos Abandonados — e das Sábias —, mas a blindagem não podia impedir o que já estava lá dentro. Logo vieram os sonhos: gigantescas criaturas aladas planavam pelo céu — pareciam asas de pássaros gigantes, mas sem os pássaros —; grandes cidades com construções impossivelmente altas, as paredes reluzindo sob o sol; estranhos objetos em forma de besouro e de gotas d'água horizontais disparavam por entre as ruas. Já tinha visto tudo aquilo antes, nas visões do imenso *ter'angreal* de Rhuidean, onde ganhara as marcas dos Dragões nos braços. Sabia que se tratavam de coisas da Era das Lendas, mas aquele sonho era completamente diferente. Tudo parecia distorcido, as cores estavam... erradas, como se seus olhos não estivessem funcionando direito. As asas sho começaram a falhar e cair, cada uma causando centenas de mortes. As construções altas se despedaçavam, as paredes se estilhaçando feito vidro; incêndios engoliam as cidades; e a terra se movia em ondas, feito um mar revolto. E ele não parava de se ver frente a frente com uma bela mulher loura, notando enquanto o amor virava horror em seu rosto. Parte dele a conhecia. Parte dele queria salvá-la... salvá-la do Tenebroso, de algum mal, do que ele próprio estava prestes a fazer. Mas tinha tantas partes, a mente cindida em tantos fragmentos cintilantes, e todos aos berros.

Rand acordou no escuro, suando e tremendo. Sonhos de Lews Therin. Aquilo nunca tinha acontecido, ele nunca sonhara os sonhos do outro homem em sua mente. Ficou ali, deitado, esperando as horas passarem até o dia nascer, encarando o nada,

com medo de fechar os olhos. Agarrou-se a *saidin* como se pudesse usá-lo para enfrentar aquele homem morto, mas Lews Therin continuou em silêncio.

Quando enfim viu uma luz fraca despontar nas janelas, um *gai'shain* adentrou o quarto em silêncio, trazendo uma bandeja de prata coberta com um pano. Quando viu Rand acordado, o homem não disse palavra, apenas fez uma medida e saiu, tão silencioso quanto entrou. Sentiu cheiro de chá de groselha gelado, pão morno, manteiga, mel e o mingau quente que os Aiel comiam toda manhã — usando o Poder, conseguia sentir os cheiros tão bem como se o nariz estivesse colado na bandeja. Soltando a Fonte Verdadeira, Rand se vestiu e afivelou a espada. Nem tocou no pano que cobria a comida — não estava com fome. Metendo o Cetro do Dragão preso na dobra do cotovelo, ele saiu de seus aposentos.

Sulin, acompanhada por outras Donzelas, já estava de volta ao largo corredor, assim como Urien e seus Escudos Vermelhos, mas não eram os únicos. Uma aglomeração de pessoas lotava o corredor, um pouco atrás da escolta Aiel, e também havia gente mais para dentro do perímetro demarcado por sua guarda particular. Aviendha estava no meio de uma delegação de Sábias, com Amys, Bair e Melaine — e Sorilea, naturalmente —, além de Chaelin, uma Miágoma Fumaça Líquida, com mechas grisalhas nos cabelos de um tom escuro de vermelho, e Edarra, uma Shiande Neder que não parecia muito mais velha do que ele próprio, embora os olhos azuis já exibissem aquela calma inabalável e ela tivesse uma presença ativa o suficiente para fazer frente às outras Sábias. Berelain também estava com as mulheres, mas não se via Rhuarc ou qualquer outro chefe de clã — Rand já dissera aos homens o que tinha a dizer, e os Aiel não gostavam de prolongar debates. Mas por que as Sábias estavam ali? E Berelain? A Primeira de Mayene usava um vestido verde e branco cujo decote exibia uma bela extensão do colo pálido.

Também havia alguns cairhienos, todos fora do perímetro da guarda Aiel. Colavaere, cujo rosto de traços fortes não tivera a beleza diminuída pela meia-idade, havia prendido os cabelos escuros em uma elaborada torre de cachos e usava um vestido colorido por listras horizontais que iam da gola alta bordada em ouro até a bainha, abaixo dos tornozelos — mais listras do que qualquer um dos cairhienos presentes. Dobraine, o rosto duro e quadrado, usava a frente da cabeça raspada à moda militar local, seu casaco surrado nos pontos em que ficavam as alças de uma placa peitoral. Maringil, todo empertigado, não só não usava a cabeça raspada como seus cabelos brancos iam até os ombros, e seu sobretudo de seda escura, com quase tantas listras quanto o de Dobraine, ia até os joelhos e era tão elegante que poderia ser usado em um baile. Vinte ou mais nobres se apinhavam atrás deles, quase todos rapazes e moças mais jovens, mas poucos ostentavam uma quantidade de listras horizontais que sequer chegava à cintura.

— Que a graça ilumine o Lorde Dragão — murmuraram, levando a mão ao coração ou fazendo medidas. — A graça nos honra com a presença do Lorde Dragão.

Os tairenos também estavam presentes. Grão-lordes e Ladies, sem os nobres menores — uns de chapéu de veludo pontudo e casaco de seda com mangas bufantes de cetim listrado; outros com uma espécie de beca de cores fortes adornada com um grande rufo de renda e barrete bem-ajustado cravejado de pérolas ou pedras preciosas. Todos prestando respeito ao Dragão Renascido e saudando-o com “Que a Luz ilumine o Dragão da Luz”. Meilan estava mais à frente, claro, um sujeito esguio, rígido e inexpressivo, com a barba grisalha e pontuda. Logo atrás estava Fionnda, muito séria e com olhos de aço, mas que não reduziam nem um pouco sua beleza, ao contrário dos sorrisos tímidos e afetados da graciosa Anaiyella, que de alguma forma a deixavam menos bonita. Não se via nenhum sorriso no rosto de Maraconn, com seus olhos azuis raros para um taireno, nem de Aracome, que parecia duas vezes mais esguio ao lado de toda a corpulência do careca Gueyam, ainda que fosse igualmente forte. Esses últimos três, assim como Meilan, tinham sido muito próximos de Hearne e Simaan. Rand não mencionara aqueles dois ou sua traição na noite anterior, mas tinha certeza de que era fato conhecido — assim como estava certo de que seu silêncio já produzia o efeito apropriado à consciência de cada um daqueles homens. Os tairenos já estavam acostumados com o que seu silêncio dizia desde que chegaram em Cairhien, mas, naquela manhã, encaravam Rand como se ele fosse ordenar a prisão de qualquer um deles a qualquer momento.

Na verdade, quase todo mundo parecia de olho em alguma outra pessoa. Uns tantos encaravam os Aiel com ansiedade, alguns menos ou mais bem-sucedidos em esconder a raiva. Outros observavam Berelain quase com a mesma atenção — Rand ficou surpreso em ver que, até nos homens que a encaravam —, mesmo os tairenos —, a suspeita vencia o desejo em seus olhos. A maioria, claro, olhava para ele — Rand era quem era, *o que* era. Colavaere alternava o olhar frio entre ele e Aviendha, mas encarar a outra mulher sempre fazia seus olhos se aquecerem de raiva — Colavaere guardava bastante mágoa, embora Aviendha parecesse ter se esquecido disso. Bem, Colavaere com certeza jamais esqueceria a surra que recebera da ruiva depois de ser encontrada nos aposentos de Rand, muito menos perdoaria o fato de aquilo ter se tornado de conhecimento geral. Meilan e Maringil evitavam cruzar olhares, deixando bem claro quanto estavam cientes da presença um do outro — ambos almejavam o trono de Cairhien e consideravam o outro seu principal rival. Dobraine estava atento a Meilan e Maringil, mas ninguém sabia o motivo. Melaine encarava Rand com os olhos de Sorilea pregados nela, e Aviendha encarava o chão, franzindo o cenho. Uma jovem cairhiena de olhos grandes usava o cabelo solto, cortado na altura dos ombros, em vez de armado em cachos elaborados, e portava uma espada presa em um cinturão sobre o vestido escuro de montaria, com apenas seis listras coloridas. Muitos dos outros não se davam ao trabalho de disfarçar os sorrisos de desprezo quando olhavam para ela, mas a moça sequer pareceu notar, enquanto alternava olhares de extrema admiração às Donzelas e de extremo medo do Dragão. Rand se lembrava dela: Selande, integrante do grupo de beldades que

Colavaere achava que conseguiriam capturar o Dragão Renascido em suas tramoias, tendo persistido até Rand convencê-la de que não daria certo — com a ajuda não requisitada de Aviendha, infelizmente. Esperava que Colavaere agora o temesse o bastante para esquecer a vingança contra Aviendha, mas desejava poder convencer Selande de que ela não tinha nada a temer dele. *Você não pode agradar a todos*, dissera Moiraine. *Não pode apaziguar todos os ânimos*. Moiraine era uma mulher dura.

Para completar, os Aiel observavam todo mundo com a mesma atenção — exceto as Sábias, claro. E Berelain, por algum motivo misterioso. Os Aiel sempre pareciam desconfiados dos aguacentos, mas tratavam a Primeira de Mayene como se fosse só mais uma das Sábias.

— É uma honra receber vocês todos. — Rand torceu para não ter soado seco demais.

Mais um carnaval de nobres. Ele se perguntou onde estaria Egwene. Decerto esparramada na cama. Considerou ir atrás dela por um instante, com uma última tentativa de... não, se Egwene não queria falar, não sabia como convencê-la. Quando ele mais precisava, ser *ta'veren* não adiantava de nada.

— Infelizmente, não posso dedicar mais tempo a vocês, nesta manhã. Vou voltar para Caemlyn.

Era com Andor que precisava lidar no momento. Andor e Sammael.

— Suas ordens serão levadas a cabo, milorde Dragão — anunciou Berelain. — Esta manhã, para que o senhor possa testemunhá-las.

— Minhas ordens?

— Mangin — explicou ela. — Ele foi avisado hoje de manhã.

A maioria das Sábias parecia impassível, mas tanto Bair quanto Sorilea não escondiam a desaprovação — que, por mais surpreendente que parecesse, era dirigida a Berelain.

— Não pretendo testemunhar o enforcamento de cada assassino — respondeu Rand, com frieza.

A verdade é que se esquecera — ou melhor, apagara da mente. Não era o tipo de coisa que um homem gostaria de ficar lembrando, ter mandado enforcar alguém de quem gostava. Rhuarc e os outros chefes de clã sequer haviam mencionado o fato, em sua conversa com ele. E outra verdade era que não queria que essa execução fosse um evento especial. Os Aiel tinham que seguir a lei, como todos os outros. Cairhienos e tairenos precisavam presenciar aquilo e saber que, se Rand não tratava os Aiel com favoritismo, também não faria o mesmo com eles. *Use tudo e todos*, pensou, enojado — ou ao menos torcia para que o pensamento tivesse mesmo vindo dele. Além do mais, não queria assistir a enforcamento nenhum, muito menos o de Mangin.

Meilan parecia pensativo, e Aracome estava com a testa coberta de gotículas de suor, mas talvez fosse apenas o calor. Colavaere, pálida, parecia estar vendo Rand

pela primeira vez na vida. Berelain trocou olhares pesarosos com Bair e Sorilea, que assentiu — será que as duas já tinham avisado a Primeira de Mayene de que essa seria sua resposta? Não parecia muito possível. Os outros rostos variavam da surpresa à satisfação, mas o de Selande chamou sua atenção. A jovem, de olhos arregalados, parecia ter se esquecido das Donzelas. E, se antes daquele pronunciamento ela já olhava Rand com medo, agora parecia decididamente apavorada. Bem, que fazer?

— Vou para Caemlyn imediatamente — anunciou.

Um burburinho irrompeu entre os grupos de cairhienos e tairenos, e Rand notou que muitas das exclamações mais pareciam suspiros de alívio.

Não se surpreendeu ao ver que todos o acompanharam até os aposentos reservados para suas Viagens. As Donzelas e os Escudos Vermelhos impediram a passagem de todos os aguacentos, exceto Berelain. Os Aiel não gostavam da aproximação dos cairhienos em particular, mas Rand ficara muito satisfeito por eles também terem barrado os tairenos, daquela vez. Muitos nobres olharam feio para ele, mas ninguém protestou — ao menos não que ele tenha ouvido. Nem mesmo Berelain, que seguiu logo atrás de sua escolta, junto com as Sábias e Aviendha, todas conversando baixinho e vez ou outra soltando uma risadinha. Berelain e Aviendha de conversinha? E rindo? Aquilo lhe deu arrepios.

Quando parou diante da porta com entalhes quadrados e retos que dava para o aposento reservado para suas Viagens, Rand olhou, hesitante, para o topo da cabeça de Berelain, que se curvava em uma mesura.

— Mantereí Cairhien justa e igualitária, sem ceder ao medo ou a favores, até seu retorno, milorde Dragão.

Talvez, mesmo com a execução de Mangin, ela de fato tivesse ido vê-lo apenas para dizer isso — e ser ouvida pelos outros nobres. A frase, por alguma razão, arrancou um sorriso indulgente de Sorilea. Rand precisava descobrir o que estava acontecendo ali: não permitiria que as Sábias se metessem entre Berelain e ele. As outras Sábias tinham puxado Aviendha para um canto e estavam se revezando para falar com ela. Rand não conseguia distinguir as palavras, mas fosse o que fosse, pareciam falar com muita firmeza.

— Quando vir Perrin Aybara — acrescentou Berelain —, por favor mande minhas lembranças e meu afeto. E Mat Cauthon também.

— Aguardaremos ansiosos o retorno do Lorde Dragão — mentiu Colavaere, mantendo a expressão cuidadosamente neutra.

Meilan olhou feio para ela, irritado pelo fato de a mulher ter conseguido falar primeiro, e fez um discurso floreado, repetindo o que Colavaere já dissera com outras palavras. Claro que Maringil tentou superar suas palavras, pelo menos nos floreios. Fionnda e Anaiyella ainda tentaram sobrepujar os outros dois, acrescentando tantos elogios que Rand começou a olhar irritado para Aviendha, ainda ocupada com as Sábias. Dobraine contentou-se em soltar um “Até seu retorno,

milorde Dragão”, enquanto Maraconn, Gueyam e Aracome soltaram murmúrios indistintos, os olhos cautelosos.

Foi um alívio poder finalmente entrar na câmara e ir para longe deles. Só ficou surpreso quando viu que Melaine também o seguia, à frente de Aviendha. Ele ergueu uma das sobrancelhas, confuso.

— Preciso consultar Bael sobre uns assuntos das Sábias — explicou, muito séria, cravando os olhos em Aviendha.

A ruiva assumira uma expressão tão inocente que só podia estar escondendo alguma coisa. Aviendha sempre parecia encarar muitas coisas estranhas com naturalidade, mas nunca exibia um olhar inocente — ao menos não tão inocente.

— Como quiser — respondeu ele.

Suspeitava de que as Sábias estivessem apenas esperando uma chance de enviar a mulher para Caemlyn. Quem melhor para garantir que Bael não sofresse influências erradas de Rand do que sua própria esposa? Assim como Rhuarc, Bael tinha duas esposas — o que Mat sempre dissera não saber muito bem se era um sonho ou um pesadelo.

Aviendha ficou olhando com atenção enquanto ele abria o portão de volta para Caemlyn, bem dentro do Grande Salão. Ela sempre ficava muito atenta, mesmo sendo incapaz de ver os fluxos e as tramas. Ela própria já abrira um portão, mas fora em um instante de pânico, e ela não conseguia se lembrar de como fizera. Naquele dia, por alguma razão, o feixe de luz giratório a fez lembrar o que acontecera na ocasião: as bochechas bronzeadas coraram, e ela pareceu se recusar a olhar na sua direção. Tomado pelo Poder, Rand sentiu seu cheiro — o perfume herbáceo do sabão, um toque de um cheiro doce que ele não se lembrava de ter sentido antes. Foi a primeira vez que se sentiu ávido para se livrar de *saidin*, e foi o primeiro a adentrar o salão do trono vazio. Alanna pareceu desabar sobre ele, uma presença tão palpável como se estivesse diante dele. Reparou que a Verde tinha chorado. Seria porque ele tinha ido embora? Bem, que chorasse. Tinha que encontrar um jeito de se livrar dela.

As Donzelas e os Escudos Vermelhos não ficaram muito felizes por Rand ter ido na frente, naturalmente. Urien apenas grunhiu e balançou a cabeça em desaprovação. Já Sulin ficou muito pálida e ergueu-se nas pontas dos pés para encarar Rand nos olhos.

— O grande e poderoso *Car'a'carn* entregou sua honra para as *Far Dareis Mai* carregarem — praticamente sibilou a mulher, em um sussurro baixo. — Se o poderoso *Car'a'carn* morrer em uma emboscada enquanto estiver sob a proteção das Donzelas, não restará mais honra nenhuma às *Far Dareis Mai*. Se o conquistador *Car'a'carn* não se importa com isso, então talvez Enaila tenha razão. Talvez o todo-poderoso *Car'a'carn* não passe de um garoto mimado que precisa ser levado pela mão para não acabar caindo de um penhasco porque estava de nariz empinado em vez de olhar por onde anda.

Rand fechou a cara. Quando estavam a sós, ele apenas rangia os dentes e ouvia —

e no geral ouvia ainda menos! —, em respeito à dívida que tinha com as Donzelas. Mas nem Enaila nem Somara o repreendiam daquele jeito em público. Melaine saía depressa e já estava na metade do corredor, erguendo as saias, quase correndo — ao que parecia, ela mal podia esperar para restabelecer a influência das Sábias com Bael. Rand não sabia se Urien tinha ouvido a bronca, mas parecia bem concentrado em guiar seus *Aethan Dor* velados, que vasculhavam as colunas junto com as Donzelas — coisa que não precisavam de orientações ou guia para fazer. Aviendha, por sua vez, estava ali, parada, de braços cruzados, exibindo um misto de irritação e aprovação, e Rand não teve dúvidas de que ela ouvira cada palavra.

— O dia de ontem correu bem. De agora em diante, acho que dois guardas serão mais do que o suficiente — declarou, com a voz firme. Os olhos de Sulin quase saltaram das órbitas, e ela ficou sem palavras. Bem, depois de tirar poder dela, era melhor devolver um pouco, ou a mulher explodiria feito os fogos de artifício de um Iluminador. — Claro que será diferente quando eu sair do Palácio. Essa guarda que você vem me fornecendo será boa nessas ocasiões, mas quando eu estiver aqui, no Palácio do Sol ou na Pedra de Tear, dois na escolta já bastam — concluiu, e deu meia-volta enquanto Sulin ainda abria e fechava a boca, sem resposta.

Aviendha foi para o seu lado enquanto ele circundava o tablado dos tronos rumo às portinhas nos fundos. Tinha ido para lá, em vez de seguir direto para seus aposentos, na esperança de despistá-la. Mesmo sem *saidin*, sentia o cheiro dela — ou talvez fosse apenas a memória do cheiro. De todo modo, desejou estar com o nariz entupido e resfriado. Aquele perfume era bom demais.

Apertando o xale em volta do corpo, Aviendha mantinha o olhar fixo à frente, parecendo preocupada, e passou sem nem perceber quando Rand segurou a porta para um dos quartos de vestir com paredes cobertas de painéis com entalhes de leões — coisa que em geral despertava certa ira nela, no mínimo uma pergunta irritada sobre qual dos braços dela parecia quebrado. Quando Rand perguntou qual era o problema, a jovem levou um susto.

— Nada. Sulin estava certa. Mas... — Ela de repente abriu um sorriso enorme, mas meio relutante. — Você viu a cara dela? Sulin não ouve uma resposta dessas... desde nunca, eu acho. Nem Rhuarc fala assim com ela.

— Estou surpreso com esse seu apoio.

Aviendha o encarou com aqueles olhos enormes. Rand poderia passar o dia inteiro tentando decidir se eram mais azuis ou mais verdes... Não. Não tinha o direito de pensar nos olhos dela. Não importava o que havia acontecido logo depois de ela abrir aquele portão — para *fugir dele*, aliás. E também, principalmente, não tinha o direito de pensar no que acontecera entre os dois naquele dia.

— Ah, Rand al'Thor, você só me perturba — comentou ela, sem um pinga de irritação. — Luz, às vezes acho que o Criador fez você só para me causar problemas.

Rand quis retrucar, dizer que aquilo era apenas culpa dela própria. Mais de uma vez se oferecera para levá-la de volta para as Sábias, mesmo que na prática isso só

servisse para fazê-las mandarem outra espiã em seu lugar. Mas, antes que ele pudesse abrir a boca, Jalani e Liah chegaram, seguidas de perto por dois Escudos Vermelhos — um deles era um sujeito grisalho, ostentando no rosto quase o triplo das cicatrizes na face de Liah. Rand mandou Jalani e o homem das cicatrizes de volta ao salão do trono, o que quase desencadeou uma briga — não da parte do Escudo Vermelho, claro: o homem apenas olhou para seu companheiro, deu de ombros e saiu. Jalani, no entanto, se empertigou.

Rand apontou para a porta que levava ao Grande Salão.

— O *Car'a'carn* espera que as *Far Dareis Mai* sigam para onde ele ordenar.

— Você pode ser um rei dos aguacentos, Rand al'Thor, mas não é rei dos Aiel. — A irritação evidente na voz de Jalani acabou com seu ar de dignidade, o que fez Rand notar como ela era jovem. — As Donzelas nunca vão desapontá-lo na dança das lanças, mas isto aqui não é a dança.

Mesmo tendo respondido, ela se retirou, parando apenas para trocar breves gestos com Liah, naquela língua de sinais das Donzelas.

Com Liah e o outro Escudo Vermelho, um homem louro e esguio chamado Cassin, quase uma boa polegada mais alto que ele, Rand atravessou o palácio depressa até seus aposentos. Com Aviendha, claro. Se achava que aquelas saias pesadas a deixariam para trás, estava muitíssimo enganado. Liah e Cassin montaram guarda no corredor, do lado de fora da enorme antessala, mas Aviendha entrou atrás dele. O cômodo tinha um friso de mármore com entalhes de leões, logo abaixo do teto alto, e as paredes eram cobertas de tapeçarias com desenhos de cenas de caça e montanhas enevoadas.

— Você não deveria estar com Melaine? Para cuidar desses assuntos das Sábias e tudo o mais?

— Não — retrucou ela, sem rodeios. — Melaine não ficaria muito feliz com minha interferência, não agora.

Luz, mas *ele* não ficaria feliz se ela não fosse logo embora. Rand largou o Cetro do Dragão sobre uma mesa com pés cobertos de entalhes dourados de vinhas, desafivelou o cinturão da espada e perguntou:

— Amys e as outras lhe contaram onde Elayne está?

Aviendha ficou um bom tempo ali, parada, no meio do piso de azulejos azuis, encarando-o com uma expressão indecifrável.

— Elas não sabem — disse, por fim. — Eu perguntei.

Rand tinha imaginado que ela perguntaria. Já fazia meses que Aviendha parara de falar em Elayne, mas, antes de ir a Caemlyn com ele pela primeira vez, uma em cada duas palavras que saíam de sua boca eram para lembrá-lo de que ele pertencia a Elayne — segundo a própria Aviendha, pelo menos, e ela já deixara bem claro que o que acontecera entre os dois do outro lado daquele portão não mudava em nada esse fato. Outra coisa que ficara bem clara é que aquilo decididamente não aconteceria de novo. Rand concordava com ela, e era pior que um porco pela ponta de

arrependimento misturada à concordância. Ignorando todas as elegantes poltronas douradas, Aviendha se acomodou no chão, de pernas cruzadas, e ajeitou as saias graciosamente.

— Mas falaram de você — comentou.

— Ah, por essa eu não esperava — retrucou ele, irônico.

Para sua surpresa, Aviendha enrubesceu. Ela não era mulher de corar, e já era a segunda vez no mesmo dia.

— As Sábias contaram os sonhos que tiveram, e alguns lhe dizem respeito. — A voz dela começou a sair um pouco falha, até que Aviendha fez uma pausa para pigarrear, então o encarou com um olhar firme e determinado. — Melaine e Bair sonharam que você estava em um barco — contou, proferindo a palavra com estranheza, mesmo depois de tantos meses em terras aguacentas —, junto com três mulheres cujos rostos elas não conseguiram distinguir. E uma balança que pendia primeiro para um lado, depois para o outro. Melaine e Amys sonharam com um homem ao seu lado, encostando uma adaga em seu pescoço, mas sem você ver. Bair e Amys sonharam com você dividindo as terras aguacentas ao meio com uma espada.

Aviendha olhou de relance, os olhos cheios de desprezo, para a espada embainhada largada sobre o Cetro do Dragão. Desprezo, sim, muito, mas também um pouco de culpa. Ela lhe dera aquela espada, que já fora do Rei Laman. O presente viera cuidadosamente embrulhado em um cobertor, para que ela não tocasse na arma diretamente.

— Elas não conseguem interpretar os sonhos, mas acharam que você deveria saber — concluiu ela.

O primeiro era tão obscuro para ele quanto era para as Sábias, mas o segundo parecia óbvio: um homem que ele não podia ver atacando-o com uma adaga só podia ser um Homem Cinza. Eram almas entregues à Sombra — não apenas juradas, mas completamente entregues —, e podiam passar despercebidos mesmo quando encarados diretamente. Seu único propósito era matar. Como as Sábias não tinham conseguido entender uma mensagem tão clara? O último sonho também era bem claro, para sua infelicidade. E ele *já estava* dividindo as terras aguacentas: Tarabon e Arad Doman estavam em ruínas; as rebeliões em Tear e Cairhien a qualquer momento podiam deixar de ser apenas boatos; e Illian decerto logo sentiria o peso de sua espada. Isso sem falar no Profeta, espalhando os Devotos do Dragão por Altara e Murandy.

— Não vejo muito mistério em dois desses sonhos, Aviendha.

Ainda assim, a jovem apenas o encarou, descrente, enquanto ele explicava suas interpretações. Claro. Para Aviendha, se as Sábias Andarilhas dos Sonhos não conseguiam interpretar um sonho, então ninguém mais conseguiria. Rand soltou um grunhido frustrado e desabou em uma poltrona de frente para ela, perguntando:

— O que mais elas sonharam?

— Tem um outro sonho que eu posso contar, mas talvez não tenha muita relação com você. — O que significava que havia sonhos que ela não podia contar. Rand se perguntou por que as Sábias tinham discutido aqueles sonhos com ela. Aviendha não era Andarilha dos Sonhos. — As três tiveram o mesmo sonho, o que só torna seu significado mais especial. Elas sonharam com chuva — a palavra saiu com o mesmo estranhamento que “barco”, mais cedo. — Chuva saindo de uma tigela. E, em volta dela, há armadilhas e arapucas. Se for encontrada pelas pessoas certas, a tigela trará um tesouro que pode ser até mais impressionante do que ela própria. Mas, se cair nas mãos erradas, o mundo estará condenado. A chave para encontrar essa tigela é encontrar aquele que já não é.

— Já não é o quê? — Isso sem dúvida parecia o detalhe mais relevante. — É alguém que já morreu?

Os cabelos ruivos de Aviendha se balançaram sobre os ombros quando ela negou com a cabeça.

— Elas não sabem mais do que o que eu lhe disse.

Aviendha se levantou, para surpresa de Rand, ajeitando a roupa com aqueles movimentos mecânicos típicos das mulheres.

— Você... — Ele forçou uma tosse, cortando a frase no meio. *Você tem mesmo que ir?*, era o que estava prestes a perguntar.

Luz, queria que ela fosse. Cada minuto perto dela era uma tortura. Bem, poderia fazer o que era certo e bom para ele — e ainda melhor para ela.

— Você quer voltar para as Sábias, Aviendha? Retomar os estudos? Não tem muito por que você ficar mais tempo aqui comigo. Já aprendi tanto com você que é como se tivesse sido criado pelos Aiel.

Ela fungou, o que já era resposta suficiente, mas claro que não se conteve e respondeu:

— Você sabe menos que um garoto de seis anos. Por que um homem ouve a mãe-segunda antes da própria mãe, enquanto uma mulher ouve seu pai-segundo antes do próprio pai? Em que situação uma mulher pode se casar sem fazer a coroa nupcial? E quando uma senhora do teto precisa obedecer a um ferreiro? Se tiver uma *gai'shain* que faça prata, por que precisa permitir que ela trabalhe um dia para si mesma para cada dia que trabalhar para você? E por que o mesmo não se aplica a uma tecelã? — Rand pensou, buscando as respostas a fundo, para não precisar admitir que não sabia. Mas Aviendha remexeu o xale, como se tivesse esquecido que ele estava ali. — Às vezes o *ji'e'toh* rende ótimas piadas. Eu riria até morrer, se essa não fosse comigo. — Ela baixou a voz a um sussurro. — Vou ao encontro da minha *toh*.

Rand achou que a ruiva estivesse falando sozinha, mas respondeu mesmo assim. Com toda a delicadeza.

— Se você está falando de Lanfear, não fui eu que a salvei. Foi Moiraine. Ela morreu salvando todos nós.

A espada de Laman livrara Aviendha de sua única *toh* para com Rand, embora ele jamais tivesse compreendido qual era. Pelo menos da única obrigação que Aviendha sabia. Rezava para que ela jamais descobrisse a outra — Aviendha decerto acharia que tinha alguma dívida com ele, mesmo que Rand não enxergasse a questão dessa maneira.

Inclinando a cabeça e abrindo um sorrisinho, Aviendha olhou fundo nos olhos dele. A ruiva recobrou o autocontrole em um nível que deixaria Sorilea orgulhosa.

— Obrigada, Rand al'Thor. Bair sempre diz que de vez em quando é bom ser lembrada de que um homem não sabe tudo. Não se esqueça de me avisar quando pretende dormir. Não quero chegar muito tarde e acordá-lo.

Rand permaneceu parado, encarando a porta mesmo depois que ela saiu. Era mais fácil entender um cairhieno no Jogo das Casas do que uma mulher que não estava fazendo o menor esforço para ser enigmática. E suspeitava de que seus sentimentos por Aviendha, fossem lá quais fossem, complicavam ainda mais as coisas.

O que eu amo, eu destruo, comentou Lews Therin, com uma risada. *O que eu destruo, eu amo*.

Cale a boca!, pensou Rand, furioso, e a gargalhada insana morreu. Não sabia quem amava, mas sabia quem salvaria. De todas as ameaças, mas sobretudo de si mesmo.

* * *

Quando saiu para o corredor, Aviendha se encostou na porta, respirando fundo para se acalmar. Ou pelo menos para tentar se acalmar. O coração ainda tentava rasgar o peito e sair. Estar perto de Rand al'Thor doía como estar nua sobre uma cama de brasas, doía quase a ponto de lhe quebrar todos os ossos. Rand a fazia sentir uma vergonha que ela jamais pensou que sentiria. Era mesmo uma grande piada, como dissera, e parte dela queria mesmo rir. Tinha *toh* para com Rand, porém tinha muito mais para com Elayne. Rand apenas salvara sua vida — Lanfear a teria matado, não fosse por ele. E Lanfear queria mesmo matar Aviendha em especial, causando a maior dor possível. Lanfear sabia, de algum jeito. Mas, em comparação ao que incorrera com Elayne, sua *toh* para com Rand era um cupinzeiro aos pés da Espinha do Mundo.

Cassin simplesmente olhou para ela. O corte do casaco que o sujeito usava informava que era Goshien, além de *Aethan Dor*, mas Aviendha *não reconhecia* o ramo. Ele continuou acorado, as lanças apoiadas nos joelhos. O homem não sabia de nada, claro. Mas Liah abriu um sorriso encorajador demais para uma mulher que não conhecia, e astuto demais para alguém que não soubesse. Aviendha ficou chocada em perceber que estava pensando em como os Chareen — como indicava o

casaco de Liah — tinham fama de dissimulados. Nunca pensara em qualquer Donzela como algo além de *Far Dareis Mai*. Rand al'Thor esgotara seu cérebro.

Mas ainda assim mexeu os dedos, irritada. *Por que está sorrindo, garota? Não tem nada melhor para fazer?*

Liah ergueu as sobrancelhas de leve, e o sorriso não diminuiu, apenas assumiu um ar divertido. Ela gesticulou em resposta. *Quem você está chamando de garota, garota? Você ainda não é Sábia, mas não é mais Donzela. Acho que vai acabar trançando a alma em uma coroa e a deitando aos pés de um homem.*

Aviendha deu um passo à frente, furiosa. Poucos insultos eram piores que aquele, para as *Far Dareis Mai*. Mas então se conteve. Se estivesse de *cadin'sor* achava que Liah não seria páreo para ela, mas, naquelas saias, seria derrotada. E pior: Liah decerto se recusaria a fazer dela *gai'shain* — e poderia muito bem fazê-lo, já que teria sido atacada por uma mulher que não era Donzela, mas ainda não era Sábia —, ou então acabaria exigindo o direito de surrar Aviendha diante de todos os Taardad que pudessem reunir — o que seria vergonha menor que a recusa, claro, mas ainda assim uma vergonha considerável. E pior de tudo: mesmo que Aviendha ganhasse, Melaine decerto escolheria uma punição para fazê-la lembrar que deixara a lança para trás, e ela acabaria desejando dez surras de Liah diante de todos os clãs. Nas mãos de uma Sábia, a vergonha era mais cortante que uma faca afiada. Liah não moveu um músculo sequer. Ela sabia de tudo isso tão bem quanto Aviendha.

— E agora vocês ficam se encarando... — comentou Cassin. — Um dia tenho que aprender essa sua língua de sinais.

Liah olhou de esguelha para ele, soltando uma risada animada.

— Você vai ficar bonito de saias, Escudo Vermelho, vou gostar de ver quando vier pedir para se tornar Donzela.

Aviendha soltou um suspiro de alívio quando Liah desviou os olhos dela. Naquelas circunstâncias, não teria podido desviar o olhar primeiro e ainda manter a honra. Sem nem pensar, fez com os dedos o sinal de agradecimento — o primeiro gesto da língua de sinais que uma Donzela aprendia, posto que era a frase que uma nova Donzela mais usava: *Tenho toh*.

Liah respondeu sem nem hesitar. *Muito pequena, irmã-de-lança.*

Aviendha sorriu agradecida quando Liah não acrescentou o dedinho em gancho que teria transformado o termo em zombaria, o que era sempre utilizado com mulheres que tinham abandonado a lança, mas ainda tentavam se comportar como se não tivessem.

Um serviçal aguacento vinha apressado pelo corredor. Mantendo oculto o desgosto que sentia por quem passava a vida servindo aos outros, Aviendha foi para o lado oposto, querendo evitar passar pelo sujeito. Matar Rand al'Thor satisfaria uma *toh*, enquanto matar a si mesma satisfaria a segunda, mas cada *toh* impedia uma dessas soluções. Não importava o que as Sábias dissessem, teria que dar um jeito de pagar aquelas duas dívidas.



VISITAS DO *POUSO*

Rand tinha apenas começado a enfiar o tabaco de Dois Rios no cachimbo curto quando a cabeça de Liah apareceu pela porta entreaberta. Antes que ela pudesse falar qualquer coisa, um criado de rosto redondo, usando um uniforme vermelho e branco, empurrou-a para abrir caminho e entrou, muito ofegante, desabando de joelhos diante de Rand. A Aiel encarava o sujeito, estupefata.

— Milorde Dragão — ganiu o criado, ainda sem ar —, os Ogier acabaram de chegar ao Palácio. *Três* deles! Servimos vinho e oferecemos um pouco mais, mas eles insistem que só querem ver o Lorde Dragão.

Rand manteve a voz calma, sem querer assustar o sujeito.

— Há quanto tempo você trabalha no Palácio...? — Além de usar o casaco do uniforme do tamanho certo, o sujeito não era jovem. — Acho que ainda não sei seu nome.

O criado ajoelhado arregalou os olhos.

— Meu nome? É Bari, milorde Dragão. É... trabalho aqui há... Milorde, fará vinte e dois anos na Noite Invernal. Milorde Dragão, e o Ogier?

Rand já fora duas vezes a um *pouso* Ogier, mas não sabia a etiqueta apropriada para recebê-los como convidados. Os Ogier tinham construído quase todas as grandes cidades, pelo menos as partes mais antigas, e de vez em quando ainda saíam dos *pousos* para realizar alguns reparos, mas ele duvidava de que um criado como Bari fosse ficar tão ansioso por qualquer visita menos importante que um rei ou uma Aes Sedai — ou talvez nem isso. Ele guardou o cachimbo e a bolsa de tabaco de volta no bolso.

— Então me leve até eles.

Bari se levantou de pé em um salto, quase dando pulinhos de ansiedade. Rand suspeitou de que tivesse tomado a decisão certa: o homem não demonstrou muita

surpresa em ver o Lorde Dragão ir até os Ogier, em vez de mandar que viessem ao seu encontro. Ele deixou a espada e o cetro para trás — nada daquilo impressionaria os Ogier. Liah e Cassin o acompanharam, naturalmente, e pelo jeito Bari decerto teria ido correndo até os visitantes se não tivesse que ajustar o passo ao ritmo menos afoito de Rand.

Os Ogier aguardavam em um pátio, ao largo de uma fonte cheia de vitórias-régias, com peixes vermelhos e dourados nadando na base. Eram três: um homem de cabelos brancos usando um casaco comprido e aberto com botas altas de cano dobrado e duas mulheres, uma notavelmente mais jovem que a outra, ambas com saias cheias de bordados de vinhas e folhas, embora os bordados das roupas da Ogier mais velha fossem consideravelmente mais elaborados do que os da mais jovem. Os cálices de ouro, feitos para humanos, pareciam minúsculos em suas mãos enormes. Muitas das árvores ali no pátio ainda conservavam algumas de suas folhas, e o próprio Palácio também fornecia alguma sombra. Os Ogier não estavam sozinhos. Quando Rand chegou, viu Sulin e quase trinta Donzelas à volta deles, além de Urien, junto de cinquenta ou mais de seus homens. Os Aiel tiveram a delicadeza de fazer silêncio ao avistarem Rand.

— Seu nome é música para meus ouvidos, Rand al'Thor — disse o Ogier, a voz retumbante feito um trovão, então fez as apresentações.

Ele era Haman, filho de Dal, filho de Morel. A mais velha era Covril, filha de Ella, filha de Soong; e a mais nova era Erith, filha de Iva, filha de Alar. Rand se lembrava de ter visto Erith quando foi ao Pousio Tsofu, a dois dias de cavalgada intensa de Cairhien. Não tinha a menor ideia do que ela estava fazendo ali em Caemlyn.

Os Ogier faziam os Aiel parecerem pequenos; faziam até o pátio parecer pequeno. Haman tinha uma vez e meia a altura de Rand e a mesma proporção em largura, Covril era menos de uma cabeça — uma cabeça Ogier — mais baixa que seu companheiro. Até mesmo Erith era quase um pé e meio mais alta que Rand. Ainda assim, essa era a menor das diferenças entre os Ogier e os humanos à volta. Haman tinha olhos imensos e redondos feito xícaras de chá, um nariz largo que ocupava quase o rosto inteiro, e orelhas pontudas, cheias de tufo de pelos brancos e despontando no topo da cabeça, por entre os cabelos grisalhos. Ele usava um comprido bigode branco, e uma barba estreita brotava do queixo. As sobrancelhas chegavam até as bochechas. Rand não sabia dizer exatamente o que distinguia o rosto masculino dele das feições de Erith e de Covril — exceto pela barba e pelo bigode, claro, além de as sobrancelhas delas serem menores e menos espessas —, mas os rostos delas pareciam mais delicados. Mesmo que Covril tivesse uma expressão bastante rígida — a Ogier mais velha lhe parecia familiar, não sabia por quê — e Erith parecesse preocupada, com as orelhas caídas.

— Peço licença um instante — começou Rand, mas Sulin não permitiu que ele dissesse outra palavra.

— Viemos falar com os Irmãos das Árvores, Rand al'Thor — declarou ela, com firmeza. — Você sabe que os Aiel são velhos amigos de água dos Irmãos da Árvore. Vamos com frequência ao *pouso* deles para fazer negócios.

— Isso é mesmo verdade — murmurou Haman. Ou melhor, murmurou para os padrões de um Ogier, mas que poderia muito bem ter causado uma avalanche nas montanhas ao longe.

— E não tenho dúvidas de que os outros vieram mesmo falar com eles — retrucou Rand. Só de olhar, conseguia identificar cada um dos integrantes de sua guarda entre a multidão de Aiel. O rosto de Jalani ficou escarlate. Por outro lado, não se viam Escudos Vermelhos ali, além de Urien e mais de três ou quatro homens espalhados pela multidão. — Não gostaria de ter que pedir a Enaila e a Somara que cuidem de *você*. — A indignação tomou o rosto bronzeado de Sulin, destacando ainda mais a cicatriz que ela conseguira por ter seguido Rand. — Vou conversar com eles sozinho. *Sozinho* — enfatizou, encarando Liah e Cassin. — A não ser que vocês achem que preciso de proteção contra esses Ogier.

A última frase apenas aumentou a irritação de Sulin, e ela reuniu as Donzelas com gestos rápidos na linguagem de sinais — o que, para qualquer um que não fosse Aiel, teria parecido um ataque de raiva. Alguns dos homens entre a multidão de Aiel deram risadinhas ao vê-las saírem, e Rand supôs que tivesse feito alguma piada sem querer.

Enquanto as Donzelas saíam, Haman afagou a longa barba.

— Nem sempre os humanos nos consideraram tão confiáveis, sabe. Não, não. — O murmúrio dele soava como uma imensa colmeia de abelhas. — Está nos registros antigos. Muito antigos. Apenas fragmentos, na verdade, mas datados de logo depois da...

— Ancião Haman — interrompeu Covril, com muita educação —, talvez seja melhor nos atermos ao assunto em questão? — A colmeia dela ressoava em um tom um pouco mais agudo.

Ancião Haman. Onde Rand ouvira aquele nome, antes? Cada *pouso* tinha seu próprio Conselho de Anciões.

Haman suspirou profundamente.

— Muito bem, Covril, mas essa sua pressa é um tanto inquietante. Você mal nos deu tempo de nos lavarmos, depois que chegamos. Você começou a cabriolar feito um... — Seus olhos enormes se voltaram para Rand, e ele disfarçou a frase com uma tossidela, cobrindo a boca com a mão enorme, do tamanho de um pernil.

Os Ogier consideravam os humanos muito apressados, sempre tentando fazer agora o que não teria a menor importância até o dia seguinte. Ou até o ano seguinte, já que os Ogier viam tudo a longo prazo. Também consideravam afrontoso lembrar aos humanos de quanto eles “cabriolavam”.

— Tivemos uma viagem bastante árdua aqui Fora — prosseguiu Haman, para Rand. — Nosso tempo aqui não ficou menos difícil quando soubemos que os Aiel

Shaido tinham sitiado Al'cair'rahienallen, o que foi mesmo extraordinário. Considerando isso, assim como o fato de que você de fato estava lá, mas foi embora antes que pudéssemos nos apresentar, e... não consigo deixar de pensar que fomos muito impetuosos. Não. Não, fale você, Covril. Foi por você que larguei meus estudos e ensinamentos para percorrer o mundo. A essa altura, minhas turmas já devem estar armando uma revolução. — Rand quase abriu um sorriso. Se seguissem os costumes Ogier, as turmas de Haman levariam mais de meio ano para concluir que ele de fato partira, depois passariam mais um ano inteiro debatendo como proceder a respeito.

— Você não pode culpar uma mãe por se preocupar — retrucou Covril, as orelhas peludas tremelizando. Ela parecia em conflito entre o respeito que devia demonstrar a um Ancião e a impaciência, pouco adequada aos modos Ogier. Ela se virou para Rand, empertigando-se, as orelhas bem erguidas e o queixo firme. — O que você fez com o meu filho?

Rand ficou boquiaberto.

— Filho?

— Loial! — Covril o encarou como se ele estivesse louco. Erith olhava para os dois, ansiosa, as mãos entrelaçadas contra o peito. — Você disse ao Ancião dos Anciões do Pouso Tsofu que cuidaria dele — prosseguiu Covril. — Os Anciões me contaram. Você ainda não tinha se proclamado Dragão, naquela época, mas foi você mesmo. Não foi, Erith? Alar não disse que foi Rand al'Thor? — Ela não deu tempo para a jovem fazer mais do que assentir. Sua voz foi ganhando velocidade, e uma careta de desgosto surgiu no rosto de Haman. — Meu Loial é jovem demais para estar aqui Fora, jovem demais para viajar pelo mundo fazendo as coisas que o senhor com certeza o está botando para fazer. O Ancião Alar me falou do senhor. O que é que o meu Loial tem a ver com os Caminhos e os Trollocs e a Trombeta de Valere? O senhor me devolva meu filho agora mesmo, por favor, para que eu possa casá-lo com Erith, como é o correto. Ela vai pôr um fim nessa vontade de viajar dele.

— Ele é muito bonito — murmurou Erith, encabulada, as orelhas tremelizando tanto de vergonha que os tufo de pelos escuros viraram um borrão. — E acho que ele também é muito corajoso.

Rand levou um instante para recuperar o equilíbrio mental. Um Ogier falando com tamanha firmeza era feito uma montanha desabando. Mas um Ogier falando com aquela firmeza e tão rápido...

Pelos costumes dos Ogier, Loial *era mesmo* jovem demais para sair do *pouso* sozinho. Loial tinha pouco mais de noventa anos, mas os Ogier tinham uma vida bastante longa. Desde o dia que em que o conhecera, sempre ansioso para ver o mundo, Loial morria de medo do que aconteceria quando os Anciões percebessem que ele fugira. E, acima de tudo, morria de medo de que sua mãe partisse para buscá-lo com uma noiva a tiracolo. Ele dizia que o noivo não tinha voz nesses

assuntos, segundo a cultura Ogier, e que mesmo a noiva só podia opinar muito pouco — tudo ficava a cargo das duas mães. Não era nada impossível que um Ogier se visse comprometido com uma mulher que só iria conhecer no dia em que a mãe o apresentasse às futuras noiva e sogra.

Loial parecia pensar que o casamento seria o fim de tudo para ele — ou pelo menos o fim de seus anseios em ver mais do mundo. Bem, estivesse ele certo ou não, Rand não podia entregar um amigo de bandeja a seus maiores temores. Estava prestes a dizer que não sabia o paradeiro de Loial e sugerir que os três retornassem ao *pouso* e aguardassem que ele voltasse — chegou até a abrir a boca para isso —, quando uma dúvida lhe ocorreu. Ficou um pouco constrangido por não conseguir se lembrar de algo tão importante — pelo menos para Loial.

— Há quanto tempo ele está longe do *pouso*?

— Tempo demais — resmungou Haman, feito pedregulhos rolando montanha abaixo. — O garoto nunca se dedicava. Sempre falando em conhecer o mundo aqui Fora, como se de fato algo fosse diferente do que há nos livros que ele deveria estar estudando. Hum, hum. Que diferença faz se os humanos alteram as linhas de um mapa? A terra continua sendo...

— Ele está Fora faz tempo demais — acrescentou a mãe de Loial, com a firmeza de um mourão fincado em barro seco.

Haman franziu o cenho para ela, que devolveu um olhar igualmente firme, mesmo com as orelhas vibrando de constrangimento.

— J-Já faz mais de cinco anos — contou Erith. Suas orelhas murcharam por alguns instantes, depois subiram de volta, resistentes. Em uma imitação muito boa de Covril, ela completou: — Quero que ele seja meu marido. Soube disso assim que o vi pela primeira vez. Não vou deixar que ele morra. Não por conta dessas bobagens que ele faz.

Rand e Loial tinham conversado sobre muitos assuntos, e um deles fora a Saudade, embora Loial não gostasse de falar nisso. A Ruptura do Mundo fez os humanos fugirem para qualquer lugar seguro que encontrassem, e também fez os Ogier se afastarem dos *pousos*. Os humanos vagaram durante longos anos, atravessando um mundo que mudava algumas vezes ao longo do dia, e os Ogier também vagaram, buscando seus *pousos* perdidos com as mudanças da terra. Foi quando passaram a sofrer de Saudade. Um Ogier longe do *pouso* sempre desejava retornar. Um Ogier que ficava longe do *pouso* por muito tempo *precisava* retornar. Um Ogier muito tempo longe do *pouso* acabava morrendo.

— Ele me contou de um Ogier que ficou longe por mais tempo — respondeu Rand, baixinho. — Dez anos, acho que foi isso.

Haman já balançava a imensa cabeça em negativa antes mesmo que Rand concluísse o pensamento.

— Isso não importa. Pelo que sei, cinco ficaram Fora por tanto tempo assim e conseguiram voltar vivos, e acho que eu saberia se houvesse outros. Tamanha

loucura decerto teria sido registrada nos livros. Três desses Ogier morreram menos de um ano depois de voltarem, e o quarto ficou inválido pelo resto da vida. O quinto não ficou muito longe disso e passou o resto da vida precisando de uma bengala para caminhar, apesar de não ter parado de escrever. Hum, hum. Dalar tinha umas coisas bem interessantes a dizer sobre... — Desta vez, quando Covril abriu a boca para protestar, Haman virou a cabeça de repente e a encarou, as compridas sobrancelhas curvadas para cima, até que a mulher começou a ajeitar as saias. Porém mesmo assim Covril sustentou seu olhar. — Cinco anos é pouco tempo, eu sei — continuou Haman, encarando Covril com um olhar de esguelha penetrante —, mas estamos atados ao *pouso*. Não ouvimos na cidade nada que indicasse que Loial está aqui, e, pelo alarido que suscitamos, acho que teríamos ouvido alguma notícia da presença dele. No entanto, se o senhor nos disser onde ele está, será um bem enorme para ele.

— Em Dois Rios — respondeu Rand. Salvar a vida de um amigo não era traição. — Quando o vi pela última vez, Loial estava em boa companhia, rodeado de amigos. Dois Rios é um lugar tranquilo. Seguro. — Ou pelo menos voltara a ser, graças a Perrin. — E ele estava bem, uns meses atrás. — Era o que ouvira de Bo, quando as garotas relataram o que acontecera pelas bandas de casa.

— Dois Rios — murmurou Haman. — Hum, hum. Pois sim, eu sei onde fica. Mais uma longa caminhada.

Os Ogier não tinham o costume de montar a cavalo. Poucos cavalos eram capazes de sustentá-los, e os Ogier preferiam avançar nos próprios pés.

— Temos que partir imediatamente — declarou Erith, com firmeza, ainda que seu tom fosse menos grave se comparado ao de Haman.

Covril e Haman a encararam, surpresos, e as orelhas dela desabaram de vez. Afinal, ela era uma moça jovem demais na companhia de um Ancião e de uma mulher que Rand suspeitava de ser de alguma importância entre os seus, pela maneira com que enfrentava Haman. Erith não devia ter um dia a mais que oitenta anos.

Pensando nisso, Rand sorriu. Ela era uma garotinha, lá pelos seus setenta anos.

— Por favor, aceitem a hospitalidade do Palácio. Uns poucos dias de descanso podem até acelerar sua viagem. E o senhor talvez possa me ajudar, Ancião Haman. — Naturalmente, Loial estava sempre falando de seu professor, o Ancião Haman. O Ogier que, segundo Loial, sabia tudo. — Preciso localizar os Portais dos Caminhos. Todos eles.

Os três Ogier falaram ao mesmo tempo:

— Portais dos Caminhos? — perguntou Haman, erguendo as orelhas e sobrancelhas ao mesmo tempo. — Os Caminhos são muito perigosos. Perigosos demais.

— Uns poucos dias? — protestou Erith. — Meu Loial pode estar morrendo.

— Uns poucos dias? — inquiriu Covril, a voz um tom acima da de Erith. — Meu Loial pode estar... — Ela calou a boca e encarou a mais jovem, comprimindo os

lábios e tremelicando as orelhas.

Haman olhou feio para as duas, afagando a barba estreita, irritado.

— Não sei por que me deixei convencer de uma coisa dessas. Eu devia estar dando minhas aulas, me reunindo com o Cepo... Covril, se você não fosse uma Oradora tão respeitada...

— Se você não fosse casado com a minha irmã... — retrucou a mulher, incisiva. — Voniel mandou que você cumprisse seu dever, Haman. — As sobrancelhas de Haman baixaram até que as compridas pontas tocassem as bochechas, e as orelhas de Covril pareceram perder quase toda a rigidez. — Quer dizer, Voniel *pediu* — corrigiu ela. Não foi uma correção apressada, e ela não perdeu a pose, mas definitivamente não hesitou em completar: — Pela Árvore e quietude, não quis ofendê-lo, Ancião Haman.

Haman pigarreou alto — o que, para um Ogier, era muito alto — e virou-se para Rand, puxando o casaco como se o arrumasse.

— Há Crias da Sombra usando os Caminhos — explicou Rand, antes que Haman pudesse abrir a boca. — Deixei guardas nos poucos que pude. — Incluindo o que ficava logo ao lado do Pouso Tsofu, depois de partirem. Aqueles três não poderiam ter vindo a pé desde o Pouso Tsofu depois de sua última visita inútil ao local. — Mas foram poucos. Todos precisam ser vigiados, ou então Myrddraal e Trollocs poderão surgir do nada e nos pegar desprevenidos. Mas não faço ideia de onde ficam todos.

Isso não adiantaria de nada para os portões, naturalmente. Às vezes ele se perguntava por que um dos Abandonados simplesmente não abria um portão para o palácio e mandava alguns milhares de Trollocs. Dez mil, talvez vinte. Seria muito difícil impedir um ataque dessa magnitude, isso se *conseguisse* impedir. Seria, na melhor das hipóteses, uma carnificina. Bem, não podia fazer nada em relação a um portão, a menos que estivesse nele. Mas podia tomar atitudes para se proteger dos Portais dos Caminhos.

Haman e Covril se entreolharam. Os dois foram para um canto conversar aos sussurros — incrivelmente, falaram baixo o suficiente para que Rand ouvisse apenas um zunido, como um imenso enxame de abelhas preso no telhado. Estava certo sobre a mãe de Loial ser de alguma importância: uma Oradora, um título que parecera relevante. Considerou agarrar *saidin* para poder ouvir a conversa, mas rejeitou a ideia, enojado. Ainda não se rebaixara a bisbilhotar. A atenção de Erith estava dividida entre Rand e seus anciões, e ela alisou as saias sem perceber que o fazia.

Rand torceu para que eles não decidissem perguntar por que não pedira aquilo ao Conselho de Anciões no Pouso Tsofu. Alar, a Anciã dos Anciões de lá, fora bastante firme: o Cepo estava se reunindo, e uma coisa tão estranha — e tão peculiar, algo que jamais se cogitara fazer — quanto entregar a um humano o controle dos Portais dos Caminhos só poderia ser feita com o apoio do Cepo. Quem ele era parecia não

importar — nem para ela e nem para aqueles três ali.

Haman enfim retornou, franzindo o cenho e agarrando as lapelas do casaco. Covril também franzia a testa.

— Isso tudo está indo rápido demais, rápido demais — começou Haman, em um tom grave, soando como o rolar de pedregulhos. — Queria poder debater isso com... bem, não posso. Crias da Sombra, o senhor disse? Hum, hum. Muito bem, se é preciso ligeireza, então é preciso ligeireza. E que não digam que os Ogier não sabem agir com rapidez quando é necessário. E talvez agora seja necessário. O senhor precisa entender que o Conselho de Anciões de qualquer *pouso* pode lhe negar isso, e também o Cepo.

— Mapas! — gritou Rand, tão alto que os três Ogier deram um salto. — Preciso de mapas! — Ele deu meia-volta, procurando algum dos serviçais que pareciam estar sempre por perto, um *gai'shain*, qualquer um. Sulin meteu a cabeça porta adentro e espiou o pátio. Claro que ela estaria ali por perto, depois de tudo o que Rand dissera. — Mapas — vociferou para ela. — Quero todos os mapas do Palácio. E uma pena, e tinta. Agora! Rápido! — Sulin o encarou com uma expressão de quase desdém e deu meia-volta. Os Aiel não usavam mapas, até alegavam que eram desnecessários. — Corra, *Far Dareis Mai*! — gritou.

Sulin o encarou por cima do ombro... e correu. Rand se perguntou que cara estava fazendo naquele momento para ter sido obedecido, querendo usá-la de novo quando fosse preciso.

Pela expressão no rosto de Haman, o Ancião já estaria retorcendo as mãos em desespero se tivesse um pouquinho menos de dignidade.

— Na verdade, tem pouca coisa que podemos de fato dizer que o senhor já não saiba. Cada *pouso* tem apenas um Portal, bem ao lado. — Essa parte não era novidade. Os primeiros Portais dos Caminhos não poderiam ter sido feitos dentro do *pouso*, que bloqueava a canalização. E, mesmo quando os Ogier receberam o Talismã do Crescimento e puderam eles próprios fazer com que os Caminhos crescessem e abrissem novos Portais, ainda havia Poder envolvido, por mais que não fosse usado para canalizar. — E tem um em cada cidade com um bosque Ogier. Embora aqui a cidade pareça ter crescido *por cima* do bosque. E em Al'cair'rahienallen... — A voz de Haman foi morrendo, e ele balançou a cabeça.

Era um nome que poderia muito bem sintetizar a questão. Três mil anos antes, ou quase isso, existira uma cidade erguida pelos Ogier chamada Al'cair'rahienallen. O local passara a se chamar Cairhien, e o bosque que os construtores Ogier plantaram em memória de seu *pouso* era parte de uma propriedade que pertencia ao mesmo Barathanes cujo palácio agora abrigava a escola de Rand. Ninguém, além dos Ogier e talvez de algumas Aes Sedai, sabia de Al'cair'rahienallen. Nem mesmo os cairhienos.

Fosse lá em que Haman acreditasse, muita coisa podia mudar em três mil anos. Imensas cidades construídas por Ogier tinham deixado de existir, algumas sem

deixar nada além do nome. E algumas grandes cidades foram erguidas sem a mão dos Ogier. Segundo Moiraine, Amador era uma delas, criada depois das Guerras dos Trollocs — assim como Chachin, em Kandor, e Shol Arbela, em Arafel, e Fal Moran, em Shienar. Em Arad Doman, Bandar Eban fora construída sobre as ruínas de uma cidade devastada durante a Guerra dos Cem Anos — uma cidade que Moiraine conhecia por três nomes diferentes, nenhum deles confirmado, e que fora erguida sobre uma cidade sem nome que desaparecera nas Guerras dos Trollocs. Rand sabia de um Portal dos Caminhos no interior de Shienar, próximo a uma cidade de porte médio que conservara parte do nome da gigantesca cidade arrasada pelos Trollocs. Sabia também de outro, dentro da Praga, em Malkier, um reino destruído pela Sombra. Outros locais tinham apenas passado por mudanças ou crescido bastante, como apontara o próprio Haman. O Portal dos Caminhos ali em Caemlyn agora ficava em um porão. Um porão bem escondido. Rand sabia que havia um Portal dos Caminhos em Tear, entre os campos de pastoreio onde os Grão-lordes criavam seus famosos rebanhos equinos. Devia haver outro em algum ponto das Montanhas da Névoa, onde um dia ficara Manetheren — fosse lá onde fosse. Quanto aos *pousos*, sabia apenas onde ficava o Pouso Tsofu. Moiraine não considerara os *pousos* ou os Ogier parte essencial da educação de Rand.

— O senhor não sabe onde ficam os *pousos*? — perguntou Haman, incrédulo, quando Rand terminou de explicar. — Isso é alguma piada Aiel? Nunca entendi o humor do Deserto.

— Para os Ogier, já faz um bom tempo que os Caminhos foram criados — explicou Rand, educadamente. — Para os humanos, faz uma eternidade.

— Mas o senhor nem ao menos *se lembra* de Mafal Dadaranell, Ancohima, Londaren Cor, ou...?

Covril pôs uma das mãos no ombro de Haman, mas a compaixão em seus olhos era para Rand.

— Ele não se lembra — murmurou ela. — Os humanos já se esqueceram. — Covril falava como se aquilo fosse a pior perda imaginável. Erith, apertando as mãos sobre a boca, parecia a ponto de chorar.

Sulin voltou, fazendo questão de mostrar que não corria, seguida por um grande grupo de *gai'shain* com braços abarrotados de rolos de mapas de todos os tamanhos, alguns arrastando nas pedras do pavimento do pátio, de tão compridos. Um homem de toga branca trazia uma caixa de escrita de marfim entalhado.

— Mandei alguns *gai'shain* procurarem mais — anunciou Sulin, em um tom rígido —, junto com alguns aguacentos.

— Obrigado — respondeu Rand. Um pouco da tensão se esvaiu do rosto da Aiel.

Rand se agachou e começou a espalhar e organizar os mapas ali mesmo, nas pedras do pavimento. Vários eram da cidade, e outros tantos representavam apenas partes de Andor. Ele logo encontrou um que exibia toda a faixa das Terras da Fronteira, esó a Luz sabia o que aquele mapa estava fazendo em Caemlyn. Alguns

dos mapas, já envelhecidos e puídos, mostravam fronteiras que não existiam mais e nomeavam nações extintas centenas de anos antes.

As fronteiras e os nomes foram suficientes para ele classificar os mapas em ordem cronológica. Nos mais antigos, Hardan margeava o norte de Cairhien. Então, com o passar dos anos, Hardan desaparecia, e as fronteiras de Cairhien avançaram até a metade de Shienar antes de voltarem, quando ficou claro que o Trono do Sol simplesmente não conseguiria dar conta de tantas terras. Primeiro Maredo ficava entre Tear e Illian, depois desapareceu, e Tear e Illian passaram a fazer fronteira nas Planícies de Maredo, mas ambas foram se retirando aos poucos do local — pelos mesmos motivos de Cairhien. Caralain desapareceu, assim como Almoth, Mosara, Irenvelle e outras, por vezes absorvidas por outras nações, quase sempre virando territórios indômitos, terras de ninguém. Aqueles mapas narravam uma história de perecimento que começara com a ruína do império de Asa-de-gavião, um lento recuo da humanidade. Um segundo mapa das Terras da Fronteira mostrava apenas Saldaea e parte de Arafel, com a Fronteira da Praga cinquenta milhas mais longe a norte. A humanidade recuava, e a Sombra avançava.

Um homem magro e careca, usando um uniforme do Palácio mal-ajustado ao corpo, veio correndo pátio adentro com outro monte de mapas, e Rand suspirou e prosseguiu com a seleção.

Haman, muito sério, examinava a caixa de escrita que lhe fora entregue pelo *gai'shain*, então tirou outra, quase tão grande quanto, embora bastante simples, de um espaçoso bolso do casaco. A pena que saiu da caixa era de madeira polida, bem mais grossa que o polegar de Rand e comprida o bastante para parecer fina, mas encaixava-se perfeitamente nos dedos robustos do Ogier. Haman apoiou-se sobre as mãos e os joelhos e foi engatinhando por cima dos mapas que Rand estendera, vez ou outra molhando a pena no frasco de tinta do *gai'shain* e rabiscando em uma caligrafia que parecia grande demais, mas que para ele era bastante pequena. Covril o acompanhava, espiando por cima do ombro de Haman, mesmo depois de ele perguntar duas vezes se a mulher achava que ele cometeria algum erro.

Foi uma aula para Rand, começando com sete *pousos* espalhados pelas Terras da Fronteira. Bem, os Trollocs de fato tinham medo de entrar nos *pousos*, e até os Myrddraal precisavam de um bom incentivo. A Espinha do Mundo, a Muralha do Dragão, abrigava treze, incluindo o que havia na Adaga do Fratricida — apenas algumas milhas separavam o Pouso Shangtai, ao sul, do Pouso Qichen e do Pouso Sanshen, ao norte.

— A terra realmente mudou com a Ruptura do Mundo — explicou Haman, quando Rand deu voz à surpresa. Ele prosseguiu com as marcações, um tanto ávido. Ou melhor, ávido para os padrões Ogier. — A terra virou mar, e o mar virou terra, mas a terra também se dobrou. Às vezes o que era bem distante se aproximou, e o que era próximo se distanciou. Embora, claro, ninguém possa dizer se Qichen e Sanshen começaram muito longe um do outro.

— Você se esqueceu de Cantoine — anunciou Covril, assustando um serviçal de uniforme, que jogou longe a nova braçada de mapas.

Haman olhou feio para ela e rabiscou o nome logo acima do Rio Iralell, não muito longe a norte de Haddon Mirk. Na faixa a oeste da Muralha do Dragão, da fronteira sul de Shienar até o Mar das Tempestades, havia apenas quatro *pousos*, todos considerados recém-encontrados pelos Ogier — o que significava que o mais recente, Tsofu, abrigava Ogier havia apenas seiscentos anos, e nenhum dos outros era habitado havia mais de mil anos. Alguns dos locais foram tão surpreendentes quanto as Terras da Fronteira, como as Montanhas da Névoa, que abrigava seis, e a Costa da Sombra. As Colinas Negras também tinham seus *pousos*, assim como as florestas acima do Rio Ivo, e as montanhas acima do Rio Dhagon, logo ao norte de Arad Doman.

O mais triste era a lista de *pousos* abandonados, desocupados por causa da grande redução da população Ogier. A Espinha do Mundo, as Montanhas da Névoa e a Costa da Sombra também estavam nessa lista, assim como um *pouso* nas profundezas da Planície de Almoth, perto da imensa floresta de Paerish Swar, e de um nas montanhas baixas ao longo do norte da Ponta de Toman, diante do Oceano de Aryth. Talvez mais triste ainda fosse o *pouso* assinalado bem na extremidade da Praga, em Arafel — os Myrddraal podiam ser relutantes em adentrar um *pouso*, mas, à medida que a Praga avançava para o sul, ia varrendo tudo em seu caminho.

Haman hesitou e comentou, em um tom triste:

— Sherandu foi tragado pela Grande Praga há 1.843 anos, e Chandar já não existe há 968.

— Que suas memórias floresçam e prosperem sob a Luz — murmuraram Covril e Erith, em uníssono.

— Eu sei de um que o senhor não marcou — avisou Rand.

Perrin lhe contara que tinha se abrigado nesse *pouso*. Ele puxou um mapa de Andor, para leste do Rio Arinelle, e tocou um ponto bem acima da estrada de Caemlyn, rumo à Ponte Branca — se não acertou o ponto exato, ao menos sabia que ficava bem perto.

Haman fez uma careta, quase um rosnado.

— Onde seria a cidade de Asa-de-gavião. Esse nunca chegou a ser reivindicado. Muitos *pousos* foram encontrados, mas não reivindicados. Tentamos nos manter afastados das terras dos homens.

Todas as marcações ficavam em montanhas escarpadas, em locais que os homens consideravam difíceis de entrar, ou, em uns poucos casos, apenas longe de qualquer habitação humana. O Pouso Tsofu ficava bem mais perto de um local habitado por homens, mas mesmo ele ficava a um dia inteiro de viagem da aldeia mais próxima.

— Esse seria um ótimo debate para algum outro momento — ralhcou Covril. Falava com Rand, mas claramente se dirigia a Haman, como indicava seu olhar de esguelha. — Quero chegar o mais a oeste que der antes do cair da noite.

Haman suspirou pesadamente.

— Ah, mas vocês não vão ficar aqui um pouco? — protestou Rand. — Devem estar exaustos, depois de toda essa caminhada, vindos de Cairhien.

— As mulheres não se exauem nunca — reclamou Haman —, só exauem os outros. É um ditado Ogier muito antigo.

Covril e Erith fungaram com desdém ao mesmo tempo. Resmungando sozinho, Haman seguiu com sua lista, mas agora de cidades construídas pelos Ogier — cidades que tinham abrigado bosques, cada qual com seu Portal dos Caminhos, para que os Ogier pudessem entrar e sair dos *pousos* sem ter de passar pelas sempre conturbadas terras dos homens.

Ele marcou Caemlyn, naturalmente, assim como Tar Valon, Tear, Illian, Cairhien, Maradon e Ebou Dar. Era tudo, no que dizia respeito às cidades que ainda existiam, e ele escreveu Barashta em vez de Ebou Dar. Talvez o lugar de Barashta fosse com as outras marcas, que indicavam locais onde os mapas não mostravam nada além de uma aldeia, quando muito: Mafal Dadaranell, Ancohima, Londaren Cor, claro, e Manetheren; além de Aren Mador, Aridhol, Shaemal, Braem, Condaris, Hai Ecorimon, Iman... a lista crescia, e Rand começou a ver manchinhas úmidas em cada mapa, quando Haman terminava. Levou um instante para perceber que o Ancião Ogier estava chorando em silêncio, deixando que as lágrimas vertessem enquanto assinalava cidades mortas e esquecidas. Talvez ele chorasse pelo povo, talvez pelas lembranças. A única certeza de Rand era que o choro não era pelas cidades em si, não era pelo trabalho perdido dos pedreiros Ogier — para os Ogier, o trabalho de cantaria era apenas uma função que haviam aprendido durante o Exílio. E que trabalho de cantaria poderia se comparar à grandiosidade das árvores?

Um daqueles nomes lhe pareceu familiar, e a localização também. A leste de Baerlon, vários dias de viagem para cima da Ponte Branca e Arinelle.

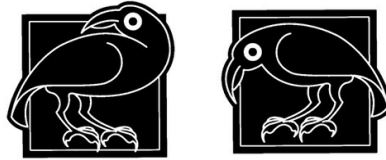
— Tinha um bosque aqui? — perguntou, o dedo sobre a marcação.

— Em Aridhol? — perguntou Haman. — Sim. Tinha, sim. Que tristeza.

Rand não ergueu a cabeça.

— Em Shadar Logoth — corrigiu. — Foi mesmo uma tristeza. Vocês poderiam... vocês me mostrariam esse Portal dos Caminhos, se eu os levasse até lá?





PARA SHADAR LOGOTH

— Se você nos levasse até lá? — indagou Covril, examinando o mapa nas mãos de Rand com uma carranca descomunal. — Seria um desvio enorme do nosso caminho, se bem me lembro onde fica Dois Rios. Precisamos encontrar Loial, e não aceito desperdiçar nem mais um dia.

Erith assentiu com firmeza.

Haman, as bochechas ainda molhadas de lágrimas, balançou a cabeça, desapontado com a afobação das duas, mas disse:

— Não posso permitir uma coisa dessas. Aridhol... Ou Shadar Logoth, como vocês chamam agora, um nome muito apropriado, aliás, não é lugar para alguém jovem como Erith. Não é lugar para ninguém, aliás.

Rand se levantou, deixando o mapa cair. Conhecia Shadar Logoth melhor do que gostaria.

— Vocês não vão perder tempo. Na verdade, vão ganhar. Levarei vocês em uma Viagem, abrindo um portão até Shadar Logoth. Assim, vocês percorreriam mais da metade do caminho até Dois Rios ainda hoje. E não vamos demorar. Sei que vocês conseguiriam me guiar direto até o Portal dos Caminhos.

Ogier eram capazes de sentir os Portais dos Caminhos, se não estivessem muito longe.

A proposta gerou outra pequena conferência diante da fonte, e dessa vez Erith exigiu participar. Rand só conseguiu entre ouvir alguns trechos, mas estava claro que Haman se opunha, pela forma como balançava a cabeça insistentemente; enquanto Covril, com as orelhas tão rígidas que dava a impressão de estar tentando parecer o mais alta possível, acreditava que deveriam aceitar. No começo, Covril franzia o cenho tanto para Erith quanto para Haman — fosse qual fosse a relação entre sogra e nora para os Ogier, a mãe de Loial deixava bem claro que, para ela, Erith não

deveria opinar. Mas logo mudou de ideia: as duas Ogier se uniram contra Haman, insistentes e implacáveis.

— ... muito perigoso. Muito, muito perigoso — dizia Haman, feito um trovão distante.

— ... quase lá ainda hoje... — argumentava um trovão mais leve, de Covril.

— ... já está Fora há muito tempo... — acrescentava o ribombar sonoro de Erith.

— ... a pressa não compensa...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... Mashadar sob nossos pés...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

— ... como Ancião...

— ... meu Loial...

— ... meu Loial...

Haman voltou até Rand ajeitando o casaco, como se tivesse sido rasgado ao meio, seguido de perto pelas duas. Covril parecia mais serena que Erith, que fazia um esforço visível para sufocar o sorriso, mas as duas estavam com as orelhas peludas apontadas no mesmo ângulo, transmitindo animação e satisfação.

— Nós decidimos — começou Haman, muito rígido — aceitar sua oferta. Vamos acabar logo com esse passeio para eu poder retomar as aulas. E voltar ao Cepo. Hum, hum. Há muito a dizer sobre o senhor, diante do Cepo.

Rand não se importava se Haman dissesse ao Cepo que ele intimidara os três. Os Ogier mantinham distância dos homens, só aparecendo para efetuar reparos em antigos trabalhos de cantaria, e era improvável que pudessem influenciar a opinião de qualquer humano sobre ele.

— Ótimo — respondeu. — Vou mandar alguém buscar seus pertences na estalagem.

— Estamos com tudo bem aqui — anunciou Covril.

A mulher foi até o outro lado da fonte, agachou-se e pegou duas trouxas que os Ogier haviam escondido ali atrás. Qualquer uma daquelas trouxas seria uma carga bem pesada para um homem, mas ela entregou uma a Erith e pendurou a alça da outra nos ombros, acomodando-a enviesada no peito e apoiada nas costas.

— Imaginamos que, se Loial estivesse aqui — explicou Erith, ajeitando a trouxa —, já estaríamos com tudo pronto para voltar ao Pouso Tsofu sem mais demora. Se não o encontrássemos, estaríamos prontos para partir. Sem demora.

— Na verdade, o problema são as camas — confidenciou Haman, erguendo as mãos apartadas, formando entre elas um espaço do tamanho de uma criança humana. — Nos tempos antigos, todas as estalagens daqui de Fora tinham dois ou três quartos para Ogier, mas hoje em dia é uma dificuldade encontrar mobília para o nosso tamanho. É difícil de entender por quê. — Ele olhou os mapas marcados e soltou um

suspiro. — *Era* difícil entender.

Rand esperou apenas por tempo suficiente para Haman apanhar a própria trouxa, então agarrou *saidin* e abriu um portão ali mesmo, ao lado da fonte. O buraco no ar exibia uma rua devastada, repleta de ervas daninhas e construções em ruínas.

— Rand al'Thor — chamou Sulin, entrando no pátio em um passo quase casual, à frente de um grupo de serviçais e *gai'shain* abarrotadas de mapas. Liah e Cassin estavam junto, com a mesma naturalidade fingida. — Você pediu mais mapas.

O olhar de Sulin para o portal era quase acusatório.

— Posso me proteger melhor lá sozinho do que com vocês — explicou Rand, com frieza. Não pretendia ser frio, mas, envolto no Vazio, não havia como a voz soar mais que fria e distante. — Não há nada que suas lanças possam combater, e há algumas coisas que as lanças não venceriam.

Sulin ainda exibia boa parte da irritação de mais cedo.

— Por isso mesmo deveríamos ir.

Aquilo não faria sentido para ninguém que não fosse Aiel, mas...

— Eu não vou discutir — declarou Rand. Sulin tentaria ir atrás, caso ele recusasse. Ela convocaria Donzelas que tentariam pular portal adentro, mesmo que a abertura já estivesse se fechando. — Imagino que todo o restante da guarda de hoje deve estar logo ali dentro, na próxima sala. Convoque todas com um assobio. Mas quero que todos fiquem perto de mim e tomem o cuidado de não tocar em nada. Seja rápida. Quero acabar logo com isso.

Suas lembranças de Shadar Logoth não eram nada agradáveis.

— Eu as mandei embora, como você insistiu — retrucou Sulin, indignada. — Conte devagar até cem.

— Dez.

— Cinquenta.

Rand assentiu, e a mulher remexeu os dedos. Jalani disparou para dentro, e Sulin remexeu as mãos outra vez. Três *gai'shain*, atônitas, largaram o monte de mapas que carregavam, ergueram os longos robes brancos e correram de volta para o Palácio por caminhos diferentes. As mulheres pareciam muito surpresas, e nenhum Aiel nunca demonstrava tamanha surpresa. Sulin nem esperou: já tinha desaparecido quando as *gai'shain* começaram a se afastar.

Quando Rand chegou a vinte, Aiel começaram a saltar pátio adentro, pulando pelas janelas, jogando-se das sacadas. Ele quase perdeu a conta. Todos estavam velados, e havia apenas algumas Donzelas. Os Aiel olharam em volta, confusos por verem apenas Rand e três Ogier, que olharam de volta para eles, curiosos. Alguns baixaram os véus. Os serviçais do Palácio se encolheram, aproximando-se uns dos outros de modo apreensivo.

O fluxo de Aiel continuou mesmo depois de Sulin voltar, o véu baixado, no exato instante em que ele chegou a cinquenta. O pátio estava tomado de Aiel. Logo ficou claro que a mulher espalhara a notícia de que o *Car'a'carn* estava em perigo, a única

forma que encontrara de reunir lanças suficientes no tempo que lhe fora concedido. Os homens resmungaram, amargurados, mas a maioria logo concluiu que era uma boa piada, e alguns soltaram risadinhas e bateram as lanças nos broquéis. Ainda assim, nenhum foi embora. Eles olharam o portão e se endireitaram, agachados, tentando ver o que estava acontecendo.

Com os ouvidos aguçados pelo Poder, Rand ouviu Nandera, uma Donzela bem musculosa, ainda bela apesar dos cabelos mais grisalhos que louros, sussurrar para Sulin:

— Você falou com as *gai'shain* como se fossem *Far Dareis Mai*.

Os olhos azuis de Sulin encararam os verdes de Nandera com firmeza.

— Falei. Lidaremos com isso ainda hoje, depois que Rand al'Thor estiver seguro.

— Depois que ele estiver seguro — concordou Nandera.

Sulin logo destacou vinte Donzelas, inclusive algumas que tinham composto a guarda naquela manhã. Quando Urien começou a escolher seus Escudos Vermelhos, homens de outras sociedades insistiram para serem incluídos. Aquela cidade para além do portão parecia um lugar cheio de inimigos, e o *Car'a'carn* tinha que ser protegido. Na verdade, nenhum Aiel dava as costas a uma possibilidade de luta — e quanto mais jovens, mais provável que corressem atrás de uma. Uma nova discussão começou quando Rand declarou que não poderia haver mais homens do que as Donzelas — o que desonraria as *Far Dareis Mai*, posto que elas carregavam sua honra —, e que Sulin não poderia escolher mais nenhuma Donzela. Falara sério quando dissera que estava levando aqueles Aiel a um lugar onde nenhuma de suas habilidades de batalha poderia protegê-los, e cada um que levava era um a mais em quem ficar de olho. Claro que não explicou isso. Não havia como saber quem ficaria ofendido com aquilo.

— Lembrem-se de não tocar em nada — ressaltou, assim que todos foram selecionados. — Não peguem nada, nem mesmo tomem um gole de água. E fiquem sempre à vista. Não entrem em nenhuma casa, não importa o motivo.

Haman e Covril assentiram com vigor, o que pareceu impressionar mais os Aiel que as palavras de Rand. Bem, não importava. Bastava que ficassem impressionados.

O grupo cruzou o portal e adentrou uma cidade morta — uma cidade mais do que morta.

O sol dourado, já a mais de meio caminho do zênite, escaldava as ruínas grandiosas. Aqui e ali ainda havia imensos domos intactos sobre palácios de mármore claro, porém era mais comum ver construções sem teto, e na maioria dos casos restavam apenas as ruínas de algum fragmento curvo. Compridas passarelas sustentadas por colunas ligavam torres mais altas do que Cairhien jamais sonhara ter, algumas com extremidades irregulares. Por todo lado se viam tetos desmoronados das casas, além de tijolos e pedras espalhados pelas pedras rachadas do pavimento, resquícios de construções e muralhas desabadas. Fontes espatifadas e

monumentos destruídos decoravam cada cruzamento. As imensas montanhas de entulho eram pontilhadas de árvores atrofiadas, morrendo pela falta de água. Ervas mortas revestiam as rachaduras das ruas e dos edifícios. Nada se movia — nem um pássaro, nem um rato, nem a brisa. O silêncio dominava Shadar Logoth. Onde a Sombra Espreita.

Rand deixou o portão se fechar. Nenhum Aiel baixou o véu. Os Ogier olhavam em volta, tensos, as orelhas bem para trás. Rand agarrou-se a *saidin*, naquela luta que, como dizia Taim, fazia o homem saber que estava vivo. Mesmo se não pudesse canalizar — especialmente nesse caso, talvez —, naquele lugar era bom ser lembrado de que estava vivo.

Aridhol era uma capital magnífica nos tempos das Guerras dos Trollocs, aliada de Manetheren e do restante das Dez Nações. Essas guerras duraram tanto tempo que faziam a Guerra dos Cem Anos parecer breve, e também davam a impressão de que a Sombra estava vencendo em todos os cantos e que cada vitória da Luz servia apenas para se ganhar tempo. Foi quando Mordeth tornou-se conselheiro de Aridhol e convencera o governante de que, para ganhar a guerra — para sobreviver à guerra —, a cidade teria que ser ainda mais forte que a Sombra, ainda mais cruel e menos confiável que a Sombra. E isso foi se estabelecendo aos poucos, até que, por fim, Aridhol se tornou um lugar tão tenebroso quanto a Sombra — se não mais. A Guerra dos Trollocs seguia, feroz, mas Aridhol voltou-se para si mesma — virou-se contra si mesma. Consumindo-se.

E algo foi deixado para trás. Algo que impedia qualquer um de voltar a viver ali. Até a menor pedrinha daquele lugar estava maculada com o ódio e a desconfiança que tinham assassinado Aridhol e deixado Shadar Logoth em seu lugar. Com o tempo, até a menor pedrinha deixava uma mácula própria.

E ali ainda resistia algo além da mácula, embora essa já fosse forte o suficiente para afastar qualquer homem sã.

Rand girou o corpo bem devagar, mantendo-se no mesmo lugar, examinando cada janela como se fosse uma órbita oca, os olhos arrancados das construções. O sol ainda estava alto, mas ele já sentia os olhos invisíveis o observando. Quando passara por ali antes, a sensação só ficara forte daquele jeito depois de o sol começar a baixar. Muito mais do que a mácula persistia ali. Um exército de Trollocs morrera enquanto acampava ali, desaparecera por completo, deixando apenas manchas de sangue nas paredes — mensagens implorando ao Tenebroso que os salvasse. Shadar Logoth não era um bom local para se estar à noite.

Este lugar me dá medo, murmurou Lews Therin, por trás do Vazio. *Você não fica com medo?*

Rand ficou sem fôlego. A voz estava mesmo falando com ele? *Fico.*

A escuridão está aqui. Um negrume mais negro que o negro mais intenso. Se o Tenebroso escolhesse viver entre os homens, viveria aqui.

Sim. Viveria.

Preciso matar Demandred.

Rand ficou sem reação.

Demandred tem alguma ligação com Shadar Logoth? Com este lugar?

Eu agora me lembro de que matei Ishamael. A voz transmitia um quê admirado, como se acabasse de descobrir isso. Ele mereceu morrer. Lanfear também mereceu, mas fico feliz que não tenha sido por minhas mãos.

Será que a voz apenas parecia estar falando com ele, por acaso? Ou Lews Therin estava ouvindo, respondendo?

Como foi que eu... que você matou Ishamael? Me conte.

Morte. Quero a morte completa. Mas não aqui. Não quero morrer aqui.

Rand suspirou. Era apenas por acaso. Também não queria morrer ali. Um palácio próximo, com as colunas da frente quebradas, estava bem inclinado em direção à rua. Poderia desabar a qualquer momento, soterrando-os ali mesmo.

— Podem guiar — disse a Haman. E alertou os Aiel: — Lembrem-se do que eu disse. Não toquem em nada, não peguem nada e não sumam de vista.

— Não achei que estivesse tão ruim — murmurou Haman. — Quase abafa a sensação do Portal dos Caminhos.

Erith soltou um gemido de lamento, e Covril teria soltado outro, se não fosse tão altiva. Os Ogier eram muito sensíveis à atmosfera de um lugar. Haman apontou. O suor em seu rosto não tinha nenhuma relação com o calor.

— Por aqui.

O pavimento rachado estalava sob as botas de Rand feito ossos sendo esmigalhados. Haman conduziu o grupo pelas ruas e esquinas, passando por diversas ruínas, mas sempre seguro da direção. Os Aiel à volta avançavam nas pontas dos pés. Seus olhos, a única parte do rosto visível por entre as dobras dos véus negros, indicavam que não esperavam um ataque — para eles, o ataque já tinha começado.

Os olhos invisíveis que os observavam e as construções destroçadas trouxeram memórias que Rand preferia evitar. Fora ali que Mat iniciara a jornada que o levara à Trombeta de Valere — uma jornada que quase o matara, e talvez a mesma jornada que o conduzira a Rhuidean e ao *ter'angreal* do qual ele não queria falar. Ali, Perrin desaparecera quando todos foram forçados a fugir no meio da noite — quando Rand enfim o reencontrou, o amigo tinha olhos dourados tristes e segredos que Moiraine jamais revelara.

Ele próprio não escapara incólume, embora Shadar Logoth não o tivesse tocado diretamente. Padan Fain seguira todos até ali: Rand, Mat, Perrin, Moiraine, Lan, Nynaeve e Egwene. Padan Fain, o mascate que sempre visitava Dois Rios. Padan Fain, o Amigo das Trevas. Que agora, segundo Moiraine, era mais que Amigo das Trevas — algo pior. Fain seguira todos até Shadar Logoth, mas o que saiu de lá foi mais — ou menos — do que entrou. Padan Fain, ou quanto ainda restara dele, queria ver Rand morto. Já ameaçara todos os que Rand amava caso o garoto não fosse ao seu encontro. E Rand não fora. Perrin lidara com a ameaça e protegera Dois Rios,

mas — Luz! — como doía. E o que Fain estava fazendo com os Mantos-brancos? Será que Pedron Niall era Amigo das Trevas? Se algumas Aes Sedai podiam ser, então o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz também podia.

— Lá está — anunciou Haman, e Rand levou um susto.

Shadar Logoth era o pior lugar do mundo para se perder em devaneios.

O Ancião estava parado onde já houvera uma praça enorme. Um dos cantos estava cheio de entulho enferrujado. No meio, onde talvez existisse uma fonte, havia uma cerca com filigranas de algum metal brilhante. Era da altura de um Ogier, e, ao contrário do restante dos escombros da cidade, permanecera intocada pela ferrugem. A cerca envolvia o que parecia uma pedra alta com entalhes de vinhas e folhas ao sabor da brisa — tinham sido esculpidas com tamanho esmero que parecia que a brisa logo voltaria a soprar. Pareciam tão bem-feitas que era uma surpresa notar seu tom cinza e pétreo, não verde. Era o Portal dos Caminhos, mesmo que não se parecesse com um portal.

— Derrubaram o bosque assim que os Ogier partiram para os *pousos* — resmungou Haman, irritado, as compridas sobrancelhas caídas. Mal esperaram uns vinte ou trinta anos para expandir a cidade.

Rand tocou a cerca com um fluxo de Ar, perguntando-se como transpor aquele obstáculo. Piscou, surpreso, quando a estrutura inteira se desfez em vinte ou mais pedaços, que desabaram com um estrépito que fez os Ogier darem um salto. Rand balançou a cabeça. Claro. Qualquer metal que tivesse sobrevivido tanto tempo sem o menor pontinho de ferrugem *só podia* ter sido feito a partir do Poder. Talvez fosse um resquício da Era das Lendas. Mas os fluxos que uniam as placas de metal já estavam enfraquecidos havia muito, só esperando um bom solavanco.

Covril botou a mão em seu ombro.

— Queria pedir que o senhor não abrisse. Loial com certeza lhe ensinou como fazer... ele sempre teve interesse demais nesse tipo de coisa. Mas os Caminhos são perigosos.

— Posso trancar — anunciou Haman —, para que não possa mais ser aberto sem o Talismã do Crescimento. Hum, hum. É bem simples. A solução é muito óbvia. — Mas ele não parecia ansioso por tentar, e nem fez menção de se aproximar do portal.

— Talvez o portal tenha que ser usado às pressas, sem que se tenha tempo de pegar um Talismã do Crescimento — explicou Rand.

Todos os Caminhos talvez tivessem que ser usados, a despeito dos perigos. Se pudesse dar um jeito de purificá-los... era um projeto quase tão ambicioso quanto o anúncio que fizera a Taim de que purificaria *saidin*.

Começou criando tessituras em torno do Portal usando todos os Cinco Poderes, erguendo as partes da cerca de volta para o lugar. Desde o primeiro fluxo que canalizou, sentiu que a mácula parecia pulsar dentro dele — uma vibração que aos poucos tomava seu corpo. Devia ser em resposta ao mal de Shadar Logoth, um mal ecoando o outro. Mesmo dentro do Vazio, ficou tonto com tantas reverberações,

como se o mundo oscilasse sob seus pés. A sensação o deixou com ânsia, querendo vomitar tudo o que já comera na vida. Ainda assim, perseverou. Não podia botar homens de guarda ali, assim como não podia enviar batedores para explorar a cidade.

A trama que ele urdiu, para então inverter, era uma armadilha horrível, adequada para aquele lugar. Um selo de proteção da mais profunda e completa vilania. Podia erguer um selo contra humanos ou um selo contra Crias da Sombra, mas não os dois. Por aquele ali, humanos passariam incólumes, e talvez até os Abandonados conseguissem atravessar — e quem sabe não conseguiriam nem notar sua presença. Ainda assim, se alguma Cria da Sombra passasse por ali... bem, era a questão da vilania. A criatura não morreria imediatamente, e talvez até vivesse para transpor as muralhas da cidade. Tempo suficiente para chegar bem longe, sair dali e não servir de aviso para o próximo Myrddraal que passasse. Tempo suficiente para a debandada de um exército de Trollocs, talvez deixando alguns para trás pelo caminho. E seria uma morte cruel o bastante para um Trolloc. Fazer aquilo o enojava tanto quanto a mácula em *saidin*.

Trançar os últimos nós da trama e soltar *saidin* só lhe trouxe um pouco de alívio. O resíduo de podridão que sempre parecia persistir ainda pulsava, e Rand quase sentia como se o chão pulsasse debaixo de suas botas. Os dentes e as orelhas doíam. Mal via a hora de sair dali.

Respirou fundo e preparou-se para canalizar outra vez, abrir um portão... então parou, franzindo o cenho. Contou todos depressa, depois recontou, mais devagar.

— Está faltando alguém. Quem é?

Os Aiel levaram apenas um instante para conferir.

— Liah — anunciou Sulin, por baixo do véu.

— Ela estava logo atrás de mim. — A voz de Jalani era inconfundível.

— Talvez ela tenha visto alguma coisa. — Parecia ser a voz de Desora.

— Eu mandei todo mundo ficar junto! — A ira irrompeu pelo Vazio como ondas arrebatando contra um rochedo, espumando. Alguém estava faltando, e eles ainda encaravam a situação com a maldita frieza Aiel. Uma *Donzela* faltando. Uma mulher desaparecida em Shadar Logoth. — Ah, quando eu encontrar aquela... — Ele combateu a fúria que ameaçava engolir o vazio à sua volta, ganhando polegada a polegada de autocontrole. Queria era gritar com Liah até ela desmaiar, então mandá-la para Sorilea pelo resto de sua vida. Sua fúria era incandescente, assassina. — Dividam-se em pares. Chamem o nome dela, procurem por toda parte, mas não entrem em prédio nenhum, não importa o motivo. E fiquem longe das sombras. Aqui um homem pode morrer sem nem se dar conta. Todos vocês podem morrer sem nem se darem conta. Se virem Liah dentro de alguma construção, me chamem primeiro, mesmo que ela pareça completamente normal. Me chamem, a não ser que ela vá até vocês.

— Conseguiríamos procurar mais rápido sozinhos — sugeriu Urien, e Sulin

assentiu em concordância. Houve acenos afirmativos demais entre os outros Aiel.

— Em pares! — Rand teve que lutar outra vez contra a fúria. *Que a Luz queime essa teimosia Aiel!* — Pelo menos assim cada um tem alguém de apoio. Façam o que eu digo na hora que eu digo, pelo menos uma vez na vida. Eu já estive aqui antes, sei um pouco mais do que vocês sobre este lugar.

Alguns minutos depois, quase todos gastos em um debate sobre quantos deveriam permanecer ao lado de Rand, vinte pares de Aiel se espalharam pela cidade em ruínas. Só uma ficou — Jalani, Rand achava, mas era difícil ter certeza por conta do véu. Pela primeira vez, a mulher não parecia nem um pouco satisfeita em vigiá-lo. Seus olhos verdes exibiam um brilho firme de contrariedade.

— Acho que podemos formar mais uma dupla — sugeriu Haman, olhando para Covril.

A Ogier assentiu.

— E Erith pode ficar aqui.

— Não! — gritaram Rand e Erith, quase no mesmo instante.

Os Ogier mais velhos se viraram, os rostos graves e cheios de desaprovação. As orelhas de Erith afundaram até quase a ponto de desabar.

Rand conteve o mau humor com mais firmeza. Antes, quando estava no Vazio, toda a raiva parecia permanecer em um lugar distante, ligada a ele por apenas um fio. Só que cada vez mais a raiva ameaçava arrebatá-lo, arrebatar o Vazio. O que poderia ser um desastre. Bem, fora isso...

— Peço desculpas. Não tinha o direito de gritar com o senhor, Ancião Haman, nem com a senhora, Oradora Covril. — Seria a forma apropriada de se dirigir a eles? Eram mesmo aqueles títulos, para início de conversa? Nada na expressão dos dois lhe deu qualquer resposta. — Agradeceria muito se permanecessem aqui comigo. Podemos procurar todos juntos.

— É claro — concordou Haman. — Não vejo como lhe oferecer mais proteção do que o senhor é capaz de oferecer a si mesmo, mas o pouco que tenho a lhe oferecer é sua. — Covril e Erith assentiram em aprovação. Rand não fazia ideia do que Haman estava falando, mas não parecia hora de perguntar, com os três parecendo preparados para protegê-lo. Não tinha dúvidas de que conseguiria manter os três a salvo, desde que não se afastassem.

— Contanto que siga suas próprias regras, Rand al'Thor. — A Donzela de olhos verdes de fato era Jalani, soando animada por não ter que ficar ali esperando.

Rand torceu para que os outros tivessem entendido bem o perigo daquele lugar.

A busca já começou frustrante. Percorreram as ruas vigiadas por olhos invisíveis de cima a baixo, por vezes escalando entulho, sempre gritando por Liah. Os berros de Covril faziam ranger as paredes inclinadas, e os de Haman arrancavam grunhidos abomináveis das ruínas. Não se ouvia resposta. Os únicos outros sons eram os gritos das outras duplas de busca e os ecos zombeteiros se dissipando pelas ruas. Liah! Liah!

O sol já estava quase a pino quando Jalani comentou:

— Não acho que ela teria vindo tão longe, Rand al'Thor. A não ser que estivesse tentando fugir de nós, coisa que não faria.

Rand, que examinava as colunas sombrias no topo de amplos degraus de pedra, tentando ver o interior de um amplo aposento mais adiante, virou-se para a Aiel. Até onde pudera ver, não havia nada ali além de poeira. Nenhuma pegada. Os olhos invisíveis tinham esvanecido — não pareciam ter ido embora, mas quase.

— Temos que procurar o máximo que der. Talvez ela... — Não soube como concluir a frase. — Não quero abandonar Liah aqui, Jalani.

O sol subiu mais ainda, então começou a descer. Rand estava no topo do que um dia fora um palácio, talvez um bloco inteiro de edifícios. Agora era uma colina, tão desgastada pelos anos que só o punhado de tijolos quebrados e os pedaços de madeira trabalhada despontando do chão seco davam indícios de que um dia fora outra coisa.

— Liah! — gritou, entre as mãos em concha. — Liah!

— Rand al'Thor! — chamou uma Donzela da rua de baixo, descendo o véu para que ele a reconhecesse. Sulin. Ela e sua dupla, ainda velada, estavam com Jalani e os Ogier. — Desça aqui.

Ele desceu depressa, fazendo subir uma nuvem de poeira e uma chuva de fragmentos de tijolo e pedras. Foi tão rápido que quase caiu duas vezes.

— Encontraram?

Sulin balançou a cabeça.

— Mas já teríamos encontrado, se ela estivesse viva. Liah não teria ido tão longe sozinha. Se alguém a levou, acho que a levou morta. Ela não cederia tão fácil. E, se está ferida a ponto de não conseguir responder a nossos chamados, isso também deve significar que ela está morta.

Haman soltou um suspiro triste. As compridas sobrancelhas das outras duas Ogier desabaram até as bochechas. Por alguma razão, seus olhares tristes e pesarosos se voltaram para Rand.

— Continuem procurando — mandou.

— Podemos olhar dentro das construções? Tem muitas salas que não conseguimos ver de fora.

Rand hesitou. Ainda estava perto do meio da tarde, mas já voltara a sentir aqueles olhos invisíveis à espreita. Tão forte quanto sentira no sol poente, da primeira vez que estivera lá. As sombras não eram seguras em Shadar Logoth.

— Não. Mas vamos continuar procurando.

Não soube ao certo por quanto tempo seguiu gritando pelas ruas. Depois de um tempo, Urien e Sulin pararam diante dele, ambos desvelados. O sol já tocava os topos das árvores a oeste, uma bola vermelho-sangue no céu sem nuvens. As sombras se estiravam, compridas, por sobre as ruínas.

— Eu procuro pelo tempo que você quiser — começou Urien —, mas gritar por

ela não vai adiantar de mais nada. Se pudéssemos entrar nas construções...

— Não. — A resposta saiu fraca e rouca, e Rand pigarreou.

Luz, como queria água. Os vigias invisíveis estavam em cada janela, cada fresta, aos milhares, aguardando, antecipando. As sombras envolviam a cidade. As sombras não eram seguras em Shadar Logoth, mas a escuridão era pior — trazia apenas a morte. Mashadar surgia ao pôr do sol.

— Sulin, eu...

Não conseguia se obrigar a dizer que precisavam desistir, deixar Liah para trás, não importava se a mulher estava viva ou morta, ou talvez caída em algum lugar, inconsciente, fora de vista, atrás de um muro ou sob uma pilha de tijolos desabados. Poderia estar.

— Seja lá o que estiver nos vigiando, acho que está esperando o cair da noite — comentou Sulin. — Olhei para dentro de janelas e senti que algo me encarava de volta, mas não havia nada para ver. Não será nada fácil dançar as lanças com algo que os olhos não podem ver.

Rand então percebeu quanto desejava que Sulin falasse outra vez que Liah devia estar morta, que era melhor ir embora. Liah poderia estar ferida, caída em algum lugar por ali — era possível. Apalpou o bolso do casaco. O *angreal* do homenzinho gordo estava em Caemlyn, junto com sua espada e o cetro. Não sabia ao certo se conseguiria proteger o grupo todo, depois do cair da noite. Moiraine revelara que achava que nem a Torre Branca inteira conseguiria matar Mashadar — isso se Mashadar pudesse ser considerado um ser vivo.

Haman pigarreou.

— Pelo que me lembro de Aridhol, ou melhor, de Shadar Logoth — comentou, franzindo o cenho —, quando o sol cair, nós provavelmente morreremos.

— Sim — concordou Rand, em um sussurro relutante.

Liah, que talvez estivesse viva. Todos os outros. Covril e Erith, um pouco afastadas, conversavam em particular. Conseguiu ouvir um sussurro: “Loial.”

O dever é mais pesado que a montanha. A morte, mais leve que a pluma.

O comentário de Lews Therin só podia ter sido tirado das memórias e dos pensamentos do próprio Rand — ao que parecia, as memórias atravessavam aquela barreira para todos os lados —, mas a frase o afetou profundamente.

— Temos que ir — anunciou. — Não importa se Liah estiver viva ou morta, nós... nós temos que ir.

Urien e Sulin apenas assentiram, mas Erith se aproximou e afagou seu ombro com uma delicadeza surpreendente, considerando que a mão era grande o bastante para envolver sua cabeça.

— Se me permite incomodá-lo — começou Haman —, já ficamos aqui bem mais tempo do que o esperado. — Ele apontou para o sol poente. — Eu ficaria muito agradecido se o senhor fizesse a gentileza de nos levar para fora da cidade daquela mesma maneira que nos trouxe até aqui.

Rand então se lembrou da floresta que ficava nas cercanias de Shadar Logoth. Dessa vez não haveria Myrddraal ou Trollocs por lá, mas ainda assim era uma floresta densa, e só a Luz sabia a que distância ou em que direção ficava a aldeia mais próxima.

— Vou fazer melhor que isso. Posso levar vocês direto até Dois Rios, e tão rápido quanto viemos para cá.

Os dois Ogier mais velhos assentiram, muito sérios.

— Que a bênção da Luz e a quietude retribuam a sua ajuda — murmurou Covril.

As orelhas de Erith tremelicaram de ansiedade — talvez tanto por ver Loial quanto por enfim sair de Shadar Logoth.

Rand hesitou por um instante. Loial decerto estava em Campo de Emond, mas não poderia levar os Ogier direto até lá. Era muito provável que a notícia de sua visita se espalhasse para além de Dois Rios. Teria que ir para um ponto longe da aldeia, longe o bastante para evitar as fazendas ali por perto.

Abriu o portão — um feixe de luz vertical despontou no ar e se alargou, e a mácula se revirou outra vez dentro dele. Estava pior que antes, e agora o chão parecia pulsar sob as solas de suas botas.

Seis Aiel pularam portão adentro, e os três Ogier os seguiram com uma pressa nem um pouco inesperada, dadas as circunstâncias. Rand hesitou e olhou para trás, para a cidade em ruínas. Tinha prometido que permitiria que as Donzelas morressem por ele.

Assim que o último Aiel passou, ouviu Sulin soltar um silvo de dor. Olhou para ela, mas a mulher encarava a mão dele — o dorso da mão, no qual Rand esfregara as unhas até tirar sangue. Envolto no Vazio como estava, a dor parecia pertencer a outra pessoa. A marca física não importava, o ferimento logo cicatrizaria, mas a ferida interna era mais profunda, em um lugar onde ninguém poderia ver. Um corte para cada Donzela morta, feridas que ele jamais deixava cicatrizar.

— Terminamos por aqui — anunciou, atravessando para Dois Rios. A palpitação da mácula desapareceu com o portão.

Rand tirou um momento para se orientar, franzindo o cenho. Não era fácil posicionar um portão com precisão, ao menos em um local desconhecido, mas escolhera uma área bem familiar: um prado coberto de ervas daninhas a sul do vilarejo, a boas duas horas de caminhada de Campo de Emond — um lugar desocupado e sem qualquer utilidade. Ainda assim, avistou formas se movendo sob a luz pálida do crepúsculo — ovelhas, um rebanho grande, e um garoto de cajado nas mãos e arco pendurado nas costas, encarando o grupo de recém-chegados a cerca de cem passadas de distância. Rand nem precisaria do olhar aguçado pelo Poder para dizer que o pastorzinho estava de olhos arregalados. O garoto largou o cajado e saiu correndo para uma casa que não estava lá quando Rand viu o lugar pela última vez. Uma casa com telhado de telhas.

Por um instante, ele se perguntou se estava mesmo em Dois Rios. A atmosfera

local era familiar, assim como os cheiros. Mas todas aquelas mudanças de que Bo e as outras meninas lhe falaram... Rand não as tinha assimilado de fato, porque nada mudava em Dois Rios. Será que devia mandar as meninas de volta para ali, para casa? *Você tem é que ficar longe delas*, pensou, irritadiço.

— Campo de Emond é por ali — anunciou Rand. Campo de Emond. Perrin. Também devia estar lá, hospedado na estalagem Fonte de Vinho, junto dos pais de Egwene. — É lá que Loial deve estar. Não sei se vocês conseguem chegar antes do cair da noite, talvez seja melhor vocês irem falar com o pessoal daquela casa ali, eles com certeza cederão um lugar para vocês dormirem. Mas não falem de mim, nem revelem a ninguém como vocês chegaram aqui.

Já tinha sido visto por aquele garoto, mas o que ele contasse poderia muito bem ser tido como exagero quando três Ogier aparecessem.

Haman e Covril se entreolharam enquanto ajeitavam a trouxa nas costas, e a Ogier declarou:

— Não contaremos nada sobre como chegamos até aqui. Deixe que as pessoas inventem as histórias que quiserem.

Haman afagou a barba e pigarreou.

— Não vá se matar.

Mesmo no Vazio, Rand levou um susto com o comentário.

— O quê?

— A estrada à sua frente é longa e escura — explicou Haman, em sua voz retumbante — e eu temo que esteja muito manchada de sangue. Também temo que o senhor acabe levando todos nós por essa estrada. Mas não se esqueça de que precisa viver para chegar ao fim do caminho.

— Eu vou — respondeu Rand, sem rodeios. — Sigam com a Luz. — Tentou imprimir algum afeto ao que dizia, qualquer sentimento que fosse, mas não sabia se conseguira.

— Siga com a Luz — respondeu Haman, e as mulheres repetiram.

Os três Ogier deram as costas para o grupo, rumo à casa mais adiante. Mas nem mesmo Erith parecia acreditar que ele conseguiria seguir com a Luz.

Rand ficou um instante a mais ali, parado. Algumas pessoas tinham saído da casa e observavam os Ogier se aproximarem, mas os olhos de Rand estavam voltados para noroeste — não na direção de Campo de Emond, e sim da fazenda onde crescera. Dar meia-volta e abrir um portão para Caemlyn foi como arrancar o próprio braço — aquela dor seria um lembrete muito mais adequado da morte de Liah do que um mero arranhão.





RUMO AO SUL

Mat jogava as cinco pedras para cima, formando um círculo que girava suavemente logo acima das mãos — uma vermelha, uma azul, uma verde-clara e as outras duas com listras em padrões interessantes. Não parara de cavalgar enquanto jogava as pedras, conduzindo Pips com os joelhos, a lança de cabo preto enfiada atrás da cinta da sela, no lado oposto em que repousava o arco desencordado. As pedras lembravam Thom Merrilin, que lhe ensinara a arte do malabarismo, e ele se perguntou se o velho ainda estaria vivo. Pouco provável. Parecia ter passado uma eternidade desde que Rand mandara o menestrel ir atrás de Elayne e Nynaeve, querendo que ele cuidasse das duas — se existiam duas mulheres que precisassem menos de cuidados, Mat não conhecia. Só sabia que não havia dupla de mulheres mais capazes de fazer um homem acabar morto simplesmente por não dar ouvidos a seus conselhos. Nynaeve se metia em tudo o que um homem fazia, dizia ou pensava e sempre puxava aquela maldita trança na cara de quem fosse, e aquela maldita Filha-herdeira sempre achava que conseguiria deixar as coisas do jeito dela se empinasse bem o nariz e explicasse o que queria tão mal quanto Nynaeve — mas com Elayne era ainda pior, já que, se a petulância gélida não desse certo, a garota sorria, deixando as covinhas à mostra, e esperava que acabassem cedendo só porque ela era bonita. Mat torcia para que Thom tivesse sobrevivido às duas. E torcia para que elas também estivessem bem, mesmo que não fosse se importar muito se tivessem se metido em apuros vez ou outra desde que partiram às pressas sabia lá a Luz para onde. Elas que vissem como era difícil não ter Mat sempre por perto para descascar os abacaxis — e não tinham agradecido nem uma única vez quando ele estava sempre lá para ajudar. E nem precisavam ter encontrado algum abacaxi muito grande, só algo difícil o suficiente para desejarem que Mat Cauthon estivesse ali para resgatá-las de novo, como o idiota que era.

— E você, Mat? — indagou Nalesean, puxando as rédeas para se aproximar. — Já pensou alguma vez em como seria ser Guardião?

Mat quase deixou cair as pedras. Daerid e Talmanes o encaravam, muito suados, esperando a resposta. O sol já deslizava em direção ao horizonte, e em pouco tempo teriam que parar. O crepúsculo parecia durar cada vez mais conforme os dias iam se encurtando, mas Mat queria já estar sossegado com seu cachimbo quando a noite enfim caísse. E, além do mais, aquele era o tipo de terreno onde era muito fácil os cavalos quebrarem as pernas, se viajassem no escuro. Os cavalos e os homens.

Vinham do norte, e o Bando se estendia atrás dele, patas de cavalos e pés humanos levantando um rastro de poeira. Os estandartes drapejavam ao vento, mas os tambores estavam quietos conforme o grupo atravessava as colinas baixas cobertas por um matagal esparso com aglomerados de árvores aqui e ali. Avançavam mais rápido do que Mat imaginara: fazia onze dias que tinham partido de Maerone, mas já estavam na metade do caminho — talvez um pouco além — para Tear. E só tinham gastado um dia inteiro com o descanso dos cavalos. Claro que não sentia a menor pressa para tomar o lugar de Weiramon, mas não conseguia deixar de se perguntar quanto mais conseguiriam percorrer se avançassem entre o nascer e o pôr do sol, caso precisassem. Até ali, o máximo que tinham conseguido era quarenta e cinco milhas de uma só vez. Claro que os carroções com mantimentos levariam metade da noite para alcançá-los, mas, nos últimos dias, os homens a pé tinham feito questão de demonstrar que conseguiriam acompanhar os cavalos ao longo da viagem, ainda que não se mantivessem emparelhados com os animais a todo momento.

Um pouco mais para trás, a leste, havia um grupo de Aiel no topo de uma elevação cercada por árvores, todos correndo sem a menor dificuldade, diminuindo a distância pouco a pouco. Deviam estar viajando desde o nascer do sol e era certo que continuariam avançando até o cair da noite — isso se não avançassem por mais tempo. Se passassem pelo Bando enquanto ainda houvesse luz para vê-los, seria um bom estímulo para os homens no dia seguinte. Sempre que os Aiel os ultrapassavam, os homens pareciam dispostos a tentar avançar uma ou duas milhas a mais no dia seguinte.

Algumas milhas à frente, os aglomerados de árvores iam se alargando até virarem outra vez uma floresta densa, então era melhor descender para um pouco mais perto do Erinin antes de avançarem até a mata. Quando chegaram no topo de uma colina, Mat avistou o rio, onde os cinco barcos que haviam sido contratados ostentavam o estandarte da Mão Vermelha, enquanto outros quatro barcos — que transportavam principalmente forragem para os cavalos — voltavam a Maerone para serem recarregados. O que ele não conseguia avistar ainda, mas que sabia que estava lá, era as pessoas que andavam ao longo das margens, algumas rio acima, outras rio abaixo, e algumas mudando de direção sempre que encontravam um grupo liderado por alguém com alguma lábia. Umas poucas tinham carroças, que em geral eram

puxadas por seus próprios donos, e outras tinham carroções, mas a maioria levava apenas o que podia carregar — até os salteadores mais obtusos já tinham aprendido que não havia por que gastar tempo com aquela gente. Mat não fazia ideia de para onde aquele povo ia — coisa que nem mesmo aquelas pessoas sabiam —, mas o fluxo de gente ainda era o suficiente para congestionar aquela trilha ridícula ao longo do rio, que muitos teimavam em chamar de estrada. O Bando ganhava tempo indo ali por cima. Se tentassem seguir pela trilha no mesmo ritmo, precisariam abrir caminho a pauladas.

— Um Guardião? — repetiu Mat, guardando as pedras no alforje. Conseguiria encontrar mais pedras daquelas em qualquer lugar que fosse, mas gostava das cores das que tinha. Também estava guardando uma pena de águia, uma pedra desgastada, branca como a neve, que, no passado, devia ser coberta de entalhes. Também ficara tentado a levar consigo um pedregulho que parecia ter sido a cabeça de alguma estátua, mas para isso precisaria de um carroção. — Nunca. São um bando de tolos, idiotas o bastante para se deixar serem arrastados pela orelha por uma Aes Sedai. De onde você tirou essa ideia de jerico?

Nalesean deu de ombros. Estava bastante suado, mas mesmo assim usava o casaco — que naquele dia era vermelho com listras azuis — abotoado até o pescoço. O casaco de Mat estava aberto, mas mesmo assim ele sentia como se estivesse assando ao sol.

— Acho que foi por causa das Aes Sedai ali perto — sugeriu o taireno. — Que me queime a alma, mas não dá para não pensar. Quer dizer, que me queime a alma, o que elas estão tramando?

Ele estava falando das Aes Sedai no outro lado do Erinin, que, segundo os batedores, estavam subindo e descendo o rio às pressas, um pouco mais rápido que os andarilhos na outra margem.

— O que eu acho é que é melhor não pensar nelas — retrucou Mat.

Através da camisa, tocou a cabeça de raposa de prata. Mesmo com ela, ficou feliz em saber que as Aes Sedai estavam do outro lado do rio. Alguns dos seus soldados viajavam naquelas embarcações, e, mesmo havendo poucas aldeias, seguiam as ordens de Mat e atracavam sempre que passavam por alguém na margem oposta, só para saber que notícias o viajante trazia. Até aquele momento, as notícias não tinham sido nada reveladoras e eram quase sempre desagradáveis. Aquele monte de Aes Sedai por ali era o menor dos problemas.

— E como não pensar nelas? — questionou Talmanes. — Acha que a Torre controlava mesmo Logain?

Aquela era uma das novidades, uma notícia que chegara havia apenas dois dias.

Mat tirou o chapéu apenas por tempo suficiente para enxugar a testa. Quando caísse a noite, ficaria um pouco mais fresco. Mas continuaria sem vinho, sem cerveja, sem mulheres e sem jogos. Quem é que virava soldado por opção?

— Eu, por mim, acho que não duvido de quase nada vindo das Aes Sedai. — Ele

deslizou o dedo por trás do cachecol preso ao pescoço e o afrouxou. Uma coisa boa em ser Guardião, pelo que sabia de Lan, era que eles pareciam não suar. — Mas isso? Veja, Talmanes, mais fácil eu acreditar que você é uma Aes Sedai. E você não é, é?

Daerid se curvou sobre o cepilho da sela de tanto gargalhar, e Nalesean quase caiu do cavalo. Talmanes ficou muito rígido, mas acabou sorrindo — até quase riu: o sujeito podia não ter muito senso de humor assim, mas tinha alguma coisa.

A seriedade logo voltou.

— E os Devotos do Dragão? Se for verdade, Mat, temos um problema.

O comentário cortou a gargalhada dos outros como se tivesse sido decepada por um machado.

Mat fez careta. Aquela era a última notícia — ou boato, ficava a gosto do freguês — que chegara, no dia anterior: uma aldeia incendiada em algum lugar de Murandy. E pior, pelo que se dizia, tinham matado todos que não jurassem fidelidade ao Dragão Renascido, executando as famílias junto.

— Rand vai resolver isso. Se for verdade. Aes Sedai, Devotos do Dragão, isso tudo é problema dele e a gente não tem nada com isso. Temos nossos próprios problemas.

Claro que aquilo não diminuiu a preocupação no rosto de nenhum deles. Já tinham visto muitas aldeias incendiadas, e todos suspeitavam de que veriam outras tantas logo que chegassem a Tear. Quem é que queria ser soldado?

Um cavaleiro despontou o topo da colina logo à frente e vinha galopando até eles. O sujeito fez o cavalo saltar por cima dos arbustos, em vez de desviar, mesmo na descida. Mat sinalizou para que os homens parassem e acrescentou:

— Nada de trompetes.

A ordem foi viajando atrás dele, em murmúrios, mas Mat manteve o olhar fixo no cavaleiro.

Transpirando aos borbotões, Chel Vanin puxou as rédeas do capão pardo bem diante de Mat. Usava um casaco cinza grosseiro que caía como um saco no corpo calvo e também se sentava na sela como se fosse um saco. Vanin era gordo, e não havia como disfarçar. Porém, por mais improvável que fosse, conseguia cavalgar qualquer coisa viva e era muito bom nisso.

Muito antes de chegarem a Maerone, Mat surpreendera Nalesean, Daerid e Talmanes pedindo os nomes dos melhores caçadores ilegais e ladrões de cavalo entre seus homens — gente que eles sabiam que eram culpados, mas contra os quais não se podia provar nada. Os dois nobres não quiseram admitir que tinham esse tipo de gente sob seu comando, mas, depois de certa insistência, acabaram revelando os nomes de três cairhienos, dois tairenos e — para surpresa de Mat — dois andorianos. Achava que nenhum andoriano estivesse entre eles por tempo suficiente para já ter aquela fama, mas parecia que as notícias se espalhavam rápido.

Mat chamou os sete sujeitos de lado e explicou que precisava de batedores, e um

bom batedor utilizava praticamente as mesmas habilidades que um caçador ilegal ou um ladrão de cavalos. Ignorando as negativas fervorosas de que eles já tivessem cometido qualquer tipo de crime — cada um soltou mais negativas do que Talmanes e Nalesean juntos, e com a mesma eloquência, ainda que com palavras bem mais vulgares —, Mat ofereceu perdão para quaisquer delitos praticados antes daquele dia, além de o triplo do pagamento e nenhum requisito sobre como conduziram o trabalho, contanto que lhe contassem a verdade. Alertou que seriam enforcados logo na primeira mentira. Muitos homens podiam acabar mortos por causa de uma mentira de um batedor. Mesmo com a ameaça, todos toparam sem nem pestanejar — claro que devia ser mais pelo trabalho fácil do que pela prata extra.

Só que sete não bastavam, então Mat tratou de pedir que sugerissem outros, tendo em mente o que ele dissera sobre as habilidades necessárias e sem esquecer que eles conseguirem ficar vivos para coletar o pagamento triplo dependeria em grande medida da capacidade dos homens que indicassem. Aquilo gerou muito coçar de queixos e olhares nervosos, mas os homens acabaram oferecendo mais onze nomes, sempre enfatizando que não estavam acusando os tais sujeitos de nada. Onze homens, todos caçadores ilegais e ladrões de cavalo bons o bastante para que nem Daerid nem Talmanes tivessem suspeitado deles, mas não o suficiente para passarem despercebidos pelos sete primeiros. Mat lhes fez a mesma oferta, tornando a pedir mais nomes. Quando chegou ao ponto em que não conseguia mais nenhuma nova indicação, Mat já contava com quarenta e sete batedores. Os tempos difíceis tinham levado muitos homens a se tornarem soldados, em vez de seguirem o ofício que teriam preferido.

O último, apontado por todos os três que foram recomendados antes dele, era Chel Vanin, um andoriano que antes morava em Maerone, mas que sempre atuara muito nas duas margens do Erinin. Vanin era capaz de roubar os ovos de uma fêmea de faisão ainda no ninho sem nem perturbá-la, embora fosse mais provável que ele levasse a coitada da ave junto. Vanin conseguia roubar um cavalo com o nobre ainda montado na sela, e o sujeito só descobriria dois dias depois. Ao menos foi o que disseram a seu respeito, sempre em tom de admiração. Com o sorriso faltando alguns dentes e um olhar da mais absoluta inocência no rosto redondo, Vanin protestara, alegando que não passava de um mero cavalariaço e, quando conseguia, mantinha o ofício de ferrador — mas completou dizendo que aceitaria o trabalho pelo quádruplo do pagamento normal do Bando. Até aquele momento, o pagamento mais do que valera a pena.

Sentado em seu capão pardo diante de Mat naquele topo de colina, Vanin parecia incomodado. O sujeito ficara feliz com o fato de Mat não querer ser tratado por “milorde”, já que não gostava muito de fazer reverências, mas mesmo assim tocou a testa com os dedos, em uma espécie de saudação.

— Acho que tem uma coisa que você precisa ver. Não sei o que dizer, você tem que ver com seus próprios olhos.

— Esperem aqui — ordenou Mat aos demais. Virou-se para Vanin e completou:
— Me mostre.

Não era muito longe, cruzaram apenas as duas colinas seguintes e subiram ao longo de um regato sinuoso com margens largas de lama seca. O cheiro anunciou o que Vanin queria que Mat visse antes que os primeiros abutres bamboleassem e levantassem voo — muitos dos pássaros só bateram as asas por umas poucas passadas antes de voltarem a pousar, sacudindo as cabeças peladas e guinchando provocações, mas o pior foram os que nem tiraram a cabeça do jantar, formando um amontoado de penas negras manchadas.

Havia um carroção tombado na passagem. Mais parecia uma casinha sobre rodas, e a madeira em tons intensos de verde, azul e amarelo o marcava como a morada de Latoeiros. Da caravana em volta, poucos carroções tinham escapado do fogo. Havia corpos por toda parte, homens, mulheres e crianças com roupas coloridas rasgadas e escurecidas pelo sangue seco. Parte de Mat analisou tudo aquilo com frieza, mas o restante queria vomitar ou sair correndo, qualquer coisa que não fosse ficar ali, sentado no dorso de Pips. Os agressores tinham vindo do oeste. Quase todos os corpos de homens e garotos mais velhos estava por ali, misturados ao que ainda restava de vários cães grandes, como se tivessem tentado formar uma barreira para deter os assassinos enquanto as mulheres e crianças fugiam. Uma luta inútil. Cadáveres empilhados indicavam o lado para onde tinham tentado fugir, quando veio o segundo ataque. Só os abutres se moviam pela cena.

Vanin cuspiu por uma fresta entre os dentes, enojado.

— A gente sempre tem que expulsar esses daí antes que eles roubem muita coisa. E se a pessoa não ficar esperta, eles pegam as crianças e levam pra criar. E de vez em quando é preciso dar uns chutes para eles irem embora mais rápido, mas isso não se faz. Quem seria capaz de uma barbaridade dessas?

— Não sei. Ladrões, talvez.

De fato, os cavalos não estavam por ali. Mas ladrões sempre queriam apenas roubar, não matar, e nenhum Latoeiro resistiria, nem se quisessem levar sua última moeda e os fizessem tirar a roupa do corpo, do casaco às botas. Mat se obrigou a diminuir o aperto das mãos nas rédeas. Não havia para onde se virar sem esbarrar os olhos em uma mulher ou criança morta. Quem tinha feito aquilo, fosse quem fosse, não queria sobreviventes. Deu uma volta na área, bem devagar, tentando ignorar os guinchos dos abutres, que abriam as asas à sua passagem. O chão estava seco demais para exhibir rastros precisos do que acontecera, mas, pelo que via, Mat achava que os cavalos tinham fugido por todos os lados, na hora da confusão. Voltou para perto de Vanin.

— Você poderia ter me contado — protestou. — Eu não precisava ver.

Luz, não precisava!

— Eu podia ter contado que não encontrei nenhum rastro — retrucou Vanin, virando o cavalo e avançando pelo regato raso. — Mas achei que o senhor precisava

ver isto aqui.

O carroção tombado de lado fora quase completamente consumido pelo fogo, mas o anexo sobre rodas amarelas de aros vermelhos, onde ficava a cama, permanecera intacto. Um sujeito metido em um casaco escurecido pelas chamas, ainda com alguns pedaços remanescentes do tecido de um tom azul de doer os olhos, jazia estatelado contra a parede de madeira, uma das mãos coberta de sangue seco enegrecido e caída aberta para o lado. Ele escrevera uma mensagem no carroção intocado, e as letras trêmulas se destacavam, mais escuras que a madeira de fundo:

CONTE AO DRAGÃO RENASCIDO

Contar o quê?, pensou Mat. Que alguém assassinara uma caravana inteira de Latoeiros? Vai ver o homem tinha morrido antes de conseguir completar a frase. Não seria a primeira vez que um grupo de Latoeiros encontrava alguma informação importante. Se fosse uma história, o sujeito teria vivido por tempo suficiente para conseguir escrever aquele trecho vital que levaria à vitória do bem. Ora, fosse qual fosse a mensagem, ninguém àquela altura iria descobrir mais nenhuma palavra.

— Você estava certo, Vanin — concordou Mat. Então hesitou. Contar o que para o Dragão Renascido? Não tinha por que gerar ainda mais boataria. — Antes de ir embora, cuide de queimar o que resta desse carroção. E, se alguém perguntar, só o que tinha por aqui eram homens mortos.

E mulheres, e crianças.

Vanin aquiesceu.

— Esses selvagens imundos — resmungou, cuspindo outra vez pelo buraco do sorriso. — Acho até que pode ter sido um grupo deles.

O sujeito estava reclamando do grupo de Aiel que enfim os alcançara, cerca de trezentos ou quatrocentos homens. Vinham trotando encosta abaixo e cruzaram o regato a não mais que cinquenta passadas dos carroções. Alguns ergueram a mão em cumprimento. Mat não reconheceu nenhum rosto, mas muitos dos Aiel já tinham ouvido falar do amigo de Rand al'Thor, um sujeito de chapéu contra o qual era melhor não apostar. Depois de atravessado o regato e subido a encosta seguinte, os Aiel seguiram em frente — para eles, todos aqueles corpos podiam muito bem nem ter existido.

Malditos Aiel, pensou Mat. Sabia que os Aiel evitavam os Latoeiros, que os ignoravam. Não sabia bem por quê, mas aquilo...

— Mas acho que não foram eles — opinou. — Não se esqueça de tocar fogo no carroção, Vanin.

Talmanes e os outros dois estavam no mesmíssimo lugar onde os deixara, claro. Quando Mat contou o que havia à frente e explicou que precisariam designar alguns destacamentos para os enterros, os homens assentiram com tristeza. E Daerid resmungou, descrente:

— Latoeiros?

— Vamos acampar aqui — acrescentou Mat.

Esperava algum comentário em protesto — ainda havia luz para avançarem mais algumas milhas, e aqueles três também tinham se envolvido nos debates sobre quanto o Bando conseguiria avançar por dia, tinham até feito suas apostas. Mas Nalesean só respondeu:

— Vou mandar um homem ir lá embaixo dar um sinal para os navios, antes que se distanciem demais.

Talvez os três também se sentissem como ele. A menos que dessem uma grande volta para chegarem ao rio, não haveria como evitar ao menos a visão dos abutres espalhados pelo céu acima dos destacamentos. Só porque o sujeito já tinha visto a morte de perto não significava que ia querer ver uma coisa daquelas. Mat, de sua parte, achava que acabaria esvaziando o estômago se visse aqueles pássaros mais uma vez. Pela manhã, haveria apenas túmulos — e bem longe do alcance dos olhos.

Mas a cena não saía da cabeça, mesmo depois de sua tenda ter sido montada bem no topo daquela colina, onde talvez passasse uma brisa do rio, caso surgisse alguma brisa. Corpos destroçados por assassinos, bicados por abutres. Fora pior que na batalha contra os Shaído, nos arredores de Cairhien. Algumas Donzelas tinham morrido naquela batalha, mas Mat pelo menos não vira nenhuma, e não houvera crianças. Os Latoeiros não lutavam nem para defender a própria vida. Ninguém matava o Povo Errante. Mat mal tocou na sua porção de carne com feijão e se recolheu o mais cedo possível. Nem mesmo Nalesean queria conversar, e Talmanes parecia mais tenso do que nunca.

A notícia da matança se espalhara. Uma quietude inédita tomou o acampamento. Em geral, a escuridão da noite era cortada por pelo menos algumas gargalhadas, e muitas vezes as canções desafinadas e de gosto duvidoso quebravam o silêncio até que os porta-estandartes finalmente convenciam o grupo dos que não admitiriam estar cansados a irem dormir. Aquela noite era como nas vezes em que tinham encontrado uma aldeia que ainda não enterrara seus muitos mortos ou um grupo de refugiados assassinados enquanto tentavam evitar que bandidos levassem o pouco que possuíam. Poucos conseguiam rir ou cantar depois de cenas como aquelas, e quase sempre eram silenciados pelos outros.

Mat ficou deitado, fumando seu cachimbo enquanto a noite caía. A tenda estava fechada para visitas, mas o sono não viria, com tantas memórias de Latoeiros mortos — e outras memórias, mais antigas, de outros mortos mais antigos. Eram batalhas demais, mortos demais. Dedilhou a lança, tateando a inscrição na Língua Antiga ao longo do cabo preto.

Eis o que foi acordado, tratado saído a contento.

O pensamento é a flecha do tempo, a lembrança jamais se apaga.

O que foi pedido está dado. O preço assim se paga.

Ficara com a pior parte daquele trato.

Depois de um tempo, Mat pegou um cobertor. Hesitou um instante, então pegou também a lança e saiu da tenda só com as roupas de baixo, o pingente de prata de

cabeça de raposa em seu peito desnudo refletindo a luz da nesga de lua no céu. Uma leve brisa soprava, um discreto revolver do vento com um frescor mínimo que mal fazia o estandarte da Mão Vermelha tremular no mastro cravado no chão diante da tenda. Ainda assim era melhor do que lá dentro.

Mat estendeu o cobertor entre os arbustos e se deitou de peito para cima. Quando era garoto, às vezes se deitava ao relento e dormia identificando as constelações. Naquele céu claro, a lua, mesmo minguante, proporcionava luz suficiente para ofuscar quase todas as estrelas, mas ainda deixava algumas. Lá estavam a Carroça de Feno, bem acima de sua cabeça; assim como as Cinco Irmãs e, mais ao lado, os Três Gansos, indicando o norte. A constelação do Arqueiro, a do Fazendeiro, a do Ferreiro, a da Serpente — que os Aiel chamavam de Dragão. E também a do Escudo, que alguns chamavam de “Escudo de Asa-de-gavião” — ver aquelas estrelas o deixou meio agitado: em algumas das suas memórias, não gostava nem um pouco de Artur Paendrag Tanreall —, além de a do Cervo e a do Carneiro. Ah, e logo ali a da Xícara e a da Viajante, o cajado bem destacado.

Mat ouviu um barulho, mas não conseguiu identificar o que era. Se a noite não estivesse tão parada, o ruído tênue poderia não ter parecido furtivo, mas, com a calmaria, foi exatamente essa a impressão que passou. Quem estaria se esgueirando ali por cima? Curioso, Mat ergueu o tronco, apoiando-se só no cotovelo — e congelou.

Vultos se moviam ao redor de sua tenda, sombras ao luar. A lua iluminou um deles o suficiente para que Mat identificasse um rosto velado. Seriam Aiel? Como assim, pela Luz? Em silêncio, os vultos cercaram a tenda e se aproximaram cada vez mais. O brilho do metal reluziu na noite, e Mat ouviu o tecido ser rasgado, então todos sumiram de vista. Saíram da tenda apenas um momento depois, muito atentos ao acampamento em volta. Havia luz suficiente para notar sua inquietação.

Mat ergueu o corpo, mas permaneceu de cócoras. Se ficasse abaixado, talvez conseguisse escapulir sem ser ouvido.

— Mat! — gritou Talmanes, para o alto da colina. Pela voz, parecia bêbado.

Ficou imóvel. Talvez Talmanes fosse embora, se achasse que ele estava dormindo. Os Aiel pareciam ter desaparecido, mas Mat tinha certeza de que só haviam se abaixado exatamente onde estavam.

O som das botas de Talmanes contra o chão foi ficando mais perto.

— Tenho um pouco de conhaque aqui, Mat. Acho que você devia tomar um gole. É bom para os sonhos. Você não vai se lembrar de nenhum.

Mat se perguntou se, caso sáísse correndo, os Aiel o ouviriam por cima do alarde de Talmanes. Estava a pouco mais de dez passadas dos homens adormecidos mais próximos — naquela noite, era o Primeiro Estandarte do Cavalo, os Raios de Talmanes, que ganharam a “honra” de cercá-lo naquela noite —, mas os Aiel estavam a menos de dez passadas, ao lado de sua tenda. Os homens do Deserto eram rápidos, mas, com duas passadas de vantagem, Mat achava que conseguiria ter

cinquenta homens quase ao alcance quando os Aiel o alcançassem.

— Mat? Sei que que você não está dormindo. Vi sua cara, mais cedo. Vai melhorar depois que você matar os sonhos. Pode acreditar.

Mat ficou agachado, agarrando a espada, e respirou fundo. Só precisava de duas passadas de vantagem.

— Mat? — Talmanes estava mais perto. A qualquer momento, o idiota acabaria pisando em um Aiel. Acabaria com a garganta cortada, e os agressores não fariam nem um ruído.

Que a Luz o queime, Mat pensou. Só preciso de duas passadas.

— Às armas! — gritou, dando um pinote e se levantando de vez. — Os Aiel estão atacando! — Saiu correndo encosta abaixo. — Todos para o estandarte! Todos para a Mão Vermelha! Corram, seu bando de ladrões de tumba!

Aquilo acordou todos em volta — claro, o que mais poderia acontecer, com Mat berrando feito um touro no estouro da boiada? Ouviu gritos de todas as direções. Os tambores começaram a ribombar, os trompetes ressoavam em convocação. Homens do Primeiro Cavalo irromperam dos lençóis e saíram correndo em direção ao estandarte, espadas em riste.

Ainda assim, o fato era que os Aiel tinham uma distância menor a percorrer do que os soldados e sabiam o que estavam procurando. Por instinto, por sorte ou simplesmente por ser *ta'veren* — Mat com certeza não ouviu nada em meio àquele alvoroço —, algo o fez se virar justo no instante em que o primeiro vulto de véu apareceu atrás de si, como se brotando do ar. Não teve nem tempo para pensar. Bloqueou a investida de uma lança Aiel com o cabo de sua lança estranha, mas o sujeito defendeu o contra-ataque com um broquel e deu um chute na barriga de Mat. O desespero lhe deu forças para manter as pernas eretas, mesmo sem nenhum ar nos pulmões, e Mat desviou depressa para o lado, escapando de uma ponta de lança que tentava se enfiar entre suas costelas. Então passou o cabo de sua própria lança por trás das pernas do Aiel, derrubando-o, e enfiou a ponta da arma no coração do agressor. Luz, torcia para que fosse um homem.

Mat sacudiu a lança, soltando a lâmina bem a tempo de se defender do ataque seguinte. *Eu devia ter fugido quando tive a chance!* Começou a usar a lança feito um bastão, os golpes fluindo em movimentos mais rápidos e intensos do que em toda a vida, girando e bloqueando investidas de lanças Aiel. Não tinha nem tempo de contra-atacar. Eram muitos. *Devia ter fechado essa minha matraca e dado no pé!* Conseguiu recuperar o fôlego.

— Avancem, seus ladrões de ovelha com tripas de pombo! Estão surdos? Limpem esses ouvidos e venham logo!

Mat começou a se perguntar por que ainda não estava morto — tivera sorte na luta contra aquele primeiro Aiel, mas não havia sorte que desse conta daquilo tudo —, até que reparou que não estava mais sozinho. Viu um cairhieno magricela só de roupas de baixo cair ali perto, quase aos seus pés, com um grito estridente. O sujeito

logo foi substituído por um taireno, a camisa solta tremulando, a espada rodopiando sem parar. Outros homens se amontoaram, aos berros de “Lorde Matrim, vitória!”; “Avante Mão Vermelha!” e “Matem esses vermes!”

Mat recuou, deixando os soldados darem conta daquilo. *Tolo é o general que lidera na linha de frente.* As palavras vinham de uma daquelas memórias antigas, a fala de alguém cujo nome não acompanhara a lembrança. *Os homens morrem fácil, na linha de frente.* Aquele pensamento era só dele, mesmo.

No fim das contas, foi mesmo uma questão de números. Eram pouco mais de dez Aiel contra várias centenas de homens, se não o Bando inteiro, que conseguiram chegar no topo da colina antes que a coisa toda terminasse. Os Aiel morreram e, como se tratava de Aiel, levaram quase vinte homens do Bando, deixando o dobro de gente ou até mais sangrando, mas ainda vivos para se lamuriar. Mesmo tendo passado pouco tempo em luta, Mat estava dolorido e sangrava de cinco cortes diferentes — e suspeitava de que pelo menos três precisariam de suturas.

A lança serviu bem como bengala quando Mat foi mancando até Talmanes, estirado no chão com Daerid amarrando um torniquete em sua perna esquerda.

Havia duas manchas escuras na camisa branca de Talmanes.

— Parece que Nerim vai ter outra chance de treinar suas mãos de costureira na minha pele — comentou, ofegante. — Que o queime, ele tem patas de touro.

Nerim era serviçal de Talmanes e remendava a pele de seu senhor com quase a mesma frequência com que remendava as roupas do nobre.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Mat, baixinho.

Daerid deu de ombros. Estava só de bombachas.

— Acho que ele está sangrando menos que você. — Quando o sujeito ergueu a cabeça para responder, Mat notou que ele teria uma nova cicatriz para a coleção que ostentava no rosto. — Foi bom ter saído da frente deles, Mat. Ficou bem claro que vieram atrás de você.

— Que bom que não conseguiram o que queriam. — Talmanes se esforçou para ficar de pé, fazendo uma careta de dor enquanto se apoiava com o braço por sobre o ombro de Daerid. — Seria uma pena perder a sorte do Bando para uns selvagens que apareceram no meio da noite.

Mat pigarreou.

— Também fiquei pensando nisso.

Lembrou-se dos Aiel desaparecendo tenda adentro e estremeceu. Luz, por que aqueles Aiel queriam acabar com ele?

Nalesean apareceu, vindo de onde tinham disposto os corpos dos Aiel. Ainda estava com o casaco, apesar de desabotoado, e não parava de olhar feio para uma mancha de sangue na lapela — talvez fosse seu próprio sangue, talvez não.

— Que minha alma queime, sabia que mais cedo ou mais tarde esses selvagens iam nos atacar. Acho que eram parte daquele grupo que nos passou, mais cedo.

— Duvido — contestou Mat. — Se aqueles Aiel estivessem atrás de mim, teriam

me enfiado num espeto e me colocado para assar no fogo antes que qualquer um de vocês notasse minha ausência. — Ele deu um jeito de ir mancando até os corpos dos Aiel e examinou um a um, usando a luz de uma lanterna que tinham trazido para ampliar sua visão à luz do luar. O alívio de encontrar apenas rostos masculinos quase fez seus joelhos bambearem. Não conhecia nenhum daqueles homens, mas de fato não conhecia muitos Aiel. — Devem ser Shaido — sugeriu, voltando com a lanterna para junto dos outros.

Poderiam ser Shaido. Poderiam ser Amigos das Trevas — Mat tinha plena consciência de que havia Amigos das Trevas entre os Aiel. E claro que Amigos das Trevas tinham muitos motivos para querer vê-lo morto.

— Amanhã acho que deveríamos tentar encontrar uma daquelas Aes Sedai no outro lado do rio — ponderou Daerid. — Nosso Talmanes aqui vai sobreviver, a menos que todo o conhaque tenha vazado pelos cortes, mas alguns dos outros feridos talvez não tenham tanta sorte.

Nalesean não se pronunciou, mas deu um grunhido que já dizia muita coisa. Ele era taireno, afinal — gostava menos das Aes Sedai do que Mat.

Mesmo assim, Mat não hesitou em concordar. Não permitiria que Aes Sedai nenhuma canalizasse nele — de certo modo, cada cicatriz era a marca de uma pequena vitória, de mais uma ocasião em que evitara as Aes Sedai —, mas não poderia pedir a um homem que morresse por ele. Depois de resolvido isso, tratou de falar sobre os outros assuntos que tinha em mente.

— Um fosso? — questionou Talmanes, descrente.

— Dando a volta em todo o acampamento? — A barba pontuda de Nalesean estremeceu quando ele falou. — A cada noite?

— E uma paliçada?! — exclamou Daerid. Então olhou em volta e baixou a voz: ainda havia soldados demais ali por perto, arrastando os mortos. — Os homens vão se rebelar, Mat.

— Não vão, não. Quando a manhã raiar, cada homem aqui vai saber que os Aiel se esgueiraram por todo o acampamento para chegar à minha tenda. Metade não vai nem mais dormir, com medo de acordar com uma lança nas costelas. Vocês três tratem de garantir que eles entendam direitinho como uma paliçada pode evitar que os Aiel entrem outra vez no acampamento. — Bem, se não os impedisse, pelo menos os atrasaria. — Agora vão embora, quero dormir pelo menos um pouco esta noite.

Depois que os nobres saíram, Mat examinou sua tenda. Havia cortes compridos nas paredes de tecido, as frestas por onde os Aiel tinham entrado, e o tecido meio solto volta e meia balançava com a brisa. Com um suspiro, foi voltando para o lençol em meio aos arbustos, então parou. Lembrou-se do barulho que o alertara. Os Aiel não tinham feito nenhum outro som, nem mesmo um farfalhar. Qualquer Aiel fazia tanto ruído ao se mover quanto uma sombra. Então de onde viera o barulho?

Apoiado na lança, mancando, Mat deu a volta na tenda, examinando o chão em volta. Não tinha certeza do que estava procurando. Não havia qualquer rastro que

pudesse identificar à luz da lanterna. Duas das cordas da tenda tinham sido cortadas e pendiam ao longo das paredes de tecido, mas... Mat largou a lanterna no chão e bateu as cordas. O ruído podia ter sido feito ao cortar uma corda tensionada, mas não era preciso cortar nenhuma corda para entrar na tenda. Algo chamou sua atenção no ângulo dos cortes, na forma como se alinhavam. Pegou a lanterna e iluminou em volta. Um arbusto próximo estava com a lateral podada, e os resquícios dos galhos finos ainda cheios de folhinhas repousavam no chão. Tinha sido uma poda muito bem-feita: perfeitamente reta, as pontas dos galhos cortadas bem lisinhas, como se tivessem sido aplainadas por um marceneiro.

Mat sentiu um arrepio. Ali fora aberto um daqueles buracos que Rand usava para Viajar. Já era ruim o bastante ter Aiel tentando matá-lo, mas ainda por cima tinham sido enviados por alguém capaz de fazer um daqueles... portões, como Rand chamava. Luz, se não estava a salvo dos Abandonados nem no meio do Bando, onde mais estaria? Ficou se perguntando como faria para dormir sob o brilho das tochas de segurança que teria que dispor ao redor da tenda. E os guardas — anunciaria uma guarda de honra, tentando amenizar um pouco a necessidade de escolher sentinela para ficar em torno da tenda. Da próxima vez, era provável que mandassem cem Trollocs — ou mil —, em vez de um bando de Aiel. Quer dizer, será que ele era importante o bastante para merecer isso? Se decidissem que era, poderia acabar recebendo a visita de um dos Abandonados. Sangue e cinzas! Não pedira para ser *ta'veren*, não pedira para ficar amarrado ao maldito Dragão Renascido.

— Sangue e malditas...!

Foi alertado por um barulho de passos no chão seco e rachado. Com um rosnado, já girou o corpo com a lança em riste... e conseguiu frear a investida a tempo: Olver gritou e caiu de costas, os olhos arregalados fixos na ponta de lança.

— Pelo maldito Poço da Perdição, o que você está fazendo aqui? — ralhou Mat.

— Eu... Eu... — O garoto parou para engolir em seco. — Estão dizendo que cinquenta Aiel tentaram matar o senhor durante o sono, Lorde Mat, mas que o senhor deu conta de matar todos primeiro. Mas eu queria ver se está tudo bem e se... Ah, veja: Lorde Edorion comprou sapatos para mim! — Ele ergueu o pé calçado.

Resmungando sozinho, Mat ajudou Olver a se levantar.

— Não foi isso que eu perguntei. Por que você não ficou em Maerone? Edorion não encontrou ninguém lá para cuidar de você?

— A mulher só estava interessada nas moedas de Lorde Edorion, não queria nada comigo. E já tinha seus próprios filhos, eram seis. Mestre Burdin me dá bastante comida, e só preciso dar de comer e beber para os cavalos dele. E escovar o pelo também. E gosto disso, Lorde Mat. Mas ele não me deixa montar.

Alguém pigarreou.

— Lorde Talmanes me enviou, milorde.

Era Nerim, um sujeito baixo até para um cairhieno, muito magricela e grisalho, com um rosto tristonho que parecia dizer que nada ia bem, mas que, no fim das

contas, ainda assim era um dia melhor do que a maioria.

— Se milorde me perdoar a intromissão, devo dizer que essas manchas de sangue nunca mais sairão de suas roupas de baixo. Mas, se milorde me permitir, talvez eu consiga dar um jeito nesses cortes. — Nerim estava com a caixa de costura debaixo do braço. — Garoto, me arrume um pouco de água. E não quero ouvir nem um pio. Água para milorde, e rápido. — O criado de Talmanes aproveitou enquanto fazia uma reverência para pegar a lanterna no chão. — Será que milorde não quer entrar? O ar da noite não é bom para ferimentos.

Pouco depois, Mat já estava estirado ao lado das roupas de cama — afinal, “Milorde não vai querer manchar os lençóis” —, permitindo que Nerim limpasse o sangue ressecado e suturasse as feridas. Talmanes tinha razão: no que dizia respeito à arte da agulha e linha, o criado era um excelente cozinheiro. Com Olver ali perto, não lhe restou escolha senão cerrar os dentes e aguentar a dor.

Tentando manter a mente bem longe da agulha de Nerim, Mat apontou para a bolsa de pano pendurada no ombro de Olver.

— O que tem aí? — perguntou, arfando.

Olver apertou a bolsa esfarrapada contra o peito. O garoto continuava magricela, mas pelo menos estava mais limpo. Os sapatos eram bem robustos, e as calças e a camisa de lã pareciam novas.

— É tudo meu — declarou, na defensiva. — Não roubei nada. — Passado um momento, ele abriu a bolsa e foi retirando seus pertences: o par de calças sobressalente, as outras duas camisas e os pares de meias não despertaram o interesse de Mat, mas o garoto continuou listando o que tinha: — Esta aqui é a minha pena de falcão-vermelho, Lorde Mat, e esta pedra aqui é da cor do sol. Está vendo? — Ele mostrou uma bolsinha: — Tenho cinco moedas de cobre e uma de prata. — Então revelou um pano enrolado, amarrado com um barbante, junto de uma caixinha de madeira: — Meu jogo de Cobras e Raposas. Foi meu pai que fez, ele mesmo desenhou o tabuleiro. — Ele franziu o cenho por um instante, consternado, então prosseguiu: — E olhe só, tem uma cabeça de peixe grudada nesta pedra aqui. Não tenho ideia de como o peixe foi parar nela. E este aqui é o meu casco de tartaruga, de uma tartaruga de dorso azul. Dá para ver as listras?

Mat fez careta ao levar uma estocada particularmente forte da agulha de sutura e estendeu a mão, tateando o pano enrolado. Ficava bem melhor quando respirava pelo nariz. Estranho como funcionavam aquelas lacunas em sua memória. Sabia como jogar Cobras e Raposas, mas não tinha qualquer lembrança de já ter jogado.

— É mesmo um belo casco de tartaruga, Olver. Já tive um. De uma verde, essas que gostam de sol. — Mat esticou a mão para o lado e pegou a bolsa, de onde pescou duas coroas de ouro cairhienas. — Pode botar essas aqui na sua bolsa, Olver. Os homens precisam sempre andar com um pouco de ouro.

Olver se retesou e começou a guardar seus pertences de volta.

— Não sou de pedir dinheiro, Lorde Mat. Posso trabalhar por comida. Não sou

nenhum mendigo.

— Não foi minha intenção sugerir uma coisa dessas. — Mat tentou encontrar algum motivo para pagar as duas coroas ao garoto. — Eu... Eu preciso de alguém para ser meu mensageiro. Não posso pedir isso a ninguém do Bando, estão todos ocupados com suas tarefas de soldado. Claro que você teria que cuidar do seu próprio cavalo, não tenho como pedir para fazerem isso no seu lugar.

Olver se endireitou.

— Eu teria o meu próprio cavalo? — indagou, incrédulo.

— Claro. Mas tem mais um detalhe. Meu nome é Mat. Se me chamar de *Lorde* Mat mais uma vez, vou arrancar seu nariz e dar um nó. — Mat soltou um berro e até encolheu o corpo de tanta dor. — Que o queime, Nerim! Isto aí é uma perna, não uma droga de um bife!

— Como milorde quiser — murmurou Nerim. — Sua perna não é mesmo nenhum pedaço de bife. Obrigado, milorde, pelo esclarecimento.

Olver levou a mão ao nariz, hesitante, como se considerasse se era possível arrancá-lo para dar um nó.

Gemendo, Mat se endireitou. Tinha acabado de se comprometer com um garoto, e aquilo não fora nenhum favor ao coitado — não se Olver estivesse por perto, da próxima vez que os Abandonados tentassem reduzir a quantidade de *ta'veren* no mundo. Bem, se o plano de Rand funcionasse, haveria um Abandonado a menos. Se fosse só pela vontade de Mat Cauthon, ficaria bem longe de confusões e perigos até que não existisse mais nenhum Abandonado.





PARA ENTENDER A MENSAGEM

Graendal conseguiu se impedir de ficar olhando em volta quando entrou no aposento, mas o vestido de estraite ficou completamente negro antes que ela conseguisse retomar o autocontrole e voltar ao azul diáfano. Sammael fizera mudanças suficientes para que qualquer pessoa que entrasse naquela câmara se perguntasse se estava mesmo no Grande Salão do Conselho, em Illian. Bem, em todo caso, ficaria muito surpresa se alguém além do próprio Sammael chegasse até ali sem ter sido convidado — estava, afinal, bem dentro dos aposentos de “Lorde Brend”.

O ar tinha um frescor agradável. Em um dos cantos estava o cilindro oco e vertical de um permutador. As esferas de luz, bem fortes e de brilho estável, destacavam-se estranhamente contra os pesados candelabros de ouro onde estavam apoiadas, iluminando muito mais intensamente do que as velas e lamparinas a óleo daquela Era. Uma caixinha de música repousava no tampo de mármore da cornija da lareira, emitindo as suaves melodias das memórias de uma escultura sonora que, muito provavelmente, não era ouvida fora daquele aposento havia bem mais que três mil anos. Além disso, reconheceu várias das obras de arte nas paredes.

Graendal parou diante da obra de Ceran Tol conhecida como “Ritmo do Infinito”. Não era uma reprodução.

— Alguém poderia pensar que você roubou um museu, Sammael. — Era difícil mascarar a inveja na voz, e ela só deu conta de que falhara quando notou o discreto sorriso dele.

Sammael serviu vinho em dois cálices de prata chanfrados e entregou um a Graendal.

— Foi só uma caixa de estase que encontrei. Imagino que, nos últimos dias,

tenham tentado guardar tudo o que podiam para a posteridade.

O sorriso de Sammael repuxava a cicatriz horrorosa que cruzava seu rosto. Ele foi atravessando a câmara, mas se deteve para lançar um olhar afetuoso para o tabuleiro de zara, que projetava o campo de caixas transparentes e imóveis no ar. Sammael sempre apreciara os jogos violentos, e a presença de um tabuleiro de zara naquela caixa de estase só podia indicar que um seguidor do Grande Senhor selecionara os itens para a posteridade — nos tempos antigos, estar de posse de uma única peça, que um dia tinha sido um ser humano, resultava em, no mínimo, aprisionamento — quando a pessoa era pega pelo outro lado, ao menos. O que mais Sammael tinha encontrado?

Bebericando o vinho — e suprimindo um suspiro por ser um vinho comum daquela Era, quando tivera esperança de que fosse no mínimo um delicado Satare ou ao menos um dos requintados Comolad —, Graendal alisou o vestido com os dedos cheios de anéis.

— Também encontrei uma, mas, fora um tanto de estraite, só continha um monte de quinquilharias — admitiu.

Sammael a convidara para ir ali e a deixara ver aquilo tudo — era hora das confidências, afinal. *Pequenas* confidências, ao menos.

— Mas que infelicidade. — Sammael abriu outro sorriso discreto. Ele de fato encontrara mais do que brinquedos e quinquilharias bonitas. — Por outro lado, imagine só como teria sido horrível abrir uma caixa e, digamos, incitar o ninho de um cafar. Ou uma jumara, ou qualquer uma das outras criaçõezinhas de Aginor. Sabia que tem jumaras à solta na Praga? E já adultas, mas agora já não conseguem atingir a metamorfose. São chamadas de Vermes.

Sammael gargalhou tão alto que o corpo se balançou com a risada.

Graendal abriu um sorriso bem mais caloroso do que sentia, e, se o vestido mudou de cor, foi apenas em alguma leve nuance do tom. Já tivera uma experiência bem desagradável — na verdade, quase fatal — com uma das criações de Aginor. O homem fora brilhante, é verdade, mas fora um louco. Só um louco teria criado coisas como os *gholam*.

— Você parece de muito bom humor.

— E por que não deveria estar? — retrucou Sammael, expansivo. — Estou prestes a me apossar de alguns *angreal* escondidos, sem falar no que mais pode haver entre eles. Ah, não precisa fingir tanta surpresa, eu obviamente sei que você e os outros andam tentando espiar por cima dos meus ombros, na esperança de ter alguma dica de onde estão esses *angreal*. Bem, não vai adiantar nada no seu caso. Ah, claro que vou compartilhar minha descoberta, mas só depois de me apossar do que quer que seja e escolher os melhores primeiro.

Esparramando-se sobre uma poltrona coberta de bordados dourados — podiam até ser de fios de ouro de verdade, o que seria bem de seu feitio —, Sammael apoiou o pé calçado sobre a ponta da outra bota e alisou a barba dourada.

— Além disso, mandei um emissário para al'Thor. A resposta foi bem favorável. Graendal quase cuspiu o vinho.

— Favorável? Ouvi dizer que ele matou o mensageiro.

Se Sammael se abalou por ela saber daquilo, conseguiu disfarçar bem. Ele até sorriu.

— Al'Thor não matou ninguém; Andris foi até lá para morrer. Acha mesmo que eu ficaria esperando algum animal mensageiro, um *pombo*? A morte dele foi o que me deu a resposta de al'Thor.

— Que foi? — indagou, cuidadosa.

— Uma trégua.

A Graendal, parecia que dedos gélidos agarravam seus cabelos, tocando o couro cabeludo. Não podia ser verdade. Não podia, mas Sammael de fato parecia muito mais tranquilo do que da última vez que o vira, desde o despertar.

— Lews Therin nunca...

— Lews Therin morreu faz tempo, Graendal — interrompeu ele, em um tom divertido, até zombeteiro. Sem a menor raiva.

Fingindo beber, a mulher disfarçou um suspiro. Podia mesmo ser verdade?

— Ele ainda está reunindo seu exército em Tear. Eu vi com meus próprios olhos. Não parece muito uma trégua.

Sammael nem se preocupou em disfarçar a risada.

— Redirecionar um exército demora. Pode acreditar, aquele exército não vai se voltar contra mim.

— Acha mesmo que não? Um ou dois dos meus amiguinhos afirmam que ele quer você morto, depois de ter matado algumas de suas Donzelas de estimação. Se eu fosse você, começaria a pensar em morar em algum lugar menos vistoso, onde ele não me encontrasse tão fácil...

Não se notava nem o mais leve tremelicar de cílios nele. Era como se todas as cordinhas que antes o faziam se mexer tivessem sido cortadas.

— Quem liga para a morte de algumas Donzelas? — O rosto dele parecia cheio de uma confusão genuína. — Foi uma batalha, soldados morrem. Al'Thor pode ser fazendeiro, mas tem generais a seu lado para lutar suas batalhas e explicar como são as coisas. Duvido que tenha notado.

— Ah, você nunca olhou de verdade para essas pessoas. Elas mudaram tanto quanto a terra, Sammael. E não só os Aiel. De muitas maneiras, os outros povos mudaram ainda mais. Aqueles soldados eram mulheres. Para Rand al'Thor, isso faz diferença.

O homem deu de ombros, desdenhoso, e Graendal reprimiu o desprezo que sentia, mantendo o estraite estável em um enevoado tranquilo. Sammael nunca conseguira compreender que era preciso entender as pessoas para fazê-las agir conforme sua vontade. A Compulsão funcionava bem, era verdade, mas não podia ser usada com o mundo inteiro.

Graendal se perguntou se não era na verdade a caixa de estase — a mesma que guardara aquelas coisas expostas ali na câmara — o achado que ele afirmava que logo teria em mãos. Se Sammael estivesse de posse de um único *angreal*... Bem, ela descobriria se fosse o caso, mas provavelmente só quando ele revelasse por conta própria.

— Então suponho que logo vamos descobrir quão mais sábio se tornou o primitivo Lews Therin — comentou ela, erguendo uma sobrancelha desconfiada e forçando um sorriso. Nenhuma reação dele. Onde Sammael encontrara rédeas tão fortes para o próprio gênio? A mera menção do nome de Lews Therin deveria ter bastado para ele perder um pouco o controle. — Bem, se ele não botar você parar correr de Illian feito um cosa disparando para o alto de uma árvore, então...

— Talvez você tenha que esperar sentada — interrompeu ele, com toda a delicadeza. — Digo, o tempo de espera cansaria sua beleza.

— Isso deveria ser uma ameaça, Sammael? — O vestido mudou para um rosa-claro, mas ela manteve a nova cor. Queria que o homem soubesse que estava com raiva. — Achei que você já tivesse aprendido, há muito tempo, que me ameaçar é um erro.

— Não é nenhuma ameaça, Graendal — retrucou ele, muito calmo. Todos os seus pontos fracos estavam entorpecidos, nada parecia tirá-lo daquela indiferença bem-humorada. — São só os fatos. Al'Thor não vai me atacar, e eu também não vou atacar o coitado. E claro que concordei em não prestar nenhum auxílio a outro Escolhido, se ele ou ela cair nas mãos de al'Thor. Tudo de acordo com as ordens do Grande Senhor, não acha?

— Claro.

Graendal manteve o rosto sereno, mas o estraite passara a um rosa mais escuro, perdendo um pouco o aspecto enevado. Em parte, a cor ainda denotava raiva. Estavam faltando algumas peças naquela história, mas como poderia descobrir quais eram?

— O que significa que — prosseguiu ele —, no Dia do Retorno, é bem provável que eu seja o único Escolhido restante para enfrentar al'Thor.

— Duvido de que ele vá conseguir matar todos nós — afirmou Graendal, irritada.

Mas a irritação também lhe incomodava o estômago. Já tinham morrido Escolhidos demais. Sammael devia ter encontrado um jeito de se manter afastado e ficar por último. Era a única explicação.

— Acha mesmo que não? Nem se ele descobrir onde vocês estão se escondendo? — O sorrisinho no rosto dele só aumentou. — Eu já sei com certeza o que Demandred está tramando, mas onde ele está se escondendo? E onde está Semirhage? Mesaana? E ainda tem Asmodean e Lanfear? E Moghedien?

Aqueles dedos frios voltaram a agir, deixando sua marca gélida no crânio de Graendal. Sammael não ficaria parado diante dela com aquela tranquilidade e nãoalaria daquele jeito — ele sequer ousaria sugerir o que estava sugerindo — se não...

— Asmodean e Lanfear estão mortos, e é quase certo que Moghedien também esteja. — Graendal ficou surpresa ao notar que a própria voz saía rouca e um tanto hesitante. O vinho não pareceu ter diminuído a secura na garganta.

— E os outros? — Foi uma pergunta bem simples, e a voz dele não soava nem um pouco insistente.

Graendal ficou arrepiada.

— Eu já lhe disse o que sei, Sammael.

— E não me disse nada. Quando eu for o Nae'blis, vou escolher quem estará logo abaixo de mim. Esse escolhido tem que estar vivo para receber o toque do Grande Senhor.

— Está dizendo que você foi a Shayol Ghul? Que o Grande Senhor lhe prometeu...?

— Você vai saber quando for a hora, não antes. Mas ouça um pequeno conselho, Graendal: já comece a se preparar. Onde estão os outros?

Graendal sentia a mente trabalhar freneticamente. O Grande Senhor só podia ter feito a promessa a Sammael. Só podia. Mas por que *ele*? Bem, não tinha tempo para especulações — o Grande Senhor escolhia como lhe apetecesse. E Sammael sabia o paradeiro dela, mesmo se não soubesse o de mais algum Escolhido. Bem, podia fugir de Arad Doman e se estabelecer em outro lugar — nem seria difícil. Teria que abrir mão dos joguinhos que conduzia por ali. Ora, mesmo se tivesse que abrir mão das disputas maiores, seria uma perda pequena em comparação a ter Rand al'Thor — ou Lews Therin — em seu encalço. Não tinha a menor intenção de encará-lo. Se era verdade que Ishamael e Rahvin tinham caído diante do garoto, não era ela que testaria a força de Rand — não diretamente. O Grande Senhor *só podia* ter prometido o posto a Sammael. E bem, se ele morresse... Ah, o homem com certeza estava agarrado a *saidin*, não seria louco de dizer tudo aquilo sem o amparo do Poder. E com certeza sentiria caso Graendal abraçasse *saidar* — ela é que acabaria morta. O Grande Senhor só podia ter prometido...

— Eu... eu não sei onde Demandred e Semirhage estão escondidos. Mesaana... Mesaana está na Torre Branca. É tudo o que sei. Juro.

Sentiu diminuir o aperto em seu peito quando ele enfim aquiesceu.

— Você vai encontrar os outros para mim. — Não foi uma pergunta. — Todos, Graendal. Se quiser me fazer acreditar que algum deles morreu, então me mostre o cadáver.

Graendal queria muito ter a coragem de matá-lo. O vestido ondulou em tons violentos de vermelho, reverberando a raiva, o medo e a vergonha que sentia, envolvendo-a em ondas incontrolláveis. Muito bem, Sammael que pensasse que ela estava intimidada — pelo menos por ora. Que importava se ele entregasse Mesaana a al'Thor — se entregasse todos os Escolhidos a al'Thor? Bastava que al'Thor ficasse bem longe da garganta dela.

— Vou tentar.

— Faça mais do que tentar, Graendal. Mais do que tentar.

* * *

Depois que a mulher foi embora e Sammael viu fechar o portão que a levava de volta ao palácio em Arad Doman, ele deixou o sorriso se dissolver. As mandíbulas doíam de tanto esforço que fizera para sustentar a expressão afável. Graendal pensava demais — ela estava tão acostumada a fazer os outros agirem em sua defesa que não conseguia nem cogitar como se defender por conta própria. Sammael se perguntou o que ela diria se descobrisse como fora manipulada daquele jeito — com a mesma habilidade que ela própria manipulara tantos tolos em seus tempos de glória. Apostaria qualquer coisa que fosse que a mulher não conseguira descobrir o verdadeiro propósito da conversa. Então Mesaana estava na Torre Branca? Mesaana na Torre e Graendal em Arad Doman. Ah, aquela mulher de fato conheceria o medo, se pudesse ver seu rosto agora. Não importava o que acontecesse, Sammael seria o único de pé no Dia do Retorno — seria nomeado Nae’blis e derrotaria o Dragão Renascido.



A MISSÃO DIPLOMÁTICA

Egwene, muito bem-humorada, deu as costas para a dupla de músicos na esquina — uma mulher suada que soprava uma flauta comprida e um sujeito de rosto corado dedilhando uma sabiola de nove cordas — e começou a abrir caminho pela multidão. O sol era uma bola de ouro líquido bem alta no céu, e o chão de paralelepípedos estava tão quente que o calor atravessava as botas macias e queimava a sola de seus pés. Suor pingava de seu nariz, o xale mais parecia um cobertor, mesmo preso frouxamente na altura dos cotovelos, e o ar estava tão poeirento que ela já estava com vontade de se lavar de novo. Ainda assim, Egwene sorria. Algumas pessoas olhavam de soslaio quando achavam que ela não ia reparar, o que quase a fez rir. Era assim que olhavam para os Aiel. As pessoas sempre viam o que esperavam ver e reparavam apenas nas suas roupas de mulher Aiel, ignorando a cor de seus olhos e sua baixa estatura.

Mascates e ambulantes ofereciam suas mercadorias aos gritos, competindo com os berros de açougueiros e artesãos, com o chocalhar e retinir de oficinas de prateiros ou ceramistas, e com o chiado de eixos mal lubrificados de carroças. Condutores praguejando impropérios e homens andando ao lado de carros de boi disputavam no grito a passagem com liteiras de laca escura e carruagens sóbrias, ostentando os símbolos de Casas nas portas trabalhadas. Havia músicos, acrobatas e malabaristas por toda parte. Um grupo de mulheres pálidas, portando espadas e usando vestidos de montaria, cruzou a passos arrogantes, imitando o comportamento que julgavam ver nos homens, soltando gargalhadas altas e exageradas enquanto abria caminho com uma atitude que, se fossem mesmo homens, teria desencadeado mais de dez brigas a cada cem passadas. O martelo de um ferreiro ressoou contra a bigorna. Pairava no ar aquele zum-zum-zum alvoroçado, o barulho típico de uma cidade — quase se esquecera de como era aquilo, em seu tempo entre os Aiel. Talvez tivesse

até sentido falta.

Pensando nisso, a risada de fato saiu — e bem ali, no meio da rua. Ficara quase completamente desorientada da primeira vez em que escutara o barulho de uma cidade. Às vezes, parecia que aquela garota de olhos esbugalhados era outra pessoa.

Uma mulher, conduzindo a égua baia pela multidão, virou-se para Egwene, curiosa. Sininhos de prata estavam amarrados na cauda e na crina comprida da égua, e a mulher também ostentava sinos no cabelo preto, solto até quase o meio das costas. Era bela e não podia ser muito mais velha que Egwene, mas tinha uma expressão dura, um olhar penetrante e portava nada menos que seis facas no cinto — uma delas quase tão grande quanto a de um Aiel. Só podia ser uma Caçadora da Trombeta.

Um homem alto e bonito de casaco verde, com duas espadas às costas, ficou olhando a mulher passar. Devia ser outro. Aquela gente parecia estar por todos os lados. A multidão foi engolindo a mulher montada na égua baia, e o homem pegou Egwene o encarando. O sujeito abriu um sorriso interessado, endireitou os ombros largos e foi até ela.

Egwene foi logo armando a expressão mais fria que tinha, tentando misturar a rigidez de Sorilea com a seriedade de Siuan Sanche quando ostentava a estola do Trono de Amyrlin nos ombros.

O sujeito parou, parecendo surpreso, então deu meia-volta. Egwene pôde ouvi-lo resmungar um “Aiel chamuscados” e não conseguiu conter o riso. O sujeito deve ter ouvido, mesmo com o alarido da multidão, já que enrijeceu e balançou a cabeça — mas não olhou para trás.

Tinha dois motivos para seu bom humor. O primeiro era que as Sábias finalmente tinham concordado que uma caminhada pela cidade era um exercício tão bom quanto dar a volta ao redor das muralhas. Sorilea, em particular, não parecia conseguir entender por que Egwene iria querer passar um minuto a mais que o necessário naquele amontoado de aguacentos, ainda mais fechada entre muralhas. O segundo, porém principal motivo de seu bom humor, era as Sábias terem decidido que, com o desaparecimento das dores de cabeça que tanto as intrigaram — Egwene nunca conseguia esconder a dor muito bem —, ela logo poderia voltar a visitar *Tel’aran’rhiod*. Claro que não a tempo do encontro seguinte, que seria dali a três noites, mas sem dúvida antes do outro que haveria depois desse.

Para Egwene, a permissão era um alívio em mais de um sentido. Nada mais de entrar escondida no Mundo dos Sonhos. Nada mais de se desdobrar para tentar entender tudo sozinha. Nada mais de viver preocupada, temendo que as Sábias a encontrassem e se recusassem a ensinar a ela. Nada mais de mentiras inevitáveis. E a mentira fora mesmo inevitável: Egwene não podia perder tempo. Havia muito o que aprender, e ela duvidava de que teria tempo suficiente. Ainda assim, as Sábias nunca entenderiam.

Havia alguns Aiel na multidão, alguns de *cadin’sor* e outros com o branco dos

gai'shain — os *gai'shain* iam para onde eram mandados, mas os outros podiam muito bem estar ali entre as muralhas pela primeira e, muito provavelmente, última vez. Os Aiel não pareciam gostar tanto de cidades, embora muitos tivessem adentrado as muralhas seis dias antes, querendo acompanhar o enforcamento de Mangin. Corria o boato de que o próprio homem passara o nó em volta do pescoço e fizera uma de suas piadas de Aiel sobre se seria a corda que quebraria o pescoço ou o pescoço que partiria a corda. Já vira vários Aiel repetirem a piada, mas nenhum comentário sobre o enforcamento. Sabia que Rand gostava de Mangin — tinha certeza. Berelain informara as Sábias sobre a sentença com a casualidade de quem avisa que as roupas colocadas para lavar voltariam limpas no dia seguinte, e as Sábias receberam a notícia com a mesma falta de preocupação. Egwene achava que nunca entenderia os Aiel. E receava que já não entendesse mais Rand. Já Berelain ela compreendia bem até demais — a mulher só estava interessada em um tipo de homem: os vivos.

Perdida naqueles pensamentos, teve que fazer um esforço para recuperar o bom humor. A cidade não estava mais fresca do que o acampamento do lado de fora das muralhas — na verdade, era capaz até de estar mais quente, sem a brisa e com o tamanho da multidão —, e o ar estava quase tão empoeirado quanto lá fora, mas pelo menos ela não estava caminhando sem nada para olhar além das cinzas de Portão da Frente. Mais alguns dias e poderia voltar aos ensinamentos, enfim aprendendo de verdade. Aquilo devolveu um sorriso ao seu rosto.

Parou perto de um sujeito magrelo com o rosto úmido de suor. Era fácil definir seu ofício: o sujeito era — ou melhor, tinha sido — Iluminador: o bigode espesso não estava coberto pelo véu diáfano dos tarabonianos, mas as calças folgadas com bordados nas pernas e a camisa igualmente folgada com bordados no peito já tornavam possível identificá-lo. Ele estava vendendo pássaros, pardais e pintassilgos presos em gaiolas rústicas. Depois que a sala do capítulo fora incendiada pelos Shaído, vários Iluminadores vinham tentando buscar meios de retornar a Tarabon.

— Ouvi de uma fonte das mais confiáveis — ia dizendo o Iluminador, para uma bela mulher grisalha, metida em um vestido de seda azul e corte simples. Sem dúvida era mercadora, tentando ganhar seu sustento com as pessoas que esperavam por tempos melhores ali em Cairhien. O Iluminador continuou confidenciando suas descobertas, aos sussurros, reclinado sobre uma gaiola: — Elas estão divididas, as Aes Sedai. Estão em guerra. Entre si.

A mercadora assentiu.

Egwene parou de fingir que considerava a ideia de comprar um pássaro de cabeça verde e seguiu em frente. Teve que saltar para fora do caminho de um menestrel de rosto redondo que avançava a seu lado a passos largos, cheio de floreios pomposos da capa coberta de retalhos. Menestréis sabiam muito bem que estavam entre os poucos aguacentos bem recebidos no Deserto e nunca se intimidavam com os Aiel — ou, pelo menos, fingiam que não.

Ficou incomodada com o boato do Iluminador. O problema não era o falatório de que a Torre estivesse dividida — isso não poderia ter sido mantido em segredo por muito tempo —, e sim aquela história de uma guerra entre as Aes Sedai. Ter as únicas mulheres capazes de manejar o Poder vivendo um conflito interno era como ter um lado da família em pé de guerra com o outro, uma disputa que ela só conseguia tolerar porque sabia os motivos. Ainda assim, a hipótese de que aquilo fosse virar algo mais sério... Se ao menos houvesse como Curar a Torre, unificá-la sem precisar de um banho de sangue.

Descendo um pouco mais a rua, encontrou uma mulher de Portão da Frente — estava toda suada e talvez ficasse bonita, se conseguisse limpar o rosto. Ela espalhava boatos junto com as fitas e os broches que vendia de uma bandeja presa em seu pescoço por uma correia. A mulher usava um vestido de seda azul com a saia cheia de tiras vermelhas horizontais que claramente fora confeccionado para uma mulher mais baixa. A bainha, muito desgastada, ficava elevada o bastante para revelar os sapatos robustos, e buracos nas mangas e no corpete indicavam os pontos de onde antigos bordados tinham sido arrancados.

— Pois vou lhe contar uma verdade — informou a mulher, para as clientes que vinham olhar sua bandeja. — Soube de gente que viu Trollocs pela cidade. Ah, sim, isso mesmo, estas contas verdes vão realçar seus olhos. Sim, sim, centenas de Trollocs. E também...

Egwene nem parou para ouvir. Se um único Trolloc tivesse aparecido em qualquer lugar nas redondezas da cidade, os Aiel teriam descoberto muito antes que virasse fofoca de rua. Quem dera as Sábias fofocassem — bem, elas às vezes fofocavam, mas só sobre os outros Aiel: nada dos aguacentos atraía o interesse do povo do Deserto. O problema era que ter a capacidade de viajar toda vez que quisesse para o gabinete de Elaida em *Tel'aran'rhiod*, onde podia ler suas correspondências, deixara Egwene mal-acostumada, sempre sabendo o que se passava no mundo.

De repente, reparou que mudara sua forma de examinar a cidade ao redor, encarando o rosto das pessoas. Em Cairhien, tão certo quanto havia suor, havia olhos-e-ouvidos das Aes Sedai. A cada dia, pelo menos um pombo devia alçar voo levando um relatório para Elaida. Espiões da Torre, das Ajahs e até de algumas Aes Sedai. E estavam por toda parte — em geral era quem menos se esperava. Por que aqueles dois acrobatas estavam ali parados, sem fazer nada? Estariam recuperando o fôlego ou vigiando-a? Os dois voltaram à ação de repente — com um pinote, um deles virou uma cambalhota no ar e pousou plantando bananeira apoiado nos ombros do colega.

Certa vez, sob ordens de Elaida, uma espiã da Ajah Amarela tentara mandar Elayne e Nynaeve de volta para Tar Valon. Egwene não sabia se Elaida também estava atrás dela, mas presumir o contrário seria uma grande tolice. Não conseguia se convencer de que a Vermelha perdoaria uma Aceita que tivesse trabalhado sob a

orientação da Amyrlin que ela depusera.

Aliás, algumas das Aes Sedai de Salidar também deviam ter olhos-e-ouvidos pela cidade. Se a informação sobre “Egwene Sedai da Ajah Verde” chegasse a elas... Podia ser qualquer pessoa: aquela mulher magrinha na porta da loja, parecendo examinar um rolo de tecido cinza-escuro; ou quem sabe aquela outra, toda desgrenhada, encostada ao lado da porta da taverna enquanto abanava o rosto com o avental; ou talvez o sujeito gordo da carroça cheia de tortas — por que ele a encarava daquele jeito estranho? Egwene quase decidiu ir embora pelo primeiro portão que achasse para fora da cidade.

Mas foi justamente o sujeito gordo quem a fez parar — ou ao menos o modo como ele tentou cobrir as tortas com as mãos. O homem a encarara daquele jeito porque *ela* o encarara. Devia estar com medo de que uma Aiel “selvagem” quisesse levar algumas de suas mercadorias sem pagar.

Egwene soltou uma risadinha fraca. Aiel. Mesmo quando a encaravam bem de perto, achavam que ela era Aiel. Se houvesse alguma agente da Torre atrás dela, passaria a seu lado sem nem olhar duas vezes. Sentindo-se um pouco melhor, ela voltou a perambular pelas ruas, ouvindo as conversas e boatarias sempre que podia.

O problema era que estava acostumada a saber das coisas apenas semanas, no máximo dias, depois de terem acontecido — e ainda por cima com a garantia de que acontecera mesmo da forma relatada. Boatos podiam atravessar cem milhas em um só dia ou levar um mês para andar alguns metros, e a cada dia geravam mais dez. Só naquela volta pela cidade, já descobrira vários boatos conflitantes: Siuan fora executada porque tinha exposto a existência da Ajah Negra; Siuan *era* Ajah Negra e ainda estava viva; a Ajah Negra expulsara todas as Aes Sedai de outras Ajahs da Torre. Não eram histórias novas, só variações de boatos mais antigos. Mas havia uma história nova, uma que vinha se espalhando feito um incêndio no prado em pleno verão: a Torre estivera por trás de todos os falsos Dragões. Toda vez que ouvia aquela história, Egwene ficava tão irritada que começava a andar mais rápido e com as costas mais rígidas — o que, claro, significava que ela passava um bom tempo andando rápido e com as costas eretas. Também ouviu as histórias de que, com a suposta morte de Morgase, os andorianos em Aringill tinham decidido que uma nobre — Dylin, Delin, o nome variava — agora era sua rainha; o que poderia muito bem ser verdade, aliás. E ouvira que havia Aes Sedai zanzando por Arad Doman, fazendo coisas muito improváveis, o que com certeza era mentira. E havia boatos de que o Profeta estava vindo para Cairhien; de que o Profeta fora coroado rei de Ghealdan — não, de Amadícia —, de que o Dragão Renascido condenara o Profeta à morte por blasfêmia. E dizia-se que os Aiel estavam partindo; mas também que o povo do Deserto pretendia se estabelecer por ali. Falavam que Berelain seria coroada no Trono do Sol. E um homenzinho esquelético de olhos evasivos parado na área externa de uma taverna quase apanhou só por afirmar que Rand era um Abandonado — Egwene nem hesitou em se intrometer para acabar com a confusão.

— Vocês não têm honra? — questionou, com frieza.

Os quatro brutamontes que estavam a ponto de agarrar o sujeito magricela apenas piscaram, confusos. Eram cairhienos, não muito mais altos que ela, mas bem mais encorpados. Tinham marcas de narizes quebrados e as juntas dos dedos afundadas típicas dos brigões, mas ela conseguiu mantê-los quietos apenas com a intensidade do olhar — intensidade e a presença de vários Aiel ali pela rua. Considerando o entorno, aqueles homens não cometeriam a tolice de se indispor com uma Aiel, como pensavam que ela era.

— Se quiserem lutar contra um homem por conta do que ele diz, lutem um de cada vez. E com honra — acrescentou. — Isto não é uma batalha. Vocês deveriam sentir vergonha de quererem lutar quatro contra um.

Os homens a encararam como se ela fosse doida, e Egwene começou a corar. Torceu para que achessem que era de raiva. O problema não era aqueles sujeitos ameaçarem alguém mais fraco, e sim não quererem permitir uma luta justa, um a um. Ah, acabara de passar um sermão como se aqueles homens seguissem *ji'e'toh*. Claro que, se fosse o caso, não teria havido a necessidade de um sermão.

Um dos brutamontes inclinou a cabeça em uma quase reverência. O nariz, além de torto, não tinha a ponta.

— Hum... é... senhora? Ele já foi. Podemos ir?

Era verdade. O sujeito magricela se aproveitara da interferência dela para dar no pé. Egwene sentiu um lampejo de desprezo: o homem saía correndo só por medo de encarar quatro adversários. Como conseguia suportar tamanha vergonha? Luz! Já estava pensando como Aiel de novo.

Abriu a boca para dizer que era óbvio que eles podiam ir embora, mas nenhuma palavra saiu. Os homens interpretaram o silêncio como consentimento — ou talvez tenham achado que fosse uma desculpa para sair correndo —, mas Egwene mal reparou. Ela se distraiu com um grupo a cavalo, que seguia rua acima.

Não reconheceu os quase dez soldados de capas verdes que abriam caminho pela multidão, mas identificou na hora quem eles escoltavam. Só via as costas das cinco ou seis mulheres entre os soldados — parte das costas, na verdade, mas era mais do que suficiente. Muito mais. As mulheres usavam capas de viagem leves de linho claro, todas em tons de marrom, e Egwene acabou encarando intensamente o que parecia um disco branco bordado nas costas de uma das capas. Apenas alguns detalhes bordados diferenciavam o círculo alvo do branco da Chama de Tar Valon em seu interior, então a mulher devia ser da Ajah Branca. De relance, avistou um símbolo verde, um vermelho... Vermelho?! Cinco ou seis Aes Sedai cavalcando para o Palácio Real, onde uma cópia do estandarte do Dragão tremulava ao sabor da brisa inconstante, posicionado no topo de uma torre escalonada bem ao lado de uma das bandeiras carmesim de Rand, com o antigo símbolo das Aes Sedai. Alguns diziam que *aquela* era o estandarte do Dragão, outros alegavam que as bandeiras vermelhas eram o estandarte de al'Thor ou até mesmo dos Aiel, sem falar nas outras

dezenas de possibilidades e boatos.

Egwene foi ziguezagueando pela multidão, seguindo as mulheres por cerca de vinte passadas, então parou. A presença daquela irmã Vermelha — ao menos a que tinha visto, poderia haver outras — só podia significar que aquela era a tão aguardada missão diplomática da Torre, que Elaida enviara para escoltar Rand até Tar Valon. Já fazia mais de dois meses que o anúncio da vinda da comitiva chegara a Cairhien, trazida por um mensageiro incansável. O grupo devia ter saído de Tar Valon logo depois do mensageiro.

E não encontrariam Rand ali, a não ser que ele tivesse aparecido sem aviso. Egwene estava certa de que Rand conseguira redescobrir um antigo Talento chamado Viagem, mas saber o que ele fazia não a ajudava a descobrir como. Bem, não importava se as Aes Sedai fossem ou não encontrar o Dragão — não poderiam encontrar Egwene. Se isso acontecesse, mesmo na melhor das hipóteses ela seria identificada como uma Aceita longe da Torre sem uma irmã completa para supervisioná-la — isso se Elaida não estivesse caçando-a. Ainda assim, elas iriam arrastá-la de volta para Tar Valon e Elaida. Egwene não alimentava ilusões de que conseguiria resistir a cinco ou seis Aes Sedai.

Com uma última olhada para o grupo de Aes Sedai já se afastando, Egwene ergueu as saias e saiu em disparada, desviando de algumas pessoas e esbarrando em outras, abaixando-se sob os focinhos de parelhas de animais que puxavam os carroções e as carruagens, deixando uma trilha de gritos indignados. Quando enfim cruzou um dos altos portões de arco triunfal que levavam para fora das muralhas, sentiu o golpe do vento quente no rosto. Sem as paredes e as construções como obstáculo, o ar carregava tanta poeira que fez Egwene tossir, mas ela continuou correndo até chegar às tendas baixas das Sábias.

Para sua surpresa, encontrou uma égua cinza lustrosa com sela e rédea trabalhadas e bordadas em ouro do lado de fora da tenda de Amys, sob os cuidados de um *gai'shain* que só tirava os olhos do chão para dar tapinhas amistosos no animal irrequieto. Quando se abaixou para entrar na tenda, encontrou a cavaleira: Berelain bebericava chá com Amys, Bair e Sorilea, todas estiradas em almofadas borladas e reluzentes. Uma mulher de robe branco, Roderia, estava ajoelhada em um canto, aguardando a hora de encher as xícaras de novo.

— Aes Sedai chegaram na cidade — alertou Egwene, assim que entrou. — Vão em direção ao Palácio do Sol. Deve ser a missão diplomática de Elaida para Rand.

Berelain levantou-se com muita graça. Mesmo a contragosto, Egwene tinha que admitir: a mulher era elegante. E o vestido de cavalgada tinha um corte decente — nem mesmo ela era tola o bastante para cavalgar ao sol com o decote habitual. As outras mulheres também se levantaram.

— Bem, parece que preciso voltar para o palácio — anunciou Berelain, com um suspiro. — Só a Luz sabe o que elas vão pensar se não tiver ninguém lá para recebê-las. Amys, se souber de Rhuarc, pode mandar um recado para ele ir me encontrar?

Amys assentiu, mas Sorilea que falou:

— Melhor não depender tanto de Rhuarc, garota. Rand al'Thor entregou Cairhien aos seus cuidados. Para os homens, se você dá a mão, logo eles querem o braço inteiro. E, se for um chefe de clã, dê um dedo e ele logo vai estar querendo a sua cabeça.

— É verdade — murmurou Amys. — Rhuarc é a sombra do meu coração, mas é verdade.

Berelain calçou as finas luvas de cavalgada que estavam presas no cinto.

— Ele me lembra meu pai. Às vezes, até demais. — Ela abriu um breve sorriso pesaroso. — Mas dá bons conselhos. E sabe quando precisa ficar por perto e por quanto tempo permanecer. Acho que até as Aes Sedai ficariam impressionadas com Rhuarc cravando os olhos nelas.

Amys deu uma risadinha.

— Ele é mesmo impressionante. Pode deixar que vou mandar Rhuarc para você. — Dizendo aquilo, ela beijou a testa e as bochechas de Berelain com toda a delicadeza.

Egwene ficou olhando. Era um beijo de mãe para o filho ou a filha. *O que estava acontecendo entre Berelain e as Sábias?* Claro que não podia perguntar — uma pergunta daquela só traria vergonha para ela e para as Sábias. E para Berelain, mesmo que ela não fosse ficar sabendo, e mesmo que Egwene não se importasse de envergonhar Berelain até ela ficar careca.

Quando Berelain estava se virando para sair da tenda, Egwene a segurou pelo braço.

— Tome cuidado com elas. As Aes Sedai não serão amigáveis com Rand, mas as palavras erradas, ou mesmo um movimento errado, podem fazer com que se tornem inimigas declaradas.

Aquilo era verdade, mas não era o que Egwene precisava dizer. Preferia que lhe arrancassem a língua do que ter que pedir um favor de Berelain.

— Já lidei com Aes Sedai antes, Egwene Sedai — afirmou a Primeira de Mayene, seca.

Egwene se conteve e evitou respirar fundo. Teria que pedir, mas não permitiria que a mulher percebesse como estava sendo difícil.

— Elaida não será uma amiga para Rand, não mais que uma doninha pode ser amiga de uma galinha, e essas Aes Sedai são de Elaida. Se elas ficarem sabendo de uma Aes Sedai que o apoia e que está por aqui, ao alcance, essa Aes Sedai pode acabar desaparecendo logo no dia seguinte.

Ela encarou o rosto indecifrável da Primeira de Mayene, sem conseguir se obrigar a dizer mais nada. Depois de um longo instante, Berelain sorriu.

— Egwene Sedai, vou fazer o que estiver ao meu alcance. Por Rand. — Tanto o sorriso quanto a voz pareciam insinuar alguma coisa.

— Garota... — advertiu Sorilea, ríspida, e foi uma surpresa ver que Berelain

corou de leve.

Sem olhar para Egwene e com uma voz cuidadosamente neutra, a Primeira de Mayene respondeu:

— Eu agradeceria se vocês não contassem nada a Rhuarc.

Na verdade, ela não olhava para ninguém, mas fazia um esforço para ignorar a presença de Egwene.

— Não vamos contar — retrucou Amys, sem demora, deixando Sorilea boquiaberta. — Não vamos contar. — A repetição era para Sorilea, a voz um misto de firmeza e pedido, até que a idosa enfim aquiesceu, ainda que relutante. Berelain chegou a suspirar de alívio antes de se abaixar e sair da tenda.

— Essa criança é espirituosa — gargalhou Sorilea, assim que Berelain saiu. Ela se reclinou de volta nas almofadas e deu tapinhas no lugar ao lado, sinalizando para que Egwene se sentasse. — Deveríamos encontrar o marido ideal para ela, um homem à altura dela. Se é que tal homem existe entre os aguacentos.

Esfregando as mãos e o rosto com o pano úmido que Roderia trouxera, Egwene se perguntou se aquilo já lhe dava abertura suficiente para perguntar sobre Berelain sem causar desonra. Ela aceitou a xícara de chá de porcelana verde do Povo do Mar e tomou seu lugar no círculo de Sábias. Se uma das outras respondesse ao comentário de Sorilea, talvez bastasse.

— Tem certeza de que essas Aes Sedai representam perigo para o *Car'a'carn*? — perguntou Amys, antes que outra pudesse se pronunciar.

Egwene corou. Estava perdida em fofocas enquanto havia questões tão importantes a tratar.

— Tenho — respondeu mais do que depressa. Então completou, mais calma: — Pelo menos... não sei se o que elas querem exatamente é fazer mal a Rand. Pelo menos não de propósito. — A carta de Elaida de fato dizia que deviam tratá-lo com “a honra e o respeito” que o Dragão merecia. Quanto respeito uma antiga irmã Vermelha achava que um homem capaz de canalizar merecia? — Mas não duvido de que elas vão querer ter algum controle sobre ele, obrigar Rand a fazer o que Elaida quiser. Não querem ser aliadas. — E até que ponto as Aes Sedai de Salidar eram aliadas? Luz, precisava falar com Elayne e Nynaeve. — E não vão se importar se ele é o *Car'a'carn*.

Sorilea grunhiu, amargurada.

— Acha que elas vão tentar fazer mal a você? — perguntou Bair.

Egwene assentiu.

— Se descobrirem que eu estou aqui... — Tentou disfarçar o arrepio tomando um golinho do chá de menta. Fosse para ter um meio de controlar Rand ou para levá-la embora como a Aceita não supervisionada que era, aquelas mulheres fariam de tudo para arrastá-la de volta para a Torre. — Elas não me deixarão livre, se tiverem opção. Elaida não vai querer que Rand ouça ninguém além dela mesma.

Bair e Amys trocaram olhares sérios.

— Então a resposta é simples. — Sorilea soou como se tudo estivesse decidido. — Você vai ficar aqui nas tendas, e elas não terão como encontrá-la. As Sábias sempre evitam Aes Sedai, de qualquer forma. Se ficar mais alguns anos com a gente, acho que você dará ótima Sábua.

Egwene quase deixou a xícara cair.

— Fico lisonjeada — respondeu, hesitante —, mas, uma hora ou outra, terei que ir embora.

Sorilea não pareceu convencida. Egwene aprendera a se impor com Amys e Bair, depois de um tempo, mas Sorilea...

— Bem, não tão cedo — retrucou Bair, abrindo um sorriso para que as palavras soassem amigáveis. — Você ainda tem muito o que aprender.

— Tem, e está ansiosa para voltar a estudar — acrescentou Amys. Egwene se esforçou para não corar, e a Sábua franziu o cenho. — Você parece estranha. Andou se esforçando demais, hoje de manhã? Eu tinha certeza de que você já estava recuperada o bastante...

— Já me recuperei — garantiu Egwene, mais do que depressa. — É verdade, já me recuperei. Faz dias que não tenho dor de cabeça. Foi a poeira do vento, quando eu estava correndo de volta para cá. E a multidão na cidade está maior do que eu me lembrava. E sem falar que eu estava tão empolgada que não comi bem no café da manhã.

Sorilea chamou Roderia com um gesto.

— Traga pão de mel, se ainda tiver, e queijo. E qualquer fruta que conseguir encontrar. — Ela cutucou as costelas de Egwene. — As mulheres não devem ser só pele e osso — disse a mulher que parecia ter sido largada ao sol até que quase toda a carne tivesse ressecado.

Egwene não se importava de ter que comer, já que estava tão empolgada naquela manhã que de fato se esquecera, mas Sorilea ficou olhando cada pedaço ser engolido, e aquele escrutínio dificultava um pouco as coisas. Isso e o fato de que as Sábias queriam discutir o que fazer quanto às Aes Sedai — se as mulheres da Torre se mostrassem hostis a Rand, então teriam que ser vigiadas. As Sábias precisavam encontrar um jeito de preservar e proteger o *Car'a'carn*. Até Sorilea estava meio nervosa com a possibilidade de terem que se colocar diretamente contra as Aes Sedai — nervosa, mas não com medo: o que a incomodava era ter que ir contra seus costumes. De qualquer forma, fariam o que fosse preciso pelo *Car'a'carn*.

Egwene estava preocupada com a possibilidade de que as Sábias transformassem em ordem aquela sugestão de Sorilea, de que ela permanecesse entre as tendas. Não haveria como escapar, passar despercebida por aqueles cinquenta olhos, a não ser ficando dentro da tenda. Como Rand fazia para Viajar? As Sábias fariam o que fosse preciso, desde que não fosse contra os princípios de *ji'e'toh*. As Sábias podiam muito bem ter interpretações criativas de alguns aspectos, mas se agarravam a essas interpretações com a mesma firmeza de qualquer outro Aiel. Luz, a própria Roderia

era Shaído — uma dentre os milhares que foram capturados na batalha para expulsar os Shaído de Cairhien —, mas as Sábias a tratavam como qualquer outro *gai'shain*. E, pelo que Egwene via, Roderia também não se comportava nem um pouco diferente de qualquer outro *gai'shain*. Nenhuma delas se disporia a contrariar *ji'e'toh*, não importava quanto fosse preciso.

Por sorte, não tocaram de novo naquele assunto. Mas, para seu azar, falaram bastante de sua saúde. As Sábias não sabiam Curar nem verificar o estado de alguém com o Poder, então faziam testes com seus próprios métodos — alguns ela reconhecia das aulas de Nynaeve, quando queria se tornar Sabedoria, como examinar os olhos, ouvir o coração com um tubo oco de madeira; outros eram tipicamente Aiel, como tocar os dedos do pé até ficar tonta, pular no lugar até achar que os olhos iam saltar da cabeça e correr ao redor das tendas das Sábias até sua vista ficar cheia de pontinhos negros. Quando um *gai'shain* trouxe água para derramar em sua cabeça, ela bebeu o que pôde, ergueu as saias e correu mais um pouco. Aiel eram grandes adeptos de manter um corpo resistente, e, se ela fosse um passinho mais lenta, se vacilasse e parasse antes que Amys mandasse, as Sábias decidiriam que ela ainda não se recuperara o suficiente.

Quando Sorilea enfim assentiu, completando com um “você está tão saudável quanto uma Donzela”, Egwene já estava cambaleando, ofegante. Tinha certeza de que nenhuma Donzela estaria naquele estado, mas mesmo assim ficou orgulhosa de si mesma. Nunca se considerara molenga, mas tinha plena consciência de que, antes de viver entre os Aiel, teria caído de cara no chão na metade do teste. *Mais um ano e vou conseguir correr tão bem quanto qualquer* Far Dareis Mai, pensou.

Egwene também não estava com muita vontade de voltar para a cidade. Juntou-se às Sábias na tenda de vapor — desta vez não recebeu ordens de derramar água nas rochas quentes, e Roderia cuidou disso —, aproveitando o calor úmido enquanto os músculos relaxavam. Só saiu porque Rhuarc e dois outros chefes de clã — Timolan, dos Miagoma, e Indirian, dos Codarra — se juntaram a elas, todos homens altos e imensos, com rostos duros e austeros e cabelos já grisalhos. Quando os viu, saiu correndo da tenda, então tratou de enrolar o xale no corpo. Sempre que isso acontecia, esperava ouvir gargalhadas, mas os Aiel nunca entendiam por que ela saía correndo da tenda de vapor sempre que um homem entrava. Se entendessem, já teriam feito suas típicas piadas Aiel. Por sorte, simplesmente não faziam a conexão, para a felicidade de Egwene.

Egwene recolheu o restante das roupas em meio às pilhas bem arrumadas ali fora e saiu depressa para sua própria tenda. O sol já estava baixo no céu, e, depois de uma refeição leve, estaria pronta para dormir. Estava cansada demais para sequer pensar em *Tel'aran'rhiod*. Cansada demais, também, para se lembrar da maioria dos sonhos que teve — coisa que as Sábias vinham tentando lhe ensinar a fazer —, e a maioria dos que conseguiu se recordar envolvia Gawyn.





COMO RELÂMPAGOS E CHUVA

Apesar dos sonhos que teve a noite inteira, Egwene acordou se sentindo inexplicavelmente revigorada quando Cowinde veio chamá-la bem cedo, ainda no céu cinza que precede a alvorada. Renovada e pronta para tentar descobrir alguma coisa em sua ida à cidade. Depois de bocejar e se espreguiçar, levantou-se sem delongas, cantarolando enquanto se lavava e se vestia às pressas, mal parando para pentear os cabelos direito. Teria saído correndo da área das tendas, sem nem gastar tempo com o desjejum, mas deu de cara com Sorilea, o que pôs um fim a seus planos de sair às pressas. No fim das contas, também acabou sendo bom.

— Você não devia ter saído tão cedo da tenda de suor — comentou Amys, que estava recebendo cerca de vinte Sábias em sua tenda. Ela pegou uma tigela de mingau e frutas secas das mãos de Roderia, que, junto de Cowinde e um homem de robe branco chamado Doilan, outro Shaido, corria para servir a todos. — Rhuarc tinha muito o que dizer sobre suas irmãs. Talvez você possa acrescentar mais algumas coisas.

Depois de meses de fingimento, Egwene nem se perguntava quem seriam essas irmãs — sabia que a mulher estava falando da missão diplomática da Torre.

— Vou lhe contar o que puder. O que ele disse?

Para começar, havia seis Aes Sedai. E duas eram Vermelhas, não uma. Egwene não conseguia acreditar na arrogância — ou talvez na burrice — de Elaida, de ter enviado uma única Vermelha que fosse. Pelo menos o comando estava nas mãos de uma Cinza. As Sábias estavam acomodadas em um grande círculo, a maioria deitada, seus corpos parecendo delinear os raios de uma roda, embora houvesse algumas de pé ou ajoelhadas nos espaços. Todas se voltaram para Egwene assim que ela foi informada dos nomes das Aes Sedai visitantes.

— Infelizmente só conheço duas dessas — declarou a jovem, hesitante. — Temos

muitas Aes Sedai, afinal, e não sou irmã completa há tanto tempo, para conhecer tantas. — Várias assentiram, aceitando a explicação. — Nesune Bihara é bem justa, escuta todos os lados antes de tomar uma decisão, mas sempre consegue identificar incongruências, por menores que sejam. Ela vê tudo, se lembra de tudo. Passa os olhos numa página uma única vez e consegue repetir palavra por palavra, e também é capaz de repetir uma conversa que ouviu um ano antes. E ela às vezes fala sozinha, enunciando os pensamentos sem nem se dar conta de que está falando em voz alta.

— Rhurarc falou que essa mulher estava interessada na Biblioteca Real. — Bair mexeu seu mingau, a atenção voltada para Egwene. — Disse que a escutou resmungar alguma coisa sobre selos.

Um murmúrio se espalhou por entre as outras Sábias, mas foi silenciado quando Sorilea pigarreou bem alto.

Egwene pensou por um instante, remexendo o mingau com a colher — notou lascas de ameixa seca e alguma baga doce na mistura. Se Elaida tivesse interrogado Siuan antes da execução, devia saber que três selos já haviam sido quebrados. Rand mantinha dois outros escondidos em algum lugar — Egwene queria muito saber onde, mas seu velho amigo não parecia confiar em ninguém, nos últimos tempos — e Nynaeve e Elayne tinham encontrado um em Tanchico e o levado para Salidar. Bem, Elaida não tinha como saber destes. A menos que contasse com espiões em Salidar, mas... Não. Era especulação para outro momento, seria inútil cogitar aquilo agora. Elaida devia estar desesperada atrás dos outros selos. Parecia sensato enviar Nesune para a segunda maior biblioteca do mundo, perdendo apenas para a biblioteca da própria Torre Branca. Engolindo algumas ameixas secas, Egwene revelou suas conclusões às Sábias.

— Eu já tinha falado isso ontem à noite — grunhiu Sorilea. — Aeron, Colinda, Edarra, vão para a Biblioteca. Três Sábias devem bastar para encontrar o que houver para ser encontrado antes de uma Aes Sedai. — Três rostos assumiram uma expressão irritada. A Biblioteca Real era imensa. Mas a ordem partira de Sorilea, e, apesar de terem resmungado e suspirado, as mulheres escolhidas deixaram suas tigelas de mingau no chão e saíram imediatamente. — Você disse que conhecia duas — prosseguiu a Sábida mais velha, antes mesmo que as três tivessem saído. — Nesune Bihara e quem mais?

— Sarene Nemdahl — respondeu Egwene. — Mas vejam bem, conheço as duas apenas superficialmente. Sarene é como a maioria das Brancas, pondera tudo com muita lógica e às vezes parece surpresa quando alguém age com o coração, mas é geniosa. Ela quase sempre consegue se controlar, mas basta um passo errado na hora errada e ela acaba... arrancando seu nariz antes de você entender o que está acontecendo. Ainda assim, ela sempre escuta outras opiniões e admite que estava errada, mesmo depois de um ataque. Quer dizer, pelo menos depois que passa o acesso de raiva.

Enfiando uma colherada de bagas e mingau na boca, Egwene tentou examinar as

Sábias sem que elas percebessem. Nenhuma parecia ter percebido sua hesitação. Ela quase dissera que Sarene mandaria alguém esfregar o chão antes que a pessoa pudesse entender o que estava acontecendo. Só conhecia as duas das aulas dos tempos de noviça. Nesune, uma kandoriana esguia com olhos afiados de águia, conseguia perceber mesmo de costas quando alguém deixava de prestar atenção. Assistira a várias aulas dela. Quanto a Sarene, só fora a duas de suas palestras sobre a natureza da realidade, mas era difícil esquecer uma mulher que afirmava como a beleza e a feiura eram ilusões, mesmo tendo um rosto que fazia qualquer homem parar para olhar com atenção.

— Espero que você consiga se lembrar de mais coisas — comentou Bair, apoiada no cotovelo, inclinando-se para Egwene. — Parece que você é a nossa única fonte de informações.

Egwene precisou de um momento para entender o que a mulher dizia. Sim, claro. Bair e Amys deviam ter tentado espiar o sonho das Aes Sedai, na noite anterior, mas todas as Aes Sedai protegiam os sonhos com barreiras — uma habilidade que se arrependia de não ter aprendido antes de deixar a Torre.

— Farei o possível. Onde ficam os aposentos delas lá no palácio?

Se quisesse falar com Rand na próxima vez em que ele visitasse a cidade, seria bom não ir parar nos aposentos delas enquanto tentava encontrar o caminho. Sobretudo os de Nesune. Sarene talvez não se lembrasse de uma noviça entre tantas outras, mas tinha quase certeza de que Nesune se lembraria. Aliás, qualquer uma das mulheres que não conhecia também poderia se lembrar dela, já que houve muito falatório a seu respeito quando estava na Torre.

— As Aes Sedai recusaram a oferta de sombra de Berelain, mesmo por uma única noite. — Amys franziu o cenho. Entre os Aiel, uma oferta de hospitalidade sempre devia ser aceita. A recusa, mesmo entre inimigos de sangue, era desonrosa. — Estão hospedadas com uma mulher chamada Arilyn, uma nobre dos Assassinos da Árvore. Rhuarc acredita que Coiren Saeldain já conhecia essa Arilyn antes de chegarem, ontem.

— É uma espiã de Coiren — garantiu Egwene. — Ou da Ajah Cinza.

Várias das Sábias resmungaram entre dentes, irritadas. Sorilea grunhiu alto de desgosto, e Amys soltou um longo suspiro de desapontamento. Algumas outras não pareceram tão convencidas. Corelna, de olhos verdes e um rosto que lembrava um falcão, ostentando grandes mechas cinza nos cabelos louros, balançou a cabeça em dúvida; já Tialin, uma ruiva esguia de nariz pontudo, encarou Egwene sem esconder a descrença.

Espionagem era uma violação de *ji'e'toh* — Egwene só não entendera ainda por que isso não se aplicava quando as Andarilhas dos Sonhos bisbilhotavam os sonhos alheios. Seria inútil ressaltar que as Aes Sedai não seguiam *ji'e'toh*. Aquelas mulheres sabiam disso, só achavam difícil de acreditar ou de compreender, tratando-se de Aes Sedai ou de qualquer outra pessoa.

Não importava o que algumas das Sábias achavam; Egwene sabia que estava certa e apostaria o que fosse. Galldrian, o último Rei de Cairhien, tivera uma conselheira Aes Sedai antes de ser assassinado. Niande Moorwyn fora uma presença quase invisível naquelas terras, mesmo antes de ter que desaparecer após a morte de Galldrian, mas Egwene conseguira descobrir que a mulher fizera algumas visitas às propriedades rurais de Lady Arilyn. E Niande era uma Cinza.

— Ao que parece, puseram cem guardas debaixo do teto de Arilyn — comentou Bair, depois de algum tempo. Então completou, em uma voz completamente sem emoção: — As Aes Sedai alegam que a situação na cidade ainda está instável, mas acho que estão com medo dos Aiel.

Olhares muito interessados surgiram em vários rostos — chegava a ser um pouco perturbador.

— Cem!? — exclamou Egwene. — Elas trouxeram *cem* homens?

Amys negou com a cabeça.

— Trouxeram mais de quinhentos. Os batedores de Timolan encontraram grande parte acampados a menos de meio dia de viagem a norte. Rhuarc mencionou os homens, e Coiren Saeldain explicou que eram uma guarda de honra, mas que tinham deixado a maioria esperando nos arredores da cidade para não *alarmar* ninguém.

— Elas acham mesmo que vão escoltar o *Car'a'carn* para Tar Valon. — Sorilea falava em uma voz tão dura que poderia rachar uma pedra, e sua expressão fazia o tom parecer bem suave. Egwene não fizera segredo do que dizia a carta de Elaida para Rand, e as Sábias pareciam gostar menos da mensagem a cada vez que a ouviam.

— Rand não é tolo o bastante para aceitar a oferta — declarou Egwene, mas não estava pensando na carta.

Quinhentos homens de fato poderiam ser apenas uma guarda de honra, e Elaida podia muito bem achar que o Dragão Renascido esperaria honrarias do tipo e ficaria até lisonjeado. Pensou em diversas possibilidades, mas precisava prosseguir com cuidado. Bastava uma palavra errada para que Amys, Bair ou, pior ainda, Sorilea — escapar dela era como tentar sair de um espinheiro — lhe dessem ordens que não seria capaz de obedecer se tivesse que dar conta do que só ela própria tinha como resolver. Ou que só ela estava disposta a resolver.

— Imagino que os chefes estejam de olho nesses soldados fora da cidade, certo? — Meio dia a norte estava mais para um dia inteiro de marcha, já que os soldados não eram Aiel. Era longe demais para representar qualquer perigo, mas um pouco de cautela nunca caía mal. Amys assentiu, e Sorilea olhou para Egwene como se ela tivesse perguntado se o sol ainda estaria no céu ao meio-dia. A jovem pigarreou. — Ah, claro que estão. — Era pouco provável que os chefes de clã fossem cometer um erro tão ingênuo. — Bem, tenho algumas sugestões. Se uma dessas Aes Sedai for ao palácio, algumas Sábias capazes de canalizar deveriam ir atrás, para garantir que ela não deixe nenhuma armadilha com o Poder.

As Sábias aquiesceram. Dois terços das presentes conseguiam manejar *saidar*. Algumas não tinham muito mais habilidade que Sorilea, mas outras tinham o mesmo nível de Amys, que era tão forte quanto a maioria das Aes Sedai que Egwene já conhecera. Era mais ou menos a mesma proporção dali para todas as Sábias dos Aiel. Suas habilidades eram bem distintas das Aes Sedai — sabiam menos de alguns aspectos e mais de outros, mas no geral era o mesmo nível de poder, apenas em áreas distintas. Ainda assim, era provável que as Sábias conseguissem detectar “presentes” indesejados.

— E temos que ter certeza de que vieram só seis representantes da Torre — completou Egwene.

Teve que explicar essa parte. As Sábias tinham lido livros de aguacentos, mas nem as capazes de canalizar conheciam os rituais que as Aes Sedai haviam desenvolvido para lidar com homens capazes de tocar *saidin*. Entre os Aiel, um homem capaz de canalizar acreditava ser um escolhido e partia para o norte, para a Praga, caçando o Tenebroso. Nenhum nunca voltava. A própria Egwene não sabia dos rituais até ir para a Torre. Era raro as histórias que ouvira quando criança terem qualquer relação com a realidade.

— Rand consegue dar conta de duas mulheres de uma só vez — declarou Egwene, e sabia disso por experiência própria. — E pode ser que dê conta de seis. Mas, se estiverem em maior número do que afirmam, seria no mínimo prova de que mentiram, mesmo que apenas por omissão.

Quase se encolheu diante das testas franzidas daquelas mulheres. Quem mentia incorria em *toh* para com qualquer um que ouvisse a mentira. No seu caso, a mentira era inevitável. *Era mesmo*.

Durante todo o restante do café, as Sábias decidiram quem iria ao palácio naquele dia e quais chefes poderiam ser confiados para escolher homens e Donzelas para vasculharem a cidade em busca de mais Aes Sedai. Alguns poderiam relutar em agir contra qualquer Aes Sedai, não importava como — as Sábias não declararam isso, apenas deram a entender pelas coisas que diziam, e sempre com amargor —, e outros talvez acreditassem que qualquer ameaça ao *Car'a'carn*, mesmo por parte das Aes Sedai, seria mais bem resolvida com a lança — e algumas Sábias também pareciam partilhar daquela opinião. Sorilea recusara com muita ênfase as sugestões evasivas de que esse problema seria resolvido se Aes Sedai simplesmente não estivessem mais na cidade. No fim das contas, Rhuarc e Mandelain, dos Daryne, foram os dois únicos chefes de Clã que todas concordaram em chamar.

— Mas fiquem atentas para eles não escolherem nenhum *siswai'aman* — advertiu Egwene.

Os *siswai'aman*, a lança do Dragão, com certeza recorreriam à violência ao menor sinal de ameaça. O alerta lhe rendeu muitos olhares, tanto inexpressivos quanto irônicos — as Sábias são eram tolas. Ainda assim, Egwene estava incomodada com uma coisa: nenhuma delas mencionou o que já estava tão acostumada a ouvir quase

sempre que o povo do Deserto mencionava as mulheres da Torre: no passado, os Aiel tinham falhado com as Aes Sedai e seriam destruídos se falhassem de novo.

Exceto por aquele único comentário, Egwene se manteve de fora da discussão, ocupando-se de uma segunda tigela de mingau — dessa vez com pera seca junto das ameixas —, o que gerou um meneio de aprovação de Sorilea. Mas não buscava aprovação de Sorilea — estava com fome, verdade, mas queria mesmo que aquelas mulheres esquecessem que ela estava ali. Pareceu funcionar.

Depois de encerrados o café da manhã e as discussões, Egwene voltou para sua tenda e se agachou junto da aba, do lado de dentro, observando um pequeno grupo de Sábias que partia rumo à cidade, lideradas por Amys. Quando as mulheres cruzaram o portão mais próximo, Egwene deu um pinote e saiu outra vez. Havia Aiel por toda parte, *gai'shain* e outros, mas todas as Sábias estavam em suas tendas, e ninguém pareceu olhá-la quando saiu andando para a muralha, tentando não caminhar rápido demais. Se alguém a notasse, poderia pensar que ela só estava fazendo seu exercício matinal. O vento aumentou, soprando ondas de poeira e resquícios das cinzas de Portão da Frente, mas ela manteve o ritmo. Estava apenas se exercitando.

Na cidade, a primeira pessoa para quem ela pediu informação, uma mulher magrela vendendo maçãs murchas a um preço exorbitante, não soube dizer o caminho para o palácio de Lady Arilyn. Nem a segunda, uma costureira rechonchuda que arregalou os olhos ao ver o que parecia uma Aiel entrando em sua loja, muito menos o couteleiro meio careca que achou que Egwene estaria muitíssimo interessada em suas facas. Por fim, conseguiu a informação com uma prateira de olhos estreitos que a encarou com muita atenção durante todo o tempo que ela passou na loja. Egwene balançou a cabeça, desapontada, enquanto avançava a passos largos por entre a multidão. Às vezes esquecia como era grande uma cidade do porte de Cairhien — grande a ponto de que nem todo mundo saber onde ficava cada lugar.

Tão grande era a cidade que Egwene acabou se perdendo três vezes e precisou pedir informação a duas outras pessoas antes de acabar se esgueirando pela lateral de um estábulo que alugava cavalos, espiando o outro lado da rua. Sua atenção estava concentrada em uma construção que consistia em um amontoado de pedras escuras com janelas estreitas, varandas anguladas e torres inclinadas. Era pequeno para um palácio, mas parecia enorme para uma casa comum. Se bem lembrava, Arilyn estava um pouco acima da média da nobreza de Cairhien. Soldados com casacos verdes, usando placas peitorais e elmos, montavam guarda na espaçosa escadaria frontal, diante de cada portão visível e nas varandas. Estranhamente, eram todos jovens — bem, isso não importava. Havia mulheres canalizando dentro daquela casa, e não eram quantidades pequenas de *saidar*, para ela estar sentindo ali da rua — e sentindo com tanta intensidade. A quantidade de poder sendo canalizado diminuiu de repente, mas continuava significativa.

Egwene mordeu o lábio inferior. Não tinha como saber o que estavam fazendo ali

dentro, não sem ver os fluxos. Por outro lado, as mulheres que estavam canalizando também precisavam ver os fluxos para tecê-los. Mesmo que estivessem diante de alguma janela mais escondida, se houvesse um fluxo sendo canalizado para fora da mansão, Egwene só não conseguiria ver se fossem todos voltados para o sul, para longe do Palácio do Sol — longe de tudo. O que elas estariam fazendo?

Um dos portões se abriu apenas por tempo suficiente para deixar sair uma parelha de seis baíos puxando uma carruagem preta toda fechada com um brasão laqueado nas portas — duas estrelas de prata em um fundo de listras vermelhas e verdes. A carruagem rumou para o norte, abrindo caminho por entre a multidão. O condutor, de libré, abusava do chicote comprido, usando-o tanto para afastar as pessoas quanto para incitar os cavalos. Seria Lady Arilyn indo a algum lugar, ou seria alguém da missão diplomática?

Bem, não tinha ido até ali para ficar olhando. Recuando até só conseguir espiar para a rua com um dos olhos e apenas o suficiente para divisar o casarão, Egwene tirou uma pequena pedra vermelha da bolsinha do cinto, respirou fundo e começou a canalizar. Se uma das Aes Sedai estivesse olhando para fora naquela direção, conseguiria ver os fluxos, mas não a veria. Bem, precisava correr o risco.

A pedra lisa era apenas isso — uma pedra polida de algum regato. Mas Egwene aprendera aquele truque com Moiraine e, como esta usara uma pedra para se concentrar — na verdade uma pedra preciosa, mas a qualidade do material não fazia diferença —, Egwene também usava. Teceu principalmente Ar, com um toque de Fogo. A tessitura permitia ouvir a conversa alheia — ou espionar, como diriam as Sábias. Egwene não ligava para como chamavam, só queria descobrir as intenções das Aes Sedai enviadas pela Torre.

Tocou a tessitura com todo o cuidado na abertura de uma janela — bem de leve, com toda a delicadeza... Depois tocou em outra, e mais outra. Apenas silêncio. E então...

— ... daí virei pra ele — anunciou uma voz feminina, em seu ouvido — e falei bem assim: ah, você quer essas camas pra agora, é? Pois vai ficar querendo, Alwin Rael!

Outra mulher respondeu:

— Até parece que você falou isso mesmo!

Egwene abriu um sorriso amargo. Criadas.

Uma mulher corpulenta carregando uma cesta de pão no ombro passou por ali, encarando Egwene, confusa. Claro que estaria confusa: ouvia duas mulheres e via apenas uma garota ali, parada, com os lábios imóveis. Egwene resolveu o problema do jeito mais rápido que conhecia: encarou a mulher com tanta irritação que ela levou um susto e quase deixou cair a cesta quando disparou para o meio da multidão.

Um pouco relutante, Egwene reduziu a intensidade da tessitura. Não ouviria tão bem, mas também não atrairia mais olhares curiosos. Uma Aiel espremida contra a parede já atraía muitos olhares, embora ninguém sequer hesitasse antes de seguir

adiante, já que não queriam confusão com os Aiel. Não quis se preocupar com os curiosos. Foi movendo a tessitura de janela em janela. Suava em bicas, e não só por conta do calor, que já aumentava. Se uma única Aes Sedai visse seus fluxos, mesmo que de relance, mesmo que não reconhecesse a tessitura, todas saberiam que alguém estava canalizando contra elas. E claro que imaginariam o propósito da tessitura. Egwene se escondeu ainda mais — só aparecia metade do olho.

Silêncio. Silêncio. Um farfalhar — alguém andando? Chinelos num carpete? Mas nenhuma palavra. Silêncio. Um homem resmungando — parecia estar esvaziando penicos e nem um pouco contente. Sentindo as orelhas quentes, Egwene prosseguiu com a busca. Silêncio. Silêncio. Silêncio.

— ... acha mesmo que é necessário? — A voz da mulher chegava como um sussurro, mas mesmo assim soava intensa e cheia de si.

— Precisamos estar preparadas para qualquer eventualidade, Coiren — retrucou outra mulher, com uma voz que parecia uma barra de ferro. — Ouvi um boato surpreendente...

Uma porta bateu com força, cortando o restante da conversa.

Egwene encostou na parede de pedra do estábulo, desanimada. Queria gritar de tanta frustração. Ouvira a Cinza que estava no comando, e a outra só podia ser uma das Aes Sedai que a acompanhavam, ou não teria falado daquele jeito com Coiren. Não poderia ter encontrado conversa melhor para ouvir, mas *claro* que as duas saíram da sala onde estavam. Que boato surpreendente? Que eventualidades? Como elas iam se preparar? A canalização dentro da mansão voltou a aumentar. O que aquelas mulheres estavam armando? Egwene respirou fundo e recomeçou, obstinada.

O sol ia cada vez mais alto, e ela ouviu uma infinidade de barulhos, quase todos impossíveis de identificar, além de muitas conversas e fofocas dos serviçais. Uma mulher chamada Ceri estava grávida de novo, e teriam que servir vinho de Arindrim — Egwene não fazia ideia de que lugar era esse — para as Aes Sedai junto com a refeição do meio-dia. A descoberta mais interessante foi que era mesmo Arilyn naquela carruagem. A nobre tinha ido se encontrar com o marido, na área rural. Grande coisa. Uma manhã inteira desperdiçada.

As portas principais da mansão se escancaram, e os serviçais de libré se curvaram em mesuras. Os soldados não pareceram tensos, apenas um pouco mais atentos. Nesune Bihara saiu, seguida por um jovem alto que aparentava ter sido talhado em pedra — em um pedregulho, na verdade.

Egwene soltou depressa a tessitura, largou *saidar* e respirou bem fundo, tentando se acalmar. Não era hora de entrar em pânico. Nesune e seu Guardião trocaram algumas palavras, então a irmã Marrom de cabelo escuro olhou para os dois lados rua abaixo. Não restava dúvida de que estava atrás de alguma coisa.

Achando que, afinal, talvez fosse uma boa hora para entrar em pânico, Egwene começou a se afastar bem devagar, sem querer atrair o olhar atento de Nesune, e

tratou de dar meia-volta assim que saiu de vista. Ergueu as saias e saiu correndo, abrindo caminho à força pela multidão. Correu três passadas, até que deu de cara com uma parede de pedra e caiu sentada no meio da rua, batendo no chão com tanta força que até quicou nos paralelepípedos quentes.

Ergueu os olhos, confusa — e só ficou ainda mais confusa. A parede de pedra era Gawyn, que a encarava de cima, parecendo tão estarrecido quanto ela. Os olhos dele eram azuis brilhantes e intensos, e aqueles cachos dourados... Sentiu o rosto corar, pensando em como queria enroscar os dedos outra vez naqueles cachos neles. *Você nunca fez isso*, corrigiu-se, com firmeza. *Foi só um sonho!*

— Machuquei você? — perguntou o rapaz, ansioso, abaixando-se para se ajoelhar a seu lado.

Egwene conseguiu se levantar, meio sem jeito, e espanou a poeira do corpo. Se pudesse ter um único desejo realizado naquele exato momento, seria perder a capacidade de corar. Os dois já haviam atraído um círculo de curiosos, e ela enroscou o braço no de Gawyn e o puxou pela rua na direção em que estava indo antes de esbarrarem. Com uma olhadela por cima do ombro, viu que deixavam para trás apenas uma aglomeração agitada. Mesmo que Nesune fosse exatamente para aquela esquina, veria apenas um grupo de curiosos confusos. Ainda assim, não desacelerou, e a multidão abria passagem sem reclamar para a Aiel e seu companheiro, alto o bastante para também ser Aiel, mesmo carregando uma espada — e o modo como Gawyn se movia indicava que sabia como usá-la. Ele se portava como um Guardiã.

Depois de se afastarem algumas passadas, Egwene desenroscou o braço do dele, embora relutante. Gawyn, por sua vez, agarrou sua mão antes que ela pudesse se afastar muito, e Egwene permitiu que ele a segurasse enquanto caminhavam.

— Bem, imagino que é para ignorar o fato de você estar vestida como uma Aiel — comentou o jovem, depois de alguns instantes. — A última notícia que tive era de que você estava em Illian. E imagino que eu também não deva comentar que você estava fugindo de um palácio onde seis Aes Sedai estão hospedadas. Um comportamento estranho para uma Aceita.

— Nunca fui a Illian — retrucou ela, olhando em volta, querendo ver se algum Aiel estaria perto o bastante para entre ouvir. Vários olharam em sua direção, mas nenhum estava ao alcance da voz. De repente, Egwene assimilou o que Gawyn dissera. Encarou o casaco verde dele, do mesmo tom do casaco dos soldados. — Você veio com elas. Com as Aes Sedai da Torre.

Luz, era uma tola por não ter percebido isso assim que o viu.

A expressão dele se suavizou. Por um instante, seu rosto ficara duro como pedra.

— Eu comando a guarda de honra das Aes Sedai para escoltar o Dragão Renascido até Tar Valon. — Sua voz era uma estranha mistura de ironia, raiva e cansaço. — Isso se ele quiser. E se estiver mesmo aqui. Fiquei sabendo que ele... aparece e some. Coiren está irritada.

Egwene sentia o coração na garganta.

— Eu... Eu preciso lhe pedir um favor, Gawyn.

— Faço qualquer coisa, a não ser minhas poucas restrições — retrucou ele, simplesmente. — Não farei nenhum mal a Elayne ou a Andor e não me tornarei um Devoto do Dragão. Qualquer outra coisa que possa fazer por você, farei.

Várias pessoas se viraram na direção deles dois. A menor menção aos Devotos do Dragão já atraía muitos ouvidos. Quatro durões que levavam chicotes de condutor de carroção enrolados por cima dos ombros olharam feio para Gawyn e estalaram os dedos daquele jeito ameaçador que alguns homens faziam antes de uma briga. Gawyn apenas os encarou. Não eram pequenos, mas sua beligerância esvaneceu sob o olhar daquele rapaz. Dois até o saudaram levando o punho à testa antes de desaparecerem em meio ao mar de gente. Ainda assim, restaram muitos olhares curiosos, muitos rostos tentando observá-los furtivamente. Com aqueles trajes, Egwene atrairia olhares mesmo sem dizer uma só palavra. Ao lado daquele homem de cachos dourados com bem mais que uma braça de altura e que parecia um Guardiã, não tinha como não chamar atenção.

— Precisamos conversar a sós — sugeriu ela.

Ah, se alguma Aes Sedai tiver feito Gawyn seu Guardiã, eu vou... Mas era uma ameaça vazia.

Sem retrucar, Gawyn a levou a uma estalagem próxima chamada Homem Comprido. Uma coroa dourada arremessada ao estalajadeiro roliço resultou em uma saudação quase reverente e uma pequena sala de jantar privada com painéis escuros, cadeiras e uma mesa bem polida, além de uma lareira apagada sobre a qual repousava um vaso azul cheio de flores secas. Gawyn fechou a porta, e eles de repente pareceram muito desconfortáveis ali, a sós. Luz, como ele era lindo. Tão lindo quanto Galad. E o cabelo cacheando em torno das orelhas...

Gawyn pigarreou.

— O calor parece cada dia pior. — Ele secou o rosto com um lenço, então o ofereceu. Então pareceu se dar conta de que o lenço estava usado e pigarreou outra vez. — Hã, acho que tenho outro.

Egwene pegou seu próprio lenço enquanto ele vasculhava os bolsos.

— Gawyn, como você pode servir a Elaida depois do que ela fez?

— A Jovem Guarda serve a Torre — retrucou ele, rígido, mas balançou a cabeça, desconfortável. — Desde que... Siuan Sanche... — Por um momento, seus olhos viraram uma pedra de gelo. Só por um momento. — Egwene, minha mãe sempre dizia que até uma rainha precisa obedecer às leis que cria, ou não existiria lei. — Ele balançou a cabeça, irritado. — Eu não deveria ter ficado surpreso por encontrá-la aqui. Eu devia saber que você estaria junto de al'Thor.

— Por que esse ódio dele? — Se a voz dele não estava cheia de ódio, então nunca tinha ouvido ódio na vida. — Gawyn, ele realmente é o Dragão Renascido. Você deve ter ouvido falar do que aconteceu em Tear. Ele...

— Ele pode até ser o próprio Criador encarnado — retrucou o rapaz, irritado. — Al'Thor matou a minha mãe!

Os olhos de Egwene ficaram tão arregalados que quase saltaram do rosto.

— Não, Gawyn! Não matou, não!

— Pode jurar isso? Estava lá quando ela morreu? Todos estão falando nisso. O Dragão Renascido tomou Caemlyn e matou Morgase. E deve ter matado Elayne também. Não tenho nenhuma notícia dela. — Toda aquela fúria foi drenada, e Gawyn pareceu perder as forças. Deixou a cabeça cair para a frente, cerrou os punhos, fechou os olhos. — Não consigo descobrir nada sobre ela — sussurrou.

— Elayne está ilesa — avisou Egwene.

Ficou surpresa ao notar que estava bem diante dele. Então se levantou e ficou surpresa outra vez quando ergueu a mão e acariciou os cachos de Gawyn enquanto erguia sua cabeça. A sensação era idêntica à da memória do sonho. Então recolheu a mão como se tivesse sido queimada. Tinha certeza de que estava corando tanto que seu rosto em breve pegaria fogo. Só que... Manchas de cor brotaram nas bochechas de Gawyn. Claro. Ele também se lembrava, embora achasse que tinha sido um sonho só dele. Aquilo deveria ter deixado Egwene ainda mais corada, porém, de alguma forma, sua reação foi o oposto. O ruborizar de Gawyn acalmou seus nervos e a fez até querer sorrir.

— Elayne está em segurança, Gawyn. Isso, eu *posso* jurar.

— Onde ela está? — A voz dele era pura angústia. — E por onde andou? O lugar dela é em Caemlyn. Quer dizer, não em Caemlyn. Não enquanto al'Thor estiver lá. Mas é em Andor. Onde ela está, Egwene?

— Eu... não posso dizer. Não posso, Gawyn.

Ele a analisou, o rosto completamente inexpressivo, então suspirou.

— A cada vez que nos vemos, você é mais Aes Sedai. — Ele riu. A risada soou forçada. — Sabia que eu às vezes pensava em ser seu Guardiã? Que tolice, não é?

— Você vai ser o meu Guardiã.

Egwene só percebeu que dissera aquilo quando as palavras já tinham saído da boca. No entanto, soube que era verdade. Aquele sonho. Gawyn se ajoelhando diante dela para que segurasse sua cabeça. O significado daquilo poderia ser cem coisas ou nada, mas Egwene sabia.

Gawyn sorriu. O idiota achava que ela estava brincando!

— Ah, com certeza não serei eu. Galad, talvez. Só que você vai ter que espantar as outras Aes Sedai com uma vara. As Aes Sedai, as serviçais, as rainhas, as camareiras, as mercadoras, as mulheres de fazendeiros... Todas só têm olhos para ele. Nem tente dizer que não acha Galad...

O jeito mais simples de acabar com aquela baboseira foi cobrir a boca dele com a mão.

— Eu não amo Galad. Eu amo você.

Gawyn continuou tentando fingir que era zombaria, sorrindo por trás de seus

dedos.

— Eu não posso ser Guardião. Serei o Primeiro Príncipe da Espada de Elayne.

— Se a Rainha de Andor pode ser Aes Sedai, então um Primeiro Príncipe pode ser Guardião. E você vai ser o meu. Trate de meter isso nessa sua cabeça dura, porque estou falando sério. E eu te amo.

Gawyn simplesmente a encarou. Pelo menos tinha parado com aquele sorriso. Só que ele não disse nada, ficou apenas olhando. Egwene afastou a mão do rosto dele e perguntou:

— E então? Não vai dizer nada?

— Quando você passa tanto tempo desejando ouvir algo — começou ele, hesitante —, então ouve de repente, sem aviso, é como escutar relâmpagos e ver a chuva cair no solo seco e rachado depois de uma longa seca. É um choque, mas você não quer ouvir outra coisa.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo — repetiu Egwene, sorrindo. — E então?

Em resposta, ele a ergueu nos braços e a beijou. Cada detalhe foi tão bom quanto nos sonhos. Foi ainda melhor. Foi... Quando ele a botou de volta no chão, Egwene se agarrou em seus braços — ela sentia que os joelhos não estavam funcionando direito.

— Milady Aiel Egwene Aes Sedai, eu te amo. Não vejo a hora de me tornar seu Guardião. — Deixando de lado a falsa formalidade e assumindo um tom mais leve, ele acrescentou: — Eu te amo, Egwene al’Vere. Você disse que queria um favor. Qual era? A lua em um colar? Mando um ourives dar um jeito nisso em menos de uma hora. Estrelas para usar no cabelo? Vou...

— Não conte a Coiren e as outras que estou aqui. Nem mencione o meu nome.

Egwene esperava alguma hesitação, mas Gawyn apenas respondeu, sem rodeios:

— Elas não vão ficar sabendo de nada por mim. E, se eu puder evitar, ninguém vai dizer nada. — Ele fez uma breve pausa, então segurou seus ombros e a encarou. — Egwene, não vou perguntar por que você está aqui. Não, ouça o que tenho a dizer. Sei que Siuan a envolveu em suas tramas e entendo que você seja leal a um homem da sua própria aldeia. Isso não importa. Mas você deveria estar na Torre Branca, estudando. Eu me lembro de todas lá comentarem que você seria uma Aes Sedai poderosa um dia. Você tem algum plano para voltar sem... sem ser punida? — Egwene balançou a cabeça, muda, e ele prosseguiu, apressado: — Talvez eu consiga arranjar um jeito, caso você não pense em nada antes. Sei que você não tinha opção senão obedecer Siuan, mas duvido que Elaida vá considerar isso. Só de mencionar o nome da antiga Amyrlin perto dela a pessoa corre o risco de sair sem cabeça. Vou tentar descobrir um jeito, qualquer que seja. Eu juro. Mas me prometa que, até eu conseguir, você não vai... não vai fazer nenhuma bobagem. — Durou apenas um instante, mas ele apertou seu ombro quase a ponto de doer. — Só me prometa que vai tomar cuidado.

Luz, se metera em uma encrenca daquelas. Não podia dizer a ele que não tinha a

menor intenção de voltar à Torre enquanto Elaida ainda ocupasse o Trono de Amyrlin. E essa tal bobagem que ele queria que ela não fizesse com certeza estava relacionada a Rand. Gawyn parecia tão preocupado. Com ela.

— Eu vou tomar cuidado, Gawyn. Prometo. — *O máximo de cuidado possível*, emendou, para si mesma. Era apenas um pequeno detalhe, mas dificultou ainda mais o que precisava dizer: — Preciso lhe pedir um segundo favor. Rand não matou sua mãe. — Como podia dizer aquilo e esperar que ele ficasse menos tenso? Bem, com ou sem tensão, precisava ser feito. — Me prometa que não vai levantar a mão contra Rand até eu ter como provar que ele não matou sua mãe.

— Eu juro.

A resposta mais uma vez veio sem hesitação, mas a voz estava rouca, e as mãos a apertaram de novo por alguns instantes, e com mais força que antes. Egwene não se encolheu. Aquela leve dor foi como uma compensação para a dor que infligia nele.

— Tem que ser assim, Gawyn. Não foi ele, mas preciso de tempo para provar.

Ah, Luz, como faria isso? A palavra de Rand não bastaria. Que enrascada! Bem, precisava se concentrar em uma coisa de cada vez. E o que aquelas Aes Sedai estariam tramando?

Gawyn deixou-a sobressaltada ao respirar com pesar.

— Eu posso abrir mão de tudo, trair tudo, por você. Fuja comigo, Egwene. Vamos deixar isso tudo para trás. Eu tenho uma pequena propriedade ao sul de Ponte Branca, com um vinhedo e uma aldeia. É tão embrenhada na zona rural que por lá o sol se levanta com dois dias de atraso. Mal vamos ficar sabendo do que tem acontecido no mundo. Podemos nos casar no caminho. Não sei quanto tempo temos, com al'Thor e Tarmon Gai'don. Não sei quanto tempo teremos, mas podemos passá-lo juntos.

Egwene o encarou, pasma. Em seguida, ela se deu conta de que falara em voz alta, perguntando o que as Aes Sedai estariam tramando. Só então entendeu a palavra que ele usou — trair. Gawyn achava que Egwene queria que ele espionasse as Aes Sedai. E espionaria. Estava desesperado atrás de um modo de não ter que fazer isso, mas faria, se ela pedisse. Quando Gawyn prometera que faria qualquer coisa, estava falando de qualquer coisa mesmo, não importava o que lhe custasse. Foi quando Egwene fez uma promessa para si mesma — para ele, na verdade, mas não era o tipo de promessa que podia ser feita em voz alta. Se Gawyn deixasse escapar alguma coisa, ela usaria a informação — não tinha opção. Mas não iria tentar extrair qualquer informação dele, por menos que fosse. Não importava o que poderia lhe custar. Sarene Nemdahl jamais compreenderia aquilo, mas era a única coisa que poderia se equiparar à lealdade que ele lhe prometera.

— Eu não posso — respondeu, baixinho. — Você nunca vai conseguir compreender quanto eu quero isso, mas não posso. — Ela começou a rir de repente, sentindo lágrimas brotarem em seus olhos. — E nem você. Trair? Gawyn Trakand, essa palavra faz tanto sentido na sua boca quanto dizer que a escuridão é coisa do

sol. — Suas promessas mudas podiam ser ótimas e muito verdadeiras, mas não podia deixar por aquilo mesmo. Sabia que usaria a lealdade que ele lhe dedicara, e usaria contra o que ele acreditava ser certo. Precisava oferecer uma parte de si em troca. — Eu durmo nas tendas, mas venho passear pela cidade todas as manhãs. Atravesso o Portão da Muralha do Dragão pouco depois do nascer do sol.

E Gawyn compreendeu, claro. Para retribuir a lealdade de Gawyn, ela oferecia sua fé nas palavras dele, depositava sua liberdade nas mãos dele. Gawyn tomou suas mãos dela e virou-as, beijando as palmas com toda a delicadeza.

— É um presente muito precioso. Se eu for todas as manhãs ao Portão da Muralha do Dragão, alguém com certeza vai notar. E pode ser que eu não consiga ir todas as manhãs. Mas não fique surpresa em me ver a seu lado quase todos os dias, logo depois de você entrar na cidade.

Quando Egwene finalmente saiu da estalagem, o sol já percorrera uma distância considerável. Era a hora mais quente da tarde, o que diminuía um pouco a multidão. Despedir-se levou bem mais tempo do que imaginara. Além disso, beijar Gawyn talvez não fosse bem o tipo de exercício que as Sábias tinham em mente, mas seu coração estava acelerado como se tivesse corrido.

Afastou aqueles pensamentos com firmeza — na verdade, teve que fazer bastante esforço para deixar o rapaz em segundo plano, já que afastá-lo da mente por completo parecia muito além de suas possibilidades — e voltou ao ponto de observação perto do estábulo. Alguém ainda canalizava lá dentro da mansão, e provavelmente era mais de uma pessoa — a menos que uma única pessoa estivesse tecendo algo bem grande. Dali de fora, a sensação estava mais fraca, mas ainda era forte. Viu uma mulher de cabelo escuro entrando na propriedade — não a reconheceu, mas o rosto duro de idade indefinida deixava bem claro o que a mulher era. Não tentou ouvir mais conversas e não ficou muito tempo ali — se as mulheres iam ficar entrando e saindo, havia uma grande chance de acabar sendo vista e reconhecida, apesar das roupas. Enquanto saía, às pressas, um pensamento ainda martelava em sua cabeça: o que elas estariam tramando?

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon — informou Katerine Alruddin, remexendo-se de leve no assento. Nunca tinha entendido se as poltronas cairhienas eram tão desconfortáveis quanto pareciam ou se sua mente acreditava que fossem desconfortáveis apenas pela aparência. — Depois que ele deixar Cairhien para ir a Tar Valon, haverá... um vácuo aqui.

Lady Colavaere, acomodada na poltrona dourada diante dela, não sorriu, apenas se inclinou um pouco para a frente.

— Isso desperta meu interesse, Katerine Sedai. — Então se virou para os serviçais e completou: — Podem ir.

Katerine sorriu.

* * *

— Viemos com a intenção de oferecer uma escolta para levar o Dragão a Tar Valon — declarou Nesune, a voz muito controlada revelando uma pontinha de irritação. Apesar do rosto sereno, o taireno à sua frente não parava de remexer os pés, ansioso por estar na presença de uma Aes Sedai e talvez apreensivo com a possibilidade de ela começar a canalizar. Só um amadiciano estaria pior. — Depois que ele deixar Cairhien para ir a Tar Valon, Cairhien precisará de uma figura poderosa.

O Grão-senhor Meilan umedeceu os lábios.

— Por que está me dizendo isso?

O sorriso de Nesune poderia significar qualquer coisa.

* * *

Quando Sarene entrou na sala de estar, só encontrou Coiren e Erian, bebericando chá. Além do serviçal esperando para servi-las, claro. Sarene gesticulou para que o homem saísse.

— Ela pode se revelar bem difícil, essa Berelain — opinou, assim que a porta se fechou. — Não sei se o que funcionaria melhor com ela seria a maçã ou o chicote. Eu deveria encontrar Aracome amanhã, não é mesmo? Mas acho que precisaremos de mais tempo com Berelain.

— Maçã ou chicote — ponderou Erian, a voz contrita. — No caso, usamos o que for preciso.

Sarene pensou em como o rosto de Erian parecia ser de mármore claro emoldurado por asas de corvo — seu vício secreto era a poesia, mas jamais permitiria que descobrissem que ela se interessava por algo tão... emotivo. Morreria de vergonha se Vitalien, seu Guardião, descobrisse que ela já escrevera versos comparando-o a um leopardo, além de outros animais graciosos, poderosos e perigosos.

— Controle-se, Erian. — Como de costume, Coiren falava como se discursasse. — Sarene, ela está assim incomodada por um rumor que Galina escutou. Corre o boato de que uma irmã Verde estava em Tear com o jovem Rand al'Thor e que essa mulher agora está aqui em Cairhien.

Coiren *sempre* se referia ao garoto como “o jovem Rand al'Thor”, como se

quisesse lembrar a todos de que o rapaz era muito jovem — e, portanto, inexperiente.

— Moiraine *é* uma Verde — matutou Sarene. Aquilo de fato poderia indicar problemas. Elaida insistia que Moiraine e Siuan tinham agido sozinhas, permitindo que al'Thor ficasse à solta sem orientação, mas, mesmo que o boato fosse de apenas mais uma Aes Sedai envolvida, poderia significar que outras também estavam, o que poderia ser um fio condutor que levasse até algumas, quiçá muitas, das que tinham ido embora da Torre quando Siuan foi deposta. — Mas é só um boato.

— Talvez não seja — alertou Galina, entrando na sala. — Não ouviram? Alguém canalizou contra nós hoje de manhã. Por que eu não sei, mas acho que dá para ter um palpite. E com muitas chances de estar certo.

As contas presas às trancinhas escuras de Sarene estalaram quando ela balançou a cabeça.

— Isso não comprova a presença de uma Verde, Galina. Não prova nem que era uma Aes Sedai. Poderia ser alguma coitada qualquer mandada embora da Torre por não ter passado no teste para Aceita. E você sabe tão bem quanto eu que algumas daquelas Aiel podem canalizar.

Galina sorriu, os dentes brancos se destacando no rosto negro e duro.

— Acho que comprova a presença de Moiraine. Ouvi dizer que ela tinha a mania de ouvir as conversas alheias e não acredito nada nessa história tão oportuna de ela ter morrido. Não sem nenhum cadáver de prova e nem ninguém para dar detalhes de como foi.

Sarene também se incomodava bastante com aquilo. Em parte porque gostava de Moiraine, antes daquela história toda. Tinham sido amigas durante seu tempo de noviças e Aceitas, mesmo Moiraine estando um ano à frente, e a amizade se mantivera em seus poucos encontros nos anos seguintes. E em parte porque aquela história estava mesmo muito estranha, e era bastante conveniente que Moiraine tivesse morrido — ou melhor, desaparecido — agora que havia um mandato de prisão para sua cabeça. Naquelas circunstâncias, a Azul podia muito bem ter forjado a própria morte.

— Então você acredita que teremos que lidar com Moiraine e com uma irmã Verde desconhecida? Isso tudo é especulação, Galina.

O sorriso de Galina não se alterou, mas os olhos brilharam. A mulher era inflexível demais para a lógica, acreditava no que acreditava, não importando as evidências. Ainda assim, Sarene sempre achava que havia um fogo intenso e incandescente ardendo em algum lugar das profundezas de Galina.

— Eu acredito é que *Moiraine* é essa irmã Verde misteriosa — revelou Galina. — Que jeito melhor de escapar da prisão do que morrer e reaparecer como outra mulher, de outra Ajah? Já ouvi falar até que essa Verde é baixa, e todas sabemos como Moiraine está longe de ser uma alta. — Erian se endireitou na poltrona, rígida feito uma rocha, as labaredas de ultraje ardendo em seus grandes olhos castanhos.

Galina se virou para ela: — Quando pegarmos essa *irmã Verde*, acredito que o melhor será deixá-la sob sua responsabilidade durante a jornada de volta à Torre.

Erian assentiu, ávida, mas o calor não se dissipou de seus olhos.

Sarene estava estarrecida. Moiraine fingindo ser de outra Ajah? Claro que não. Sarene nunca se casara — não havia nada de lógico em pensar que duas pessoas poderiam permanecer compatíveis por uma vida inteira —, mas a única comparação que lhe vinha à cabeça era que se passar por outra Ajah era como se deitar com o marido de outra mulher. No entanto, foi a acusação em si que a deixou estarrecida, não a possibilidade de que aquela fantasia pudesse ser verdade. Estava prestes a retrucar, observando que havia muitas mulheres baixas no mundo e que a pouca estatura de alguém era algo relativo, quando Coiren voltou a falar, naquela voz retumbante:

— Sarene, é sua vez de novo. Precisamos estar preparadas, aconteça o que acontecer.

— Ah, nem gosto de falar nisso — reclamou Erian. — No caso, parece que estamos nos preparando para o fracasso.

— O que é apenas lógico — retrucou Sarene. — Mesmo se dividirmos nosso tempo pela menor medida possível, continua sendo impossível afirmar com certeza factível o que vai acontecer entre um momento e outro. Se formos a Caemlyn atrás de al'Thor, podemos muito bem chegar lá apenas para descobrir que ele veio para cá, é melhor continuarmos aqui, para onde podemos afirmar com razoável certeza que ele vai voltar em algum momento. O problema é que isso pode acontecer amanhã ou daqui a um mês. Qualquer acontecimento isolado em qualquer momento dessa espera, ou ainda qualquer combinação de eventos, poderia nos deixar sem alternativa. Portanto, é apenas lógico estarmos preparadas para o pior.

— Muito bem explicado — retrucou Erian, seca.

A mulher não levava muito jeito para a lógica, e Sarene às vezes achava que aquilo era uma característica comum às mulheres bonitas, apesar de não haver qualquer lógica aparente nessa relação.

— Temos todo o tempo de que precisamos — anunciou Coiren, com ares de grandeza. Mesmo quando não estava discursando, parecia fazer um pronunciamento. — Beldeine chegou hoje e alugou um quarto perto do rio, mas Mayam não conseguirá chegar em menos de dois dias. Precisamos tomar muito cuidado, e essa demora nos dá tempo.

— Continuo sem gostar nada dessa história de me preparar para o fracasso — murmurou Erian, para sua xícara de chá.

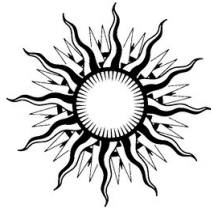
— Não considero nem um pouco inoportuno se tivermos algum tempo para levar Moiraine à justiça — opinou Galina. — Já esperamos esse tempo todo, não há tanta pressa assim para resolver as coisas com al'Thor.

Sarene suspirou. Aquelas mulheres eram tão boas em suas especialidades, mas não conseguia entender como. Não havia um pinga de lógica em qualquer uma

delas.

Retirou-se para seus aposentos, sentou-se diante da lareira apagada e começou a canalizar. Seria mesmo possível que esse tal Rand al'Thor tivesse redescoberto a arte de Viajar? Era muito mais do que se poderia acreditar, mas era a única explicação. Que tipo de homem ele era? Bem, descobriria quando o conhecesse, não antes. Preenchida por *saidin* quase a ponto de a doçura se transformar em dor, começou a repassar os exercícios das noviças — aquilo serviria tão bem quanto qualquer outra preparação mental. E se preparar era apenas lógico.





LIGANDO AS LINHAS

Em um ressoar contínuo, trovões ribombavam pelas colinas baixas e cobertas de grama já amarronzada em um contínuo ressoar, embora não houvesse uma só nuvem no céu, apenas o sol escaldante, que ainda não chegara ao topo. Rand estava no cume de uma colina, segurando as rédeas, o Cetro do Dragão apoiado no cepilho da sela, esperando. O trovão foi crescendo aos poucos, aumentando. Era difícil não olhar para trás, para o sul, na direção de Alanna — a Verde machucara o tornozelo e ralara a mão naquela manhã, além de estar de péssimo humor. Não sabia como nem por quê, nem ao menos tinha ideia de como estava tão certo daquilo. O trovão chegou ao ápice.

Os cavaleiros saldaeanos despontaram no topo da colina mais próxima, os três galopando lado a lado, encabeçando a longa linha serpenteante que descia encosta abaixo até chegar ao campo extenso entre as muitas colinas — nove mil homens, uma serpente bem comprida. Eles se dividiram assim que chegaram ao pé de uma nova colina: a coluna do meio seguiu adiante, mas as outras deram uma guinada para a esquerda e a direita, então cada coluna se dividiu de novo e de novo, até cavalgarem em centenas de pequenas fileiras que ultrapassavam umas as outras. Os cavaleiros começaram a se erguer nas selas, uns apoiados nos pés, outros, nas mãos. Alguns se balançaram bem rente ao chão, acertando-o com a palma da mão em uma manobra impossível, uma vez de cada lado da montaria. Outros homens desceram das selas e se penduraram embaixo dos cavalos ainda em disparada; enquanto alguns se jogaram no chão para correr ao lado do animal antes de montar outra vez, para depois pular para o outro lado e repetir a proeza.

Rand ergueu as rédeas e cravou os calcanhares em Jeade'en. Quando o sarapintado começou a avançar, os Aiel à sua volta também se puseram em movimento. Naquela manhã, quem acompanhava a escolta das Donzelas eram os

Dançarinos da Montanha, *Hama N'dore* — mais da metade usava a faixa vermelha dos *siswai'aman*. Caldin, um homem grisalho e de pele curtida, tentara convencer Rand a permitir mais de vinte homens na escolta, considerando a quantidade de aguacentos armados que haveria na exibição. Nenhum dos Aiel se preocupou em olhar com desprezo para a espada que ele carregava. Nandera, por exemplo, estava mais preocupada com as duzentas e tantas mulheres que seguiam o grupo a cavalo. A seus olhos, havia mais ameaça nas nobres saldaeanas e nas esposas dos oficiais do que naqueles soldados. Depois de ter conhecido algumas mulheres daquela terra, Rand não estava disposto a discutir com ela — a própria Sulin decerto concordaria. Foi quando reparou que não via Sulin desde... desde que tinham voltado de Shadar Logoth. Fazia oito dias. Será que a ofendera de algum jeito?

Não era hora de se preocupar com Sulin ou o *ji'e'toh*. Ele contornou o vale até o topo da colina de onde os saldaeanos tinham vindo. Bashere também cavalgou até lá, observando a demonstração — por uma irônica coincidência, ele fez isso tudo de pé sobre a sela.

Rand agarrou *saidin*, soltando-o um instante depois. Com a visão aguçada pelo Poder, não fora difícil notar as duas pedras brancas perto do pé da encosta, a quatro passos de distância uma da outra, exatamente onde Bashere as colocara na noite anterior — com sorte, sem ser visto. E, com sorte, ninguém faria muitas perguntas sobre aquela manhã. No prado abaixo, alguns homens cavalgavam dois cavalos, um pé em cada sela, ainda mantendo um galope ligeiro, enquanto outros sustentavam um soldado nos ombros. Muitas vezes, esse segundo soldado estava de cabeça para baixo, equilibrando-se com as mãos nos ombros do cavaleiro.

Olhou em volta, ouvindo um cavalo avançar em sua direção. Deira ni Ghaline t'Bashere cavalgava entre os Aiel visivelmente despreocupada. Armada apenas com uma faquinha no cinturão de prata e usando um vestido de montaria de seda cinza com bordados prateados nas mangas e na gola alta, a mulher parecia desafiá-los a atacá-la. Era uma mulher grande, tão alta quanto muitas das Donzelas e quase um palmo maior que o marido. Não era corpulenta ou mesmo rechonchuda, apenas grande. Mechas brancas despontavam de cada lado dos cabelos negros, e os olhos escuros e oblíquos estavam fixos em Rand. Devia ser uma bela mulher, quando a presença do Dragão Renascido não transformava seu rosto em granito.

— E meu marido está conseguindo... *entretê-lo*? — Ela nunca usava nenhum título para Rand nem nunca o chamava pelo nome.

Rand olhou para as outras saldaeanas, que o encaravam feito uma tropa de cavalaria pronta para avançar — seus rostos também eram puro granito, e os olhos oblíquos, gélidos. Estavam só esperando a ordem de Deira. Não tinha a menor dificuldade de acreditar nas histórias sobre as saldaeanas pegando as espadas dos maridos que tinham caído em batalha e conduzindo seus homens de volta para a luta. Tentar ser agradável não surtira qualquer efeito positivo com a esposa de Bashere. O próprio general apenas dava de ombros e dizia que ela de fato podia ser bem difícil,

isso tudo com um sorriso enorme no rosto que só podia ser de orgulho.

— Pode dizer a Lorde Bashere que fiquei satisfeito — respondeu Rand. Virou Jeade'en para começar a voltar para Caemlyn. Sentia os olhos das saldaeanas cravados em suas costas.

Lews Therin soltou uma risadinha — pelo menos essa parecia ser a melhor forma de descrever o som. *Nunca provoque uma mulher desnecessariamente. Qualquer uma mataria com menos aviso ou motivo do que um homem ofendido, mesmo que depois acabe chorando sobre o cadáver.*

Você está mesmo aí?, perguntou Rand. *Você é mais que uma voz?*

Em resposta, veio apenas aquela risada baixa e louca.

Ele ficou ruminando a respeito de Lews Therin durante todo o trajeto de volta a Caemlyn, mesmo quando passaram por um dos longos mercados comunitários de teto azulejado enfileirados próximo aos portões da Cidade Nova. Temia estar enlouquecendo — não apenas pela loucura em si, embora isso já fosse ruim o bastante, mas porque, se enlouquecesse, como faria o que precisava ser feito? —, embora não notasse qualquer indício de loucura. Por outro lado, como saberia se sua mente de fato sucumbisse? Nunca conhecera um louco, só tinha o exemplo da voz de Lews Therin dentro de sua cabeça. Será que a loucura de todos os homens era igual? Será que acabaria daquele jeito, rindo e chorando por coisas que ninguém mais via ou notava? Sabia que tinha uma chance de sobreviver, por mais que parecesse impossível. *Se quiser viver, terá que morrer* — uma das três coisas que Rand sabia que só podiam ser verdade, pois lhe tinham sido reveladas dentro de um *ter'angreal* onde as respostas eram sempre verdadeiras, ainda que não fossem fáceis de compreender. Mas uma vida daquelas... não tinha certeza, mas talvez fosse melhor morrer.

A multidão caminhando pela Cidade Nova abriu caminho para os mais de quarenta Aiel que o acompanhavam, e alguns até reconheceram o Dragão Renascido — talvez mais pessoas tivessem reconhecido, mas Rand não recebeu muitas saudações. “Que a Luz brilhe sobre o Dragão Renascido!”, “A glória da Luz ao Dragão Renascido!” e “O Dragão Renascido, o rei de Andor!”

Aquela última sempre o incomodava, e dessa vez ouviu a saudação mais de uma vez. Precisava encontrar Elayne. Sentia os dentes rangendo. Não conseguia nem olhar para o povo — queria deixar todos de joelhos, berrar que Elayne era a rainha. Tentando não ouvir, Rand encarou o céu, os telhados — tudo, menos a multidão. E foi por isso que conseguiu ver o homem de manto branco que escalou um telhado de telhas vermelhas e ergueu uma besta na direção dele.

Tudo aconteceu em um piscar de olhos. Rand agarrou *saidin* e canalizou enquanto a flecha voava em sua direção — o projétil atingiu uma barreira de Ar, uma massa de prata azulada suspensa no meio da rua, chocando-se com um clangor de metal contra metal. Uma bola de fogo irrompeu de sua mão, acertando o homem no peito enquanto a flecha ricocheteava para longe do escudo de Ar. As chamas envolveram

o desconhecido e ele caiu do telhado ainda agonizando. Então alguém se atirou em cima de Rand, jogando-o para fora da sela.

Ele caiu feio no chão de paralelepípedos, sentindo um peso sobre seu corpo, e largou *saidin* ao mesmo tempo em que perdia o fôlego. Tentando respirar, lutou contra o peso, jogando-o para o lado... e viu que segurava Desora pelos braços. A mulher sorriu para ele — um belo sorriso —, então sua cabeça desabou para o lado. Os olhos azuis o encaravam, já cegos e embotados. Uma flecha da besta despontava de seu peito, pressionando o punho de Rand. Por que ela sempre escondera aquele sorriso tão lindo?

Rand foi agarrado e erguido por Donzelas e Dançarinos da Montanha que o empurraram para o canto da rua, bem ao lado da loja de um funileiro, e se dispuseram em um círculo bem fechado à sua volta — todos velados, os arcos de chifre prontos, os olhos perscrutando ruas e telhados. Gritos e berros irromperam por toda parte, mas a rua já estava completamente livre mais de cinquenta passadas de cada lado do círculo de Aiel, e a multidão virou uma massa fervilhante desesperada para ir embora. A rua estava vazia, exceto pelos corpos: Desora e mais seis, três deles Aiel. Rand achou que havia mais uma Donzela abatida. Era difícil ter certeza daquela distância, ainda mais com a pessoa caída feito uma boneca de pano.

Rand começou a andar, e os Aiel à sua volta apertaram ainda mais o círculo, em uma muralha de carne.

— Esses lugares parecem tocas de coelhos — comentou Nandera, displicente, mas ainda de rosto velado, vigiando os arredores. — Se entrar na dança aqui, pode acabar levando uma facada nas costas antes de desconfiar de que há perigo.

Caldin assentiu.

— Isso me lembra uma batalha perto de Fenda de Sedar, quando... Bem, pelo menos temos um prisioneiro. — Alguns dos *Hama N'dore* tinham saído de uma taverna do outro lado da rua, empurrando um homem com os braços e os cotovelos amarrados nas costas. O homem não parou de se debater até ser derrubado de joelhos sobre o chão de paralelepípedos, as lanças coladas a seu pescoço. — Talvez ele diga quem ordenou isso. — Caldin não parecia ter a menor dúvida de que o homem falaria.

Um instante depois, algumas Donzelas saíram de outra casa trazendo um segundo homem amarrado — o sujeito mancava e estava com o rosto ensanguentado. Não demorou para os Aiel alinharem quatro homens ajoelhados na rua. Enfim o semicírculo que envolvia Rand se afrouxou.

Os quatro pareciam durões, mas o que estava todo sujo de sangue cambaleou e revirou os olhos para os Aiel. Dois outros pareciam desafiadores, e o quarto os olhava com desprezo.

Rand sentiu as mãos tremerem.

— Têm certeza de que eles estavam envolvidos? — Não conseguia acreditar na brandura e na firmeza de sua voz. Um tanto de fogo devastador resolveria tudo.

Fogo devastador não, protestou Lews Therin, ofegante. *Nunca mais*. — Têm certeza?

— Estavam — respondeu uma Donzela, mas ele não soube dizer quem era por trás do véu. — E os que matamos estavam usando isso aqui.

A mulher deu um puxão, soltando o manto preso pelos braços atados do sujeito com o rosto ensanguentado. Era um manto branco surrado, encardido e manchado com um raio de sol dourado bordado na parte que deveria ficar sobre o peitoral. Os outros três usavam mantos iguais.

— Foram enviados para ficar de vigia — acrescentou um Dançarino da Montanha — e informar aos superiores caso o ataque fosse malsucedido. — Ele soltou uma risada seca e curta. — Esses superiores não imaginavam o tamanho do fracasso.

— Nenhum desses homens disparou uma besta? — perguntou Rand. Fogo devastador. *Não*, ganiu Lews Therin, de longe. Os Aiel se entreolharam e negaram com as cabeças envoltas nas *shoufas*. — Enforcem todos — ordenou.

O sujeito ensanguentado quase desabou. Rand o sustentou com fluxos de Ar e o pôs de pé. Só então percebeu que agarrara *saidin*. Aceitou de bom grado aquela luta pela sobrevivência, aceitou até a mácula, que corroía seus ossos feito lodo ácido. O Poder diminuía a consciência das coisas que preferia não lembrar, das emoções que preferia não sentir.

— Qual é o seu nome?

— F-Faral, m-milorde. D-Dimir Faral. — Os olhos, tão arregalados que quase saltavam das órbitas, encaravam Rand por trás daquela máscara de sangue. — P-Por favor, não me e-enforce, m-milorde. Eu c-caminharei pela Luz, eu j-juro!

— Você é um sujeito de muita sorte, Dimir Faral — começou Rand, sua própria voz soando tão distante quanto os gritos de Lews Therin. — Você vai assistir ao enforcamento dos seus amigos — Faral começou a chorar —, depois receberá um cavalo, então vai contar a Pedron Niall que um dia eu também o enforcarei pelo que aconteceu aqui hoje. — Quando Rand soltou os fluxos de Ar, Faral desabou no chão, gemendo e afirmando que iria até Amador sem parar nem uma vez. Os três que estavam à beira da morte encararam o homem soluçante com desprezo. Um até cuspiu no chão.

Rand eliminou todos os pensamentos sobre aqueles homens. Niall era o único de quem precisava lembrar. Ainda havia uma coisa a fazer. Afastou *saidin*, travando a luta para escapar sem ser obliterado, a luta para se forçar a soltar o Poder. Não queria nenhum filtro que o apartasse das emoções que viriam com o que precisava fazer.

Uma Donzela estava ajeitando o corpo de Desora, que já estava com o véu erguido. A mulher ergueu o braço para detê-lo quando Rand tocou o *algode* negro, então hesitou, o encarou e se afastou, agachando.

Rand ergueu o véu e memorizou o rosto da Donzela caída. Parecia estar dormindo. Desora, do ramo Musara dos Aiel Reyn. Tantos nomes. Liah, dos

Chareen Cosaida; Dailin, dos Taardad dos Nove Vales; Lamelle, dos Miagoma da Água Esfumada... tantos. Ele às vezes percorria nome por nome daquela lista, mas havia um nome que não fora culpa sua: Ilyena Therin Moerelle. Não sabia como Lews Therin pusera aquele nome ali, mas, mesmo que soubesse, não o removeria.

Afastar-se de Desora foi ao mesmo tempo um esforço e um alívio, mas foi puro alívio descobrir que o corpo que ele achava que era de uma segunda Donzela na verdade era de um homem — um sujeito baixo para um Aiel. Rand também lamentava pelos homens que morriam por ele, mas com suas mortes sempre vinha à sua mente um antigo ditado: *“Deixe que os mortos descansem, cuide dos vivos.”* Não era fácil, mas conseguia se obrigar a seguir aquelas palavras. Entretanto, nunca conseguia sequer invocar o ditado quando era uma mulher quem morria.

Seu olhar foi atraído pela visão de uma saia esparramada no chão de paralelepípedos. Os mortos não eram apenas Aiel.

A mulher levava uma flechada de besta bem entre as omoplatas. Quase nenhum sangue manchava as costas do vestido — uma morte rápida, o que era um pequeno consolo. Rand se ajoelhou e virou o corpo com toda a delicadeza. A outra ponta da flecha projetava-se do peito. A mulher tinha um rosto quadrado de meia-idade, com toques de fios grisalhos nos cabelos. Os olhos escuros estavam arregalados, e ela parecia surpresa. Não sabia seu nome, mas memorizou as feições. Aquela mulher morrera apenas por estar na mesma rua que ele.

Agarrou o braço de Nandera, que se desvencilhou para que ele não a atrapalhasse caso precisasse usar o arco, mas ainda assim o encarou.

— Encontre a família desta mulher e dê a eles o que precisarem. Ouro... — Não era o bastante. Precisavam era da esposa de volta, da mãe. Mas isso ele não podia dar. — O que precisarem. E descubra o nome dela.

Nandera estendeu a mão em sua direção, então voltou a segurar o arco. Quando Rand se levantou, notou que as Donzelas o observavam. Ah, claro que aqueles olhos estavam sempre atentos a tudo, mas os rostos velados pareciam se voltar para ele com um pouco mais de frequência. Sulin sabia como Rand se sentia, mesmo que não soubesse da lista, mas ele não tinha certeza se ela contara ou não às outras. Se tivesse contado, não fazia ideia do que as outras achavam.

Foi andando de volta para onde tinha caído e pegou o Cetro do Dragão, com suas borlas. Teve que fazer um esforço para se agachar, e a lança curta e ornamentada parecia muito pesada. Jeade'en não fora muito longe com a sela vazia, era um cavalo bem-treinado. Rand montou de volta no sarapintado.

— Já fiz tudo o que podia por aqui — anunciou, enfiando os calcanhares no lombo do cavalo. Os outros que pensassem o que quisessem.

Se não podia deixar as lembranças para trás, deixaria os Aiel. Ao menos por um tempo. Entregara Jeade'en a um cavaleiro e adentrara o Palácio antes de Nandera e Caldin o alcançarem, trazendo cerca de dois terços da escolta de Donzelas e Dançarinos da Montanha. Alguns tinham ficado cuidando dos mortos. Caldin

parecia irritado e, pela fúria nos olhos de Nandera, Rand se considerou sortudo por ela não estar velada.

Antes que a mulher pudesse reclamar, a Senhora Harfor se aproximou e curvou-se em uma mesura profunda.

— Milorde Dragão — começou, com uma voz grave e firme —, a Mestra das Ondas do clã Catelar, dos Atha'an Miere, fez uma petição para uma audiência.

Se o corte sofisticado do vestido vermelho e branco de Reese não bastasse como indicativo de que “Criada-chefe” não era uma boa designação para seu posto, os modos sem dúvida eram. A mulher rechonchuda, de cabelos grisalhos e queixo comprido, encarava Rand nos olhos, mesmo tendo que empinar o queixo para tanto, e conseguia mesclar o grau apropriado de deferência a uma total falta de servilismo e a um desinteresse que a maioria das nobres não conseguia atingir. Tal qual Halwin Norry, Reese permanecera no reino mesmo depois que a maioria dos outros criados fugiu — Rand tinha a leve suspeita de que a mulher ficara para defender o Palácio dos invasores e não ficaria surpreso em descobrir que ela fazia revistas periódicas em seus aposentos atrás de bens do Palácio; não ficaria surpreso sequer em saber que ela tentara revistar os Aiel.

— O Povo do Mar? O que é que eles querem?

Reese o encarou com um olhar paciente, tentando ser compreensiva com sua ignorância. Apenas tentando.

— A petição não informa, milorde Dragão.

Se Moiraine sabia alguma coisa a respeito do Povo do Mar, não priorizara o tópico em seus conselhos, mas, pela atitude de Reese, aquela mulher que pedia uma audiência era importante. O título de Mestra das Ondas decerto soava importante. Bem, teria que usar o Grande Salão. Não visitara o lugar desde que voltara de Cairhien — não que tivesse qualquer motivo para evitar o salão do trono, simplesmente não houvera necessidade de usá-lo.

— Hoje à tarde — respondeu, hesitante. — Diga que a verei no meio da tarde. A senhora ofereceu boas acomodações a ela e à comitiva? — Duvidava de que uma pessoa com um título tão imponente fosse viajar sozinha.

— Ela recusou, e todos se hospedaram na Bola e Argola. — Reese Harfor pareceu meio irritada com aquilo; ao que parecia, não considerava a recusa muito apropriada, por mais importante que fosse uma Mestra das Ondas. — Estavam todos muito sujos e cansados por conta da viagem, quase não conseguiam se manter de pé. Vieram a cavalo, não de coche, e acredito que não estejam muito acostumados a esse tipo de viagem. — Ela piscou, parecendo surpresa por ter falado tanto, então recuperou a discrição como se vestisse um manto. — Outra pessoa deseja vê-lo, milorde Dragão. — Sua voz assumiu o mais leve tom de desgosto. — Lady Elenia.

Até ele teve que conter uma careta. Elenia decerto preparara mais um discurso reivindicando seus direitos ao Trono do Leão. Até então, Rand conseguira evitar ouvir mais de uma em cada três palavras. Bem, seria fácil dispensá-la. Ainda

assim... precisava de uma informação a respeito da história de Andor, e ninguém por ali sabia mais do assunto do que Elenia Sarand.

— Bem, leve Lady Elenia aos meus aposentos, por favor.

— É verdade que pretende levar a Filha-herdeira ao trono?

A pergunta não veio em um tom ríspido, mas Reese não demonstrava a menor deferência. Seu rosto permanecia impassível, mas Rand tinha certeza de que, com a resposta errada, a mulher berraria “Por Elayne e o Leão Branco!” e tentaria esmagar seu crânio, com ou sem escolta Aiel em volta.

— Pretendo — respondeu ele, com um suspiro. — O Trono do Leão é de Elayne. Pela Luz e por minha esperança de renascimento e salvação, é dela.

Reese o avaliou por um instante, então abriu as saias em mais uma medida profunda.

— Vou mandar Lady Elenia entrar, milorde Dragão.

A mulher se afastou a passos graciosos, as costas eretas. Mas era sempre assim, e não havia como dizer se ela acreditara no que ouvira.

— Um inimigo ardiloso — começou Caldin, irritadiço, antes que Reese avançasse cinco passadas — prepara uma emboscada fraca para que o alvo consiga escapar. Com a confiança de ter enfrentado a ameaça, o alvo então baixa a guarda e caminha direto para a segunda emboscada, mais poderosa.

Nandera, quase falando por cima de Caldin, declarou, em uma voz gélida:

— Os rapazes podem ser impetuosos, podem ser impulsivos, podem até ser idiotas. O *Car'a'carn* não pode se permitir ser um rapaz.

Rand olhou para os dois por cima do ombro antes de começar a se afastar. Parou apenas por tempo suficiente para dizer:

— Vamos voltar para o palácio. Escolham os dois da escolta.

Não foi nenhuma surpresa ver que Nandera e Caldin escolheram a si mesmos, menos ainda que o tenham seguido pisando duro, em um silêncio muito rígido.

Rand parou diante da porta para seus aposentos e pediu que mandassem Elenia entrar quando ela chegasse, então os deixou no corredor. Havia ponche de ameixa em uma jarra folheada a prata, mas ele nem pensou em beber. Ficou apenas encarando a jarra, tentando planejar o que diria — até que notou o que estava fazendo e soltou um grunhido de surpresa. O que havia para planejar?

Uma batidinha na porta anunciou Elenia. A mulher de cabelos cor de mel se curvou em uma medida ao entrar. Usava um vestido trabalhado em rosas douradas — em qualquer outra mulher, Rand teria pensado que eram simples rosas; em Elenia, só podia simbolizar a Coroa de Rosas.

— Milorde Dragão agradeço a imensa cortesia de me receber.

— Quero fazer algumas perguntas sobre a história de Andor — respondeu Rand.

— Gostaria de um pouco de ponche de ameixa?

Elenia não conseguiu se conter e arregalou os olhos em deleite. Sem dúvida já planejava conduzir a conversa para as próprias reivindicações, mas Rand lhe dera

um pretexto de graça. Ela abriu um sorriso em seu rosto de raposa.

— Posso ter a honra de servir milorde Dragão? — perguntou, mas não esperou que Rand assentisse. A mulher estava tão satisfeita com a reviravolta que ele quase podia imaginá-la empurrando-o para uma cadeira e obrigando-o a pôr os pés para cima. — Sobre que parte da história posso lhe fornecer algum esclarecimento?

— Um cenário mais geral... — Rand franziu o cenho, aquilo daria à nobre a desculpa perfeita para começar a listar sua linhagem com detalhes dali a duas frases. — Por exemplo, quero saber o que levou Souran Maravaile a trazer a esposa para cá. Ele era de Caemlyn?

— Foi Ishara quem trouxe Souran, milorde Dragão. — O sorriso de Elenia mudou um pouco, assumindo um ar indulgente. — A mãe de Ishara era Endara Casalain, a governante local de Artur Asa-de-gavião quando Andor era apenas uma província. Ela também era neta de Joal Ramedar, o último Rei de Aldeshar. Souran era só um... um general. — Rand podia apostar que a mulher estava para dizer que ele era plebeu, mas pensou melhor a tempo. — Claro que era o melhor dos generais de Asa-de-gavião. Endara renunciou à coroa e se ajoelhou perante Ishara, elevando-a a Rainha. — Rand não conseguia acreditar que a coisa tinha ocorrido exatamente dessa forma, ou pelo menos não daquele jeito tão pacífico. — Claro que foi uma época terrível, tão ruim quanto as Guerras dos Trollocs, tenho certeza. Com Asa-de-gavião morto, todos os nobres queriam se tornar reis. Ou rainhas. No entanto, Ishara sabia que ninguém poderia dar conta de todo o território. Eram facções demais, além das muitas alianças, e a maioria se desfazia assim que era selada. Ela convenceu Souran a suspender o cerco de Tar Valon e vir para cá com a maior parcela do exército que ele conseguiria manter por aqui.

— Souran Maravaile estava no comando do sítio de Tar Valon? — perguntou Rand, atônito.

Artur Asa-de-gavião mantivera Tar Valon sitiada durante vinte anos, oferecendo recompensas pelas cabeças de todas as Aes Sedai.

— Apenas no último ano, de acordo com os registros — respondeu a mulher, um tanto impaciente. Era visível que ela não estava nem um pouco interessada em Souran, exceto por ser marido de uma nobre. — Ishara era muito esperta, ela prometeu às Aes Sedai que sua filha mais velha seria enviada para estudar em Tar Valon, o que lhe rendeu o apoio da Torre e uma conselheira Aes Sedai chamada Ballair. Ela foi a primeira governante com uma conselheira da Torre. Claro que outros a imitaram, mas o fizeram porque queriam o trono de Asa-de-gavião. — Elenia desatou a falar, muito animada, o cálice esquecido enquanto ela gesticulava com a mão livre. As palavras saíram em uma torrente. — Uma geração inteira se passou antes de essa ideia fenecer, mas Narasim Bhuran insistiu em suas tentativas até os últimos dez anos da Guerra dos Cem Anos. Seus planos eram deploráveis e o fizeram acabar com uma lança cravada na cabeça um ano depois. Esmara Getares também tinha tentado, cerca de trinta anos antes, e obteve um progresso considerável

até que decidiu conquistar Andor. A mulher passou os últimos doze anos de vida como *convidada* da Rainha Telaisien. Esmara foi assassinada, mas não há registro de por que alguém iria querer a mulher morta, depois que Telaisien destruiu seu poder. Veja bem, as Rainhas que vieram depois de Ishara... todas elas, de Alesinde a Lyndelle, deram seguimento às suas ideias, e não apenas no costume de enviar uma filha para a Torre. Ishara mandou Souran proteger as terras vizinhas a Caemlyn, começando com apenas algumas milhas, mas aos poucos foi expandindo o controle. Ora, levou cinco anos para seu domínio chegar ao Rio Erinin. A posse das Rainhas de Andor sobre as terras que controlavam era incontestável, ainda mais em uma época em que a maioria dos que se intitulavam reis ou rainhas estavam mais interessados em conquistar algumas poucas terras do que em fortalecer as que já possuíam.

A mulher parou para tomar fôlego, e Rand aproveitou a brecha. Elenia falava daquela gente como se os conhecesse, mas ele já estava tonto com tantos nomes desconhecidos.

— Por que não existe a Casa Maravaile?

— Nenhum dos filhos de Ishara viveu além dos vinte anos. — Elenia deu de ombros e bebericou o ponche. O assunto não a interessava, mas deu abertura para um novo tópico. — Nove rainhas reinaram durante a Guerra dos Cem Anos, e nenhuma teve um filho que vivesse mais de vinte e três anos. As batalhas eram constantes, e Andor sofria pressão de todos os lados. Ora, durante o reinado de Maragaine, quatro reis reuniram seus exércitos contra ela. Inclusive, existe uma cidade nomeada em homenagem à batalha, que se passou por lá. Os reis eram...

— Mas todas as rainhas são descendentes de Souran e Ishara? — perguntou Rand, mais que depressa. A mulher descreveria em detalhes cada dia daquela maldita guerra, se ele deixasse. Ele se sentou e gesticulou para que Elenia se acomodasse em alguma poltrona.

— Sim — respondeu a nobre, relutante. A hesitação decerto estava em incluir Souran na lista. Ela logo se animou. — Veja bem, a questão é o quanto do sangue de Ishara a pessoa tem. Quantas linhas ligam a rainha a ela, e em que grau. No meu caso...

— Para mim não é tão fácil entender. Por exemplo, Tigraine e Morgase. Morgase tinha mais direito que Tigraine. Suponho que isso signifique que Morgase e Tigraine eram parentes próximas?

— Elas eram primas.

Elenia se esforçava para esconder a irritação em ser interrompida com tanta frequência, ainda mais agora, quando estava tão perto do que queria dizer. Mesmo assim, comprimiu os lábios e aceitou. Parecia uma raposa querendo abocanhar uma galinha que escapava a todo instante.

— Entendi.

Primas. Rand tomou um gole, esvaziando quase todo o cálice.

— Somos todos primos. Todas as Casas. — O silêncio dele pareceu revigorá-la. Seu sorriso voltou. — Com os casamentos entre nobres já há mais de mil anos, não existe uma só Casa sem uma gota do sangue de Ishara. Mas o que importa é o grau, assim como a quantidade de linhas de ligação. No meu caso...

Rand piscou.

— Vocês são *todos* primos? *Todos* vocês? Isso não parece muito poss... — Ele se inclinou para a frente, atento. — Elenia, se Morgase e Tigraine fossem pessoas mais simples, como mercadoras, ou fazendeiras... qual seria o grau de parentesco entre elas?

— Fazendeiras? — perguntou a mulher, encarando-o. — Milorde Dragão, que pergunta mais curios... — A nobre começou a empalidecer. Rand fora fazendeiro, afinal. Ela umedeceu os lábios e estalou a língua, tensa. — Eu suponho que... eu teria que pensar. Fazendeiras. Suponho que para isso eu teria que imaginar que todas as Casas fossem compostas de fazendeiros. — Ela soltou uma risada nervosa, abafando-a com ponche. — Bem, se as duas fossem fazendeiras, acho que ninguém as consideraria parentes, na verdade. Todas as ligações são bem distantes. Mas elas não eram fazendeiras, milorde Dragão...

Rand desviou mais da metade da atenção para os próprios pensamentos e se afundou de novo na cadeira. Não eram parentes.

— ... tenho trinta e uma linhas de ligação até Ishara, enquanto Dyelin tem apenas trinta, e...

Por que de repente se sentia tão tranquilo? Sentiu nós de tensão nos músculos se desfazerem — nós que ele nem notara que tinha.

— ... se me permite dizer, milorde Dragão.

— O quê? Peço desculpas. Deixei a cabeça voar longe por um instante... os problemas de... perdi a última coisa que a senhora disse.

Perdera, mas algo no que ela dissera o deixara intrigado.

Elenia ostentava aquele sorriso lisonjeiro e prestativo que ficava tão estranho em seu rosto.

— Ora, eu só estava dizendo que o senhor mesmo é um pouco parecido com Tigraine, milorde Dragão. O senhor deve ter um toque do sangue de Ishara... — A frase acabou com um gritinho abafado, e Rand percebeu que se levantara.

— Estou... um pouco cansado. — Ele tentou falar em um tom normal, mas sua voz soava distante, como se estivesse envolto no Vazio. — Peço à senhora a gentileza de me deixar sozinho.

Não sabia como estava seu rosto, mas Elenia se levantou de um pulo e correu para botar o cálice na mesa. A mulher tremia. Se antes seu rosto estava pálido, agora parecia papel. Curvando-se em uma mesura mais adequada a um ajudante de cozinha pego roubando, a nobre saiu correndo para a porta, cada passo mais ligeiro que o outro, sem nunca parar de olhá-lo por cima do ombro. Ela abriu a porta com um empurrão, e Rand ouviu suas sandálias ressoando corredor afora. Nandera enfiou

a cabeça para dentro da sala, querendo ver como ele estava, então fechou a porta.

Rand ficou um longo tempo encarando o nada. Não era de se admirar que aquelas rainhas antigas o encarassem daquele jeito. Sabiam o que ele estava pensando, mesmo quando ele próprio não fazia ideia. A sementinha de preocupação que o corroía, súbita e invisível, desde que ele descobrira o nome verdadeiro da mãe... Mas Tigraine não era parente de Morgase. Sua mãe não fora parente da mãe de Elayne. Ele não era parente de...

— Você é um libertino da pior laia — declarou, a voz alta e amarga. — Você é um imbecil e um...

Desejou que Lews Therin se pronunciasse para que ele pudesse dizer a si mesmo que o outro sim era um louco e ele era são. O que sentia eram os olhares das governantes mortas de Andor, ou seria Alanna? Avançou até a porta e a abriu com um tranco. Nandera e Caldin estavam acorados sob uma tapeçaria de pássaros coloridos.

— Reúnam a escolta — declarou. — Vou a Cairhien. Por favor, não contem a Aviendha.





PRESENTES

Durante a caminhada de volta para o acampamento das Sábias, Egwene tentava se recompor, mas era como se seus pés sequer tocassem o chão. Ela sabia que não era o caso, já que cada passo contribuía para as ondas de poeira varridas pelas lufadas de vento quente. Tossindo, ela desejou que as Sábias também usassem véus. Um xale enrolado na cabeça não produzia o mesmo resultado e ela se sentia como uma tenda de vapor ambulante. Ainda assim, a sensação era de que caminhava nas nuvens. O cérebro parecia girar, e não era por conta do calor.

Primeiro achou que Gawyn não fosse encontrá-la, mas ela o viu assim que começou a caminhar pela multidão. Os dois acabaram passando a manhã inteira de mãos dadas na sala privada da estalagem O Homem Comprido, conversando enquanto tomavam chá. Egwene foi completamente descarada e o beijou logo que a porta se fechou, sem nem dar a Gawyn tempo de tomar a iniciativa, e chegou até a se sentar no colo dele, embora não por muito tempo. Aquilo a fez se lembrar dos sonhos de Gawyn, e ela considerou voltar a visitá-lo enquanto dormiam, fantasiando coisas que nenhuma mulher decente deveria sequer cogitar! Ao menos não uma mulher solteira. Com a reprimenda mental, ela se levantara de um pulo, feito corça assustada, o que acabou por assustá-lo também.

Olhou em volta, ansiosa. As tendas ainda estavam a meia milha de distância, e não havia viva alma por perto. Mesmo se houvesse alguém, não teria notado como ela corara. Reparando que sorria feito uma idiota por trás do xale, Egwene tratou de ficar séria. Luz, precisava se controlar. Tinha que esquecer a sensação dos braços fortes de Gawyn e se lembrar de por que tinham passado tanto tempo no salão da estalagem.

Enquanto abria caminho pela multidão, deu uma olhada ao redor, em busca de Gawyn, tentando — sem sucesso — parecer despreocupada. Afinal, não queria que ele pensasse que estava desesperada para vê-lo. De repente, um homem se inclinou

para perto dela e sussurrou:

— Me siga até O Homem Comprido.

Egwene deu um pulo — não conseguiu evitar. Levou um momento para reconhecer Gawyn, que usava um casaco marrom simples com uma fina sobrecapa pendendo às costas, o capuz puxado quase escondendo o rosto. Não era o único de capa nos arredores — todos os não Aiel que iam para além das muralhas da cidade sempre as usavam —, mas poucos mantinham o capuz levantado naquele calor infernal.

Ela agarrou a manga dele com força quando Gawyn tentou ir andando na frente.

— O que o faz pensar que vou seguir você até uma estalagem, Gawyn Trakand? — perguntou, estreitando os olhos. Ainda assim, manteve a voz baixa. Não havia por que atrair olhares. — A gente ia caminhar. Se você está achando que...

Gawyn fez uma careta e se apressou a responder, aos sussurros:

— As mulheres com quem vim para cá estão atrás de uma pessoa. Uma mulher com a sua descrição. Elas não falam muito perto de mim, mas escutei aqui e ali. Venha comigo.

Sem nem olhar para trás, ele saiu a passos largos, e Egwene não teve opção senão segui-lo, mesmo com o estômago se revirando.

As lembranças devolveram firmeza a seus pés. O chão, assado pelo sol, estava tão quente que ela sentia o calor através da sola das botas macias — um calor quase tão intenso quanto o dos paralelepípedos da cidade. Egwene não conseguia parar de pensar no encontro enquanto se arrastava em meio à poeira. Gawyn não sabia muito mais do que lhe contara naquele primeiro momento e argumentou que poderiam não estar atrás dela em especial, bastava que Egwene tomasse cuidado ao canalizar e que tentasse o máximo possível ficar fora de vista. O problema era que nem mesmo ele parecia muito convencido daquilo que dizia, ainda mais depois de ter tentado disfarçar as roupas de guardião. Egwene evitou mencionar o que ele vestia, pois Gawyn já parecia preocupadíssimo com os problemas que ela teria se aquelas Aes Sedai a encontrassem, ou se o seguissem e chegassem até ela, embora tenha deixado bem claro que não estava disposto a parar com aqueles encontros furtivos, mesmo que a sugestão tivesse partido dele próprio. Aliás, Gawyn estava convencido de que Egwene precisava encontrar um jeito de voltar às escondidas para Tar Valon e se restabelecer na Torre — isso ou fazer logo as pazes com Coiren e as outras e voltar com elas. Luz, Egwene devia ter se irritado por ele achar que sabia o que seria melhor para seu futuro mais do que ela própria. Ainda assim, por algum motivo, pensar naquilo só a fazia querer abrir um sorriso indulgente — mesmo agora. Por algum motivo misterioso, seu cérebro parecia parar de funcionar quando o assunto era Gawyn. Sem falar que o rapaz parecia surgir em sua mente o tempo inteiro, mesmo quando ela estava pensando em outras coisas.

Egwene mordeu o lábio inferior e se concentrou no verdadeiro problema: as Aes Sedai da Torre. Se ao menos conseguisse dar um jeito de interrogar Gawyn... Não

seria traição fazer só algumas perguntinhas, saber quais eram as Ajahs, para onde iam ou... Não! A promessa que fizera fora para si mesma, mas quebrá-la traria desonra a ele. Nada de perguntas. Só o que Gawyn contasse espontaneamente.

E não importava o que ele dissesse, não havia motivo nenhum para acreditar que aquelas mulheres estavam atrás de Egwene al’Vere — mas também precisava admitir, mesmo relutante, que não havia motivos para pensar que não estavam atrás dela, apenas suposições e esperanças. Mesmo que uma agente da Torre não reconhecesse Egwene al’Vere nos trajes de uma Sábua, isso não significava que a agente nunca tivesse escutado seu nome ou ouvido falar de Egwene Sedai da Ajah Verde. Ela fez careta. Dali em diante, precisaria tomar muito cuidado quando fosse à cidade. Mais cuidado do que já estava pensando em tomar.

Chegou na área das tendas. O acampamento se espalhava por várias milhas, cobrindo as colinas a leste da cidade, arborizadas ou não. Aiel se moviam por entre as tendas baixas, mas havia poucos *gai’shain* por perto. E não se via nenhuma Sábua. Egwene quebrara uma promessa que fizera a elas — a Amys, na verdade, mas que se estendia para todas. O argumento da necessidade que tivera de quebrar a promessa parecia um junco cada vez mais fino para sustentar a mentira.

— Venha se juntar a nós, Egwene — chamou uma voz feminina.

A não ser que estivesse cercada de garotas muito jovens, Egwene não era difícil de identificar entre os Aiel, mesmo com a cabeça coberta. Surandha, aprendiz de Sorilea, enfiara a cabeça de cabelos louro-escuros para fora de uma das tendas e acenava para ela.

— As Sábias se reuniram de novo entre as tendas, todas elas, e disseram que temos o dia só para nós. O dia todo.

Aquele era um luxo raro, que Egwene não deixaria passar.

Lá dentro, encontrou algumas mulheres deitadas, esparramadas sobre almofadas, lendo à luz de lamparinas a óleo — a tenda ficava fechada para bloquear a poeira, o que também deixava o interior escuro — e outras sentadas costurando, tricotando ou bordando. Duas brincavam com barbantes, em um jogo complexo de cama de gato. A tenda estava tomada por um murmúrio baixo de conversas casuais, e várias das presentes trocavam sorrisos. Nem todas eram aprendizes, havia visitas: duas mães e diversas irmãs-primas. As aprendizes mais velhas usavam tantas joias quanto as Sábias, e todas estavam com as blusas desamarradas e os xales enrolados na cintura, embora o calor retido na tenda não parecesse incomodá-las.

Um *gai’shain* ia de um lado ao outro oferecendo chá. Algo no modo como ele se movia indicava que se tratava de um artesão, não de um *algai’d’siswai*. Tinha o rosto duro dos Aiel, ainda que parecesse um pouco mais delicado em comparação, e manter o comportamento dócil não parecia demandar tanto esforço dele. O sujeito usava uma daquelas bandanas vermelhas que o identificavam como *siswai’aman*. Nenhuma das mulheres parecia se incomodar com aquilo, mesmo que os *gai’shain* supostamente só devessem usar branco.

Egwene amarrou o xale na cintura e aceitou, agradecida, um pouco de água para lavar as mãos e o rosto, então desfez alguns dos laços da blusa e foi ocupar uma almofada vermelha com borlados entre Surandha e Estair, a aprendiz ruiva de Aeron.

— Por que as Sábias se reuniram? Alguém sabe o motivo?

Mesmo tendo perguntado aquilo, seu pensamento não estava nas Sábias — pensava em como não tinha a menor intenção de evitar a cidade. Concordara em visitar a estalagem do Homem Comprido a cada manhã, no caso de Gawyn estar lá, mesmo que o sorriso afetado da estalajadeira roliça tivesse feito suas bochechas arderem — só a Luz sabia o que a mulher devia pensar dela! Ainda assim, estava certo de que não tentaria mais ouvir as conversas na mansão de Lady Arilyn. Depois de se despedir de Gawyn, fora ver a casa — chegara quase perto o bastante para sentir que a canalização prosseguia lá dentro, mas acabou indo embora depois de uma espiadela da esquina. Só de chegar perto, era tomada pela desconfortável sensação de que Nesune apareceria de repente atrás dela.

— Suas irmãs, é claro — retrucou Surandha, com uma risada. — O que mais deixaria as Sábias aos pinotes, como se tivessem sentado em espinhos de *segade*?

Surandha tinha belas feições fortes, além de grandes olhos azuis, e a risada só a deixava mais bonita. Era cerca de cinco anos mais velha que Egwene e conseguia canalizar com tanta força quanto muitas das Aes Sedai. A jovem aguardava, ansiosa, o chamado para ser dona do próprio forte. Claro que, enquanto isso, ainda pulava só de Sorilea *pensar* em mandá-la pular.

— Deveríamos mandar Sorilea ir falar com elas — sugeriu Egwene, aceitando uma xícara de chá de listras verdes que o *gai'shain* lhe ofereceu.

Gawyn havia comentado que a Jovem Guarda estava ocupando todos os quartos que as Aes Sedai tinham deixado livres, e mesmo assim parte deles teve que se hospedar nos estábulos — com isso, o rapaz deixara escapar que não havia mais espaço nem para uma copeira e que as Aes Sedai não pareciam preparar mais quartos. Uma boa notícia.

— Sorilea conseguiria fazer até mesmo Aes Sedai se sentarem direito — acrescentou Surandha, jogando a cabeça para trás de tanto rir.

A risada de Estair foi mais tímida e um pouco scandalizada. A jovem esbelta de olhos cinza e sérios costumava se comportar sempre como se houvesse uma Sábia de olho. Egwene ficava muito impressionada em pensar como Sorilea tinha uma aprendiz tão alegre e divertida, enquanto Aeron, uma mulher agradável e sorridente que nunca usava palavras ríspidas, tinha uma aprendiz que parecia caçar regras para obedecer.

— Acredito que seja por causa do *Car'a'carn* — ponderou Estair, completamente séria.

— Por quê? — perguntou Egwene, sem muita atenção.

Teria mesmo que evitar a cidade. A não ser pelos encontros com Gawyn, claro — por mais constrangedor que fosse ter que admitir, não abdicaria de encontrá-lo por

nada menos que a certeza de que Nesune a aguardava na sala privativa do Homem Comprido. O que significava que voltaria a caminhar ao redor das muralhas da cidade para se exercitar, no meio de toda a poeira do vento. Aquela manhã fora uma exceção, mas não daria nenhuma desculpa às Sábias para postergar seu retorno a *Tel'aran'rhiod*. Naquela noite, as mulheres se encontrariam sozinhas com as Aes Sedai de Salidar, mas, dali a sete noites, Egwene estaria com elas.

— O que ele fez agora? — indagou para as outras duas.

— Você não ficou sabendo? — perguntou Surandha.

Dali a dois ou três dias, poderia ir atrás de Nynaeve e Elayne, ou falar com elas em seus sonhos — tentar falar, ao menos. Nunca dava para ter certeza de que a pessoa sabia que aquilo era mais que um sonho, a menos que também estivesse habituada a se comunicar daquela forma, o que Nynaeve e Elayne decerto não estavam. Egwene só conversara com elas nos sonhos uma única vez. Em todo caso, pensar em se encontrar com elas ainda a deixava um tanto desconfortável, e tivera mais um quase pesadelo meio nebuloso a respeito. Quando uma das duas falava, tropeçava e caía de cara no chão, deixava cair uma xícara ou um prato ou derrubava um vaso — sempre algum objeto que se estilhaçava com o impacto. Desde que interpretara o sonho sobre Gawyn se tornar seu Guardiã, vinha fazendo o mesmo esforço com todos os outros sonhos que tinha. Claro que ainda não conseguira nenhuma interpretação sensata, mas tinha certeza de que aquele sonho em especial guardava algum significado. Talvez fosse melhor esperar o encontro seguinte para falar com uma das duas. Além disso, poderia acabar trombando de novo com os sonhos de Gawyn, ser atraída para eles. Suas bochechas coravam só de pensar.

— O *Car'a'carn* voltou — anunciou Estair. — Ele vai se encontrar com suas irmãs hoje à tarde.

Gawyn e os sonhos desapareceram da mente, e Egwene franziu o cenho para a xícara de chá. Duas visitas em dez dias. Era atípico dele voltar em tão pouco tempo. Por que teria vindo? Será que soubera das Aes Sedai enviadas da Torre? Como? Além disso, só a presença dele já provocava a pergunta de sempre: *como ele faz aquilo?*

— Como ele faz o quê? — indagou Estair.

Egwene piscou, sobressaltada, reparando que falara em voz alta.

— Como ele consegue me deixar com esse nó no estômago?

Surandha balançou a cabeça em comiseração, mas também sorriu:

— Ele é homem, Egwene.

— Ele é o *Car'a'carn* — ressaltou Estair, com muita ênfase e mais que um toque de reverência. Egwene não ficaria surpresa se ela passasse a usar aquela faixa idiota enrolada na cabeça.

Surandha logo confrontou Estair, querendo saber como a outra mulher conseguiria lidar com um chefe de forte ou, pior ainda, um chefe de clã ou de ramo, se não entendia que nenhum homem deixava de ser homem só porque era um líder. Estair

retrucou, enfática, que o caso do *Car'a'carn* era diferente. Mera, uma das mais velhas na tenda, que viera para visitar a filha, inclinou-se na direção das três e disse que lidar com qualquer chefe, fosse de forte, de ramo, de clã ou o próprio *Car'a'carn*, era o mesmo que lidar com um marido. O comentário suscitou uma gargalhada de Baerin, também ali para visitar a filha, que completou dizendo que aquela era uma boa maneira de fazer uma senhora do teto depositar sua faca aos pés dela — uma declaração de rixa. Baerin tinha sido Donzela antes de se casar, mas qualquer um poderia declarar uma rixa contra qualquer Aiel que não fosse uma Sábia ou um ferreiro. Não importava: antes mesmo que Mera terminasse seu primeiro comentário, todas as presentes — exceto os *gai'shain*, claro — já tinham se metido na conversa, massacrando a pobre Estair. O *Car'a'carn* era um chefe entre os chefes e nada mais, isso era certo. A conversa prosseguiu em uma discussão sobre se era melhor abordar um chefe diretamente ou por meio de sua senhora do teto.

Egwene não prestou muita atenção ao falatório. Claro que Rand não cometeria nenhuma tolice. Seu amigo se mostrara relutante em relação à carta de Elaida, mas, ainda assim, acreditara na sinceridade da mensagem de Alviarin — que, além de ser mais cordial, era absolutamente lisonjeira. Rand achava que tinha encontrado amigas e até mesmo seguidoras na Torre. Egwene duvidava muito. Com ou sem os Três Juramentos, estava convencida de que Elaida e Alviarin tinham mancomunado para escrever aquela segunda carta, mesmo com toda aquela besteirada de “servir sua glória”. Tudo não passava de uma artimanha para levá-lo até a Torre.

Encarando as próprias mãos, arrependida, Egwene suspirou e largou o chá. A xícara foi recolhida antes mesmo que pudesse afastar as mãos.

— Preciso ir — anunciou para as duas outras aprendizes. — Acabei de me lembrar que ainda preciso resolver um assunto.

Surandha e Estair falaram que queriam ir junto — na verdade, estavam prestes a se levantar e ir com ela, pois os Aiel nunca falavam da boca para fora —, mas algo no debate lhes chamou a atenção, e elas não discutiram quando Egwene insistiu que ficassem. Enrolando o xale de volta na cabeça e deixando as vozes cada vez mais elevadas para trás — Mera ia dizendo a Estair, sem um pinga de hesitação, que jovem até poderia se tornar uma Sábia, algum dia, mas que até lá ainda tinha muito o que aprender com uma mulher que dera conta de um marido e criara três filhas e dois filhos sem nenhuma esposa-irmã para ajudar —, Egwene saiu para a poeira e o vento.

Já na cidade, tentou se esgueirar pelas ruas cheias sem parecer muito furtiva, tentou ficar atenta aos arredores enquanto aparentava olhar apenas para o caminho que seguia. As chances de trombar com Nesune eram pequenas, mas... À frente, duas mulheres com vestidos muito sóbrios e aventais engomados deram um passo para o lado, desviando uma da outra. Por azar, ambas escolheram o mesmo lado e acabaram ficando cara a cara. Depois de murmurarem desculpas, deram mais um passo para o lado — o mesmo lado. Mais desculpas e, como se dançassem, foram

outra vez mais um passo para o mesmo lado. Quando Egwene as ultrapassou, as duas ainda estavam andando de um lado para o outro em perfeita sincronia, os rostos já corando, as desculpas sendo engolidas por trás dos lábios comprimidos. Egwene não fazia ideia de quanto tempo aquilo ainda poderia durar, mas serviu para lembrá-la de que Rand estava na cidade. Luz, quando ele estava por perto, não seria nem um pouco absurdo se acabasse de cara com as seis Aes Sedai da Torre justo no instante em que uma lufada de vento arrancasse seu xale da cabeça e três pessoas gritassem seu nome e a chamassem de Aes Sedai. Com ele por perto, não acharia absurdo nem se desse de cara com Elaida.

Avançou, apressada, cada vez mais preocupada com a possibilidade de sofrer a influência de *ta'veren* de Rand, o olhar cada vez mais irritado. Por sorte, uma Aiel irritada de rosto coberto — aquelas pessoas ao menos sabiam da diferença entre um xale e um véu? — fazia todos saírem do caminho, o que lhe permitia acelerar o passo até quase correr. Ainda assim, ela não respirou tranquila até se enfiar no Palácio do Sol, entrando por uma portinha de empregados que ficava nos fundos.

Um forte cheiro de comida no fogo pairava no corredor estreito, e mulheres e homens de libré andavam às pressas de um lado a outro. Foi recebida pelos olhares atônitos de alguns serviçais descansando sem o casaco e algumas criadas que se abanavam com o avental. Provavelmente não era comum ver ninguém além dos serviçais tão perto das cozinhas, muito menos uma Aiel. Todos pareciam esperar que ela fosse tirar uma lança de debaixo das saias.

Egwene apontou para um homenzinho rechonchudo que enxugava o pescoço com um lenço.

— Sabe onde está Rand al'Thor?

O sujeito levou um susto, voltando os olhos para os colegas, que já se afastavam. Ele batia os pés, ansioso, doido para ir atrás dos outros.

— O Lorde Dragão, é... Senhora? Nos aposentos dele? É o que eu acho, ao menos. — Ele começou a se virar de lado, curvando-se em uma mesura. — Se a Senhora... é... se milady me permitir, preciso voltar para o...

— Você vai me levar até lá — interrompeu Egwene, a voz firme. Dessa vez, não ficaria perambulando à toa.

Voltando os olhos uma última vez em busca dos amigos desaparecidos, o sujeito suprimiu um suspiro, lançou um rápido olhar assustado para ver se não a havia ofendido e disparou atrás do casaco. O homem sabia se orientar muito bem naquele emaranhado de corredores palacianos, andando rápido e fazendo uma mesura a cada curva. Quando, com uma última reverência, o sujeito enfim apontou para as portas altas decoradas com sóis nascentes dourados e vigiadas por uma Donzela e um Aiel, Egwene sentiu uma pontada de desdém e o dispensou. Não conseguia entender por que sentira aquilo quando o sujeito estava apenas fazendo o que era pago para fazer.

Quando ela se aproximou, o Aiel se levantou. Era um sujeito de meia-idade e *muito* alto, com um tórax e ombros que lembravam os de um touro e olhos cinzentos

e frios. Egwene não o conhecia, e o Aiel parecia prestes a mandá-la embora. Por sorte, ela conhecia a Donzela.

— Deixe-a passar, Marie — disse Somara, abrindo um sorriso. — Esta é a aprendiz de Amys, e também de Bair e Melaine. A única aprendiz que eu conheço que serve a três Sábias. E, pela cara dela, foi enviada às pressas com palavras bem contundentes para Rand al'Thor.

— Às pressas? — O gracejo de Marie não suavizou a dureza de seu rosto ou de seus olhos. — Parece mais que veio se arrastando.

Ele retomou a posição de guarda.

Egwene não precisou perguntar o que ele queria dizer. Desenterrou um lenço do fundo da bolsa do cinto e esfregou o rosto. Ninguém era levado a sério sujo daquele jeito, e Rand precisava ouvi-la com atenção.

— São mesmo palavras importantes, Somara. Espero que ele esteja sozinho. As Aes Sedai ainda não vieram?

O lenço voltou cinza, e ela o devolveu à bolsa com um suspiro.

Somara balançou a cabeça.

— Ainda falta um bom tempo para elas chegarem. Você vai pedir para ele tomar cuidado? Não tenho intenção de desrespeitar suas irmãs, mas ele se joga sem pensar onde vai cair. É muito cabeça-dura.

— Vou pedir, sim.

Egwene não conseguiu suprimir um sorrisinho. Já ouvira Somara falar daquele jeito, com o tom orgulhoso e exasperado que uma mãe teria ao falar de um filho excessivamente aventureiro de dez anos de idade — e ouvira o mesmo tom sendo usado por outras Donzelas. Só podia ser alguma brincadeira Aiel. Bem, mesmo que não entendesse do que se tratava, apoiava qualquer comportamento que evitasse que Rand acabasse muito cheio de si.

— Também vou mandar ele lavar as orelhas. — Somara até assentiu, antes de se conter e voltar à expressão séria. Egwene respirou fundo. — Somara, minhas irmãs não podem saber que estou aqui. — Marie, que examinava cada serviçal que cruzava o corredor, a encarou com curiosidade. Egwene precisava tomar cuidado. — Nós não somos muito próximas, Somara. Na verdade, dá para dizer que sempre fomos o mais distantes possível, em se tratando de irmãs.

— Não há rixa pior que as rixas entre irmãs-primeiras — afirmou Somara, assentindo. — Entre. Não direi nada a elas sobre você. E se a língua de Marie ficar muito agitada, dou um nó nela.

Marie apenas abriu um leve sorriso, sem nem olhar para Somara — a mulher batia abaixo de seu ombro e devia ter metade de seu peso.

As Donzelas sempre a mandavam entrar sem ser anunciada, o que já causara alguns constrangimentos, mas dessa vez ela não encontrou Rand tomando banho. Só de olhar, dava para notar que aqueles eram os antigos aposentos reais, e a antessala estava mais para uma miniatura de sala do trono — ou melhor, miniatura se

comparada à verdadeira. As únicas curvas na decoração eram os raios ondulados de um sol dourado, cada um de uma braçada de largura, gravados no piso de pedra polido. Espelhos altos em molduras de ouro austeras enfileiravam-se nas paredes sob largas faixas retas com douraduras, e a enorme cornija da lareira era toda de triângulos dourados que se sobrepunham feito escamas. Poltronas cobertas de douraduras estavam dispostas de cada lado do sol nascente, em duas fileiras tão rígidas quanto os espaldares altos, uma perfeitamente de frente para a outra. Rand estava sentado em uma poltrona com o dobro de douraduras e o espaldar duas vezes mais alto que as outras apoiada sobre um pequeno estrado também incrustado de douraduras. O jovem trajava um casaco de seda vermelho com bordados de ouro, ostentando uma careta de preocupação enquanto segurava aquela lança Seanchan entalhada apoiada no cotovelo. Parecia um rei — um rei prestes a cometer um assassinato.

Egwene apoiou os punhos cerrados na cintura.

— Somara disse que você devia ir lavar estas orelhas agora mesmo, meu jovem — ralhou, fazendo-o erguer a cabeça.

A surpresa e o leve ultraje duraram apenas um instante. Abrindo um sorriso, Rand se levantou e largou a ponta de lança no assento da cadeira.

— Luz, o que você andou fazendo? — perguntou ele, atravessando o aposento, agarrando-a pelos ombros e virando-a de frente para o espelho mais próximo.

Egwene fez uma careta involuntária. Que visão. A poeira que atravessara o xale — poeira não: já virara lama, com todo aquele suor — desenhava linhas em suas bochechas e espirais nos pontos de sua testa que esfregara com o lenço antes.

— Vou mandar Somara providenciar um pouco de água — afirmou ele, seco. — Talvez ela ache que é para as minhas orelhas.

Ah, aquele sorriso insuportável!

— Não precisa — respondeu Egwene, com o máximo de dignidade que conseguiu reunir. Não iria simplesmente se lavar com ele ali, assistindo. Puxou o lenço encardido da bolsa e tentou dar um jeito nas piores partes. — Daqui a pouco você vai se encontrar com Coiren e as outras. Não preciso avisar que elas são perigosas, preciso?

— Acho que você acabou de avisar. Bem, nem todas elas virão. Eu disse que não receberia mais que três, então apenas três foram enviadas. — Pelo espelho, Egwene notou a cabeça dele se inclinando, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Rand assentiu, a voz baixando até não passar de um murmúrio: — É, consigo dar conta de três, se não forem muito fortes. — De repente, ele pareceu notar que era observado. — Claro que, se alguma delas for Moghedien de peruca, ou Semirhage disfarçada, vou acabar encrencado.

— Rand, você precisa levar isso a sério. — O lenço não estava ajudando muito. Com toda a relutância do mundo, cuspiu no tecido para ver se melhorava. Não havia maneira digna de cuspir em um lenço. — Eu sei o quanto você é forte, mas elas são

Aes Sedai. Você não pode se comportar como se fossem apenas camponesas. Mesmo que ache que Alviarin *vai* se ajoelhar aos seus pés, junto com todas as amigas que trouxe, essas mulheres foram enviadas por Elaida. Você não pode acreditar que virão com qualquer intenção além de atar uma coleira em seu pescoço. Serei franca e direta: você deveria mandar todas embora.

— E confiar nas suas amigas escondidas? — indagou ele, a voz suave. Suave demais.

Egwene concluiu que não havia como dar jeito no rosto. Devia ter deixado Rand mandar trazer água. Bem, não tinha mais como pedir, não depois de ter recusado.

— Você sabe que não pode confiar em Elaida — advertiu, hesitante, virando-se para ele. Lembrando-se do desfecho da última conversa, não queria nem mencionar as Aes Sedai de Salidar. — Você sabe.

— Eu não confio em nenhuma Aes Sedai. Elas... — Ele hesitou, como se fosse usar alguma palavra... Egwene não fazia ideia de qual poderia ser. — Elas tentarão me usar, e eu tentarei usar cada uma delas. Uma bela troca, não acha?

Se Egwene algum dia tivesse considerado a possibilidade de deixá-lo chegar perto das Aes Sedai de Salidar, teria desistido ao ver o olhar de Rand — era tão duro e gélido que ela ficou arrepiada.

Talvez, se ele ficasse zangado o bastante, se trocasse farpas com Coiren até obrigar a missão diplomática a voltar para a Torre de mãos abanando...

— Se você acha uma bela troca, então suponho que seja. Você é o *Dragão Renascido*, afinal. Bem, já que pretende continuar com isso, então é melhor fazer as coisas direito. Só não se esqueça de que são Aes Sedai. Até um rei trata as mulheres da Torre com respeito, mesmo quando não concorda com o que dizem. E até um Rei iria correndo a Tar Valon, se fosse convocado. Até os Grão-senhores tairenos iriam, até Pedron Niall. — Ah, o tonto voltou a sorrir; ou pelo menos exibiu os dentes, já que o restante do rosto estava tão inexpressivo quanto uma pedra de rio. — Espero que esteja prestando atenção, estou tentando ajudar. — Bem, e estava. Só não do jeito que ele pensava. — Se quer usar essas mulheres, não pode deixá-las feito gatas arrepiadas. Elas não ficarão mais impressionadas do que eu com você, Dragão Renascido, mesmo com esses casacos enfeitados, esse trono e esse cetro idiota. — Egwene olhou com desprezo para a ponta de lança borlada. Luz, aquele troço lhe causava arrepios! — As Aes Sedai não cairão de joelhos quando chegarem, e você não vai morrer por isso. Também não vai morrer se demonstrar alguma cortesia. Curve esse seu pescoço teimoso. Não é humilhação agir com a deferência apropriada, mostrar um pouco de humildade.

— A deferência apropriada — repetiu ele, pensativo. Suspirando, Rand balançou a cabeça com pesar e passou a mão no cabelo. — Bem, suponho que eu não possa falar com uma Aes Sedai como falo com um lorde qualquer que vem tramando contra mim. É um bom conselho, Egwene. Vou tentar. Serei humilde feito um rato.

Tentando não parecer espantada, Egwene disfarçou os olhos arregalados

esfregando o rosto com o lenço. Não podia afirmar com certeza se os olhos estavam a ponto de saltar das órbitas, mas achou que deviam. A vida inteira, sempre que apontava que era melhor ir pela direita, Rand levantava o queixo e insistia na esquerda! Por que ele teve de escolher justo aquele momento para ouvi-la?

Havia algo de bom no jeito como as coisas estavam? Ao menos não faria mal a ele demonstrar algum respeito. Mesmo que elas estivessem do lado de Elaida, a ideia de alguém se mostrar impertinente com qualquer Aes Sedai de fato a aborrecia. Só que ela *queria* que ele fosse impertinente, tão arrogante quanto jamais havia sido. Não havia razão para tentar desfazer aquilo, não havia como. Ele não era obtuso. Apenas irritante.

— Foi só para isso que você veio? — indagou Rand.

Não podia ir embora, não ainda. Talvez tivesse uma chance de consertar as coisas, ou pelo menos de ter certeza de que Rand não era cabeça oca a ponto de concordar em ir para Tar Valon.

— Sabia que tem uma Senhora das Ondas do Povo do Mar num navio lá no rio, o *Borbotão*? — Era uma mudança brusca, mas para um assunto tão bom quanto qualquer outro. — Ela veio ver você, e ouvi dizer que a mulher já está ficando impaciente.

Ficara sabendo por Gawyn. Erian fora remando até o navio para descobrir o que o Povo do Mar estava fazendo tão dentro do continente, mas não recebeu permissão para embarcar. A mulher voltara em tal estado de espírito que, se não fosse Aes Sedai, diriam que estava prestes a explodir de ódio. Egwene tinha mais do que suspeitas de por que aquela gente estava ali, mas não as revelaria para Rand. Seria bom para ele finalmente se encontrar com alguém sem a expectativa de que a outra pessoa fosse se curvar a seus pés.

— Ao que parece, os Atha'an Miere estão por toda parte. — Rand se sentou em uma das cadeiras. Por algum motivo, parecia de bom humor. Egwene podia jurar que não tinha nada a ver com o Povo do Mar. — Berelain disse que tenho que me encontrar com essa Harine din Togara Dois Ventos, mas, se a mulher tiver metade do gênio que Berelain relatou, então pode esperar. Já tenho que lidar com uma boa quota de mulheres zangadas, por enquanto.

Aquilo era quase uma abertura, mas não era o suficiente.

— Não consigo entender por quê. Você é tão cativante. — Egwene se arrependeu assim que falou. Aquelas palavras só reforçavam o que *não* queria que ele fizesse.

Rand franziu o cenho — não pareceu nem ter ouvido o comentário ácido.

— Egwene, sei que você não gosta de Berelain, mas a questão não vai muito além disso, não é? Quer dizer, você é tão boa em se passar por Aiel que dá para imaginá-la se oferecendo para dançar as lanças com ela. Berelain estava incomodada com alguma coisa, parecia desconfortável, mas não queria dizer o que era.

Bem, talvez tivesse encontrado um homem que lhe tivesse dito não. Bastaria isso para deixar a Primeira de Mayene tremendo nas bases.

— Não troquei nem dez palavras com ela desde que saímos da Pedra de Tear, e não nos falamos muito mais que isso por lá. Rand, você não acha que...

Uma das portas se abriu só o suficiente para deixar entrar Somara, que a fechou depressa atrás de si.

— *Car'a'carn*, as Aes Sedai estão aqui.

Rand virou a cabeça para a porta, o rosto duro feito pedra.

— Elas só deveriam chegar daqui a...! Ah, estão pensando que vão me pegar de guarda baixa, é? Elas precisam aprender quem é que dita as regras por aqui.

Egwene não se importaria nem se as mulheres da Torre estivessem tentando flagrar Rand só com as roupas de baixo. Berelain desapareceu da sua mente. Somara gesticulou, discretamente, parecendo expressar sua pena de Egwene. Bem, também não se importava com aquilo. Se pedisse, sabia que Rand poderia evitar que as mulheres a levassem. Só teria que ficar perto dele dali em diante, para que as mulheres não a atacassem e a blindassem assim que botasse a cara na rua, levando-a embora às pressas. Bastava pedir e se colocar sob a proteção dele. A diferença era minúscula entre isso ou ser arrastada de volta para a Torre dentro de uma saca — tão tênue que lhe fez doer o estômago. Primeiro porque jamais se tornaria Aes Sedai se ficasse se escondendo atrás dele, segundo porque a ideia de ficar escondida atrás de quem quer que fosse a irritava demais. Só que as enviadas da Torre estavam bem ali, do outro lado da porta, e ela em menos de uma hora poderia acabar metida na tal saca, ou coisa parecida. Respirar fundo e bem devagar não surtiu nenhum efeito para acalmar seus nervos, tão à flor da pele.

— Rand, tem alguma outra saída? Se não tiver, vou me esconder em um dos outros quartos. Elas não podem saber que estou aqui. Rand? Rand! Está me ouvindo?

Rand respondeu, mas não estava falando com ela.

— Ah, você *está* aí! — sussurrou, rouco. — É coincidência demais você pensar nisso justo agora. — Ele encarava o nada com um olhar de fúria, talvez de medo. — Que o queime, me responda! Eu sei que você está aí!

Sem conseguir se conter, Egwene umedeceu os lábios. Somara o encarava com o que só poderia ser descrito como preocupação maternal — e Rand nem notava o gracejo da Aiel —, mas Egwene sentia o estômago se retorcer. Ele não podia ter enlouquecido tão rápido. Não podia. Ainda assim, parecia que Rand ouvira alguma voz oculta, momentos antes. Talvez tivesse falado com a tal voz.

Não se lembrava de ter se aproximado tanto dele, mas logo estava com a mão firme contra a testa de Rand. Nynaeve sempre dizia para primeiro verificar se havia febre, mas não fazia ideia se isso adiantaria, àquela altura... Se ao menos ela soubesse mais do que o básico sobre Cura. Bem, também não adiantaria nada. Não se ele estivesse...

— Rand...? Você está bem?

Ele se recompôs, afastou o rosto da mão dela e a encarou com desconfiança. No

momento seguinte, já estava de pé, segurando-a pelo braço, praticamente arrastando-a pela sala — ia tão depressa que Egwene quase tropeçou nas próprias saias enquanto tentava acompanhá-lo.

— Fique ali parada — ordenou, ríspido, deixando-a plantada ao lado do estrado, então se afastou um pouco.

Esfregando o braço com vigor suficiente para que Rand não deixasse de reparar, Egwene fez menção de ir atrás dele. Os homens não tinham noção de como eram fortes. Nem mesmo Gawyn, embora, no caso dele, ela não se importasse muito.

— O que você pensa que...?

— Não se mexa! — Então, contrariado, acrescentou: — Ah, que o queime, parece que ondula quando você se mexe. Vou prender no chão, mas mesmo assim é melhor não ficar se mexendo muito. Não sei de que tamanho consigo fazer, e agora não é hora de descobrir.

Somara ficou boquiaberta — deu para ver, mesmo ela tendo fechado a boca logo em seguida.

Prender o que no chão? Do que ele estava falando...? A compreensão se abateu sobre ela, tão de repente que esqueceu de se perguntar quem seria esse “ele”. Rand tecera uma trama de *saidin* em torno dela. Egwene arregalou os olhos. Estava ofegante, respirando rápido demais, mas não conseguia parar. Será que a trama estava muito perto? Cada fiapo de razão lhe dizia que a mácula não poderia escorrer das tramas que ele fizesse — Rand já a tocara com *saidin*, em outra ocasião. Ainda assim, pensar naquilo só fez piorar as coisas. Instintivamente, encolheu os ombros e segurou as saias à frente do corpo, as mãos bem juntas.

— O que...? O que você fez? — Ficou orgulhosa por ter mantido a voz firme. Podia até estar um pouquinho instável, mas nada perto da lamúria que queria deixar escapar.

— Olhe naquele espelho — retrucou ele, rindo. Rindo!

Ela obedeceu, meio a contragosto... e ficou sem fôlego. Ali, no espelho prateado, estava a cadeira dourada sobre o estrado. O reflexo também mostrava parte do aposento. Mas não havia nenhuma imagem dela.

— Eu estou... invisível — sussurrou.

Certa vez, Moiraine escondera todos eles por trás de uma cortina de *saidar*. Mas como Rand aprendera aquilo?

— Muito melhor do que se esconder debaixo da minha cama — comentou, dirigindo-se ao ar, os olhos fixos em um ponto um palmo à direita da cabeça dela. Como se Egwene sequer tivesse *cogitado* essa possibilidade! — Quero que você veja como sei ser respeitoso. Além do quê — ele assumiu um tom mais sério —, talvez você perceba algo que eu deixe passar. E talvez até esteja disposta a me contar o quê, mais tarde. — Com uma risada alta e curta, Rand subiu no estrado, pegou a ponta de lança borlada e se sentou. — Mande elas entrarem, Somara. Permita que a missão diplomática da Torre Branca fale com o Dragão Renascido.

O sorriso retorcido no rosto dele deixou Egwene quase tão desconfortável quanto a proximidade da urdidura de *saidin*. Quão perto estava aquele troço maldito?

Somara saiu da sala, e as portas se abriram de novo momentos depois.

Uma mulher de vestido azul-escuro, muito imponente e rechonchuda, que só podia ser Coiren, vinha à frente. A seu lado, porém uma passada atrás, vinha Nesune, usando uma lã simples marrom, junto de uma Aes Sedai de cabelos negros como penas de corvo trajando seda verde — era muito bonita, de rosto redondo, com lábios fartos e chamativos. Egwene desejou que as Aes Sedai sempre usassem as cores das suas Ajahs — as Brancas usavam sempre que podiam. Não sabia a Ajah daquela terceira mulher, mas não acreditava fosse uma Verde — não com o olhar firme que ela lançou a Rand no instante em que pôs os pés no aposento. Uma serenidade fria quase mascarava o desprezo em seus olhos — e talvez mascarasse, para alguém que não estivesse acostumado a lidar com Aes Sedai. Será que Rand tinha percebido? Talvez não, já que parecia concentrado em Coiren, cujo rosto era completamente indecifrável. Nesune, claro, estava atenta a tudo, os olhos de pássaro disparando para um lado e para o outro.

Egwene ficou muito grata pelo manto de invisibilidade que ele tecera. Deu batidinhas no rosto com o lenço, que ainda tinha nas mãos, então ficou paralisada. Rand disse que prenderia a trama no chão. Teria mesmo prendido? Luz, pelo pouco que sabia, poderia muito bem estar completamente exposta. Mas então o olhar de Nesune passou por ela sem nenhuma pausa. O suor escorria pelo rosto. Pingava. Que a Luz queimasse Rand! Ficaria perfeitamente feliz escondida debaixo da cama dele.

Atrás das Aes Sedai veio mais uma dúzia de mulheres com roupas simples e sobrecapas ásperas de linho pendendo das costas. A maioria era bem troncuda, mas parecia penar com o peso de dois baús nada pequenos, as alças de latão polido trabalhadas com a Chama de Tar Valon. As serviçais depositaram os baús no chão com suspiros de alívio bem audíveis, alongando os braços e as costas discretamente enquanto as portas se fechavam. Coiren e as outras Aes Sedai mergulharam em medidas na mais perfeita sincronia, ainda que não muito profundas.

Rand se levantou antes mesmo que as três Aes Sedai endireitassem as costas. O brilho de *saidar* cercava as três — tinham se unido. Egwene tentou se lembrar do que vira, de como aquilo era feito. Apesar do brilho intenso, nada abalou a calma em seus rostos quando Rand passou direto, indo até as serviçais, analisando cada um de seus rostos.

O que ele estava...? Ah, claro. Estava querendo se certificar de que nenhuma tinha o rosto de idade indefinida de uma Aes Sedai. Egwene balançou a cabeça, então voltou a ficar imóvel. Rand era um tolo se achava que aquilo bastava. Quase todas as servas pareciam já ter certa idade — não eram velhas, mas já tinham a marca da passagem dos anos —, só que duas eram jovens o bastante para terem sido elevadas havia pouco tempo. Nenhuma era — Egwene só conseguia sentir a capacidade de canalização das três Aes Sedai, e estava perto o bastante para ter

sentido, caso houvesse a fagulha em alguma das outras mulheres. Ainda assim, Rand não podia afirmar só de olhar se aquelas mulheres eram ou não capazes de manejar o Poder.

Rand estendeu a mão e ergueu o queixo de uma jovem robusta, encarando-a com um sorriso.

— Não tenha medo — disse ele, baixinho. A mulher cambaleou como se estivesse prestes a desmaiar. Com um suspiro, Rand deu meia-volta. Nem olhou para as Aes Sedai quando passou por elas.

— Vocês não vão canalizar perto de mim — advertiu, firme. — Soltem.

Nesune pareceu pensativa por uma fração de segundo, mas as outras duas permaneceram completamente serenas enquanto ele voltava a se sentar e esfregava o braço. Egwene estivera presente quando ele desenvolveu aquela comichão. Rand acrescentou, com uma voz mais firme:

— Eu disse que vocês não vão canalizar perto de mim. Não vão nem abraçar *saidar*.

Houve um longo momento de hesitação, e Egwene rezou em silêncio. O que Rand faria se as mulheres continuassem abraçando a Fonte? Tentaria cortar a conexão? Interromper o acesso a *saidar* depois que a mulher já o abraçara era bem mais difícil do que criar uma barreira antes de acontecer. Não sabia nem se ele conseguiria lidar com três mulheres ao mesmo tempo, ainda por cima unidas. E pior — o que elas fariam se Rand tentasse alguma coisa? O brilho esvaneceu, e Egwene conseguiu — por pouco — suprimir um enorme suspiro de alívio. Aquela trama que ele fizera a tornava invisível, mas obviamente não isolava o som.

— Bem melhor. — Rand abriu um sorriso caloroso voltado para as três, mas o calor não chegou aos seus olhos. — Vamos começar de novo. Vocês são convidadas de honra e acabaram de entrar aqui neste exato momento.

Elas entenderam, claro. Rand não estava apenas supondo que as três estavam canalizando — ele sabia. Coiren se enrijeceu de leve, e a mulher de cabelos escuros como um corvo arregalou os olhos. Nesune apenas assentiu para si mesma, acrescentando aquilo às anotações mentais. Egwene torcia para que ele tomasse cuidado — Nesune não deixaria passar nada.

Com esforço visível, Coiren tratou de se acalmar, alisou o vestido e quase ajustou um xale que nem ao menos estava usando.

— Eu tenho a honra — anunciou, com uma voz límpida — de ser Coiren Saeldain Aes Sedai, Embaixadora da Torre Branca e emissária de Elaida do Avriny a'Roihan, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin.

Com apresentações um pouco menos floreadas, ainda que com as honrarias completas de Aes Sedai, ela anunciou as outras duas. A mulher de olhar firme e cabelos negros era Galina Casban.

— Eu sou Rand al'Thor.

A simplicidade assinalava um contraste nítido. Corina não mencionara o título de

Dragão Renascido e ele também não, mas aquela omissão pareceu fazer o título ressoar de leve pela sala.

Coiren respirou fundo, inclinando a cabeça como se ouvisse o tal sussurro.

— Trazemos um nobre convite ao Dragão Renascido. O Trono de Amyrlin tem plena consciência de que os sinais foram dados e as profecias foram cumpridas, de que... — A mulher, sempre com uma voz alta e límpida, chegou rápido demais ao ponto, dizendo que Rand deveria acompanhá-las, “com a honra e o respeito merecidos”, até a Torre Branca, e que, caso ele aceitasse o convite, Elaida oferecia a proteção da Torre e todo o peso de sua autoridade e influência por trás do título de Amyrlin. Seguiu-se mais uma boa dose de discursos floreados antes que ela terminasse com um: — ... e, como símbolo de boa vontade, o Trono de Amyrlin envia este humilde presente.

Coiren se virou para os baús e ergueu as mãos. Então ficou parada, abrindo uma leve careta de irritação. Precisou gesticular duas vezes até que as serviçais compreendessem o que ela queria e puxassem as alças de latão para abrir as tampas dos baús. Ao que parecia, a mulher tivera intenção de abrir as tampas usando *saidar*. Os baús estavam completamente cheios de sacas de couro. Depois de um outro gesto, mais firme, as serviçais começaram a desamarrá-las.

Egwene conteve um suspiro. Não era de se surpreender que aquelas mulheres tivessem precisado de tanto esforço para carregar os baús! As sacas abertas tiveram seu conteúdo derramado: moedas de ouro de todos os tamanhos, anéis reluzentes, colares cintilantes e gemas soltas. Mesmo se as sacas logo abaixo da primeira camada contivessem apenas entulho, tratava-se de uma fortuna.

Reclinando-se na poltrona em forma de trono, Rand examinava os baús com um princípio de sorriso. As Aes Sedai o analisavam, os rostos cobertos com suas máscaras de autocontrole, mas Egwene achou ver um quê de complacência nos olhos de Coiren e um leve desdém nos lábios carnudos de Galina. Mas Nesune... Nesune representava o verdadeiro perigo.

As tampas se fecharam de repente, sem que ninguém as tocasse. As serviçais deram um pinote para trás, sem sequer abafarem os gritinhos de susto. As Aes Sedai se enrijeceram, e Egwene rezava com a mesma intensidade com que o suor escorria do corpo. Claro que queria um Rand arrogante e um tanto insolente, mas apenas o bastante para deixar as três irritadas, não a ponto de elas decidirem tentar amansá-lo ali mesmo.

Foi então que lhe ocorreu que, até o momento, Rand não mostrara nada daquele lado “humilde feito um rato”. Ah, ele nunca sequer tivera a intenção de mostrar humildade, apenas zombara dela! Se não estivesse tão aterrorizada, iria até ele e lhe daria uma bela bofetada na orelha.

— É bastante ouro — afirmou Rand. Parecia tranquilo, o sorriso enchendo o rosto todo. — Eu sempre encontro utilidade para ouro. — Egwene apenas piscou, surpresa. Rand soava quase ganancioso!

Coiren respondeu com um sorriso, uma imagem perfeita de arrogância ponderada.

— O Trono de Amyrlin é de extrema generosidade, claro. Quando você chegar à Torre Branca...

— Quando eu chegar à Torre — interrompeu Rand, como se pensasse alto. — Sim, mal posso esperar pelo dia em que entrarei na Torre. — Ele se inclinou um pouco para a frente, apoiando o cotovelo no joelho, o Cetro do Dragão dependurado para além das pernas. — Mas, entendam, não posso ir imediatamente. Primeiro tenho compromissos por aqui, além de em Andor e em outros lugares.

Coiren comprimiu os lábios apenas por uma fração de segundo. Ainda assim, sua voz se manteve tranquila e firme como sempre.

— Com certeza não fazemos nenhuma objeção a descansar alguns dias por aqui antes de iniciarmos a jornada de volta a Tar Valon. Enquanto isso, permita-me sugerir que uma de nós fique disponível para aconselhá-lo em caso de necessidade. Ouvimos falar, claro, do triste destino de Moiraine. Não posso me oferecer, mas Nesune e Galina estão à disposição.

Rand analisou a dupla, franzindo o cenho, e Egwene prendeu a respiração. Ele mais uma vez parecia estar ouvindo alguma voz — ou tentando ouvir. Nesune o encarava com a mesma atenção com que ele a analisava. Galina alisou as saias por reflexo, sem nem reparar no que seus dedos faziam.

— Não — respondeu, por fim, recostando-se de volta e repousando os cotovelos nos braços da poltrona. Com aquilo, Rand a fazia parecer ainda mais um trono. — Não é muito seguro. Eu não gostaria que uma de vocês, por acidente, acabasse com uma lança atravessada entre as costelas. — Coiren abriu a boca para protestar, mas ele continuou falando. — Para sua própria segurança, nenhuma de vocês deve ficar a menos de uma milha de mim sem minha permissão. Aliás, o melhor é também manterem essa distância do Palácio, a não ser que eu permita. Vocês serão informadas quando eu estiver pronto para acompanhar a comitiva de volta a Tar Valon. Eu prometo. — Rand se levantou de repente. De cima do estrado, ficava alto o bastante para que as Aes Sedai precisassem levantar o pescoço, e as três deixaram muito claro que desgostavam daquilo tanto quanto das restrições impostas. Três rostos entalhados em pedra ergueram os olhos para fitá-lo. — Agora vou deixar que voltem ao seu descanso. Quanto mais rápido eu conseguir resolver certas questões, mais rápido poderei ir para a Torre. Mandarei avisar quando pudermos nos encontrar outra vez.

As três não ficaram nada satisfeitas com aquela dispensa tão súbita, muito menos com o fato de terem sido dispensadas. Eram as Aes Sedai que definiam quando uma audiência se encerrava. Ainda assim, havia pouco que pudessem fazer além de reverências mínimas, a contrariedade quase esfacelando a famosa calma das mulheres da Torre.

Quando davam meia-volta para ir embora, Rand se pronunciou mais uma vez, em um tom casual:

— Esqueci de perguntar: como está Alviarin?

— Está bem. — Galina passou alguns instantes boquiaberta, os olhos arregalados. Parecia surpresa por ter respondido.

Coiren hesitou, prestes a usar aquela abertura para falar mais, porém Rand já dava sinais de impaciência, quase batendo os pés no chão. Quando as mulheres saíram, ele desceu do tablado ainda carregando a ponta de lança, os olhos fixos nas portas que se fecharam atrás delas.

Egwene não perdeu tempo, foi logo avançando para cima dele.

— Que jogo é este que você está jogando, Rand al'Thor? — Já avançara quase cinco passos quando um vislumbre de seu reflexo nos espelhos a fez perceber que atravessara a tessitura de *saidin*. Pelo menos não reparara quando foi tocada por aquelas tramas cheias de mácula. — Pois bem?

— Ela é uma das mulheres de Alviarin — comentou ele, em tom pensativo. — Galina. Ela é uma das amigas de Alviarin. Posso até apostar.

Egwene parou diante dele e fungou com desdém.

— Você perderia sua moeda e ainda acabaria com um ancinho no próprio pé. Se Galina não é Vermelha, nunca vi uma Vermelha na vida.

— Só porque ela não gosta de mim? — Rand a encarava, e Egwene quase desejou que ele desviasse os olhos. — Porque ela tem medo de mim? — Ele não franziu a testa nem olhou feio para ela. Nem ao menos a encarava com dureza. Ainda assim, seus olhos pareciam saber coisas que ela desconhecia. Egwene *odiou* aquela sensação. O sorriso de Rand surgiu tão de repente que ela teve que piscar. — Egwene, espera que eu acredite que você consegue identificar a Ajah de uma mulher só de olhar para o rosto dela?

— Não, mas...

— Seja como for, até as Vermelhas podem acabar me seguindo. Elas conhecem as Profecias tão bem quanto qualquer um. “A torre imaculada se divide e se ajoelha perante o símbolo esquecido.” Foram escritas antes de existir uma Torre Branca, mas o que mais poderia ser essa “torre imaculada”? E o símbolo esquecido? É meu estandarte, Egwene, com o antigo símbolo Aes Sedai.

— Que o queime, Rand al'Thor! — O xingamento que escapou de seus lábios soava mais estranho do que Egwene esperava. Não estava acostumada a dizer aquele tipo de coisa. — Que a Luz o queime! Você não pode estar pensando em ir mesmo com elas. Não pode!

Rand abriu um sorriso divertido. Divertido!

— Ora, eu não fiz o que você queria? Fiz o que você me disse para fazer *e* o que você queria.

Ela comprimiu os lábios, indignada. Já era ruim que ele soubesse que seus planos tinham falhado, mas era uma verdadeira grosseria jogar na cara dela daquele jeito.

— Rand, por favor, me escute. Elaida...

— A questão é como fazer você voltar para as tendas sem elas descobrirem sua

presença. Acho que elas têm olhos-e-ouvidos no Palácio.

— Rand, você precisa...

— Que tal escapulir dentro de um daqueles cestos grandes da lavanderia? Posso mandar duas Donzelas carregarem.

Egwene quase gritou de frustração. Rand estava tão ansioso para se ver livre dela quanto das Aes Sedai.

— Pode deixar que meus próprios pés já são o bastante, obrigada. — Um cesto de lavanderia, ora essa! — Se me dissesse como faz para vir de Caemlyn para cá na hora que quiser, eu não precisaria me preocupar. — Ela não entendia por que era tão difícil perguntar a ele. — Sei que você não tem como me ensinar, mas, se me dissesse como faz, talvez eu pudesse dar um jeito de imitar o truque usando *saidar*.

Em vez de zombar dela, o que Egwene já praticamente esperava que acontecesse, Rand segurou as pontas de seu xale com ambas as mãos.

— Tem o Padrão — começou ele. — Aqui é Caemlyn — um dos dedos da mão esquerda se ergueu, elevando o tecido de lã —, e aqui é Cairhien. — Um dedo da outra mão se ergueu do outro lado, então ele uniu as pontas dos dois dedos. — Eu dobro o Padrão, então faço um buraco de um ponto ao outro. Não sei o que é que escavo para abrir esse buraco, mas não há espaço entre uma ponta e a outra. — Ele deixou o xale cair. — Isso ajuda?

Egwene mordeu o lábio e encarou o xale de cenho franzido, amargurada. Não ajudava em nada. Ficava enjoada só de pensar em abrir um buraco no Padrão. Tivera a esperança de que fosse ser como algo que ela descobrira em relação a *Tel'aran'rhiod* — não que pretendesse usar sua descoberta, claro, mas tivera todo aquele tempo nas mãos, e as Sábias não paravam de resmungar a respeito das perguntas das Aes Sedai sobre como entrar lá em carne e osso. Egwene achava que a solução seria criar uma semelhança — esse parecia o único meio de descrever o que precisava ser feito — entre o mundo real e seu reflexo no Mundo dos Sonhos. O que criaria um lugar onde seria possível simplesmente passar de um mundo para o outro. Se a Viagem de Rand tivesse uma relação mínima com isso, Egwene estaria disposta a tentar. Mas aquilo... *Saidar* sempre obedecia aos desejos de quem canalizava, bastava se ter consciência de que o Poder era muito mais forte que qualquer pessoa e precisava ser conduzido com delicadeza. Tentar forçar algo errado poderia resultar em morte, ou a pessoa acabaria exaurida antes mesmo de conseguir gritar.

— Rand, tem certeza de que não existe um meio de tornar as coisas mais iguais... ou... — Não sabia explicar. Em todo caso, ele balançou a cabeça antes mesmo que ela começasse a diminuir a voz em busca das palavras certas.

— Me parece muito que essa sua ideia mudaria a tessitura do Padrão. Acho que eu acabaria destruído se tentasse. Eu só faço um buraco — completou, cutucando-a para demonstrar.

Bem, não havia sentido em tentar aprender aquilo. Egwene ajeitou o xale, irritada.

— Rand, e quanto ao Povo do Mar? Não sei nada sobre eles além do que li. — Na

verdade sabia, mas não contaria a ele. — Mas deve ser um assunto importante para eles virem tão longe só para falar com você.

— Luz — murmurou Rand, distraído —, você pula de um assunto a outro feito uma gota d'água na frigideira quente. Vou receber o Povo do Mar quando tiver tempo. — Ele esfregou a testa, e seus olhos pareciam não ver. Então piscou, e já a encarava de novo. — Pretende ficar aqui até elas voltarem?

Ao que parecia, Rand queria mesmo se ver livre dela.

Egwene parou diante da porta, antes de sair, mas Rand já começara a andar de um lado a outro pela sala, as mãos entrelaçadas às costas, falando sozinho. Falava bem baixo, mas ela conseguiu entender uma parte:

— Que o queime, onde você está se escondendo? Sei que está aí!

Arrepiada, Egwene saiu. Se Rand estivesse mesmo enlouquecendo, não havia o que fazer. Bem, haveria de ser o que a Roda tecesse, e teriam que lidar com a tessitura que viesse.

Egwene se obrigou a se acalmar quando notou que estava atenta aos serviços que passavam de um lado a outro do corredor, perguntando-se quais seriam agentes das Aes Sedai. Haveria de ser o que a Roda tecesse. Cumprimentando Somara com um meneio de cabeça, ela endireitou os ombros e fez um esforço enorme para não sair correndo até a entrada de serviço mais próxima.

* * *

Não havia muita conversa no interior da melhor carruagem de Arilyn, que partia do Palácio do Sol seguida pelo carroção que antes levara os baús, mas que agora transportava apenas as serviços e o condutor. Nesune, que passara um tempo tamborilando sobre as costuras do banco de couro, começou a bater os dedos contra os lábios, pensativa. Que jovem interessante. Um objeto de estudo fascinante. Seu pé encostou em uma das caixas para catalogação de espécimes sob o assento — Nesune nunca ia a lugar algum sem seus compartimentos apropriados para catalogar os novos espécimes que encontrasse. Era de se pensar que o mundo inteiro já tivesse sido catalogado, mas, desde que partiram de Tar Valon, ela já armazenara cinquenta plantas, o dobro de insetos, a pele e os ossos de uma raposa, três tipos de cotovias e nada menos que cinco espécies de esquilos terrestres que tinha certeza de que ainda não estavam em nenhum registro.

— Eu não sabia que você e Alviarin eram amigas — comentou Coiren, depois de um tempo.

Galina fungou com desdém.

— Não é preciso ser amiga dela para saber que ela estava bem quando partimos.

Nesune se perguntou se Galina sabia que estava fazendo um beicinho de irritação.

Bem, talvez fosse apenas o formato natural da boca... ora, a pessoa precisava aprender a lidar com o próprio rosto.

— Acha que ele sabia mesmo? — prosseguiu Galina. — Que ele sabia que estávamos... não é possível. Devia ser um palpite.

Nesune quase se aprumou, atenta, mas não parou de tamborilar os lábios. Era um esforço óbvio para mudar de assunto, assim como um sinal de que Galina estava nervosa. O silêncio persistira por todo aquele tempo porque ninguém queria tocar no nome de al'Thor. Ao mesmo tempo, parecia não haver nenhum outro assunto possível. Por que Galina não queria falar sobre Alviarin? As duas decerto não eram amigas; era raro uma Vermelha ter amizade com alguém de outra Ajah. Nesune registrou a dúvida em seu arquivo mental.

— Se era só um palpite, ele poderia fazer fortuna nas apostas das feiras. — Coiren não era boba. Era explosiva até além da conta, mas não era nada boba. — Não importa o quanto essa ideia pareça ridícula, temos que presumir que ele pode sentir *saidar* numa mulher.

— Isso pode ser um desastre — resmungou Galina. — Não, não é possível. Só pode ter sido um palpite. Qualquer homem capaz de canalizar presumiria que estávamos abraçadas a *saidar*.

Nesune realmente se irritava com aquele beicinho; se irritava com aquela expedição toda. Estaria mais do que feliz em fazer parte da empreitada se tivessem lhe pedido para ir, mas Jesse Bilal não pedira, apenas a colocara no cavalo quase à força. Não importava como eram as coisas nas outras Ajahs, ninguém esperava que a líder do conselho das Marrons agisse daquela forma. E o pior de tudo era que suas acompanhantes estavam tão concentradas no jovem al'Thor que pareciam ter ficado cegas para qualquer outra coisa.

— O que acharam da irmã presente naquela audiência? — indagou, pensando alto.

Talvez não fosse uma irmã — sempre encontrava três Aiel quando ia à Biblioteca Real, e duas delas eram capazes de canalizar. Ainda assim, queria ver as reações das outras. Não estava desapontada — ou melhor, estava. Coiren apenas se endireitou, mas Galina a encarou, chocada. Nesune fez um esforço enorme para conter um suspiro. As duas realmente eram cegas. Tinham ficado a poucas passadas de uma mulher capaz de canalizar, mas não a sentiram só porque não podiam enxergá-la.

— Não sei como ela se escondeu — prosseguiu —, mas vai ser interessante descobrir.

Só podia ter sido obra dele, já que as três teriam notado qualquer tessitura de *saidar*. As outras não perguntaram se ela tinha certeza, pois sabiam que ela sempre deixava claro quando estava apenas conjecturando.

— É uma confirmação de que Moiraine está viva — declarou Galina, recostando-se no assento da carruagem com um sorriso sombrio. — Minha sugestão é mandar Beldeine atrás dela. Aí nós a pegamos e a deixamos amarrada no porão. Isso vai manter a mulher longe de al'Thor, pelo menos. E podemos arrastar Moiraine de

volta para Tar Valon junto com o garoto. Duvido de que ele vá perceber, basta ofuscar sua vista com bastante ouro.

Coiren balançou a cabeça com vigor, em uma negativa enfática.

— Não temos nenhuma confirmação a mais do que já tínhamos, não de Moiraine. Pode ser essa Verde misteriosa. Quanto a essa ideia de descobrir quem quer que seja, eu concordo. Mas precisamos pensar bem antes de agir. Não vou arriscar todo o nosso plano, feito com tanto cuidado. Temos que nos manter cientes de que al'Thor tem uma ligação com essa irmã, quem quer que ela seja, e que ele pode ter pedido mais tempo apenas como uma estratégia. Por sorte, temos tempo.

Galina assentiu, ainda que relutante — a mulher se casaria e iria morar em uma fazenda antes de arriscar os planos.

Nesune se permitiu um suspiro tímido. Além daquela pompa toda, o outro único verdadeiro defeito de Coiren era sua mania de afirmar o óbvio. A mulher de fato tinha a cabeça boa, quando a usava. E de fato tinham tempo. Seu pé encostou outra vez em uma das caixas de espécimes catalogados. Não importava como tudo transcorreria, o registro que pretendia escrever sobre al'Thor seria o ápice de sua vida.





CARTAS

Lews Therin *estava* lá — Rand tinha certeza —, mas em sua mente não havia nenhum sussurro que não fosse dele próprio. No restante do dia, chegou a tentar pensar em outras coisas, por mais inúteis que fossem. Berelain quase perdeu as estribeiras com o tanto de vezes que ele apareceu do nada para perguntar sobre algum assunto que ela era perfeitamente capaz de resolver sozinha. Rand não tinha certeza, mas achava que a mulher começara a evitá-lo. Até Rhuarc começou a se mostrar incomodado depois da décima vez que Rand o encurralou querendo falar sobre os Shaido — os Shaido estavam imóveis, e Rhuarc só via duas saídas: deixá-los em paz na Adaga do Fratricida ou expulsá-los à força. Herid Fel tinha saído sem destino, o que Idrien logo apontou que ele fazia com frequência, ocasiões em que nunca era encontrado em lugar nenhum — quando Fel se perdia em pensamentos, às vezes também se perdia pela cidade. Rand acabou gritando com a diretora. Fel não era culpa dela, muito menos sua responsabilidade, mas Rand a deixou pálida e trêmula. Seu humor oscilava feito uma rajada de trovões varrendo o horizonte. E também gritou com Meilan e Maringil até os dois começarem a tremer nas bases e se retirarem, pálidos, além de reduzir Colavaere a lágrimas e ter chegado a pôr Anaiyella para correr, as saias erguidas até os joelhos. Inclusive, quando Amys e Sorilea foram perguntar o que ele tinha conversado com as Aes Sedai, gritou com as duas também — pela cara que Sorilea fez enquanto as suas Sábias iam embora, suspeitou de que fosse a primeira vez que alguém erguia a voz para ela na vida. Estava incomodado por saber — *sem sombra de dúvida* — que Lews Therin estava ali, que era mais do que uma voz, era um homem escondido dentro de sua cabeça.

Quando a noite caiu, quase teve medo de adormecer, medo de Lews Therin assumir o controle enquanto ele dormia. Quando enfim conseguiu dormir, não parou de se remexer e resmungar em meio a sonhos turbulentos. O primeiro raio de luz que entrou pelas janelas já o acordou — estava de olhos ardidos, embolado em meio aos lençóis molhados de suor, com as pernas doloridas e um gosto de cavalo morto havia

seis dias na boca. Todos os sonhos que recordava eram ele correndo de algo que não conseguia ver. Levantou-se da imensa cama de dossel e foi até o lavatório coberto de douraduras. O céu lá fora ainda estava ficando cinza, então os *gai'shain* que trariam a água fresca ainda não tinham aparecido. Bem, a água da noite anterior bastaria.

Estava quase terminando de se barbear quando parou, a lâmina apoiada na bochecha, encarando o próprio reflexo no espelho da parede. Fugindo. Nos sonhos, tivera certeza de que estava correndo para fugir dos Abandonados, ou do Tenebroso, ou de Tarmon Gai'don — talvez até de Lews Therin. Estava tão cheio de si... *claro* que o Dragão Renascido sonharia que era perseguido pelo Tenebroso. Apesar de sempre protestar que ainda era Rand al'Thor, parecia ser tão fácil para ele se esquecer quanto para qualquer outro. Na verdade, Rand al'Thor tinha fugido de Elayne, de seu medo de amar Elayne, assim como fugira do medo de amar Aviendha.

O espelho se espatifou, os estilhaços caíram no lavatório de porcelana. Os pedaços que sobraram na moldura refletiam uma imagem fragmentada de seu rosto.

Rand soltou *saidin*, enxaguou com cuidado os últimos resquícios de espuma do rosto e se demorou em guardar a lâmina de barbear. Nada mais de correr. Faria o que tinha de fazer, mas sem correr.

Quando saiu, duas Donzelas aguardavam no corredor. Harilin, uma ruiva magricela mais ou menos de sua idade, saiu correndo em busca das outras assim que o viu. Chiarid, uma loura de olhar alegre com idade para ser sua mãe, o acompanhou pelos corredores — os poucos serviçais que circulavam ficaram surpresos em vê-lo tão cedo. Chiarid sempre gostava de fazer piada à custa de Rand quando estavam sozinhos — algumas ele até entendia. A mulher o via como um irmão mais novo que precisava de uns freios para não se envaidecer demais. Naquela manhã, percebendo seu humor, ela ficou calada. Até olhou feio para a espada, mas apenas uma vez.

Nandera e as outras Donzelas os alcançaram antes que chegassem à metade do caminho até o aposento reservado às Viagens. Elas também logo perceberam seu silêncio taciturno, assim como os homens de Mayene e os Olhos Negros que vigiavam a porta de entalhes quadrados. Rand estava começando a achar que conseguiria sair de Cairhien sem que ninguém dissesse uma palavra quando uma jovem usando o vermelho e azul característico dos serviçais de Berelain se aproximou, afobada, e curvou-se em uma mesura profunda justo no instante em que ele abriu o portão.

— A Primeira lhe enviou isso — anunciou a jovem, ofegante, estendendo uma carta com um selo grande e verde. Ela parecia ter corrido até ali. — É do Povo do Mar, milorde Dragão.

Rand enfiou a carta no bolso do casaco e deu um passo à frente, adentrando o portão, ignorando a pergunta da jovem sobre que resposta mandar. Queria um pouco de silêncio. Passou o polegar pelo entalhe do Cetro do Dragão. Seria firme e forte, nada mais de ficar se lamentando.

O ambiente escuro do Grande Salão de Caemlyn trouxe Alanna de volta. Ainda era noite, mas ela estava acordada — Rand sabia disso, assim como sabia que ela estivera chorando, assim como soube que as lágrimas cessaram apenas instantes depois de ele fechar o portão atrás da última Donzela. Ainda restava um emaranhado de emoções caóticas e indecifráveis no fundo da mente, mas tinha certeza de que a Verde sabia que ele voltara. Alanna e seu elo sem dúvida tinham contribuído para sua fuga, mas ele agora aceitava o elo, por mais que não gostasse. Esse pensamento quase o fez soltar uma risadinha amarga. Melhor aceitar, já que não havia o que fazer. Alanna atara nele um fio — Luz, que não passasse disso —, então supostamente só teria problemas se a deixasse se aproximar o bastante para transformar o fio em uma correia. Desejou que Thom Merrill estivesse ali. Thom devia saber tudo sobre Guardiões e elos; ele sabia sobre as coisas mais surpreendentes. Bom, encontraria o menestrel quando encontrasse Elayne. Era isso.

Saidin se abriu em um globo de luz; Fogo e Ar iluminando a saída do salão do trono. Muito acima, as antigas rainhas, cobertas pela escuridão, não o incomodavam nem um pouco. Eram apenas imagens em vidro colorido.

O mesmo não se podia dizer de Aviendha. Quando chegaram aos seus aposentos, Nandera dispensou todas as Donzelas menos Jalani, e as duas entraram com ele para vistoriar os quartos enquanto ele usava o Poder para acender as lâmpadas e largava o Cetro do Dragão em uma mesinha de mármore marchetada, embora com muito menos douraduras do que teria uma equivalente no Palácio do Sol. Toda a mobília ali seguia esse estilo, com menos ouro e mais entalhes, em geral de leões ou rosas. Um imenso carpete vermelho cobria o chão, bordado com rosas de fios de ouro.

Se não estivesse cheio de *saidin*, provavelmente não teria ouvido as passadas suaves das Donzelas. Mas Aviendha surgiu antes mesmo que as duas cruzassem a antessala, embora o barulho não passasse de um farfalhar. A jovem saiu pisando duro do dormitório ainda escuro, os cabelos desgrehados e a faca de cintura na mão. Completamente nua. Quando o viu, a ruiva enrijeceu feito um poste e entrou de volta quase correndo. Notou um leve brilho passar pelas frestas da porta — uma lâmpada acesa. Nandera soltou uma risadinha baixa e trocou olhares divertidos com Jalani.

— Nunca vou entender os Aiel — resmungou Rand, largando a Fonte. — A questão não era as Donzelas considerarem a situação engraçada, fazia tempo que desistira de compreender o humor Aiel. O problema era Aviendha, que achava *muito* engraçado se despir na frente dele antes de dormir, mas parecia uma gata escaldada quando revelava sequer um pedacinho de tornozelo sem querer. E claro que ele é que levava a culpa por ter visto.

Nandera deu mais uma risadinha.

— Não são os Aiel que você não entende, e sim as mulheres. Homem nenhum jamais conseguiu compreender as mulheres.

— Por outro lado, os homens são muito simples — observou Jalani.

Rand a encarou, o rosto ainda redondo feito o de uma criança, e ela corou de leve. Nandera parecia prestes a irromper em uma gargalhada.

Morte, sussurrou Lews Therin.

Rand se esqueceu de tudo em volta. *Morte? Como assim?*

A morte vem.

Que tipo de morte?, inquiriu Rand. *Do que você está falando?*

Quem é você? Onde estou?

Rand sentiu como se um punho apertasse sua garganta. Tivera tanta certeza, mas... Bem, era a primeira vez que Lews Therin deixava tão evidente que estava falando com ele. *Eu sou Rand al'Thor. Você está dentro da minha cabeça.*

Dentro...? Não! Eu sou eu mesmo! Eu sou Lews Therin Telamon! Eu sou eeeeeuuuuu!

O grito foi sumindo ao longe.

Volte aqui!, gritou Rand. *Que morte? Responda, que o queime!*

Silêncio. Ele se remexeu, inquieto. Saber era uma coisa, mas ter aquele homem morto dentro dele falando de morte... aquilo o fazia se sentir impuro, era como um leve toque da mácula de *saidin*.

Sentiu um toque no braço e quase voltou a agarrar a Fonte antes de perceber que era Aviendha. Considerando o tempo que se passara, a ruiva devia ter enfiado as roupas às pressas, mas parecia ter levado uma hora arrumando cada fio de cabelo. Diziam que os Aiel não demonstravam qualquer emoção, mas a verdade era que eles apenas eram mais reservados. Para quem sabia o que procurar, seus rostos revelavam tanto quanto o de qualquer povo. Aviendha parecia dividida entre a preocupação e a raiva.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estava só pensando — respondeu Rand.

Não deixava de ser verdade. *Responda, Lews Therin! Volte aqui e me responda!* Como ele podia ter pensado que gostaria de um pouco de silêncio?

Infelizmente, Aviendha acreditou no que ele disse. Como não havia nada com que se preocupar... ela apoiou as mãos cerradas na cintura. Ah, eis uma coisa que ele compreendia muito bem sobre as mulheres, fossem Aiel ou de Dois Rios ou de qualquer lugar: mãos cerradas em punhos na cintura eram sinônimo de problemas. Nem precisava ter se dado ao trabalho de acender as lamparinas, pois os olhos da ruiva, em brasas, já teriam bastado para iluminar a sala.

— Você saiu sem mim de novo. Prometi às Sábias que ficaria perto de você até chegar a hora de eu ir embora, mas você faz pouco caso da minha promessa. E isso faz com que você tenha *toh* para comigo, Rand al'Thor. Nandera, de agora em diante quero saber aonde ele vai e quando. E Rand não tem permissão de sair sem mim, já que tenho o dever de ficar junto dele.

Nandera não hesitou um instante sequer antes de assentir.

— Será como deseja, Aviendha.

Rand se virou, olhando para as duas.

— Ora, podem parar com essa história! Ninguém será informado das minhas idas e vindas, a não ser que eu mande.

— Eu dei minha palavra, Rand al'Thor — retrucou Nandera, impassível, encarando-o. Seus olhos demonstravam que a mulher não tinha a menor intenção de voltar atrás.

— E eu dou a minha — completou Jalani, com a mesma firmeza.

Rand abriu a boca, então fechou. Maldito *ji'e'toh*. Claro que seria inútil lembrar a elas que era o *Car'a'carn*. Aviendha pareceu um pouco surpresa por ele ter protestado — ao que parecia, já considerava o assunto resolvido. Rand se remexeu, incomodado, mas não por causa da jovem ruiva. Ainda sentia aquela impureza, agora mais forte. Talvez Lews Therin tivesse voltado. Rand o chamou em pensamento, mas não houve resposta.

Ouviram uma batidinha à porta e a Senhora Harfor entrou quase um segundo depois, fazendo a profunda reverência costumeira. A aparência impecável da Criada-chefe não dava sinais do horário cedo demais, claro — independentemente da hora do dia, Reene Harfor sempre parecia ter acabado de se vestir.

— Algumas pessoas vieram para a cidade, milorde Dragão, e Lorde Bashere achou que o senhor deveria ser informado o quanto antes. Lady Aemlyn e Lorde Culhan chegaram ontem ao meio-dia e estão hospedados com Lorde Pelivar. Lady Arathelle chegou uma hora mais tarde, com uma grande comitiva. Lorde Barel, Lorde Macharan, Lady Sergase e Lady Negara não vieram juntos, mas chegaram todos agora à noite, cada um com apenas alguns serviçais. Ninguém veio prestar seus respeitos ao Palácio. — A última frase saiu no mesmo tom impassível que não deixava transparecer sua opinião a respeito disso.

— Isso é uma boa notícia — respondeu Rand. E era, não importava que os nobres tivessem prestado seus respeitos ou não. Aemlyn e o marido, Culhan, eram quase tão poderosos quanto Pelivar, e Arathelle era a mais influente de todos, exceto por Dyelin e Luan. Os outros eram de Casas menores, e apenas Barel era um Grão-Trono de sua casa, mas os nobres que tinham se oposto a “Gaebril” estavam começando a se unir. Bem, claro que só seria uma boa notícia se encontrasse Elayne antes que o grupo decidisse tomar Caemlyn.

A Senhora Harfor o encarou por um instante, então lhe entregou uma carta com um selo azul.

— Isto foi entregue ontem à noite, bem tarde, milorde Dragão. Veio com um cavaliço. Um rapazote todo sujo. A Mestra das Ondas do Povo do Mar veio para a audiência e não ficou muito feliz ao descobrir que o Dragão não estaria aqui para recebê-la. — Desta vez, o tom de reprovação estava evidente, embora não desse para saber se era em relação à Mestra das Ondas, a Rand ter perdido a audiência ou à falta de higiene do mensageiro da carta.

Ele suspirou. Tinha se esquecido do Povo do Mar ali em Caemlyn. Bem, serviu

para lembrá-lo da mensagem que Berelain repassara em Cairhien. Rand pegou a carta e notou que tanto o selo verde quanto o azul tinham o mesmo padrão, embora não fosse possível distinguir o que era. A imagem gravada consistia em duas coisas que pareciam vasos achatados com uma linha ornamentada correndo de um a outro. As duas cartas estavam endereçadas ao “Coramoor”, fosse quem ou o que isso fosse. Supunha que fosse um título para ele próprio. Talvez fosse como o Povo do Mar chamava o Dragão Renascido.

Rompeu o selo azul primeiro. Não havia saudação, a mensagem era completamente distinta de qualquer outra coisa que Rand já vira endereçada ao Dragão Renascido.

Querendo a Luz, talvez o senhor algum dia retorne a Caemlyn. Como viajei de muito longe para vê-lo, talvez encontre tempo para recebê-lo quando retornar.

*Zaida din Paredde Asa-negra
Mestra das Ondas do Clã Catelar*

Ao que parecia, a Senhora Harfor tinha razão: a Mestra das Ondas não estava nada satisfeita. O selo verde não guardava mensagem muito melhor.

Se aprover à Luz, eu o receberei no convés do Borbotão assim que lhe for conveniente.

*Harine din Togara Dois Ventos
Mestra das Ondas do Clã Shodein*

— Alguma notícia ruim? — perguntou Aviendha.

— Eu não sei. Acho que não.

Ainda de cenho franzido para as cartas, Rand mal notou quando a Senhora Harfor recebeu uma mulher de uniforme vermelho e branco, com quem trocou algumas palavras sussurradas. Nenhuma daquelas mulheres do Povo do Mar parecia alguém que ele desejasse encontrar. Já lera todas as traduções das Profecias do Dragão que encontrara, e, embora as mais claras quase sempre fossem muito nebulosas, não se lembrava de nada que mencionasse os Atha'an Miere. Talvez fossem um povo intocado por ele ou Tarmon Gai'don, já que viviam em navios no mar e em ilhas longínquas. Devia um pedido de desculpas àquela Zaida, mas talvez pudesse enrolá-la mandando Bashere em seu lugar — ele tinha títulos suficientes para saciar a

vaidade de qualquer um.

A serviçal recém-chegada se atirou de joelhos diante dele, a cabeça coberta de branco abaixada, as mãos erguidas bem alto para oferecer uma terceira carta, essa em um pergaminho grosso. Rand hesitou, encarando a postura subserviente da mulher. Nem em Tear vira uma criada tão servil, quem dirá em Andor. A Senhora Harfor franzia o cenho e balançava a cabeça em desaprovação. A mulher de joelhos falou, ainda de cabeça baixa.

— Isto chegou para milorde Dragão.

— Sulin? — perguntou, surpreso. — O que você está fazendo? O que está fazendo nesse... *vestido*?

Sulin ergueu a cabeça. Estava com uma aparência terrível, feito um lobo que se esforçava ao máximo para fingir que era uma corça.

— É o que usam as mulheres que servem e obedecem em troca de moedas. — Ela balançou levemente as mãos erguidas, que ainda sustentavam a carta. — Fui ordenada a lhe informar que isso acabou de chegar para milorde Dragão, por... um cavaleiro que foi embora assim que me entregou.

A Criada-chefe estalou a língua, irritada.

— Quero uma resposta direta — retrucou ele, agarrando o pergaminho selado das mãos da mulher. Ela se levantou de um salto assim que o papel foi arrancado de suas mãos. — Volte aqui, Sulin. Sulin, eu quero uma resposta!

Mas Sulin correu até as portas, rápida como se ainda usasse o *cadin'sor*, e saiu sem responder.

Por algum motivo, a Senhora Harfor olhou feio para Nandera.

— Eu avisei que isso não iria funcionar. E avisei às duas que, enquanto ela usar o uniforme do Palácio, espero que ela honre o Palácio, não importa se é uma Aiel ou a Rainha de Saldaea. — Com uma mesura, ela murmurou um “milorde Dragão” apressado para Rand e saiu pisando duro, resmungando sozinha sobre os Aiel loucos.

Rand estava muito de acordo. Ele encarou primeiro Nandera, depois Aviendha e por fim Jalani. Nenhuma das três parecia nem um pouco surpresa. Nenhuma parecia ter presenciado nada fora do comum.

— Querem me dizer o que está acontecendo, pela Luz? Aquela era Sulin!

— Primeiro — começou Nandera —, Sulin e eu fomos até as cozinhas. Ela achou que esfregar panelas ou coisa assim seria adequado. Mas um sujeito lá disse que já tinha todos os ajudantes de que precisava. Ele parecia pensar que Sulin arrumaria briga com os outros. Não era um sujeito muito alto — observou, indicando um ponto logo abaixo do queixo de Rand —, mas era grandalhão, e acho que teria nos convidado para dançar as lanças se não tivéssemos ido embora de uma vez. Então fomos até essa mulher, Reese Harfor, já que ela parece ser a senhora deste teto. — Nandera não conseguiu conter uma leve careta de desprezo. Para um Aiel, não havia necessidade do posto de Criada-chefe: ou a mulher era senhora do teto ou não era.

— Bem, a mulher não entendeu, mas pelo menos concordou. Quase achei que Sulin fosse mudar de ideia quando percebeu que Reese Harfor iria querer que ela usasse um vestido, mas claro que isso não aconteceu. Sulin é muito mais corajosa que eu. Preferia ser feita *gai'shain* por um *Seia Doon*.

— Eu preferia passar um ano inteiro levando surras diárias do irmão-primeiro do meu pior inimigo na frente da minha mãe — intrometeu-se Jalani, enfática.

Nandera estreitou os olhos em desaprovação e chegou a flexionar os dedos, mas, em vez de usar a linguagem de sinais, disse, em alto e bom som:

— Você exagera como uma Shaído, garota.

Se Jalani fosse um pouco mais velha, aqueles três insultos muito calculados poderiam ter causado problema, mas ela apenas fechou os olhos com força para não ter que olhar para as pessoas que tinham presenciado a sua humilhação.

Rand passou a mão nos cabelos.

— Reese não entendeu? Eu também não, Nandera. Por que é que ela está fazendo isso? Sulin abriu mão da lança? Se ela tiver se casado com um andoriano... — Coisas mais estranhas já tinham acontecido. — Olha, se for o caso, eu dou a ela ouro suficiente para comprar uma fazenda ou seja lá o que quiserem. Sulin não precisa virar serviçal.

Jalani arregalou os olhos, e as três mulheres o encararam como se *ele* fosse o louco.

— Sulin está pagando a sua *toh*, Rand al'Thor — respondeu Aviendha com firmeza. Ela estava muito ereta, e seus olhos o encaravam diretamente, em uma ótima imitação de Amys. Só que a cada dia a postura era menos imitação e mais ela própria. — Isso não lhe diz respeito.

Jalani meneou a cabeça, concordando. Nandera só ficou ali, parada, absorta, examinando a lança.

— Sulin é problema meu, sim — retrucou ele. — Se algo acontecer a ela...

Ele então se lembrou da conversa que entreouvira antes de ir a Shadar Logoth. Nandera acusara Sulin de falar com algumas *gai'shain* como se fossem *Far Dareis Mai*, e Sulin respondera que discutiriam aquilo depois. Não vira Sulin desde que voltaram de Shadar Logoth, mas tinha presumido que a mulher só estava irritada com ele e que deixara as outras na função de vigiá-lo. Ah, devia ter percebido. Ficar perto de um Aiel por muito tempo ensinava bastante de *ji'e'toh*, e as Donzelas eram as mais rígidas no assunto, exceto talvez pelos Cães de Pedra e os Olhos Negros. Além disso, ainda tinha as lições de Aviendha, em suas tentativas de transformá-lo em um Aiel.

A situação era simples, ou tão simples quanto tudo o mais no *ji'e'toh*. Se não estivesse tão preocupado com outras coisas, teria entendido desde o princípio. Não era crime lembrar diariamente um *gai'shain* de sua vida antes do branco, mesmo que se tratasse de uma senhora do teto — isso provocaria uma profunda vergonha, mas era permitido e por vezes até encorajado. No entanto, quando se tratava dos

integrantes de nove das treze sociedades, trazer essa lembrança à tona era uma desonra profunda, exceto sob um punhado de circunstâncias das quais não se recordava. As *Far Dareis Mai* sem dúvida estavam entre essas sociedades. Era uma das poucas formas de incorrer em *toh* para com um *gai'shain*, mas era considerada a obrigação mais dura a se pagar. Ao que parecia, Sulin optara por restaurar sua *toh* aceitando uma vergonha ainda maior — ao menos aos olhos dos Aiel — do que a que causara. A *toh* era dela, então ela escolhia como pagá-la e quanto tempo ficaria fazendo algo que desprezava. Afinal, quem melhor do que ela própria para definir o valor de sua honra ou a profundidade de sua obrigação? Ainda assim, Sulin só fizera o que fizera porque ele não lhe dera tempo suficiente.

— A culpa é minha — declarou Rand.

Foi a coisa errada a dizer. Jalani o encarou, surpresa. Aviendha corou, envergonhada — ela com frequência enfatizava que não havia desculpas em relação ao *ji'e'toh*; se salvar o próprio filho ocasionasse uma obrigação para com um inimigo de sangue, era preciso pagar o preço sem titubear.

O olhar que Nandera lançou a Aviendha ia muito além do desprezo.

— Se você parasse de suspirar pelos cantos pelas sobrelanceiras dele, essas suas lições seriam melhores.

Aviendha corou, indignada. Nandera se virou para Jalani e fez algum comentário na linguagem de sinais, e a Donzela mais jovem gargalhou, o que deixou o rosto de Aviendha ainda mais vermelho, dessa vez de pura vergonha. Parte de Rand esperava que a mulher fosse chamar as outras duas para dançar as lanças — bem, não exatamente isso, já que Aviendha lhe ensinara que nem as Sábias e nem suas aprendizes faziam esse tipo de coisa. Mas não se surpreenderia se ela desse um tapa nas orelhas de Nandera.

Rand se pronunciou, querendo evitar qualquer das possibilidades.

— Como fui o responsável por Sulin ter feito o que fez, não tenho *toh* para com ela?

Bem, com aquilo concluiu que de fato poderia fazer um papel de idiota ainda maior do que com o comentário anterior. O rosto de Aviendha ficou ainda mais vermelho, sabia a Luz como, e Jalani encarou o tapete a seus pés, de repente muito interessada nos desenhos de rosas. Até Nandera parecia um tanto constrangida com sua ignorância. Ele sabia que era possível alguém ser informado de que tinha *toh* ou mesmo ser lembrado do caso, embora isso fosse uma espécie de insulto, mas ter que perguntar significava que a pessoa não sabia. Bem, ele sabia. Poderia começar ordenando que Sulin largasse aquele trabalho ridículo de serviçal, deixar que ela pusesse outra vez o *cadin'sor*, e... e impedi-la de cumprir sua *toh*. Qualquer coisa que fizesse para suavizar o fardo de Sulin seria uma interferência na honra dela. A *toh* era de Sulin, então a escolha também era dela. Havia algum detalhe, mas não conseguia entender o que seria. Talvez pudesse perguntar a Aviendha. Bem, faria isso mais tarde, quando ela não fosse morrer de constrangimento. Os rostos das três

deixavam claro que ele já a envergonhava mais do que o suficiente com aquela conversa. Luz, que confusão!

Enquanto pensava em uma possível saída, percebeu que ainda segurava a carta que Sulin trouxera. Ele a enfiou no bolso e desafiou o cinturão, que largou sobre o Cetro do Dragão, então pegou o pergaminho de volta. Quem lhe enviaria uma mensagem por um cavaleiro que nem sequer fizera uma pausa para tomar café da manhã? Não havia nada escrito do lado de fora, nenhum nome. Apenas o mensageiro, agora desaparecido, poderia ter dito para quem era endereçada a mensagem. O selo era outro brasão que ele não reconhecia, alguma flor prensada sobre uma cera roxa. O pergaminho era pesado, do tipo mais caro que havia. O conteúdo, escrito em uma caligrafia fina e floreada, trouxe um sorriso pensativo a seu rosto.

Primo,

Vivemos tempos delicados, mas senti que deveria escrever para assegurá-lo de minha boa vontade e expressar minha esperança de, em troca, também ter sua simpatia. Não tema, eu o reconheço e legítimo. No entanto, há alguns que não veriam com bons olhos alguém que se aproximasse de você diretamente, sem primeiro passar por eles. A única coisa que quero de você é que guarde minhas confidências nas chamas de seu coração.

Alliandre Maritha

— Que sorriso é esse? — perguntou Aviendha, curiosa, espiando a carta. Ainda havia um toque de raiva nas marcas ao redor de sua boca, um resquício da irritação pela vergonha que ele a fizera passar.

— É bom receber notícias de alguém tão transparente — respondeu.

O Jogo das Casas era simples se comparado ao *ji'e'toh*. O nome já dizia muito sobre o remetente, mas, se o pergaminho caísse em mãos erradas, pareceria apenas um bilhete para um amigo ou talvez uma resposta calorosa a algum favor que lhe fora pedido. Alliandre Maritha Kigarin, Abençoada pela Luz, Rainha de Ghealdan, jamais trataria alguém que nunca vira com tanta intimidade, ainda mais o Dragão Renascido. Era óbvia sua preocupação com os Mantos-brancos em Amadícia, assim como com o Profeta Masema. Teria que fazer alguma coisa a respeito de Masema. Alliandre fora muito cautelosa, sem arriscar pôr mais que o necessário no papel. E o lembrara de queimar a carta depois de ler — *nas chamas de seu coração*. Ainda assim, era a primeira vez que um governante o reconhecia sem que ele segurasse a espada no pescoço de sua nação. Pois bem, se ao menos ele conseguisse encontrar

Elayne e lhe devolver Andor antes que tivesse outra batalha para enfrentar naquelas terras...

A porta se abriu bem devagar, e Rand ergueu os olhos para a sala. Não reparou em nada relevante, então se voltou outra vez para a carta, ponderando se assimilara toda a mensagem. Enquanto lia, teve que esfregar o nariz, incomodado. Lews Therin e aquela história de morte. Não conseguia se livrar daquela sensação de imundície.

— Jalani e eu vamos assumir nossas posições lá fora — anunciou Nandera.

Rand assentiu, absorto, contemplando a carta. Tinha certeza de que Thom encontraria seis coisas que ele deixara escapar, e só em uma primeira leitura.

Aviendha tocou seu braço, mas afastou a mão com um sobressalto.

— Rand al'Thor, precisamos conversar.

De súbito, tudo fez sentido. Ele vira a porta se abrindo. Não estava com aquele incômodo no nariz porque sentia cheiro de imundície, não porque se sentia maculado. Na verdade, não era bem um cheiro. Deixando cair a carta, empurrou Aviendha com tanta força que ela perdeu o equilíbrio, soltando um grito assustado — ao menos estava longe dele, longe do perigo. O tempo pareceu desacelerar. Rand agarrou *saidin* enquanto dava meia-volta.

Nandera e Jalani também se viraram para ver o que fizera Aviendha gritar. Rand teve que olhar com muita atenção para conseguir ver o homem alto de casaco cinza que nenhuma Donzela vira passar. O homem tinha os olhos escuros e sem vida fixos em Rand. Mesmo sabendo que o intruso estava diante de si, Rand se sentiu tentado a desviar os olhos do Homem Cinza — era isso que ele era, um dos assassinos da Sombra. A carta ainda pousava no chão quando o Homem Cinza percebeu que Rand o avistara. O grito de Aviendha ainda ecoava, ela havia acabado de cair com força no chão. Uma faca surgiu na mão do Homem Cinza, que manteve a lâmina abaixada e avançou. Quase com descaso, Rand o envolveu em espirais de Ar — uma barra de fogo incandescente e grossa feito um braço passou zunindo por cima de seu ombro e abriu um buraco bem no meio do peito do Homem Cinza, um buraco do tamanho de um punho. O assassino morreu sem nem reagir. A cabeça desabou para o lado — seus olhos, tão mortos quanto antes, ainda encaravam Rand.

Depois de morto, o poder misterioso que tornava o Homem Cinza tão difícil de notar já não fazia efeito. Depois de morto, o sujeito ficou tão visível quanto qualquer outra pessoa. Aviendha, ainda no chão, mas já começando a se levantar, soltou uma exclamação de surpresa, e Rand sentiu os arrepios que indicavam que ela abraçara *saidar*. Nandera subiu o véu, deixando escapar um grunhido surpreso, e Jalani começou a erguer o dela.

Rand deixou o corpo desabar, mas continuou agarrado a *saidin* quando se virou para Taim, parado na porta.

— Por que o matou? — perguntou para o recém-chegado. O Vazio era responsável apenas por parte da frieza em sua voz. — Eu o tinha capturado. Ele poderia ter dito alguma coisa, talvez até revelasse quem o enviou. Aliás, o que você

está fazendo aqui no meu quarto, entrando desse jeito?

Taim avançou até ele em um passo muito calmo, bem à vontade. Usava um casaco preto com dragões entrelaçados ao redor das mangas vermelhas e azuis. Aviendha se levantou depressa, empunhando a faca de cintura. Apesar de estar abraçada a *saidar*, o brilho em seus olhos deixava claro que ela estava tão inclinada a cravar a lâmina em Taim quanto a embainhá-la de volta. Nandera e Jalani continuavam veladas e estavam a postos, as lanças em riste. Taim as ignorou. Rand sentiu quando o outro homem largou o Poder. Nem ao menos parecia preocupado com o fato de Rand ainda estar preenchido por *saidin*. Quando encarou o Homem Cinza morto, aquele quase sorriso tão peculiar contorceu seus lábios.

— Coisas hediondas, esses Sem-alma. — Qualquer outra pessoa teria se arrepiado com a visão, mas não Taim. — Abri um portão para a sua varanda porque achei que você iria querer saber imediatamente.

— Alguém andou aprendendo depressa demais? — interrompeu Rand, e Taim abriu outra vez aquele meio sorriso.

— Não, não é um dos Abandonados disfarçado. A não ser que tenha conseguido se disfarçar de um garoto de pouco menos de vinte anos. O rapaz se chama Jahar Narishma, ele tem a centelha, mas ainda não a manifesta. A habilidade tende a se manifestar mais tarde nos homens do que nas mulheres. Você deveria visitar a escola. Vai ficar surpreso com as mudanças.

Rand não duvidava. Jahar Narishma não era nem de longe um nome andoriano. Pelo que sabia, as Viagens não impunham limites, e parecia que Taim se arriscara a ir bem longe no recrutamento. Rand não disse nada, só encarou o corpo estirado no tapete.

Taim fechou a cara, mas não perdeu a compostura, apenas pareceu irritado.

— Pode acreditar, eu também queria que esse aí ainda estivesse vivo. Vi o Homem Cinza e agi sem pensar, já que a última coisa que quero é você morto. Você prendeu o assassino no instante em que canalizei, mas foi tarde demais para frear o golpe.

Tenho que matá-lo, murmurou Lews Therin, e o Poder explodiu dentro de Rand. Paralisado, lutou para afastar *saidin* — foi uma luta difícil. Lews Therin tentava se agarrar à Fonte, tentava canalizar. Por fim, o Poder Único se esvaiu aos poucos, feito água escoando de um balde furado.

Por quê?, inquiriu Rand. *Por que quer ele morto?* Não houve resposta, apenas, ao longe, uma risada louca e um choro angustiado.

Aviendha o encarava, o rosto cheio de preocupação. Ela largara a faca, mas Rand ainda sentia aquele formigamento que lhe indicava que ela continuava em contato com *saidar*. As duas Donzelas tinham baixado os véus depois de se certificarem de que a chegada de Taim não era um ataque. Mesmo atentas a Taim e ao ambiente em volta, elas trocaram um olhar constrangido — só restava saber o motivo do constrangimento.

Rand sentou-se em uma cadeira ao lado da mesa onde estava a espada, apoiada no Cetro do Dragão. A luta durara apenas alguns instantes, mas sentia os joelhos fracos. Lews Therin quase assumira o controle, quase agarrara *saidin*. Antes, na escola, ele foi capaz de fingir para si mesmo que não tinha notado, mas não conseguiria desta vez.

Se Taim percebeu alguma coisa, não deixou transparecer. O homem se inclinou para apanhar a carta e deu uma olhadela antes de entregá-la a Rand, curvando-se na mais ínfima das medidas.

Rand enfiou o pergaminho no bolso. Nada abalava Taim, nada perturbava seu equilíbrio. Por que Lews Therin o queria morto?

— Considerando como você estava querendo ir atrás das Aes Sedai, estou surpreso por ainda não ter ouvido uma sugestão de atacar Sammael. Eu, você e mais alguns alunos mais fortes atacando-o lá em Illian, chegando de surpresa por um portão. Você sabe que o Homem Cinza só pode ter vindo de Sammael.

— Talvez — respondeu Taim, sem rodeios, examinando o corpo no chão. — Eu daria tudo para ter certeza. — Ele soava completamente sincero. — Quanto a Illian, duvido que seja simples como acabar com algumas Aes Sedai. Fico pensando no que eu faria, se estivesse no lugar de Sammael. Já teria envolvido Illian em um selo de proteção que me apontasse qualquer homem que sequer pensasse em canalizar e reduziria até o chão ao redor dele a cinzas sem nem dar tempo de o coitado piscar.

Rand também já pensara nisso. Ninguém defendia um lugar melhor que Sammael. Talvez a questão fosse apenas a loucura de Lews Therin. Talvez também a inveja. Rand tentou dizer a si mesmo que não estava evitando a escola porque era *ele* o invejoso, mas sempre sentia uma pontada estranha quando estava perto de Taim.

— Você já contou a novidade. Sugiro que vá cuidar do treinamento desse tal Jahar Narishma. Treine-o bem. Pode ser que a habilidade dele seja necessária muito em breve.

Os olhos escuros de Taim cintilaram por um breve instante, então ele baixou a cabeça em uma leve medida. Sem mais uma palavra, o homem agarrou *saidin* e abriu um portão ali mesmo. Rand se obrigou a ficar sentado, sem canalizar, até Taim ir embora; o portão se afinando até virar uma linha fulgurante. Não podia se arriscar em mais uma luta contra Lews Therin, não considerando a chance de perder e começar a lutar contra Taim. *Por que Lews Therin queria aquele homem morto?* Luz, Lews parecia querer todos mortos, incluindo a si mesmo.

Tinha sido uma manhã agitada, sobretudo considerando que o céu ainda estava começando a clarear. Bem, houvera mais notícias boas do que ruins. Ele encarou o Homem Cinza estendido no tapete. A ferida decerto fora cauterizada no instante em que se abrira, mas a Senhora Harfor faria questão de avisá-lo se houvesse qualquer manchinha no tecido — ah, com certeza ele ficaria sabendo, mesmo que ela não pronunciasse uma palavra a respeito. Quanto à Mestra das Ondas do Povo do Mar... Bem, a mulher podia ir se afogar na própria petulância, no que lhe dizia respeito. Já

tinha muito com que lidar sem *mais uma* mulher melindrosa.

Nandera e Jalani ainda remexiam os pés perto da porta. Deveriam ter ido ocupar seus postos do lado de fora da porta assim que Taim partiu.

— Se as duas ainda estão chateadas por conta do Homem Cinza, podem esquecer o assunto. Só uma idiota esperaria notar um Sem-alma sem ser por puro acaso, e nenhuma de vocês é idiota.

— Não é isso — retrucou Nandera, rígida.

Jalani cerrara o maxilar com tanta força que era evidente que estava se esforçando para segurar a língua.

Então Rand compreendeu. As duas não achavam que deveriam ter percebido o Homem Cinza, mas mesmo assim sentiam a vergonha de não terem conseguido notar o ataque. Além da vergonha, havia o medo da humilhação ainda por vir caso a notícia de seu “fracasso” se espalhasse.

— Não quero que ninguém saiba que Taim esteve aqui, nem o que ele disse. O povo já fica ansioso demais por saber que a escola fica aqui perto da cidade, as pessoas não precisam do medo de achar que Taim ou um dos alunos pode aparecer de repente. Acho que o melhor é não falarmos sobre nada do que aconteceu hoje de manhã. Não temos como esconder um corpo, mas quero que as duas jurem que vão apenas dizer que um homem tentou me matar e morreu por conta disso. É tudo o que eu pretendo revelar, e não quero que me pintem como um mentiroso.

A gratidão em seus rostos foi surpreendente.

— Eu tenho *toh* — murmuraram, quase ao mesmo tempo.

Rand pigarreou de repente. Não fora essa sua intenção, mas pelo menos as tranquilizara. Foi então que teve uma ideia para lidar com Sulin. A mulher não iria gostar, mas ainda estaria cumprindo sua *toh* — talvez ainda mais por não gostar. E aliviaria sua consciência, pelo menos um pouco, além de pagar parte de sua *toh* para com ela.

— Agora voltem para seus postos, ou então vou começar a achar que *vocês* é que querem ficar suspirando pelas minhas sobrancelhas. — Nandera não tinha dito isso? Dado a entender que Aviendha estava fascinada por suas *sobrancelhas*? — Andem. E mandem alguém para recolher esse sujeito daqui. — As duas saíram sorridentes, conversando na linguagem de sinais. Ele ficou ali, parado, então segurou Aviendha pelo braço. — Você disse que precisamos conversar. Vamos ficar no quarto até este aposento estar limpo.

Se houvesse alguma mancha, talvez Rand pudesse canalizar para limpá-la.

Aviendha se desvencilhou com um puxão.

— Não! Lá, não! — Ela respirou fundo e moderou o tom, mas ainda parecia desconfiada e um tanto irritada. — Por que não podemos conversar aqui?

Não havia motivo além do homem morto no chão, o que para ela parecia não fazer diferença. Aviendha o empurrou de volta para a cadeira, quase com violência, então o encarou e respirou fundo antes de falar.

— O *ji'e'toh* é a base da sociedade Aiel, é o que *somos*. Hoje de manhã você me envergonhou até os ossos.

Com os braços cruzados e encarando-o de frente, a ruiva lhe passou um sermão sobre sua ignorância e a importância de encobri-la até que ela conseguisse retificar a questão, depois explicou que a *toh* precisava ser satisfeita a qualquer custo. Ah, nessa parte ela gastou tempo.

Rand sabia que não era esse o assunto que a ruiva tivera em mente quando o chamou para conversar, mas estava gostando de analisar aqueles olhos — gostando mais do que deveria. Apreciando. Pouco a pouco, foi contendo o prazer de olhar nos olhos de Aviendha, então esmagou a satisfação até restar apenas um desejo abafado.

Achou que disfarçara os sentimentos, mas decerto algo mudara em sua expressão. A voz de Aviendha foi morrendo, e ela ficou ali, encarando-o, a respiração alta e entrecortada. Então desviou os olhos com um esforço visível.

— Pelo menos agora você entendeu — murmurou ela. — Tenho que... preciso... contanto que você entenda.

Ela ergueu as saias e saiu em disparada. Contornou o corpo como se não passasse de um arbusto em seu caminho.

Rand foi deixado para trás, naquela sala que por algum motivo lhe pareceu mais escura, sozinho com o corpo de um homem morto. Aquilo caía bem até demais. Quando os *gai'shain* chegaram para recolher o corpo, encontraram Rand rindo baixinho.

Padan Fain estava sentado com os pés apoiados em uma banquetta almofadada, observando a beleza da luz do sol nascente refletindo na lâmina curva da adaga que ele girava em suas mãos. Não era suficiente ter a arma presa ao cinto; de tempos em tempos ele simplesmente precisava tocá-la. O enorme rubi no punhal reluzia com uma malevolência intensa. A adaga era parte dele — ou ele era parte da adaga. A arma era parte de Aridhol, que os homens chamavam de Shadar Logoth. Por outro lado, ele também era parte de Aridhol — ou Aridhol era parte dele. Estava louco e sabia bem disso, mas não se importava, já que estava louco. A luz do sol refletia no aço, aço mais letal do que qualquer lâmina de Thakan'dar.

Um farfalhar chamou sua atenção e ele olhou para o Myrddraal do outro lado do cômodo, sentado, aguardando que ele terminasse. A criatura não tentou encará-lo — já fazia um bom tempo que Fain o fizera parar de tentar.

Ele tentou retornar à contemplação da lâmina, tentou voltar a apreciar a beleza perfeita da morte perfeita, a beleza do que Aridhol já fora e do que voltaria a ser, mas o Myrddraal quebrara sua concentração. Estragara tudo. Quase se levantou e matou a criatura. Os Meio-homens levavam muito tempo para morrer. Quanto tempo aquele levaria, se Fain usasse a adaga? Parecendo sentir seus pensamentos, a criatura se remexeu outra vez. Não, melhor não, ela ainda podia ser útil.

De todo modo, era difícil permanecer concentrado por muito tempo em uma coisa só. Exceto em Rand al'Thor, claro. Sentia o garoto, podia apontar para a direção em que ele estava, até estimar a distância. Al'Thor o puxava, puxava até doer. Algo mudara nos últimos tempos, a mudança chegara de repente, quase como se alguém tivesse se apossado de parte de al'Thor e, no processo, tivesse tomado uma parte que o próprio Fain possuía. Não era problema. O garoto era dele.

Desejou poder sentir a dor de al'Thor — não conseguia acreditar que não tivesse ao menos lhe causado alguma dor. Por enquanto tinham sido apenas agulhadas, no máximo, mas uma quantidade suficiente de agulhadas acabaria por esgotá-lo. Os Mantos-brancos estavam firmes na oposição ao *Dragão Renascido*. Fain contorceu os lábios em um riso desdenhoso. Pouco provável que Niall algum dia apoiasse al'Thor mais do que Elaida o teria apoiado, mas era melhor não tomar nada como certo, quando se tratava daquele garoto maldito. Bem, já conseguira resolver a situação daqueles dois com o que trazia de Aridhol — talvez até conseguisse confiar nas próprias mãos de novo, mas nunca confiariam em al'Thor.

A porta se abriu de repente, e o jovem Perwyn Belman irrompeu no recinto, seguido pela mãe. Nan Belman era uma mulher vistosa, embora agora fosse raro para Fain notar se uma mulher era ou não vistosa. Nan era uma Amiga das Trevas e achava que seus juramentos eram apenas minimamente perversos até Padan Fain bater à sua porta. Nan achava que ele também era Amigo das Trevas, alguém importante nos conselhos. Claro que Fain estava longe disso — estaria morto assim que um dos Escolhidos pusesse as mãos nele. O pensamento suscitou uma risadinha.

Tanto Perwyn quanto a mãe se intimidaram com a visão do Myrddraal, claro, mas o garoto se recompôs primeiro, alcançando Fain enquanto a mulher ainda tentava recuperar o fôlego.

— Mestre Mordeth, Mestre Mordeth — chamou o garoto de casaco vermelho e branco, em uma voz esganiçada, trocando o peso de um pé para o outro nervosamente —, trago a notícia que o senhor queria.

Mordeth. Então tinha usado esse nome? Às vezes, Fain não conseguia lembrar o nome que usara em determinada situação, não conseguia saber qual nome era o dele. Abriu um sorriso afetuoso, embainhando a adaga por baixo do casaco.

— E que notícia seria essa, meu jovem?

— Alguém tentou matar o Dragão Renascido hoje de manhã. Um homem. O sujeito morreu, mas passou pelos Aiel e conseguiu entrar nos aposentos do Lorde Dragão.

Fain sentiu o sorriso virar um rosnado. Alguém tentara matar al'Thor? Al'Thor era dele! O garoto morreria pelas suas mãos, e de ninguém mais! Mas... O assassino passara pelos Aiel e entrara nos aposentos de al'Thor?

— Um Homem Cinza! — Não reconheceu o som rouco como sua própria voz. Homens Cinza eram coisa dos Escolhidos. Será que nunca se livraria da interferência deles?

Toda aquela ira precisava ser extravasada ou ele iria explodir. Em um gesto quase displicente, roçou a mão no rosto do garoto, que arregalou os olhos e começou a tremer — tremia tão intensamente que rangia os dentes.

Fain não entendia muito bem aqueles truques que conseguia fazer. Talvez fosse um toque do Tenebroso, talvez de Aridhol. Começara lá, depois que deixara de ser apenas Padan Fain. Só sabia que agora conseguia fazer certas coisas, bastava tocar o alvo.

Nan desabou de joelhos ao lado da cadeira dele, agarrando seu casaco.

— Piedade, Mestre Mordeth — implorou, ofegante. — Por favor, tenha piedade. Ele é só uma criança. Uma criança!

Fain a encarou, durante um instante, curioso, inclinando a cabeça. Era mesmo uma mulher muito bonita. Plantou o pé no peito dela e a empurrou para longe, querendo espaço para se levantar. O Myrddraal, que assistia à cena furtivamente, virou a cabeça depressa quando viu que ele notara. Ah, o Meio-homem se lembrava muito bem de seus... truques.

Fain andou de um lado a outro. Precisava se mexer. Al'Thor tinha que cair por suas mãos. Suas! Não dos Escolhidos. Como conseguiria feri-lo outra vez, apunhalá-lo bem no coração? Bem, havia aquelas garotas abestalhadas lá no Sabujo de Culain. Mas se al'Thor não saíra do lugar quando Dois Rios foi atacada, de que se importaria se Fain incendiasse a estalagem com aquelas garotinhas atrevidas dentro? Ah, o que ele tinha para usar? Só restavam alguns dos homens que tirara dos Filhos da Luz. A verdade é que aquilo fora apenas um teste — ah, o homem que conseguisse matar al'Thor naquela brincadeira teria implorado a ele para ser esfolado vivo! Ainda assim, a empreitada lhe custara alguns números. Só tinha o Myrddraal, um punhado de Trollocs escondidos fora da cidade, uns poucos Amigos das Trevas reunidos em Caemlyn e a caminho de Tar Valon. Sentia al'Thor puxando, arrastando-o. Havia uma mudança interessante em relação aos Amigos das Trevas. Em teoria, não deveria haver nada que os distinguisse de qualquer outra pessoa, mas Fain descobrira que podia identificá-los apenas com um olhar, mesmo que a pessoa tivesse pensado apenas em prestar o juramento à Sombra. Era como se tivessem uma marca na testa.

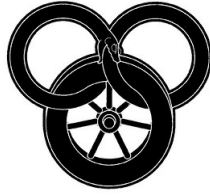
Não! Tinha que se concentrar. Concentrar! Clarear as ideias. Seus olhos caíram sobre a mulher, no chão, gemendo e afagando o filho. O garoto ainda balbuciava, e ela falava com ele baixinho, como se isso fosse ajudar. Fain não fazia ideia de como parar um de seus truques depois que já começara. Depois que a coisa toda acabasse, o garoto sobreviveria, embora não ileso. Fain não se dedicara ao golpe de coração. Tinha que clarear as ideias. Pensar em outra coisa. Uma bela mulher. Quanto tempo fazia desde que possuía uma mulher?

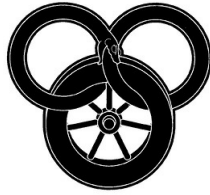
Sorrindo, Fain a tomou pelo braço. Precisava afastá-la daquele garoto tolo.

— Venha comigo. — Sua voz estava diferente, mais grandiosa, sem o sotaque de Lugard. Mas ele não percebeu. Nunca percebia. — Tenho certeza de que você, pelo

menos, sabe demonstrar o respeito apropriado. Se me deixar satisfeito, nenhum mal lhe acontecerá.

Por que ela resistia? Fain sabia que estava sendo charmoso. Ora, teria que machucá-la. Era tudo culpa de al'Thor.





FOGO E ESPÍRITO

Nynaeve parou à sombra, logo em frente à Pequena Torre, secou o rosto e então enfiou o lenço de volta na manga. Claro que não adiantou muito — o suor voltou a brotar assim que o secou —, mas queria entrar lá com a melhor aparência possível. Queria parecer tranquila, serena, digna... embora não fosse conseguir. Sentia as têmporas latejando, e o estômago parecia... frágil. Nem conseguira olhar para o café da manhã. Era só efeito do calor, claro, mas sua vontade era voltar para a cama, deitar em posição fetal e morrer. Para completar, sua capacidade de escutar o vento a estava atormentando — aquele sol candente já deveria estar encoberto por nuvens negras turbulentas, todas soltando relâmpagos ameaçadores.

A um olhar pouco atento, os Guardiões descansando ali na frente não pareciam guardas, embora fossem. Aqueles homens lembravam os Aiel da Pedra de Tear — até dormindo deviam parecer lobos. Um sujeito careca de rosto quadrado, mais ou menos da sua altura, mas quase tão largo quanto alto, saiu correndo da Pequena Torre e seguiu rua abaixo, a espada presa às costas, o cabo despontando por cima do ombro. Até mesmo Jori — Guardião de Morvrin — conseguia parecer perigoso.

Uno passou com seu coque, abrindo caminho a cavalo pela multidão. Ele mal parecia registrar o calor, mesmo com a armadura de malha e placas de aço que cobriam seu corpo do ombro para baixo. Ele girou na sela para encará-la com o olho bom, e Nynaeve fechou a cara. Ah, Birgitte tinha falado com ele! Toda vez que o homem a via, ficava bem óbvio que ele estava esperando o pedido de cavalos. E ela estava quase pedindo — nem mesmo Elayne podia dizer que o que estavam fazendo por ali adiantava alguma coisa. Bem, na verdade ela não só podia como dizia, mas estava redondamente enganada.

Uno fez uma curva e sumiu de vista, e Nynaeve suspirou. Estava tentando protelar em vez de entrar logo na Pequena Torre. Myrelle talvez estivesse lá. Secou o rosto

outra vez, franzindo o cenho para a mão enrugada. Já estava no décimo primeiro dia de esfregação de painéis, com mais vinte e nove pela frente. Vinte e nove!

Quando finalmente entrou no que já fora o salão da estalagem que agora era a Pequena Torre, notou que estava um pouquinho mais fresco, o que ofereceu certo alívio para sua dor de cabeça. Todos tinham passado a se referir ao aposento como “sala de espera”, e ali não se perdera tempo com reparos. Faltavam pedras nas lareiras e o reboco esburacado deixava ripas à mostra. Areina e Nicola varriam o chão junto de outra noviça, mas a limpeza não fazia muito efeito no assoalho castigado pelo tempo. Areina estava de cara feia, mas ela sempre parecia irritada quando precisava cumprir tarefas com as noviças. Ora, ninguém ficava à toa em Salidar. Na outra extremidade do salão, Romanda conversava com duas Aes Sedai esbeltas e bem mais velhas — seus rostos até tinham aquele ar de idade indefinida, mas o cabelo era branco — que claramente haviam acabado de chegar, a julgar pelas finas sobrecapas que usavam. Nenhum sinal de Myrelle, o que fez Nynaeve suspirar de alívio — a mulher a enfiava em um espeto e mandava para o fogo a cada oportunidade, depois ainda a fazia virar de um lado para o outro! Algumas Aes Sedai estavam sentadas às mesas, todas de estilos diferentes, mas dispostas em fileiras muito retas. Estavam ocupadas com pergaminhos ou despachando ordens para Guardiões e serviçais, mas havia menos delas do que na primeira vez em que Nynaeve estivera lá. Àquela altura, só as Votantes e suas serviçais ainda moravam nos andares superiores, todas as outras tinham sido remanejadas para as Aes Sedai terem um espaço onde trabalhar. A Pequena Torre assumira as mesmas funções da Torre Branca e a mesmíssima formalidade. Da primeira vez que entrou ali no salão, o lugar estava tomado por um burburinho, havia um ar de diligência no local, de que algo estava sendo feito — uma falsa sensação, no caso. Agora, o ambiente parecia envolvido em um marasmo, mas era como entrar na Torre Branca.

Nynaeve foi até uma das mesas — mas não a mais próxima — e fez uma reverência calculada.

— Perdoe a intromissão, Aes Sedai, mas fiquei sabendo que Siuan e Leane estão aqui. Pode me informar onde eu as encontro?

Brendas parou de escrever e ergueu os olhos frios e escuros. Nynaeve decidira ir falar com ela em vez de com alguma mulher mais perto da porta porque Brendas era uma das poucas Aes Sedai que nunca a interrogara a respeito de Rand. Além disso, quando ainda era Amyrlin, Siuan apontara Brendas como uma pessoa de confiança — aquilo não tinha nada a ver com a situação do momento, mas Nynaeve buscava pequenos consolos.

— Elas estão com algumas Votantes, criança. — A voz de Brendas era feito um badalar, e tão sem emoção quanto o rosto pálido. Era raro as Brancas demonstrarem qualquer emoção, mas Brendas ia além: a mulher nunca externava nada.

Nynaeve conteve um suspiro irritado. Se as Votantes estivessem ouvindo os relatos dos olhos-e-ouvidos das antigas Azuis, talvez ainda levasse algumas horas

para que elas fossem liberadas. Talvez ficassem lá dentro até o fim do dia. A essa altura, Nynaeve já estaria com a cabeça enfiada nas panelas.

— Obrigada, Aes Sedai.

Brendas interrompeu sua medida com um gesto.

— Theodrin fez algum progresso com você ontem?

— Não, Aes Sedai.

Se sua voz saiu contida e seca, foi porque tinha motivo: Theodrin dissera que pretendia tentar tudo, e ao que parecia era tudo *mesmo*. Na véspera, tinha feito Nynaeve bebericar vinho para ficar relaxada. Só que Nynaeve acabara tomando mais do que uns poucos golinhos. Ela nunca se esqueceria de ter sido carregada para o quarto cantando — cantando! — e já ficava vermelha só de lembrar. Não tinha como Brendas não saber. Todo mundo já devia ter ouvido a respeito. Nynaeve queria se enfiar em um buraco no chão.

— Só pergunto porque isso parece estar comprometendo seus estudos. Ouvi diversas irmãs comentando que você parou com as descobertas notáveis. Talvez o problema sejam as atividades suplementares, mas Elayne ainda consegue trazer uma novidade por dia, mesmo dando aulas e esfregando com as panelas. Várias irmãs estão ponderando se não seriam mais preparadas do que Theodrin para ajudar. Se nos revezássemos, se fizéssemos você se esforçar o dia inteiro, todos os dias, poderia acabar sendo mais proveitoso do que essas sessões informais com alguém que, no fim das contas, é apenas pouco mais que uma Aceita. — Tudo aquilo foi dito em um tom equilibrado e sem o menor ar acusatório, mas o rosto de Nynaeve ficou vermelho como se a Aes Sedai tivesse gritado com ela.

— Tenho certeza de que Theodrin em breve vai conseguir dar um jeito nisso, Aes Sedai — respondeu, quase sussurrando. — Vou me esforçar mais, Aes Sedai.

Curvando-se em uma reverência apressada, Nynaeve tratou de dar meia-volta antes que Brendas pudesse interrompê-la outra vez. Com isso, acabou quase trombando em uma das recém-chegadas de cabelo branco. As duas eram tão parecidas que poderiam ser irmãs, quase imagens espelhadas uma da outra, com ossos finos e rostos compridos de traços aristocráticos.

A quase trombada não passou de um leve toque, e Nynaeve até tentou se desculpar, mas a Aes Sedai a encarou com um olhar tão intenso que qualquer falcão teria ficado com inveja.

— Preste atenção por onde anda, Aceita. Na minha época, uma Aceita que tentasse atropelar uma Aes Sedai só terminaria de esfregar o chão quando estivesse com o cabelo mais branco que o meu.

A outra tocou o braço da mulher irritada.

— Ah, deixe a criança ir, Vandene. Temos trabalho a fazer.

Vandene fungou com desdém, mas se permitiu ser levada para fora.

Nynaeve decidiu deixá-las saírem na frente. Viu Sheriam surgir de uma das salas de reunião acompanhada de Myrelle, Morvrin e Beonin. Myrelle também a viu e fez

menção de ir em sua direção, mas só conseguiu dar um passo antes de Sheriam e Morvrin a segurarem e falarem algo depressa e em voz baixa, sem nem mesmo olhar para Nynaeve. Ainda conversando, as quatro atravessaram o aposento e desapareceram por outra porta.

Nynaeve esperou até estar do lado de fora da Pequena Torre para dar um puxão firme e deliberado na trança. As Aes Sedai tinham se encontrado com as Sábias na noite anterior, e era fácil imaginar por que as outras impediram Myrelle de falar com ela. Se Egwene finalmente tivesse ido à reunião na Pedra de Tear, ela não deveria ficar sabendo. Nynaeve al'Meara caíra em desgraça. Nynaeve al'Meara estava esfregando panelas feito uma noviça, quando poderia estar pelo menos um nível acima que o de Aceita. Nynaeve al'Meara não estava chegando a lugar nenhum com Theodrin e tinha parado de fazer aquelas descobertas maravilhosas. Nynaeve al'Meara jamais seria uma Aes Sedai. Sabia que tinha sido um erro começar a concentrar todo o conhecimento de Moghedien em Elayne. Sabia!

Sentia a língua se contorcer com a memória daquele gosto repugnante — rabo-de-gato fervida com folha-sábia em pó. Um antídoto que usara muitas vezes em crianças que não paravam de mentir. Tudo bem que ela própria sugerira usá-lo, mas ainda assim fora um erro. As Aes Sedai já não falavam mais sobre suas inovações, e sim sobre a falta delas. Aes Sedai que nunca tinham demonstrado mais que um interesse passageiro em seu bloqueio agora queriam ajudar a desfazê-lo. Não tinha como vencer. De um jeito ou de outro, acabaria com as Aes Sedai examinando-a da cabeça aos pés, de sol a sol.

Nynaeve deu um puxão ainda mais forte na trança, forte o bastante para machucar, o que, considerando a dor que já sentia, não fez nada para melhorar seu humor. Um soldado de elmo achatado, usando o gibão acolchoado comum dos arqueiros, diminuiu o passo para encará-la com curiosidade, mas ela retribuiu a encarada com um olhar tão maligno que ele tropeçou nos próprios pés e tratou de sumir na multidão. *Por que* Elayne era tão teimosa?

Sentiu mãos masculinas apertarem seus ombros, então deu a volta já soltando impropérios, preparando-se para arrancar a cabeça do sujeito. Mas as palavras morreram ainda na língua.

Thom Merrill sorria para ela por baixo daquele bigode branco comprido, os olhos azuis penetrantes brilhando no rosto cheio de marcas.

— Pela sua cara, Nynaeve, quase daria para pensar que você está zangada, mas sei que seu temperamento é tão doce que as pessoas chegam até a lhe pedir para enfiar o dedo no chá delas.

Juilin Sandar estava logo ao lado, um homem esguio que parecia entalhado em madeira escura escorado em um cajado de bambu da grossura de um polegar. Juilin era taireno, não taraboniano, mas mesmo assim usava aquele ridículo chapéu vermelho cônico de topo achatado, que estava ainda mais esfarrapado do que na última vez que o vira. Juilin tirou o chapéu ao reparar no olhar de Nynaeve. Os

homens estavam empoeirados e pareciam cansados da viagem, com rostos muito magros e abatidos — bem, na verdade nenhum deles jamais fora muito rechonchudo ou corpulento, para início de conversa. Ambos pareciam ter passado todas aquelas semanas desde que deixaram Salidar usando as mesmas roupas, desmontando das selas apenas para dormir.

Antes que Nynaeve pudesse abrir a boca, foram atingidos por uma avalanche humana. Elayne se jogou sobre Thom com tanta força que o velho cambaleou. Claro que o menestrel — que ainda mancava discretamente — passou as mãos debaixo dos braços da jovem e a ergueu e rodopiou em círculos feito uma criança. O velho estava gargalhando quando devolveu a garota ao chão, e Elayne também. A Filha-herdeira então puxou o bigode de Thom, e ambos apenas gargalharam ainda mais. Thom examinou as mãos da jovem, tão acabadas quanto as de Nynaeve, e perguntou em que tipo de problema ela conseguira se meter sem ele ali por perto para mantê-la na linha. Elayne respondeu que não precisava de ninguém lhe dizendo o que fazer, mas estragou a reprimenda ao ficar com as bochechas coradas, dar risadinhas e morder o lábio.

Nynaeve respirou fundo. Às vezes, aqueles dois levavam a brincadeira de pai e filha um pouco longe demais. Às vezes, Elayne parecia pensar que tinha dez anos, e Thom parecia concordar com a garota.

— Achei que você tinha que dar aula para as noviças hoje de manhã, Elayne.

A Filha-herdeira a encarou de soslaio, então se recompôs. A tentativa de manter a postura acabou chegando tarde demais, e ela teve que se contentar em endireitar o vestido listrado.

— Pedi a Calindin que me substituísse — respondeu, em um tom casual. — Achei que seria melhor lhe fazer companhia. E que bom que fiz isso — acrescentou, sorrindo para Thom. — Agora vamos poder ouvir tudo o que vocês descobriram em Amadícia.

Nynaeve fungou com desdém. Companhia? Ora essa. Não se lembrava de tudo o que acontecera na véspera, mas ainda tinha bem fresca a memória de Elayne gargalhando enquanto tirava sua roupa e a botava para dormir antes que o sol já tivesse sumido no céu. E tinha certeza de que se recordava de ouvi-la perguntando se ela queria um balde de água para esfriar a cabeça.

Thom não percebeu nada. Os homens eram quase todos cegos, embora ele fosse mais esperto que a média.

— Precisamos ser rápidos — afirmou o velho menestrel. — Agora que Sheriam já nos espremeu, pretende nos obrigar a ir falar pessoalmente com algumas Votantes. Por sorte, isso simplifica as coisas. Não tem Mantos-brancos o suficiente ao longo do Eldar para impedir sequer um rato de cruzar o rio, mesmo se esse rato tivesse tambores e trompetes para anunciar sua passagem com um dia de antecedência. Tirando o forte contingente na fronteira taraboniana e os homens que Niall colocou para tentar conter o Profeta, lá no norte, o tal Comandante dos Filhos parece estar

reunindo todos os Mantos-brancos restantes em torno de Amadícia. E Ailron também está juntando seus soldados. Já tinha começado a aparecer conversa sobre Salidar nas ruas antes de irmos embora, mas, se Niall chegou a pensar na cidade, não encontrei nenhum indício disso.

— Tarabon — resmungou Juilin, analisando o chapéu. — Ouvi dizer que é um país muito perigoso para quem não sabe se cuidar.

Nynaeve não tinha certeza de qual dos dois era mais dissimulado, mas estava certa de que ambos eram perfeitamente capazes de mentiras tão deslavadas que deixariam um mercador de lã verde de inveja. E também não tinha dúvidas de que estavam escondendo alguma coisa.

Elayne percebeu na hora. Agarrando Thom pela lapela, ela ergueu os olhos e o encarou.

— Vocês ouviram alguma coisa sobre minha mãe — afirmou, calma. Não era uma pergunta.

Thom cofiou o bigode.

— Tem centenas de boatos em cada rua de Amadícia, criança, cada um mais louco que o outro. — Seu rosto curtido e cheio de rugas era pura inocência e franqueza, mas aquele homem perdera a inocência logo ao nascer. — Dizem que a Torre Branca inteira está aqui em Salidar, com dez mil Guardiões prontos para cruzar o Eldar. E que as Aes Sedai estão no controle de Tanchico, que Rand tem asas e sai voando por aí à noite e...

— Thom — interrompeu Elayne.

O menestrel bufou, olhando de Juilin para Nynaeve como se aquilo fosse culpa deles.

— É só um boato, criança, tão louco quanto qualquer outro. Não consegui confirmar nada, e pode acreditar que tentei. Não queria nem mencionar. Só vai lhe trazer sofrimento. Deixe estar, criança.

— Thom. — A voz de Elayne saiu bem mais firme dessa vez.

Juilin remexeu os pés, parecendo querer estar em outro lugar. Thom só parecia emburrado.

— Bem, se você faz questão... Ao que parece, todo mundo em Amadícia acha que sua mãe está na Fortaleza da Luz e que ela vai liderar um exército de Mantos-brancos de volta a Andor.

Elayne balançou a cabeça e soltou uma risada baixa.

— Ah, Thom, acha que eu me preocuparia com esse tipo de coisa? Mamãe nunca pediria ajuda aos Mantos-brancos. Eu até preferia que fosse o caso. Queria que ela estivesse viva para isso. Esse negócio de levar soldados estrangeiros para Andor, ainda mais Mantos-brancos, é uma afronta a tudo o que ela me ensinou, mas ainda assim eu gostaria que fosse verdade. Bem, se desejar adiantasse de alguma coisa...

— Ela abriu um sorriso triste, mas de uma tristeza contida. — Já respeitei meu tempo de luto, Thom. Minha mãe morreu, e agora tenho que fazer meu melhor para

ser digna de sucedê-la. Ela jamais teria ido atrás da verdade em boatos ridículos, nem ficaria chorando pelos cantos.

— Criança — interveio Thom, meio sem jeito.

Nynaeve se perguntou o que o menestrel sentia a respeito da morte de Morgase, se é que sentia alguma coisa. Pareia difícil de acreditar, mas Thom já fora amante de Morgase quando a rainha era jovem e Elayne mal passava de uma bebê. Naquela época, ele não devia parecer um pano deixado por tempo demais ao sol para secar. Não sabia muito sobre como e por que tudo acabara, só que ele tinha ido embora de Caemlyn de fininho, com um mandado de prisão nos calcanhares. Não era um amor para se contar em histórias. Ele no momento só parecia preocupado em saber se Elayne estava falando a verdade ou escondendo sua mágoa. Ele deu alguns tapinhas no ombro da jovem e afagou seu cabelo. Se Nynaeve não quisesse tanto que eles brigassem como pessoas normais pelo menos uma vez, teria achado a cena muito bonita.

Alguém pigarreou, interrompendo-os.

— Mestre Merrilin? — chamou Tabiya, abrindo o vestido branco em uma medida ligeira. — Mestre Sandar? Sheriam Sedai manda informar que as Votantes estão prontas para receber os dois. E acrescenta que os senhores ainda não podem sair da Pequena Torre.

— Pequena Torre, é? — indagou Thom, seco, examinando a antiga estalagem. — Elas não podem nos prender lá para sempre, Elayne. Quando terminarmos, nós dois vamos conversar sobre... sobre o que você quiser.

O menestrel gesticulou para Tabiya ir na frente e marchou estalagem adentro, o coxear bem nítido era prova de como estava cansado. Juilin endireitou os ombros e o seguiu; parecia andar para a força. Era mesmo taireno.

Nynaeve e Elayne ficaram ali, paradas, sem olhar uma para a outra.

Por fim, Nynaeve falou:

— Eu não estava...

Ao mesmo tempo, Elayne disse:

— Eu não deveria...

As duas pararam de falar ao mesmo tempo, enrubescendo e endireitando as saias.

— Está quente demais para ficar aqui — opinou Nynaeve, por fim.

Não era muito provável que as Votantes ocupadas com os relatos de Siuan e Leane fossem parar para ouvir Thom e Juilin. Elas sempre dividiam esse tipo de trabalho. Só restava Logain, mesmo Nynaeve preferindo que não fosse o caso. Não descobriria nada novo. Bem, era melhor do que ficar sem fazer nada até aparecerem dez Aes Sedai despejando suas tarefas sobre ela.

Com um suspiro, foi avançando rua abaixo. Elayne a acompanhou, como se tivesse sido convidada, o que ajudou Nynaeve a encontrar a raiva necessária. De repente, reparou que os pulsos de Elayne estavam desnudos.

— Onde está o bracelete? — perguntou, baixinho. Ninguém na rua entenderia, se

escutasse, mas bastava abrir mão da cautela uma vez para começar a deixá-la de lado sempre. — Onde está Marigan?

— Está na minha bolsinha, Nynaeve. — Elayne se afastou, abrindo passagem para uma carroça de roda grande, então se aproximou de volta. — Marigan está lavando roupa junto com vinte outras mulheres. E gemendo a cada vez que se move. Ela fez um comentário que achou que Birgitte não fosse ouvir, e Birgitte... Olha, eu *tive* que tirar aquele troço, Nynaeve. Birgitte estava com a razão, e *doeu*. Eu disse para Marigan falar que tinha caído da escada.

Nynaeve fungou com reprovação, mas não estava realmente contrariada. Não havia usado muito o bracelete nos últimos tempos, e não porque não pudesse mais apresentar como suas as descobertas que conseguisse arrancar da Abandonada. Ainda tinha certeza de que Moghedien sabia *alguma coisa* a respeito da Cura, mesmo que nem ela própria percebesse — ninguém podia ser tão cego —, e ainda havia o truque de detectar a canalização de um homem, coisa que Moghedien sempre dizia que as duas estavam quase aprendendo. A verdade era que estava com medo de fazer coisa pior do que Birgitte, caso tivesse mais contato além do absolutamente necessário com a Abandonada. Talvez fosse porque a mulher sempre parecesse ligeiramente satisfeita, mesmo quando reclamava da dor gerada pelas tentativas de Nynaeve de dominar a arte da detecção. Talvez fosse a lembrança de quão assustada se sentira quando ficara sozinha com a mulher sem o bracelete. Talvez fosse um desgosto crescente por ter que evitar que uma Abandonada fosse a julgamento. Talvez fosse um pouco de tudo isso. O que sabia era que, ultimamente, precisava se obrigar a colocar o bracelete, e mal podia conter a vontade de socar o rosto de Moghedien sempre que a via.

— Eu não deveria ter rido de você — declarou Elayne. — Peço desculpas.

Nynaeve parou de andar tão de repente que um cavaleiro atrás delas precisou puxar as rédeas para não a atropelar. O homem ainda deu uns berros antes de sumir na multidão, mas o choque abafou tanto suas palavras que não havia possibilidade de serem ouvidas. Não era um choque pelo pedido de desculpas. Era pelo que precisava dizer. Pois era o certo a se dizer. Era verdade.

Incapaz de olhar para Elayne, Nynaeve retomou a caminhada.

— Você tinha todo o direito de rir. Eu... — Ela engoliu em seco. — Eu é que fiz papel de idiota. — E fizera, mesmo. Theodrin a mandara tomar só uns goles, um copo, e ela bebera cada gota do cântaro. Se era para fracassar, melhor não ser por falta de tentativa. — Você devia ter pegado aquele balde e enfiado minha cabeça dentro da água até eu conseguir recitar “A Grande Caçada à Trombeta” sem errar.

Ela arriscou uma olhada de rabo de olho. Elayne ainda tinha pequenos pontinhos vermelhos nas bochechas. Ah, então houvera mesmo aquela sugestão do balde.

— Poderia ter acontecido com qualquer um — rebateu a Filha-herdeira.

Nynaeve sentiu as próprias bochechas esquentarem. Quando acontecera com Elayne, Nynaeve tinha ensopado a cabeça da garota para tirar o efeito do vinho.

— Você devia ter feito o que fosse preciso para... me deixar sóbria.

Aquela era a discussão mais inusitada que conseguia se lembrar entre elas duas: enquanto insistia que agira como uma completa idiota e que merecia sofrer as consequências de suas ações, Elayne dava uma desculpa atrás da outra para justificar seu comportamento. Nynaeve não entendia por que assumir toda a culpa era tão revigorante, não se lembrava de jamais ter feito coisa parecida, sempre se esquivava até onde podia. Quase se irritou com Elayne, por não concordar que ela tinha agido como uma tonta infantil. A discussão perdurou até as duas chegarem à casinha de palha na extremidade da aldeia onde Logain estava sendo mantido.

— Se você não parar com isso — afirmou Elayne, por fim —, juro que vou buscar um balde d'água agora mesmo.

Nynaeve abriu a boca, então a fechou. Mesmo com a euforia de ter admitido que estava errada, aquilo já era um pouco demais. Não poderia encarar Logain sentindo-se tão bem daquele jeito. Bem, sentindo-se bem daquele jeito qualquer coisa seria inútil sem Moghedien e o bracelete que definitivamente se sentia bem demais para colocar. Deu uma olhada nos dois Guardiões que montavam guarda ao lado da porta de batente de pedra. Não estavam perto o bastante para ouvir, mas mesmo assim baixou a voz.

— Vamos, Elayne. Hoje à noite. — Com Thom e Juilin em Salidar, não haveria necessidade de pedir a Uno que encontrasse cavalos. — Não precisamos ir para Caemlyn, se você não quiser. Vamos para Ebou Dar. Merilille nunca vai encontrar aquela tigela, e Sheriam não vai deixar a gente ir procurar. Que tal? Hoje à noite?

— Não, Nynaeve. Que bem faremos a Rand se as Aes Sedai nos considerarem duas fugitivas? E é isso que seríamos. Você prometeu, Nynaeve. Você prometeu ficar se encontrássemos alguma coisa.

— Prometi ficar se encontrássemos alguma coisa útil. Só encontramos isto! — exclamou, esticando os braços e abrindo as mãos enrugadas debaixo do nariz da Filha-herdeira.

A firmeza sumiu do rosto e da voz de Elayne. A jovem comprimiu os lábios e encarou o chão.

— Nynaeve, você sabe que eu disse para Birgitte que iríamos ficar. Bem, parece que ela contou a Uno que não era para ele arranjar nenhum cavalo a você sob nenhuma circunstância, a menos que ela mandasse. E falou que você estava pensando em fugir. Só descobri quando já era tarde demais. — Ela balançou a cabeça, irritada. — Se ter um Guardião é assim, então não sei como alguém poderia querer um.

Nynaeve achou que os olhos fossem saltar das órbitas de tanta indignação. Então era por isso que Uno ficava olhando para ela. A euforia sumiu, se dissipando em um calor que... bem, era parte raiva, parte humilhação. O homem *sabia* e achava que ela... Ora, vejam só. Franziu o cenho para Elayne, então decidiu não fazer a pergunta que lhe viera à mente: será que Birgitte só alertara a Uno sobre ela ou o

nome de Elayne estava incluído? Que bela família adotiva a Filha-herdeira encontrara. Thom, um pai indulgente que queria lhe ensinar tudo o que sabia, e Birgitte, uma irmã mais velha que achava que era seu papel evitar que a garota quebrasse o pescoço montando em cavalos que ainda não sabia controlar.

— Se é assim — disse, indiferente —, vamos ver o que consigo descobrir com Logain.

Era uma casa pequena, de apenas dois cômodos, mas as grossas paredes de pedra deixavam o ambiente relativamente fresco. Logain estava de camisa, fumando um cachimbo e lendo junto a uma janela. As Aes Sedai estavam cuidando bem dele: as poltronas e as mesas eram tão boas quanto qualquer outra em Salidar — nada muito grandioso, mas tudo bem-feito, mesmo sem combinar com qualquer outra peça da mobília —, e um tapete vermelho e dourado cheio de volutas cobria quase todo o piso, que havia sido tão bem varrido que Nynaeve duvidou de que Logain é que tivesse dado conta da limpeza.

Quando entraram, Logain baixou o livro sem parecer incomodado por elas não terem batido à porta. Ele se levantou devagar, esvaziou o cachimbo, vestiu o casaco e só então curvou a perna em uma reverência delicada.

— É bom ver vocês de novo depois de tanto tempo. Achei que tivessem se esquecido de mim. Que tal um pouco de vinho? As Aes Sedai só me permitem uma quantidade limitada, mas não é de má qualidade.

A oferta de vinho já bastou, e Nynaeve por pouco não se encolheu toda — ora, como se precisasse de mais bebida. Considerando o que descobrira de Uno, só o fato de estar diante de um homem já era o bastante. Não precisava alimentar a raiva com seus sentimentos sobre a Pequena Torre, mas pensar neles ajudou um pouco. A Fonte Verdadeira de repente estava ali, um calor invisível quase à vista. Ela se abriu e *saidar* a inundou. Se o que tinha sentido antes era euforia, aquilo era mais que um êxtase — *estava* se rendendo, e que a Luz queimasse Theodrin!

— Sente-se — mandou, fria. — Não vim jogar conversa fora. Responda o que lhe for perguntado. Do contrário, fique de boca fechada.

Logain simplesmente deu de ombros e obedeceu, dócil feito um cãozinho — não, não era docilidade: aquele sorriso era pura insolência. Parte era causada pelo que sentia a respeito das Aes Sedai, Nynaeve tinha certeza, mas outra parte... O homem ficou olhando enquanto Elayne se sentava em outra poltrona, ajustando as saias com movimentos meticulosos. Mesmo que Nynaeve não tivesse visto para onde ele estava olhando, saberia que era para uma mulher. Não havia nenhum sorrisinho, nenhum olhar lascivo, só... Nynaeve não sabia o quê, só sabia que Logain lhe dirigiu o mesmo olhar. De repente, teve total consciência de que era mulher e que ele era homem. Talvez fosse só por ele ser todo bonitão e de ombros largos, mas gostava de pensar que estava acima disso. Claro que não era a aparência dele.

Ela pigarreou e teceu filamentos de *saidar* em volta dele — Ar, Água, Fogo, Terra e Espírito. Todos os elementos da Cura, mas os utilizaria para uma sondagem.

Ajudaria se o tocasse, mas não conseguiu se obrigar a fazê-lo. Já era ruim o bastante ter que tocá-lo com o Poder. O homem estava saudável feito um touro e quase tão forte quanto um. Não havia nem um pelo errado com ele, exceto o buraco.

Não era bem um buraco, era mais a sensação de que algo que parecia contínuo acabava de repente, que o que parecia suave e direto estava, na verdade, margeando uma ausência. Conhecia bem aquela sensação, estudara aquilo com muita atenção nos primeiros dias, quando achava que poderia aprender alguma coisa. Ainda lhe dava calafrios.

Logain ergueu os olhos e os fixou nela. Nynaeve não se lembrava de ter se aproximado tanto. O rosto dele era uma máscara do mais puro desdém. Ela podia não ser Aes Sedai, mas estava bem perto disso.

— Como você conseguiu fazer aquilo tudo de uma vez? — indagou Elayne. — Não consegui acompanhar nem metade.

— Silêncio — murmurou Nynaeve. Disfarçando o esforço que teve que fazer para tocá-lo, agarrou a cabeça de Logain com força. Sim. Contato físico facilitava as coisas, as impressões ficavam mais nítidas.

Direcionou todo o fluxo de *saidar* para onde o buraco deveria estar... e quase se surpreendeu ao se deparar com um vazio. Como sempre, não esperava descobrir nada. Homens eram tão diferentes de mulheres no que dizia respeito ao Poder quanto na parte de carne e osso, talvez até mais. Era como estudar uma pedra querendo descobrir mais sobre os peixes. Era difícil se manter concentrada no que estava fazendo, sabendo que sua presença ali era uma formalidade, que estava passando o tempo, por assim dizer.

O que Myrelle vai dizer? Será que não passaria adiante uma mensagem de Egwene? Aquele vazio, tão pequeno que poderia até ser desconsiderado, se mostrou enorme e vasto assim que permitiu que os fluxos o penetrassem, imenso o bastante para engolir a todos. Se ao menos eu tivesse como falar com Egwene... Aposto que assim que ela souber que a Torre está mandando uma missão diplomática atrás de Rand e que as Aes Sedai daqui estão de braços cruzados, ela vai me ajudar a convencer Elayne de que já fizemos tudo o que podíamos por aqui. Um vasto vazio, um nada. Lembrou-se do que encontrara em Siuan e Leane, aquela sensação de algo rompido. Tinha certeza de que era real, mesmo que a sensação fosse fraca. Homens e mulheres podiam até ser diferentes, mas talvez... *Só preciso dar um jeito de falar com ela. Egwene vai concordar que Rand estaria melhor com a gente por perto. E Elayne vai dar ouvidos a ela, já que acha que Egwene conhece Rand melhor que ninguém.* Lá estava. Algo rompido. Era só uma impressão, mas era a mesma com Siuan e Leane. *Mas como vou me encontrar com ela? Ah, se Egwene pudesse aparecer em nossos sonhos outra vez... Aposto que consigo convencê-la a vir se juntar a nós. Nós três nos sairíamos bem melhor com Rand. Juntas, poderíamos contar a ele o que aprendemos em Tel'aran'rhiod, evitar que ele cometa algum erro ingênuo com aquelas Aes Sedai. Ela vai concordar.* Havia algo naquele

rompimento... Se fosse remendado com Fogo e Espírito, talvez...

Foi o ligeiro arregalar dos olhos de Logain que comprovou o que ela acabara de fazer. Nynaeve sentiu a respiração ficar presa na garganta. Afastou-se dele tão rápido que tropeçou na própria saia.

— Nynaeve — chamou Elayne, se endireitando —, qual é o prob...?

Nynaeve piscou, agarrou toda a *saidar* que conseguia canalizar e o blindou.

— Vá buscar Sheriam — mandou, quase atropelando as palavras. — Mais ninguém, só Sheriam. Diga a ela... — Nynaeve respirou tão fundo que pareceu que era o primeiro ar em seu pulmão em horas. Seu coração estava tão acelerado que batia mais rápido que cavalos a galope. — Diga a ela que Curei Logain.



CURAR DE NOVO

Nynaeve sentiu algo empurrar a blindagem que tecera entre Logain e a Fonte Verdadeira, uma pressão que foi se intensificando até a tessitura começar a se curvar e a tremer, chegando quase a ponto de se romper. Deixou que *saidar* percorresse seu corpo, a doçura atingindo o limiar da dor, e canalizou cada fio em Espírito para a barreira.

— Anda logo, Elayne! — Não se incomodou nem um pouco por a voz ter saído tão aguda.

Elayne, que a Luz sempre brilhasse sobre ela, não perdeu tempo com perguntas. A garota se levantou de um pulo e saiu correndo na mesma hora.

Logain não movera um único músculo. Estava com os olhos — que pareciam brilhar — fixos nos de Nynaeve. Luz, o homem era grande, de ombros extremamente largos. Toda atrapalhada, Nynaeve tentou pegar a faca no cinto, então percebeu como estava sendo ridícula. Ele provavelmente conseguiria desarmá-la sem suar nem uma gota a mais do que já estava. Ela desviou alguns dos fluxos para Ar, criando elos que o deixaram preso exatamente onde estava, ainda sentado, amarrado pelos braços e pelas pernas. Logain continuava sendo grande, mas de repente pareceu mais normal e menos ameaçador. Só então lhe ocorreu que diminuía a força da barreira — bem, não conseguiria canalizar nem mais um fio de cabelo. A pura alegria que era *saidar* já era tão intensa em seu corpo que ela quase quis chorar. Logain sorriu.

Um dos Guardiões meteu a cabeça porta adentro, um homem de cabelo escuro com nariz pronunciado e uma cicatriz branca profunda ao longo do queixo magro.

— Alguma coisa errada? A outra Aceita saiu correndo como se tivesse sentado numa urtiga.

— Está tudo absolutamente sob controle — respondeu Nynaeve, com a voz

tranquila. Ou ao menos o mais tranquila que conseguiu. *Ninguém pode saber, ninguém!* Não até que tivesse a chance de conversar com Sheriam, de trazer a mulher para seu lado. — Elayne esqueceu uma coisa e foi buscar. — A desculpa soou esfarrapada. — Pode sair. Estou ocupada.

Tervail — era o nome dele, Tervail Dura, Guardião de Beonin. Luz, por que estava preocupada com o nome dele? Antes de se retirar, Tervail abriu um sorriso irônico e fez uma reverência zombeteira. Os Guardiões não deixavam as Aceitas agirem como Aes Sedai.

Precisou de um esforço considerável para evitar umedecer os lábios. Analisou Logain. Por fora, o homem estava calmo, como se nada tivesse mudado.

— Não há necessidade disso, Nynaeve. Acha que eu vou atacar uma aldeia com centenas de Aes Sedai? Elas fariam picadinho de mim antes que eu desse dois passos.

— Fique quieto — retrucou ela, sem nem pensar. Muito atrapalhada, encontrou uma cadeira atrás de si e, sem nunca tirar os olhos dele, se sentou. Luz, por que Sheriam estava demorando tanto? Ela precisava entender que tinha sido um acidente. A raiva de si própria era a única coisa que a mantinha canalizando. Como pudera ser tão descuidada, uma idiota cega?

— Não tenha medo — insistiu Logain. — Não vou me voltar contra elas, não a esta altura. Elas estão fazendo exatamente o que eu queria, mesmo que não percebam. A Ajah Vermelha acabou. Daqui a um ano, não haverá nenhuma Aes Sedai que ouse admitir que é Vermelha.

— Eu mandei você ficar quieto! — ralhou Nynaeve. — Acha que acredito que você só odeia as Vermelhas?

— Olha, já vi um homem que vai causar mais problemas do que eu já causei. Talvez seja o Dragão Renascido, não sei. Foi quando atravessaram Caemlyn comigo, depois que fui capturado. Ele estava longe, mas eu vi um... um brilho. Foi quando soube que ele iria abalar o mundo. Enjaulado como eu estava, não tive como não rir.

Nynaeve moveu parte do fluxo de Ar que o mantinha preso e o forçou entre as mandíbulas de Logain como uma mordaca. Seu rosto assumiu uma expressão raivosa e sombria, mas a emoção se dissipou quase imediatamente. Nynaeve nem se importou. Conseguira detê-lo. Pelo menos... Logain não tentara resistir, nem um pouco, mas talvez fosse porque soubera desde o princípio que seria inútil. Talvez. Mas com que força ele tentara romper a barreira? A pressão que ela havia sentido contra a blindagem não fora lenta, mas também não fora rápida. Fora quase como um homem alongando músculos há muito não utilizados, empurrando algo sem querer de fato movê-lo, apenas pela necessidade de exercitar os músculos. Só de pensar nisso seu estômago foi tomado por gelo.

Os olhos de Logain brilhavam, divertidos, quase como se o homem soubesse tudo o que havia se passado pela cabeça dela, o que só deixou Nynaeve ainda mais irritada. Logain estava com a boca escancarada feito um idiota, preso e blindado,

mas *ele* estava tranquilo. Como pudera sertão tola? Nynaeve não estava apta a ser Aes Sedai, não se sua barreira desmoronasse naquele instante. Não estava apta para ser deixada sozinha. Melhor dizerem a Birgitte para ficar de olho nela, antes que caísse de cara no chão ao tentar atravessar a rua.

Não foi intencional, mas ficar criticando a si mesma manteve a raiva borbulhando até a porta se escancarar. Não era Elayne.

Sheriam entrou logo depois de Romanda, com Myrelle, Morvrin e Takima seguindo de perto, depois entraram Lelaine, Janya, Delana, Bharatine e Beonin. Então vieram outras, aglomerando-se até lotarem o aposento. Nynaeve conseguia ver outras mulheres do outro lado da porta, que não tinha espaço para ser fechada. As que estavam lá dentro a encaravam, analisando também a tessitura. Estavam tão compenetradas que ela engoliu em seco, e toda a raiva cultivada com tanto cuidado se desfez. E, claro, desfizeram-se também a barreira e os elos que prendiam Logain.

Antes que Nynaeve pudesse pedir a outra pessoa que o blindasse, Nisao se plantou diante dela. Mesmo baixinha como era, a mulher conseguiu se assomar diante dela.

— Então que história é essa de você ter Curado este homem?

— Foi isso mesmo que ela disse que fez? — Logain até conseguiu parecer surpreso.

Varilin se aproximou e parou ao lado de Nisao. A Cinza esbelta era tão alta quanto Logain e se assomava acima de Nynaeve.

— Era isso que eu temia quando todo mundo começou a afagá-la por conta das descobertas. Assim que as novidades se esgotaram, os afagos cessaram. Claro que ela tentaria alguma maluquice para recuperá-los.

— É nisso que dá deixar a garota ficar *estudando* Siuan e Leane — interveio Romanda, firme. — E este sujeito. Deveriam ter dito a ela de uma vez que certas coisas não podem ser Curadas e ponto final!

— Mas eu Curei! — protestou Nynaeve. — Eu Curei! Por favor, blindem Logain. Vocês precisam blindá-lo, por favor!

As Aes Sedai diante dela se viraram para Logain, abrindo o mínimo de espaço de que ela precisava para também olhá-lo. O desgraçado devolveu os olhares com uma expressão inocente. Chegou até a dar de ombros!

— Acho que o mínimo que podemos fazer é mantê-lo blindado até termos certeza absoluta — sugeriu Sheriam.

Romanda aquiesceu, e uma blindagem despontou, sendo aumentada até se tornar forte o bastante para prender um gigante. O brilho de *saidar* envolvia quase todas as mulheres presentes. Romanda restaurou um pouco da ordem nomeando seis mulheres para manter uma blindagem menor, mas ainda assim mais que suficiente.

Myrelle agarrou o braço de Nynaeve.

— Você vai nos perdoar, Romanda, mas precisamos conversar a sós com Nynaeve.

Sheriam agarrou o outro braço.

— Melhor acabarmos logo com isso.

Romanda assentiu, distraída. Estava franzindo o cenho para Logain, como quase todas as Aes Sedai ali. Ninguém fez menção de sair.

Sheriam e Myrelle puseram Nynaeve de pé e a puxaram para a porta.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Nynaeve, sem fôlego. — Para onde estão me levando?

Do lado de fora, as três foram se acotovelando pela multidão de Aes Sedai. Muitas mulheres a encaravam com um olhar intenso, até acusador. Passaram aos empurrões por Elayne, que fez uma careta culpada. Nynaeve a encarou por cima do ombro enquanto as duas Aes Sedai a arrastavam tão depressa que ela não conseguia evitar tropeçar. Não que esperasse que Elayne fosse ajudá-la, mas podia ser a última vez que Nynaeve a via. Beonin estava falando alguma coisa para Elayne, que disparou pelo meio da multidão.

— O que vocês vão fazer comigo? — ganiu Nynaeve.

— Poderíamos deixar você esfregando panelas para o resto da vida — respondeu Sheriam em tom casual.

Myrelle assentiu.

— Você poderia passar o dia trabalhando nas cozinhas.

— Ou poderíamos açoitá-la todos os dias.

— Arrancar seu couro pedacinho por pedacinho.

— Pregar você dentro de um barril e só passar comida pelo buraquinho na tampa.

— Mas só mingau. Mingau dormido.

Nynaeve sentiu os joelhos fraquejarem.

— Foi um acidente! Eu juro! Foi sem querer!

Sem diminuir o passo, Sheriam sacudiu-a.

— Não seja tola, criança. Você pode ter feito algo impossível.

— Vocês acreditam em mim? Acreditam! Por que não disseram nada quando Nisao e Varilin e... Por que não disseram nada?

— Eu disse “pode ter feito”, criança. — Ela sentiu uma pontada de tristeza ao notar o tom neutro de Sheriam.

— Outra possibilidade — acrescentou Myrelle — é seu cérebro ter inchado de tanto esforço. — Ela encarou Nynaeve com um olhar desconfiado. — Você ficaria surpresa com a quantidade de Aceitas e até de noviças que afirmam ter redescoberto algum Talento perdido ou descoberto um novo. Quando eu era noviça, uma Aceita chamada Echiko estava tão convencida de que sabia voar que pulou do alto da Torre.

Atordoadas, Nynaeve olhava de uma mulher para a outra. Acreditavam nela ou não? Será que achavam mesmo que estava *louca*? *O que, sob a Luz, elas vão fazer comigo?* Tentava encontrar palavras para convencê-las — não estava mentindo, não estava maluca, e *tinha mesmo* Curado Logain —, mas sua boca abria e fechava sem fazer barulho, e foi assim até entrarem às pressas na Pequena Torre.

Só quando adentraram o que antes era uma sala de jantar privada da antiga

estalagem, um aposento comprido onde agora havia uma mesa estreita cercada de cadeiras junto a uma parede, foi que Nynaeve se deu conta de que havia seguidoras em seu encalço. Mais de dez Aes Sedai foram entrando atrás delas: Nisao, de braços cruzados; Dagdara, com o queixo projetado para a frente como se pretendesse atravessar uma parede; Shanelle, Therva e... Todas da Ajah Amarela, salvo Sheriam e Myrelle. Aquela mesa sugeria a câmara de um magistrado, e a fileira de rostos taciturnos indicava um julgamento. Nynaeve engoliu em seco.

Sheriam e Myrelle a deixaram ali, de pé, e deram a volta para se juntar às Aes Sedai perto da mesa. Então, de costas para ela, começaram a conversar em voz baixa entre si. Quando se viraram de volta, seus rostos estavam indecifráveis.

— Você afirma ter Curado Logain. — Havia um quê de desdém na voz de Sheriam. — Você afirma ter Curado um homem amansado.

— Vocês têm que acreditar em mim — protestou Nynaeve. — Você disse que acreditava.

Ela deu um pulo, como se algo invisível a tivesse golpeado com força na cintura.

— Olhe os modos, Aceita — retrucou Sheriam com frieza. — Você ainda afirma isso?

Nynaeve encarou a mulher. Sheriam é que estava louca, mudando de comportamento daquele jeito. Ainda assim, conseguiu soar respeitosa:

— Sim, Aes Sedai.

Dagdara soltou uma exclamação de surpresa e desdém.

Sheriam gesticulou para aquietar um murmúrio entre as Amarelas.

— E você diz que o que fez foi um acidente. Se for o caso, suponho que não haja nenhuma chance de repetir o feito para provar que diz a verdade.

— Como ela poderia? — indagou Myrelle, parecendo achar graça. *Graça!* — Se ela foi fazendo o que fez às cegas, como conseguiria repetir? Não que faça diferença, a menos que ela realmente tenha Curado o homem.

— Responda! — exclamou Sheriam, e aquele açoite invisível a golpeou outra vez. Desta vez, Nynaeve conseguiu não se sobressaltar. — Existe alguma chance de você se lembrar do que fez, ao menos em parte?

— Eu me lembro, Aes Sedai — afirmou Nynaeve, soturna, com medo de uma nova agressão. O golpe não veio, mas já conseguia ver o brilho de *saidar* em torno de Sheriam. Aquele brilho parecia ameaçador.

Houve uma pequena comoção à porta, e Carlinya e Beonin abriram caminho pela fileira de Amarelas. Uma empurrava Siuan à frente, a outra trazia Leane.

— Elas não queriam vir — anunciou Beonin, exasperada. — Acreditam que elas tiveram a audácia de tentar dizer que estavam ocupadas?

Leane tinha a expressão tão inescrutável quanto a de qualquer Aes Sedai, mas Siuan disparava olhares irados para todas as presentes, sobretudo para Nynaeve.

Foi então que Nynaeve enfim compreendeu. Tudo se encaixou. A presença das irmãs Amarelas. Sheriam e Myrelle acreditando nela, depois não acreditando mais,

ameaçando-a, agredindo-a. Foi tudo de propósito, tudo para deixá-la com raiva suficiente para que ela usasse sua Cura em Siuan e Leane, para que provasse seu feito para as Amarelas. Não. Pelas expressões em seus rostos, aquelas mulheres estavam ali para vê-la fracassar. Nynaeve não fez nenhum esforço para esconder o puxão que deu na trança — inclusive puxou outra vez, caso alguém não tivesse visto da primeira vez. Queria esbofetear *todas*. Queria dar a elas uma dose de um preparado de ervas que, só com o cheiro, faria todas se sentarem no chão e chorarem feito bebês. Queria arrancar o cabelo de todas e estrangulá-las com os fios, queria...

— Eu preciso mesmo aguentar essa baboseira? — rosnou Siuan. — Tenho coisas importantes a fazer. Mesmo que eu só tivesse que cortar a cabeça de peixes, seria mais imp...

— Ah, cale a boca — interrompeu Nynaeve, irritadiça.

Com um passo, tomou a cabeça de Siuan nas mãos, como se pretendesse quebrar o pescoço da mulher. Tinha acreditado naquelas bobagens, até na história do barril! Aquelas mulheres a manipularam e ela tinha caído direitinho!

Saidar preencheu-a, e Nynaeve canalizou como fizera com Logain, combinando todos os Cinco Poderes. Desta vez sabia o que estava buscando, aquela sensação de algo rompido que quase não parecia estar lá. Espírito e Fogo para remendar a fenda, e...

Por um momento, Siuan só a encarou, impassível. Em seguida, o brilho de *saidar* a envolveu. Murmúrios de surpresa tomaram a sala. Bem devagar, Siuan se inclinou para a frente e deu um beijo em cada bochecha de Nynaeve. Uma lágrima escorreu por seu rosto, depois outra, e, de repente, Siuan estava chorando, abraçando a si mesma, trêmula. A aura reluzente ao seu redor se dissipou. Sheriam a envolveu em um abraço reconfortante e também parecia prestes a chorar.

As demais presentes encaravam Nynaeve. O choque que substituíra toda aquela serenidade de Aes Sedai foi muito satisfatório, e até mesmo a decepção em seus rostos foi gratificante. Os olhos azul-claros de Shanelle pareciam prestes a saltar das órbitas. Nisao ainda estava de queixo caído, até que a mulher notou que Nynaeve estava olhando e tratou de fechar a boca.

— O que fez você pensar em usar Fogo? — indagou Dagdara em uma voz estrangulada que pareceu extremamente aguda para uma mulher tão grande. — E Terra? Você usou Terra. A Cura se faz com Espírito, Água e Ar.

Aquilo abriu as comportas, e ela foi inundada por perguntas vindas de todas as presentes. Mas, na verdade, eram sempre as mesmas perguntas, apenas com palavras diferentes.

— Não sei por quê — respondeu Nynaeve, quando encontrou uma brecha. — Só me pareceu certo. Eu quase sempre uso tudo.

Aquilo que gerou uma rodada de broncas. A Cura se fazia com Espírito, Água e Ar. Na Cura, era perigoso experimentar. Um erro poderia matar não só a Aes Sedai, mas também o paciente. Nynaeve não respondeu, e as advertências logo cessaram,

abafadas entre olhares contrariados e saias amarrotadas. Além de não matar ninguém, Nynaeve ainda Curara o que elas diziam que era impossível ser Curado.

Leane exibia um sorriso tão esperançoso que chegava quase a doer. Nynaeve se aproximou dela, também abrindo um sorriso, mascarando a irritação ardente que sentia por dentro. A Ajah Amarela e todo aquele suposto conhecimento sobre a Cura. Quantas vezes ela não estivera disposta a implorar de joelhos para que elas lhe ensinassem. Ora, entendia mais de Cura do que qualquer uma delas!

— Agora prestem bastante atenção, vocês não vão ter outra chance de ver como se faz tão cedo.

Conforme canalizava, Nynaeve sentiu uma aproximação, mas ainda não sabia dizer o que se aproximava. A Cura em Leane e Siuan era um pouco diferente da de Logain. Bem, como vivia dizendo a si mesma, homens e mulheres *eram* diferentes. *Luz, ainda bem que isso funciona com elas tão bem quanto funcionou com ele!* Aquilo provocou algumas perguntas desagradáveis. E se certas coisas exigissem Curas distintas em homens e mulheres? Talvez seu conhecimento não fosse mesmo tão grande quanto o das Amarelas.

A reação de Leane foi diferente. Nada de lágrimas. A mulher abraçou *saidar*, abriu um sorriso agradecido e soltou, apesar de o sorriso permanecer. Então agarrou Nynaeve em um abraço, apertando até suas costelas estalarem.

— Obrigada, obrigada, obrigada — sussurrava, sem parar.

Um murmúrio despontou entre as Amarelas, e Nynaeve se preparou para se deleitar com os elogios que receberia. Aceitaria as desculpas com elegância. Foi quando ouviu o que as mulheres estavam falando:

— ... usou Fogo e Terra como se estivesse abrindo um buraco numa pedra — comentou Dagdara em tom de reprovação.

— Um toque mais suave seria melhor — concordou Shanelle.

— ... ver se Fogo pode ser útil em problemas com o coração — ponderou Therva, tamborilando o narigão.

Beldemane, uma arafeliana rechonchuda com sininhos de prata no cabelo, aquiesceu, pensativa, e completou: — ... se Terra fosse combinada com Ar assim, então...

— Fogo tecido em Água...

— Terra misturada com Água...

Nynaeve ficou boquiaberta. As mulheres já tinham se esquecido dela! Achavam que poderiam aprimorar a demonstração que tinham acabado de ver!

Myrelle deu um tapinha em seu braço.

— Você se saiu muito bem — murmurou. — Não se preocupe. Depois elas serão só elogios. Agora ainda estão um pouco desconcertadas.

Nynaeve fungou alto com desdém, mas nenhuma das Amarelas pareceu notar.

— Espero que isso ao menos signifique que não preciso mais esfregar panelas.

Sheriam se virou para ela de repente, sobressaltada.

— Por que não precisaria, criança? Que ideia é essa? — A mulher ainda tinha o braço em torno de Siuan, que, bastante envergonhada, enxugava os olhos com um lenço rendado. — Se qualquer pessoa pudesse quebrar regras ao bel-prazer, fazer o que bem entendesse, e escapar de punições só por fazer algo positivo para compensar... o mundo seria um caos.

Nynaeve suspirou. Devia ter imaginado.

Afastando-se das outras Amarelas, Nisao pigarreou. Disparou a Nynaeve um breve olhar que só poderia ser acusatório.

— Suponho que isso signifique que teremos que amansar Logain de novo. — Pelo tom de voz, ela parecia querer fingir que nada daquilo acontecera.

Quando as presentes começaram a aquiescer, Carlinya se pronunciou, tão gélida que o aposento pareceu ficar mais frio.

— Mas será que devemos? — Todos os olhos se voltaram para ela, que apenas prosseguiu, muito calma e tranquila. — Temos que considerar as implicações éticas. Como podemos apoiar um homem que é capaz de canalizar, um homem que está tentando juntar outros homens com a mesma habilidade, e, ao mesmo tempo, continuarmos agindo como antes, amansando os que encontramos? Na prática, que efeito isso terá quando ele descobrir? Por mais aflitiva que seja a atual situação, ela vai ajudá-lo a nos ver como um grupo dissociado da Torre e, mais importante, de Elaida e da Ajah Vermelha. Se amansarmos um único homem que seja, podemos perder essa diferenciação. Com isso, perdemos a chance de estabelecer nossa influência sobre ele antes de Elaida.

Quando ela parou, o silêncio caiu como um manto sobre o ambiente. Aes Sedai trocaram olhares preocupados, e os olhares dirigidos a Nynaeve fizeram o de Nisao parecer gentil. Irmãs tinham morrido na captura de Logain. E, mesmo que ele estivesse blindado, Nynaeve o transformara em um problema de novo e ainda dera um jeito de piorar a situação.

— Acho que você deveria ir — advertiu Sheriam, baixinho.

Nynaeve nem discutiu. Fez suas medidas o mais rápido possível e fez o possível para não sair correndo.

Quando saiu, Elayne já estava se levantando da escadinha de pedra.

— Me desculpe, Nynaeve — pediu ela, esfregando a saia. — Eu estava tão empolgada que deixei escapar tudo para Sheriam antes de me dar conta de que Romanda e Delana estavam lá.

— Não importa — respondeu Nynaeve, com firmeza, começando a andar pela rua lotada. — Elas ficariam sabendo mais cedo ou mais tarde. — Mas não era justo, não era. *Eu fiz uma coisa que elas disseram que não podia ser feita e ainda tenho que esfregar panelas!* — Elayne, não me importa o que você disser, temos que ir embora. Carlinya estava falando de “estabelecer influência” sobre Rand. Esse pessoal não é diferente da Elaida. Thom ou Juilin podem arranjar cavalos para nós, e Birgitte pode ir pentear capim.

— Receio que já seja tarde demais — ponderou Elayne em tom infeliz. — A notícia já está se espalhando.

Vindas de direções opostas, Larissa Lyndel e Zenare Ghodar atacaram Nynaeve feito dois falcões disputando uma lebre. Larissa era uma mulher ossuda cujo rosto simples quase se sobrepunha à idade indefinida de Aes Sedai, e Zenare era um tanto rechonchuda e com arrogância suficiente para fazer frente a duas rainhas, mas ambas pareciam ávidas e ansiosas. Eram da Ajah Amarela, embora nenhuma das duas estivesse presente quando Nynaeve Curou Siuan e Leane.

— Quero ver você fazer tudo de novo passo a passo — afirmou Larissa, agarrando firme um de seus braços.

— Nynaeve! — exclamou Zenare, tomando o outro braço. — Se você repetir a tessitura algumas vezes, aposto que vou descobrir umas cem coisas em que você nunca pensou.

Salita Toranes, uma tairana quase tão escura quanto as pessoas do Povo do Mar, pareceu surgir do nada.

— Vejo que foram mais rápidas. Bem, que minha alma queime se vou ficar esperando na fila.

— Eu cheguei primeiro, Salita — advertiu Zenare, firme, apertando mais o braço de Nynaeve.

— *Eu* cheguei primeiro — corrigiu Larissa, apertando também.

Nynaeve lançou um olhar de puro terror para Elayne, mas recebeu de volta apenas um olhar de pena e um dar de ombros — era disso que a jovem estava falando quando disse já ser tarde demais. Nynaeve não teria mais um instante de paz.

— ... com raiva? — ia dizendo Zenare. — Pois eu consigo pensar em cinquenta coisas que a deixariam com raiva suficiente até para mastigar pedras.

— *Eu* consigo pensar em *cem* — interveio Larissa. — E *eu* pretendo quebrar esse bloqueio dela, nem que seja a última coisa que eu faça.

Magla Daronos se enfiou entre o grupo abrindo caminho com os ombros, coisa que tinha de sobra. Parecia alguém hábil no manejo da espada ou de um machado de ferreiro.

— *Você* vai quebrar, Larissa? Rá! No caso, eu é que já pensei em várias maneiras de acabar de uma vez com essa história.

Nynaeve só queria gritar.

* * *

Siuan tentou com todas as suas forças não abraçar e segurar *saidar*, pois achou que fosse começar a chorar de novo, e isso seria inaceitável. Além de tudo, ficaria parecendo uma noviça boba aos olhos das mulheres que se amontoavam em torno

dela na sala de espera. Cada expressão defascínio e deleite, cada acolhida calorosa como se ela tivesse passado anos longe era como um bálsamo, sobretudo daquelas de quem já era amiga antes de se tornar Amyrlin, antes que o tempo e o dever as afastassem. Lelaine e Delana a envolveram em abraços como não faziam havia longos anos. Moiraine tinha sido sua única amiga mais próxima, a única além de Leane que ela conseguira manter por perto depois de receber a estola, e o dever as ajudara a permanecer juntas.

— É tão bom ter você de volta — disse Lelaine, risonha.

— Tão, tão bom — murmurou Delana, com uma voz calorosa.

Siuan gargalhou e teve que enxugar as lágrimas das bochechas. Luz, qual era o problema dela? Não chorava assim desde criança!

Talvez fosse apenas alegria por recuperar *saidar*, por todas as reações calorosas ao seu redor. Só a Luz sabia, mas aquilo era o bastante para abalar qualquer um. Nunca ousara sonhar que aquele dia chegaria, mas, agora que tinha chegado, não guardava rancor de nenhuma daquelas mulheres, perdoava a frieza da distância de antes, assim como da insistência anterior para que Siuan jamais pensasse que era uma igual. A divisão entre Aes Sedai e não Aes Sedai era clara — Siuan insistira nisso antes de ser estancada, e não precisava dizer que tornaria a fazê-lo —, e ela sabia como antes era preciso lidar com dureza com mulheres estancadas, para o próprio bem delas e daquelas que ainda eram capazes de canalizar. Como antes. Era estranho se dar conta de que aquilo jamais se repetiria.

De rabo de olho, Siuan avistou Gareth Bryne subindo a escada lateral do aposento.

— Me deem licença um momentinho — disse, e foi correndo atrás dele.

Mesmo às pressas, precisou parar a cada dois passos para aceitar mais congratulações durante todo o caminho até a escada, de modo que só o alcançou quando Bryne já estava em um corredor no segundo andar. Correu para ultrapassá-lo e se plantou diante dele. O cabelo quase todo grisalho do homem estava assanhado pelo vento, o rosto quadrado e o casaco de camurça desgastada estavam empoeirados. Ele parecia tão sólido quanto uma pedra.

Bryne ergueu um maço de papéis e disse, tentando contorná-la:

— Tenho que entregar isto aqui, Siuan.

Ela se moveu para bloquear seu caminho.

— Eu fui Curada. Posso canalizar de novo.

Ele assentiu — só assentiu!

— Eu fiquei sabendo. Suponho que isso signifique que, de agora em diante, você vai canalizar para limpar minhas camisas. Quem sabe agora elas fiquem limpas de verdade. Já me arrependi de ter aberto mão de Min tão fácil.

Siuan o encarou. O homem não era bobo. Por que estava fingindo que não entendia?

— Eu voltei a ser Aes Sedai. Você espera mesmo que uma Aes Sedai *lave as suas*

roupas?

Só para deixar bem claro, ela abraçou *saidar* — aquela doçura da qual sentia tanta falta era tão maravilhosa que seu corpo chegou a estremecer —, envolveu-o em fluxos de Ar e o suspendeu — ou melhor, tentou suspender. Pasma, abraçou mais, tentou com mais força... até que a doçura a apunhalou feito mil anzóis. As botas do homem sequer saíram do chão.

Era impossível. Tudo bem que suspender algo era uma das coisas mais difíceis de se fazer ao canalizar, mas ela antes podia erguer quase três vezes o próprio peso.

— Era para eu ficar impressionado? — perguntou Bryne, com toda a calma. — Sheriam e suas amigas me deram sua palavra, o Salão me deu sua palavra, e, mais importante, você me deu a sua palavra, Siuan. Não deixaria você se safar com menos do que me prometeu nem se você voltasse a ser a Amyrlin. Agora trate de desfazer o que quer que tenha feito, senão, quando eu mesmo me soltar, vou lhe virar de cabeça para baixo e lhe dar uns tapas no traseiro por ser tão infantil. É bem raro você ser infantil, então não vá pensando que, a esta altura, vou deixar que você comece com isso.

Quase aturdida, Siuan soltou a Fonte. Não fora por conta da ameaça dele — Bryne cumpriria a ameaça, como já fizera outras vezes, embora não por esse motivo — e nem pelo choque de não ter conseguido levantá-lo. Lágrimas pareciam brotar de repente em seus olhos, e ela esperava que soltar *saidar* pudesse contê-las. Algumas, contudo, continuaram a descer pelas bochechas, mesmo depois de ela piscar com força.

Antes de Siuan se dar conta de que o homem se movera, Gareth já tomara a cabeça dela entre as mãos.

— Luz, mulher, não vá me dizer que eu a assustei. Achava que você não teria medo nem se fosse largada numa cova com um bando de leopardos.

— Eu não estou com medo — retrucou ela, firme.

Bom. Ainda conseguia mentir. Por dentro, as lágrimas brotavam.

— Temos que encontrar um jeito de parar de atacar um ao outro o tempo todo — ponderou ele, em voz baixa.

— Não temos por que dar um jeito em nada. — As lágrimas estavam vindo. Estavam vindo. Ah, Luz, ele não podia ver. — Só me deixe em paz, por favor. Por favor, apenas suma.

Para sua surpresa, ele hesitou apenas por um momento antes de fazer o que ela pediu.

Ouvindo os passos de Bryne atrás de si, Siuan só conseguiu virar o corredor transversal antes que a represa arrebetasse e ela caísse de joelhos, debulhando-se em lágrimas. Àquela altura, já sabia o motivo. Alric, seu Guardião — seu Guardião morto, assassinado quando Elaida a depôs. Conseguia mentir — os Três Juramentos tinham mesmo sido desfeitos —, mas alguma parte do elo com Alric, um elo de carne com carne e mente com mente, voltara. A dor da morte dele, antes mascarada

pelo choque de descobrir as intenções de Elaida e depois enterrada com o estancamento... aquela dor a tomou por completo. Encolhida junto à parede, aos prantos, seu único consolo era Gareth não estar ali. *Não tenho tempo para o amor, que o queime!*

Pensar aquilo foi como levar um balde de água fria no rosto. A dor permaneceu, mas as lágrimas cessaram, e ela conseguiu se levantar com certo esforço. Amor? Aquilo era tão impossível quanto... quanto... Siuan não conseguia pensar em nada tão impossível. Aquele homem era impossível!

De repente, percebeu que Leane estava ali, parada, a menos de duas passadas de distância, observando-a. Ergueu a mão para limpar as lágrimas do rosto, mas desistiu. Não havia nada além de compaixão no rosto da amiga.

— Como você lidou com a... morte de Anjen, Leane? — Já fazia quinze anos.

— Eu chorei — respondeu Leane. — Passei um mês me segurando durante o dia e gastando a noite inteira chorando encolhida na minha cama. Depois de já ter transformado os lençóis em farrapos. Por outros três meses, as lágrimas brotavam sem mais nem menos. Só parou de doer mais de um ano depois. Por isso que nunca mais criei nenhum elo. Achava que não suportaria passar por tudo aquilo de novo. Mas passa, Siuan. — Ela conseguiu abrir um sorriso travesso. — Hoje em dia acho que já daria conta de dois ou três Guardiões, se não quatro.

Siuan assentiu. Poderia chorar à noite. Quanto ao maldito Gareth Bryne... Não havia nada. Não havia!

— Acha que elas já estão prontas? — Lá embaixo, só tinham conseguido alguns momentos para conversar. Aquele anzol precisava ser posicionado rápido, ou não seria nem lançado.

— Talvez. Não tive muito tempo. E tive que tomar cuidado. — Leane hesitou. — Tem certeza de que quer continuar com isso, Siuan? Vai mudar tudo para o que trabalhamos tão de repente e... eu não sou tão forte quanto antes, Siuan, nem você. A maior parte das mulheres aqui consegue canalizar mais que nós duas. Luz, acho que até algumas Aceitas conseguiriam, sem contar Elayne ou Nynaeve.

— Eu sei — ponderou Siuan. Precisava correr o risco. O outro plano não passara de um paliativo por conta de não ser mais Aes Sedai. Agora que voltara a ser... bem, fora deposta com pouco ou quase nenhum respeito às leis da Torre. Se voltara a ser Aes Sedai, por que não poderia ser Amyrlin de novo?

Ela endireitou os ombros e partiu lá para baixo, para enfrentar o Salão.

* * *

Deitada de camisola, Elayne conteve um bocejo e continuou a esfregar o creme que recebera de Leane. A mistura pareceu surtir algum efeito — ao menos achava que as

mãos estavam mais macias. Uma brisa noturna entrava pela janela, fazendo bruxulear a vela solitária; ainda assim as lufadas de ar só serviam, se muito, para esquentar ainda mais o quarto.

Nynaeve entrou cambaleante, bateu a porta e se jogou na cama, de onde encarou Elayne.

— Magla é a mulher mais baixa, odiosa e *desprezível* do mundo todo — resmungou. — Não, essa é Larissa. Ou melhor, Romanda.

— Então quer dizer que elas conseguiram deixá-la com raiva suficiente para canalizar. — Nynaeve grunhiu, fazendo a expressão mais irritada e maligna que conseguia, e Elayne tratou de mudar de assunto. — Teve que fazer a demonstração para quantas delas? Achei que você fosse conseguir voltar bem mais cedo. Eu procurei por você no jantar, mas não a vi em lugar nenhum.

— Jantei um pãozinho — resmungou Nynaeve. — Um pãozinho! Tive que demonstrar para todas elas, até a última Amarela aqui de Salidar. Só que aquelas mulheres nunca ficam satisfeitas. Agora querem falar comigo uma de cada vez. Até montaram um esquema de revezamento! Amanhã de manhã é Larissa, e isso antes mesmo do café da manhã! Depois vem Zenare, depois... Ah, e elas não paravam de trocar ideias sobre como me irritar, falando como se eu nem estivesse presente! — Ela ergueu a cabeça, antes apoiada na colcha. Parecia ansiosa. — Estão competindo para ver quem consegue quebrar meu bloqueio, Elayne. Parecem moleques tentando agarrar o porco ensebado no dia do festival. E eu sou o porco!

Com um bocejo, Elayne passou para ela o pote de creme para as mãos. Instantes depois, Nynaeve se virou na cama e começou a esfregar o unguento nas palmas — mesmo com todos os novos compromissos, continuava tendo que gastar um bom tempo com as panelas.

— Olha, peço desculpas por não ter feito como você queria naquele dia, Nynaeve. Poderíamos ter tecido disfarces como os de Moghedien e fugido no meio do dia sem que ninguém percebesse... — De repente, Nynaeve parou de esfregar as mãos. — O que foi?

— Eu não tinha pensado nisso. Nunca nem *pensei* nisso!

— Não? Eu achei que tivesse. Você é que aprendeu a tessitura primeiro.

— Tento nem pensar nas coisas que não podemos compartilhar com as irmãs. — A voz de Nynaeve soava insípida feito gelo, além de quase tão fria e dura quanto. — Bem, tarde demais. Estou tão cansada que não conseguiria canalizar nem mesmo se você tacasse fogo no meu cabelo. E acho que vou passar o resto da minha vida cansada, no que depender dessas mulheres. Elas só me liberaram hoje à noite porque não consegui agarrar *saidar* nem quando Nisao... — Nynaeve estremeceu e voltou a esfregar as mãos, espalhando o creme.

Elayne deixou escapar um suspiro contido. Quase se atrapalhara com as palavras. Também estava cansada. Admitir que estivera errado sempre fazia o outro se sentir um pouco melhor, mas não fora sua intenção sugerir usarem *saidar* para criar algum

disfarce — inclusive, era o que temia que Nynaeve fosse sugerir. Ali, ao menos, poderiam ficar de olho nas Aes Sedai de Salidar e talvez conseguissem passar informações a Rand através de Egwene, quando ela enfim voltasse a visitar *Tel'aran'rhiod*. Na pior das hipóteses, ainda tinham um mínimo de influência através de Siuan e Leane.

Como se convocadas pelos pensamentos de Elayne, a porta se abriu e as duas entraram no quarto. Leane trazia uma bandeja de madeira com pão e uma tigela de sopa, além de uma xícara de cerâmica vermelha e um jarro branco vitrificado. Havia até um ramallete fresco em um vasilhinho azul.

— Siuan e eu achamos que você talvez estivesse com fome, Nynaeve. Disseram que as Amarelas abusaram de você.

Elayne não sabia ao certo se devia se levantar. Eram só Siuan e Leane, mas as duas agora eram Aes Sedai de novo — ou ao menos ela achava que fossem. As recém-chegadas resolveram o impasse ao se sentarem: Siuan se acomodou no pé da cama de Elayne, e Leane, na de Nynaeve, que encarou as duas com desconfiança antes de se sentar, as costas coladas na parede e a bandeja apoiada nos joelhos.

— Ouvi rumores de que você se apresentou ao Salão, Siuan — comentou Elayne, hesitante. — Deveríamos ter feito medidas?

— Quer saber se voltamos a ser Aes Sedai, garota? Sim. Elas bateram boca feito um monte de vendedoras de peixe na feira, mas pelo menos concordaram com isso.

Siuan trocou olhares com Leane, e suas bochechas adquiriram um leve tom rosado. Elayne suspeitou de que jamais descobriria com o que as Votantes não tinham concordado.

— Myrelle teve a gentileza de ir atrás de mim para contar — explicou Leane, cortando o breve silêncio. — Acho que vou escolher a Verde.

Nynaeve se engasgou com a colherada de sopa.

— Como assim? Dá para mudar de Ajahs?

— Não, não dá — respondeu Siuan. — Mas o Salão decidiu que, apesar de ainda sermos Aes Sedai, passamos um tempo sem ser. E, como elas insistem em dizer que toda aquela baboseira de deposição foi legal, todos os nossos antigos laços, elos, associações e títulos já não têm mais valor — explicou, a voz tão áspera que serviria como lixa de madeira. — Amanhã vou falar com as Azuis para ver se me aceitam de volta. Nunca ouvi falar de uma Ajah que rejeitasse alguém. Tudo bem que uma Aceita, quando é elevada, já foi abraçada pela Ajah certa, mesmo que não perceba que seus passos estão sendo guiados. Bem, pelo jeito como estão conduzindo essas questões, eu não ficaria surpresa se as Azuis batessem a porta na minha cara.

— E *como* as questões estão sendo conduzidas? — indagou Elayne. Tinha alguma coisa errada. Siuan era de intimidar, espicaçar e torcer o braço das pessoas com quem queria resolver algum assunto, não de trazer sopa, sentar ao pé da cama e bater papo como boas amigas. — Achei que tudo estivesse caminhando tão bem quanto se poderia esperar.

Nynaeve a encarou com um olhar ao mesmo tempo incrédulo e abatido. Bem, a amiga com certeza sabia o que Elayne quis dizer.

Siuan se virou para encará-la, mas não deixou Nynaeve de lado.

— Passei na casa de Logain. Tem seis irmãs mantendo a blindagem, igual a quando o capturaram. Ele tentou se libertar quando descobriu que já sabíamos que ele tinha sido mesmo Curado, e as irmãs de lá disseram que ele teria conseguido se fossem apenas cinco mantendo a barreira. Ou seja, o homem está tão forte quanto antes, ou com a força tão parecida que quase não faz diferença. Eu, não. Nem Siuan. Quero que você tente de novo, Nynaeve.

— Eu sabia! — Nynaeve arremessou a colher de volta para a bandeja. — Sabia que vocês queriam alguma coisa! Bem, estou cansada demais para canalizar, e, mesmo se não estivesse, não adiantaria de nada. Não se pode Curar o que já foi Curado. Agora caiam fora e levem essa sopa nojenta com vocês!

Restava menos da metade da sopa nojenta, e a tigela era bem grande.

— Eu sei que não vai funcionar! — retrucou Siuan, irritada. — Hoje de manhã eu também sabia que era impossível Curar um estancamento!

— Espere um pouco, Siuan — interrompeu Leane. — Nynaeve, você entende o que estamos arriscando, vindo aqui juntas? Isto aqui não é um quarto escondido num beco, com aquela sua amiga arqueira montando guarda. Tem mulheres pela casa toda, mulheres com olhos para ver e bocas para falar. Se descobrirem que Siuan e eu estamos fazendo esse joguinho com todo mundo, mesmo que só descubram daqui a dez anos... bem, basta dizer que Aes Sedai também podem ser punidas e que é muito provável acabarmos numa fazenda capinando repolhos até muito depois de nosso cabelo ficar branco. Viemos aqui pelo que você fez por nós, queremos recomeçar do zero.

— Por que não procuraram uma das Amarelas? — questionou Elayne. — A esta altura, a maioria já deve saber tanto quanto Nynaeve.

A amiga a encarou, indignada, por cima da colherada de sopa. Não estava nojenta?

Siuan e Leane se entreolharam, até que a antiga Amyrlin confessou, relutante:

— Se falarmos com alguma irmã, mais cedo ou mais tarde todo mundo vai acabar sabendo. Se Nynaeve nos ajudar, pode ser que alguma das irmãs que conseguiu nos analisar hoje ache que cometeu um erro. Supostamente as irmãs são todas iguais, e já houve uma ou outra Amyrlin que quase não conseguia canalizar o suficiente para ganhar a estola. Ainda assim, segundo costume, exceto nos casos envolvendo um título como o de Amyrlin ou de líder de uma Ajah, se uma irmã é mais forte com o Poder, espera-se que a mais fraca fique fora de seu caminho.

— Não entendo — comentou Elayne. Era uma bela aula sobre as políticas internas da Torre. Aquela hierarquia fazia sentido, mas devia ser um dos aspectos da vida na Torre que só se aprendia vivendo como Aes Sedai. De um jeito ou de outro, já encontrara muitos indícios de que o verdadeiro aprendizado só começava depois de

se adquirir o xale. — Se Nynaeve conseguir Curar vocês de novo, vocês ficarão mais fortes?

Leane balançou a cabeça.

— Ninguém nunca foi Curado de um estancamento. Talvez as outras passem a encarar esse retorno ao Poder como encaram as bravias, que acabam em um status um pouco mais baixo do que teriam considerando-se apenas a força no Poder. Talvez ter sido mais fraca agora valha de alguma coisa. Bem, se Nynaeve não conseguiu nos Curar por completo da primeira vez, talvez agora consiga nos levar a dois terços do que éramos, ou quem sabe à metade. Até isso seria melhor do que o que temos agora, mas mesmo assim muitas irmãs aqui ainda seriam tão fortes quanto ficaríamos, e boa parte seria ainda mais forte.

Elayne a encarou, ainda mais confusa. Nynaeve parecia ter levado uma paulada na cara.

— Tudo entra na conta — explicou Siuan. — Quem aprendeu mais rápido, quem passou menos tempo como noviça e Aceita... Há nuances de todos os tipos. Não se pode afirmar a força de ninguém com muita precisão. Duas mulheres podem parecer igualmente fortes, e talvez até sejam, mas só se poderia afirmar com certeza se houvesse um duelo, e estamos acima disso, pela graça da Luz. Se Nynaeve não nos devolver toda a nossa força, corremos o risco de acabar bem abaixo na hierarquia.

Leane voltou a falar.

— A hierarquia não deveria ditar mais do que as regras da vida cotidiana, mas dita. O conselho de alguém em uma posição mais alta tem mais peso. Isso não importava enquanto estávamos estancadas, já que não ocupávamos posição nenhuma, e as irmãs consideravam o que dizíamos apenas pelo mérito do argumento. Só que não vai mais ser assim.

— Entendo — retrucou Elayne, hesitante. Não era de surpreender que muitos acreditavam que as Aes Sedai tinham inventado o Jogo das Casas! Elas faziam o *Daes Dae'mar* parecer simples.

— É um consolo ver que eu ter Curado vocês lhes trouxe ainda mais problemas do que a mim mesma — resmungou Nynaeve. Ela encarou o fundo da tigela, soltou um suspiro e esfregou o último naco de pão no restinho da sopa.

Siuan fechou a cara, mas conseguiu manter a voz equilibrada.

— Entenda, estamos aqui nos abrindo com você. E não é só para convencê-la a tentar nos Curar de novo. Você me devolveu... minha vida. É isso. Eu já tinha conseguido me convencer de que ainda estava viva, mas parecia era que eu estava morta, se comparado com a vida com o Poder. Então vamos fazer o que Leane sugeriu e recomeçar do zero. Como amigas, se vocês me aceitarem. Se não, ao menos como tripulantes do mesmo barco.

— Amigas — rebateu Elayne. — Amigas soa bem melhor.

Leane abriu um sorriso para ela, mas a antiga Curadora e Siuan logo voltaram a atenção para Nynaeve, que apenas olhou de uma para outra.

— Se Elayne pode fazer uma pergunta, então eu também tenho esse direito. O que Sheriam e as outras descobriram com as Sábias, noite passada? E não venha me dizer que não sabe, Siuan. Até onde eu sei, sempre que elas formulam uma ideia, você descobre exatamente qual foi menos de uma hora depois.

Siuan cerrou o maxilar, teimosa, assumindo um brilho intimidador naqueles olhos azul-escuros. De repente, ela soltou um gritinho e se curvou para esfregar o tornozelo.

— Conte — mandou Leane, ajeitando a perna que acabara de estender para chutar a amiga. — Ou você conta ou conto eu. E fale tudo, Siuan.

A mulher cravou os olhos em Leane e inspirou, irritada, tão fundo que Elayne achou que ela fosse explodir. Então pousou os olhos em Nynaeve e suavizou a expressão. As palavras saíram meio arrastadas, mas saíram:

— A missão diplomática de Elaida chegou a Cairhien. Rand se encontrou com elas, mas parece estar tentando ganhar tempo. Ao menos é o que esperamos que ele esteja fazendo. Sheriam e as outras estão muito satisfeitas porque, para variar, conseguiram não bancar as tolas diante das Sábias. E Egwene irá à próxima reunião.

Por algum motivo, aquela última informação foi a que pareceu sair com mais relutância.

Nynaeve se animou, sentando-se mais ereta.

— Egwene? Maravilha! Ah, então desta vez elas não fizeram papel de tolas... Eu já tinha imaginado, já que não vieram nos arrastar para mais uma aula. — Ela estreitou os olhos para Siuan, mas até seu olhar desconfiado parecia animado. — O mesmo barco, é? E quem é a capitã?

— Eu, sua mulherzinha miserável... — Leane pigarreou, e Siuan parou e respirou fundo. Então continuou, mais calma: — Bem, que tal uma capitania conjunta? Responsabilidades iguais. — Então acrescentou, quando Nynaeve começou a abrir um sorriso: — Mas alguém precisa manejar o leme, e serei *eu*.

— Tudo bem — concordou Nynaeve, depois de uma longa pausa. Então, após um momento de hesitação, remexendo a colher, ela perguntou, com uma voz tão casual que Elayne quase jogou as mãos para o alto, desistindo das negociações: — Alguma chance de vocês talvez me... nos ajudarem... nos tirarem das cozinhas? — Os rostos das duas não pareciam muito mais velhos do que o de Nynaeve, mas ambas tinham sido Aes Sedai por longos anos, e seus olhos ainda se lembravam de como dar aquele olhar impassível de Aes Sedai. Nynaeve conseguiu encará-las com uma expressão mais tranquila do que Elayne teria conseguido, deixando transparecer apenas uma leve inquietação. Ainda assim, não foi nenhuma surpresa quando ela murmurou: — Bem, imaginei que não.

— Temos que ir — anunciou Siuan, já se levantando. — Acho que Leane subestimou o risco que corremos em sermos descobertas. Nós acabaríamos sendo as primeiras Aes Sedai a ter o couro arrancado em público, e já fui a primeira em coisas demais na vida.

Para a surpresa de Elayne, Leane se curvou para abraçá-la, sussurrando:

— Amigas.

Ela retribuiu o abraço e a declaração com o mesmo calor.

Leane também abraçou Nynaeve, murmurando palavras que Elayne não conseguiu entender, e Siuan também as abraçou, resmungando um agradecimento relutante.

Pelo menos foi o que ela interpretou da situação, mas assim que as duas saíram, Nynaeve comentou:

— Nossa, Elayne, Siuan estava quase chorando. Talvez tenha sido mesmo sincera. Acho que eu deveria tentar ser mais gentil com ela. — Um suspiro que logo se transformou em bocejo a fez pausar por um momento, então: — Ainda mais agora que ela voltou a ser Aes Sedai.

Dizendo isso, Nynaeve dormiu ali mesmo, como estava, com a bandeja ainda apoiada nos joelhos.

Abafando um bocejo com o dorso da mão, Elayne se levantou para guardar a bandeja debaixo da cama de Nynaeve. Demorou para conseguir tirar o vestido da amiga e acomodá-la na cama em uma posição mais confortável, mas nem assim a outra mulher acordou. Depois que apagou a vela e se acomodou, abraçando o travesseiro, ainda ficou um tempo deitada sem dormir, encarando a escuridão, pensativa. Rand estava tentando dar conta de um grupo de Aes Sedai enviadas por Elaida? Ah, aquelas mulheres iam comê-lo vivo. Quase queria ter sido capaz de considerar aceitar a sugestão de Nynaeve, quando aquela ideia maluca ainda tinha alguma chance de êxito. Com o que aprendera com a mãe — mais os conhecimentos que adquirira com Thom —, sabia que se estivesse ao lado de Rand poderia guiá-lo por quaisquer armadilhas que aquelas mulheres preparassem, e ele sempre lhe daria ouvidos. E se estivesse lá também poderia criar um elo com ele. Não precisara esperar até usar o xale para criar um elo com Birgitte, por que teria que esperar para tornar Rand seu Guardião?

Ela se remexeu, inquieta, e se aconchegou ainda mais no travesseiro. Rand teria que ficar para depois. Ele estava em Caemlyn, não em Salidar, mas... Siuan não tinha dito que ele estava em Cairhien. Como...?

Estava cansada demais, e o pensamento se esvaiu. Siuan... Siuan ainda estava escondendo alguma coisa. Tinha certeza.

O sono chegou, e, com ele, veio um sonho: estava em um barco, com Leane sentada na proa flertando com um sujeito que parecia mudar de rosto a cada vez que Elayne olhava. Na popa, Siuan e Nynaeve brigavam, cada uma tentando virar o leme para um lado. A disputa continuou até Elayne se levantar e assumir o comando. Um motim era justificado quando a capitã guardava segredos demais.

Siuan e Leane voltaram na manhã seguinte, antes mesmo de Nynaeve abrir os olhos, o que foi mais que o bastante para deixá-la com raiva suficiente para canalizar. Porém o esforço de nada adiantou: não havia como Curar o que já tinha

— Farei o possível, Siuan — respondeu Delana, inclinando-se para a frente para dar um tapinha amigável em seu braço. As duas estavam sozinhas na sala de estar, e as xícaras de chá na mesinha entre elas permaneciam intocadas.

Siuan suspirou, parecendo desolada — bem, como mais poderia estar, depois da forma como se comportara diante do Salão? A luz do começo da manhã entrava pelas janelas, e Delana pensou no desjejum que ainda não tomara. Aquela era Siuan, afinal. Era uma situação desconcertante, e Delana não gostava nada de ficar desconcertada. Passara muito tempo se esforçando para não reconhecer sua velha amiga no rosto daquela mulher — o que não era muito difícil, já que a mulher em questão não se parecia em nada com a Siuan Sanche de que Delana se lembrava, mesmo depois de tantos anos de amizade. O primeiro choque viera logo que Siuan reapareceu, ainda que em uma forma mais jovem e bonita. O segundo foi encontrar Siuan à sua porta com o sol ainda por nascer, querendo sua ajuda. Siuan nunca pedia ajuda. Então veio o maior choque de todos, que se renovava toda vez que ela encontrava Siuan desde que aquela mulher al'Meara realizara o tal milagre: Delana agora era mais forte que Siuan. Bem mais. Sempre fora o contrário. Siuan assumira a dianteira quando as duas ainda eram noviças, antes até de passarem a Aceitas. Bem, ainda assim, aquela *era* Siuan, e parecia bem cabisbaixa, coisa que Delana não se lembrava de já ter visto. Siuan até podia ficar chateada, mas nunca deixava transparecer. Era uma tristeza não poder fazer mais pela mulher com quem roubara bolinhos e que, mais de uma vez, levara a culpa por brincadeiras em que ambas estavam envolvidas.

— Siuan, eu posso fazer pelo menos o seguinte: Romanda ficaria mais do que feliz se aqueles *ter'angreal* dos sonhos acabassem sob os cuidados do Salão. Ela não tem influência com um número suficiente de Votantes para garantir isso, mas se Sheriam pensar que ela tem, se achar que você usou a sua influência junto a mim e a Lelaine para impedir isso de acontecer... ora, ela não vai ter como recusar sua proposta. Sei que Lelaine vai concordar. Apesar de eu não conseguir imaginar por que você quer se encontrar com aquelas Aiel. Romanda fica sorrindo feito uma gata presa num pombal quando Sheriam volta daquelas reuniões e fica por aí batendo o pé, muito mal-humorada. Você, com esse seu temperamento, vai acabar quebrando alguma coisa de tanta raiva.

Que mudança. Em outros tempos, Delana não teria nem cogitado mencionar o temperamento de Siuan, mas agora o fazia sem nem pestanejar.

O semblante cabisbaixo de Siuan deu lugar a um sorriso.

— Ah, eu tinha esperanças de que você fosse ajudar com algo do tipo. Vou falar com Lelaine. E com Janya, acho que ela também ajudaria. Mas você precisa garantir que Romanda não leve isso adiante. Pelo pouco que sei, Sheriam já tem ao menos uma noção de como lidar com essas Aiel, e Romanda teria que começar do zero. Claro que isso talvez não seja importante para o Salão, mas eu preferiria não ter minha primeira interação com elas quando todo mundo já estivesse com um anzol nas guelras.

Delana reprimiu um sorriso ao levar Siuan até a porta e dar um abraço na amiga. Sim, era muito importante para o Salão manter uma relação pacífica com as Sábias, embora Siuan não tivesse como saber daquilo. Antes de entrar de volta, ficou um tempo ali, parada, assistindo enquanto Siuan seguia apressada pela rua. Ao que tudo indicava, ela é que teria que proteger a amiga, a partir de agora. Esperava se sair tão bem no papel quanto Siuan.

O chá ainda estava morno, então decidiu mandar Miesa, sua serviçal, ir buscar alguns pãezinhos e frutas. Quando ouviu uma batidinha tímida na porta da sala, ficou surpresa em ver não Miesa, e sim Lucilde, uma das noviças que tinham trazido da Torre.

A garota magricela baixou o corpo depressa em uma mesura nervosa. Bem, Lucilde sempre estava nervosa.

— Delana Sedai? Chegou uma mulher hoje de manhã, e Anaiya Sedai disse que era para eu trazer a visita aqui até você? O nome dela é Halima Saranov? Ela diz que conhece a senhora? — anunciou a garota, sempre hesitante.

Delana abriu a boca para responder que nunca tinha ouvido falar de nenhuma Halima Saranov, mas ficou quieta quando uma mulher surgiu à porta. Não conseguiu evitar encará-la. A mulher conseguia ser ao mesmo tempo esbelta e curvilínea, trajando um vestido de montaria cinza ridiculamente decotado, o cabelo negro comprido e brilhante emoldurando o rosto e os olhos verdes que decerto deixavam boquiabertos todos os homens que os encarassem. Claro que não foi por isso que Delana ficou surpresa ao encará-la. A mulher estava com as mãos soltas de cada lado do corpo, mas com os polegares bem presos entre o indicador e o médio. Delana nunca imaginou que veria uma mulher que não usasse o xale fazendo aquele sinal, e aquela Halima Saranov não tinha capacidade de canalizar — sabia disso, estava perto o bastante para ter certeza.

— Ah, sim — respondeu Delana —, eu me lembro, sim. Pode ir, Lucilde. E, criança, tente se lembrar de que nem toda frase é uma pergunta.

A noviça baixou o corpo depressa, em uma mesura tão rápida e profunda que quase caiu. Em outras circunstâncias, Delana teria suspirado. Nunca se saía bem com as noviças, mesmo sem entender por quê.

Quase antes de a garota sair, Halima foi rebolando até a cadeira em que pouco antes estivera Siuan e se sentou sem esperar convite. A mulher apanhou uma das xícaras intocadas, cruzou as pernas e bebericou o chá, encarando-a.

Delana devolveu um olhar firme.

— Quem você pensa que é, mulher? Não importa quão importante você pensa que é, ninguém está acima de uma Aes Sedai. E onde foi que aprendeu aquele sinal?

Seu olhar sério não surtiu efeito — devia ser a primeira vez em sua vida que aquilo acontecia.

Halima respondeu com um sorriso zombeteiro.

— Você acha mesmo que os segredos da... Ajah *mais escura*, por assim dizer, são assim tão secretos? E quanto à sua posição como Aes Sedai... ora, você sabe muito bem que se um mendigo lhe fizesse os sinais apropriados, você daria um pinote e obedeceria sem pestanejar. A minha história é que, por um tempo, fui companheira de viagem de uma mulher chamada Cabriana Mecandes, uma irmã Azul. Por infortúnio, Cabriana veio a falecer ao cair do cavalo, e depois disso o Guardião dela simplesmente se recusou a sair da cama ou a comer. Ele também acabou morrendo.

— Halima abriu um sorriso gentil, como se perguntasse se Delana estava acompanhando. — Cabriana e eu conversamos muito antes de ela morrer, e foi assim que fiquei sabendo de Salidar. Ela também me contou diversas coisas que tinha descoberto acerca dos planos da Torre Branca para vocês, aqui, e para o Dragão Renascido.

Ela abriu outro sorriso, um rápido lampejo de dentes brancos, e voltou a bebericar o chá, observando Delana com atenção.

Delana nunca fora mulher de desistir fácil; já coagira reis a estabelecer acordos de paz quando queriam guerra e arrastara rainhas pela nuca para assinar tratados que precisavam ser assinados. Era verdade que teria obedecido ao tal mendigo hipotético, caso ele fizesse os sinais adequados e dissesse as palavras certas. Mas a posição das mãos de Halima, mais cedo, a identificaram como pertencente à Ajah Negra, o que via agora, com toda certeza, que a mulher não era. Talvez achasse que aquela fosse a única maneira de convencer Delana a recebê-la para uma conversa, ou podia ser que também quisesse demonstrar seu conhecimento proibido. Delana não gostava nada dessa Halima.

— E imagino que você esteja querendo que eu faça o Salão acreditar na veracidade dessas suas informações? — rebateu, áspera. — Não deve ser problema, supondo que você saiba o suficiente sobre Cabriana para sustentar essa história. Nisso não tenho como ajudar, já que só encontrei a mulher duas vezes na vida, no máximo. E imagino que a chance de ela reaparecer e estragar a sua história é nula. Certo?

— Exatamente. — Outra vez aquele sorriso rápido e zombeteiro. — E eu poderia relatar a vida inteira de Cabriana, sei coisas até de que ela já tinha esquecido.

Delana apenas assentiu. Matar uma irmã era sempre lamentável, mas a pessoa precisava fazer o que tinha que ser feito.

— Então não vai haver problema. O Salão vai recebê-la como convidada, e posso me certificar de que as Votantes vão ouvir sua história.

— Convidada não era bem o que eu estava imaginando. Estou pensando em algo mais permanente... Sua secretária, por exemplo. Ou, melhor ainda, sua companheira. Preciso me assegurar de que esse Salão será guiado com mão firme. E, além dessa história de Cabriana, de tempos em tempos trarei instruções para você.

— Ora, você me escute bem! Eu...!

Halima a interrompeu. Nem precisou levantar a voz.

— Disseram que eu deveria mencionar um nome quando a encontrasse. Um nome que eu às vezes uso. Aran'gar.

A Aes Sedai se deixou cair na cadeira. Aquele nome já aparecera em seus sonhos. Pela primeira vez em anos, Delana Mosalaine estava com medo.



LACRE DE CERA VERMELHA

Eamon Valda avançava aos poucos pelas ruas lotadas, os passos do capão negro abafados pelo barulho da multidão de Amador. O suor brotava de cada poro, intensificado pelo calor da armadura e da placa peitoral. Os metais haviam sido polidos à perfeição e reluziam mesmo sob a camada de poeira. O calor só aumentava com o manto branco feito a neve estirado sobre a anca larga do cavalo musculoso. Ainda assim, Eamon era tão bom em esconder o incômodo que quem o visse pensaria que aquele era um agradável dia de primavera. Ele se esforçava ao máximo para ignorar as mulheres e os homens sujos que pediam esmola na rua — havia até mesmo crianças —, todos com rostos desolados e roupas desgastadas pela viagem. Até ali havia mendigos. Até ali.

Pela primeira vez na vida, não sentiu seu humor melhorar ante a visão majestosa das grandes muralhas de pedra da Fortaleza da Luz, uma construção inexpugnável cheia de torres e estandartes, o bastião da verdade e da retidão. Desmontou no pátio principal e jogou as rédeas para um Filho, vociferando algumas instruções de como o sujeito deveria cuidar do animal. O rapaz sabia o que fazer, claro, mas Valda precisava descontar a raiva em alguém. Havia homens de manto branco andando apressados por toda parte, todos parecendo muito enérgicos e ativos, apesar do calor intenso. Eamon torcia para que aquela prontidão para resolver as coisas fosse além das aparências.

O jovem Dain Bornhald veio correndo pelo pátio, apertando o punho contra o peitoral em uma saudação animada.

— Que a Luz o ilumine, Milorde Capitão. Fez boa viagem de Tar Valon, espero?
— Ele estava com os olhos vermelhos e fedia a conhaque. Não havia desculpa para o sujeito estar bebendo durante o dia.

— A viagem pelo menos foi rápida — grunhiu Valda, descalçando as luvas e

enfiando-as no cinturão da espada.

A resposta atravessada não fora motivada pelo cheiro de conhaque, embora fosse repreender o rapaz por conta daquilo. A jornada de fato fora rápida, considerando a distância. Recompensaria a legião com uma noite na cidade assim que os homens acabassem de montar o acampamento ali nos arredores de Amador. A jornada fora rápida, mas ele não estava nada satisfeito com as ordens que o convocaram de volta justo quando uma forte ofensiva poderia ter tombado a Torre, já frágil, e deixado as bruxas enterradas sob os escombros. Ele e seus homens tinham viajado a um passo impressionante, mesmo que cada dia tivesse sido pontuado por notícias ainda piores que as anteriores. Al'Thor em Caemlyn. Não importava que o homem fosse um Dragão falso ou o verdadeiro: era um homem capaz de canalizar, e essa capacidade só existia em Amigos das Trevas. Uma turba de Devotos do Dragão em Altara. Aquele tal de Profeta arrastando sua rale por Ghealdan e pela própria Amadícia.

Ao menos conseguira matar parte daquela escória, embora fosse difícil enfrentar inimigos que estavam mais dispostos a bater em retirada e se misturar à multidão do que a lutar, gente que conseguia se esconder entre os malditos refugiados, uma turba de errantes desmiolados que pareciam pensar que al'Thor acabara com toda a ordem do mundo. Ah, mas ele encontrara uma solução para aquele desastre, ainda que não tivesse sido totalmente satisfatória. Sua legião deixara as ruas cheias, e os corvos provavelmente comeriam até explodir. Se não podia diferenciar a gentinha do Profeta da multidão imunda de refugiados, então melhor matar qualquer um que obstruísse seu caminho. Os inocentes deveriam ter ficado em suas casas, onde era o lugar deles — o Criador abrigaria os justos, afinal. Para Eamon Valda, os errantes foram apenas as ameixas no bolo.

— Ouvi boatos na cidade de que Morgase está aqui — comentou.

Não acreditava naquilo, ainda mais porque mais da metade dos rumores em Andor especulava sobre quem teria matado Morgase, e então foi uma grande surpresa quando Dain aquiesceu.

A surpresa virou desgosto conforme o jovem ia tagarelando sobre os aposentos de Morgase e as caçadas de que ela participava, sobre quão bem a mulher estava sendo tratada por ali e como Dain achava que ela logo assinaria um acordo com os Filhos. Valda não escondeu a cara de desgosto. Bem, não devia ter esperado coisa melhor de Niall — ele tinha sido um dos melhores soldados de sua época, sempre visto como um grande capitão, mas a velhice acabou amolecendo o homem. Valda se deu conta disso no instante que recebeu as ordens de Senhor Capitão Comandante, em Tar Valon. Niall deveria ter se deslocado até Tear com um batalhão assim que começou o burburinho a respeito de al'Thor, e assim teria conseguido reunir a força necessária durante a marcha. Nações inteiras teriam aderido à marcha dos Filhos contra um falso Dragão. Pelo menos no começo. Agora al'Thor estava em Caemlyn, forte o bastante para assustar os mais covardes. Mas Morgase estava ali. Se Morgase estivesse sob a responsabilidade de Eamon, ela teria assinado aquele acordo logo no

primeiro dia, mesmo que alguém precisasse segurar sua mão ao redor da pena. Pela Luz, aquela mulher aprenderia a dar um pinote toda vez que ele a mandasse pular. E caso se recusasse a voltar para Andor com os Filhos, ele a levaria amarrada em um mastro. Ela daria um ótimo estandarte para conduzir a ofensiva até Andor.

Dain foi atrás dele, solícito, sem dúvida esperando um convite para o jantar daquela noite. Como era um oficial mais baixo na hierarquia, ele não podia convidar um mais antigo, porém deixava bem claro que queria conversar com seu velho comandante — sobre Tar Valon, talvez até sobre seu falecido pai. Valda não gostava muito de Geofram Bornhald. O homem era muito mole.

— Encontro você às seis para jantar no acampamento. E quero que esteja sóbrio, Filho Bornhald.

Não restava dúvidas de que Dain Bornhald andara bebendo. O jovem ficou um instante boquiaberto e gaguejou uma resposta sem jeito antes de fazer a saudação e partir. Valda se perguntou o que teria acontecido. Dain tinha sido um bom jovem oficial — ele se preocupava demais com besteiras, como arranjar provas de culpa quando não havia como obtê-las, mas mesmo assim era bom. Não era mole como o pai. Uma pena vê-lo se perder na bebida.

Resmungando sozinho — oficiais bebendo em plena Fortaleza da Luz, mais um sinal de que a influência nefasta de Niall apodrecera todas as maçãs do cesto —, Valda foi até seus aposentos. Pretendia dormir no acampamento, mas um banho quente não seria nada mau.

Um jovem Filho de ombros largos se aproximou de Valda no corredor de pedra bruta, o cajado de pastor escarlate, símbolo da Mão da Luz, despontava por trás do fulgurante sol dourado em seu peito. Sem parar de andar, sem sequer olhar para Valda, o Questionador murmurou, em um tom muito deferente:

— Milorde Capitão talvez devesse visitar o Domo da Verdade.

Valda franziu o cenho. Não gostava de Questionadores — a seu modo, eles até faziam um bom trabalho, mas sempre tivera a sensação de que aqueles homens só optavam pelo cajado para evitar enfrentar um inimigo armado. Ele quase começou a falar, levantando bem a voz para vociferar uma bronca, mas se deteve. Questionadores eram desleixados com a disciplina, mas um reles Filho jamaisalaria daquele jeito com um Senhor Capitão sem que houvesse um motivo. Talvez o banho pudesse esperar.

O Domo da Verdade era uma visão maravilhosa, e o lugar enfim o ajudou a recobrar um pouco do bom humor. O exterior da construção era todo branco, e o interior folheado a ouro refletia a luz de mil lampiões pendurados no teto. Espessas colunas brancas sem adornos, polidas até reluzirem, circundavam a câmara, mas o domo propriamente dito se estendia por mais cem passadas sem nenhum suporte e tinha cinquenta passadas de altura no cume, encimando o centro do aposento. Era lá que ficava o estrado simples de mármore branco, apoiado no piso também de mármore branco, onde o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz se

posicionava, de pé, para se dirigir aos Filhos nas reuniões mais solenes, nas cerimônias mais sérias. Um dia, ele ficaria ali, de pé. Niall não viveria para sempre.

Dezenas de Filhos perambulavam pela enorme câmara — era mesmo uma visão maravilhosa, embora ninguém além dos Filhos jamais pudesse aproveitá-la. Bem, não recebera um chamado para admirar o Domo. Disso tinha certeza. Por trás das grandes colunas havia fileiras de colunas menores, tão simples e tão bem polidas quanto as maiores, além de nichos imensos onde afrescos de mais de mil anos ilustravam cenas de triunfos dos Filhos. Valda percorreu o aposento, observando cada reentrância. Enfim notou o homem alto e agrisalhado examinando uma das pinturas — Serenia Latar sendo conduzida ao cadafalso; a única Amyrlin que os Filhos conseguiram enforcar. A mulher já estava morta na ocasião, claro, até porque é difícil conseguir enforcar uma bruxa viva, mas não era esse o ponto. Seiscentos e noventa e três anos antes, a justiça havia sido feita de acordo com a lei.

— Algum problema, meu filho? — A voz era suave, quase mansa.

Valda se enrijeceu um pouco. Rhadam Asunawa até podia ser o Grão-inquisidor, mas ainda era um Questionador. E Valda era um Senhor Capitão, Ungido pela Luz, não alguém a ser tratado como “meu filho”.

— Não que eu tenha percebido — respondeu, sem rodeios.

Asunawa suspirou. Seu rosto abatido era um retrato do sofrimento de um mártir, e o suor poderia ter passado por lágrimas, mas seus olhos profundos pareciam arder com o calor que cozinhou toda a carne que lhe faltava nas bochechas. Em seu manto havia apenas o desenho do cajado, sem nenhum sol reluzente, como se ele não fizesse parte dos Filhos — ou, talvez, como se estivesse acima de todos.

— Vivemos tempos confusos. A Fortaleza da Luz abriga uma bruxa.

Valda se conteve para não lançar um olhar irônico ao outro homem. Covardes ou não, os Questionadores podiam ser perigosos até para um Senhor Capitão. Aquele ali talvez jamais conseguiria enforcar uma Amyrlin, mas decerto sonhava em ser o primeiro a enforcar uma rainha. Valda não se importava se Morgase morreria ou não, desde que antes pudesse arrancar toda e qualquer serventia da mulher. Optou por simplesmente não responder, e as espessas sobrancelhas grisalhas de Asunawa baixaram, aumentando a cavidade de seus olhos até eles parecerem espreitar de dentro de cavernas escuras.

— Vivemos tempos confusos — repetiu — e não podemos permitir que Niall destrua os Filhos da Luz.

Valda ficou longos minutos parado, examinando a pintura. Talvez o artista tivesse sido bom, talvez não — não entendia nada daquelas coisas e ligava para isso menos ainda. Bem, o sujeito fizera um trabalho decente com as armas e armaduras dos guardas, e a corda e o cadafalso pareciam reais. Daquilo ele entendia.

— Estou pronto para ouvir — declarou, por fim.

— Então vamos conversar, meu filho. Mais tarde, quando houver menos olhos para ver e menos ouvidos para ouvir. Que a Luz o ilumine, meu filho.

Asunawa saiu andando sem mais uma palavra, o manto branco ondulando de leve, os passos ecoando tão alto pelo aposento que parecia que o homem estava tentando cravar as botas nas pedras. Alguns dos Filhos se curvaram em profundas reverências quando ele passou.

* * *

De uma janela estreita bem acima do pátio, Niall ficou olhando enquanto Valda desmontava, falava com o jovem Bornhald e saía a passos firmes e irritados. Valda sempre estava irritado. Se houvesse como convocar os Filhos que estavam em Tar Valon e deixar Valda por lá, Niall teria feito isso alegremente. O homem até era um comandante de batalha competente, mas era mais talhado para lidar com multidões em polvorosa. Sua única ideia de tática era a investida, e sua estratégia... também era a investida.

Balançando a cabeça, Niall seguiu para a câmara de audiências. Tinha assuntos mais importantes que Valda com que se preocupar. Morgase ainda resistia, firme feito um exército com vantagem territorial, água de sobra e moral elevado. A mulher se recusava a admitir que estava encurralada em um vale sem saída e que seu inimigo é que tinha a vantagem do terreno mais elevado.

Balwer se levantou da escrivaninha assim que Niall entrou na antessala.

— Omerna veio aqui, milorde. Deixou isto. — O homem indicou um maço de papéis amarrados com fita vermelha sobre a mesa. — E isto. — Ele estreitou os lábios finos quando tirou do bolso um minúsculo cilindro de osso.

Resmungando, Niall pegou o tubo e foi para a câmara interna. Por algum motivo misterioso, Omerna estava mais inútil a cada dia. Deixar os relatórios com Balwer já era ruim o bastante, a despeito das bobagens que decerto continham, mas até aquele maldito sabia muito bem que não deveria entregar nenhum daqueles tubos com três listras vermelhas a ninguém que não o próprio Niall. Analisou o tubo à luz de um lampião para examinar o lacre de cera — intacto. Abriu o lacre com a unha do polegar. Precisava ter uma conversa muito séria com Omerna, deixar o sujeito com tanto medo que ele imploraria para ser incendiado pela Luz. O imbecil não seria um bom disfarce para o verdadeiro chefe da espionagem se ao menos não tentasse fazer o trabalho da melhor maneira que podia.

Era outra mensagem de Varadin, naquela cifra secreta de Niall escrita em garranchos finos, cobrindo a tira de papel bem fino. Quase queimou a mensagem sem ler, até que um detalhe bem no fim do bilhete lhe chamou a atenção. Voltando ao começo dos garranchos, foi decifrando a cifra de memória. Queria ter certeza absoluta. Era o mesmo de sempre, alguma baboseira sobre Aes Sedai presas em coleiras e estranhas criaturas, até que, bem no fim... Varadin tinha ajudado Asidim

Faisar a encontrar um esconderijo em Tanchico. Mais tarde ele tentaria tirar Faisar da cidade sem ser reconhecido, mas os Predecessores estavam mantendo uma guarda tão cuidadosa que nem um sussurro passava pelas muralhas sem permissão.

Niall esfregou o queixo, absorto. Faisar era um dos homens que enviara a Tarabon para ver se ainda poderiam salvar alguma coisa por lá. Faisar não sabia de Varadin, que também não deveria saber nada a respeito de Faisar. Os Predecessores mantinham uma guarda tão cuidadosa que nem um sussurro passaria pelas muralhas. Garranchos de um louco.

Ele enfiou o papel no bolso e voltou para a antessala.

— Balwer, qual é a última notícia do oeste?

Entre eles, “oeste” sempre significava a fronteira com Tarabon.

— Nenhuma mudança, milorde. As patrulhas que chegam bem a fundo no território de Tarabon não conseguem voltar. O pior problema perto da fronteira são os refugiados tentando atravessar.

Patrulhas que chegavam bem a fundo. Tarabon era uma cova cheia de víboras venenosas e ratos infectados, mas...

— Em quanto tempo você conseguiria mandar um mensageiro a Tanchico?

Balwer nem pestanejou. Ele não pareceria surpreso nem mesmo se algum dia seu cavalo começasse a falar com ele.

— O problema é arranjar cavalos novos depois que o mensageiro cruzar a fronteira, milorde. Em circunstâncias normais eu diria vinte dias para ir e voltar, talvez um pouco menos, num passo bom. Mas agora é o dobro disso, e se tivermos sorte. Talvez seja o dobro só para chegar em Tanchico.

Aquela cidade era uma cova que poderia engolir um mensageiro. Nem os ossos seriam encontrados

Bem, o sujeito não precisaria voltar, mas Niall guardou a informação só para si.

— Mande providenciarem um homem, Balwer. A carta estará pronta em uma hora. Eu mesmo vou falar com o mensageiro.

Balwer assentiu com uma mesura, mas também esfregou as mãos no manto, ofendido. Que ficasse. Havia uma chance muito pequena de concretizar aquilo sem expor Varadin — precaução desnecessária se o homem fosse mesmo insano, claro, mas se não fosse... Revelar a identidade do espião não aceleraria as coisas.

De volta à câmara de audiência, Niall analisou a mensagem de Varadin outra vez antes de tocar o papel na chama de uma lamparina e vê-lo se queimar. Amassou as cinzas entre os dedos.

O Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz sempre seguia quatro regras para lidar com as informações que recebia: nunca fazer planos sem saber o máximo possível sobre o inimigo, nunca hesitar em mudar os planos quando surgisse uma nova informação, nunca acreditar que sabia tudo e nunca esperar até saber tudo. Quem espera até saber tudo fica sentado na tenda enquanto o inimigo atea fogo na lona. Niall respeitava suas próprias regras. Só as deixara de lado uma vez na vida,

seguindo uma intuição — tinha sido em Jhamara, onde, por nenhuma razão além de uma comichão no fundo da mente, destacara um terço do exército para vigiar montanhas que todos diziam serem intransponíveis. Enquanto manobrava o restante das forças para esmagar os murandianos e altaranos, um exército illianense que supostamente estava a cem milhas dali se abateu sobre o destacamento, vindo daquelas passagens “intransponíveis”. Só pôde bater em retirada sem ser esmagado por ter seguido aquela “intuição”. E ali estava, outra vez, a mesma comichão.

* * *

— Eu não confio nele — declarou Tallanvor com firmeza. — Ele me lembra um jovem trapaceiro que encontrei certa vez em um festival, o camarada tinha uma cara de bebê inocente, conseguia olhar qualquer um nos olhos e ainda sorrir enquanto escondia a carta marcada na manga.

Daquela vez, Morgase achou até fácil controlar o gênio. O jovem Paitr tinha relatado que o tio finalmente conseguiria dar um jeito de tirá-la sem ser vista da Fortaleza da Luz — ela e os outros. Os outros é que tinham sido o problema até então. Já fazia um tempo que Torwyn Barshaw declarara que conseguiria tirá-la de lá sozinha, mas Morgase não deixaria seus companheiros para trás, à mercê dos Mantos-brancos. Não deixaria nem mesmo Tallanvor.

— Compreendo que você se sinta assim — respondeu ela de forma indulgente. — Só não vá deixar que esses sentimentos atrapalhem. Algum ditado que se encaixe nessa situação, Lini? Algo que possa ajudar o jovem Tallanvor a lidar com seus sentimentos? — Luz, por que sentia tanto prazer em provocá-lo? O homem estava sempre a um passo da traição, mas ela era sua rainha, não... Recusava-se a concluir o pensamento.

Lini estava sentada perto das janelas, onde enrolava um novelo de lã azul da meada embolado nas mãos de Breane.

— Paitr me lembra aquele rapaz que foi ajudante de cavalaria um pouco antes de você ir para a Torre Branca. Aquele que engravidou duas moças e foi pego tentando fugir da mansão com uma saca cheia das pratarias da sua mãe.

Morgase comprimiu o maxilar, mas nada estragaria sua diversão, nem mesmo o olhar de Breane, que parecia achar que também devia ter permissão de opinar. Paitr se deleitara com a fuga iminente de Morgase — em parte, claro, porque parecia esperar algum tipo de recompensa do tio, ou ao menos era o que dava a entender com alguns de seus comentários, algo sobre se redimir de um fracasso em casa. Bem, o jovem só faltou sair dançando quando Morgase concordou com o plano que tiraria todos da Fortaleza naquele mesmo dia e os veria fora de Amador no pôr do sol do dia seguinte. Iriam para longe de Amador, a caminho de Ghealdan, onde

arranjariam soldados que não tentariam tirar vantagem de Andor. Dois dias antes, o próprio Barshaw tinha ido discutir o plano com ela. O sujeito narigudo e atarracado viera disfarçado de um lojista que fazia a entrega de agulhas de tricô e um novelo — o homem tinha olhar colérico e boca zombeteira, mas suas palavras saíram com um respeito satisfatório. Difícil acreditar que aquele era tio de Paitr, sendo os dois tão diferentes, e ainda mais difícil aceitar que o homem era mercador. Ao fim das contas, o plano era de uma simplicidade maravilhosa, ainda que não fosse muito digno, e só precisava de uma quantidade suficiente de gente no exterior da Fortaleza para dar certo. Morgase sairia da Fortaleza da Luz enterrada no fundo de uma carroça cheia de refugos da cozinha.

— Agora vocês todos já sabem o que fazer — anunciou. Contanto que ela permanecesse em seus aposentos, seus acompanhantes podiam se deslocar com uma liberdade considerável, e tudo dependia disso. Bem, nem tudo, mas todas as fugas que não a dela. — Lini, você e Breane têm que estar no quintal da lavanderia quando o sino soar a hora mais alta. — Lini aquiesceu, complacente, mas Breane apenas a encarou, em silêncio, com um olhar de reprovação. Já tinham repassado aquilo quase vinte vezes. Ainda assim, Morgase não permitiria que alguém acabasse sendo deixado para trás por algum erro bobo. — Tallanvor, você deixará a espada para trás e vai esperar na estalagem chamada O Carvalho e o Espinho. — O homem abriu a boca para protestar, mas ela se antecipou, firme. — Já ouvi suas argumentações. Você vai conseguir outra espada. Se deixar a arma aqui, vão pensar que você pretende voltar. — Tallanvor fez cara feia, mas assentiu. — Lamgwin vai esperar na estalagem A Cabeça Dourada, e Basel na...

Uma breve batidinha na porta, e ela se abriu o suficiente para dar acesso à cabeça quase careca de Basel.

— Minha Rainha, tem um homem... um Filho... — Ele olhou por cima do ombro, para o corredor. — É um Questionador, minha Rainha.

Tallanvor levou as mãos ao punho da espada, claro, e só as tirou de lá depois de Morgase gesticular duas vezes e olhar de cara feia para ele.

— Deixe-o entrar.

Conseguiu manter a voz calma, mas sentia um frio tão intenso na barriga que era como se tivesse engolido um bloco de gelo. Um Questionador? Será que a situação estava prestes a piorar com a mesma rapidez com que começara a melhorar?

Um sujeito alto de nariz aquilino empurrou Basel para fora do caminho e fechou a porta na cara dele. O tabardo branco e dourado com o cajado carmesim despontando no ombro indicava sua patente de Inquisidor. Morgase não conhecia Einor Saren pessoalmente, mas já tinham apontado o sujeito para ela na rua. Ele projetava uma segurança inabalável.

— Você foi convocada pelo Senhor Capitão Comandante — anunciou o sujeito, tranquilo. — Você virá agora mesmo.

Os pensamentos de Morgase se tornaram um turbilhão. Já estava acostumada a ser

convocada — Niall nunca ia até ela, agora que a tinha como refém na Fortaleza —, chamada a comparecer perante o homem para mais um falatório sobre seu dever para com Andor ou para o que supostamente seria uma conversa amigável em que Niall tentaria provar que só estava agindo de acordo com os interesses dela e de Andor. Estava acostumada com isso, mas não com aquele tipo de mensageiro. Se estivesse sendo entregue aos Questionadores, não haveria subterfúgios: Asunawa enviaria homens suficientes para arrastá-la dali e levar todos os seus companheiros junto. Morgase falara brevemente com o líder dos Questionadores, e o homem lhe dera calafrios. Por que tinham enviado um Inquisidor para convocá-la? Expôs sua dúvida, e Saren respondeu com o mesmo tom de voz gélido.

— Eu estava com o Senhor Capitão Comandante e já ia passar aqui perto. Já terminei o que tinha que fazer, agora vou levá-la até ele. A senhora é uma rainha, afinal, e merece o devido respeito. — O homem falou aquilo tudo com um ar meio aborrecido, um tanto impaciente, até que no final um quê de zombaria e ironia brotou em sua voz, que em nenhum momento perdeu a frieza.

— Muito bem — concordou ela.

— Devo acompanhar minha rainha? — Tallanvor fez uma mesura formal. Ao menos demonstrava deferência quando havia alguém de fora por perto.

— Não. — Levaria Lamgwin em vez dele. Não, nada disso: levar qualquer um dos homens faria parecer que Morgase achava que precisava de guarda-costas. Saren a apavorava quase tanto quanto Asunawa, mas não permitiria que o homem notasse nem o menor sinal de seu receio. A rainha abriu um sorriso casual e tolerante. — Tenho certeza de que não preciso de nenhuma proteção aqui.

Saren também sorriu, ou ao menos sua boca se abriu em um sorriso. Mas parecia estar rindo dela.

Do lado de fora, quando Basel e Lamgwin lhe lançaram olhares temerosos, Morgase quase mudou de ideia quanto a levar um acompanhante. E teria mesmo mudado, se não tivesse se pronunciado contra lá dentro. Bem, dois homens não tinham como protegê-la, se aquilo de fato fosse alguma armadilha, e mudar de ideia seria uma demonstração de fraqueza. E ela com certeza se sentiu fraca enquanto avançava pelos corredores de pedra ao lado de Saren, não parecia em nada com uma rainha. Não mesmo. Talvez gritasse como uma pessoa qualquer, se os Questionadores a trancassem em suas masmorras — bem, não havia talvez nesse caso. Não era tola o bastante para acreditar que a carne da realeza era diferente de qualquer outra, numa situação como aquela. Ainda assim, seria quem era enquanto a situação permitisse. Usando toda a sua força de vontade, tratou de ignorar o bloco de gelo na barriga.

Saren a conduziu até um pequeno pátio de lajotas, onde homens de peito nu golpeavam postes de madeira com a espada.

— Aonde vamos? — perguntou ela. — Este não é o mesmo caminho que fiz das outras vezes para o gabinete do Senhor Capitão Comandante. Ele está em outro

lugar?

— Eu peguei o caminho mais curto — retrucou o homem, com aspereza. — Tenho assuntos mais importantes para tratar do que... — Ele não concluiu a frase e nem diminuiu o passo.

Morgase não teve opção senão segui-lo corredor adentro, passando por fileiras de quartos compridos cheios de catres estreitos e homens, a maioria de peito nu ou vestindo ainda menos. Manteve os olhos fixos nas costas de Saren, formulando as frases duras que pretendia dizer a Niall. Eles cruzaram o pátio de um estábulo, o ar fedendo a cavalos e esterco, onde um ferrador manipulava as patas dos cavalos a um canto; depois percorreram mais um corredor de casernas; depois outro, onde as cozinhas de um dos lados emanavam um forte aroma de ensopado no fogo; até que chegaram a outro pátio... Morgase ficou paralisada.

Um cadafalso alto e comprido repousava no centro do pátio. Três mulheres e mais de dez homens estavam sobre ele, as mãos e os pés atados, nós apertados em volta dos pescoços. Alguns choravam copiosamente, mas a maioria apenas parecia aterrorizada. Os dois últimos homens na extremidade oposta eram Torwyn Barshaw e Paitr — o garoto estava só de camisa, em vez do casaco vermelho e branco que Morgase mandara fazer especialmente para ele. Paitr não estava chorando, mas seu tio, sim. Paitr parecia horrorizado demais para as lágrimas.

— Pela Luz! — bradou um oficial Manto-branco, e outro empurrou uma alavanca comprida na ponta do cadafalso.

Os alçapões abaixo de cada pessoa se abriram com estalos ruidosos, e as vítimas sumiram de vista. Algumas das cordas estiradas tremeram enquanto os homens e as mulheres nas extremidades se engasgavam e perdiam a vida, sem a piedade da morte rápida por um pescoço quebrado. Paitr foi uma das mortes lentas — e a fuga tão bem orquestrada de Morgase morria com ele. Talvez devesse ter ficado tão preocupada com o rapaz quanto estava por si própria, mas só conseguia pensar na fuga, na saída da armadilha em que ela própria se metera. Estava presa, e Andor estava ali junto com ela.

Saren a encarava e estava óbvio que esperava que a rainha fosse desmaiar ou vomitar.

— Tanta gente de uma só vez? — perguntou, orgulhosa do equilíbrio em sua voz.

A corda de Paitr parara de se agitar, só balançava devagar para um lado e para o outro. Não haveria fuga.

— Enforcamos Amigos das Trevas todos os dias — respondeu Saren, seco. — Em Andor você talvez os liberte depois de um simples sermão. Nós não somos indolentes.

Morgase retribuiu o olhar do homem. O caminho mais curto, é? Então aquela era a nova tática de Niall: não ficou surpresa por não ouvir nenhuma menção ao seu plano de fuga, o Senhor Capitão Comandante era sutil demais para isso. Morgase era uma hóspede de honra, e Paitr e seu tio tinham sido enforcados por acaso por algum

crime que nada tinha a ver com sua presença ali. Quem seria o próximo a ir para a forca? Lamgwin ou Basel? Lini ou Tallanvor? Estranho, mas pensar em Tallanvor com uma corda no pescoço doía ainda mais que pensar em Lini na mesma situação. A mente pregava peças bem peculiares. Vislumbrou Asunawa por cima do ombro de Saren, encarando-a de uma janela que dava para o cadafalso. Olhando diretamente para ela. Talvez aquilo fosse obra dele, não de Niall. Não fazia diferença. Não podia permitir que sua gente morresse à toa. Não podia permitir que Tallanvor morresse. Peças bem peculiares, mesmo, as que a mente pregava.

Arqueando a sobrelanceira em uma expressão de deboche, ela declarou, em uma voz suave e nem um pouco afetada pelo que acabara de ver:

— Se a cena o deixou de pernas bambas, acho que podemos esperar até você recobrar suas forças.

Que a Luz permitisse que não vomitasse.

Saren fechou a cara, deu meia-volta e saiu andando. Morgase o seguiu em um passo imponente, sem olhar para a janela de Asunawa e tentando não pensar no cadafalso.

Talvez fosse mesmo o caminho mais curto, já que, no corredor seguinte, Saren a conduziu por lances de escada bem íngremes que a deixaram na câmara de audiências de Niall mais depressa do que ela se lembrava de ter chegado nas outras vezes. Como de costume, Niall não se levantou e não havia cadeira para ela, de forma que era obrigada a ficar de pé diante dele, feito uma petionária. O homem parecia distraído, sentado em silêncio, encarando-a sem parecer enxergá-la.

Niall vencera, mas não estava nem olhando para ela. Ficou irritada com aquilo. Luz, o homem tinha vencido. Talvez devesse voltar para seus aposentos. Se mandasse Tallanvor, Lamgwin e Basel a tirarem de lá à força, os homens tentariam. Iam morrer, assim como ela. Morgase jamais empunhara uma espada, mas, se desse essa ordem absurda, pegaria em uma. Ela morreria, e Elayne ocuparia o Trono do Leão — assim que al'Thor fosse tirado de lá, claro. A Torre Branca cuidaria para que Elayne ficasse com o que era dela. A Torre. Se a Torre garantisse o trono para sua filha... Parecia loucura, mas confiava ainda menos na Torre do que em Niall. Não, precisava salvar Andor por conta própria. Mas haveria um preço. E esse preço devia ser pago.

Teve que forçar as palavras a saírem:

— Estou pronta para assinar seu acordo.

Niall nem pareceu ouvir. Então piscou e, logo depois, de repente, soltou uma risada irônica e balançou a cabeça. Aquilo também a irritou. Fingir surpresa. Não tinha tentado fugir. Era uma hóspede. Como queria ver aquele homem pendurado no cadafalso.

O Senhor Capitão Comandante agiu tão depressa que Morgase quase duvidou de sua apatia de momentos antes. Em poucos instantes, mandou entrar o secretário caquético, trazendo um longo pergaminho com tudo já escrito e até uma cópia do

selo de Andor — tão bem-feita que nem ela conseguiria distinguir do selo original.

Mesmo não tendo escolha sobre assinar ou não, fez questão de ler os termos: não havia nada diferente do que esperara. Niall lideraria os Mantos-brancos na retomada do trono, mas havia um preço, ainda que no acordo não fosse apresentado desta maneira: mil Mantos-brancos se aquartelariam em residência permanente em Caemlyn, com seus próprios tribunais e sem se sujeitar à lei de Andor, além de a ordem de Mantos-brancos passar a ser considerada igual à Guarda da Rainha e com o mesmo poder por toda Andor. Poderia levar a vida inteira para desfazer aquele acordo, e também a vida de Elayne, mas a alternativa era al'Thor levar o Trono do Leão como troféu. Se alguma mulher voltasse a reinar ali, seria Elenia, Naeen ou alguém dessa estirpe, e apenas como fantoche de al'Thor. Era isso ou Elayne como fantoche da Torre, e *não conseguia* se convencer de que podia confiar na Torre.

Assinou seu nome com caligrafia precisa e pressionou o Selo falso na cera vermelha que o secretário de Niall pingou ao pé da página. O Leão de Andor cercado pela Coroa de Rosas. Pronto, era a primeira rainha a aceitar soldados estrangeiros em solo andoriano.

— As legi...? — A pergunta saiu com mais dificuldade do que imaginara. — As legiões partirão em quanto tempo?

Niall hesitou, encarando a mesa à frente. Não havia nada ali além de caneta e tinta, uma tigela de pó de pedra-pomes e um toco de cera de selagem recém-queimado, como se ele tivesse acabado de escrever uma carta. O homem rabiscou a própria assinatura no acordo e gravou seu selo, um sol fulgurante em cera dourada, então entregou o pergaminho para o secretário.

— Guarde na sala de documentação, Balwer. E receio que eu não vá conseguir avançar tão rápido quanto esperava, Morgase. Preciso considerar algumas questões que vêm se desenrolando. Mas não precisa se preocupar. É só uma questão de como se deslocar melhor nas áreas que não têm relação com Andor. Insisto que veja esse pequeno adiamento apenas como um tempo a mais para que eu possa desfrutar de sua companhia.

Balwer fez uma reverência graciosa, ainda que um tanto austera, mas Morgase teve a impressão de que o homem estivera prestes a encarar Niall com alguma surpresa. Ela mesma por pouco não ficou boquiaberta. O homem a pressionara sem parar desde que ela chegara ali, mas agora tinha outras questões a considerar? Balwer saiu apressado, como se temesse que Morgase fosse tentar pegar o documento de volta e rasgá-lo, mas não poderia estar mais enganado. Ao menos não haveria mais enforcamentos. Tudo o mais seria resolvido quando fosse possível. Um passo de cada vez. Sua resistência tenaz acabara falhando, mas agora tinha tempo de novo — o tempo era uma dádiva inesperada que não podia ser desperdiçada. Então ele queria o prazer de sua companhia?

Morgase abriu um sorriso caloroso.

— Eu sinto como se tivesse tirado um grande um peso dos meus ombros. Ora, o

senhor joga pedras?

— Sou conhecido como um jogador razoável. — O sorriso em resposta foi primeiro de surpresa, depois de animação.

A rainha ruborizou, mas conseguiu se controlar para não demonstrar raiva. Talvez fosse melhor Niall achar que a tinha derrotado. Ninguém vigiava um inimigo combalido com tanta atenção nem o mantinha em tão alta conta, e, se ela tomasse cuidado, poderia começar o processo de recuperar aquilo de que abrira mão antes mesmo de os soldados de Niall deixarem Amadícia. Morgase tivera um excelente professor no Jogo das Casas.

— Bem, tentarei não ser uma adversária tão ruim, caso o senhor aceite jogar.

Ela era bem mais que razoável no jogo das pedras, e talvez fosse até mais que uma boa jogadora, mas teria que perder, claro. Bem, não podia perder tão feio a ponto de deixá-lo entediado. Odiava perder.

* * *

Franzindo o cenho, Asunawa tamborilava os dedos no braço coberto de douraduras da cadeira. Acima de sua cabeça, no espaldar, fora entalhado um cajado de pastor trabalhado em laca brilhante sobre um disco branco.

— A bruxa ficou surpresa — murmurou.

Saren respondeu como se aquilo fosse uma acusação.

— Os enforcamentos afetam mesmo algumas pessoas. Aqueles Amigos das Trevas foram apanhados ontem, pelo que ouvi estavam entoando algum catecismo para a Sombra quando Trom arrombou a porta. Eu até perguntei aos Filhos que os capturaram, mas ninguém pensou em tentar descobrir se algum deles tinha relação com ela. — Pelo menos o homem conseguiu evitar remexer os pés, permanecendo com uma postura tão ereta quanto era apropriado para um integrante da Mão da Luz.

Asunawa dispensou as explicações com um discreto aceno. Claro que não havia relação entre ela e aqueles condenados à força, afora o fato de que Morgase era uma bruxa e aqueles eram Amigos das Trevas. A bruxa estava na Fortaleza da Luz, afinal. Ainda assim, estava incomodado.

— Niall me mandou buscá-la como se eu fosse um cachorro — reclamou Saren. — Quase vomitei tudo o que tinha no estômago só por estar tão perto de uma bruxa. Minhas mãos chegaram a tremer de vontade de agarrar a garganta da maldita.

Asunawa não seu deu ao trabalho de responder e mal escutou. Claro que Niall odiava a Mão. A maioria dos homens odiava o que temia. Não, seus pensamentos estavam voltados para Morgase. A mulher não era fraca, não mesmo. Tinha conseguido se defender bem de Niall, e ainda mais quando a maioria teria desabado logo depois de entrar na Fortaleza. A mulher arruinaria parte dos planos dele se

acabasse se mostrando fraca, afinal. Já tinha todos os detalhes na cabeça, cada dia do julgamento dela, com embaixadores de cada terra que ainda era capaz de enviar um, até que Morgase enfim fizesse sua confissão dramática, arrancada com tamanha habilidade que ninguém encontraria nenhum vestígio em seu corpo. Então viriam as cerimônias da execução. Um cadafalso especial só para ela, a ser preservado posteriormente para marcar a ocasião.

— Vamos torcer para que ela continue resistindo a Niall — afirmou, abrindo um sorriso que alguns definiriam como brando e devoto. Nem mesmo a paciência de Niall poderia durar para sempre. Ao final, ele teria que entregá-la à justiça.





CONVOCAÇÃO ÀS PRESSAS

Para Egwene, a visita de Rand a Cairhien lembrava uma daquelas grandes apresentações de fogos de artifício de Iluminadores das quais apenas ouvira, mas que nunca tinha visto. O reverberar dos ecos parecia não ter fim.

Não voltou ao palácio, claro, mas as Sábias que iam até lá todos os dias em busca de armadilhas montadas com *saidar* contavam o que se passava. Nobres se entreolhavam com desconfiança, tanto tairenos quanto cairhienos. Berelain parecia estar se escondendo de algo, recusando-se a receber qualquer pessoa cuja audiência não fosse absolutamente necessária. Ao que parecia, Rhuarc ralhara com ela por negligenciar suas obrigações, mas o efeito foi mínimo. Aliás, o chefe do clã parecia ser o único indiferente em todo o palácio — até os serviçais se sobressaltavam quando alguém olhava para eles, embora isso talvez se devesse ao fato de as próprias Sábias estarem por todos os cantos.

Nas tendas, a situação não era muito melhor, ao menos não entre as Sábias — os outros Aiel estavam como Rhuarc: calmos e firmes. O contraste de posturas fazia a rabugice das Sábias ainda maior em um momento em que já era grande o suficiente. Amys e Sorilea voltaram do encontro com Rand quase espumando de raiva. Não disseram por quê, pelo menos não na frente de Egwene, mas o sentimento se espalhou pelas Sábias mais rápido que um raio, até que cada uma delas começou a andar por aí feito gatas eriçadas prontas para enfiar as garras em qualquer coisa que se mexesse. As aprendizes andavam pisando em ovos e falando manso, mas continuavam levando broncas pelo que antes teria passado despercebido e recebendo punições pelo que em circunstâncias normais teria resultado em apenas uma bronca.

Ver as Sábias Shaido no acampamento não ajudava — pelo menos Therava e Emerys eram Sábias, a terceira era a própria Sevanna, andando para cima e para

baixo cheia de si, usando a blusa tão aberta que rivalizava com Berelain, não importava quanto o vento soprasse a poeira. Therava e Emerys afirmavam que Sevanna era uma Sábia, e, apesar dos resmungos de Sorilea, eram obrigadas a aceitá-la como tal. Egwene tinha certeza de que as mulheres estavam ali para espionar, mas Amys só olhava feio sempre que ela insinuava aquilo. Protegidas pelos costumes, as mulheres tinham passagem livre pelas tendas e eram bem recebidas por todas as Sábias, inclusive Sorilea, acolhidas como amigas íntimas ou irmãs-primeiras. Ainda assim, a presença delas piorava o humor de todos — o de Egwene em especial. Sevanna, aquela pantera de sorriso afetado, sabia quem ela era e não se esforçava para esconder seu prazer em mandar “a aprendiz baixinha” ir buscar um copo d’água ou qualquer outra besteira em toda oportunidade. E Sevanna também a encarava com um olhar analítico, um olhar que lembrava Egwene de alguém analisando uma galinha e pensando em como a cozinhar depois de roubá-la. E não parava por aí: para piorar, as Sábias não lhe contavam sobre o que conversavam com as Shaído — era assunto das Sábias, não das aprendizes. Qualquer que fosse o motivo para aquelas três estarem ali, seu interesse no comportamento das outras Sábias era evidente. Mais de uma vez, em momentos em que Sevanna achava que não estava sendo observada, Egwene a flagrou sorrindo ao ver Amys, Malindhe ou Cosain passarem por ela falando sozinhas ou ajeitando o xale sem necessidade. Claro que ninguém dava ouvidos a Egwene, e um excesso de advertências a respeito das Shaído acabaram por lhe render a punição de passar quase um dia todo cavando um buraco “grande o bastante para se enfiar lá dentro sem ser vista” — e, para coroar o castigo, quando saiu do buraco toda suja e ensopada de suor para obedecer às ordens de tapá-lo de novo, viu que Sevanna a observava.

Dois dias depois da partida de Rand, Aeron e algumas outras Sábias mandaram três Donzelas pularem escondidas a muralha do palácio de Arilyn, à noite, para ver o que conseguiam descobrir, e isso só piorou a situação. As três conseguiram passar despercebidas pelos guardas de Gawyn, mesmo que com mais dificuldade do que esperavam, mas passar pelas Aes Sedai acabou sendo mais complicado. Quando ainda estavam no topo do telhado, tentando encontrar uma maneira de adentrar o sótão, acabaram envolvidas por tramas do Poder e puxadas para dentro do casarão. Por sorte, Coiren e as outras pareceram pensar que as Aiel só estavam ali para roubar, embora as Donzelas talvez não tivessem considerado aquilo tanta sorte. As três foram jogadas de volta na rua depois de uma sova tão grande que mal conseguiam andar — ainda estavam tentando conter os gemidos de dor quando voltaram para as tendas. As Sábias se revezaram repreendendo Aeron e as amigas, quase todas em particular, mas Sorilea pareceu fazer questão de confrontá-las diante do máximo de gente possível. Sevanna e as outras duas Shaído sorriam com um desdém bem explícito sempre que avistavam Aeron ou uma das outras, especulando em tons bastante audíveis sobre o que as Aes Sedai fariam quando descobrissem a verdade sobre a invasão. Até Sorilea olhou torto para as três ao ouvir os

comentários, mas ninguém se pronunciou. Aeron e suas amigas passaram a andar parecendo pisar nos mesmos ovos que as aprendizes, que começaram a tentar se esconder sempre que não estavam desempenhando suas tarefas habituais ou envolvidas nas aulas. Os ânimos ficaram ainda mais exaltados.

Fora o buraco que tivera que cavar, Egwene conseguiu evitar o pior daquilo tudo, mas só porque passava boa parte do tempo longe das tendas — e o fazia sobretudo para ficar longe de Sevanna, antes que acabasse dando uma lição na mulher. Não tinha dúvidas de como terminaria, caso ousasse se manifestar: Sevanna era aceita como Sábia, não importava as caras feias quando ela não estava por perto, e Amys e Bair provavelmente deixariam as Shaïdo pensarem em um castigo para Egwene. Pelo menos não era tão difícil ficar afastada. Ela podia ser aprendiz, mas só Sorilea fazia qualquer esforço para lhe ensinar as milhares de coisas que uma Sábia precisava saber, e até Amys e Bair lhe darem permissão para voltar a *Tel'aran'rhiod*, Egwene tinha os dias e as noites livres — só precisava dar um jeito de escapar de ser convocada, junto com Surandha e as outras aprendizes, para lavar a louça, recolher esterco para as fogueiras ou coisa parecida.

Egwene não conseguia entender por que os dias pareciam passar tão devagar. Achava que podia ter algo a ver com ter que esperar a decisão de Amys e Bair. Encontrava Gawyn na estalagem O Homem Comprido todas as manhãs, e já estava acostumada com os sorrisinhos sugestivos da estalajadeira gorducha, apesar de ter considerado dar um belo pontapé na mulher em uma ou duas ocasiões. Talvez três, porém não mais que isso. Ah, aquelas horas da manhã passavam voando. Mal se sentava no colo dele e já era hora de endireitar o cabelo e ir embora. Não ficava mais incomodada de se sentar no colo de Gawyn — não que algum dia isso a tivesse incomodado de verdade, mas a experiência foi ficando cada vez melhor. Se por vezes pensava coisas que não deveria, e se esses pensamentos a faziam enrubescer... bem, nessas horas Gawyn sempre passava os dedos em seu rosto, murmurando seu nome de um jeito que ela poderia ouvi-lo repetir a vida inteira. O rapaz deixava escapar menos sobre o que vinha se passando com as Aes Sedai do que ela ficava sabendo em outros lugares, mas Egwene mal se importava.

Eram as outras horas que se arrastavam como se estivessem atoladas na lama. Havia tão pouco a fazer que ela achava que ia acabar explodindo de tanta frustração. As Sábias escolhidas para ficar de olho na mansão de Arilyn não relataram mais nenhuma novidade sobre a presença das Aes Sedai — escolhidas entre as que eram capazes de canalizar, as vigias afirmavam que as mulheres da Torre continuavam manejando o Poder lá dentro dia e noite sem parar, mas Egwene não ousava se aproximar. Mesmo se tivesse coragem, não saberia o que elas estavam fazendo sem ver os fluxos. Se as Sábias não estivessem tão irritadiças, poderia passar o tempo lendo em sua tenda — na única vez em que pegou um livro, a não ser à noite, sob a luz de uma lamparina, Bair resmungou tanto sobre as garotas que desperdiçavam os dias deitadas com preguiça que Egwene acabou murmurando que se esquecera de

alguma coisa só para sair correndo, antes que a Sábua lhe arrumasse alguma coisa para fazer. E uma conversa de poucos instantes com uma aprendiz poderia ser tão perigosa quanto pegar um livro: ser flagrada por Sorilea em uma pequena pausa para falar com Surandha, escondida sob a sombra de uma tenda dos Cães de Pedra, lhe rendeu uma tarde inteira cuidando da lavagem das roupas. Até teria ficado feliz em cuidar de algumas tarefas pelo simples fato de ter o que fazer, mas Sorilea foi examinar as roupas impecavelmente limpas penduradas dentro da tenda, protegidas da poeira onipresente, fungou e mandou que fizessem tudo de novo — e isso aconteceu duas vezes! Sevanna também testemunhou parte desse castigo.

Quando ia à cidade, Egwene sempre ficava tensa — ainda assim, no terceiro dia, foi de fininho até as docas, se esgueirando como um rato roubando leite de um gato. Um sujeito todo enrugado com um barquinho estreito coçou o cocuruto coberto de cabelos ralos e pediu um marco de prata para levá-la a remo até o navio do Povo do Mar. Nada na vida era de graça, mas aquele preço era ridículo. Egwene encarou o homem, respondendo que ele receberia apenas uma moeda comum de prata — o que ainda era bem caro, aliás —, e esperou que a barganha que viria a seguir não lhe custasse todas as moedas da bolsa, pois não tinha muitas. Todos se sobressaltavam ou se encolhiam diante dos Aiel, mas, quando o assunto era dinheiro, esqueciam-se do *cadin'sor* e das lanças e lutavam feito leões. O homem abriu a boca banguela, então fechou, espiou Egwene de cima a baixo, resmungou para si mesmo e, para a surpresa da garota, aceitou, acrescentando que ela estava roubando o pouco pão que ele tinha para comer.

— Vamos logo — grunhiu o sujeito. Vamos de uma vez. Não posso perder o dia todo por essa ninharia. Ora, essa mulher querendo intimidar um pobre trabalhador. Querendo roubar meu último naco de pão.

Ele não parou de resmungar mesmo quando começou a remar, impulsionando o barco minúsculo para as vastas águas do Alguenya.

Egwene não sabia se Rand já encontrara essa Senhora das Ondas, mas esperava que sim. De acordo com Elayne, o Dragão Renascido era o Coramoor do Povo do Mar, o Escolhido, e bastava ele aparecer para que aquela gente atendesse a todos os seus chamados. Ainda assim, torcia para que o Povo do Mar não tivesse se rebaixado tanto. Rand já tinha gente de mais disposta a lhe beijar os pés. Mas não fora até lá com aquele barqueiro ranzinza por causa de Rand. Elayne conhecera alguns Atha'an Miere, viajara em um de seus navios. E a amiga dizia que as Chamadoras de Ventos do Povo do Mar podiam canalizar — ao menos algumas delas. Talvez a maioria. Tratava-se de um segredo que os Atha'an Miere guardavam muito bem, mas a Chamadora de Ventos da embarcação de Elayne estivera mais do que disposta a compartilhar seus conhecimentos, depois de ser descoberta. Uma Chamadora de Ventos do Povo do Mar entendia bem dos assuntos do clima, e Elayne alegava que elas sabiam ainda mais do assunto do que as Aes Sedai, dizendo que a Chamadora de Ventos do navio em que estivera tecera fluxos enormes para gerar ventos

favoráveis. Egwene não tinha ideia de quanto daquilo era verdade e quanto era apenas empolgação, mas aprender um pouco sobre o clima com certeza seria melhor do que ficar de braços cruzados, sem conseguir decidir se ser pega por Nesune talvez não fosse melhor do que lidar com as Sábias e Sevanna. Com o que sabia até então, não conseguiria fazer chover nem se os céus estivessem negros — mas conseguiria invocar relâmpagos. Bem, o sol ardia, dourado, no céu sem nuvens, e ondas de calor dançavam sobre a água escura. Pelo menos não havia poeira rio adentro.

Quando o barqueiro finalmente recolheu os remos e deixou a pequena embarcação deslizar até a lateral do navio, Egwene se levantou, ignorando os resmungos do homem de que acabaria fazendo ambos caírem no rio.

— Olá? — gritou. — Olá? Posso subir a bordo?

Egwene já estivera em várias embarcações fluviais e se orgulhava de conhecer os termos corretos — aquela gente da navegação se ofendia sempre que ouvia um termo errado —, mas aquele navio era diferente. Já vira embarcações mais longas, porém nenhuma tão alta. Parte da tripulação estava nos cordames ou escalando os mastros oblíquos — homens de pele escura e peito nu, descalços, trajando calças coloridas folgadas presas por faixas brilhantes, e mulheres de pele escura com blusas de cores fortes.

Estava prestes a gritar outra vez, ainda mais alto, quando uma escada de cordas se desenrolou na lateral da embarcação. Não ouviu resposta do convés, mas aquilo parecia convite o bastante. Egwene subiu. Foi difícil — não a escalada, e sim manter as saias fechadas e as pernas cobertas com um mínimo de decência, o que a fez entender por que as mulheres do Povo do Mar usavam calças —, mas acabou chegando à amurada.

Seus olhos logo pousaram sobre uma mulher no convés, a menos de uma braça de distância. A blusa e as calças eram de seda azul, com uma faixa mais escura na cintura. Ela usava três argolas de ouro trabalhadas em cada orelha, além de uma correntinha da qual pendiam minúsculos medalhões cintilantes descendo de uma das orelhas até uma argola no nariz. Elayne descrevera a joia e até chegara a mostrá-la em *Tel'aran'rhiod*, mas ver a coisa ao vivo fez Egwene se encolher. Só que havia algo mais: conseguia sentir a capacidade de canalizar da mulher. Encontrara a Chamadora de Ventos.

Ela abriu a boca para falar com a mulher, então uma mão escura empunhando uma adaga reluzente surgiu de repente diante dos seus olhos. Antes que pudesse gritar, a lâmina cortou as cordas da escada. Ainda se segurando no objeto já sem serventia, Egwene despencou.

Foi só então que gritou — o grito durou um piscar de olhos, então ela caiu no rio, os pés mergulhando primeiro, afundando rapidamente. A água entrou depressa em sua boca aberta, abafando o grito. Achou que tinha engolido metade do rio. Ela se debateu, tentando desenrolar as saias em volta da cabeça e se livrar do que restava da escada. Não entrou em pânico. Não entrou. Quão fundo mergulhara? Via apenas

uma escuridão lamacenta ao redor. Para que lado ficava a superfície? Tiras de ferro apertavam seu peito, mas ela expirou pelo nariz e ficou olhando o caminho das bolhas, que lhe pareceram ir para baixo e para a esquerda. Virou-se e nadou para a superfície. Faltava muito? Os pulmões ardiam.

Sua cabeça irrompeu para a luz do dia e, engasgando e tossindo, Egwene respirou fundo. Para a sua surpresa, o barqueiro estendeu a mão e a arrastou aos poucos para dentro do barco, resmungando para que ela parasse de se debater antes que irritasse as pessoas no navio, acrescentando que o Povo do Mar era uma gente muito sensível. O homem se inclinou de volta para recuperar o xale de Egwene antes que a peça afundasse de volta. Apanhou o xale das mãos do barqueiro, que recuou como se pensasse que ela iria bater nele com o tecido molhado. Sentia as saias pesadas, a blusa e a anágua grudando no corpo, o lenço todo torto no meio da testa. Uma poça começou a se formar sob seus pés no chão do barco.

O barquinho estava a cerca de vinte passadas do navio. A Chamadora de Ventos estava na amurada, junto com mais duas mulheres, uma usando roupas de seda verde comum e a outra com vestes de um tecido vermelho bordado com fios de ouro. Os brincos, anéis e correntes refletiam o sol.

— O presente da passagem é negado a você — afirmou a mulher de verde, e a de vermelho gritou:

— Avise às outras que esses disfarces não nos enganam. Não temos medo de vocês. O presente da passagem é negado a todas vocês!

O barqueiro encarquilhado pegou os remos, mas Egwene apontou o dedo em riste bem para o nariz estreito dele.

— Pare agora mesmo — ordenou Egwene. Como ousavam jogá-la na água daquele jeito, sem uma palavra de cortesia?

Egwene respirou fundo, abraçou *saidar* e canalizou quatro fluxos antes que a Chamadora de Ventos pudesse reagir. Então a mulher entendia do clima, era? Será que também conseguiria canalizar quatro fluxos de uma vez? Não eram muitas as que conseguiam, nem mesmo entre as Aes Sedai. Com um fluxo de Espírito, ela blindou a Chamadora de Ventos para impedi-la de interferir — isso se a mulher soubesse como. Todos os outros três foram de Ar, tecidos com toda a delicadeza ao redor de cada mulher, prendendo seus braços à lateral do corpo. Erguê-las no ar não foi exatamente difícil, mas também não foi fácil.

A tripulação do barco gritou quando as mulheres começaram a levitar até o rio. Egwene escutou o barqueiro se lamuriando, mas não estava interessada nele. As três mulheres do Povo do Mar sequer protestaram. Fazendo um esforço, ergueu-as ainda mais, a dez ou vinte passadas da superfície. Não importava quanto se empenhasse, aquele parecia ser seu limite. *Bem, não quero machucar ninguém*, pensou, soltando os fluxos. *Agora elas vão gritar*.

As três se enrolaram feito bolas assim que começaram a cair, giraram e estenderam os corpos com os braços esticados à frente. Mergulharam graciosamente,

quase sem espirrar água. Momentos depois, três cabeças escuras despontaram na superfície, e as mulheres nadaram depressa de volta para o navio.

Egwene fechou a boca. *Se eu erguer as três pelo tornozelo e enfiar a cabeça de cada uma na água, aí elas vão...* O que estava pensando? Aquelas mulheres tinham que gritar só porque ela gritara? Não estava mais ou menos molhada do que as três. *Devo estar parecendo uma rata molhada!* Canalizou com cuidado — empregar os fluxos em si mesma sempre exigia cautela, já que não conseguia ver a trama muito bem —, e a água foi escorrendo do corpo, se esvaindo das roupas. A poça no chão do barco aumentou.

Só quando notou que o barqueiro a encarava com a boca escancarada e os olhos esbugalhados é que ela se deu conta do que fizera. Tinha canalizado no meio do rio, sem nada para escondê-la de qualquer Aes Sedai que pudesse ver. Com ou sem sol, de repente sentiu os ossos gelarem.

— Agora já pode me levar de volta para a margem. — Não havia como saber quem estava no cais, e, àquela distância, era impossível diferenciar um homem de uma mulher. — Mas não para a cidade. Para a beira do rio.

O sujeito obedeceu na hora, começando a remar tão rápido que Egwene quase caiu para trás. Ele a levou até um ponto da margem quase todo coberto por rochas lisas do tamanho da cabeça dela. Não havia ninguém à vista, mas, assim que o barco raspou nas pedras, Egwene saltou, ergueu as saias e disparou pelo barraco íngreme, mantendo o mesmo pique até estar de volta à tenda, onde desabou, ofegante, suando em bicas. Desde então, não foi mais à cidade. A não ser para ver Gawyn, claro.

Os dias se passaram, e o vento, já quase constante, carregava dia e noite lufadas de poeira e areia. Na quinta noite, Bair acompanhou Egwene ao Mundo dos Sonhos, um breve passeio de teste pelo trecho de *Tel'aran'rhiod* que Bair conhecia melhor: o Deserto Aiel, uma terra acidentada e ressecada que fazia até aquela Cairhien arrasada pela seca parecer formosa e exuberante. Uma viagem rápida, então Bair e Amys vieram acordá-la para conferir se a empreitada provocara algum efeito negativo. Não provocara. Nisso as duas acabaram concordando, depois de a obrigarem a correr e saltar várias vezes, e mesmo assim apenas após examinarem cuidadosamente seus olhos e seu coração. Ainda assim, na noite seguinte, Amys levou-a para mais uma voltinha no Deserto, seguida de mais um exame tão cansativo que Egwene ficou feliz quando enfim pôde se arrastar de volta para os lençóis e cair em um sono profundo.

Naquelas duas noites, Egwene não voltou ao Mundo dos Sonhos, mas foi mais por exaustão do que por falta de vontade. Antes daqueles pequenos testes, sempre dizia a si mesma que devia parar de ir a *Tel'aran'rhiod* sozinha — não seria nada bom ser pega violando as restrições justo quando as Sábias estavam prestes a suspendê-las —, mas sempre acabava decidindo que uma viagensinha curta não teria problema, se fosse rápida o bastante para reduzir as chances de ficar exposta. O que de fato evitava era o lugar entre *Tel'aran'rhiod* e o mundo desperto, onde os sonhos

flutuavam. Tomou essa decisão ao perceber como estava tentada a encontrar uma maneira de bisbilhotar os sonhos de Gawyn sem ser atraída para eles — mas sempre dizendo a si mesma que, caso isso acontecesse, tudo não passaria de um sonho. Tentava lembrar a si mesma, o tempo todo, que era uma mulher adulta, não uma garotinha tola. Ainda assim, estava feliz por ninguém mais saber da confusão que Gawyn criava em sua cabeça. Amys e Bair gargalhariam até chorar.

Na sétima noite, Egwene se preparou com todo o cuidado antes de dormir, botando uma camisola limpa e escovando o cabelo até deixá-lo brilhando. Nada daquilo seria relevante em *Tel'aran'rhiod*, mas servia para distraí-la de como seu estômago parecia dar piruetas. Naquela noite, as Aes Sedai estariam esperando por ela no Coração da Pedra, e não Elayne ou Nynaeve. Não deveria fazer diferença, a menos que... A escova de cabelo de marfim parou no meio de uma mecha. A menos que uma das Aes Sedai revelasse que ela era apenas uma Aceita. Como não tinha pensado naquilo? Luz, gostaria de poder falar com Nynaeve e Elayne. O problema era que também não via como falar com as amigas adiantaria de alguma coisa, e ela tinha certeza de que aquele sonho com objetos caindo no chão e se estilhaçando significava que algo acabaria dando muito errado caso tentasse entrar em contato com as amigas.

Mordiscando o lábio inferior, considerou ir dizer a Amys que não estava se sentindo bem — nada grave, só um incômodo no estômago, mas que achava que não daria conta de visitar o Mundo dos Sonhos naquela noite. Retomariam as aulas depois do encontro, mas... Seria mais uma mentira, além de uma covardia. Egwene não era covarde. A coragem não vinha igual e nem no mesmo nível para todos, mas a covardia era desprezível. Não importava o que acontecesse naquela noite, tinha que se forçar a encarar o que viesse de frente.

Firme e decidida, largou a escova, apagou o lampião com um sopro e foi rastejando até o catre. Estava cansada o bastante para não ter problemas em pegar no sono, embora já soubesse se obrigar a dormir a qualquer momento, quando necessário, ou pelo menos a entrar no leve transe que a levaria parcialmente ao Mundo dos Sonhos, mas a manteria desperta o suficiente para conseguir falar — talvez balbuciar — com alguém que estivesse aguardando junto a seu corpo. A última coisa que lhe ocorreu antes de cair no sono foi perceber, muito surpresa, que o estômago não estava mais se revirando.

Estava em uma grande câmara abobadada repleta de espessas colunas de pedra vermelha polida — o Coração da Pedra, na Pedra de Tear. Acima, lampiões dourados pendiam de correntes. Estavam apagados, mas claro que havia luz, aquela iluminação que vinha de todas as partes e de lugar nenhum. Amys e Bair já estavam lá, com a mesma aparência daquela manhã, tirando o fato de que todos os colares e braceletes cintilavam um pouco mais do que o normal, mesmo sendo de ouro. Conversavam em vozes tranquilas, mas pareciam irritadas. Egwene só conseguiu ouvir algumas palavras, mas tinha certeza de que houve uma menção a “Rand

al'Thor".

De repente, percebeu que usava um vestido branco de Aceita com bainha listrada. Assim que reparou, sua roupa se tornou uma cópia da vestimenta das Sábias, mas sem as joias. Achou que as outras duas não tinham percebido — ou que, caso tivessem, não soubessem o significado do vestido. Em alguns casos, a rendição fazia a pessoa perder menos *ji* e adquirir menos *toh*, mas Aiel nenhum consideraria isso sem pelo menos tentar lutar.

— Elas estão atrasadas de novo — reclamou Amys, irritada, andando até o espaço aberto logo abaixo do grande domo da câmara. No chão de pedra estava o que parecia uma espada de cristal — era a *Callandor* da profecia, um *sa'angreal* masculino dos mais poderosos já criados. Rand deixara a espada ali para que os tairenos se lembrassem dele — como se houvesse chance de esquecerem —, mas Amys mal olhou para o objeto. Para muitos, A Espada Que Não É Espada até podia ser um símbolo do Dragão Renascido, mas para aquela Sábida aquilo era coisa dos aguacentos. — Bem, considerando a reunião passada, ao menos podemos esperar que elas não vão tentar fingir que sabem de tudo e que nós não sabemos de nada. As Aes Sedai se saíram bem melhor na última vez.

Bair fungou de um jeito que teria deixado Sorilea sem reação.

— Elas não vão melhorar nunca. O mínimo que podiam fazer era chegar na hora combi...

A frase ficou por terminar. Sete mulheres apareceram de repente do outro lado de *Callandor*.

Egwene reconheceu todas, até a jovem de olhos azuis e determinados que encontrara antes, em *Tel'aran'rhiod*. Quem seria? Amys e Bair já tinham falado das demais — quase sempre com amargura —, mas nunca mencionaram aquela mulher. Ela usava um xale com bordas azuis; todas estavam de xale, na verdade. Os vestidos volta e meia mudavam de cor e de corte, mas os xales nunca sequer tremeluziam.

Assim que chegaram, as Aes Sedai se voltaram para Egwene, como se as Sábias nem existissem.

— Egwene al'Vere — começou Sheriam, em um tom muito formal —, você está convocada a comparecer ao Salão da Torre. — A Aes Sedai estreitou os olhos de leve, tentando disfarçar alguma emoção. Egwene sentiu um aperto no peito: elas sabiam que estava se passando por uma irmã completa.

— Não pergunte o motivo da convocação — advertiu Carlinya, logo depois de Sheriam terminar, sua voz gélida aumentando ainda mais a sensação de formalidade. — Seu dever é responder, não perguntar.

Por algum motivo misterioso, Carlinya cortara o cabelo escuro bem curto. O detalhe irrelevante de repente pareceu importante para Egwene. Não queria ficar pensando no que tudo aquilo significava, não mesmo. As frases cerimoniais vieram em sucessão, em um ritmo imponente. Amys e Bair ajeitaram os xales e franziram o cenho, a irritação começando a virar preocupação.

— Não adie sua vinda — continuou Anaiya. Egwene sempre a tinha achado bondosa, mas a mulher de rosto gentil soava tão firme quanto Carlinya, com uma formalidade quase tão fria quanto a da Branca. — Seu dever é obedecer com presteza.

As três falaram em uníssono:

— É bom temer as convocações do Salão. É bom obedecer com presteza e humildade, sem questionar. Você está convocada a se ajoelhar perante o Salão da Torre e aceitar seu julgamento.

Egwene se forçou a controlar a respiração, ao menos o suficiente para conseguir evitar parecer ofegante. Qual seria a punição para o que fizera? Suspeitava de que não seria nada branda, a julgar por toda aquela cerimônia. Todas a encaravam. Tentou decifrar alguma coisa naqueles rostos de Aes Sedai — seis deles exibiam apenas a serenidade da idade indefinida, talvez uma leve intensidade no olhar. A jovem Azul ostentava a calma tranquila de alguém que já era Aes Sedai havia anos, mas não conseguia esconder o sorriso discreto e satisfeito.

Elas pareciam estar esperando resposta.

— Vou assim que puder. — Seu coração estava tão apertado que parecia prestes a ser esmagado, mas Egwene conseguiu deixar a voz em um tom à altura do das mulheres. Nada de covardia. Ela ainda se tornaria Aes Sedai. Isso se deixassem, depois de tudo o que fez. — Só não sei se consigo chegar assim tão rápido. O caminho é longo, e não sei exatamente onde fica Salidar, só sei que é algum lugar ao longo do Rio Eldar.

Sheriam e outras Aes Sedai se entreolharam. Seu vestido passou de uma seda azul-clara a um cinza-escuro de saias plissadas.

— Temos certeza de que existe uma maneira de fazer essa jornada mais depressa. Se as Sábias ajudarem, claro. Siuan está certa de que não precisaríamos de mais de um ou dois dias, se você entrar fisicamente em *Tel'aran'rhiod*...

— Não — interrompeu Bair, irritada, no mesmo instante em que Amys retrucava:

— Não vamos ensinar uma coisa dessas para ela. Isso já foi usado para o mal, e é uma habilidade maligna. Quem faz uma coisa dessas, não importa quem seja, perde uma parte de si mesmo.

— Você não pode saber disso com certeza — retrucou Beonin, em um tom muito paciente —, já que, ao que parece, nenhuma de vocês nunca nem tentou. Mas, se sabem que existe um jeito, devem ter alguma ideia de como se faz. Com essa informação, podemos descobrir a parte que vocês não souberem.

O tom paciente não foi a abordagem correta. Amys ajustou o xale e se endireitou, a postura ainda mais ereta que de costume. Bair plantou as mãos na cintura, encarando Beonin com um olhar duro e ameaçador. Em poucos instantes, haveria uma daquelas brigas que as Sábias tinham dado a entender que aconteciam. Ah, as duas iam ensinar àquelas Aes Sedai algumas lições sobre o que podia ser feito em *Tel'aran'rhiod*, deixando bem claro quão pouco aquelas mulheres da Torre sabiam.

As Aes Sedai retribuíram os olhares irritados com expressões muito calmas e cheias de confiança. Os xales permaneciam estáveis, mas os vestidos se alternavam quase tão rápido quanto as batidas do coração de Egwene — só a roupa da jovem Azul parecia mais estável, tendo mudado apenas uma vez durante todo aquele longo silêncio.

Egwene tinha que acabar com aquilo. Precisava ir a Salidar, e não ajudaria em nada sua situação se ela testemunhasse aquelas Aes Sedai serem humilhadas.

— Eu sei como faz. Acho que sei. E estou disposta a tentar. — Se não desse certo, ainda poderia ir cavalgando. — Mas preciso saber onde é. Pelo menos melhor do que sei agora.

Amys e Bair desviaram a atenção das Aes Sedai para ela. Nem Carlinya conseguiria rivalizar com aqueles olhares frios — nem mesmo Morvrin teria conseguido. Egwene sentiu o coração se apertar mais um tanto.

Na mesma hora, Sheriam começou a dar as coordenadas — a tantas milhas dessa aldeia, a tantas léguas ao sul daquela outra —, mas a jovem Azul apenas pigarreou e disse:

— Isto aqui talvez seja mais útil. — A voz soava familiar, mas Egwene não conseguia se lembrar daquele rosto.

Ela parecia não ter muito mais controle sobre as próprias roupas do que as outras Aes Sedai, no fim das contas — a seda verde suave foi adquirindo um tom azul-escuro enquanto ela falava, e a gola alta bordada virou um rufo de renda ao estilo taireno enquanto uma touca cravejada de pérolas surgia em sua cabeça —, mas até que possuía algum conhecimento sobre *Tel'aran'rhiod*. Um mapa enorme se materializou no ar, mais para o lado. Um ponto vermelho reluzente em uma das extremidades indicava “Cairhien”, anotado com letras garrafais, e um segundo indicava “Salidar”, na outra extremidade. O mapa foi se expandindo e se modificando, e de repente as montanhas não eram apenas linhas, e sim relevos; as florestas adquiriram tons de verde e marrom; e os rios passaram a cintilar feito água azul à luz do sol. O mapa foi crescendo até virar um paredão que cobria toda a lateral da Pedra. Era como olhar de cima para o mundo inteiro.

Até as Sábias ficaram impressionadas — ao menos não deixaram a desaprovação clara até o vestido taireno da mulher se transformar em uma veste de seda amarela com bordados de prata na gola. Mas a jovem não estava interessada nas Aiel. Por algum motivo, fitava as outras Aes Sedai com um olhar desafiador.

— Esplêndido, Siuan — opinou Sheriam, depois de um momento.

Egwene ficou surpresa. Siuan? Devia ser outra mulher com o mesmo nome. A jovem Siuan pareceu muito satisfeita consigo mesma e aquiesceu — sua expressão assertiva lembrava muito Siuan Sanche, mas era impossível. *Você só está enrolando*, ralhou consigo mesma.

— Bem, isso com certeza é o suficiente para eu encontrar Salidar, podendo ou não... — Ela olhou de esguelha para Amys e Bair, que a encaravam com um olhar

tão cheio de reprovação silenciosa que mais pareciam esculpidas em pedra invernãl. — Podendo ou não entrar neste mundo em carne e osso. De um jeito ou de outro, prometo que estarei em Salidar assim que possível.

O mapa desapareceu. *Luz, o que elas vão fazer comigo?*

Chegou a abrir a boca para perguntar, mas Carlinya a interrompeu, ríspida, voltando ao tom cerimonioso, agora ainda mais intenso e rigoroso.

— Não pergunte o motivo da convocação. Seu dever é responder, não perguntar.

— Não adie a sua vinda — completou Anaiya. — Seu dever é obedecer com presteza.

As Aes Sedai se entreolharam e sumiram, indo embora tão depressa que Egwene chegou a suspeitar de que achavam que ela faria alguma pergunta.

Aquilo a deixou a sós com Amys e Bair. Mas, quando se virou para as Sábias, sem saber se deveria começar por uma explicação ou por um pedido de desculpas ou se apenas imploraria por compreensão, as duas também sumiram. Ficou sozinha, cercada pelas colunas de pedra vermelha, com *Callandor* cintilando a seu lado. Não havia desculpas no *ji'e'toh*.

Egwene suspirou, tristonha, e saiu de *Tel'aran'rhiod* de volta para seu corpo adormecido.

Ela despertou na mesma hora — acordar por vontade própria era uma parte tão importante do treinamento de uma Andarilha dos Sonhos quanto adormecer quando queria, e ela de fato prometera ir o mais depressa possível. Canalizando, acendeu todas as lamparinas. Precisaria de luz. Esforçou-se para ser rápida ao se ajoelhar junto de um dos bauzinhos encostados nas paredes da tenda e desencavar as roupas que não usara desde que chegara ao Deserto. Parte de sua vida chegava ao fim, mas ela não choraria por aquela perda. Não mesmo.

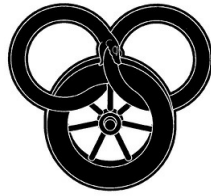
* * *

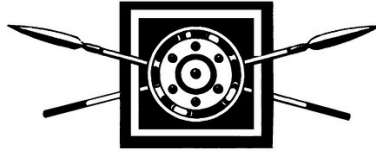
Assim que Egwene sumiu, Rand saiu de detrás das colunas. Às vezes ia ali dar uma olhada em *Callandor*. A primeira visita tinha sido depois de Asmodean ensinar a ele a inverter os fluxos. Depois disso, tinha mudado as armadilhas dispostas ao redor do *sa'angreal* para que apenas ele conseguisse ver as tramas. Se podia acreditar nas Profecias, quem conseguisse empunhar a espada depois dele seria seu “sucessor”. Não tinha certeza de quanto ainda acreditava naquilo, mas não precisaria correr riscos desnecessários.

Lews Therin resmungava em algum lugar no fundo de sua mente — isso acontecia sempre que Rand chegava muito perto de *Callandor*. Naquela noite, no entanto, a espada de cristal reluzente não lhe despertou nenhum interesse. Em vez disso, olhava para o ponto onde o imenso mapa fora estendido — no fim das contas

a coisa se revelou não apenas um mapa, e sim algo mais. Que lugar seria aquele? Será que a pura sorte o conduzira até ali, naquela noite, em vez da noite anterior ou da seguinte? Teria sido um dos puxões de *ta'veren* no Padrão? Não importava. Egwene aceitara a convocação sem protestar, coisa que jamais faria se aquilo fosse obra da Torre e de Elaida. Essa tal de Salidar era onde estavam escondidas suas amigas misteriosas. Onde estava Elayne. E aquelas mulheres tinham lhe entregado a localização de bandeja.

Com uma gargalhada, Rand abriu um portão para o reflexo do Palácio em Caemlyn.





CORAGEM PARA FORTIFICAR

Ajoelhada, ainda só de camisola, Egwene franziu o cenho, examinando o vestido de cavalgada de seda verde-escura que estava usando quando chegou ao Deserto, tanto tempo antes. Ainda tinha muito a fazer. Tirara alguns instantes para escrever um bilhete apressado e depois acordara Cowinde para mandar que ela o entregasse na estalagem O Homem Comprido logo de manhã.

O bilhete não dizia muito, só explicava que precisara ir embora — e Egwene tampouco sabia muito mais que isso —, mas não podia simplesmente desaparecer sem deixar nenhuma explicação para Gawyn. Algumas das coisas que escrevera ainda a deixavam corada só de lembrar — dizer que o amava era uma coisa, mas chegara a *pedir* a ele que a esperasse! Bem, conseguira ser justa com ele, pelo menos tanto quanto possível. Só precisava terminar de se arrumar, e mal sabia para quê.

A abertura da tenda foi erguida, e Amys entrou com Bair e Sorilea. As três ficaram paradas, lado a lado, encarando-a de cima. Três olhares inflexíveis de reprovação. Egwene teve que se esforçar para não apertar o vestido contra o peito — só de camisola, como estava, sentia-se muito mais vulnerável. Embora, pensando bem, até de armadura estaria vulnerável diante daquelas três. A questão era que sabia que estava errada. Ficou surpresa por elas terem demorado tanto tempo para aparecer.

Egwene respirou fundo.

— Se vieram me punir, não tenho tempo para carregar água, cavar buracos e nem nada disso. Peço desculpas, de verdade, mas eu prometi que partiria assim que pudesse, e acho que elas vão contar cada minuto.

Amys ergueu as sobrancelhas claras, surpresa, e um olhar confuso perpassou o rosto de Bair e Sorilea.

— Como poderíamos punir você? — indagou Amys. — Você deixou de ser nossa

pupila no instante em que as suas irmãs a convocaram, e agora tem que ir atender ao chamado delas como a Aes Sedai que é.

Egwene conteve a careta, disfarçando a expressão enquanto examinava o vestido de cavalgada. Achou impressionante como o tecido estava pouco amassado, mesmo depois de passar todos aqueles meses enrolado em um baú. Então se obrigou a encará-las.

— Sei que estão zangadas comigo e têm motivo para...

— Zangadas? — estranhou Sorilea. — Não estamos zangadas. Achei que você nos conhecesse melhor que isso. — Ela de fato não parecia zangada, mas ainda exibía a mesma expressão de censura das outras duas.

Egwene encarou cada uma delas, demorando-se em Amys e Bair.

— Mas vocês falaram que acham errado o que vou fazer. Que eu não devia nem pensar em fazer uma coisa dessas. E eu tinha dito que nem mesmo pensaria, mas pensei assim mesmo e descobri como se faz.

Para sua surpresa, um sorriso brotou no rosto enrugado de Sorilea. A profusão de braceletes retiniu quando ela ajeitou o xale, parecendo satisfeita.

— Viram só? Eu disse que ela entenderia. Ela poderia ser Aiel.

A tensão no rosto de Amys pareceu diminuir um pouco, e a de Bair cedeu ainda mais. Egwene enfim compreendeu. As Sábias não estavam irritadas porque ela ia entrar em *Tel'aran'rhiod* em carne e osso — aquilo ainda era errado a seus olhos, mas entendiam quando alguém precisava fazer o que julgava ser necessário. E, mesmo que desse certo, Egwene só incorreria em obrigação para com ela mesma. As Sábias não estavam nem um pouco irritadas, ao menos não ainda. O que as incomodava era a mentira. Egwene sentia o estômago palpitar. Só sabiam da mentira que admitira. Que talvez fosse a menor das mentiras.

Teve que parar mais uma vez para respirar fundo, preparando a garganta para as palavras que precisava se forçar a dizer.

— Também menti sobre outras questões. Entrei em *Tel'aran'rhiod* sozinha, mesmo depois de ter prometido que não entraria. — Amys ficou séria outra vez. Sorilea, que não era Andarilha dos Sonhos, apenas balançou a cabeça com pesar. — Prometi obedecer como pupila, mas, depois que me machuquei e vocês me disseram para esperar, explicando que o Mundo dos Sonhos era perigoso demais, eu voltei lá mesmo assim. — Bair cruzou os braços, o rosto inexpressivo. Sorilea resmungou algo sobre garotas tolas, mas sem muita raiva. Egwene respirou fundo uma terceira vez, preparando-se para a parte mais difícil de dizer. Nem sentia mais as palpitações no estômago, pois o que havia dentro dela agora era uma dança tão louca e intensa que era surpreendente o corpo todo não estar tremendo. — O pior de tudo é que eu não sou Aes Sedai. Sou só uma Aceita. É como ser aprendiz. Ainda faltam alguns anos para eu ser elevada a Aes Sedai, se é que algum dia serei, depois disso.

Sorilea ergueu a cabeça ao ouvir aquilo, comprimindo os lábios finos em uma linha firme, mas nenhuma das três disse uma única palavra. Egwene é quem

precisava esclarecer e resolver a situação. As coisas nunca mais seriam exatamente como eram, mas...

Você admitiu tudo, sussurrou uma vozinha. *Agora é melhor tratar de descobrir em quanto tempo consegue chegar em Salidar. Você algum dia ainda pode ser elevada a Aes Sedai, mas não se deixar as Aes Sedai mais irritadas do que elas já estão.*

Egwene baixou os olhos, encarando os tapetes coloridos dispostos em camadas, a boca se retorcendo de desdém. Desdém por aquela vozinha. E vergonha por tê-la em sua mente, por poder pensar aquilo. Iria embora, sim, mas antes precisava resolver a situação — e dava para resolver, com o *ji'e'toh*. Depois de fazer o que julgava ser necessário, era preciso pagar o preço; era assim que as coisas funcionavam. Muitos meses antes, no Deserto, Aviendha lhe mostrara como era cobrado o preço de uma mentira.

Reunindo cada fragmento de coragem que conseguiu encontrar e torcendo para que fosse o suficiente, Egwene deixou o vestido de seda de lado e se levantou. Estranhamente, parecia mais fácil prosseguir com aquilo depois de ter começado. Ainda teve que erguer os olhos para encarar as três, mas encarou-as com orgulho, de cabeça erguida, e não precisou forçar as palavras.

— Eu tenho *toh*. — Não sentia mais o estômago palpitar. — Peço a vocês o favor de me ajudarem a cumprir minha *toh*.

Salidar teria que esperar.

* * *

Apoiado no cotovelo, Mat examinava o jogo de Cobras e Raposas disposto no chão da tenda. De tempos em tempos, uma gota de suor caía de seu queixo, quase pingando no tabuleiro. Não chegava a ser bem um tabuleiro, na verdade, só um pedaço de pano vermelho com as tramas das linhas desenhadas à tinta preta e setas identificando os possíveis sentidos de movimentos por cada linha — algumas permitiam ir apenas em uma direção, por outras era possível transitar nos dois sentidos. Dez discos de madeira clara, cada um com um triângulo pintado, marcavam as raposas, e outros dez com uma linha sinuosa eram as cobras. Duas lamparinas pousadas de cada lado proporcionavam luz mais que suficiente.

— Nós vamos ganhar esta, Mat — empolgou-se Olver. — Sei que vamos.

— Talvez — respondeu o mais velho. Os dois discos que os representavam, marcados com manchas pretas, estavam quase de volta ao círculo no meio do tabuleiro, mas eram as cobras e as raposas que jogariam os dados dessa vez. A maioria dos jogadores não conseguia nem chegar à ponta para começar a voltar. — Jogue os dados.

Não encostava no copo com os dados desde que o dera para o garoto — se iam jogar aquilo, melhor que fosse sem a ajuda da sua sorte.

Abrindo um sorriso enorme, Olver chacoalhou o copo de couro e deixou cair os dados de madeira, feitos por seu próprio pai. Ele gemeu, examinando as faces dos dados — três mostravam lados marcados com um triângulo, e os outros três exibiam linhas sinuosas, indicando que as três peças de cada lado se moveriam. Quando era a vez do inimigo, as cobras e as raposas se moviam em direção às peças dos jogadores seguindo pelo caminho mais curto, e se uma delas pousasse no mesmo ponto que uma peça... Uma cobra caiu em Olver, e uma raposa, em Mat — dava para ver que, se o garoto completasse a jogada, mais duas cobras teriam alcançado sua peça.

Era só um jogo para crianças, e um jogo impossível de vencer enquanto as regras fossem respeitadas. Olver logo estaria velho o bastante para compreender isso e, como qualquer outra criança, deixaria de jogar. Era apenas uma brincadeira de crianças, mas Mat não gostava de ver as raposas alcançando sua peça, e muito menos as cobras. Aquilo lhe trazia más recordações, mesmo que o jogo não tivesse nada a ver com suas memórias.

— Ah, bem, quase ganhamos — resmungou Olver. — Mais uma? — Sem esperar resposta, o garoto dispôs as peças nas posições iniciais do jogo, um triângulo perpassado por uma linha sinuosa, então entoou: — “Coragem para fortificar, fogo para cegar, música para encantar, ferro para selar.” Mat, por que dizemos isso? Aqui não tem fogo, nem música e nem ferro.

— Não sei.

Os versos faziam remexer algo no fundo de sua mente, mas Mat não sabia bem o quê. As antigas memórias que ganhara no *ter’angreal* pareciam ter sido escolhidas ao acaso — e provavelmente tinham sido mesmo —, e além disso ainda havia todas aquelas lacunas em suas próprias memórias, aquelas lembranças confusas. Bem, Olver sempre fazia perguntas que Mat não sabia responder, e quase todas começavam com um “por que”.

Daerid entrou na tenda, permitindo um vislumbre da noite lá fora, e levou um susto ao ver os dois. Estava com o rosto reluzindo de suor, mas usava o casaco, ainda que desamarrado. A nova cicatriz criara um sulco que ia de um lado ao outro das linhas brancas que já ziguezagueavam seu rosto.

— Acho que já passou da sua hora de dormir, Olver — anunciou Mat, levantando-se. Sentiu algumas pontadas das feridas, mas não doía muito. Estavam cicatrizando bem. — Guarde o tabuleiro. — Foi para perto de Daerid e baixou a voz até um sussurro. — Corto a sua garganta se você abrir o bico para alguém.

— Por quê? — indagou Daerid, seco. — Você está se saindo um pai maravilhoso. O garoto assemelha-se muito a você. — Mat teve a impressão de que o homem se esforçou para conter um sorriso, mas a vontade pareceu passar no instante seguinte. — O Lorde Dragão está vindo para o acampamento — anunciou, sério como a morte.

O impulso de socar o rosto de Daerid se dissipou. Mat puxou a aba da tenda para o lado e se abaixou, mergulhando na noite só de camisa. Seis dos homens de Daerid, parados ao redor da tenda, enrijeceram quando ele apareceu — todos besteiros, já que piques não seriam muito úteis para guardas. Era noite, mas o acampamento não estava escuro: o brilho luminoso da lua crescente quase cheia no céu límpido era até solapado pelo resplendor dos fogos acesos entre as fileiras de tendas e homens dormindo no chão. Sentinelas montavam guarda a cada vinte passadas ao longo de toda a paliçada de toras. Não era o que Mat queria, mas, caso houvesse um ataque surpresa...

O terreno ali era quase plano, o que lhe permitia uma visão bem clara de Rand vindo em sua direção — e não estava sozinho: dois Aiel velados avançavam a seu lado, atentos, virando a cabeça sempre que um dos homens do Bando se revirava durante o sono ou quando um sentinela mudava de posição para observá-los. Aquela Aviendha também estava com ele, carregando uma trouxa às costas e avançando a passos duros, parecendo prestes a pular na garganta do primeiro que cruzasse seu caminho. Mat não entendia por que Rand não a mandava para longe. *Essas Aiel só trazem problemas*, pensou, mal-humorado, *e nunca vi uma mulher mais disposta a criar problemas do que essa aí*.

— Aquele é mesmo o Dragão Renascido? — perguntou Olver, impressionado, quase pulando de tanta empolgação, o jogo enrolado bem apertado junto ao peito.

— É, sim — confirmou Mat. — Agora vá para a cama. Aqui não é lugar para garotos.

Olver foi embora resmungando, mas se calou logo ao chegar nos limites da tenda mais próxima. De rabo de olho, Mat foi acompanhando enquanto ele saía de vista, correndo em disparada, e o viu reaparecer ali perto, bisbilhotando.

Deixou o garoto em paz, mesmo depois de notar a expressão de Rand — pela cara dele, Mat não sabia se aquele seria lugar para homens adultos, quanto mais para um garoto como Olver. Aquele rosto parecia tão duro que poderia ser usado como arma de cerco para derrubar uma muralha, mas ainda havia um vislumbre de alguma emoção tentando se revelar — ansiedade, talvez, ou empolgação. Os olhos de Rand emitiam um brilho febril. Ele trazia um pergaminho grande enrolado em uma das mãos, e a outra alisava o punho da espada distraidamente. A fivela de Dragão do cinto reluzia à luz do fogo, e volta e meia a cabeça de um dos Dragões despontava por baixo das mangas do casaco.

Quando chegou diante de Mat, Rand não perdeu tempo com cumprimentos.

— Preciso falar com você. A sós. Preciso que você faça uma coisa.

A noite parecia um forno escuro. Rand usava um casaco verde de gola alta com bordados de ouro, mas não suava nem uma gota.

Daerid, Talmanes e Nalesean estavam parados a poucas passadas de distância, observando, cada um deles já meio despido para a cama. Mat gesticulou para que aguardassem e meneou a cabeça, indicando a própria tenda para Rand. Deixou o

amigo entrar primeiro, então atravessou a abertura do tecido apalpando a cabeça de raposa de prata através da camisa. Pelo menos não tinha com o que se preocupar. Talvez.

Rand dissera que a conversa seria a sós, mas Aviendha parecia pensar que aquilo não se aplicava a ela: ficou parada a exatamente duas passadas dele, nem um triz a mais ou a menos. Ela passava quase todo o tempo encarando Rand com uma expressão indecifrável, mas volta e meia disparava uma olhadela para Mat, franzindo o cenho e analisando-o de alto a baixo. Rand a ignorava completamente. Toda a pressa de antes parecia ter desaparecido. Ele passou os olhos pela tenda — Mat se perguntou, incomodado, se o homem estava mesmo vendo alguma coisa. Bem, não havia muito o que ver: Olver botara as lamparinas de volta sobre a mesinha dobrável, e havia uma cadeira também dobrável, assim como o lavatório e a cama. Tudo era de laca preta com linhas douradas. Se tinha dinheiro, melhor gastar. Ainda dava para ver as fendas abertas pelos Aiel no tecido da tenda, apesar de terem sido muito bem remendadas.

O silêncio começou a incomodar Mat.

— O que foi, Rand? Espero que não tenha decidido mudar os planos tão em cima da hora.

Nenhuma resposta. Ao ouvi-lo, Rand mudou de expressão, como se só então se desse conta de onde estava, o que deixou Mat um pouco nervoso. A despeito do que Daerid e o restante do Bando pensassem, ele se esforçava muito para ficar longe de qualquer batalha, mas, ainda assim, às vezes o fato de ser *ta'veren* pesava contra sua sorte. Pelo menos era assim que via a questão. Achava que Rand tinha algo a ver com aquilo, já que era o *ta'veren* mais forte — tão forte que, de vez em quando, Mat praticamente sentia o puxão que o levava de volta para perto do tal Dragão Renascido. Se Rand resolvesse se meter, Mat não ficaria surpreso de, ao ir tirar um cochilo em um celeiro isolado, acabar acordando no meio de uma batalha.

— Mais alguns dias e chego em Tear. As balsas vão levar o Bando até o outro lado do rio, então, alguns dias depois, alcançaremos Weiramon. Já é tarde demais para uma maldita intromissão...

— Quero que você leve Elayne para... para Caemlyn — começou Rand, de repente. — Quero que a conduza em segurança até Caemlyn, aconteça o que acontecer. E não saia do lado dela até que ela ocupe o Trono do Leão. — A Aiel atrás dele pigarreou. — Ah, sim... — Por algum motivo, sua voz ficou tão fria e dura quanto o rosto. Bem, se ele estava enlouquecendo, precisava mesmo de um motivo? — Aviendha vai com você. Acho melhor assim.

— *Você* acha melhor assim? — indagou ela, indignada. — Se eu não tivesse acordado na hora em que acordei, nunca teria descoberto que você tinha encontrado Elayne. Você não pode me mandar ir a lugar nenhum, Rand al'Thor. Tenho que falar com Elayne para me... Tenho meus motivos para falar com ela.

— Acho mesmo ótimo você ter encontrado Elayne — começou Mat, escolhendo

bem as palavras. Se ele fosse Rand, teria deixado aquela doida onde estava. Luz, até Aviendha seria melhor! Pelo menos as Aiel não andavam por aí de nariz empinado, achando que o sujeito devia dar um pinote só porque tinham mandado ele pular. Claro que alguns dos joguinhos das mulheres do Deserto eram bem pesados, e elas realmente tentavam matar homens inocentes de vez em quando... — Só não entendo por que você precisa de mim. Pegue um daqueles seus portões, ponha a mulher no colo, dê um beijo nela e a arraste de lá.

Aviendha o encarou, ultrajada. Pelo ar ofendido, parecia até que Mat aconselhara o amigo a roubar um beijo *dela*.

Rand desenrolou o enorme pergaminho sobre a mesa, usando as lamparinas para prender as extremidades.

— É bem aqui que ela está. — Era um mapa, um trecho do Rio Eldar com cerca de cinquenta milhas para o lado em cada margem. Uma seta azul fora desenhada apontando para a floresta, e a legenda indicava Salidar. Rand cutucou um ponto próximo à margem leste do mapa; também era arborizado. Era quase tudo mato. — Aqui tem uma clareira bem grande, dá para ver que a aldeia mais próxima fica a quase vinte milhas a norte. Vou abrir um portão até a clareira para você e o Bando.

Mat deu um jeito de fazer a hesitação sair como um sorriso forçado.

— Olha, se tem que ser eu, por que não vou só eu? Faça esse seu portão até Salidar, eu coloco a mulher no lombo de um cavalo e...

E o quê? Rand também abriria um portão de Salidar para Caemlyn? Era uma longa cavalgada do Eldar até Caemlyn — bem longa, e acompanhado apenas de uma nobre metida e uma Aiel, a viagem pareceria ainda mais longa.

— O Bando, Mat — irrompeu Rand. — Você e o Bando todo! — Ele inspirou fundo, trêmulo, e amansou a voz. Mas o rosto não perdeu a rigidez, e os olhos continuavam com aquele brilho febril. Quase dava para pensar que ele estava doente ou sentindo muita dor. — Tem Aes Sedai em Salidar, Mat. Não sei quantas. Centenas, pelo que ouvi, mas não ficaria surpreso se estiver mais para cinquenta. Do jeito que elas falam sobre a Torre, essa história de estar inteira e pura, duvido que você vá ver mais que isso. Quero colocar você a uns dois ou três dias de distância, para que elas saibam que você está a caminho. Não tem por que assustá-las, elas poderiam pensar que é um ataque dos Mantos-brancos. Essas mulheres começaram uma rebelião contra Elaida e devem estar assustadas o bastante para que você não precise fazer muito mais do que chegar dizendo que Elayne precisa ser coroada em Caemlyn para elas permitirem que ela vá. Se você achar que são confiáveis, ofereça sua proteção a elas. E a minha. Já que supostamente estão do meu lado, pode ser que fiquem felizes até com a *minha* proteção. Aí você escolta Elayne e quantas das Aes Sedai quiserem ir junto. Vá direto por Altara e Murandy até chegar em Caemlyn. É só mostrar meus estandartes e anunciar o que está fazendo, duvido de que os altaranos e murandianos criem problemas, basta você se manter na estrada. Se encontrar algum Devoto do Dragão, pode levar junto. Acho que a maioria deles vai

acabar virando bandido se eu não amarrar todos com uma corda logo, logo. E olha que já ouvi um ou dois boatos sobre isso. Bem, você vai atrair esse tipo se levantar meus estandartes. — Ele abriu um sorriso súbito e irritado, mas nada se comparava àqueles olhos em chamas. — Quantos coelhos com uma cajadada só, Mat? Você atravessa Altara e Murandy com seis mil homens, arrasta os Devotos do Dragão junto e ainda pode acabar me entregando esses dois países.

Tantos aspectos daquilo o deixavam irritado que Mat já não daria mais a mínima nem se Rand estivesse com dez dentes doendo e espinhos enfiados nas duas botas. Deixar as Aes Sedai achando que ele pretendia atacá-las? Não mesmo. E ainda teria que intimidar cinquenta delas? Não tinha medo de Aes Sedai, nem mesmo se fossem cinco ou seis juntas, mas *cinquenta*? Apalpou outra vez a cabeça de raposa através da camisa — talvez acabasse descobrindo até onde ia sua sorte, afinal. E já até podia ver o desastre que seria atravessar Altara e Murandy a cavalo: todos os nobres cujas terras cruzasse ficariam inflados feito galos pomposos e tentariam bicá-lo assim que ele virasse as costas. Se aquela loucura de *ta'veren* se manifestasse, era provável que trombasse com algum lorde ou lady reunindo um exército bem no seu caminho.

Mat tentou mais uma vez.

— Rand, não acha que isso pode atrair a atenção de Sammael para o norte? Você não quer que ele se concentre no leste? É para isso que estou aqui, lembra? Para fazer ele se voltar para cá.

Rand balançou a cabeça, enfático.

— Ele só vai ver uma guarda de honra escoltando a Rainha de Andor até Caemlyn, isso se descobrir antes de vocês chegarem no Trono do Leão. Quanto tempo para você se aprontar?

Mat abriu a boca para protestar, mas desistiu. Nada o faria mudar de ideia.

— Duas horas.

Precisava de menos tempo para o Bando estar arrumado e já nas selas, mas Mat não estava com pressa, e a última coisa que queria era que o Bando achasse que eles estavam se deslocando para um ataque.

— Ótimo. Também preciso de mais ou menos uma hora. — Para o quê, Rand não disse. — Fique junto de Elayne, Mat. Cuide bem dela, mantenha-a segura. Nada disso fará sentido se ela não chegar viva para a coroação.

Rand achava mesmo que ele não sabia que passara os dias se enroscando com a Filha-herdeira em cada canto da Pedra, na última vez em que estiveram juntos?

— Vou tratá-la como minha própria irmã. — As irmãs tinham feito de tudo para tornar a vida de Mat uma desgraça. Bem, esperava o mesmo de Elayne, só que de um jeito diferente. Talvez Aviendha fosse um pouco melhor. — Não vou perder a mulher de vista até enfiá-la no Palácio Real.

E se ela ficar bancando a metidinha comigo, vai levar um belo de um chute!

Rand aquiesceu.

— Isso me lembra uma coisa: Bodewhin está em Caemlyn. Com Verin e Alanna,

além de mais duas garotas de Dois Rios. Estão indo treinar para virar Aes Sedai. Não sei bem onde vai ser esse treinamento, mas não tem a menor chance de eu permitir que elas sigam para a Torre, do jeito que as coisas estão. Talvez as Aes Sedai que você levar para lá possam cuidar disso.

Mat ficou boquiaberto. Sua irmã, Aes Sedai? Bo, que sempre corria para contar para a mãe toda vez que ele tentava fazer alguma coisa divertida?

— Tem mais — continuou Rand. — Egwene talvez chegue em Salidar antes de você. Acho que descobriram que ela vinha se passando por Aes Sedai. Faça o possível para livrá-la de qualquer punição. Diga que vou fazer ela voltar para as Sábias assim que possível. É provável que ela esteja mais do que disposta a acompanhar você, mas pode ser que não. Você sabe como ela sempre foi teimosa. Elayne é o principal. Lembre-se: não saia do lado dela até chegar a Caemlyn.

— Prometo que não vou sair — resmungou Mat. Como, sob a Luz, Egwene podia estar em algum ponto do Eldar? Tinha certeza de que a mulher estava em Cairhien quando ele saiu de Maerone. A menos que ela tivesse aprendido o truque dos portões de Rand, mas aí nesse caso poderia voltar na hora em que quisesse. Ou talvez dar um pulo em Caemlyn e ainda criar um portão para ele e o Bando. — E não precisa se preocupar com Egwene; vou arrastar ela para longe de lá, não importa o problema em que tiver se metido, não importa nem se ela resolver dar uma de mula empacada.

Não seria a primeira vez que tiraria as castanhas de Egwene da lareira antes que queimassem. E dessa vez também era bem provável que não fosse receber nenhum agradecimento. *Bo ia virar Aes Sedai? Sangue e malditas cinzas!*

— Ótimo — disse Rand. — Ótimo. — Ele continuava encarando o mapa com atenção, até que desviou os olhos. Por um instante, Mat achou que ele pretendia dizer algo a Aviendha. Mas apenas desviou o rosto, irritado. — Thom Merrilin deve estar com Elayne. — Rand puxou uma carta do bolso, dobrada e lacrada. — Dê um jeito de entregar isto a ele. — Rand enfiou a carta nas mãos de Mat e saiu depressa da tenda.

Aviendha deu um passo para segui-lo, fazendo menção de erguer a mão, abrindo a boca daquele jeito de quem está prestes a falar. Então, rápida como se movera, fechou a boca, enterrou as mãos nas saias e estreitou os olhos. Ah, então era assim que soprava o vento, não era? *E ela quer conversar com Elayne.* Como Rand tinha conseguido se meter naquela confusão? O amigo sempre soubera lidar com as mulheres. Ele e Perrin.

Ainda assim, não era problema seu. Mat encarou a carta. O nome de Thom estava escrito com uma letra feminina, e o selo era de um tipo que ele não reconhecia, uma árvore frondosa encimada por uma coroa. Que nobre estaria escrevendo para um velho enrugado feito Thom? Também não era problema dele. Jogou a carta em cima da mesa e apanhou o cachimbo e a algibeira.

— Olver — chamou, enchendo o forninho de tabaco de Dois Rios —, peça para Talmanes, Nalesean e Daerid virem aqui falar comigo.

Veio um gritinho de surpresa lá de fora, junto da aba da tenda, seguido de uma resposta e de alguém saindo a passos apressados:

— Sim, Mat.

Aviendha o encarou, os braços cruzados e a expressão firme, mas Mat se antecipou:

— Enquanto estiver viajando com o Bando, você está sob o meu comando. Não quero confusão, e espero que você faça a sua parte para evitar problemas.

Se a mulher provocasse o mínimo que fosse, seria entregue a Elayne amarrada na algibeira de uma sela, nem que precisasse de dez homens para a enfiar lá.

— Eu sei obedecer, líder de batalha. — Ela pontuou a frase com uma fungada sarcástica. — Mas você já deveria saber que nem todas as mulheres são moles feito as aguacentas. Se tentar colocar uma mulher em cima de um cavalo contra a vontade, ela pode acabar enfiando uma faca nas suas costelas.

Mat quase deixou o cachimbo cair. Sabia que as Aes Sedai não podiam ler pensamentos — se pudessem, seu couro já estaria pendurado em alguma parede da Torre Branca havia muito —, mas talvez as Sábias Aiel... *Claro que não. É só um daqueles truques femininos.* Se parasse para pensar, conseguiria descobrir como ela fazia aquilo. Só não se deu ao trabalho.

Pigarreou, enfiou o cachimbo apagado entre os dentes e se curvou para examinar o mapa. Se ele forçasse a marcha, o Bando provavelmente conseguiria cobrir a distância entre a clareira e Salidar em um dia, mesmo naquele terreno arborizado, mas Mat queria que levassem dois ou até três. Daria muitos avisos para as Aes Sedai; não as queria mais assustadas do que já deviam estar. E pensar em uma Aes Sedai assustada era quase uma contradição. Mesmo com o medalhão, não estava nem um pouco ansioso para descobrir do que uma Aes Sedai assustada seria capaz.

Sentia os olhos de Aviendha cravados em sua nuca, ouvindo um ruído irritante. A jovem, sentada de pernas cruzadas apoiada na parede da tenda, passava a lâmina da faca do cinto por uma pedra de amolar enquanto o observava.

Quando Nalesean entrou com Daerid e Talmanes, Mat já foi logo falando:

— Estamos indo fazer cócegas em umas Aes Sedai, resgatar uma mula e levar uma garota de nariz empinado até o Trono do Leão. Ah, sim: esta aqui é Aviendha. Não olhem feio para ela, ou a mulher vai tentar cortar sua garganta e acabar rasgando a própria traqueia por engano.

Aviendha gargalhou, como se ele tivesse feito a piada mais engraçada do mundo. Mas não parou de amolar a faca.

* * *

Por um momento, Egwene não conseguiu entender por que a dor tinha parado de

aumentar. Em seguida, tratou de se levantar, erguendo o corpo com dificuldade dos tapetes da tenda, soluçando tanto que até tremia. Queria muito assoar o nariz. Não sabia por quanto tempo chorara daquele jeito tão desesperado, só conseguia pensar no fogo que sentia da cintura até a parte de trás dos joelhos. Quase não conseguiu ficar de pé. A camisola que estava usando quando tudo começou, uma proteção mínima, havia sido descartada muito tempo antes. As lágrimas escorriam por seu rosto, mas ela só ficou ali, parada, chorando copiosamente.

Sorilea, Amys e Bair a encaravam com expressões muito sóbrias, e não eram as únicas, embora quase todas as outras estivessem sentadas em almofadas ou apenas estiradas, conversando e desfrutando do chá servido por uma *gai'shain* esbelta. Uma mulher, graças à Luz. Todas ali eram mulheres, Sábias e aprendizes — mulheres para as quais Egwene mentira alegando ser Aes Sedai. Foi uma felicidade saber que só a mentira explícita contava, e não a simples omissão ou ter deixado entenderem que era Aes Sedai — não teria sobrevivido a isso! A punição era apenas para as vezes em que a mentira saía de sua boca. Mas houvera algumas surpresas. Tanto Estair quanto Cosain, uma loura esguia dos Miagoma Cordilheira da Espinha, dissera com aspereza que Egwene não tinha *toh* para com ela, mas que ficaria para o chá. Aeron, por outro lado, parecia querer cortá-la em dois, e Surandha...

Piscando para limpar os olhos daquela nuvem de lágrimas, Egwene olhou para Surandha. A mulher estava sentada com três Sábias, conversando e olhando volta e meia na direção de Egwene. Surandha fora absolutamente impiedosa — não que alguma delas tivesse aliviado a mão. O cinto que Egwene encontrara em um de seus baús era fino e flexível, mas duas vezes mais largo que sua mão, e aquelas mulheres tinham braços pesados. A meia dúzia de golpes que levou de cada uma delas foi se acumulando até uma dor insuportável.

Nunca sentira tanta vergonha em toda a vida, e não fora por ter ficado nua, toda vermelha e chorando feito um bebê — bem, o choro era um fator. O problema não fora todas elas a terem visto amarrada, quando não estavam se revezando com cinto. O que a envergonhava era ter reagido tão mal a tudo. Até uma criança Aiel teria sido mais estoica — bem, criança nenhuma jamais precisaria passar por aquilo, mas ainda não deixava de ser verdade.

— Acabou? — Aquela voz rouca e hesitante era mesmo a dela? Como aquelas mulheres ririam se soubessem como ela se esforçara para reunir coragem para se pronunciar.

— Só você sabe o valor da sua honra — respondeu Amys, em um tom neutro, ainda segurando o cinto pela fivela, a tira de couro balançando ao lado do corpo. O murmúrio das conversas cessara.

Egwene respirou fundo, tremendo entre cada soluço. Bastava uma palavra sua e pronto: tudo estaria terminado. Poderia ter dito que já bastava depois que cada mulher lhe batera uma única vez. Poderia...

Ela se encolheu, se ajoelhou e se deitou nos tapetes. Enfiou as mãos por baixo das

saías de Bair, agarrando-se aos tornozelos ossudos dela por cima das botas macias. Desta vez, Egwene se manteria firme em sua coragem. Desta vez, não choraria. Desta vez, não daria pontapés, não se debateria e nem... O cinto ainda não a golpearia. Ela ergueu a cabeça e piscou, tentando ver as Sábias por trás do borrão de lágrimas.

— O que estão esperando? — Sua voz ainda saía trêmula, mas também continha mais que um quê de raiva. Iam fazê-la *esperar*, além de tudo? — Tenho uma viagem para iniciar ainda hoje à noite, caso tenham esquecido. Andem logo com isso.

Amys largou o cinto ao lado da cabeça de Egwene.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo. — Era a voz fina de Bair.

— Esta mulher não tem *toh* para comigo — acrescentou Sorilea, com mais ênfase, então se curvou e afastou o cabelo úmido do rosto de Egwene. — Eu sabia que, em seu coração, você era uma Aiel. Agora não se exceda em seu orgulho, garota. Você cumpriu seu *toh*. Levante-se, antes que a gente ache que você está se exibindo.

Então as três a ajudaram a ficar de pé, abraçando-a e secando suas lágrimas, depois lhe deram um lenço para que ela enfim pudesse assoar o nariz. As outras mulheres se aproximaram, cada uma anunciando que Egwene não tinha *toh* para com ela antes de oferecerem seus próprios abraços e sorrisos. Os sorrisos é que foram o mais chocante. Surandha sorria com a mesma alegria de sempre. Pensando bem, era óbvio: a *toh* deixava de existir assim que era cumprida. Fosse lá o que tivesse causado a obrigação poderia muito bem jamais ter acontecido. A pequena parte de Egwene que não estava completamente envolvida na vida regida pelo *ji'e'toh* achava que o que tinha dito no final talvez também tivesse ajudado, assim como — e principalmente — o fato de ter voltado a se prostrar. Talvez não tivesse começado com a indiferença de uma Aiel, mas, no fim das contas, Sorilea tinha razão: Egwene se tornara Aiel em seu coração. E achava que agora uma parte sua sempre seria Aiel.

As Sábias e as aprendizes foram saindo aos poucos. Parecia que deveriam passar a noite toda ou até mais lá, rindo e conversando com Egwene, mas era só um costume, e não *ji'e'toh*. Então, com a ajuda de Sorilea, conseguiu convencê-las de que simplesmente não tinha tempo. Por fim, restaram apenas ela, Sorilea e as duas Andarilhas dos Sonhos. Todos os abraços e sorrisos tinham reduzido as lágrimas de Egwene a um gotejar, e, mesmo que seus lábios ainda tremessem, ela pelo menos conseguia sorrir. A verdade era que queria chorar de novo, mas por um outro motivo — quer dizer, pelo menos em parte por outro motivo, já que ainda sentia o traseiro pegando fogo.

— Vou sentir tanta saudade de todas vocês.

— Bobagem. — Sorilea bufou, enfatizando como achava aquilo uma tolice. — Se tiver sorte, elas vão lhe dizer que agora você nunca mais vai poder ser Aes Sedai. Aí poderá voltar para nós. Você vai ser minha aprendiz. Daqui a três ou quatro anos, vai

ter seu próprio forte. Já tenho até um marido para você: o neto mais novo da minha neta Amaryn, um rapaz chamado Taric. Ele um dia vai ser chefe de clã, acho, então você precisa ficar de olhos abertos para encontrar uma esposa-irmã que possa ser a senhora do teto dele.

— Obrigada. — Egwene riu. Parecia que teria para onde voltar se o Salão de Salidar a mandasse mesmo embora.

— E Amys e eu encontraremos você em *Tel'aran'rhiod* — avisou Bair —, para contar o que ficarmos sabendo sobre os acontecimentos daqui e tudo o que envolver Rand al'Thor. Você agora vai trilhar seu próprio caminho em *Tel'aran'rhiod*, mas, se quiser, eu ainda posso ensiná-la.

— Eu quero, sim. — Isso se o Salão permitisse que ela sequer se aproximasse de *Tel'aran'rhiod*. Bem, não era como se aquelas mulheres pudessem impedi-la de ir ao Mundo dos Sonhos. Não importava o que decidissem, isso elas não tinham como fazer. — Por favor, vigiem Rand e as Aes Sedai de perto. Não sei o que aquele garoto está tramando, mas tenho certeza de que é mais perigoso do que ele imagina.

Amys não se pronunciou sobre continuar ensinando a Egwene, claro. A mulher tinha dado sua palavra sobre o que faria, e aquilo não seria apagado nem mesmo por Egwene ter cumprido sua *toh*. Em vez disso, ela disse:

— Sei que Rhuarc vai se arrepender de não estar aqui hoje à noite. Ele foi atrás dos Shaido no norte, por conta própria. Não fique receosa por não ter cumprido sua *toh* para com ele. Você terá a oportunidade de se redimir assim que os dois se encontrarem de novo.

Egwene ficou boquiaberta, mas conseguiu disfarçar a surpresa assoando o nariz pelo que parecia a décima vez. Esquecera-se completamente de Rhuarc. Claro que nada dizia que ela era obrigada a pagar suas obrigações para com ele da mesma maneira que pagara para as Sábias. Talvez seu coração fosse ao menos em parte Aiel, mas, por um momento, sua mente buscou outra solução. Tinha que haver um jeito. E teria bastante tempo para descobrir como resolver isso antes de voltar a vê-lo.

— Ficarei muito grata — respondeu, baixinho.

E também havia Melaine. E Aviendha. Luz! Achava que já tinha terminado com aquilo. Não conseguia parar de se contorcer, não importava quanto tentasse ficar imóvel. Tinha que haver outro jeito.

Bair abriu a boca para dizer algo, mas Sorilea a interrompeu.

— Precisamos deixar Egwene se vestir. Ela tem uma jornada pela frente.

O pescoço fino de Bair se enrijeceu, e a boca de Amys arqueou para baixo. Estava claro que nenhuma das duas aprovava o que Egwene tentaria fazer.

Talvez as duas quisessem ficar ali para tentar convencê-la a não ir, mas Sorilea começou a resmungar sozinha sobre pessoas tolas que tentam impedir uma mulher de fazer o que ela achava que precisava ser feito. As mais novas endireitaram os xales — Bair devia ter setenta ou oitenta anos, mas com certeza era mais nova que

Sorilea —, deram abraços de despedida em Egwene e saíram com murmúrios de “Que você sempre encontre água e sombra”.

Sorilea esperou só um pouco mais.

— Pense no que eu disse sobre Taric. Eu devia ter pedido para ele ir à tenda de vapor para que você pudesse vê-lo. Bem, lembre-se disso enquanto a mente ainda conseguir lembrar: nós sempre sentimos mais medo do que gostaríamos, mas sempre temos como ser mais corajosas do que esperamos. Mantenha-se fiel ao seu coração, e as Aes Sedai não conseguirão ferir quem você é de fato, que é o cerne de seu coração. Elas não estão tão acima de nós quanto pensávamos. Que você sempre encontre água e sombra, Egwene. E lembre-se sempre de seguir seu coração.

Sozinha, Egwene ficou alguns momentos ali, parada, olhando para o nada e refletindo. Seu coração. Talvez tivesse mesmo mais coragem do que pensava. Ali com as Sábias, fizera o que precisava ser feito e se tornara uma Aiel. Em Salidar, precisaria se lembrar disso. Os métodos das Aes Sedai eram bem diferentes dos das Sábias em alguns aspectos, mas as mulheres não a tratariam com mais brandura se soubessem que Egwene se passara por Aes Sedai. Se soubessem. Não conseguia imaginar por que mais a convocariam com tanta frieza, mas Aiel nenhum se rendia antes de encarar a batalha.

Com um sobressalto, voltou a si. *Se não vou me render sem lutar*, pensou, ácida, *é melhor encarar logo a batalha*.





A JORNADA PARA SALIDAR

Egwene precisou lavar o rosto duas vezes. Pegou os alforjes e ajeitou suas coisas. Guardou o espelho, o pente e a escova de marfim, assim como a caixinha de costura — um pequeno cubo de madeira cheio de lindas douraduras que, muito provavelmente, já abrigara algum dia as joias de uma lady — e uma pasta branca de sabão com aroma de rosas, meias-calças, camisolas e lenços limpos, fora outra porção de coisas. As bolsas de couro acabaram tão inchadas que ela mal conseguia afivelar as abas. Vários vestidos, mantos e um xale Aiel sobraram para uma outra trouxa, que ela amarrou muito bem com uma corda. Feito isso, olhou em volta em busca de algo mais que talvez quisesse levar. Era tudo seu. Ganhara até aquela tenda, que com certeza era pesada demais para carregar, assim como os tapetes e as almofadas. O lavatório de cristal era bem bonito, mas pesadíssimo. O mesmo valia para os baús, apesar de vários terem alças ricamente trabalhadas e lindos entalhes.

Só então, enquanto pensava nos baús e em tudo mais, que se deu conta de que estava tentando postergar a pior parte daquela preparação.

— Coragem — lembrou a si mesma, seca. — Tenha um coração Aiel.

Descobriu que não era muito complicado vestir as meias-calças ainda de pé, só deu alguns pulinhos de um lado a outro para se equilibrar. Em seguida calçou os sapatos robustos, bons para o caso de precisar andar muito, e vestiu uma anágua de seda branca e macia, botando por cima o vestido de cavalgada verde-escuro, com as saias plissadas e estreitas que, por azar, acabaram ficando um pouco apertadas no quadril — o suficiente para lembrá-la, sem necessidade, de que passaria um bom tempo sem querer se sentar.

Não havia razão para sair da tenda. Bair e Amys deviam estar deitadas, mas não queria correr o risco de que uma das duas a visse fazendo aquilo. Seria como dar um tapa na cara delas — e isso se desse certo. Se não desse, teria uma longa cavalgada

pela frente.

Esfregando os dedos nas palmas, muito nervosa, ela abraçou *saidar* e se deixou preencher. E remexeu os pés. *Saidar* a deixava mais consciente de tudo, inclusive do próprio corpo, coisa que no momento ela preferia esquecer. Tentar uma habilidade nova, uma coisa que, até onde sabia, ninguém jamais tentara, deveria ser feito devagar e com cuidado, mas, dessa vez, Egwene queria se ver livre da Fonte Verdadeira o mais rápido possível. Canalizou os fluxos de Espírito depressa, sem muita atenção.

O ar no meio da tenda tremeluziu ao longo da tessitura, ocultando o outro lado em brumas. Se estivesse certa, tinha acabado de criar um lugar onde o interior da própria tenda era tão similar a seu reflexo em *Tel'aran'rhiod* que não existia diferença nenhuma — um lado *era* o outro. Bem, só havia um jeito de ter certeza.

Egwene jogou os alforjes por cima do ombro, enfiou a trouxa debaixo do braço, atravessou a tessitura e soltou *saidar*.

Estava em *Tel'aran'rhiod*. Teve certeza só de ver que as lamparinas, antes acesas, já não ardiam mais, porém ainda havia luz no ambiente. Tudo parecia se mover e mudar alguns detalhes entre uma olhada e outra — o lavatório, um dos baús. Estava em *Tel'aran'rhiod*, e em carne e osso. A sensação não era diferente de quando ia lá em sonho.

Egwene se agachou e saiu da tenda. Estava em uma Cairhien que parecia estranhamente distante e envolta por sombras, onde uma lua crescente derramava seu brilho por sobre tendas sem nenhum fogo crepitando nem ninguém se movendo. Só lhe restava descobrir como chegar a Salidar. Já havia pensado naquilo. Boa parte da questão dependia de saber se tinha tanto controle do ambiente em carne e osso quanto ao entrar em sono.

Concentrando a mente no que iria encontrar, deu a volta ao redor da tenda... e sorriu. Ali estava Bela, a égua baixinha e desgrehada que usara para ir embora de Dois Rios no que parecia uma vida inteira atrás. Só uma Bela de sonhos, mas a égua robusta ergueu o focinho ao vê-la e relinchou.

Egwene largou a bagagem e abraçou a cabeça do animal.

— Também estou feliz de ver você de novo — sussurrou.

Aquele olho escuro e úmido que a encarava *era* de Bela, reflexo ou não.

A égua também estava com a sela de patilha alta que Egwene imaginara — era confortável para viagens longas, mas nada macia. Olhou de soslaio para aquele troço, se perguntando como a sela ficaria com um acolchoado, quando um pensamento lhe ocorreu. Podia mudar qualquer coisa em *Tel'aran'rhiod*, até a si própria, bastava saber como. Se tinha controle suficiente para fazer Bela aparecer quando estava no Mundo dos Sonhos em carne e osso... Egwene se concentrou no próprio corpo.

Com um sorriso, apertou os alforjes e a trouxa atrás da sela e montou, assentando-se com bastante conforto.

— Não é trapaça — explicou para a égua. — Elas não esperavam que eu fosse cavalgando desse jeito até Salidar. — Bem, parando para pensar, talvez esperassem. Mas tudo tinha limites, com ou sem coração Aiel. Virou Bela e esporou as costelas da égua com delicadeza. — Preciso ir o mais rápido possível, então você vai ter que correr como o vento.

Antes que tivesse tempo de rir da imagem que lhe veio à mente, visualizando a égua rechonchuda correndo feito o vento, Bela já estava em disparada. A paisagem virou um borrão, passando depressa como um raio. Por um momento, Egwene se grudou no cepilho da sela, boquiaberta. Era como se cada passo em trote de Bela as transportasse por várias milhas. Logo no primeiro passo, Egwene só teve um instante para se dar conta de que estavam na margem do rio abaixo da cidade, com embarcações flutuando nas águas escuras por entre intervalos de luz do luar. Quando fez menção de puxar as rédeas para impedir que a égua fosse correndo em disparada e caísse no rio, o passo seguinte levou-as para colinas cheias de touças.

Jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Aquilo era maravilhoso! Fora a paisagem borrada, não sentia como se estivesse indo tão rápido. O cabelo mal tinha tempo de esvoaçar antes que o vento daquela correria parasse e retornasse no momento seguinte. A marcha de Bela tinha o mesmo trote arrastado de que ela se recordava, mas o salto repentino de tudo o que a cercava era emocionante. Estava em uma rua de aldeia, silenciosa e sem lua no céu, mas, no instante seguinte, chegou a uma estrada de interior serpenteando por entre colinas, e depois a um prado onde o feno se erguia quase à altura dos ombros do animal. Egwene só fazia uma pausa aqui e ali para se orientar — o que não era nenhum problema, com aquele mapa maravilhoso ainda fresco na cabeça, cortesia daquela mulher que também se chamava Siuan. Fora isso, deixava Bela trotar livre. As aldeias e as cidades surgiam e sumiam em borrões, grandes cidades — teve quase certeza de que uma delas era Caemlyn, quando avistou as muralhas de um branco prateado na noite. Em dado momento, ao passar por entre colinas arborizadas, viu a cabeça e os ombros de uma imensa estátua despontando do chão, resquício de alguma terra perdida na história. A cara de pedra, feia e desgastada, surgiu tão de repente ao lado de Bela que Egwene quase gritou — só se segurou porque a imagem sumiu antes que pudesse soltar o berro preso na garganta. A lua não se movia entre um salto e outro e quase não saía do lugar conforme avançavam à toda. Um ou dois dias para chegar a Salidar? Era o que Sheriam dissera. As Sábias estavam certas: todos tinham passado tanto tempo acreditando que as mulheres da Torre sabiam de tudo que até as próprias Aes Sedai acreditavam nisso. Naquela noite, Egwene provaria que elas estavam erradas, mas era improvável que as Aes Sedai fossem dar sinais de ter reparado naquela prova. Ainda assim, elas *saberiam*.

Depois de algum tempo, quando tinha certeza de que já estava em um ponto qualquer bem dentro do território de Altara, Egwene começou a permitir que Bela desse saltos menores, puxando as rédeas com mais frequência e até cavalgando

normalmente durante alguns intervalos, sobretudo quando havia alguma aldeia por perto. Algumas estalagens cobertas pela escuridão da noite informavam o nome da aldeia em suas placas, como a Estalagem Marella ou a Estalagem Fonte Ionina, e o luar combinado com aquela iluminação inusitada particular de *Tel'aran'rhiod* facilitava muito a leitura. Pouco a pouco, Egwene foi tendo certeza de onde estava em relação a Salidar e passou a dar saltos ainda menores, até não saltar mais, apenas conduzir Bela em seu trote normal, avançando por florestas com árvores altas que tinham acabado com quase toda a vegetação rasteira e em que tudo o que sobrara fora levado pela seca.

Ainda assim, ela se surpreendeu quando uma aldeia de tamanho considerável apareceu de repente, silenciosa e escura sob o luar. Só podia ser o lugar certo.

Parando diante da linha de casas de pedra com telhados de palha, Egwene desmontou e descarregou seus pertences. Estava tarde, mas talvez ainda houvesse pessoas por ali, no mundo desperto. Não havia por que assustá-las aparecendo do nada. Se uma Aes Sedai a visse e confundisse sua identidade, ela poderia acabar sem a oportunidade de encarar o Salão.

— Você correu mesmo como o vento — murmurou, dando um último abraço em Bela. — Queria que você pudesse ir comigo.

Uma fantasia tola. O que acontecia em *Tel'aran'rhiod* só poderia existir lá. Aquela não era a Bela de verdade. Ainda assim, sentiu uma pontada de tristeza quando deu as costas para a égua a fim de tecer a cortina de Espírito bruxuleante — não pararia de imaginar Bela, permitiria que ela existisse ali enquanto possível. De cabeça erguida, atravessou a passagem. Estava com o coração Aiel pronto para encarar o que viesse.

Mal dera o primeiro passo quando parou de repente, arregalando os olhos.

— Ai!

Assim como Bela, as transformações que criara em *Tel'aran'rhiod* não perdurariam no mundo real: a ardência voltou com tudo, trazendo junto a voz de Sorilea ao pé do ouvido: *Se você fizer parecer que a consequência de cumprir sua toh nunca aconteceu, como terá cumprido sua toh? Não vá se esquecer de que tem seu coração de Aiel, garota.*

Sim. Não esqueceria. Estava ali para uma batalha, quer as Aes Sedai soubessem quer não. Estava pronta para lutar pelo direito de ser Aes Sedai, para encarar... Luz, o que estava acontecendo?

Tinha gente nas ruas, algumas poucas pessoas andando por entre as casas de janelas acesas. Mancando de leve, Egwene abordou uma mulher magricela de avental branco e rosto sofrido.

— Com licença, meu nome é Egwene al'Vere e sou uma Aceita — a mulher lançou um olhar cortante para seu vestido de cavalgada — e acabei de chegar. Poderia me levar a Sheriam Sedai? Preciso falar com ela. — Era muito provável que Sheriam já estivesse dormindo, mas, se fosse o caso, Egwene pretendia acordá-la.

Tinham ordenado que ela fosse o mais rápido possível, então ia fazer tudo ao seu alcance para que Sheriam soubesse que chegara.

— Ah, todo mundo sempre vem atrás de mim — resmungou a mulher. — Será que ninguém sabe resolver nada sozinho? Não, querem sempre que Nildra resolva. Vocês, Aceitas, são as piores. Olha, não tenho a noite inteira. Se quer mesmo que eu a leve, então é melhor apertar o passo. Se não, acho que você consegue encontrar Sheriam por conta própria. — Nildra saiu andando sem nem olhar para trás.

Egwene seguiu em silêncio. Se abrisse a boca, temia que fosse dizer à mulher o que pensava, o que só serviria para começar a estadia em Salidar com o pé esquerdo — não importava quão curta fosse ser essa estadia. Egwene gostaria que seu coração Aiel e sua cabeça de Dois Rios pudessem se fundir.

Não era tão longe assim. Seguiram um trecho da rua de terra batida e viraram a esquina até uma outra ainda mais estreita. Ela ouviu risadas de algumas das casas. Nildra parou diante de uma construção silenciosa, embora a luz ainda brilhasse pelas janelas do aposento da frente.

A mulher parou apenas por tempo suficiente para bater à porta e entrou sem esperar resposta. Ao passar pela porta, fez uma medida perfeitamente adequada, ainda que rápida, e falou em um tom um tanto mais respeitoso do que o que usara com Egwene:

— Aes Sedai, tem uma garota aqui dizendo que se chama Egwene e ela... — Não conseguiu falar mais.

Todas as sete Aes Sedai do Coração da Pedra estavam lá, e nenhuma parecia pronta para dormir, embora todas, exceto a jovem chamada Siuan, estivessem de robe. Estavam sentadas com as cadeiras muito próximas, e Egwene teve a impressão de que interrompera alguma conversa séria. Sheriam foi a primeira a se levantar, acenando para que Nildra saísse.

— Luz, criança! Já?

Ninguém deu a menor importância para a reverência de Nildra ou para sua fungada de desgosto por ser dispensada daquele jeito.

— Não estávamos esperando você — completou Anaiya, tomando Egwene pelos braços com um sorriso caloroso. — Não tão cedo. Seja bem-vinda, criança. Bem-vinda.

— Teve algum efeito colateral? — indagou Morvrin. Ela não se levantou, assim como Carlinya e a jovem Aes Sedai, mas se inclinou para a frente, ansiosa pela resposta. Todas usavam robes de seda de diversos tons, alguns bordados ou adornados, mas o dela era de lã marrom comum, embora parecesse macio e muito bem-feito. — Você está sentindo alguma mudança depois da experiência? Tínhamos pouquíssimo conhecimento para basear nosso palpite. Para ser sincera, estou surpresa por ter dado certo.

— Teremos que ver isso na prática para saber se funciona mesmo tão bem. — Beonin fez uma pausa para tomar um gole de chá, então depositou a xícara e o pires

em uma mesinha lateral de pernas bambas. A xícara e o pires não combinavam, mas nenhuma mobília ali combinava, e a maior parte parecia tão bamba quanto a mesinha. — Se houver efeitos colaterais, ela pode ser Curada. Vai ficar tudo bem.

Egwene se afastou depressa de Anaiya e largou seus pertences junto à porta.

— Não, estou muito bem. Estou mesmo.

Poderia ter hesitado. Anaiya a teria Curado sem nem perguntar. Mas seria uma trapaça.

— Ela parece bastante bem — opinou Carlinya, tranquila. Estava mesmo de cabelo curto, os cachos escuros mal cobrindo as orelhas, não fora apenas em *Tel'aran'rhiod*. A mulher ainda usava branco, claro, até os bordados da roupa eram brancos. — Podemos pedir a uma das Amarelas que faça um exame mais minucioso mais tarde, só para garantir.

— Deixem a menina botar os pés no chão antes de começar a arrastá-la para lá e para cá — disse Myrelle, rindo. Flores frondosas amarelas e vermelhas cobriam seu robe, eram tantas que mal se via algum verde. — Ela acabou de percorrer mil léguas em uma noite. Em horas.

— Vocês não têm tempo para deixar a garota ficar de pé pra cima — ponderou a jovem Aes Sedai com firmeza. A mulher parecia mesmo um peixe fora d'água naquela reunião, com o seu vestido amarelo de saias listradas em azul e a gola redonda bem cavada com bordados azuis. Além da roupa, era a única de quem dava para deduzir a idade. — Pela manhã, o Salão vai fazer um exame completo. Se ela não estiver preparada, Romanda vai estripá-la feito uma carpa gorda.

Egwene ficou boquiaberta. Prestou mais atenção na voz do que nas palavras.

— Você é Siuan Sanche. Impossível!

— Ah, é possível, sim — retrucou Anaiya, seca, encarando a jovem Aes Sedai com um olhar resignado.

— Siuan voltou a ser Aes Sedai — explicou Myrelle, com um olhar mais exasperado do que resignado.

Só podia ser verdade — as Aes Sedai tinham *dito* que era —, mas Egwene não conseguia acreditar. Achou difícil acreditar mesmo com a explicação de Sheriam. Nynaeve tinha Curado um *estancamento*? Siuan não parecia nem um dia mais velha que Nynaeve porque *tinha sido estancada*? Siuan sempre fora uma comandante durona e muito séria, com um coração igualmente duro, não uma mulher bonita e de bochechas rosadas, dona de uma boca quase delicada.

Egwene não conseguiu tirar os olhos da antiga Amyrlin enquanto Sheriam falava. Aqueles olhos azuis ainda eram os mesmos. Como podia ter visto aquele olhar, forte o bastante para martelar pregos, e não ter se dado conta? Bem, aquele rosto já era um bom motivo. Mas Siuan também sempre fora muito forte com o Poder. Quando uma garota começava a canalizar, era preciso fazer testes para verificar quão forte ela seria, mas não depois que sua força já se assentara e estabelecera. Egwene já tinha conhecimento suficiente para avaliar outra mulher, pelo menos em determinados

aspectos. Além da própria Egwene, Sheriam era a mais forte ali, seguida de Myrelle, embora fosse difícil saber com certeza. Todo o resto parecia semelhante, exceto Siuan — ela era a mais fraca, e por uma boa margem.

— Esta foi mesmo a descoberta mais notável de Nynaeve — afirmou Myrelle. — As Amarelas estão aprendendo com ela e fazendo suas próprias inovações, mas foi Nynaeve quem começou com tudo. Sente-se, criança. É uma história longa demais para ouvir de pé.

— Prefiro continuar de pé, obrigada. — Quando viu a cadeira de espaldar reto com assento de madeira que Myrelle indicou, Egwene mal conseguiu conter um calafrio. — E Elayne? Também está bem? Quero saber tudo sobre ela e Nynaeve.

A descoberta *mais* notável de Nynaeve? Aquilo implicava que havia mais de uma. Parecia que ficara para trás junto com as Sábias e teria que correr para alcançar as amigas. Ao menos achava que ainda teria permissão para estudar. Era difícil que aquelas mulheres a tivessem saudado com tanta animação se fossem expulsá-la. Egwene não fizera reverências ou chamara qualquer uma delas de Aes Sedai uma única vez, porém isso fora mais por falta de chance do que por qualquer motivo. Não era uma boa ideia enfrentar as Aes Sedai demonstrando rebeldia. Ainda assim, nenhuma delas a repreendera. Talvez não soubessem, afinal. Mas, então, por que a tinham convocado?

— Bem, tirando um probleminha com panelas que ela e Nynaeve estão enfrentando... — começou Sheriam, mas Siuan a interrompeu, meio irritada:

— Por que vocês ficam tagarelando feito garotas desmioladas? É tarde demais para ficar com medo de seguir em frente. Já começou, e vocês é que começaram. Ou acabam logo com isso, ou Romanda vai pendurar o couro de todas para secar ao sol ao lado desta garota. E Delana, Faiselle e todo o Salão estarão lá para ajudar a prendê-las na corda.

Sheriam e Myrelle se viraram para encará-la quase ao mesmo tempo. Todas as Aes Sedai se viraram, aliás, e Morvrin e Carlinya até giraram o corpo nas cadeiras. Rostos gélidos de Aes Sedai fitando com olhos gélidos de Aes Sedai.

Siuan primeiro respondeu àqueles olhares com uma encarada igualmente desafiadora, tão Aes Sedai quanto elas, ainda que parecesse muito mais jovem. Então sua cabeça fraquejou um pouco, e manchas vermelhas surgiram em suas bochechas. Ela se levantou da cadeira, mantendo os olhos baixos.

— Eu me precipitei — resmungou.

Mas seus olhos não mudaram. Talvez as Aes Sedai não tenham percebido, mas Egwene notou. Ainda assim, não era do feitio de Siuan.

Egwene também reparou que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Não se tratava só de uma Siuan Sanche dócil feito uma gata de casa, ainda que obrigada a agir com docilidade. Isso era o menos significativo. O que aquelas mulheres tinham começado? Por que *ela* seria colocada ao sol para secar, caso decidissem parar?

As Aes Sedai se entreolharam da forma mais indecifrável que podiam. Morvrin foi a primeira a assentir.

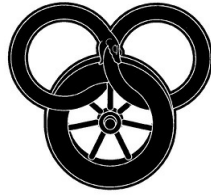
— Você foi convocada por um motivo muito especial, Egwene — anunciou Sheriam, solene.

Egwene sentiu o coração bater mais rápido. Elas não sabiam de sua farsa. Não sabiam. Mas o que era, então?

Sheriam finalmente explicou:

— Você será o próximo Trono de Amyrlin.





NO SALÃO DAS VOTANTES

Egwene encarou Sheriam, imaginando se deveria rir. Podia ser que, no tempo que passara com os Aiel, ela tivesse se esquecido do que era considerado engraçado entre as Aes Sedai. Sheriam a encarou de volta com aquele rosto sem idade definida, imperturbável, e os olhos verdes amendoados pareciam nem piscar. Egwene olhou para as demais. Sete rostos sem expressão, apenas um ar de expectativa. Siuan talvez até estivesse sorrindo de modo discreto, mas esse suposto sorriso poderia muito bem ser a curva natural dos seus lábios. A luz oscilante das lamparinas tornou suas feições repentinamente estranhas e inumanas.

Egwene se sentia tonta, os joelhos bambos. Sem pensar, ela se deixou desabar na cadeira de encosto reto. Também se levantou de um pulo. Aquilo, com certeza, a ajudou a clarear a mente. Um pouco, pelo menos.

— Nem Aes Sedai eu sou — afirmou, sem fôlego. A declaração parecia suficientemente evasiva. Tinha que ser algum tipo de brincadeira ou... ou... ou *alguma* coisa.

— Podemos dar um jeito nisso — respondeu Sheriam com firmeza, apertando ainda mais o laço da sua faixa azul-clara para enfatizar o que tinha dito.

As tranças cor de mel de Beonin balançavam enquanto ela assentia com a cabeça.

— Ela é Aes Sedai, o Trono de Amyrlin. A lei é bem clara. Em vários pontos se menciona “o Trono de Amyrlin como Aes Sedai”, mas não consta em lugar nenhum que é necessário ser Aes Sedai para se tornar Amyrlin. — Qualquer Aes Sedai estaria familiarizada com as leis da Torre, mas, como mediadoras, as Cinzas tinham que conhecer as leis de todas as terras, e Beonin assumiu um tom professoral, como se explicasse algo que ninguém conhecesse tão bem quanto ela. — A lei que estabelece como a Amyrlin deve ser escolhida faz referência apenas à “mulher que é convocada” ou “àquela que se apresenta diante do Salão” ou algo assim. Do começo

ao fim elas não são mencionadas uma única vez, as palavras “Aes Sedai”. Nunca. Alguns diriam que era essa a intenção das legisladoras, e ela deve ser considerada, mas está claro, seja qual for a intenção das mulheres que escreveram a lei, que... — Beonin franziu a testa quando Carlinya a interrompeu.

— Sem dúvida, elas acharam tão óbvio que não havia a necessidade de deixar explícito. Por outro lado, é lógico que uma lei significa o que nela está escrito, a despeito da interpretação das legisladoras.

— As leis raramente dizem respeito à lógica — afirmou Beonin, ácida. — Neste caso, no entanto — admitiu ela após alguns instantes —, você tem toda a razão. — Ela se virou para Egwene e prosseguiu: — E ele também enxerga assim, o Salão.

Todas estavam sérias, inclusive Anaiya, quando disse:

— Você vai se tornar Aes Sedai, criança, assim que for elevada ao Trono de Amyrlin. De maneira bem geral, é isso.

Até Siuan parecia estar falando sério, apesar daquele sorriso minúsculo. Era um sorriso.

— Você vai poder fazer os Três Juramentos logo que voltarmos para a Torre — avisou Sheriam. — Chegamos a considerar que você os pronunciasse de qualquer forma, mas, sem o Bastão dos Juramentos, pode ser visto como uma farsa. Melhor esperar.

Egwene quase se sentou de novo antes de se conter. Talvez as Sábias tivessem razão. Talvez viajar por *Tel'aran'rhiod* em carne e osso tivesse afetado a mente dela de algum modo.

— Isso é uma loucura — protestou Egwene. — Eu não posso ser Amyrlin. Eu sou... Eu sou... — As objeções se embolavam em sua língua em um emaranhado que não a deixava dizer nada. Ela era jovem demais. A própria Siuan fora a Amyrlin mais jovem de todos os tempos, e já tinha trinta anos quando foi elevada. Egwene mal iniciara seus estudos, independentemente de quanto soubesse sobre o Mundo dos Sonhos. As Amyrlins eram cultas e experientes. E sábias. Deveriam, com certeza, ser sábias. Ela só se sentia confusa e desorientada. A maioria das mulheres passava dez anos como noviça e dez como Aceita. Algumas progrediam mais rápido, verdade, e até bem mais rápido. Foi o caso da própria Siuan. Mas Egwene passara menos de um ano como noviça e fora Aceita por menos tempo ainda. — É impossível! — Foi o melhor que acabou conseguindo dizer.

A bufada de Morvrin a fez se lembrar de Sorilea.

— Acalme-se, criança, ou eu mesma vou cuidar disso. Não é hora de você começar a se agitar ou de desmaiar em cima de nós.

— Mas eu não saberia o que fazer! Não faria a mínima ideia! — Egwene respirou fundo. Aquilo não chegou a acalmar seu coração acelerado, mas ajudou. Um pouco. Coração de Aiel. O que quer que aquelas mulheres fizessem, ela não permitiria que a intimidassem. Com o olhar fixo no rosto sério e duro de Morvrin, acrescentou: *Ela pode até me arrancar o couro, mas não vai me intimidar.* — Isso é ridículo, isso

sim. Não vou bancar a tola na frente de todo mundo, e a minha decisão é essa. Se foi para isso que o Salão me convocou, minha resposta é não.

— Receio que você não tenha essa opção. — Anaiya soltou um suspiro enquanto alisava o robe, que era, surpreendentemente, de seda rosa com babados e delicadas rendas marfim nas bainhas. — Você não pode recusar uma convocação para se tornar Amyrlin, assim como não pode recusar uma convocação para um julgamento. Até os textos das convocações são os mesmos. — *Aquilo* era encorajador. Ah, sim, e como era.

— A escolha agora é do Salão. — Myrelle soou levemente triste, o que não melhorou em nada o astral de Egwene.

Com um sorriso repentino, Sheriam pôs o braço em torno dos ombros de Egwene.

— Não se preocupe, criança. Nós vamos ajudá-la e guiá-la. É para isso que estamos aqui.

Egwene não disse nada. Não conseguia formular uma resposta. Obedecer a lei não significava ser intimidada, mas a sensação era a mesma. Para elas, o silêncio era consentimento, e Egwene supôs que fosse o caso. Sem delongas, ordenou-se que Siuan, que saiu resmungando por ter recebido a incumbência, se retirasse e fosse acordar pessoalmente as Votantes para avisá-las que Egwene havia chegado.

A casa se transformou em um furacão antes mesmo de Siuan chegar à porta. O vestido de cavalgada de Egwene entrou na pauta de uma discussão importante — da qual ela não participou. Uma serviçal rechonchuda foi despertada do seu cochilo em uma cadeira no quarto dos fundos e, com duras advertências para que ela não deixasse escapar uma palavra sobre o assunto, ordenada a se retirar para ir buscar todo e qualquer vestido de Aceita que conseguisse encontrar que tivesse alguma chance de caber em Egwene. Ela experimentou oito ali mesmo, no quarto da frente, antes de achar um que, de certa maneira, cabia. Era apertado demais no busto, mas, felizmente, folgado no quadril. Enquanto a serviçal ficou levando vestidos para Egwene experimentar, Sheriam e as outras aproveitaram para, uma de cada vez, saírem para se vestir e, revezando-se, orientavam-na a respeito do que iria acontecer e do que ela precisava fazer e dizer.

As mulheres a obrigavam a repetir tudo. As Sábias achavam que falar uma vez só bastava, e coitada da aprendiz que não as ouvisse com atenção. Egwene se lembrava de uma parte do que precisava dizer por conta de uma aula para noviças na Torre e acertou todas as palavras logo na primeira tentativa, mas as Aes Sedai repassavam tudo de novo, e de novo e depois de novo. Egwene não conseguia entender. Fossem quaisquer outras pessoas que não as Aes Sedai, teria afirmado que elas estavam nervosas, rostos serenos ou não. Egwene começou a se perguntar se estava cometendo algum erro e passou a enfatizar palavras diferentes.

— Fale do jeito que nós dissermos — irrompeu Carlinya, fria feito gelo trincando, e Myrelle, tão gélida quanto, completou:

— Você não pode cometer nenhum erro, criança. Nenhum!

Elas a obrigaram a repetir tudo outras cinco vezes, e quando Egwene protestou que havia pronunciado todas as palavras de maneira correta e listou quem estaria em que lugar e quem diria o quê da mesma maneira que elas tinham dito, achou que Morvrin fosse esbofeteá-la. Isso se Beonin ou Carlinya não a estapeassem primeiro. Ali, seus cenhos franzidos eram tão duros quanto tapas, e Sheriam fitava-a como se ela estivesse se comportando feito uma noviça emburrada. Egwene suspirou e começou outra vez.

— Eu entro com três de vocês me escoltando...

Foi uma procissão silenciosa que abriu caminho pelas ruas quase vazias iluminadas pelo luar. Apenas uma ou outra das pessoas que ainda estavam ali fora sequer as olhava de relance. Seis Aes Sedai com uma única Aceita entre elas podiam ser ou não uma imagem comum por ali, mas a impressão era de que não se tratava de uma situação suficientemente estranha para gerar falatório. Janelas que estiveram iluminadas mais cedo já se encontravam escuras, e a cidade estava tão quieta que os passos das mulheres na terra batida eram audíveis. Egwene trazia no dedo o anel da Grande Serpente, de volta em sua mão esquerda. Seus joelhos tremiam. Ela estivera preparada para encarar qualquer coisa, mas sua lista de “quaisquer coisas” jamais incluía aquilo.

Elas pararam diante de uma construção retangular de pedra de três andares. Todas as janelas estavam escuras, mas, à luz do luar, o prédio tinha o aspecto de uma estalagem. Carlinya, Beonin e Anaiya iriam permanecer ali, e as duas primeiras, pelo menos, não estavam muito contentes. Não fizeram nenhuma reclamação, tal como não tinham feito ainda na casa, mas ajeitavam as saias sem necessidade e mantinham as cabeças eretas de maneira rija, sem nem olhar para Egwene.

Anaiya alisou o cabelo de Egwene para tranquilizá-la.

— Vai dar tudo certo, criança. — Trazia uma trouxa debaixo do braço, o vestido que Egwene usaria depois que tudo estivesse terminado. — Você aprende rápido.

Dentro da construção de pedra, um gongo emitiu um som profundo, uma, duas, três vezes. Egwene quase deu um pulo. Silêncio por um instante, e então o gongo repetiu a melodia. Myrelle alisou o vestido sem parecer se dar conta. Silêncio de novo, então as três batidas.

Sheriam abriu a porta e Egwene a acompanhou, Myrelle e Morvrin em seus calcanhares. Pelo modo como as três a cercavam, Egwene não teve como não pensar em guardas estrategicamente posicionados para garantir que ela não fugisse.

O aposento interno grande e de pé-direito alto não estava escuro, longe disso. Havia lamparinas alinhadas sobre as cornijas das quatro grandes lareiras de pedra, e outras mais se enfileiravam nos degraus que conduziam ao andar seguinte e no passadiço com gradil que dava para o aposento. Duas luminárias de chão compridas e cheias de ramificações foram colocadas diante de espelhos em lados opostos do aposento para aumentar a luminosidade. Cobertores presos às janelas mantinham toda aquela luz lá dentro.

Nove cadeiras haviam sido dispostas de cada lado do aposento, viradas para o centro em fileiras de três. As mulheres que as ocupavam, as Votantes das seis Ajahs representadas em Salidar, usavam seus xales e vestidos nas cores das suas respectivas Ajahs. As cabeças giraram em direção a Egwene, os rostos sem exibir nada além de uma serenidade plácida.

Na extremidade oposta do aposento havia outra cadeira sobre uma pequena plataforma mais parecida com uma caixa achatada. Alta e pesada, os pés e o encosto com espirais entalhados, a cadeira fora pintada de amarelo e azul, verde e branco, cinza, marrom e vermelho. Uma estola jazia perpassada sobre os braços, listrada em sete cores. Parecia que milhas separavam o ponto em que Egwene estava e a estola.

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre? — indagou Romanda com uma voz alta e clara. Estava sentada bem abaixo da cadeira colorida, em frente às três irmãs Azuis. Sheriam deu um passo suave para o lado e revelou Egwene.

— Alguém que vem com obediência, pela Luz — respondeu Egwene. Sua voz deveria estar trêmula. Claro que elas não iriam mesmo seguir adiante com aquilo.

— Quem se põe perante o Salão da Torre? — Romanda tornou a perguntar.

— Alguém que vem com humildade, pela Luz. — Em algum momento, aquela farsa se transformaria no julgamento dela por fingir ser Aes Sedai. Não, isso não. Se esse fosse o caso, elas teriam simplesmente feito uma blindagem e a deixado trancada até que chegasse a hora. Mas com certeza...

— Quem se apresenta perante o Salão da Torre?

— Alguém que vem sob a convocação do Salão, obediente e humilde pela Luz, pedindo apenas para aceitar a vontade do Salão.

Entre as Cinzas abaixo de Romanda, levantou-se uma mulher esbelta de pele escura. Por ser a Votante mais jovem, Kwamesa ficou responsável por proferir a indagação ritual que datava da Ruptura do Mundo:

— Há alguém presente que não seja mulher?

Romanda jogou o xale para trás deliberadamente e, ao se levantar, deixou-o sobre o encosto da cadeira. Como a mais velha, seria a primeira a responder. Também de maneira deliberada, desamarrou o vestido e o baixou até a cintura, descendo a anágua junto.

— Eu sou mulher — pronunciou.

Com cuidado, Kwamesa repousou seu xale sobre a sua própria cadeira e se desnudou até a cintura.

— Eu sou mulher — disse.

As outras então se levantaram e começaram a se despir, cada qual enunciando as mesmas palavras tão logo provava que também era mulher. Egwene sentiu um pouco de dificuldade com o corpete apertado do vestido de Aceita que lhe fora encontrado e precisou da ajuda de Myrelle com os botões, mas, bem depressa, todas as quatro estavam tão nuas quanto qualquer uma das demais.

— Eu sou mulher — falou Egwene junto com as outras.

Kwamesa andou devagar pelo aposento, fazendo uma pausa diante de cada mulher para uma encarada quase insultuosa, e então parou de novo à frente da própria cadeira para anunciar que não havia ninguém presente que não fosse mulher. As Aes Sedai se sentaram e a maior parte delas começou a vestir os corpetes de volta. Não exatamente com pressa, mas também foram poucas as que se demoraram. Egwene quase balançou a cabeça. Não podia se cobrir até um momento posterior da cerimônia. Muito tempo atrás, a pergunta de Kwamesa teria demandado mais provas. Naqueles dias, as cerimônias formais eram realizadas “sob a vestimenta da Luz”, o que significava dizer que não se usava nada além da própria pele. O que aquelas mulheres achariam de uma tenda de vapor Aiel ou de um banho shienarano?

Não havia tempo para imaginar isso.

— Quem representa esta mulher — indagou Romanda —, e se compromete por ela, coração por coração, alma por alma, vida por vida? — A mulher se sentava ereta com toda a dignidade, seu busto redondo ainda desnudo.

— Eu me comprometo — afirmou Sheriam com firmeza, seguida um instante depois pelas vozes fortes de Morvrin e Myrelle, uma de cada vez.

— Aproxime-se, Egwene al’Vere — ordenou Romanda com rispidez. Egwene deu três passos e se ajoelhou. Sentia-se entorpecida. — Por que você está aqui, Egwene al’Vere?

Ela estava, de fato, entorpecida. Não era capaz de sentir nada. Também não conseguia se lembrar das suas respostas, mas, de alguma forma, elas lhe saíram rolando pela língua.

— Fui convocada pelo Salão da Torre.

— O que deseja, Egwene al’Vere?

— Servir à Torre Branca, nada mais e nada menos. — Luz, elas iam mesmo seguir adiante com aquilo!

— E como pretende servir, Egwene al’Vere?

— Com meu coração, minha alma e minha vida, pela Luz. Sem medo ou favoritismo, pela Luz.

— Onde pretende servir, Egwene al’Vere?

Egwene respirou fundo. Ainda *podia* parar com aquela idiotice. Não era possível que estivesse mesmo prestes a...

— No Trono de Amyrlin, se for da vontade do Salão da Torre. — Sua respiração paralisou. Já era tarde demais para voltar atrás. Desde o Coração da Pedra talvez já fosse tarde demais.

Delana foi a primeira a se levantar, depois Kwamesa e Janya, e então outras, até nove Votantes estarem de pé à frente das suas cadeiras, o que significava aceitação. Romanda ainda estava firme em seu assento. Nove de dezoito. A aceitação precisava ser unânime, já que o Salão sempre buscava o consenso. Ao final, todas as votações eram unâнимes, embora muita conversa fosse necessária para se chegar lá, mas, naquela noite, não haveria conversas além das frases cerimoniais, e aquilo

significava quase a rejeição absoluta. Sheriam e as outras haviam feito pouco caso da sugestão de Egwene de que aquilo talvez acontecesse, desprezando a ideia com tanta rapidez que ela poderia ter ficado preocupada se a coisa toda não fosse tão ridícula, mas, quase por alto, tinham avisado que sim, isso poderia ocorrer. Não uma rejeição, mas uma manifestação de que as Votantes que permaneceram em seus assentos não pretendiam servir de capacho. Só um gesto simbólico, segundo Sheriam, mas, com base na expressão severa de Romanda, bem como na de Lelaine, só um pouco menos severa acima do peito nu, Egwene não tinha nenhuma certeza daquilo. Elas também haviam dito que talvez fossem três ou quatro mulheres.

Sem dar um pio, as mulheres de pé retomaram seus lugares. Nenhuma delas falou, mas Egwene sabia o que fazer. Seu entorpecimento desaparecera.

Ela se levantou e se moveu na direção da Votante mais próxima, uma Verde de rosto penetrante chamada Samalin, que permanecera sentada. Quando Egwene tornou a se ajoelhar à frente de Samalin, Sheriam ficou de joelhos ao lado dela, segurando uma bacia larga com água. Ondulações dançavam na superfície do líquido. Sheriam parecia tranquila e seca, enquanto Egwene começava a reluzir de suor, mas as mãos de Sheriam tremiam. Morvrin se ajoelhou e entregou um pano para Egwene, enquanto Myrelle ficou aguardando ao lado com pedaços de um tecido atalhado sobre o braço. Por algum motivo, Myrelle aparentava estar zangada.

— Por favor, me permita servir — disse Egwene. Com o olhar fixo à frente, Samalin suspendeu as saias até a altura do joelho. Seus pés estavam descalços. Egwene lavou cada pé e os secou, e então foi até a Verde seguinte, uma mulher levemente rechonchuda chamada Malind. Sheriam e as demais lhe haviam dito os nomes de todas as Votantes. — Por favor, me permita servir. — Malind tinha um rosto bonito, com lábios carnudos e olhos escuros que davam a impressão de que gostavam de sorrir, mas, naquele momento, não havia sorriso. Era uma das que haviam se levantado, mas seus pés também estavam descalços.

Os pés de todas as Votantes estavam descalços. Enquanto lavava todos aqueles pés, Egwene se perguntou se as Votantes já sabiam quantas permaneceriam sentadas. Estava tão óbvio que elas já sabiam que algumas ficariam, que aquele serviço seria exigido. Quase tudo o que Egwene sabia a respeito de como funcionava o Salão da Torre fora do que ouvira naquela aula enquanto noviça: para todos os fins práticos, não sabia nada. Sua única opção era continuar.

Ela lavou e secou o último pé — pertencia a Janya, que tinha o cenho franzido como se tivesse outros assuntos em mente. Pelo menos fora uma das que se levantaram. Largando o pano na bacia, voltou para o seu lugar ao pé das fileiras e se ajoelhou.

— Por favor, me permitam servir. — Mais uma chance.

Novamente, Delana foi a primeira a se levantar, mas Samalin desta vez fez o mesmo logo depois. Ninguém se pôs de pé de um salto, mas, uma a uma, todas foram se levantando, até que apenas Lelaine e Romanda continuavam sentadas

olhando uma para a outra, e não para Egwene. Por fim, Lelaine deu de ombros sutilmente, puxou o corpete sem a menor pressa e se levantou. Romanda virou a cabeça e olhou para Egwene. Encarou-a por tanto tempo que Egwene tomou consciência do suor que lhe escorria por entre os seios e pelas costelas. Enfim, com uma vagarosidade imponente, Romanda se vestiu e se juntou às demais. Egwene escutou um arquejo de alívio vindo de trás dela, onde Sheriam e as outras estavam aguardando.

Ainda não havia acabado, claro. Romanda e Lelaine se aproximaram ao mesmo tempo para conduzi-la até a cadeira colorida. Egwene ficou de pé diante dela enquanto as duas lhe puxaram o corpete e puseram a estola do Trono de Amyrlin sobre seus ombros. Em uníssono, todas as Votantes disseram:

— Você está elevada ao Trono de Amyrlin, pela glória da Luz, que a Torre Branca possa perdurar para sempre. Egwene al’Vere, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin. — Lelaine removeu o anel da Grande Serpente da mão esquerda de Egwene e entregou-o a Romanda, que o passou para a mão direita. — Que a Luz ilumine o Trono de Amyrlin e a Torre Branca.

Egwene riu. Romanda apenas piscou, chocada, enquanto Lelaine se sobressaltou — e elas não foram as únicas.

— Acabei de me lembrar de uma coisa — disse ela, acrescentando: —, filhas. — Era como a Amyrlin chamava as Aes Sedai. Do que ela se lembrara foi o que veio em seguida. Egwene não pôde deixar de pensar que se tratava de uma compensação pelo alívio que tivera em sua viagem por *Tel’aran’rhiod*. Egwene al’Vere, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin, foi capaz de se sentar naquela cadeira de madeira dura sem aparentar muito cuidado e sem se retrair de dor. Considerou as duas coisas triunfos da sua força de vontade.

Sheriam, Myrelle e Morvrin deram um passo à frente — olhando os rostos igualmente serenos, não era possível saber qual delas tinha soltado uma exclamação surpresa — e as Votantes formaram uma fila logo atrás delas que se estendia até a porta. Foi organizada por ordem de idade, com Romanda na última posição.

Numa medida profunda, Sheriam abriu as saias.

— Por favor, me permita servir, Mãe.

— Você pode servir à Torre, filha — respondeu Egwene no tom mais sério que pôde. Sheriam beijou seu anel e se afastou, enquanto Myrelle fez sua medida.

Foi assim ao longo da fila inteira. Aquele arranjo proporcionou algumas surpresas. Nenhuma das Votantes era jovem de fato, apesar dos seus rostos de Aes Sedai, mas Delana, com seus cabelos claros, que Egwene pensara ser tão velha quanto Romanda, estava mais ou menos pelo meio da fila. Lelaine e Janya, duas mulheres bem bonitas sem um único fio grisalho em seus cabelos escuros, ficaram à frente apenas da Amarela de cabelo louro. Cada qual fez sua reverência e beijou o anel de Egwene com o rosto impassível — embora algumas tenham olhado de relance para as faixas da bainha de Egwene — e deixaram o aposento por uma porta

nos fundos sem dar mais nenhum pio. O normal era que tivesse havido mais rituais, mas o restante da cerimônia deveria esperar até de manhã.

Enfim, Egwene se viu sozinha com as três mulheres que haviam se comprometido por ela. Ainda não tinha certeza do que aquilo significava. Assim que ela se levantou, Myrelle saiu para deixar entrar as três que haviam ficado do lado de fora.

— O que teria acontecido se Romanda não tivesse se levantado? — Em tese, teria havido mais uma chance, mais uma rodada de lavagem de pés e pedidos de permissão para servir, mas Egwene tinha certeza de que, se Romanda tivesse votado não na segunda vez, também teria votado na terceira.

— Então é bem provável que ela própria fosse se elevar a Amyrlin daqui a alguns dias — opinou Sheriam. — Ela ou Lelaine.

— Não foi isso que eu quis dizer — rebateu Egwene. — O que teria acontecido comigo? Teria simplesmente voltado a ser uma Aceita? — Anaiya e as outras apareceram apressadas, sorrindo, e Myrelle começou a ajudar Egwene a trocar o vestido branco com faixas por um de seda verde-clara que ela só iria usar pelo tempo que levasse para chegar até sua cama. Era tarde, mas a Amyrlin não podia andar por aí com um vestido de Aceita.

— Muito provavelmente — disse Morvrin após alguns instantes. — Não posso dizer se isso seria sorte ou não, ser uma Aceita que todas as Votantes sabiam que quase havia ocupado o Trono de Amyrlin.

— Aconteceu pouquíssimas vezes — explicou Beonin —, mas uma mulher que é recusada após se apresentar para ser elevada ao Trono de Amyrlin costuma ser exilada. O Salão busca sempre a harmonia, e, querendo ou não, ela sempre acabaria causando desarmonia.

Sheriam encarou os olhos de Egwene, como que para reforçar suas palavras.

— Nós teríamos sido exiladas. Myrelle, Morvrin e eu, com certeza, já que nos comprometemos por você, e é provável que Carlinya, Beonin e Anaiya também. — Seu sorriso foi abrupto. — Mas não foi isso que aconteceu. A nova Amyrlin deveria passar a primeira noite em contemplação e oração, mas, assim que Myrelle terminar com esses botões, talvez seja melhor lhe darmos ao menos uma palavrinha sobre como estão as coisas em Salidar.

Todas observavam Egwene. Myrelle estava atrás dela, cuidando do último botão, mas ela conseguia sentir os olhos da mulher em sua nuca.

— É, eu acho que é melhor, sim.





A AMYRLIN É ELEVADA

Egwene levantou a cabeça do travesseiro, olhou em volta e por um momento ficou surpresa ao se ver em uma cama com dossel em um grande quarto. A primeira luz da manhã entrava pelas janelas, e uma mulher bonita e rechonchuda trajando um vestido simples de lã cinza estava colocando um grande jarro branco de água quente no lavatório. Chesa lhe fora apresentada na véspera como sua criada. A criada da Amyrlin. Uma bandeja tampada já estava ao lado do seu pente e da sua escova em uma mesinha estreita diante de um espelho com moldura trabalhada em prata. O quarto cheirava a pão quente e peras cozidas.

Anaiya havia preparado o quarto para a chegada de Egwene. Os móveis ali também não combinavam, mas eram os melhores de Salidar, da poltrona acolchoada estofada com seda verde ao espelho de chão no canto, com todas as suas douraduras intactas, e ao armário com entalhes decorativos que agora guardava seus pertences. Infelizmente, parecia que o gosto de Anaiya pendia fortemente para babados e rendas espalhafatosas. Ambos bordejavam o dossel e as cortinas da cama, que estavam abertas, e um ou outro adornavam a mesa e seu banquinho, os braços e os pés da poltrona acolchoada, a manta que Egwene jogara no chão e até mesmo o lençol fino de seda que ela deixara cair logo em seguida. As cortinas das janelas também eram rendadas. Egwene deitou a cabeça. Havia rendas nas extremidades dos travesseiros também. Corria um sério risco de morrer sufocada pelos babados e rendas daquele quarto.

Tinham conversado muito depois que Sheriam e as outras a levaram para aquele lugar, ao qual se referiam como a Pequena Torre, mas Egwene quase não abrira a boca. As mulheres não estavam muito interessadas no que ela achava que Rand estaria tramando, ou no que Coiren e as demais poderiam querer. Havia uma missão diplomática a caminho de Caemlyn a cargo de Merana, que sabia o que fazer,

embora elas tivessem sido bem vagas quanto a qual seria, exatamente, a missão. Na maior parte do tempo, elas falaram e Egwene escutou, e suas perguntas foram deixadas de lado. As respostas a algumas delas não tinham importância, disseram-lhe, ao menos por enquanto. As que foram respondidas tiveram apenas uma explicação rápida antes que as mulheres voltassem ao que era mais importante. Missões diplomáticas haviam sido despachadas para cada governante, e o nome de cada um deles foi revelado a Egwene, com uma explicação sobre o porquê de ele ou ela ser absolutamente vital para a causa de Salidar — ao que parecia, todos eram. Elas não chegaram a dizer com todas as letras que tudo estaria perdido se ao menos um dos governantes se posicionasse contra, mas a ênfase dada a cada um já deixava isso claro. Gareth Bryne estava montando um exército que acabaria se mostrando forte o bastante para defender seus direitos — ou os de Egwene — diante de Elaida, se fosse preciso. As Aes Sedai não pareciam achar que seria o caso, apesar da exigência de Elaida para que voltassem à Torre. Elas pareciam acreditar que, assim que a notícia sobre a elevação de Egwene al’Vere ao Trono de Amyrlin se espalhasse, as Aes Sedai viriam até ela, inclusive algumas das que estavam na Torre naquele momento, o suficiente para que Elaida não tivesse outra opção a não ser aceitar a exigência de renunciar. Por algum motivo, os Mantos-brancos andavam quietos, de forma que Salidar estava tão segura quanto qualquer outro local, até onde sabiam. O fato de Logain ter sido Curado, assim como Siuan — e também Leane, naturalmente, já que estava em Salidar —, surgiu na conversa quase por acaso.

— *Não precisa se preocupar com isso — disse Sheriam de modo tranquilizador. Estava de pé junto a Egwene, que se encontrava sentada na poltrona acolchoada, com as demais formando um arco ao seu redor. — O Salão vai ficar discutindo se deve ou não amansar Logain de novo até ele morrer de velhice e a questão se resolver sozinha.*

Egwene tentou conter outro bocejo — estava ficando tarde — e Anaiya disse:

— *Temos que deixá-la dormir. Amanhã vai ser quase tão importante quanto hoje, criança. — De repente ela fez uma pausa e riu. — Mãe. Amanhã também é importante, Mãe. Vamos mandar Chesa vir ajudá-la a se preparar para dormir.*

Mesmo após elas terem saído, ir para a cama não foi fácil. Enquanto Chesa ainda desabotoava o vestido de Egwene, Romanda apareceu com várias sugestões para a Amyrlin, oferecendo-as com uma voz firme e equilibrada, e, tão logo ela saiu, Lelaine entrou, como se só estivesse esperando a saída da Amarela. A Azul tinha seus próprios conselhos, dados com Egwene já sentada na cama após Chesa ter sido expulsa do quarto com palavras gentis, mas firmes. Suas recomendações eram completamente diferentes das de Romanda — que por sua vez também se contrapunham às de Sheriam — e vieram acompanhadas de um sorriso caloroso e até afetuoso, mas seu tom, como o das outras duas, traía a certeza de que Egwene precisaria ser guiada durante os seus primeiros meses. Nenhuma mulher disse exatamente que teria mais preparo do que Sheriam para orientar Egwene e garantir

que ela tomasse as melhores decisões para a Torre, ou que Sheriam e seu pequeno círculo talvez acabassem brigando entre si, ou que elas pudessem dar conselhos ruins, mas tudo isso ficou subentendido. Romanda e Lelaine também insinuaram que a outra poderia ter suas próprias intenções ocultas, que, sem a menor dúvida, causariam sofrimentos incalculáveis.

Quando canalizou para apagar a última lamparina, Egwene esperava um sono repleto de pesadelos. Na verdade, na manhã seguinte só se lembrou de dois. No primeiro, ela era Amyrlin — uma Aes Sedai, mas sem prestar os juramentos — e tudo o que fazia resultava em desastres. Ela despertou só para poder escapar, mas teve certeza de que não se tratava de nada com algum significado oculto. Foi uma experiência muito parecida com aquela pela qual passou dentro do *ter'angreal* em que fizera o teste para se tornar uma Aceita. Até onde se sabia, elas não tinham nenhuma relação com a realidade. Não com aquela realidade. O outro foi o tipo de bobagem que Egwene esperava. Ela já conhecia os próprios sonhos o suficiente para saber disso, ainda que tenha precisado acordar para finalmente escapar também daquele segundo. Sheriam tinha tirado a estola dos ombros dela e todas as pessoas ao redor começaram a gargalhar e apontar para Egwene, uma bobalhona que acreditou mesmo que uma garota que mal tinha dezoito anos poderia ser Amyrlin. Não estavam só as Aes Sedai, mas todas as Sábias, além de Rand, Perrin e Mat, Nynaeve e Elayne, e quase todo mundo que ela conhecera algum dia, enquanto ela ficava lá nua, tentando desesperadamente colocar um vestido de Aceita que talvez coubesse em uma garotinha de dez anos.

— Você já não pode passar o dia todo deitada na cama, Mãe.

Egwene abriu os olhos.

A expressão no rosto de Chesa era de uma falsa severidade, e ela sorria com os olhos. Com pelo menos o dobro da idade de Egwene, a mulher, desde o momento em que foram apresentadas, assumira logo de cara a mistura de respeito e familiaridade que se poderia esperar de uma criada experiente.

— O Trono de Amyrlin não pode dormir até tarde, ainda mais num dia como hoje.

— Isso nem passou pela minha cabeça. — Egwene se levantou da cama com dificuldade e se espreguiçou antes de tirar a camisola suada. Mal podia esperar pelo dia em que sua experiência com o Poder a faria parar de suar. — Vou usar o de seda azul com as estrelas d'alva brancas na gola. — Egwene notou que Chesa fez questão de desviar o olhar das pernas de Egwene ao lhe entregar uma anágua limpa. Os efeitos de ter cumprido sua *toh* haviam diminuído um pouco, mas sua pele continuava visivelmente marcada. — Sofri um acidente na vinda para cá — disse, enfiando a cabeça com pressa na anágua nova.

Chesa assentiu com a cabeça, entendendo na mesma hora.

— Cavalos são criaturas terríveis e pouco confiáveis. Você nunca vai me ver em cima de um, Mãe. Uma carroça boa e robusta é sempre muito mais segura. Se eu caísse assim de um cavalo, também não contaria para ninguém. Nildra não falaria

noutra coisa, e Kaylin... Ah, você não iria acreditar nas coisas que algumas mulheres são capazes de dizer assim que você vira as costas. Claro que com o Trono de Amyrlin é diferente, mas é o que eu faria. — Segurando a porta do armário aberta, a criada olhou de soslaio para ver se Egwene havia entendido.

Egwene sorriu para ela.

— Gente é gente, independente da posição — afirmou com sinceridade.

Chesa abriu um largo sorriso e foi buscar o vestido azul. Anaiya podia até tê-la escolhido, mas ela era criada do Trono de Amyrlin, e era leal ao Trono de Amyrlin. E ela também tinha razão quanto à importância daquele dia.

Comendo rápido — apesar de Chesa resmungar baixinho que engolir a comida fazia mal ao estômago e que leite morno com mel e especiarias era imbatível para acalmar uma barriga nervosa —, Egwene esfregou os dentes e se lavou às pressas, deixou Chesa dar uma escovada de leve em seu cabelo e se vestiu o mais depressa que a criada permitiu, ajudando-a a passar o vestido de seda azul pela cabeça. Ajustou a estola de sete listras nos ombros e parou para se olhar no espelho. Com ou sem estola, não se parecia muito com o Trono de Amyrlin. *Mas eu sou. Isso não é um sonho.*

No amplo aposento do andar de baixo, as mesas continuavam tão vazias quanto na véspera. Apenas as Votantes estavam presentes, usando seus xales e divididas de acordo com as Ajahs. Sheriam estava sozinha. Todas ficaram quietas enquanto Egwene descia a escada e fizeram medidas quando ela chegou lá embaixo. Romanda e Lelaine lhe lançaram olhares penetrantes e então se viraram, claramente evitando olhar para Sheriam, e retomaram suas conversas. Quando Egwene permanecia calada, as outras faziam o mesmo. Vez ou outra, uma delas lhe dava uma olhadinha. Mesmo cochichando, suas vozes pareciam altas demais. Fazia silêncio lá fora, uma quietude absoluta. Egwene puxou o lenço da manga e secou o rosto com delicadeza. Nenhuma *delas* suava uma gota sequer.

Sheriam se aproximou e ficou ao lado dela.

— Vai dar tudo certo — disse em voz baixa. — Basta você se lembrar do que deve dizer. — Aquele foi outro ponto que elas haviam repassado com riqueza de detalhes na noite anterior. Egwene tinha um discurso para fazer naquela manhã.

A Amyrlin assentiu. Era estranho. Seu estômago deveria estar se revirando, os joelhos, trêmulos. Não estavam, e ela não conseguia entender por quê.

— Não precisa ficar nervosa — disse Sheriam. A mulher falava como se pensasse que Egwene estava, e sua intenção era tranquilizá-la, mas, antes que pudesse tornar a abrir a boca, Romanda falou bem alto:

— Está na hora.

Com um farfalhar de saias, as Votantes se alinharam de acordo com suas idades, Romanda à frente dessa vez, e marcharam até o lado de fora. Egwene andou até junto da porta. Nada de palpitações, ainda. Talvez Chesa tivesse razão quanto ao leite morno.

Após mais alguns momentos de silêncio, Romanda finalmente se pronunciou, a voz mais alta do que seria possível sem a ajuda do Poder:

— Temos um Trono de Amyrlin.

Egwene pôs os pés do lado de fora e sentiu um calor que não teria esperado para aquela hora do dia. Quando terminou de descer os degraus da entrada, seu pé pousou numa plataforma tecida com Ar. As filas de Votantes se estendiam em ambos os lados de Egwene, cada qual brilhando com a luz de *saidar*.

— Egwene al’Vere — entoou Romanda, sua voz chegando mais longe com a ajuda das tessituras do Poder —, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, o Trono de Amyrlin.

As mulheres suspenderam-na com Ar durante o pronunciamento de Romanda, literalmente elevando a Amyrlin até que ela ficasse quase na altura do telhado de palha. Para qualquer mulher que não fosse capaz de canalizar, Egwene pareceria capaz de caminhar sobre o ar.

Havia bastante gente reunida para vê-la delineada pelo sol que se levantava, e uma segunda tessitura fez a luz formar um halo ao redor dela. Homens e mulheres lotavam as ruas. Nas esquinas, perdia-se a multidão de vista. Pessoas observavam de cada porta, janela e telhado, exceto os da própria Pequena Torre. O brado que se elevou da multidão quase abafou a voz de Romanda, e as ondas de aclamações se espalharam pela aldeia. Egwene correu os olhos pela multidão em busca de Nynaeve e Elayne, mas não conseguiu encontrá-las naquele mar de rostos voltados para ela. Uma era inteira pareceu se passar antes que tudo estivesse suficientemente calmo para que ela falasse. A tessitura que transportara a voz de Romanda passou para a dela.

Elas haviam preparado o discurso, Sheriam e as demais, uma exortação empolada que Egwene talvez fosse capaz de realizar sem ficar ruborizada caso tivesse o dobro da idade que tinha, ou, ainda melhor, o triplo. Então ela decidira fazer algumas modificações.

— Nós nos unimos em uma busca pela verdade e pela justiça que só vai acabar quando a falsa Amyrlin, Elaida, for deposta do lugar que usurpou. — A única mudança foi o “só vai” no lugar de “só pode”, o que ela considerou melhor e mais forte. — Como Amyrlin, vou liderá-los nessa busca e não vou fraquejar, como sei que vocês também não vão. — Tratava-se de uma baita exortação. Ela não tinha a intenção de permanecer ali em cima pelo longo tempo que seria necessário para repetir tudo o que elas queriam que fosse dito. Afinal, estaria apenas repetindo o que já fora dito com outras palavras. — Como minha Curadora das Crônicas, eu nomeio Sheriam Bayanar.

Aquelas palavras geraram aclamações bem mais tímidas. Uma Curadora não era uma Amyrlin, afinal. Egwene olhou para baixo e aguardou até avistar Sheriam saindo às pressas, ainda envolvendo os ombros com a estola da Curadora, em azul, para mostrar que fora elevada da Ajah Azul. Havia sido decidido que não se faria

uma cópia do cajado da Amyrlin, encimado por uma chama dourada, que a Curadora tradicionalmente carregava. Até que o cajado verdadeiro fosse recuperado da Torre Branca, elas teriam que passar sem ele. Sheriam estivera esperando um discurso bem mais longo, e olhou para Egwene com nítida exasperação. Nas filas de Votantes, as expressões de Romanda e Lelaine permaneceram impassíveis. Cada qual tinha sido muito enfática em sua sugestão para Curadora, e era desnecessário dizer que nenhuma das duas sugerira Sheriam.

Egwene respirou e se voltou para a multidão que esperava.

— Em honra a este dia, decreto que todas as Aceitas e noviças estão absolvidas de suas penitências. — Essa era uma tradição, e o anúncio gerou gritos de júbilo apenas de garotas vestidas de branco e de algumas Aceitas que ficaram felizes demais para se lembrarem de agir com decoro. — Em honra a este dia, decreto que Theodrin Dabei, Faolain Orande, Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand, a partir de agora, estão elevadas ao xale, tornando-se irmãs completas e Aes Sedai. — A frase foi recebida com uma espécie de silêncio questionador e murmúrios aqui e ali. Essa parte não estava nem um pouco de acordo com os costumes. Longe disso. Mas agora a ordem já fora proferida, e foi bom Morvrin ter mencionado Theodrin e Faolain. Hora de retornar ao que as mulheres lhe haviam escrito. — Decreto que este é um dia de festa e celebração. Que não se realize nenhum trabalho além do necessário para a alegria. Que a Luz brilhe sobre todos vocês e que a mão do Criador os proteja. — A última parte acabou engolida por um clamor tão alto que sobrepujou a tessitura que transportava as palavras de Egwene. Algumas pessoas começaram a dançar ali mesmo na rua, embora mal houvesse espaço para se mexer.

A plataforma de Ar talvez tenha baixado um tantinho mais rápido do que ascendera. As Votantes fitavam-na quando ela desceu, e o brilho de *saidar* das mulheres se apagou assim que Egwene tocou o chão.

Sheriam disparou para agarrar o braço de Egwene, que sorria para as Votantes com suas expressões pétreas.

— Tenho que mostrar para a Amyrlin o gabinete dela. Me perdoem. — Egwene não diria exatamente que Sheriam quase a arrastou para dentro, mas também não podia dizer que não fora o caso. Não acreditava que Sheriam tentaria levá-la à força, mas achou melhor apanhar as saias com a mão livre e dar passadas mais largas para não correr o risco de descobrir.

O gabinete, nos fundos da sala de espera, acabou se mostrando um pouco menor que o quarto dela, com duas janelas, uma escrivaninha, uma cadeira de encosto vertical por trás e outras duas à frente. Mais nada. Carcomidos pelos besouros, os painéis das paredes haviam sido encerados e ganharam um brilho meio fosco, mas a mesa estava vazia. Havia um pequeno tapete florido no chão.

— Perdoe-me se fui abrupta, Mãe — desculpou-se Sheriam, soltando o braço de Egwene —, mas achei que deveríamos conversar em particular antes que você falasse com qualquer uma das Votantes. Todas ajudaram na preparação do seu

discurso e...

— Eu sei que fiz algumas mudanças — disse Egwene com um largo sorriso —, mas eu me sentiria uma idiota ali em cima, falando sem parar. — *Todas* elas tinham ajudado? Então não era de se surpreender que o discurso parecesse escrito por uma velha pomposa que não sabia calar a boca. Egwene quase gargalhou. — Seja como for, eu disse o que precisava ser dito, a alma do discurso. Elaida precisa ser deposta, e eu vou liderá-las para cumprir nosso objetivo.

— Certo — concordou Sheriam sem muita certeza —, mas pode ser que haja algumas perguntas sobre algumas das outras... mudanças. Theodrin e Faolain com certeza vão ser elevadas a Aes Sedai assim que tivermos de volta a Torre e o Bastão dos Juramentos, e é bem provável que Elayne também, mas Nynaeve ainda não consegue nem acender uma vela sem primeiro puxar a trança na cara das pessoas.

— Era exatamente esse ponto que eu queria levantar — intrometeu-se Romanda, entrando sem bater. — Mãe — acrescentou, após uma pausa bem evidente. Lelaine também chegou e quase bateu na cara de várias outras Votantes.

— Me pareceu a coisa certa a se fazer — ponderou Egwene, arregalando os olhos. — Pensei nisso ontem à noite. Fui elevada a Aes Sedai sem ter sido testada e sem fazer os Três Juramentos, e, se eu fosse a única, isso me tornaria uma exceção. Com outras quatro, já não vai mais parecer tão estranho. Não para quem está aqui, pelo menos. Elaida pode tentar tirar algum proveito disso quando ficar sabendo, mas a maioria das pessoas sabe tão pouco sobre as Aes Sedai que, de um jeito ou de outro, não vai nem saber no que acreditar. O que mais importa nisso tudo são as pessoas. Elas precisam confiar em mim.

Qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai teria ficado boquiaberta. Romanda, por sua vez, quase gaguejou.

— Pode até ser verdade — começou a dizer Lelaine, em tom irritado, dando um puxão em seu xale de bordas azuis, e então parou. *Era verdade*. Mais que isso, o Trono de Amyrlin decretara publicamente que aquelas mulheres eram Aes Sedai. O Salão talvez conseguisse mantê-las como Aceitas, ou o que quer que Theodrin e Faolain fossem, mas não podia apagar memórias e não evitaria que todos soubessem que elas haviam se mostrado contrárias à Amyrlin em seu primeiro dia. Seria uma maneira de garantir que as pessoas jamais confiassem em Egwene.

— Eu espero, Mãe — ponderou Romanda com a voz firme —, que, na próxima vez, você primeiro consulte o Salão. Ir contra os costumes pode ter consequências inesperadas.

— Ir contra a lei pode ter consequências infelizes — afirmou Lelaine sem rodeios, acrescentando, atrasada: — Mãe. — Aquilo era um absurdo, ou perto disso. As condições para alguém ser elevada a Aes Sedai estavam definidas pela lei, era um fato, mas a Amyrlin podia decretar quase tudo o que quisesse. Ainda assim, uma Amyrlin sábia não compraria brigas com o Salão, a menos que fosse inevitável.

— Ah, no futuro eu vou consultar, sim — respondeu Egwene, séria. — Mas me

pareceu a forma correta de agir. Agora vocês me dão licença, por favor? Eu realmente preciso conversar com a Curadora.

As mulheres quase estremeceram. As medidas foram discretas, as palavras de despedida perfeitamente corretas no que dizia respeito a palavras, mas resmungadas, no caso de Romanda, e, no de Lelaine, pronunciadas em tom cortante.

— Você se saiu muito bem — disse Sheriam depois que as mulheres se retiraram. Parecia surpresa. — Mas é preciso ter em mente que o Salão pode criar problemas para qualquer Amyrlin. Um dos motivos para eu ser a sua Curadora é poder aconselhá-la e mantê-la bem longe desse tipo de problema. É melhor você me perguntar antes de decretar as coisas. E, caso eu não esteja por perto, pergunte para Myrelle, Morvrin e as outras. Estamos aqui para ajudá-la, Mãe.

— Eu compreendo, Sheriam. Prometo escutar com atenção qualquer coisa que vocês disserem. Eu gostaria de falar com Nynaeve e Elayne, se for possível.

— Deve ser — disse Sheriam, sorrindo —, embora eu talvez tenha que arrancar Nynaeve de alguma Amarela. Siuan está vindo ensinar você a etiqueta da função de Amyrlin, e há muito o que aprender sobre esse assunto, mas vou dizer para ela vir um pouco mais tarde.

Depois que Sheriam saiu, Egwene ficou olhando para a porta. Em seguida, virou-se e ficou encarando a mesa. Absolutamente vazia. Nenhum relatório para ser lido, nenhum registro a estudar. Nem mesmo caneta e tinta para escrever um bilhete, muito menos um decreto. E Siuan vindo dar aulas sobre etiqueta.

Quando ouviu uma tímida batidinha na porta, ela ainda estava ali de pé.

— Entre — respondeu, imaginando se seria Siuan ou, quem sabe, uma serviçal trazendo bolo de mel já devidamente cortado em pedacinhos para o lanche.

Hesitante, Nynaeve pôs a cabeça para dentro, e então Elayne empurrou-a gabinete adentro. Lado a lado, ambas executaram medidas perfeitas, profundas, abrindo as saias brancas de barras listradas e murmurando:

— Mãe.

— Não façam isso, por favor — reprovou Egwene. Na verdade, saiu mais como uma lamentação. — Vocês são as duas únicas amigas que eu tenho, e se começarem... — Luz, Egwene estava quase a ponto de chorar!

Elayne antecipou-se ao choro por muito pouco e abraçou Egwene. Nynaeve ficou calada e, nervosa, mexia e remexia um bracelete fino de prata.

— Ainda somos suas amigas, Egwene, mas você é o Trono de Amyrlin. Luz, eu lembro que um dia falei que você seria a Amyrlin, quando eu fosse... — Elayne não terminou a frase, fazendo uma leve careta. — Bem, em todo caso, você é. Não podemos simplesmente chegar para a Amyrlin e dizer “Egwene, esse vestido me deixa gorda?”. Não seria adequado.

— Seria, sim — retrucou Egwene, resoluta. — Pelo menos quando estivermos a sós — acrescentou após um instante. — Quando estivermos só nós três, eu *quero* que vocês me digam se um vestido me deixa gorda ou se... ou o que vocês

quiserem. — Sorrindo para Nynaeve, ela deu um puxão bem delicado na trança da mulher. Nynaeve tomou um susto. — E quero que você dê puxões na sua trança perto de mim, se sentir vontade. Preciso de amigas, de alguém que não veja apenas essa... essa maldita estola o tempo todo, ou eu vou acabar ficando louca. Falando em vestidos, por que vocês ainda estão com esses? Eu tinha certeza de que, a esta altura, vocês já poderiam ter se trocado.

Nynaeve realmente deu um puxão na trança ao ouvir isso.

— Aquela Nisao me falou que devia ter sido um erro qualquer e me arrastou com ela, dizendo que não iria desperdiçar a sua vez só por causa de uma celebração. — Do lado de fora, os sons dos festejos começavam a aumentar, um burburinho indistinto, alto o bastante para penetrar as paredes de pedra, além de uma música ecoando ao longe.

— Não houve erro nenhum, ora — contestou Egwene. Era a vez de Nisao? Bem, não era o melhor momento para pedir explicações. Nynaeve não parecia nada feliz, e Egwene queria que a ocasião fosse o mais alegre possível. Puxando a cadeira de trás da mesa, viu duas almofadas gorduchas de retalhos no assento e sorriu. Chesa. — Nós vamos nos sentar aqui e conversar, e depois eu vou ajudar vocês a encontrar os dois melhores vestidos de Salidar. Me falem sobre essas descobertas de vocês. Anaiya tocou no assunto e Sheriam também, mas não consegui fazer as duas sossegarem por tempo suficiente para me contar os detalhes.

Ao mesmo tempo, as duas fizeram uma pausa antes de se sentar e se entreolharam. Por algum motivo, pareciam relutantes em falar sobre qualquer coisa que não fosse Nynaeve ter Curado Siuan e Leane — Nynaeve repetiu três vezes, e com bastante nervosismo, que Curar Logain havia sido um acidente — e sobre Elayne ter aprendido a fazer *ter'angreal*. Eram feitos notáveis, em especial o de Nynaeve, mas não havia muito o que elas pudessem contar, e Egwene não podia apenas continuar repetindo que elas haviam feito coisas maravilhosas e ela estava com inveja. A demonstração de Nynaeve não durou muito. Egwene não tinha a menor aptidão para Cura, e menos ainda, em particular, para aquela complicada tapeçaria que Nynaeve tecia sem nem pensar. Embora tivesse certa afinidade com metais e fosse bastante forte tanto com o Fogo quanto com a Terra, Elayne perdeu a atenção dela quase de imediato. Claro que elas queriam saber como era a vida entre os Aiel. Pelas expressões surpresas e risadas chocadas, interrompidas de forma abrupta, Egwene não sabia se as amigas acreditaram em tudo o que contou, e ela com certeza deixou muito de fora. Falar nos Aiel as fez falar em Rand, naturalmente. As duas prestaram atenção durante toda a narrativa de Egwene sobre o encontro dele com as Aes Sedai. Concordaram que ele não sabia onde estava se metendo e que precisava de alguém para guiá-lo antes que caísse numa armadilha. Elayne achou que Min poderia ajudar nesse sentido, assim que a missão diplomática chegasse a Caemlyn — foi a primeira notícia que Egwene tivera de que Min estava com ele, ou que estivera em Salidar —, embora, na realidade, Elayne parecesse desanimada. E

ela acabou resmungando algo bem estranho, como se estivesse repetindo uma verdade desagradável.

— Min é uma mulher melhor que eu. — Por algum motivo, aquilo suscitou um olhar de compaixão da parte de Nynaeve. — Eu queria que *eu* estivesse lá — prosseguiu Elayne com uma voz mais forte. — Para guiá-lo, quero dizer. — Seu olhar passou de Egwene para Nynaeve, e suas bochechas ficaram vermelhas. — Ah, e por outros motivos também. — Nynaeve e Egwene começaram a gargalhar tanto que quase caíram das cadeiras, e Elayne se juntou às duas quase de imediato.

— Isso, sim, é algo que vale a pena contar, Elayne — brincou Egwene, sem fôlego, ainda tentando se recuperar. Foi quando percebeu exatamente o que iria dizer, e por quê. Luz, em que enrascada ela havia se metido, e enquanto gargalhava! — Eu lamento pela sua mãe, Elayne. Você não imagina o quanto eu gostaria de ter oferecido as minhas condolências antes. — Elayne pareceu confusa, como seria de se esperar. — A questão é que Rand pretende conceder a você o Trono do Leão e o Trono do Sol. — Para a surpresa de Egwene, Elayne se empertigou na cadeira.

— Ah, é, é? — indagou, a voz serena e impassível. — Ele pretende me conceder os dois. — Ergueu o queixo de leve. — Eu tenho direito de reivindicar o Trono do Sol, de certa forma, e se optar por fazer isso, vou fazer isso por conta própria. Quanto ao Trono do Leão, quem Rand al'Thor pensa que é para me *conceder* o que é meu por direito?

— Não foi isso que ele quis dizer — protestou Egwene. *Será que foi?* — Ele ama você, Elayne. Eu sei que ama.

— Quem dera fosse simples assim — resmungou Elayne. Egwene não sabia o que a amiga queria dizer com aquilo.

Nynaeve fungou com desdém.

— Os homens sempre se justificam falando que não era bem “isso” que eles queriam dizer. Daria até para pensar que falam outra língua.

— Quando eu puser as mãos nele de novo — disse Elayne com determinação —, vou ensiná-lo a falar a língua certa. Me *conceder*! Como ousa!

Egwene teve que se esforçar ao máximo para não cair na gargalhada de novo. Na próxima vez que Elayne pusesse as mãos em Rand, estaria ocupada demais procurando um cantinho isolado para pensar em ensinar alguma coisa. Era como nos velhos tempos.

— Agora que é Aes Sedai, pode ir até ele na hora em que quiser. Ninguém pode impedir você.

As duas se entreolharam de novo.

— O Salão não vai deixar ninguém simplesmente arrumar a mala e ir embora — ponderou Nynaeve. — E, mesmo que ela pudesse partir, nós encontramos algo que eu acho mais importante.

Elayne assentiu.

— Também acho. Vou admitir: a primeira coisa que me passou pela cabeça

quando ouvi você ser anunciada como Amyrlin foi que, agora, eu e Nynaeve talvez pudéssemos ir procurar nós mesmas. Bem, a segunda. A primeira foi uma espécie de alegria estarrecida.

Egwene apenas piscou, confusa.

— Vocês encontraram algo. Mas agora precisam ir procurar. — Inclinando-se para a frente, as duas quase se atropelaram para responder.

— Encontramos — explicou Elayne —, mas só em *Tel'aran'rhiod*.

— Nós usamos a necessidade como guia — acrescentou Nynaeve. — Nós, com certeza, precisávamos de *algo*.

— É uma tigela — continuou Elayne —, um *ter'angreal*, e eu acho que pode ser forte o bastante para alterar o clima.

— Só que a tigela está em algum ponto de Ebou Dar, num labirinto tenebroso de ruas sem nenhuma placa ou qualquer coisa que ajude. O Salão mandou uma carta para Merilille, mas ela nunca vai encontrar sozinha.

— Ainda mais porque ela deve estar ocupada convencendo a Rainha Tylin de que a *verdadeira* Torre Branca está aqui.

— Nós dissemos a elas que um homem precisava participar da canalização. — Nynaeve suspirou. — Claro que isso foi antes de Logain, apesar de eu achar que elas não confiariam nele.

— Não precisa de um homem, na verdade — emendou Elayne. — Nós só queríamos fazê-las acreditar que elas *precisavam* de Rand. Não sei quantas mulheres são necessárias de fato. Talvez um círculo completo com treze.

— Elayne diz que ele é muito poderoso, Egwene. Poderia consertar o clima. Eu ficaria feliz se encontrássemos só por eu poder voltar a escutar o vento direito.

— A tigela *pode* consertar as coisas, Egwene. — Elayne trocou olhares alegres com Nynaeve. — Tudo o que você precisa fazer é nos mandar a Ebou Dar.

O turbilhão cessou, e Egwene tornou a se recostar em sua cadeira.

— Vou fazer o possível. Pode ser que não haja objeções, agora que vocês são Aes Sedai. — Porém ela teve a sensação de que haveria. Elevá-las parecera uma decisão ousada, mas Egwene estava começando a acreditar que não era assim tão simples.

— O que for possível? — contestou Elayne, incrédula. — Você é o Trono de Amyrlin, Egwene. Basta você dar a ordem, e todas as Aes Sedai pulam na hora para obedecer. — Ela abriu um sorrisinho rápido. — Diga “pule” e eu provo para você.

Fazendo careta, Egwene se remexeu nas almofadas.

— Eu sou a Amyrlin, mas... Elayne, Sheriam não precisa se esforçar muito para se lembrar de uma noviça chamada Egwene, olhando para tudo com os olhos arregalados e sendo mandada passar o ancinho no Jardim Novo só por ter comido maçãs depois da hora de ir para a cama. Ela pretende me pegar pela mão e me guiar a cada passo, ou talvez até me levar arrastada pela orelha. Romanda e Lelaine queriam ser a Amyrlin, as duas, e também ainda se lembram muito bem daquela noviça. E elas pretendem me dizer por onde andar tanto quanto Sheriam.

Preocupada, Nynaeve franziu a testa, mas Elayne ficou indignada.

— Não pode deixá-las simplesmente... *intimidarem você*. Você é a *Amyrlin*. É a Amyrlin quem diz para o Salão como proceder, e não o contrário. Você precisa mostrar autoridade e fazê-las verem o Trono de Amyrlin, não a noviça.

A gargalhada de Egwene teve um quê de amargura. Havia sido mesmo na noite anterior que ela tinha se sentido tão resistente contra intimidações?

— Isso vai levar um pouco de tempo, Elayne. Veja só, eu finalmente entendi por que elas me escolheram. Em parte por Rand, eu acho. Talvez elas acreditem que ele vai nos dar ouvidos mais fácil se me vir usando a estola. O outro motivo é por elas *se lembrarem* daquela noviça. Uma mulher, ou melhor, uma garota! E que está tão acostumada a fazer o que mandam que será fácil fazê-la agir como elas querem. — Ela passou o dedo na estola listrada ao redor do pescoço. — Bem, quaisquer que tenham sido as razões delas, elas me escolheram como Amyrlin, e eu pretendo *ser* a Amyrlin, mas preciso tomar cuidado, pelo menos de início. Talvez Siuan fizesse o Salão pular toda vez que franzia o rosto — Egwene ficou se perguntando se aquilo era verdade mesmo —, mas, se eu tentar fazer o mesmo, posso virar a primeira Amyrlin deposta um dia depois de ter sido elevada.

Elayne parecia atônita, mas Nynaeve assentiu devagar com a cabeça. Ter sido Sabedoria e lidado com o Círculo das Mulheres em Dois Rios talvez tivesse lhe dado uma noção melhor do real funcionamento do Trono de Amyrlin e do Salão da Torre do que todo o treinamento de Elayne como Filha-herdeira.

— Quando a notícia se espalhar e os governantes souberem a meu respeito, Elayne, vou poder começar a fazer o Salão perceber que elas escolheram uma Amyrlin, e não um fantoche, mas, até lá, elas de fato poderiam arrancar essa estola de mim tão rápido quanto me deram. Se eu não sou mesmo uma Amyrlin, ora, então não é difícil se ver livre de mim. Poderia haver alguns resmungos contrários, mas eu não tenho dúvida de que elas conseguiriam calá-los bem depressa. Se qualquer pessoa fora de Salidar ouvisse falar algum dia que alguém chamada Egwene al’Vere foi elevada a Amyrlin, não passaria de um daqueles boatos estranhos que surgem sobre as Aes Sedai.

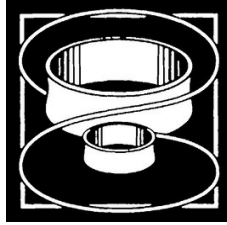
— O que você vai fazer? — perguntou Elayne bem baixinho. — Você não vai aceitar isso tão fácil.

As palavras fizeram Egwene abrir um sorriso sincero. Não era uma pergunta, mas uma afirmação contundente.

— Não, eu não vou. — Ela escutara vários sermões de Moiraine para Rand a respeito do Jogo das Casas. À época, pensava que o Jogo era algo absurdo, pior que uma trama ardilosa. Mas ali estava ela desejando que pudesse se lembrar de tudo o que ouvira. Os Aiel sempre diziam: “Use as armas que tiver.” — O fato de elas estarem tentando apertar três coleiras diferentes no meu pescoço pode ser útil. Eu posso fingir que estou sendo conduzida por uma ou por outra, dependendo de qual esteja mais perto do que eu mesma quero fazer. De vez em quando, posso fazer o

que eu bem entender, como fiz quando elevei vocês duas, mas ainda não com tanta frequência. — Ela endireitou os ombros e as encarou. — Eu gostaria de afirmar que elevei vocês duas porque vocês mereceram, mas a verdade é que eu fiz isso porque vocês são minhas amigas e porque eu espero que, como irmãs completas, vocês possam me ajudar. Realmente não sei mais em quem posso confiar além de vocês duas. Vou mandar vocês para Ebou Dar assim que puder, mas, antes e depois disso, vocês são as duas pessoas com quem eu posso conversar. Sei que vão me dizer a verdade. A tal viagem a Ebou Dar pode não demorar tanto quanto vocês talvez estejam pensando. Vocês duas andaram descobrindo todo tipo de coisas, foi o que eu ouvi dizer, mas, se eu conseguir desvendar algumas coisas, posso também ter feito minha própria descoberta.

— Vai ser maravilhoso — disse Elayne, embora seu tom de voz fosse quase distraído.



QUANDO A BATALHA COMEÇA

O silêncio que se seguiu foi muito peculiar, e Egwene não conseguia entender o porquê. Elayne olhou para Nynaeve, e então ambas fitaram o fino bracelete de prata de Nynaeve. A amiga mais velha finalmente se voltou para Egwene, de olhos bem arregalados, e logo voltou a encarar o chão.

— Tenho uma confissão — disse ela, quase sussurrando. Sua voz se manteve baixa, mas as palavras saíram feito uma rajada. — Eu capturei Moghedien. — Sem levantar os olhos, ergueu o pulso onde estava o bracelete. — Isso é um *a'dam*. Ela é nossa prisioneira, mas ninguém sabe. Exceto Siuan, Leane e Birgitte. E agora você.

— Fomos obrigadas — explicou Elayne, inclinando-se para a frente. — Elas a teriam executado, Egwene. Sei que seria merecido, mas ela sabe coisas sobre as quais nem sonhamos. Foi assim que fizemos todas as nossas *descobertas*. Exceto Nynaeve ter Curado Siuan, Leane e Logain, e o meu *ter'angreal*. Elas a teriam executado sem tentar aprender nada!

As perguntas que vieram à mente de Egwene foram tantas que ela quase ficou tonta. Elas haviam capturado uma Abandonada? Como? Elayne fizera um *a'dam*? Egwene sentiu um calafrio e mal conseguiu olhar para o bracelete. Não se parecia em nada com o *a'dam* que ela conhecia até bem demais. Ainda assim, como as duas tinham conseguido esconder uma Abandonada entre tantas Aes Sedai? Uma Abandonada fora feita prisioneira. Não tinha sido julgada nem executada. Desconfiado do jeito que estava, se algum dia Rand descobrisse aquilo, jamais voltaria a confiar em Elayne.

— Quero falar com ela — acabou por dizer, sem emoção. Nynaeve pulou da cadeira e saiu correndo para buscar Moghedien. Os ruídos de celebração, risadas, músicas e canções entraram por alguns instantes antes que a porta se fechasse. Egwene esfregou a têmpora. Uma Abandonada. — É um baita segredo para se

guardar.

As bochechas de Elayne enrubesceram. Por quê, sob a Luz...? Claro.

— Elayne, não tenho nenhuma intenção de fazer perguntas sobre... sobre ninguém de quem eu não deveria saber a respeito.

A mulher de cabelos dourados se sobressaltou.

— Eu... Talvez eu possa contar. Mais tarde. Amanhã. Talvez. Egwene, você precisa me prometer que não vai dizer nada, para ninguém, a menos que eu deixe. Pouco importa o que você... o que você vir.

— Se é isso que você quer... — Egwene não entendia por que a amiga estava tão agitada. Não fazia a menor ideia. Elayne tinha um segredo do qual Egwene sabia, mas a descoberta não só fora por acaso como, desde então, ambas vinham fingindo que ainda se tratava de um segredo que só pertencia a Elayne. Ela se encontrara com Birgitte, a heroína das lendas, em *Tel'aran'rhiod*. Talvez ainda se encontrassem. Mas... Nynaeve havia revelado algo mais. Birgitte sabia a respeito de Moghedien. Será que ela estava mesmo falando da mulher esperando em *Tel'aran'rhiod* até que a Trombeta de Valere a convocasse de volta? Será que *Nynaeve* sabia do segredo que Elayne se recusara a admitir para Egwene mesmo após ela ter sido descoberta? Não. Egwene deixou o pensamento de lado. Não queria que aquilo se transformasse em uma rodada de acusações e negativas.

— Elayne, eu sou a Amyrlin, a Amyrlin de fato, e já tenho planos. As Sábias que conseguem canalizar manejam boa parte das suas tessituras de modo diferente das Aes Sedai. — Elayne já sabia das Sábias, apesar de, agora que fazia uma pausa e pensava no assunto, Egwene não saber dizer se as Aes Sedai também sabiam. As outras Aes Sedai, no caso. — Às vezes, o que elas executam é mais complicado ou mais rudimentar, porém algumas vezes é mais simples do que como nos ensinaram na Torre e funciona tão bem quanto.

— Você quer que as Aes Sedai estudem com as Aiel? — A boca de Elayne se retorceu como se a amiga estivesse prestes a rir. — Egwene, elas *nunca* vão concordar com isso, nem se você viver mil anos. Mas suponho que, quando ficarem sabendo, elas vão querer testar as garotas Aiel para ver se poderiam virar noviças.

Ajeitando-se em suas almofadas, Egwene hesitou. As Aes Sedai estudando com as Sábias, como aprendizes? Impossível, mas Romanda e Lelaine, em especial, poderiam se beneficiar de algumas aulas sobre *ji'e'toh*. E Sheriam, e Myrelle, e... Ela encontrou um jeito mais confortável de se sentar e desistiu das suas fantasias.

— Duvido que as Sábias fossem concordar com a ideia de garotas Aiel virarem noviças. — Algum dia talvez tivessem concordado, mas com certeza não àquela altura. No momento, o máximo que Egwene podia esperar era que elas falassem com as Aes Sedai de maneira civilizada. — Pensei em algum tipo de parceria. Existem menos de mil Aes Sedai, Elayne. Se a gente contar com as que ainda estão no Deserto, acho que existem mais Sábias capazes de canalizar do que Aes Sedai. Talvez bem mais. Seja como for, elas não perdem nenhuma que nasceu com a

centelha. — Quantas mulheres haviam morrido neste lado da Espinha do Dragão só porque, de repente, conseguiam canalizar, talvez sem nem perceber, e não havia ninguém para ensinar a elas? — Quero trazer mais mulheres, Elayne. Que tal mulheres capazes de aprender, mas que não foram encontradas por nenhuma Aes Sedai antes que as considerassem velhas demais para se tornar noviças? Eu acho que, se a mulher quiser aprender, precisamos deixá-la tentar, mesmo que já tenha quarenta ou cinquenta anos, ou que seus netos já tenham netos.

Elayne gargalhou tanto que chegou a abraçar a própria barriga.

— Ah, Egwene, as Aceitas vão *adorar* dar aula para essas suas noviças.

— Elas vão ter que aprender a gostar — retrucou Egwene com firmeza. Ela não via problema algum. As Aes Sedai sempre disseram que às vezes a pessoa era velha demais para se tornar uma noviça, mas se a pessoa quisesse aprender... Elas já haviam mudado parcialmente de ideia. Na multidão, Egwene tinha visto rostos mais velhos que o de Nynaeve usando o branco das noviças. — A Torre sempre foi severa demais na hora de excluir pessoas, Elayne. Se você não for forte o bastante, elas a mandam embora. Recuse-se a fazer o teste e você é expulsa. Se fizer o teste, mas não passar, adeus. Elas deveriam ter permissão para ficar, se quisessem.

— Mas os testes existem para garantir que sejamos fortes o bastante — protestou Elayne. — Não só com o Poder Único, mas por dentro. Você com certeza não vai querer Aes Sedai que vão se entregar ou desistir no primeiro obstáculo, não é? Ou então Aes Sedai que mal conseguem canalizar.

Egwene fungou com desdém. Sorilea teria sido mandada embora da Torre sem nem fazer o teste para Aceita.

— Talvez elas não possam ser Aes Sedai, mas isso não significa que sejam inúteis. Afinal, já se confia que essas mulheres são capazes de usar o Poder com certo discernimento, ou elas não seriam liberadas da Torre. O meu sonho é que todas as mulheres capazes de canalizar estejam conectadas com a Torre de alguma forma. Absolutamente todas.

— Até as Chamadoras de Ventos? — Elayne se encolheu quando Egwene assentiu com a cabeça.

— Você não as traiu, Elayne. Não consigo acreditar que elas tenham conseguido guardar segredo por tanto tempo.

Elayne soltou um suspiro profundo.

— Bem, o que está feito, está feito. “O mel não volta para o favo”, como dizem por aí. Mas se essas suas Aiel tiverem uma proteção especial, o Povo do Mar também deveria ter. Deixe as Chamadoras ensinarem as garotas delas. As mulheres do Povo do Mar também não devem ser levadas por Aes Sedai contra a sua vontade.

— De acordo. — Egwene cuspiu na palma da mão e estendeu-a, e, após um momento, Elayne cuspiu na dela e sorriu quando as duas apertaram as mãos para selar o pacto.

O sorriso foi sumindo devagar.

— Isso tem a ver com Rand e a anistia dele, Egwene?

— Em parte. Elayne, como esse homem consegue ser tão...? — Não sabia como concluir a frase, e a amiga também não sabia como responder, de qualquer forma. A outra mulher apenas assentiu com um quê de tristeza, talvez também de compreensão, concordância ou ambos.

A porta se abriu, e uma mulher forte trajando lã escura apareceu trazendo uma bandeja de prata com três copos e um jarro de prata de gargalo comprido contendo vinho. Tinha um rosto sofrido, o rosto da mulher de um fazendeiro, mas seus olhos escuros reluziam enquanto ela analisava Egwene e Elayne com um olhar irrequieto. Egwene mal teve tempo de se sentir surpresa ao ver o colar de prata apertado no pescoço da mulher, apesar do vestido sem graça; Nynaeve entrou depois dela e fechou a porta. Devia ter corrido feito o vento, já que havia encontrado tempo para trocar o vestido de Aceita por um de seda azul-marinho bordado com ornamentos dourados ao longo da gola e da bainha. Não era nem de perto tão decotado quanto o que Berelain usava, mas, ainda assim, era consideravelmente mais revelador do que Egwene esperava ver em Nynaeve.

— Essa é *Marigan* — disse Nynaeve, puxando a trança por cima do ombro em um movimento ensaiado. Seu anel dourado da Grande Serpente estava na mão direita.

Egwene teve o impulso de perguntar por que ela enfatizou tanto o nome, quando, de repente, percebeu que o colar de “Marigan” combinava com o bracelete no pulso de Nynaeve. Não conseguiu deixar de encarar. A mulher certamente não se parecia em nada com o que ela esperaria de uma Abandonada. Egwene disse exatamente isso e Nynaeve gargalhou.

— Veja só, Egwene.

Ela fez mais que ver: quase saltou da cadeira e abraçou *saidar*. Tão logo Nynaeve falou, o brilho já envolvia “Marigan”. Apenas por um instante, mas, antes que desaparecesse, a mulher no vestido simples de lã mudou por completo. Mudanças pequenas, na verdade, mas que, somadas, mostravam uma mulher completamente diferente, de traços fortes porém belos, e nem um pouco acabada — uma mulher orgulhosa e até majestosa. Só os olhos permaneciam os mesmos, com um brilho perigoso, mas, apesar de inquietos, Egwene era capaz de acreditar que aquela mulher era Moghedien.

— Como? — Foi tudo o que disse. Egwene escutou com atenção quando Nynaeve e Elayne explicaram como teciam disfarces e invertiam tessituras, mas seus olhos permaneceram em Moghedien. Ela *estava* orgulhosa e cheia de si, orgulhosa por voltar a ser ela mesma.

— Transformem de novo — ordenou Egwene assim que as duas terminaram a explicação. Uma vez mais, o brilho de *saidar* só durou uns poucos instantes e, assim que esvaneceu, não havia tessituras que ela conseguisse enxergar. Moghedien estava acabada e simples outra vez, uma mulher do campo que vivera uma vida difícil e que parecia mais velha do que a idade que tinha. Seus olhos negros fitavam Egwene,

tomados pelo ódio e também, talvez, por asco dela própria.

Ao perceber que ainda abraçava *saidar*, Egwene se sentiu uma tola. Nem Nynaeve nem Elayne haviam abraçado a Fonte. Porém, Nynaeve estava usando aquele bracelete. Egwene se levantou sem tirar os olhos de Moghedien e estendeu a mão. Nynaeve pareceu até ansiosa para tirar aquela coisa do pulso, o que Egwene podia compreender.

Ao entregar o bracelete, Nynaeve disse:

— Ponha a bandeja na mesa, Marigan. E trate de se comportar bem. Egwene tem vivido com os Aiel.

Egwene virou o bracelete prateado em suas mãos, examinando-o, e tentou não sentir um calafrio. Um trabalho de muita astúcia, segmentado de modo tão inteligente que aparentava ser quase sólido. Ela já havia estado na outra extremidade de um *a'dam*. Um artefato Seanchan, com uma corrente de prata ligando o colar ao bracelete, mas, no fim das contas, a mesma coisa. Seu estômago agora estava agitado de um modo que não estivera nem diante do Salão nem da multidão, em um rebuliço que parecia tentar compensar a calma de antes. Em um gesto decidido, fechou o bracelete de prata em torno do pulso. Tinha alguma ideia do que esperar, mas, mesmo assim, quase pulou de susto. As emoções da outra mulher foram reveladas diante dela, além do seu estado físico, tudo reunido em uma porção delimitada de sua mente. Em especial, sentia um medo pulsante, mas o asco de si mesma que Egwene achava que percebera vibrava de maneira quase tão intensa quanto o medo. Moghedien não gostava da sua aparência atual. Talvez não gostasse, em especial, após o breve retorno a quem ela era de fato.

Egwene pensou em quem era aquela mulher diante de seus olhos: uma Abandonada, alguém cujo nome fora usado para atemorizar crianças durante séculos, uma mulher cujos crimes mereciam centenas de vezes a pena de morte. Pensou no conhecimento que havia naquela cabeça. Obrigou-se a sorrir. Um sorriso nada bonito. Não pretendia que fosse, mas acreditava que não teria conseguido mesmo que tivesse tentado.

— Ela falou a verdade. Eu estava vivendo entre os Aiel. Então, se você espera que eu seja tão bondosa quanto Nynaeve e Elayne, trate de esquecer. Dê um único passo em falso comigo e eu vou fazer você implorar pela morte. Só que eu não vou matar você. Só vou encontrar um jeito de tornar esse sofrimento permanente. Por outro lado, se você fizer algo pior que um único passo em falso... — Egwene foi abrindo ainda mais seu sorriso, até deixá-lo absolutamente ameaçador.

O medo ficou tão intenso que sobrepujou todas as outras emoções e chegou a tentar derrubar as paredes daquele espaço delimitado na mente de Egwene. De pé diante da mesa, Moghedien agarrou as saias com os nós dos dedos já esbranquiçados, tremendo visivelmente. Nynaeve e Elayne olhavam para Egwene como se jamais a tivessem visto. Luz, as duas esperavam que ela fosse educada com uma Abandonada? Sorilea amarraria a mulher em uma estaca sob o sol para obrigar

Moghedien a obedecê-la, isso se simplesmente não lhe cortasse a garganta com as próprias mãos.

Egwene se aproximou de Moghedien. A outra mulher era mais alta, mas se curvou para trás, contra a mesa, derrubando os copos de vinho da bandeja e fazendo o jarro balançar. Egwene deixou a voz ainda mais fria — não que a diferença fosse muito grande.

— O dia em que eu perceber qualquer mentira sua, eu juro que executo você eu mesma. Preste atenção. Considerei a hipótese de viajar de um lugar para o outro fazendo um buraco, digamos, daqui até lá. Um buraco através do Padrão, de forma que não haja distância entre uma ponta e a outra. Vai funcionar?

— Não, nem com você nem com qualquer mulher — respondeu Moghedien na hora, sem fôlego. Àquela altura, o medo que fervia dentro dela estava estampado em seu rosto. — Os homens é que Viajam assim. — Ela estava se referindo a um dos Talentos perdidos. — Se você tentar, vai ser sugada para... Não sei o que é aquilo. O espaço entre os fios do Padrão, talvez. Acho que você não sobreviveria por muito tempo. Sei que jamais voltaria.

— Viajar — resmungou Nynaeve com desgosto. — Nunca pensamos em Viajar!

— Não mesmo. — Elayne não parecia mais satisfeita consigo mesma. — Fico me perguntando no que mais nós nunca pensamos.

Egwene as ignorou.

— Como, então? — perguntou com delicadeza. Uma voz calma era sempre melhor que gritaria.

Moghedien se encolheu como se ela tivesse gritado.

— Tornando os dois lugares idênticos no Padrão. Posso mostrar a você. Exige um certo esforço, por causa da... do colar, mas eu posso...

— Assim? — indagou Egwene, abraçando *saidar* e tecendo fluxos de Espírito. Desta vez, não estava tentando tocar no Mundo dos Sonhos, mas esperava um efeito parecido, caso desse certo. O que aconteceu foi bem diferente.

A fina cortina que ela teceu não produziu o efeito tremeluzente esperado e só durou um momento, antes de se fechar e estourar em uma linha vertical que, de repente, virou um rasgo de luz azul prateada. A própria luz se expandiu depressa, ou talvez, como pareceu para ela, se transformou em... algo. Ali, bem no meio do assoalho, havia um... portão, mas que nada tinha a ver com a imagem indistinta que ela tivera de *Tel'aran'rhiod* em sua tenda, um portão que se abria para uma terra tão arrasada pelo sol que a pior seca em Salidar ainda pareceria de uma diversidade exuberante. Pináculos de pedra e picos afiados avultavam-se sobre uma planície empoeirada cor de barro rasgada por fissuras e pontilhada por alguns arbustos de matagal que, mesmo à distância, tinham um aspecto espinhoso.

Egwene ficou encarando o portão. Dava para o Deserto Aiel, na metade do caminho entre o Forte das Pedras Frias e o vale de Rhuidean, um ponto onde era muito improvável que fosse haver alguém para vê-lo — ou se ferir. As precauções

de Rand com seu aposento especial no Palácio do Sol serviram que ela também se precavesse — mas Egwene não tivera certeza se conseguiria alcançá-lo, apenas esperanças, e pensara que o portão consistiria em uma cortina tremeluzente.

— Luz! — respirou Elayne. — Você sabe o que fez, Egwene? Sabe? Eu acho que consigo também. Se você fizer a tessitura de novo, sei que vou me lembrar.

— Se lembrar do quê? — perguntou Nynaeve quase em tom choroso. — Como foi que ela conseguiu? Ah, *maldito* bloqueio idiota! Elayne, dê um chute no meu tornozelo. Por favor.

O rosto de Moghedien tinha ficado quieto demais. A incerteza corria pelo bracelete com quase a mesma intensidade que o medo. Decifrar emoções era bem diferente de ler palavras em uma página, mas aquelas duas estavam claras.

— Quem...? — Moghedien lambeu os lábios. — Quem lhe ensinou isso?

Egwene sorriu como tinha visto as Aes Sedai sorrirem. Ao menos, esperava ter transmitido mistério.

— Nunca tenha tanta certeza de que eu já não saiba a resposta — respondeu, fria. — Lembre-se. Você só vai mentir para mim uma única vez. — De repente, percebeu como aquilo poderia soar para Nynaeve e Elayne. Elas haviam capturado e mantido a mulher prisioneira em meio às circunstâncias mais impossíveis, arrancado dela todo tipo de informação. Virando-se para as duas, Egwene soltou uma risadinha triste. — Me desculpem. Não era a minha intenção tomar as rédeas de nada.

— Por que você deveria se desculpar? — Elayne exibia um largo sorriso. — *Espera-se* que você tome as rédeas, Egwene.

Nynaeve deu um puxão na trança e então olhou para o cabelo.

— Parece que nada funciona! Por que não consigo ficar com raiva? Ah, por mim, você pode ficar com ela. Não conseguimos levá-la para Ebou Dar, afinal. *Por que* eu não consigo ficar com raiva? Oh, sangue e malditas cinzas! — Seus olhos se arregalaram assim que se deu conta do que dissera, e ela cobriu a boca com a palma da mão.

Egwene deu uma olhada para Moghedien. A mulher estava colocando os copos novamente de pé e servindo o vinho com aroma de especiarias doces, mas algo passara pelo bracelete enquanto Nynaeve estava falando. Um choque, talvez? Talvez ela preferisse senhoras que já conhecia, em vez de uma que a ameaçou de morte quase que desde o primeiro instante.

Ouviu-se uma batida firme à porta, e Egwene soltou *saidar* às pressas. A abertura para o Deserto desapareceu.

— Entre.

Siuan deu um passo para dentro do gabinete e parou, analisando Moghedien, o bracelete no pulso de Egwene, Nynaeve e Elayne. Ao fechar a porta, fez uma reverência tão mínima quanto as de Romanda e Lelaine.

— Mãe, vim para instruí-la sobre etiqueta, mas se preferir que eu volte mais tarde... — Suas sobrancelhas se ergueram de modo interrogativo.

— Pode ir — disse Egwene a Moghedien. Se Nynaeve e Elayne a deixavam à solta, o *a'dam* devia limitá-la de alguma maneira, ainda que não tanto quanto uma corrente. Correndo o dedo pelo bracelete, que ela odiava, mas que pretendia usar dia e noite, Egwene prosseguiu: — Mas fique por perto. Vou tratar uma tentativa de fuga como uma mentira. — O medo chegou em borbotões pelo *a'dam* enquanto Moghedien saía apressada. Aquilo poderia ser um problema. Como Nynaeve e Elayne tinham conseguido viver com aquelas torrentes de terror? Em todo caso, era assunto para depois.

Ela encarou Siuan e cruzou os braços.

— Não adianta fazer essa cara, Siuan. Eu sei de tudo. Filha.

Siuan inclinou a cabeça.

— Às vezes, saber algo não dá nenhum tipo de vantagem. Às vezes, significa apenas compartilhar o perigo.

— Siuan! — exclamou Elayne, parte chocada e parte em tom de ameaça, e, para a surpresa de Egwene, a outra mulher fez algo que ela nunca esperara ver Siuan Sanche fazer: ficou ruborizada.

— Você não pode esperar que eu me transforme em outra pessoa da noite para o dia — resmungou a mulher, irritada.

Egwene suspeitou de que Nynaeve e Elayne poderiam ajudar com o que ela tinha que fazer em seguida, mas, se fosse mesmo ser a Amyrlin, Egwene tinha de fazê-lo sozinha.

— Você deve estar louca para tirar esse vestido de Aceita, Elayne. Por que não vai dar um jeito nisso? E depois vá ver o que consegue descobrir sobre Talentos perdidos. Você também, Nynaeve.

As duas se entreolharam, deram uma olhadela para Siuan e se levantaram para fazer reverências perfeitas.

— Como ordenar, Mãe — murmuraram respeitosamente. Siuan não reagiu, apenas se manteve de pé, observando Egwene com uma expressão sarcástica enquanto as duas saíam.

Egwene tornou a abraçar *saidar*, por um breve instante, apenas para fazer a cadeira deslizar de volta para o seu lugar atrás da mesa, e então ajustou a estola e se sentou. Por um longo momento, ficou encarando Siuan em silêncio.

— Preciso de você — disse, por fim. — Você sabe o que é ser a Amyrlin, o que a Amyrlin pode e não pode fazer. Você conhece as Votantes, como elas pensam, o que querem. Preciso de você e pretendo tê-la ao meu lado. Sheriam, Romanda e Lelaine podem achar que eu ainda uso o branco das noviças por debaixo desta estola, e talvez todas elas pensem assim, mas você vai me ajudar a mostrar para elas que não é o caso. Eu não estou pedindo, Siuan. Eu *vou* ter a sua cooperação. — Tudo o que se podia fazer, então, era esperar.

Siuan ficou olhando-a, então balançou de leve a cabeça e riu baixinho.

— Elas cometeram um erro muito grande, não foi? Eu errei primeiro, claro. A

piabinha que elas iam servir como petisco no jantar acaba por se mostrar um lúcio do tamanho da sua perna. — Abrindo bem as saias, fez uma medida profunda, inclinando a cabeça. — Mãe, me permita servi-la e aconselhá-la, por favor.

— Desde que você saiba que é só para aconselhar, Siuan. Já tem gente demais pensando que pode amarrar fios nos meus braços e nas minhas pernas como se eu fosse uma marionete. Não vou aceitar isso de você.

— Eu preferiria tentar amarrar fios em mim mesma — respondeu Siuan, seca. — Sabe, eu nunca gostei muito de você. Talvez fosse porque eu via muito de mim mesma em você.

— Nesse caso — ponderou Egwene em um tom de voz igualmente seco —, pode me chamar de Egwene. Quando estivermos sozinhas. Agora sente-se e me explique por que o Salão ainda está sentado de braços cruzados aqui e como posso colocá-las para trabalhar.

Siuan começou a puxar uma das cadeiras antes de se lembrar de que, naquele momento, poderia movê-la usando *saidar*.

— Elas estão paradas porque, quando descruzarem os braços, a Torre Branca vai estar dividida de verdade. Com relação a como colocá-las para trabalhar, o meu conselho é... — O conselho de Siuan tomou um bom tempo. Parte dele seguiu por caminhos que Egwene já tinha pensado, e todo ele pareceu muito bom.

* * *

Em seu quarto na Pequena Torre, Romanda servia chá de menta para três outras Votantes, só uma delas Amarela. O aposento ficava nos fundos, mas os barulhos da comemoração chegavam até lá. Romanda fazia questão de ignorá-los. Aquelas três estiveram prontas para apoiá-la para o Trono de Amyrlin, e votar pela garota havia sido, acima de tudo, uma maneira de evitar que Lelaine fosse elevada. Lelaine ficaria furiosa se algum dia descobrisse aquilo. Agora que Sheriam tinha posto sua garotinha no Trono, as três ainda estavam dispostas a ouvir. Especialmente após a decisão de elevar Aceitas ao xale por decreto. Aquilo tinha que ser obra de Sheriam. Ela e o grupinho dela haviam mimado as quatro. Fora ideia delas pôr Theodrin e Faolain acima das demais Aceitas, e, certa vez, elas também tinham sugerido o mesmo para Elayne e Nynaeve. Com a testa franzida, ela se perguntava por que Delana estava atrasada, mas deu início à reunião mesmo assim, após tecer alguns selos de proteção no quarto para evitar que alguém as bisbilhotasse com o Poder. Quando chegasse, Delana teria que pegar a conversa pelo meio. O que importava era que Sheriam iria aprender que não tinha tanto poder quanto pensava só por ter conseguido se tornar Curadora.

Em uma casa no outro lado de Salidar, Lelaine estava servindo vinho frio para quatro Votantes, só uma delas da Ajah Azul. Uma tessitura de *saidar* protegia o ambiente contra qualquer um que tentasse ouvir a conversa. Os sons da celebração a fizeram sorrir. As quatro mulheres que a acompanhavam haviam sugerido que ela própria tentasse se tornar o Trono de Amyrlin, e Lelaine não se mostrara relutante, mas se falhasse isso teria significado que, em vez dela, Romanda seria elevada, o que seria tão doloroso quanto ser exilada. Como Romanda rangeria os dentes se descobrisse algum dia que todas haviam votado na garota só para evitar que a estola fosse parar nos ombros da própria Romanda. O que aquelas mulheres tinham se reunido para discutir, porém, era como diminuir a influência de Sheriam, que conseguira tomar para si a estola de Curadora. Que absurda aquela história de elevar Aceitas a Aes Sedai por meio do decreto da garota! O poder tinha subido à cabeça de Sheriam. Conforme a conversa prosseguiu, Lelaine começou a se perguntar onde estaria Delana. Àquela altura, já deveria ter chegado.

Delana estava sentada em seu quarto e encarava Halima, sentada na beira da cama de Delana. O nome Aran'gar jamais deveria ser utilizado. Por vezes, Delana temia que Halima fosse ficar sabendo mesmo que ela apenas pensasse nele. A proteção contra bisbilhotagem com o Poder era pequena, estendendo-se só a elas duas.

— Isso é uma loucura — conseguiu dizer, por fim. — Você não entende? Se eu continuar tentando apoiar todas as facções, mais cedo ou mais tarde elas vão descobrir!

— Todo mundo precisa correr alguns riscos. — A firmeza na voz da mulher contradizia o sorriso naquela boca macia. — E você vai continuar pressionando para Logain ser amansado de novo. Ou isso ou matá-lo. — Uma careta sutil acabou tornando a mulher, de alguma forma, ainda mais bonita. — Se elas algum dia o deixassem sair daquela casa, eu mesma resolveria a questão.

Delana não conseguia imaginar como, mas não duvidaria da mulher até vê-la falhar.

— O que eu não entendo é por que você está com tanto medo de um homem que vive com seis irmãs blindando-o de sol a sol.

Os olhos verdes de Halima ardiam de raiva quando ela se levantou de um pulo.

— Eu não estou com medo, e nunca mais insinue isso! Quero ver Logain apartado ou morto, e isso é tudo o que você precisa saber. Estamos entendidas?

Não foi a primeira vez que Delana considerou matar a outra mulher, mas, como sempre, teve uma incômoda certeza de que seria ela quem morreria. De alguma forma, Halima sabia quando ela abraçava *saidar*, mesmo que a própria Halima não conseguisse canalizar. O pior de tudo era a possibilidade de que, caso falhasse, Halima não a matasse por ainda precisar dela. Delana não conseguia imaginar o que ela poderia fazer em vez disso, mas a vaga ameaça já lhe dava calafrios. Ela deveria conseguir de matar a mulher ali, naquele momento.

— Estamos, Halima — respondeu, mansa, e sentiu ódio de si mesma.

* * *

— Que bondade a sua — murmurou Siuan, segurando a xícara para Lelaine acrescentar um pinguinho de conhaque em seu chá. O sol já se punha, avermelhado, mas as ruas lá fora ainda estavam em polvorosa. — Você não tem ideia do quanto é cansativo tentar ensinar etiqueta àquela garota. Ela parecia achar que, desde que se comportasse como uma Sabedoria da terra dela, tudo estaria bem. Achava que o Salão era como o Círculo das Mulheres ou algo do tipo.

Lelaine emitiu sons compreensivos em cima do próprio chá.

— Você falou que ela estava reclamando de Romanda.

Siuan deu de ombros.

— Sim, ela falou algo sobre Romanda insistir para ficarmos aqui, em vez de marchar contra Tar Valon, pelo que entendi. Luz, a garota tem o gênio de um bica-peixe na época do acasalamento. Fiquei com vontade de agarrar os ombros dela e sacudi-la, mas claro que, agora, é ela que usa a estola. Bem, assim que eu terminar as aulas, não quero mais olhar na cara dela. Você se lembra...?

Sorrindo por dentro, Siuan observou Lelaine sorver suas armadilhas junto com o chá. Só a primeira frase havia sido realmente importante. Aquela parte sobre o temperamento difícil havia sido acréscimo dela, mas poderia servir para fazer algumas das Votantes tomarem um pouco mais de cuidado com Egwene. Além disso, ela suspeitava que pudesse ser verdade. Ela própria jamais voltaria a ser a Amyrlin, e tinha quase certeza de que tentar manipular Egwene seria tão fútil quanto tentar manipulá-la havia sido, e igualmente doloroso, mas ensinar uma Amyrlin a ser Amyrlin... Siuan ansiava por isso como não ansiara por nada em muito tempo. Egwene al'Vere seria uma Amyrlin que faria tronos tremerem.

* * *

— Mas e o meu bloqueio? — questionou Nynaeve, e Romanda franziu a testa para

ela. Elas estavam no quarto da Votante na Pequena Torre, e aquele era o momento em que, de acordo com o esquema montado pelas Amarelas, Romanda deveria recebê-la. A música e as risadas lá fora pareciam irritar a Aes Sedai mais velha.

— Você não estava tão ansiosa para tratar disso antes. Ouvi dizer que você falou para Dagdara que também era Aes Sedai e que ela podia ir atrás de um lago para enfiar a cabeça.

O calor se intensificou no rosto de Nynaeve. Claro que seu gênio difícil sempre tinha que dificultar as coisas.

— Talvez eu só tenha me dado conta de que só porque virei Aes Sedai isso não significa que agora eu seja capaz de canalizar quando quero.

Romanda fungou com desdém.

— Aes Sedai. Seja como for, você ainda tem um longo caminho até chegar lá... Muito bem, então. Algo que ainda não tentamos até agora. Fique pulando num pé só. E conversar. — Ela se sentou numa poltrona entalhada perto da cama, ainda de cara feia. — Podemos fofocar, eu acho. Falar de coisas leves. Por exemplo, sobre o que foi que a Amyrlin disse que Lelaine queria conversar?

Por um momento, Nynaeve fitou-a de volta indignada. Pular num pé só? Aquilo era ridículo! Ainda assim, ela não estava ali por causa do bloqueio. Suspendeu as saias e começou a pular.

— Egwene... a Amyrlin... não falou muita coisa. Algo sobre ter que permanecer em Salidar. — Melhor que aquilo funcionasse, ou Egwene iria ouvir poucas e boas, sendo a Amyrlin ou não.

* * *

— Acho que este aqui vai funcionar melhor, Sheriam — disse Elayne, entregando um anel retorcido com manchas azuis e vermelhas que, naquela manhã, havia sido pedra. Na verdade, não era diferente de nenhum outro que ela confeccionara. Elas estavam afastadas da multidão, na entrada de uma viela estreita iluminada pelo sol vermelho. Em algum ponto atrás delas, músicos tocavam rabecas e flautas.

— Obrigada, Elayne. — Sheriam enfiou o *ter'angreal* na bolsinha do cinto sem nem olhar direito. Elayne finalmente conseguira a atenção de Sheriam quando a mulher fizera uma pausa para descansar da dança. Seu rosto estava um pouco avermelhado por debaixo de toda aquela serenidade de Aes Sedai, mas o olhar verde e límpido que fizera os joelhos de Elayne tremerem em seus tempos de noviça estava fixo no rosto da garota. — Por que eu estou com a sensação de que esse não é o único motivo para você ter vindo falar comigo?

Elayne fez uma careta, revirando o anel da Grande Serpente em sua mão direita. Mão direita. Ela não podia esquecer que agora também era Aes Sedai.

— É sobre Egwene. Quer dizer, sobre a Amyrlin. Ela está preocupada, Sheriam, e eu pensei que talvez você pudesse ajudá-la. Você é a Curadora, e eu *não* sei a quem mais recorrer. Ainda estou um pouco perdida. Você sabe como Egwene é. Não diria um “ai” nem se o pé dela fosse amputado. Creio que o problema seja Romanda, embora ela tenha mencionado Lelaine. Acho que uma delas, ou ambas, não a deixa em paz, querendo que ela prometa ficar aqui em Salidar e não se deslocar por ser perigoso demais.

— É um bom conselho — ponderou Sheriam devagar. — Não sei desse perigo, mas é o conselho que eu mesma daria a ela.

Elayne deu de ombros com ar derrotado.

— Eu sei. Ela me falou que você disse isso, mas... Ela não admitiu com essas palavras, mas acho que Egwene está com um pouco de medo daquelas duas. Eu sei que ela agora é a Amyrlin, mas acho que elas fazem Egwene se sentir como uma noviça. Acho que Egwene tem medo de que, se fizer o que elas querem, mesmo que seja um bom conselho, as duas vão esperar que ela faça o mesmo numa próxima vez. Eu acho... Sheriam, ela está com medo de não conseguir dizer não na próxima vez, caso diga sim agora. E... e eu também estou com medo. Ela é o *Trono* de Amyrlin, Sheriam. Ela não deveria ter que obedecer a Romanda, a Lelaine e nem a ninguém. Só *você* pode ajudá-la. Não sei como, mas você é a única que pode ajudar.

Sheriam ficou quieta por tanto tempo que Elayne começou a achar que a outra mulher iria lhe dizer que tudo aquilo era ridículo.

— Vou fazer o que puder — garantiu Sheriam, por fim.

Elayne sufocou um suspiro de alívio antes de perceber que não teria atrapalhado a atuação.

* * *

Inclinada para a frente, Egwene estava com os braços apoiados nas laterais da banheira de cobre, sem prestar atenção na tagarelice de Chesa, que lhe esfregava as costas. Ela havia sonhado com um banho de verdade, mas o fato era que estar sentada naquela água com sabão, aromatizada com um óleo floral, lhe causava certa estranheza depois das tendas de vapor Aiel. Ela dera seu primeiro passo como Amyrlin, comandara seu exército em desvantagem e iniciara seu ataque. Lembrava-se de ouvir Rhuarc dizer que, uma vez que a batalha começasse, um comandante já não tinha mais nenhum controle sobre os acontecimentos. Àquela altura, tudo o que podia fazer era esperar.

— Mesmo assim — afirmou baixinho para si mesma —, acho que as Sábias estariam orgulhosas.





UM SÚBITO DESÂNIMO

O sol calcinante ainda subia por trás de Mat. Estava feliz por seu chapéu de aba larga lhe garantir uma pequena sombra no rosto. O inverno deixava as árvores da floresta altarana desfolhadas e mais marrons do que seria de se esperar na estação. Pinheiros, folhas-de-couro e outras árvores perenes tinham um aspecto ressequido, enquanto carvalhos, freixos e liquidâmbares estavam completamente pelados. O meio-dia ainda estava por vir, assim como o pior do calor, e o dia já parecia um forno. O manto de Mat estava jogado por cima dos alforjes, mas o suor deixava sua fina camisa de linho grudada no corpo. As patas de Pips esmigalhavam as samambaias mortas e as folhas caídas que cobriam o solo, e o deslocar do Bando fazia o chão da mata estalar. Poucas aves davam as caras, não passando de lampejos rápidos em meio aos galhos, e não se viam esquilos. Havia moscas, no entanto, além de picadinhas, como se se estivesse no auge do verão, e não a menos de um mês da Festa das Luzes. Nada diferente do que Mat encontrara lá no Erinin, na realidade, mas se ver diante daquilo até mesmo naquela região o deixava desconfortável. O mundo inteiro estaria realmente em chamas?

Aviendha ia caminhando ao lado de Pips com sua trouxa às costas, não parecendo incomodada nem com as árvores moribundas nem com as moscas que os picavam, além de fazer muito menos barulho do que o cavalo, apesar das saias. Seus olhos vasculhavam as árvores do entorno como se ela não confiasse nos batedores e flanqueadores do Bando para impedirem que eles caíssem em uma emboscada. Aviendha não aceitara cavalgar nem uma única vez, o que Mat, de qualquer forma, já esperara, sabendo como os Aiel se sentiam em relação a cavalos, mas ela também não criara problemas, a menos que ter afiado sua faca a cada pausa do grupo para descansar pudesse ser encarado como uma provocação. A não ser pelo que acontecera com Olver. Montado no capão cinza que Mat encontrara para ele em

meio aos animais reserva, Olver mantinha um olhar cuidadoso direcionado a ela. O garoto havia tentado matar a mulher com sua faca de cinto logo na segunda noite, gritando a plenos pulmões que os Aiel haviam matado seu pai. Claro que Aviendha só desarmou o menino, mas mesmo depois de Mat tê-lo rendido e tentado explicar a diferença entre os Shaido e os outros Aiel — algo que Mat não tinha certeza nem se ele próprio compreendia —, Olver passava o tempo todo olhando para ela. Não gostava dos Aiel. Aviendha, por sua vez, também parecia incomodada com o garoto, o que Mat não entendia nem um pouco.

As árvores eram altas o bastante para ter permitido que uma brisa soprasse sob a esparsa cobertura vegetal acima deles, mas o estandarte da Mão Vermelha pendia inerte, assim como os dois que Mat desenterrara na outra noite, tão logo Rand os mandara por aquele portão até um prado escuro: um estandarte do Dragão, a figura vermelha e dourada escondida nos vincos brancos, e um daqueles que o Bando chamava de Estandarte de al'Thor, o antigo símbolo das Aes Sedai, felizmente também encolhido pela falta de vento. Um porta-estandarte grisalho trazia o da Mão Vermelha, um sujeito de olhos estreitos e com mais cicatrizes que Daerid que insistia em carregar o estandarte por algumas horas diariamente, o que poucos porta-estandartes faziam. Talmanes e Daerid haviam escolhido homens do segundo esquadrão para carregar os outros dois, jovens de rosto saudável que se mostraram firmes o bastante para assumir aquela pequena responsabilidade.

Fazia três dias que eles atravessavam Altara, três dias na floresta sem o menor sinal de um único Devoto do Dragão — ou de ninguém mais, aliás —, e Mat torcia para que continuassem assim por pelo menos aquele quarto dia antes de chegarem a Salidar. Além das Aes Sedai, Mat não sabia como faria para evitar que Aviendha avançasse na garganta de Elayne. Ele tinha um palpite sobre por que ela vivia amolando aquela faca, cujo gume cintilava feito pedras preciosas. Temia acabar precisando levar a Aiel presa até Caemlyn, com a maldita Filha-herdeira exigindo, a cada passo da jornada, que ele a enforcasse. Rand e suas malditas mulheres! Na opinião de Mat, qualquer coisa que atrasasse o Bando e o mantivesse longe da enrascada que ele esperava enfrentar em Salidar era uma boa. Parar cedo e marchar tarde ajudava. Bem como os carroções com mantimentos ao fim da coluna, deslocando-se lentamente pela floresta. Mas o Bando não viajava devagar o suficiente. Em pouco tempo, Vanin com certeza encontraria algo.

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Mat, o batedor gorducho surgiu em meio às árvores mais adiante acompanhado de quatro cavaleiros. Ele havia partido com seis antes do amanhecer.

Mat ergueu o punho cerrado para sinalizar uma parada, e murmúrios percorreram a coluna. Sua primeira ordem ao sair do portão havia sido “nada de tambores, nada de trompetes, nada de flautas e nenhuma maldita cantoria”, e, se no começo houvera alguns rostos desalentados, após o primeiro dia de viagem por aquele terreno de mata fechada, onde nunca era possível enxergar com clareza a mais de cem

passadas, as objeções cessaram.

Com a lança repousada atravessada na sela, Mat esperou até que Vanin parasse e, em um gesto casual, levasse o punho à testa.

— Encontrou?

Ainda montado em seu cavalo, o homem quase careca se inclinou para um dos lados para cuspir pelo espaço entre dois dentes. Suava tanto que parecia prestes a derreter.

— Encontrei. A oito ou dez milhas a oeste. Há Guardiões por aquelas bandas. Vi um capturar Marr. Surgiu do nada com um daqueles mantos de camuflagem e o varreu do alto da sela. Bateu bastante nele, mas acho que não matou. Ladwin também não apareceu mais, imagino que pelo mesmo motivo.

— Então elas sabem que estamos aqui. — Com força, Mat soltou ar pelo nariz. Não esperava que nenhum homem fosse conseguir esconder qualquer informação dos Guardiões, e menos ainda das Aes Sedai. Bem, elas acabariam sabendo, mais cedo ou mais tarde. Mat só desejara que fosse mais tarde. Ele tentou matar uma mosca-azul, que escapou e saiu zumbindo após deixar um pontinho de sangue em seu pulso. — Quantas?

Vanin cuspiu de novo.

— Mais do que eu esperava. Cheguei na aldeia a pé e vi aqueles rostos de Aes Sedai por toda parte. Duzentas, talvez trezentas. Ou quatrocentas. Eu não quis ser óbvio demais e perder tempo contando. — Antes que Mat tivesse tempo de assimilar aquele golpe, o homem deu outro. — Elas também têm um exército. Acampado principalmente ao norte. Maior que o seu. Talvez com o dobro do tamanho.

Enquanto isso, Talmanes, Nalesean e Daerid haviam cavalgado até ali em cima, suando e tentando — sem sucesso — espantar moscas e picadinhas.

— Vocês ouviram? — perguntou, e os três assentiram de modo sombrio. Sua sorte para as batalhas era ótima, mas uma desvantagem de dois para um, além das Aes Sedai, podia derrotar a sorte de qualquer um. — Não estamos aqui para lutar — lembrou ele, mas não houve mudança nos semblantes ansiosos. O lembrete, aliás, também não o ajudou a se sentir melhor. O que importava era se as Aes Sedai queriam ou não que o exército delas lutasse.

— Preparem o Bando para o caso de sofrermos um ataque — ordenou ele. — Desmatem o máximo que puderem e usem os troncos para montar barricadas. — A careta de Talmanes foi quase tão feia quanto a de Nalesean. Eles gostavam de lutar montados e em movimento. — Pensem. Pode haver Guardiões nos observando neste exato momento. — Mat ficou surpreso ao ver Vanin assentir e dar uma olhada significativa para a direita deles. — Se virem que estamos nos preparando para nos defender, então vai ficar claro que não pretendemos atacar. Pode ser que isso faça com que eles decidam nos deixar em paz, e, caso isso não ocorra, pelo menos vamos estar prontos. — Aquilo fez sentido mais rápido para Talmanes que para Nalesean. Daerid já estava assentindo desde o início.

Enrolando sua barba oleada, Nalesean resmungou:

— E depois você pretende fazer o quê? Apenas sentar e esperar por eles?

— É isso que vocês vão fazer — informou Mat. *Que a Luz queime Rand e suas “mais para cinquenta Aes Sedai”! Que a Luz queime Rand e seu “basta chegar dizendo” isso ou aquilo!* Ter que ficar ali esperando alguém da aldeia aparecer e perguntar quem eles eram e o que queriam parecia uma ideia muito boa. Nada de contar com seus poderes de *ta'veren*. Qualquer possível batalha teria que ir atrás dele. Não era ele que iria atrás.

— Eles estão para lá? — perguntou Aviendha, apontando. Sem esperar resposta, pôs a trouxa nas costas e partiu em direção ao oeste.

Mat ficou olhando para a mulher. *Malditos Aiel*. Era provável que algum Guardião também tentasse capturá-la e se arrependesse amargamente. Ou talvez não, Guardiões sendo como eram. Se ela tentasse esfaquear um deles, era possível que o Guardião a ferisse. Além disso, se ela encontrasse Elayne primeiro e as duas comesçassem a puxar os cabelos uma da outra por causa de Rand, ou, pior, se a Aiel resolvesse esfaquear a Filha-herdeira... Aviendha ia caminhando depressa, quase correndo, doida para chegar a Salidar. *Sangue e malditas cinzas!*

— Talmanes, você está no comando até eu voltar. Só arredem o pé daqui se alguém pular com as duas botas em cima do Bando. Esses quatro vão contar a você o que talvez tenha que encarar. Vanin, você vem comigo. Olver, fique junto de Daerid para o caso de ele precisar mandar mensagens. Você pode ensinar a ele a jogar Cobras e Raposas — acrescentou, com um sorrisinho para Daerid. — Ele me disse que gostaria de aprender. — Daerid ficou boquiaberto, mas Mat já estava indo embora. Seria ótimo se um Guardião acabasse arrastando-o para Salidar com um galo na cabeça. Como diminuir as chances de aquilo acontecer? Os estandartes lhe chamaram a atenção. — Você, fique aqui — disse ele para o porta-estandarte grisalho. — Vocês dois, venham comigo. E mantenham essas coisas enroladas.

O pequeno e estranho destacamento de Mat logo alcançou Aviendha. Se havia alguma coisa que podia convencer os Guardiões a deixá-los passar desimpedidos era olhar para eles. Uma mulher e quatro homens não representavam ameaça alguma, ainda mais quando não faziam o menor esforço para se esconder, com dois estandartes a tiracolo. Ele passou pelos homens do segundo esquadrão. Ainda não havia brisa alguma, mas eles mantinham os estandartes presos aos mastros. Seus rostos estavam tensos. Só um tolo iria querer passar a cavalo em meio às Aes Sedai e ver aqueles troços se desfraldarem com uma brisa súbita.

Aviendha olhou para Mat de soslaio e então tentou tirar a bota dele do estribo.

— Me deixe subir — ordenou ela, rude.

Por que, sob a Luz, ela agora queria ir a cavalo? Bem, ele não iria deixá-la montar aos trancos e barrancos e, muito provavelmente, derrubá-lo da sela. Já tinha visto Aiel montarem num cavalo uma ou duas vezes. Não era uma cena bonita.

Mat deu outro tapa em uma mosca, inclinou-se e pegou a mão dela.

— Segure-se — disse ele, puxando-a para cima com um grunhido e colocando-a atrás dele. Aviendha era quase da altura dele, e pesada. — Coloque o braço em torno da minha cintura. — Ela só olhou para ele e ficou se retorcendo de um jeito esquisito até se sentar com uma perna para cada lado, a pele nua acima dos joelhos, mas sem se mostrar minimamente preocupada com aquilo. Belas pernas, mas Mat não se envolveria com nenhuma outra Aiel, mesmo que ela não estivesse caidinha por Rand.

Depois de um tempo, Aviendha falou às costas dele:

— O garoto, Olver. Os Shaido mataram o pai dele?

Mat assentiu sem virar o rosto. Será que ao menos veria algum Guardião antes que fosse tarde demais? À frente do grupo, Vanin, como sempre, cavalgava arriado feito uma saca de sebo, mas com os olhos atentos a tudo.

— A mãe dele morreu de fome? — continuou ela.

— Isso, ou de alguma doença. — Os Guardiões usavam aqueles mantos que podiam se camuflar em qualquer lugar. Era possível passar bem na frente deles sem nem saber. — Olver não foi muito claro e eu não fiquei pedindo detalhes. Ele mesmo a enterrou. Por quê? Você acha que deve algo a ele pelos Aiel terem matado sua família?

— Dever algo a ele? — Ela soou assustada. — Não matei nenhum deles, e, se tivesse matado, eram Assassinos da Árvore. Como eu poderia ter *toh*? — Sem fazer nenhuma pausa, seguiu em frente como se estivesse apenas continuando a frase. — Você não cuida direito dele, Mat Cauthon. Eu sei que homens não entendem nada a respeito de criar crianças, mas ele é jovem demais para passar todo o tempo com homens adultos.

Mat ficou sem reação. Aviendha tinha tirado o lenço e estava ocupada passando um pente de pedra-verde polida nos cabelos avermelhados. Toda a sua concentração parecia estar naquilo. Naquilo e em não cair. Ela também colocara um colar de prata trabalhado e um bracelete largo de marfim entalhado.

Mat balançou a cabeça e voltou a examinar a floresta. Aiel ou não, todas as mulheres eram iguais em alguns aspectos. *O mundo pode estar acabando e mesmo assim uma mulher vai querer um tempo para ajeitar o cabelo. O mundo pode estar acabando e mesmo assim uma mulher vai ter tempo de apontar para um homem alguma coisa que ele fez errado.* Isso teria sido o suficiente para fazê-lo sorrir, se ele não estivesse ocupado demais imaginando se os Guardiões não estariam observando-o naquele exato momento.

O sol atingiu o zênite e já começava a descer no momento em que a floresta terminou abruptamente. Menos de cem passadas de área desmatada a separavam das árvores da aldeia e, a julgar pelo aspecto do solo, não fazia muito tempo que havia sido desbastado. Salidar era uma aldeia de tamanho considerável de edificações cinzentas de pedra e telhados de palha, e as ruas estavam movimentadas. Mat vestiu seu manto. Da melhor lã verde, bordado em ouro nos punhos e na gola alta, deveria

ser um traje suficientemente adequado para um encontro com as Aes Sedai. Mat, no entanto, o deixou aberto. Não morreria de calor nem pelas Aes Sedai.

Ninguém tentou detê-lo quando o grupo adentrou a cavalo, mas as pessoas interromperam o que faziam e todos os olhos se voltaram para Mat e sua pequena e estranha comitiva. Elas sabiam, então. Todos sabiam. Ele desistiu de contar os rostos de Aes Sedai quando a soma atingiu cinquenta, número ao qual chegou rápido demais para conseguir qualquer paz de espírito. Não havia soldados na multidão, a menos que contasse com os Guardiões, alguns trajando aqueles mantos que pareciam mudar de cor e outros correndo os dedos pelo punho da espada conforme os observavam passar. A ausência de soldados na aldeia significava simplesmente que todos estavam nos acampamentos que Vanin mencionara. Todos os soldados acampados significava que eles estavam se preparando para fazer alguma coisa. Mat esperava que Talmanes estivesse seguindo suas instruções. Talmanes tinha algum juízo, mas poderia estar quase tão ansioso para partir para o ataque contra alguém quanto Nalesean. Mat preferiria ter deixado Daerid no comando — Daerid já presenciara batalhas demais para ficar ansioso —, mas o nobre jamais teria aceitado. Parecia que em Salidar também não havia nenhuma mosca. *Talvez elas saibam de algo que eu não sei.*

Uma mulher atraiu sua atenção, uma bela mulher com roupas estranhas, largas calças amarelas e um casaco branco curto, seu cabelo dourado preso numa elaborada trança que ia até a cintura. Carregava um arco, o que era bem curioso. Não eram muitas as mulheres que optavam pelo arco. Ela percebeu que o homem a observava e se esgueirou por uma viela estreita. Algo nela lhe pareceu familiar, mas Mat não sabia dizer o quê. Esse era um problema de todas aquelas lembranças antigas. Ele sempre via pessoas que o faziam recordar de alguém que já estava morto havia mais de mil anos quando, por fim, identificava quem era. Talvez já tivesse até visto alguém parecido com ela. Aquelas lacunas nas lembranças da própria vida eram confusas e tortuosas. *É provável que seja mais uma Caçadora da Trombeta*, pensou ele com sarcasmo, e tirou-a da mente.

Não fazia sentido continuar montado esperando alguém falar com ele. Mat tinha a impressão de que ficaria esperando até ter cabelos brancos. Puxou as rédeas e meneou a cabeça para uma mulher magra de cabelo escuro, que ergueu um olhar frio e questionador em sua direção. Bonita, mas magra demais para o gosto dele, mesmo sem aquele rosto de idade indefinida. Quem queria ossos lhe espetando toda vez que desse um abraço?

— Meu nome é Mat Cauthon — disse ele em um tom de voz neutro. Se ela esperava reverências e um tom respeitoso era melhor esperar sentada, mas mostrar-se hostil também seria tolice. — Estou procurando Elayne Trakand e Egwene al’Vere. Ou então Nynaeve al’Meara. — Rand não a mencionara, mas Mat sabia que ela tinha ido com Elayne.

Surpresa, a Aes Sedai pestanejou, mas logo recobrou a serenidade. Analisou Mat

e os demais um a um, detendo-se em Aviendha, e então passou tanto tempo olhando para os homens do esquadrão que Mat ficou se perguntando se ela conseguia divisar o Dragão e o disco preto e branco pelo tecido dobrado.

— Sigam-me — disse, por fim. — Vou ver se o Trono de Amyrlin pode recebê-los. — Segurou as saias e partiu rua acima a passos rápidos.

Quando Mat esperou Pips para fazê-lo seguir a mulher, Vanin deixou seu baio ficar para trás, resmungando:

— Pedir qualquer coisa para uma Aes Sedai nunca é uma boa ideia. Eu poderia ter mostrado a você aonde ir. — Ele moveu a cabeça na direção de uma construção de pedra de três andares logo à frente. — Elas chamam o lugar de Pequena Torre.

Mat deu de ombros de um jeito desconfortável. Pequena Torre? E elas tinham alguém ali que chamavam de Trono de Amyrlin? Ele duvidava de que a mulher estivesse se referindo a Elaida. Rand estava enganado de novo. Estas mulheres não estavam apavoradas. Estavam malucas, convencidas demais para sentir medo.

Diante da construção de pedra, a Aes Sedai magricela afirmou categoricamente:

— Esperem aqui. — E desapareceu porta dentro.

Aviendha deslizou para o chão e Mat foi logo fazendo o mesmo, pronto para agarrá-la caso aquela Aiel maluca tentasse sair em disparada. Mesmo que lhe custasse um pouco de sangue, ele não iria permitir que Aviendha saísse correndo e cortasse a garganta de Elayne antes que ele pudesse falar com essa tal Amyrlin. Mas a Aiel só ficou ali parada, os olhos fixos à frente, as mãos cruzadas à cintura e o xale jogado por cima dos ombros. Dava a impressão de estar absolutamente tranquila, mas Mat achava que ela também poderia muito bem estar apavorada. Se tivesse um pingo de juízo, ela estaria. Eles haviam atraído uma multidão.

Mais Aes Sedai apareceram, cercando-os contra a entrada da sua Pequena Torre, fitando-o em silêncio, e, quanto mais tempo ele passava ali, mais grosso ficava o arco de mulheres. Na verdade, elas pareciam tão interessadas em Aviendha quanto nele, mas Mat podia sentir cada um daqueles olhares frios e indecifráveis. Foi por pouco que não correu os dedos pela cabeça de raposa de prata pendurada sob a camisa.

Uma Aes Sedai sem qualquer expressão no rosto abriu caminho até a frente da multidão, conduzindo uma jovem esbelta de olhos grandes que trajava branco. Mat se lembrava vagamente de Anaiya, mas ela mal reparou nele.

— Tem certeza, criança? — perguntou ela para a noviça.

A boca da jovem se comprimiu um pouco, mas ela não deixou a irritação transparecer em sua voz.

— Ele ainda parece reluzir, ter um brilho. Eu estou enxergando, sim. Só não sei por quê.

Anaiya abriu um sorriso satisfeito para a garota.

— Ele é *ta'veren*, Nicola. Você descobriu seu primeiro Talento. Você é capaz de enxergar *ta'veren*. Agora, de volta para a aula. Rápido. Você não vai querer ficar

para trás. — Nicola fez uma medida profunda e, com uma última olhadela para Mat, adentrou a multidão de Aes Sedai que os cercava e foi embora.

Anaiya, então, voltou sua atenção para Mat com um daqueles olhares de Aes Sedai cujo objetivo era desestabilizar um homem. E foi exatamente o que ela fez. Claro que algumas Aes Sedai sabiam a respeito dele — algumas sabiam bem mais do que ele gostaria e, parando para pensar, ele se lembrou de que Anaiya era uma dessas —, mas ouvir aquilo ser anunciado daquela maneira, diante de só a Luz sabia quantas mulheres com aqueles olhos frios de Aes Sedai... Suas mãos alisaram o cabo entalhado da lança. Com ou sem cabeça de raposa, elas estavam em número suficiente para simplesmente pôr as mãos nele e carregá-lo para onde quisessem. *Malditas Aes Sedai! Maldito Rand!*

Mat, no entanto, só reteve o interesse de Anaiya por um momento. Aproximando-se de Aviendha, ela disse:

— E qual é o seu nome, criança? — Seu tom de voz era agradável, mas deixava claro que ela esperava uma resposta.

Aviendha encarou-a de frente, uma cabeça mais alta e usando cada fio de cabelo a seu favor.

— Sou Aviendha, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad.

A boca de Anaiya ensaiou um leve sorriso por conta daquele quê de desafio.

Mat ficou se perguntando quem iria vencer aquele duelo de olhares, mas, antes que pudesse fazer uma aposta consigo mesmo, uma outra Aes Sedai se juntou a elas, uma mulher cujas maçãs do rosto ossudas sugeriam certa idade, apesar das bochechas sem rugas e do cabelo castanho brilhoso.

— Garota, você sabia que, no caso, é capaz de canalizar?

— Sabia — respondeu Aviendha, curta e grossa, fechando a boca em seguida como se não pretendesse dizer mais nada. Concentrou-se em ajustar o xale, mas já dissera o bastante. As Aes Sedai cercaram-na feito abelhas, empurrando Mat para longe.

— Quantos anos você tem, criança?

— Você é muito forte, mas poderia aprender muito mais como noviça.

— Morrem muitas garotas Aiel de uma doença misteriosa quando ainda são alguns anos mais jovens que você?

— Há quanto tempo você...?

— Você poderia...

— Você deveria mesmo...

— Você tem que...

Nynaeve surgiu tão de repente à porta que pareceu ter brotado no ar. Com os punhos apoiados na cintura, encarou Mat.

— O que você está fazendo em Salidar, Matrim Cauthon? Como chegou aqui? Acho que é pedir demais que você tenha alguma coisa a ver com esse exército de Devotos do Dragão que está prestes a nos atacar.

— Na verdade — retrucou ele, seco —, eu estou no comando.

— Você...! — Nynaeve ficou ali de pé boquiaberta e então se recompôs, puxando o vestido azul como se precisasse ajustá-lo. Era mais revelador do que qualquer outro que Mat se recordava de tê-la visto usando antes, o bastante para ostentar algo que podia ser chamado de decote, com arabescos amarelos ao redor da gola e da bainha. Totalmente diferente do que ela usara em casa. — Bem, venha comigo — disse ela com firmeza. — Vou levar você até a Amyrlin.

— Mat Cauthon — chamou Aviendha, a respiração um pouco sôfrega. Olhava por cima e para um lado e para o outro das Aes Sedai tentando encontrá-lo. — Mat Cauthon. — Apenas isso, mas, para uma Aiel, parecia desesperada.

As Aes Sedai que a cercavam continuavam a falar, as vozes calmas, ponderadas e implacáveis.

— Para você, o melhor seria...

— Você precisa considerar...

— É bem melhor...

— Nem cogite...

Mat deu um sorrisinho. Ela poderia sacar sua faca em um instante, mas, em meio àquela multidão, ele duvidou de que lhe seria de grande serventia. Aviendha não sairia à caça de Elayne tão cedo, isso era certo. Mat se perguntou se a encontraria usando um vestido branco quando voltasse, então arremessou sua lança para Vanin e disse:

— É só mostrar o caminho, Nynaeve. Vamos lá falar com essa sua *Amyrlin*.

Ela olhou para ele com a testa muito franzida e o levou para dentro dando puxões em sua trança e resmungando — apenas em parte consigo mesma:

— Isso é coisa de Rand, não é? Eu sei que é. Deve ter dedo dele nessa história. Mas que ideia, quase matou todo mundo de susto. Olhe bem por onde anda, *Senhor General* Cauthon, ou eu juro que você vai desejar que eu tivesse pego você roubando mirtilos de novo. Ele deixou todo mundo apavorado! Até mesmo um homem deveria ter mais juízo! E tire esse sorrisinho da cara agora mesmo, Mat Cauthon. Não sei o que ela vai achar disso tudo.

Havia Aes Sedai nas mesas lá dentro — parecia o salão de uma estalagem para Mat, mesmo com aquelas mulheres sérias rabiscando ou dando ordens a criados —, mas elas não fizeram mais do que dar uma olhadela para ele e Nynaeve quando ambos atravessaram o ambiente. A cena ilustrava bem o nível do espetáculo que elas estavam apresentando ali. Uma Aceita passou resmungando sozinha e nenhuma das Aes Sedai a repreendeu. Mat ficara na Torre pelo menor tempo que pôde, mas sabia que aquele não era o modo como as Aes Sedai tocavam suas atividades.

Nos fundos do aposento, Nynaeve empurrou uma porta em condições ruins. Tudo lá dentro estava em condições ruins, para dizer a verdade. Mat entrou logo depois... e ficou paralisado. Ali estava Elayne, linda de morrer com aqueles cabelos dourados, mas com aquele seu ar de importância costumeiro, em um vestido de seda verde com

gola alta rendada e exibindo um daqueles sorrisos condescendentes, as sobrancelhas erguidas para ele. E ali estava Egwene, sentada atrás de uma mesa, um sorriso inquisitivo no rosto. E uma estola com sete listras por sobre o vestido amarelo-claro. Mat deu uma rápida espreitada lá fora e fechou a porta antes que alguma Aes Sedai pudesse olhar para dentro.

— Talvez vocês achem isso engraçado — rosnou ele, atravessando o trecho atapetado o mais rápido que conseguiu —, mas elas vão arrancar o couro de vocês se descobrirem essa brincadeira. Elas *nunca* vão deixar vocês irem embora, nenhuma de vocês, se... — Arrancando a estola do pescoço de Egwene, ele começou a arrastá-la da cadeira... e a cabeça de raposa de prata ficou fria como a morte em seu peito.

Mat deu um último empurrãozinho para afastar Egwene da mesa e fitou as três. Egwene só o olhou, perplexa, mas Nynaeve ficou boquiaberta, e os enormes olhos azuis de Elayne pareciam prestes a saltar das órbitas. Uma delas havia tentado usar o Poder contra ele. A única coisa boa que resultara da jornada dele dentro daquele *ter'angreal* era o medalhão com a cabeça de raposa. Mat supunha que o objeto também só podia ser um *ter'angreal*, mas, ainda assim, estava grato por ele. Desde que o medalhão estivesse tocando sua pele, o Poder Único não podia atingi-lo. Pelo menos não *sair*. Ele já tivera mais provas disso do que gostaria. O medalhão ficava frio sempre que alguém tentava.

Arremessando a estola e seu chapéu em cima da mesa, Mat fez menção de se sentar, mas precisou de uma pausa rápida para tirar algumas almofadas da cadeira e jogá-las no chão. Descansou uma das botas em cima da mesa e ficou olhando para aquelas tolas.

— Vocês vão precisar dessas almofadas se essa tal Amyrlin descobrir essa brincadeirinha de vocês.

— Mat — começou Egwene com a voz firme, mas ele a interrompeu.

— Não! Se você quisesse falar, deveria ter falado, em vez de me atacar com o seu maldito Poder. Agora você vai ouvir.

— Como você...? — quis saber Elayne, admirada. — Os fluxos simplesmente... desapareceram.

Quase no mesmo instante, Nynaeve se pronunciou num tom ameaçador:

— Mat Cauthon, você está cometendo o maior...

— Eu mandei vocês ouvirem! — Ele apontou para Elayne. — Você eu vou levar de volta para Caemlyn, isso se conseguir salvá-la de Aviendha. Se não quiser que cortem esse seu pescocinho esbelto, é melhor não sair da minha vista e fazer o que eu mandar, sem questionar! — O dedo passou a apontar para Egwene. — Rand disse que vai mandá-la de volta para as Sábias se você quiser, e se o que eu vi até agora é alguma indicação dos problemas em que estão prestes a se meter, acho melhor você aceitar e arrumar as malas agora mesmo! Como parece que você sabe Viajar — Egwene se sobressaltou —, pode abrir um portão até Caemlyn para o Bando. Não

quero discussão, Egwene! E você, Nynaeve! Eu devia deixá-la aqui, mas, se quiser vir junto, pode vir. Mas vou logo avisando: puxe essa sua trança uma única vez para mim e eu juro que deixo esse seu traseiro ardido!

As três encaravam-no como se chifres de Trolloc tivessem brotado em sua testa, mas pelo menos se mantiveram de boca fechada. Talvez ele tivesse conseguido enfiar um pouco de juízo na cabeça delas. Não que qualquer uma delas fosse lhe agradecer algum dia por ter salvado seus couros. Ah, não, elas não. Como de costume, diriam que teriam pensado em um plano sozinhas com só um pouquinho mais de tempo. Aquelas mulheres eram capazes de dizer que você estava se metendo onde não era chamado quando as salvava de uma masmorra, então Mat esperava qualquer coisa delas.

Mat tomou fôlego e continuou:

— É o seguinte: quando a pobre coitada que elas escolheram para ser a Amyrlin aparecer aqui, deixem que eu falo. Ela não deve ser das mais espertas, ou elas nunca teriam conseguido enfiá-la na função. Que ideia mais ridícula, o Trono de Amyrlin de uma aldeia no meio do nada. Tratem de ficar de boca fechada, façam suas melhores medidas e deixem que eu tiro vocês dessa confusão. — Elas só ficaram olhando. Ótimo. — Já sei tudo sobre o exército dela, mas também tenho o meu. Se ela for louca o bastante para achar que é capaz de tirar a Torre de Elaida... Bem, duvido de que ela se arrisque a sofrer baixas só para manter vocês três aqui. Abra o tal do portão, Egwene, e eu deixo vocês três em Caemlyn amanhã, ou no máximo no dia seguinte, e aí essas malucas podem ir ser mortas por Elaida, se é o que querem. Talvez vocês até tenham companhia. Não é possível que sejam todas loucas. Rand está disposto a oferecer um refúgio. Basta uma medida aqui, um juramento de lealdade a ele ali e Rand vai evitar que Elaida enfie a cabeça delas em estacas na frente de Tar Valon. Elas não podem pedir mais que isso. Então? Algo a declarar? — Até onde Mat pôde ver, as três nem piscaram. — Um simples “Obrigada, Mat” já basta. — Nenhuma palavra. Nem uma piscadinha.

Uma tímida batida à porta foi seguida por uma noviça, uma linda garota de olhos verdes que fez uma medida profunda, os olhos bem abertos em total veneração.

— Me mandaram ver se desejava algo, Mãe. Para o... general. Vinho ou... ou...

— Não, Tabiya. — Egwene puxou a estola listrada de baixo do chapéu de Mat e arrumou-a nos ombros. — Quero falar a sós com o *General* Cauthon um pouco mais. Diga a Sheriam que vou mandar chamá-la daqui a pouco para me aconselhar.

— Feche essa boca, Mat, antes que você engula uma mosca — disse Nynaeve, em um tom de voz repleto de satisfação.





POSSIBILIDADES

Ajustando a estola, Egwene examinou Mat. Esperara vê-lo com cara de urso encurralado, mas ele só parecia perplexo e suado. Havia tantas perguntas que ela desejava fazer — Como Rand descobriu onde ficava Salidar? Como sabia que ela aprendera a Viajar? O que Rand achava que estava fazendo? —, mas não iria fazê-las. Mat e seu Bando da Mão Vermelha a tinham deixado com a mente em turbilhão. Talvez Rand tivesse lhe entregado um presente dos céus.

— A minha cadeira — pediu ela, calma. Torcia para que Mat tivesse percebido que ela não estava suando, assim como Elayne e Nynaeve. A segunda suava um pouquinho, na verdade. Siuan ensinara o truque, que não tinha nada a ver com o Poder; era só uma questão de se concentrar de um certo modo. Nynaeve ficara bem zangada por Siuan não ter lhes ensinado antes, o que não era surpresa, mas a mulher só fez responder com toda a calma que aquele conhecimento se destinava às Aes Sedai, não às Aceitas. Até então, Egwene tinha conseguido controlar os pensamentos de modo adequado quando havia irmãs por perto, e o rosto sereno, em vez de suado, de fato parecia ajudar no comportamento delas. De algumas delas. Deveria funcionar às maravilhas com Mat. Isso se algum dia ele parasse de ficar só olhando fixo para ela e a enxergasse de verdade. — Mat? A minha cadeira.

Ele se sobressaltou, então se levantou e se afastou para o lado, sem dar um pio e com os olhos indo de Egwene para Elayne e para Nynaeve como se elas fossem algum tipo de quebra-cabeças. Bem, Nynaeve e Elayne também estavam olhando para ele quase da mesma forma, e com certeza tinham motivos melhores para tal.

Egwene sacudiu o pó das almofadas antes de recolocá-las na cadeira. Lembrou-se de Chesa com carinho. Depois de dois dias, já não precisava mais das almofadas macias, não muito, mas ou ela abria mão de tomar banho ou as aceitava até que as manchas roxas sumissem por completo. Se Egwene mandasse, Chesa retiraria as

almofadas. Rosto suado ou sereno, ela era o Trono de Amyrlin, perante o qual reis e rainhas se curvavam, embora nenhum tivesse feito isso ainda. Era ela quem faria Elaida ser julgada e executada, normalizando a situação da Torre Branca e, conseqüentemente, do mundo. Chesa lhe obedeceria, mas lançaria olhares tão sentidos e acusatórios por ter sido impedida de cuidar dela que deixar as almofadas ali era bem mais fácil de suportar.

Ela se ajeitou na cadeira com as mãos sobre a mesa e disse:

— Mat...

— Isso é mesmo uma loucura, sabia? — interrompeu ele, em voz baixa. Baixa, mas bem firme. — Vão acabar cortando a sua cabeça, Egwene. A de todas vocês. Vão cortar... as cabeças... de vocês.

— Mat — interveio ela num tom mais severo, mas ele seguiu em frente.

— Olha, vocês ainda podem sair dessa. Se elas pensam que você é a Amyrlin, você pode ir comigo para... inspecionar o Bando. Aí você abre um portão e nós vamos embora antes que essa cambada de lunáticas com cérebro de cabra consiga piscar.

Nynaeve vira com os próprios olhos que Mat era imune a *saidar*, mas já lidara com homens teimosos muito antes de ter aprendido a canalizar. Rosnando um “Deixar *o meu* traseiro ardido?” abafado que Egwene achou que não era para ter sido ouvido, Nynaeve levantou as saias e deu um pontapé certo no traseiro *dele*, com tanta força que Mat cambaleou até a parede, onde se apoiou com uma das mãos. Elayne deixou escapar o início de uma gargalhada que foi imediatamente sufocada, embora a Filha-herdeira continuasse balançando com o esforço de se conter, os olhos ainda risonhos.

Egwene mordeu o lábio para também abafar o riso. A cena foi cômica, de fato. Mat virou a cabeça devagar para encarar Nynaeve, os olhos arregalados em um misto de indignação e ultraje. Em seguida, suas sobrelanceiras baixaram e, endireitando o manto desabotoado, ele começou a caminhar lentamente em direção a ela. Lentamente porque estava mancando. Egwene cobriu a boca. Gargalhar não seria bom mesmo.

Nynaeve se empertigou, e, então, talvez, algumas coisas lhe tenham ocorrido. Ela podia estar zangada o suficiente para canalizar, mas *saidar* parecia não surtir efeito com ele. Mat era alto para um homem de Dois Rios, bem mais alto que ela, além de bem mais forte, e havia, decididamente, um brilho perigoso em seu olhar. Nynaeve deu uma olhadinha para Egwene e ajeitou o vestido, tentando manter o rosto impassível. Mat chegou ainda mais perto, o rosto tal qual um trovão. Outra olhadinha afobada, com a preocupação começando a transparecer, e Nynaeve chegou a dar um passinho para trás.

— Mat — disse Egwene em um tom equilibrado. Ele não parou. — Mat, pare com essa besteira. Você está numa bela encrenca, mas eu devo conseguir salvar sua pele, caso você tenha juízo.

Por fim, ele parou. Com uma última encarada e balançando o dedo em riste para Nynaeve, Mat se virou de costas para ela e plantou os punhos na escrivaninha.

— *Eu* estou encrocado? Egwene, você saltou de uma árvore para dentro da jaula de um urso e só acha que está tudo bem porque ainda não terminou de cair!

Ela sorriu para ele com toda a calma.

— Mat, não são muitos aqui em Salidar que têm os Devotos do Dragão em alta conta. Lorde Bryne com certeza não é um deles, nem os soldados sob seu comando. Já ouvimos histórias bem perturbadoras. E algumas repugnantes.

— Devotos do Dragão! — ganiu ele. — O que eu tenho a ver com isso? Eu não sou nenhum maldito Devoto do Dragão!

— Claro que é, Mat. — Ela fez aquilo soar como a maior obviedade do mundo. O que era, parando para pensar. — Você vai aonde quer que Rand mande. O que mais você seria se não um Devoto do Dragão? Mas, se você me escutar, posso impedir que eles enfiem *a sua* cabeça num pique. Na verdade, acho que Lorde Bryne não usaria um pique, já que está sempre reclamando de não ter piques suficientes, mas tenho certeza de que ele usaria alguma outra coisa.

Mat olhou para as outras duas mulheres e Egwene comprimiu os lábios por um instante. A Amyrlin fora bem clara, mas Mat aparentava estar em busca de uma pista sobre o que ela estava querendo dizer. Elayne lhe devolveu um meio sorriso e um aceno de cabeça confirmatório. Podia até não estar entendendo aonde Egwene queria chegar, mas sabia que ela não estava falando só por gostar de ouvir a própria voz. Nynaeve, ainda se esforçando para manter uma expressão severa e dando puxões na trança, só fazia encará-lo, mas talvez fosse melhor assim, embora ela estivesse começando a transpirar. Nynaeve perdia a concentração quando se zangava.

— Agora ouça, Egwene — continuou Mat. Bem, talvez a ajuda das amigas não fosse suficiente, afinal. Ele deu um jeito de combinar um tom razoável com a complacência mais ofensiva possível. — Se você quer se chamar de Amyrlin, você pode se chamar de Amyrlin. Rand a receberia de braços abertos em Caemlyn mesmo se você não levasse todas essas Aes Sedai até ele, mas eu sei que ele ficaria nas nuvens se você ainda por cima fizesse isso. Sejam quais forem os seus problemas com Elaida, ele pode resolver. Ela sabe que ele é o Dragão Renascido. Luz, você se lembra da carta dela. Ora, você vai ter a sua Torre Branca reunificada antes que consiga dizer Jak das Brumas. Sem batalhas. Sem derramamento de sangue. Você sabe que não quer um banho de sangue, Egwene.

Isso ela não queria. Assim que a primeira gota de sangue fosse derramada entre Salidar e Tar Valon, seria difícil reunificar a Torre. Assim que o primeiro sangue de Aes Sedai fosse derramado, poderia ser impossível. No entanto, Elaida tinha que ser deposta, e Egwene faria o que precisava ser feito. Só não gostaria nem um pouco. E não gostava de ver Mat lhe dizendo o que ela já sabia, e gostava menos ainda de ele estar certo. E definitivamente menos ainda naquele tom de voz. Manter as mãos paradas sobre a mesa exigiu um esforço tremendo. Sua vontade era levantar e

esbofeteá-lo.

— Independentemente de como eu decidir lidar com Rand — retrucou ela com tranquilidade —, você pode ter certeza de que não vai ser conduzindo as Aes Sedai para jurar lealdade a ele ou a qualquer outro homem. — Tranquila, e sem discutir. Uma exposição serena dos fatos. — E Elaida é problema meu, não seu. Se você tiver algum bom senso, Mat, vai manter essa boca fechada enquanto estiver em Salidar e vai pisar de mansinho. Se sair por aí falando para as outras Aes Sedai o que Rand vai fazer quando elas se ajoelharem diante dele, pode ser que você não goste das respostas que vai ouvir. Se continuar com essa história de me levar embora, ou mesmo Nynaeve ou Elayne, vai ser *muita* sorte se não lhe enfiarem uma espada goela abaixo.

Com um olhar penetrante, ele se empertigou.

— Vou conversar de novo com você quando estiver pronta para escutar a voz da razão, Egwene. Thom Merrilin está por aqui? — Ela respondeu com um breve gesto de cabeça. O que ele queria com Thom? Provavelmente, se embebedar de vinho. Bem, boa sorte para ele na tentativa de achar uma taverna em Salidar. — Quando você estiver pronta para escutar — repetiu Mat emburrado, e foi mancando em direção à porta.

— Mat — disse Elayne —, se eu fosse você, não tentaria ir embora. Entrar em Salidar é muito mais fácil do que sair.

Ele abriu um sorriso insolente para ela, e, pelo modo como a olhou de cima a baixo, teve sorte de Elayne não ter lhe dado um tapa tão forte que lhe afrouxasse todos os dentes.

— Você, minha bela lady, eu vou levar de volta para Caemlyn e para Rand nem que tenha que ser amarrada, e que a Luz me queime se eu estiver mentindo. E eu vou embora na maldita hora em que quiser. — A reverência que fez para Elayne e Egwene foi debochada. Nynaeve só recebeu um olhar assassino e mais um dedo em riste balançado ameaçadoramente em sua direção.

— Como Rand consegue ser amigo de um sujeito tão grosseiro, baixo e insuportável? — Elayne não dirigiu a pergunta a ninguém em particular, e falou antes mesmo que a porta fosse fechada.

— Seu linguajar, com certeza, está cada dia pior — rosnou Nynaeve com a voz profunda, jogando a cabeça de um jeito que fez sua trança girar por cima do ombro. Egwene achou que ela poderia estar com medo de que fosse arrancá-la pela raiz caso não a deixasse fora de alcance.

— Eu deveria tê-lo deixado fazer o que queria, Nynaeve. Você precisa se lembrar de que agora é Aes Sedai. Não pode sair por aí chutando as pessoas, nem dando bofetadas, e nem as espancando com pedaços de pau.

Nynaeve encarou Egwene, boquiaberta, e ficou vermelha. Elayne começou a examinar o tapete com muito interesse.

Com um suspiro, Egwene dobrou a estola listrada e repousou-a sobre um dos

lados da mesa. Era sua maneira de lembrar a Elayne e Nynaeve que elas estavam sozinhas. Às vezes, a estola as fazia falar com o Trono de Amyrlin, e não com Egwene al'Vere. Como de costume, funcionou. Nynaeve respirou bem fundo. Antes que ela pudesse falar, no entanto, Elayne disse:

— Você pretende juntar Mat e esse Bando da Mão Vermelha às forças de Gareth Bryne?

Egwene balançou a cabeça. Os Guardiões disseram que havia seis ou sete mil pessoas no Bando de Mat, mais do que ela se lembrava de Cairhien, e um número considerável, ainda que não tão grande quanto o que aqueles dois homens capturados diziam, mas os soldados de Bryne de fato não gostavam muito de Devotos do Dragão. Além disso, Egwene tinha seu próprio plano, que explicou enquanto elas puxaram as outras cadeiras para perto da mesa. Era como se sentar para conversar na cozinha. Egwene afastou a estola ainda mais.

— Isso é brilhante. — O sorriso sincero de Elayne indicava que ela realmente pensava assim. Mas, para falar a verdade, Elayne sempre dizia o que pensava. — Eu também achava que o outro não iria funcionar, mas esse é *brilhante*.

Nynaeve fungou, irritada.

— O que faz você pensar que Mat vai concordar? Ele vai dificultar as coisas só por diversão.

— Acho que ele fez uma promessa — disse Egwene simplesmente, e Nynaeve concordou com a cabeça. Devagar, relutante, mas concordou. Elayne parecia perdida, claro. Não o conhecia. — Mat só faz o que quer, Elayne. Sempre foi assim.

— Pouco importa quantos nabos ele já teve que descascar como punição por causa disso — resmungou Nynaeve — ou quantas surras acabou levando.

— É, o Mat é assim mesmo — suspirou Egwene. Ele fora o garoto mais irresponsável do Campo de Emond, e talvez de Dois Rios. — Mas, se dá a palavra, ele cumpre. E acho que ele prometeu para Rand que levaria você de volta para Caemlyn, Elayne. Perceba que no meu caso ele recuou e passou a pedir — de certo modo, era isso que estava fazendo —, mas, com você, ele não mudou de ideia. Acho que ele vai tentar ficar tão perto de você quanto a bolsinha do seu cinto. Mas nós não vamos deixá-lo nem pôr os olhos em você, a menos que ele faça o que queremos. — Ela fez uma pausa. — Elayne, se você quiser ir com ele, tudo bem. Ir para Rand, quero dizer. Depois que tirarmos todo o proveito que pudermos de Mat e do Bando dele.

Elayne mal hesitou antes de balançar a cabeça, e o fez com firmeza.

— Não, Ebou Dar é importante demais. — Aquela fora uma baita vitória sobre as outras Aes Sedai, obtida, de maneira surpreendente, com uma simples sugestão. Elayne e Nynaeve iriam se juntar a Merilille na corte de Tylin. — Se ele ficar mesmo por perto, pelo menos vou ter alguns dias para tentar dar uma olhada nesse *ter'angreal*. Só pode ser isso, Egwene. Não tem outra explicação.

Egwene não podia discordar. Sua intenção havia sido apenas envolvê-lo em Ar e

paralisá-lo, só um lembrete gentil de com quem ele estava tentando bancar o durão, mas os fluxos encostaram nele e derreteram. Era a única explicação. Os fluxos deixaram de existir no instante em que tocaram nele. Egwene ainda ficava chocada ao se lembrar daquele momento e percebeu que não era a única que, de repente, estava ajeitando saias que não precisavam ser ajeitadas.

— Podemos mandar alguns Guardiões revirarem os bolsos dele. — Nynaeve soou mais do que satisfeita ao imaginar a cena. — Vamos ver o que o Mestre Mat Cauthon acha disso.

— Se nós tirarmos coisas dele — ponderou Egwene com paciência —, vocês não acham que ele pode se recusar quando começarmos a lhe dizer o que fazer? — Mat nunca fora muito bom em acatar ordens, e sua resposta habitual às Aes Sedai e ao Poder Único era aproveitar a primeira chance para dar um jeito de ir embora. Talvez sua promessa a Rand o segurasse por mais tempo, e ele tinha que ter prometido, já que nada mais explicava o seu comportamento, mas ela não iria correr o risco. Com muita má vontade, Nynaeve aquiesceu.

— Talvez... — Elayne ficou pensativa por um momento, olhando para o nada e tamborilando na mesa. — Talvez pudéssemos levá-lo a Ebou Dar. Assim, posso ter mais sorte com o *ter'angreal*. Só que, se ele bloqueia *saidar*, não sei como vou conseguir estudá-lo.

— Levar aquele rufião com a gente?! — Nynaeve se empertigou na cadeira. — Você não pode estar falando sério, Elayne. Ele transformaria cada dia em um suplício. É muito bom nisso. Nunca faz o que mandam. Além disso, Mat jamais vai aceitar. Está tão decidido a levá-la a Caemlyn que você não conseguiria fazê-lo desempacar nem com uma alavanca e uma parelha de cavalos.

— Mas se a intenção dele é ficar de olho em mim até eu estar em Caemlyn — analisou Elayne —, então ele não tem escolha senão ir conosco. É perfeito.

— Talvez não seja má ideia — opinou Egwene enquanto Nynaeve buscava algum outro argumento. Mandá-lo ir atrás da tigela ainda parecia correto, porém quanto mais ela pensava em onde elas teriam que procurar, mais preocupada ficava. — Alguns soldados podem ser uma boa ideia, a menos que vocês já tenham escolhido Guardiões sem que eu soubesse. Thom e Juilin são ótimos, Birgitte também, mas o lugar para onde vocês vão não é nada tranquilo.

— *Alguns* soldados podem não ser de todo ruim — ponderou Elayne, enrubescendo de leve. — Desde que eles saibam obedecer a ordens.

Nynaeve não chegou a olhar para Elayne, mas houve uma nítida pausa antes que ela balançasse a cabeça de maneira irritada.

— Não estamos indo lá para disputar duelos, Egwene, não importa quão esquentadinhos esses eboudarianos sejam. Thom e Juilin já vão bastar. Na minha opinião, creio que a intenção por trás de todas essas histórias que temos ouvido é nos fazer querer desistir. — Todos já haviam escutado histórias sobre Ebou Dar desde que se espalhara a notícia de que elas estavam indo para lá. Chesa ouvira várias,

cada qual mais deplorável e horrenda que a outra, com estranhos sendo assassinados em um piscar de olhos apenas por olharem torto para alguém, esposas enviuvadas e crianças órfãs por causa de uma palavra atravessada, e *mulheres* lutando com facas nas ruas. — Não, se sobrevivemos a Tanchico só com Thom e Juilin, além de Liandrin e algumas outras irmãs Negras, vamos nos sair muito bem em Ebou Dar sem Mat Cauthon ou qualquer soldado. Mat comandando soldados! Ele só se lembrava de ordenhar as vacas do pai dele quando o sentavam no banquinho e entregavam o balde.

Egwene soltou um leve suspiro. Qualquer menção a Birgitte resultava nisso. Elas se assustavam como se tivessem sido picadas por uma agulha de costura, e depois ou ficavam gaguejando ou seguiam em frente como se nem tivessem mencionado seu nome. Um olhar convencera Egwene de que a mulher que seguia Elayne e Nynaeve por aí — Elayne em especial, por algum motivo — era a mulher que ela havia visto em *Tel'aran'rhiod*, a Birgitte das lendas, a arqueira que nunca errava, uma dentre os heróis mortos que aguardavam o chamado da Trombeta de Valere. Uma heroína morta, não uma mulher viva andando pelas ruas de Salidar, mas, ainda assim, a mesma mulher. Elayne não dera nenhuma explicação, apenas um murmúrio tímido e cuidadoso sobre não poder falar a respeito de algo que tinham combinado manter segredo. A própria Birgitte, a heroína das lendas, começava a andar em outra direção ou se metia em vielas estreitas sempre que via Egwene se aproximar. Ordenar que a mulher fosse ao seu gabinete e exigir uma explicação estava fora de questão, já que, afinal, ela prometera isso, por mais que a situação a fizesse se sentir tola. Em todo caso, não parecia haver muito perigo. Ela só gostaria de saber o porquê daquilo. E o como.

Egwene afastou Birgitte de seus pensamentos e se inclinou sobre a mesa na direção de Nynaeve.

— Pode ser que a gente não consiga exatamente que Mat obedeça às nossas ordens, mas não seria ótimo vê-lo de cara feia por ter que ser seu guarda-costas?

— Com certeza valeria a pena — ponderou Elayne, pensativa —, caso Rand realmente o tenha nomeado general. Mamãe costumava dizer que os melhores homens eram relutantes em receber ordens, e que sempre valia a pena ensinar a eles. Não consigo ver Mat como um dos melhores, e Lini bem diz que “os tolos só escutam a si mesmos”, mas, se pudermos lhe ensinar o suficiente para que ele não se faça de idiota em um lugar em que não haja ninguém para resgatá-lo, vamos estar fazendo um grande favor a Rand. Além disso, eu preciso de *tempo* se for mesmo estudar o *ter'angreal*.

Egwene tentou não sorrir. Elayne sempre entendia tudo tão rápido. E, além disso, ela provavelmente tentaria ensinar Mat a se sentar direito. Algo que ela pagaria para ver. Egwene gostava de Elayne e admirava sua força, mas, nessa disputa, apostaria em Mat. Por um triz.

Nynaeve acabou cedendo, embora teimosamente. Mat não batia bem da cabeça,

diria “para baixo” se elas dissessem “para cima” só para atazaná-las. Era capaz de criar problemas mesmo preso dentro de um barril. Elas passariam a noite inteira arrastando-o para fora de tavernas e antros de jogatina. Mais para o final da conversa, só restou a Nynaeve dizer que Mat provavelmente beliscaria Elayne na primeira vez em que a garota virasse de costas, então Egwene soube que estavam finalmente derrubando as objeções dela. Era verdade que Mat passava muito tempo correndo atrás de mulheres, o que Egwene não podia aprovar, mas Nynaeve com certeza sabia tão bem quanto ela que, apesar de olhares inapropriados em momentos impróprios, ele parecia ter uma habilidade incomum para identificar quais mulheres queriam ser cortejadas, até as mais improváveis. Infelizmente, justo quando ela tinha certeza de que Nynaeve estava prestes a dar o braço a torcer, uma batida na porta anunciou Sheriam.

A mulher não esperou ter permissão para entrar. Nunca esperava. Com os olhos tranquilos e sua estola azul, parou e fitou Nynaeve e Elayne. Vice da Amyrlin ou não, a Curadora não tinha nenhuma autoridade real sobre as Aes Sedai, exceto pelo que a Amyrlin decidia conceder a ela e, com certeza, nenhuma autoridade para dispensar ninguém da presença da Amyrlin, ainda que aquele olhar certamente fosse de dispensa.

Elayne se levantou em um movimento gracioso e fez uma mesura profunda e formal para Egwene.

— Se me dá licença, Mãe, é melhor eu ir procurar Aviendha.

Nynaeve, por outro lado, ficou encarando Sheriam até Egwene pigarrear e recolocar a estola listrada sobre os ombros.

Enrubescendo, Nynaeve fez uma mesura e se levantou.

— Melhor eu ir também. Janya disse que iria conversar comigo sobre Talentos perdidos.

A recuperação daqueles Talentos estava se provando não ser tão fácil quanto Egwene esperara. As irmãs estavam suficientemente dispostas a falar. O problema era fazer Moghedien compreender o que estava sendo dito apenas por uma vaga descrição ou às vezes só por um nome, e então torcer para que ela realmente soubesse de algo. Ótimo saber, por exemplo, que Alinhar a Matriz fortalecia metais, mas a mulher entendia ainda menos de metais que da Cura. E o que, sob a Luz, significava Girar Fogo Terrestre? E Ordenhar Lágrimas?

Moghedien parecia disposta a ajudar, desesperada até, em especial depois que Siuan ensinou o truque de ignorar o calor. Ao que parecia, ela havia mentido para Nynaeve e Elayne a respeito daquilo. Convencida de que Egwene interpretaria isso como “uma única mentira” dela, a mulher ficara de joelhos, chorando e implorando, batendo os dentes e beijando-lhes as barras das saias. Ansiosa para ajudar ou não, seu medo se elevara a novos patamares. A chuva nauseante e incessante de terror choroso era insuportável. Apesar do que Egwene pretendia fazer inicialmente, o bracelete do *a'dam* estava guardado em sua bolsinha. Àquela altura, ela já o teria

dado a Nynaeve — e estaria feliz por se ver livre dele —, mas ficar passando aquilo para lá e para cá na frente dos outros acabaria gerando comentários mais cedo ou mais tarde.

Em vez disso, ela falou:

— Nynaeve, talvez seja melhor você evitar Mat até que ele se acalme. — Ela não tinha certeza de que Mat de fato levaria sua ameaça adiante, mas se havia alguém que o incitasse a tal, esse alguém era Nynaeve, e não seria possível convencê-la se isso acontecesse. — Ou pelo menos tome o cuidado de só se dirigir a ele quando houver muita gente em volta. Talvez alguns Guardiões.

Nynaeve abriu a boca e então, momentos depois, fechou. Suas bochechas empalideceram um pouco e ela engoliu em seco.

— Certo. É, acho que pode ser melhor, Mãe.

Sheriam assistiu à porta se fechar com o cenho levemente franzido, e a expressão permaneceu quando ela se virou para Egwene.

— A conversa foi difícil, Mãe?

— Apenas o que se espera quando velhos amigos se encontram depois de muito tempo. Nynaeve se lembra de Mat como um moleque travesso, mas ele já não tem mais dez anos e se ressentiu disso. — Impedidas de mentir por conta do Juramento, as Aes Sedai haviam transformado meias verdades e insinuações em arte. Uma arte muito útil, na opinião de Egwene. Especialmente com Aes Sedai. Os Três Juramentos não eram bons para ninguém, menos ainda para as Aes Sedai.

— Às vezes é difícil lembrar que as pessoas mudam. — Sheriam se sentou sem ter sido convidada e arrumou suas saias azuis de seda com cuidado. — Presumo que quem quer que esteja no comando dos Devotos do Dragão tenha mandado o jovem Mat com uma mensagem de Rand al'Thor, não? Espero que você não tenha dito nada que ele possa interpretar como uma promessa, Mãe. Um exército de Devotos do Dragão a menos de dez milhas daqui nos põe em uma posição muito delicada. Não vai ajudar em nada se o comandante deles acreditar que descumprimos uma promessa.

Egwene analisou a outra mulher por um momento. Nada abalava Sheriam. Não que ela deixasse alguém perceber, pelo menos. Sheriam sabia bastante sobre Mat, assim como o sabiam várias outras irmãs em Salidar. Será que aquilo poderia ser usado para pressioná-lo na direção correta ou o faria dar no pé? *Depois eu cuido de Mat*, pensou ela com firmeza. *Preciso me concentrar em Sheriam*.

— Você poderia pedir para alguém trazer chá, Sheriam? Estou com um pouquinho de sede.

O rosto de Sheriam se alterou apenas levemente, um mero estreitamento daqueles olhos amendoados, tão pequeno que mal perturbou sua aparente serenidade. Egwene, no entanto, podia quase enxergar a pergunta querendo brotar. O que ela dissera a Mat e que agora não queria revelar? Que promessas tinha feito? De que enrascada Sheriam teria de resgatá-la sem ter que ceder a Romanda e Lelaine?

A única coisa que Sheriam fez foi dizer umas poucas palavras para alguém do lado de fora e, quando retomou seu assento, Egwene não lhe deu chance para abrir a boca. Em vez disso, acertou-a entre os olhos, por assim dizer.

— Parece que Mat é o comandante, Sheriam, e, de certa forma, o exército é a mensagem. Aparentemente, Rand gostaria que todas nós fôssemos para junto dele em Caemlyn. Houve até uma menção a juramentos de lealdade.

Sheriam levantou a cabeça, os olhos se arregalando. Só em parte, porém, em ultraje àquela sugestão. Havia um claro quê de... bem, em qualquer pessoa que não fosse Aes Sedai, Egwene teria chamado de medo. Bastante compreensível, se fosse o caso. Se ela tivesse prometido aquilo — e eles eram da mesma aldeia, e uma das *utilidades* de ter Egwene como Amyrlin era o fato de ela ter sido criada com Rand —, seria como tentar escapar de um atoleiro sem fim. A notícia se espalharia a despeito do que Sheriam fizesse para abafá-la. Uma parte do Salão talvez pusesse a culpa nela, ou usaria o caso como pretexto, de qualquer forma. Romanda e Lelaine não eram as únicas Votantes a ter alertado Egwene quanto a seguir os conselhos de Sheriam sem consultar o Salão. Na verdade, Delana era a única que parecia apoiar Sheriam sem restrições, mas sempre advertia que Romanda e Lelaine também deveriam ser ouvidas, como se realmente fosse possível seguir por três caminhos de uma só vez. E, ainda que se pudesse contornar o Salão, tão logo a notícia da promessa, bem como da sua revogação, chegasse aos ouvidos de Rand, seria dez vezes mais difícil lidar com ele. Cem vezes.

Egwene só aguardou até que os lábios de Sheriam se abrissem, e então tornou a se antecipar:

— Claro que eu falei para ele que era uma ideia ridícula.

— Claro. — A voz de Sheriam não estava tão firme quanto já estivera. Muito bom.

— Mas você tem toda razão. A situação é delicada. É uma pena. O seu conselho sobre como lidar com Romanda e Lelaine foi bom, mas creio que aumentar os preparativos para um deslocamento já não seja mais suficiente.

Romanda a colocara contra a parede e a advertira com severidade quanto à pressa levar à ruína. O exército de Gareth Bryne deveria ter seus números aumentados, até ficar grande o bastante para que a notícia sobre o seu tamanho intimidasse Elaida. Por sinal, Romanda não poderia ser mais contundente ao enfatizar uma vez mais que missões diplomáticas para governantes *tinham* que ser suspensas. Somente as Aes Sedai deveriam saber de quaisquer problemas na Torre. Lelaine não dava a mínima nem para o exército do Lorde Bryne nem para governantes — ambos eram irrelevantes —, embora tenha recomendado cautela e espera. As abordagens adequadas às Aes Sedai que ainda estavam na Torre por certo dariam frutos: Elaida poderia ser removida do Trono de Amyrlin e Egwene empossada de tal forma que ninguém além de umas poucas irmãs jamais teria certeza do que realmente ocorrera. Com o tempo, o fato de a Torre Branca um dia ter se rompido seria visto como não

mais que um boato de camponês. Poderia até ter dado certo, se elas tivessem mais tempo. Caso esperar não desse a Elaida exatamente a mesma chance de atuar junto às irmãs que estavam ali.

A outra diferença com relação a Lelaine era que ela dissera tudo aquilo com um sorriso apropriado para se dirigir a uma noviça promissora ou a uma Aceita da qual ela estava orgulhosa. Egwene ter redescoberto a Viagem fez com que várias Aes Sedai sorrissem, embora só umas poucas fossem fortes o bastante para abrir um portão maior que o necessário para a passagem de um braço, e a maioria, nem isso. Romanda queria usar os portões para retirar da Torre o Bastão dos Juramentos e certos outros objetos — não disseram a Egwene exatamente quais —, para que elas pudessem elevar Aes Sedai “de verdade” em Salidar, privando Elaida dessa capacidade, e era certo que Egwene queria ser uma Aes Sedai “de verdade”. Lelaine concordava com esse último ponto, mas não com o uso de portões na Torre. Havia grandes chances de que eles fossem detectados, e, se as mulheres na Torre aprendessem a Viajar, uma vantagem importante demais seria perdida. Esses argumentos haviam tido um peso considerável junto ao Salão, o que não deixou Romanda nada satisfeita.

Sheriam também tinha sorrido por finalmente concordar com Lelaine em alguma coisa, mas, àquela altura, já não sorria mais.

— Não tenho certeza se entendi, Mãe — disse ela, em um tom tolerante demais. — Preparativos certamente são o bastante para mostrar ao Salão que você não vai se deixar intimidar. Mas avançar antes que tudo esteja em ordem pode ter consequências desastrosas.

Egwene deu um jeito de exibir uma expressão inocente.

— Eu entendo, Sheriam. Não sei o que eu faria sem os seus conselhos. — Como ela queria que chegasse o dia em que poderia acabar com aquilo. Sheriam seria uma excelente Curadora, e talvez até uma boa Amyrlin, mas Egwene sentiria muito prazer no dia em que pudesse ensinar à mulher que ela era a *Curadora*, não a Amyrlin. A ela e ao Salão. — É que agora Mat está com esse exército de Devotos do Dragão aqui na nossa porta. O que Lorde Bryne vai fazer? Ou alguns dos soldados dele, talvez por conta própria? Todo mundo fala sobre como ele queria enviar homens para caçar esses Devotos do Dragão que supostamente andam incendiando aldeias. Sei que disseram para ele manter as rédeas bem curtas, mas...

— Lorde Gareth vai agir exatamente como nós... como você ordenar, e nada mais.

— Pode ser. — Ele não estava tão feliz com essa rédea curta quanto Sheriam acreditava. Siuan passava um bom tempo com Gareth Bryne, por mais que reclamasse do homem, e ele lhe contava coisas. Egwene, entretanto, não podia dizer nada a Sheriam que denunciasse a relação dos dois. — Espero que se possa dizer o mesmo de todos os soldados dele. Não podemos nos deslocar para o oeste e entrar em Amadícia, mas achei que talvez pudéssemos seguir rio abaixo, para Ebou Dar.

Talvez por um portão. Tenho certeza de que as Aes Sedai são bem-vindas lá. Lorde Bryne poderia acampar fora da cidade. Se nos deslocássemos, estaríamos enfatizando que não vamos aceitar a... oferta de Rand, se é que pode ser chamada disso. E se vamos fazer mais preparativos, tenho certeza de que acharíamos tudo muito mais fácil numa cidade grande, com estradas e navios chegando e saindo do porto.

O controle de Sheriam titubeou de novo, a ponto de chegar a deixá-la com a voz fraca.

— Ebou Dar não é um lugar muito convidativo assim, Mãe. Algumas irmãs é algo bem diferente de algumas centenas, ainda mais com um exército às costas. Isso pode fazer Tylin achar que nossa intenção é tomar a cidade, Mãe. Não só Tylin como também vários nobres altaranos que adorariam ter uma desculpa para derrubá-la e se apossar do Trono dos Ventos. Uma enrascada desse tipo arruinaria nossa imagem diante de todos os governantes. Não, Mãe, é totalmente fora de cogitação.

— Mas como podemos ficar aqui agora? Mat não vai fazer nada, mas basta que um punhado de soldados de Lorde Bryne resolva fazer justiça com as próprias mãos. — Egwene franziu o cenho olhando para as saias, alisou-as como se estivesse preocupada, e então suspirou. — Quanto mais ficarmos aqui sentadas sem fazer nada com um exército de Devotos do Dragão olhando para nós, pior vai ser. Não vou ficar surpresa se ouvir boatos de que eles pretendem nos atacar, e pessoas dizendo que deveríamos fazer isso primeiro. — Se a conversa não funcionasse, esses boatos com certeza surgiriam. Nynaeve, Elayne, Siuan e Leane cuidariam disso. Seria perigoso, mas ela poderia encontrar um jeito de fazer Mat recuar antes de a coisa pegar fogo, caso se chegasse a esse ponto. — Olha, pela forma como os boatos se espalham, eu não ficaria surpresa se em menos de um mês metade de Altara achasse que *nós* somos Devotas do Dragão. — Esse era um boato que, se soubesse como, ela teria refreado. O Salão não trazia mais nobres para se encontrar com Logain desde que ele tinha sido Curado, mas os recrutadores de Bryne continuavam saindo, assim como grupos de Aes Sedai que iam caçar novas noviças, e homens que, com suas carroças e seus carroções, empreendiam a longa jornada até as aldeias mais próximas para comprar comida. Cem caminhos para rumores se espalharem, e bastava um. — Sheriam, eu sinto como se estivéssemos presas dentro de um caixote, e, se não sairmos logo, nada de bom vai acontecer. Nada mesmo.

— A solução é mandar os Devotos do Dragão embora — retrucou Sheriam, já sem a mesma paciência de antes. — Eu lamento deixar Mat escapar de novo, mas não há o que fazer, infelizmente. Você disse para ele que recusávamos a *oferta*, então mande-o embora.

— Quem me dera fosse simples assim. Não acho que basta a gente pedir a ele que vá embora, Sheriam. Mat deu a entender que ficaria onde está até que alguma coisa acontecesse. Ele pode estar esperando ordens de Rand, ou até o próprio Rand. Corria um boato em Cairhien de que ele passou a gostar de Viajar de vez em quando com

alguns daqueles homens que reuniu. Aqueles que ele está ensinando a canalizar, sabe? Se isso acontecer, não sei o que vamos fazer.

Sheriam encarou-a, a respiração ofegante para alguém com feições tão tranquilas.

Um barulhinho à porta foi seguido por Tabiya trazendo uma bandeja de prata lisa. Sem perceber o clima pesado, ela resolve arrumar as xícaras e o bule de chá de porcelana verde com todo o esmero, assim como o pote de mel de prata, o jarrah de creme e os guardanapos de linho com bordas rendadas, até Sheriam finalmente explodir com a garota e mandá-la terminar logo que Tabiya soltou um ganido, abaixou-se com os olhos arregalados para fazer uma medida que quase terminou com sua cabeça enfiada no chão e saiu correndo.

Por um momento, enquanto recuperava a compostura, Sheriam se ocupou em alisar as saias.

— Talvez — disse, por fim, relutante —, seja mesmo necessário deixar Salidar. Antes do que eu gostaria.

— Mas o único caminho que resta é o norte. — Egwene arregalou os olhos. Luz, como ela odiava aquilo! — Vai parecer que estamos indo em direção a Tar Valon.

— Eu sei — retrucou Sheriam, quase irritada. Respirou fundo e moderou o tom. — Me perdoe, Mãe. Me sinto um pouco... Não gosto de ser forçada a nada, e meu medo é de que Rand al'Thor tenha nos forçado a entrar no jogo antes de estarmos prontas.

— Vou ter uma conversa séria com ele quando o encontrar — afirmou Egwene. — Não consigo nem imaginar o que eu faria sem os seus conselhos. — Talvez ela descobrisse um jeito de mandar Sheriam ir estudar com as Sábias como aprendiz. A ideia de Sheriam depois de, digamos, meio ano com Sorilea a fez abrir um sorriso tão grande que a Curadora chegou até a sorrir de volta. — Com mel ou amargo? — perguntou Egwene, levantando o bule.





GARGALHADA INESPERADA

— Você precisa me ajudar a colocar algum juízo na cabeça delas — disse Mat sem tirar o cachimbo da boca. — Está ouvindo, Thom?

Os dois estavam sentados em barriletes tombados na sombra pífia de uma casa de dois andares, fumando seus cachimbos, e o menestrel velho e magrelo parecia mais interessado em examinar a carta que Rand lhe enviara. Àquela altura, já a enfiara no bolso do manto com o selo em cera azul ainda intacto. O zum-zum-zum de vozes e o rangido de eixos vindos da rua no final da viela pareciam distantes. O suor pingava do rosto de ambos. Naquele momento, ao menos uma coisa já estava resolvida. Mat saíra da Pequena Torre para descobrir que um grupo de Aes Sedai havia arrastado Aviendha para algum lugar. Ela não esfaquearia ninguém tão cedo.

Thom tirou o cachimbo da boca. Tinha uma piteira bem comprida, com folhas de carvalho e nozes entalhadas.

— Uma vez eu tentei resgatar uma mulher, Mat. Laritha era um botão de rosa e casada com um brutamontes de olhar furioso que confeccionava botas numa aldeia onde fiz uma parada por alguns dias durante minhas viagens. Um brutamontes. Gritava com ela caso o jantar não estivesse pronto na hora e a ameaçava com um chicote se a visse trocar mais que duas palavras com qualquer homem.

— Thom, onde é que no Poço da Perdição isso tem alguma coisa a ver com aquelas mulheres passarem a ter algum juízo?

— Apenas me ouça, garoto. O modo como ele tratava a mulher era de conhecimento geral na aldeia, mas foi a própria Laritha que me contou, se lamuriando o tempo todo sobre como gostaria que alguém a resgatasse. Eu tinha ouro na minha bolsa e uma bela carruagem, com condutor e serviçal. Eu era jovem e bonito. — Thom esfregou o bigode branco e suspirou. Era difícil acreditar que

aquele rosto envelhecido já havia sido bonito. Mat piscou. Uma carruagem? Desde quando um menestrel tinha carruagem? — A situação daquela mulher partiu o meu coração, Mat. E não vou negar que o rosto dela também me conquistou. Como eu disse, eu era jovem, achei que estava apaixonado, como um herói saído das histórias. Então um dia, sentado debaixo de uma macieira que estava florando, bem longe da casa do fabricante de botas, me ofereci para levá-la embora. Eu daria uma criada e uma casa só para ela, e a cortejaria com músicas e versos. Quando ela finalmente entendeu, me deu um chute tão forte no joelho que passei um mês inteiro mancando, além de ter me batido com o banco.

— Parece que todas elas gostam de dar chutes — resmungou Mat, ajustando seu peso em cima do barrilete. — Suponho que ela não tenha acreditado em você, e quem pode culpá-la?

— Ah, ela acreditou. E se sentiu ultrajada por eu ter achado que algum dia ela abandonaria o amado marido dela. Palavra dela: amado. Ela saiu correndo de volta para ele o mais rápido que os pés dela aguentavam, e só me restou escolher entre matá-lo ou pular para dentro da minha carruagem. Tive que deixar para trás quase tudo o que eu tinha. Creio que ela ainda esteja vivendo com ele exatamente como antes: segurando os cordames da bolsa bem apertado em sua mão e dando com a vassoura na cabeça dele toda vez que ele vai à estalagem para tomar uma cerveja. De mesmo jeito que ela sempre fez, como eu descobri depois de algumas discretas investigações. — Ele meteu o cachimbo de volta entre os dentes como se tivesse chegado a uma conclusão.

Mat coçou a cabeça.

— Não entendi o que uma coisa tem a ver com a outra.

— Você não deveria pensar que conhece a história toda quando só ouviu uma parte. Por exemplo, você sabia que Elayne e Nynaeve vão partir para Ebou Dar daqui um ou dois dias? E que Juilin e eu devemos ir junto?

— Ebou...! — Mat quase não conseguiu pegar o cachimbo antes que ele caísse nas ervas daninhas mortas que recobriam a viela. Nalesean contara algumas histórias sobre uma visita a Ebou Dar, e mesmo Mat sabendo que ele exagerava quando se tratava de mulheres que conhecera e brigas em que se metera, o lugar parecia difícil. Então elas achavam que conseguiriam levar Elayne embora na calada da noite, é? — Thom, você precisa me ajudar...

— O quê? — interrompeu Thom. — A salvá-las do artesão de botas? — Soprou uma serpentina de fumaça azul. — Não vou fazer isso, garoto. Você ainda não sabe a história toda. Como você se sente com relação a Egwene e Nynaeve? Pensando melhor, considere só Egwene.

Mat franziu a testa, imaginando se o homem pensava que conseguiria confundi-lo ao ficar andando em círculos.

— Eu gosto de Egwene. Eu... Que a Luz me queime, Thom, ela é a Egwene. Só isso já diz tudo. Por isso é que eu estou tentando salvar o pescoço daquela idiota.

— Salvá-la do artesão de botas dela, você quer dizer — murmurou Thom, mas Mat continuou.

— O pescoço dela e o de Elayne também. Até o de Nynaeve, se eu mesmo resistir à tentação de estrangulá-la com as minhas próprias mãos. Luz! Eu só quero ajudá-las. Além disso, Rand vai quebrar o *meu* pescoço se eu deixar alguma coisa acontecer com Elayne.

— Você já pensou em ajudá-las a fazer o que elas querem, em vez do que você quer? Se eu pudesse fazer as coisas do meu jeito, já estaria com Elayne num cavalo a caminho de Andor. Ela precisa fazer outras coisas primeiro, *precisa*, eu acho, então eu fico correndo por aí atrás dela, preocupado dia e noite se alguém vai conseguir matá-la sem que eu possa fazer nada para evitar. Ela só vai para Caemlyn quando estiver pronta. — Cheio de complacência, Thom tragou o cachimbo, mas sua voz soou levemente cortante no final, como se não gostasse tanto das suas palavras quanto fingia gostar.

— A impressão que eu tenho é de que elas querem entregar a cabeça delas para Elaida. — Quer dizer que Thom estaria com aquela juvenzinha tola em cima de um cavalo, não é? Um menestrel levando a Filha-herdeira na marra para ser coroada! Realmente Thom se tinha em alta conta.

— Você não é bobo, Mat — disse Thom, calmo. — Você sabe muito bem. Egwene... É difícil ver aquela criança como Amyrlin... — Mat soltou um grunhido amargo, concordando. Thom nem lhe deu atenção. — ... mas creio que ela tenha estômago para isso. Ainda é muito cedo para dizer se algumas coisas são só coincidência, mas estou começando a acreditar que ela também pode ter o cérebro. A questão é: será que ela é forte o bastante? Se lhe faltar isso, elas vão comê-la viva, estômago, cérebro e tudo.

— Quem? Elaida?

— Ah, ela. Se tiver a chance. Essa aí tem força de sobra. Mas as Aes Sedai daqui mal veem Egwene como Aes Sedai. Como Amyrlin, talvez, mas não como Aes Sedai, mesmo que isso seja difícil de se acreditar. — Thom balançou a cabeça. — Eu não entendo, mas é verdade. O mesmo vale para Elayne e Nynaeve. Elas tentam manter isso só entre elas, mas nem as Aes Sedai disfarçam tanto quanto acreditam, se você olhar bem e prestar atenção. — O homem tornou a puxar a carta e só ficou virando-a nas mãos para um lado e para o outro, sem olhar. — Egwene está caminhando na beira de um precipício, Mat, e três facções aqui em Salidar... até onde sei são três... podem empurrá-la lá de cima se ela der um único passo em falso. Elayne vai junto se isso acontecer, e Nynaeve também. Ou talvez elas empurrem primeiro as duas para que Egwene seja arrastada junta.

— Só aqui em Salidar — repetiu Mat, sem emoção. Thom assentiu com a cabeça calmamente, e Mat não conseguiu evitar que sua voz subisse de tom. — E você quer que eu as deixe aqui?

— Quero que pare de pensar que você vai *obrigá-las* a fazer o que for. Elas já

decidiram o que vão fazer, e você não tem como mudar isso. Mas talvez, e só talvez, você possa me ajudar a mantê-las vivas.

Mat se levantou rapidamente. A imagem de uma mulher com uma faca enterrada entre os seios lhe viera à mente, e não se tratava de uma das lembranças emprestadas. Ele chutou o barrilete em que estivera sentado e o fez sair rolando viela abaixo. Ajudar um *menestrel* a mantê-las vivas? Uma lembrança tênue ressurgiu, algo com relação a Basel Gill, um estalajadeiro de Caemlyn, falando alguma coisa a respeito de Thom, mas foi como se Mat tentasse agarrar fumaça, e o pensamento se dissipou.

— De quem é a carta, Thom? De alguma outra mulher que você resgatou? Ou você a deixou num lugar onde ela poderia acabar decapitada?

— Deixei — respondeu Thom, tranquilo. Levantou-se e se afastou sem dizer mais nenhuma palavra.

Mat fez menção de detê-lo e chegou até a abrir a boca. Só não conseguia pensar no que dizer. *Velho maluco!* Não, não era maluco. Egwene era teimosa como uma mula, e Nynaeve a fazia parecer dócil. Pior, ambas subiriam numa árvore para enxergar melhor um relâmpago. Quanto a Elayne, as mulheres nobres nunca tinham bom senso suficiente para sair da chuva. E depois ficavam indignadas quando se molhavam.

Dando tapinhas para esvaziar o cachimbo, Mat apagou as brasas com os calcanhares antes que as ervas daninhas secas pudessem pegar fogo, então apanhou o chapéu no chão e saiu mancando pela rua. Precisava obter informações de uma fonte melhor que um menestrel que tinha delírios de grandeza por ter passado tempo demais com aquela Filha-herdeira de nariz em pé. À sua esquerda, ao longe, Mat viu Nynaeve saindo da Pequena Torre e disparou atrás dela, serpenteando por entre carroças puxadas por bois ou cavalos. Talvez ela pudesse ajudá-lo a entender melhor. Se quisesse. Sentiu uma pontada no quadril. *Que me queime, ela me deve algumas respostas.*

Foi quando Nynaeve o avistou e ficou visivelmente tensa. Por um momento, observou-o se aproximar e então, de maneira abrupta, apressou-se na direção contrária, numa clara tentativa de evitá-lo. Ela olhou por cima do ombro duas vezes antes de as pessoas e as carroças a encobrirem.

Mat parou, com a expressão carrancuda, e puxou o chapéu para baixo. Primeiro, a mulher lhe dera um pontapé sem motivo e agora se recusava a falar com ele. Estavam querendo deixá-lo abalado, ela e Egwene, até que Mat saísse correndo sempre que elas lhe apontassem o dedo. *Bem, elas escolheram o homem errado para esse joguinho, e que a Luz queime seus couros!*

Vanin e os demais estavam do lado de fora de um estábulo, junto de uma construção de pedra que, no passado, com certeza fora uma estalagem. Àquela altura, Aes Sedai entravam e saíam do local. Pips e o restante dos cavalos estavam amarrados a um poste, e Vanin e os dois batedores que haviam sido capturados

estavam agachados junto da parede. Não havia dois homens mais diferentes entre si do que Marr e Ladwin; um alto, magrelo e de rosto duro, o outro baixo, troncudo e de aspecto pacato, mas ambos pareciam absolutamente envergonhados quando Mat apareceu. Nenhum dos dois havia se recuperado de como a captura dele tinha sido fácil. Rijos, os dois homens do esquadrão estavam de pé e ainda seguravam os estandartes bem justos junto às hastes, como se ainda houvesse sentido naquilo. Pareciam mais do que só um pouco apreensivos. Uma batalha era uma coisa, todas aquelas Aes Sedai eram outra bem diferente. Numa batalha, um homem tinha chances de vencer. Havia dois Guardiões de olho neles. Não abertamente. Estavam do outro lado do pátio do estábulo, mas não teriam optado por ficar ali, de pé no sol a pino, só para conversar.

Mat alisou o focinho de Pips e, em seguida, instantes depois, começou a examinar os olhos do cavalo. Um sujeito de colete de couro saiu do estábulo e seguiu rua acima empurrando um carrinho de mão cheio de esterco. Vanin se aproximou para observar o olho de Pips. Sem olhar para ele, Mat disse:

— Você consegue ir até o Bando?

— Talvez. — Vanin franziu o cenho e levantou a pálpebra de Pips. — Com um pouco de sorte, talvez. Mas odeio ter que abandonar o meu cavalo.

Mat assentiu, observando o olho mais de perto.

— Avise a Talmanes que eu disse para ele ficar onde está. Pode ser que eu fique aqui alguns dias, e não quero nenhuma maldita tentativa de resgate. Tente voltar para cá. Sem ser visto, se possível.

Vanin cuspiu na poeira debaixo de Pips.

— Um homem que se mistura com Aes Sedai põe uma rédea em si mesmo e uma sela em suas costas. Vou voltar assim que puder. — Balançando a cabeça, ele se misturou à multidão, um gorducho desalinhado e de andar bamboleante que ninguém suspeitaria de que fosse capaz de ser furtivo.

Um dos homens do esquadrão pigarreou com hesitação e deu um passo em direção a Mat.

— Milorde, está tudo...? Foi isso que você planejou, não foi, milorde?

— Tudo dentro do plano, Verdin — respondeu Mat, dando tapinhas em Pips. Ele fora enfiado de cabeça numa saca, e com os barbantes bem amarrados. Havia prometido a Rand que levaria Elayne em segurança a Caemlyn e não podia ir embora sem ela. E também não podia dar no pé e deixar Egwene com o pescoço estirado no cepo. Podia ser que... Luz, como aquilo o irritava! Mas podia ser que ele tivesse de seguir o conselho de Thom. Tentar manter a maldita cabeça daquelas malditas mulheres sobre seus malditos ombros dando um jeito de ajudá-las a fazer aquele plano completamente maluco dar certo. E, de quebra, tentava manter o próprio pescoço intacto. Sem falar em deixar Aviendha bem longe da goela de Elayne. Bem, pelo menos ele poderia estar por perto para levá-las embora quando tudo desse errado. Belo consolo. — Está tudo indo às mil maravilhas.

Elayne esperara encontrar Aviendha na sala de espera ou talvez no lado de fora, mas não precisou investigar muito para descobrir por que a Aiel não estava nem num lugar nem noutro. Havia dois assuntos nas conversas entre as outras Aes Sedai, e todas elas estavam falando, os papéis importantes abandonados sobre as mesas. A maioria das línguas se ocupava com Mat. Até as serviçais e noviças que passavam às pressas pela sala de espera faziam pausas na realização das suas incumbências para trocar uma ou outra palavra a respeito dele. Ele era *ta'veren*. Era seguro permitir que um *ta'veren* permanecesse em Salidar? Ele havia estado mesmo na Torre e simplesmente teve permissão para ir embora? Era verdade que comandava um exército de Devotos do Dragão? Será que ele seria preso pelas atrocidades das quais elas tinham ouvido falar? Era verdade que ele era da mesma aldeia que o Dragão Renascido e a Amyrlin? Havia boatos de *dois ta'veren* ligados ao Dragão Renascido. Quem seria o segundo e onde ele poderia ser encontrado? Talvez Mat Cauthon soubesse. Parecia haver tantas opiniões quanto pessoas para dá-las.

Havia duas perguntas que Elayne esperava ouvir e que não ouviu: o que Mat queria em Salidar e como Rand soubera para onde mandá-lo? Ninguém as fez, mas, num canto, uma Aes Sedai mexia de repente no xale como se estivesse com frio e se sobressaltava quando alguém falava com ela, e, no outro, uma serviçal parada no meio do aposento olhava para o nada antes de recobrar a consciência com uma sacudidela, ou uma noviça disparava olhares apavorados para as irmãs. Mat não era exatamente um gato à solta entre os pombos, mas chegava perto. O simples fato de Rand saber onde elas estavam parecia o suficiente para causar calafrios.

Aviendha gerava menos comentários, mas as irmãs não tinham como evitar falar sobre ela, e não só para mudar de assunto. Não era todo dia que uma bravia simplesmente aparecia por conta própria, em especial com aquela força notável e, ainda por cima, sendo uma Aiel. Esse último aspecto causava verdadeiro fascínio em todas as irmãs. Nenhuma Aiel jamais treinara na Torre, e poucas Aes Sedai já haviam adentrado o Deserto Aiel.

Bastou uma única pergunta para ela descobrir onde estavam mantendo-a presa. Não oficialmente presa, mas Elayne sabia como as Aes Sedai podiam ser quando queriam que uma mulher se tornasse noviça.

— Ao cair da noite, ela já vai estar de branco — afirmou Akarrin de modo confiante. A Marrom esbelta assentia para dar ênfase a quase todas as palavras. As duas irmãs que a acompanhavam aquiesceram com a mesma certeza.

Resmungando sozinha, Elayne saiu apressada para a rua. À sua frente, conseguia avistar Nynaeve quase trotando e olhando por cima do ombro com tanta frequência que acabava esbarrando nas pessoas. Sem se importar em ter companhia, Elayne cogitou alcançá-la, mas não estava disposta a correr naquele calor, com ou sem a

concentração que a impedia de suar, e aquela parecia ser a única alternativa. Ainda assim, ela acabou suspendendo um pouco as saias e apertou o passo.

Antes que tivesse percorrido cinquenta passadas, sentiu Birgitte se aproximando e virou-se para vê-la correndo rua abaixo. Areina estava com ela, mas parou não muito longe e cruzou os braços fazendo cara feia. A mulher era intratável, e com certeza não mudara de opinião só porque Elayne passara a ser de fato uma Aes Sedai.

— Achei que você deveria saber — disse Birgitte, em voz baixa. — Acabei de saber que, quando formos partir para Ebou Dar, Vandene e Adeleas vão junto.

— Entendi — murmurou Elayne. Podia ser que a dupla, por algum motivo, fosse se juntar a Merilille, embora já houvesse três Aes Sedai na corte de Tylin, ou talvez tivessem uma missão específica em Ebou Dar. Elayne não acreditava em nenhuma das duas hipóteses. Areina já tinha feito seus julgamentos, e o Salão também: Elayne e Nynaeve teriam duas Aes Sedai *de verdade* como babás. — Ela já entendeu bem que *ela* não vai.

Birgitte espiou na direção para onde Elayne estava olhando, para Areina, e deu de ombros.

— Ela sabe, e não está nem um pouco contente com isso. Da minha parte, não vejo a hora de ir.

Elayne hesitou por um breve momento. Tinha prometido que guardaria segredos, o que não gostava de fazer, mas não que pararia de tentar convencer a outra mulher de que não havia necessidade.

— Birgitte, a Egwene...

— Não!

— Por que não? — Não fazia muito tempo que Elayne tinha Birgitte como Guardiã quando decidira que, assim que estabelecesse um elo com Rand, daria um jeito de obrigá-lo a prometer que ele a obedeceria, ao menos nas coisas importantes. Nos últimos dias, ela se contentaria com uma outra promessa: ele teria que responder às perguntas dela. Birgitte respondia quando queria, fazia-se de desentendida quando tinha vontade e às vezes só exibia uma expressão teimosa, como era o caso naquele momento. — Me diga por que não e, se a justificativa for boa, eu nunca mais pergunto de novo.

De início, Birgitte apenas encarou-a com raiva, mas, em seguida, pegou Elayne pelo braço e quase a arrastou até a entrada de uma viela. Nenhum transeunte deu mais que uma única olhadela para as duas, e Areina permaneceu onde estava, ainda que com uma expressão mais irritada do que antes, mas Birgitte, mesmo assim, olhou com cuidado para os lados e falou sussurrando:

— Sempre que a Roda girou e lançou para fora, eu nasci, vivi e morri sem saber que estava presa à Roda. Eu só ficava sabendo disso nos intervalos, em *Tel'aran'rhiod*. Algumas vezes, eu me tornei conhecida, e até famosa, mas era como qualquer outra pessoa, e não alguém que saiu de uma lenda. Desta vez, eu fui arrancada, não lançada. É a primeira vez em carne e osso que eu sei quem sou. Pela

primeira vez, outras pessoas também podem saber. Thom e Juilin sabem. Não falam nada, mas eu tenho certeza. Eles não olham para mim como as outras pessoas me olham. Se eu dissesse que iria escalar uma montanha de vidro e matar um gigante só com as mãos, eles só perguntariam se eu iria precisar de alguma ajuda para encontrar o caminho, e não esperariam que eu precisasse.

— Eu não estou entendendo — disse Elayne devagar e Birgitte suspirou, baixando a cabeça.

— Não sei se estou à altura disso tudo. Em outras vidas, eu fiz o que tinha de fazer, o que parecia certo, o bastante para Maerion, Joana ou qualquer mulher. Agora, eu sou a *Birgitte* das histórias. Todos que sabem disso vão ter *expectativas*. Me sinto como uma dançarina com tanga de pena chegando num conclave tovano.

Elayne nem perguntou. Quando Birgitte mencionava coisas de vidas passadas, as explicações costumavam gerar mais confusão que a pura ignorância.

— Isso é bobagem — opinou ela com firmeza, pegando a outra mulher pelo braço. — *Eu* sei, e *eu* com certeza não espero que você saia matando gigantes. Egwene também não. E ela *já* sabe.

— Enquanto eu não admitir — resmungou Birgitte — é como se ela não soubesse. Nem tenha o trabalho de dizer que isso também é bobagem. Eu sei que é, e isso não muda nada.

— E o que você me diz do seguinte: ela é a Amyrlin e você é uma Guardiã. Ela merece a sua confiança, Birgitte. Ela precisa dela.

— Você já terminou o que tinha para fazer com ela? — quis saber Areina, a uma passada de distância. — Se você está indo embora e vai me abandonar, o mínimo que pode fazer é me ajudar com o arco, como disse que faria.

— Eu vou pensar — disse Birgitte, com tranquilidade, para Elayne. Virando-se para Areina, ela pegou a mulher pela trança junto à base da nuca. — Nós vamos conversar sobre o arco, sim — confirmou, puxando-a rua acima —, mas, primeiro, vamos falar sobre boas maneiras.

Balançando a cabeça, Elayne de repente se lembrou de Aviendha e saiu às pressas. A casa não ficava muito longe.

Ela levou um momento para reconhecer Aviendha. Estava acostumada a vê-la de *cadin'sor*, com seu cabelo avermelhado cortado bem curto, não de saia, blusa e xale, com o cabelo abaixo dos ombros e preso atrás da cabeça por um lenço dobrado. À primeira vista, não parecia estar em nenhuma dificuldade. Sentada meio sem jeito numa cadeira — os Aiel não estavam habituados a cadeiras —, dava a impressão de estar bebericando chá em absoluta paz com outras cinco irmãs que formavam um círculo na sala de estar. Casas que abrigavam Aes Sedai tinham essas coisas, apesar de Elayne e Nynaeve ainda estarem em seu quartinho apertado. Numa segunda análise, Aviendha lançava olhares assustados para as Aes Sedai por cima da borda da xícara de chá. Não houve tempo para uma terceira análise. Ao ver Elayne, Aviendha se pôs de pé instintivamente e deixou a xícara cair no chão limpo. Exceto

na Pedra de Tear, Elayne tinha visto poucos Aiel, mas sabia que eles escondiam suas emoções, coisa que Aviendha fazia muito bem. Só que, dessa vez, sua expressão era sofrida.

— Me desculpem — disse Elayne para todas as presentes em um tom suave —, mas eu preciso tirá-la da conversa com vocês por alguns momentos. Talvez vocês possam falar com ela mais tarde.

A hesitação de várias irmãs beirou os protestos, embora não devesse ter havido nenhuma. Era bem claro que ela era, de longe, a mais forte do aposento, tirando Aviendha, e nenhuma daquelas Aes Sedai era Votante ou fazia parte do conselho de Sheriam. Elayne ficou muito feliz por Myrelle não estar lá, já que a mulher morava na casa. Ela optara pela Verde, fora aceita, e só então descobriu que Myrelle era a líder da Ajah Verde em Salidar. Myrelle, que não fazia nem quinze anos que era Aes Sedai. Com base em coisas que já haviam sido ditas, Elayne sabia que existiam Verdes em Salidar que já usavam o xale havia ao menos cinquenta anos, embora nenhuma delas exibisse um único fio grisalho. Se Myrelle estivesse presente, toda a força de Elayne não teria valido de nada caso a líder da sua Ajah quisesse manter Aviendha ali. Como não era o caso, apenas Shana, uma Branca dos olhos saltados que Elayne achava parecida com um peixe, não fez mais que abrir a boca um pouco mais e depois tornar a fechá-la, ainda que de forma bem contrariada, após Elayne ter erguido uma das sobancelhas.

As cinco mais que comprimiram os lábios, mas Elayne ignorou a tensão.

— Obrigada — agradeceu, com um sorriso sem vontade.

Aviendha jogou uma trouxa escura nas costas, mas só deixou de hesitar quando Elayne de fato pediu para ela ir. Já na rua, Elayne disse:

— Peço desculpas por elas. Vou tomar cuidado para que não se repita. — Ela devia ser capaz de proteger Aviendha, tinha certeza. Ou Egwene seria, por certo. — Infelizmente não há muitos lugares para se conversar a sós. Meu quarto é bem quente a esta hora do dia. Poderíamos tentar encontrar uma sombra, ou tomar um chá, caso elas ainda não tenham entupido você.

— No seu quarto. — Ela não chegou a ser exatamente rude, mas estava claro que Aviendha não queria conversar, ainda não. De repente, ela disparou na direção de uma carroça com lenha que passava e apanhou um dos galhos que seriam partidos em gravetos, maior que seu braço e mais grosso que seu polegar. A Aiel voltou para perto de Elayne e começou a descascá-lo com a faca do seu cinto. A lâmina afiada raspava os galhinhos menores feito uma navalha. A expressão não era mais sofrida. Ela parecia determinada.

Elayne observou-a de soslaio enquanto as duas caminhavam. Não pensava que Aviendha pretendia lhe fazer qualquer mal, a despeito do que dissera aquele ogro chamado Mat Cauthon. E então... Ela sabia um pouco sobre *ji'e'toh*. Aviendha lhe explicara alguns pontos quando elas estiveram juntas na Pedra. Talvez Rand tivesse dito ou feito algo. Talvez aquele labirinto desconcertante de honras e obrigações

exigisse que Aviendha... Não parecia possível. Mas talvez...

Quando chegaram ao quarto, Elayne decidiu tocar primeiro no assunto. Cara a cara com a outra mulher — e, muito deliberadamente, sem abraçar *saidar* —, ela falou:

— Mat diz que você veio até aqui para me matar.

Aviendha ficou sem reação.

— Aguacentos sempre invertem tudo — afirmou, surpresa. Ela deixou o graveto no pé da cama de Nynaeve e depositou a faca ao lado com todo o cuidado. — Minha quase-irmã Egwene me pediu para vigiar Rand al'Thor para você, o que eu prometi que faria. — A trouxa e o xale foram parar no chão junto da porta. — Tenho *toh* para com ela, mas maior ainda para com você. — Ela desamarrou a blusa, puxou-a por sobre a cabeça, depois baixou a anágua até a cintura. — Eu amo Rand al'Thor, e certa vez me permiti me deitar com ele. Tenho *toh*, e peço a você que me ajude a cumpri-la. — Virando-se de costas, ficou de joelhos no pequeno espaço que ainda restava. — Você pode usar o graveto ou a faca como quiser. A *toh* é minha, mas a escolha é sua. — Aviendha ergueu o queixo e esticou o pescoço. Seus olhos se fecharam. — O que você escolher, eu aceito.

Elayne pensou que seus joelhos fossem ceder. Min dissera que a terceira mulher seria perigosa, mas Aviendha? *Espere! Ela disse que... Com Rand!* Sua mão se contraiu em direção à faca em cima da cama, e ela tratou de cruzar os braços, prendendo as mãos junto do corpo.

— Levante-se. E vista a sua blusa. Eu *não* vou bater em você... — Talvez só algumas vezes? Ela retesou os braços para manter as mãos onde estavam. — E *com certeza* não vou encostar naquela faca. Por favor, tire isso daqui. — Elayne até a teria entregado para a outra mulher, mas não estava certa de que era seguro tocar em uma arma naquele momento. — Você não tem *toh* para comigo. — Acreditava que a frase fosse aquela. — Eu amo Rand, mas não me importo se você o amar também. — A mentira lhe queimou a língua. Aviendha havia mesmo *se deitado* com ele?

Girando de um lado para o outro ainda de joelhos, Aviendha franziu o cenho.

— Não tenho certeza se entendi. Você está propondo dividi-lo comigo? Elayne, nós somos amigas, eu acho, mas, se vamos ser esposas-irmãs, devemos ser como irmãs-primeiras. Vai levar tempo para saber se podemos ser.

Ao perceber que sua boca estava escancarada, Elayne fechou-a.

— Suponho que sim — ponderou com a voz fraca. Min vivia dizendo que elas iriam dividi-lo, mas com certeza não daquele jeito! Só pensar naquilo já era indecente! — É um pouco mais complicado do que você sabe. Tem uma outra mulher que também o ama.

Aviendha ficou de pé tão rápido que simplesmente pareceu estar num lugar e, logo depois, no outro.

— Qual é o nome dela? — Seus olhos verdes ardiam, e a tal faca estava em sua mão.

Elayne quase gargalhou. *Uma hora, fala de dividir, na outra, fica tão violenta quanto... quanto...* Tão violenta quanto eu, concluiu, não muito contente com o pensamento. Aquilo poderia ter sido pior, bem pior. Poderia ter sido Berelain. Já que teria de ser alguém, melhor que fosse Aviendha. *E é melhor eu aceitar, em vez de ficar chutando as minhas saias como se fosse uma criancinha.* Ela se sentou na cama e entrelaçou as mãos no colo.

— Trate de embainhar isso e se sente aqui, Aviendha. E, por favor, vista a sua blusa. Tenho uma porção de coisas para falar com você. Tem uma mulher, uma amiga minha, minha quase-irmã, chamada Min...

Aviendha chegou a se vestir, mas se passou um tempo considerável até que ela se sentasse, e outro ainda mais considerável até que Elayne conseguisse convencê-la de que elas não deveriam se juntar para matar Min. Ao menos com isso Aviendha concordou. Relutante, ela disse:

— Eu preciso conhecê-la. Não vou dividi-lo com uma mulher que eu não consiga amar como uma irmã-primeira. — E tudo isso com um olhar inquisitivo para Elayne, que suspirou.

Aviendha consideraria dividi-lo com ela. Min estava preparada para dividi-lo com ela. Seria ela a única normal das três? Com base no mapa sob o colchão, Min deveria estar em Caemlyn em pouco tempo, ou talvez já estivesse. Elayne não sabia o que queria que acontecesse lá, apenas que Min usasse suas visões para ajudá-lo. O que significava que Min tinha que permanecer perto dele. Enquanto Elayne ia para Ebou Dar.

— Existe alguma coisa simples na vida, Aviendha?

— Não quando envolve homens.

Elayne não sabia qual a surpresa maior: a gargalhada dela ou a de Aviendha.





UMA AMEAÇA

Apesar de conduzir o cavalo a um passo lento pelas ruas de Caemlyn, exposta sob o sol escaldante do meio da manhã, Min não viu muito da cidade. Mal reparou nas pessoas a pé ou em liteiras, carroções e carruagens que atulhavam a cidade, exceto quando desviava a égua baia ou abria caminho para alguém. Sempre sonhara em morar em uma cidade grande e viajar para lugares estranhos, mas as torres coloridas cobertas de azulejos cintilantes e a linda vista das colinas quase passaram despercebidas. Grupos de Aiel caminhavam pela multidão, atraindo a atenção conforme as pessoas lhes davam passagem. Seu olhar também se voltava para as patrulhas de homens a cavalo, todos com nariz aquilino e quase sempre barbados, mas só porque elas a lembravam dos boatos que chegaram à boca do povo quando ela ainda estava em Murandy. Merana ficara irritada com aquelas histórias, e ainda mais nas duas vezes em que toparam com os restos carbonizados que indicavam a passagem dos Devotos do Dragão, mas Min achava que algumas das outras Aes Sedai estavam mais para preocupadas do que para irritadas. O melhor era evitar falar sobre o que achavam da anistia de Rand.

Parou diante da praça em frente ao Palácio Real, puxando as rédeas de Rosa, e secou o suor do rosto com toda a delicadeza, usando um lenço de bordas rendadas que tratou de enfiar de volta na manga do casaco. Apenas umas poucas pessoas pontilhavam a grande praça oval, mas essa ausência de gente talvez pudesse ser explicada pelos Aiel montando guarda nos portões principais do palácio, bem abertos. Havia mais Aiel de pé nas varandas de mármore e andando para lá e para cá pelas pontes e travessias elevadas, apoiadas em colunas. O Leão Branco de Andor tremulava ao sabor da brisa acima da cúpula mais alta do palácio, e outra bandeira carmesim panejava em um dos pináculos, um pouco mais baixo que a cúpula branca. A brisa movia o tecido rubro apenas o suficiente para deixar ver o antigo símbolo

das Aes Sedai, preto e branco.

Vendo os Aiel, ficou feliz por ter recusado a oferta de uma dupla de Guardiões como escolta — suspeitava de que misturar os dois grupos poderia causar atritos. E também não fora exatamente uma oferta, e sua recusa só fora bem-sucedida por Min ter ido embora de fininho uma hora antes do que deveria estar marcado no relógio da cornija da lareira da estalagem. Quando as duas finalmente chegaram, logo antes do amanhecer, foram direto para o que Merana, que era de Caemlyn, dizia ser a melhor estalagem da Cidade Nova.

Ainda assim, não eram os Aiel que deixavam Min hesitante — ao menos não só eles, pois já ouvira toda sorte de histórias terríveis sobre Aiel de véus negros. Ela usava casaco e calças da melhor e mais suave lã que se podia encontrar em Salidar, toda de um tom rosa-claro e com florezinhas azuis e brancas bordadas nas lapelas, nos punhos e pela lateral externa das pernas. A camisa também tinha o corte típico das vestimentas masculinas, mas era de seda creme. Depois que seu pai morrera, quando ainda estava em Baerlon, as tias tentaram transformá-la no que alegavam ser uma “mulher direita” — tia Miren talvez soubesse que, depois de Min passar dez anos nas minas usando roupas de menino, talvez fosse tarde demais para enfiar a sobrinha em vestidos, mas elas tentaram mesmo assim. Min combateu as tentativas com a mesma teimosia com que se recusara a aprender a manejar a agulha. Tirando aquele episódio infeliz quando estava servindo mesas na estalagem Pousos dos Mineiros — o lugar era barra-pesada, mas ela não passara muito tempo lá: assim que ficaram sabendo do novo trabalho de Min, Rana, Jan e Miren fizeram questão de tirá-la de lá, apesar dos protestos da sobrinha sobre já ter vinte anos. Tirando essa única vez, nunca usara um vestido de bom grado. Só que, ali parada, estava pensando que talvez devesse ter mandado fazer um, em vez de usar aquele conjunto de casaco e calças. Quem sabe um vestido de seda, com decote profundo e justo no corpete e...

Ele vai ter que me aceitar como sou, pensou, irritada, mexendo nas rédeas. *Não vou mudar por homem nenhum*. Ainda assim, nem tanto tempo antes Min teria usado roupas tão simples como as de um fazendeiro, não estaria com o cabelo quase até os ombros e arrumado em cachos, e não ouviria aquela vozinha sussurrando em sua mente: *Você vai ser o que achar que ele quer que seja*. Min massacrou aquelas palavras com a mesma força e intensidade com que massacrava qualquer cavaliário que tentava ser mais grosseiro e, com um mínimo a mais de delicadeza, esporou Rosa. Sentia ódio só de pensar em como as mulheres podiam ser fracas quando se tratava de um homem. Só que o problema é que tinha quase certeza de que, muito em breve, sentiria aquela fraqueza na pele.

Desmontou bem na frente dos portões do palácio e, examinando os Aiel com desconfiança, deu um tapinha amigável na égua, explicando que o chute não fora de propósito. Metade dos Aiel ali eram mulheres e, tirando uma, eram todas bem mais altas que ela. Os homens eram quase sempre tão grandes quanto Rand, alguns até

maiores. Todos estavam bem atentos à sua presença — bem, pareciam atentos a tudo, então com certeza também estavam prestando atenção nela. De tão atentos, parecia que nenhum deles sequer piscava. Portavam lanças e broquéis, além dos arcos presos às costas e as aljavas na cintura, junto das facas largas — pareciam prontos para matar. Aquelas tiras de pano negro pendendo sobre o peito deviam ser os véus. Já ouvira falar que os Aiel não matavam ninguém sem cobrir os rostos. *Espero que seja verdade.*

Decidiu falar com a menor mulher ali. O rosto bronzeado, emoldurado por um cabelo ruivo reluzente e tão curto quanto Min usava antes, era tão rígido que poderia muito bem ter sido entalhada em madeira, mas a mulher chegava até a ser um pouco mais baixa que ela.

— Vim ver Rand al'Thor — anunciou, um tanto insegura. — O Dragão Renascido. — Aqueles Aiel não piscavam nunca? — Eu me chamo Min. Ele me conhece, e trago uma mensagem importante.

A ruiva se virou para as outras Aiel, fazendo alguns gestos rápidos com a mão livre. Quando ela se virou de volta para responder, as mulheres estavam rindo.

— Vou levá-la até ele, Min. Mas se ele não souber quem você é, vai sair de lá muito mais rápido do que entrou. — Algumas das Aiel também riram disso. — Eu me chamo Enaila.

— Ele me conhece — insistiu Min, ruborizando. Levava um par de facas escondidas nas mangas do casaco. Aprendera a usar as lâminas com Thom Merrill, mas tinha a sensação de que aquela Enaila não teria dificuldades em desarmá-la e descascá-la com as próprias facas. Viu uma imagem tremeluzir sobre a cabeça da mulher, mas desapareceu rápido. Alguma guirlanda, mas não tinha ideia do que poderia significar. — É para eu levar minha égua junto? Acho que Rand não está com saudades dela. — Para sua surpresa, alguns dos Aiel deram risadinhas, tanto homens quanto mulheres, e Enaila contorceu os lábios, como se também quisesse rir.

Um sujeito veio pegar Rosa — também parecia Aiel, apesar dos olhos tristonhos e do robe branco —, então ela acompanhou Enaila portões adentro, cruzando um largo pátio até o Palácio propriamente dito. Foi um certo alívio ver serviçais de uniforme vermelho e branco atravessando apressados os corredores repletos de tapeçarias, todos observando os Aiel que ficavam por ali com cautela — mas a mesma cautela com que olhariam para um cão estranho. Min já estava achando que encontraria um Palácio povoado apenas de Aiel, com Rand cercado por aquela gente, talvez até usando casaco e calças naqueles tons de marrom, cinza e verde e encarando-a sem nunca piscar.

Enaila a levou até portas duplas, largas e imensas, entalhadas com leões. Estavam abertas, e ela fez uma pausa e deu um aceno para a Aiel que estava de guarda. Todas ali eram mulheres. Uma delas, de cabelo claro e consideravelmente mais alta do que a maioria dos homens, remexeu os dedos em resposta.

— Espere aqui — advertiu Enaila, e entrou.

Min fez menção de segui-la, mas, em um movimento despreocupado, a Aiel de cabelos claros bloqueou seu caminho com a lança — quer dizer, talvez não tenha sido tão despreocupado, mas Min não ligava. Consequia ver Rand dali.

Ele estava sentado em um grande trono dourado que parecia todo feito de Dragões, usando um casaco vermelho cheio de brocados de ouro, e, para a surpresa de Min, portava um cabo de lança borlado verde e branco. Um segundo trono, também dourado, repousava sobre um pedestal logo atrás, esse com um leão de pedras preciosas brancas encrustado no fundo vermelho. O Trono do Leão, segundo os rumores. Bem, Rand poderia estar usando o trono até como apoio para os pés e Min não teria se importado. Ele parecia cansado. Ah, e era tão bonito que ela sentia um aperto no peito. Via imagens dançando ao redor dele, sem parar. Quando aquela enxurrada acontecia com as Aes Sedai e os Guardiões, ela sempre tentava sair de perto — não sabia o que significavam as visões, não mais do que saberia se fosse outra pessoa qualquer, mas as visões estavam *sempre* lá. Com Rand, Min precisava se concentrar para vê-las, senão ficaria apenas encarando o rosto dele. Uma das imagens ela já conhecia, pois a vira toda vez que esteve diante dele: milhares de luzes cintilantes, como estrelas ou pirilampos, investiam contra uma massa escura enorme, querendo preenchê-la, mas acabavam engolidas. Parecia que tinha mais luzes do que nunca, mas a escuridão também absorvia os pontos brilhantes mais depressa. E tinha algo mais, algo novo: uma aura amarela, marrom e roxa que fez seu estômago se reter.

Tentou examinar as imagens dos nobres parados diante de Rand — só podiam ser nobres, com aqueles casacos bordados e ricos vestidos de seda —, mas não havia o que ver — e era quase sempre assim, com quase todos; quando ela de fato via algo, era quase certo que não teria ideia do que a imagem predizia. Ainda assim, estreitou os olhos e tentou. Se conseguisse identificar uma imagem, uma aura que fosse, talvez pudesse ajudar Rand. Pelas histórias que ouvira desde que chegara a Andor, Rand parecia precisar de toda a ajuda que pudesse ter.

Suspirando pesadamente, ela enfim desistiu. Estreitar os olhos e forçar a vista só faria diferença se houvesse o que ver.

Foi quando notou que os nobres estavam se retirando. Rand se levantou e Enaila gesticulou para que ela entrasse. Rand estava sorrindo, e Min achou que o coração fosse sair pela boca. Então era assim que se sentiam aquelas mulheres de quem ela tanto rira ao vê-las se jogando aos pés de algum homem. Não. *Ela* não era frívola. Era mais velha que Rand, dera seu primeiro beijo quando, para ele, pastorear ovelhas ainda era a coisa mais divertida do mundo, tinha... *Luz, por favor, que meus joelhos não cedam.*

Rand largou o Cetro do Dragão na poltrona em que estivera sentado, saltou do estrado de um pulo só e atravessou correndo o Grande Salão. Assim que alcançou Min, agarrou-a em um abraço e a rodopiou no ar várias vezes, sem nem esperar Dyelin e os outros saírem. Alguns nobres ficaram olhando. Que olhassem à vontade: Rand não estava nem aí.

— Luz, Min, mas como é bom ver seu rosto!

Ele riu. Era um rosto consideravelmente melhor que as feições pétreas de Dyelin ou de Ellorien. E teria ficado feliz em vê-la mesmo que Aemlyn, Arathelle, Pelivar, Luan e todos os outros parecessem felizes com a notícia de que Elayne estava a caminho de Caemlyn, em vez de simplesmente o encararem cheios de dúvida, parecendo achar que ele estava mentindo.

Quando ele a botou de volta no chão, Min se deixou cair contra seu peito, abraçando-o com força, ofegante.

— Ah, me desculpe — pediu Rand. — Não queria deixar você tonta. É que estou mesmo feliz em vê-la.

— Bem, e você realmente me deixou tonta, seu pastorzinho cabeça de lã — balbuciou ela contra seu peito. Min se afastou e, de cara feia, ergueu os olhos de cílios compridos para ele. — A cavalgada foi bem longa, cheguei praticamente no meio da noite, e você me joga de um lado e para o outro feito uma saca de aveia. Não lhe ensinaram a ter modos?

— Cabeça de lã! — Ele riu baixinho. — Min, pode me chamar de mentiroso, se quiser, mas juro que senti saudade de ouvir você me chamar assim.

Ela não respondeu, só ergueu os olhos para ele, já sem fazer cara feia. Seus cílios de fato pareciam mais compridos do que ele se recordava.

Rand se lembrou de onde estavam, então segurou sua mão e a puxou atrás de si. O salão do trono não era lugar para reencontrar velhos amigos.

— Vamos, Min. Podemos tomar um ponche gelado na sala de estar. Somara, vou para meus aposentos. Pode mandar todo mundo embora.

Somara não pareceu muito feliz com aquilo, mas dispensou todas as Donzelas, restando apenas ela mesma e Enaila. Ambas pareciam um pouco emburradas, o que Rand não compreendeu. Ele só permitira que Somara mantivesse tantos Aiel dentro do palácio porque Dyelin e os outros tinham ido visitá-lo. E Bashere estava fora, no acampamento dos cavaleiros dele ao norte da cidade, pelo mesmo motivo. As Donzelas ficaram no palácio como lembrete, e Bashere fora mandado para longe porque talvez fosse lembrete demais. Esperava que aquelas duas não planejassem dar uma de mãe — achava que elas se revezavam mais do que deviam na guarda dele, mas Nandera era tão irredutível quanto Sulin, quando ele tentava definir que donzela deveria fazer o quê. Rand até podia comandar as *Far Dareis Mai*, mas não era uma Donzela, e aquilo não era da sua conta.

Enquanto conduzia Min pela mão pelo corredor, viu que ela analisava as tapeçarias, as mesas, os baús incrustados, as vasilhas douradas e os vasos compridos

de porcelana do Povo do Mar arrumados em alguns nichos. A jovem examinou Enaila e Somara da cabeça aos pés três vezes, mas mal olhou para ele e não disse uma palavra. Sua mão envolvia toda a dela, e Rand podia sentir a pulsação de Min mais acelerada que cavalos a galope. Torcia para que ela não estivesse irritada de verdade por ele tê-la deixado tonta.

Para seu imenso alívio, Somara e Enaila assumiram seus lugares uma de cada lado da porta. Ainda assim, elas apenas o encararam quando ele pediu ponche, e Rand precisou se repetir. Na sala de estar, ele tirou o casaco e o jogou sobre uma cadeira.

— Sente-se, Min. Sente-se. Fique à vontade. Alguém já deve estar trazendo o ponche. Agora me conte tudo. Por onde você andou, como chegou aqui, por que chegou no meio da noite. Não é muito seguro viajar de noite, Min. E menos ainda nesses tempos. Vou botar você nos melhores aposentos do Palácio. Quer dizer, no segundo melhor, já que estou ocupando os melhores. E vou destacar uma escolta Aiel para levar você aonde quiser. Qualquer encenqueiro vai tirar o chapéu e abaixar a cabeça na hora, isso se não sair correndo pelas ruas laterais de onde você estiver passando.

Rand achou que ela fosse rir, parada junto à porta, mas Min apenas respirou fundo e sacou uma carta do bolso.

— Não posso contar de onde vim. Eu prometi, Rand. Mas Elayne está lá e...

— Salidar — interrompeu ele, então sorriu ao vê-la arregalar os olhos, surpresa. — Eu sei de algumas coisas, Min. Talvez mais do que acham que sei.

— É... parece que sabe mesmo — retrucou ela, sem forças. Então empurrou a carta nas mãos dele e se afastou de volta. Com a voz mais firme, completou: — Jurei que lhe entregaria isto assim que o visse. Leia de uma vez.

Rand reconheceu o selo — um lírio pressionado na cera amarela escura — ao lado de seu nome, escrito na caligrafia floreada de Elayne, e hesitou antes de abrir. Era melhor acabar tudo de uma vez, e Rand tomara o cuidado de acabar com tudo mesmo, mas não conseguiu se conter ao ver aquela carta em suas mãos. Leu, então se sentou, sem reparar que estava em cima do casaco, e leu de novo. Era bem curta.

Rand,

Deixei meus sentimentos bem claros, e saiba que nada mudou. Espero que você sinta por mim o mesmo que sinto por você. Min pode ajudá-lo, se você aceitar os conselhos dela. Eu a amo como a uma irmã, e espero que você a ame da mesma forma.

Elayne

A tinta devia estar acabando, porque as últimas linhas saíram em um garrancho

apressado, bem diferente da caligrafia elegante do restante da mensagem. Min passara aquele tempo todo inquieta, se remexendo e tentando ler a carta sem que ele reparasse, mas se afastou depressa quando ele se levantou para tirar o casaco de baixo do corpo — o *angreal* do homenzinho gordo estava no bolso, incomodando.

— Será que todas as mulheres fazem o possível para enlouquecer os homens? — murmurou.

— O quê?

Rand fitou a carta e murmurou, quase falando sozinho.

— Elayne é tão linda que é difícil tirar os olhos dela, mas metade das vezes não sei se ela quer que eu a beije ou que eu me ajoelhe a seus pés. E é verdade que algumas vezes eu quis mesmo me ajoelhar e... e idolatrá-la, a Luz que me ajude. Aqui ela diz que eu sei como ela se sente, mas recebi duas cartas antes desta; uma cheia de declarações de amor e a outra dizendo que ela nunca mais queria me ver. Ah, quantas vezes não fiquei desejando que a primeira fosse verdade e a outra fosse alguma brincadeira, um engano ou... E tem Aviendha. Ela também é bem bonita, mas cada dia era uma batalha. Nada de me beijar, não mais, e não deixava nenhuma dúvida do que sente por mim. E acho que ela ficou mais feliz de poder se afastar de mim do que eu fiquei em vê-la partir. Só que continuo achando que vou vê-la sempre que me viro. E, quando não a vejo, é como se faltasse um pedaço de mim. Até sinto falta daquela luta constante, e algumas vezes me pego pensando: *há coisas pelas quais vale a pena lutar*.

Algo no silêncio de Min o fez erguer os olhos. Ela o encarava, o rosto tão inexpressivo quanto o de uma Aes Sedai.

— Ninguém nunca lhe falou que não é educado falar de uma mulher para outra? — Sua voz estava completamente neutra. — E muito menos de *duas* outras?

— Min, você é minha amiga — protestou ele. — Não vejo você como mulher.

Era a coisa errada a se dizer, e ele soube assim que as palavras saíram da boca.

— Ah, é?

Ela arrancou o casaco e plantou as mãos na cintura. Não era aquela postura irritada tão familiar, nada disso. Apoiara as mãos de forma que os dedos apontavam para cima, em vez de na direção do umbigo, e por algum motivo isso fazia toda a diferença. Além disso, ela ficou parada com um dos joelhos um pouco flexionado, e aquilo... Pela primeira vez, Rand a enxergou de verdade. Não viu apenas sua amiga Min, também notou sua aparência. Ela não usava o casaco marrom e comum e as calças de sempre, e sim um traje vermelho-claro com bordados. E não usava mais o cabelo cortado de qualquer jeito e mal cobrindo as orelhas, agora tinha cachos que chegavam até o pescoço.

— Eu por acaso pareço um menino?

— Min, eu...

— Eu pareço um homem? Um cavalo?

Em um único passo rápido, a jovem cruzou a distância entre eles dois e se plantou

em seu colo.

— Min — começou Rand, perplexo —, o que você está fazendo?

— Convencendo você de que eu sou mulher, seu cabeça de lã. Eu não pareço uma mulher? Não tenho cheiro de mulher? — Rand só agora percebia o leve perfume de flores que emanava dela. — Meu toque não é...? Bem, já chega. Responda à pergunta, pastorzinho.

Rand teria ficado alarmado, mas o “pastorzinho” e o “cabeça de lã” o tranquilizaram. Na verdade, era bom senti-la sentada em seu colo. Mas aquela era Min, que o achava um camponês com cabelo ainda cheio de feno e sem nenhum juízo.

— Luz, Min, eu sei que você é mulher. Não falei por mal, mas você também é minha amiga. Eu me sinto à vontade com você, é isso. Não me importo de fazer papel de bobo na sua frente. Posso lhe contar coisas que não diria a mais ninguém, nem mesmo para Mat ou Perrin. Quando estou com você, eu relaxo e todo o peso em meus ombros parece desaparecer. Entende? Eu gosto de ficar perto de você. E senti saudades.

Cruzando os braços, Min olhou para ele de soslaio, franzindo o cenho. Ela sacudia a perna — se o pé encostasse no chão, ela estaria batendo o pé, ansiosa e impaciente.

— E toda aquela conversa sobre Elayne e essa... Aviendha. Quem é ela, aliás? Parece que você ama as duas. Ah, pare de enrolar! Você me deve algumas respostas, depois de dizer que não sou... Bem, responda de uma vez: você ama as duas?

— Pode ser que sim — respondeu ele, hesitante. — Que a Luz me ajude, acho que amo, sim. Ah, Min, o que eu sou: um devasso, ou só um idiota ganancioso? — Min abriu a boca, então fechou e balançou a cabeça, irritada, comprimindo os lábios. Rand se apressou para explicar, antes que ela pudesse lhe dizer qual das duas combinava mais com ele. Não queria ouvir aquilo vindo dela, não mesmo. — Ah, seja como for, isso não importa mais. Acabou. Mandeí Aviendha embora e não vou deixar que ela volte. Nem vou me permitir ficar a uma milha que seja dela e de Elayne. Ou mesmo dez milhas, se puder impedir.

— Pela Luz...! Por quê, Rand? O que lhe dá o direito de fazer uma escolha dessas por elas?

— Você não entende, Min? Eu sou um alvo. E qualquer mulher que eu ame também se torna um alvo. A flecha pode acertar essa mulher, mesmo que estejam mirando em mim. E poderia ser mirada nela. — Ele soltou um suspiro e se recostou, apoiando os cotovelos nos braços com entalhes de rosas da poltrona. Min se virou um pouco, examinando-o com a expressão mais séria que ele já vira em seu rosto. Min estava sempre sorrindo, sempre parecia se divertir um pouco com tudo. Era bom ver que ela não parecia se divertir muito naquela situação; ele próprio estava seriíssimo. — Lan me falou que pareço com ele em muitas coisas, e é verdade. E disse que existem homens que irradiam morte. Como ele. E eu. Quando um homem desses se apaixona, o melhor presente que pode dar à mulher é se manter o mais

longe possível dela. Você entende?

— O que eu entendo... — Ela hesitou por um momento. — Olha só, eu sou mesmo sua amiga, é verdade, e acho ótimo que você saiba disso. Mas não vá pensando que vou desistir. Ainda vou convencer você de que eu não sou nem um homem nem um cavalo.

— Min, eu disse que...

— Ah, não, pastorzinho. Isso não basta. — Ela se contorceu em seu colo de um jeito que o fez pigarrear, então cutucou seu peito, ameaçadora. — Quero ver lágrimas nos seus olhos, quando você se convencer. Quero você babando e gaguejando. Não pense que não vou fazer você pagar por isso.

Rand não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Min, é tão bom ter você aqui. Você só me vê como um plebeu de Dois Rios, não é?

O temperamento dela mudou do nada, rápido como um relâmpago.

— Eu vejo você, Rand — rebateu ela, estranhamente calma. — Eu só vejo você. — Min pigarreou e se ajeitou, toda empertigada, botando as mãos nos joelhos. Pelo menos o mais empertigada que dava para ficar sentada no colo dele. — Melhor eu continuar com o que vim fazer aqui. Parece que você já sabe de Salidar. Garanto que isso vai surpreender muita gente. Mas o que você provavelmente não sabe é que não vim sozinha. Tem uma missão diplomática de Salidar aqui em Caemlyn, elas vieram ver você.

Lews Therin praguejou baixinho, como um trovão ao longe. Desde Alanna e a criação do elo, qualquer menção às Aes Sedai sempre o despertava tão facilmente quanto a presença de Taim.

Mesmo com os resmungos de Lews Therin, Rand quase sorriu. Suspeitara de que Salidar enviara alguém assim que Min lhe entregou a carta de Elayne, e, bem, a confirmação era mais uma prova de que estava certo em seu palpite de que as Aes Sedai de Salidar estavam apavoradas. E não poderiam estar de outro jeito, em rebelião aberta contra a Torre, vendo-se obrigadas a se esconder nos arredores das regiões onde os Mantos-brancos eram mais influentes. E era muito provável que também estivessem buscando descobrir um jeito de voltar para a Torre Branca, roendo as unhas enquanto pensavam em uma maneira de reconquistar a boa vontade de Elaida. Pelo que conhecia da Vermelha, achava que aquelas mulheres tinham uma chance muito pequena de conseguir voltar às boas graças da Torre, e elas decerto sabiam disso melhor que ele. Se tinham enviado uma missão diplomática para o Dragão Renascido, um homem capaz de canalizar, deviam estar quase prontas para aceitar sua proteção — não eram como Elaida, que parecia achar que Rand poderia ser comprado e mantido preso em uma gaiola de vime como um pardal cantador. As promessas nebulosas de Egwene sobre Aes Sedai que o apoiavam estavam prestes a se cumprir.

— Quem veio com você? — indagou para Min. — Talvez eu a conheça.

Não conhecia nenhuma Aes Sedai muito bem — tirando Moiraine, que já estava morta —, mas já se encontrara com algumas. Se fosse alguma conhecida, as coisas talvez ficassem um pouco mais difíceis. Quando Moiraine o conheceu, ele ainda era o camponês de quem Min tanto falava, um fazendeiro que se encolhia todo quando alguma Aes Sedai sequer olhava em sua direção.

— Tem mais de uma, Rand. Na verdade, são nove. — Rand se sobressaltou, e ela acrescentou depressa: — É uma honra, Rand, um sinal de respeito. É três vezes mais mulheres do que mandariam para um rei ou uma rainha. Quem está no comando é Merana, uma Cinza. Ela vem aqui sozinha, hoje à tarde. Sempre que vierem falar com você, será uma Aes Sedai sozinha, sem nenhuma outra, a menos que você aceite ficar perto de mais de uma ao mesmo tempo. Elas estão hospedadas na estalagem A Coroa de Rosas, na Cidade Nova. Ocuparam quase o lugar todo, com todos os Guardiões e serviçais que trouxeram. Merana me mandou vir aqui antes de todas porque já nos conhecemos, para preparar o terreno. Elas não têm a menor intenção de lhe fazer mal. Tenho certeza.

— E essa certeza vem de uma visão ou é a sua opinião? — perguntou Rand.

A princípio parecia estranho ter uma conversa séria com uma mulher sentada em seu colo, mas aquela era Min, o que mudava tudo. Só não podia parar de lembrar isso a si mesmo.

— É minha opinião — admitiu ela, relutante. — Rand, passei todos os dias da longa jornada desde Salidar observando cada uma delas. Se essas mulheres quisessem lhe fazer algum mal, eu teria notado. Tenho certeza de que eu já teria notado alguma visão suspeita, depois de todo esse tempo. — Ela se remexeu, mudando de posição, e o encarou com um olhar preocupado, que logo se transformou em uma expressão firme e determinada. — Melhor eu lhe contar logo essa outra coisa, enquanto ainda está fresca na minha cabeça: vi uma aura ao seu redor na sala do trono. Algumas Aes Sedai vão lhe fazer mal, ou pelo menos algumas mulheres capazes de canalizar, enfim. Foi bem confuso. Não tenho muita certeza sobre a parte das Aes Sedai. E ainda pode ser que aconteça mais de uma vez, talvez fosse por isso que tudo parecia tão embaralhado. — Rand a encarou, sem dizer nada, e ela sorriu. — Eu gosto disso em você, Rand. Você aceita o que eu posso interpretar e não reclama sobre o que não sei, não pergunta se tenho certeza ou quando é que algo vai acontecer. Você nunca pergunta mais do que eu sei.

— Bem, Min, uma coisa eu vou ter que perguntar. Você pode ter certeza de que essas Aes Sedai da sua visão não são as mesmas Aes Sedai com quem você veio para cá?

— Não — respondeu ela, sem rodeios. E *ele* gostava disso: Min nunca tentava se esquivar de dizer a verdade.

Preciso tomar cuidado, sussurrou Lews Therin, absorto. *Até essas garotas destreinadas podem ser perigosas, se estiverem em nove. Preciso...*

Eu é que preciso, retrucou Rand, firme. Lews Therin pareceu confuso por um

instante, então escapou de volta para os recônditos obscuros da mente. Era o que passara a fazer sempre que Rand falava com ele — o problema era que Lews Therin parecia estar vendo e ouvindo mais do mundo, além de planejando fazer algo a respeito do que percebia. Não houvera nenhum outro incidente em que o homem tentara agarrar *saidin*, mas Rand agora tomava cuidado. Aquele louco queria sua mente e seu corpo para si, acreditava que fossem dele. Rand não podia garantir que conseguiria recuperar o controle se aquela voz em sua mente conseguisse assumir as rédeas uma só vez que fosse. Lews Therin Telamon voltaria a andar pelo mundo, e Rand al'Thor não passaria de uma voz em sua cabeça.

— Rand — começou Min, ansiosa —, não olhe assim para mim. Estou do seu lado, se é para eu me posicionar, e pode ser que eu precise me posicionar. Elas acham que eu vou contar tudo o que você me falar, mas não vou, Rand. Elas só querem saber como lidar com você, o que esperar das reuniões, mas não vou dizer uma única palavra sem a sua autorização. E minto se você me pedir para mentir. Elas não sabem das minhas visões. Minhas visões são suas, Rand. Você sabe que não tenho problemas em ler quem quer que você me peça para ler, e isso inclui Merana e as outras.

Rand se obrigou a suavizar a expressão, acalmando os lábios que se retesavam em um rosnado, e tentou deixar a voz agradável antes de falar:

— Fique tranquila, Min. Sei que você está do meu lado. — Era a mais pura verdade: suspeitar de Min seria como suspeitar de si mesmo. Lews Therin estava apaziguado, pelo menos por enquanto, então era hora de lidar com essa Merana e sua missão diplomática. — Diga a elas para virem de três em três.

Fora o conselho de Lews Therin, quando ele recebeu as Aes Sedai em Cairhien: não mais que três de uma vez. O homem parecia acreditar que conseguiria dar conta de três Aes Sedai — inclusive, parecia desdenhar um pouco das mulheres que se intitulavam Aes Sedai, naqueles tempos. Mas agora as coisas eram diferentes: o número, que em Cairhien fora um limite imposto, parecia mais uma concessão ali. Merana queria que Rand fosse tranquilizado e os ânimos estivessem acalmados antes que qualquer única Aes Sedai se aproximasse dele. Bem, ela que ficasse tentando decifrar o convite para três mulheres de uma vez.

— Além disso — continuou —, avise que nenhuma delas pode entrar na Cidade Interna sem minha permissão. E nada de tentar canalizar perto de mim. Diga isso a elas, Min. Vou saber no instante em que elas agarrarem a Fonte, e não vou ficar nada contente. Diga isso a elas.

— Elas também não vão ficar muito contentes com isso, pastorzinho — rebateu a jovem, seca. — Mas vou dizer.

Um estrondo fez Rand virar a cabeça.

Sulin estava de pé junto à porta, usando o vestido vermelho e branco. Seu rosto estava tão corado que a cicatriz na bochecha parecia se sobressair, ainda mais pálida que o habitual. O cabelo branco crescera bastante desde que ela começara a usar o

uniforme de serviçal, mas ainda era mais curto que o comum para as mulheres que trabalhavam no castelo. A Senhora Harfor mandara arrumar as mechas em um emaranhado de cachos, e Sulin odiava o penteado. Uma bandeja de prata com a borda de entalhes de ouro estava a seus pés, os cálices dourados com detalhes em prata deitados de lado no chão. O cântaro de vinho bambeou uma última vez e, como que por milagre, acabou parando de pé, mas parecia ter tanto ponche na bandeja e no tapete quanto talvez ainda restasse no cântaro.

Min já estava se levantando, sem jeito, quando Rand agarrou sua cintura e a puxou de volta para o colo dele — já fazia tempo mais que suficiente para que todas ali compreendessem que ele não queria mais nada com Aviendha, e Min não se importaria de ajudar a esclarecer aquilo. Tanto não se importaria que, depois de um instante de resistência, ela se inclinou contra ele, apoiando a cabeça em seu peito.

— Sulin, uma boa serviçal não fica jogando bandejas por aí — ralhou. — Agora trate de juntar tudo e fazer como se deve.

Sulin o encarou com um olhar sombrio, quase tremendo de raiva.

Em um golpe de genialidade, Rand tinha encontrado um jeito de permitir que Sulin cumprisse sua *toh* ao mesmo tempo que minimizava ao menos parte de sua obrigação para com ela. Colocara a mulher para cuidar de seus aposentos, atendendo apenas aos pedidos dele de trazer e levar o que quer que fosse. Ela odiava, claro, sobretudo porque Rand a via naquela situação todos os dias, mas pelo menos não arrasava a coluna esfregando o chão do Palácio todo ou carregando uma quantidade infinita de pesados baldes de água para lavar roupa. Rand suspeitava de que a mulher preferiria que todos os Aiel que estavam do lado de cá da Muralha do Dragão testemunhassem sua vergonha no lugar dele, mas o novo arranjo diminuía consideravelmente a carga de trabalho de Sulin, o que aliviara parte do peso que ele sentia na consciência. E se trabalhar para ele a fazia decidir que sua *toh* seria cumprida mais rápido... bem, melhor ainda. Sulin devia usar o *cadin'sor* e carregar lanças, não ficar dobrando roupas de cama metida em uma libré de serviçal.

Ela pegou a bandeja, atravessou o aposento às pressas e a largou sem cuidado sobre uma mesa incrustada de marfim. Quando se virou para sair, Rand continuou:

— Sulin, esta aqui é Min. Ela é minha amiga e não conhece bem os modos dos Aiel. Eu não ficaria nada feliz se ela acabasse enfrentando dificuldades por isso. — Acabara de lhe ocorrer que as Donzelas também deviam ter uma opinião em vê-lo mandar Aviendha embora só para segurar outra mulher nos braços assim que ela virava as costas. Deviam ter mais que uma opinião: poderiam até ter uma maneira própria de lidar com a situação. — Na verdade, se algum mal acontecer a ela, vou considerar um mal feito a mim.

— Por que alguém além de Aviendha desejaria fazer mal a essa mulher? — questionou Sulin, irritada. — Ela desperdiçou tempo demais sonhando com você, mas passou poucas horas ensinando o que você deveria saber. — Ela se recompôs e disse, em um rosnado que Rand achou que era para ter sido um murmúrio: —

Milorde Dragão. — A mulher quase perdeu o equilíbrio duas vezes ao fazer a mesura, antes de voltar a ficar ereta, e bateu a porta com força ao sair.

Min virou a cabeça para encará-lo.

— Acho que nunca tinha visto uma criada dessas... Se ela tivesse uma faca, teria cortado seu pescoço.

— Ah, ela até me chutaria, mas não chegaria a me esfaquear — gracejou Rand. — Sulin me tem como um irmão que não via há muito tempo. — O olhar de Min se tornou distante e confuso. Dava para ver centenas de perguntas que ela gostaria de fazer. — É uma longa história, eu conto melhor depois.

Contaria só uma parte, claro. Ninguém iria saber de tudo o que ele tinha que aguentar de Enaila, Somara e algumas das outras. Bem, todas as Donzelas já sabiam, porém mais ninguém precisava ouvir aquilo.

Melaine entrou na sala daquele jeito dos Aiel. Ou seja, meteu a cabeça porta adentro, deu uma espiada e só então entrou de vez no aposento. Rand nunca conseguira descobrir o que faria um Aiel recuar e esperar do lado de fora. Chefes, Sábias e Donzelas já tinham entrado com ele só de roupas de baixo, deitado ou tomando banho. A Sábua de cabelos dourados se aproximou com um tilintar dos braceletes, aninhou-se no tapete poucas passadas diante dele e de Min, mantendo as pernas cruzadas, e ajeitou as saias com todo o cuidado. Seus olhos verdes observavam Min com uma expressão neutra.

Dessa vez, Min não fez nem menção de se levantar. Aliás, pelo modo como a jovem estava se apoiando nele, com a cabeça em seu peito, e pela respiração cada vez mais lenta, Rand achava que ela talvez estivesse pegando no sono. Min não tinha dito que chegara no meio da noite, afinal? De repente, reparou na mão que mantinha encaixada na curva da cintura dela e agarrou, determinado, o braço da cadeira. Min soltou um suspiro quase queixoso e se aconchegou mais a seu corpo. Com certeza estava quase dormindo.

— Tenho novidades — informou Melaine —, mas não sei bem qual é a mais importante. Egwene foi embora das tendas, está a caminho de um lugar chamado Salidar, onde há outras Aes Sedai. Essas são as Aes Sedai que talvez o apoiem, e não viemos falar delas antes porque Egwene nos pediu. Bem, agora venho lhe dizer que essas mulheres são teimosas, indisciplinadas, briguentas e convencidas além da conta. — A voz foi se acalorando conforme a Sábua falava, pontuando as palavras com um balançar enfático da cabeça.

Ah, então uma das Andarilhas dos Sonhos de Cairhien tinha entrado nos sonhos de Melaine e conversado com ela — era praticamente tudo o que sabia a respeito das capacidades das Andarilhas; uma habilidade que poderia lhe ser útil, mas era raro as Sábias se dispuserem a colocá-la à disposição dele. A novidade era toda aquela irritação de Melaine. Os Aiel quase todos agiam como se achassem que as Aes Sedai fossem lhes dar uma surra a qualquer instante e ainda acreditavam que seria merecido, tendo toda a intenção de suportar cada golpe sem nem vacilar. Até as

Sábias falavam com respeito das Aes Sedai, isso quando falavam. Algumas coisas tinham mesmo mudado. Ainda assim, Rand respondeu com um simples:

— Eu sei. — Se Melaine tivesse qualquer intenção de lhe contar por que pensava daquela forma, contaria sem que ele perguntasse. Se ela não quisesse contar, perguntar não traria nenhuma resposta. — E também sei sobre Egwene e sobre Salidar. Tem nove mulheres de Salidar aqui em Caemlyn. Esta aqui é Min, que veio com elas.

Min se remexeu contra seu peito e murmurou qualquer coisa. Lews Therin voltou a resmungar, mas baixo demais para que ele conseguisse entender, e Rand ficou feliz com a distração da sensação de Min em seu colo. Tê-la ali era bem... agradável. Min ficaria ofendidíssima se soubesse — ou, considerando a promessa que ela fizera mais cedo, talvez fosse rir. Talvez. Ela às vezes podia ser bem temperamental.

Melaine não demonstrou nenhuma surpresa por ele saber, nem sequer mexeu no xale. Desde que se casara com Bael, a mulher parecia estar mais... bem, “calma” não era bem o termo, uma palavra plácida demais para Melaine. Mas de fato ficara menos irritadiça.

— Essa era a minha segunda notícia. Você precisa tomar muito cuidado com elas, Rand al'Thor, e ter mão firme. Só assim elas vão respeitá-lo.

É, as coisas tinham mesmo mudado.

— Você vai ter duas filhas — murmurou Min. — Gêmeas idênticas.

Melaine compensou toda a falta de surpresa de antes com o assombro em ouvir aquelas palavras de Min. Ela arregalou os olhos e quase pulou de susto.

— Como você...? — começou, incrédula, mas parou para se recompor. Quando prosseguiu, ainda parecia incrédula. — Eu mesma só fui ter certeza de que carregava uma criança hoje de manhã. Como você sabia?

Min enfim se levantou, lançando a Rand um olhar que ele conhecia muito bem — ela o culpava, sabia a Luz por que motivo. Até mesmo Min tinha lá seus defeitos, mesmo que pequenos. Ela começou a remexer no casaco, olhando para todos os lados, menos para Melaine. Quando seus olhos pousaram nele de novo, foi com uma variação do primeiro olhar. Rand a metera naquilo, ele é que devia tirá-la da enrascada.

— Está tudo bem, Min — tranquilizou-a Rand. — Melaine é uma Sábua, imagino que ela saiba de coisas que a deixariam de cabelo em pé. — Só que o cabelo de Min já estava um tanto para cima, bagunçado depois de ela ter passado tanto tempo encostada nele. Mas continuava sedoso... como as mulheres conseguiam? — Tenho certeza de que ela vai jurar guardar seu segredo, e você pode confiar na promessa dela.

Melaine quase atropelou as palavras, tão rápida foi ao jurar segredo.

Não adiantou nada: Rand recebeu mais um olhar daqueles antes que Min se sentasse ao lado de Melaine. Tinha um toque de repreensão. Como Min *esperava* que ele fosse conseguir tirá-la dessa enrascada? Melaine não deixaria o assunto de

lado só por um pedido seu, mas manteria a promessa e guardaria segredo. Pelo menos era muito boa em não contar nada para Rand.

Apesar de toda a relutância, Min deu uma explicação bem mais detalhada do que ele próprio já ouvira — o que talvez tenha sido resultado das muitas perguntas de Melaine e também da sua mudança de atitude. Era como se a Sábia tivesse passado a pensar que a habilidade de Min fazia dela uma igual, não uma mera aguacenta.

— Impressionante — afirmou Melaine, por fim. — É como interpretar um sonho sem sonhar. Gêmeos, é? Duas garotas? Bael vai ficar tão feliz... Dorindha lhe deu três filhos, mas nós duas sabemos que ele queria uma menina.

Min piscou, atônita, e ficou sem entender. Claro. Como ela poderia saber daquela história de esposa-irmã?

Dali, as duas logo mudaram de assunto para os partos. Nenhuma delas nunca tivera filhos, mas ambas já haviam auxiliado parteiras.

Rand pigarreou bem alto. Não que algum daqueles detalhes o incomodasse, já ajudara no parto de ovelhas, éguas e vacas. Só ficava irritado de as duas ficarem ali, sentadas, entre cochichos, como se ele tivesse deixado de existir. Min e Melaine só o encararam quando ele pigarreou uma segunda vez, alto o bastante para cogitar se teria machucado a garganta.

Melaine se inclinou ainda mais para perto de Min e cochichou, mas em um tom que daria para ouvir da sala ao lado:

— Os homens sempre desmaiam.

— E sempre no pior momento possível — concordou Min, no mesmo tom.

O que elas diriam se o vissem no celeiro do pai de Mat, coberto de sangue e de fluidos de parto até os ombros, com três costelas quebradas pelo coice que levara — era o primeiro parto da égua, que estava apavorada. Ela não coiceou mais na segunda gestação. Mas, ah, que belo potro fora aquele.

— Bem, antes que eu desmaie — começou, sarcástico, juntando-se às duas no tapete —, talvez seja melhor uma de vocês falar mais sobre as Aes Sedai?

Teria se levantado ou se sentado no chão com Melaine mais cedo, se não estivesse com o colo ocupado. Entre os Aiel, apenas os chefes de clãs possuíam cadeiras, que só eram usadas para passar julgamentos ou aceitar a submissão de um inimigo.

As duas mulheres assumiram uma expressão culpada — e era bom que tivessem mesmo entendido a reprimenda. Nenhuma falou nada, mas ajustaram respectivamente o xale e o casaco, sem necessidade, e não cruzaram o olhar com o dele. Tudo acabou assim que elas começaram a falar. Min continuou a insistir que as Aes Sedai de Salidar não representavam perigo para Rand e que poderiam sim prestar auxílio, se fossem tratadas direito — ou seja: com o máximo respeito em público. Ela contaria a Rand sobre cada sussurro que escutasse, quando estivessem a sós.

— Entenda que não estou traindo ninguém, Melaine. Conheci Rand muito antes de encontrar qualquer Aes Sedai. Exceto Moiraine, é verdade, mas o fato é que ele

conquistou minha lealdade muito antes de ela morrer.

Melaine não via Min como traidora, muito pelo contrário, e a jovem pareceu até subir em seu conceito. As Sábias tinham sua própria versão do que os Aiel entendiam como espiões. Ainda assim, Melaine argumentava que, com algumas poucas exceções, as Aes Sedai eram tão dignas de confiança quanto os Shaido — ou seja, só seriam de confiança depois de capturadas e transformadas em *gai'shain*. Ela não chegou a sugerir que as Aes Sedai fossem mantidas cativas na estalagem em que estavam, mas não ficou muito longe disso.

— Como você pode confiar nelas, Rand al'Thor? Na minha opinião, essas mulheres não têm honra. Só Egwene al'Vere, e ela... — Melaine mexeu outra vez no xale. — Só confiarei em uma Aes Sedai quando ela me demonstrar tanta honra quanto Egwene demonstrou, mas não antes.

O próprio Rand mais ouviu que falou, e mesmo sem soltar mais que dez palavras aprendeu um bocado. Rebatendo as argumentações de Melaine, Min listou todas as integrantes da missão diplomática, contando o que cada mulher dissera sobre apoiar ou não Rand e acabando por admitir que nem tudo era um mar de rosas. Merana Ambrey e Kairen Stang, uma Azul, eram ambas andorianas e, mesmo com toda aquela história de que as Aes Sedai renunciavam a qualquer aliança que não fosse com a Torre Branca — e talvez até por terem se rebelado contra a Torre —, as duas se preocupavam em ver Rand ocupando Caemlyn, assim como se preocupavam com os rumores de que ele poderia ter assassinado Morgase. Rafela Cindal, também Azul, até estava feliz com as mudanças que Rand realizara em Tear, onde antes a canalização era ilegal e uma garota que se descobrisse capaz de manejar o Poder era levada às pressas para fora do país, mas falou pouco e também estava preocupada com o desaparecimento de Morgase. Seonid Traighan, uma Verde, sempre ficava pensativa quando ouvia algum boato sobre Cairhien, onde nascera, e guardava suas opiniões só para si. E Faeldrin Harella, a outra irmã Verde, às vezes comparava as atrocidades que os Devotos do Dragão tinham cometido em Altara e Murandy ao que estava acontecendo em Tarabon, recusando-se a reconhecer que a guerra civil já devastara aquela terra antes mesmo de começarem a surgir os primeiros Devotos do Dragão por aquelas bandas. Bem, não importava quanto Melaine pressionasse: Min insistia que cada uma daquelas Aes Sedai reconhecia Rand como o Dragão Renascido, alegando inclusive que, durante a jornada, todas tinham vindo perguntar — e com todo o respeito e a delicadeza — como ele era e qual seria a melhor forma de abordá-lo sem ofendê-lo nem o assustar.

Rand grunhiu alto ao ouvir como aquelas mulheres estavam com medo de assustá-lo. Melaine começou a insistir que, se a maioria das mulheres daquela missão diplomática tinha tantos motivos para estar contra Rand, então não se poderia contar com o grupo nem para apanhar esterco para a fogueira. Min, tomando o cuidado de parar um momento e lançar um olhar arrependido para Rand, tratou de continuar seu relato. Arad Doman já tinha tantos Devotos do Dragão quanto Tarabon, e a guerra

civil também já chegara lá, mas Demira Eriff, da Ajah Marrom, só parecia preocupada com dois assuntos: o encontro com Rand e o rumor de que ele abrisse alguma escola em Cairhien — a seus olhos, nenhum homem que tivesse aberto uma escola podia ser assim tão ruim. Berenicia Morsad, uma irmã Amarela de Shienar, ouvira de alguns conterrâneos que estavam por Salidar que Rand fora recebido em Fal Dara pelo grande capitão Lorde Agelmar Jagad, uma honra que ela parecia considerar grandiosa, visto que Lorde Agelmar jamais teria recebido um canalha, um rufião ou um desmiolado — e isso também parecia pesar muito para Masuri Sokawa, uma Marrom de Arafel, que fazia fronteira com Shienar. E, por fim, Valinde Nathenos parecia muito ávida — o que Min considerava um comportamento atípico para alguém da Ajah Branca — para que Rand expulsasse Sammael de Illian. Segundo Min, caso Rand promettesse que faria isso, ou que ao menos tentaria, não seria nenhuma surpresa se Valinde acabasse jurando fidelidade a ele. Melaine deixou bem clara sua descrença e chegou até a revirar os olhos, alegando que nunca vira uma Aes Sedai com tanto bom senso. Para Rand, esse comentário foi mais que surpreendente: a Sábua gargalharia se ele lhe pedisse um juramento do tipo. Ainda assim, Min insistia que era tudo verdade, a despeito do que a Aiel dissesse.

— Vou dedicar o máximo de respeito possível às Aes Sedai sem me ajoelhar — declarou Rand, assim que Min concluiu seu relato. Então acrescentou, para Melaine: — E não confiarei nem um pouco em nenhuma delas até que me provem o contrário.

Achava que aquilo fosse agradar as duas, já que, no fim das contas, cada uma tinha conseguido o que queria. Mas, a julgar pelos cenhos franzidos, nenhuma delas ficou muito satisfeita.

Depois de tanta discussão, Rand achou que as duas acabariam engalfinhadas, mas parecia que a gravidez de Melaine e a visão de Min tinham servido para criar um laço entre elas. Quando todos enfim se levantaram, as mulheres eram só sorrisos e abraços, e Melaine ainda disse:

— Achei que eu não fosse gostar de você, Min, mas gosto. Nomearei uma de minhas filhas em sua homenagem, porque você foi a primeira pessoa a saber da existência dela. Tenho que ir contar a Bael, para ele não ficar com ciúmes de Rand al'Thor ter descoberto antes dele. Que você sempre encontre água e sombra, Min. — E, para Rand, acrescentou: — Fique de olho nessas Aes Sedai, Rand al'Thor, e ofereça sua proteção a Min sempre que ela precisar. Essas mulheres vão tentar feri-la se souberem que ela é fiel a você. — Depois da advertência, ela partiu com a mesma falta de cerimônia da chegada, apenas meneando a cabeça em despedida.

Rand ficou outra vez a sós com Min. O que, por algum motivo, o deixou um pouco constrangido.





A TORRE NEGRA

Rand e Min ficaram ali parados, olhando um para o outro, até que ele finalmente falou:

— Quer visitar a fazenda comigo?

Min se sobressaltou ao ouvi-lo falar tão de repente.

— Que fazenda?

— Na verdade, é uma escola. Um lugar para os homens que vierem até mim pela anistia.

Min ficou pálida.

— Não, acho que não... Merana deve estar esperando notícias. E é melhor elas saberem logo das suas regras. Pode ser que acabem perambulando pela Cidade Interna sem saber, e você não iria gostar nada disso... Tenho mesmo que ir.

Rand não entendia. Min tinha medo daqueles alunos, daqueles homens capazes de canalizar ou que queriam aprender como, mesmo sem conhecer nenhum deles. Acharia bem compreensível se fosse qualquer outra pessoa, mas *ele* canalizava, e Min não parecia ver nenhum problema em bagunçar seu cabelo, cutucar suas costelas ou lhe dizer algumas verdades.

— Quer uma escolta para voltar até A Coroa de Rosas? Tem salteadores pela cidade, mesmo de dia. Não são muitos, mas não quero que nada lhe aconteça.

Min riu, uma risada um tanto hesitante. Ela estava mesmo incomodada com a fazenda.

— Eu já me cuidava sozinha enquanto você estava atrás das ovelhas, camponês.

— De repente, ela empunhou uma faca em cada mão. Com um único floreio, mas sem a mesma fluidez de antes, as lâminas voltaram para o esconderijo das mangas do casaco. Ela então prosseguiu, mais séria: — Você precisa se cuidar, Rand. Durma um pouco. Parece cansado. — Para sua surpresa, a jovem se ergueu na pontinha dos pés e esticou o pescoço, roçando os lábios nos dele em um beijo rápido. — Foi bom

ver você, pastorzinho.

E com outra risada, agora muito satisfeita, ela saiu.

Resmungando sozinho, Rand vestiu o casaco e foi até o quarto para pegar a espada atrás do guarda-roupa, um móvel grande e escuro com entalhes de rosas, alto e largo o suficiente para abrigar as roupas de quatro homens. Estava mesmo virando um bode sem-vergonha. Min estava só se divertindo à custa dele. Só podia imaginar quanto tempo ela ficaria provocando, só para se vingar de um comentário inocente.

Escondida sob as meias guardadas em uma cômoda encrustada de lápis-lazúli estava uma bolsa de pano um tanto larga, e o conteúdo retiniu quando ele a enfiou em um dos bolsos do casaco. Pegou outra bolsa de veludo, essa bem menor, e a deixou por cima do *angreal*. O prateiro que confeccionara os conteúdos da bolsa maior ficara mais do que feliz por servir ao Dragão Renascido e tentara recusar o pagamento só pela honra do trabalho. O ourives que fabricara a peça única na bolsa de veludo exigira quatro vezes o que Bashere dissera que o serviço valia e ainda pedira que uma dupla de Donzelas o escoltasse até ele acabar.

Já fazia um tempo que ele andava planejando essa ida até a fazenda. Não gostava de Taim, e Lews Therin sempre aparecia quando o sujeito estava por perto, mas não podia continuar evitando a escola. Ainda mais agora. Até onde sabia, Taim conseguira manter os alunos longe da cidade — pelo menos ele não ficara sabendo de nenhum incidente, e teria ouvido relatos —, mas as notícias de Merana e a missão diplomática acabariam chegando à fazenda junto com as carroças de suprimentos ou com os novos alunos. E, sabendo como eram os boatos, nove Aes Sedai logo se tornariam nove irmãs Vermelhas — ou noventa — caçando homens para serem amansados. Qualquer que fosse a reação diante da novidade, de alunos fugindo à noite a alunos vindo a Caemlyn para dar o primeiro golpe, ele tinha que se adiantar antes que os rumores provocassem pânico.

Já corriam boatos demais sobre as Aes Sedai pelas ruas de Caemlyn, outro motivo para ir até lá. Considerando o que se ouvia nas ruas, Alanna, Verin e as garotas de Dois Rios já tinham virado quase meia Torre, e ainda havia uma infinidade de outras histórias de Aes Sedai chegando escondidas na cidade, esgueirando-se portões adentro durante a noite. Havia um boato persistente de que uma Aes Sedai andava curando gatos de rua, e o próprio Rand já estava quase acreditando naquilo. Ainda assim, todos os esforços de Bashere para verificar a veracidade dos rumores o levavam a crer que a história era tão verídica quanto o boato de que as mulheres que escoltavam o Dragão Renascido por toda parte eram, na verdade, Aes Sedai disfarçadas.

Rand se virou, sem nem notar que o fazia, e ficou encarando uma parede listrada com relevos de leões e rosas — na verdade, fitava algo além. Alanna não estava mais na estalagem O Sabujo de Culain. E estava tensa; se ela não fosse Aes Sedai, Rand poderia dizer que a mulher estava com os nervos à flor da pele. Rand acordara no meio da noite porque ela estava chorando, de tão forte fora a sensação. Às vezes,

quase se esquecia de que ela estava ali, até que uma coisa dessas acontecia. Bem, pelo visto era possível se acostumar a qualquer coisa. Naquela manhã, Alanna estava... ansiosa — é, essa parecia ser a palavra certa. Rand poderia apostar Caemlyn inteira que, se seguisse em linha reta até Alanna, ele a encontraria na estalagem A Coroa de Rosas. E poderia apostar que Verin estava junto. Não eram nove Aes Sedai. Eram onze.

Lews Therin murmurou, desconfortável. Um homem se perguntando se estava ou não encurralado. E Rand se perguntava o mesmo. Onze, e bastava treze para capturá-lo tão fácil quanto se apanhassem uma criança. Isso se ele lhes desse a chance. Lews Therin começou a rir baixinho, uma risada mesclada a um choro rouco. Então foi para longe outra vez.

Rand refletiu um pouco sobre Somara e Enaila, então abriu um portão ali mesmo, em cima do tapete com estampas azuis e douradas do quarto. Carrancudas como estavam naquela manhã, uma das duas com certeza acabaria soltando alguma bronca antes que voltassem da fazenda. Além do mais, considerando as visitas anteriores, não queria os alunos preocupados, com medo de serem alvo das quase vinte Donzelas de sua escolta. Era o tipo de coisa que não ajudava muito a aumentar a autoconfiança de seus homens, e eles precisariam de autoconfiança para sobreviver.

Bem, em uma coisa concordava com Taim: agarrado a *saidin*, um homem sabia que estava vivo, e isso ia além dos sentidos aguçados. Apesar da mácula do Tenebroso, apesar daquela sensação oleosa de matéria em decomposição manchando os ossos, era quando o Poder tentava derreter seu corpo e congelá-lo até estilhar, era quando um passo em falso ou um momento de fraqueza significava a morte... Luz, era então que um homem sabia que estava vivo. Ainda assim, afastou-se da Fonte logo que adentrou o portão, e não só para se livrar da mácula antes que o estômago decidisse se esvaziar — ela agora parecia ainda pior, ainda mais vil, se é que era possível. Não, abandonara o Poder porque não se achava capaz de encarar Taim com *saidin* ainda pulsando no corpo enquanto Lews Therin ocupava sua mente.

A vegetação rasteira da clareira estava mais marrom do que ele se lembrava, com mais folhas estalando sob suas botas e menos ainda nas árvores. Alguns pinheiros estavam amarelos, e várias folhas-de-couro pareciam mortas, os troncos cinzentos e desfolhados. Mas a mudança da clareira não era nada comparada com a fazenda, que fora alterada quase além do reconhecível.

A casa sede ficara muito melhor com a nova cobertura de sapé, e o celeiro decerto fora inteiramente reconstruído, já que estava bem maior e nem um pouco torto, com um enorme cercado cheio de cavalos na lateral, enquanto os currais de vacas e ovelhas tinham sido deslocados mais para longe. As cabras também estavam presas, e o galinheiro tinha fileiras de gaiolas organizadas. Tinham derrubado mais um tanto da floresta, que parecia mais distante, e havia uma fileira de mais de dez barracas brancas e compridas atrás do celeiro. Ali perto também se viam os pilares de madeiras de duas construções bem maiores que a sede, com um grupo de mulheres

sentadas do lado de fora, costurando e cuidando de algumas crianças que jogavam bola, rolavam argolas e brincavam de boneca. Ainda assim, a maior mudança era nos alunos: a maioria agora usava casacos pretos justos de gola alta, e apenas poucos ainda suavam. Devia haver bem mais de cem, e de todas as idades. Rand não sabia que as viagens de recrutamento de Taim tinham sido tão bem-sucedidas. *Saidin* parecia tomar o ar. Alguns homens praticavam tessituras, ateando fogo a cepos, espatifando rochas ou enredando uns aos outros em espirais de Ar; enquanto outros canalizavam para apanhar água — sustentando os baldes com Ar —, empurrar carroças de esterco até o celeiro ou empilhar lenha. Mas nem todos canalizavam. Henre Haslin mantinha o olhar atento a uma fileira de homens de peito nu, todos praticando as posturas com espadas de treino. Haslin, que tinha apenas uma leve penugem de cabelo branco e um nariz bulboso vermelho, suava mais que seus alunos, sem dúvida por conta da ânsia por vinho, mas ele os observava com atenção, corrigindo as formas com tanto afinco quanto na época em que era Mestre Espadachim da Guarda da Rainha. Saeric, um Goshien Água Vermelha de cabelo grisalho que não tinha mais mão direita, encarava duas fileiras de homens sem camisa com aquele olhar de pedra. Os homens de uma fileira praticavam chutes no ar, alternando os pés que erguiam bem acima da cabeça enquanto o outro ficava plantado no chão. A outra fila praticava socos, golpeando o nada à sua frente com toda a velocidade que conseguiam. A situação mudara completamente desde sua última visita — aquele não era mais o grupo deplorável de antes.

Um sujeito de casaco preto já quase chegando à meia-idade parou diante dele. Tinha o nariz afilado e um sorriso sarcástico.

— E quem é você? — inquiriu, com seu sotaque taraboniano. — Deve ter vindo aqui para a Torre Negra querendo aprender, sim? Devia ter esperado o carroção que vem de Caemlyn. Assim teria aproveitado pelo menos mais um dia com esse seu belo casaco.

— Eu sou Rand al'Thor — rebateu Rand, tranquilo. Mantivera a voz tranquila para não deixar escapar o súbito arroubo de raiva. Não custava nada ser educado, e se aquele idiota não reparasse logo que era melhor ser gentil do que pagar o preço...

O desdém apenas se acentuou.

— Então você é ele, é? — O homem o encarava de cima a baixo, insolente. — Mas você não parece tão magnânimo. Acho que eu mesmo poderia...

O fluxo de Ar só se formou quase no instante em que o golpe acertou o sujeito, um sopapo bem no pé do ouvido. Ele caiu duro no chão.

— Às vezes precisamos de uma disciplina mais firme — comentou Taim, aproximando-se para examinar o homem caído. Sua voz saiu quase divertida, mas os olhos negros que o encaravam de viés lançaram um olhar quase assassino ao homem que golpeará. — Não dá para dizer a um homem que ele tem poder suficiente para fazer a terra tremer e depois esperar que ele seja humilde. — Os Dragões que subiam pelas mangas do casaco preto reluziam à luz do sol. O dourado devia ser bordado

com fios de ouro, mas o que fazia aquele dragão azul brilhar tanto? Taim gritou de repente: — Kisman! Rochaid! Levem Torval daqui e joguem água na cara dele até o infeliz acordar. E nada de usar a Cura. Uma dor de cabeça talvez ensine a ele a segurar a língua.

Dois sujeitos de casaco preto vieram correndo. Eram mais jovens que Rand. Os dois se curvaram sobre Torval, mas pararam de repente e olharam, meio culpados, para Taim. Um instante depois, Rand sentiu *saidin* preenchê-los. Fluxos de Ar ergueram o corpo flácido de Torval, e a dupla saiu andando rápido, levando o sujeito flutuando.

Eu devia ter matado esse homem há muito tempo, grunhiu Lews Therin. *Devia... devia...* Ele tentou alcançar a Fonte.

Não, que o queime!, pensou Rand. *Não, você não vai! Você não passa de uma droga de voz!* Lews Therin fugiu, seu gemido se perdendo na distância.

Rand respirou fundo. Taim o encarava, ainda ostentando aquele meio sorriso.

— Você ensina os homens a Curar?

— A primeira coisa que aprendem é o pouco que sei. Isso antes até de como não morrer de tanto suar, neste calor. Qualquer arma perde a utilidade se não pode mais ser usada logo na primeira ferida. Até o momento, um se matou agarrando demais da Fonte e três acabaram por se exaurir, mas ninguém morreu por conta de uma espada. — Ele conseguiu impor uma boa dose de desdém à palavra “espada”.

— Entendi — respondeu Rand, sem rodeios. Um morto e três exauridos. Será que as Aes Sedai perdiam tantas mulheres, na Torre? Bem, em todo caso, elas iam com mais calma, porque podiam se dar ao luxo. — O que é essa Torre Negra de que o sujeito estava falando? Não gosto nada disso, Taim.

Lews Therin voltara a resmungar e a se lamuriar de novo, mas ainda não dava para distinguir nenhuma palavra.

O sujeito de nariz aquilino deu de ombros, examinando a fazenda e os alunos com o olhar orgulhoso de um dono.

— É só um nome que os alunos deram. Não dava para continuar chamando o lugar de “fazenda”. Eles não se sentiam bem com isso e queriam algo mais. Então veio a Torre Negra, como contraponto à Torre Branca. — Taim inclinou a cabeça, examinando Rand quase de soslaio. — Posso reprimir isso, se você quiser. É fácil tirar uma palavra da boca dos homens.

Rand hesitou. Talvez fosse mesmo fácil tirar uma palavra da boca daqueles homens, mas não das mentes. O lugar precisava mesmo de um nome, não tinha pensado nisso antes. E por que não Torre Negra? Se bem que, examinando a casa sede e a estrutura das novas construções — que eram maiores, mas ainda eram apenas madeira —, aquele nome até o fazia abrir um sorriso.

— Deixe estar — retrucou.

Talvez, no começo, a Torre Branca também fosse igualmente humilde. Não que a Torre Negra fosse ter tempo de crescer e se transformar em algo que rivalizasse com

a Branca — pensar nisso desfez o sorriso em seu rosto, e ele olhou com pesar para as crianças que brincavam ali perto. Assim como elas, Rand estava brincando, fingindo que havia alguma chance de construir algo duradouro.

— Reúna os alunos, Taim. Tenho algumas coisas para falar com eles.

Rand tinha ido até ali na expectativa de reunir os alunos, avaliar quantos eram, talvez falar de cima daquela velha carroça bamba que já parecia ter sido descartada. Mas Taim mandara fazer uma plataforma de pronunciamentos, um simples bloco de pedra preta lavrada e tão bem polida que brilhava feito um espelho à luz do sol, com dois degraus talhados na parte de trás. Ficava em um descampado atrás da casa sede, e o chão em volta era de terra batida, muito plano. As mulheres e crianças ficaram meio de lado, assistindo e ouvindo.

Do alto do bloco, Rand conseguia ter uma noção melhor de quão longe fora Taim com o seu recrutamento. Jahar Narishma, aquele jovem com a centelha de quem Taim lhe falara, tinha olhos escuros grandes como os de uma garota e um rosto pálido cheio de confiança; o rapaz usava o cabelo comprido em duas tranças com sinos de prata nas pontas. Taim tinha dito que fora até Arafel, mas Rand reconheceu a cabeça raspada e o coque shienarano em outro homem, e mais duas pessoas usavam os véus transparentes de Tarabon. Também notou olhos enviesados de Saldaea e homens baixos e de pele clara, um tipo tão comum em Cairhien. Um sujeito mais velho tinha a barba oleada e de corte pontiagudo, imitando um lorde taireno — coisa que sem dúvida não era, não com o rosto todo marcado de sol —, e pelo menos três ostentavam barbas sem bigode. Rand torcia para que Taim não tivesse despertado o interesse de Sammael, quando fora recrutar em Illian. Estava esperando ver homens jovens, mas os rostos imberbes de Eben e Fedwin faziam frente a cabeças grisalhas ou quase carecas, algumas com até mais fios cinza que a de Damer. Ora, pensando bem, não havia mistério — era bem compreensível haver tanto avôs quanto garotos querendo aprender.

Rand não sabia fazer discursos, mas já pensara bastante no que queria dizer àqueles homens. Só não pensara nas primeiras notícias, mas isso, com sorte, acabaria rápido.

— Todos vocês já devem ter ouvido histórias de que a Torre... a Torre Branca... está dividida. Bem, é verdade. Algumas Aes Sedai rebeldes podem decidir se juntar a mim, e elas enviaram emissárias. São nove, e estão em Caemlyn neste exato momento, esperando que eu dê o ar da graça. Então, quando ouvirem falar em Aes Sedai em Caemlyn, quero que não acreditem em qualquer boato. Vocês sabem por que elas estão lá e podem rir na cara do sujeito que vier contar histórias mirabolantes.

Não houve reação. Eles só ficaram ali, parados, encarando-o quase sem piscar. Taim tinha uma expressão sarcástica, muito sarcástica. Apalpando a sacola de pano maior no bolso do casaco, Rand prosseguiu com o discurso, entrando na parte que já planejava melhor.

— Vocês precisam de um nome. Na Língua Antiga, “Aes Sedai” significa “Servo ou Serva de Todos” ou algo bem próximo. Não é fácil traduzir a Língua Antiga. — Ele próprio só sabia umas poucas palavras, coisas que aprendera de Asmodean e de Moiraine, outras que tinham escapado de Lews Therin. Mas Bashere é que fornecera o que ele precisava. — Outra palavra na Língua Antiga é *asha'man*, que significa “guardião” ou “guardiões”. Ou “defensor”, e talvez signifique mais que isso. Como já disse, a Língua Antiga é muito flexível. Ainda assim, a melhor tradução parece ser “guardião”. Só que não é qualquer defensor ou guardião, a expressão *asha'man* não pode ser usada para definir um homem que defende uma causa injusta, nem nunca poderia ser usada para alguém mau. Um *asha'man* era um homem que defendia a verdade, a justiça e o que era certo para todos. Um guardião que não sucumbiria nem quando já não restasse esperança. — Só a Luz sabia como toda a esperança acabaria quando chegasse Tarmon Gai'don, isso se não acabasse antes. — E vocês estão aqui para se tornar um desses defensores. Quando terminarem o treinamento, serão considerados Asha'man.

Ergueu-se uma onda de murmúrios, como folhas mexidas pela brisa, todas aquelas vozes repetindo a mesma palavra. Mas as vozes logo esmaeceram. Rostos atentos erguiam o olhar para ele, dava até para ver cada rosto ansioso para ouvir as palavras seguintes. Pelo menos era um pouco melhor que a reação anterior. A sacola de pano tilintou de leve quando ele a retirou do bolso do casaco.

— Aes Sedai começam como noviças, depois viram Aceitas, e então, por fim, são elevadas a Aes Sedai completas. Vocês também terão níveis, mas não como os delas. Não haverá expulsões ou dispensas. — Dispensas? Luz, faria tudo que estivesse a seu alcance para manter ali todo e qualquer homem capaz de canalizar. Tudo, menos amarrá-lo contra a vontade. — Quando um homem chegar à Torre Negra... — não gostava nada daquele nome — ... será chamado de soldado, porque é isso que um homem se torna quando se junta a nós, o que todos vocês se tornaram: soldados na luta contra a Sombra. E não só contra a Sombra, também contra qualquer um que se oponha à justiça ou oprima os mais fracos. Quando um soldado atingir certo estágio em suas habilidades, passará a ser chamado de Dedicado, então vai poder usar isto. — Ele tirou da bolsa um dos distintivos que o prateiro confeccionara, uma pequena espada de prata reluzente e perfeita com o punho comprido, o guarda-mão inclinado e a lâmina um tanto curva. — Taim.

Taim andou a passos rígidos até o bloco de pedra, e Rand se curvou para prender a espada de prata no alto da gola de seu casaco. O broche parecia brilhar ainda mais forte sobre a lã negríssima. O rosto de Taim era tão expressivo quanto a pedra logo abaixo das botas de Rand, que lhe entregou a bolsa com um sussurro:

— Entregue os broches para aqueles que você achar que estão prontos. Mas tenha certeza de que estão prontos.

Ele se endireitou outra vez, torcendo para que houvesse broches o bastante. Não esperara ver tantos homens ali.

— Dedicados que avançarem o bastante em suas habilidades serão chamados de Asha'man. Eles usarão isto.

Rand tirou a bolsinha de veludo do bolso e pegou outro broche, erguendo-o para mostrar a todos. A luz do sol cintilava no ouro ricamente trabalhado e no belo esmalte vermelho da forma sinuosa idêntica à que havia no estandarte do Dragão. O broche também foi preso na gola de Taim, do lado oposto do anterior: uma espada e um Dragão reluziam de cada lado da garganta dele.

— Bem, imagino que eu tenha sido o primeiro Asha'man — disse Rand para os alunos —, mas Mazrim Taim é o segundo. — O rosto de Taim poderia fazer uma pedra parecer macia. Qual era o problema com ele? — Espero que todos acabem se tornando Asha'man, mas, quer esse dia chegue, quer não, lembrem-se de que todos somos soldados. Ainda há muitas batalhas por vir, talvez nem sempre as que esperamos. E, no fim de tudo, haverá a Grande Batalha. Queira a Luz que seja a última. Se a Luz brilhar sobre nós, vamos vencer. E vamos vencer porque não há outra opção que não a vitória.

Deveria ter havido algum viva qualquer quando ele terminou de falar. Rand não se achava o tipo de orador capaz de fazer a multidão dar pulos e vivas, mas aqueles homens sabiam por que estavam ali. Dizer a eles que acabariam vencendo deveria ter gerado uma resposta, mesmo que fraca. Mas a resposta foi apenas silêncio.

Rand desceu do bloco de pedra e Taim se pronunciou:

— Dispensados para suas aulas e tarefas.

Os alunos — os soldados — tomaram seus rumos. Continuavam quase que no mesmo silêncio de antes, no máximo trocavam alguns sussurros. Taim saiu na direção da casa sede; segurava a bolsa com os broches de espada com tanta força que era de se espantar que não tivesse sido espetado através do pano.

— Milorde Dragão por acaso tem tempo para uma taça de vinho?

Rand assentiu. Queria encerrar aquele assunto antes de voltar ao Palácio.

A sala de entrada da casa sede era exatamente o que se poderia esperar, com o chão simples muito bem varrido e poltronas de couro descombinadas dispostas diante de uma lareira de tijolinhos vermelhos tão limpa que parecia impossível que algum dia já tivesse sido acesa. Um pano branco com flores bordadas recobria uma mesinha. Sora Grady entrou sem fazer barulho e pousou em cima do pano uma bandeja de madeira com um cântaro azul brilhoso cheio de vinho e duas canecas brancas vitrificadas. Rand achava que o olhar dela não o machucaria mais, depois de tanto tempo, mas a acusação em seus olhos o fez suspirar de alívio quando ela saiu. Percebeu que ela estivera suando. Taim jogou a bolsa na bandeja e tratou de esvaziar uma caneca de vinho.

— Você não ensina aquele truque da concentração para as mulheres? — indagou Rand. — É crueldade deixar elas suando tanto enquanto seus maridos não transpiram uma só gota.

— A maioria não quer se meter — respondeu Taim, sem paciência. — Os maridos

e os namoradinhos tentam ensinar, mas a maioria se recusa sequer a ouvir. Sabe, talvez tenha a ver com *saidin*.

Rand espiou o vinho escuro na caneca. Precisava ir com calma. Nada de estragar as coisas só porque ficara irritado.

— Fico feliz de ver o recrutamento indo tão bem. Você disse que acabaria fazendo frente à Torre... à Torre Branca... — Torre Branca, Torre Negra. O que diriam nas histórias? Isso se houvesse um futuro para ter histórias. — ... e que conseguiria isso em menos de um ano. Se mantiver esse ritmo, vai mesmo conseguir. Não entendo como você encontra tantos homens.

— Se peneirar bastante areia, vai acabar encontrando alguns grãos de ouro — rebateu Taim, firme. — Já comecei a delegar o recrutamento, tirando uma ou duas incursões que eu mesmo faço. Tenho Damer, Grady e mais uns dez homens em quem posso confiar para saírem sozinhos por um dia, homens com idade suficiente para não fazer nenhuma burrice. E tenho jovens fortes o suficiente para abrir um portão, se não bem mais que isso, e eles acompanham os mais velhos que não são capazes de fazer essa tessitura. Em menos de um ano você terá os mil que queria. E aqueles que eu mandei para Caemlyn? Já montou um exército com eles? Já tem os seus mil por lá, até bem mais.

— Deixo isso a cargo de Bashere — afirmou Rand, sem se alterar.

Taim contorceu os lábios em desdém, e Rand pousou a caneca de volta na mesa antes que a quebrasse sem querer, tamanha a força com que a apertava. Pelo que sabia, Bashere estava em um acampamento em algum ponto a oeste da cidade, lidando com aqueles homens como podia, considerando que eram, como se dizia em Saldaea, um grupo de fazendeiros falidos, aprendizes fugitivos e artesãos sem sucesso que nunca tinham empunhado uma espada, montado um cavalo encilhado ou viajado para mais de cinco milhas além do local onde haviam nascido. Rand já tinha muito com o que se preocupar, não daria importância a esse tipo de coisa, e dissera a Bashere para que fizesse o que bem entendesse com os homens e que só o perturbasse se alguns se amotinasse.

Encarando Taim, que não fazia o menor esforço para esconder o desdém, botou as mãos para trás das costas e cerrou os punhos. Lá longe, Lews Therin resmungava, um eco de sua própria raiva.

— O que deu em você? Parece que tem um carrapicho nas calças desde que lhe entreguei os distintivos. Tem alguma coisa a ver com eles? Se for, então não entendo. Aqueles homens vão respeitar mais os distintivos por terem visto você receber os seus diretamente do Dragão Renascido. Aliás, eles vão respeitar mais *você*. Talvez não precise mais sair dando pancadas na cabeça de ninguém para manter a disciplina. Então, o que me diz?

Começara bem o bastante, em um tom calmo e controlado, ainda que não exatamente ameno — mesmo porque não queria soar ameno. Mas, enquanto falava, sua voz foi ficando mais alta e firme. Não chegou a virar um grito, apesar de a

última pergunta ter estalado feito um chicote.

Taim sofreu uma transformação das mais notáveis, começando a tremer visivelmente — e Rand achava que era de raiva, não de medo —, mas, quando a tremedeira cessou, retomou à calma pétrea de antes. Não era uma atitude amigável, não mesmo, e tinha um quê de zombaria, mas Taim parecia muito relaxado e controlado.

— Como você deve saber, o que me preocupa são as Aes Sedai. E você, claro. Nove Aes Sedai chegaram em Caemlyn, onde já há mais duas, então são onze. Aí, pode ser que haja mais uma ou outra... Ainda não consegui encontrar nenhuma, mas...

— Eu falei para você ficar longe da cidade — declarou Rand, impassível.

— Encontrei homens que podem fazer perguntas por mim — retrucou Taim, em um tom seco como poeira. — Onde estamos agora foi o mais perto que cheguei da cidade desde que o salvei daquele Homem Cinza.

Rand deixou passar, mas por pouco. Quase não conseguiu. A voz em sua cabeça estava baixa demais para ser compreendida, mas soava como um trovão frio.

— Mais fácil conseguirem agarrar fumaça com os dedos do que ouvirem algum boato útil. — Aquelas palavras saíram com todo o desdém que Rand sentia. Taim dissera que o *salvara*?

Taim pareceu inquieto — por fora, ainda mantinha a aparente tranquilidade, mas seus olhos reluziam como gemas escuras.

— E se elas se juntarem às Vermelhas? — Sua voz estava serena e bem-humorada, mas aquele brilho em seus olhos... — Tem irmãs Vermelhas espalhadas pelo interior. Vários grupos chegaram nos últimos dias, querendo interceptar os homens a caminho daqui.

Vou matar esse homem, berrou Lews Therin, e Rand sentiu sua tentativa atrapalhada de alcançar *saidin*.

Vá embora, mandou Rand, com firmeza. Ele continuou a tentar. Permaneceu gritando.

Vou matar primeiro ele, depois os outros. Os outros só podem servir a ele. É óbvio que os outros só podem servir a ele.

Vá embora, rebateu Rand, aos gritos, mas ainda em silêncio. *Você é só uma voz na minha cabeça!* Ele continuava tentando alcançar a Fonte.

Ah, Luz, eu matei todos. Todos os que eu amava. Mas vai ser bom matar esse homem. Vou me redimir se eu finalmente conseguir matar esse maldito. Não... nada pode redimir o que eu fiz. Mas posso matá-lo mesmo assim. Vou matar todos. Tenho que matar, tenho.

Não! gritou Rand, ainda na mente. *Você está morto, Lews Therin. Eu estou vivo. Que o queime, você está morto! Você está morto!*

Foi quando, de repente, percebeu que estava debruçado sobre a mesa, os joelhos quase cedendo. E resmungava baixinho:

— Você está morto! Eu estou vivo e você está morto!

Mas não agarrara *saidin*. E nem Lews Therin. Estremecendo, ele olhou para Taim, surpreso de ver preocupação em seu semblante.

— Você precisa aguentar firme — disse Taim, baixinho. — Se puder se agarrar à sanidade, então é isso que tem que fazer. O preço do fracasso é alto demais.

— Não vou fracassar — afirmou Rand, endireitando-se. Lews Therin estava quieto. Parecia não haver nada em sua mente além dele mesmo. E da presença constante de Alanna, claro. Rand finalmente perguntou: — Essas Vermelhas pegaram alguém?

— Não que eu saiba. — Taim o examinava, receoso, como se esperasse outro arroubo. — Quase todos os alunos agora chegam por meio de portões. E, mesmo assim, com tanta gente pelas estradas não deve ser fácil identificar um homem vindo para cá. A menos que o sujeito saia gritando aos quatro ventos. — Ele hesitou. — Em todo caso, posso dar um jeito nelas.

— Não. — Lews Therin tinha mesmo sumido? Gostaria que sim, mas sabia que seria tolice acreditar nisso. — Terei que tomar alguma atitude se as Aes Sedai começarem a capturar os homens. Mas, por ora, elas não representam nenhuma ameaça se ficarem no campo. E pode acreditar: nenhuma enviada de Elaida vai querer se juntar às Aes Sedai na cidade. Mais fácil essas mulheres aceitarem ter você entre elas do que aceitarem se unir às rivais.

— E essas que não estão no campo? Não são onze? Alguns acidentes poderiam reduzir esse número para algo bem mais seguro. Se não quiser sujar suas mãos, eu sempre posso...

— Não! Quantas vezes tenho que dizer? Se sentir algum homem capaz de canalizar em Caemlyn, venho atrás de você na hora, Taim. Juro pela Luz. E não pense que basta ficar longe do Palácio e isso vai me impedir de sentir qualquer coisa. Se qualquer uma dessas Aes Sedai cair morta sem motivo, vou saber muito bem de quem é a culpa. Não duvide de mim!

— Você impõe limites demais — reclamou Taim, seco. — Se Sammael ou Demandred decidirem provocá-lo com algumas Aes Sedai mortas à sua porta, então minhas veias acabarão abertas?

— Eles ainda não fizeram isso, e é melhor torcer para que não comecem agora. Eu já avisei.

— E eu já ouvi, milorde Dragão, e claro que vou obedecer. — O homem de nariz aquilino se curvou bem devagar em uma reverência. — Ainda assim, repito que onze é um número perigoso.

Rand riu, mesmo sem querer.

— Taim, tenho toda a intenção de ensinar essas mulheres a dançarem ao som da minha flauta.

Luz, fazia quanto tempo que não tocava flauta? E onde estava sua flauta? Bem ao longe, ouviu Lews Therin soltar uma risadinha.





A COROA DE ROSAS

A carruagem que Merana alugara sacolejava ao longo do lento trajeto pelas ruas cheias de gente até a estalagem A Coroa de Rosas. Por fora, Merana estava calma: uma mulher de cabelos escuros e olhos mel tranquilos, os dedos magros cruzados por sobre as saias de seda cinza clara. Por dentro, não estava tão serena. Trinta e oito anos antes, tivera por puro acaso a oportunidade de negociar um tratado entre Arad Doman e Tarabon — um tratado que, em teoria, colocaria um ponto final na disputa pela Planície de Almoth. Domaneses e tarabonianos passaram o encontro todo tentando se esquivar e quase acabaram declarando três guerras diferentes durante as negociações. Ela passara todo aquele tempo sorridente e com uma expressão de absoluta boa vontade. Quando as assinaturas enfim secaram no papel, Merana sentia como se tivesse sido enfiada dentro de um barril cheio de espetos e rolada ladeira abaixo por colinas acidentadas. Depois de tudo aquilo, o tratado acabou valendo menos que a cera das fitas para a feitura dos selos. Esperava que o que iniciara naquela tarde, no Palácio Real, terminasse melhor — tinha que terminar —, mas, por dentro, sentia como se tivesse acabado de sair de um segundo barril.

Min estava recostada no assento, de olhos fechados. A jovem sempre parecia cochilar quando não havia nenhuma Aes Sedai se dirigindo a ela. As outras duas irmãs na carruagem volta e meia olhavam para a garota; Seonid, serena e reservada em seu verde brocado, e Masuri, de corpo magro e olhar alegre, usando um vestido marrom com bainha bordada com vinhas fluorescentes. Todas tinham se vestido com formalidade, usando os xales e as cores das Ajahs.

Merana tinha certeza de que as outras pensavam o mesmo sempre que olhavam para Min. Seonid decerto compreendia a jovem, mas não dava para ter certeza — ela era metódica e prática demais no trato com os próprios Guardiões, comportando-se um pouco como a dona de um par de lobos premiados pelos quais até sentia certa

afeição. Bem, Masuri talvez compreendesse o coração da garota, já que gostava tanto de danças e até de flertes, apesar da propensão a se esquecer do pobre coitado com quem estava sempre que ouvia qualquer rumor sobre algum manuscrito antigo escondido. A própria Merana não se apaixonava desde bem antes daquele Quinto Tratado de Falme, mas se lembrava bem da sensação. Bastara ver como Min olhava para al'Thor para saber que a mulher perdera o juízo e resolvera que era uma ótima ideia pensar com o coração.

Não que aquilo fosse prova de que Min ignorara todas as advertências e quebrara a promessa que fizera, contando tudo para al'Thor, mas o fato é que o rapaz sabia de Salidar. E mais: ele sabia que Elayne estava lá e até achara graça — graça! — em suas tentativas de se esquivar das perguntas. Bem, não importava muito se Min havia traído ou não a confiança que tinham nela; só por a menina estar apaixonada já teriam que passar a tomar cuidado com o que diziam perto dela. De qualquer forma, a situação como um todo era assustadora — e Merana não estava acostumada com a sensação. Claro que já sentira medo antes, e com alguma frequência, como no ano seguinte ao da morte de Basan — jamais criara um elo com outro Guardião depois dele, e ao menos parte dessa resistência era por não querer passar por tudo aquilo de novo, embora a outra parte fosse estar ocupada demais para procurar o homem certo. Ainda assim, aquela tinha sido a última vez em que sentira mais que apreensão antes da Guerra dos Aiel. Só que agora estava com medo, e não gostava nada disso. Talvez tudo ainda fosse dar certo e nada desastroso tivesse ocorrido naquela reunião, afinal, mas o próprio al'Thor a deixava de pernas bambas.

A carruagem alugada deu um último solavanco e parou no estábulo da estalagem. Cavalariços usando colete com bordados de rosas se adiantaram para remover as rédeas dos animais e abrir as portas.

O salão da estalagem combinava bem com a construção de três andares de pedra branca bem lavrada: tinha as paredes cobertas de painéis de madeira escura polida e imensas lareiras revestidas de mármore branco. Uma das cornijas abrigava um relógio bem largo, com badalos marcando as horas e algumas douraduras delicadas. As serviçais usavam vestidos azuis e aventais brancos com bordado de anéis de rosas. Todas sorriam, eram educadas e eficientes, e mesmo as que não eram bonitas tinham boa aparência. A Coroa de Rosas era a estalagem favorita dos nobres que vinham do interior, mas que não possuíam mansões em Caemlyn. Naquele momento, no entanto, havia apenas Guardiões às mesas, sem contar Alanna e Verin, sentadas lá no fundo. Se dependesse só de Merana, elas estariam esperando nas cozinhas, junto das serviçais. Todas as outras irmãs tinham saído. Não havia tempo a perder.

— Se não se importa — pediu Min —, acho que vou dar uma volta. Queria ver um pouco de Caemlyn antes de anoitecer.

Merana concordou. A jovem saiu depressa, e ela trocou olhares com Seonid e Masuri, perguntando-se quanto tempo Min levaria para voltar ao Palácio.

A Senhora Cinchonine apareceu de repente, tão redonda quanto qualquer estalajadeira que Merana já vira, distribuindo medida e esfregando as mãos rosadas no avental.

— Posso ajudar em alguma coisa, Aes Sedai? Deseja que eu providencie algo? — A mulher já recebia Merana com frequência, e sempre muito bem, desde antes de descobrir que ela era Aes Sedai.

— Chá de frutas vermelhas — pediu Merana, sorrindo. — Na sala privada lá de cima.

Manteve o sorriso no rosto até a estalajadeira sair apressada, chamando uma das serviçais. Acenou rápido para Alanna e Verin, para que as duas a acompanhassem escada acima, e as cinco subiram em silêncio.

Quem quisesse olhar pelas janelas da sala de estar teria uma boa vista da rua, mas Merana não estava muito interessada. Tratou de fechar as janelas ainda abertas, diminuindo um pouco do barulho que entrava, e se virou para as outras. Seonid e Masuri já estavam sentadas, mas Alanna e Verin permaneciam de pé, bem entre as outras. Mesmo bem-passado, o vestido de lã escura de Verin tinha um aspecto amarrotado, e a mancha de tinta na ponta do nariz não ajudava a complementar o visual, mas a Marrom tinha olhos de pássaro, aguçados e vigilantes. Os olhos de Alanna também cintilavam, mas o mais provável é que fosse de raiva — suas mãos volta e meia pareciam tremer de leve, e ela agarrava as saias do vestido de seda azul e corpete amarelo, tão amarrotado que parecia que a mulher dormira naquela roupa. E até havia desculpa, no caso dela. Havia mesmo, mas não era o suficiente.

— Ainda não sei se seus atos surtiram algum efeito negativo, Alanna — começou Merana, a voz firme. — Ele não mencionou o elo que você criou *contra a vontade dele*, mas foi contundente, muito contundente, e...

— Ele impôs mais restrições? — interrompeu Verin, inclinando a cabeça de leve. — Me parece que tudo está indo bem. Ele não fugiu quando ouviu a notícia de que vocês estavam por aqui e ainda recebeu três irmãs de uma vez. E com alguma cortesia, ou vocês estariam cuspiendo marimbondos. O rapaz sente um pouco de medo, o que é bom, ou não estaria impondo limites. Mas, se ele não tiver imposto mais nenhuma restrição, continuamos tendo tanta liberdade quanto antes, o que significa que ele não está apavorado. O mais importante é não assustá-lo além da conta.

A maior dificuldade era que Verin e Alanna não faziam parte da delegação de Merana, que, portanto, não tinha autoridade sobre elas. As duas haviam ouvido sobre a história de Logain e as Vermelhas e concordado que não se podia permitir que Elaida permanecesse no Trono de Amyrlin, mas aquilo não queria dizer nada. Alanna ainda não era um problema, mas poderia se tornar — ela e Merana tinham quase a mesma força, tão próximas que só se poderia dizer qual vinha na frente se houvesse uma disputa direta, coisa de noviças, pelo menos até as noviças serem pegadas. Alanna passara seis anos como noviça, e Merana ficara apenas cinco; o mais

relevante, no entanto, era que Merana já era Aes Sedai havia mais de trinta anos quando a parteira ajudou a trazer Alanna para o colo da mãe, e isso encerrava a questão e lhe dava precedência. Ninguém considerava aqueles termos até que não houvesse jeito, mas ambas sabiam daquilo e ajustavam seu comportamento de acordo. Não que Alanna fosse acatar suas ordens, mas sua deferência instintiva a manteria sob algum nível de controle — isso e, claro, o que Alanna fizera.

O problema era Verin, e fora ela quem a fizera pensar nessa questão de força e precedência. Merana se permitiu sentir outra vez a força da outra mulher com o Poder, mesmo já tendo certeza do que encontraria: não havia como afirmar qual delas era mais forte. Cada uma passara cinco anos como noviça e seis como Aceitas — o tipo de coisa que todas as Aes Sedai sabiam umas sobre as outras, mesmo que não soubessem mais nada além do nome. Só que Verin era mais velha — e talvez a diferença de idade fosse similar à dela para Alanna. O toque grisalho nos cabelos de Verin só enfatizava isso. Se a Marrom fosse parte da missão diplomática, talvez não houvesse nenhuma dificuldade na questão. Mas não era, e mesmo assim Merana percebeu que a ouvia com atenção e agia com deferência mesmo sem pensar. Já precisara parar duas vezes só naquela manhã para lembrar a mesma de que Verin *não estava* no comando. Só o que tornava a situação tolerável era Verin provavelmente sentir que compartilhava parte da culpa de Alanna. Sem isso, a Marrom decerto teria se sentado em uma das cadeiras, agindo como igual, em vez de ficar de pé ao lado da Verde. Se houvesse ao menos algum jeito de fazê-la passar dia e noite no salão da estalagem onde estava, O Sabujo de Culain, para vigiar aquele maravilhoso tesouro que havia encontrado nas garotas de Dois Rios...

Escolhendo seu lugar para que ela, Seonid e Masuri cercassem a dupla, Merana se sentou e ajustou as saias e o xale com todo o cuidado. Sentia uma certa elevação moral por se ver sentada enquanto as outras permaneciam de pé. O que Alanna fizera era quase um estupro.

— Na verdade, ele impôs uma nova restrição. Não há o menor problema em vocês duas terem descoberto onde fica essa *escola* dele, mas agora faço questão de sugerir que deixem de lado qualquer ideia que possam ter tido sobre fazer uma visita. Ele cobrou que... que ficássemos bem longe de seus... homens.

Ainda podia vê-lo se inclinando para a frente naquele trono monstruoso, o Trono do Leão em destaque logo atrás, sobre um pedestal, enquanto empunhava um pedaço de lança entalhado — sem dúvida um costume Aiel.

— *Ouçá bem, Merana Sedai — começou ele, em um tom firme e cordial. — Eu não quero problemas entre as Aes Sedai e os Asha'man. Já falei para os soldados ficarem longe de vocês, mas não vou permitir que eles acabem virando presa das Aes Sedai. Se forem caçar na Torre Negra, podem acabar virando o jantar. E ambos queremos evitar isso.*

Merana já era Aes Sedai havia tempo suficiente para não ficar aterrorizada sempre que sentia um calafrio, mas daquela vez foi por pouco. Asha'man. A Torre Negra.

Mazrim Taim! Como isso podia ter ido tão longe? E Alanna tinha certeza de que havia mais de cem homens, embora não tenha dado detalhes de como descobrira isso — claro: nenhuma irmã expunha seus olhos-e-ouvidos à toa. Bem, não importava como. Já dizia o velho ditado: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. E al'Thor era o pássaro mais importante do mundo, então teriam que deixar outros de lado.

— Ele...? Ele ainda está aqui ou já foi? — Verin e Alanna pareciam encarar a aparente capacidade de Viajar de al'Thor com muita tranquilidade, enquanto pensar que *ele* redescobrira esse Talento só deixava Merana enjoada. O que mais ele aprendera sozinho que as Aes Sedai já tinham se esquecido? — Alanna? Alanna!

A irmã Verde esbelta levou um susto e só então despertou de seus pensamentos. Ela vinha se distraindo muito.

— Ele está na cidade. Acho que está no Palácio. — Ela ainda soava um tanto distante. — Foi... Ele está machucado na lateral do corpo. É uma ferida antiga, mas ainda não terminou de cicatrizar. Tenho vontade de chorar sempre que me permito pensar nela. Como ele consegue viver com uma coisa dessas?

Seonid a encarou com um olhar de repreensão. Toda mulher que já estabelecera um elo com um Guardiã já sentira suas feridas, mas ela sabia o que Alanna estava enfrentando, tão cedo depois de perder Owein. Quando Seonid falou, sua voz soou quase gentil e só um pouco severa.

— Ora, Teryl e Furen sofreram lesões que quase me fizeram desmaiar, mesmo que a sensação para nós seja sempre embotada. Mas eles nunca nem diminuíram o passo. Nem uma única vez.

— Eu acho que estamos perdendo o fio da meada — comentou Masuri, com a voz tranquila. Ela sempre falava com a mesma tranquilidade, mas, ao contrário de muitas Marrons, era sempre bem direta.

Merana aquiesceu.

— É verdade. Considerei assumir o lugar de Moiraine ao lado dele...

Uma batida na porta anunciou uma mulher de avental branco com a bandeja, trazendo um bule de chá de prata e xícaras de porcelana. A Coroa de Rosas estava habituada a atender à nobreza. O chá foi servido e a serviçal saiu, e Alanna já não parecia mais distante: seus olhos escuros cintilavam com todo aquele fogo que Merana sempre via neles. As Verdes tinham bastante ciúme de seus Guardiões, e al'Thor agora pertencia a Alanna, não importava como o elo tinha sido estabelecido. Nessa questão, a deferência ia por água abaixo. A Verde ficou ali, de pé, empertigada e pronta feito uma lâmina, só esperando as próximas palavras de Merana para decidir se iria mesmo golpear e cortar. Mas Merana esperou até o chá de mirtilo estar servido, com todas já de volta a suas cadeiras, e chegou até a dizer a Verin e Alanna que se sentassem. Aquela tonta merecia passar um pouco de desgosto, mesmo considerando o que estava sofrendo por Owein. O que ela fez talvez não fosse apenas *quase* um estupro.

— Considerei — continuou, finda a pausa —, mas rejeitei a ideia. Talvez tivesse seguido com a possibilidade se você não tivesse feito o que fez, Alanna, mas ele agora está tão desconfiado das Aes Sedai que talvez ria na minha cara se eu sugerir uma coisa dessas.

— Está tão arrogante quanto qualquer rei — opinou Seonid, sucinta.

— Ele é tudo o que Elayne e Nynaeve disseram e mais — acrescentou Masuri, balançando a cabeça. — Alega saber quando uma mulher canaliza. Quase abracei *saidar* para mostrar que ele estava enganado, mas ele poderia ficar muito alarmado com qualquer demonstração que eu fizesse com o poder.

— E todos aqueles Aiel... — comentou Seonid, a voz bem tensa. Ela era cairhiena, afinal. — Tanto homens quanto mulheres. Acho que aqueles selvagens tentariam nos atacar com suas lanças se piscássemos rápido demais. E tinha uma, aquela mulher de cabelo dourado, a única com a decência de usar saia, que não fazia o menor esforço para esconder o quanto estava descontente com nossa presença.

Merana às vezes achava que Seonid não tinha muita noção de que o próprio al'Thor poderia representar perigo.

Sem reparar no que fazia, Alanna mordiscava o lábio inferior feito uma garotinha. Bom saber que a mulher tinha Verin para cuidar dela, já que não parecia em condições de andar por aí sozinha. A Marrom só bebericava o chá e observava a conversa, assistindo a tudo com aqueles olhos tão desconcertantes.

Merana acabou cedendo. Lembrava-se muito bem de como ficara fragilizada depois da morte de Baran, os nervos à flor da pele.

— Por sorte, parece que as suspeitas dele talvez tenham rendido bons frutos. Ele recebeu emissárias de Elaida, lá em Cairhien, e não fez questão de esconder o fato. Acredito que essa desconfiança toda vai fazer com que ele mantenha distância delas.

Seonid pousou a xícara no pires.

— Al'Thor acha que vai nos colocar umas contra as outras.

— E talvez consiga — ponderou Masuri, secamente. — Ao menos sabemos mais sobre ele do que Elaida jamais poderia saber. Acho que ela deve ter mandado as emissárias para encontrar um pastor, mesmo que um pastor de casaco de seda. E, bem, seja lá o que ele tenha se tornado, al'Thor já não é mais isso. Parece que Moiraine o treinou bem.

— Já tinham nos avisado disso — concordou Merana. — E realmente acho muito provável que elas tenham recebido o mesmo aviso.

Alanna piscou de modo surpreso, encarando as emissárias.

— Então eu não estraguei tudo? — As três assentiram, e ela enfim respirou fundo, alisando as saias de cenho franzido, como se tivesse acabado de notar o tecido amassado. — Eu talvez ainda consiga fazer com que ele me aceite. — Ela acalmou o rosto, perdendo a expressão de preocupação, a voz mais calma e confiante a cada palavra. — Quanto a essa anistia dele... bem, talvez tenhamos que suspender nossos planos, por enquanto, mas isso não significa que não podemos planejar nada. Esse

tipo de perigo não pode ser ignorado.

Por um momento, Merana se arrependeu de ter cedido — depois de fazer aquilo a um homem, a única coisa que de fato preocupava a Verde era se sua atitude comprometera as chances de sucesso da Torre. Mas, relutante, acabou admitindo que, se aquilo servisse para garantir a obediência de al'Thor, ela taparia o nariz.

— Primeiro temos que tomar as rédeas de al'Thor, por assim dizer. E suspenderemos nossos planos pelo tempo que for preciso, Alanna.

A Verde estreitou a boca, mas enfim aquiesceu — ou ao menos pareceu aceitar ouvir.

— E como faremos para assumir as rédeas dele? — indagou Verin. — Al'Thor precisa ser tratado com delicadeza, ele é um lobo preso a uma correia da grossura de um barbante.

Merana hesitou. Não era sua intenção compartilhar tudo com aquelas duas, ainda mais porque ambas demonstravam uma lealdade muito tênue para com o Salão de Salidar. Temia pelo que aconteceria se Verin tentasse assumir as rédeas — e ainda mais se ela tivesse êxito. Mas sabia manejar a situação, tinha sido escolhida justamente por ter vivido uma vida dedicada à mediação de disputas delicadas e à negociação de tratados entre partes que se odiavam. Era parte da natureza humana ver acordos quebrados e tratados violados, mas, nos seus oitenta anos de ofício, seu único insucesso real foi o Quinto Tratado de Falme. Merana sabia bem disso tudo, mas ainda havia os instintos e as cautelas que aprendera ao longo dos anos, já tão enraizados.

— Estamos fazendo contato com alguns nobres. Por sorte, estão todos em Caemlyn agora...

* * *

— Eu me preocupo é com Elayne — comentou Dyelin, com firmeza.

A mulher falava com ainda mais firmeza por estar sozinha com uma Aes Sedai na sala de estar — uma mulher da Torre podia fazer uma pressão forte quando a pessoa fraquejava por estar sozinha. Sobretudo quando ninguém mais sabia desse encontro a sós.

Kairen Sedai sorriu, mas nem o sorriso e nem os olhos azuis serenos revelavam qualquer coisa.

— É bem possível que a Filha-herdeira acabe se sentando no Trono do Leão. Obstáculos que podem parecer insuperáveis para outros raramente o são para as Aes Sedai.

— O Dragão Renascido diz que...

— Os homens dizem muitas coisas, Lady Dyelin, mas você sabe que eu não

minto.

* * *

Luan olhou para os lados, para o caso de algum criado entrar nas estrebarias, e deu um tapinha no pescoço do garanhão tairino cinzento. Mal conseguiu desviar da mordida daqueles dentes terríveis. O Guardião de Rafela os alertaria caso alguém se aproximasse, mas Luan não confiava em ninguém, nos últimos tempos. Ainda mais com uma visita daquela.

— Não sei bem se entendi direito — respondeu, sem rodeios.

— A unidade é melhor que a divisão — respondeu Rafela —, a paz é melhor que a guerra, a paciência é melhor que a morte. — Luan mexeu a cabeça em contrariedade àqueles chavões, e a Aes Sedai de rosto redondo sorriu. — Não vai ser melhor para Andor se Rand al'Thor deixar a terra unida e em paz, Lorde Luan?

* * *

Segurando o robe fechado, Ellorien fitava a Aes Sedai que conseguira abordá-la durante o banho — e sem ser anunciada, talvez até sem ser vista por mais ninguém. A mulher de pele cor de cobre a encarava, sentada em um banquinho no outro lado da banheira de mármore cheia, agindo com toda a naturalidade.

— E quem ocuparia o Trono do Leão, Demira Sedai? — perguntou, por fim.

— Há de ser o que a Roda tecer. — Foi a única resposta, e Ellorien sabia que não teria nenhuma outra.





A COR DA CONFIANÇA

Tão logo Vanin havia partido para dizer ao Bando que ficasse onde estava, Mat descobriu que não restava nenhuma estalagem em Salidar que não tivesse sido ocupada pelas Aes Sedai, e que até os cinco estábulos estavam completamente lotados. Porém, quando deslizou uma moedinha de prata para um cavaleiro de rosto fino, o sujeito foi buscar sacas de aveia e fardos de feno em um pátio rodeado por paredes de pedra que abrigaria seis cavalos. Também mostrou para Mat e os outros quatro homens do Bando lugares para dormir no depósito de feno, que era um pouco mais fresco que o lado de fora.

— Não peçam nada — advertiu Mat para seus homens enquanto dividia o restante das moedas entre eles. — Paguem por tudo e não aceitem presentes. O Bando não vai ficar devendo nada a ninguém daqui.

Seu falso ar de confiança se transmitiu aos demais, que nem hesitaram quando ele os mandou afixarem os estandartes junto à porta de entrada do depósito para que pendessem à frente do estábulo, em carmesim e branco, o disco branco e preto e o Dragão bem à vista de todos. Os olhos do cavaleiro se arregalaram e ele exigiu saber o que Mat estava fazendo.

Ele apenas sorriu e jogou um marco de ouro para o camarada de rosto fino.

— Só para que todos saibam quem está aqui. — Mat queria que Egwene entendesse que ele não seria intimidado, e, algumas vezes, fazer as pessoas enxergarem isso significava ter que tomar algumas atitudes esquisitas.

O problema foi que os estandartes não surtiram efeito. Ah, todos que passavam por ali ficavam boquiabertos e apontavam para eles, e várias Aes Sedai vinham só para dar uma olhada, os olhos frios e sem expressão, mas Mat estivera esperando um pedido indignado para que eles fossem removidos, o que nunca aconteceu. Quando

ele voltou para a Pequena Torre, uma Aes Sedai, que — milagrosamente — conseguia ter cara de ameixa seca apesar das bochechas lisas e do rosto de idade indefinida, mexeu no xale de franjas marrons e disse a ele, irredutível, que o Trono de Amyrlin estava ocupado e que talvez pudesse recebê-lo dentro de um ou dois dias. Talvez. Elayne parecia ter desaparecido, assim como Aviendha, mas ninguém parecia ter tentado assassinar ninguém ainda. Mat suspeitava de que a Aiel poderia estar em algum lugar metida em um vestido branco. Para ele, não mudava nada, desde que a paz fosse mantida, já que Mat não queria ter que contar a Rand que uma havia matado a outra. Ele chegou a avistar Nynaeve, mas a mulher se esgueirou por uma esquina e já havia sumido quando Mat alcançou o local.

Ele passou a maior parte da tarde à procura de Thom e Juilin. Tinha esperança de que um dos dois pudesse explicar melhor o que estava acontecendo e, além disso, Mat precisava se desculpar com Thom por seus comentários sobre aquela carta. Infelizmente, ninguém também parecia saber onde os homens se encontravam. Bem antes do cair da noite, Mat chegou à conclusão de que eles estavam sendo mantidos longe dele. Egwene queria mesmo desestabilizá-lo, deixá-lo cozinhando, mas ele a faria perceber que não estava nem em fogo baixo. Para ajudá-lo com isso, Mat saiu para dançar.

A impressão era de que as celebrações por conta da nova Amyrlin deveriam prosseguir durante um mês, e embora todos em Salidar parecessem atarefados ao longo do dia, fogueiras eram acesas em todas as esquinas assim que a noite caía, e surgiam rabecas, flautas e até um ou dois saltérios. Música e gargalhadas tomavam conta do ar, e os festejos reinavam até a hora de ir para a cama. Mat via Aes Sedai dançando nas ruas com carroceiros e cavaleiros ainda trajando suas roupas pesadas de trabalho e Guardiões dançando com serviçais e cozinheiras que haviam deixado de lado os aventais. Nada de Egwene, no entanto. O maldito Trono de Amyrlin não ficaria saltitando e rodopiando pelas ruas. Nada também de Elayne ou Nynaeve, e nada de Thom ou Juilin. Thom não teria dispensado uma dança nem com as duas pernas quebradas, a menos que tivesse realmente sido impedido. Mat sossegou para poder se divertir, deixar que todos vissem que ele não dava a mínima para qualquer outra coisa. Acabou não funcionando exatamente como ele queria.

Mat dançou um pouco com a mulher mais linda que já tinha visto em toda a sua vida, magra e de seios fartos, que queria saber tudo sobre Mat Cauthon. A atenção o deixara lisonjeado, especialmente quando ela perguntou se ele queria dar uma voltinha. Mas, depois de um tempo, Mat notou que Halima tinha um jeitinho de encostar nele, de se inclinar para olhar para alguma coisa, de um modo que não lhe dava escolha senão olhar seu decote. Era provável que Mat tivesse gostado, o problema era que ela toda vez olhava para o rosto dele com um olhar penetrante e um sorriso divertido. Não era uma boa dançarina — para começo de conversa, ficava tentando conduzi-lo —, até que ele, por fim, pediu licença e foi embora.

Não deveria ter sido um problema, mas, antes que Mat tivesse dado dez passos, a

cabeça de raposa pendurada em seu pescoço ficou fria feito gelo. Ele se virou e, furioso, procurou pela culpada. O que viu foi Halima encarando-o à luz da fogueira. Apenas por um instante, até que a mulher pegou um Guardião alto pelos braços e voltou a rodopiar e dançar, mas Mat tinha certeza de ter identificado uma expressão surpresa naquele lindo rosto.

As rabecas entoavam uma melodia conhecida. Uma das velhas lembranças em sua mente a reconheceu, pelo menos, pois não havia mudado muito, considerando-se que já se passara bem mais de mil anos. Os versos da canção deviam ter mudado por completo, já que as velhas palavras que ecoavam em sua mente jamais teriam sido aprovadas ali:

*Pode confiar em mim, disse a Aes Sedai.
Lembre: sem mim, o mundo inteiro cai.
Confie em mim, sempre faço o que é certo.
Cuidarei de tudo, ficarei aqui por perto.
Mas a confiança é da cor das trevas brotando.
A confiança é da cor do sangue pingando.
A confiança é da cor do derradeiro corte.
A confiança é da cor da morte.*

— Aes Sedai? — repetiu desdenhosamente uma jovem rechonchuda quando ele foi perguntar a respeito de Halima. Era bonita e, em outras circunstâncias, Mat poderia ter investido em busca de uns beijinhos e de calor humano. — Halima é só a secretária de Delana Sedai. Sempre provocando os homens, essa aí. Como uma criancinha com um brinquedo novo. Provoca só para ver se consegue. Já teria ficado com água quente até o pescoço umas dez vezes, se Delana não a protegesse.

*Pode confiar em mim, disse a rainha,
lembre: carregue esse fardo sozinha.
Confie em mim para liderar, julgar e governar,
que você é um tolo, homem nenhum vai pensar.
Mas a confiança é o som do mau auguro.
A confiança é o som do arдил no escuro.
A confiança é o som do derradeiro corte.
A confiança é o som da morte.*

Talvez ele tivesse se enganado. Talvez ela só tivesse ficado chocada por ele ter ido embora. Poucos homens dispensariam uma mulher com aquela aparência, pouco

importando seu jeito de provocar ou dançar. Tinha que ser isso. Mas ainda restava a dúvida: então quem e por quê? Mat olhou em volta, para quem dançava e para as pessoas que observavam do limiar das sombras, onde esperavam sua vez. A Caçadora da Trombeta de cabelos dourados que lhe parecera familiar saiu rodopiando com um sujeito de rosto particularmente encaroçado, sua trança quase que se sobressaindo às costas. Mat conseguia identificar Aes Sedai pelos seus rostos — na maioria dos casos, pelo menos —, mas não havia como saber qual delas tinha tentado... o que quer que tivesse tentado.

Ele saiu andando rua abaixo em direção à fogueira seguinte mais para escapar daquela canção do que por qualquer outro motivo, antes que, em sua mente, a letra da música passasse de “o rei no alto” e “a lady e o lorde” para “o amor da sua vida”. Naquela velha lembrança, ele se recordava de ter escrito aquela canção por conta do amor da sua vida. *A confiança tem o gosto da morte*. Na outra esquina, um rabequista e uma mulher com uma flauta tocavam o que soava como “Afofem as Penas”, uma bela dança do interior.

Até onde ele podia confiar em Egwene? Ela agora era Aes Sedai. Devia mesmo ser, se agora era a Amyrlin, ainda que uma Amyrlin de meia-tigela numa aldeia de meia-tigela. Bem, o que quer que fosse, ela era Egwene, e ele não conseguia acreditar que ela o atacaria do nada daquele jeito. Claro que Nynaeve seria capaz, mesmo sem a intenção real de machucá-lo. Seu quadril, porém, ainda doía. O chute o deixara com um hematoma. E só a Luz sabia do que uma mulher como Elayne seria capaz. Elas ainda estavam tentando forçá-lo a ir embora, ele concluiu. Era provável que houvesse outras tentativas. O melhor a fazer era ignorá-las. Mat quase torcia para que elas tentassem de novo. Não podiam tocá-lo com o Poder e, quanto mais tentassem e fracassassem, ora, mais teriam que reconhecer que ele não seria manipulado.

Myrelle apareceu e ficou ao lado dele, observando o povo que dançava. Mat se lembrava dela vagamente. Não achava que ela soubesse de algo perigoso a seu respeito. Pelo menos achava que não. Não era tão bela quanto Halima, claro, mas, ainda assim, era bem mais que apenas bonita. Sombras tremeluzentes dançavam em seu rosto de modo que Mat quase poderia esquecer que ela era Aes Sedai.

— Noite quente — disse a mulher, sorrindo, e começou a fazer um discurso tão descontraído enquanto Mat se deleitava olhando para ela que ele precisou de um certo tempo para perceber aonde ela estava querendo chegar com aquela conversa.

— Acho que não — respondeu educadamente ele quando ela fez uma pausa. Era isso que dava esquecer. Aes Sedai eram Aes Sedai.

Ela apenas sorriu.

— Haveria muitas vantagens, e eu não tentaria prendê-lo às minhas saias. Muitas vantagens. Você escolheu uma vida perigosa, ou a escolheram para você. Um Guardião deve ter mais chances de sobreviver.

— Eu realmente acho que não. Eu recuso, mas agradeço a proposta.

— Pense um pouco, Mat. A menos que... A Amyrlin criou um elo com você?

— Não. — Egwene não faria isso. Faria? Ela não poderia enquanto ele estivesse usando o medalhão, mas será que faria se ele não o usasse? — Você me dá licença? — Mat fez uma curta reverência e partiu na direção de uma bela jovem de olhos azuis que batia o pé no ritmo da música. Ela tinha uma boca suculenta, perfeita para beijar, e ele queria se divertir, maldição. — Eu vi os seus olhos e não pude deixar de vir aqui. Quer dançar?

Já era tarde demais quando ele viu o anel da Grande Serpente na mão direita da mulher, justo quando aquela boca suculenta se abriu e uma voz que ele reconheceu disse, seca:

— Uma vez eu perguntei, garoto, se você estaria presente quando a casa começasse a pegar fogo, mas parece que você gosta de pular em fogueiras. Agora saia daqui e encontre alguém que queira dançar com você.

Siuan Sanche! Ela tinha sido estancada e morta! Mas ali estava ela, fitando-o com o rosto que roubara de alguma jovem, fosse ela o que fosse, e usando um anel de Aes Sedai! Ele tinha tirado *Siuan Sanche* para dançar!

Enquanto Mat ainda tinha os olhos fixos nela, uma domanesa jovem e esbelta veio rodopiando com um vestido verde-claro transparente o bastante para que a luz da fogueira delineasse toda a sua silhueta. Lançando um olhar gélido na direção de Siuan, que o devolveu com interesse, a domanesa praticamente arrastou Mat para o meio das pessoas dançando. Era tão alta quanto uma Aiel, os olhos escuros até um pouco mais altos que os dele.

— Meu nome é Leane, aliás — disse a mulher com uma voz que parecia uma carícia açucarada —, caso você não tenha me reconhecido. — Sua risadinha baixa também era quase uma carícia.

Mat deu um pulo e quase se atrapalhou todo no primeiro giro. Ela também usava o anel. Ele concluiu o passo apenas por instinto. Alta ou não, Leane era como uma pluma nas mãos dele, graciosa como um cisne, mas com certeza nada disso era suficiente para abafar a pergunta que continuava a explodir na cabeça dele feito os fogos de artifício de um Iluminador: Como? Como, sob a Luz? Para completar, quando a dança acabou, ela disse:

— Você dança muito bem — disse naquela voz sedutora, e então o beijou com uma intensidade com que Mat jamais havia sido beijado. Ele ficou tão chocado que nem tentou se afastar. Suspirando, ela lhe deu um tapinha na bochecha. — Dança muito bem mesmo. Na próxima vez, pense nisso como uma dança e você vai se sair bem melhor. — E lá foi ela embora gargalhando, de volta para dançar com algum sujeito que tirou do meio dos espectadores.

Mat decidiu que já passara pelo máximo que um homem poderia suportar em uma única noite. Voltou ao estábulo e caiu no sono usando a própria sela como travesseiro. Seus sonhos teriam sido agradáveis, se não tivessem envolvido Myrelle, Siuan, Leane e Halima. Em se tratando de sonhos, um homem simplesmente não

tinha bom senso suficiente nem para tirar uma pedra da própria bota.

O dia seguinte só poderia ser melhor, pensou ele, em especial quando a alvorada chegou revelando Vanin no depósito, dormindo em sua sela. Ele contou que Talmanes tinha recebido a mensagem e ficaria onde estava. Guardiões haviam sido vistos observando os preparativos do Bando, sem dúvida porque se permitiram ser vistos, mas nenhum deles se aproximara dos homens de Mat. Uma surpresa menos agradável foi deparar com o cavalo cinza de Olver no pátio atrás do estábulo, e o próprio Olver todo enrolado nos lençóis em um canto.

— Você precisa de alguém na retaguarda — justificou-se o menino, sombrio, quando Mat perguntou o que ele estava fazendo ali. — Não pode confiar nela. — Não precisou citar o nome de Aviendha.

Olver não mostrou interesse em brincar com as crianças da aldeia, e Mat teve que suportar olhares e sorrisos conforme o garoto o seguia por toda Salidar, fazendo seu melhor para imitar o andar fluido de um Guardião e olhando em nove direções ao mesmo tempo à procura de Aviendha. E Mat continuava sem vê-la em lugar algum, assim como Elayne e Nynaeve. E a “Amyrlin” ainda estava ocupada. Thom e Juilin também estavam “ocupados”. Vanin conseguiu ouvir algumas coisas, mas nada que deixasse Mat feliz. Se Nynaeve realmente tivesse Curado Siuan e Leane, ela estaria pior do que nunca. Ela sempre se tivera em alta conta e, depois de conseguir fazer o que ninguém julgara possível, seu peito estaria mais estufado que o de um pombo. Mas essa não era a pior parte. A história sobre Logain e a Ajah Vermelha deram calafrios em Mat. Aquilo soava como o tipo de coisa que nenhuma Aes Sedai perdoaria. Se Gareth Bryne era o líder do exército delas, não se tratava de um amontoado de fazendeiros e varredores de rua com alguns Guardiões para dar mais corpo. Considerando-se tudo isso e as provisões que Vanin viu serem empacotadas ou acondicionadas em barris para viagem, a única conclusão era que haveria problemas. O pior tipo de problema que Mat poderia imaginar, pouco melhor do que dar de cara com um dos Abandonados na mesa ao lado e mais uma dúzia de Trollocs entrando pela porta. Nada daquilo as tornava menos tolas, apenas tolas muito perigosas. Thom e seu “ajudá-las a fazer o que elas querem”. Se o menestrel saísse da toca algum dia, talvez pudesse tirar um “como” daquelas suas histórias.

À noite, Myrelle voltou a conversar com Mat a respeito de ele se tornar um Guardião, e seus olhos se estreitaram em desagrado quando Mat lhe disse que a proposta dela era a quinta que ele dispensava desde o nascer do sol. Ele não teve certeza se ela acreditou, já que a mulher foi embora com o andar mais exasperado que ele já vira em uma Aes Sedai. Porém, era verdade. A primeiríssima, quando ele ainda tentava tomar o café da manhã, fora da mesma Delana para quem Halima trabalhava, uma mulher corpulenta de cabelo claro e olhos azuis que chegou perto de tentar intimidá-lo a aceitar. Naquela noite, ele se manteve longe da dança e foi dormir com as músicas e gargalhadas em seus ouvidos. Desta vez, soavam amargas.

Foi no meio da tarde do segundo dia inteiro de Mat em Salidar que uma garota de

vestido branco, bonita, sardenta e se esforçando bastante para demonstrar uma dignidade gélida — e quase sendo bem-sucedida —, abordou-o com uma convocação exatamente assim:

— Você vai se apresentar imediatamente perante o Trono de Amyrlin. — Ponto final, e mais nenhuma palavra.

Mat sinalizou para que ela fosse na frente. Pareceu adequado, e ela pareceu gostar.

Estavam todas elas naquele aposento da Pequena Torre, Egwene, Nynaeve, Elayne e Aviendha, embora Mat tenha precisado olhar duas vezes para reconhecer a Aiel em um vestido azul de lã cara, com gola e punhos rendados. Pelo menos nem Aviendha nem Elayne estavam tentando estrangular uma a outra, mas ambas tinham uma expressão pétrea. Assim como Egwene e Nynaeve, aliás. Os rostos estavam todos indecifráveis, e todos os olhos voltaram-se para ele. Conseguiu segurar a língua enquanto Egwene expôs as alternativas de Mat, na opinião dela, sempre sentada por detrás da mesa e com aquela estola listrada sobre os ombros.

— Caso você ache que não é capaz de fazer nenhuma das duas coisas — concluiu ela —, lembre-se de que eu posso amarrar você no seu cavalo e mandá-lo de volta para esse seu Bando da Mão. Em Salidar, não há lugar para preguiçosos e gente que faz corpo mole. Eu não vou permitir uma coisa dessas. Você tem duas escolhas, Mat: ou vai para Ebou Dar com Elayne e Nynaeve ou vai embora para ver quem você consegue impressionar com bandeiras e estandartes.

O que o deixava sem escolha, claro. Quando ele apontou isso, nenhuma expressão se alterou. Se muito, Nynaeve se mostrou ainda mais severa. E Egwene disse apenas:

— Fico feliz que tudo esteja resolvido, Mat. Agora tenho mil coisas para fazer. Vou tentar vê-lo antes de você ir. — Dispensado feito um cavaliário. A Amyrlin estava ocupada. O mínimo que poderia ter feito era lhe jogar uma moeda de cobre.

Foi por isso que na terceira manhã de Mat em Salidar ele foi até a entrada do lugar, na área descampada entre a aldeia e a floresta.

— Pode ser que elas continuem aqui até eu voltar — disse Mat para Talmanes, olhando por cima do ombro em direção às casas. Elas viriam logo, e Mat não queria que nada daquilo chegasse aos ouvidos de Egwene. Se pudesse, ela tentaria pôr um fim nos seus planos. — Bem, é o que eu espero. Se elas se des locarem, siga-as aonde quer que seja, mas nunca tão de perto a ponto de assustá-las. E se uma jovem chamada Egwene aparecer, não faça perguntas, trate apenas de capturá-la e levá-la para Caemlyn, mesmo que seja preciso passar por cima de Gareth Bryne. — Claro que eles poderiam estar pretendendo ir a Caemlyn. Havia essa chance. Mas Mat temia que o alvo delas fosse Tar Valon. Tar Valon e o machado do carrasco. — E leve Nerim com você.

Talmanes balançou a cabeça.

— Se Nalesean estiver indo com você, vou ficar ofendido se você não permitir que eu envie um dos meus homens para cuidar das suas coisas. — Mat gostaria que Talmanes sorrisse de vez em quando. Ajudaria a saber quando ele estava falando

sério. Ele certamente soava sério.

Nerim estava parado de pé ali perto, com Pips, e sua própria égua marrom roliça, além de dois burros de carga com cestos de vime atulhados até a boca. O homem de Nalesean, um sujeito robusto chamado Lopin, conduzia apenas um animal de carga, além do seu capão com focinho em formato de martelo e do imenso garanhão negro de Nalesean.

A comitiva não acabava aí. Ninguém parecia querer dizer a Mat mais do que o ponto de encontro e quando ele deveria estar lá, mas, durante outra conversa tentando convencê-lo a se tornar Guardião, Myrelle deixara escapar que já não havia mais problema se ele se comunicasse com o Bando, desde que não tentasse trazê-los para mais perto de Salidar. Ele nem tinha cogitado uma coisa dessas. Vanin estava ali naquela manhã porque suas habilidades como batedor seriam úteis, assim como cerca de dez soldados do Bando, selecionados por conta dos ombros pesados e por terem se mostrado capazes de manter a ordem enquanto ainda eram Braços Vermelhos em Maerone. Pelo que Nalesean dissera, clavas e punhos ligeiros deveriam dar conta de qualquer confusão em que Nynaeve e Elayne se metessem, ao menos por tempo suficiente para levá-las embora na surdina. Lá no final vinha Olver, montado no cavalo cinza que batizara de Vento, um nome que o animal de pernas compridas até poderia merecer. Claro que ele levaria Olver junto. O Bando poderia muito bem se meter em problemas se acabasse tendo que acompanhar aquele monte de malucas. Talvez não problemas com Bryne, mas havia grandes chances de os nobres ficarem eriçados ao verem dois exércitos cruzando suas terras e resolverem atacar os cavalos à noite e atirarem flechas matagal sim, matagal não. Para um garoto, qualquer cidade havia de ser mais segura que isso.

Ainda não havia qualquer sinal de nenhuma Aes Sedai, e o sol já começava a assá-los por sobre as copas das árvores.

Num gesto irritado, Mat puxou o chapéu para baixo.

— Nalesean conhece Ebou Dar, Talmanes. — O taireno deu um risinho em meio ao suor e assentiu. A expressão de Talmanes não se alterou. — Ah, está bem. Nerim vem com a gente. — Talmanes inclinou a cabeça. Talvez tivesse falado sério.

Por fim, houve uma movimentação na aldeia, um grupo de mulheres conduzindo cavalos. Elayne e Nynaeve estavam acompanhadas, embora Mat não estivesse esperando mais ninguém. Aviendha trajava um vestido de cavalgada cinza, mas olhava para a sua égua parda esguia com um ar mais que duvidoso. Aquela Caçadora da trança dourada demonstrava mais confiança com um capão de ancas pesadas da cor de um camundongo, e parecia estar tentando convencer Aviendha de algo em relação à sua égua. O que aquelas duas estavam fazendo ali? Também havia duas Aes Sedai — outras duas Aes Sedai além de Nynaeve e Elayne, melhor dizendo —, mulheres esbeltas com cabelos brancos que Mat ainda não tinha visto em Aes Sedai. Um sujeito de certa idade, magro, porém musculoso, e quase careca — os poucos fios que ainda restavam eram grisalhos — vinha atrás delas com um animal de

carga, além da sua própria montaria. Mat levou um tempo para perceber que se tratava de um Guardião, com um daqueles mantos furta-cor lhe pendendo às costas. Essa era a vida de um Guardião. As Aes Sedai faziam o sujeito trabalhar até ele perder os cabelos, e então, depois que o pobre coitado morresse, provavelmente ainda encontrariam serventia para os seus ossos.

Thom e Juilin vinham não muito atrás, e também traziam um burro de carga. As mulheres pararam a umas cinquenta passadas à esquerda junto do Guardião idoso, mal olhando para Mat e seus homens. O menestrel deu uma olhada furtiva na direção de Nynaeve e as demais e, a seguir, falou com Juilin, e ambos conduziram seus cavalos na direção de Mat, parando um pouco antes dele como se não tivessem certeza de que eram bem-vindos. Mat se aproximou.

— Tenho que lhe pedir desculpas, Mat — disse Thom, apertando o bigode. — Elayne foi bem enfática ao me proibir de continuar conversando com você. Só mudou de ideia hoje de manhã. Num momento de fraqueza há alguns meses, prometi obedecer às ordens dela, e ela joga isso na minha cara nas situações mais esquisitas. Ela não ficou muito feliz por eu ter lhe dito o que disse.

— Nynaeve ameaçou me dar um soco no olho se eu chegasse perto de você — revelou Juilin em tom tristonho, apoiando-se em seu cajado de bambu. Estava usando um chapéu taraboniano vermelho que não oferecia tanta proteção contra o sol, e até o chapéu parecia triste.

Mat desviou o olhar na direção das mulheres. Nynaeve o espiava por cima da própria sela, mas, quando percebeu que ele estava olhando, agachou-se atrás do animal, uma égua marrom atarracada. Ele não teria pensado que nem Nynaeve seria capaz de mandar em Juilin, mas o apanhador de ladrões de pele escura estava bem longe de ser o homem com quem Mat convivera um pouco em Tear. Aquele Juilin se mostrara pronto para tudo. Este Juilin, com a testa franzida, parecia sempre preocupado com alguma coisa.

— Nós vamos ensinar para elas um pouco de boas maneiras durante esta viagem, Juilin. Thom, eu é que tenho que pedir desculpas. Aquilo que eu disse sobre a carta... Foi o calor que me fez falar sem pensar, e eu estava preocupado com certas mulheres idiotas. Espero que as notícias tenham sido boas. — Foi tarde demais quando ele se recordou do que Thom dissera. O homem abandonara à morte a mulher que tinha escrito aquela carta.

Thom, porém, só deu de ombros. Mat não sabia o que pensar dele sem o manto de menestrel.

— Notícias boas? Eu ainda nem decifrei aquela carta. É comum não se saber se uma mulher é amiga, inimiga ou amante até já ser tarde demais. Às vezes, ela é os três. — Mat esperava uma gargalhada, mas Thom franziu a testa e suspirou. — As mulheres parecem gostar de se passar por misteriosas, Mat. Posso dar um exemplo. Você se lembra de Aludra?

Mat precisou pensar.

— A Iluminadora que salvamos em Aringill?

— A própria. Juilin e eu a encontramos durante as nossas viagens e ela não sabia quem eu era. Não que ela não tenha me reconhecido, já que é normal conversar com companheiros de viagem desconhecidos para poder conhecê-los melhor. Aludra não quis me conhecer, e mesmo sem eu saber por quê, não vi razão para impor nada. Encontrei-a como uma estranha e a deixei como uma estranha. E aí, você a veria como uma amiga ou uma inimiga?

— Talvez como amante — respondeu Mat, seco. Ele não se importaria em encontrar Aludra de novo. Ela lhe dera alguns fogos de artifício que se provaram bem úteis. — Se você quiser saber sobre mulheres, pergunte para Perrin, não para mim. Não entendo nada desse assunto. Eu costumava achar que Rand entendia, mas Perrin com certeza entende. — Elayne estava conversando com as duas Aes Sedai de cabelo branco sob o olhar atento da Caçadora. Uma das Aes Sedai mais velhas deu uma olhada inquisitiva na direção de Mat. Agiam como Elayne, serenas como uma rainha em seu maldito trono. — Bem, com sorte, não vou precisar aturar essas malucas por muito tempo — resmungou Mat consigo mesmo. — Com sorte, o que quer que elas estejam indo fazer lá não vai demorar muito e em cinco ou dez dias estaremos de volta. — Com sorte, ele poderia estar de volta antes que o Bando precisasse começar a seguir aquelas loucas. Seguir não apenas um exército, mas dois, seria fácil como roubar tortas, claro, mas Mat não queria passar nem um dia a mais que o necessário na companhia de Elayne.

— Dez dias? — indagou Thom. — Mesmo com esse tal de “portão”, Mat, vamos precisar de cinco ou seis dias só para chegar a Ebou Dar. É melhor que uns vinte, mas...

Mat parou de prestar atenção. Cada gota de irritação que ele vinha acumulando desde a primeira vez em que tornou a pousar os olhos em Egwene transbordou de uma só vez. Ele apanhou o chapéu e foi andando decidido até Elayne e as outras. Deixá-lo sem saber nada já era ruim o bastante — como ele poderia mantê-las longe de confusão se elas não lhe contavam nada? —, mas aquilo era ridículo. Nynaeve o viu se aproximando e, por algum motivo, escondeu-se atrás de sua égua.

— Vai ser interessante viajar com um *ta'veren* — comentou uma das Aes Sedai de cabelo branco. Mesmo de perto, ele ainda não conseguia dizer quantos anos a mulher tinha, mas, de alguma forma, algo em seu rosto transmitia certa idade. Devia ser o cabelo. A outra Aes Sedai parecia um reflexo da primeira. Talvez elas realmente fossem irmãs. — Meu nome é Vandene Namelle.

Mat não estava no clima para falar sobre ser um *ta'veren*. Nunca sentia vontade de fazer isso, mas menos ainda naquele momento.

— Que história é essa de que a gente vai levar cinco ou seis dias para chegar a Ebou Dar? — O velho Guardião se endireitou, encarando-o com severidade, e Mat também o reavaliou. Podia ser magro, mas era duro feito raízes velhas. Mas isso não bastou para fazê-lo moderar o tom de voz. — Vocês podem abrir um portão na

frente de Ebou Dar. Não somos nenhum maldito exército que vá assustar alguém, e, quanto a aparecer do nada, vocês são Aes Sedai. As pessoas já esperam que vocês apareçam do nada e atravessem paredes.

— Receio que você esteja falando com a Aes Sedai errada — disse Vandene. Mat olhou para a outra mulher de cabelo branco, que balançou a cabeça enquanto Vandene disse: — Não, não Adeleas. Parece que não somos fortes o bastante para algumas das novidades.

Mat hesitou, então afundou o chapéu na cabeça e se virou para Elayne.

A mulher empinou o nariz imediatamente.

— Parece que você sabe ainda menos do que pensa, Mestre Cauthon — afirmou ela com frieza. Não estava suando, ele percebeu, não mais que as duas... as outras duas... Aes Sedai. A Caçadora olhava para ele de modo desafiador. Por acaso ele tinha enfiado uma abelha no seu ouvido para ela ficar olhando-o com aquela cara? — Há aldeias e fazendas num entorno de cem milhas de Ebou Dar — prosseguiu Elayne, como se tentasse explicar o óbvio para alguém não muito inteligente. — Portões são perigosos. Não quero matar as ovelhas e vacas de um pobre coitado qualquer, e muito menos o próprio pobre coitado.

Não era só aquele tom de voz que Mat odiava. Elayne estava certa, e ele também odiava isso. Mas não estava a ponto de admitir, não para ela, e, buscando uma maneira de se retirar, avistou Egwene saindo da aldeia acompanhada por vinte ou mais Aes Sedai, a maioria delas usando os xales com as franjas coloridas. Ou melhor, ela vinha, e as mulheres a seguiam. Cabeça bem erguida, Egwene olhava para a frente, aquela estola listrada sobre os ombros. As outras vinham caminhando logo atrás em pequenos grupos. Sheriam, trajando a estola azul da Curadora, conversava com Myrelle e uma Aes Sedai de rosto austero que conseguia ter uma expressão maternal. Exceto por Delana, ele não reconheceu nenhuma das demais — uma tinha o cabelo grisalho preso num coque, e ele se perguntou quantos anos uma Aes Sedai precisava ter para que seu cabelo ficasse completamente grisalho ou branco —, mas todas conversavam entre si, ignorando a mulher que haviam elevado a Amyrlin. Egwene poderia muito bem estar sozinha. Parecia sozinha. Mat a conhecia bem, e sabia que ela provavelmente estava fazendo tudo a seu alcance para se tornar quem aquelas mulheres queriam que ela fosse, e ainda assim elas a deixavam caminhar sozinha daquela forma e ficavam apenas olhando.

Elas que vão para o Poço da Perdição se acham que podem tratar desse jeito uma mulher de Dois Rios, pensou Mat, irritado.

Apertou o passo para alcançar Egwene, então tirou o chapéu e fez uma reverência, executando o melhor movimento de perna que conseguiu — Mat sabia que era capaz de fazer alguns floreios quando precisava.

— Bom dia, Mãe, e que a Luz brilhe sobre você — cumprimentou, alto o bastante para ser ouvido até na aldeia. Mat se ajoelhou, tomou a mão direita de Egwene e beijou o anel da Grande Serpente. Sabendo que Egwene impedia seu rosto de ser

visto pelas mulheres atrás dela, ele lançou um rápido olhar de reprovação para Talmanes e os outros, que se ajoelharam aos trancos e barrancos e bradaram “Que a Luz a ilumine, Mãe” ou algo do tipo. Até Thom e Juilin os imitaram.

De início, Egwene pareceu assustada, embora logo tenha escondido isso. Então, sorriu e, com delicadeza, disse:

— Obrigada, Mat.

Por um momento, ele apenas ficou olhando para a amiga, então pigarreou e se levantou, esfregando os joelhos. Sheriam e todas as outras atrás de Egwene o observavam.

— Eu não esperava ver vocês aqui — afirmou ele, em voz baixa —, mas, pelo visto, parece que há muitas coisas que eu não esperava. A Amyrlin sempre se despede das pessoas que vão viajar? Você não quer mesmo me contar do que se trata tudo isso?

Por um instante, Mat achou que ela fosse contar, mas a boca de Egwene se comprimiu e ela balançou de leve a cabeça.

— Eu sempre me despeço dos meus amigos, Mat. Eu teria falado com você antes de hoje se não andasse tão ocupada. Tente não se meter em problemas em Ebou Dar, Mat.

Ele apenas a olhou, indignado. Mat tinha se ajoelhado e beijado o seu anel de Aes Sedai, e agora ela vinha dizer para *ele* ficar longe de confusão, quando tudo o que queria era evitar que arrancassem a pele de Elayne e Nynaeve.

— Vou tentar, Mãe — retrucou, sarcástico, mas não muito. Sheriam e algumas das demais poderiam estar perto o bastante para ouvir. — Se me dá licença, preciso ir cuidar dos meus homens.

Outra reverência, e ele recuou alguns passos ainda virado para ela antes de sair caminhando até onde Talmanes e os outros continuavam ajoelhados.

— Vocês pretendem ficar assim até criar raízes? — resmungou ele. — Montem. — Mat obedeceu à própria ordem e todos, menos Talmanes, subiram em suas selas o mais rápido possível.

Egwene foi se despedir de Elayne e Nynaeve enquanto Vandene e Adeleas conversavam com Sheriam, e então logo chegou a hora, depois de dias de tanta enrolação. Mat até esperava algum tipo de cerimônia, com Egwene ali presente com a estola de Amyrlin, mas ela e as demais só se afastaram um pouco. Elayne se afastou e, de repente, um rasgo de luz surgiu à sua frente e se ampliou até virar um buraco com vista para o que parecia ser o topo de uma colina baixa coberta por uma vegetação marrom, que girou até parar. Exatamente como o de Rand fez.

— Desmontem — ordenou Mat. Elayne demonstrava estar bem satisfeita consigo mesma. Quem visse aquele sorriso de pura alegria, que pedia que Nynaeve e Aviendha sorrissem com ela, nunca suspeitaria de como ela era uma mulher intragável. Mas, contente ou não, o portão não era tão grande quanto o que Rand abrira para o Bando. Claro que o grupo atual era bem menor, mas o mínimo que ela

poderia ter feito era abrir um portão com altura suficiente para que o atravessassem a cavalo.

Do outro lado, Mat via colinas suaves com grama seca até onde a vista alcançava, mesmo quando tornou a montar em Pips, embora uma massa escura ao sul parecesse sugerir uma floresta. Colinas secas e com muita poeira.

— Melhor não forçarmos muito os cavalos — sugeriu Adeleas, montando com extrema facilidade em sua égua baia tão logo o portão desapareceu. O animal rechonchudo provavelmente se sairia muito melhor em um celeiro.

— Ah, não mesmo — concordou Vandene. A montaria da mulher era um capão negro de flancos quadrados e passos leves. As duas partiram rumo ao sul, sinalizando para que todos as seguissem. O velho Guardião as seguia de perto.

Nynaeve e Elayne trocaram olhares irritados, e então esporaram suas éguas para alcançar as mulheres mais velhas, levantando poeira até emparelharem. A Caçadora da trança dourada as acompanhava da mesma maneira que o Guardião seguia a outra dupla.

Com um suspiro, Mat desatou o lenço preto em seu pescoço e o amarrou por cima do nariz e da boca. Mesmo que adorasse ver as Aes Sedai mais velhas ensinarem aquelas duas a se comportarem direito, o que ele queria mesmo era uma cavalgada tranquila, uma estadia curta em Ebou Dar, e estar de volta a Salidar o mais rápido possível, antes que Egwene fizesse algo estúpido e irremediável. As mulheres sempre lhe criavam problemas. Ele não compreendia por quê.

* * *

Quando o portão se apagou, Egwene soltou um suspiro. Talvez Elayne e Nynaeve, juntas, conseguissem evitar que Mat se metesse em confusões demais. Mantê-lo completamente longe de problemas era pedir muito. Ela sentia uma pontada de arrependimento por usá-lo, mas ele poderia vir a ser útil em Ebou Dar e precisava ser afastado do Bando. Além disso, Mat merecia. Talvez Elayne *fosse* ensinar-lhe algumas boas maneiras.

Virando-se para as demais, o Salão, Sheriam e seu círculo, disse:

— Vamos? Já está na hora.

Todos os olhos se voltaram para o cairhieno de manto escuro que só àquela altura montava em seu cavalo junto às árvores. Egwene achava que Mat dissera que o nome do homem era Talmanes. Ela não ousara fazer muitas perguntas. Ele examinou-as por um momento e balançou a cabeça antes de cavalgar de volta para a floresta.

— Aquele ali tem cara de quem vai criar problemas — afirmou Romanda.

Lelaine aquiesceu.

— Vai ser muito bom ter algumas milhas entre nós e aqueles homens.

Egwene não se permitiu sorrir. O Bando de Mat havia servido ao seu primeiro propósito, mas muita coisa dependia exatamente de que ordens ele deixara com esse tal de Talmanes. Egwene achava que podia contar com Mat. Siuan dissera que aquele tal de Vanin desencavara certas coisas antes que ela pudesse colocá-las debaixo do nariz dele. E se fosse para ela “escutar a voz da razão” e correr atrás do Bando em busca de proteção, então o Bando teria que estar perto dela.

— Vamos buscar os cavalos? — perguntou. — Se partirmos agora, devemos alcançar Lorde Bryne bem antes do pôr do sol.





UM PENSAMENTO AMARGO

Vilnar estava perdido em pensamentos, cogitando fazer a barba enquanto conduzia a patrulha montada pelas ruas da Cidade Nova, não muito longe da imensa muralha externa, cujas pedras cinzentas reluziam em listras brancas e prateadas ao sol do meio-dia. Alguns dos outros homens já estavam de rosto liso. Mesmo que todos dissessem que aquele calor não era normal, com certeza devia estar mais fresco em Saldaea.

Ali era seguro o suficiente para ele deixar os pensamentos vagarem. Conseguia conduzir o cavalo até de olhos fechados, e só um ladrãozinho muito tolo para tentar exercer seu ofício tão perto de dez saldaeanos. A patrulha cavalgava sem roteiro certo, para que os sujeitos nunca soubessem onde era seguro operar. Aliás, era mais comum os bandidos se entregarem do que eles terem que ir atrás de foragidos. O valentão mais durão de Caemlyn preferiria correr para os braços de um saldaeano do que deixar que um Aiel o prendesse. Por isso, Vilnar mantinha só metade da atenção na rua, deixando a mente viajar. Pensava na garota que o esperava em Melar, sua terra natal. O pai dela era mercador, e sua vontade de ter um filho soldado talvez só fosse maior que a vontade de Teryane de se casar com um. Pensou no jogo que aquelas Aiel tinham sugerido — “O Beijo da Donzela” parecia uma brincadeira inocente, mas viu um brilho suspeito nos olhos delas quando deram a sugestão. No entanto, pensava principalmente nas Aes Se dai.

Vilnar sempre quis ver uma Aes Sedai de perto, e com certeza não havia lugar melhor para realizar seu desejo do que ali em Caemlyn, a menos que algum dia viajasse para Tar Valon. Parecia que havia Aes Sedai por toda Caemlyn — fora visitar a estalagem O Sabujo de Culain, onde os rumores diziam que havia cem, mas não teve coragem de entrar. Era bem valente com uma espada na mão, um cavalo entre as pernas e homens ou Trollocs à frente, mas ficava tímido só de pensar nas

Aes Sedai. E aquela estalagem não teria acomodado cem mulheres, aliás. E nenhuma das garotas que vira poderia ser Aes Sedai, sem chance. Também fora visitar A Coroa de Rosas, que ficara observando do outro lado da rua, mas não deu para ter certeza se alguma das mulheres que avistara era uma Aes Sedai, o que só poderia significar que não eram.

Olhou desconfiado para uma mulher magra de nariz grande que saiu de uma casa imponente que devia pertencer a algum mercador. A mulher ficou um tempo parada, encarando a rua de cenho franzido, antes de finalmente enfiar um chapéu de palha de aba larga na cabeça e ir embora apressada. Vilnar balançou a cabeça. Não sabia afirmar a idade dela, mas isso só não bastava. Sabia reconhecer uma Aes Sedai. Jidar podia continuar dizendo que eram mulheres tão bonitas que podiam matar qualquer homem só com um sorriso; e Rissen podia insistir que todas eram um pé mais altas que qualquer homem — Vilnar sabia que era pelo rosto que se sabia se a mulher era ou não Aes Sedai, aquele rosto sem idade definida, o rosto de uma imortal. Era algo impossível de confundir.

Vilnar se esqueceu de vez das Aes Sedai quando a patrulha parou diante do enorme arco abobadado do Portão da Ponte Branca. Do outro lado, uma das feiras se estendia ao longo da estrada, com grandes barracões de pedra cobertos com telhas vermelhas ou roxas; currais repletos de bezerros, porcos e carneiros, galinhas, patos e gansos; e barracas que vendiam de tudo, de feijões a nabos. O normal nessas feiras era uma cacofonia de mercadores oferecendo seus produtos, mas não se ouviam as vozes humanas, restando apenas o som dos animais conforme a marcha silenciosa avançava mercado adentro até o portão, uma das procissões mais estranhas que ele já vira.

Quatro fileiras de feirantes formavam uma longa coluna, quase todos a cavalo, e parecia haver carroções logo atrás — só podiam ser os fazendeiros, considerando seus casacos grosseiros, mas Vilnar notou que cada homem trazia a tiracolo o maior arco que ele já vira, além de uma aljava cheia pendurada de um lado do corpo e uma faca comprida ou espada curta do outro. À frente da procissão havia um estandarte branco com bordas vermelhas e uma cabeça de lobo vermelha, e quem encabeçava a procissão era um grupo tão inusitado quanto a própria coluna: três Aiel — todos a pé, claro, sendo duas Donzelas —, junto com um sujeito cujo casaco vistoso de listras verdes e as calças de um tom amarelo berrante indicavam ser um Latoeiro, mas que só podia ser outra coisa, considerando a espada que levava às costas. O homem de roupas berrantes conduzia um cavalo de tração de Nashun com uma sela apropriada para um gigante. O líder parecia um sujeito de cabelo desgrenhado, com ombros largos e barba curta, levando no cinto um machado pavoroso. A seu lado vinha uma saldaeana com saias divididas estreitas e escuras, e a mulher não parava de lançar olhares afetuosos ao sujeito...

Vilnar se endireitou mais para a frente na sela. Reconhecia a saldaeana e pensou em Lorde Bashere, que estava no Palácio Real. E mais: pensou em Lady Deira, e

isso fez seu sangue gelar — ela também estava no Palácio. Vilnar acharia uma maravilha se alguma Aes Sedai sacudisse os braços e transformasse toda aquela coluna em Trollocs. Talvez aquele fosse o preço de sonhar acordado. Se tivesse ele mantido a mente concentrada no dever, a patrulha já estaria bem longe dali e ele não teria que lidar com aquilo. Ainda assim, tinha ordens a cumprir.

Posicionou os homens diante do portão, cogitando se Lady Deira mandaria cortarem a sua cabeça.

* * *

Perrin deixou o garanhão castanho seguir a um passo lento, só puxando as rédeas a menos de dez passadas do portão da cidade. Galope também ficou feliz em parar, pois não gostava nada do calor. A julgar pelos narizes pronunciados e pelos olhos enviesados, os homens a cavalo que bloqueavam o portão só podiam ser saldaeanos. Alguns ostentavam lustrosas barbas negras, outros usavam bigodes grossos, mas havia alguns de rosto limpo. Todos, menos um, estavam com a mão pousada no punho da espada. Mesmo sem brisa, o ar parecia se agitar ao redor deles, e não havia cheiro de medo. Olhou para Faile, que estava curvada por cima do pescoço arqueado de Andorinha, muito concentrada em tatear a rédea da égua negra. Ela cheirava a sabão de ervas e ansiedade, mas era um cheiro tênue. Tinham ouvido sobre os saldaeanos em Caemlyn nas últimas duzentas milhas ou mais de viagem. As tropas supostamente eram comandadas pelo pai de Faile. Aquilo não pareceu preocupá-la, mas a menina tinha certeza de que a mãe também estaria em Caemlyn — e dizia que aquilo também não a preocupava.

— Nem precisamos dos arqueiros — opinou Aram, baixinho, passando a mão no punho da espada despontando por cima do ombro. Seus olhos escuros denotavam certa ansiedade, e ele de fato cheirava a ansiedade. — Só são dez. Eu e você sozinhos daríamos conta de passar por cima deles.

Gaul já velara o rosto, e Perrin estava quase certo de que Bain e Chiad, do outro lado de Faile, tinham feito o mesmo.

— Nada de arqueiros, e nada de passar por cima de ninguém — retrucou Perrin. — E nada de lanças, Gaul.

Não falou nada com Bain ou Chiad — as duas só davam ouvidos para Faile, em todo caso, e ela não parecia disposta a erguer os olhos ou dizer uma palavra que fosse, não tão cedo. Gaul simplesmente deu de ombros e baixou o véu. Aram franziu o cenho, desapontado.

Perrin manteve o rosto tranquilo enquanto se virava para os saldaeanos. Seus olhos amarelos às vezes deixavam os homens nervosos.

— Eu sou Perrin Aybara. Acho que Rand al'Thor vai querer me receber.

O sujeito barbado, o único que não encostara na espada, fez uma pequena reverência do alto da sela.

— Lorde Aybara, eu sou Vilnar Barada, subtenente jurado pela espada ao Lorde Davram Bashere. — O homem falou bem alto. Perrin reparou que ele também evitava olhar para Faile. Sua esposa suspirou com a menção ao pai e fez uma careta para Barada; seu olhar ficou ainda mais feio quando o homem continuou a ignorá-la. — Pelas ordens de Lorde Bashere — continuou, então completou, como se só então tivesse se lembrado —, e do Lorde Dragão, nenhum nobre pode ter permissão de entrar em Caemlyn com mais de vinte homens armados ou cinquenta serviçais.

Aram ficou inquieto, ainda montado. Ele ficava ainda mais irritado com ataques à suposta honra de Perrin do que Faile, que já o defendia com unhas e dentes. Graças à Luz ele não desembainharia a espada contra as ordens que recebera.

Perrin virou para trás e falou, por cima do ombro:

— Dannil, leve todo mundo de volta para aquela campina, umas três milhas atrás, e monte acampamento. Se algum fazendeiro aparecer para reclamar, dê um pouco de ouro e trate de acalmar o sujeito. Deixe bem claro que ele vai receber compensação por qualquer prejuízo. Aram, vá com eles.

Dannil Lewin, um sujeito magro feito um caniço com um bigode grosso que quase escondia a boca, levou a mão à testa, mesmo Perrin tendo dito tantas vezes que bastava um simples “tudo bem”. Ele na mesma hora começou a dar as ordens de meia-volta. Claro que Aram se enrijeceu todo — ele nunca gostava de ficar longe de Perrin —, mas também claro que ele não protestou. Às vezes, Perrin achava que o antigo Latoeiro era na verdade um cão de caça. Não era bom que homem nenhum se comportasse daquela maneira, mas não sabia o que fazer a respeito.

Achava que Faile fosse reclamar bastante da ordem para que todos voltassem, e ficou esperando ela mencionar os direitos da suposta posição que ele ocupava e insistir em levar os vinte homens que Barada permitiria, junto com o mais próximo dos cinquenta servos que conseguissem arranjar. Mas Faile estava inclinada para fora da sela, cochichando com Bain e Chiad. Perrin fez questão de não ouvir, mas conseguiu entender algumas partes. Algo sobre homens, e com um ar divertido. As mulheres sempre pareciam ou divertidas ou irritadas quando falavam sobre homens. Era por causa de Faile que tinha toda aquela gente atrás dele — e isso sem falar no estandarte, mesmo Perrin ainda não tendo entendido de onde ela tirara aquilo. E havia *serviçais* nos carroções lá atrás, homens e mulheres usando *libré* com uma cabeça de lobo bordada no ombro. Nem mesmo a gente de Dois Rios reclamava, e todos pareciam tão orgulhosos daquilo quanto qualquer um dos refugiados.

— Satisfeito? — perguntou a Barada. — Você pode nos escoltar até Rand, se não quiser que a gente fique à solta por aí.

— Acho que... — Os olhos escuros de Barada encontraram os de Faile, mas voltaram depressa. — Acho que seria melhor.

Faile se endireitou, e Bain e Chiad trotaram até a linha de cavaleiros, passando

pelo meio como se nem houvesse gente ali. Os saldaeanos não pareceram surpresos — deviam estar acostumados com os Aiel, todos os boatos mencionavam que Caemlyn já estava repleta deles.

— Preciso encontrar meus irmãos-de-lança — anunciou Gaul, de repente. — Que você sempre encontre água e sombra, Perrin Aybara. — E lá se foi atrás das mulheres. Faile escondeu um sorriso divertido com a mão enluvada.

Perrin balançou a cabeça. Gaul queria que Chiad se casasse com ele, mas era ela quem precisava pedir, de acordo com os costumes Aiel. Segundo Faile, a mulher até estava disposta a se tornar amante dele, mas não abria mão da lança para se casar. Gaul parecia tão ofendido quanto uma garota de Dois Rios ficaria em seu lugar. E Bain também parecia fazer parte daquilo, mas Perrin não entendia como. Faile afirmou que não sabia, mesmo tendo mudado de assunto depressa demais, e Gaul ficava meio mal-humorado sempre que ele perguntava. Os Aiel eram mesmo um povo estranho.

Os saldaeanos foram abrindo caminho pela multidão, mas Perrin prestou pouca atenção às pessoas ou à cidade. Já vira Caemlyn antes, ao menos em parte, e já não gostava tanto de cidades grandes. Era raro os lobos se aproximarem da área urbana, e já fazia dois dias que ele não sentia nenhum de seus irmãos. Em vez disso, se ocupou de analisar a esposa com olhares discretos, tentando não ser surpreendido. Bem, não teria feito diferença se a tivesse encarado abertamente: Faile sempre cavalgava ereta, mas estava rija sobre a sela, os olhos cravados nas costas de Barada — que, por sua vez, estava curvado como se conseguisse sentir o peso do olhar de Faile. Nem um falcão cravava um olhar tão intenso quanto ela.

Perrin achava que Faile estava preocupada com a mesma coisa que ele, embora talvez não exatamente da mesma forma: a reação do pai dela. Sua esposa talvez tivesse que dar algumas explicações, afinal, fugira para se tornar uma Caçadora da Trombeta, mas Perrin é que teria que encarar Lorde Bashere, Tyr e Sidona para anunciar que um ferreiro se casara com sua filha e herdeira — e não estava muito ansioso para isso. Perrin não se achava lá muito corajoso, nem julgava que fosse bravura simplesmente fazer o que precisava ser feito, mas nunca pensara em si como um covarde. Até aquele momento. Ficava com a boca seca só de pensar no pai de Faile. Talvez fosse melhor acompanhar a montagem do acampamento, poderia enviar uma carta explicando tudo a Lorde Bashere. Deveria levar dois ou três dias para escrever uma boa carta, talvez até mais, já que não era muito bom com as palavras.

Bastou um vislumbre do estandarte carmesim que tremulava preguiçosamente acima do Palácio Real para que se recompusesse. Já ouvira rumores sobre aquele símbolo e sabia que não era o estandarte do Dragão, a despeito do que diziam os boatos — os boatos eram dos mais loucos, havia até quem afirmasse que o símbolo indicava que as Aes Sedai estavam servindo a Rand, enquanto outros alegavam que era o Dragão quem servia às mulheres da Torre. Perrin ficou se perguntando por que

o amigo não estendera o próprio estandarte sobre o Palácio. Pensou em Rand. Ainda conseguia senti-lo puxando, um *ta'veren* maior atraindo um menor — aquilo não servia para indicar a posição exata do amigo, não era aquele tipo de puxão. Perrin deixara Dois Rios pensando em cavalgar até Tear, ou para onde só a Luz sabia, mas acabara chegando ali depois da enxurrada de rumores e histórias que atravessavam Andor. Histórias e rumores perturbadores. Não, o que sentia era mais uma necessidade de estar perto de Rand — ou quem sabe a necessidade que Rand tinha de sua presença —, tudo isso se traduzindo em um comichão entre os ombros, em um ponto onde ele não dava conta de coçar. Agora sentia como se quase estivesse alcançando o ponto exato da coceira, mas chegava a desejar que não estivesse. Tinha um sonho. Faile, que gostava tanto de se meter em aventuras, daria risada se soubesse. Sonhava em morar com ela em uma casinha em algum lugar do interior, longe de cidades e de confusão. Sempre havia confusão perto de Rand. Mas o amigo precisava de Perrin, então ele faria o que precisava ser feito.

Quando chegaram a um belo pátio ladeado por colunas e cercado por varandas de mármore e pináculos pontiagudos, Perrin largou o cinto sobre a sela — era um alívio estar livre do peso daquele machado, ao menos por um tempo. Um homem e uma mulher de robe branco vieram buscar Galope e Andorinha. Depois de trocarem algumas palavras, Barada deixou ele e Faile com alguns Aiel de olhar frio, muitos usando lenços escarlate com aquele disco branco e preto. Os Aiel os levaram para dentro e, com ainda menos palavras do que a troca de antes, deixaram-nos a cargo de Donzelas, todas tão frias quanto qualquer Aiel. Perrin não reconheceu nenhuma delas da Pedra, e seus esforços para iniciar alguma conversa foram recebidos com olhares inexpressivos. Elas gesticulavam na linguagem de sinais das Donzelas, e uma delas, uma mulher magra de cabelo cor de areia que parecia ter mais ou menos a idade de Faile, foi escolhida para conduzir os dois Palácio adentro. A mulher se apresentou como Lerian, e foi só aquilo que falou, além das advertências para que não perambulassem por ali. Perrin queria que Bain ou Chiad estivessem por lá. Seria bom ver um rosto familiar. Faile deslizava pelos corredores como a lady que era, mesmo olhando depressa para os lados a cada cruzamento — ela obviamente não queria ser surpreendida pelo pai.

Enfim chegaram diante de portas duplas, cada qual com um leão entalhado. Duas Donzelas que estavam agachadas ali montando guarda se levantaram e começaram a conversar com Lerian naquela língua de sinais, até que a Donzela de cabelo cor de areia entrou sem bater.

Perrin ficou se perguntando se dali em diante seria sempre daquele jeito quando estivesse perto de Rand: um monte de guardas Aiel, todas caladas. De repente, as portas se escancaram e lá estava Rand, em camisa de manga.

— Perrin! Faile! Que a Luz brilhe sobre seu casamento — cumprimentou ele, risonho, e cumprimentou Faile com um leve beijo na bochecha. — Queria ter estado lá.

Faile parecia tão confusa quanto Perrin se sentia.

— Como você soube? — perguntou ele para o amigo, e Rand riu outra vez, dando-lhe um tapa amigável no ombro.

— Bo está bem aqui, Perrin. Bo, Jancy e todas elas. Quer dizer, estão em Caemlyn, no caso. Verin e Alanna trouxeram todas para cá antes de ficarem sabendo do que aconteceu na Torre. — Ele parecia cansado, os olhos vermelhos, mas sua risada soava animada. — Luz, Perrin, me falaram de tanta coisa que você andou aprontando... Lorde Perrin de Dois Rios, é? O que a Senhora Luhhan acha disso?

— Ela me chama de Lorde Perrin — respondeu, irônico. Quando ainda era criança, levava mais palmadas de Alsbet Luhhan do que da própria mãe. — Ela faz até medidas, Rand! Não estou brincando.

Faile olhou para ele de soslaio. A mulher sempre dizia que Perrin deixava as pessoas constrangidas quando tentava fazê-las parar com todas aquelas medidas e reverências, e explicava que o constrangimento que ele sentia quando os outros agiam assim era apenas parte do preço a se pagar.

A Donzela que entrara antes deles passou por Rand, saindo, e ele levou um susto.

— Luz, deixei vocês na porta! Entrem, entrem. Lorian, avise a Sulin que preciso de mais ponche. De melão, agora. E diga para ela ser rápida. — Inexplicavelmente, as três Donzelas riram como se Rand tivesse feito alguma piada.

Depois de dar um único passo para dentro do aposento, Perrin não precisou nem olhar para o ambiente para saber que havia uma mulher ali dentro — sentiu logo um aroma floral no ar. Quando a viu, ficou encarando.

— Min? — O cabelo estava diferente, arrumado em cachos, e as calças e o casaco azul bordado não eram nada como ele se lembrava, mas o rosto era o mesmo. — Min, é você! — Ele a ergueu num abraço apertado, rindo. — Ah, pelo visto é uma reunião. Faile, esta aqui é Min. Eu já falei dela.

Foi aí que Perrin reparou no cheiro que emanava da esposa, então tratou de pôr Min de volta no chão enquanto a amiga ainda estava sorrindo. De repente, teve total consciência de como aquelas calças justas delineavam o contorno das pernas de Min. Faile era uma mulher de poucos defeitos, mas de fato tinha uma tendência a sofrer de ciúmes. Não era para ele saber que a mulher perseguira Calle Coplin com um pedaço de pau por meia milha — como se ele fosse olhar para qualquer outra mulher, agora que tinha aquela a seu lado.

— Faile — cumprimentou Min, estendendo a mão. — Qualquer mulher capaz de aguentar este cabeludo idiota e se casar com ele tem minha admiração. Talvez ele até possa render um bom marido, depois que você o treinar.

Faile tomou as mãos de Min com um sorriso, mas aquele aroma pungente era arrepiante.

— Ainda não consegui treiná-lo, Min, mas vou insistir até pelo menos ele aprender o mínimo.

— A Senhora Luhhan faz reverências quando vê você? — Rand balançava a

cabeça, incrédulo. — Só acredito vendo ! E Loial? Veio? Vocês não deixaram ele lá fora, não é?

— Mais ou menos — respondeu Perrin, tentando ficar de olho em Faile sem parecer muito óbvio. — Ele ficou pelo caminho, disse que não conseguia vir por enquanto. Ele falou que estava cansado, que precisava encontrar um *pouso* , então mandei ele para um que eu conhecia, um lugar abandonado ao norte da estrada que sai de Ponte Branca. Ele foi logo andando para lá, dizendo que conseguiria sentir o local exato quando estivesse a menos de dez milhas.

— Você deve conhecer Rand e Perrin muito bem — deduziu Faile.

Min deu uma olhadinha para Rand.

— Faz um tempinho. Conheci os dois logo depois que eles saíram de Dois Rios pela primeira vez. Quando ainda achavam que Baerlon era uma cidade enorme.

— A pé? — perguntou Rand.

— Isso — confirmou Perrin, hesitante. O cheiro de Faile estava mudando, o ciúme esmaecendo. Mas por quê? — Ele preferiu ir do jeito dele, entende? E ainda apostou uma coroa de ouro que estaria aqui em Caemlyn menos de dez dias depois da gente. — As duas mulheres se olhavam, Faile sorrindo e Min corando de leve. Pelo cheiro, Min estava um tanto constrangida, e Faile parecia contente. Contente e surpresa, embora sua expressão disfarçasse isso. — Não quis tomar o dinheiro dele, já que ele precisou se afastar cinquenta milhas ou mais do caminho, mas Loial insistiu. Queria apostar cinco dias.

— Loial sempre disse que conseguia correr mais rápido que qualquer cavalo — comentou Rand, com uma risadinha, que morreu logo. — Espero que ele chegue bem — afirmou, mais sério.

Rand *estava mesmo* cansado, e também estava diferente. O Rand que Perrin vira em Tear não parecera fraco, longe disso, mas aquele ali fazia o de Tear parecer um moleque inocente do interior. O amigo mal piscava, como se só de piscar pudesse deixar de ver alguma coisa importante. E Perrin reconhecia alguma coisa naquele olhar, vira o mesmo nos semblantes dos homens de Dois Rios, depois de ataques de Trollocs — depois do quinto, do décimo, quando parecia que não havia mais esperança, mas todos continuavam lutando, porque o preço de desistir era alto demais.

— Milorde Dragão — começou Faile. Perrin levou um susto: ela sempre o chamara de Rand, mas já ouviam o título desde Ponte Branca. —, se você me perdoa, quero dar uma palavrinha com meu marido, mas depois deixo vocês dois conversarem.

Faile mal esperou Rand assentir, surpreso, para se aproximar de Perrin e virá-lo, ficando de costas para Rand.

— Estarei logo ali, meu coração. Min e eu vamos conversar sobre assuntos que provavelmente o deixariam entediado. — Então, ajustando as lapelas do casaco dele, a mulher começou a falar bem rápido e baixinho, em uma voz tão delicada que só

ele conseguia ouvir sem precisar se esforçar muito. Às vezes, Faile se lembrava de sua audição aguçada. — Não esqueça que ele não é mais o seu amigo de infância, Perrin. Ao menos, não é mais só isso. Ele é o Dragão Renascido, o Lorde Dragão. E você é o Lorde de Dois Rios. Sei que vai defender a si mesmo e à sua terra. — Ela abriu um sorriso cheio de amor e confiança, e Perrin quis beijá-la ali mesmo. — Pronto — anunciou, já em um tom normal. — Já arrumei. — Faile já não exalava o menor cheiro de ciúme.

A mulher fez uma mesura graciosa a Rand, murmurando um “Milorde Dragão”, e estendeu a mão para Min, chamando-a.

Min tinha bem menos prática em fazer mesuras, e Rand se sobressaltou ao vê-la se curvar.

Antes que as duas chegassem à saída, uma das portas se abriu com um estrondo, e uma mulher alta e uniformizada entrou com uma bandeja com cálices e um cântaro que exalava aroma de vinho e suco de melão doce. Perrin teve que se conter para não ficar encarando a mulher. Apesar do vestido vermelho e branco, ela poderia ser mãe de Chiad — ou talvez a avó, com aquele cabelo branco curto e cacheado. Franzindo a testa para as mulheres que saíam, ela avançou a passos largos até a mesa mais próxima e deixou a bandeja lá. Seu semblante era uma máscara de docilidade que parecia congelada no rosto.

— Disseram quatro pessoas, milorde Dragão — comentou ela, em um tom esquisito, como se estivesse tentando demonstrar respeito e humildade, mas com algo entalado na garganta —, então trouxe quatro xícaras .

A mesura dela fazia a de Min parecer elegante, e a mulher bateu a porta ao sair.

Perrin olhou para Rand.

— Às vezes você não acha que as mulheres são... estranhas?

— Por que está me perguntando isso? Você é que é casado. — Rand encheu um cálice chanfrado em prata e o entregou a Perrin. — Se *você* não sabe, vai ter que perguntar para o Mat. Entendo menos de mulheres a cada dia que passa.

— Eu também — retrucou Perrin, com um suspiro. O ponche era mesmo refrescante. Rand não parecia nem estar suando. — Aliás, cadê o Mat? Se eu tiver que tentar adivinhar, diria que está na taverna mais próxima, com um copo com dados na mão ou com uma garota no colo.

— Espero que você esteja muito errado — retrucou Rand, sarcástico, pousando o cálice sem nem tocar no ponche. — Ele está incumbido de trazer Elayne para cá, para ser coroada. E espero que traga Egwene e Nynaeve também. Luz, tenho tantas coisas para fazer antes de ela chegar... — Ele olhou de um lado a outro, feito um urso acuado, então fixou o olhar em Perrin. — Você iria a Tear para mim?

— Tear! Rand, faz mais de dois meses que estou na estrada, meu traseiro já ficou com o formato da sela.

— Com minha ajuda, você poderia chegar lá hoje à noite. Hoje mesmo. E aí pode dormir numa tenda de general e ficar bem longe de selas pelo tempo que quiser.

Perrin o encarou. Rand parecia sério. Foi quando se perguntou como andaria a sanidade do amigo. Luz, ele precisava se manter são , pelo menos até Tarmon Gai'don. Tomou um gole demorado de ponche, tirando aquele pensamento amargo da boca. Uma péssima coisa a se pensar a respeito de um amigo.

— Rand, mesmo que você pudesse me fazer chegar na Pedra de Tear neste exato momento, eu ainda diria não. Tenho assuntos a tratar com uma pessoa que está aqui em Caemlyn. E também queria ver Bo e as outras.

Rand não parecia estar ouvindo. Ele se jogou em uma das poltronas com douraduras e fitou Perrin, o olhar vazio.

— Você se lembra de como Thom fazia malabarismos com todas aquelas bolas e ainda fazia parecer fácil? Bem, eu estou fazendo malabarismos , tentando com todas as minhas forças, e não é fácil. Sammael está em Illian, e só a Luz sabe onde estão os outros Abandonados... Às vezes, acho que eles nem são a pior parte. Ainda tem os rebeldes, que acham que eu sou um falso Dragão. E os Devotos do Dragão, que acham que podem incendiar aldeias em meu nome... Já ouviu falar no Profeta, Perrin? Bem, não importa. Ele não é pior que o resto. Tenho aliados que se odeiam, e o melhor general que eu poderia nomear para enfrentar Illian só quer saber de atacar e acabar sendo morto. Com sorte, Elayne chega aqui em um mês e meio, talvez, mas pode ser que uma rebelião acabe caindo no meu colo antes disso. Luz, quero entregar uma Andor unida. Pensei em ir buscá-la eu mesmo, mas é a pior coisa que eu poderia fazer... — Ele esfregou o rosto com as mãos, então enfatizou, por entre os dedos: — A pior.

— E o que Moiraine diz disso tudo?

Rand baixou as mãos apenas o suficiente para encará-lo por cima dos dedos.

— Moiraine morreu, Perrin. Ela matou Lanfear e morreu.

Perrin se sentou. Moiraine? Impossível.

— Se Alanna e Verin estão aqui... — Ele girava o cálice entre as palmas das mãos. Não conseguia se convencer de que podia confiar em nenhuma das duas. — Você pediu o conselho delas?

— Não! — Rand fez um gesto brusco com a mão, como se cortasse alguma coisa. — Elas têm que ficar longe de mim, Perrin. Deixei isso bem claro para as duas.

Perrin decidiu pedir a Faile que falasse com Alanna ou Verin e descobrisse o que tinha acontecido. Aquelas duas sempre o deixavam um tanto desconfortável, mas Faile parecia se dar bem com elas.

— Rand, nós dois sabemos muito bem como é perigoso irritar uma Aes Sedai. Moiraine veio atrás da gente... ou melhor, de você, mas algumas vezes achei que ela fosse matar *nós três* . — Rand não respondeu, mas ao menos parecia ouvir, a cabeça inclinada. — Se um décimo das histórias que venho escutando desde Baerlon forem só meias verdades, esta talvez seja a pior época para ter Aes Sedai irritadas com você. Não vou dizer que sei o que está acontecendo na Torre, mas...

Rand se recompôs e chegou mais perto.

— A Torre está dividida, Perrin. Metade acha que sou um porco que pode ser comprado num mercado, a outra metade... Não sei bem o que elas acham. Passei três dias seguidos me encontrando com a missão diplomática que elas enviaram, e deve ter outra hoje à tarde, mas ainda não sei dizer. Elas perguntam bem mais do que respondem e não parecem muito felizes em não ter mais respostas do que me dão. Pelo menos Elaida, que é a nova Amyrlin, caso você não tenha ouvido falar... pelo menos o pessoal dela fala alguma coisa, mesmo parecendo achar que vou ficar tão impressionado em ver Aes Sedai fazendo medidas para mim que não vou nem querer saber o que elas querem.

— Luz... — Perrin suspirou. — Luz! Está dizendo que tem mesmo uma rebelião entre as Aes Sedai e que você acabou se enfiando exatamente entre a Torre e as rebeldes? São dois ursos prontos para brigar, e você colhendo amoras-silvestres entre os dois! Nunca pensou que as Aes Sedai talvez já lhe trouxessem problemas suficientes sem isso? Olha, Rand, vou ser bem sincero: Siuan Sanche fazia meus dedos se encolherem todos dentro das botas, mas, com ela, pelo menos dava para saber onde se estava pisando. A mulher me fazia sentir como se eu fosse um cavalo e ela estivesse tentando decidir se eu serviria para uma cavalgada longa, mas pelo menos deixava claro que não era ela que iria me encilhar.

Rand riu, uma risada rouca demais para parecer alegre.

— Acha mesmo que as Aes Sedai me deixariam em paz só porque as deixei em paz? Eu, sendo quem sou? Para mim, a Torre se dividir foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Elas estão ocupadas demais umas com as outras para concentrar toda a atenção em mim. Sem isso, haveria vinte Aes Sedai para qualquer lugar que eu me virasse. Cinquenta. Pelo menos tenho Tear e Cairhien comigo, além de ter um ponto de apoio aqui. Sem essa divisão, a cada vez que eu abrisse a boca teria alguém dizendo: “É, mas segundo as Aes Sedai...” Perrin, Moiraine fez o que pôde para amarrar cordas em mim, até eu obrigá-la a parar. E, verdade seja dita, não tenho tanta certeza de que ela tenha mesmo parado. Quando uma Aes Sedai fala que vai aconselhar você e deixá-lo decidir, na verdade está dizendo que sabe muito bem o que você deveria fazer e que, se puder, vai obrigá-lo a fazer o que ela acha melhor. — Ele ergueu o cálice e bebeu com sofreguidão. Quando o baixou, parecia mais calmo. — Se a Torre estivesse unida, eu teria tantas cordas amarradas a mim que já não conseguiria mover um dedo sem pedir permissão para seis Aes Sedai.

Perrin também quase deu risada — e uma tão sem alegria quanto a de Rand.

— Então acha que é melhor fazer o quê, colocar as Aes Sedai rebeldes contra a Torre? “Torça para o touro ou torça para o urso. Torcendo para os dois, vai acabar pisoteado e jantado.”

— Não é tão simples assim, Perrin, mas elas não sabem disso — afirmou Rand muito convencido, balançando a cabeça. — Tem um terceiro lado, um lado pronto para se ajoelhar aos meus pés. Isso se conseguirem fazer contato outra vez. Luz! Não é assim que deveríamos estar passando nossa primeira hora juntos depois de tanto

tempo, falando sobre Aes Sedai. E Campode Emond, Perrin? — Sua expressão se suavizou, quase voltando a ser o Rand de que Perrin se lembrava, então abriu um sorriso ansioso. — Passei pouquíssimo tempo com Bo e as outras, mas elas falaram de todo tipo de mudanças. Me conte o que mudou, Perrin. Me conte o que está igual.

Os dois passaram um bom tempo falando sobre os refugiados e todas as coisas novas que aquelas pessoas tinham trazido, como novos tipos de feijões e abóboras, novas variedades de peras e maçãs, a fiação de belos tecidos e talvez tapetes, a confecção de tijolos e telhas, trabalhos em pedra e madeira mais ornamentados que qualquer coisa que chegava a Dois Rios havia muito tempo, se era que algum dia chegara. Perrin acabara se acostumando com a grande quantidade de pessoas que tinham cruzado as Montanhas da Névoa, mas isso foi uma surpresa para Rand. Falaram bastante sobre as vantagens e desvantagens da muralha que alguns queriam erguer em torno de Campo de Emond e das outras aldeias, assim como da diferença entre muralhas de pedra ou de troncos. Rand às vezes soava como seu velho amigo, rindo de como todas as mulheres começaram criticando os vestidos tarabonianos e domaneses, mas que depois se dividiram entre as que não usariam nada que não fossem os bons e resistentes vestidos de Dois Rios e as que tinham transformado todos os antigos vestidos em retalhos. Ou de como vários homens mais jovens estavam cultivando bigodes como os dos tarabonianos ou domaneses, vez ou outra com direito a um cavanhaque de Planície de Almoth, e os mais desajuizados pareciam ter um bichinho peludo preso bem debaixo dos narizes. Perrin não se deu ao trabalho de acrescentar que barbas como a dele estavam ainda mais populares.

Mas foi um choque quando Rand deixou claro que não tinha intenção de visitar o acampamento, apesar de vários conhecidos seus estarem por lá.

— Não posso proteger você nem Mat — explicou, em voz baixa —, mas posso proteger essas pessoas.

A conversa foi morrendo aos poucos, até Rand enfim reparar que ele é que dera o golpe final. Ele então se levantou, suspirando e esfregando as mãos no cabelo, olhando para os lados com certa insatisfação.

— Você deve querer se lavar e descansar, Perrin. Não vou mais prender você aqui. Vou mandar preparar quartos para você. — Então, levando Perrin até a porta, acrescentou: — Você vai pensar a respeito de Tear? Preciso de você lá. Não tem nenhum perigo. Vou contar o plano todo, caso você decida ir. E você seria apenas o quarto homem a conhecer o verdadeiro plano. — O semblante de Rand se endureceu. — E precisa guardar isso só para você, Perrin. Não conte nem para Faile.

— Eu consigo segurar a língua — retrucou Perrin, rígido. E um pouco triste. O novo Rand estava de volta. — E vou pensar sobre Tear.





ALÉM DO PORTÃO

Perrin mal prestou atenção às instruções que Rand deu a uma Donzela.

— Mande Sulin preparar quartos para Perrin e Faile e diga que é para obedecer aos dois como obedeceria a mim. — Considerando o modo como gargalharam, chegando até a bater nas próprias coxas de tanto rir, as duas Aiel nunca tinham ouvido piada mais engraçada.

Perrin nem deu atenção, estava concentrado em um sujeito esguio um pouco mais à frente no corredor repleto de tapeçarias. Não tinha a menor dúvida de que aquele era Davram Bashere. Não achava isso só porque o sujeito era saldaeano — afinal, ele não era nada parecido com Faile, com aquele bigode espesso cheio de fios grisalhos e curvos que quase escondia a boca. Também não era alto como Faile, talvez fosse até um pouco mais baixo. A questão era o modo como ele se portava, os braços cruzados, o rosto feito o de um falcão com os olhos cravados em um galinheiro. Era aquilo que fizera Perrin ter certeza. E o homem sabia, disso Perrin também tinha certeza.

Perrin terminou de se despedir de Rand, respirou fundo e saiu pelo corredor. Chegou até a desejar que estivesse com o machado, já que o homem portava uma espada.

— Lorde Bashere? — Ele até fez uma reverência, que não foi correspondida. Uma fúria gélida emanava daquele homem. — Eu sou Perrin Aybara.

— Nós vamos conversar — respondeu Bashere, sem rodeios, então deu meia-volta e saiu andando. Perrin não teve opção senão ir atrás. E mesmo tendo as pernas mais longas que as do sogro, precisou apressar o passo.

Depois de virarem em dois corredores, Bashere o conduziu a uma salinha de estar e fechou a porta. Janelas altas deixavam entrar bastante luz e até mais calor do que o pé-direito alto conseguia aliviar. Havia duas cadeiras almofadadas de espaldar alto

com volutas entalhadas, uma de frente para a outra, e um jarro de prata de gargalo comprido com duas taças também de prata repousavam em uma mesa incrustada de lápis-lazúli. Não era ponche — pelo cheiro, devia ser algum vinho encorpado.

Bashere encheu as taças e estendeu uma para Perrin, então gesticulou para uma das cadeiras, como se o mandasse se sentar. Ele parecia sorrir por trás do bigode, mas os olhos e o sorriso podiam muito bem vir de dois rostos distintos. Aquele olhar era tão duro que poderia servir para martelar pregos.

— Eu imagino que Zarine tenha lhe falado sobre minhas propriedades antes de você... se casar com ela. Tenha contado tudo sobre a Coroa Partida. Ela sempre foi bem tagarela.

O homem permaneceu de pé, então Perrin não se sentou. Que coroa partida? Faile nunca tinha mencionado nenhuma coroa, muito menos partida.

— Ela começou dizendo que o senhor era comerciante de peles. Ou talvez primeiro tenha sido comerciante de madeira, só depois de peles. E o senhor também já vendeu pimentas-de-gelo. — Bashere parecia incrédulo, murmurando “Comerciante de peles?” Perrin tratou de continuar: — A história sempre mudava, mas aqui e ali ela comentava alguma coisa que o senhor tinha dito sobre como um general deveria se comportar, e decidi perguntar de uma vez. — Olhou para o vinho, então se forçou a encarar os olhos do homem. — Quase desisti do casamento quando descobri quem o senhor era, mas Faile já tinha decidido. E, quando Faile mete alguma coisa na cabeça, é mais fácil lidar com uma parelha de mulas que decidiram empacar todas de uma vez. E eu a amava. Amo.

— Faile? — indagou Bashere. — Pelo Poço da Perdição, quem é Faile? Estamos falando é da minha filha, Zarine, e do que você fez com ela!

— Faile é o nome que ela adotou quando se tornou Caçadora da Trombeta — explicou Perrin, muito paciente. Precisava causar uma boa impressão. Viver em conflito com o sogro era quase tão ruim quanto viver em conflito com a sogra. — Isso foi antes de ela me conhecer.

— Se tornou Caçadora? — O orgulho era evidente na voz do homem, e o súbito sorriso também se fazia notar. O cheiro de raiva quase sumiu. — Essa danadinha nunca me falou disso. É, tenho que admitir: Faile combina mais com ela do que Zarine. O nome foi ideia da mãe, e eu... — Ele se recompôs, de repente, e encarou Perrin com suspeita. O cheiro de raiva voltou a emanar. — Não tente mudar de assunto, garoto. Estamos tratando é de você, da minha filha e desse suposto casamento.

— Suposto? — Perrin sempre fora muito bom em controlar o temperamento. A Senhora Luhhan até dizia que ele nem parecia se irritar nunca. Quando a pessoa era maior e mais forte que os outros garotos e podia acabar machucando alguém sem querer, logo aprendia a controlar o temperamento. Mas, naquele momento, manter o controle estava sendo um tanto complicado. — Nossa Sabedoria realizou a cerimônia, a mesma com a qual todos se casam em Dois Rios desde sempre.

— Garoto, não faria a menor diferença nem se a cerimônia tivesse sido oficializada por um Ancião Ogier com seis Aes Sedai como testemunhas. Zarine ainda não tem idade para se casar sem a permissão da mãe, coisa que ela não solicitou e muito menos recebeu. Ela está com Deira agora. Se a menina não convencer a mãe de que já tem idade para casar, vai voltar para o acampamento, provavelmente para trabalhar como ajudante da mãe. E você... — Bashere acariciou o punho da espada, parecendo nem reparar que o fazia. Então completou, em um tom quase alegre: — Você eu mesmo mato.

— Faile é minha — grunhiu Perrin. Sentiu vinho escorrer pelo pulso e, surpreso, baixou o olhar para a caneca: estava amassada em seu punho. Com todo o cuidado, depositou o monte de prata retorcida na mesa, ao lado do jarro. Só não conseguiu fazer nada para conter a voz. — Ninguém pode tirar ela de mim. Ninguém! Se você tentar levá-la de volta para o seu acampamento ou qualquer lugar que seja, eu vou atrás dela!

— Tenho nove mil homens sob meu comando — rebateu o general, em um tom surpreendentemente ameno.

— E algum deles é mais difícil de matar que um Trolloc? Nem tente levar Faile para longe de mim! Ou nós vamos descobrir!

Perrin percebeu que tremia, as mãos estavam cerradas em punho com tanta força que até doíam. Ficou chocado. Fazia tanto tempo que não sentia raiva, que não ficava zangado de verdade, que já nem lembrava como era.

Bashere o encarou de alto a baixo e balançou a cabeça.

— Seria uma pena matar você. Precisamos de sangue novo. A Casa está se enfraquecendo. Meu avô sempre dizia que estávamos ficando mais moles, e ele até tinha razão. Sou metade do homem que ele foi, e, mesmo que me envergonhe admitir, Zarine é terrivelmente mole. Não é fraqueza, entenda... — Ele franziu o cenho, mas aquiesceu ao notar que Perrin não interviria alegando que Faile era fraca. — ... mas ela é mole, o que dá no mesmo.

Aquilo deixou Perrin tão chocado que ele teve que se sentar — não tinha nem reparado que andara até a cadeira. Quase se esqueceu da raiva. Aquele homem era louco, mudando de ideia daquela maneira? E Faile era mole? Bem, ela às vezes era macia e suave, verdade, mas qualquer homem que a achasse mole daquele jeito que Bashere sugeria acabaria sofrendo as consequências terríveis da ira de Faile. Inclusive Perrin.

Bashere pegou a caneca amassada e a analisou, então recolocou-a na mesa e se sentou na outra cadeira.

— Zarine me falou muito a seu respeito antes de ir se encontrar com a mãe, contou tudo sobre o Lorde Perrin de Dois Rios, Assassino de Trollocs. Essa parte é boa. Gosto de homens capazes de ficar frente a frente com um Trolloc sem recuar. Mas quero saber que tipo de homem você é. — Dito isso, ele começou a bebericar o vinho e ficou esperando resposta.

Perrin queria ainda ter um pouco daquele ponche de melão que bebera com Rand, ou talvez até a caneca de vinho ainda intacta. Sentiu a garganta secar. Queria causar uma boa impressão, mas teve que começar pela verdade:

— A verdade dos fatos é que eu não sou nenhum lorde. Sou um ferreiro. Veja bem, quando os Trollocs apareceram... — Ele parou de falar porque Bashere gargalhava tanto que teve até que secar as lágrimas.

— Garoto, as Casas não foram feitas pelo Criador. Há quem se esqueça disso, mas, voltando no tempo, toda Casa começou com um plebeu que demonstrou uma coragem incomum ou que manteve a calma e assumiu o comando quando todos corriam de um lado para o outro feito gansos depenados. E repare que muitos também gostam de esquecer que o caminho ladeira abaixo também pode começar assim de repente. Tenho duas criadas em Tyr que seriam ladies se, duzentos anos atrás, seus antepassados não tivessem sido tão tolos que nem mesmo um tolo os seguiria. E conheço um lenhador em Sidona que afirma que seus ancestrais de antes de Artur Asa-de-gavião eram reis e rainhas. Ele pode estar falando a verdade, já que é um bom lenhador. Há tantas subidas quanto descidas, e o caminho ladeira abaixo é tão escorregadio quanto qualquer outro. — Bashere bufou tão forte que o bigode se mexeu. — O tolo fica se lamuriando quando a sorte o coloca para baixo, mas só um verdadeiro tolo lamenta quando a sorte o faz subir. Não quero saber o que você era, nem estou tão interessado no que você é agora, estou querendo que você me conte como é por dentro. Se minha esposa não arrancar o couro de Zarine e se você sair vivo daqui... bem, você sabe como tratar uma esposa?

Ainda tentando causar uma boa impressão, Perrin decidiu não explicar que acharia muito melhor voltar a ser ferreiro.

— Trato Faile tão bem quanto sei tratar alguém — respondeu, hesitante.

Bashere bufou.

— Tão bem quanto sabe tratar alguém. — A voz neutra já virara um rosnado. — Melhor saber bem, ou eu vou... Escute aqui: uma esposa não é nenhum subordinado, para sair correndo depois de uns gritos. Dá para dizer que as mulheres são mais como pombas: é preciso segurar com metade da força que você acha necessária, ou pode acabar machucando a coitada. E você não quer machucar Zarine. Está me entendendo? — Ele de repente abriu um sorriso desconcertante, a voz assumindo um tom quase amigável. — Você pode servir bem como genro, Aybara, mas, se deixar minha menina triste... — Ele bateu o punho na espada outra vez.

— Vou tentar fazer Faile feliz — afirmou Perrin, muito sério. — A última coisa que quero é machucar minha esposa.

— E acho bom, porque seria a última coisa que você faria, garoto. — Aquilo também foi dito com um sorriso, mas não havia dúvidas de que Bashere faria valer cada palavra. — Acho que está na hora de irmos falar com Deira. Se ela e Zarine ainda não tiverem acabado a discussão, é melhor a gente se meter antes que acabem se matando. Elas sempre ficam com os ânimos um pouco exaltados sempre que

discutem, e Zarine já está grande demais para Deira encerrar o assunto com umas bofetadas. — Bashere pousou a taça na mesa e continuou falando enquanto o conduzia até a porta. — Olha, você precisa entender que as mulheres, quando dizem que acreditam em alguma coisa, não estão necessariamente falando a verdade. Podem até acreditar, mas a coisa não vira necessariamente verdade só porque uma mulher acredita que seja. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. — Perrin achou que tinha entendido. Faile e a verdade muitas vezes pareciam apenas meras conhecidas. Nunca quando se tratava de algo importante, ou pelo menos que ela considerasse importante, mas, quando a mulher prometia que faria algo que não queria fazer, sempre dava um jeito de deixar uma frestinha aberta por onde poderia escapar ainda mantendo a promessa, mesmo fazendo exatamente o que queria. Só não conseguia entender o que aquilo poderia ter a ver com o encontro que teria com a sogra.

Foi uma longa caminhada pelo Palácio, passando por corredores com colunatas e subindo vários lances de escada. Não parecia haver muitos saldaeanos por ali, mas havia um bom número de Aiel, incluindo Donzelas e vários serviçais uniformizados que se curvavam ou faziam reverências, além de homens e mulheres usando robes brancos iguais aos das pessoas que tinham pegado os cavalos quando ele chegou. Esses de branco zanzavam apressados, carregando bandejas ou pilhas de toalhas, mantendo os olhos baixos e parecendo não notar a presença de ninguém. Notou, surpreso, que vários usavam o mesmo pano escarlate preso à testa que muitos Aiel — também deviam ser do Deserto. E ainda notou mais um detalhe: tanto mulheres quanto homens de branco usavam o lenço escarlate, assim como muitos homens de calça e casaco pardos, mas nenhuma Donzela, ao menos não que ele tenha visto. Gaul já lhe falara um pouco sobre os Aiel, mas nunca mencionara aqueles lenços.

Quando ele e Bashere entraram em um aposento com mesinhas e poltronas incrustadas de marfim dispostas sobre um tapete com padrões vermelhos, dourados e verdes, seus ouvidos captaram vozes femininas abafadas, cada vez mais elevadas, discutindo em um aposento interno próximo. Não conseguiu compreender as palavras que captava através da porta de madeira grossa, mas conseguia reconhecer a voz de Faile. De repente, ouviu uma bofetada, logo seguida de outra. Perrin se retraiu. Só um perfeito cabeça de lã se metia entre a sogra e a esposa durante uma discussão — nos poucos eventos em que presenciara algo assim, ambas acabaram se voltando contra o pobre infeliz. Além disso, sabia muito bem que, em circunstâncias normais, Faile era mais que capaz de se defender sozinha. Em todo caso, já vira mulheres fortes, muitas mães e até avós, se permitirem ser tratadas como crianças pelas próprias mães.

Perrin estufou o peito e foi até a porta, mas Bashere chegou primeiro, batendo tranquilamente, como se tivessem todo o tempo do mundo. Claro que o homem não escutava o que os ouvidos de Perrin captavam com tanta clareza quanto um sujeito normal ouviria dois gatos se digladiando dentro de uma sacola. E gatos molhados.

As batidas de Bashere interromperam a briga, cortando a discussão como uma faca afiada.

— Pode entrar — autorizou uma voz serena, em alto e bom som.

Perrin teve que fazer o maior esforço do mundo para não empurrar Bashere para o lado. Assim que entrou, seus olhos ansiosos logo buscaram Faile: estava sentada em uma poltrona de braços largos, posicionada no ponto exato em que a luz que vinha das janelas parecia iluminar menos. Ali o tapete era quase todo vermelho-escuro, um tom que lembrava sangue, e uma das tapeçarias estampava uma mulher a cavalo matando um leopardo com uma lança, enquanto outra ilustrava uma batalha furiosa sob um estandarte do Leão Branco. O cheiro que ela emanava era uma mistura de emoções que Perrin não conseguia discernir, e a bochecha esquerda tinha a marca vermelha de uma mão. Mas ela sorriu, ainda que fosse um sorriso tênue.

Perrin ficou surpreso quando finalmente pôs os olhos na mãe de Faile. Estava esperando uma mulher frágil, com toda aquela conversa de Bashere sobre pombas, mas Lady Deira era algumas polegadas mais alta que o marido e tinha um porte... escultural. Não era grande como a Senhora Luhhan, que também era bem roliça, nem como Daise Congar, que parecia forte o bastante para manejar um martelo de ferreiro. Lady Deira tinha seios fartos — coisa que homem nenhum devia reparar a respeito da sogra — e, olhando para ela, ficava bem claro de onde vinha a beleza de Faile. O rosto de sua esposa era igual ao da mãe, mas sem a faixa branca no cabelo, saindo das têmporas. Se era assim que Faile ficaria naquela idade, Perrin era um homem de muita sorte. Por outro lado, quando os olhos enviesados da sogra se cravaram nele, aquele nariz pronunciado a fez parecer uma águia — uma águia de olhar ardente, pronta para enfiar as garras bem fundo naquele coelho particularmente insolente. A mulher cheirava a fúria e desprezo. Ainda assim, a verdadeira surpresa foi a marca vermelha de uma mão em sua bochecha.

— Ah, papai, estávamos falando de você — comentou Faile, com um sorriso amoroso, deslizando até Bashere e tomando suas mãos. Beijou as bochechas do pai, e Perrin sentiu uma súbita estocada de desapontamento. Pai nenhum merecia toda aquela atenção quando o marido estava de pé logo ali, depois de receber apenas um breve sorriso.

— Opa, é melhor eu sair correndo e me esconder, Zarine? — gracejou Bashere, dando uma risadinha. Ah, e que risadinha animada... ele nem pareceu notar que a esposa e a filha tinham se agredido!

— Ela agora prefere Faile, Davram — retrucou Lady Deira, em um tom bem distraído. Cruzando os braços sob aquele busto farto, ela encarou Perrin de cima a baixo, sem fazer o menor esforço para disfarçar.

Perrin ouviu quando Faile sussurrou para o pai, bem baixinho.

— Agora só depende dele.

Bem, e devia depender, mesmo, se ela e a mãe tinham mesmo chegado a se agredir. Estufando o peito, ele se preparou para dizer à sogra que trataria Faile com a

mesma delicadeza que usaria para lidar com uma gatinha e que ele próprio seria dócil como uma ovelha. Essa última parte era mentira, claro, já que Faile faria picadinho de qualquer homem muito dócil, mas a paz precisava ser mantida. Além do quê, para falar a verdade, *tentava* ser gentil com a esposa. Talvez fosse por causa de Lady Deira que Bashere falara tanto em gentileza, já que homem nenhum teria coragem de tratar aquela mulher de outra forma.

Antes que pudesse abrir a boca, a mãe de Faile se adiantou.

— Os olhos amarelos sozinhos não fazem o lobo. Você é forte o bastante para dar conta da minha filha, garoto? Pelo que ela me disse, você é um mariquinhas que cede a todos os caprichos e deixa a menina fazer gato e sapato de você.

Perrin encarou a sogra. Bashere se sentara na poltrona que Faile ocupava quando eles chegaram, concentrado em examinar as botas com complacência, as pernas cruzadas e os pés apoiados um sobre o outro. Faile, sentada no braço largo da poltrona, encarou a mãe de cenho franzido, indignada, então sorriu para Perrin com toda a confiança que demonstrara quando disse que ele deveria enfrentar Rand.

— Eu não acho — retrucou, hesitante. Faile até que tentava, mas Perrin não achava que tivesse deixado isso acontecer. Talvez vez ou outra, só para agradá-la.

Lady Deira fungou de um jeito desdenhoso que já transmitia tudo o que queria dizer.

— Os fracotes nunca acham. As mulheres precisam de homens fortes, pelo menos mais fortes que elas. Uma força que vem daqui. — Dizendo isso, cutucou o peito de Perrin com tanta força que ele chegou a grunhir. — Nunca vou me esquecer da primeira vez que Davram me agarrou pela nuca e me mostrou que era o mais forte de nós dois. Foi magnífico! — Perrin ficou sem reação. Aquela imagem mental não parecia apropriada. — Se a mulher for mais forte que o homem, vai acabar desprezando o marido, pois suas duas opções vão ser tiranizá-lo ou se diminuir para não diminuí-lo. Mas, se o marido for forte... — ela o cutucou outra vez com ainda mais força —, a mulher pode ser tão forte quanto ele, tão forte quanto puder ser. E você vai ter que provar para Faile que é mesmo forte. — Outra cutucada, ainda mais forte. — As mulheres da minha família são leopardos. Se você não puder treiná-la para caçar sob seu comando, Faile vai pintar e bordar com você, e vai ser merecido. Você é forte? — Desta vez, o cutucão o fez recuar um passo.

— Pode parar com isso? — grunhiu Perrin. Conseguiu se conter e não esfregar o peito. Faile não estava ajudando em nada, só ficava com aquele sorriso de encorajamento. Bashere o encarava, erguendo uma das sobrancelhas. — Se eu às vezes faço as vontades dela, é porque quero. Gosto de ver Faile sorrir. Se espera que eu vá atropelá-la, então pode esquecer. — Talvez, com aquilo, tivesse perdido. A sogra o encarou com uma expressão inusitada, e seu cheiro era um emaranhado que ele não conseguia discernir, embora a raiva ainda estivesse presente, junto com um desdém gélido. Bem, passando uma boa impressão ou não, estava farto de tentar dizer o que Bashere e a esposa queriam ouvir. — Eu amo Faile, e ela me ama. Até

onde eu sei, é isso que importa.

— Ele disse — começou Bashere, devagar — que, se você levar nossa filha embora, vai lá buscá-la de volta. E parece achar que nove mil saldaeanos a cavalo não são páreo para algumas centenas de arqueiros de Dois Rios.

Lady Deira encarou Perrin com um olhar pensativo. Então se recompôs, endireitando a postura e erguendo a cabeça.

— E parece tudo ótimo, mas qualquer homem consegue manejar uma espada. O que eu quero saber é se você pode domar uma mulher obstinada, cabeça-dura, desobediente...

— Já chega, Deira — interrompeu Bashere, com toda a delicadeza. — Já que ficou óbvio que você decidiu que Zarine... ou melhor, Faile não é mais criança, acho que o rapaz vai se sair bem.

Para a surpresa de Perrin, a sogra curvou a cabeça, dócil.

— Como quiser, meu coração. — Então encarou Perrin com uma olhada nada dócil, como se dissesse que era assim que um homem devia tratar uma mulher.

Bashere murmurou alguma coisa sobre netos e sobre voltar a fortalecer o sangue. E Faile? Ela abriu um sorriso que Perrin nunca tinha visto em seu rosto, uma expressão que o deixava decididamente desconfortável. Com as mãos entrelaçadas, os tornozelos cruzados e a cabeça enviesada para um dos lados, ela parecia... submissa. Faile, submissa! Talvez tivesse entrado para uma família de malucos.

* * *

Rand fechou a porta quando Perrin saiu, terminou de beber a taça de ponche e foi se esparramar em uma poltrona, pensativo. Torcia para que Perrin se desse bem com Bashere, mas se os dois acabassem trocando farpas, o amigo poderia passar a ver a ida a Tear com bons olhos. Precisava de Perrin ou Mat por lá para convencer Sammael de que aquele era o verdadeiro ataque. O pensamento lhe trouxe uma risada fraca e amarga. Luz, que coisa a se pensar sobre um amigo. Lews Therin dava risadinhas e resmungava coisas indistintas sobre amigos e traição. Ah, Rand queria poder passar um ano dormindo.

Min entrou sem bater ou ser anunciada, claro. As Donzelas às vezes olhavam estranho para ela, mas, depois do que quer que Sulin ou talvez Melaine tivesse dito, Min fora incluída na pequena lista dos que podiam entrar não importava o que ele estivesse fazendo. E a jovem já tirava proveito disso. Em uma das vezes, insistira em se sentar no banquinho ao lado da banheira e ficar conversando enquanto ele tomava banho como se aquilo fosse muito normal. Depois de entrar, a jovem só se deteve para encher um cálice de ponche, então se acomodou no colo dele, se remexendo um pouquinho. Seu rosto estava coberto de uma leve camada reluzente de suor. Min

nem quisera tentar aprender o truque para ignorar o calor, só dava risada e dizia que não era Aes Sedai e nem tinha planos de se tornar uma. Rand agora era seu assento favorito para aqueles encontros, mas tinha certeza de que, se fingisse não notar, Min logo desistiria daquele jogo. Por isso que se escondera o máximo que pôde na água da banheira, em vez de vendar os olhos dela com Ar. Se ela soubesse que o estava afetando, nunca pararia com aquilo. Além disso, ainda que se envergonhasse de admitir, ter uma garota no seu colo o fazia se sentir bem. Ele não era feito de pedra, afinal.

— A conversa com Faile foi boa?

— Não durou muito. O pai dela apareceu e a chamou, e ela estava ocupada demais pendurada no pescoço dele para notar minha presença. Aí fui dar uma voltinha.

— Não gostou dela? — indagou Rand, e Min esbugalhou os olhos, os cílios longos fazendo-os parecer ainda maiores. As mulheres nunca esperavam que um homem percebesse ou compreendesse algo que não queriam que ele notasse.

— Não é que eu desgoste dela, não exatamente... — começou Min, forçando as palavras. — É que... Bem, ela quer o que quer e na hora que quer e não aceita não como resposta. Tenho pena do coitado do Perrin, casado com ela. Sabe o que Faile queria comigo? Se assegurar de que eu não tinha nenhuma intenção de me aproximar demais de seu precioso marido. Você não deve ter notado, os homens nunca notam essas coisas... — Ela parou e ergueu os olhos para Rand, encarando-o cheia de suspeita por trás daqueles cílios compridos. Ele já demonstrara ser capaz de notar certas coisas, afinal. Assim que ficou satisfeita em ver que ele não parecia prestes a rir ou fazer algum gracejo, prosseguiu: — Só com aquele encontro rápido, vi que Perrin está enfeitiçado por ela, coitado. E ela por ele, se é que isso é bom. Acho que ele nem sequer olharia para qualquer outra mulher, mas Faile não acredita. Pelo menos não se essa outra mulher olhar primeiro. Enfim, ele encontrou o falcão, e eu não me surpreenderia se ela o matar quando o gavião aparecer. — Min fez uma pausa para respirar, então ergueu os olhos para Rand outra vez e tratou de beber o ponche.

Min explicaria aquela coisa de falcão e gavião, se ele perguntasse — até onde Rand lembrava, a mulher nunca revelava nada sobre suas visões que não dissesse respeito à pessoa que perguntava, mas algo fizera Min mudar em relação a ele nos últimos tempos. Passara a tentar ter visões de qualquer pessoa que ele pedisse, contando tudo o que visse. Só que fazer aquilo a deixava desconfortável.

Cale-se!, gritou para Lews Therin, em sua cabeça. *Vá embora! Você está morto!* Não adiantou. Já fazia um tempo que parara de funcionar. A voz continuou balbuciando alguma coisa, talvez sobre ser traído por amigos, talvez sobre traí-los.

— Você viu algo que tenha a ver comigo? — perguntou.

Com um sorriso agradecido, Min se aninhou em seu peito com uma intimidade de amigos de longa data — ao menos era o que ela provavelmente pretendia que fosse...

se bem que, pensando melhor, talvez não — e começou a falar entre um gole de ponche e outro.

— Quando vocês dois estavam juntos, vi aqueles vagalumes e a escuridão mais fortes do que nunca. Hum... Eu gosto de ponche de melão. Mas, com os dois no mesmo ambiente, os vagalumes pareciam resistir, em vez de serem engolidos mais rápido do que conseguiam se juntar, que é o que acontece quando você está sozinho. E vi uma outra coisa quando vocês estavam juntos: haverá duas ocasiões em que Perrin deverá estar presente, ou você... — Ela encarou o cálice, sem querer ver o rosto de Rand. — Se ele não estiver, algo ruim vai acontecer com você. — A voz soava diminuta e assustada. — Algo muito ruim.

Mesmo querendo saber mais — como por exemplo o quê, onde e quando —, Rand não fez perguntas. Min teria contado, se soubesse.

— Então só preciso manter Perrin por perto — ponderou, no tom mais animado que conseguiu. Não gostava de ver Min assustada.

— Não sei se isso basta — murmurou ela, para o ponche. — *Vai* acontecer se ele não estiver presente, mas não vi nada que indicasse que não aconteceria se ele estivesse. E vai ser bem ruim, Rand. Só de pensar naquela visão, eu fico...

Rand ergueu o rosto dela e se surpreendeu ao ver lágrimas.

— Eu não sabia que essas visões podiam machucar tanto você, Min — comentou ele, com a voz suave. — Me desculpe.

— Você não sabe de um montão de coisas, pastorzinho — resmungou ela, arrancando um lenço com bordas rendadas da manga e secando os olhos. — Entrou um cisco, só isso. Você devia mandar Sulin limpar este lugar com mais frequência. — O lenço voltou para o lugar com um floreio. — Melhor eu voltar para A Coroa de Rosas. Só precisava contar o que vi a respeito de Perrin.

— Tenha cuidado, Min. Talvez não seja bom você vir tanto aqui. Não acho que Merana a deixaria impune se descobrisse o que você anda fazendo.

Ela abriu um sorriso que lembrava muito o da antiga Min, e seus olhos pareciam alegres, mesmo ainda brilhando com as lágrimas.

— Pode deixar que eu me preocupo com isso, pastorzinho. Elas acham que estou toda abobalhada com o que vejo em Caemlyn, como qualquer outra jeca de interior. Se eu não viesse aqui todo dia, como você ficaria sabendo que elas estão se reunindo com os nobres?

A caminho do Palácio, no dia anterior, Min por acaso vira Merana despontando na janela de uma mansão que ela descobrira pertencer a Lorde Pelivar. As chances de que Pelivar e seus convidados fossem os únicos presentes eram as mesmas de que Merana tivesse ido até lá para limpar os ralos.

— Tenha cuidado — insistiu Rand, com firmeza. — Não quero que você se machuque, Min.

Ela o analisou por um instante, muda, então se ergueu só o suficiente para o beijar bem de leve nos lábios. Ao menos... Bem, foi de leve, mas aquilo acabara se

tornando uma espécie de costume sempre que ela ia embora, e Rand achava que aqueles beijos estavam ficando um pouco menos leves a cada dia.

— Preferia que você não fizesse isso — comentou, apesar de todas as promessas que fizera a si mesmo. Deixar que ela se sentasse em seu colo era uma coisa, mas aqueles beijos já estavam indo longe demais.

— Sem choro, fazendeiro. — Ela sorriu. — E sem gaguejar. — Min afagou seu cabelo como se Rand ainda tivesse dez anos e foi andando até a porta. Só que ela o fez em um balançar gracioso que podia não produzir lágrimas nem deixá-lo gaguejando, mas que com certeza tornavam difícil desviar os olhos, não importava quanto tentasse evitar. Quando Min se virou, Rand tratou de levar os olhos depressa para o rosto dela. — Ora, como você está corado, pastorzinho. Achei que o calor não incomodasse mais você. Bem, não importa. Só queria dizer que vou tomar cuidado. Nos vemos amanhã. Não se esqueça de calçar meias limpas.

Assim que a porta se fechou com firmeza atrás dela, Rand deixou escapar um longo suspiro. Meias limpas? Ora, botava roupas limpas todos os dias! Só lhe restavam duas alternativas: poderia continuar fingindo que Min não estava causando nenhum impacto até que ela desistisse ou poderia se resignar e gaguejar, como ela queria — ou talvez implorar. Se implorasse, ela talvez parasse, mas aí poderia espezinhá-lo com isso para o resto da vida, e como ela gostava de provocar... A única outra opção, que era manter seus encontros sempre curtos e agir com muita frieza, também estava fora de questão. Min era sua amiga. Seria como tentar ser frio com... só conseguia pensar em Aviendha e Elayne, mas elas não se encaixavam na situação. Seria como ser frio com Mat e Perrin. Só não entendia por que ainda se sentia tão confortável perto de Min. Não deveria, com ela provocando-o daquele jeito, mas era assim que se sentia.

Os murmúrios de Lews Therin tinham começado a se intensificar no instante em que Min mencionou as Aes Sedai, e ele já falava com toda a clareza. *Se elas estão tramando algo com os nobres, tenho que tomar uma providência.*

Vá embora, ordenou Rand.

Em nove, elas são perigosas, mesmo destreinadas. Muito perigosas. Não posso permitir. Não. Ah, não...

Vá embora, Lews Therin!

Eu não estou morto!, ganiu a voz. *Eu mereço morrer, mas estou vivo! Vivo! Vivo!*

Você está morto!, rebateu Rand gritando dentro da própria mente. *Você está morto, Lews Therin!*

A voz foi definhando, ainda uivando “*Vivo!*” até desaparecer.

Trêmulo, Rand se levantou e encheu o cálice outra vez, bebendo tudo de um gole só. Seu rosto pingava de suor, a camisa estava colada ao corpo. Retomar a concentração demandava esforço. Lews Therin estava cada vez mais persistente. Uma coisa era certa: se Merana estivesse tramando algo com os nobres, sobretudo com os nobres que estavam a ponto de declarar rebelião caso ele não apresentasse

Elayne rápido o bastante, então precisava mesmo tomar uma providência. Infelizmente, não tinha ideia de qual.

Mate as mulheres, sussurrou Lews Therin. Em nove, elas são perigosas demais. Mas se eu matar algumas, se expulsar as outras daqui... é só matar... deixá-las com medo de mim... Aí não vou morrer de novo...

Eu mereço morrer, mas quero viver... Ele começou a chorar, mas continuou sussurrando.

Rand encheu o cálice outra vez e tentou não ouvir.

* * *

Quando viu o Portão Origan, a entrada para a Cidade Interna, Demira Eriff diminuiu o passo. Vários homens na multidão a olhavam com admiração conforme se espremiavam para passar, e, no que talvez fosse a milésima vez, ela considerou que talvez devesse parar de usar os vestidos de sua terra natal, Arad Doman — e, também pelo que devia ser a milésima vez, desconsiderou imediatamente. Vestidos não faziam tanta diferença, já fazia anos que apenas mandava fazer cópias dos mesmos seis modelos, e se algum homem não notasse que ela era Aes Sedai e ficasse um pouco mais atrevido, não era difícil fazê-lo entender com quem estava se metendo. Aquilo sempre os fazia largar de seu pé bem depressa, quase sempre tão rápido quanto conseguiam correr.

Naquele instante, só tinha olhos para o Portão Origan, um grande arco de mármore branco cravado na muralha branca e cintilante, e para o fluxo de gente, carroças e carroções que o cruzavam sob os olhares dos dez Aiel — suspeitava de que eles não estivessem tão desatentos e relaxados quanto pareciam, e talvez pudessem reconhecer uma Aes Sedai só de olhar. Era surpreendente, mas algumas pessoas tinham essa capacidade. Além disso, fora seguida desde A Coroa de Rosas — aqueles casacos e calças feitos para se camuflar na paisagem de rochas e arvoredos chamavam muita atenção nas ruas da cidade. Então, mesmo que ela quisesse entrar na Cidade Nova, mesmo que estivesse disposta a correr o risco de irritar Merana, entrando sem a permissão de al'Thor, não conseguiria. Ah, como aquilo a irritava! Aes Sedai precisando da *permissão* de um homem. Só queria ver Milam Harnder, o Segundo Bibliotecário do Palácio Real, seu agente havia quase trinta anos.

A biblioteca do Palácio não se comparava à da Torre Branca, ou mesmo à Biblioteca Real de Cairhien, ou à Biblioteca Terhana, em Bandar Eban, mas conseguir acesso a qualquer uma dessas seria tão fácil quanto criar asas e voar. Bem, se Milam tivesse recebido sua mensagem, já teria começado a procurar os livros de que ela precisava. A biblioteca do Palácio poderia muito bem ter informações sobre

os selos da prisão do Tenebroso, quem sabe até algumas fontes catalogadas — mas talvez isso já fosse esperar demais. A maioria das bibliotecas possuía alguns volumes largados, livros que já deveriam ter sido registrados havia muito, mas que permaneceram esquecidos por cem ou quinhentos anos, às vezes até mais. Quase todas as bibliotecas guardavam segredos de que nem os bibliotecários suspeitavam.

Ficou esperando, com toda a paciência, deixando a multidão fluir ao redor, atenta apenas às pessoas que saíam pelo portão, mas não avistou a cabeça calva e o rosto redondo de Milam. Por fim, suspirou. Ele não recebera a mensagem, ou teria inventado alguma desculpa para estar ali na hora marcada. Teria que esperar pela sua vez de acompanhar Merana até o Palácio e torcer para que o jovem al'Thor lhe desse permissão — *permissão!* — para procurar na biblioteca.

Desviou os olhos da multidão, sem querer cruzando olhar com o de um sujeito alto de rosto magro com colete de carroceiro que a fitava com admiração excessiva. Quando seus olhos se encontraram, ele deu uma piscadela!

Ah, não aguentaria aquilo durante todo o caminho de volta até a estalagem. *Eu não posso me esquecer de mandar fazer uns vestidos mais comuns*, pensou, perguntando-se por que ainda não tomara essa providência. Por sorte, já visitara Caemlyn antes, alguns anos atrás. Stevan estaria esperando na estalagem A Coroa de Rosas — o homem poderia ser um bom sinalizador para acrescentar àquelas caminhadas, se houvesse necessidade. Deslizou para a penumbra de uma abertura estreita entre a oficina de um couteleiro e uma taverna.

Da última vez que visitara a cidade, as vielas estreitas de Caemlyn estavam enlameadas. Agora, mesmo secas, quanto mais ela avançava, pior era o cheiro. As paredes eram lisas, sem janelas, e era raro ver uma porta estreita ou um portão apertado, e os que ela via pareciam não ser abertos havia muito tempo. Gatos raquíticos espiavam em silêncio do alto de barris e de paredes, e cães de rua com costelas pronunciadas voltavam as orelhas para trás, por vezes rosnando antes de escaparem, sorrateiros, por alguma passagem transversal, que era como chamavam essas vielas naquela região. Não tinha nenhum medo de ser arranhada ou mordida. Os gatos sempre pareciam sentir algo nas Aes Sedai, e nunca ouvira falar de uma que tivesse sido arranhada nem mesmo pelo gato mais feroz. Verdade que os cães sempre se mostravam hostis, praticamente como se pensassem que as Aes Sedai *fossem* gatos, mas quase sempre saíam de fininho depois de rosnar um pouco.

Havia bem mais cães e gatos nas passagens do que ela se lembrava, todos magrelos, mas tinha bem menos gente. Não vira uma alma sequer até dobrar uma última esquina e dar de cara com cinco ou seis Aiel que vinham em sua direção, todos rindo e conversando. Pareceram assustados em vê-la.

— Perdão, Aes Sedai — murmurou um deles, e todos se apertaram contra uma das laterais da passagem, mesmo já havendo espaço o bastante para passar.

Demira se perguntou se seriam os mesmos que a haviam seguido mais cedo, já que um daqueles rostos parecia um tanto familiar — era um sujeitinho atarracado

com olhos vilanescos. Ainda assim, assentiu e agradeceu baixinho enquanto passava.

O choque foi tão grande ao sentir a lança penetrando a lateral do corpo que Demira nem gritou. Buscou *saidar*, desesperada, mas sentiu outra pontada trespassando pelo lado do corpo, então caiu na poeira. Aquele rosto familiar estava colado ao seu, os olhos negros com um brilho zombeteiro, rosnando palavras que ela não ouvia enquanto tentava abraçar *saidar*, tentava... Então veio a escuridão.

* * *

Quando Perrin e Faile finalmente se viram livres daquela entrevista interminável com os pais dela, Sulin, aquela serviçal esquisita, já estava esperando no corredor. Perrin estava ensopado de suor, que deixara manchas escuras em seu casaco, e sentia como se tivesse corrido dez milhas sendo açoitado a cada passada. Faile tinha um sorriso estampado no rosto e andava quase saltitando. Estava radiante, bonita, e parecia tão orgulhosa de si mesma quanto na ocasião em que chegara com os homens de Colina da Vigília no exato instante em que os Trollocs estavam prestes a quebrar o cerco de Emond. Sulin fazia uma mesura toda vez que um dos dois olhava para ela, sempre tão desajeitada que ficava a ponto de cair. Seu rosto coriáceo com a cicatriz descendo pela bochecha estava congelado em um sorriso prestativo, mas que parecia pronto para se espatifar com uma única respiração. Donzelas transitavam pelos corredores, gesticulando umas para as outras com as mãos, e Sulin também fazia reverências para elas, ainda que rangesse os dentes alto o bastante para Perrin ouvir com clareza. Até Faile começou a olhar para ela com cautela.

Depois que a mulher os conduziu a seus aposentos — uma sala de estar e um quarto com uma cama de dossel grande o bastante para dez pessoas, além de uma varanda de mármore comprida que dava para um pátio com uma fonte —, ela insistiu em explicar e mostrar tudo, até o que já conseguiam ver. Os cavalos haviam sido esfregados e levados para a estrebaria. Os alforjes tinham sido retirados da bagagem e pendurados no guarda-roupa, junto com a cinta do machado de Perrin, e quase todos os seus escassos pertences estavam guardados em perfeita ordem em um gaveteiro. O machado de Perrin estava escorado ao lado da lareira de mármore cinza, como se tivesse sido feito para cortar gravetos. Dois jarros de prata reluzentes por conta da condensação continham chá gelado de menta e ponche de ameixa. Sulin fez questão de apontar os dois espelhos de moldura dourada, mesmo que fossem tão evidentes que nem um cego teria deixado de ver; um estava apoiado sobre uma mesa de cabeceira, sobre a qual também estavam a escova e o pente de marfim de Faile; o outro era um espelho grande de pé com suportes entalhados.

Enquanto Sulin explicava que estavam trazendo a água para o banho e mostrava as banheiras de cobre, Perrin enfiou uma coroa de ouro em sua palma calejada.

— Obrigado — agradeceu —, mas se você não se incomodar, pode ir... — Por um momento, achou que a mulher fosse atirar a moeda em cima dele, mas ela simplesmente fez outra reverência trêmula e bateu a porta ao sair.

— Ora, acho que quem treina as criadas não entende muito do assunto — opinou Faile. — Uma solução ótima, aliás. Você foi educado, mas firme. Se ao menos fosse assim com os *nossos* serviçais. — Quando ela virou as costas magras, baixou a voz a um murmúrio: — Desabotoa o vestido para mim?

Perrin sempre sentia que tinha dedos muito grossos e desajeitados quando precisava lidar com os botõezinhos minúsculos das roupas de Faile, e sempre ficava com receio de arrancá-los ou de rasgar o vestido. Por outro lado, gostava de despir a esposa. Ela em geral pedia ajuda a uma criada, e Perrin tinha certeza de que era por causa dos muitos botões que já perdera.

— Aquelas bobagens para a sua mãe... alguma coisa daquilo era a sério?

— Ora, meu marido, você não me domou? — retrucou Faile, sem nem se virar para olhá-lo. — Não me ensinou que devo me empoleirar em seu pulso ao menor chamado? Eu não corro para fazer suas vontades? Não obedeco até seus menores caprichos?

Faile estava com um cheiro quase debochado, e sua voz com certeza soava divertida. O problema era que também parecia estar falando sério, com o mesmo tom e ênfase que falara aquelas mesmas palavras para a mãe, mantendo a cabeça erguida e imbuindo a voz com o máximo de orgulho que podia sentir. As mulheres eram mesmo estranhas, não havia o que fazer. E a mãe dela...! Aliás, até o pai...!

Talvez fosse melhor mudar de assunto. O que era mesmo aquele negócio que Bashere mencionara?

— Faile, o que é uma coroa partida? — Tinha certeza de que era aquele o nome.

Ela soltou um muxoxo irritado e começou a cheirar meio incomodada.

— Rand está fora do Palácio, Perrin.

— E qual é o problema? — Ele se curvou para encarar um botãozinho de madrepérola minúsculo de perto e franziu o cenho às costas dela. — Como é que você sabe?

— As Donzelas. Bain e Chiad me ensinaram um pouco daquela linguagem de sinais. Não conte para ninguém, Perrin. Pela cara que fizeram quando ficaram sabendo que tinha Aiel aqui na cidade, acho que não deviam ter me ensinado. Bem, talvez seja bom entender as conversas sem que elas saibam. Ficam tantas perto de Rand... — Ela se virou, encarando-o com um olhar malicioso e passando a mão em sua barba. — Aquelas primeiras Donzelas que encontramos acharam que você tem ombros bonitos, mas não acharam isso aqui muito charmoso. As Aiel não sabem apreciar uma bela barba.

Balançando a cabeça, Perrin esperou Faile dar as costas de novo para guardar no bolso, sorrateiro, o botão que caíra quando ela virou de repente. Talvez ela não notasse. Ele mesmo passara uma semana sem um dos botões do casaco, só reparou

quando Faile comentou. Quanto à questão da barba, a julgar pelo que Gaul lhe contara, os Aiel sempre se mantinham de rosto liso. Bain e Chiad tinham feito brincadeirinhas estranhas sobre a barba espessa de Perrin — naquele calor, ele mais de uma vez chegara a considerar raspá-la, mas Faile gostava mesmo da barba.

— E Rand? Por que está me contando que ele saiu do Palácio?

— Só porque você deveria saber o que seu amigo anda fazendo pelas suas costas. Óbvio que você não sabia que ele ia sair. Não se esqueça de que ele é o Dragão Renascido. É quase como um rei, um rei dos reis, e os reis às vezes usam até os próprios amigos, tanto por acaso quanto de propósito.

— Rand não faria uma coisa dessas. O que você está sugerindo, afinal? Que eu fique espionando meu amigo?

Tinha sugerido aquilo de brincadeira, mas Faile respondeu:

— Você não, meu amor. Essa é uma missão para uma esposa.

— Faile! — Perrin se endireitou tão depressa que quase arrancou outro botão, então segurou-a pelos ombros e virou-a de frente para ele. — Você não vai espionar Rand, está me ouvindo? — Ela o encarou com um olhar obstinado, abrindo a boca para retrucar e estreitando os olhos. A mulher estava praticamente fedendo a teimosia, mas Perrin também sabia ser teimoso. — Faile, quero ver um pouco daquela obediência de que você estava se gabando mais cedo. — Faile sempre só fazia o que ele pedia quando queria. Do contrário, ela simplesmente não obedecia e nem levava em conta se ele estava ou não certo em pedir o que fosse. — Estou falando sério, Faile. Quero que me prometa que não vai fazer isso. Eu não vou participar de...

— Eu prometo, meu coração — interrompeu ela, tocando de leve a boca de Perrin com os dedos. — Prometo que não vou espionar Rand. Viu? Eu obedeco ao meu marido. Você ainda se lembra de quantos netos minha mãe falou que quer?

Perrin piscou, pego de surpresa pela súbita mudança de assunto. Bem, ao menos ela prometera, e isso é que importava.

— Seis, eu acho. Perdi a conta quando ela começou a falar de quantos meninos e meninas.

Lady Deira os fizera ouvir alguns conselhos assustadoramente francos a respeito de como poderiam atingir logo a quantidade ideal de netos de cada sexo, e Perrin por sorte não prestara atenção — estava mais ocupado se perguntando se era mesmo para ficar ali na sala até ela terminar. Faile apenas assentira, como se fosse a coisa mais natural do mundo falar daquilo com o marido e o pai presentes.

— Pelo menos seis — corrigiu ela, com um sorriso realmente perverso. — Perrin, minha mãe só vai nos deixar em paz quando eu puder dizer que o primeiro já vem logo, então pensei que se algum dia você conseguisse abrir o resto dos meus botões... — Ela ainda ruborizava, mesmo depois de meses de casamento, mas aquele sorriso malicioso permaneceu. — Ver uma cama de verdade depois de tantas semanas me deixa atrevida feito uma fazendeira na época da colheita.

Perrin às vezes ficava pensando nessas garotas de fazenda saldaeanas de que Faile sempre falava. Enrubescendo ou não, se fossem tão atrevidas quanto a esposa era quando ficavam a sós, aquele país nunca devia ver uma safra colhida. Arrebentou outros dois botões enquanto tirava o vestido de Faile, que não se importou nem um pouco e até deu um jeito de rasgar sua camisa.

* * *

Demira ficou surpresa ao abrir os olhos, chocada por se ver deitada na cama do próprio quarto na estalagem A Coroa de Rosas. Deveria estar morta, não nua e metida entre lençóis de linho. Stevan estava sentado em um banco ao pé da cama. Conseguia parecer aliviado, preocupado e irritado ao mesmo tempo. O esbelto Guardiã cairhieno era uma cabeça mais baixo que ela e quase vinte anos mais jovem, mesmo com todos os fios grisalhos nas têmporas, mas, às vezes, tentava se comportar como um pai e praticamente afirmava que ela não conseguiria dar conta de si mesma sem ele para conduzi-la pela mão. Demira só temia que esse episódio fosse lhe dar crédito nas disputas intermináveis que os dois teriam, durante os meses por vir. Merana estava ao lado da cama, solene, e Berenicia estava do outro lado. A irmã Amarela e rechonchuda sempre tinha um ar um tanto solene, mas dessa vez estava ainda pior.

— Como? — perguntou com dificuldade.

Luz, estava fraca. Era efeito da Cura. Precisou de um esforço enorme para tirar os braços de sob o lençol. Devia ter chegado muito perto da morte. A Cura não deixava cicatrizes, mas a memória da dor e a fraqueza já eram mais que suficientes.

— Um homem veio beber no salão da estalagem — explicou Stevan. — Pediu um pouco de cerveja. E disse que tinha visto alguns Aiel seguindo uma Aes Sedai. Ele descreveu você toda, dos pés à cabeça, e falou que os Aiel tinham a intenção de matar a mulher. Assim que ele falou, eu senti...

O rosto do guardião ficou sombrio.

— Stevan me pediu para ir junto — contou Berenicia. — Só faltou me arrastar, e não paramos de correr nem um segundo. Para ser sincera, eu não sabia se tínhamos chegado a tempo até ver você abrir os olhos, agora.

— Claro que foi tudo parte da mesma armadilha, do mesmo aviso — ponderou Merana, a voz neutra. — Os Aiel e aquele homem. Uma pena termos deixado ele escapar, mas estávamos tão preocupadas com você que ele conseguiu escapulir antes que alguém sequer pensasse em detê-lo.

Demira estava pensando em Milam e em como aquilo afetaria a busca na biblioteca, em quanto tempo precisaria para Stevan se acalmar. Só as últimas palavras de Merana lhe chamaram a atenção.

— Detê-lo? Aviso? Do que você está falando?

Berenicia resmungou sobre Demira só entender se a explicação estivesse escrita em um livro. A Amarela às vezes tinha uma língua bem ácida.

— Viu alguém entrar no salão da estalagem e pedir uma bebida desde que chegamos aqui, Demira? — perguntou Merana, muito paciente.

Verdade, ninguém ia lá. Uma ou duas Aes Sedai não afetavam muito a clientela de uma estalagem em Caemlyn, mas, quando eram nove, a conversa mudava. Nos últimos dias, a Senhora Cinchonine parecia fazer questão de ressaltar isso.

— Então o objetivo era que vocês soubessem que aqueles Aiel tinham me matado. Ou talvez era para eu ser encontrada antes de morrer... — Então se lembrou dos grunhidos daquele sujeito de rosto vilanesco. — Me mandaram avisar a vocês que é para ficar longe de al'Thor. As palavras foram: “Avisar às outras bruxas para ficarem longe do Dragão Renascido.” Bem, eu não tinha como dar o recado morta, não é mesmo? As feridas foram onde?

Stevan se remexeu no banco, encarando-a com olhar sofrido.

— Foram dois cortes, nenhum atingiu qualquer órgão que pudesse tê-la matado na hora, mas a quantidade de sangue que você perdeu...

— E o que vamos fazer? — perguntou Demira para Merana. Não queria dar chance para Stevan apontar como fora tola por se deixar apanhar daquele jeito.

— Acho que deveríamos encontrar os Aiel responsáveis e usá-los para dar o exemplo — respondeu Berenicia, com firmeza. Ela era da área onde havia disputas territoriais, as Marcas de Shienar, e ataques Aiel tinham sido uma constante em sua juventude. — Seonid concorda comigo.

— Ah, não! — protestou Demira. — Não vou deixar arruinarem minha primeira chance de estudar os Aiel. Eles mal nos dirigem duas palavras do jeito que está agora. E foi o meu sangue, afinal. Além do quê, a menos que o homem que tenha dado o aviso também fosse Aiel, acho bem óbvio que eles agiram sob ordens de alguém. E só há um homem em Caemlyn que pode dar ordens para os Aiel.

— Eu e as outras concordamos com você, Demira — interveio Merana, encarando Berenicia com firmeza. — Não quero mais ouvir falar em perder tempo e energia para encontrar uma matilha de cães em meio a centenas quando o homem que os manda sair para caçar anda por aí com um sorriso no rosto.

Berenicia pareceu um pouco irritada antes de baixar a cabeça e assentir, mas isso já era comum.

— Temos que pelo menos mostrar a al'Thor que ele não pode tratar nenhuma Aes Sedai desse jeito — concluiu Berenicia, contundente. Uma olhadela de Merana a fez moderar o tom, mas ela ainda não soava muito satisfeita ao continuar: — Mas não com tanta firmeza a ponto de arruinar os nossos planos, claro.

Demira tocou os lábios com as pontas dos dedos e suspirou. Estava mesmo fraca.

— Bem, mas ainda temos uma questão: se o acusarmos abertamente, claro que ele vai negar, e não temos provas para jogar na cara dele. E não só isso: pode ser mais

inteligente deixar todos saberem que ele se sente livre para caçar Aes Sedai como coelhos. — Merana e Berenicia se entreolharam e aquiesceram, ainda com firmeza. O pobre Stevan franziu o cenho, irritadíssimo. Nunca deixara ninguém que a machucara sair impune. — Será que não é melhor simplesmente não dizer nada? Isso com certeza vai fazê-lo queimar um pouco os miolos. Vai ficar se perguntando por que não dissemos nada, querendo saber o que vamos fazer... Não sei medir quanto somos capazes de abalar a confiança dele, mas podemos pelo menos deixá-lo um tanto inquieto.

— Um argumento válido — comentou Verin, junto à porta. — Al'Thor precisa respeitar as Aes Sedai, ou não teremos como trabalhar com ele. — Ela gesticulou para que Stevan saísse. O Guardião esperou o meneio de Demira, claro, mas saiu. A Marrom se sentou no banco que ele ocupara. — Pensei que, como você é que foi o alvo... — Então parou e fez cara feia para Merana e Berenicia. — Vocês não vão se sentar? Não quero ficar com torcicolo de ter que olhar para cima. — Verin prosseguiu enquanto as duas ainda traziam a única cadeira do quarto e um segundo banquinho ao lado da cama. — Como você foi o alvo, Demira, seria bom nos ajudar a decidir como Mestre al'Thor deve aprender essa lição. E parece que você já começou a pensar nisso.

— O que eu acho... — começou Merana, mas Verin a cortou.

— Só um momento, Merana. Demira tem direito de fazer a primeira sugestão.

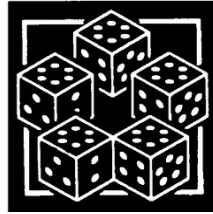
Demira prendeu a respiração, esperando pelo rompante de Merana. Ela sempre parecia querer que suas decisões fossem aprovadas por Verin — o que era até natural, dadas as circunstâncias, embora um tanto constrangedor —, mas era a primeira vez que Verin simplesmente assumia o controle. Ao menos na frente de outras. Ainda assim, Merana apenas encarou a Marrom rechonchuda por um momento, comprimindo os lábios, então baixou a cabeça. Demira ficou se perguntando se aquilo significava que Merana estava abrindo mão da missão diplomática em favor de Verin, já que não parecia haver outra coisa que pudesse fazer. Todas se voltaram para Demira, esperando. O olhar de Verin era particularmente penetrante.

— Se quisermos deixar o rapaz preocupado com o que vamos fazer, sugiro que ninguém vá ao Palácio hoje. Talvez sem nenhuma explicação, ou, caso achem isso um pouco extremo demais, ao menos com uma explicação que o deixe apreensivo. — Merana assentiu. Então, o que parecia mais importante, a julgar por como a situação estava se desenrolando, Verin também assentiu. Demira decidiu se aventurar um pouco mais. — Talvez seja bom passar vários dias sem mandar ninguém, deixá-lo pensando no que pode ter acontecido. Com certeza o comportamento de Min vai nos indicar o momento em que ele estiver mais agitado e...

Não importava o que elas decidissem fazer, queria estar envolvida. O sangue derramado fora *dela*, afinal, e só a Luz sabia por quanto tempo teria que postergar

suas pesquisas na biblioteca — isso por si só já era quase uma razão tão boa para ensinar uma bela lição a al’Thor quanto ele ter se esquecido de como se comportar diante das Aes Sedai.





A MULHER ERRANTE

Mat desejara uma cavalgada tranquila até Ebou Dar, e, de certa forma, seu desejo foi atendido. Mas, por viajar com seis mulheres, quatro delas Aes Sedai, aborrecimentos não lhe faltaram.

Eles chegaram à floresta distante no primeiro dia, com o sol ainda relativamente alto no céu, e cavalgaram por várias horas debaixo de copas de árvores com ramos praticamente desfolhados. Os cascos dos cavalos faziam estalar os galhos secos e as folhas mortas no chão durante a passagem do grupo, até pararem pouco antes do pôr do sol para montar acampamento próximo de um tímido córrego. Harnan, com sua mandíbula fina e um falcão tatuado na bochecha, encabeçava a fileira e logo tratou de cuidar para que os homens do Bando se instalassem, os cavalos fossem esfregados e coxeados, as sentinelas se posicionassem e as fogueiras fossem acesas. Nerim e Lopin andavam de um lado para o outro se lamuriando por não terem levado tendas. Como um homem poderia adivinhar que passaria várias noites dormindo no chão sem que seu mestre lhe dissesse nada?, choramingavam. Aliás, se esse mestre acabasse morto, a culpa não seria deles. Um era magricelo e o outro, robusto, mas os dois conseguiam soar como ecos. Vanin cuidou de si mesmo, claro, apesar de ter ficado de olho em Olver e até esfregado as partes de Vento que o garoto não conseguia alcançar nem se usasse sua sela como banco. Todos sempre cuidavam de Olver.

Tecnicamente, as mulheres ficaram no mesmo acampamento, mas, de certa forma, o seu lado ficava tão à parte que era como se estivesse a cinquenta passadas de distância. Uma linha invisível parecia dividir o acampamento ao meio, com algum aviso implícito advertindo os homens do Bando para que não atravessassem. Nynaeve, Elayne e as duas mulheres de cabelo branco se reuniram em torno da própria fogueira junto com Aviendha e a Caçadora de cabelo dourado, e era raro que

até mesmo olhassem na direção em que Mat e seus homens estendiam seus cobertores. Conversavam em murmúrios que Mat mal conseguia escutar, e o pouco que foi capaz de identificar tinha a ver com a preocupação de Vandene e Adeleas de que Aviendha pretendesse arrastar seu cavalo até Ebou Dar, em vez de montá-lo. Thom tentou trocar umas palavras com Elayne e acabou recebendo um tapinha amigável na bochecha antes de ela mandá-lo voltar a se sentar com Juilin e Jaem, o Guardião idoso e magro — embora musculoso — que pertencia a Vandene e que parecia passar todo o seu tempo afiando a espada.

Mat não se opunha às mulheres ficarem separadas. Pairava sobre elas uma tensão que ele não conseguia compreender. Pelo menos era assim com Nynaeve e Elayne, e a Caçadora também parecia contaminada. Às vezes, ficavam olhando para as Aes Sedai — as *outras* Aes Sedai, e ele não tinha certeza se algum dia conseguiria se acostumar a pensar em Nynaeve e Elayne como tal — com certo excesso de concentração, apesar de Vandene e Adeleas parecerem tão distraídas quanto Aviendha. Fosse qual fosse o motivo, Mat não queria parte naquilo. Uma discussão parecia estar se armando e, independentemente do desfecho, um homem sábio passaria longe de discussões entre mulheres. Com ou sem medalhão de raposa, um homem sábio passaria ainda mais longe se essas mulheres fossem Aes Sedai.

Tratava-se apenas de um pequeno aborrecimento, assim como o seguinte, que no caso era culpa dele mesmo: a comida. Não demorou muito para sentirem cheiro de carneiro e de algum tipo de sopa, vindo da fogueira das Aes Sedai. Esperando uma viagem curta e rápida até Ebou Dar, ele não mencionara nada sobre comida para Vanin e os demais, o que significava que os homens traziam nos alforjes um pouco de carne-seca e pedaços duros de pão ázimo. Mat mal vira um pássaro ou um esquilo, muito menos qualquer sinal de um veado, de forma que caçar estava fora de questão. Quando Nerim montou uma mesinha dobrável e um banquinho para Mat — Lopin estava montando outro para Nalesean —, Mat mandou que ele dividisse entre o grupo o que ele havia enfiado nos cestos dos burros de carga. O resultado não foi tão bom quanto ele esperava.

Nerim ficou por perto da mesa de Mat, servindo água com um jarro de prata como se fosse o vinho mais fino e observando com ar pesaroso as iguarias desaparecerem nas goelas dos homens do Bando.

— Ovos de codorna na salmoura, milorde — anunciava ele em tom fúnebre. — Teriam caído muito bem no café de manhã de milorde em Ebou Dar. E a melhor língua defumada, milorde. Se milorde fizesse ideia do que eu precisei passar para encontrar língua defumada com mel naquela aldeia horrorosa, correndo contra o tempo, pois tudo o que havia de melhor já tinha sido tomado pelas Aes Sedai. — Na realidade, a maior queixa do homem parecia ser o fato de Lopin ter encontrado cotovias em conserva para Nalesean. Toda vez que este dava uma mordida em seu jantar, o sorriso convencido de Lopin aumentava, assim como a careta infeliz de Nerim. Mas ficava claro, pelo modo como alguns homens farejavam o ar, que eles

prefeririam ter comido um pedaço de carneiro ou uma tigela de sopa do que todo o estoque de Mat de língua defumada com mel ou de patê de fígado de ganso. Olver olhava para a fogueira das mulheres com olhar abertamente desejoso.

— Quer ir comer com elas? — Mat perguntou para o menino. — Se quiser, não tem problema.

— Eu adoro enguia curada — respondeu Olver com determinação. Em um tom mais sombrio, acrescentou: — De qualquer forma, ela pode colocar alguma coisa dentro. — Seus olhos acompanhavam Aviendha sempre que ela se movia, e o garoto aparentava ter começado a implicar também com a Caçadora, talvez por ela passar boa parte do tempo conversando amigavelmente com a Aiel. Aviendha devia ter sentido o olhar do menino, já que o encarou de volta com o cenho franzido.

Mat esfregava o queixo e observava a fogueira das Aes Sedai — pensando bem, ele próprio também preferiria ter comido carneiro e tomado sopa — quando se deu conta de que Jaem não estava à vista. Vanin se irritou por ter sido mandado sondar o terreno de novo, mas Mat o enviou pelo mesmo motivo que designara o homem para ir como batedor à frente durante o dia, apesar do fato de Jaem também tê-lo feito. Não queria depender do que as Aes Sedai escolhiam lhe contar. Poderia ter confiado em Nynaeve — não achava que ela fosse mentir para ele, já que, enquanto Sabedoria, Nynaeve sempre fora implacável com mentirosos —, mas ela continuava espreitando-o por cima do ombro de Adeleas de um modo muito suspeito.

Para a surpresa dele, Elayne se levantou assim que Mat terminou de comer e, como que deslizando pelo chão, atravessou aquela linha invisível. Algumas mulheres tinham um andar tão elegante que pareciam mal tocar o chão.

— Quer dar uma volta comigo, Mestre Cauthon? — indagou em tom frio. Não exatamente educada, mas também não exatamente rude.

Mat gesticulou para que Elayne fosse na frente, e ela saiu flutuando em direção às árvores sombreadas pelo luar, logo depois das sentinelas. Aquela cabeleira dourada se lhe caía pelos ombros, emoldurando um rosto que atrairia o olhar de qualquer homem. O luar atenuava seu ar arrogante. Fosse ela qualquer coisa diferente do que era... E Mat não se referia apenas a ser Aes Sedai, nem mesmo ao fato de ela pertencer a Rand. Aliás, Rand parecia estar se envolvendo com o pior tipo de mulher, considerando que sempre tivera jeito com elas. Foi então que Elayne começou a falar, e Mat se esqueceu de todo o resto.

— Você tem um *ter'angreal* — afirmou, sem preâmbulos e sem sequer olhar para ele. Apenas seguia deslizando, farfalhando as folhas no solo como que esperando que ele seguisse em seu encaço feito um cão de caça. — Há quem afirme que todos os *ter'angreal* pertencem às Aes Sedai, mas não vou exigir que você se desfaça dele. Ninguém vai tirá-lo de você. Só que esses objetos precisam ser estudados. Por esse motivo, quero que você me entregue o *ter'angreal* toda noite, quando pararmos. Eu vou devolvê-lo todas as manhãs antes de sairmos.

Mat olhou para ela de soslaio. Estava falando sério, não havia dúvida.

— Muito gentil da sua parte me deixar ficar com o que é meu. Mas não sei por que você acha que eu estou com um desses... como foi que você disse? Ter alguma coisa?

Ah, aquilo a fez se enrijecer e também dirigir o olhar a Mat. Ele ficou surpreso por não ver nenhum fogo saltar dos olhos dela para iluminar a noite. Sua voz, por outro lado, era o mais puro cristal de gelo.

— Você sabe *muito bem* o que é um *ter'angreal*, Mestre Cauthon. Eu ouvi quando Moiraine lhe falou a respeito deles na Pedra de Tear.

— Na Pedra? — estranhou ele, desinteressado. — Sim, eu me lembro da Pedra. Foram dias ótimos os que todos nós passamos por lá. Você se lembra de algo na Pedra que lhe dá o direito de me exigir alguma coisa? Eu não. Só estou aqui para evitar que ninguém arranque o seu couro e o de Nynaeve em Ebou Dar. Você pode perguntar para Rand sobre o *ter'angreal* depois que eu entregar você para ele.

Por um longo momento, ela ficou encarando-o como se pretendesse vencê-lo só com a força do pensamento, e então deu uma volta sem dizer mais uma palavra. Ele a acompanhou de volta ao acampamento e se surpreendeu ao vê-la caminhar ao longo da fileira de cavalos coxeados. Ela examinou as fogueiras e o modo como os cobertores estavam dispostos, fazendo uma pausa para balançar a cabeça com pesar ao ver os restos da refeição dos homens do Bando. Mat não fez ideia do que Elayne pensava até ela se virar para ele com o nariz empinado.

— Seus homens se saíram muito bem, Mestre Cauthon — disse, alto o bastante para que todos ouvissem. — De modo geral, estou mais que satisfeita. Mas se você tivesse planejado tudo antes de maneira adequada, eles não precisariam ter se empanturrado de comidas que vão deixá-los sem dormir direito. Ainda assim, no geral, você se saiu bem. Tenho certeza de que você vai se planejar melhor no futuro. — Completamente tranquila, foi andando de volta para a própria fogueira antes que Mat pudesse pronunciar uma única palavra.

Porém, se aquilo fosse tudo, se os problemas se resumissem à maldita Filha-herdeira achar que ele era um dos súditos dela, e a tanto ela quanto Nynaeve ficarem sempre de cara feia perto de Vandene e Adeleas... Se aquilo fosse tudo, ele teria dançado uma giga. Logo depois da “inspeção” de Elayne, antes mesmo que ele conseguisse deitar nos seus cobertores, a cabeça de raposa ficou gelada.

O choque foi tão grande que Mat só ficou ali parado, olhando para o próprio peito, sem nem pensar em olhar em direção à fogueira das Aes Sedai. Quando finalmente fez isso, ele as viu de pé lado a lado ao longo daquela linha invisível que os dividia. Aviendha estava com elas. Elayne murmurou algo que ele não conseguiu ouvir e as duas Aes Sedai de cabelo branco assentiram, Adeleas o tempo todo mergulhando apressada a ponta de uma caneta num frasco de tinta dentro de uma espécie de bainha em sua cintura e fazendo anotações em um livreto. Nynaeve puxava sua trança e resmungava sozinha.

Tudo isso só durou alguns instantes. Em seguida, a cabeça de raposa voltou à

temperatura normal e todas retornaram à fogueira conversando em voz baixa. De vez em quando, uma delas olhava de soslaio na direção de Mat, até que ele, por fim, foi se deitar.

No segundo dia, eles chegaram a uma estrada e Jaem tirou seu manto de Guardião. Era um trecho largo de terra batida onde, em alguns lugares, uma ponta de um velho paralelepípedo ainda se fazia ver, mas a via não tornou a viagem tão mais rápida. Para começar, ia serpenteando pelo meio de uma floresta cada vez mais acidentada. Algumas daquelas colinas mereciam ser chamadas pelo menos de pequenas montanhas, formações pontudas com picos escarpados e pináculos pedregosos erguendo-se em meio às árvores. Além disso, um fluxo constante de pessoas, ainda que tímido, seguia em ambas as direções, em sua maioria amontoados de gente encardida com semblantes distantes que mal pareciam ter o bom senso de sair do meio do caminho da carroça de roda grande puxada pelos bois de um fazendeiro, e muito menos do comboio de um mercador, com seus carroções cobertos de lona viajando a toda por detrás das parelhas de seis ou oito cavalos. Algumas fazendas com casas e celeiros de pedra clara pareciam presas por um fio nas encostas das colinas, e, na metade do terceiro dia, foi avistada a primeira aldeia de construções de reboco branco com telhados achatados cobertos por telhas claras avermelhadas.

Os aborrecimentos, porém, continuavam. Elayne seguia com suas inspeções noturnas. Quando, no acampamento da segunda noite, ao lado da estrada, Mat lhe disse de forma sarcástica que estava contente por ela estar satisfeita, Elayne abriu um daqueles seus sorrisos majestosos e deliberados.

— Você deveria estar mesmo, Mestre Cauthon — disse ela, soando como se cada palavra dele tivesse sido sincera.

Quando eles passaram a parar em estalagens, ela começou a inspecionar os cavalos nos estábulos e o local de dormir dos homens do Bando nos depósitos de feno. Quando pediu a ela que não fizesse isso, recebeu como resposta apenas uma sobranceira arqueada. Quando mandou, não recebeu nem o arquear da sobranceira. Ela simplesmente o ignorou. Elayne o mandava fazer coisas que ele já decidira fazer, tais como verificar as ferraduras de todos os cavalos na primeira estalagem que tivesse um ferrador, e, mais irritante ainda, coisas que ele já teria resolvido se tivesse ficado sabendo delas antes de Elayne. Como ela descobriu que Tad Kandel estava tentando esconder um furúnculo no traseiro, Mat não fazia ideia, nem como ela ficara sabendo que Lawdrin Mendair tinha nada menos que cinco cantis de conhaque escondidos em seus alforjes. Irritação não começava nem a descrever o que significava fazer algo que ela mandara, mas o furúnculo de Kandel precisava ser lancetado — alguns membros do Bando haviam adotado a resistência de Mat com relação a serem Curados — e o conhaque de Mendair precisou ser jogado fora, além de diversas outras coisas pequenas.

Mat quase queria que ela o mandasse fazer, uma única vez, algo que não precisava

ser feito, só para poder responder que não faria. Definitivamente, não! Se ela tivesse pedido o *ter'angreal* de novo teria sido perfeito, mas ela jamais voltou a mencioná-lo. Mat explicou para os homens do Bando que eles não tinham obrigação de obedecer a ela, e ele nunca chegara a ver nenhum deles obedecendo, mas os homens começaram a dar sorrisinhos satisfeitos sempre que Elayne fazia elogios a respeito de quão bem eles cuidavam dos cavalos, e estufavam o peito quando ela dizia que, aos olhos dela, eles pareciam bons soldados. Quando viu Vanin levar a mão à testa e murmurar um “Obrigado, milady” para Elayne sem um pinga de ironia, Mat quase morreu de desgosto.

Ele tentava ser agradável, mas nenhuma das mulheres lhe dava abertura, não só Elayne. Aviendha lhe disse que ele não tinha honra e que se ele não fosse capaz de demonstrar mais respeito por Elayne, ela própria o ensinaria a ser respeitoso. Logo Aviendha! A mulher que Mat ainda suspeitava de que estava só esperando uma chance para cortar a goela de Elayne! Ela passara a chamar Elayne de sua quase-irmã! Vandene e Adeleas o olhavam como se ele fosse um inseto esquisito pregado numa tábuia. Mat se ofereceu para atirar flechas com a Caçadora por algumas moedas ou só por diversão — o arco que ela carregava devia ter atizado a imaginação fértil da mulher, já que seu nome de Caçadora era Birgitte —, mas ela só fez lançar um olhar muito esquisito para Mat e recusou a oferta. Aliás, manteve-se bem longe dele depois disso. Ficava grudada em Elayne, exceto quando a Filha-herdeira se aproximava dele. E Nynaeve...

Por todo o caminho desde Salidar, ela o evitou como se ele estivesse cheirando mal. Na terceira noite de viagem, a primeira em uma estalagem, um lugarzinho chamado A Faca de Casamento, Mat a encontrou no estábulo coberto por telhas dando uma cenoura murcha para a égua roliça que montava, e decidiu que, independentemente de qualquer outra coisa que estivesse acontecendo, ele poderia ao menos conversar com ela sobre Bo. Não era todo dia que a irmã de um homem ia embora para se tornar uma Aes Sedai, e Nynaeve saberia o que Bo tinha pela frente.

— Nynaeve — chamou Mat, aproximando-se dela —, eu quero falar com você...
— Não conseguiu nem terminar a frase.

A mulher praticamente pulou três palmos com o susto e já desceu balançando o punho para ele, apesar de logo tê-lo escondido em uma das pregas da saia.

— Me deixe em paz, Mat Cauthon — quase gritou. — Está me ouvindo? Me deixe em paz! — E foi saindo apressada, passando por ele meio de lado e tão eriçada que ele esperava ver a trança dela erguida feito o rabo de um gato. Depois daquilo, Mat não só cheirava mal, como também devia ter alguma doença repugnante e contagiosa. Se tentasse até mesmo se aproximar de Nynaeve, ela se escondia atrás de Elayne e ficava encarando-o por cima do ombro da outra mulher, parecendo que estava prestes a lhe mostrar a língua. As mulheres eram completamente malucas. Não havia outra explicação.

Ao menos Thom e Juilin se mostravam dispostos a cavalgar ao lado dele durante o

dia, sempre que Elayne não exigia a atenção dos dois. Ela às vezes o fazia só para mantê-los longe de Mat, ele tinha certeza, embora não conseguisse entender o porquê. Tão logo o grupo passou a se hospedar em estalagens, os dois ficaram mais do que felizes em tomar uma caneca de cerveja ou de ponche com ele e Nalesean à noite. Eram estalagens de interior, com salões tranquilos e paredes de alvenaria, onde a diversão era ficar observando o gato malhado local e nas quais a própria estalajadeira servia as mesas, sempre uma mulher cujos quadris davam a impressão de que, caso alguém se arriscasse a dar um beliscão, acabaria com os dedos quebrados. A conversa girava principalmente em torno de Ebou Dar, lugar do qual Thom sabia bastante, mesmo sem nunca ter estado lá. Sempre que lhe faziam perguntas, Nalesean se mostrava mais que disposto a relembrar sua única visita ao local, apesar de preferir se concentrar nos duelos que presenciara e nas apostas em corridas de cavalos. Juilin sabia de histórias de homens que conheciam sujeitos que haviam estado lá, isso quando o relato não tinha fontes ainda mais distantes, que pareciam impossíveis de se acreditar até Thom ou Nalesean as confirmarem. Em Ebou Dar, homens travavam duelos por mulheres, *mulheres* duelavam *por homens*, e, em ambos os casos, o prêmio — era a palavra que se usava — concordava em ficar com o ganhador. No dia do casamento, os homens davam uma faca de presente para as mulheres e pediam que elas a utilizassem para matá-los caso eles as desagradassem — as *desagradassem!* —, e o assassinato de um homem por uma mulher era considerado justificável, a menos que se provasse o contrário. Em Ebou Dar, os homens pisavam em ovos perto das mulheres e se forçavam a sorrir diante de ofensas que teriam sido motivo para matarem outro homem. Elayne iria adorar aquele lugar. Nynaeve também.

Algo mais surgiu daquelas conversas. Parecia que Mat não havia imaginado o desprazer de Nynaeve e Elayne com relação a Vandene e Adeleas, por mais que elas tivessem tentado esconder esse fato. Nynaeve aparentava se contentar em ficar encarando as outras duas e murmurando coisas para si mesma. Elayne não fazia cara feia nem murmurava nada, mas tentava assumir o controle o tempo todo e parecia pensar que já era a Rainha de Andor. A despeito da quantidade de anos que aqueles rostos de Aes Sedai escondiam, Vandene e Adeleas tinham que ter idade suficiente para serem mães das duas mais jovens, se não avós. Mat não se surpreenderia se descobrisse que elas já eram Aes Sedai quando Nynaeve e Elayne eram bebês. Nem Thom era capaz de compreender tanta tensão, e parecia que, para quem não passava de um simples menestrel, o homem de fato entendia de uma porção de assuntos. Quando Thom tentou fazer um delicado protesto, Elayne quase arrancou o nariz dele e lhe *disse* que ele não entendia, nem podia entender. Parecia que as duas Aes Sedai mais velhas eram extremamente tolerantes. Quando Elayne dava ordens, Adeleas agia como se nem tivesse reparado, e tanto ela quanto Vandene pareciam ficar surpresas quando acabavam se dando conta.

— Vandene falou para ela: “Bem, criança, se você faz questão, claro que

podemos” — murmurou Juilin antes de tomar um gole de cerveja ao rememorar um incidente. — Seria de se imaginar que alguém que não passava de uma Aceita há poucos dias ficaria contente. Mas os olhos de Elayne me pareceram uma tempestade de inverno. Nynaeve rangeu os dentes com tanta força que eu achei que eles fossem rachar.

Eles estavam no salão da estalagem A Faca de Casamento. Vanin, Harnan e os demais ocupavam bancos nas outras mesas, junto com vários locais. Os homens trajavam coletes compridos, alguns coloridos o suficiente para um Latoeiro, a maioria sem camisa por baixo, e as mulheres usavam vestidos claros com decotes profundos, as saias levantadas até um dos joelhos, deixando à mostra anáguas tão coloridas que acabavam por fazer os coletes empalidecerem. Muitos dos homens e todas as mulheres ostentavam grandes brincos de argola e costumavam trazer nas mãos três ou quatro anéis que reluziam com vidros coloridos. Tanto homens quanto mulheres corriam os dedos por longas facas curvadas enfiadas em seus cintos e lançavam olhares sombrios para os forasteiros. Havia dois comboios de mercadores de Amadícia hospedados ali, mas os mercadores tinham jantado em seus quartos e os condutores permaneciam nos carroções. Elayne, Nynaeve e o restante das mulheres também se encontravam no andar de cima.

— As mulheres são... diferentes — afirmou Nalesean às gargalhadas em resposta a Juilin, embora, coíando a ponta da barba, dirigisse as palavras a Mat. Não costumava ser tão formal com plebeus, mas Juilin era um plebeu tairino, e isso parecia fazer certa diferença, especialmente porque Juilin o olhava nos olhos quando Nalesean falava com ele. — Há um ditado camponês em Tear: “Uma Aes Sedai é dez mulheres numa única pele.” Os camponeses têm uma boa dose de sabedoria, às vezes, e que minha alma queime se não é verdade.

— Pelo menos ninguém fez nada, digamos, drástico — ponderou Thom —, apesar de eu ter achado que chegou perto quando Elayne deixou escapar que tinha transformado Birgitte na primeira Guardiã dela.

— A Caçadora?! — exclamou Mat. Vários locais lhe lançaram olhares firmes, e ele baixou a voz. — Ela também é Guardiã? Guardiã de Elayne? — Aquilo com certeza explicava algumas coisas.

Thom e Juilin se entreolharam por cima da borda das canecas.

— Ela vai ficar feliz por saber que você achou que ela era uma Caçadora da Trombeta — afirmou Thom, limpando a cerveja do bigode. — Ela é Guardiã, sim, e foi isso que quase causou um bate-boca. Jaem passou a encará-la como uma irmã mais nova, mas Vandene e Adeleas... — O menestrel soltou um suspiro profundo. — Nenhuma das duas ficou muito contente por Elayne já ter escolhido uma Guardiã. Aparentemente, a maioria das Aes Sedai passa anos sozinha antes de formar um elo. E não ficaram contentes por ela ainda por cima ter escolhido uma mulher. E o fato de elas não estarem contentes deixou Elayne ainda mais zangada.

— Elas não parecem gostar de fazer coisas que ainda não foram feitas —

acrescentou Juilin.

— Uma Guardiã mulher — resmungou Nalesean. — Eu sabia que tudo iria mudar com o Dragão Renascido, mas uma Guardiã mulher?

Mat deu de ombros.

— Eu creio que ela vai dar conta, desde que saiba mesmo atirar com aquele arco. Desceu pelo buraco errado? — perguntou para Juilin, que começara a se engasgar com a cerveja. — Troco uma espada por um bom arco em qualquer situação. O melhor é um cajado, mas um arco também serve. Só espero que ela não tente se meter no meu caminho quando chegar a hora de levar Elayne para Rand.

— Acho que ela sabe. — Thom inclinou-se por cima da mesa para dar um tapinha nas costas de Juilin. — Acho que ela sabe, Mat.

Mas se Nynaeve e as demais estavam prestes a puxar os cabelos umas das outras — e Mat não iria querer ficar a menos de dez milhas delas se algo assim acontecesse, com ou sem o amuleto de raposa —, não demonstravam nada disso. Tudo o que ele via era uma frente sólida, e mais tentativas de canalizar nele, começando enquanto ele encilhava Pips na manhã seguinte à primeira tentativa. Por sorte, ele estava ocupado tentando dispensar Nerim, que achava que encilhar o cavalo de Mat era tarefa sua e insinuava que era capaz de fazer aquilo melhor que ele, mas, como o lampejo frio só durou um instante, Mat não deu sinal de que chegara a perceber algo. Aquela, ele determinou, seria a sua resposta. Nada de encarar, nada de fazer cara feia, nada de acusar. Ele as ignoraria e as deixaria cozinhar em seu próprio caldo.

Mat teve diversas oportunidades para ignorá-las. O medalhão de prata se resfriou mais duas vezes antes que eles encontrassem a estrada, e várias vezes mais durante o dia, naquela noite, e em todos os dias e noites subsequentes. Às vezes, o frio vinha e sumia em um piscar de olhos, e às vezes ele tinha certeza de que perdurava por uma hora. Não era possível dizer qual delas era a responsável, claro. Ou normalmente não era possível. Uma vez, quando o calor o presenteara com uma assadura nas costas e o cachecol em torno do pescoço pareceu a ponto de lhe decapitar como uma serra, ele flagrou Nynaeve olhando para ele no momento em que o medalhão foi esfriando. A mulher fazia uma careta tão feia que um fazendeiro que passava ali perto, cutucando seu boi com um pedaço de pau para tentar fazer o animal andar mais rápido, espiou-a por cima do ombro como se estivesse com medo de que aquele olhar pudesse se voltar para ele a qualquer momento, talvez matando o boi preso às traves da carroça. Foi só quando Mat devolveu a careta que se sobressaltou e quase caiu da sela, e o frio cessou. Quanto às demais ocasiões, ele simplesmente não conseguia saber. Algumas vezes, podia ver duas ou três delas observando-o, inclusive Aviendha, que continuava a pé puxando sua égua. Outras, no momento em que ele se virava para olhá-las, estavam conversando entre si ou observando uma águia a voar pelo céu límpido, ou um grande urso negro, com uma vez e meia a altura de um homem, ficar de pé em meio às árvores numa encosta íngreme à vista

da estrada. A única coisa boa em tudo isso era que Mat tinha a impressão de que Elayne estava descontente. Ele não sabia por quê, e não se importava. Como ela ousava. Inspecionava os seus homens. Elogiava-o com tapinhas nas costas. Fosse ele o tipo de homem capaz deste tipo de coisa, teria dado um pontapé nela.

Na realidade, contudo, ele começou a ficar um pouco presunçoso. O que quer que aquelas mulheres estivessem fazendo, não surtia nenhum efeito nele que um dedo de uma das pomadas de Nerim não pudesse curar. Nerim lhe garantiu que não se tratava de uma ulceração. Mat se sentiu presunçoso até a quarta tarde. Estava voltando depois de guardar Pips no estábulo da estalagem — O Arco do Sul era uma construção imunda de dois andares de tijolos com reboco branco em So Tehar, uma aldeia imunda de tijolos com reboco branco e muitas moscas — quando algo macio o acertou em cheio entre os ombros. Com as narinas impregnadas do cheiro de esterco de cavalo, ele se virou, pronto para torcer o pescoço de algum jovem cavaliço ou de um dos grosseirões taciturnos de So Tehar, sem nem ligar se o sujeito tinha ou não uma faca. Não havia nenhum jovem cavaliço e nenhum grosseirão. Só Adeleas, rascunhando compenetrada em seu livreto e assentindo para si mesma. Suas mãos estavam bem limpas.

Mat entrou, pediu um ponche para a estalajadeira, e então mudou de ideia e a fez lhe servir, em vez disso, um conhaque, um líquido turvo que a mulher magricela jurava ser feito de ameixa, mas cujo sabor era de algo que talvez servisse para remover ferrugem. Juilin se contentou em apenas fungar, e Thom não fez nem isso. Até Nalesean só fez dar um golinho antes de pedir um ponche, e Nalesean bebia qualquer coisa. Mat perdeu a conta de quantos minúsculos copinhos de estanho esvaziou, mas, independentemente de quantos tenham sido, foram necessários Nerim e Lopin juntos para levá-lo para a cama. Ele nunca se permitira pensar muito sobre se a cabeça de raposa tinha algum limite. Já tivera provas mais que suficientes de que ela deteria *saidar*, mas se tudo o que elas precisassem fazer fosse usar o Poder para apanhar algum objeto e arremessá-lo nele... *Melhor que nada*, ficava repetindo para si mesmo, deitado em seu colchão encaroçado e observando as sombras do luar cruzarem o teto devagar. *Bem melhor que nada*. Mas, se tivesse sido capaz de levantar sozinho, teria voltado lá para baixo para tomar mais conhaque.

E era por isso que ele estava de péssimo humor, com a língua parecendo estar revestida de penas e a cabeça tomada por tocadores de tambor a martelá-los, além do suor lhe escorrendo pelo corpo por conta do sol a pino, quando, no quinto dia, a estrada chegou ao topo de uma elevação que revelou Ebou Dar ali abaixo, estendendo-se no amplo Rio Eldar com uma grande baía repleta de navios mais além.

Sua primeira impressão da cidade foi o branco. Construções brancas, palácios brancos, pináculos e torres brancas. Nas cúpulas parecidas com nabos ou peras brancas afiadas, viam-se com frequência anéis carmesins, azuis ou dourados, mas a cidade era, principalmente, branca, e refletia a luz do sol até quase doer nos olhos. O

portão para onde a estrada conduzia dava num arco largo, alto e pontiagudo numa parede de reboco branco tão grossa que Mat cavalgou à sombra por vinte passadas antes de tornar a emergir para o sol. Parecia ser uma cidade de praças, canais e pontes, praças grandes cheias de gente, com fontes e estátuas no centro, canais largos e canais estreitos com homens prendendo barcaças a estacas ao longo de seus cursos, pontes de todos os tamanhos, umas baixas, outras arqueando lá em cima, algumas tão grandes que até lojas se enfileiravam em suas laterais. Palácios com grossos pórticos colunados ficavam lado a lado com lojas que ofertavam tapetes e tecidos. Casas de quatro andares com imensas janelas em arco escondidas por detrás de venezianas horizontais ladeavam estábulos, cuteleiros e peixeiros.

Foi numa dessas praças que Vandene puxou as rédeas para discutir algo com Adeleas, enquanto Nynaeve franzia o cenho para as duas e Elayne observava tudo como se seus olhos fossem transformá-las em gelo. A pedido de Elayne, Aviendha montara em seu baio magricelo para a entrada na cidade, mas, àquela altura, já tinha descido com a mesma falta de habilidade com que subira na sela. Olhava para tudo quase com a mesma curiosidade de Olver, cujos olhos haviam se arregalado desde o primeiro momento em que a cidade surgiu. Birgitte dava a impressão de estar tentando se manter no encalço de Elayne numa imitação de Jaem com Vandene.

Mat aproveitou a oportunidade para se abanar com o chapéu e dar uma olhada no entorno.

O maior palácio que ele já tinha visto ocupava um lado inteiro da praça, repleto de cúpulas, pináculos e colunatas três ou quatro andares acima do chão. Nos outros três lados, casarões se misturavam a estalagens e lojas, cada qual tão branca quanto a outra. Uma estátua de mulher com as vestes ao vento, mais alta que um Ogier, ficava num pedestal ainda mais alto bem no meio da praça, um dos braços erguido para apontar para o sul, na direção do mar. Só havia umas poucas pessoas andando pelos paralelepípedos claros, o que, naquele calor, não era de se surpreender. Algumas faziam sua refeição do meio-dia no primeiro degrau do pedestal, e pombos e gaivotas revoavam aqui e ali lutando por restos de comida. Era uma cena de pura tranquilidade. Mat não entendeu por que, de repente, sentiu os dados rolando em sua cabeça.

Conhecia muito bem aquela sensação. Às vezes, sentia-a na jogatina quando sua sorte estava à toda. Ela sempre aparecia quando uma batalha se aproximava. E a sensação também parecia surgir quando havia alguma decisão vital a ser tomada, do tipo em que a escolha errada poderia muito bem ser fatal.

— Agora vamos entrar por um dos portões menores — anunciou Vandene. Adeleas estava assentindo com a cabeça. — Merilille vai cuidar para que nos deem quartos para descansar.

Aquilo devia significar que aquele era o Palácio Tarasin, onde Tylin Quintara, da Casa Mitsobar, ocupava o Trono dos Ventos e, na prática, governava talvez até cem milhas em torno de Ebou Dar. Uma das poucas coisas que Mat conseguira descobrir

a respeito dos objetivos da viagem era que elas iriam se encontrar com outra Aes Sedai no palácio, e com Tylin, claro. As Aes Sedai teriam um encontro com a Rainha. Mat olhou para aquela imensidão de mármore reluzente e pedra com reboco branco e pensou em como seria ficar naquele local. Costumava apreciar palácios. Gostava, pelo menos, de qualquer lugar com serviçais e ouro, e uma cama de penas cairia bem. Mas um Palácio Real significava avistar nobres sempre que se virasse a cabeça para o lado. Mat preferia nobres em doses moderadas — até Nalesean podia ser irritante. Um palácio daquele tamanho ou o faria se perguntar o tempo inteiro onde Nynaeve e Elayne estariam ou talvez ficar o tempo todo de olho nelas. Mat não tinha certeza se seria pior se elas permitissem que ele as acompanhasse até lá como um guarda-costas ou se recusassem. Ele quase era capaz de escutar Elayne dizendo com aquela voz calma: “Encontrem por gentileza acomodações para Mestre Cauthon e para os meus homens. Cuidem para que eles sejam alimentados e tenham água.” Ah, ela com certeza faria isso. Apareceria de supetão para as suas inspeções e para mandá-lo fazer alguma coisa que ele já estava a ponto de fazer. Ainda assim, se havia algum local onde ela e Nynaeve estariam seguras, esse local era dentro do palácio de uma rainha. Além disso, o que Mat queria era algum lugar onde pudesse colocar os pés para cima e tomar ponche com uma garota em seu colo para lhe acalmar os ânimos. Toalhas úmidas também cairiam bem. Sua cabeça doía. O sermão afetado que Elayne dera naquela manhã sobre os males da bebida e sobre dar exemplo para os outros homens ainda ecoava em seus ouvidos. Era mais uma razão pela qual ele precisava bater o pé. Estivera fraco demais para retrucar, tendo acabado de sair da cama e já se perguntando se conseguiria se lançar sobre o dorso de Pips, e ela já tinha ido longe demais muitas vezes. Se ele não botasse logo um ponto final naquilo, Elayne acabaria fazendo com que *ele* a saudasse com a mão na testa.

Tudo aquilo lhe passou pela cabeça no intervalo de tempo necessário para Vandene virar seu capão baio na direção do palácio.

— Vou providenciar quartos em uma destas estalagens para os meus homens — disse ele bem alto. — Se você ou Elayne quiserem sair para a rua, Nynaeve, podem mandar me avisar, e eu trato de trazer alguns homens para acompanhá-las por aí. — Provavelmente não iriam querer, já que quando uma mulher achava que sabia cuidar de si, ninguém poderia convencê-la do contrário, mesmo se ela estivesse querendo pular numa fossa com ursos para lutar com as próprias mãos, mas Mat podia apostar que Vanin conseguiria dar um jeito de descobrir sempre que elas saíssem. E, se não, havia Juilin. Um caçador de ladrões deveria ser capaz disso. — Pode ser aquela ali. — Escolhendo aleatoriamente, Mat apontou para uma construção larga no outro lado da praça. Uma placa que ele não conseguia identificar balançava em cima da entrada em arco.

Vandene olhou para Adeleas. Elayne olhou para Nynaeve. Aviendha franziu a testa para ele.

Mat, porém, não deu chance para que nenhuma delas dissesse nada.

— Thom, Juilin, que tal umas canecas de ponche? — Talvez água fosse melhor. Nunca em sua vida ele havia bebido tanto assim.

Thom balançou a cabeça.

— Quem sabe mais tarde, Mat. Melhor eu ficar por perto, caso Elayne precise de mim. — O sorriso quase paternal que o homem dirigiu a ela sumiu quando ele a viu encarando Mat com uma expressão pasma. Juilin não sorriu, o que já quase não fazia nos últimos tempos, mas também respondeu que deveria ficar por perto e que, mais tarde, talvez.

— Como quiserem — respondeu Mat, recolocando o chapéu. — Vanin. Vanin! — O gordo tomou um susto e desfez o olhar de veneração que dirigia a Elayne. Chegou até a enrubescer! Luz, aquela mulher era má influência.

Enquanto Mat girava Pips, a voz de Elayne o alcançou pelas costas, ainda mais afetada que naquela manhã:

— Você não pode deixar que eles bebam em excesso, Mestre Cauthon. Alguns homens não sabem a hora de parar. Você com certeza não deveria permitir que um garotinho veja marmanjos bebendo além da conta.

Mat trincou os dentes e cruzou a praça a cavalo sem olhar para trás. Olver estava olhando para ele. Mat teria de alertar os homens quanto a ficarem bêbados na frente do garoto, Mendair em especial. Luz, mas como Mat odiava que ela lhe dissesse o que ele deveria fazer!

A estalagem acabou por se chamar A Mulher Errante, mas a placa acima da porta e o salão prometiam tudo o que Mat queria. O aposento de pé-direito alto por certo era mais fresco que a rua, com suas janelas largas em arco escondidas por detrás de venezianas de madeira entalhadas em forma de arabesco. Parecia haver mais buracos que madeira, mas elas ensombreciam o ambiente. Forasteiros misturavam-se aos locais, um murandiano magricelo com bigode curvo, um kandoriano robusto com duas correntes de prata a lhe perpassarem o peitoral do casaco, e outros que Mat não reconheceu logo de cara. Uma névoa sutil de fumaça de cachimbo preenchia o ar, e duas mulheres tocando flautas estridentes e um sujeito com um tambor entre os joelhos ofereciam um tipo estranho de música. O melhor de tudo: as atendentes eram bonitas e homens jogavam dados em quatro mesas. O mercador kandoriano estava jogando cartas.

A imponente estalajadeira se apresentou como Setalle Anan, embora seus olhos cor de mel não fossem de Ebou Dar.

— Bem, milordes... — Grandes argolas de ouro em suas orelhas se sacudiram quando ela curvou a cabeça tanto para Mat quanto para Nalesean. — A Mulher Errante poderia lhes oferecer suas humildes acomodações?

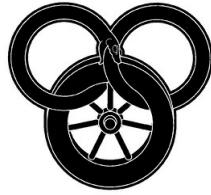
Apesar de alguns fios grisalhos, a mulher era bonita, mas Mat observou seus olhos. Setalle usava uma faca de casamento que pendia de uma gola justa, o cabo cravejado de pedras vermelhas e brancas aninhando-se em seu decote generoso, e ela também carregava na cintura uma daquelas facas curvas. Mesmo assim, ele não pôde

deixar de sorrir.

— Senhora Anan, eu já me sinto em casa.

O estranho era que os dados haviam parado de rolar em sua cabeça.





APOIADAS NA FACA

Nynaeve saiu da grande banheira de cobre, uma toalha branca enrolada na cabeça, e se secou bem devagar. A serviçal roliça de cabelos grisalhos tentou ajudar a vesti-la, mas Nynaeve a mandou embora, ignorando seus protestos e olhares assustados, e botou as roupas sozinha, examinando no espelho o vestido verde-escuro de saias estreitas e gola larga de renda de Merada clara. O pesado anel de ouro de Lan repousava em sua bolsinha — melhor nem pensar nele — ao lado de um dos anéis *ter'angreal* retorcidos, enquanto a Grande Serpente reluzia no terceiro dedo da mão direita. Mão direita. Melhor também não pensar naquilo.

Havia uma pintura bonita no teto alto, um céu azul com nuvens brancas, e, apesar de toda a mobília estar elevada e amparada por patas de leão douradas estranhamente grandes e os suportes da cama, pés das cadeiras e qualquer armário ou mesinha ter caneluras e douraduras demais para seu gosto, ainda era um quarto mais confortável do que qualquer um em que estivera em muito tempo. Um aposento agradável, fresco e ameno. Todas essas observações eram porque Nynaeve estava tentando se acalmar.

Não funcionou, claro. Sentira *saidar* sendo tecida e, assim que saiu do quarto, viu o selo de proteção que Elayne confeccionara e atara ao redor da sala de estar. Birgitte e Aviendha também já estavam lá, todas asseadas e vestidas.

Quatro quartos davam para uma única sala de estar, o que Birgitte afirmou se tratar de um arranjo até bem comum na região. A sala também tinha o teto alto com pinturas de céu e nuvens, e quatro janelas altas em arco se abriam para uma comprida varanda envolvida por uma grade de ferro pintado de branco e forjado em padrão tão intrincado que uma pessoa ali, parada, conseguiria espiar a Praça Mol Hara lá embaixo sem ser vista por quem estivesse andando pela frente do Palácio. Uma brisa tênue entrava pelas janelas, trazendo cheiro de maresia, e — o que era

incrível — deixando o ambiente até um pouco fresco. A raiva interferia na concentração, e Nynaeve estava morrendo de calor desde que tinham chegado ao Palácio Tarasin.

Thom e Juilin haviam sido alojados em um quarto em algum lugar nas profundezas dos alojamentos dos serviçais, o que pareceu irritar mais Elayne do que qualquer um dos dois. Thom até riu. Em todo caso, *ele* podia se dar ao luxo de rir dessas coisas.

— Tome um pouco deste chá, Nynaeve, está delicioso — recomendou Elayne, cobrindo as saias azuis com um guardanapo branco.

Assim como tudo na sala de estar, a cadeira larga em que a jovem estava acomodada tinha aquelas mesmas bolas douradas nos pés, além de outras no topo do imenso espaldar acima de sua cabeça. Aviendha estava sentada ao lado dela, mas no chão, mantendo as pernas cruzadas sob a saia de um vestido de gola alta que por pouco não tinha o tom exato do ladrilho verde-claro abaixo. O intrincado colar de prata caía muito bem com a roupa. Nynaeve achava que nunca vira a Aiel sentada em uma cadeira — ela havia recebido alguns olhares estranhos nas duas estalagens em que tinham se hospedado.

— É de menta e amoras-silvestres — acrescentou Birgitte, enchendo outra delicada xícara de porcelana dourada, sem esperar que ela concordasse em beber.

Birgitte usava calças folgadas de um tom cinza e um casaquinho curto azul. Vez ou outra a mulher até usava vestidos, mas Nynaeve nunca ficava muito feliz com a escolha dos modelos. Ah, estavam todas as três vestidas e enfeitadas, mas ninguém as queria.

O cântaro de prata reluzia com a condensação, e o chá estava gelado e refrescante. Nynaeve admirou o rosto de Elayne, calmo e seco — ela própria já se sentia meio suada de novo, apesar da brisa.

— Devo dizer que esperava uma recepção diferente — resmungou.

— Esperava mesmo? — indagou Elayne. — Depois da forma como Vandene e Adeleas nos trataram?

Nynaeve suspirou.

— Tudo bem, tudo bem: *torcia* por uma recepção diferente. Finalmente virei Aes Sedai, uma Aes Sedai de verdade, e ninguém parece acreditar. Estava mesmo torcendo para ver alguma diferença depois de sair de Salidar.

O encontro delas com Merilille Caendevin não tinha ido bem. A apresentação delas para a mulher, melhor dizendo. Vandene as apresentara com palavras quase superficiais, então foram dispensadas para que as *verdadeiras* Aes Sedai pudessem conversar. Merilille apenas dissera que elas com certeza gostariam de se refrescar um pouco, mas tinha sido uma dispensa, e lhes restara apenas a opção de saírem da sala como Aceitas obedientes ou de se recusarem feito crianças mimadas. Só de lembrar, Nynaeve falhava em todas as tentativas de se acalmar e o suor voltava a escorrer por seu rosto.

Serem dispensadas não foi a pior parte, na verdade. Merilille era uma cairhiena esbelta, com a pele de uma palidez elegante, cabelo preto lustroso e olhos grandes e límpidos. A mulher era uma Cinza que parecia não se surpreender com nada — nem nunca ter se surpreendido na vida, aliás —, mas arregalara os olhos escuros quando ouviu que Nynaeve e Elayne eram Aes Sedai, e mais ainda ao ficar sabendo que Egwene fora elevada a Trono de Amyrlin. E também ficou ainda mais pasma ao saber que Birgitte era Guardiã, apesar de àquela altura já ter conseguido se recuperar a ponto de conter a reação a uma simples encarada e uma breve contração dos lábios. Aviendha foi a que escapou mais fácil; Merilille só murmurou alguma coisa sobre como a Aiel iria adorar ser noviça. Então veio a dispensa, junto com uma sugestão — uma sugestão que mais soara uma ordem — para que passassem vários dias se recuperando dos rigores da viagem.

Nynaeve tirou o lenço da manga e abanou o rosto com o quadrado rendado. Claro que não adiantou de muita coisa.

— Ainda acho que elas estão escondendo alguma coisa.

— Sério, Nynaeve? — Elayne balançou a cabeça. — Eu também não gosto nada de como estamos sendo tratadas, mas você está fazendo tempestade num copo d'água. Se Vandene e Adeleas quiserem procurar fugitivas, deixe procurarem. Preferiria que estivessem tentando assumir o controle da busca pela tigela?

Fora exatamente o medo de ter as duas mais velhas assumindo o comando da busca que as levava a quase não mencionarem o *ter'angreal* durante a viagem.

Tivessem aqueles temores se concretizado ou não, Nynaeve ainda achava que aquelas duas estavam escondendo algo. Elayne só não queria admitir. Adeleas não percebeu quando Nynaeve a ouviu comentar que buscariam fugitivas assim que elas chegassem a Ebou Dar, e quando perguntou se as duas achavam mesmo que encontrariam alguma, Vandene respondeu depressa demais, alegando que sempre se mantinham alertas para jovens que tivessem fugido da Torre. E aquilo não fazia sentido. Ninguém fugira de Salidar, apesar de algumas noviças de fato fugirem da Torre Branca, volta e meia — a vida dura lá não era fácil, e teriam anos de obediência pela frente, antes de poderem se dar ao luxo de começar a agir de acordo com a própria vontade —, e até algumas Aceitas mais desesperadas com a perspectiva de o dia de usar o xale nunca chegar, mas até Nynaeve sabia que poucas conseguiam sair da ilha de Tar Valon e quase todas acabavam arrastadas de volta. Claro que a pessoa poderia ser expulsa, fosse pela falta de força com o Poder, por não passar ou até se recusar a fazer o teste para Aceita ou para Aes Sedai — teste do qual ela e Elayne tinham se livrado, aliás. Mas ir embora da Torre nunca era uma decisão pessoal, a menos que a pessoa já usasse o xale.

Então, se era tão raro haver fugitivas bem-sucedidas, por que Vandene e Adeleas achavam que encontrariam alguma em Ebou Dar? E por que tinham ficado tão quietas quando ela perguntou? Bem, de todo modo, achava que sabia a resposta da última pergunta e teve que se controlar muito para não puxar a trança. Achava que

estava ficando melhor naquela coisa de autocontrole.

— Pelo menos Mat finalmente sabe que somos Aes Sedai — grunhiu. Ah, pelo menos agora podia dar conta dele. Mat que tentasse alguma coisa, aí veria como era ser alvo de tudo o que ela conseguisse jogar nele com fluxos de Ar. — Já não era sem tempo.

— Por isso que você o evita feito uma cheltana fugindo do coletor de impostos? — indagou Birgitte, abrindo um sorriso, e Nynaeve sentiu o rosto enrubescer. Estivera convencida de que tinha conseguido disfarçar seus sentimentos.

— Ele é muito irritante, até para um homem — murmurou Aviendha. — Você deve ter viajado muito, Birgitte. Sempre comenta de lugares de que eu nunca ouvi falar. Um dia, queria viajar pelas terras aguacentas e ver todos esses lugares estranhos. Onde fica essa... Cheltan? Chelta?

A pergunta tirou aquele sorriso irritante da cara de Birgitte. Fosse onde fosse, aquele lugar já devia estar morto havia mil anos, talvez até datasse de uma Era mais antiga. Ah, ela sempre falava de lugares e objetos antigos. Nynaeve queria ter estado lá para vê-la admitir para Egwene o que esta já sabia — a jovem adquirira uma força impressionante durante o tempo que viveu com os Aiel, e passara a tolerar poucas coisas que considerasse bobagem. Birgitte voltara da conversa com cara de quem levara uma boa bronca.

Ainda assim, gostava bem mais de Birgitte que de Aviendha — a Aiel às vezes a deixava muito desconfortável, com aqueles olhares firmes e a sua sede de sangue. E não importava quão irritante Birgitte pudesse ser: Nynaeve prometera que a ajudaria a guardar seu segredo.

— Mat... me ameaçou — afirmou, mais do que depressa. Foi o primeiro assunto que lhe veio à cabeça para distrair Aviendha, mas era a última coisa que gostaria que alguém mais soubesse. Sentiu as bochechas esquentarem outra vez. Elayne até chegou a sorrir, embora tenha tido a delicadeza de esconder o rosto com a xícara. — Não desse jeito que vocês estão pensando — acrescentou, quando Aviendha franziu o cenho e levou a mão à faca do cinto. A Aiel parecia pensar que tudo se resolvia com violência. — Foi só... — Aviendha e Birgitte a encararam, todas ouvidos. — Ele só disse...

Elayne a acudiu, como ela fizera com Birgitte.

— Acho que chega de falar sobre Mestre Cauthon — opinou a Filha-herdeira, com firmeza. — Ele só está aqui para que não fique amolando Egwene, e posso descobrir como lidar com aquele *ter'angreal* mais tarde. — Ela comprimiu os lábios por um momento. Não ficara nada feliz quando Vandene e Adeleas começaram a canalizar em Mat sem nem se consultar com ela, e menos ainda quando o rapaz escapou para aquela estalagem. Claro que não havia o que fazer. Elayne alegava que, ao mandá-lo fazer o que ele já teria que fazer de qualquer jeito, poderia fazê-lo criar o hábito de obedecer-lhe. Bem, boa sorte para ela. Elayne concluiu o pensamento com uma voz ainda mais firme: — Ele é o que menos importa nesta viagem.

— É mesmo. — Nynaeve quase não conseguiu disfarçar o alívio na voz. — É, o que importa é a tigela.

— Acho que é melhor eu primeiro fazer um reconhecimento do lugar — ponderou Birgitte. — Ebou Dar me parece mais turbulenta do que me lembro, e o distrito que você descreveu pode ser ainda pior que... — Ela tentou disfarçar quando olhou para Aviendha. — Que o resto da cidade — concluiu, com um suspiro.

— Se temos que fazer algum reconhecimento — intrometeu-se a Aiel, ansiosa —, quero estar envolvida. Ainda tenho um *cadin'sor*.

— Um bom batedor sempre precisa se misturar — retrucou Elayne, com toda a delicadeza. — Acho melhor encontrarmos vestidos típicos daqui para *todas* nós, aí poderemos ir procurar juntas, e assim ninguém vai chamar atenção. Se bem que vai ser muito mais fácil para Nynaeve — acrescentou, sorrindo para Birgitte e Aviendha.

Até onde tinham visto, as locais tinham cabelo escuro, e a maioria parecia ter olhos quase negros.

Aviendha soltou um suspiro desalentado, e Nynaeve quase a imitou, pensando naqueles decotes reveladores. Eram profundos demais, mesmo que fossem estreitos. Birgitte até sorriu — a mulher não tinha o menor pudor.

Antes que a conversa progredisse, uma mulher de cabelo preto e curto trajando o uniforme da Casa Mitsobar entrou sem bater, o que Nynaeve considerava falta de educação, não importava quanto Elayne insistisse que se tratava de um comportamento adequado para serviçais. A mulher usava um vestido branco cuja saia aberta na altura do joelho esquerdo deixava à mostra a anágua verde, com um corpete apertado com o brasão da Âncora e da Espada bordado em verde no seio esquerdo. Até o decote estreito do uniforme era tão baixo quanto qualquer vestido local, pelo que Nynaeve se lembrava. A mulher rechonchuda, já em algum ponto da meia-idade, hesitou ao entrar, então fez uma reverência e se dirigiu a todas:

— A Rainha Tylin deseja ver as três Aes Sedai, caso seja possível.

Nynaeve trocou olhares inquisitivos com Elayne e as outras.

— Somos apenas duas Aes Sedai — respondeu Elayne, depois de um instante. — Será que não era com Merilille que você deveria ter ido falar?

— Fui orientada até aqui... Aes Sedai. — A pausa foi tão curta que mal se podia notar, mas o título foi acompanhado de um leve tom indagativo.

Elayne se levantou, alisando as saias. Nenhum estranho suspeitaria de que aquele rosto calmo escondia alguma raiva, mas havia um quê de tensão nos cantos dos olhos e da boca.

— Vamos, então? Nynaeve? Aviendha? Birgitte?

— Eu não sou Aes Sedai, Elayne — retrucou Aviendha.

A serviçal logo ressaltou:

— Apenas as Aes Sedai, foi o que me disseram.

— Aviendha e eu podemos dar uma olhada na cidade enquanto vocês conversam

com a Rainha — sugeriu Birgitte, antes que Elayne pudesse abrir a boca.

A Aiel pareceu se animar. Elayne lançou um olhar penetrante para as duas, mas acabou acrescentando, com um suspiro:

— Bem, ao menos tomem cuidado. Nynaeve, você vem ou também quer ir dar uma olhada na cidade? — A última frase saiu meio seca, com mais uma olhadela para Birgitte.

— Ah, eu não perderia isso por nada — rebateu Nynaeve. — Vai ser bom finalmente conversar com alguém que... — Não podia terminar a frase com a criada ali, então apenas disse: — Melhor não deixarmos a Rainha esperando.

— Ah, não — concordou a serviçal. — Melhor não arriscar, já que o preço é alto.

Não importava qual fosse o preço, ainda levaram um tempo atravessando os corredores. Como se para compensar todo o branco lá fora, o Palácio era cheio de cor. Um dos corredores tinha o teto pintado de verde e as paredes de azul, e outro tinha paredes amarelas e o teto rosa-claro. Os ladrilhos do piso eram em forma de diamantes, alguns em variados tons de vermelho, outros de uma combinação em branco e preto, outros em azul e amarelo e em quase qualquer combinação e tom. Havia pouquíssimas tapeçarias, e em geral de cenas marinhas, mas uma boa quantidade de compridos vasos de porcelana dourada do Povo do Mar repousava em nichos arqueados, junto com grandes pedaços de cristal entalhado, estatuetas, vasos e vasilhas — tudo aquilo saltava aos olhos de Nynaeve e também de Elayne.

Claro que havia serviçais apressados por toda parte, e a versão masculina do uniforme era composta de calças brancas e um colete verde bem longo por cima de uma camisa branca com mangas pregueadas e folgadas. Antes que avançassem muito, Nynaeve avistou uma pessoa vindo na direção delas e agarrou o braço de Elayne. Era Jaichim Carridin. Quando ele passou, Nynaeve não conseguiu tirar os olhos do sujeito alto e grisalho, com aqueles olhos profundos e cruéis que sequer se viraram para as duas, o manto branco esparramando-se atrás dele. O rosto estava coberto de suor, mas ele ignorava as gotículas com a mesma ênfase que as ignorou.

— O que ele está fazendo aqui? — indagou Nynaeve.

Aquele homem fora responsável por uma carnificina em Tanchico, e só a Luz sabia por onde mais a matança se espalhara.

A serviçal a encarou, questionadora.

— Ora, os Filhos da Luz também enviaram uma missão diplomática, meses atrás. A Rainha... Aes Sedai? — Outra vez aquela hesitação ao usar o título.

Elayne conseguiu aquiescer com toda a graça e delicadeza do mundo, mas Nynaeve não conseguiu disfarçar a aspereza na própria voz:

— Bem, melhor não a deixar esperando.

Merilille deixara escapar que a tal de Tylin se tratava de uma mulher muito meticulosa e formal. Mas, se também começasse a duvidar de que as duas eram Aes Sedai... bem, Nynaeve estava com o humor certo para provar seu título.

A serviçal as conduziu até um grande aposento de teto azul-claro e paredes

amarelas, e uma sucessão de imensas janelas de arcos triplos dava para uma comprida varanda de ferro, por onde entrava uma brisa marinha bastante agradável. Ao se ver diante da Rainha, Nynaeve e Elayne fizeram suas medidas, ambas apropriadas a uma Aes Sedai diante de um governante: uma inclinação sutil, acompanhada de uma discreta medida com a cabeça.

Tylin era uma mulher das mais imponentes. Da altura de Nynaeve, portava-se com tamanha majestade que Elayne precisaria se esforçar muito para fazer frente a ela, mesmo em seus melhores dias. A mulher deveria ter respondido com uma medida idêntica, mas não o fez. Em vez disso, seus grandes olhos negros a examinaram com uma intensidade imperial.

Nynaeve retribuiu o olhar o melhor que pôde. Ondas de cabelo negro lustroso, já grisalho nas têmporas, pendiam até bem abaixo dos ombros de Tylin, emoldurando o rosto bonito, ainda que com rugas. Para sua surpresa, viu duas cicatrizes nas bochechas da Rainha, ambas muito finas e tão antigas que já tinham quase desaparecido. Claro que ela usava uma daquelas facas curvas enfiada em um cinto de ouro trançado, o punho e a bainha com gemas tão grandes incrustadas que Nynaeve teve certeza de que eram puro exibicionismo. O vestido de seda azul de Tylin não era nada que alguém fosse trajar para um duelo, com babados de renda brancos como a neve que ficavam a ponto de esconder os dedos caso ela abaixasse as mãos. A frente da saia acabava logo acima dos joelhos, expondo camadas de anáguas de seda verde e branca, mas atrás se esparramavam por uma passada ou mais. O corpete, enfeitado com a mesma renda, era tão apertado que Nynaeve não sabia se devia ser mais desconfortável ficar sentada ou de pé com aquilo. Uma gargantilha de ouro trançado sobre a gola alta do vestido, com ainda mais renda acumulando sob o queixo, sustentava uma faca de casamento, com o cabo para baixo, pendendo sobre a fenda oval do decote — um decote tão profundo que rivalizava com qualquer um que ela já vira.

— Vocês duas devem ser Elayne e Nynaeve. — Tylin ocupou uma cadeira entalhada para imitar bambu, ainda que coberta de douraduras, e arrumou as saias com cuidado, sem tirar os olhos das duas. Tinha uma voz profunda, melodiosa e impositiva. — Soube também de uma terceira... Aviendha?

Nynaeve e Elayne se entreolharam. Não houvera nenhum convite para que se sentassem, nem mesmo uma olhada na direção de alguma cadeira.

— Ela não é Aes Sedai — começou Elayne, com toda a calma.

Antes que a jovem pudesse dizer qualquer outra coisa, Tylin se adiantou:

— E vocês são? Você viveu no máximo dezoito invernos, Elayne. E você, Nynaeve, me encarando feito um gato com o rabo preso, viveu quantos? Vinte e dois? Vinte e três, talvez? Ah, que me espetem o fígado! Já visitei Tar Valon, fui à Torre Branca. Duvido que alguma mulher da idade de vocês já tenha usado esse anel de serpente na mão direita.

— Vinte e seis! — retrucou Nynaeve. Depois de viver com boa parte do Círculo

das Mulheres de Campo de Emond a achando jovem demais para ser Sabedoria, tinha adquirido o hábito de se vangloriar de todos os dias do nome que pudesse reivindicar para si. — Tenho vinte e seis e sou uma Aes Sedai da Ajah Amarela. — Ainda sentia uma pontada de orgulho ao dizer aquilo. — Elayne até pode ter dezoito, mas também é Aes Sedai, e da Ajah Verde. Acha que Merilille ou Vandene nos deixariam usar estes anéis de brincadeira? Muita coisa mudou, Tylin. O Trono de Amyrlin, Egwene al’Vere, tem a mesma idade de Elayne.

— Tem, é? — retrucou a Rainha, com a voz neutra. — Não me disseram. Primeiro a Aes Sedai que esteve ao meu lado desde que assumi o trono, e que, antes de mim, aconselhava meu pai, volta para a Torre de repente e sem nenhuma explicação, só depois descubro que os boatos sobre a Torre dividida são verdadeiros... Depois os Devotos do Dragão parecem brotar do chão, então uma Amyrlin é escolhida para se opor a Elaída, e as dissidentes reúnem um exército comandado por um dos grandes capitães, dentro de Altara sem eu nem ficar sabendo... Bem, com tudo isso acontecendo, não se pode esperar que eu vá morrer de amores com essas surpresas.

Nynaeve torcia para que seu rosto não transmitisse o enjoo que sentia. Por que não aprendia a controlar a língua? De repente, percebeu que não conseguia mais sentir a Fonte Verdadeira — a raiva e a vergonha não conviviam muito bem. Bom, talvez fosse melhor assim. Se pudesse canalizar, talvez fizesse ainda mais papel de tola.

Sem nem hesitar, Elayne tomou a iniciativa de pôr panos quentes:

— Sei que já ouviu isto antes, mas me permita acrescentar minhas desculpas às de Merilille e as outras. Foi um erro reunir um exército dentro de suas fronteiras sem sua permissão. Só o que posso lhe oferecer como atenuante é que tudo aconteceu muito rápido e que nós, em Salidar, também acabamos pegas de surpresa com a magnitude de tudo. Não que isso seja desculpa. Posso jurar que não há intenção de fazer nenhum mal a Altara e que nunca tivemos a menor intenção de insultar o Trono dos Ventos. Agora mesmo, enquanto conversamos, Gareth Bryne está conduzindo o exército para o norte, para fora de Altara.

Tylin a encarou sem nem piscar.

— Não ouvi nenhuma palavra de desculpas ou de arrependimento antes das suas. Bem, qualquer governante de Altara deve aprender a engolir insultos de forças mais poderosas, e sem um copo d’água para ajudá-los a descer. — Ela respirou fundo e indicou a cadeira, as rendas das mangas balançando. — Sentem-se, as duas. Apoie-se nas facas e soltem a língua. — O pequeno sorriso que ela abriu parecia prestes a se alargar. — Não sei como dizem isso em Andor. Fiquem à vontade e podem falar o que vier à cabeça.

Nynaeve achou ótimo ver os olhos azuis de Elayne se arregalarem de surpresa, já que ela própria arfou bem alto. Era aquela a mulher que Merilille afirmara exigir cerimônia entalhada em mármore polido? Ficou mais que satisfeita em se sentar.

Considerando todas as correntes que se escondiam entre as Aes Sedai de Salidar, ficou se perguntando se Tylin estaria tentando... bem, tentando o quê? Já passara a esperar que todos que não fossem amigos bem próximos tentassem manipulá-la. Elayne se sentou bem na pontinha da cadeira, muito rija.

— Eu estou falando sério — insistiu Tylin. — Não importa o que as duas disserem, prometo não me ofender.

Ainda assim, a julgar pelo modo como ela tamborilava no punho incrustado da faca presa à cintura, o silêncio poderia ser considerado uma ofensa.

— Não sei bem por onde começar — disse Nynaeve por fim, um tanto hesitante. Preferia que Elayne não tivesse aquiescido ao ouvi-la falar aquilo. Ela é que devia saber como lidar com reis e rainhas. Por que a menina não começava logo a falar?

— Bem, comece contando o porquê — rebateu a Rainha, impaciente. — Por que mais quatro Aes Sedai vieram de Salidar aqui para Ebou Dar? Não pode ser para diminuir a influência da missão diplomática de Elaída, já que Teslyn nem se atreve a se chamar disso, e só vieram ela e Joline... Ah, vocês não sabiam? — Jogando o corpo para trás, na cadeira, a Rainha começou a rir, apertando a mãos contra os lábios. — Vocês pelo menos sabem dos Mantos-brancos, não sabem? — Ela sacudiu a mão livre, como se cortasse o ar diante de si. O arroubo de divertimento foi se amainando aos poucos. — Mas que ousadia dos Manto-brancos! Mas, bem, preciso ouvir a todos que me cortejam, tanto o Lorde Inquisidor Carridin quanto os outros.

— Mas por quê? — indagou Nynaeve. — Fico feliz que você não goste dos Mantos-brancos, mas, nesse caso, por que precisa escutar Carridin? Aquele homem é um carniceiro!

Na mesma hora, soube que cometera outro erro. Soube disso assim que viu o modo como Elayne de repente passou a analisar a enorme lareira branca, com a larga cornija entalhada em ondas altíssimas — a certeza veio antes mesmo que o último vestígio da risada de Tylin se apagasse feito uma vela.

— Bem, vocês de fato me levaram ao pé da letra — afirmou a Rainha, tranquila. — Ora, eu disse para vocês soltarem a língua, então... — Aqueles olhos escuros se voltaram para os ladrilhos do piso, e ela pareceu se recompor.

Em busca de alguma pista do que fizera de errado — ou melhor, de como consertar as coisas —, Nynaeve olhou para Elayne, que apenas a encarou de soslaio e balançou a cabeça bem de leve, antes de voltar a analisar as ondas de mármore. Será que também deveria evitar olhar para Tylin? Mas a Rainha, ainda encarando o chão, fez algo que lhe chamou a atenção: com uma das mãos, alisou o punho da adaga curva enquanto, com a outra, correu os dedos pelo punho da arma menor, aninhada entre os seios.

A faca de casamento dizia muito sobre Tylin. Vandene e Adeleas tinham se mostrado mais que dispostas a explicar algumas coisas sobre Ebou Dar, em geral os aspectos que faziam a cidade parecer pouco segura para qualquer um que não andasse cercado por dez guardas em armaduras. A bainha branca indicava que a

Rainha ficara viúva e não pretendia voltar a se casar, enquanto as quatro pérolas e a gota de fogo incrustada no punho da arma, envolto em ouro, indicavam que ela dera à luz quatro filhos e uma filha. Por sua vez, o esmalte branco que amparava a gota de fogo e o esmalte vermelho em três das pérolas salientavam que apenas um dos filhos sobrevivera — e todos tinham pelo menos dezesseis anos quando morreram em algum duelo, ou as joias estariam amparadas em esmalte preto. Como seria carregar aquela lembrança o tempo todo? Vandene dissera que as mulheres viam o esmalte vermelho e o branco como motivo de orgulho, fossem para amparar pérolas, gotas de fogo ou vidro colorido. Vandene ainda dissera que muitas mulheres removiam as pedras dos filhos com mais de dezesseis anos que se recusavam a duelar e nunca mais sequer dirigiam a palavra a eles.

Depois de um bom tempo, Tylin ergueu a cabeça. Estava com o rosto tranquilo, e a mão soltou a adaga no cinto. Ainda assim, ela não parou de dedilhar a faca de casamento, distraída.

— Quero que meu filho me suceda no Trono dos Ventos — comentou, em tom ameno. — Beslan tem a sua idade, Elayne. Esse seria o curso normal das coisas em Andor, embora ele tivesse que ser mulher... — Ela abriu um sorriso sincero, parecendo achar aquilo divertido. — E seria assim em qualquer outra terra, exceto Murandy, onde as questões são bem parecidas com Altara. Nos mil anos que se passaram desde o reinado de Artur Asa-de-gavião, apenas uma Casa ocupou o trono por cinco gerações, e a queda de Anarina foi tão abrupta que, até hoje, a Casa Todande lambe as botas de qualquer um que deixe. Nenhuma outra Casa jamais teve mais do que dois governantes em sequência.

“Quando o meu pai assumiu o trono, havia Casas com mais posses pela cidade do que os Mitsobar. Se ele saísse deste palácio sem guardas, seria amarrado numa saca cheia de pedras e jogado no rio. Quando ele morreu, deixou para mim tudo o que tenho hoje. É pouco, em comparação com outros governantes. Um homem com cavalos descansados conseguiria atingir os limites de meus domínios em apenas um dia de cavalgada intensa. Bem, mas não fiquei aqui parada sem fazer nada. Quando chegaram as notícias sobre o Dragão Renascido, tive certeza de que poderia entregar o dobro do que possuo a Beslan e deixar ainda mais aliados para ele. A Pedra de Tear e *Callandor* mudaram tudo. Agora, agradeço a Pedron Niall quando ele faz algum acordo para que Illian tome apenas uma faixa de cem milhas do território de Altara, em vez de nos invadir de vez. Recebo Jaichim Carridin sem cuspir na cara dele, a despeito dos muitos altaranos que morreram na Guerra dos Mantos-brancos. Escuto Carridin, Teslyn e Merilille e rezo para que com isso ainda me reste algo para passar ao meu filho, em vez de acabar afogada na banheira do meu quarto no mesmo dia em que Beslan sofrer um acidente fatal durante uma caçada.”

Tylin respirou fundo. Seu rosto permanecia calmo, mas a voz saía cortante.

— Chega. Já me expus como se estivesse com os seios nus no mercado de peixe. Agora me respondam: por que essa honra de receber mais quatro Aes Sedai?

— Estamos aqui atrás de um *ter'angreal* — respondeu Elayne. Nynaeve a encarou, perplexa, mas a jovem contou tudo, desde *Tel'aran'rhiod* até os detalhes sobre a poeira que cobria a sala onde estava a tigela.

— Ah, acertar o clima seria uma bênção, um milagre — divagou Tylin, hesitante. — Mas parece que vocês estão descrevendo o bairro Rahad, do outro lado do rio. Até a Guarda Civil pisa em ovos por lá. Me perdoem, entendo que vocês sejam Aes Sedai, mas, se forem ao Rahad, podem acabar com uma faca enterrada nas costas em um piscar de olhos. E, se as suas roupas forem de boa qualidade, eles vão usar uma lâmina bem estreita para não sangrar muito. Talvez seja melhor deixar essa busca a cargo de Vandene e Adeleas. Acho que elas já viveram alguns anos a mais, já andaram por lugares desse tipo.

— Elas falaram alguma coisa sobre a tigela?! — questionou Nynaeve, franzindo o cenho, mas a Rainha fez que não com a cabeça.

— Só disseram que estavam aqui procurando alguma coisa. As Aes Sedai nunca dizem mais que o estritamente necessário. — Mais uma vez aquele sorriso. Ela parecia feliz, embora o sorriso deixasse suas cicatrizes mais evidentes, linhas finas lhe cortando as bochechas. — Isso era o que eu pensava antes de conhecer vocês duas. Que os anos não as transformem tanto assim. Sempre me pego pensando em como seria bom se Cavandra não tivesse voltado para a Torre, a gente conseguia ter essas conversas bem francas. — Ela se levantou, mas gesticulou para que as duas permanecessem sentadas, então foi até o outro lado da sala, golpeando um gongo de prata com um martelo de marfim. O badalar foi bem alto para um cilindro tão pequeno. — Vou mandar trazer chá de menta fresco, aí podemos conversar. E vocês vão me dizer como posso ajudar. Se eu enviar soldados para o Rahad, vai ser pior que os Motins do Vinho. E quem sabe vocês até possam me explicar por que a baía está cheia de navios do Povo do Mar, mas eles nunca atracam nem fazem comércio...

As três passaram um bom tempo entre chá e conversas, principalmente sobre os perigos em Rahad e o que Tylin não poderia fazer por elas. Acabaram convocando Beslan, um jovem tranquilo que se curvou respeitosamente e as encarou com seus belos olhos negros. O garoto até pareceu aliviado quando a mãe disse que ele podia sair. Beslan não duvidou nem por um momento de que elas fossem Aes Sedai. Depois de um tempo, as duas atravessaram outra vez os corredores coloridos no caminho de volta para seus aposentos.

— Então elas também querem assumir a busca — murmurou Nynaeve, olhando de um lado para o outro, querendo se certificar de que não havia serviçais perto o bastante para ouvir. Tylin ficara sabendo de muito e bem rápido. E não importava quanto sorrisse: estava contrariada com a presença das Aes Sedai em Salidar. — Elayne, acha que foi mesmo inteligente contar tudo para ela? Talvez ela ache que a melhor maneira de garantir que o garoto assuma o trono é nos deixar encontrar a tigela e depois contar para Teslyn.

Ainda se lembrava um pouco de Teslyn, uma Vermelha muito desagradável.

— Eu sei como a minha mãe se sentia a respeito das Aes Sedai viajando por Andor sem avisar ou falar o que estavam fazendo. E sei como eu me sentiria. Além do quê, finalmente me lembrei do que aprendi sobre aquela frase de se apoiar na faca e tudo mais. A única maneira de insultar quem lhe disse aquilo é contar uma mentira. — Ela empinou o nariz de leve. — Quanto a Vandene e Adeleas... bem, elas acham que assumiram o controle. Rahad pode até ser um lugar perigoso, mas não consigo pensar em nada pior que Tanchico, e não teremos que nos preocupar com a Ajah Negra aqui. Aposto que já teremos a tigela daqui a dez dias, e que também já vou saber o que permite que o *ter'angreal* de Mat faça o impossível e que já estaremos voltando para Egwene com ele levando a mão à testa tão rápido quanto Mestre Vanin. E Vandene e Adeleas ainda vão estar aqui com Merilille e Teslyn tentando descobrir o que aconteceu.

Nynaeve não conseguiu conter a gargalhada. Um serviçal magrelo que endireitava um vaso imenso de porcelana dourada a encarou, e ela mostrou a língua para o sujeito. O homem quase deixou o vaso cair.

— Não entro nessa aposta, tirando a parte de Mat. Dez dias, então.





O ESPELHO DE BRUMAS

Rand, muito satisfeito, baforava o cachimbo, sentado sem o casaco, apoiado em uma das colunas brancas e delgadas que rodeavam o pequeno pátio oval enquanto assistia à água que borrifava na fonte de mármore à frente, as gotas cintilando feito gemas à luz do sol. Como era de manhã, ainda havia uma sombra agradável naquele trecho do pátio. Até Lews Therin estava quieto.

— Tem certeza de que não vai reconsiderar a ida para Tear?

Sentado contra a coluna ao lado e também sem casaco, Perrin soprou dois anéis de fumaça e encheu outra vez o cachimbo, um trambolho muito ornamentado entalhado com cabeças de lobo.

— E as visões de Min?

Rand tentou fazer seu próprio anel de fumaça, mas se atrapalhou dando um grunhido amargo, o que resultou em uma mera baforada. Min não tinha o direito de mencionar aquilo onde Perrin poderia ouvir.

— Quer mesmo ficar amarrado no meu cinto, Perrin?

— O que eu quero não parece contar muito desde que conhecemos Moiraine, lá em Campo de Emond — retrucou o amigo, seco. Ele suspirou. — Você é quem é, Rand. Se você cair, tudo vem abaixo.

Ele se inclinou para a frente e franziu o cenho, encarando uma porta larga atrás das colunas, à esquerda dos dois.

Um longo instante depois, Rand ouviu passos naquela direção — passos pesados demais para serem de algum humano. A figura corpulenta que se agachou ao passar pela porta e veio caminhando a passos largos até o pátio tinha mais que o dobro da altura da serviçal que quase corria para acompanhar as pernas compridas do Ogier.

— Loial! — exclamou Rand, levantando-se de um pulo. Ele e Perrin chegaram ao Ogier ao mesmo tempo. O sorriso na boca larga de Loial quase dividia o enorme

rosto em dois. O casaco comprido que chegava a cobrir o topo das botas de abas dobradas que iam até o joelho ainda estava empoeirado da viagem. Os bolsos enormes também estavam salientes, cheios de formas quadradas. Loial nunca ficava longe dos livros. — Tudo bem com você?

— Você parece cansado — comentou Perrin, conduzindo o Ogier até a fonte. — Sente-se aí na beirada.

Loial se deixou levar, mas as longas sobrancelhas que pendiam do rosto e as orelhas cheias de tufos tremeram, meio atrapalhadas, enquanto ele olhou de um para o outro. Sentado, era tão alto quanto Perrin de pé.

— Tudo bem? Cansado? — A sua voz era um estrondo. — Claro que estou bem. E, se estou cansado, é porque andei bastante. Preciso admitir que voltar a andar com meus próprios pés foi ótimo. Sempre dá para saber aonde nossos pés estão nos levando; com um cavalo, nunca dá para ter certeza. Bem, seja como for: meus pés são mais rápidos. — De repente, ele deixou escapar uma gargalhada ensurdecadora. — Ah, Perrin, você me deve uma coroa de ouro, Perrin. Você e seus dez dias! Aposto outra coroa que você não chegou aqui mais do que cinco dias antes de mim.

— Você vai ganhar a sua coroa — respondeu Perrin, com uma risada. Então, se virou para Rand: — Gaul o corrompeu. Loial agora joga dados e aposta em corridas de cavalo, mesmo mal conseguindo diferenciar um bicho do outro.

O comentário deixou as orelhas de Loial vibrando de indignação. Rand sorriu. Loial sempre vira os cavalos sob uma luz meio duvidosa — o que não era de se surpreender, já que tinha pernas mais compridas que as de qualquer equino.

— Tem certeza de que está tudo bem, Loial?

— Encontrou o *pouso* abandonado? — indagou Perrin, com o cachimbo na boca.

— Ficou lá por tempo o bastante?

— Do que vocês dois estão falando? — Loial franziu o cenho de um jeito que fazia as extremidades das sobrancelhas descerem até as bochechas. — Só queria voltar a ver um *pouso*, sentir um... Já estou pronto para mais dez anos.

— Não é o que a sua mãe diz — contestou Rand, sério.

Loial se levantou antes mesmo de Rand terminar a frase, olhando para todos os lados, as orelhas apontadas para trás, tremelizando.

— Minha mãe? Aqui? Ela está aqui?

— Não, não está — tranquilizou-o Perrin. As orelhas de Loial ficaram flácidas de alívio. — Mas parece que ela está em Dois Rios. Ou pelo menos estava, um mês atrás. Rand fez um truque dele para viajar por aí, levando sua mãe e o Ancião Haman... Qual é o problema?

Quando ouviu o nome do Ancião Haman, Loial, que já estava tornando a se sentar, ficou paralisado, os joelhos ainda meio dobrados. De olhos fechados, ele se abaixou o que restava até a beira da fonte, bem devagar.

— O Ancião Haman — murmurou, esfregando o rosto com a mão de dedos grossos. — O Ancião Haman e minha mãe... — Ele olhou para Perrin. Então para

Rand. Baixou a voz, ou ao menos o fez para os padrões Ogier. Ainda soava como um zangão gigante zumbindo dentro de um garrafão quando perguntou, em um tom falsamente despreocupado: — Tinha mais alguém com eles?

— Sim, uma jovem Ogier chamada Erith — respondeu Rand. — Você... — Mas foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Com um gemido, Loial se levantou de um salto. Os serviçais enfiaram as cabeças para dentro das portas e janelas, querendo descobrir a origem daquele barulho tão alto, mas desapareceram de volta quando viram Rand. Loial começou a andar de um lado a outro, as orelhas e sobrancelhas tão caídas que ele parecia estar derretendo.

— Uma esposa... — balbuciou. — Não pode ser outra coisa, não com mamãe e o Ancião Haman. Uma esposa! Sou jovem demais para me casar! — Rand escondeu um sorriso atrás de uma das mãos. Loial podia até ser jovem para um Ogier, mas isso significava que tinha pelo menos mais de noventa anos. — Ela vai me arrastar de volta para o Pouso Shangtai. Sei que não vai me deixar viajar com vocês, e ainda estou longe de juntar anotações suficientes para meu livro. Ah, Perrin, pode rir. Faile faz tudo o que você manda. — Perrin se engasgou com a fumaça do cachimbo e resfolegou até Rand dar um tapa em suas costas. — Mas é diferente com o meu povo — explicou Loial. — Não fazer o que a esposa manda é considerado rude, *muito* rude. Sei que ela vai me fazer trabalhar em algo mais seguro e respeitável, como cantar para as árvores ou... — Ele franziu o cenho e parou de andar. — Você disse Erith? — Rand assentiu. Perrin parecia estar recuperando o fôlego, mas encarava Loial com uma espécie de prazer malévolo. — Erith, filha de Iva, filha de Alar? — Rand assentiu outra vez, e Loial tornou a se sentar na fonte. — Mas eu a conheço. Você se lembra dela, Rand. Nós a conhecemos no Pouso Tsofu.

— Isso era o que eu estava tentando lhe dizer — respondeu Rand, com toda a paciência e uma boa dose de bom humor. — Foi aquela que falou que você era bonito. E que lhe deu uma flor, se me lembro bem.

— Ah, pode ter falado. — murmurou Loial, na defensiva. — Pode ter falado, mas não me lembro. — Mesmo alegando aquilo, a mão foi inconscientemente tatear um bolso do casaco cheio de livros, e Rand podia apostar que ele guardara a flor entre alguma daquelas páginas. O Ogier pigarreou, produzindo um estrondo profundo. — Erith é muito bonita. Nunca vi ninguém tão linda. E inteligente. Ela ficou escutando com toda a atenção quando expliquei a teoria de Serden. Serden, filho de Kolom, filho de Radlin... ele escreveu sua teoria há cerca de seiscentos anos. E, quando expliquei a teoria de como os Caminhos... — Ele parou de falar, como se tivesse acabado de notar os sorrisos largos dos dois. — Bem, ela ouviu. Com atenção. Estava muito interessada.

— Com certeza estava — concordou Rand, evasivo.

Aquela menção aos Caminhos o fez pensar: quase todos os Portais dos Caminhos ficavam perto de *pousos*, e se o que a mãe de Loial e o Ancião Haman diziam fosse verdade, Loial precisava estar em um *pouso* — bem, Rand não poderia levá-lo para

dentro de um por meio de um portão, já que, assim como não se podia canalizar dentro de um *pouso*, também não dava para chegar lá canalizando.

— Escute, Loial. Quero colocar guardas em todos os Portais dos Caminhos. Para isso, preciso de alguém que possa encontrá-los, mas que também seja capaz de conversar com os Anciões e conseguir a permissão deles.

— Luz — grunhiu Perrin, desanimado. Deu tapinhas para esvaziar o cachimbo e, com o calcanhar da bota, amassou o resto de tabaco no paralelepípedo do pátio. — Luz! Você manda Mat ir atrás das Aes Sedai, quer me enfiar no meio de uma guerra de Sammael com algumas centenas de homens de Dois Rios, alguns inclusive conhecidos seus, e agora quer mandar Loial embora, sendo que ele acabou de chegar? Que o queime, Rand! Olhe só para ele! Loial precisa descansar. Tem alguém que você não vá usar? Não quer que Faile vá caçar Moghedien ou Semirhage? Luz!

A raiva brotou dentro de Rand, uma tempestade que o fez tremer. Aqueles olhos amarelos o encaravam, carrancudos, mas ele rebateu feito um trovão:

— Vou usar quem for preciso. Você mesmo falou: eu sou o que sou. E estou me usando, Perrin, porque é preciso. Estou me usando assim como vou usar qualquer um que for preciso. Não tenho mais escolha. Ninguém tem: nem eu, nem você, nem ninguém!

— Rand, Perrin — murmurou Loial, preocupado. — Fiquem calmos. Não briguem. Não quero vocês brigando. — A mão do tamanho de um pernil de porco deu um tapinha desajeitado no ombro de cada um. — Vocês dois deveriam ir descansar em um *pouso*. São lugares muito tranquilos, muito relaxantes.

Rand encarou Perrin, que o encarava de volta. Ainda sentia a raiva, os lampejos e relâmpagos numa tempestade que não se dissiparia. Ao longe, os resmungos de Lews Therin de vez em quando ribombavam.

— Me desculpem — pediu, baixinho.

Perrin gesticulou, talvez sinalizando que não havia nada pelo que se desculpar, talvez aceitando, mas não ofereceu um pedido de desculpas. Em vez disso, virou a cabeça de volta para as colunas, na direção da porta por onde Loial entrara. Mais uma vez passaram-se alguns momentos antes que Rand ouvisse alguém se aproximando.

Min adentrou o pátio em uma carreira desabalada. Ignorando Loial e Perrin, ela tomou Rand pelos braços.

— Elas estão vindo — ofegou. — Já estão a caminho.

— Calma, Min — falou Rand. — Acalme-se. Eu estava começando a achar que todas estavam de cama que nem... como foi que você disse que ela se chamava? Demira?

Na verdade, sentia um alívio considerável com a vinda das mulheres, embora os queixumes e as risadas de Lews Therin tivessem aumentado com a simples menção das Aes Sedai. Merana passara três dias indo ao castelo, tão regular quanto a arte dos melhores relojoeiros e sempre acompanhada de duas irmãs, mas as visitas tinham

cessado cinco dias antes sem nenhuma explicação. Min não fazia ideia de por quê. Rand andara preocupado que elas tivessem se ofendido com suas ordens e planejassem ir embora.

Mas Min ainda o fitava, parecendo angustiada. Percebeu que ela estava tremendo.

— Me escute! São sete, não três, e não me mandaram vir pedir permissão ou informar você ou nada disso. Escapei de lá antes delas e vim a galope com Rosa. Elas querem entrar no Palácio antes que você perceba que estão aqui. Ouvi Merana falando com Demira quando não sabiam que eu estava por preto. Pretendem chegar ao Grande Salão primeiro, para que você tenha que ir ao encontro delas.

— Acha que pode ser a sua visão? — conjecturou, ainda calmo.

Min tinha dito que mulheres capazes de canalizar iam feri-lo. *São sete!*, sussurrou Lews Therin, rouco. *Não! Não! Não!* Rand o ignorou. Não havia muito mais que pudesse fazer.

— Não sei — respondeu Min, aflita. Rand ficou surpreso em perceber que o brilho em seus olhos escuros era resultado de lágrimas contidas. — Acha que eu não diria se soubesse? Só sei que elas estão vindo e que...

— E que não há nada a temer — interrompeu Rand, com firmeza.

As Aes Sedai deviam ter mesmo a assustado, para ela estar a ponto de chorar. *Sete*, gemeu Lews Therin. *Não consigo enfrentar sete, não de uma vez. Sete, não.* Rand pensou no *angreal* do homenzinho gordo, e a voz esmaeceu até os murmúrios, mas ainda parecia incomodada. Pelo menos Alanna não era uma delas. Rand podia senti-la a alguma distância, parada — ou pelo menos sem avançar em sua direção. Não tinha certeza se ousaria ficar cara a cara com ela outra vez.

— Mas também não temos tempo a perder — completou. — Jalani?

A jovem Donzela de bochechas rechonchudas surgiu tão de repente de trás de uma coluna que Loial ficou de orelha em pé. Min pareceu finalmente se dar conta da presença do Ogier e de Perrin. E também se assustou.

— Jalani, diga a Nandera que estou indo para o Grande Salão, onde espero as Aes Sedai daqui a pouco.

A mulher tentou manter uma expressão tranquila, mas o sorriso satisfeito fez suas bochechas parecerem ainda mais cheias.

— Bernalna já foi informar Nandera, *Car'a'carn*.

Ao ouvir o título, as orelhas de Loial tremeluziram de surpresa.

— Então poderia ir dizer para Sulin me encontrar nos quartos de vestir atrás do Grande Salão e levar meu casaco? E o Cetro do Dragão.

Jalani abriu um largo sorriso.

— Sulin já saiu correndo com o vestido de aguacenta, indo mais rápido que uma égua de focinho cinza que se sentou em espinhos de *segade*.

— Nesse caso, pode levar meu cavalo para o Grande Salão.

A jovem Donzela ficou boquiaberta, ainda mais quando Perrin e Loial se curvaram de tanto rir.

Min socou suas costelas, fazendo-o soltar um grunhido.

— Isso não é motivo para brincadeiras, seu fazendeiro cabeça dura! Merana e as outras estavam se enrolando nos xales como se estivessem vestindo armaduras. Agora preste atenção: vou ficar de lado, atrás das colunas, de modo que você possa me ver e elas não. Aí, se eu vir alguma coisa, faço um sinal.

— Você vai ficar aqui com Perrin e Loial — retrucou ele. — Não sei que tipo de sinal você poderia fazer que eu entendesse, e se elas a virem, vão saber que você me avisou. — Min olhou feio para ele com as mãos nos quadris, aquela postura típica das mulheres irritadas. — Min?

Para sua surpresa, ela suspirou e respondeu:

— Está bem, Rand — disse, com voz mansa.

Vinda dela, aquela obediência o deixava tão desconfiado quanto se tivesse vindo de Elayne ou Aviendha, mas, se quisesse estar no Grande Salão antes de Merana, não tinha tempo de ficar conjecturando. Aquiescendo, esperou não aparentar toda a insegurança que sentia.

Enquanto se perguntava se não deveria ter pedido a Perrin e Loial que a mantivessem ali — Min teria adorado —, Rand foi depressa até os quartos de vestir atrás do Grande Salão, com Jalani em seus calcanhares, ainda resmungando querendo saber se o cavalo fora ou não brincadeira. Sulin já estava lá, estendendo um casaco vermelho com bordados em ouro e o Cetro do Dragão. A ponta de lança gerou um grunhido de aprovação, embora ela sem dúvida a teria achado mais aceitável sem as borlas verdes e brancas, com uma haste de tamanho apropriado e sem entalhes. Rand tateou para se assegurar que o *angreal* estava no bolso. Estava. Enfim respirou com mais tranquilidade, apesar de Lews Therin ainda ofegar de ansiedade.

Rand atravessou correndo o quarto de vestir com painéis de leões e adentrou o Grande Salão, só para descobrir que todos tinham sido tão rápidos quanto Sulin. Bael, de braços cruzados, se assomava ao lado do estrado do trono, e Melaine estava de pé no outro lado, ajustando o xale escuro com toda a calma. Agachadas sobre um dos joelhos e sob o olhar vigilante de Nandera, cem ou mais Donzelas no traje completo, com as lanças, os broquéis, arcos de chifre cobertos às costas e aljavas cheias nas cinturas, formavam filas a partir de todas as portas. Só os olhos despontavam acima dos véus negros. Jalani correu para se juntar a uma das filas. Por trás delas, mais Aiel atulhavam-se em meio às espessas colunas, tanto homens quanto Donzelas, apesar de nenhum parecer estar armado com mais que as facas de lâminas pesadas. Ainda assim, havia vários rostos soturnos — não deviam estar vendo com bons olhos a ideia de um confronto com as Aes Sedai, e não por medo do Poder. Não importava o que Melaine e as Sábias dissessem a respeito das mulheres da Torre, quase todos os Aiel ainda tinham o antigo fracasso de seu povo muito vivo na memória.

Bashere não estava presente, claro — ele e a esposa estavam em um dos campos

de treinamento —, assim como nenhum dos nobres andorianos que andavam em grupos pelo Palácio. Rand tinha certeza de que Naeen, Elenia, Lir e todo aquele pessoal tinham ficado a par daquela assembleia assim que os preparativos começaram — eles nunca perdiam uma audiência do trono, a menos que Rand os mandasse embora. Sua ausência só poderia indicar que, enquanto estavam a caminho do Grande Salão, também tinham descoberto o motivo. O que significava que as Aes Sedai já estavam no Palácio.

De fato, assim que Rand se sentou no Trono do Dragão com o Cetro em seus joelhos, a Senhora Harfor entrou às pressas, nervosa, o que era bastante incomum para ela. Encarando Rand e todos os Aiel com a mesma perplexidade, anunciou:

— Mandeí serviçais para todos os lados atrás de você. Tem Aes Sedai... — Foi tudo o que ela conseguiu dizer antes que sete Aes Sedai surgissem diante das enormes portas duplas.

Rand sentiu Lews Therin tentando buscar *saidin* e tocar o *angreal*, mas assumiu o controle da situação, agarrando a torrente furiosa de fogo e gelo, imundície e doçura, com tanta força quanto segurava o pedaço de lança Seanchan.

Sete, balbuciou Lews Therin, sombrio. *Eu mandei virem só três, e vieram sete. Preciso ser cauteloso. Sim. Cauteloso.*

Quem mandou vir três foi eu, Lews Therin, retrucou Rand. *Eu! Rand al'Thor!* A voz ficou em silêncio, mas os resmungos distantes não tardaram a recomeçar.

Alternando o olhar entre Rand e as sete mulheres nos xales com franjas, a Senhora Harfor pareceu decidir que ali no meio não era lugar para se estar. As Aes Sedai receberam a primeira reverência, e Rand ficou com a segunda, então, em uma excelente demonstração de calma, a mulher caminhou até uma das laterais da porta. Porém, quando as Aes Sedai entraram e se alinharam uma ao lado da outra, a Senhora Harfor acabou deslizando para fora com um leve quê de pressa.

Em cada uma das suas três visitas, Merana trouxera Aes Sedai diferentes, e Rand reconheceu todas — menos uma —, de Faeldrin Harella, na extrema direita, com o cabelo escuro preso em uma profusão de trancinhas finas trabalhadas com contas de cores brilhantes, à robusta Valinde Nathenos, na extrema esquerda, usando o xale de franjas brancas e o vestido também branco. Todas usavam as cores das suas Ajahs. Rand sabia quem devia ser a única que não reconheceu: a mulher bela e graciosa de pele morena e vestido de seda bronze só podia ser Demira Eriff, a irmã Marrom que Min dissera estar de cama. Mas ela estava de pé bem no centro da fila, um passo à frente das outras, enquanto Merana se punha entre Faeldrin e a rechonchuda Rafela Cindal, com seu rosto redondo, que parecia ainda mais séria do que durante o encontro em que viera com Merana, seis dias antes. Todas pareciam muito sérias.

Elas hesitaram um momento e o encararam, impassíveis, ignorando os Aiel. Então deslizaram para a frente, primeiro Demira, depois Seonid e Rafela, então Merana e Masuri — uma ponta de flecha apontada diretamente para Rand. Não precisou do formigamento na pele para saber que tinham abraçado *saidar*. A cada passo, elas

pareciam mais altas.

Então elas acham que vão me impressionar com o Espelho de Brumas? A risada incrédula de Lews Therin foi se dissipando até minguar em risinhos ensandecidos. Rand não precisava de explicação: já vira Moiraine fazer algo parecido, e Asmodean também chamara aquilo de Espelho de Brumas — assim como de Ilusão.

Melaine mexeu no xale, irritada, e fungou alto com desdém, mas Bael parecia prestes a enfrentar sozinho uma investida de centenas. Pela sua expressão, não pretendia recuar, mas também não esperava nenhum resultado positivo. Aliás, algumas Donzelas se agitaram, até que Nandera as olhou feio por cima do véu. Isso não fez cessar o discreto ruído de pés Aiel se movendo inquietos em meio às colunas.

Demira Eriff começou a falar, e ficou bem claro que aquilo também envolvia canalização. Ela não gritou, mas sua voz preencheu o Grande Salão, parecendo vir de todos os lados.

— Dadas as circunstâncias, chegamos ao consenso de que eu deveria falar por todas. Hoje não viemos com a intenção de lhe fazer mal algum, mas as restrições que aceitamos antes para que você se sentisse seguro agora serão refutadas. Você obviamente não aprendeu a ter o devido respeito pelas Aes Sedai, mas agora precisa aprender. Daqui em diante, passaremos a ir e vir conforme nossa vontade, mas ainda o manteremos informado com certa antecedência, se nos aprouver, quando quisermos falar com você. Os vigias Aiel posicionados em volta de nossa estalagem serão removidos, e ninguém deve nos vigiar nem seguir. Qualquer futuro insulto à nossa dignidade será punido, embora devemos considerar aqueles a quem devemos punir como crianças, sendo você o responsável pela dor que sofrerem. É assim que deve ser; é assim que será. Saiba que somos Aes Sedai.

Quando aquela longa ponta de flecha parou diante do trono, Rand notou que Melaine o encarava de cenho franzido, sem dúvida se perguntando se ele estaria impressionado. E, se não tivesse alguma noção do que estava acontecendo, ele com certeza estaria, e mesmo assim não podia afirmar com certeza que não estava um pouco impressionado, no fim das contas. As sete Aes Sedai pareciam duas vezes mais altas que Loial, talvez até mais, as cabeças a quase meio caminho do teto abobadado, com suas janelas de vitrais coloridos. Fria e impassível, Demira o encarava como se pensasse se o agarrava ou não com uma das mãos, que parecia grande o bastante.

Rand se forçou a continuar reclinado, em uma postura muito tranquila e casual, estreitando os lábios ao perceber que aquilo lhe demandava certo esforço, ainda que nada tão grande. Lews Therin ainda se mantinha distante, mas gritava algo sobre não esperar, sobre atacar ali mesmo. Demira enfatizara algumas palavras, como se ele devesse compreender seu significado. Dadas quais circunstâncias? Elas tinham aceitado as restrições antes, por que aquilo de repente virara uma falta de respeito? Por que as Aes Sedai tinham decidido de uma hora para a outra que, em vez de

precisar fazer com que ele se sentisse seguro, podiam ameaçá-lo?

— As emissárias da Torre em Cairhien aceitam essas mesmas restrições e não parecem ofendidas. — Bem, pelo menos não muito. — E, em vez de ameaças vagas, me oferecem presentes.

— Não somos elas. Elas não estão aqui. Nós não vamos comprá-lo.

O desdém na voz de Demira foi como um tapa. As articulações dos dedos de Rand doíam pela força com que ele agarrava o Cetro do Dragão. A raiva que sentia era um eco da de Lews Therin, e ele de repente notou que o homem voltava a tentar agarrar a Fonte.

Que o queime!, pensou Rand. Pensou em criar uma blindagem sobre elas, mas Lews Therin se pronunciou, ofegante e quase em pânico.

Não há força o bastante. Mesmo com o angreal, talvez não haja força o bastante. Não para deter sete delas. Seu tolo! Você esperou tempo demais! É perigoso demais!

Criar uma blindagem de fato exigia uma boa dose de força. Com o *angreal*, Rand estava convencido de que conseguiria lidar com as sete, mesmo já abraçadas a *saidar*. Mas se ao menos uma delas conseguisse quebrar a blindagem... Ou mais de uma. Queria impressioná-las com sua força, não oferecer uma chance de superá-lo. Bem, havia outra maneira: tecendo Espírito, Fogo e Terra com todo o cuidado, investiu quase como se fosse de fato criar uma barreira.

O Espelho de Brumas das Aes Sedai se estilhaçou. De repente, tudo o que havia diante dele eram sete mulheres normais e estupefatas. Mas o choque logo se dissipou por detrás da fachada de tranquilidade Aes Sedai.

— Você ouviu nossas exigências — afirmou Demira, com a voz normal, mas ainda impositiva, como se nada tivesse acontecido. — Esperamos que sejam cumpridas.

Rand as encarou, surpreso. O que precisava fazer para mostrar que não seria intimidado? *Saidin* rugia dentro dele, uma fúria em ebulição. Não ousava soltá-lo. Lews Therin gritava feito um maníaco, tentando se agarrar à Fonte, tirá-la de suas mãos. Rand fazia de tudo para continuar firme. Então se levantou, bem devagar. Com a altura adicional do estrado, erguia-se acima delas. Sete rostos de Aes Sedai inabaláveis levantaram os olhos para ele.

— As restrições estão mantidas — avisou, tranquilo. — E tenho mais outra exigência: de agora em diante eu é que espero ver o respeito que mereço. Eu sou o Dragão Renascido. Estão dispensadas. Esta audiência acabou.

Durante o tempo de quase dez batidas do coração, as mulheres permaneceram ali, sem nem piscar, como se quisessem demonstrar que não dariam um único passo para lhe obedecer. Então Demira assentiu, em um movimento minúsculo, e se virou. Quando passou por Seonid e Rafela, as duas a seguiram, e as outras também, uma de cada vez, todas deslizando suavemente e sem pressa, percorrendo os ladrilhos vermelhos e brancos até saírem do Grande Salão.

Rand desceu do estrado enquanto as mulheres ainda desapareciam corredor

adentro.

— O *Car'a'carn* lidou bem com elas — opinou Melaine, alto o bastante para ser ouvida de todos os cantos. — É preciso ser duro com as Aes Sedai para elas aprenderem o que é honra, mesmo que isso as faça chorar.

Bael não conseguia esconder o desconforto por ouvir falarem daquele jeito sobre Aes Sedai.

— Será que também não é assim que se deve lidar com as Sábias? — indagou Rand, abrindo um sorriso.

Melaine baixou a voz e mexeu no xale, irritada.

— Não seja tolo, Rand al'Thor.

Bael deu uma risadinha, o que fez a esposa cravar os olhos nele. Bem, pelo menos Rand conseguira arrancar uma risada. Ainda assim, não achou muita graça na própria piada, e não só por causa da proteção do Vazio. Quase queria ter deixado Min comparecer. Havia muitas jogadas ocultas por ali, muito que ele não conseguia compreender, e temia que houvesse ainda outras que ele sequer percebia. O que aquelas mulheres queriam de verdade?

* * *

Min fechou a pequena porta do quarto de vestir, recostou-se em um painel de parede escuro com um leão entalhado e respirou bem fundo. Faile fora buscar Perrin para tratar de alguma coisa, e apesar de Loial ter protestado, alegando que Rand queria que ela ficasse ali, o Ogier acabara sucumbindo a seu argumento de que Rand não tinha o direito de obrigá-la a fazer o que fosse. Era óbvio que, se Loial tivesse alguma noção do que ela pretendia fazer, talvez tivesse tentado segurá-la — com toda a gentileza, claro — e ficado no pátio lendo para ela.

A questão era que, mesmo tendo ouvido tudo, não vira muita coisa além das Aes Sedai se agigantando diante do trono e do estrado. Deviam estar canalizando, o que em geral obscurecia as imagens e auras, mas Min ficara tão pasma que sequer teria percebido se houvesse alguma imagem para ver. Quando enfim se recompôs, as Aes Sedai já estavam menores, e a voz de Demira não vinha mais de todas as direções.

Min começou a pensar, desesperada, mordiscando o lábio inferior. Até onde via, tinha dois problemas, e o primeiro era Rand e suas exigências de respeito, o que quer que ele quisesse dizer com aquilo. Se esperava que Merana fosse fazer medidas até enterrar a cabeça no chão, teria que esperar sentado. Depois do que ele fizera, elas decerto estariam zangadas. Devia haver alguma maneira de pôr panos quentes, só precisava saber como. O segundo problema eram as Aes Sedai. Rand parecia achar que aquilo era alguma espécie de rompante que ele conseguiria aplacar caso se posicionasse com firmeza, mas Min não achava que as Aes Sedai tinham rompantes.

E, se tivessem, estava convencida de que aquilo era mais sério. Ainda assim, só conseguiria descobrir do que se tratava de volta na estalagem.

Depois de pegar Rosa no estábulo, foi trotando com a égua baia de volta para a estalagem, onde a deixou com um cavaleiro orelhudo, pedindo que o animal fosse esfregado e alimentado com um pouco de aveia. A égua galopara com presteza até o Palácio, então merecia uma recompensa por ter ajudado a frustrar o plano de Merana e das outras. Considerando a fúria gélida na voz de Rand, Min não sabia dizer o que teria acontecido caso ele acabasse descobrindo tarde demais, e de surpresa, que sete Aes Sedai o esperavam no Grande Salão.

O salão da estalagem parecia quase o mesmo de quando ela zanzara apressada pelas cozinhas, mais cedo. Havia Guardiões às mesas, alguns jogando dominó ou pedras, outros lançando dados. Quase como se fossem um, todos ergueram o olhar quando ela entrou; então, reconhecendo-a, retomaram o que estavam fazendo. A Senhora Cinchonine estava de pé diante da adega — nada de barris de cerveja e vinho empilhados ao longo da parede do salão, não naquela estalagem —, de braços cruzados e uma expressão amarga no rosto. Os Guardiões eram os únicos clientes e, via de regra, bebiam pouco e muito raramente. Uma boa quantidade de canecas e copos de estanho repousava sobre as mesas, mas, pelo que viu, estavam intocados. E também viu um homem que poderia estar disposto a lhe contar certas coisas.

Mahiro Shukosa estava sentado, sozinho, tentando decifrar alguns quebra-cabeças de taverna. As duas espadas que costumava usar às costas ainda estavam à mão, apoiadas na parede. Com os cabelos já meio grisalhos nas têmporas e um nariz nobre, Mahiro tinha uma beleza meio grosseira, e só uma mulher apaixonada diria que ele era bonito. Um lorde de Kandor, já tinha visitado as cortes de quase todas as terras e viajava sempre com uma pequena biblioteca. Mahiro ganhava e perdia jogatinas com o mesmo sorriso fácil, mas sabia recitar poesia e tocar harpa, além de dançar como um sonho. Em suma: exceto por ser Guardião de Rafela, era exatamente o tipo de homem de quem Min gostava antes de conhecer Rand — e ainda gostava, na verdade, quando conseguia olhar para quem fosse sem pensar em Rand. Para sua sorte — ou seu azar —, Mahiro a via de um jeito que Min suspeitava de que fosse peculiar de Kandor: uma espécie de irmã mais nova que, vez ou outra, precisava de alguém para conversar e lhe dar conselhos de forma a não acabar quebrando o pescoço enquanto fazia suas maluquices. Mahiro dizia que ela tinha pernas bonitas, mas que jamais pensaria em tocá-las e que quebraria o pescoço de quem pensasse em fazer isso sem a permissão dela.

Deslizando as intrincadas peças de ferro com toda a destreza de volta para os lugares, Mahiro deixou o quebra-cabeças na pilha dos que já solucionara e pegou um da outra pilha enquanto Min se sentava à sua frente.

— E aí, repolhinha — cumprimentou ele, abrindo um sorriso. — Vejo que voltou com o pescoço intacto, não foi sequestrada e ainda está solteira.

Algum dia ainda ia perguntar o que significava aquela frase que ele sempre

repetia.

— Aconteceu alguma coisa depois que eu saí, Mahiro?

— Fora as irmãs voltando do Palácio parecendo uma tempestade nas montanhas?

Como era de se esperar, o quebra-cabeças foi solucionado como se ele tivesse canalizado.

— Por que ficaram tão irritadas?

— Imagino que tenha alguma coisa a ver com al'Thor. — O quebra-cabeças voltou à posição inicial com a mesma rapidez, então foi jogado na pilha de descartes. O seguinte da pilha de ainda não solucionados também passou direto para a segunda.

— Já resolvi esse há uns anos — explicou.

— Mas como, Mahiro? O que aconteceu?

Os olhos escuros a encararam. Se os leopardos tivessem olhos quase negros, seriam como os de Mahiro.

— Min, um potro que enfia o focinho na toca errada pode acabar perdendo as orelhas.

Min se retraiu. Era verdade. Ah, as tolices que uma mulher fazia por amor...

— É o que eu quero evitar, Mahiro. Só estou aqui para levar mensagens entre Merana e o Palácio, mas sempre entro lá sem a menor ideia de em que estou me metendo. Não sei por que as irmãs pararam de encontrar com ele todos os dias, nem por que voltaram e nem por que várias foram lá hoje, em vez de apenas três. Se eu não souber, posso acabar sem mais que as orelhas. E Merana não vai contar, ela nunca me fala nada que não seja “vá lá e faça isso”. Só uma dica, Mahiro. Por favor.

O homem analisou o quebra-cabeças em suas mãos, mas Min soube que ele estava pensando em outra coisa só de ver que as peças interligadas se moveram entre seus dedos compridos, mas nada se soltou.

Uma movimentação nos fundos do salão chamou sua atenção, e Min começou a virar a cabeça — até que congelou. Duas Aes Sedai voltavam do banho, a julgar pelo aspecto de quem acabara de se lavar. Fazia meses que não via aquelas duas, desde que tinham deixado Salidar com base no palpite de Sheriam de que Rand estava em algum lugar do Deserto Aiel. Bera Harkin e Kiruna Nachiman tinham ido para o Deserto, não para Caemlyn.

Não fosse o rosto de idade indefinida, Bera pareceria uma mulher de fazendeiro qualquer, com seu cabelo castanho curto emoldurando o rosto quadrado. Mas, naquele momento, aquele rosto estava determinado e carrancudo. Kiruna, sempre elegante e muito escultural, parecia exatamente quem era: irmã do Rei de Arafel, uma lady poderosa por direito. Seus enormes olhos escuros reluziam como se ela estivesse prestes a ordenar uma execução com todo o prazer. Imagens e auras piscavam ao redor das duas, como sempre acontecia com Aes Sedai e Guardiões. Uma em especial chamou a atenção de Min, piscando em volta das duas mulheres ao mesmo tempo, tudo em um tom amarelo amarronzado somado a um púrpura intenso. As cores em si não significavam nada, mas aquela aura fez Min perder o fôlego.

A mesa não ficava longe do pé da escada, mas as duas nem olharam para Min quando se viraram para subir. Nenhuma nem mesmo olhara para ela com atenção, quando estavam em Salidar, e agora estavam absortas em sua própria conversa.

— Alanna já deveria ter botado ele em seu lugar faz tempo. — Kiruna falava baixo, mas a raiva em sua voz era quase explícita. — Era o que eu teria feito. Quando ela chegar, vou falar o que penso, e que o Tenebroso carregue a formalidade.

— Deveriam amarrar logo uma rédea nele — concordou Bera, em um tom neutro —, antes que ele possa fazer mais mal a Andor. — Ela era andoriana, afinal. — E quanto antes, melhor.

Conforme as duas foram subindo os degraus, Min percebeu o olhar de Mahiro fixo nela.

— Como elas vieram parar aqui? — perguntou, surpresa por como a voz parecia perfeitamente normal.

Com Kiruna e Bera, já eram treze. Treze Aes Sedai. E aquela aura.

— Elas seguiram as notícias de al'Thor. Estavam na metade do caminho para Cairhien quando ouviram que ele estava aqui. Eu ficaria longe delas, Min. Os Gaidin das duas disseram que elas estão de mau humor.

Kiruna tinha quatro Guardiões, e Bera, três.

Min conseguiu abrir um sorriso. Queria dar no pé da estalagem, mas isso levantaria suspeitas até em Mahiro.

— Acho que é um bom conselho. E a minha dica?

O sujeito hesitou por mais um momento, então pousou o quebra-cabeças na mesa.

— Não vou dizer o que é nem o que não é, mas, para bom entendedor... Talvez al'Thor esteja irritado. Talvez seja bom pensar em perguntar se outra pessoa não pode entregar as mensagens, quem sabe um de nós. — Ele estava falando dos Guardiões. — Talvez as irmãs tenham decidido ensinar a ele uma lição sobre humildade. E isso, repolhinha, talvez seja um pouco mais do que eu deveria ter dito. E então, vai pensar a respeito?

Min não sabia se a “pequena lição” era o que acontecera no Palácio ou se era algo que ainda estava para acontecer, mas tudo se encaixava. E aquela aura...

— Também me parece um bom conselho. Mahiro, se Merana vier me procurar para levar alguma mensagem, pode dizer que eu vou passar os próximos dias visitando a Cidade Interna?

— Uma longa jornada. — Ele deu uma risadinha zombeteira, mas gentil. — Se não tomar cuidado, vai acabar sequestrando um marido.

O moço orelhudo da estrebaria olhou surpreso quando Min insistiu para que ele tirasse Rosa da cocheira e a encilhasse outra vez. Deixou o pátio do estábulo a um passo tranquilo, mas, logo que a primeira curva fez A Coroa de Rosas sumir de vista, enfiou os calcanhares na égua, fazendo a multidão pular para sair do caminho quando partiu a galope direto para o Palácio, correndo o máximo que Rosa podia.

— Treze — repetiu Rand, em um tom neutro.

Foi o suficiente para Lews Therin tentar tomar outra vez o controle de *saidin*. Rand entrou em uma luta muda contra aquela fera, que rosnava e mostrava os dentes. Assim que Min falou que, na verdade, havia treze Aes Sedai em Caemlyn, Rand mal conseguiu agarrar o Poder antes de Lews Therin se lançar para cima da Fonte. O suor escorria por seu rosto, e manchas escuras se espalhavam pelo casaco — só conseguia se concentrar em manter *saidin* fora do alcance de Lews Therin. Um músculo da bochecha pulsava com o esforço. A mão direita tremia.

Min parou de andar a passos rápidos de um lado para o outro, cruzando o tapete da sala quase pulando de ansiedade.

— Não é só isso, Rand — alertou, desesperada. — É a aura. Sangue, morte, o Poder Único, aquelas mulheres e você... tudo ao mesmo tempo e no mesmo lugar. — Estava outra vez com os olhos brilhando, mas agora as lágrimas escorriam livremente pelas bochechas. — Kiruna e Bera não gostam de você, nem um pouco! Lembra-se daquela visão que tive sobre você? Mulheres capazes de canalizar lhe fazendo mal. As auras, e as treze, e tudo... Rand, é coisa demais!

Min sempre dizia que suas visões todas as vezes se tornavam realidade, mas nunca podia afirmar se isso aconteceria dali a um dia, um ano ou dez — e, se permanecesse ali em Caemlyn, Rand achava que seria questão de dias. Mesmo que a voz se limitasse a um rosnado em sua cabeça, sabia que Lews Therin queria atacar Merana e as outras antes que elas tivessem qualquer chance de atacá-lo. Aliás, aquela ideia lhe parecia tão atraente que chegava a ser desconfortável. Talvez fosse apenas obra do acaso, algo como sua distorção de *ta'veren* se voltando contra ele, mas não dava para negar os fatos: Merana decidira desafiá-lo no mesmíssimo dia em que passou a haver treze Aes Sedai na cidade.

Ele se levantou e foi até o quarto, mas só para pegar a espada guardada atrás do armário, já presa ao cinturão com fivela em forma de Dragão.

— Você vem comigo, Min — anunciou, pegando o Cetro do Dragão e indo até a porta.

— Para onde? — indagou a jovem, secando as bochechas com um lenço.

Apesar da pergunta, Rand já estava no corredor, e ela acabou indo atrás. Jalani se levantou com um pinote um tantinho mais ligeiro que o de Beralna, uma ruiva magrela de olhos azuis e sorriso ferino.

Quando havia apenas Donzelas por perto, Beralna sempre o encarava como se estivesse considerando fazer ou não o grande favor de atender a seus pedidos. Daquela vez, Rand tratou de encará-la primeiro. O Vazio deixava sua voz fria e distante. Lews Therin estava contido, choramingando baixinho, mas Rand não ousava relaxar — não em Caemlyn, não *perto* de Caemlyn.

— Bernalna, vá atrás de Nandera e diga para ela me encontrar nos aposentos de Perrin com quantas Donzelas quiser levar. — Não podia deixar Perrin para trás, e não por conta daquela visão de Min. Quando Merana tivesse notícia de sua partida, poderia muito bem mandar uma das Aes Sedai criar um elo com Perrin, assim como Alanna fizera com ele. — Pode ser que eu não volte mais para cá. Se alguém vir Perrin, Faile ou Loial, diga a eles para também me encontrarem por lá. Jalani, vá falar com a Senhora Harfor. Avise a ela que preciso de caneta, tinta e papel. — Tinha que escrever algumas cartas antes de partir. Sentiu que as mãos voltaram a tremer, então acrescentou: — Bastante papel. O que estão esperando? Vão logo! Vão!

As duas trocaram um único olhar e saíram correndo. Rand seguiu na direção oposta, com Min quase trotando para conseguir acompanhá-lo.

— Para onde estamos indo, Rand?

— Cairhien. — Com o Vazio envolvendo-o, a resposta saiu com a frieza de uma bofetada na cara. — Min, confie em mim. Não vou machucar você. Seria mais fácil cortar meu braço fora do que machucar você.

A jovem ficou quieta, até que Rand enfim baixou os olhos. Min o encarava com um semblante esquisito.

— Muito bom ouvir isso, pastorzinho. — A voz estava tão estranha quanto o rosto. Devia ter ficado mesmo apavorada com a ideia de treze Aes Sedai atrás dele. O que não era de se espantar, claro.

— Min, se eu tiver que enfrentar essas mulheres, prometo dar um jeito de manter você longe do perigo.

Como um homem conseguiria enfrentar treze delas? Só de pensar naquilo, Lews Therin explodiu outra vez, aos berros.

Para a surpresa de Rand, Min tirou as conhecidas facas das mangas com um floreio, então guardou tudo de volta com a mesma delicadeza — devia estar treinando.

— Você pode me puxar pela orelha daqui até Cairhien ou qualquer outro lugar, mas acho bom você pensar duas vezes se pretende me mandar para onde for, pastorzinho.

Rand não sabia por quê, mas tinha certeza de que não era aquilo que ela pretendia dizer quando começou a falar. Foi apenas o que acabou saindo.

Quando chegaram aos aposentos de Perrin, Rand deu de cara com uma multidão. De um dos lados da sala de estar estavam Perrin e Loial, ambos sem nem terem vestido o casaco, sentados de pernas cruzadas sobre o tapete azul enquanto fumavam seus cachimbos com Gaul, um Cão de Pedra que Rand se lembrava de ter visto na queda da Pedra de Tear. Faile estava sentada do outro lado do aposento, igualmente no chão, junto de Bain e Chiad, que também tinham estado presentes na Pedra. Pela porta aberta que dava para o aposento anexo, Rand viu Sulin trocando as roupas de cama, jogando-as de qualquer jeito como se preferisse rasgá-las em pedacinhos.

Todos ergueram os olhos quando ele e Min entraram, e Sulin veio até a porta.

Houve uma boa dose de confusão quando Rand explicou sobre as treze Aes Sedai e o que Min ouvira. Mas nada sobre as visões. Alguns ali sabiam, mas alguns poderiam não saber, e ele não contaria aquilo para ninguém — não sem que Min decidisse contar, o que não era o caso. E também não falou nada de Lews Therin, claro. Não que tivesse medo do que poderia lhe acontecer em uma cidade com treze Aes Sedai, mesmo que elas não fizessem nada. Aquelas mulheres que pensassem que ele estava com medo, se quisessem — e ele próprio não podia afirmar que não estava. Lews Therin se mantivera calado, mas Rand ainda podia senti-lo, olhos intensos observando-o durante a noite. Raiva e medo e talvez até pânico se arrastavam pela parede externa do Vazio feito aranhas enormes.

Perrin e Faile começaram a arrumar a bagagem na mesma hora, e Bain e Chiad conversaram naquela linguagem de sinais antes de anunciar que iriam acompanhar Faile, ao que Gaul anunciou que acompanharia Perrin. Rand não entendia o que estava se passando ali, mas tinha algo a ver com Gaul não olhar para Bain ou Chiad e as duas não olharem para ele. Loial saiu correndo, resmungando sozinho sobre quanto Cairhien era bem mais longe de Dois Rios do que Caemlyn e sobre a fama da mãe de conseguir andar bastante. Quando ele voltou, carregava uma trousse mal amarrada debaixo do braço e alforjes imensos por cima do ombro, com camisas saindo pelos bolsos e pelas aberturas. Loial estava pronto para partir imediatamente. Sulin também sumiu e voltou trazendo uma trousse de vestidos vermelhos e brancos. Com a expressão congelada naquela expressão servil incongruente, ela grunhiu alguma coisa sobre ter recebido ordens de servir a *ele, a Perrin e a Faile*, e só um lagarto com insolação acharia isso possível com ela em Caemlyn enquanto todos estavam em Cairhien. Até acrescentou um “Milorde Dragão” no final, que soou mais como um xingamento, e uma mesura. Surpreendentemente, daquela vez ela não perdeu o equilíbrio em nenhum momento, o que pareceu deixá-la tão impressionada quanto Rand.

Nandera chegou quase junto com a Senhora Harfor, que trazia um estojo com várias canetas de ponta de aço, além de papel, tinta e cera de selagem suficientes para cinquenta cartas, o que acabou por vir a calhar.

Perrin quis escrever para Dannil Lewin, mandando-o seguir viagem com os outros homens de Dois Rios — não parecia ter a menor intenção de deixá-los para as Aes Sedai —, e só não pediu para que levassem Bo e as outras garotas quando Rand e Faile salientaram que, para começo de conversa, as Aes Sedai não as deixariam ir e que, além de tudo, era pouco provável que elas quisessem acompanhá-los. Faile fora com ele à estalagem, mais de uma vez, e até mesmo Perrin teve que admitir que as garotas pareciam impacientes para se tornarem logo Aes Sedai.

A própria Faile tinha duas cartas rápidas para escrever, tanto para a mãe quanto para o pai, para que eles não se preocupassem. Rand não sabia qual carta era para quem, mas as duas pareciam ter sido escritas em tons muito diferentes. A primeira,

Faile recomeçou várias vezes para então rasgar o pergaminho, e cada palavra a deixava de cenho franzido; a outra foi escrita às pressas, em meio a sorrisos e risadinhas — Rand achou que devia ser a da mãe. Min escreveu para um amigo chamado Mahiro, também hospedado com as Aes Sedai. Por algum motivo, ela fez questão de dizer a Rand que se tratava de um homem mais velho, mesmo corando ao mencionar a idade do sujeito. Até Loial pegou papel e caneta, depois de alguma hesitação. Teve que usar sua própria pena, já que as canetas humanas seriam engolidas naquelas mãos enormes. Ele selou o bilhete e o entregou à Senhora Harfor com um pedido acanhado para que, se houvesse oportunidade, ela o entregasse pessoalmente. O polegar do tamanho de uma salsicha gorda cobria quase todo o nome do destinatário, escrito tanto no alfabeto humano quanto nas letras dos Ogier, mas, com o Poder Único aguçando a visão, Rand identificou o nome de Erith. Ainda assim, Loial não demonstrava querer esperar e entregar ele mesmo a mensagem.

Suas cartas foram tão difíceis de escrever quanto a primeira mensagem de Faile, mas por motivos distintos. O suor que gotejava do rosto fazia a tinta se espalhar, e sua mão tremia tanto que ele precisou recomeçar mais de uma vez depois de tanto manchar e borrar o papel. Ainda assim, Rand sabia muito bem o que queria dizer. Para Taim, enviou um alerta sobre as treze Aes Sedai e uma reiteração das ordens de se manter longe das mulheres. Para Merana mandou um tipo diferente de alerta, junto com uma espécie de convite. Era inútil que tentasse se esconder, já que Alanna poderia encontrá-lo em qualquer lugar do mundo, mas o encontro seria em seus termos, se ele pudesse garantir isso.

Passou um tempo encarando a Senhora Harfor quando ela lhe entregou um selo de pedra-verde com um Dragão entalhado, mas a mulher respondeu com um olhar neutro inabalável. Quando enfim selou as cartas, Rand se virou para Nandera.

— Já reuni suas vinte Donzelas?

Nandera ergueu as sobrancelhas.

— Vinte? Seu recado foi para eu trazer quantas quisesse e que talvez você não fosse voltar. Tenho quinhentas, e teria trazido mais se não tivesse decidido eu própria estabelecer um limite.

Rand apenas assentiu. Sua cabeça estava quieta, apenas com os próprios pensamentos, mas *sentia* Lews Therin ali, junto com ele no Vazio, aguardando feito uma mola tensionada. Só depois de passar todos pelo portão que dava para a câmara em Cairhien e deixar a passagem se fechar, diminuindo a percepção de Alanna para uma vaga impressão de que ela estava em algum ponto a oeste; só então Lews Therin pareceu se afastar. Foi como se, exaurido pela luta por controle, o homem tivesse caído no sono. Por fim, Rand afastou *saidin*, só então reparando em quanto estava desgastado por conta do embate. Loial teve que o carregar até seus aposentos no Palácio do Sol.

Merana estava sentada, bem quieta, junto à janela da sala de estar, de costas para a rua, com a carta de Rand al'Thor no colo. Já sabia o conteúdo de cor.

Começava com “Merana”. Não com “Merana Aes Sedai”, nem mesmo “Merana Sedai”.

Merana,

Certa vez, um amigo me disse que, na maioria dos jogos de dados, o número treze é considerado quase tão azarado quanto lançar os Olhos do Tenebroso. Também acho que treze é um número azarado. Estou indo para Cairhien. Pode me seguir como puder, sem levar mais que cinco outras irmãs. Assim, estará em pé de igualdade com as emissárias da Torre Branca. Ficarei muito descontente se você tentar levar mais mulheres. Não me pressione mais. Me resta pouca confiança para depositar em quem quer que seja.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido

A parte final fora escrita com tanta força que a caneta quase rasgara o papel. Em comparação com o restante da carta, aquelas duas últimas linhas quase pareciam ter sido escritas por outra mão.

Merana estava sentada bastante quieta. Não estava sozinha. As outras mulheres da missão diplomática — se ainda podia ser chamada assim — haviam se acomodado em cadeiras ao longo das paredes, em vários estados. O que mais a irritava era que apenas Berenicia se encontrava sentada com a mesma quietude e humildade que ela, as mãos gorduchas entrelaçadas sobre o colo, a cabeça meio baixa, os olhos sérios e bem atentos. Não dizia uma palavra, a menos que se dirigissem a ela. Faeldrin, por sua vez, ostentava uma postura bem orgulhosa e falava quando queria, assim como Masuri e Rafela. Seonid estava quase como elas, sentada bem na beira da cadeira e volta e meia abrindo um sorriso obstinado. As outras agiam mais como Valinde: quase calmas. Todas estavam presentes, exceto Verin e Alanna, e um Gaidin fora enviado para encontrá-las. Kiruna e Bera, paradas de pé no meio da sala, faziam notar sua presença.

— Tenho nojo só de pensar que existe alguém capaz de enviar uma carta dessas para uma Aes Sedai. — Kiruna não falava alto, e sua voz soava ao mesmo tempo serena, calma e enérgica. Mas seus olhos escuros relampejavam. — Demira, seu informante pode confirmar se al'Thor foi mesmo para Cairhien?

— Ele Viajou — murmurou Bera, incrédula. — E pensar que justo ele

redescobriu esse Talento...

As contas brilhantes nas tranças de Faeldrin tilintaram quando ela assentiu.

— É impossível cogitar outra possibilidade. Talvez ele seja mais poderoso até do que Logain ou Mazrim Taim, sim?

— Não podemos fazer nada a respeito de Taim? — O rosto redondo de Rafela, sempre calmo e aprazível, estava severo, e a voz, em geral doce, soava impassível. — Tem pelo menos cem homens capazes de canalizar, cem! E a menos de vinte milhas daqui.

Kairen aquiesceu, resoluto, mas não se pronunciou.

— Eles vão ter que esperar — retrucou Kiruna, com firmeza. — Luz e honra, não sei quantas irmãs vamos precisar para dar conta de tantos. Al'Thor é que importa, e desse nós damos conta. Demira?

Demira tinha esperado as outras terminarem, claro. Baixando a cabeça bem de leve, respondeu:

— Só sei que ele foi embora, ao que parece levando um grande número de Aiel, e é bem possível que também tenha levado Perrin Aybara.

Verin, que tinha entrado sem fazer alarde logo que Demira começou a falar, acrescentou:

— Não podemos ter dúvidas quanto ao paradeiro de Perrin. Mandeí Tomas verificar o acampamento do pessoal de Dois Rios. Parece que enviaram dois homens ao Palácio para apanhar os cavalos de Perrin e da esposa, e os outros já largaram os carroções e serviçais e estão cavalgando para o leste o mais depressa possível. Marcham com a cabeça de lobo de Perrin e a Águia Vermelha de Manetheren.

Um sorriso fraco curvou de leve os lábios de Verin, como se ela achasse aquilo divertido. Kairen deixava bem claro que não era da mesma opinião, soltando um murmúrio de surpresa e comprimindo os lábios logo em seguida, formando uma linha estreita.

Merana também não achou aquilo nada engraçado, mas era um detalhe tão ínfimo em comparação com o todo... Um cheirinho tênue de coisa estragada quando já estavam sentadas sobre um monte de dejetos; um cachorro rosnando para alguém já com as saias abocanhadas por lobos. E pensar que se preocupara demais com Verin, se esforçara tanto... A verdade era que a Marrom mal conseguira botar os planos em prática, exceto por levar Demira a sugerir aquele confronto infeliz. Tudo tinha sido conduzido com muita habilidade, e Merana achava que ninguém que não fosse da Ajah Cinza teria percebido. No entanto, ela própria concordara com o curso de ação: bater de frente com al'Thor — ou pelo menos tentar — era o mínimo que poderiam ter feito. Tinha se preocupado com Verin, então Kiruna e Bera apareceram. Nenhuma das duas respondia à sua autoridade e ambas eram pelo menos tão fortes quanto Masuri, Faeldrin ou Rafela.

— Isso, sim, é jogar um nabo estragado no cozido — resmungou Bera, emburrada.

Kairen e várias outras assentiram.

— Mas é um nabinho de nada — rebateu Kiruna, o tom bem seco. Quase todas assentiram, tirando Merana e Verin. Merana apenas suspirou baixinho, e Verin ficou examinando Kiruna com aquele olhar de pássaro, a cabeça enviesada. — Por que Alanna está demorando? — indagou a mulher, perguntando para ninguém em particular. — Não quero ter que me repetir.

Bem, Merana achava que talvez ela mesma tivesse começado com aquilo tudo, abstendo-se da disputa de poder com Verin. Ainda era a líder da delegação e todas seguiam suas ordens, inclusive Masuri, Rafela e Faeldrin, mas todas tinham notado a mudança de poder. E não tinha certeza se Kiruna ou Bera agora estavam no comando — e nem fazia diferença, no que dizia respeito à posição entre as Aes Sedai, que uma tivesse nascido na fazenda e a outra, em um palácio. Bem, sua única certeza era de que sua missão diplomática estava desmoronando ao seu redor, o tipo de coisa que jamais teria acontecido quando a Torre Branca era inteira, quando uma embaixadora contava com todo o poder da Torre e do Trono de Amyrlin, pouco importando se levava trinta anos para ascender ao xale e mal tivesse força para ter sido aceita. Àquela altura, elas não passavam de um punhado de Aes Sedai que adotavam para suas posições na cadeia de poder geral sem nem fazer uma pausa para pensar.

Como se tivesse ouvido tocarem em seu nome, Alanna apareceu na sala assim que Bera abria a boca — ela e Kiruna atacaram a recém-chegada:

— Al'Thor afirma que foi para Cairhien — começou Bera, sem rodeios. — Você tem algo a acrescentar?

Alanna encarou as duas com orgulho e um brilho perigoso nos olhos escuros. Estavam falando de seu Guardião, afinal.

— Ele está em algum lugar a leste, é tudo o que eu sei. Pode ser Cairhien.

— Se ia criar um elo sem primeiro falar com ele — começou Kiruna, o tom bem impositivo —, por que, pela Luz mais sagrada, não usou esse elo para fazê-lo se curvar à sua vontade? Em comparação com o que você fez antes, isso é só um tapa no pulso.

Alanna ainda mantinha pouco controle sobre as próprias emoções. As bochechas ficaram coradas, em parte pela raiva, a julgar pelo lampejo em seus olhos, e, com toda a certeza, em parte pela vergonha.

— Ninguém falou para vocês? — indagou a Verde, alegre demais. — Bem, imagino que ninguém queira pensar no assunto, mesmo. Eu, com certeza, não quero. — Faeldrin e Seonid encaravam o chão, e não eram as únicas. — Tentei compelir al'Thor logo que estabeleci o elo — explicou, como se não tivesse notado o constrangimento no ambiente. — Já tentou arrancar um carvalho do chão só com as mãos, Kiruna? Foi igualzinho.

Kiruna foi arregalando os olhos e soltando um suspiro lento. Bera murmurou:

— Isso é impossível. Impossível.

Alanna jogou a cabeça para trás e gargalhou. As mãos na cintura deram um ar de desdém à risada, fazendo Bera comprimir os lábios e deixando os olhos de Kiruna com um brilho frio. Verin as encarava, e Merana achou, com certo desconforto, que parecia o olhar de um pintarroxo observando minhocas. Verin sempre parecia deferir sem deferir, embora Merana não conseguisse entender como.

— Ninguém nunca criou um elo com um homem capaz de canalizar — afirmou Alanna, quando parou de rir. — Pode ser que seja isso.

— Bem, seja como for — rebateu Bera, com a voz e o olhar muito firmes. — Seja como for. Você ainda consegue localizá-lo.

— Isso mesmo — concordou Kiruna. — Você virá conosco, Alanna.

A Verde piscou, como se recobrasse a consciência. Então baixou um tanto a cabeça, aquiescendo.

Merana decidiu que aquela era a hora. Se quisesse manter a delegação unida, aquela era sua última chance. Ela se levantou, dobrando a carta de al'Thor para ocupar as mãos.

— Quando eu trouxe esta missão diplomática até Caemlyn — começou, lembrando a todas que era a líder. Graças à Luz, conseguiu falar com uma voz estável —, recebi ordens muito flexíveis, ainda que o objetivo da missão parecesse óbvio. Então nós — escolheu o pronome para lembrá-las de que todas compunham a delegação — nos dedicamos à questão com uma expectativa justa de sucesso. Al'Thor deveria ser incitado a sair de Caemlyn para trazermos Elayne de volta e vê-la coroada, deixando Andor a nosso lado. Aos pouquinhos, al'Thor se convenceria de que éramos dignas de confiança, pois não lhe faríamos mal. E ele também seria levado a nos demonstrar o devido respeito. Duas ou três, escolhidas com todo o cuidado, assumiriam o lugar de Moiraine, aconselhando-o e guiando-o. Alanna inclusive, claro.

— Como você sabe se não foi ele quem matou Moiraine — interrompeu Bera —, já que dizem que ele matou Morgase?

— Temos ouvido boatos de todo tipo a respeito da morte dela — acrescentou Kiruna. — Alguns até dizem que ela morreu lutando contra Lanfear. A maioria, no entanto, afirma que ela estava sozinha com al'Thor quando morreu.

Merana precisou se esforçar um pouco para não responder. Se permitisse uma só palavra a seus instintos tão enraizados, eles acabariam assumindo o controle de todas elas.

— Isso tudo estava sendo tratado quando vocês duas chegaram — continuou. — Sei que só nos encontraram aqui por acaso, e apenas obedecendo às instruções que receberam de encontrá-lo, mas vocês elevaram o número de Aes Sedai a treze. Que homem da estirpe de al'Thor não fugiria o mais rápido possível ao ouvir que há treze Aes Sedai reunidas? Bem, o fato, puro e simples, é que qualquer prejuízo causado aos nossos planos deve ser atribuído a você, Kiruna, e a você, Bera. — Depois daquilo, só lhe restava esperar. Se tivesse conseguido elevar um pouco a própria

moral...

— Você já acabou? — perguntou Bera, fria.

Kiruna foi ainda mais direta. Apenas se virou para as outras e falou:

— Faeldrin, você pode vir conosco para Cairhien, se quiser. E vocês também, Masuri e Rafela.

Merana estremeceu, amassando a carta dobrada no punho.

— Vocês não entendem? — berrou. — Vocês falam como se pudéssemos continuar como antes, como se nada tivesse mudado. Tem uma missão diplomática de Elaida em Cairhien, uma missão da Torre Branca. É isso que al'Thor deve estar pensando. Precisamos mais dele do que ele precisa de nós, e meu medo é que ele saiba disso!

Por um momento, todos os rostos pareceram chocados — todos, menos o de Verin, que só assentiu, pensativa, abrindo um sorrisinho dissimulado. Por um momento, todos os outros rostos eram só olhos esbugalhados, estupefatos. Aquelas palavras pareciam reverberar no ar. *Precisamos mais dele do que ele precisa de nós.* Não precisavam dos Três Juramentos para saber que era verdade.

Então Bera disse, com toda a firmeza:

— Sente-se, Merana, e se acalme.

Sem nem reparar que obedecia, Merana já estava sentada. Ainda trêmula, ainda querendo gritar, mas sentada, apertando a missiva de al'Thor com toda a força.

Kiruna se virou de costas deliberadamente.

— Seonid, você vem, claro. Dois Gaidin a mais são sempre úteis. E Verin, eu acho. — Verin assentiu, como se aquilo fosse um pedido. — Demira — prosseguiu Kiruna —, sei que você tem certa prioridade nas queixas sobre o garoto, mas não queremos deixar al'Thor em pânico outra vez, e alguém precisa levar aquela coleção extraordinária de garotas de Dois Rios até Salidar. Você, Valinde, junto com Kairen e Berenicia, vão auxiliar Merana nisso.

As outras quatro murmuraram, acatando as ordens sem a menor hesitação. Merana sentiu um calafrio. A delegação não estava desmoronando, estava virando pó.

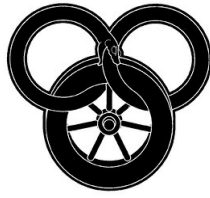
— Eu... — Ela parou de falar quando os olhares de Bera e de Kiruna se voltaram para ela. E também os de Masuri, Faeldrin e Rafela. Virado pó, levando junto toda a sua autoridade. — Vocês com certeza conseguiriam encontrar serventia para uma Cinza — ponderou, em um fio de voz. — Com certeza haverá negociações, e... — As palavras continuavam a traí-la. Isso *nunca* teria acontecido quando a Torre ainda estava inteira.

— Muito bem — cedeu Bera, por fim, em um tom que fez com que Merana usasse todo o seu autocontrole para evitar que as bochechas ficassem vermelhas de vergonha.

— Demira, você leva as garotas para Salidar — ordenou Kiruna.

Sentada, Merana nem se mexia. Rezava para que, àquela altura, o Salão já tivesse escolhido uma Amyrlin. Alguém muito forte no Poder e no coração. Precisariam de

uma nova Deane ou outra Rashima, para voltar a fazer delas o que já tinham sido. Rezava para que Alanna as conduzisse a al'Thor antes que ele decidisse aceitar a missão de Elaida. Do contrário, nem mesmo uma nova Rashima as salvaria.





ESPINHOS

Rand passou o restante do dia em seus aposentos no Palácio do Sol, deitado naquela cama imensa com quatro pilares quadrados de madeira negra polidos e lustrosos mais grossos que sua perna e pés de marfim marchetado. Como se escolhida para contrastar com todo o ouro da antessala e sala de estar, a mobília do quarto era toda de madeira negra e marfim, mas tão cheia de linhas retas quanto qualquer decoração do palácio.

Sulin entrava e saía, afofando as plumas dos travesseiros e ajeitando o lençol de linho por cima dele, resmungando que era mais saudável dormir no chão, trazendo chá de menta que ele não pedira e ponche que ele não queria, até que Rand a mandou parar.

— Como milorde Dragão ordenar — rosnou a mulher, com um sorriso doce. Fez sua segunda medida perfeita, mas saiu pisando duro e com tanta determinação que parecia que nem se daria ao trabalho de abrir a porta, atravessando-a direto.

Min também ficou ali com Rand, sentada no colchão, segurando a mão dele com cara de preocupação. Rand até começou a suspeitar de que Min achava que ele estava morrendo. Por fim, também a botou para fora, ao menos por tempo suficiente para vestir um robe de seda cinza que sempre ficava naquele guarda-roupas. E encontrou outra coisa, bem no fundo do armário: um estojo de madeira estreito e liso com uma flauta, presente de Thom Merrill em uma época que parecia de outra vida. Sentou-se junto de uma das janelas compridas e estreitas e tentou tocar. Depois de tanto tempo, no começo só saíram guinchos e sopros silenciosos do que qualquer coisa. E foram os barulhos estranhos que trouxeram Min de volta.

— Toque para mim — pediu ela, com uma risada satisfeita. Satisfeita ou surpresa, não dava para saber.

Claro que ela se sentou no colo de Rand enquanto ele tentava, com pouco sucesso,

produzir qualquer coisa que lembrasse uma nota musical reconhecível. E foi exatamente assim que as Sábias surpreenderam os dois. Amys, Bair, Sorilea e mais quase dez daquelas Aiel de xales entraram, e Min se levantou bem rápido, sem jeito, com as bochechas vermelhas e ajeitando o casaco de um jeito que parecia que os dois estavam lutando.

Bair e Sorilea pararam ao lado de Rand antes que ele pudesse sequer dizer uma palavra.

— Olhe para a esquerda — ordenou Sorilea, erguendo sua pálpebra com o polegar e enfiando aquela cara enrugada diante da dele. — Olhe para a direita.

— Seu pulso está rápido demais — murmurou Bair, com os dedos ossudos pressionando a lateral do pescoço de Rand com firmeza.

Ao que parecia, Nandera mandara uma Donzela atrás das Sábias assim que os joelhos dele falharam. E Sorilea selecionara aquela horda dentre o pequeno exército de Sábias que tinham se voluntariado para ir ao palácio. E, ao que tudo indicava, com ou sem Sorilea para contê-las, todas queriam sua vez com o *Car'a'carn*. Depois que ela e Bair terminaram, vieram Amys e Colinda, uma mulher esguia com olhos cinza penetrantes que ainda não parecia ter chegado à meia-idade, mas com uma presença quase tão forte quanto Sorilea — coisa que Amys também tinha, claro, bem como tantas outras. Rand era cutucado, aguilhoado, encarado e chamado de teimoso quando se recusava a ficar pulando. Elas pareciam ter certeza de que ele obedeceria.

Min não foi ignorada enquanto as Sábias se revezavam para ficar com ele: as que ficavam de fora a rodeavam e a enchiam de perguntas, todas sobre suas visões. Aquilo a deixou de olhos arregalados, para dizer o mínimo, olhando das Sábias para Rand como se perguntasse se estavam todos lendo seus pensamentos. Amys e Bair explicaram como sabiam — Melaine não conseguira fazer segredo da notícia sobre as filhas —, e os olhos de Min quase saltaram das órbitas, de tão arregalados. Até Sorilea parecia concordar com Melaine que a habilidade de Min a deixava quase em pé de igualdade com as Sábias. Ainda assim, as Sábias já estavam tão acostumadas a fazer as coisas à sua própria maneira e ter tudo como queriam — igualzinho às Aes Sedai — que obrigaram Min a repetir tudo para cada uma delas — e ocasionalmente repetir mais de uma vez, já que estavam tão ocupadas se preocupando com Rand que às vezes perdiam uma ou outra palavra, e queriam se certificar de que compreendiam tudo.

Sorilea e as outras enfim concluíram, ainda que muito relutantes, que Rand só precisava descansar um pouco. Depois que foram embora, deixando a ordem de que ele fosse repousar de uma vez, Min voltou para o seu colo.

— Elas conversam nos *sonhos*? — perguntou, balançando a cabeça. — Não parece possível, parece coisa das lendas. — Estava com o cenho franzido. — Quantos anos você acha que Sorilea tem? E aquela Colinda. Eu vi... não. Não, não tem nada a ver com você. Talvez seja o calor me afetando. Quando eu sei, eu *sempre* sei. Deve ser o calor. — Um brilho malicioso surgiu nos olhos dela, e Min foi se

aproximando mais, bem devagar, fazendo um biquinho como se fosse beijá-lo. — Se deixar eles assim — murmurou, quando sua boca já quase tocava a dele —, pode ser que ajude. O último pedaço que você tocou até lembrava um pouco “O Galo na Gomeira”.

Ele levou um instante para entender a piada, com aqueles olhos preenchendo seu campo de visão. Quando finalmente compreendeu o que estava se passando, deve ter feito uma cara muito engraçada. Min desabou, gargalhando com a cabeça apoiada em seu peito.

Pouco depois chegou um bilhete de Coiren inquirindo sobre sua saúde, fazendo votos de que não estivesse doente e perguntando se ela poderia visitá-lo com duas de suas irmãs — estava oferecendo Cura, caso ele desejasse. Lews Therin se remexeu enquanto Rand lia, como se acordasse de seu sono, mas o murmúrio vago e ranzinza não chegava nem perto da ira de Caemlyn, e ele voltou a dormir assim que Rand deixou a carta de lado.

Era um forte contraste em relação ao comportamento de Merana, assim como um lembrete de que nada acontecia no Palácio do Sol que Coiren não ficasse sabendo antes do pôr do sol do mesmo dia, senão mais cedo. Respondeu com um agradecimento e uma recusa educada. Fora da cama ou não, ainda se sentia cansado. Queria estar em perfeito juízo quando desse de cara com alguma Aes Sedai. Aquilo era apenas parte do motivo para responder.

No mesmo bilhete, Rand também pediu que Gawyn o visitasse. Só encontrara o irmão de Elayne uma vez, mas gostava do rapaz. No entanto, Gawyn não foi vê-lo nem respondeu à carta. Com pesar, Rand concluiu que o rapaz acreditava nos boatos que circulavam sobre como se dera a morte de sua mãe. Não era bem o tipo de coisa que ele poderia pedir que a pessoa parasse de acreditar. Ficava com o humor tão azedo toda vez que pensava naquilo que Min pareceu desistir de tentar animá-lo. Nem Perrin nem Loial conseguiam ficar por perto de Rand quando ele se encontrava naquele estado de espírito.

Três dias depois, veio outra solicitação de Coiren, ainda no mesmo tom cortês, e uma terceira após mais três dias, mas Rand inventou desculpas educadas para todas essas. Em parte por causa de Alanna — a sensação ainda era vaga e distante, mas ela se aproximava mais a cada dia. Aquilo não era surpresa: Rand tinha certeza de que Merana escolheria Alanna como uma das seis que a acompanhariam. Não tinha a menor intenção de deixar que a Verde chegasse a menos de uma milha dele, pelo menos não se pudesse vê-la, mas tinha dito que as deixaria em pé de igualdade com Coiren, e era isso que pretendia fazer, de forma que Coiren teria que esperar mais um pouco, e com paciência. Além do mais, estava mesmo ocupado.

Foi fazer uma rápida visita à escola, no antigo palácio de Barthes, mas acabou se demorando bastante. Idrien Tarsin o aguardava outra vez diante da porta para mostrar diversas invenções e descobertas, quase todas incompreensíveis, além das lojas onde agora se fabricavam arados, ancinhos e segadoras de modelos variados

para a venda. O problema, no entanto, era Herid Fel. Ou talvez Min. Fel devaneou como de costume, e o homem se esqueceu de que Min estava lá — esqueceu várias vezes. Quando Rand finalmente conseguia fazer Fel falar mais que duas frases sobre um assunto específico, o sujeito reparava na presença dela, levava um baita susto e perdia o fio da meada mais uma vez. Ele ficava se desculpando pelo cachimbo meio fumado que nunca se lembrava de acender, removendo cinzas de cima do barrigão opulento e alisando os finos cabelos grisalhos. Min parecia gostar, embora Rand não entendesse por que alguém apreciaria um sujeito que se esquecia de sua presença. Ela até beijou o cocuruto de Fel ao se levantar para ir embora com Rand, o que deixou o sujeito absolutamente chocado. Não foi de muita ajuda para saber o que Fel descobrira sobre os Selos na prisão do Tenebroso ou a Última Batalha.

No dia seguinte, Rand recebeu um bilhete escrito em um pedaço de pergaminho rasgado.

Crença e ordem fornecem força. É preciso limpar o cascalho antes de começar a construir. Explicarei da próxima vez que nos virmos. Não traga a garota. Bonita demais.

Fel

Era um garrancho escrito às pressas, a assinatura espremida quase no ponto em que o papel fora rasgado, e nada daquilo fazia o menor sentido para Rand. Quando tentou ir outra vez falar com Fel, descobriu que o homem dissera a Idrien que se sentia jovem outra vez e fora pescar. No meio de uma seca. Rand se perguntou se o velho enfim teria perdido o juízo. Min achou o bilhete engraçado e perguntou se podia guardá-lo, e Rand a viu relendo-o diversas vezes, sempre rindo.

Tendo Fel perdido o juízo ou não, Rand decidiu que não levaria Min na próxima vez — bem, a verdade era que estava cada vez mais difícil mantê-la por perto quando queria que ela estivesse ali. A mulher parecia passar mais tempo com as Sábias do que com ele. Não entendia por que isso o irritava tanto, mas percebeu que tendia a ser rude com os outros quando Min estava nas tendas. Era bom que a mulher não passasse tempo demais com ele. As pessoas logo perceberiam, então fariam e pensariam coisas inapropriadas. Em Cairhien, onde os serviçais jogavam sua própria versão do Jogo das Casas, podia ser perigoso ter gente achando que Min era importante. Era bom ela ficar longe. Rand tentava não ser rude.

Claro que precisava de Min por perto para saber as auras dos nobres que começavam a visitá-lo, um de cada vez, sempre perguntando sobre sua saúde — a fraqueza nos joelhos decerto tinha provocado rumores —, e sempre sorrindo e inquirindo por quanto tempo ele pretendia ficar em Cairhien e quais eram seus

planos, se ele não se incomodava se perguntassem. E sorrindo cada vez mais, sempre sorrindo. O único que não abria um sorriso tão intenso era Dobraine, ainda com a frente da cabeça raspada à moda dos soldados e as listras do casaco puídas pela placa peitoral que nunca usava no palácio. E Dobraine fez aquelas mesmíssimas perguntas em um tom tão lúgubre que Rand ficou quase tão feliz quando ele saiu quanto ficava ao se ver livre dos demais nobres.

Min sempre dava um jeito de comparecer a essas audiências, espremendo-as no meio daquelas visitas misteriosas às Sábias — Rand não iria perguntar o que se passava entre elas. O problema era escondê-la dos nobres.

— Posso fingir ser sua concubina — sugeriu Min, rindo. — Posso me enroscar em seu pescoço e dar uvas na sua boca. Quer dizer, passas... faz tempo que não vejo uma uva. E você pode me chamar de lábios de mel. Daí ninguém questionaria o motivo da minha presença.

— Não — retrucou ele, mais que depressa, e Min pareceu bem séria.

— Acha mesmo que os Abandonados viriam atrás de mim só por isso?

— Pode ser — respondeu ele, no mesmo tom sério. — Um Amigo das Trevas como Padan Fain viria, se ele ainda estiver vivo. Eu não arriscaria, Min. De todo modo, não permitirei que esses cairhienos imundos fiquem pensando essas coisas de você. E nem os tairenos.

Os Aiel eram outra história. Eles achariam a brincadeira muito engraçada, muito divertida.

Min era mesmo volúvel. Passou de séria a radiante sem meio-termo e ficou toda sorrisos. Ao menos até as audiências começarem.

Fracassaram com o biombo de madeira ornamentada com douraduras montado no canto da antessala. Os olhos escuros e cintilantes de Maringil evitavam tanto aquele ponto do aposento que Rand sabia que o homem reviraria o Palácio do Sol de cima a baixo para descobrir quem ou o que estava escondido ali. Tiveram mais sucesso com as reuniões na sala de estar, com Min espiando pelas frestas das portas para a antessala, mas nem todos os nobres exibiam imagens ou auras durante as audiências, e o pouco que ela via quando circulavam pelos corredores não levava a nada. Maringil, de cabelos brancos, magro feito uma lâmina e frio como gelo, morreria envenenado. Colavaere, que mantivera o rosto mais que belo muito calmo e contido depois de descobrir que Aviendha não estava ali, morreria enforcada. Meilan, com a barba pontuda e voz melíflua, morreria com uma facada. O futuro trazia uma conta pesada para os Grão-Lordes de Tear. Segundo Min, Aracome, Maraconn e Gueyam também enfrentariam mortes sangrentas, talvez em batalhas. Ela comentou que nunca vira tantas mortes em um só grupo de pessoas.

Assim que viu sangue cobrindo o largo rosto de Gueyam, no quinto dia em que estavam em Cairhien, ela se sentiu tão mal que Rand a obrigou a se deitar e mandou que Sulin trouxesse panos úmidos para molhar sua testa. Foi ele quem ficou sentado segurando a mão dela dessa vez. Min apertava sua mão de volta com bastante força.

Mas mesmo assim ela não parou com as provocações. Ele sempre podia contar com sua presença quando praticava com a espada, treinando as formas com quatro ou cinco dos melhores soldados tairenos e cairhienos, e quando ele e Rhuarc ou Gaul se engalfinhavam tentando acertar a cabeça um do outro. Ela sempre passava o dedo pelo peito nu de Rand e fazia alguma piada sobre pastores não suarem muito por conta do costume de vestir a lã grossa das ovelhas, ou coisa do tipo. Min às vezes tocava a cicatriz na lateral de seu corpo, aquela ferida que nunca cicatrizara direito, o círculo de pele rosada. Mas era um toque diferente, mais suave, e ela nunca fazia piadas sobre o ferimento. Então ela beliscava seu traseiro, o que o deixava no mínimo espantado quando havia gente por perto. As Donzelas e Sábias quase rolavam de tanto rir sempre que ele dava um pulo, e Sulin parecia que ia explodir tentando conter o riso. E Min também se aninhava em seu colo e o beijava sempre que podia, e até ameaçou ir esfregar suas costas no banho, alguma noite. Quando Rand fingiu chorar e gaguejar, Min riu e disse que não era bom o bastante.

Ela sempre parava quando alguma Donzela enfiava a cabeça para anunciar uma visita, sobretudo Loial — o Ogier nunca ficava muito e passava o tempo todo falando da Biblioteca Real —, ou Perrin, que passava ainda menos tempo e parecia cada vez mais cansado. Min pulava para longe ainda mais depressa se Faile estivesse com algum dos dois. Nas duas vezes em que isso aconteceu, a jovem logo escolheu um livro entre os que Rand guardava no dormitório e se sentou, fingindo ler, abrindo o livro em algum ponto no meio, como se já tivesse se dedicado a ele por algum tempo. Rand não entendia os olhares frios que as duas trocavam. Não pareciam haver bem uma animosidade ou inimizade entre elas, mas Rand suspeitava de que, se qualquer das duas fizesse uma lista das pessoas com as quais preferia não se encontrar, o nome da outra estaria logo no início.

O mais engraçado foi que, na segunda vez, ela escolheu o primeiro volume, encadernado em couro, dos *Ensaios sobre a Razão*, de Daria Gahand — livro que Rand considerara de difícil compreensão e que pretendia enviar de volta à Biblioteca da vez seguinte que Loial aparecesse. Min de fato prosseguiu com a leitura por um tempo depois que Faile foi embora e, apesar das carrancas e dos resmungos, levou o livro para os próprios aposentos na ala de hóspedes, naquela noite.

Reinava um frio desinteresse entre Min e Faile, mas entre Min e Berelain os sentimentos beiravam a hostilidade. Quando Somara anunciou a chegada da Primeira de Mayene, na tarde do segundo dia, Rand vestiu o casaco e foi para a antessala a passos firmes, ocupando a cadeira comprida e dourada sobre o palanque antes de mandar Somara trazê-la. Min demorou para chegar ao salão. Quando Berelain entrou, deslumbrante como sempre em um vestido azul muito decotado, e deitou os olhos em Min, de casaco rosa-claro e calças... Por longos instantes, foi como se Rand não existisse. Berelain avaliou Min de cima a baixo, sem disfarçar, e Min pareceu se esquecer de que ainda estava no quarto de Rand. Ela pôs as mãos na cintura e permaneceu ali, com um joelho dobrado, analisando Berelain com a mesma

franqueza. As duas trocaram sorrisos — Rand chegou a sentir os pelos da nuca se eriçando com aquela cena; só conseguia pensar em duas gatas que acabavam de descobrir terem sido trancadas no mesmo quartinho. Parecendo decidir que não havia sentido em se esconder, Min foi andando — ou, melhor dizendo, foi rebolando; conseguiu fazer o caminhar de Berelain parecer o de um menino! — e se sentou, cruzando as pernas, ainda sorrindo. Luz, como aquelas mulheres sorriam.

Berelain enfim virou-se para Rand, abrindo bem as saias e inclinando-se em uma medida profunda. Ele ouviu Lews Therin em sua cabeça, apreciando a visão daquela mulher belíssima e mais do que generosa em exibir seus atributos. Rand também apreciou o que viu, apesar de se perguntar se deveria desviar o olhar pelo menos até que Berelain se levantasse outra vez, mas havia um motivo para ter optado pelo palanque. Ele tentou soar sensato e firme.

— Rhuarc deixou escapar que você vem negligenciando suas obrigações, Berelain. Parece que você andou se escondendo nos seus aposentos durante dias, depois da minha última visita. Soube que ele teve que ralhar com você para que saísse de lá. — Rhuarc não tinha dito exatamente isso, mas dera essa impressão. As bochechas dela coraram, sugerindo que Rand acertara. — Você sabe que está no comando, não ele. Deve escutar os conselhos de Rhuarc, não deixar tudo a cargo dele. Não preciso de uma rebelião dos cairhienos por pensarem que você colocou um Aiel para governá-los.

— Eu estava... preocupada, milorde Dragão. — Apesar da hesitação e do rosto corado, a voz dela saiu serena. — Desde a chegada das Aes Sedai, os rumores vêm crescendo feito ervas daninhas. Se me permite a pergunta, quem é que o senhor pretende colocar no governo deste lugar?

— Elayne Trakand, a Filha-herdeira de Andor. Agora Rainha de Andor. — Ao menos seria, em breve. — Não sei de que rumores você está falando, mas preocupe-se em deixar Cairhien nos eixos, eu me preocupo com as Aes Sedai. Elayne ficará grata pelo que está fazendo aqui.

Por algum motivo, Min fungou com desdém.

— É uma boa escolha — comentou Berelain, pensativa. — Eu acho que os cairhienos vão aceitá-la, talvez até os rebeldes das colinas. — Era bom ouvir aquilo. Berelain era boa em avaliar correntes políticas, talvez tanto quanto qualquer cairhieno. Ela respirou fundo, fazendo pausar a voz de Lews Therin. — Quanto às Aes Sedai... os boatos dizem que elas vieram para escoltá-lo até a Torre Branca.

— E *eu* já disse para deixar as Aes Sedai comigo.

Não que desconfiasse de Berelain. Confiava nela para governar Cairhien até que Elayne assumisse o Trono do Sol, e até confiava que ela própria não almejasse o trono. Mas também sabia que, quanto menos gente soubesse que ele tinha qualquer plano em relação às Aes Sedai, menor a chance de Coiren descobrir que ele visava algo além de seu ouro e suas joias.

Min fungou outra vez assim que as portas se fecharam atrás de Berelain. Na

verdade, foi mais uma bufada.

— Não sei por que ela se dá ao trabalho de usar roupas. Bem, cedo ou tarde ainda vai aprender uma lição. Não vi nada de útil a você, só que um homem de branco vai deixá-la de quatro. Ah, certas mulheres não têm vergonha!

Naquela mesma manhã, Min pediu algumas moedas para contratar costureiras, posto que chegara a Caemlyn apenas com a roupa do corpo. As mulheres começaram a produzir casacos, calças e blusas de seda e brocados de todas as cores. Algumas blusas pareciam ter decotes mais reveladores, mesmo por baixo dos casacos, e Rand não fazia ideia de como a mulher conseguia entrar em algumas das calças. Min também praticava arremesso de facas todos os dias de manhã, e ele até viu Nandera e Enaila ensinando a ela a lutar com as mãos e os pés, uma forma de luta bem diferente da masculina. As Donzelas não gostaram de tê-lo como plateia e se recusaram a continuar até que ele saísse. Talvez Perrin tivesse entendido alguma coisa, mas Rand concluiu, pela milésima vez, que não compreendia as mulheres e jamais compreenderia.

Rhuarc ia vê-lo todos os dias, ou então Rand ia ao gabinete que o Aiel dividia com Berelain. Ficava satisfeito em vê-la trabalhando arduamente, debruçada sobre relatórios de carregamentos de grãos, reassentamentos de refugiados e reparos aos danos causados pelo que alguns cairhienos já chamavam de Segunda Guerra dos Aiel, apesar de todos os esforços para denominá-la Guerra dos Shaído. Rhuarc alegava ter decidido ignorar o que chamava de brincadeiras cairhienas em relação ao *ji'e'toh*, embora ainda resmungasse sempre que via uma cairhiena com uma espada ou jovens rapazes e moças vestidos de branco. Os rebeldes ainda pareciam esperar nas colinas, cada vez em maior número, mas isso também não o preocupava. Estava apreensivo era com os Shaído e com quantas lanças ainda rumavam para o sul a cada dia, em direção a Tear. Os batedores que voltavam relatavam que os Shaído na Adaga do Fratricida pareciam inquietos. Não havia indício da direção para onde o grupo pretendia seguir, e nem quando. Rhuarc até mencionou os Aiel que ainda se entregavam à Desolação e abriam mão da lança, ou se recusavam a parar de usar o branco dos *gai'shain* mesmo depois de terminado o tempo da obrigação, e se referiu também aos poucos que ainda rumavam para o norte, a fim de se juntar aos Shaído. Era uma medida da inquietação que sentia. Rand descobriu, para sua surpresa, que Sevanna fora às tendas e até visitara a cidade, mas que tinha ido embora no dia seguinte à chegada de Rand. Rhuarc só mencionou aquilo de passagem.

— Não seria melhor ter prendido a mulher? — perguntou Rand. — Rhuarc, sei que ela se apresenta como Sábia, mas, pelo que entendi do processo, isso não pode ser verdade. Eu não me surpreenderia se os Shaído passassem a ter sensatez, sem ela.

— Duvido — respondeu Rhuarc, em um tom seco. Estava sentado em uma almofada, encostado na parede do gabinete, fumando seu cachimbo. — Amys e as outras ainda se entreolham pelas costas de Sevanna, mas a acolhem como Sábia. Se as Sábias dizem que Sevanna é uma delas, então ela é. Já vi chefes a quem não daria

uma bolsa d'água, mesmo que estivesse entre dez lagos, mas eles mesmo assim eram chefes.

Suspirando, Rand analisou o mapa aberto sobre a mesa. Rhuarc de fato não parecia precisar dele; mesmo sem olhar, sabia dizer qualquer característica do terreno retratado. Berelain permanecia sentada na poltrona de espaldar alto, do lado oposto da mesa, os pés enroscados sob o corpo e uma pilha de papéis no colo. Segurava uma pena na mão, e um frasco de tinta jazia sobre a mesinha ao lado da poltrona. Ela de vez em quando olhava em sua direção, mas baixava a cabeça de volta para os informes sempre que via Rhuarc olhando. E este, por alguma razão, fechava a cara sempre que olhava para ela, que, por sua vez, corava e cerrava os dentes, demonstrando teimosia. Rhuarc às vezes exibia um olhar de desaprovação, o que não fazia o menor sentido, já que Berelain voltara a cuidar de suas obrigações.

— Você vai ter que parar de mandar lanças para o sul — declarou Rand, por fim. Não gostava nada daquilo. Era de suma importância que Sammael visse o maior martelo do mundo avançando para cima dele, mas não ao custo de ter que arrancar os Shaido de Cairhien outra vez. — Não vejo outra saída.

Os dias passaram e Rand continuou ocupado. Teve que receber lordes e ladies que trocavam tantos sorrisos e cordialidades que só podiam estar tramando uns contra os outros por baixo dos panos. As Sábias vinham aconselhá-lo sobre como lidar com as Aes Sedai, fossem as da Torre ou as de Salidar. As sugestões de Amys e Bair faziam Melaine parecer meiga, e Sorilea fazia seu sangue gelar. Jovens cairhienos se rebelavam nas ruas contra a proibição dos duelos que Rhuarc estabelecera, e o Aiel respondia dando um gostinho do que de fato era se tornar *gai'shain*: botava os rebeldes para passarem o dia sentados, nus, debaixo de sol, muito bem vigiados. Aquilo saciou um pouco o furor, mas o Aiel não iria tão longe contra os próprios costumes, colocando aguacentos vestidos de branco, visto que os capturados pelos Escudos Vermelhos começaram a se vangloriar da situação. Rand entreouviu Selande dizer a outra jovem, também portando espada e com os cabelos cortados bem curtos, em um tom bastante presunçoso, que a mulher só compreenderia o *ji'e'toh* quando fosse capturada pelos Aiel. Alegava que era uma experiência edificante, fosse lá o que estivesse querendo dizer com aquilo.

Porém, apesar dos Shaido, dos nobres, das Sábias e dos protestos, apesar da dúvida se Fel algum dia voltaria daquela pescaria, os dias foram... agradáveis. Revigorantes, até. Talvez fosse só porque ele chegara tão cansado na cidade. E talvez de fato fosse só em comparação com aquelas últimas horas em Caemlyn, mas Lews Therin parecia mesmo mais quieto. Rand até se pegou apreciando as brincadeirinhas de Min, e uma ou duas vezes teve que lembrar a si mesmo de que tudo não passava de uma provocação. Por volta do décimo dia em Cairhien, começou a pensar que não seria um jeito tão ruim de passar o resto da vida. Claro que aquilo não poderia durar.

Para Perrin aqueles dez dias não foram nada agradáveis. Ele tratou de buscar a companhia de Loial, mas o Ogier encontrara seu paraíso na Biblioteca Real, onde passava a maior parte dos dias. Perrin gostava de ler, e talvez tivesse apreciado aquelas salas imensas cheias de livros até os tetos abobadados altíssimos, mas sempre havia uma Aes Sedai rondando aquelas salas — uma mulher magra e de cabelos negros que nunca piscava. Ela não parecia notar sua presença, mas Perrin não confiava muito naquelas mulheres, mesmo antes dos eventos em Caemlyn. Sem a possibilidade da companhia de Loial, Perrin saía bastante para caçar com Gaul, e algumas vezes com Rhuarc, que conhecera na Pedra. O problema de Perrin era Faile. Ou talvez fosse Berelain. Ou ambas. Se Rand não estivesse tão ocupado, Perrin teria ido se aconselhar com ele. Rand em geral entendia bem de mulheres, mas tinha coisas que homem nenhum simplesmente saía falando por aí.

Começou logo no primeiro dia, e só estivera em Cairhien por tempo suficiente para ser conduzido a seus aposentos do Palácio do Sol. Faile tinha saído com Bain e Chiad para explorar, e Perrin estava se lavando, sem camisa, quando sentiu um perfume no ar. Não era um cheiro forte, mas seu olfato era apurado. Uma voz cálida atrás dele comentou:

— Sempre imaginei que você tivesse costas lindas, Perrin.

Ele se virou tão depressa que quase bateu no lavatório.

— Ouvi dizer que você veio com... uma esposa? — Berelain estava parada diante da porta da sala de estar, sorrindo.

Sim, tinha mesmo. Uma esposa que não ficaria nada satisfeita em encontrá-lo sozinho e sem camisa com qualquer pessoa que usasse vestido, sobretudo a Primeira de Mayene. Enfiando uma camisa de qualquer jeito, tratou de dizer a Berelain que Faile tinha saído e que ele não sabia quando ela estaria de volta para receber visitas, então escoltou-a até o corredor o mais rápido que pôde sem tocá-la nem a jogar para fora. Achou que aquilo encerraria a questão. Berelain foi embora, e ele tinha conseguido chamar Faile de esposa em todas as seis frases que dissera, reforçando, por duas vezes, quanto a amava. Berelain sabia que ele era casado e sabia que ele amava a esposa. Aquilo não se repetiria.

Quando Faile voltou, algum tempo depois, deu dois passos para dentro do quarto e começou a exalar odores de ciúmes e raiva, muito pungentes — uma mistura que poderia ter feito o nariz de Perrin sangrar. Ele não entendeu o motivo. Ainda podia sentir o perfume de Berelain, mas seu olfato era quase tão aguçado quanto o de um lobo, coisa que o de Faile decerto não era. Foi tudo muito estranho. Faile sorriu, e nenhuma palavra indócil saiu de sua boca. Ela estava amorosa como sempre e até mais ferosa do que de costume. Chegou a arranhar seus ombros — coisa que jamais fizera.

Depois, enquanto examinava os cortes sangrentos à luz do lampião, ela mordiscou sua orelha e riu.

— Em Saldaea — murmurou —, fazemos um talho nas orelhas dos cavalos. Mas acho que isso basta para marcar você. — Ela ainda exalava aquele cheiro forte de ciúmes e raiva.

Se tivesse sido só aquilo, estaria tudo resolvido. O ciúme de Faile podia até arder feito fogo de forja crepitando ao vento forte, mas sempre morria tão rápido quanto se inflamava, bastava que ela percebesse que não havia motivo para tanto. Porém, na manhã seguinte, Perrin a viu conversando com Berelain no corredor, ambas sorrindo como se falassem com uma amiga querida. Conseguiu ouvir a última frase de Berelain, antes que ela virasse as costas.

— Eu sempre cumpro as minhas promessas. — Era um estranho lembrete, e aquilo fez o cheiro acre e ciumento voltar a emanar de Faile.

Até perguntou à esposa que promessa era aquela da qual Berelain estava falando, mas talvez aquilo tivesse sido um erro. Faile piscou, surpresa — às vezes se esquecia de como ele ouvia bem —, e respondeu:

— Eu realmente não me lembro. Ela é o tipo de mulher que faz muitas promessas que não é capaz de cumprir.

Os ombros dele ganharam um *segundo* conjunto de arranhões, e não estavam nem no meio da manhã!

Berelain passou a persegui-lo pelo castelo. No começo aquilo não ficava tão aparente. A mulher até flertara com ele certa vez, na Pedra de Tear, um flerte sutil e não muito incisivo, e ela sabia que Perrin agora era casado. A princípio, eram só alguns encontros acidentais pelos corredores, Perrin tinha certeza, com umas poucas palavras inofensivas trocadas de passagem. Mas, depois de um tempo, teve certeza de que ou a sua energia de *ta'veren* estava influenciando o acaso ou Berelain estava planejando aqueles encontros, por mais improvável que parecesse. Tentou dizer a si mesmo que aquilo era ridículo, que deveria estar se achando tão bonitão quanto Wil al'Seen. Wil era o único homem que ele já vira ser disputado por mulheres, e ninguém nunca correra atrás de Perrin Aybara. Ainda assim, aqueles “encontros acidentais” já estavam frequentes demais.

E Berelain sempre o tocava. Não era nenhum toque óbvio e ostensivo, apenas um roçar de dedos em sua mão por um instante ou no braço ou no ombro. Mal se notava. No terceiro, Perrin se lembrou de algo que lhe deu calafrios: para domar um cavalo nunca antes montado, era preciso começar com toques leves, até que o animal reconhecesse que não seria maltratado e ficasse quieto ao ser tocado. Depois disso vinha o teliz, e então a sela. A rédea sempre vinha por último.

Começou a ter pavor do perfume de Berelain sempre que o sentia por perto. Começou a dar meia-volta e fugir assim que sentia um leve indício daquele cheiro, só que não podia dedicar todos os momentos preocupado em detectar a presença dela. Primeiro porque parecia haver um grande número de jovens cairhienos meio

tontos e muito cheios de si entrando e saindo do palácio, a maioria mulheres — mulheres com espadas! Sempre contornava qualquer grupo de jovens que se colocavam deliberadamente em seu caminho, mas por duas vezes teve que derrubar algum idiota que ficava dançando de um lado a outro diante dele, impedindo sua passagem. Até se sentiu meio mal por aquilo — os cairhienos eram todos muito menores que ele —, mas não dava para jogar com a sorte diante de um homem com a mão no punho da espada. Certa vez, uma moça tentou o mesmo, mas fez um escarcéu até Perrin lhe devolver a espada que tomou sem a menor dificuldade — o que pareceu deixá-la chocada. Ela o seguiu aos berros, gritando que ele não tinha honra, até que algumas Donzelas a levaram, ralhando com ela em um tom bem firme.

E as pessoas ali do palácio sabiam que ele era amigo do Dragão Renascido. Mesmo se não tivesse chegado a Cairhien com aquele portão de Rand, alguns Aiel e tairenos ainda se lembravam dele da Pedra, e as notícias correram rápido. Lordes e ladies que ele nunca vira na vida vinham se apresentar nos corredores, e Grão-lordes tairenos que o encaravam com arrogância na Pedra dirigiam-se a ele feito velhos amigos, agora que estavam em Cairhien. A maioria cheirava a medo e mais um odor que ele não sabia definir. E reparou que todos pareciam querer a mesma coisa.

— Receio que o Lorde Dragão nem sempre me faça confidências, milady — respondeu, com toda a educação, a uma mulher de olhar frio chamada Colavaere. — E, quando faz, a senhora não pode pensar que eu quebraria essa confiança.

A mulher tinha um sorrisinho cheio de superioridade e um ar de quem se perguntava se o couro de Perrin serviria como cobertor de colo. Ela exalava um cheiro estranho, ao mesmo tempo duro e suave e, de alguma maneira... cheio de soberba.

— Não sei muito bem o que Rand pretende fazer — disse ele a Meilan. O homem ainda tinha o mesmo olhar de superioridade de antes, apesar de ter passado a sorrir quase tanto quanto Colavaere. E exalava o mesmo cheiro, com a mesma intensidade. — Talvez o senhor deva perguntar a ele.

— Se eu soubesse mesmo disso, não sairia espalhando pela cidade — respondeu a Maringil, um sujeito matreiro de cabelos brancos com dentes demais no sorriso. Já estava se cansando de tantas tentativas de descobrir o que ele sabia. Maringil também exalava o mesmo cheiro, e com a mesma intensidade dos outros dois.

Nos três, a força daquele odor era muito maior do que qualquer outro nobre. Sabia, em seu íntimo, que era um cheiro tão perigoso quanto o cume de uma montanha logo antes de uma avalanche.

Dividido entre se manter atento aos jovens idiotas e aquele cheiro estranho e tão arriscado, só conseguiu notar o perfume de Berelain no ar quando ela já estava perto o suficiente para dar o bote. Bem, a verdade era que a mulher andava pelos corredores com passadas lânguidas, um cisne nadando em um lago plácido, mas ainda assim ele sentia como se levasse um bote.

Perdeu a conta de quantas vezes mencionou Faile. Não importava: Berelain parecia não ouvir. Pediu que ela parasse com aquilo, mas a mulher perguntou do que ele estava falando. Mandou que ela o deixasse em paz, mas Berelain riu, deu um tapinha em seu rosto e perguntou o que é que ela tinha que parar de fazer. Aquilo, naturalmente, ocorreu no instante exato em que Faile irrompia no cruzamento daquele corredor com outro, no exato instante antes de Perrin se afastar com um pulo. Óbvio que Faile acabou com a impressão de que ele só se afastara porque a vira. Sem hesitar por nenhum segundo, a mulher deu meia-volta. Ela nem sequer diminuiu ou apressou o passo.

Perrin correu atrás da esposa, alcançou-a e foi andando a seu lado, envolvido naquele silêncio doloroso. Era difícil dizer o que precisava ser dito rodeado de toda aquela gente. Faile abriu um sorriso satisfeito que sustentou por todo o trajeto até o quarto, mas como era ácido e espinhoso o cheiro que exalava. Muito espinhoso.

— Não era o que parecia — anunciou, assim que a porta se fechou. Faile não disse uma só palavra, apenas ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. — Bom, até que foi... Berelain me deu um tapinha no rosto... — Ela ainda sorria, mas com as sobrancelhas erguidas de um jeito um tanto mais sombrio, com uma raiva pungente entre aquele cheiro terrível. — Mas ela simplesmente bateu... Eu não dei nenhuma abertura, Faile. Ela simplesmente... — Queria que ela dissesse alguma coisa, mas a mulher apenas o encarava. Achou que ela estivesse esperando alguma coisa, mas o quê? Sentiu um lampejo de genialidade e disse: — Faile, me desculpe.

A raiva ficou cortante como uma navalha.

— Entendi — declarou ela, e saiu do quarto deslizando em um passo elegante.

Bem, tinha mesmo trocado os pés pelas mãos, e ainda se atrapalhara todo no processo, embora não conseguisse entender direito no que errara. Tinha pedido desculpas, e nem sequer fizera qualquer coisa pela qual devesse se desculpar.

Naquela mesma tarde, entreouveu Bain e Chiad debatendo se deveriam ajudar Faile a dar uma surra nele. Que atrevimento! Não havia como dizer se fora por sugestão de Faile — ela era mesmo feroz, mas será que àquele ponto? Ainda assim, suspeitou de que a dupla quisesse que ele ouvisse a conversa, o que só o deixou irritado. Estava claro que a esposa andava conversando sobre suas questões conjugais com aquelas duas, e eram assuntos que deveriam permanecer entre marido e mulher. Aquilo só o deixou ainda mais irritado. Sobre que outras partes da vida íntima dos dois ela conversava durante um chazinho? Aquela noite, ficou olhando, estupefato, quando Faile vestiu uma camisola grossa de lã, a despeito do calor. Quando tentou dar um beijo quase casto em seu rosto, ela resmungou que estava muito cansada e rolou para o lado, ficando de costas. A mulher cheirava a fúria, um cheiro tão pungente que parecia empestear o quarto.

Perrin não conseguia dormir com aquele fedor, e, quanto mais tempo continuava ali, deitado ao lado dela, encarando o teto em meio à escuridão, mais irritado ficava. Por que Faile estava fazendo aquilo? A mulher não via que era a única que ele

amava? Ele já não demonstrara, vezes sem fim, que seu maior desejo era abraçá-la para sempre? Era culpa sua uma mulher idiota estar querendo flertar? O que precisava fazer era virá-la de cabeça para baixo e espalmar as mãos em seu traseiro até Faile recobrar o juízo. Só que já testara aquilo, quando Faile achou que tinha o direito de socá-lo toda vez que quisesse defender seu ponto de vista. A longo prazo, a atitude o ferira muito mais do que a ela. Não gostava nem de pensar em Faile se machucando. Queria estar em paz com ela — e só com ela.

Foi por isso que, ali, deitado, tomou uma decisão enquanto via as primeiras luzes cinzentas despontando pela janela. Já era o sexto dia em Cairhien. Quando estava na Pedra, soubera de Berelain flertando com vários homens. Fosse lá o motivo que a levara a escolhê-lo como presa, a mulher logo escolheria outro, se ele sumisse de vista por um tempo. E, quando Berelain escolhesse outra vítima, Faile recobriria o bom senso. Parecia simples.

Portanto, jogou umas roupas no corpo assim que pareceu sensato se levantar e foi encontrar Loial para o café da manhã, depois o acompanhou até a Biblioteca Real. Quando avistou aquela Aes Sedai esguia e ouviu de Loial que a mulher ia lá todos os dias — o Ogier ficava acanhado perto de Aes Sedai, mas não se incomodaria de ter vinte à sua volta —, farejou Gaul e foi chamá-lo para caçar. Não havia muitos cervos ou coelhos nas colinas próximas, claro, e os poucos que viram pareciam sofrer tanto com a seca quanto o povo local. Bem, se estivessem mesmo atrás de carne, o olfato de Perrin poderia levá-los a tantas presas quanto fosse preciso. Não chegou a encaixar nenhuma flecha no arco, mas insistiu em ficar por lá até Gaul começar a perguntar se ele estava querendo caçar morcegos ao luar. Perrin às vezes esquecia que os outros não conseguiam ver tão bem à noite quanto ele. No dia seguinte, também ficou caçando até de noite, assim como em todos os dias que se seguiram.

O problema foi que aquele plano simples começou a desandar. Na primeira noite, quando voltou ao Palácio do Sol com o arco no ombro, cansado de tanto caminhar, uma sutil remexida do ar trouxe o perfume de Berelain bem a tempo de impedir que ele entrasse pela porta principal. Gesticulando um pedido mudo de silêncio aos guardas Aiel, Perrin fugiu, sorrateiro, até a porta dos serviços, e teve que socar a madeira até que um sujeito sonolento o deixasse entrar. Na noite seguinte, Berelain aguardava no corredor logo ao lado dos aposentos de Perrin, e ele teve que passar quase metade da noite escondido em um canto, até ela desistir. Cada noite, a mulher esperava em um ponto diferente, como se fosse forçar um encontro fortuito quando todos, exceto uns poucos serviços, estivessem dormindo. Era loucura, por que ela não resolvia perseguir outro? Além do mais, quando ele enfim conseguia entrar no quarto, sorrateiro, com as botas nas mãos, Faile estava dormindo com aquela maldita camisola de lã grossa. Muito antes da sexta noite seguida sem dormir, já tinha admitido que a ideia fora uma burrice, embora ainda não conseguisse entender por quê. Ah, mas parecera tão fácil... Só queria uma palavra de Faile, uma dica do que dizer ou fazer, mas ouvia apenas seus próprios dentes rangendo na escuridão.

No décimo dia, Rand recebeu mais um pedido de Coiren para uma audiência. A carta veio no mesmo tom cordial dos três primeiros. Ele ficou um tempo sentado, pensativo, esfregando o espesso pergaminho cor de creme entre o polegar e o indicador. De fato, não tinha como dizer exatamente a que distância estava Alanna, ainda que a sentisse. Bem, comparando a força do primeiro dia com a daquele momento, achava que ela estava a meio caminho de Cairhien. Se fosse aquilo mesmo, Merana não estava perdendo tempo. O que era bom — queria que ela ficasse mesmo ansiosa. E um pouquinho de remorso também ajudaria, porém era mais fácil desejar a lua — a mulher era Aes Sedai, afinal. Mais dez dias até que chegassem a Cairhien, se mantivessem o ritmo, e era provável que mantivessem. Tempo suficiente para mais dois encontros com Coiren, de modo que teria concedido três audiências a cada grupo. Que Merana pensasse nisso quando chegasse. Nenhuma vantagem para ela, a Torre Branca do outro lado, e nenhuma necessidade de que ela soubesse que preferia enfiar a mão em um ninho de vespas do que chegar perto da Torre, ainda mais com Elaida como Amyrlin. Mais dez dias, e comeria as próprias botas se dez mais se passassem antes que Merana concordasse em dar a ele o apoio de Salidar, sem nenhuma daquela bobajada de querer liderar ou mostrar o caminho. Então, por fim, poderia voltar toda a atenção a Sammael.

Quando se sentou para escrever para Coiren dizendo que ela poderia trazer duas de suas irmãs ao Palácio do Sol no dia seguinte de manhã, Lews Therin começou a resmungar audivelmente. *Sim. Sammael. Dessa vez ele morre. Demandred e Sammael e todos eles, desta vez. Sim, vou matá-los.*

Rand nem percebeu.





A CAPTURA

Rand deixou Sulin ajudá-lo com o casaco só porque para impedi-la teria sido necessário arrancar a peça das mãos dela. Como de costume, a Aiel tentou enfiar a roupa nele sem a menor consideração para detalhes mínimos como, por exemplo o ponto em que de fato ficavam os braços. Claro que, com isso, acabaram envolvidos em uma dancinha pelo quarto. Lews Therin tagarelava sem parar, gargalhando com uma alegria insana, alto o bastante para se fazer ouvir. *Sammael, ah, sim! Mas Demandred primeiro. Antes de tudo, eu me livro dele. Depois de Sammael. Ah, sim...* Se aquela voz tivesse um corpo e mãos, não pararia de esfregá-las, todo satisfeito. Rand o ignorou.

— Aja com respeito — resmungou Sulin, entre dentes. — Você não demonstrou o devido respeito àquelas Aes Sedai de Caemlyn e viu o que aconteceu. As Sábias... ouvi as Sábias falarem umas coisas... você tem que agir com o devido respeito. Milorde Dragão — acrescentou, como se só então tivesse se lembrado.

Rand conseguiu terminar de botar o casaco, aos trancos.

— Min já chegou?

— Ela por acaso está aqui? Milorde Dragão. — Sulin puxou um fio imaginário da seda vermelha, então começou a fechar os botões. Era mais fácil nem tentar impedi-la. — Min virá quando vier, se vier. Sorilea vai encerrar a lição dela nas tendas quando for a hora. — Ela o encarou com um olhar penetrante. — O que é que você quer com a menina? Duvido que queira uns beliscões no traseiro na frente das Aes Sedai. — Ela nem tentou esconder o sorriso. — Milorde Dragão.

Foi muito difícil não fechar a cara. Tudo estava indo tão bem, mas agora isso... Sorilea sabia que ele precisava de Min mais do que em qualquer audiência que já acontecera, não podiam passar a chance de ela ter alguma visão em relação a Coiren e duas outras emissárias de Elaida. Sorilea prometera que a devolveria a tempo.

Rand se afastou outra vez, mas Sulin foi atrás, ainda fechando os botões.

— Sulin, quero que você vá à tenda de Sorilea. Encontre Min e traga ela aqui. Sem perguntas, Sulin. Só obedeça.

A mulher tentou sorrir e ranger os dentes ao mesmo tempo, em uma cena memorável.

— Como milorde Dragão ordenar.

Com uma mesura suave, ela abriu as saias vermelhas e brancas e baixou o rosto quase até o chão.

— Até quando? — perguntou Rand, quando ela se virou para ir. Não precisava explicar a pergunta, e a hesitação de Sulin deixou claro que ela compreendera.

A Aiel enfim respondeu, com calma e firmeza, sem murmúrios.

— Até minha vergonha se igualar à delas. — Ela o encarou bem nos olhos e, por um instante, voltou a ser a antiga Sulin, mesmo com os cabelos mais compridos. Mas a máscara logo voltou. — Se milorde Dragão me der licença, preciso correr para lhe obedecer.

E ela correu: erguendo as saias até os joelhos, Sulin saiu em disparada. Rand balançou a cabeça e fechou os últimos botões sozinho.

A verdade era que até se sentia bem. Exceto por Min, claro. Sorilea lhe prometera... Min lhe prometera. Assim que se esquivasse das inevitáveis perguntas de Coiren sobre ir ou não para Tar Valon, ele se sentaria com Min e... não tinha certeza do que viria depois. Mas Alanna estava cada dia mais perto. Depois de dar alguma atenção a Coiren, treinaria com a espada por uma hora.

Demandred, rosnou Lews Therin. *Ele queria Ilyena!* Como de costume, a lembrança de Ilyena o fez voltar ao choro e às lamúrias. *Ilyena! Ah, Luz, Ilyena!*

Rand pegou o Cetro do Dragão e foi até a antessala. Ponderando quem Coiren levaria daquela vez, sentou-se na cadeira de espaldar alto sobre o palanque, para não ficar andando de lá para cá — e não seria por conta das Aes Sedai, mas sim de Min. A mulher sabia quanto Rand precisava dela. Sabia.

Até que uma das portas se entreabriu para deixar passar uma mulher... era Chiad, não Min.

— As Aes Sedai estão aqui, *Car'a'carn*. — O título saiu em um tom rígido, como se ela ainda não conseguisse aceitar que um aguacento era o chefe dos chefes ou que ele de fato fosse o filho de uma Donzela.

Rand assentiu, levantando-se e apoiando a ponta do Cetro do Dragão no joelho.

— Mande elas entrarem.

Teria uma conversa séria com Min sobre essa coisa de dedicar todo o tempo às Sábias.

Coiren adentrou, deslizando como um cisne roliço e presunçoso, logo seguida de Galina e outra mulher de olhos duros, cabelos negros feito as penas de um corvo e aquela expressão de Aes Sedai. Estavam todas de cinza, e Rand suspeitou de que a cor tinha sido escolhida para disfarçar a poeira. Para sua surpresa, mais uma vez

serviçais com sobrecapas leves vieram atrás das Aes Sedai — quase dez, carregando dois pesados baús trabalhados em latão, nenhum dos dois pequeno. Algumas das jovens o encaravam, mas a maioria mantinha a cabeça baixa, talvez por medo, talvez por estarem concentradas no esforço da tarefa em questão.

Rand quase fez uma careta, mas conseguiu se conter. Aquelas mulheres achavam mesmo que podiam comprá-lo.

— Uma pena que sua irmã *Verde* não esteja aqui hoje — comentou Galina.

Os olhos de Rand se desviaram das serviçais e se voltaram para ela na hora. As três Aes Sedai o encaravam atentamente. Como poderiam saber a respeito de Alanna?

Porém, não havia tempo para questionamentos. Quase no mesmo instante, ele sentiu a pele começar a se arrepiar.

Foi tomado pela fúria, e Lews Therin também se abalou. Os dois agarraram *saidin* quase no mesmo instante. Somada ao desprezo, a ira branca e incandescente se revolvía nos limites do Vazio, enquanto ele cravava os olhos em Coiren, Galina e fosse lá quem fosse a terceira. O rosto suave e redondo de Coiren era pura determinação, e as outras duas chegavam a exibir um sorriso ávido e nem um pouco agradável. Eram tão idiotas quanto Merana e aquelas outras.

Uma barreira deslizou entre ele e a Fonte Verdadeira, como o fechamento de uma comporta. O fluxo de *saidin* desapareceu, deixando apenas o resíduo imundo da mácula. O choque foi tão grande que quase não sentiu o ar que parecia se solidificar à volta dele, dos pés à cabeça. Aquele escudo o deixou de olhos arregalados — era impossível. Três mulheres sozinhas não conseguiriam apartá-lo da Fonte depois que ele tomava o controle de *saidin*, a menos que fossem fortes como Semirhage, Mesaana, ou... tentou tocar a Fonte, esmurrou aquela muralha de pedras invisível com mais força, mais força... Lews Therin rosnava feito uma besta frenética, esmurrando, atacando. Um deles tinha que conseguir tocar *saidin*; derrubar aquela barreira erguida por apenas três.

O bloqueio só estava erguido havia poucos instantes quando uma das serviçais deu um passo à frente, parando ao lado de Galina, e Rand sentiu o rosto empalidecer. Quatro pares de olhos o encaravam em quatro rostos de idade indefinida.

— É mesmo uma pena que tenhamos chegado a este ponto. — Coiren falava em um tom sereno e claro, mais parecendo se dirigir a um grupo do que a um só homem. — Queria muito que você viesse a Tar Valon por vontade própria, mas ficou óbvio que sua única intenção era protelar até desistirmos. Bem, imagino que você tenha entrado em contato com aquelas pobres coitadas que fugiram depois que Sanche foi estancada. Achava mesmo que elas poderiam lhe oferecer alguma coisa melhor do que conseguiria com a Torre Branca? — A mulher de fato parecia decepcionada com ele.

Rand só conseguia mexer os olhos. Encarou as serviçais ocupadas com um dos baús que jazia aberto. As mulheres tiraram uma bandeja rasa de lá de dentro. Alguns

daqueles rostos pareciam jovens, mas outros... eram todas Aes Sedai, tinha certeza. As cinco mais moças ainda não tinham o rosto de idade indefinida. Eram as cinco que haviam olhado para ele, diminuindo suas suspeitas, enquanto o restante permanecera de rosto escondido. Quinze Aes Sedai: treze para se unirem e tecerem um escudo que homem nenhum poderia quebrar, e duas para atá-lo. Treze para... Lews Therin fugiu aos berros.

Galina arrancou o Cetro do Dragão da mão de Rand, balançando a cabeça.

— Agora eu assumo, Coiren. — Ela nem o olhou. Rand poderia muito bem ser uma parte da cadeira. — Segundo o acordo, caso chegássemos a este ponto, a Ajah Vermelha assumiria o comando. — Então mandou, entregando o Cetro do Dragão à outra mulher de cabelos negros e de roupa cinza: — Ponha isto em algum lugar, Katerine. Pode ser um bom souvenir para a Amyrlin.

A Ajah Vermelha. Rand sentia o suor brotar de seu rosto. Se ao menos as Donzelas lá fora entrassem. Ou as Sábias, Sulin... qualquer pessoa que pudesse gritar por ajuda, despertar o Palácio. Treze Aes Sedai, e a Ajah Vermelha no comando. Se pudesse abrir a boca, teria gritado.

* * *

Quando as portas se abriram, Bain ficou surpresa. Rand al'Thor acabara de receber as Aes Sedai. Mas seu olhar automaticamente se desviou ao ver as serviçais carregando os baús para fora. Uma Aes Sedai de cabelos negros plantou-se diante dela, e Bain tratou de se levantar. Mal sabia o que pensar da história que as outras Donzelas tinham contado em Caemlyn, coisas das quais apenas os chefes e as Sábias tinham conhecimento, mas os olhos negros daquela mulher pareciam saber tudo sobre o fracasso dos Aiel, tanto tempo antes. Aqueles olhos se fixaram nos de Bain até que ela tomasse apenas vaga ciência da outra Aes Sedai de cabelos negros que confrontava Chiad, e da outra, cheia de pompa, que conduzia as mulheres com os baús para longe. Bain se perguntou se a Aes Sedai que a encarava pretendia matá-la pelo fracasso dos Aiel. Bem, elas decerto já teriam começado a matança, se fosse essa a intenção, já que decerto sabiam de tudo. Ainda assim, aqueles olhos escuros cintilavam com uma dureza que trazia o presságio claro da morte. Bain não tinha medo de morrer, só queria tempo para se velar antes.

— Parece que o jovem Mestre al'Thor está acostumado a ir e vir de Cairhien a hora que bem entende — comentou a Aes Sedai, a voz dura como pedra. — Não estamos acostumadas a ter alguém virando as costas para nós de maneira tão rude. Se ele voltar ao Palácio nos próximos dias, então também voltaremos. Senão... nossa paciência não é infinita.

Ela foi embora, desfilando ao lado da outra, indo atrás das mulheres com os baús.

Bain e Chiad trocaram olhares apressados e correram até os aposentos de Rand al'Thor.

* * *

— Como assim, ele sumiu? — inquiriu Perrin.

As orelhas de Loial tremelicaram na direção dele, mas o Ogier manteve o olhar fixo no tabuleiro de pedras, assim como Faile. Ela cheirava... Perrin não conseguia distinguir nada no amontoado de aromas que vinha dela — aquela combinação de odores o deixava desesperado.

Nandera simplesmente deu de ombros.

— Ele faz isso às vezes. — Parecia bastante calma, os braços cruzados e o rosto impassível, mas cheirava a irritação, aquele fedor que remetia a pequenos espinhos. — Ele foge das Donzelas e às vezes passa o dia todo fora. E acha que a gente não sabe. Pensei que você pudesse saber aonde ele foi. — Algo em sua voz dava a entender que, se ela descobrisse o paradeiro de Rand, pretendia ir atrás.

— Não — respondeu, com um suspiro. — Não faço ideia.

— Preste atenção no jogo, Loial — resmungou Faile. — Claro que você não pretendia pôr uma pedra aí.

Perrin suspirou outra vez. Tinha decidido passar o tempo inteiro ao lado de Faile. Cedo ou tarde a mulher teria que falar com ele, e Berelain decerto o deixaria quieto se ele estivesse com a esposa. Bem, ao menos Berelain o deixara em paz. Assim que Faile percebeu que ele não sairia para caçar, laçou Loial antes que o Ogier pudesse correr para a Biblioteca, e os dois estavam engatando uma partida de jogo de pedras atrás da outra. E praticamente sem falar. Perrin queria estar onde quer que Rand estivesse.

* * *

Deitado de costas na cama, Rand encarava as grossas vigas do porão, mas não olhava para elas de fato. A cama não era grande, mas os dois colchões com travesseiros de penas de ganso e os bons lençóis de linho proporcionavam conforto. No quarto também havia uma cadeira robusta e uma mesa pequena e simples, porém muito bem-feita. Ainda sentia dor nos músculos por conta do transporte até ali dentro de um dos baús. Com o Poder, foi fácil dobrar seu corpo, enfiando a cabeça entre os joelhos, e cordas simples bastaram para transformá-lo em um embrulho.

O som de metal contra metal o fez virar a cabeça. Galina usara uma grande chave para destrancar uma portinhola na jaula de ferro que circundava a cama, a mesa e a

cadeira. Uma mulher grisalha de rosto enrugado estendeu os braços jaula adentro apenas o suficiente para botar uma bandeja coberta por um pano na mesa, então se afastou quase com um salto.

— Pretendo levar você até a Torre com a saúde razoável — declarou Galina, com frieza, enquanto trancava a portinhola. — Coma, ou será forçado a comer.

Rand voltou a encarar as vigas. Seis Aes Sedai estavam sentadas em cadeiras ao redor da jaula, sustentando a blindagem. Manteve o Vazio, para caso as mulheres vacilassem, mas não investiu contra a barreira. Quando elas o empurraram, trôpego, para dentro da jaula, ele tentou derrubar aquele muro invisível. Algumas riram, ao menos as que perceberam. Em vez disso, decidiu avançar com cautela em direção à fúria de *saidin*, uma tempestade de fogo e gelo logo fora de seu campo de visão. Alcançou-a, sentiu a muralha invisível que o apartava da Fonte, deslizou ao longo dela como se tentasse encontrar uma aresta. O que encontrou foi um local onde a muralha parecia se dividir em seis pontos — serviam para barrá-lo tão bem quanto a parede, mas eram seis, não um, e definitivamente eram pontos distintos.

Fazia quanto tempo que estava ali? Uma desolação se abatera sobre ele, embotando a passagem do tempo, mergulhando-o em um estado de letargia. Estava ali havia tempo suficiente para sentir fome, mas o Vazio deixava a sensação distante, e nem mesmo o cheiro de cozido quente e pão fresco vindo da bandeja suscitava algum interesse. Levantar-se requeria esforço demais. Até então, doze Aes Sedai se revezavam ao redor da jaula, nenhuma com um rosto que ele conheceria antes de chegar naquele porão. Quantas estariam naquela casa? Isso talvez fosse importante mais tarde. Onde ficava aquela casa, afinal? Não fazia ideia da distância que percorrera dentro do baú, sacolejando em alguma carruagem ou carroção. Por que se esquecera do conselho de Moiraine? Não podia confiar em nenhuma Aes Sedai, nem um pouquinho, nem por um instante. Seis Aes Sedai usando o poder para sustentar aquela blindagem deveria ser detectável para qualquer mulher capaz de canalizar que estivesse lá fora. Só precisava que Amys, Bair ou alguma outra passasse na rua e desconfiasse. Elas deviam estar achando que ele desaparecera logo que Coiren deixou o palácio. Bem, isso se houvesse uma rua lá fora. Só precisava...

Tateou outra vez a blindagem, bem lentamente, para que elas não percebessem. Seis pontos. Seis pontos que poderiam ser descritos como *macios*. Aquilo só podia significar alguma coisa. Desejou que Lews Therin voltasse a falar, mas o único som em sua cabeça eram seus próprios pensamentos vagando pelo Vazio. Seis pontos.

* * *

Avançando depressa pela rua que passava junto à grande casa de pedra onde estavam as Aes Sedai, Sorilea mal sentia que as mulheres ainda canalizavam lá dentro. Sentia

pouco porque só podia canalizar bem pouco, mas não foi por isso que ignorou o que se passava ali. Aquelas mulheres estavam canalizando dia e noite desde que haviam chegado, e mais nenhuma das Sábias continuava perdendo tempo se perguntando o porquê. Sorilea decerto tinha questões mais importantes em que pensar. No palácio do Assassino da Árvore, as Donzelas já começavam a ficar irritadas com Rand al'Thor, resmungando que o *Car'a'carn* teria que dar algumas explicações quando voltasse. Sorilea já vivera um bom tempo a mais que qualquer uma daquelas Donzelas, um bom tempo a mais que qualquer Sábia, fosse fraca no Poder ou não, e estava apreensiva. Como quase todo homem, Rand al'Thor saía e voltava quando queria, indo sempre para onde queria — nesse aspecto, os homens eram como os gatos —, mas desta vez ele sumira ao mesmo tempo que Min desaparecera, em algum ponto do caminho entre as tendas e o Palácio. Sorilea não gostava de coincidências, não importava quanto elas fossem frequentes quando o assunto era o *Car'a'carn*. Apertando o xale contra o corpo para amenizar aquele súbito frio na espinha, rumou depressa de volta para as tendas.





TESSITURAS DO PODER

Os homens sentados em torno da mesa do salão da estalagem A Mulher Errante eram, em sua maioria, locais. Os que trajavam o colete comprido típico da região ostentavam a peça em seda brilhante, em geral brocada, sobre camisas claras com mangas largas. Pedras preciosas ou pérolas adornavam os anéis, os brincos de argola eram de ouro, não apenas folheados, e pedras-da-lua e safiras cintilavam nos pomos das facas curvas enfiadas nos cinturões. Vários deles estavam com os coletes de seda jogados por sobre os ombros, com uma corrente de prata ou ouro presa entre as estreitas lapelas bordadas com flores ou animais. Os casacos pareciam realmente estranhos — eram pequenos demais para serem vestidos, sem nenhuma outra finalidade que não a de uma capa —, mas seus portadores carregavam espadas finas e compridas, bem como a adaga curva, e pareciam estar muito dispostos a usar qualquer uma das duas, fosse por ouvir um desaforo, receber um olhar atravessado ou por simplesmente sentirem vontade.

Ou seja, era um público bem variado. Dois mercadores murandianos com bigodes enrolados e aquelas barbichas ridículas na ponta do queixo, um domanês de bigode fino e cabelo abaixo dos ombros que usava um bracelete de ouro, um colar também de ouro bem justo e uma pérola bem grande na orelha esquerda. Um Atha'an Miere de pele escura com um casaco verde brilhoso, as mãos tatuadas e duas facas presas por uma faixa vermelha, um taraboniano com um véu transparente cobrindo o bigode grosso que quase lhe escondia a boca, além de vários forasteiros que poderiam ser de qualquer lugar. Mas todos tinham à sua frente uma pilha de moedas, ainda que de variados tamanhos. Tão perto do Palácio Tarasin, A Mulher Errante atraía clientes com ouro para gastar.

Mat girou os cinco dados no copo de couro e os lançou sobre a mesa. Quando pararam, havia duas coroas, duas estrelas e uma taça. Um bom lançamento, nada

mais que isso. Sua sorte vinha em ondas, e, àquela altura, a maré parecia baixa, o que significava que ele havia ganhado não mais que metade dos lances. Até aquele momento, Mat conseguira perder dez seguidas, sequência incomum para ele em qualquer situação. Os dados passaram para um forasteiro de olhos azuis, um homem de rosto duro e fino que parecia ter moedas de sobra para jogar, apesar do casaco marrom bem simples.

Vanin se curvou para cochichar no ouvido de Mat:

— Saíram de novo. Thom diz que ainda não sabe como. — Mat olhou para o homem gorducho com uma cara tão feia que o fez se endireitar mais rápido do que seria de se esperar de alguém do seu tamanho.

Mat engoliu metade do ponche de melão da sua taça de prata e franziu o cenho para a mesa. De novo! O lançamento do homem de olhos azuis rolou por toda a mesa e os dados pararam mostrando três coroas, uma rosa e uma barra. Os homens ao redor da mesa sussurraram uns para os outros quando ele ganhou.

— Sangue e cinzas — resmungou Mat. — Só falta a Filha das Nove Luas entrar aqui e me pegar. — O sujeito de olhos azuis se engasgou com a bebida. — Você reconhece esse nome? — perguntou Mat.

— Meu ponche desceu pelo lugar errado — respondeu o homem com um sotaque discreto e arrastado que Mat não reconheceu. — Que nome você disse?

Mat fez um gesto para que o homem deixasse o assunto para lá. Já vira brigas começarem por muito menos. Arrastando o ouro e a prata de volta para dentro da bolsa, enfiou-a no bolso do casaco ao se levantar.

— Para mim já chega. Que a Luz abençoe a todos aqui. — A mesa inteira repetiu a bênção, inclusive os forasteiros. As pessoas eram bastante educadas em Ebou Dar.

Mesmo que ainda não estivesse nem no meio da manhã, o salão estava relativamente cheio, e uma nova partida de dados contribuiu com sua cota de gargalhadas e lamúrias. Dois dos filhos mais novos da Senhora Anan estavam ajudando as atendentes a servir o café da manhã dos que haviam levantado tarde. A própria estalajadeira se encontrava sentada nos fundos do aposento, perto da escada de pedra branca sem corrimão, de olho em tudo, ao lado de uma bela jovem em cujos grandes olhos negros se via um cintilar de alegria, como se ela conhecesse uma piada que ninguém mais conhecia. Seu rosto tinha um formato oval perfeito, emoldurado pelo cabelo preto brilhoso, e a gola cavada do vestido cinza com cinto vermelho proporcionava uma visão tentadora. O divertimento em seus olhos se intensificou quando ela sorriu para Mat.

— Com a sorte que você tem, Lorde Cauthon — disse a Senhora Anan —, meu marido deveria lhe perguntar para onde mandar os barcos de pesca dele. — Por algum motivo, seu tom de voz foi bastante seco.

Mat aceitou o título sem pestanejar. Em Ebou Dar, poucos que não fossem lordes desafiariam um outro lorde. Para ele, era um simples cálculo de riscos. Havia bem menos lordes que plebeus, o que significava menos chances de que alguém fosse

tentar lhe enfiar uma faca. Ainda assim, Mat tivera que rachar três cabeças nos últimos dez dias.

— Receio que minha sorte não se estenda a esse tipo de coisa, senhora.

Olver pareceu surgir do nada ao lado dele.

— Podemos ir para a corrida de cavalos, Mat? — quis saber ele, impaciente.

Frielle, a filha do meio da Senhora Anan, chegou correndo e pegou o garoto pelos ombros.

— Me perdoe, Lorde Cauthon — desculpou-se, ansiosa. — Ele escapou de mim agora mesmo. Juro pela Luz, ele escapou. — Prestes a se casar, com a gargantilha de prata bem justa para a faca de casamento já envolvendo o pescoço esbelto, ela se oferecera para cuidar de Olver, rindo ao dizer que queria ter seis filhos homens. Mat suspeitava de que a garota estivesse começando a torcer para só ter filhas.

Foi Nalesean, descendo a escada, que atraiu o olhar de Mat, contundente o bastante para deixar o taireno paralisado. Era Nalesean quem havia inscrito Vento em duas corridas, e botado Olver para cavalgar — ali, eram os garotos que cavalgavam —, e sem Mat saber de nada até tudo já estar feito. Que Vento tivesse se provado tão rápido quanto seu nome não ajudava em nada. Duas vitórias ataçaram o paladar de Olver para outras mais.

— Não é culpa sua, senhorita — disse Mat para Frielle. — Pode enfiá-lo num barril se precisar. Tem a minha bênção.

Olver lhe dirigiu um olhar acusatório, mas, logo depois, virou-se de repente para Frielle para lhe abrir um sorriso insolente que havia aprendido em algum lugar. Com suas orelhonas e aquela boca grande, pareceu estranho. Ele jamais se tornaria um rapaz bonito.

— Vou ficar sentado bem quietinho se puder ficar olhando para esses seus olhos. Eles são lindos.

Frielle tinha muito da mãe, e não só na aparência. Ela riu com doçura e lhe fez um carinho debaixo do queixo, deixando-o enrubescido. Sua mãe e a jovem de olhos grandes sorriram diante da cena.

Balançando a cabeça, Mat começou a subir a escada. Precisava ter uma conversa com o garoto. Ele não podia sorrir daquele jeito para todas as mulheres que visse. E ainda dizer para uma mulher que ela tinha olhos bonitos! Com aquela idade! Mat não sabia de onde Olver tirara aquilo.

Quando se pôs lado a lado com Nalesean, o homem disse:

— Escaparam de novo, não é. — Não foi uma pergunta, e, quando Mat assentiu, ele deu um puxão na barba pontuda e soltou um palavrão. — Vou reunir os homens, Mat.

Nerim estava irrequieto no quarto de Mat, esfregando a mesa com um pano como se as criadas já não a tivessem limpado naquela manhã. Ele dividia com Olver um quarto menor bem ao lado e raramente saía da estalagem. Segundo ele, Ebou Dar era libertina e pouco civilizada.

— Milorde vai sair? — indagou Nerim num tom lúgubre quando Mat apanhou seu chapéu. — Com esse casaco? Receio que haja uma mancha de vinho de ontem à noite no ombro. Eu a teria removido se Milorde não tivesse se vestido com tanta pressa hoje de manhã, e também tem um rasgo na manga, feito por uma faca, acredito, que eu teria remendado.

Mat permitiu que o homem trouxesse um casaco cinza com volutas prateadas bordadas nos punhos e na gola alta e entregou a ele o verde bordado em ouro.

— Espero que milorde pelo menos tente não o sujar de sangue hoje. Manchas de sangue são muito difíceis de remover.

Os dois haviam chegado a um acordo. Mat aguentava o semblante sombrio e as observações melancólicas de Nerim, além de deixar o homem apanhar, limpar e lhe entregar objetos que ele próprio poderia pegar facilmente, e, em troca, Nerim concordara, com relutância, em não tentar vesti-lo.

Mat verificou as facas acomodadas em suas mangas, debaixo do casaco e nas abas viradas para baixo das botas, deixou a lança encostada em um canto, junto com o arco sem corda, e desceu para a frente da estalagem. Aquela lança parecia atrair idiotas a fim de briga tanto quanto o mel atraía moscas.

Apesar do chapéu, o suor formou gotículas em seu rosto tão logo ele saiu da sombra e do relativo frescor da estalagem. O sol daquela manhã equivalia ao do meio-dia de dias normais em pleno verão, mas a Praça Mol Hara estava apinhada de gente. De início, Mat só ficou ali de pé, o cenho franzido para o Palácio Tarasin. Com Thom e Juilin vigiando lá dentro e Vanin do lado de fora, como elas estavam conseguindo sair sem ser vistas? Vinham saindo quase todos os dias. Depois da terceira vez, Mat designara homens para ficar de olho em cada porta de saída daquela montanha abobadada de pedra branca e gesso, e eles assumiam seus postos antes do amanhecer. Com mais Nalesean e ele, estavam em quantidade suficiente. Ninguém avistara um vestígio sequer, mas, pouco antes do meio-dia, Thom veio dizer que as mulheres tinham dado um jeito de escapular. O velho menestrel dava a impressão de ter perdido a paciência e parecia prestes a arrancar os cabelos do bigode. Mat sabia muito bem o que estava acontecendo. Elas vinham fazendo aquilo só por despeito, para atazanar o juízo dele.

Nalesean e os demais estavam aguardando, formando um grupo de homens suados e desanimados. Nalesean corria os dedos pelo punho da espada como se torcesse para ter uma oportunidade de usá-la.

— Hoje vamos dar uma olhada no outro lado do rio — afirmou Mat. Vários Braços Vermelhos se entreolharam desconfortavelmente. Já tinham ouvido as histórias.

Vanin balançou a cabeça, inquieto.

— É uma perda de tempo — disse ele, sem rodeios. — Lady Elayne jamais iria se meter num lugar desses. A Aiel talvez, ou Birgitte, mas não Lady Elayne.

Mat fechou os olhos por um instante. Como Elayne fora capaz de arruinar um

homem tão bom em tão pouco tempo? Ele continuava torcendo para que um tempo longe da influência negativa dela endireitasse Vanin, mas estava começando a perder as esperanças. Luz, como ele detestava as mulheres nobres.

— Bem, se não as virmos por lá hoje, podemos esquecer o Rahad, já que, naquele lugar, elas vão chamar a atenção feito cotovias coloridas em meio a uma revoada de melros, mas minha intenção é encontrá-las mesmo que estejam escondidas debaixo de uma cama no Poço da Perdição. Procurem em duplas, como de costume, e protejam uns aos outros. Agora vamos tratar de encontrar barqueiros que nos atravessem até lá. Que me queime, eu só espero que não estejam todos vendendo frutas para os navios do Povo do Mar.

* * *

Para Elayne, a rua parecia como em *Tel'aran'rhiod*, construções de alvenaria de cinco e seis andares cobertas de maneira desigual por gesso branco, erguendo-se coladas uma à outra por sobre um calçamento irregular. Só àquela hora do dia, com o sol dourado ardendo acima da cabeça, era que as sombras desapareciam por completo daquelas vielas estreitas. Moscas zumbiam por toda parte. As únicas diferenças em relação ao Mundo dos Sonhos eram as roupas lavadas dependuradas nas janelas, as pessoas — não havia muitas pela rua naquele horário, claro — e o cheiro, um miasma pungente e podre que a obrigava a tentar não respirar muito fundo. Infelizmente, todas as ruas pareciam iguais no Rahad.

Ela pôs uma das mãos no braço de Birgitte para detê-la e divisou um escabroso amontoado de tijolos com roupas lavadas encardidas balançando em metade das janelas. A fraca lamúria de um bebê chorando ecoava de algum lugar ali dentro. O número de andares era correto: seis. Ela tinha certeza de que eram seis. Nynaeve insistia em cinco.

— Acho que não deveríamos ficar aqui olhando — opinou Birgitte com delicadeza. — As pessoas estão atentas.

Não era bem verdade, apenas Birgitte preocupando-se com ela. Homens sem camisa com coletes em geral esfarrapados andavam pomposos pela rua, a luz do sol refletindo nos brincos de argola de latão e nos anéis também de latão com vidros coloridos incrustados, ou se esgueiravam feito vira-latas que tanto poderiam rosnar quanto morder. As mulheres também, aliás, com seus vestidos costumeiramente desgastados e suas próprias joias de latão e vidro. Todos carregavam uma faca curva presa ao cinto e, com frequência, uma faca simples de trabalho também.

Na verdade, ninguém olhava duas vezes para ela ou para Birgitte, embora o semblante do rosto envelhecido de Birgitte costumasse ser desafiador e ela própria fosse alta para uma eboudariana. Suas aparências tinham sido transformadas por

tessituras não tão simples de Ar e Fogo que Elayne invertera e amarrara. Quando olhava para Birgitte, o que ela via era uma mulher com rugas sutis nos cantos dos olhos negros e um cabelo preto com toques de grisalho. Os disfarces eram mais fáceis quando se mantinham parecidos com os traços originais, de forma que o cabelo que descia pelas costas de Birgitte, amarrado em quatro pontos com uma fita verde maltrapilha, era consideravelmente mais comprido que o cabelo das eboudarianas, mas, em todo caso, Elayne também não havia cortado o seu cabelo e ninguém parecia ligar. Era um disfarce perfeito. Ela só gostaria que também não precisasse suar. Além dessa havia a bem mais complexa tessitura de Espírito que mascarava a habilidade de uma mulher de canalizar, e graças à qual Elayne tinha passado sem problemas por Merilille ao sair do palácio naquela manhã. Ela ainda estava usando-a, já que elas haviam avistado Vandene e Adeleas mais de uma vez naquele lado do rio.

As vestimentas não faziam parte das tessituras, claro, e eram vestidos de lã surrados com bordados puídos nas mangas e em volta dos decotes profundos. As anáguas e meias também eram de lã, e as de Elayne, pelo menos, pinicavam. Tylin fornecera a indumentária, além de vários pequenos conselhos e das facas de casamento com bainhas brancas. Parecia que mulheres casadas tinham menos probabilidade de ser desafiadas do que as solteiras, e viúvas que rejeitaram outro casamento, menos ainda. A idade também ajudava. Ninguém desafiava uma avó de cabelos grisalhos, embora mulheres mais velhas pudessem muito bem desafiar alguém.

— Acho que deveríamos entrar — afirmou Elayne, e Birgitte se colocou à frente dela, uma das mãos na faca que trazia no cinto pouco elegante de lã marrom, para empurrar e abrir a porta sem pintura. Lá dentro havia um corredor à meia-luz com uma sucessão de portas rústicas e, nos fundos, uma escadinha apertada e íngreme de tijolo lascado. Elayne chegou bem perto de soltar um suspiro de alívio.

Com ou sem bainhas brancas, entrar em um edifício onde não se morava era uma boa maneira de acabar se metendo em uma briga de facas. Assim como fazer perguntas ou se mostrar curiosa demais. Tylin dera conselhos a respeito disso, mas, no primeiro dia, elas haviam visitado estalagens, identificadas apenas pelas portas azuis, planejando dizer que estavam querendo comprar objetos de antigos armazéns para reformar e vender. Ela formara uma dupla com Birgitte e juntara Nynaeve com Aviendha para que pudessem cobrir uma área maior. Os salões eram escuros e sujos e, nas duas estalagens onde pararam, Birgitte saíra com ela às pressas, ambas com as adagas em punho, antes de uma confusão mais séria acontecer. Na segunda, Elayne precisou canalizar rapidamente para derrubar duas mulheres que foram até a rua atrás delas, e, ainda assim, Birgitte estivera convencida de que alguém passara o resto do dia seguindo-as. Nynaeve e Aviendha enfrentaram o mesmo tipo de dificuldade, tirando a parte de serem seguidas. Nynaeve chegara até a bater numa mulher com um banquinho. Assim, mesmo as perguntas mais inócuas pararam de ser

feitas, e elas torciam para que, ao cruzar uma porta, não dessem de cara com uma faca.

Birgitte subiu os degraus íngremes à sua frente, apesar de não parar de olhar por cima do ombro, atenta à retaguarda. Os cheiros de comida sendo feita e a fedentina típica do Rahad formavam uma mistura repugnante. O bebê parou de chorar, mas, em algum ponto do edifício, uma mulher começou a gritar. No terceiro andar, um homem de ombros largos sem camisa nem colete abriu uma porta no exato instante em que elas subiam. Birgitte fez cara feia e ele levantou as duas mãos, as palmas voltadas para elas, e saiu do corredor, fechando a porta com um chute. No último andar, onde deveria ficar o armazém caso aquele fosse o edifício correto, uma mulher sombria trajando uma camisola áspera de linho estava sentada em um banco junto da porta, onde pegava toda e qualquer brisa que soprasse enquanto afiava sua adaga. A cabeça da mulher se virou na direção delas, e a lâmina parou de percorrer a pedra de amolar. Ela não tirou o olho das duas quando elas recuaram devagar e desceram os degraus, o som do metal raspando na pedra só recomeçando quando elas chegaram ao pé do lance de escadas. Foi só aí que Elayne deixou escapar um suspiro de alívio.

Ela ficou mais do que feliz por Nynaeve não ter topado a aposta. Dez dias. Seu otimismo fora uma tolice. Estavam no décimo primeiro dia desde que ela contara com o ovo dentro da galinha, cantando vitórias que ainda não tinha alcançado, onze dias em que, às vezes, sentia como se à noite estivesse na mesma rua onde já haviam procurado de manhã, onze dias sem nenhuma pista da tigela. Por vezes, elas haviam permanecido no palácio só para esfriar a cabeça. Aquela busca era muito frustrante. Pelo menos, Vandene e Adeleas tampouco vinham tendo sorte. Até onde Elayne tinha visto, ninguém no Rahad diria nem duas palavras de bom grado para Aes Sedai. As pessoas sumiam assim que percebiam o que elas eram. Elayne já tinha visto duas mulheres tentarem esfaquear Adeleas, sem dúvida para roubar a tola que andava pelo Rahad com um vestido de seda, e no momento em que a irmã Marrom levantou ambas com fluxos de Ar e as atravessou por uma janela dois andares acima, já não se via mais viva alma na rua. Bem, ela não iria permitir que aquelas duas encontrassem a sua tigela e a tomassem de debaixo do seu nariz.

Assim que voltou à rua, Elayne teve mais um lembrete de que havia coisas piores no Rahad do que a frustração. Bem à sua frente, um homem esbelto com o peito todo sujo de sangue e uma faca na mão saltou por uma porta e girou imediatamente para enfrentar outro homem que o seguia, esse segundo mais alto, mais pesado e com a lateral do rosto sangrando. Os dois se rodearam, os olhos cravados um no outro, as lâminas estendidas brilhando enquanto os homens ensaiavam estocadas. Como se brotasse do chão, uma pequena multidão se reuniu para assistir. Nenhuma pessoa veio correndo, mas ninguém ignorou a cena.

Elayne e Birgitte se afastaram para a lateral da rua, mas não foram embora. No Rahad, sair chamaria a atenção, a última coisa que elas queriam. Misturar-se

significava ficar assistindo, mas Elayne deu um jeito de manter a concentração além dos dois homens, enxergando-os como meros borrões se movendo depressa, até que, de repente, os movimentos ficaram lentos. Ela piscou e se forçou a olhar. O homem com o peito sujo de sangue pavoneava-se, sorrindo e gesticulando com uma lâmina da qual escorria o mesmo líquido vermelho. O homem mais corpulento estava deitado de cara no chão, tossindo de forma áspera e debilitada, a menos de vinte passadas dela.

Instintivamente, Elayne se aproximou — sua ínfima habilidade com a Cura era melhor que nada quando um homem estava sangrando até a morte, e que o que qualquer um ali pensasse das Aes Sedai fosse parar no Poço da Perdição —, mas, antes que desse um segundo passo, uma outra mulher já se punha ajoelhada ao lado do homem. Talvez um pouco mais velha que Nynaeve, usava um vestido azul com cinto vermelho num estado de conservação um tanto melhor que o da maioria dos vestidos do Rahad. De início, Elayne achou que ela fosse a amada do homem agonizante, em especial quando o vencedor do duelo retomou a sobriedade. Ninguém movia um músculo para ir embora, todos observando em silêncio enquanto a mulher virava o homem de barriga para cima.

Elayne tomou um susto quando, em vez de enxugar com ternura o sangue dos lábios dele, a mulher tirou da bolsa o que pareceu ser um punhado de ervas e enfiou algumas delas às pressas na boca do homem. Antes que sua mão se afastasse do rosto dele, o brilho de *saidar* a envolveu e ela começou a tecer fluxos de Cura com mais destreza do que Elayne poderia ter feito. O homem arquejou com intensidade suficiente para expelir a maior parte das folhas, estremeceu... e permaneceu deitado, os olhos entreabertos fitando o sol.

— Tarde demais, ao que parece. — A mulher se levantou e encarou o sujeito esguio. — Você tem que ir contar para a esposa de Masic que matou o marido dela, Baris.

— Sim, Asra — respondeu Baris, submisso.

Asra se virou sem voltar a olhar para nenhum dos dois homens e a pequena multidão foi se abrindo diante dela. Quando ela passou perto de Elayne e Birgitte, Elayne notou dois detalhes a respeito da mulher. O primeiro foi sua força, que Elayne avaliou de propósito. Esperava sentir uma força considerável, mas o provável era que jamais se permitisse que Asra fizesse o teste para Aceita. A Cura devia ser seu Talento mais forte — talvez o único, já que ela devia ser uma bravia —, e muito bem lapidado com o uso. Talvez até acreditasse que aquelas ervas eram necessárias. A segunda coisa que Elayne percebeu foi o rosto da mulher. Não era bronzeado, como ela supunha de início. Era quase certo que Asra fosse domanesa. O que, sob a Luz, uma bravia domanesa estava fazendo no Rahad?

Elayne poderia ter seguido a mulher, não fosse o fato de Birgitte tê-la puxado para a direção oposta.

— Eu reconheço essa expressão no seu olhar, Elayne. — Os olhos de Birgitte

sondaram a rua como se ela presumisse que algum transeunte estivesse ouvindo as duas às escondidas. — Não sei por que você quer ir atrás daquela mulher, mas ela parece ser respeitada. Abordá-la pode nos trazer mais lâminas do que eu e você juntas damos conta.

Era a pura verdade, assim como o fato de que bravias domanesas não eram o que ela tinha ido procurar em Ebou Dar.

Tocando no braço de Birgitte, ela meneou a cabeça para dois homens que viravam a esquina logo à frente. Com seu casaco azul com listras de cetim, Nalesean tinha toda a pinta de um lorde taireno. A indumentária acolchoada o cobria até o pescoço, e seu rosto suado reluzia quase tanto quanto a barba oleosa. Encarava qualquer pessoa que lhe desse qualquer olhadela com uma expressão que, àquela altura, com certeza já teria arranjado briga, exceto por estar acariciando o punho da espada como se aceitasse uma de bom grado. Mat, por outro lado, não fazia nenhuma careta. Pavoneava-se ao lado dele e, não fosse por um ar de descontentamento, poderia até estar se divertindo. Com o casaco desabotoado, o chapéu puxado para baixo e aquele cachecol enrolado no pescoço, parecia ter passado a noite de taverna em taverna, o que podia muito bem ser o caso. Para a sua surpresa, Elayne percebeu que passara vários dias sem pensar nele. Suas mãos coçavam para analisar aquele *ter'angreal* dele, mas a tigela era infinitamente mais importante.

— Eu nunca tinha pensado nisso — murmurou Birgitte —, mas acho que Mat é o mais perigoso daqueles dois. Um N'Shar em Mameris. Fico me perguntando o que eles estão fazendo neste lado do Eldar.

Elayne ficou olhando para ela. Um o quê, onde?

— Provavelmente já beberam todo o vinho do outro lado. É sério, Birgitte, eu gostaria muito que você se concentrasse no que viemos fazer. — Desta vez, ela *não* iria pedir uma explicação sobre os termos estranhos.

Quando Mat e Nalesean passaram por elas, Elayne tratou de esquecê-los no mesmo instante e começou a examinar a rua. Seria maravilhoso encontrar a tigela logo naquele dia. Em especial porque ela formaria dupla com Aviendha na vez seguinte em que saíssem. Elayne estava começando a gostar da mulher, apesar de suas ideias *extremamente* peculiares a respeito de Rand e delas, mas ela de fato tinha uma tendência a encorajar mulheres que pareciam prontas para sacar uma faca. Aviendha chegava a parecer desapontada pelos homens baixarem o olhar quando ela os encarava, em vez de sacarem uma lâmina como as mulheres fariam!

— Aquele ali — disse Elayne, apontando. Nynaeve estava enganada sobre a construção ter cinco andares. Ou será que não? Elayne torcia muito para que Egwene tivesse encontrado uma solução.

Egwene esperava pacientemente enquanto Logain bebia um pouco mais de água. A tenda dele não era tão espaçosa quanto haviam sido os alojamentos em Salidar, mas ainda era maior que a maioria das demais no acampamento. Tinha de haver espaço para as seis irmãs, sentadas em banquinhos, blindando-o noite e dia. A sugestão de Egwene para que a blindagem fosse amarrada fora encarada com algo próximo ao choque e não muito distante do desdém. Nenhuma das irmãs estava disposta a acatar a sugestão, em particular naquele momento, tão pouco tempo depois de ela ter elevado quatro mulheres a Aes Sedai sem fazerem o teste ou proferirem os votos com o Bastão dos Juramentos, e talvez nunca. Siuan dissera que elas não iriam. O costume mandava que fossem seis, embora, caso ele estivesse tão enfraquecido quanto Siuan e Leane, quaisquer três irmãs no acampamento certamente poderiam ter dado conta de prendê-lo, e o costume dizia que a blindagem em um homem devia ser mantida por mulheres canalizando, e não amarrada. Uma única lamparina provia uma iluminação fraca. Ela e Logain estavam sentados em lençóis dispostos como se fossem tapetes.

— Deixe-me entender — disse Logain ao baixar o copo de estanho. — Você quer saber o que *eu* acho da anistia de al'Thor? — Algumas irmãs se agitaram em seus banquinhos, talvez por ele não a ter chamado de “Mãe”, embora mais provavelmente por ficarem incomodadas com aquele assunto.

— Quero saber o que você pensa, sim. Você com certeza deve ter uma opinião. Se estivesse em Caemlyn ao lado dele, é muito provável que você já tivesse recebido um lugar de honra. Aqui, você pode ser amansado a qualquer momento. Outra coisa, você diz que conseguiu evitar a loucura por seis anos. Qual é a chance, na sua opinião, de que quaisquer homens que forem até ele possam fazer o mesmo?

— Elas realmente pretendem me amansar de novo? — Sua voz estava calma, mas o tom de voz era ferido e raivoso. — Eu me coloquei inteiramente do lado de vocês e fiz tudo o que me pediram. Me ofereci para prestar qualquer juramento que vocês mandassem.

— O Salão vai decidir em breve. Algumas prefeririam que, convenientemente, você morresse. Se as Aes Sedai recontarem a sua história... Bem, todos sabem que as Aes Sedai não podem mentir. Mas eu não acredito que você precise ficar com medo disso. Você nos serviu bem demais para eu permitir que lhe façam mal. E, aconteça o que acontecer, você ainda pode servir e ver a Ajah Vermelha ser punida, como deseja.

Logain se pôs de joelhos, rosnando de modo ameaçador, mas Egwene abraçou *saidar* e, em um piscar de olhos, envolveu-o com segurança em fluxos de Ar. As irmãs que mantinham a blindagem estavam com toda a sua força voltada só para isso — outro costume, segundo o qual se devia usar toda a força disponível para manter um homem blindado —, mas várias eram capazes de dividir suas tessituras e, caso elas achessem que Logain fosse machucá-la, uma delas poderia ter desviado uma parte para ele. Mas Egwene não queria correr o risco de que o ferissem.

Os fluxos o mantiveram ali de joelhos, mas ele parecia ignorá-los.

— Vocês querem saber o que eu penso sobre a anistia de al'Thor? Eu queria estar com ele agora! Que queimem todas vocês! Eu fiz tudo o que vocês pediram! Que a Luz queime todas vocês!

— Fique calmo, Mestre Logain. — Egwene se surpreendeu por sua voz ter saído com tanta sobriedade. O coração estava acelerado, embora não por medo dele, claro. — Uma coisa eu juro: nunca vou machucá-lo e, caso esteja ao meu alcance, não vou permitir que qualquer pessoa que me siga lhe faça mal, a não ser que você se volte contra nós. — A fúria desaparecera do seu rosto, substituída por firmeza. Será que ele estava ouvindo? — Mas o Salão vai fazer o que decidir. Está calmo agora? — Logain assentiu de modo cansado, e Egwene soltou os fluxos. Ele tornou a afundar no chão, sem olhar para ela. — Vou conversar com você sobre a anistia quando você estiver mais calmo. Talvez amanhã ou depois. — Logain voltou a fazer que sim com a cabeça, seco e ainda sem encará-la.

Quando ela se abaixou e saiu da tenda, os dois Guardiões que montavam guarda do lado de fora fizeram uma reverência. Ao menos os Gaidin não se importavam por ela ter dezoito anos, uma Aceita elevada a Aes Sedai só por ter sido elevada a Amyrlin. Para os Guardiões, uma Aes Sedai era uma Aes Sedai, e a Amyrlin era a Amyrlin. Ainda assim, ela só se permitiu soltar a respiração quando já estava longe o bastante para que os dois não escutassem.

O acampamento era bem grande, tendas para centenas de Aes Sedai espalhadas pela floresta, para Aceitas, noviças e serviçais, carroças, carroções e cavalos por toda parte. O cheiro de comida da refeição noturna estava forte no ar. Ao redor, estendiam-se as fogueiras do exército de Gareth Bryne, e a maior parte dos homens estava dormindo no chão, não em tendas. O Bando da Mão Vermelha encontrava-se acampado a não mais que dez milhas ao sul. Por mais de duzentas milhas, Talmanes não havia permitido que essa distância variasse mais que cerca de uma milha para qualquer direção, de dia ou de noite. Eles continuavam a desempenhar seu papel no plano de Egwene, conforme sugerido por Siuan e Leane.

As forças de Gareth Bryne haviam crescido nos dezesseis dias desde a partida de Salidar. Dois exércitos marchando devagar rumo ao norte pelo meio de Altara, claramente hostis um ao outro, chamavam atenção. Nobres e suas tropas se adiantavam para se aliarem ao mais forte entre os dois. É verdade que nenhum daqueles lordes e ladies teria feito os juramentos que fez se soubesse que não haveria nenhuma grande batalha em suas terras. É verdade que, se pudessem escolher, todos teriam dado no pé assim que perceberam que o alvo de Egwene era Tar Valon, não um exército de Devotos do Dragão. Mas eles haviam feito os juramentos, ao menos para *uma* Amyrlin, perante Aes Sedai que se intitulavam o Salão da Torre, com centenas de outras pessoas assistindo. Quebrar esse tipo de voto acabaria trazendo sérias consequências. Além disso, mesmo que a cabeça de Egwene terminasse enfiada numa estaca na Torre Branca, nenhum deles acreditava que Elaida

esqueceria o pacto que eles tinham feito. Apesar de se verem presos a uma aliança e a uma fidelidade que não tinham pretendido jurar, estariam entre os seus partidários mais fervorosos. A única saída que tinham dessa situação difícil era ver Egwene usando a estola em Tar Valon.

Siuan e Leane estavam bastante decididas quanto àquilo. Egwene não tinha certeza de como se sentia. Se tivesse havido algum jeito de remover Elaida sem derramar uma única gota de sangue, ela teria aceitado na hora. No entanto, achava que não havia.

Após um pequeno jantar com carne de cabra, nabo e algo que ela não investigou muito de perto para ver o que era, Egwene se retirou para a sua tenda. Não era a maior do acampamento, mas com certeza a maior ocupada por uma única pessoa. Chesa estava lá esperando para ajudá-la a se despir, radiante por ter adquirido da criada de uma lady altarana um pedaço do melhor linho que se poderia imaginar, um material translúcido que renderia camisolas frescas. Egwene costumava deixar Chesa dormir na tenda com ela para lhe fazer companhia, ainda que uma pilha de lençóis não chegasse aos pés da cama dobrável da criada. Naquela noite, Egwene mandou a mulher sair assim que ficou pronta para ir para a cama. Ser a Amyrlin implicava em ter alguns privilégios. Tais como uma tenda exclusiva para a sua criada ou poder dormir sozinha em noites em que isso era necessário.

Ela ainda não estava suficientemente cansada para ir dormir, o que não era problema. Conseguir pegar no sono era uma missão simples para quem fora treinada por Andarilhas dos Sonhos Aiel. Egwene adentrou *Tel'aran'rhiod*...

... e se viu de pé no aposento que fora seu gabinete na Pequena Torre durante um período bem curto. A mesa e as cadeiras permaneciam lá, claro. Móvel não era algo que se levasse quando se viajava com um exército. Qualquer lugar parecia vazio no Mundo dos Sonhos, mas a impressão era ainda mais forte nos lugares de fato desabitados. A Pequena Torre já parecia... oca.

De repente, Egwene percebeu que a estola da Amyrlin estava sobre seus ombros. Ela a fez desaparecer bem a tempo. No instante seguinte, Nynaeve e Elayne estavam lá, Nynaeve tão sólida quanto ela, Elayne, enevoadas. Siuan se mostrara relutante em abrir mão do anel *ter'angreal* original, e uma ordem firme de Egwene havia sido necessária para fazê-la obedecer. Elayne trajava um vestido verde com rendas que se derramavam sobre as suas mãos e delineavam um decote estreito, ainda que assustadoramente cavado, que revelava uma faquinha que pendia de uma gargantilha de ouro bem justa, o punho aninhado entre seus seios compondo uma massa de pérolas e gotas de fogo. Aonde quer que fosse, Elayne sempre parecia aderir imediatamente à moda local. Nynaeve, como esperado, usava uma lã pesada de Dois Rios, escura e simples.

— Já encontraram? — indagou Egwene, esperançosa.

— Ainda não, mas vamos encontrar. — Elayne pareceu tão otimista que Egwene quase ficou desconcertada. Era claro seu esforço para soar daquele jeito.

— Estou certa de que não vai demorar muito — garantiu Nynaeve, soando ainda mais positiva.

As duas deviam estar empacadas. Egwene suspirou.

— Talvez vocês devessem se juntar a mim de novo. Tenho certeza de que vocês poderiam encontrar a tigela daqui a mais alguns dias, mas fico preocupada com todas aquelas histórias. — Elas eram capazes de se cuidar. Egwene sabia disso, e seriam ótimas palavras para se gravar nos túmulos das duas. Siuan disse que *nenhuma* das histórias que elas haviam contado era exagerada.

— Ah, não, Egwene — protestou Nynaeve. — A tigela é importante demais. Você sabe que é. Se não encontrarmos, as consequências serão terríveis.

— Além disso — acrescentou Elayne —, em que tipo de confusão podemos nos meter? Passamos todas as noites no Palácio Tarasin, caso você tenha se esquecido, e Tylin pode até não nos dar um beijo de boa-noite, mas chega perto disso. — O vestido dela estava diferente. O corte permanecia inalterado, mas o material ficara áspero e desgastado. Nynaeve trajava quase uma cópia dele, exceto por sua faca não conter mais do que nove ou dez contas de vidro no punho. Não pareciam roupas para palácio nenhum. Pior, ela estava tentando parecer inocente. Nynaeve não tinha nenhuma prática naquilo.

Egwene deixou passar. A tigela *era* importante, as duas *eram* perfeitamente capazes de cuidar de si mesmas, e ela sabia muito bem que as amigas não estavam procurando no Palácio Tarasin. Ela quase deixou passar, na verdade.

— Vocês estão usando Mat, não estão?

— Nós... — De repente, Elayne reparou no vestido e se assustou. Por algum motivo, porém, pareceu que foi a faquinha que realmente a assustou. Com os olhos se esbugalhando, ela apertou o punho, um monte de contas de vidro vermelhas e brancas bem grandes, e seu rosto se ruborizou por completo. No instante seguinte, já trajava um vestido andoriano de gola alta de seda verde.

O engraçado foi Nynaeve ter percebido o que estava usando só um piscar de olhos depois de Elayne e ter reagido exatamente da mesma maneira. Igualzinho. A exceção talvez tenha sido que, se Elayne ficou da cor de um pôr do sol, Nynaeve ficou da cor de dois. Antes até de Elayne ter se trocado, ela já estava de novo com suas lãs de Dois Rios.

Elayne pigarreou e, com a voz ofegante, disse:

— Mat é bastante útil, eu tenho certeza, mas não podemos deixar que ele nos atrapalhe, Egwene. Você sabe como ele é. Mas você pode ter certeza de que, se formos fazer algo perigoso, estaremos com ele e todos os soldados dele um do lado do outro ao nosso redor. — Nynaeve se manteve em silêncio e com uma cara azeda. Talvez estivesse se lembrando das ameaças de Mat.

— Nynaeve, você não vai pegar muito pesado com Mat, vai?

Elayne gargalhou.

— Ela não está nem falando com ele, Egwene.

— É a pura verdade — tratou de acrescentar Nynaeve. — Eu não discuti com ele nenhuma vez desde que chegamos a Ebou Dar.

Em dúvida, Egwene assentiu com a cabeça. Ela poderia resolver aquela questão, mas seria preciso... Deu uma olhadinha para baixo para se certificar de que a estola não havia reaparecido e só a viu surgir e sumir tão rápido que nem ela teria sido capaz de reconhecê-la.

— Egwene — disse Elayne —, você já conseguiu falar com as Andarilhas dos Sonhos?

— É — acrescentou Nynaeve. — Elas sabem qual é o problema?

— Já falei — suspirou Egwene. — Não sabem, não.

Tinha sido uma reunião estranha, apenas alguns dias antes, cujo início se dera quando Egwene achou os sonhos de Bair. Melaine e Bair foram encontrá-la na Pedra de Tear. Amys dissera que não a ensinaria mais, e, portanto, não foi. No começo, Egwene se sentiu pouco à vontade. Não conseguia reunir forças para contar para aquelas mulheres que era Aes Sedai, e menos ainda a Amyrlin, por medo de que elas fossem pensar que se tratava de mais uma mentira. Com certeza não precisara se preocupar com a estola aparecer de repente. E também havia a *toh* dela em relação a Melaine. Egwene tocou no assunto, pensando o tempo todo em quantas milhas teria que passar em cima de uma sela no dia seguinte, mas Melaine estava tão satisfeita porque teria filhas — a mulher contou, felicíssima, sobre a visão de Min — que não só foi logo anunciando que Egwene não tinha nenhuma *toh* em relação a ela, como disse que daria a uma das filhas o nome de Egwene. Aquele fora um pequeno momento de prazer numa noite cheia de perda de tempo e irritação.

— O que elas disseram — prosseguiu ela — foi que nunca tinham ouvido falar de ninguém tentando encontrar de novo uma coisa por necessidade depois de já tê-la encontrado. Bair achou que talvez fosse parecido com tentar comer a mesma... maçã duas vezes. — A mesma *motai*, fora a expressão que Bair tinha usado. Uma *motai* era uma espécie de larva encontrada no Deserto. Bem doce e crocante, até Egwene descobrir o que estava comendo.

— Você está dizendo que nós *não podemos* encontrar um jeito de voltar para o armazém? — suspirou Elayne. — Eu estava torcendo para que estivéssemos fazendo alguma coisa errada. Ah, pois bem. Nós vamos encontrar mesmo assim. — Elayne hesitou, e seu vestido tornou a mudar, embora ela não tivesse percebido. Ainda era andoriano, mas vermelho, com os Leões Brancos de Andor subindo pelas mangas e por todo o corpete. Um vestido de rainha, mesmo sem a Coroa de Rosas repousando em seus cachos louros levemente avermelhados. Mas era um vestido de rainha com corpete bem justo que talvez tivesse um decote maior do que uma rainha andoriana usaria. — Elas falaram alguma coisa sobre Rand, Egwene?

— Ele está em Cairhien, refestelando-se lá pelo Palácio do Sol, pelo que entendi. — Egwene conseguiu não se encolher toda. Nem Bair nem Melaine haviam revelado muito, mas Melaine chegara a resmungar alguma coisa sobre Aes Sedai enquanto

Bair dizia que todas elas mereciam uma boa surra e que, independentemente do que Sorilea dissesse, uma surra comum devia adiantar. Egwene tinha muito medo de que Merana, de alguma forma, tivesse metido os pés pelas mãos. Pelo menos ele estava se esquivando das emissárias de Elaida. Ela não achava nem de longe que ele soubesse lidar tão bem com elas quanto achava que sabia. — Perrin está com ele. E a esposa de Perrin! Ele se casou com Faile! — Aquilo gerou exclamações. Nynaeve disse que Faile era boa demais para ele, mas o comentário foi acompanhado de um largo sorriso. Elayne falou que torcia para que os dois fossem felizes, mas, por algum motivo, soou como quem duvidava daquilo. — Loial também está lá. E Min. Só falta Mat e nós três.

Elayne mordiscou o lábio inferior.

— Egwene, você daria... um recado para Min pelas Sábias? Diga a ela... — Ela hesitou, mordiscando o lábio enquanto pensava. — Diga a Min que eu torço para que ela venha a gostar de Aviendha tanto quanto gosta de mim. Eu sei que parece estranho. — Ela riu. — É um assunto particular nosso. — Nynaeve olhou para Elayne de um jeito tão esquisito quanto a própria Egwene devia estar olhando.

— Dou, sim, claro. Mas não pretendo falar com elas de novo por um bom tempo. — Não havia muita razão para tal quando elas se mostravam tão relutantes em compartilhar informações sobre Rand. E tão hostis em relação às Aes Sedai.

— Ah, tudo bem — disse Elayne depressa. — Não é tão importante assim. Bem, se não podemos apelar para a necessidade, vamos ter que apelar para a mobilidade, e, em Ebou Dar, os meus pés estão doendo neste exato momento. Se vocês não se importam, vou voltar para o meu corpo e dormir de verdade um pouco.

— Pode ir — disse Nynaeve. — Vou ficar só mais um pouco. — Quando Elayne desapareceu, ela se virou para Egwene. Seu vestido também mudou, e Egwene achou que sabia muito bem por quê. Virou um azul delicado, decotado. Havia flores no cabelo, e fitas por toda a trança, como haveria caso ela se casasse em Dois Rios. O coração de Egwene ficou apertado por ela. — Você ouviu alguma coisa sobre Lan? — perguntou Nynaeve calmamente.

— Não, Nynaeve, não ouvi. Eu lamento muito. Gostaria de poder lhe dizer mais que isso. Sei que ele ainda está vivo, Nynaeve. E sei que ele ama você tanto quanto você o ama.

— Claro que ele está vivo — rebateu Nynaeve com firmeza. — Não vou permitir nada diferente disso. Quero que ele seja meu. Ele é meu, e eu não vou deixar que o matem.

Quando Egwene acordou, Siuan estava sentada ao lado da cama dobrável, pouco visível na escuridão.

— Já? — perguntou Egwene.

O brilho envolveu Siuan à medida que ela teceu um pequeno selo de proteção contra bisbilhotagem em torno das duas.

— Das seis irmãs em serviço a partir da meia-noite, só três têm Guardiões, e esses

Gaidin vão montar guarda do lado de fora. Alguém vai trazer chá de menta para elas, com um pequeno ingrediente a mais cujo gosto elas não devem sentir.

Egwene fechou os olhos por um instante.

— Eu estou agindo certo?

— Você pergunta para *mim*? — Siuan se engasgou. — Eu fiz o que mandou, Mãe. No que dependesse de mim, eu preferiria pular no meio de um cardume de lúcios famintos do que ajudar aquele homem a escapar.

— Elas vão amansá-lo, Siuan. — Egwene debatera esse assunto com ela, mas precisava repassar tudo de novo sozinha para convencer a si mesma de que não estava cometendo um erro. — Nem mesmo Sheriam dá mais ouvidos a Carlinya, e Lelaine e Romanda estão pressionando. Ou é isso ou alguém vai realmente fazer o que Delana tem insinuado. Eu não vou permitir assassinatos! Se não pudermos julgar um homem e executá-lo, não temos o direito de *dar um jeitinho* de fazer com que ele morra “acidentalmente”. Eu não vou deixar que o assassinem, e não posso permitir que ele seja amansado. Se Merana realmente deixou Rand irritado por algum motivo, isso vai jogar ainda mais lenha na fogueira. Eu só gostaria de ter certeza de que ele vai atrás de Rand para se juntar a ele, em vez de fugir para sabe lá a Luz onde, para fazer sabe lá a Luz o quê. Assim, pelo menos, poderia haver algum jeito de controlar o que ele faz. — Ela escutou Siuan se mexendo na escuridão.

— Eu sempre pensei que a estola pesasse mais ou menos o mesmo que três homens de bom tamanho — ponderou Siuan, tranquila. — A Amyrlin tem poucas decisões fáceis para tomar, e mais raras ainda são as decisões das quais está completamente certa. Faça o que deve e, se errar, assuma as consequências. Às vezes, é preciso enfrentar consequências mesmo quando se acerta.

Egwene riu baixinho.

— Tenho a impressão de já ter ouvido isso antes. — Depois de um tempinho, sua alegria se dissipou. — Não deixe ele machucar ninguém durante a fuga, Siuan.

— Como ordenar, Mãe.

* * *

— Isso é terrível — resmungou Nisao. — Se ficarem sabendo, a condenação vai ser suficiente para mandá-la para o exílio, Myrelle. E eu vou junto. Quatrocentos anos atrás, poderia até ter sido corriqueiro, mas ninguém vai pensar isso nos dias de hoje. Alguns vão dizer que é um crime.

Myrelle ficou contente pela lua já estar baixa. Isso escondia sua careta. Ela era capaz de manejar a Cura sozinha, mas Nisao vinha estudando como tratar enfermidades da mente, algo que o Poder não podia tocar. Myrelle não estava muito convencida de que aquilo contava como uma enfermidade, mas tentaria qualquer

ferramenta que pudesse dar certo. Nisao podia estar reclamando, mas Myrelle sabia que a outra preferiria cortar a própria mão a deixar passar aquela chance de aprofundar seus estudos.

Ela conseguia senti-lo lá fora na noite, aproximando-se. Estavam bem longe das tendas, bem além dos soldados, só com árvores esparsas rodeando-as. Sentira-o desde o momento em que seu elo passou para ela, o crime que tanto preocupava Nisao. Um elo com um Guardião passado de uma Aes Sedai para outra sem o consentimento dele. Nisao tinha razão em um ponto: teriam que guardar aquele segredo pelo máximo de tempo possível. Myrelle conseguia sentir os ferimentos dele, alguns quase curados, outros recentes. Alguns gravemente infectados. Ele não teria procurado brigas. Ele tinha que vir atrás dela, tão certo quanto um pedregulho empurrado do alto de uma montanha tinha que rolar até a base. Mas ele também não teria nem tentado fugir de uma batalha. Ela sentira a jornada dele à distância e no sangue. O sangue dele. Por toda Cairhien e Andor, Murandy e, àquela altura, Altara, por terras infestadas de rebeldes e canalhas, bandidos e Devotos do Dragão, concentrado nela feito uma flecha voando em direção ao alvo, abrindo caminho pelo meio de quaisquer homens armados que se interpusessem em seu trajeto. Nem ele conseguiria fazer aquilo sem se ferir. Em sua mente, ela foi somando todas as lesões dele e se admirou por ele ainda estar vivo.

Primeiro, ela ouviu o ruído das patas de um cavalo, uma cadência regular, e só então foi capaz de divisar na noite o imenso cavalo de guerra negro. O cavaleiro também parecia ser a própria noite. Só podia estar trajando seu manto. O cavalo parou a uma boa distância, a umas cinquenta passadas dela.

— Você não deveria ter mandado Nuhel e Croi irem me encontrar — afirmou o cavaleiro indistinto com uma voz ríspida. — Eu quase matei os dois antes de ver quem eram. Avar, já pode sair de trás da árvore. — Mais à direita, a noite pareceu se mover. Avar também usava seu manto e não esperaria ter sido visto.

— Isto é uma loucura — murmurou Nisao.

— Fique quieta — murmurou Myrelle. Falando mais alto, ela intimou: — Venha até mim. — O cavalo não se moveu. Um cão de caça de luto por sua senhora morta não iria até uma nova senhora com tanta boa vontade. Com delicadeza, ela teceu Espírito e tocou a parte dele que continha o elo com ela. Tinha de ser com delicadeza, ou ele ficaria sabendo, e só o Criador sabia que tipo de explosão poderia resultar daquilo. — Venha até mim.

Dessa vez, o cavalo se aproximou e o homem girou e desceu para, a passos largos, percorrer as últimas passadas; um homem alto, as sombras do luar fazendo com que seu rosto anguloso desse a impressão de ter sido entalhado em pedra. Ali estava ele diante dela, olhando-a de cima, e, ao fitar os olhos frios de Lan Mandragoran, ela viu a morte. Que a Luz a ajudasse. Como ela conseguiria mantê-lo vivo por tempo suficiente?





O FESTIVAL DAS LUZES

Perrin já estava ficando irritado com o povo dançando nas ruas de Cairhien, tão cheias que era quase impossível abrir caminho pela multidão. Uma fileira de pessoas passou por ele, serpenteando atrás de um sujeito narigudo e sem camisa tocando flauta. A última da fila era uma mulherzinha redonda e saltitante, gargalhando feliz, que soltou uma das mãos agarrada à cintura do homem à sua frente e tentou puxar Perrin para a fileira. Ele balançou a cabeça em negativa, e os olhos amarelos assustaram a mulher ou seu mau humor era visível, pois ela engoliu o sorriso e seguiu adiante, sem parar de olhá-lo por cima do ombro até sumir na multidão. Uma mulher grisalha e ainda vistosa, ostentando listras coloridas até a cintura no vestido de seda escura, agarrou o pescoço de Perrin com os braços esguios e foi com a boca ávida em direção à dele. Acabou levando um susto quando Perrin a agarrou com toda a delicadeza por debaixo dos braços e a tirou do caminho. Um grupo de homens e mulheres mais ou menos da sua idade que andava cabriolando ao som de tambores trombou com ele, rindo alegremente e puxando seu casaco. Eles ignoraram o balançar negativo da cabeça, até que Perrin empurrou um dos homens para longe com força e soltou um rosnado para os outros. Por um instante, o riso deu lugar a olhares embasbacados, mas o grupo logo voltou a berrar, tentando imitar o rosnado, antes de sair galhofando pela multidão.

Era o primeiro dia do Festival das Luzes, o dia mais curto e o último do ano, e a cidade celebrava de formas que Perrin jamais teria imaginado. Claro que o povo de Dois Rios gostava de dançar durante os festejos, mas aquilo era...! Os cairhienos pareciam determinados a compensar o ano inteiro de reserva e seriedade naqueles dois dias de festa. O decoro fora posto de lado, assim como todas as barreiras entre nobres e plebeus, ao menos publicamente. Mulheres transpirando sob a lã áspera e simples agarravam homens suados em roupas de seda escura com listras coloridas,

puxando-os para a dança; homens usando casacos de condutor e coletes de cavalaria rodopiavam mulheres cujos vestidos exibiam listras coloridas às vezes até a cintura. Homens de torso desnudo derrubavam vinho no próprio corpo e em quem mais estivesse por perto. Ao que parecia, qualquer homem podia beijar qualquer mulher, e qualquer mulher podia beijar qualquer homem. E, em cada canto onde Perrin olhava, todos pareciam fazer exatamente aquilo. Tentava não ficar olhando muito tempo para uma só cena. Algumas das nobres que usavam os cabelos em torres de cachos elaboradas estavam nuas até a cintura, usando apenas capas leves, que faziam pouco esforço para manter fechadas. Entre os plebeus, poucas mulheres que tinham tirado as blusas se davam ao trabalho de usar qualquer cobertura além dos próprios cabelos, que eram quase sempre curtos demais para dar conta do recado — elas também jogavam vinho por cima do corpo, aliás, e espalhavam bebidas em todos por perto, no mesmo descontrole dos homens. Gargalhadas sonoras disputavam espaço com mil notas musicais diferentes, vindas de flautas, tambores, cornetas, cítaras, sabiolas e saltérios.

O Círculo das Mulheres de Campo de Emond teria tido um ataque com aquilo, e o Conselho da Aldeia também teria ficado sem palavras, mas aquela depravação era só mais um detalhe para se somar à irritação de Perrin. Quando Nandera foi procurá-lo, disse que Rand provavelmente sumiria por umas poucas horas, mas já tinham se passado seis dias desde seu desaparecimento. E ou Min tinha ido com ele ou estava com os Aiel, só que ninguém parecia saber de nada. Fora aquela tal de Sorilea, as Sábias eram tão evasivas quanto as Aes Sedai — isso quando Perrin conseguia botar alguma contra a parede. Sorilea mandou, sem rodeios, que cuidasse da própria esposa e mantivesse o bedelho fora de assuntos que não diziam respeito aos aguacentos. Perrin não fazia ideia de como Sorilea sabia do problema entre ele e Faile, mas não queria nem saber. Sentia o puxão de Rand feito uma comichão por sob toda a pele, e estava mais forte a cada dia. Estava voltando da escola, onde fora em uma última tentativa de encontrá-lo, mas todos por lá estavam ocupados com bebedeiras, dança e devassidão, feito o restante de Cairhien. Uma mulher chamada Idrien foi apontada como diretora da escola, mas quando ele enfim conseguiu — com alguma dificuldade e muito constrangimento — tirá-la dos beijos que dava em um rapaz com idade para ser filho dela por tempo suficiente para perguntar o que queria, a mulher só conseguiu responder que talvez um sujeito chamado Fel soubesse de alguma coisa. Bem, acabou que o tal Fel estava dançando com três jovens que poderiam ser suas netas. E com as três ao mesmo tempo! Fel mal conseguia lembrar o próprio nome — o que talvez, dadas as circunstâncias, não fosse muito surpreendente. Ah, que a Luz queimasse Rand! Tinha ido embora sem uma palavra, mesmo sabendo sobre a visão de Min, mesmo sabendo que precisaria de Perrin. Ao que parecia, até as Aes Sedai tinham ficado chocadas com aquilo. Naquela mesma manhã, Perrin ficara sabendo que elas tinham partido de volta para Tar Valon havia três dias, depois de afirmarem que não havia mais sentido em

permanecer por ali. O que Rand estaria aprontando? Aquela comichão estava deixando Perrin desesperado.

Quando chegou ao Palácio do Sol, encontrou todas as lamparinas acesas e velas queimando em todos os cantos possíveis, fazendo os corredores brilharem feito pedras preciosas sob o sol. Em Dois Rios, todas as casas também estariam iluminadas com todos os lampiões e velas disponíveis pelos dois dias seguintes, até o amanhecer. A maioria dos serviçais do palácio estava pelas ruas, e os poucos que permaneciam lá dentro dançavam, cantavam e gargalhavam quase tanto quanto trabalhavam. Mesmo ali, viam-se mulheres nuas até a cintura, tanto garotas que mal teriam idade para trançar os cabelos em Dois Rios quanto avós de cabeça branca. Os Aiel nos corredores pareciam incomodados quando reparavam nas comemorações, embora na maioria das vezes não esboçassem reação. As Donzelas em particular pareciam furiosas, embora Perrin suspeitasse de que aquela raiva não tivesse a ver com o despudor das cairhienas — desde o sumiço de Rand, as Donzelas ficavam mais parecidas com gatas irritadas.

Ali dentro, pelo menos Perrin conseguiu avançar a passos largos pelos corredores. Quase desejou que Berelain o atacasse. Na imagem que lampejou em sua mente, cravava os dentes na nuca da mulher e a sacudia até que ela saísse correndo com o rabo entre as pernas. Talvez tenha sido a sorte que o fez chegar a seus aposentos sem avistar sequer um fio de cabelo dela.

Teve certeza de que Faile quase desviou os olhos do tabuleiro de pedras quando ele entrou. A mulher ainda exalava aquele cheiro de ciúmes, mas não era o mais forte no momento; a raiva estava mais aguçada, ainda que não estivesse no auge. Em vez disso, o odor mais poderoso era um cheiro insípido e embotado que ele identificou como decepção. Por que a mulher estava decepcionada com ele? Por que não queria conversar? Bastava uma palavra, uma só dica de que tudo voltaria a ser como era, que Perrin cairia de joelhos e aceitaria a culpa por qualquer coisa que Faile quisesse despejar sobre ele. Mas ela apenas moveu uma pedra preta e murmurou:

— É a sua vez, Loial. Loial?

As orelhas do Ogier se remexeram, incomodadas, e as compridas sobrancelhas desabaram. Loial podia ter um péssimo olfato — bem, tão ruim quanto o de Faile, por exemplo —, mas podia perceber mudanças de humor que nenhum humano percebia. Quando Perrin e Faile estavam no mesmo ambiente, o Ogier sempre parecia com vontade de chorar. Ele apenas suspirou, um som que pareceu uma ventania em uma caverna, e depositou uma pedra branca em um ponto em que prenderia grande parte das pedras de Faile, se ela não reparasse e tomasse uma providência. E Faile decerto faria algo a respeito. Ela e Loial eram oponentes do mesmo nível, jogadores muito melhores do que Perrin.

Sulin saiu do dormitório com um travesseiro nos braços, franzindo o cenho para Faile e Perrin. Seu cheiro remetia a uma loba que aguentara quanto pudera enquanto

um sem-número de lobinhos puxavam seu rabo em brincadeiras. Também cheirava a preocupação. E, estranhamente, a medo — bem, Perrin não sabia dizer por que era estranho encontrar uma serviçal de cabelos brancos cheirando a medo, por mais que fosse uma de cara curtida e cheia de cicatrizes como Sulin.

Ele pegou um livro de capa de couro trabalhada com douraduras, afundou em uma poltrona e abriu o exemplar. Só que não leu, nem sequer olhou para o livro direito para saber qual volume tinha em mãos. Inspirou profundamente, deixando tudo de fora, menos Faile. Decepção, raiva, ciúmes, e por baixo de tudo aquilo, ainda mais sutil que o suave aroma herbóreo de sabão, estava ela. Sorveu-a com sofreguidão. Uma palavra, era só o que ela precisava dizer.

Bateram à porta e Sulin saiu do quarto pisando duro, balançando as saias de tecido vermelho e branco e cravando os olhos em Perrin, Faile e Loial como se perguntasse por que nenhum deles atendera. Quando viu Dobraine ali, parado, Sulin chegou até a rosar — coisa que vinha fazendo com bastante frequência desde o sumiço de Rand —, então respirou fundo, como se reunisse forças, e se obrigou a assumir uma postura servil. A mesura profunda poderia ter saudado um rei que fizesse as vezes de carrasco, e a mulher permaneceu naquela posição, com o rosto quase colado ao chão. De repente, começou a tremer. O cheiro de ira se dissolveu, e até a preocupação foi sobrepujada por um cheiro como milhares de estilhaços, todos finos como fios de cabelo e afiados feito a ponta de uma agulha. Perrin já farejara vergonha na Aiel, mas daquela vez ela parecia prestes a morrer daquilo. Sentiu o cheiro agri-doce que as mulheres exalavam quando choravam de emoção.

Dobraine, naturalmente, sequer se virou para ela — seus olhos fundos analisaram Perrin, com o rosto sério e até meio sombrio por sob a testa raspada e empoada. Dobraine não cheirava nem de leve a bebida, e também não parecia ter dançado recentemente. Da única vez em que Perrin o vira, achou que o homem cheirava a cautela — não era medo, era mais como se ele atravessasse uma mata densa cheia de cobras venenosas. Aquele cheiro estava dez vezes mais forte.

— Que a graça o favoreça, Lorde Aybara — cumprimentou Dobraine, inclinando a cabeça. — Podemos conversar em particular?

Perrin deitou o livro no chão ao lado da poltrona e apontou para o assento à sua frente.

— Que a Luz brilhe sobre o senhor, Lorde Dobraine. — Se o homem queria ser formal, Perrin podia ser formal. Mas havia limites. — Seja lá o que o senhor queira dizer, minha esposa pode ouvir. Não guardo segredos dela. E Loial é meu amigo.

Sentia o olhar de Faile fixo nele, e o cheiro súbito *dela* quase o arrebatou. Por alguma razão, associava aquele cheiro ao amor que Faile sentia por ele, pois costumava surgir em seus momentos mais carinhosos ou quando ela o beijava com mais ardor. Pensou em pedir que Dobraine se retirasse, assim como a Loial e Sulin — se Faile estava exalando aquele odor, ele sem dúvida poderia dar um jeito de acertar as coisas —, mas o cairhieno logo foi se sentando.

— Um homem que tem uma esposa de confiança, Lorde Aybara, tem uma graça maior que a riqueza. — Ainda assim, Dobraine encarou Faile por um instante antes de prosseguir. — Hoje, Cairhien sofreu dois infortúnios. Esta manhã, Lorde Maringil foi encontrado morto em sua cama. Foi envenenado, ao que tudo indica. E, pouquíssimo tempo depois, o Grão-lorde Meilan foi vítima da facada de um salteador em plena rua. O que é algo muito incomum durante o Festival das Luzes.

— Por que está me contando isso? — perguntou Perrin, hesitante.

Dobraïne espalmou as mãos.

— O senhor é amigo do Lorde Dragão, e ele não está aqui. — O homem hesitou e, quando prosseguiu, parecia forçar as palavras a saírem. — Ontem à noite, Colavaere juntou com convidados de algumas das Casas menores. Daganred, Chuliandred, Annallin, Osiellin, dentre outros. São Casas pequenas, porém numerosas. O assunto foi a aliança com a Casa Saighan e o apoio a Colavaere em sua reivindicação ao Trono do Sol. A mulher fez pouco esforço para manter a reunião em segredo. — Dobraine fez outra pausa, avaliando Perrin com o olhar. Fosse lá o que o sujeito tinha visto, parecia pensar que a situação exigia mais explicações. — Isso é muito estranho, porque tanto Maringil quanto Meilan almejavam o trono, e os dois teriam sufocado Colavaere com o próprio travesseiro se ficassem sabendo do acontecido.

Perrin enfim compreendeu a situação, embora ainda não entendesse por que o homem tinha feito tantos rodeios. Desejou que Faile se pronunciasse — a mulher tinha muito mais talento do que ele para aquele tipo de coisa. Podia vê-la com rabo de olho, a cabeça inclinada por cima do tabuleiro de pedras, observando-o de esguelha.

— Se acredita que Colavaere cometeu um crime, Lorde Dobraine, o senhor deveria ir... até Rhuarc.

Evitou dizer o nome de Berelain, mas mesmo assim o fio tênue do ciúme se intensificou de leve em Faile.

— O Aiel selvagem? — bufou Dobraine. — É melhor ir a Berelain, se tanto. Admito que aquela ali até sabe comandar uma cidade, mas ela acha que todos os dias são o Festival das Luzes. Colavaere vai mandar fatiar e cozinhar a mulher com pimentas. O senhor é amigo do Dragão Renascido. Colavaere... — Ele parou, depois de enfim perceber que Berelain entrara sem bater, trazendo nos braços algo comprido e delgado envolto em um cobertor.

Perrin tinha ouvido o clique da fechadura da porta, mas ao ver a mayenense ali, com metade dos seios expostos, a fúria quase varreu todos os seus outros pensamentos. A mulher fora *até ali* para continuar com aquele flerte, na frente de sua *esposa*? A ira o fez se levantar, e ele uniu as mãos espalmadas com um estrépito.

— Fora! Fora, mulher! Fora, agora! Saia, ou eu mesmo vou jogá-la para fora, e com tanta força que vai quicar no chão!

Berelain levou um susto tão grande logo no primeiro berro que deixou cair o que segurava e deu um passo atrás, arregalando os olhos, mas não se retirou. Quando

Perrin terminou de gritar, percebeu que todos o encaravam. Dobraine parecia impassível, mas seu odor era de assombro. As orelhas de Loial estavam rígidas e eretas, o queixo batendo no peito. E Faile estava com um sorriso frio... Perrin não conseguia entender. Já estava esperando as ondas de ciúme, com Berelain bem ali, mas por que ela também tinha aquele cheiro tão forte de mágoa?

Foi quando Perrin viu o que Berelain deixara cair. O cobertor se abrira, revelando a espada de Rand e o cinto com a fivela do Dragão. Rand tinha deixado aquilo para trás? Perrin gostava de pensar antes de agir — caso se precipitasse, podia acabar magoando os outros sem intenção —, mas aquela espada caída no chão foi como o golpe de um raio. No trabalho da forja, era burrice e desleixo agir com pressa, mas, ali, Perrin sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, e um rosnado ressoou fundo em sua garganta.

— Ele foi levado! — gritou Sulin, de repente, para surpresa de Perrin. Jogando a cabeça para trás e fechando os olhos com força, ela soltou um gemido para o teto, em um tom que fez Perrin estremecer. — As Aes Sedai levaram meu irmão-primeiro! — Seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Acalme-se, minha boa mulher — retrucou Berelain, com firmeza. — Vá até o quarto ao lado e acalme-se. — Para Perrin e Dobraine, acrescentou: — Não podemos permitir que ela espalhe isso...

Sulin tratou de interrompê-la, irada:

— Você não está me reconhecendo com este vestido e o cabelo mais comprido. Se falar outra vez de mim como se eu não estivesse aqui, farei o que ouvi dizer que Rhuarc fez com você na Pedra de Tear, coisa que eu já devia ter feito há tempos.

Perrin trocou olhares confusos com Dobraine, Loial e até Faile, antes de a mulher desviar os olhos. Berelain, por outro lado, alternava-se entre o rubor e a palidez. Seu cheiro era pura mortificação, um odor trêmulo e encolhido.

Sulin avançou até a porta em passos firmes e abriu-a com vigor antes que qualquer um dos outros pudesse se mover — Dobraine até fez menção de impedi-la, mas não foi rápido o suficiente. Uma Donzela jovem e loura que passava a viu e escancarou um sorriso bem-humorado.

— Tire esse sorriso da cara, Luaine — vociferou a Aiel, o corpo bloqueando o movimento que fazia com as mãos. O sorriso escancarado de Luaine de fato sumiu no mesmo instante. — Diga a Nandera que venha aqui agora mesmo. E Rhuarc. E traga meu *cadin'sor* e tesouras para que eu corte o cabelo direito. Corra, mulher! Você é *Far Dareis Mai* ou *Shae'en M'taal*?

A Donzela saiu em disparada e Sulin voltou para o salão assentindo com a cabeça, satisfeita, e bateu a porta. Faile estava de queixo caído.

— A graça está conosco — disse Dobraine, aliviado. — Ela não disse nada à Aiel, a mulher deve estar louca. Podemos decidir o que contar a eles depois de prendê-la e amordaçá-la.

Ele avançou para fazer justamente aquilo, já puxando um lenço verde-escuro do

bolso do casaco, mas Perrin agarrou seu braço.

— Ela é Aiel, Dobraine — avisou Berelain. — É uma Donzela da Lança. Só não entendi o uniforme...

Para surpresa de Perrin, Berelain foi alvo de um olhar de advertência de Sulin.

Perrin soltou um suspiro lento. E pensar que tentara proteger aquela velha grisalha de Dobraine. O cairhieno o encarou com um olhar inquisitivo, erguendo um pouco a mão que segurava o lenço — ao que parecia, ele ainda era a favor de atá-la e amordaçá-la. Perrin postou-se entre os dois e apanhou a espada de Rand.

— Quero ter certeza. — De súbito, percebeu que se aproximara bastante de Berelain. A mulher olhou para Sulin, aflita, e aproximou-se ainda mais dele, como se buscasse proteção. Mas ela exalava um odor de determinação, não de quem estava aflita. Era o cheiro de uma caçadora. — Não quero tirar conclusões precipitadas — continuou ele, caminhando para perto da cadeira de Faile. Sem se afoitar, apenas um homem indo postar-se ao lado da esposa. — Esta espada por si só não é prova de nada.

Faile levantou-se e contornou a mesa, com muita elegância, observando o tabuleiro por trás do ombro de Loial — ou melhor, por trás do cotovelo. Berelain também avançou, indo em direção a Perrin. Ela ainda lançava olhares temerosos a Sulin, mas não exalava o menor cheiro de medo. A mayenense ergueu a mão como se fosse tomar o braço de Perrin, que foi atrás de Faile, tentando parecer displicente.

— Rand disse que três Aes Sedai não poderiam lhe fazer mal algum, se ele tomasse cuidado — continuou. Faile deslizou pelo outro lado da mesa, de volta até a cadeira. — Duvido muito que ele tenha deixado mais de três se aproximarem. — Berelain o seguiu, lançando olhares comoventes para ele e claramente temerosos na direção de Sulin. — Fui informado de que apenas três estiveram aqui, no dia em que ele sumiu.

Perrin foi atrás de Faile, um pouco mais depressa. A mulher se levantou da cadeira de um pulo, voltando para o lado de Loial. O Ogier gemia, apoiando a cabeça nas mãos — um gemido que era baixo para um Ogier. Berelain seguiu Perrin outra vez, arregalando os olhos já grandes, a personificação de uma mulher buscando proteção. Luz, ela cheirava a determinação!

Perrin virou-se para encará-la, cravando o indicador no peito dela, o que bastou para fazê-la guinchar de susto.

— Pare aí mesmo! — mandou. Então percebeu onde o dedo estava aninhado e recolheu a mão, como se o contato tivesse queimado a pele. Ainda assim, conseguiu manter a voz dura. — Fique aí!

Afastou-se da mayenense, cravando os olhos com força suficiente para rachar uma muralha de pedras. Entendia por que o ciúme de Faile preenchia suas narinas, mas por que ela cheirava ainda mais a mágoa do que antes?

— Poucos homens conseguem minha obediência — comentou Berelain, com uma risadinha —, mas acho que você é um deles. — O rosto, o tom de voz e, mais

importante, o odor assumiram um ar de seriedade. — Fui dar uma busca nos aposentos do Lorde Dragão porque estava com medo. Todos sabiam que as Aes Sedai tinham vindo para escoltá-lo até Tar Valon, e eu não estava entendendo por que elas de repente pareciam ter desistido. Eu mesma recebi pelo menos dez visitas de várias irmãs para me aconselhar a respeito do que eu deveria fazer quando ele voltasse à Torre. Pareciam todas muito confiantes de que era isso que ele faria. — Ela hesitou, e, embora a mulher não olhasse para Faile, Perrin teve a impressão de que estava avaliando se deveria dizer algo na frente dela. E na frente de Dobraine, mas o problema maior parecia ser Faile. O cheiro de caçadora voltou. — Dessas conversas, acabei com a forte impressão de que queriam que eu voltasse a Mayene, por bem ou por mal.

Sulin resmungou entredentes, mas as orelhas de Perrin ouviram com clareza.

— Rhuarc é um idiota. Se ela fosse mesmo filha dele, o homem não teria tempo de fazer nada além de dar umas surras nela.

— Dez? — perguntou Dobraine. — Eu só recebi uma visita. Acho que a mulher ficou bem decepcionada quando deixei claro que havia jurado lealdade ao Lorde Dragão. Mas, sejam dez ou uma, Colavaere é a chave. Ela sabe tanto quanto qualquer um que o Lorde Dragão pretende entregar o Trono do Sol a Elayne Trakand. — O homem fez uma careta. — Deveria ser Elayne Damodred. Taringail deveria ter insistido para que Morgase adotasse o Damodred dele, em vez de ter ele adotado o sobrenome Trakand. E ela teria concordado, porque precisava dele demais. Bom, Elayne Trakand ou Elayne Damodred, ela tem tanto direito ao trono quanto qualquer um, e de longe mais direito do que Colavaere. Ainda assim, estou convencido de que Colavaere mandou matar Maringil e Meilan para assegurar o direito ao trono. Ela jamais teria ousado fazer isso se pensasse que o Lorde Dragão fosse retornar.

— Então é por isso. — Berelain franziu o cenho de leve, deixando transparecer uma leve irritação. — Tenho provas de que ela mandou um serviçal envenenar o vinho de Maringil. Ela foi descuidada, e eu trouxe dois bons caçadores de ladrões... Mas não sabia o motivo. — Ela inclinou a cabeça um tantinho, reconhecendo o olhar de admiração de Dobraine. — Ela será enforcada por isso. Se houver alguma forma de trazer o Lorde Dragão de volta. Se não houver, temo que seja melhor descobrirmos uma maneira de preservar nossas próprias vidas.

Perrin apertou a bainha de couro de javali.

— Eu vou resgatar Rand — declarou, com um rosnado. Dannil e os outros homens de Dois Rios ainda deviam estar na metade do caminho até Cairhien, com o peso dos carroções. Mas ele tinha os lobos. — Nem que eu tenha que ir sozinho, vou trazê-lo de volta.

— Sozinho, não — retrucou Loial, a voz dura e inflexível feito uma pedreira. — Você nunca ficará sozinho enquanto eu estiver aqui, Perrin. — Ele remexeu as orelhas, constrangido. Sempre ficava envergonhado quando testemunhavam sua

bravura. — Afinal de contas, meu livro não vai acabar bem se Rand for aprisionado na Torre. E eu não vou poder escrever sobre o resgate se não estiver presente.

— Você não vai sozinho, Ogier — acrescentou Dobraine. — Posso arranjar quinhentos homens de confiança até amanhã. Bem, não sei o que poderemos fazer contra seis Aes Sedai, mas mantenho minha palavra. — Olhando para Sulin, ele dedilhou o lenço ainda em sua mão. — Mas até onde podemos confiar nos selvagens?

— Até onde podemos confiar nos Assassinos da Árvore? — inquiriu Sorilea, com uma voz tão rígida e curtida quanto ela própria, entrando sem bater e avançando a um passo firme.

Rhuarc vinha a seu lado, com um cheiro soturno, acompanhado de Amys, com o rosto suspeitamente jovem emoldurado por aqueles cabelos brancos e uma expressão tão fria quanto a de qualquer Aes Sedai, e também de Nandera, que exalava um forte odor de fúria e carregava um embrulho cinza, marrom e verde.

— Vocês sabem? — perguntou Perrin, incrédulo.

Nandera atirou o embrulho para Sulin.

— Já passa da hora de ver que sua *toh* foi satisfeita. Quase quatro semanas e meia, um mês inteiro mais metade. Até os *gai'shain* dizem que você é orgulhosa demais.

Ela e Sulin desapareceram dormitório adentro.

Uma rajada daquele cheiro de irritação irrompeu de Faile assim que ela ouviu a pergunta de Perrin.

— A linguagem de sinais das Donzelas — murmurou a mulher, baixinho demais para qualquer ouvido além do dele.

Perrin olhou para a esposa, agradecido, mas ela parecia concentrada no tabuleiro de pedras. Por que não estava participando da discussão? Ela dava bons conselhos, e Perrin ficaria muito grato com qualquer sugestão que ela estivesse disposta a oferecer. Faile posicionou uma pedra e olhou feio para Loial, que estava atento a Perrin e aos outros.

Tentando não suspirar, Perrin disse, simplesmente:

— Não me interessa quem confia em quem. Rhuarc, está disposto a enviar seus Aiel contra as Aes Sedai? São seis delas. Acho que cem mil Aiel dariam a elas o que pensar...

Aquele número o fez refletir: dez mil homens já não era pouco para um exército, mas Rand falara em cem mil, e, pelo que vira no acampamento Aiel das colinas, Perrin acreditava que houvesse mesmo cem mil. Para sua surpresa, Rhuarc exalou um odor de hesitação.

— Não conseguiríamos um número tão alto — respondeu o chefe de clã, hesitante, então fez uma pausa antes de prosseguir: — Chegaram batedores hoje de manhã e informaram que um grande número dos Shaido está se deslocando para o sul, saídos da Adaga do Fratricida, em direção ao coração de Cairhien. Eu talvez tenha homens o suficiente para impedir o avanço, já que parece que não são todos

que estão a caminho. Mas, se eu retirar tantas lanças desta terra, tudo o que já fizemos terá que ser refeito. Na melhor das hipóteses, os Shaido terão terminado de pilhar a cidade muito antes de voltarmos. Ninguém pode afirmar quanto eles terão avançado, até mesmo para dentro de outras terras, e quantos serão levados se dizendo *gai'shain*. — Um forte odor de desprezo emanou dele com essa última frase, mas Perrin não entendeu. De que interessava quanta terra teriam que reconquistar, ou mesmo quanta gente morreria? Se bem que essa última parte do raciocínio vinha cheia de sofrimento e relutância. Mas a verdade era que não sabia como poderiam comparar aquilo à magnitude de ver Rand, o Dragão Renascido, sendo levado como prisioneiro de Tar Valon.

Sorilea estava encarando Perrin havia algum tempo. Os olhos das Sábias eram como os das Aes Sedai e sempre o faziam se sentir medido e avaliado nos menores detalhes. Sorilea era um caso à parte e o fazia sentir-se desmantelado feito um arado quebrado, cada pino erguido e examinado para ver se deveria ser consertado ou substituído.

— Conte tudo a ele, Rhuarc — mandou a mulher, ríspida.

Amys apoiou a mão no ombro de Rhuarc.

— Ele tem o direito de saber, sombra do meu coração. É quase-irmão de Rand al'Thor. — A voz dela era mansa, mas o cheiro era bem firme.

Rhuarc lançou um olhar duro às Sábias e encarou Dobraine com uma expressão de desdém. Então empertigou-se o máximo que pôde.

— Só posso levar Donzelas e *siswai'aman*. — Pelo tom e cheiro, ele preferia perder um braço a proferir aquelas palavras. — Muitos dos outros não vão dançar as lanças contra nenhuma Aes Sedai.

Os lábios de Dobraine se curvaram em uma expressão de desprezo.

— Quantos cairhienos aceitam lutar contra Aes Sedai? — perguntou Perrin, baixinho. — Seis Aes Sedai, e nós só temos aço.

Quantas dessas Donzelas e sis-alguma-coisa Rhuarc conseguiria reunir? Não importava, sempre havia os lobos. Mas quantos lobos morreriam?

Dobraine desfez a carranca.

— Eu lutarei, Lorde Aybara — declarou, rígido. — Eu e meus quinhentos, mesmo que sejam sessenta Aes Sedai.

Até a risada de Sorilea soava coriácea.

— Não tema as Aes Sedai, Assassino da Árvore.

De repente, para surpresa de Perrin, uma chama diminuta dançou no ar diante dela. A mulher podia canalizar!

Sorilea deixou a chama se esvair enquanto começavam os planejamentos, mas a imagem não saiu da cabeça de Perrin — era uma chama, tremeluzindo fraquinha, mas era uma declaração de guerra mais forte que trompetes, o princípio de um combate mortal.

— Se você cooperar — começou Galina, em um tom casual —, sua vida será mais agradável.

A garota a encarou de volta, taciturna, e se remexeu no banquinho, ainda um pouco dolorida. Suava bastante, mesmo sem estar com o casaco. A tenda devia estar bem quente. Galina às vezes se esquecia completamente da temperatura. Mais uma vez, sentiu-se curiosa a respeito daquela Min — ou Elmindreda ou qualquer que fosse seu nome de verdade. Da primeira vez que a vira, a garota usava roupas de homem e acompanhava Nynaeve al'Meara e Egwene al'Vere. E Elayne Trakand, mas eram as outras duas que estavam ligadas a al'Thor. Da segunda vez, Elmindreda revelou ser o tipo de mulher que Galina odiava: toda suspirante e cheia de babados, sob proteção pessoal de Siuan Sanche. Não conseguia imaginar como Elaida pudera ser tola o bastante para sequer permitir que ela saísse da Torre. Que conhecimentos aquela garota guardava? Bem, talvez Elaida não precisasse ter a menina tão cedo — se bem usada, a garota talvez a ajudasse a capturar Elaida em sua rede feito uma andorinha. Apesar de Alviarin, Elaida se tornara uma daquelas Amyrlins fortes e capazes que tomavam as rédeas nas próprias mãos firmes — era por isso que aprisioná-la decerto enfraqueceria Alviarin. Ah, se bem usada, a garota...

Uma mudança nos fluxos que estava sentindo fez Galina se endireitar na cadeira.

— Conversaremos mais depois que você tiver um tempo para pensar, Min. Pense muito bem sobre quantas lágrimas um homem vale. — Então, saindo, vociferou para o Guardião de ombros largos que estava de vigia: — Trate de vigiar direito desta vez.

Carilo não estivera montando guarda durante o incidente da noite anterior, mas os Gaidin eram mimados demais por suas Aes Sedai. Já que precisavam daqueles homens, melhor tratá-los como meros soldados e nada mais.

Ignorando a mesura do Guardião, ela se afastou e foi procurar Gawyn. O rapaz andava muito recluso desde a captura de al'Thor, e quieto demais. Não estava disposta a ter tudo arruinado por conta de um garoto que tentava vingar a mãe. Mas, quando o encontrou, Gawyn estava na orla do campo, sentado em seu cavalo, conversando com um bando daqueles garotos que se denominavam Jovem Guarda.

Tinham parado cedo por necessidade, e o sol da tarde projetava sombras compridas das tendas e dos carroções que ladeavam a estrada. Morros suaves e colinas baixas circundavam o acampamento, com apenas alguns arbustos esparsos à vista, a maioria escassos e pequenos. Trinta e três Aes Sedai somavam-se às seis originais, junto com os serviçais e Guardiões — nove eram Verdes, apenas treze Vermelhas, e as demais eram Brancas, da antiga Ajah de Alviarin —, formando um grupo notável mesmo sem contar com Gawyn e seus soldados. O foco da atenção eram sete Aes Sedai, seis das quais estavam sentadas em banquinhos ao redor de um

baú com bordas de latão, posicionado de modo a pegar todos os raios de sol que ainda restavam. A sétima era Erian — a mulher não se afastara do baú desde que al'Thor fora colocado de volta lá, na noite anterior. O rapaz tivera permissão de sair assim que se afastaram de Cairhien, mas Galina suspeitou de que Erian fosse querer que ele passasse o restante da viagem dentro do baú.

Assim que se aproximou, a Verde virou-se para ela. Erian sempre fora muito bonita, com o rosto claro, refinado e oval, mas suas bochechas estavam vermelhas desde a noite anterior, e os encantadores olhos escuros estavam injetados.

— Ele tentou vencer a blindagem outra vez, Galina. — A ira se mesclava ao desprezo pela insensatez do homem, tornando sua voz dura e áspera. — Ele deve ser punido de novo, no caso. Quero cuidar disso eu mesma.

Galina hesitou. Seria melhor punir Min — aquilo sim deixaria al'Thor quietinho. Ele ficara furioso ao vê-la ser punida na noite anterior — punição essa que, por sua vez, fora suscitada pela atitude da jovem ao vê-lo sendo punido. O incidente todo se dera logo depois que al'Thor descobriu que Min estava no acampamento, quando um dos Guardiões tivera o descuido de deixá-la sair andando noite adentro, em vez de mantê-la confinada na tenda. Quem teria imaginado que al'Thor, blindado e cercado, ficaria transtornado daquele jeito? Além de tentar destruir a blindagem, ele matara um Guardião com as próprias mãos e ferira outro com a espada do morto — um ferimento tão grave que o homem acabou morrendo durante a Cura. E isso tudo durante os poucos instantes que as irmãs levaram para se recuperar do choque e refreá-lo com o Poder.

Se dependesse de Galina, já teria reunido as outras Vermelhas e amansado al'Thor dias antes. Como aquilo estava proibido, melhor entregá-lo à Torre ileso — desde que ele demonstrasse o mínimo de educação, claro. Mesmo naquela situação, Galina prezava pela eficácia, e o mais eficaz seria levar Min até ali e deixar que al'Thor a ouvisse chorar e soluçar, sabendo que era o responsável pela dor que a mulher sofria. Porém, por acaso, os dois Guardiões mortos eram de Erian. A maioria das irmãs consideraria a punição direito dela, e a própria Galina queria que a Verde, uma illianense com cara de boneca, extravasasse a ira de uma vez. Seria muito melhor percorrer o restante do trajeto podendo admirar aquele rostinho de porcelana com uma expressão serena.

Galina assentiu.

* * *

Rand piscou com a claridade quando a luz inundou o baú de repente. Também foi inevitável se encolher — ele sabia o que estava por vir. Lews Therin jazia no Vazio, imóvel e silencioso — era por pouco que ele ainda sustentava o Vazio, mas tinha

plena consciência dos próprios músculos, que urraram em câimbras quando ele foi posto de pé. Travou a mandíbula e tentou não estreitar os olhos para se proteger do que parecia o brilho do meio-dia. O ar estava fresco e maravilhoso, e a camisa ensopada grudou no corpo, empapado de suor. Nenhuma corda o prendia, mas não podia dar um passo sequer, nem que fosse para salvar a própria vida. Se não estivesse sendo sustentado pelo Poder, teria desabado no chão. Só percebeu quanto tempo passara preso quando notou como o sol estava baixo no céu — todo aquele tempo preso com a cabeça entre os joelhos, banhado em uma poça de seu próprio suor.

Ainda assim, mal prestou atenção ao sol. Seus olhos se voltaram para Erian antes mesmo que a Aes Sedai se posicionasse diante dele. A mulher pequena e esguia ergueu a cabeça para encará-lo, os olhos escuros cheios de fúria, e ele quase se encolheu outra vez. Ao contrário da noite anterior, ela não falou. Simplesmente começou.

O primeiro golpe invisível o atingiu entre os ombros; o segundo, no peito; e o terceiro bateu atrás das coxas. O Vazio se despedaçou. Ar. Era apenas Ar. Pensando assim, parecia menos dolorido. Só que cada golpe era uma chibatada desferida por um braço mais forte que o de qualquer homem. Já estava com hematomas por conta da última surra, manchas roxas que iam dos ombros aos joelhos. Tinha consciência daquelas marcas no corpo — e mais consciência do que gostaria; sentira vontade de chorar mesmo dentro do Vazio. Quando o Vazio se foi, ele quis berrar.

Mas, em vez disso, cerrou o maxilar. Às vezes um grunhido escapava entre os dentes e Erian redobrava os esforços quando isso acontecia, como se quisesse mais. Rand se recusava a dar o que ela queria. Não podia impedir os tremores a cada golpe daquela chibata invisível, porém não lhe daria mais do que isso. Encarava-a nos olhos, recusando-se a desviar o olhar e a piscar.

Eu matei minha Ilyena, gemia Lews Therin a cada golpe.

Rand tinha sua própria ladainha. A dor lhe fustigava o peito. *Isso é por confiar nas Aes Sedai. O fogo assolava as costas. Nunca mais, nem um pouquinho, nem por um instante.* Era como a lâmina de uma navalha. *Isso é por confiar nas Aes Sedai.*

Elas achavam que podiam subjugá-lo. Achavam que podiam fazê-lo rastejar até Elaida! Obrigou-se a fazer a coisa mais difícil que já fizera na vida: sorriu. Claro que o sorriso não chegava aos olhos, mas encarou Erian e sorriu. A mulher arregalou os olhos e sibilou. As chibatadas começaram a vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

O mundo era dor e fogo. Rand não conseguia ver, apenas sentir. Por algum motivo, tinha ciência das mãos tremendo incontrolavelmente dentro das algemas invisíveis, mas concentrava-se em manter os dentes cerrados. *Isso é por — Não vou gritar! Não vou grit — Nunca mais, nem um pouquinho — Nem um pouquinho, nem por um instante! Nunca ma — Eu não vou! Nunca ma — Nunca! Nunca! NUNCA!*

A primeira coisa que reparou foi que respirava. Ar, tragado avidamente pelas narinas. Seu corpo latejava, era uma chama pulsante, mas as pancadas tinham

cessado. Reparar nisso foi quase um choque. O cessar de algo que uma parte dele se convencera de que jamais chegaria ao fim. Sentiu gosto de sangue e percebeu que a mandíbula doía quase tanto quanto o resto do corpo. Bom. Não tinha gritado. Os músculos do rosto estavam travados em uma câimbra dolorosa e seria um esforço abrir a boca, mesmo se quisesse muito.

A visão foi a última a voltar, e então ele se perguntou se estava alucinando por conta da dor. Viu um grupo de Sábias entre as Aes Sedai, todas remexendo os xales e encarando as mulheres com a maior arrogância possível. Quando concluiu que a visão era real — a menos que Galina estivesse conversando com um produto da imaginação de Rand —, seu primeiro pensamento foi de que estava sendo resgatado. De algum jeito, as Sábias tinham... era impossível, mas elas... então reconheceu a mulher que conversava com Galina.

Sevanna andou até ele com um sorriso nos lábios carnudos e vorazes. Os olhos verde-claros daquele rosto lindo emoldurado por cachos dourados o perscrutaram. Rand preferia estar diante de um lobo raivoso. Havia uma estranheza na postura da mulher, que avançava meio inclinada para a frente, os ombros para trás. Por mais ferido que estivesse, de repente teve vontade de rir — e teria rido, se tivesse certeza do som que produziria caso abrisse a boca. Lá estava ele, prisioneiro, apanhando quase até a morte, as pancadas ainda ardendo e o suor aguilhoando, e aquela mulher que o odiava — tinha certeza disso — e que provavelmente o culpava pela morte do homem que ela amava estava achando que ele olharia seu decote!

A mulher passou a unha lentamente por sua garganta — na verdade, ela envolveu seu pescoço o mais que pôde com as pontas das garras —, como se imaginasse sua decapitação. O que seria apropriado, considerando o fim de Couladin.

— Pronto, já o vi — declarou a mulher, com um suspiro satisfeito e um pequeno arrepio de prazer. — Você honrou sua parte no acordo, e eu honrei a minha.

A Aes Sedai então o obrigou a se dobrar de volta e o enfiou de novo no baú, a cabeça mais uma vez entre os joelhos, agachado naquela pequena poça de suor. A tampa se fechou, e a escuridão o envolveu.

Ele só então remexeu o maxilar até conseguir abrir a boca e soltou um suspiro longo e trêmulo. Não tinha certeza se, mesmo agora, conseguiria emitir qualquer som. Luz, estava pegando fogo!

O que Sevanna estava fazendo ali? Que acordo? Não. Muito bem, tinha descoberto que havia algum acordo entre a Torre e os Shaido, mas depois se preocuparia com aquilo. Tinha que se concentrar em Min. Precisava escapar. Aquelas mulheres tinham machucado Min — um pensamento tão terrível que quase abafava a dor. Quase.

Erguer outra vez o Vazio foi como cruzar um pântano de agonia, mas enfim viu-se rodeado daquele nada, tentando tocar *saidin*... apenas para encontrar Lews Therin na mesma prontidão, dois pares de mãos tentando agarrar uma luz que apenas um deles conseguiria segurar.

Que o queime!, rosnou Rand, na própria cabeça. *Que o queime! Se pelo menos você trabalhasse ao meu lado uma vez na vida, em vez de ficar contra mim!*

Trabalhe você comigo!, vociferou Lews Therin, em resposta.

Rand quase perdeu o Vazio, de tão chocado. Era inegável: Lews Therin tinha ouvido e respondido. *Podemos trabalhar juntos, Lews Therin*. Não queria trabalhar junto com ele, queria que o homem saísse de sua cabeça — mas precisava pensar em Min. E sabe-se lá quantos dias ainda teriam até Tar Valon. Tinha a certeza de que, se elas conseguissem botá-lo dentro da Torre, não haveria mais chances. Nunca mais.

A resposta veio na forma de uma risada apreensiva e indecisa. *Juntos?* Outra risada, completamente transtornada. *Juntos. Seja lá quem você for*. E a voz e a presença desapareceram.

Rand estremeceu. Ajoelhado ali, acrescentando suor à poça onde sua cabeça repousava, ele estremeceu.

Tentou tocar *saidin* outra vez, aos poucos... e deu de cara com a blindagem, claro. Bem, era ela que estava procurando, afinal. Bem devagar, com toda a delicadeza, tateou toda a extensão daquela barreira invisível, até onde o plano rígido se transformava em pontos macios.

Macios, declarou Lews Therin, ofegante. *Porque elas ainda estão aqui, sustentando a tessitura. Fica mais rígido quando elas amarram os fluxos. Não há o que fazer quando os pontos ainda estão assim, macios, mas consigo desfazer o nó se elas atarem os fluxos. Com algum tempo*. A voz ficou em silêncio por tanto tempo que Rand achou que tivesse ido embora outra vez. *Você é real?*, sussurrou por fim. Então foi embora de vez.

Aos poucos, com todo o cuidado, Rand foi tateando pela blindagem até chegar aos pontos macios. As seis Aes Sedai. Com algum tempo? Isso se atassem os fluxos, o que ainda não acontecera em... o quê? Seis dias? Sete? Oito? Não importava. Não podia se dar ao luxo de esperar tanto. Chegava mais perto de Tar Valon a cada dia. No dia seguinte tentaria romper a blindagem outra vez — tinha sido como esmurrar um bloco de pedra, mas esmurrara com toda a força. No dia seguinte, quando Erian o açoitasse — tinha certeza de que seria ela —, abriria outro sorriso. Então, quando a dor aumentasse, ele se permitiria gritar. No outro dia, não faria mais do que triscar a barreira, talvez com força suficiente para elas sentirem, porém não mais que isso, e só repetiria a tentativa depois de ver se seria ou não punido. Talvez implorasse por água. Tinha bebido um pouco ao anoitecer, mas estava com sede outra vez. Mesmo que o deixassem beber mais de uma vez ao dia, implorar seria adequado. Se ainda estivesse no baú, talvez implorasse também para ser solto. Achava que estaria — não eram grandes as chances de que o libertassem por muito tempo sem ter certeza de que ele aprendera a lição. Seus músculos se contorciam em câimbras diante da ideia de mais dois ou três dias enfiado ali. Não havia espaço para se mexer, mas o corpo tentava. Mais dois ou três dias, e as Aes Sedai teriam certeza de que ele fora subjugado. Pareceria assustado e evitaria olhar as pessoas nos olhos, como um pobre

coitado que poderia ficar fora do baú sem oferecer riscos. Mais importante: um pobre coitado que elas não precisariam vigiar tão de perto. Então, talvez, elas decidissem que não precisavam de seis para manter a blindagem, ou que podiam simplesmente atar a trama ou... qualquer coisa. Precisava de alguma brecha. Qualquer coisa!

Era um plano desesperado. Percebeu que ria — ria e não conseguia parar. Também não conseguia parar de tatear a barreira, feito um cego desesperado deslizando os dedos por um pedaço de vidro liso.

* * *

Galina franziu o cenho depois que as Aiel foram embora, avançando até o topo de uma montanha e desaparecendo do outro lado do cume. Cada uma daquelas mulheres, tirando a própria Sevanna, conseguia canalizar, e muitas tinham força considerável. Sevanna decerto se sentira mais segura rodeada por aquela dezena de bravias — que engraçado. Aquele bando de selvagens não era nada confiável. Dentro de poucos dias teria mais alguma serventia para elas, na segunda parte do “acordo” com Sevanna. A triste morte de Gawyn Trakand e a melhor parte da Jovem Guarda.

De volta ao centro do acampamento, encontrou Erian ainda vigiando o baú de al’Thor.

— No caso, Galina, ele está mesmo chorando — comentou a mulher, a voz feroz. — Está ouvindo? Ele está sim... — De repente, lágrimas começaram a correr pelo rosto de Erian. Ela ficou ali, parada, soluçando baixinho, agarrando as saias com os punhos cerrados.

— Vamos para a minha tenda — chamou Galina, em um tom tranquilizador. — Tenho um bom chá de mirtilo e posso colocar um pano gelado e úmido na sua testa.

Erian sorriu em meio às lágrimas.

— Obrigada, Galina, mas é melhor eu ir. Rashan e Bartol estão me esperando. Eles estão sofrendo mais do que eu, no caso. Além de sentirem meu sofrimento, eles sofrem porque sabem que eu sofro. Preciso consolar os dois. — Apertando a mão de Galina de leve, agradecida, a Verde foi embora.

Galina franziu o cenho, encarando o baú. Al’Thor de fato parecia chorar — ou isso, ou estava rindo, o que ela duvidava bastante. Olhou para Erian, que desaparecia no interior da tenda de seus Guardiões. Ah, al’Thor ia chorar. Tinham pelo menos mais duas semanas até Tar Valon e a entrada triunfal que Elaida planejava. Sim, pelo menos mais vinte dias. Dali para a frente, Rand seria punido todos os dias, ao amanhecer e ao anoitecer, não importava se Erian quisesse participar ou não. Quando o conduzisse até a Torre Branca, Rand beijaria o anel de Elaida, só falaria

quando se dirigissem a ele e, quando não fosse requisitado, ficaria ajoelhado a um canto. Com o olhar firme, foi beber o chá de mirtilo sozinha.

* * *

Quando entraram no bosque imenso, Sevanna virou-se para as outras, pensando em como era impressionante que agora encarasse as árvores com tanta indiferença. Nunca tinha visto tantas árvores juntas, e tão grandes, antes de cruzar a Muralha do Dragão.

— Vocês viram todas os meios que elas usaram para prendê-lo? — perguntou, fazendo soar como se dissesse “todos”, em vez de “todas”.

Therava encarou as outras, que assentiram.

— Sabemos tecer tudo o que elas fizeram — anunciou a mulher.

Assentindo, Sevanna correu os dedos pelo cubinho de pedra com entalhes intrincados em seu bolso — o estranho aguçado que lhe dera aquilo a orientara a usá-lo quando al’Thor estivesse preso. E ela de fato pretendia usar, até que viu al’Thor preso. Naquele momento, decidira jogar o cubo fora. Era viúva de um chefe que fora a Rhuidean e de um homem que fora chamado de chefe sem ter feito essa visita. Agora seria a esposa do próprio *Car’a’carn*. Cada lança dos Aiel estaria presa a ela. Ainda sentia no dedo o pescoço de al’Thor, onde traçara a linha da coleira que poria nele.

— Está na hora, Desaine — anunciou.

Claro que Desaine apenas piscou, surpresa, e só conseguiu gritar de susto antes que as outras iniciassem o trabalho. A mulher não parava de reclamar a respeito da posição de Sevanna, que decidira que poderia empregar melhor seu tempo do que ter que lidar com a mulher. Exceto por Desaine, todas as outras presentes a seguiam, e outras mais estavam a seu lado.

Sevanna ficou olhando o que as outras Sábias faziam. O Poder Único a fascinava. Tantos feitos milagrosos realizados sem qualquer esforço... E era muito importante que ficasse claro que Desaine fora liquidada com o Poder. Ah, era tão espantoso que um corpo humano pudesse ser despedaçado espirrando tão pouco sangue...





O CHAMADO

O sol ainda era um brilho tênue sobre a linha do horizonte, mas as ruas de Cairhien já estavam apinhadas de gente comemorando o segundo dia do Festival das Luzes. A bem da verdade, as pessoas sequer tinham se recolhido à noite. A celebração deixava a multidão em uma espécie de frenesi, e pouca gente dispensava mais que uma olhadela ao homem de barba crespa e rosto soturno, com o machado preso na cintura enquanto cavalgava um baio alto pelas ruas retas até o rio. Mas alguns até fizeram uma pausa para olhar seus companheiros de viagem. Ver Aiel andando por aí já se tornara corriqueiro, por mais que o povo do Deserto mal tivesse posto o pé nas ruas desde o começo das celebrações, mas não era todo dia que se via um Ogier — a criatura mais alta que o homem a cavalo ainda por cima estava carregando um machado apoiado no ombro, o cabo quase de sua altura. A expressão do Ogier fazia o homem barbado parecer alegre.

Os navios no Alguenya estavam com as lanternas todas acesas, inclusive a embarcação do Povo do Mar que gerara tamanho falatório — tanto por simplesmente estar ali em Cairhien quanto por permanecer todo aquele tempo ancorada quase sem contato com a costa. Segundo os rumores que Perrin tinha ouvido, o Povo do Mar via os acontecimentos recentes da cidade com ainda mais desaprovação que os Aiel, e ele tinha achado que Gaul morreria de choque em ver tantos homens e mulheres se beijando. O fato de as mulheres estarem ou não vestidas incomodava muito menos Gaul do que ver todos se beijando no meio da rua, à vista de todos — aquilo para ele era uma indecência.

Os embarcadouros compridos avançavam sobre o rio, flanqueados por paredões altos, com barcos de todos os tipos e tamanhos — incluindo balsas que conseguiriam levar até cinquenta cavalos — amarrados ao longo dos píeres de madeira, mas Perrin não viu nenhum com mais de um homem. Parou o baio ao chegar a uma embarcação

grande e sem mastro com seis ou sete braças de comprimento presa a uma das estacas de pedra. Um sujeito grisalho e corpulento, sem camisa, estava ali no deque, sentado em um barril, com uma mulher grisalha ostentando mais de cinco listras coloridas no decote do vestido escuro empoleirada em seus joelhos.

— Queremos cruzar o rio — anunciou Perrin, bem alto, tentando olhar apenas por tempo o suficiente para verificar se o casal parava de se agarrar. Não pararam. Jogou uma coroa andoriana dentro da balsa, e o som da moeda pesada quicando no convés fez o sujeito erguer a cabeça. — Queremos cruzar o rio — repetiu, mostrando uma segunda coroa de ouro na palma da mão. Depois de um instante, acrescentou outra.

O balseiro umedeceu os lábios.

— Vou ter que achar remadores — resmungou, encarando as moedas.

Com um suspiro, Perrin pegou mais duas coroas da bolsa — havia um tempo em que seus olhos teriam saltado das órbitas só de ver uma daquelas.

O balseiro deu um salto, e a mulher caiu sentada no chão com um baque surdo. Ele subiu a rampa correndo, ofegante, gritando que levaria só um minutinho, milorde, só um minutinho. A mulher encarou Perrin com um olhar cheio de reprovação e saiu desfilando pelo embarcadouro — até tentou ostentar uma postura digna enquanto avançava, mas o fato de ela ainda estar esfregando o ponto dolorido em que o traseiro batera no chão atrapalhou um pouco. A nobre não avançou muito antes de desistir, erguer as saias e sair correndo para se juntar a um grupo de dançarinos que cabriolavam perto da margem. Perrin ouviu sua risada de longe.

Levou mais que um minutinho, mas a promessa de ouro parecia ter sido suficiente: em pouco tempo o balseiro tinha reunido homens suficientes para operar quase todos os remos compridos. Perrin foi afagando o nariz do baio enquanto a embarcação sacolejava rio adentro. Ainda não decidira o nome do cavalo, que pegara no estábulo do Palácio do Sol — a ferradura era boa e fora bem colocada, e o bicho de patas dianteiras brancas parecia tenaz, mas nem de longe tanto quanto Galope.

O arco de Dois Rios, desencordado, estava enfiado de um dos lados da cilha da sela, e a aljava cheia pendia logo à frente da sela de patilha alta, sustentando um embrulho comprido, estreito e muito bem embalado — a espada de Rand. Faile fizera questão de embalar o fardo ela mesma e lhe entregara sem uma palavra. Ela só se pronunciou depois que Perrin lhe deu as costas para ir, ao perceber que não ganharia um beijo de despedida.

“Se você cair”, sussurrou ela, “vou assumir sua espada”.

Ainda não sabia ao certo se ela pretendia ou não que ele ouvisse. O odor que Faile exalava era uma mixórdia tão intensa que Perrin não conseguiu distinguir nada.

Sabia que deveria estar concentrado no que estava prestes a fazer, mas Faile sempre dava um jeito de voltar a seus pensamentos. Em determinado ponto, teve certeza de que ela anunciaria que iria junto, e seu coração se apertou. Se Faile tivesse decidido ir, achava que não poderia ter se forçado a recusar — afinal, não

conseguiria negar nada a Faile, depois de tudo o que a fizera sofrer. Mas estavam indo ao encontro de seis Aes Sedai, e o conflito traria sangue e morte. Se Faile morresse, Perrin sabia que enlouqueceria. Achou que ela diria que ia junto quando Berelain anunciou que lideraria a Guarda Alada de Mayene no resgate. Por sorte, a ideia da Primeira fora posta de lado, ainda que de modo estranho.

“Quantos rumores surgirão se você deixar a cidade onde Rand al’Thor a colocou para fazer valer a vontade dele?”, perguntou Rhuarc, baixinho. “Quantos rumores não vão surgir se enviar todas as suas lanças? E o que pode nascer dessas histórias?”

Aquilo soava como um conselho, mas ao mesmo tempo, não — algo na voz do chefe de clã conferia muito mais força àquelas simples perguntas.

Berelain encarou Rhuarc de cabeça erguida, cheirando a teimosia. Mas o odor de teimosia aos poucos se esvaiu, e ela murmurou para si mesma:

“Às vezes acho que tem homens demais que conseguem...” Só Perrin conseguiu ouvir. Sorrindo, ela declarou, com a voz bem alta e um tom bastante majestoso: “Esse é um conselho sensato, Rhuarc. Acho que vou segui-lo.”

O mais notável, entretanto, fora a forma como os odores dela e do Aiel se mesclavam. Para Perrin lembravam um lobo macho e um filhote quase crescido, um pai indulgente e terno lidando com a filha amada, embora às vezes ainda fossem necessários alguns puxões de orelha para que a jovem se comportasse de maneira adequada. O mais importante, no entanto, foi ver a intenção de se pronunciar desaparecer dos olhos de Faile. O que ele podia fazer? Se vivesse para ver a esposa outra vez, o que poderia fazer?

No começo da travessia, os remadores, todos com roupas muito simples e alguns até sem camisa, entoavam piadas grosseiras em tom quase amistoso sobre como ouro nenhum poderia comprar o que estavam perdendo. Eles riam enquanto andavam pelo convés a passadas largas, remando, todos alegando que estavam dançando ou trocando beijos com uma nobre quando foram interrompidos. Um sujeito magricela e de queixo pontudo até afirmou que estava com uma nobre *tairena* no colo quando saiu para atender ao chamado de Manal, o balseiro, mas ninguém acreditou — muito menos Perrin. Quando os tairenos viram o que estava acontecendo, a divisão foi bem clara: os homens mergulharam de cabeça na folia, mas as mulheres tinham se trancado nos quartos e botado guardas nas portas.

As piadas e brincadeiras não duraram muito. Gaul ficou o mais no centro do barco que podia, os olhos meio perturbados e fixos na costa ao longe, empoleirado nas pontas dos pés como se estivesse pronto para saltar. Era toda aquela água, claro, mas os balseiros não tinham como saber daquilo. E Loial, apoiado na arma que encontrara no Palácio do Sol, um machado de cabo longo e com a cabeça imensa toda ornamentada, mais parecia uma estátua, o rosto largo dando a impressão de ter sido esculpido em granito. Os balseiros fecharam o bico e remaram com toda a força, sem nem se atrever a olhar para os passageiros. Quando a balsa enfim atracou

em um cais de pedra na margem oeste do Alguenya, Perrin deu ao dono da balsa — ao menos esperava que o homem fosse o dono da balsa — o restante do ouro e um punhado de prata para que repassasse aos remadores, para tentar compensá-los pelo medo que sentiram de Loial e Gaul. O homem gordo pegou as moedas tentando tocar nele o mínimo possível e fez uma medida tão profunda, apesar do tamanho da barriga, que a cabeça quase encostou nos joelhos. Talvez não fossem só as caras de Gaul e Loial que metiam medo.

Construções enormes, todas sem janelas, estavam envolvidas por andaimes de madeira, a pedra escurecida e avariada em vários pontos. Os celeiros tinham sido incendiados em motins, algum tempo antes, e só agora estavam sendo reformados, mas não havia vida nas ruas cheias de celeiros, estábulos, armazéns e pátios de carroções. Todos os trabalhadores dali encontravam-se na cidade. Não havia ninguém à vista, até que, vindos de uma rua lateral, chegaram dois sujeitos a cavalo.

— Estamos prontos, Lorde Aybara — anunciou Havien Nurelle, entusiasmado.

O jovem de rosto corado, consideravelmente mais alto que seu companheiro, era bem espalhafatoso, com a placa peitoral e o capacete pintados de vermelho, além de uma única pluma vermelha bem fina no topo do elmo. Ele até cheirava a empolgação — empolgação e juventude.

— Já estava achando que não viriam — resmungou Dobraine. O nobre estava sem capacete, usando manoplas com dorso de aço e uma placa peitoral surrada, ainda com resquícios da antiga ornamentação dourada. Ele olhou para Perrin e acrescentou: — Pela Luz, Lorde Aybara, não foi minha intenção lhe faltar com o respeito.

— Temos um longo caminho a percorrer — respondeu Perrin, virando o baio. Talvez Tenaz fosse um bom nome. E o que ele faria em relação a Faile? Sentia o puxão de Rand, fazendo a pele formigar. — Elas já têm quatro dias de vantagem.

Cravou os calcanhares bem de leve e incitou Tenaz a um trote firme. Seria uma longa caçada, então era melhor tomar cuidado para não dar aguamento nos cascos dos cavalos. Loial e Gaul não teriam a menor dificuldade de acompanhar o passo.

A maior das ruas retas virava a Estrada de Tar Valon — bem, era a Estrada de Tar Valon de Cairhien, mas havia outras —, uma larga faixa de terra batida que avançava para noroeste por entre colinas cobertas de florestas, mais baixas que as elevações onde Cairhien se assentava. Depois de avançarem uma milha pela estrada, agora já cercada de floresta, duzentos homens da Guarda Alada de Mayene e quinhentas cabeças do exército da Casa Taborwin se juntaram a eles, todos montados nos melhores animais que conseguiram encontrar.

Os mayenenses usavam placas peitorais vermelhas e capacetes que pareciam caçarolas, com abas que cobriam a nuca, e as lanças ostentavam bandeirolas vermelhas. Muitos pareciam quase tão ávidos quanto Nurelle. Os cairhienos, mais baixos, usavam placas peitorais lisas e capacetes feitos sinos cortados, deixando à mostra os rostos severos, e a maioria de seus capacetes e placas estava amassada. As

lanças não ostentavam adornos, embora aqui e ali saltasse aos olhos o *con* de Dobraine — um quadrado pequeno e rígido preso em um bastãozinho azul com dois diamantes brancos, identificando os oficiais ou lordes menores da Casa Taborwin. Nenhum parecia ávido para lutar, apenas taciturno. Já tinham visto muitas batalhas. Em Cairhien, a expressão era “já ter visto o lobo”.

Quando ficou sabendo da expressão, Perrin riu. Ainda não chegara a hora dos lobos.

Perto do meio-dia, um pequeno grupo de Aiel emergiu das árvores e desceu correndo a colina até a estrada. Duas Donzelas avançaram para junto de Rhuarc. Eram Nandera e Sulin, que Perrin só reconheceu depois de um tempo — a Aiel estava muito diferente no *cadin'sor*, com os cabelos brancos cortados rentes exceto pelo rabo de cavalo despontando da nuca. Parecia mais... à vontade, algo que jamais parecera no uniforme de serviçal. Amys e Sorilea vinham junto, os xales enrolados nos braços e os colares e braceletes de ouro e marfim tilintando. Embora erguessem as saias pesadas quando corriam colina acima, acompanhavam o passo das outras sem dificuldade.

Perrin desceu do cavalo para caminhar com eles, à frente de todos os outros.

— Quantos? — Foi sua única pergunta.

Rhuarc olhou para Gaul e Loial, que caminhavam ao lado de Dobraine e Nurelle, na dianteira da marcha. Mesmo que tivessem a audição de Perrin, estavam longe demais para ouvi-los, considerando o barulho dos cascos, o tilintar das rédeas e o chiado das selas, mas Rhuarc manteve a voz baixa.

— Cinco mil homens de sociedades diferentes, talvez um pouco mais. Não consegui trazer muitos. Timolan já ficou bastante desconfiado por eu não ter ido com ele enfrentar os Shaido. Se souberem que as Aes Sedai estão mantendo o *Car'a'carn* prisioneiro, acho que a Desolação vai engolir todos nós. — Nandera e Sulin tossiram alto e cravaram os olhos uma na outra, mas Sulin logo desviou o olhar, enrubescida. Rhuarc, que cheirava a exasperação, apenas olhou rápido para elas e murmurou: — Também tenho quase mil Donzelas. Se eu não tivesse mantido o pulso firme, teriam vindo todas correndo atrás de mim, carregando uma tocha para gritar ao mundo que Rand al'Thor está correndo perigo. — Ele endureceu a voz. — Qualquer Donzela que vier atrás de nós vai aprender como eu falo sério.

Sulin e Nandera coraram, algo difícil naqueles rostos queimados de sol.

— Eu... — começaram as duas, no mesmo instante.

Trocaram olhares outra vez, e Sulin desviou o olhar de novo, o rosto ainda mais vermelho. Perrin não se lembrava de ver Bain e Chiad — as duas únicas Donzelas que realmente conhecia — corando tanto.

— Eu prometi — retrucou Nandera, em um tom rígido —, e *todas* as Donzelas entraram no juramento. Será como o chefe ordenou.

Perrin se absteve de perguntar o que era aquela tal de Desolação, e também não quis saber como Rhuarc fizera os Aiel atravessarem o Alguenya sem balsas,

considerando que uma grande barreira de água era a única coisa capaz de conter um Aiel. Teria gostado de saber, mas aquelas respostas não tinham muita importância. Seis mil Aiel, quinhentos soldados do exército de Dobraine e duzentos homens da Guarda Alada. Isso tudo contra seis Aes Sedai, seus Guardiões e cerca de quinhentos guardas — parecia ser o bastante. Só que as Aes Sedai estavam com Rand. Se o ameaçassem com uma faca no pescoço, quem ousaria erguer um braço?

— Também temos noventa e quatro Sábias — anunciou Amys. — São as mais fortes com o Poder Único dentre as que estão próximas à cidade. — A frase saiu com relutância, mas ela firmou a voz. Perrin achou que as Aiel não gostassem de admitir que tinham a capacidade de canalizar. — Não teríamos trazido tantas, mas todas quiseram vir. — Sorilea pigarreou, e foi a vez de Amys corar. Teria que perguntar sobre aquilo a Gaul. Os Aiel eram tão diferentes de qualquer povo que já conhecesse... talvez comessem a corar com a idade. — Sorilea está na liderança — acrescentou a Sábia, e a mulher mais velha bufou, parecendo muito satisfeita. Sem dúvida exalava um cheiro muito satisfeito.

Perrin teve que evitar balançar a cabeça. O que sabia sobre o Poder Único cabia em um dedal, com espaço de sobra para mais um polegar gorducho, mas viajara com Moiraine e vira o que Verin e Alanna eram capazes de fazer. Aquela chama de Sorilea... Se ela era uma das Sábias mais fortes com o Poder, não duvidava de que seis Aes Sedai conseguiriam embrulhar todas as noventa e quatro em uma trouxinha. Bem, àquela altura não podia dispensar nem um grupo de camundongos.

— Elas devem estar setenta ou oitenta milhas à frente — anunciou. — Talvez até cem, se estiverem forçando os carroções. Temos que ir o mais rápido possível.

Enquanto montava de volta na sela, Rhuarc e os outros Aiel já trotavam de volta colina acima. Perrin ergueu uma das mãos e Dobraine sinalizou para que os cavaleiros avançassem. Nem lhe ocorreu cogitar por que homens com idade para ser seu pai e mulheres com idade para ser sua mãe, além de homens e mulheres acostumados a comandar, estavam seguindo seu comando.

Estava era preocupado com o deslocamento. Sabia que os Aiel de *cadin'sor* conseguiam acompanhar o ritmo dos cavalos, mas no começo ficara apreensivo com as Sábias de saia, algumas talvez da idade de Sorilea. Bem, com ou sem saias, de cabelos brancos ou não, as Sábias avançavam no mesmo passo rápido que todos os outros, acompanhando os cavalos enquanto conversavam baixinho.

A estrada à frente estava vazia. Ninguém viajava durante o Festival das Luzes, e mesmo nos dias que antecedia os festejos poucos pegavam a estrada, a menos que o assunto fosse tão urgente quanto o dele. O sol subia, as colinas desciam, e, fim do dia, quando o grupo ergueu acampamento, Perrin estimou que deveriam ter avançado trinta e cinco milhas. Um bom dia de viagem, excelente para um grupo tão grande — o dobro do que as Aes Sedai poderiam dar conta, a não ser que estivessem querendo matar as parelhas à frente dos carroções. Já não se preocupava em alcançá-las antes de chegarem a Tar Valon, e sim com o que faria quando esse momento

chegasse.

Deitado nos cobertores, a cabeça acomodada na sela, Perrin sorriu para a lua crescente no céu limpo. Se houvesse uma só nuvem, a noite já não seria tão clara. Aquela era uma boa noite para a caça. Uma boa noite para os lobos.

Uma imagem se formou em sua mente: um jovem touro selvagem de pelo encrespado, imponente, com chifres lustrosos feito metal polido ao resplendor da manhã. Correu o polegar pelo machado que jazia a seu lado, com a lâmina curva mortal e a ponteira afiada. Os chifres de aço do Jovem Touro — era como os lobos o chamavam.

Deixou a mente divagar, enviando a imagem noite adentro. Haveria lobos, e eles saberiam quem era o Jovem Touro. A notícia de um humano capaz de falar com lobos correria pela terra tão rápido quanto o vento. Perrin conhecera apenas dois humanos como ele — um era seu amigo, o outro era um pobre coitado que não tinha conseguido preservar a humanidade. Ouvira relatos dos refugiados que chegavam em Dois Rios, contando histórias antigas de homens que viravam lobos, narrativas em que poucos acreditavam e que só serviam para entreter crianças. Três deles, no entanto, afirmavam ter conhecido homens que se transformaram em lobos descontrolados, e, por mais que Perrin considerasse os detalhes estranhos, o desconforto com que dois deles evitavam seus olhos amarelos era quase uma confirmação. Esses dois, uma mulher de Tarabon e um homem da Planície de Almoth, não saíam à noite. E não paravam de presenteá-lo com comidas feitas com alho, que ele comia com grande prazer. Perrin já não tentava encontrar outros como ele.

Sentiu lobos, e seus nomes começaram a vir: Duas Luas, Fogo Selvagem, Velho Cervo e outros tantos vieram à sua mente em cascata. Não eram bem nomes, e sim imagens e sensações. Jovem Touro era uma imagem bastante simples para denominar um lobo. Duas Luas era um pequeno lago refletindo o céu da noite, a superfície lisa feito gelo instantes antes de a brisa soprar seu forte odor de outono, com uma lua cheia no alto e outra refletida tão perfeitamente na água que era difícil dizer qual era a verdadeira. Essa era a imagem mais concisa possível.

Durante um tempo houve apenas troca de nomes e odores. Então Perrin pensou: *Procuró gente mais à frente de mim. Aes Sedai e homens com cavalos e carroções.* Não foi exatamente isso o que pensou, claro, assim como Duas Luas não era apenas a imagem de duas luas. As pessoas eram “duas-pernas”, e os cavalos foram definidos como “quatro-pernas de pés-duros”. Aes Sedai eram “fêmeas de duas-pernas que tocam o vento que move o sol e chama o fogo”. Os lobos não gostavam de fogo, e eram ainda mais cautelosos com as Aes Sedai do que com os outros humanos — achavam impressionante que ele não fosse capaz de distinguir facilmente uma Aes Sedai de uma mulher comum, e Perrin só descobrira aquela capacidade dos lobos por acaso. Para eles, era uma habilidade tão corriqueira quanto ele achava fácil distinguir um cavalo branco entre uma tropa de pretos: nada que valesse menção ou

que pudesse ser explicado com clareza.

O céu noturno parecia rodopiar em sua mente, de súbito coroando um acampamento de carroções, tendas e fogueiras. A imagem era um pouco distorcida — os lobos não ligavam muito para nada humano, então os carroções e as tendas eram vultos indistintos, enquanto as fogueiras pareciam rugir perigosamente e os cavalos tinham um ar bem apetitoso. Ainda por cima, a mensagem foi passando de lobo a lobo, até chegar a ele. O acampamento era maior do que Perrin esperava, mas Fogo Selvagem não tinha dúvidas; sua matilha inclusive vinha margeando os arredores de onde estavam as “fêmeas de duas-pernas que tocam o vento que move o sol e chama o fogo”. Perrin tentou perguntar quantas eram, mas os lobos não dominavam os números — contavam quantas coisas havia mostrando quantas tinham visto, e Fogo Selvagem e sua matilha desistiram de se aproximar mais assim que notaram a presença de Aes Sedai.

Longe quanto? Aquela resposta foi mais clara, ainda que precisasse pensar um pouco para decifrá-la. E tinha sido outra vez passada de lobo a lobo. Fogo Selvagem disse que conseguiria andar até a colina onde estava um macho azedo chamado Meio Rabo, alimentando sua matilha com um cervo, no tempo em que a lua avançava determinado ponto no céu. Meio Rabo anunciou que alcançaria Fuça de Coelho — um macho aparentemente jovem e muito feroz — enquanto a lua seguia o mesmo tanto, mas de um ponto a outro. E assim foi, até que chegou a mensagem de Duas Luas, que sempre mantinha um silêncio digno, adequado a um macho velho com mais branco que preto no focinho. Ele e a matilha estavam a pouco mais de uma milha de distância de Perrin, e seria um insulto sugerir que Perrin não sabia exatamente onde estavam.

Calculando o melhor que pôde, Perrin chegou a um total de sessenta ou setenta milhas. No dia seguinte conseguiria dizer melhor a rapidez com que estava se aproximando. As Aes Sedai sem dúvida não estavam se deslocando tão depressa quanto ele, não com os carroções.

Por quê? A pergunta veio de Meio Rabo, trazendo seu odor marcante mesmo depois de passar por tantos lobos.

Perrin hesitou antes de responder. Era a parte que temia. Sentia o mesmo pelos lobos que pelo povo de Dois Rios. *Elas enjaularam o Matador de Sombras*, pensou, por fim. Era como os lobos chamavam Rand, mas não tinha ideia se consideravam Rand importante ou não.

O choque que assomou sua mente valeu como resposta, porém a noite foi tomada de uivos, próximos e distantes — uivos cheios de raiva e de medo. No acampamento, os cavalos relincharam, temerosos, batendo os cascos, encolhendo-se e repuxando as cordas das estacas. Alguns homens correram para acalmá-los, enquanto outros foram perscrutar a escuridão, como se estivessem esperando o ataque de uma imensa matilha descendo das colinas.

Estamos indo, anunciou Meio Rabo, por fim. Só isso. Então outros responderam,

matilhas com as quais Perrin já conversara naquela noite e matilhas que tinham ouvido em silêncio, admirando o duas-pernas que sabia falar como os lobos. *Estamos indo*. Nada mais.

Perrin rolou de lado e dormiu. Sonhou que era um lobo percorrendo colinas intermináveis. Na manhã seguinte, não havia nem sinal dos lobos, e nem mesmo os Aiel tinham visto algum. Mas Perrin podia senti-los, várias centenas deles e ainda mais a caminho.

O terreno foi se aplainando durante os quatro dias seguintes, até que os aclives mais altos das colinas suaves sequer faziam jus ao nome “colina”, se comparados aos das cercanias do Alguenya. A floresta foi minguando até se esvair em pastos marrons e ressequidos, com moitas cada vez mais espaçadas. Os rios e os córregos que agora cruzavam mal molharam os cascos dos cavalos, e já eram pequenos antes daquela seca que os encolhera até virarem rastros de água espremidos por entre ribanceiras de pedra e lama ressequida pelo sol. Todas as noites, os lobos contavam a Perrin a que distância as Aes Sedai estavam, que não era muita. A matilha de Fogo Selvagem as seguia, mas um pouco afastada. Uma coisa ficou bem clara: o grupo de Perrin sempre percorria a mesma distância do primeiro dia e a cada dia a diferença entre eles e as Aes Sedai diminuía em cerca de dez milhas. Mas e quando as alcançassem, o que fariam?

Todas as noites, antes de falar com os lobos, Perrin sentava-se com Loial, e os dois fumavam cachimbo e conversavam em voz baixa. Era sobre o “e então” que Perrin queria conversar. Dobraine parecia ser a favor de atacar e morrer dando o melhor de si. Rhuarc dizia apenas que precisavam aguardar para ver como seria o dia de amanhã e que uma hora os homens deviam acordar do sonho, o que não era tão diferente de Dobraine. Loial podia ser um Ogier jovem, mas tinha lá seus noventa e tantos — Perrin suspeitava de que Loial lera mais livros do que ele já vira em toda a vida, e o Ogier sempre revelava conhecimentos surpreendentes em relação às Aes Sedai.

— Existem muitos livros sobre a conduta das Aes Sedai em relação aos homens capazes de canalizar. — Loial franziu o cenho, a boca no cachimbo. O forninho entalhado com folhas era do tamanho dos dois punhos de Perrin. — Elora, filha de Amar, filha de Coura, escreveu *Homens de fogo e mulheres de ar* logo no início do reinado de Artur Asa-de-gavião. E Ledar, filho de Shandin, filho de Koimal, escreveu *Um estudo sobre homens, mulheres e o Poder Único entre humanos* faz só trezentos anos. Esses são os dois melhores, na minha opinião. O de Elora em particular, já que ela escrevia em um estilo de... não. Serei breve. — Perrin duvidava daquilo. A brevidade não estava nem de longe entre as virtudes de Loial quando o assunto era livros. O Ogier pigarreou. — Pela lei das Aes Sedai, o homem deve ser levado à Torre Branca para ser julgado antes de poder ser amansado. — As orelhas de Loial tremelicaram com força, e as sobancelhas compridas desabaram, desanimadas, mas isso só durou um instante: ele deu um tapinha no ombro de Perrin,

em um esforço para consolá-lo. — Não acho que seja essa a intenção delas, Perrin. Ouvi dizer que essas Aes Sedai falaram que iam honrá-lo, e ele é o Dragão Renascido. Elas sabem disso.

— Honrar? — perguntou Perrin, baixinho. — Talvez estejam botando Rand para dormir em lençóis de seda, mas um prisioneiro é um prisioneiro.

— Tenho certeza de que o estão tratando bem, Perrin. Tenho certeza. — O Ogier não parecia confiante, e seu suspiro saiu feito uma ventania retumbante. — E Rand está seguro até de fato chegar em Tar Valon. O que eu não entendo é como elas conseguiram capturá-lo. — Ele balançou a imensa cabeça, claramente intrigado. — Perrin, tanto Elora quanto Ledar dizem que, quando as Aes Sedai encontram um homem muito poderoso, sempre reúnem treze para vencê-lo. Ah, elas recontam histórias de quatro ou cinco, e ambas mencionam Caraighan, que levou um homem até a Torre sozinha, percorrendo mais de duas mil milhas, depois que ele matou seus dois Guardiões. Mas... Perrin, eles escreveram sobre Yurian Arco-de-pedra e Guaire Amalasan; sobre Raolin Algoz-as-trevas e até sobre Davian, mas são os dois primeiros que me preocupam. — Ele acabara de citar quatro dos homens mais poderosos dentre os que tinham afirmado ser o Dragão Renascido, todos havia muito tempo, antes do império de Artur Asa-de-gavião. — Seis Aes Sedai tentaram capturar Arco-de-pedra, mas ele matou três e capturou as outras. Seis tentaram derrotar Amalasan: ele matou uma e estancou mais duas. Rand sem dúvida é mais forte que Arco-de-pedra e Amalasan, então será que são apenas seis, mais adiante? Isso explicaria muita coisa.

Talvez explicasse, mas não trazia nenhum consolo. Treze Aes Sedai conseguiriam derrotar, sozinhas, sem Guardiões e guardas, qualquer ataque que Perrin preparasse. Treze Aes Sedai podiam ameaçar amansar Rand, caso Perrin atacasse. Claro que não amansariam — elas sabiam que Rand era o Dragão Renascido, sabiam que ele precisava estar presente na Última Batalha —, mas Perrin não sabia se seria capaz de arriscar, com ou sem a lei da Torre. Ah, e quem conhecia os motivos por trás das atitudes das Aes Sedai? Nunca conseguira se forçar a confiar nem mesmo em Aes Sedai que se mostravam amistosas — aquelas mulheres sempre guardavam segredos. Como um homem poderia ter certeza de qualquer coisa se as sentia tramando por suas costas, por mais que sorrissem na cara dele? Quem podia dizer o que as Aes Sedai fariam?

A bem da verdade, Loial não sabia de muita coisa que pudesse ajudar quando o dia chegasse e estava muito mais interessado em falar sobre Erith. Perrin sabia que ele deixara duas cartas com Faile, uma endereçada à mãe e outra a Erith, para serem entregues assim que possível, caso algo lhe acontecesse. O que Loial se desdobrou para garantir que não aconteceria — o Ogier sempre se preocupava muito em não alarmar os outros. Perrin escrevera sua própria carta para Faile e Amys a levava para deixar com as Sábias no acampamento dos Aiel.

— Ela é tão bonita — murmurou Loial, encarando a noite como se a visse diante

de si. — Tem um rosto tão delicado, mas ao mesmo tempo forte... Quando vi aqueles olhos dela, não consegui ver mais nada. E as orelhas! — As orelhas dele vibraram, e Loial engasgou no cachimbo. — Por favor — pediu, ofegante —, esqueça que eu mencionei... eu não devia ter falado das... você sabe que eu não sou um grosseirão, Perrin.

— Já esqueci — respondeu Perrin, sem forças. As *orelhas*?

Loial queria saber como era ser casado. Não que tivesse qualquer intenção de se casar tão cedo, apressou-se em esclarecer. Ainda era muito jovem, tinha seu livro para terminar. Não estava pronto para sossegar e nunca mais deixar o *pouso*, a não ser se fosse para visitar outro, como com certeza seria a vontade de uma esposa. Só estava curioso, só isso. Mais nada.

Então Perrin falou da vida com Faile, de como ela o arrancara de suas raízes sem ele nem perceber. Dois Rios já tinha sido sua casa, mas sua casa agora era onde Faile estivesse. Pensar que ela o esperava quando voltasse o fazia apressar o passo. Sua presença iluminava o ambiente e seu sorriso apagava qualquer preocupação. Naturalmente, ele não podia falar sobre o sangue que fervia quando pensava nela, nem sobre o coração que disparava só de olhá-la — não seria decente —, e sem dúvida não tinha intenção de mencionar a preocupação que ela lhe trazia nos últimos tempos. O que ia fazer? Estava mesmo disposto a ajoelhar-se diante dela, mas sua teimosia ferrenha exigia que a mulher primeiro falasse com ele. Se pelo menos ela dissesse que queria que as coisas voltassem a ser como antes...

— E o ciúme dela? — perguntou Loial. Foi a vez de Perrin engasgar. — Todas as esposas são assim?

— Ciúme? — retrucou Perrin, tentando não se abalar. — Faile não é ciumenta. De onde você tirou isso? Ela é perfeita.

— Claro que sim — murmurou Loial, espiando o forninho do cachimbo. — Você tem mais tabaco de Dois Rios? Depois deste aqui eu só tenho uma folha cairhiena azeda.

Se tudo tivesse corrido daquele jeito, a jornada teria sido razoavelmente tranquila — ou tão tranquila quanto era possível tratando-se de uma caçada daquele porte. A terra passava sem vivalma à vista. O sol brilhava feito ouro fundido, verdade, o que deixava o ar um forno, mas muitos falcões circundavam o céu azul sem nuvens e os lobos, sem quererem humanos por perto, conduziam cervos para a estrada, muito mais do que um grupo grande precisaria para viver, e não era incomum avistarem machos imponentes de galhadas altas e cheias, junto com as fêmeas e alguns filhotes, parados à plena vista. Mas havia um antigo ditado: “Só vive em paz quem não tem umbigo.”

Claro que os cairhienos não eram nada simpáticos com os Aiel, sempre olhando de cara feia ou com desprezo escancarado. Mais de uma vez, Dobraine reclamou sobre eles estarem em número doze vezes maior — o lorde respeitava as habilidades de luta daquele povo do Deserto, mas apenas como alguém respeitaria o caráter

perigoso de uma horda de leopardos raivosos. Os Aiel não olhavam de cara feia e nem com desprezo, apenas deixavam claro que os cairhienos não eram nem dignos de nota. Perrin não ficaria surpreso se visse um Aiel tentando passar por cima de um cairhieno só por se recusar a admitir que o sujeito existia. Rhuarc dizia que não haveria problemas entre os dois grupos, mas que isso dependia apenas dos Assassinos da Árvore. Dobraine dizia que não haveria problemas, mas que isso dependia apenas de os selvagens não se meterem em seu caminho. Perrin queria ter certeza de que os grupos não começariam a matar uns aos outros antes mesmo de chegarem às Aes Sedai que estavam com Rand.

Nutria certa esperança de que os mayenenses pudessem servir de ponte entre os dois grupos, mas algumas vezes se arrependia de pensar assim. Os homens com placas peitorais vermelhas se davam bem com os mais baixos, de armadura lisa — Mayene e Cairhien nunca tinham declarado guerra entre si —, e também se entendiam com os Aiel — fora a Guerra dos Aiel, os mayenenses nunca tinham enfrentado o povo do Deserto. Dobraine era bem amistoso com Nurelle, com frequência partilhando a refeição noturna, e Nurelle se habituara a ir fumar cachimbo com muitos dos Aiel, sobretudo Gaul. Era daí que vinha o arrependimento.

— Andei conversando com Gaul — comentou Nurelle, em um tom acanhado.

Era o quarto dia na estrada, e o sujeito se afastara do grupo de mayenenses para cavalgar ao lado de Perrin, na dianteira. Perrin escutava sem muita atenção — Fogo Selvagem permitira que um dos machos mais jovens da matilha fosse espreitar as Aes Sedai, depois que o grupo começara as movimentações da manhã, e o lobo não conseguira farejar Rand. Ao que parecia, todos os lobos conheciam o cheiro do Matador de Sombras. Ainda assim, apesar de toda a incerteza do que Nuens da Manhã vira, apenas um dos carroções do grupo das Aes Sedai não parecia levar barris cobertos por lonas. Rand decerto estava dentro de algum carroção, muito mais confortável e protegido do sol — Perrin já estava pingando de suor.

— Ele estava me contando sobre a Batalha de Campo de Emond — prosseguiu Nurelle — e de sua campanha de Dois Rios. Lorde Aybara, eu ficaria muito honrado em ouvi-lo falar pessoalmente sobre suas batalhas.

Perrin de repente se empertigou na sela, encarando o garoto — não, não era um garoto, apesar das bochechas rosadas e da franqueza no rosto. Nurelle decerto tinha mais ou menos a sua idade. Mas o cheiro do homem, um cheiro vivaz e meio trêmulo... Perrin quase ganiu. Sentira aquele mesmo odor nos garotos de casa, mas ser idolatrado como herói por um homem de sua idade era quase mais do que ele podia tolerar.

Ainda assim, não teria se incomodado se aquilo tivesse sido o pior. Já esperava que os Aiel e os cairhienos não se dessem bem. Já esperava que um rapaz que nunca presenciara uma batalha fosse admirar alguém que já lutara contra Trollocs. O que esgotava seus nervos eram as coisas que ele não podia prever — o imprevisível podia agarrá-lo pelo pé quando menos se esperasse e quando você menos pudesse se

dar ao luxo de se distrair.

Exceto por Gaul e Rhuarc, todos os Aiel usavam uma tira de tecido vermelho amarrado na testa, com o disco branco e preto logo acima das sobrancelhas. Perrin já vira aquela tira em Cairhien e em Caemlyn, mas, quando perguntou a Gaul e depois a Rhuarc se era aquilo que os marcava como os tais *siswai'aman* de quem o chefe de clã havia falado, ambos tentaram fingir que não sabiam do que se tratava, como se não conseguissem ver cinco mil homens com faixas vermelhas na testa. Perrin perguntou até ao sujeito que parecia abaixo de Rhuarc no comando — Urien, um Reyn Duas Torres que ele já conhecera muito tempo antes. Mas Urien também se fez de desentendido. Bem, Rhuarc tinha dito que só poderia levar *siswai'aman*, então era assim que Perrin os via, mesmo sem saber o que o nome significava.

O que de fato sabia era que poderia haver algum desentendimento entre os *siswai'aman* e as Donzelas. Perrin sempre farejava uma lufada de inveja quando alguns daqueles homens olhavam para as Donzelas. Já o odor de algumas das Donzelas olhando para os *siswai'aman* lembrava um lobo acorocado por sobre a carcaça de um cervo, sem querer que mais ninguém da matilha desse uma mordida, nem que morresse engasgado por engolir tudo de uma vez. Perrin nem conseguia começar a decifrar o motivo, mas o cheiro lá estava e era bem forte.

Aquilo talvez fosse importante algum outro dia. Havia assuntos mais relevantes no momento. Durante os primeiros dois dias depois de sair da cidade, Sulin e Nandera se adiantavam toda vez que Rhuarc dizia qualquer coisa em relação às Donzelas — e era sempre Sulin quem cedia, corando muito, mas ela sempre voltava a tentar tomar a dianteira na oportunidade seguinte. Na segunda noite, quando o grupo montou acampamento, as duas tentaram se matar com as próprias mãos.

Pelo menos, foi o que lhe pareceu. As duas se chutavam, socavam e se derrubavam no chão, e Perrin teve certeza de que alguém acabaria com um braço quebrado... até que a mulher em desvantagem conseguia se desvencilhar com um giro ou um golpe. Rhuarc o deteve quando ele tentou interferir, até parecendo um pouco surpreso por ele querer se meter. Um bom número de cairhienos e mayenenses se reuniu ao redor das duas para assistir e fazer apostas, mas nenhum Aiel sequer olhou para a luta, nem mesmo as Sábias.

Sulin enfim imobilizou Nandera de cara para baixo, um braço dobrado dolorosamente atrás do corpo, então agarrou-a pelos cabelos e bateu sua cabeça no chão até a mulher desabar, o corpo inerte. Sulin ficou um bom tempo olhando para baixo, encarando a mulher que acabara de vencer, então jogou uma Nandera inconsciente por cima dos ombros e saiu cambaleante.

Perrin concluiu que Sulin tomaria a frente das conversas a partir de então, mas não foi o caso. A mulher ainda estava sempre presente, mas era Nandera, cheia de hematomas, que respondia às perguntas de Rhuarc e seguia suas ordens, enquanto Sulin, igualmente machucada, permanecia em silêncio e acatava qualquer comando da outra sem nem hesitar. Perrin só coçava a cabeça e se perguntava se os olhos

estavam mesmo certos: será que tinha se enganado a respeito de como a briga terminara?

As Sábias sempre avançavam em grupos, todos variando em tamanho e com as integrantes sempre mudando. Ao fim do primeiro dia, Perrin percebeu que toda a movimentação na verdade se centrava em torno de duas mulheres: Sorilea e Amys. Ao fim do segundo dia, teve certeza de que as duas instigavam dois pontos de vista bastante diferentes, e havia muitas carrancas e olhares atravessados. De vez em quando Perrin as ouvia mencionarem as Aes Sedai, pescando fragmentos sobre “costume” e “batalha”, mas nunca entendia bem. Amys começou a recuar menos nas discussões, corando bem menos. Às vezes Rhuarc exalava um fraco odor de ansiedade ao olhar para a esposa, mas aquele era o único indício de que estava ciente do que se passava. No terceiro acampamento montado fora da cidade, Perrin quase esperava que as duas Sábias fizessem uma reinterpretação da briga entre Sulin e Nandera.

Em vez disso, as duas apanharam um cantil e se afastaram um pouco, sentando-se sozinhas no chão e retirando os lenços da cabeça, soltando os longos cabelos. Ficou olhando as duas sob a escuridão, iluminadas apenas pelo fraco luar, mantendo distância suficiente para não bisbilhotar, nem que fosse por acidente, até a hora de se deitar. Mas as duas apenas beberam água e conversaram. Na manhã seguinte, as Sábias ainda pareciam divididas em dois grupos, mas, antes que a comprida fileira completasse três milhas de marcha, Perrin notou que tudo passara a se centrar em torno de Sorilea. De vez em quando ela e Amys se afastavam até um canto da estrada para conversar, mas não se viam mais olhares atravessados. Se as duas fossem lobos, Perrin diria que alguém desafiara o líder da matilha e fora derrotado, mas, pelos odores que exalavam, Sorilea agora aceitara Amys quase como igual — coisa que nada condizia com os lobos.

No sétimo dia da partida de Cairhien, enquanto cavalgava sob o escaldante sol da manhã, Perrin se preocupava com qual seria a surpresa seguinte dos Aiel. Será que eles e os cairhienos passariam mais um dia sem se matarem? O que ele faria quando encontrasse as Aes Sedai, dali a mais dois ou três dias?

Tudo isso sumiu de sua mente com um chamado de Meio Rabo. Um grande grupo de homens — e talvez de mulheres, mas os lobos tinham certa dificuldade em distinguir humanos machos de fêmeas — estava a apenas algumas milhas a oeste, cavalgando depressa na mesma direção para onde Perrin seguia. Mas foi a silhueta dos dois estandartes erguidos acima da fileira em marcha que lhe chamou a atenção.

Não demorou a reunir Dobraine, Nurelle, Rhuarc, Urien, Nandera, Sulin, Sorilea e Amys.

— Sigam em frente — disse ao grupo, virando Tenaz para oeste. — Talvez alguns amigos venham se juntar a nós, mas não queremos perder tempo.

O grupo de fato seguiu em frente enquanto ele se afastava, mas não o deixou sozinho. Perrin não cobrira nem um quarto de milha quando viu em seu rastro quase

dez homens da Guarda Alada, o mesmo número de cairhienos, pelo menos vinte Donzelas lideradas por Sulin e um número igual de *siswai'aman* atrás de um homem grisalho de olhos verdes e rosto pétreo. Perrin só ficou surpreso por não ver uma ou duas Sábias.

— Amigos — resmungou Sulin, baixinho, trotando junto ao estribo dele. — Amigos que aparecem de repente, sem aviso, e ele do nada sabe que estão chegando. — Ela ergueu os olhos para Perrin e falou, mais alto. — Prefiro não ver você repetir um feito como o de tropeçar nos lençóis e cair de cara no chão.

Perrin balançou a cabeça, imaginando o que mais ela teria arranjado contra ele enquanto usava o disfarce de serviçal. Os Aiel eram estranhos.

Cavalgou por quase uma hora sob o sol, guiado pelos lobos, sem desviar do caminho. Ao chegar no topo de um aclave suave, não ficou surpreso com o que viu talvez duas milhas adiante: uma longa fileira encabeçada por dois cavaleiros. Homens de Dois Rios trazendo à frente seu próprio estandarte da Cabeça de Lobo Vermelha que oscilava sob a brisa leve. O que o surpreendeu foi que de fato havia mulheres no grupo — nove, pelo que contou —, além de alguns homens que Perrin tinha certeza de que não eram de Dois Rios. Mas o que o fez cerrar a mandíbula foi o segundo estandarte: a Águia Vermelha de Manetheren. Perdera a conta de quantas vezes orientara o grupo a não levar nenhum daqueles símbolos para fora de Dois Rios — uma das poucas coisas que não conseguira impedir apenas pela força de sua presença fora o hasteamento daquela bandeira. Ainda assim, a imagem imprecisa enviada pelos lobos mostrando os estandartes já o preparara.

A fileira não demorou a ver Perrin e seus companheiros, claro; havia bons olhos naquele grupo. Os homens se aprumaram, à espera, e alguns até tiraram os arcos das costas — os grandes arcos de Dois Rios, capazes de matar um homem a mais de trezentas passadas de distância.

— Ninguém entra na minha frente — ordenou Perrin. — Eles não vão atirar se me reconhecerem.

— Parece que esses olhos amarelos enxergam longe — comentou Sulin, em um tom inexpressivo. Alguns entre os outros o encaravam com uma expressão estranha.

— Fiquem atrás de mim e pronto — retrucou Perrin, com um suspiro.

Enquanto se aproximava, na liderança daquele estranho grupo, os arcos que haviam sido erguidos foram baixados, e as flechas, desencaixadas. Ficou feliz em ver que Galope vinha com eles, mas sentiu um leve receio ao notar Andorinha — Faile não o perdoaria se ele deixasse a égua preta se machucar. Seria bom voltar a montar o garanhão castanho, mas talvez também ficasse com Tenaz. Um lorde podia se dar ao luxo de ter dois cavalos, mesmo um lorde com talvez menos de quatro dias de vida pela frente.

Dannil saiu cavalgando da fileira de Dois Rios, esfregando o bigode grosso, junto com Aram e as mulheres que vinham com eles. Perrin reconheceu os rostos de idade indefinida de Aes Sedai mesmo antes de distinguir Verin e Alanna, cavalgando na

retaguarda. Não conhecia nenhuma das outras, mas tinha certeza de quem eram, por mais que não soubesse como tinham chegado até ali. Nove. Nove Aes Sedai poderiam ser de grande utilidade dali a três ou quatro dias, mas até onde podia confiar nelas? Eram nove, e Rand dissera a elas que só poderiam enviar seis para Cairhien. Ele se perguntou qual delas seria Merana, a líder.

Uma Aes Sedai de rosto quadrado com aspecto de fazendeira, apesar do rosto de idade indefinida, pronunciou-se antes que Dannil pudesse fazer isso. Ela montava uma égua marrom lisa.

— Então o senhor é Perrin Aybara. Lorde Perrin, devo dizer. Ouvimos falar muito do senhor.

— É uma surpresa encontrar o senhor aqui — completou uma mulher arrogante, porém bela, com uma voz fria — com tantas companhias tão singulares. — Ela cavalgava um capão escuro de olhar feroz, e Perrin podia apostar que o animal fora treinado como cavalo de batalha. — Dávamos por certo que o senhor ainda estaria adiante.

Ignorando as duas — uma devia ser Merana, e ainda não sabia ao certo o que responder —, Perrin olhou para Dannil.

— Não que eu não esteja feliz em ver vocês, mas como foi que chegaram até aqui?

Dannil olhou de relance as Aes Sedai e afagou o bigode, ansioso.

— Partimos como o senhor disse, Lorde Perrin, e o mais rápido possível. Quer dizer, deixamos os carroções e tudo, já que parecia haver alguma razão para que o senhor tivesse saído tão depressa. Então Kiruna Sedai, Bera Sedai e as outras nos alcançaram e disseram que Alanna conseguia encontrar Rand... quer dizer, o Lorde Dragão... E, já que o senhor estava com ele, achei que encontraríamos o senhor onde ele estivesse, e não havia meio de saber se o senhor tinha saído de Cairhien, e... — Ele respirou fundo. — De todo modo, parece que elas estavam certas, não é mesmo, Lorde Perrin?

Perrin franziu o cenho, perguntando-se como Alanna podia encontrar Rand. Bem, devia mesmo poder, senão Dannil e os outros não estariam ali. Ela e Verin continuavam na retaguarda, junto de uma mulher esguia de olhos cor de mel que suspirava bastante.

— Eu sou Bera Harkin — anunciou a mulher de rosto quadrado —, e esta é Kiruna Nachiman. — Ela apontou para a companheira altiva. Ao que parecia, as outras ainda não careciam de apresentações. — Pode nos dizer por que está aqui enquanto o jovem al'Thor... o Lorde Dragão... está a vários dias de distância a norte?

Não precisava ponderar muito. Não havia muito o que pudesse fazer para impedir aquelas nove de se juntarem às Aes Sedai mais adiante, se era o que pretendiam. Mas ter nove Aes Sedai a seu lado...

— Ele foi capturado. Uma Aes Sedai chamada Coiren e pelo menos cinco outras estão levando Rand para Tar Valon. Pelo menos é o que pretendem. Eu pretendo

impedir isso. — Aquilo deixou todos chocados. Dannil arregalou os olhos, e as Aes Sedai começaram a falar, todas ao mesmo tempo. Aram era o único que não parecia afetado, mas, por outro lado, parecia não ligar para qualquer coisa que não fosse Perrin e sua espada. Apesar das expressões tranquilas, as Aes Sedai exalavam cheiro de medo e ultraje.

— Precisamos impedi-las, Bera — disse uma mulher de cabelos enfeitados com tranças e contas tarabonianas.

— Não podemos permitir que ele caia nas mãos de Elaida, Bera — decidiu, ao mesmo tempo, uma cairhiena pálida, montada em uma égua baia e magricela.

— Seis? — perguntou a mulher de olhos cor de mel, incrédula. — Não teria como apenas seis o levarem. Tenho certeza.

— Eu falei que ele estava ferido — interveio Alanna, meio chorosa. Perrin conhecia aquele cheiro bem o bastante: era dor. — Eu falei.

Verin permaneceu em silêncio, mas cheirava a fúria... e a medo.

Kiruna encarou o grupo de Perrin com um olhar sombrio e desdenhoso.

— E o senhor pretende impedir as Aes Sedai com isso, meu jovem? Verin não nos contou que o senhor era um tolo.

— Tem um pouco mais ainda avançando pela Estrada de Tar Valon — retrucou Perrin, em um tom seco.

— Então vocês podem se juntar a nós — respondeu Kiruna, como se fizesse uma concessão. — Isso será bom, Bera, não será? — A outra assentiu.

Não conseguia entender por que a atitude de Kiruna o irritava tanto, mas não era hora de tentar descobrir.

— Também tenho trezentos arqueiros de Dois Rios que pretendo levar comigo. — Como Alanna podia saber se Rand estava ferido? — Vocês Aes Sedai são bem-vindas a nos acompanhar.

As mulheres não gostaram nada de ouvir aquilo. Elas se afastaram um tanto para debater — nem mesmo Perrin conseguia ouvir, deviam estar usando o Poder —, e ele achou que seguiriam cavalgando sozinhas.

No fim das contas, as mulheres se juntaram a ele. Bera e Kiruna foram o caminho todo até a estrada junto dele, uma de cada lado, alternando-se em repetir que a situação era perigosa e delicada demais e que ele não devia fazer nada que colocasse al'Thor em perigo. Bera, pelo menos, lembrou-se de chamar Rand de Dragão Renascido algumas vezes. Bem, as duas deixaram uma coisa bem clara: Perrin não deveria dar um passo sequer sem consultá-las. Bera começou a demonstrar certa irritação por ele não repetir tudo o que ela dizia, mas Kiruna parecia achar que ele já repetira. Perrin começou a se perguntar se chamá-las para ir junto tinha sido um erro.

Se as Aes Sedai ficaram impressionadas com o grupo de Aiel, mayenenses e cairhienos que avançavam pela estrada, não deram sinais, nem no olhar e nem no odor. Ainda assim, acrescentaram seu bocadinho de borbulhas ao caldeirão. Os mayenenses e os cairhienos pareciam bastante encorajados com a chagada de nove

Aes Sedai e dezesseis Guardiões e se curvavam em reverências quase até o chão sempre que uma das mulheres se aproximava. Donzelas e *siswai'aman* olhavam as mulheres como se esperassem ser pisoteados por elas, mas as Sábias, por mais que tivessem a expressão tão plácida quanto as das Aes Sedai, exalavam ondas de pura fúria. No começo, as Aes Sedai ignoraram as Sábias por completo, exceto por uma Marrom chamada Masuri. Mas, depois de Masuri ser rejeitada pelo menos duas dezenas de vezes nos poucos dias seguintes — ela era persistente, mas as Sábias eram tão rápidas em evitar as Aes Sedai que Perrin achava que já virara instintivo —, Bera, Kiruna e as outras passaram a encarar as Sábias e conversar entre si por detrás de alguma barreira invisível e inacessível a seus ouvidos de lobo.

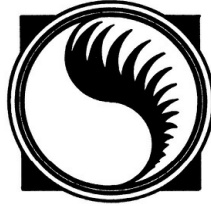
Teria bisbilhotado, se pudesse, já que as mulheres tinham mais segredos do que sua conversa sobre as Aiel. Para começar, Alanna recusava-se a revelar como sabia onde Rand estava e sequer admitia ter afirmado que ele estava ferido. “Alguns conhecimentos acabariam com a mente de qualquer pessoa que não seja Aes Sedai”, retrucara, fria e misteriosa, mas exalando um cheiro forte e pungente de dor e ansiedade. Verin mal dirigia a palavra a ele, limitando-se a observar tudo com aqueles escuros olhos de ave e um sorrisinho misterioso, embora exalasse ondas de raiva e frustração. Pelo cheiro, achava que a líder do grupo era Bera ou Kiruna — Bera, talvez, embora fosse por um triz e às vezes a outra parecia assumir o controle por um tempo. Todos os dias, uma ou a outra vinha cavalgar do lado dele durante cerca de uma hora, repetindo variações dos “conselhos” originais e basicamente pressupondo que estavam no comando. Nurelle parecia concordar, seguindo as ordens delas sem sequer olhar para Perrin, e Dobraine só se dava ao trabalho de olhá-lo antes de aquiescer. Perrin passou um dia e meio achando que Merana tinha permanecido em Caemlyn, e foi um choque ouvir quando chamaram a mulher esguia de olhos cor de mel daquele nome. Rand tinha dito que ela estava à frente da missão diplomática de Salidar, mas Perrin a identificou como o lobo de mais baixo status da matilha — por mais que as Aes Sedai parecessem iguais a quem olhasse de fora. Ela cheirava a ansiedade, resignação e desilusão. Não era surpresa que as Aes Sedai guardassem segredos, claro, mas pretendia resgatar Rand das mãos de Coiren e do bando mais à frente. E gostaria de poder saber se também precisaria resgatá-lo das mãos de Kiruna e suas companheiras.

Pelo menos era bom estar de volta com Dannil e os outros, ainda que eles fossem quase tão servis em relação às Aes Sedai quanto os mayenenses e os cairhienos. Os homens de Dois Rios ficaram tão felizes em vê-lo que poucos resmungaram quando ele os mandou baixar a Águia Vermelha — seria erguida de novo, Perrin tinha certeza. Ainda assim, Tell, irmão quase idêntico de Dannil, exceto pelo nariz adunco e o bigode comprido à moda domanesa, dobrou o estandarte com todo o cuidado e o guardou nos alforjes. Naturalmente, o grupo ainda ostentava flâmulas. Primeiro ia a Cabeça de Lobo Vermelha dele — os homens teriam apenas ignorado se ele os mandasse guardá-la, e o olhar frio e desdenhoso de Kiruna o fazia querer exhibir seu

estandarte. Dobraine e Nurelle também estenderam seus estandartes, posto que já havia um à mostra. Não era o Sol Nascente de Cairhien nem o Gavião Dourado em voo de Mayene: cada um trouxera um par dos emblemas de Rand — o Dragão vermelho e dourado no fundo branco e o disco branco e preto no fundo carmesim. Os Aiel não pareciam se importar, fosse como fosse. As Aes Sedai encararam aquilo com bastante frieza, mas as insígnias pareciam apropriadas a Perrin.

No décimo dia, com o sol já quase a meio caminho do meio do céu, Perrin sentia-se taciturno, a despeito dos estandartes, dos homens de Dois Rios e da garupa de Galope. O grupo alcançaria os carroções das Aes Sedai logo depois do meio-dia, mas ele ainda não sabia o que faria. Foi quando veio o chamado dos lobos. *Venha agora. Muitos duas-pernas. Muitos, muitos, muitos! Venha agora!*





POÇOS DE DUMAI

Cavalgando à frente da coluna, Gawyn tentava se concentrar na paisagem. Com seus amontoados de árvores esparsas, aquele tipo de terreno com colinas suaves era plano o bastante para fazer qualquer um pensar que era capaz de enxergar a uma distância bem longa, quando, na verdade, alguns daqueles morros baixos e espinhaços longos não eram assim tão baixos quanto pareciam. Naquele dia, o vento vinha levantando ondas de poeira, e a poeira também podia esconder muita coisa. Os Poços de Dumai se localizavam à direita dele junto da estrada, três poços de pedra num pequeno bosque. Os barris de água precisavam ser enchidos, e faltavam ao menos quatro dias para verem água de novo, isso se a Fonte Alianelle não tivesse secado, mas Galina dera ordens para que não parassem. Gawyn tentava manter a atenção onde deveria, mas não conseguia.

De tempos em tempos, ele se virava na sela, olhando para trás para aquela longa fila de carroções serpenteando a estrada, com Aes Sedai e Guardiões cavalgando lado a lado, e serviçais que não estavam nos carroções vindo a pé. A maior parte da Jovem Guarda estava no fim da fila, onde Galina ordenara que ficassem. Gawyn não conseguia ver o único carroção descoberto no centro da coluna, sempre acompanhado de perto por seis Aes Sedai a cavalo. Se pudesse, Gawyn teria matado al'Thor, mas o que aquelas mulheres vinham fazendo o enojava. Até Erian se recusara a participar depois do segundo dia, e a Luz sabia que ela tinha seus motivos para odiar al'Thor. Galina, porém, estava irredutível.

Ele firmou o olhar à frente e tocou na carta de Egwene no bolso do casaco, onde ela se encontrava cuidadosamente envolta em camadas e camadas de seda. Só umas poucas palavras para dizer que o amava, mas que precisava partir de repente. Nada mais. Ele a lia cinco ou seis vezes por dia. Ela não citou a promessa dele. Bem, Gawyn nunca levantara a mão contra al'Thor. Ele ficara em choque ao descobrir que

o homem estava preso e que já estava aprisionado havia vários dias quando ficou sabendo. Ele precisaria dar um jeito de fazer Egwene entender. Havia lhe prometido que não tocaria em um fio de cabelo do homem, e pretendia manter a promessa mesmo se isso lhe custasse a vida, mas tampouco moveria uma palha para ajudá-lo. Egwene tinha que entender. Luz, esperava que ela entendesse.

O suor escorria pelo seu rosto, e ele enxugou os olhos com a manga da roupa. No que se referia a Egwene, ele ainda não podia fazer nada além de rezar. Quanto a Min, podia. Precisava dar um jeito de ajudá-la. Ela não merecia ser levada para a Torre como uma prisioneira. Ele não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Se os Guardiões pelo menos afrouxassem o cerco, ele poderia... De repente, Gawyn notou um cavalo galopando de volta pela estrada em meio a ondas de poeira em direção aos carroções, aparentemente sem ninguém montado.

— Jisao — ordenou ele —, mande os condutores dos carroções pararem. Hal, fale para Rajar deixar a Jovem Guarda a postos. — Sem dizer nada, os dois deram meia-volta em seus cavalos e saíram galopando. Gawyn ficou esperando.

Aquele era o capão cinza de Benji Dalfor, e, à medida que o animal foi se aproximando, Gawyn pôde ver Benji, curvado e agarrado à crina do cavalo. O capão quase passou por Gawyn antes que ele conseguisse tomar as rédeas.

Benji virou a cabeça sem se endireitar e, com olhos vidrados, olhou para Gawyn. Havia sangue ao redor da boca e um dos braços apertava o peito como se o homem estivesse tentando se manter inteiro.

— Aiel — murmurou ele. — Milhares. Por todos os lados, eu acho. — De repente, ele sorriu. — Frio hoje, não... — Sua boca jorrou sangue, e ele tombou na estrada, os olhos fixos, sem piscar, no sol.

Gawyn deu meia-volta em seu garanhão e galopou até os carroções. Mais tarde haveria tempo para enterrar Benji, se algum deles sobrevivesse.

Galina cavalgou ao seu encontro, a sobrecapa de linho drapejando atrás dela, os olhos escuros ardendo em fúria naquele rosto sereno. Ela estava permanentemente furiosa desde o dia seguinte ao que al'Thor tentou escapar.

— Quem você pensa que é, dando ordens para os carroções pararem? — indagou ela.

— Há milhares de Aiel se aproximando de nós, Aes Sedai. — Ele conseguiu manter um tom de voz educado. Pelo menos os carroções foram contidos e a Jovem Guarda estava entrando em formação, mas os condutores corriam os dedos pelas rédeas de modo impaciente, os serviçais espiavam tudo enquanto se abanavam e as Aes Sedai conversavam com os Guardiões.

Os lábios de Galina se retorceram de desdém.

— Seu tolo. São só os Shaido. Sevanna disse que nos traria uma escolta. Mas, se você duvida, pegue a sua Jovem Guarda e vá ver você mesmo. Estes carroções vão continuar seguindo em direção a Tar Valon. Já passou da hora de você entender que sou eu quem dá as ordens aqui, não...

— E se não forem os seus Aiel mansinhos? — Não era a primeira vez nos últimos dias que ela sugeria que ele próprio encabeçasse um grupo de batedores. Gawyn suspeitava que, se o fizesse, encontraria Aiel, e nada mansos. — Quem quer que sejam, eles mataram um dos meus homens. — Pelo menos um, já que ainda havia seis batedores investigando o terreno. — Talvez você devesse considerar a possibilidade de que sejam os Aiel de al'Thor vindo resgatá-lo. Quando começarem o ataque, já vai ser tarde demais.

Foi só então que ele se deu conta de que estava gritando, mas a raiva de Galina acabou desaparecendo. Ela deu uma olhada para o ponto da estrada em que Benji estava caído e, em seguida, assentiu devagar.

— Talvez não seja insensato ter cautela desta vez.

* * *

Rand lutava para respirar. O ar dentro do baú lhe parecia denso e quente. Por sorte, ele já não conseguia mais sentir o fedor. Jogavam um balde d'água fria nele todas as noites, mas aquilo não chegava a ser um banho e, por um tempo, depois que fechavam a tampa em cima dele a cada manhã e o trancavam lá dentro, o mau cheiro de mais um dia exposto ao sol quente lhe feria o nariz. Manter-se no Vazio demandava esforço. Seu corpo estava coberto pelas marcas do chicote dos ombros aos joelhos, e elas já ardiam antes mesmo de o suor começar a escorrer, como dez mil chamas tremeluzindo no limiar do Vazio, tentando consumi-lo. À distância, a ferida não cicatrizada na lateral do corpo latejava, mas a vacuidade ao seu redor ameaçava desaparecer a cada pontada. Alanna. Ele conseguia sentir Alanna. Perto. Não. Não podia perder tempo pensando nela. Mesmo que ela o tivesse seguido, seis Aes Sedai não seriam capazes de libertá-lo. Isso se não decidissem se unir a Galina. Não podia confiar nela. Nunca mais confiaria em uma Aes Sedai. De todo modo, talvez ele estivesse imaginando coisas. Às vezes, preso ali dentro, ele imaginava coisas, brisas frescas, caminhadas. Às vezes, seu pensamento se perdia de tudo e, tendo alucinações, ele andava em liberdade. Apenas andava. Horas desperdiçadas. Rand lutava para respirar e começou a examinar a blindagem escorregadia como gelo que o apartava da Fonte. Apalpava repetidamente aqueles seis pontos macios. Macios. Ele não conseguia parar. Era importante continuar examinando.

Escuro, lamuriou-se Lews Therin nas profundezas da mente de Rand. *Chega de escuridão. Já chega*. Repetidas vezes. Mas sem incomodar tanto. Desta vez, Rand só o ignorou.

De repente, Rand perdeu o fôlego. Sentiu o baú se mover, rangendo alto ao escorregar pelo carroção. Já era noite? A carne açoitada se encolheu de maneira involuntária. Haveria outra surra antes que ele fosse alimentado, depois viria o balde

d'água e ele então seria amarrado para dormir do jeito que conseguisse. Mas ele estaria fora da caixa. A escuridão em torno dele não era total, estava mais para um cinza profundo. A minúscula fresta ao redor da tampa permitia a entrada da mais tênue nesga de luz, embora ele não pudesse ver nada com a cabeça enfiada entre os joelhos, ademais de seus olhos a cada dia demorarem tanto para enxergar qualquer coisa além da escuridão quanto seu nariz demorava para se acostumar ao mau cheiro. Ainda assim, devia ser noite.

Rand não pôde deixar de soltar um gemido quando o baú virou. Não havia espaço para deslizar, mas ele se mexeu, forçando músculos já doloridos além da conta. Sua diminuta prisão chocou-se com força contra o chão. A tampa não demoraria a se abrir. Quantos dias sob o sol escaldante? Quantas noites? Perdera a conta. Esta vez seria qual? Rostos giravam em sua mente. Ele gravara o rosto de cada mulher que se revezou para açoitá-lo. Àquela altura, eram uma confusão só. Lembrar-se de qual delas veio antes ou depois parecia além das suas capacidades. Mas ele sabia que Galina, Erian e Katerine tinham sido as mais frequentes, as únicas que vieram mais de uma vez. Seus rostos reluziam na mente dele com uma luz selvagem. Com que frequência queriam ouvir seus gritos?

Foi de repente que Rand se deu conta de que, àquela altura, o baú já deveria ter sido aberto. Será que elas pretendiam deixá-lo ali a noite inteira e depois sob o sol do dia seguinte e... Músculos doloridos e extenuados demais para se mover deram um jeito de se impulsionar freneticamente.

— Me tirem daqui! — berrou ele, a voz rouca. Cheios de dor, os dedos arranharam o baú às suas costas sem qualquer efeito. — Me tirem daqui! — gritou. Pensou ter ouvido a risada de uma mulher.

Durante um tempo, chorou, mas suas lágrimas logo secaram para, como uma fomalha, se transformar em fúria. *Me ajude*, rosnou ele para Lews Therin.

Me ajude, gemeu o homem. *Que a Luz me ajude*.

Resmungando de modo sombrio, Rand voltou a sentir às cegas aquela área plana e lisa até os seis pontos macios. Mais cedo ou mais tarde, elas o deixariam sair. Mais cedo ou mais tarde, arrefeceriam a guarda em cima dele. E quando o fizessem... Ele nem percebeu quando começou a soltar uma gargalhada rouca.

* * *

Rastejando pelo aclave, Perrin espiou por cima do pico e viu uma cena digna dos sonhos do Tenebroso. Os lobos haviam lhe dado certa noção do que esperar, mas noções empalideciam diante da realidade. A talvez uma milha de onde ele se encontrava deitado sob o sol do meio-dia, uma imensa montanha de Shaido cercava inteiramente o que parecia ser um círculo de carroções e homens reunidos em um

pequeno grupo de árvores não muito longe da estrada. Vários carroções já tinham sido incendiados, as chamas dançando ao longe. Bolas de fogo, algumas pequenas como um punho e outras grandes como pedregulhos, alvejavam os Aiel e explodiam em bolhas de fogo, transformando dezenas deles em tochas vivas de uma só vez. Relâmpagos irrompiam de um céu sem nuvens, fazendo voar terra e figuras indistintas trajando o *cadin'sor*. Entretanto, os raios prateados dos relâmpagos também atingiam os carroções, e os Aiel também atiravam suas bolas de fogo. Boa parte das chamas se dissipava de repente ou explodia antes de atingir o alvo, muitos dos raios se interrompiam de repente, mas, embora a batalha parecesse pender ligeiramente a favor das Aes Sedai, a mera quantidade de Shaido acabaria se provando devastadora.

— Deve haver umas duzentas ou trezentas mulheres canalizando ali embaixo, se não mais. — Kiruna, deitada ao lado dele, soava impressionada. Sorilea, ao lado da irmã Verde, com certeza parecia estar. A Sábua cheirava a preocupação. Não medo, mas uma espécie de apreensão. — Nunca vi tantas tessituras juntas — prosseguiu a Aes Sedai. — Acho que há pelo menos trinta irmãs no acampamento. Você nos trouxe para um caldeirão fervendo, jovem Aybara.

— Quarenta mil Shaido — resmungou um emburrado Rhuarc do outro lado de Perrin. Tinha até cheiro de emburrado. — Pelo menos quarenta mil, o que explica, tarde demais, por que eles não mandaram mais para o sul.

— O Lorde Dragão está lá embaixo? — perguntou Dobraine, olhando por cima de Rhuarc. Perrin assentiu. — E você pretende ir até lá e trazê-lo para cá? — Perrin tornou a fazer que sim com a cabeça, e Dobraine suspirou. Cheirava a resignação, não medo. — Nós vamos entrar na batalha, Lorde Aybara, mas não acredito que vamos sair. — Rhuarc aquiesceu ao ouvir o comentário.

Kiruna olhou para os homens.

— Vocês estão vendo que não estamos em número suficiente. Nove. Mesmo que suas Sábias sejam capazes de canalizar alguma coisa, não somos o bastante para fazer frente àquilo. — Sorilea bufou alto com desdém, mas Kiruna manteve os olhos onde estavam.

— Então dê meia-volta e cavalgue para o sul — disse-lhe Perrin. — Não vou deixar Rand cair nas garras de Elaida.

— Ótimo — retrucou Kiruna, sorrindo. — Porque eu também não vou. — Perrin gostaria que o sorriso dela não lhe desse arrepios. Claro que, tivesse ela visto o olhar malévolo que Sorilea direcionou às suas costas, ela própria também poderia ter ficado arrepiada.

Perrin apontou para as pessoas que se encontravam na base do espinhaço, e Sorilea e a Verde escorregaram colina abaixo até que pudessem voltar a se levantar, para dispararem em direções opostas.

O que eles tinham não era bem um plano. Em resumo, a ideia era dar um jeito de alcançar Rand, libertá-lo de alguma forma e depois torcer para que ele não estivesse

ferido demais para abrir um portão para quem pudesse escapar com ele antes que os Shaido e as Aes Sedai no acampamento conseguissem matá-los. Sem dúvida, não passavam de pequenos obstáculos para o herói de uma história ou um caso contado por um menestrel, mas Perrin gostaria de ter tido tempo para um plano de verdade, não só o que ele, Dobraine e Rhuarc haviam formulado com o chefe de clã correndo o mais rápido que podia em meio aos cavalos dos três. Entretanto, tempo era uma das muitas coisas que eles não tinham. Não havia como afirmar se as Aes Sedai da Torre seriam capazes de conter os Shaido nem mesmo por mais uma hora.

Divididos em duas companhias, os primeiros a se deslocar foram os homens de Dois Rios e a Guarda Alada, uns cercando a pé as Sábias, e os outros, as Aes Sedai e os Guardiões a cavalo. Atravessaram o espinhaço pela direita e pela esquerda. Dannil permitiu que voltassem a carregar o estandarte da Águia Vermelha, além da Cabeça de Lobo Vermelha. Rhuarc nem olhava na direção em que Amys caminhava não muito longe do capão escuro de Kiruna, mas Perrin escutou o homem murmurar “Que possamos ver o sol nascer juntos, sombra do meu coração”.

Os homens de Dois Rios e os mayenenses dariam cobertura às Sábias e às Aes Sedai caso batessem em retirada, ou talvez fosse o contrário. Em todo caso, Bera e Kiruna não pareceram gostar do plano e queriam muito estar junto de Rand.

— Tem certeza de que não vai a cavalo, Lorde Aybara? — perguntou Dobraine do alto de sua sela. Para ele, o pensamento de lutar a pé era quase ofensivo.

Perrin deu um tapinha no machado pendurado em sua cintura.

— Isto aqui não tem muita serventia em cima de um cavalo. — Tinha, na verdade, mas ele não queria expor nem Galope nem Tenaz ao que vinha pela frente. Homens podiam escolher se queriam ou não se lançar no meio de armas e da morte e, como era ele que decidia pelos seus cavalos, naquele dia escolheu não os expor ao perigo. — Quem sabe você não me empresta um estribo quando chegar a hora. — Como cairhienos faziam pouco uso de infantaria, Dobraine ficou chocado, mas logo pareceu entender e fez que sim com a cabeça.

— Está na hora de os flautistas tocarem — avisou Rhuarc, levantando o véu negro, embora ali não fosse haver nenhum flautista tocando, o que desagradou alguns dos Aiel. Muitas das Donzelas não gostavam das tiras de pano que foram obrigadas a amarrar em torno do braço para que os aguacentos as distinguíssem das Donzelas Shaido. Elas pareciam achar que qualquer pessoa deveria saber só de olhar.

Formando uma coluna compacta, *siswai'aman* e Donzelas com véus negros começaram a correr encosta acima, e Perrin desceu com Dobraine para onde Loial já se encontrava de pé à frente dos cairhienos, as duas mãos agarradas com firmeza ao machado e as orelhas apontadas para trás. Aram também estava lá, a pé e armado com a espada. O antigo Latoeiro exibia um sorriso ansioso. Por detrás dos estandartes gêmeos de Rand, Dobraine acenou com os braços para que eles avançassem, e as selas rangeram quando uma pequena floresta de quinhentas lanças

foi escalando ao lado dos Aiel.

Nada mudara na batalha, o que foi uma surpresa para Perrin, até ele se dar conta de que só alguns momentos haviam se passado desde a vez anterior que a observara. O intervalo parecera bem maior. A grande massa de Shaido ainda pressionava as forças encurraladas, carroções ainda eram queimados, talvez mais do que antes, os relâmpagos continuavam caindo do céu, e o fogo voava em bolas e vagalhões.

Os homens de Dois Rios estavam quase em posição, com os mayenenses, as Aes Sedai e as Sábias, deslocando-se praticamente sem pressa pela planície de colinas suaves. Perrin os teria mantido mais para trás para dar a eles mais chance de escaparem quando chegasse a hora, mas Dannil continuou insistindo que eles precisavam se aproximar e se posicionar a pelo menos trezentas passadas para que seus arcos fossem eficazes, e Nurelle se mostrara igualmente ansioso para não ficar para trás. Até as Aes Sedai, que Perrin estava convencido de que só precisavam estar perto o bastante para enxergar com clareza, haviam insistido em se aproximar mais. Nenhum dos Shaido notara a presença deles. Ou pelo menos ninguém apontava para a ameaça que se aproximava devagar por trás deles. Ninguém virara o corpo para encará-los. Todos pareciam concentrados em investir contra o círculo de carroções, recuando momentaneamente diante do fogo e dos relâmpagos, mas logo voltando a atacar. Bastaria que um deles olhasse para trás, mas o inferno à frente prendia a atenção deles.

Oitocentas passadas. Setecentas. Os homens de Dois Rios desmontaram e empunharam os arcos. Seiscentas. Quinhentas. Quatrocentas.

Dobraine sacou sua espada e ergueu-a bem alto.

— Ao Lorde Dragão, a Taborwin e à vitória! — bradou, e o grito ecoou de quinhentas gargantas no momento em que as lanças se posicionaram.

Perrin só teve tempo de agarrar o estribo de Dobraine antes que o cairhieno avançasse com toda a fúria. As longas pernas de Loial acompanhavam os cavalos passada a passada. Deixando o cavalo puxá-lo com passos e saltos compridos, Perrin enviou a mensagem mental. *Venham*.

Um solo coberto com vegetação marrom, à primeira vista vazio, de repente revelou cerca de mil lobos, grande parte deles esguios lobos marrons da planície, mas também seus primos mais escuros e mais pesados da floresta, correndo rente ao chão para, com os dentes arreganhados, pular nas costas dos Shaido assim que as primeiras flechas compridas de Dois Rios começaram a chover sobre os inimigos mais adiante. Uma segunda leva logo já se arqueava bem alto. Mais relâmpagos caíam junto com as flechas, e novas bolas de fogo surgiram. Os Shaido velados que se viravam para enfrentar os lobos só tiveram alguns instantes para perceber que os animais não eram a única ameaça antes que uma lança Aiel robusta e o machado dos lanceiros cairhienos lhes perfurassem.

Sacando seu machado, Perrin investiu contra um Shaido que vinha em sua direção e, enquanto o homem caía, saltou por cima dele. Eles tinham que alcançar Rand.

Tudo dependia daquilo. Ao lado de Perrin, o grande machado de Loial se ergueu, desceu e girou, abrindo caminho com violência. Aram parecia dançar com sua espada, gargalhando ao sair cortando todos os que se punham à sua frente. Não havia tempo para pensar em mais ninguém. Perrin manejava o machado de forma metódica, e era como se derrubasse madeira, não carne. Ele tentava não ver o sangue que jorrava, mesmo quando seu rosto ficou molhado pelos respingos resultantes de seus golpes. Precisava alcançar Rand. Ele estava abrindo um caminho entre arbustos espinhosos, só isso.

Perrin só pensava no próximo homem à sua frente. Escolhia sempre pensar neles como homens mesmo quando a altura indicava que podia se tratar de uma Donzela. Não estava convencido de que poderia girar aquela lâmina em meia-lua que gotejava em vermelho caso se permitisse pensar que estava atacando uma mulher. Apesar do esforço para não ver além, outras coisas acabavam chamando a atenção enquanto ele abria caminho à frente. O golpe prateado de um relâmpago lançou vultos de *cadin'sor* pelos ares, alguns usando o lenço escarlate, outros não. Um outro raio arremessou Dobraine de cima do cavalo. O cairhieno se pôs de pé com dificuldade, golpeando com a espada em todas as direções. O fogo envolveu um grupo de cairhienos e Aiel, homens e cavalos transformados em tochas a berrar, no caso dos que ainda conseguiam fazê-lo.

Tudo isso se passava diante dos olhos de Perrin, mas ele não se permitia ver nada. Diante dele só havia os homens, os arbustos que deveriam ser podados com os machados dele e de Loial e com a espada de Aram. Foi quando ele avistou algo que lhe tirou a concentração: um cavalo empinando e um cavaleiro caindo, sendo puxado da sela enquanto lanças Aiel o perfuravam. Um cavaleiro com uma armadura peitoral vermelha. E havia mais um das Guardas Aladas, além de um punhado deles, investindo suas lanças, com a pluma de Nurelle tremulando acima do elmo. No momento seguinte, ele viu Kiruna, o rosto sereno e despreocupado, andando feito uma rainha das batalhas por um caminho aberto para ela por três Guardiões e pelos fogos que lhe saltavam das próprias mãos. E lá estava Bera e, um pouco mais além, Faeldrin, Masuri e... O que, sob a Luz, todas elas estavam fazendo ali? O que qualquer uma delas fazia ali? Elas deviam estar com as Sábias!

De algum lugar à frente ouviu-se o reverberar de uma explosão, como o estampido de um trovão rasgando o alarido de gritos e berros. Logo depois, um feixe de luz apareceu a menos de vinte passadas dele, fatiando vários homens e um cavalo feito uma imensa navalha que foi se alargando até virar um portão. Um homem de casaco preto empunhando uma espada saltou de dentro dele e caiu no chão com uma lança Shaido atravessada no peito, mas, no momento seguinte, mais oito ou nove e, armados com espadas, brotaram lá de dentro enquanto o portão se dissipava, formando um círculo ao redor do homem morto. Com mais do que espadas, na verdade. Alguns dos Shaido que vinham em disparada até eles sucumbiam diante das lâminas, mas outros explodiam em chamas. Cabeças estouravam feito melões

arremessados de certa altura contra uma pedra. A talvez cem passadas à frente, Perrin achou ter visto um outro círculo de homens de casaco preto cercados por fogo e morte, mas não teve tempo de investigar. Shaido também já o cercavam.

Colocando-se costas com costas com Loial e Aram, ele retalhava e golpeava desesperadamente. Àquela altura, não havia como avançar. Tudo o que ele podia fazer era permanecer ali de pé onde estava. O sangue pulsava em seus ouvidos, e ele era capaz de escutar a si mesmo lutando para respirar. Também conseguia escutar Loial, que resfolegava feito um imenso fole. Com seu machado, Perrin tratou de desviar para o lado a investida de uma lança, rasgou um outro Aiel com o cravo quando girou o machado de volta, segurou a ponta de uma lança com a mão sem nem se preocupar com o corte sangrento que ela abriu, e partiu um rosto coberto pelo véu negro. Achava que eles não iriam resistir por tanto tempo. Cada polegada do seu corpo só se concentrava em permanecer vivo por mais um piscar de olhos. Praticamente cada polegada. Um cantinho da sua mente guardava uma imagem de Faile e o pensamento triste de que ele não seria capaz de se desculpar por não voltar para ela.

* * *

Curvado dolorosamente dentro do baú, Rand tateava, ofegante, a blindagem entre ele e a Fonte. Gemidos flutuavam pelo Vazio, uma fúria sinistra e um medo pulsante deslizando por seu limiar. Ele já não tinha mais certeza absoluta do que era dele e o que era de Lews Therin. De repente, sua respiração congelou. Seis pontos, mas um deles tinha ficado rígido. Não macio. Rígido. E, a seguir, um segundo. E um terceiro. Uma gargalhada áspera lhe preencheu os ouvidos. Era dele, percebeu após alguns momentos. Um quarto nó se enrijeceu. Ele esperou, tentando conter o que soava desconfortavelmente como uma risadinha demente. Os dois últimos pontos permaneceram macios. A gargalhada abafada desapareceu.

Elas vão sentir, gemeu Lews Therin, desesperado. *Elas vão sentir e chamar as outras de volta.*

Rand percorreu os lábios rachados com a língua quase igualmente seca. Toda a água em seu corpo parecia ter ido para o suor que deslizava pelo seu corpo e fazia arder as marcas do açoite. Se ele falhasse, não haveria uma segunda chance. Ele não podia esperar. Talvez nem houvesse uma segunda chance, afinal.

Com toda a cautela, ele tateou às cegas os quatro pontos rígidos. Não havia nada concreto ali, assim como a própria blindagem não era algo que ele pudesse sentir ou enxergar, mas, de alguma forma, ele foi capaz de sentir *o contorno* daquele nada, sentir sua forma. Como se fossem nós. Em um nó, independentemente de quão apertado ele estivesse, sempre havia espaço entre as cordas, espaços mais finos que

um fio de cabelo por onde apenas o ar poderia passar. Devagar, muitíssimo devagar, e meio desajeitado, ele tateou um daqueles espaços e se espremeu pelas frestas infinitesimais entre o que nem parecia estar ali. Devagar. Faltava quanto tempo para as outras voltarem? Se elas comesçassem tudo de novo antes que ele encontrasse uma maneira de escapar por aquele labirinto tortuoso... Devagar. E, de repente, Rand foi capaz de sentir a Fonte, como se a roçasse com a unha, a pontinha da unha. *Saidin* ainda estava além dele — a blindagem ainda estava lá, aquela barreira invisível —, mas ele conseguia sentir Lews Therin se enchendo de esperança. Esperança e trepidações. Duas Aes Sedai continuavam segurando suas partes da blindagem, ainda conscientes do que prendiam ali.

Rand não teria sido capaz de explicar o que fez em seguida, embora Lews Therin tivesse dado uma explicação enquanto emergia por alguns instantes das suas próprias fantasias loucas, entre imensos rompantes de fúria e as lamúrias por sua Ilyena perdida, entre as algaravias de que merecia morrer e os gritos de que não permitiria que o apartassem da Fonte. Era como se ele flexionasse o que tinha estendido por dentro do nó, flexionasse o máximo que pudesse. O nó resistiu. Tremeu. E então, explodiu. Só havia cinco. A blindagem se afinou. Ele conseguia senti-la diminuir. Uma parede invisível de apenas cinco tijolos, não seis. As duas Aes Sedai também deviam ter sentido, apesar de talvez não terem entendido bem o que aconteceu, ou como. Por favor, Luz, não agora. Ainda não.

Bem depressa, de modo quase frenético, ele foi atacando um dos nós restantes de cada vez. O segundo se dissipou e a blindagem se enfraqueceu. Àquela altura, o processo ficava mais rápido a cada nó, como se ele estivesse pegando o jeito, embora esse jeito fosse diferente a cada nó. O terceiro se foi. E um terceiro ponto macio apareceu. Talvez as Aes Sedai não soubessem o que ele estava fazendo, mas não ficariam de braços cruzados enquanto a blindagem se enfraquecia. Em um ritmo verdadeiramente frenético, Rand se pôs a desatar o quarto nó. Precisava desatá-lo antes que uma quarta irmã viesse ajudar na blindagem. Quatro poderiam dar conta de mantê-la, não importando o que ele fizesse. Quase aos prantos, ele se esforçou para vencer as curvas complexas enquanto deslizava entre o nada. Enlouquecido, flexionou-se e arreventou o nó. A blindagem ainda resistia, mas era mantida apenas por três pontos. Se ele conseguisse se mover rápido o bastante...

Quando Rand agarrou *saidin*, a barreira invisível ainda estava lá, mas já não parecia feita de pedra ou tijolo. A blindagem foi cedendo à medida que ele forçou, curvando-se com a pressão dele, curvando-se, curvando-se. De repente, rompeu-se diante dele feito tecido apodrecido. O Poder o preencheu e, enquanto fazia isso, ele agarrou aqueles três pontos macios e os estraçalhou sem piedade com punhos de Espírito. Com exceção daquilo, ele continuava sendo capaz de canalizar só onde enxergava, e tudo o que conseguia enxergar, e mal, era o interior do baú, e só o que ele conseguia ver dele com a cabeça presa entre os joelhos. Antes mesmo que terminasse de usar os punhos de Espírito, canalizou Ar. O baú explodiu para longe

dele com um ruidoso estrondo.

Livre, Lews Therin suspirou aliviado em um eco do pensamento de Rand. *Livre*. Ou talvez fosse ao contrário.

Elas vão me pagar, grunhiu Lews Therin. *Eu sou o Senhor da Manhã*.

Rand sabia que precisava se mover ainda mais rápido, mais rápido e com mais violência, porém, de início, nem conseguiu se mexer. Músculos surrados duas vezes por dia por sabia-se lá quanto tempo, e presos dentro de um baú todos os dias, eram músculos que gritavam quando ele rangeu os dentes e, bem devagar, se ergueu até se apoiar nas mãos e nos joelhos. Era um grito distante, o corpo de uma outra pessoa doendo, mas ele não era capaz de fazer aquele corpo se mover mais depressa independentemente de quão mais forte *saidin* o fazia se sentir. A vaziez embotava a emoção, mas algo próximo do pânico tentava se espalhar pelo Vazio como trepadeiras.

Ele se viu num grande amontoado de árvores esparsas, com fachos largos de luz do sol passando por entre galhos quase desfolhados, e ficou chocado ao ver que ainda estava claro, e talvez fosse até meio-dia. Ele precisava se mexer. Mais Aes Sedai estariam a caminho. Duas encontravam-se caídas no solo perto dele, aparentemente inconscientes, uma delas com um corte sério na testa. A terceira, uma mulher magra, estava ajoelhada olhando para o nada, agarrando a cabeça com as mãos e gritando a plenos pulmões. Parecia ter escapado ilesa dos estilhaços e dos pedaços do baú. Rand não reconheceu nenhuma das três. Um instante de arrependimento por não ter sido nem Galina nem Erian que ele estancara — não tinha certeza de que tivera a intenção de fazer aquilo, já que Lews Therin falara em detalhes a respeito de como pretendia apartar permanentemente cada uma das que o haviam aprisionado. Rand esperava que tivesse sido ideia dele mesmo, ainda que precipitada — apenas um instante, e ele avistou um outro vulto estirado no chão, coberto por pedaços do baú. Trajava calças e casaco cor-de-rosa.

A mulher magra não olhou para ele e não parou de soltar seu grito esganiçado nem quando Rand, por acidente, empurrou-a por cima da borda baixa de pedra de um poço ao passar rastejando por ela. Desesperado, ficou se perguntando por que ninguém atendia aos gritos dela. Na metade do caminho até Min, ele reparou nos relâmpagos vindos do céu e nas bolas de fogo explodindo lá no alto. Conseguia sentir o cheiro da madeira queimando, ouvir os homens berrando, o ruído do metal, a cacofonia da batalha. Não se importava se já era Tarmon Gai'don. Se tivesse matado Min... Ele a virou com gentileza.

Grandes olhos escuros fitaram-no.

— Rand. — Ela suspirou. — Você está vivo. Eu estava com medo de olhar. Ouvi um barulho horroroso, vi pedaços de madeira voando por toda parte, então reconheci uma parte do baú e... — Lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. — Pensei que elas tinham... Fiquei com medo de que você... — Ela esfregou o rosto com as mãos atadas e respirou fundo. Os tornozelos também estavam amarrados. —

Não vai me desamarar, pastor de ovelhas, e abrir um dos seus portões para bem longe daqui? Aliás, não precisa perder tempo me desamarando. Só me jogue por cima do seu ombro e vamos embora daqui.

Com destreza, Rand manejou Fogo e consumiu as cordas que a prendiam.

— Não é tão simples assim, Min. — Aquele local não era familiar. Um portão aberto ali poderia dar em qualquer lugar, isso caso se abrisse. Se ele conseguisse abrir um. A dor e a fadiga flutuavam nas extremidades do Vazio. Rand não tinha certeza de quanto Poder seria capaz de canalizar. De repente, notou que conseguia sentir *saidin* sendo canalizado em todas as direções. Por entre as árvores, depois dos carroções em chamas, podia ver os Aiel lutando contra Guardiões e os soldados de casaco verde de Gawyn, sendo empurrados para trás pelo fogo e pelos relâmpagos das Aes Sedai, mas, ainda assim, tornando a investir. De algum modo, Taim o encontrara e trouxera soldados Asha'man e Aiel. — Ainda não posso ir. Acho que alguns amigos vieram atrás de mim. Não se preocupe. Eu vou proteger você.

Uma labareda prateada pontuda rachou uma árvore ao meio no limiar do bosque, perto o bastante para fazer o cabelo de Rand balançar. Min tomou um susto.

— Amigos — murmurou ela, esfregando os pulsos.

Ele gesticulou para que ela permanecesse onde estava — exceto por aquele único raio perdido, o matagal parecia intacto —, mas, quando deu um jeito de se pôr de pé, lá estava ela, segurando-o pela lateral do corpo. Cambaleando até a linha de árvores esparsas, ele ficou grato pelo apoio dado por Min, mas obrigou-se a se endireitar e parou de se escorar nela. Como ela poderia acreditar que ele a protegeria se precisava dela para não cair de cara no chão? Apoiar a mão no tronco destroçado da árvore atingida pelo relâmpago ajudou. Filetes de fumaça subiam do local, que, mesmo assim, não se incendiara.

Os carroções formavam um grande círculo em torno das árvores. Alguns dos serviçais pareciam estar tentando manter os cavalos juntos — todas as parelhas ainda permaneciam atreladas —, mas a maior parte se escondia onde podia na esperança de evitar toda aquela fúria caindo do céu. Na verdade, tirando aquele único raio, parecia que todos os ataques visavam os carroções e os homens em batalha. Talvez as Aes Sedai também. Elas se mantinham sentadas em seus respectivos cavalos, um pouco afastadas da confusão de lanças, espadas e chamas, mas não tão longe assim, e, por vezes, se punham de pé nos estribos para enxergar melhor.

Rand logo identificou Erian, uma figura esguia e de cabelos escuros montada em uma égua cinza-claro. Lews Therin soltou um rosnado e Rand atacou quase sem pensar. Enquanto fazia isso, sentiu o desapontamento do outro homem. Espírito para blindá-la, com uma tênue resistência que indicava que sua ligação com *saidar* fora cortada, e, mesmo depois de amarrar os fluxos que manteriam a blindagem, formou um porrete de Ar para derrubá-la da sela e deixá-la inconsciente. Se ele decidisse estancá-la, queria que ela soubesse quem estava fazendo aquilo e por quê. Uma das Aes Sedai gritou para alguém ajudar Erian, mas ninguém olhou na direção das

árvores. Nenhuma delas conseguia sentir *saidin*. Todas achavam que ela havia sido derrubada por algo vindo de fora dos carroções.

Os olhos de Rand fizeram uma varredura entre as outras mulheres a cavalo e se detiveram em Katherine, virando seu capão baio de pernas compridas para um lado e para o outro, o fogo ardendo entre os Aiel para onde quer que ela olhasse. Espírito e Ar, e, desacordada, ela desabou, um dos pés preso no estribo.

Isso, gargalhou Lews Therin. E agora Galina. Eu quero ela, em especial.

Rand fechou os olhos com força. O que estava fazendo? Era Lews Therin quem queria tanto aquelas três que não conseguia pensar em outra coisa. Rand queria vingança pelo que tinham feito com ele, mas uma batalha estava acontecendo, homens morriam enquanto ele perdia tempo caçando Aes Sedai específicas. Donzelas morriam também, sem dúvida.

Ele capturou a Aes Sedai seguinte, vinte passadas à esquerda de Katherine, com Espírito e Ar, e então foi para trás de outra árvore e derrubou Sarene Nemdahl, inconsciente e blindada. A passos lentos, ele cambaleou pela linha das árvores, atacando aqui e ali como um ladrão furtivo. Min parou de tentar apoiá-lo, ainda que o perseguisse de mãos erguidas, prontas para agarrá-lo caso ele vacilasse.

— Elas vão ver a gente — murmurou Min. — Uma delas vai olhar em volta e reparar na gente.

Galina, grunhiu Lews Therin. Onde ela está?

Rand o ignorou, bem como Min. Coiren tombou, além de duas outras cujos nomes ele não sabia. Ele ia ajudar como pudesse.

As Aes Sedai não tinham como saber o que estava acontecendo. Ao longo de todo o círculo de carroções, irmãs desabavam subitamente de cima dos seus cavalos. As que permaneciam acordadas se espalharam ainda mais, tentando cobrir todo o perímetro, passando a cavalgar com certa ansiedade, redobrando a fúria com que o fogo inflamava os Aiel e com que os relâmpagos irrompiam no céu. Só podia ser algo externo, mas as Aes Sedai sucumbiam sem saber como nem por quê.

Seus contingentes diminuía, e os efeitos começavam a ficar evidentes. Menos clarões cortavam o ar, e mais relâmpagos desabavam em meio aos Guardiões e soldados. Menos bolas de fogo explodiam ou desapareciam de repente antes de alcançar os carroções. Aiel ameaçavam passar entre os carroções, e alguns deles chegaram a ser virados. Poucos momentos depois, havia Aiel de véus negros por toda parte, e o caos reinava. Rand observava a cena, pasmo.

Guardiões e soldados de casaco verde lutavam em grupos contra os Aiel, e Aes Sedai se cercavam de chuvas de fogo. Mas também havia Aiel enfrentando Aiel, homens com o lenço escarlate dos *siswai'aman* e Donzelas com faixas vermelhas amarradas nos braços se defrontavam com Aiel no *cadin'sor* habitual. E lanceiros cairhienos com seus elmos em forma de sino e mayenenses com armaduras peitorais vermelhas também surgiram subitamente em meio aos carroções, investindo contra Aiel e também contra Guardiões. Será que ele acabara enlouquecendo, no fim das

contas? Mas Rand sentia Min, pressionada contra as costas dele, tremendo. Ela era real. O que ele estava vendo devia ser real.

Cerca de uma dezena de Aiel, cada qual tão ou mais alto que Rand, disparou na direção dele. Não usavam nada vermelho. Rand os observou com curiosidade até que, a menos de uma passada, um deles ergueu uma lança ao contrário como se fosse uma clava. Rand canalizou, e o fogo envolveu todos os Aiel que se aproximavam. Corpos carbonizados e retorcidos tombaram aos pés dele.

De súbito, Gawyn apareceu puxando as rédeas de um garanhão baio a menos de dez passos à frente dele, espada na mão e vinte ou mais homens de casaco verde cavalgando logo atrás. Por um instante, os dois se encararam, e Rand rezou para que não precisasse ferir o irmão de Elayne.

— Min — disse Gawyn com uma voz áspera —, eu posso tirar você daqui.

Ela se espichou por cima do ombro de Rand para fazer que não com a cabeça. Segurava-o com tanta força que ele achou que não teria conseguido soltá-la nem mesmo se quisesse.

— Eu vou ficar com ele, Gawyn. Gawyn, Elayne ama Rand.

Graças ao Poder, Rand conseguiu ver as juntas dos dedos do homem embranquecerem no punho da espada.

— Jisao — chamou ele em um tom de voz neutro. — Reúna a Jovem Guarda. Vamos abrir caminho e sair daqui. — Se antes sua voz soara neutra, àquela altura estava ainda mais despida de emoção. — Al’Thor, eu ainda vou ver você morrer. — Gawyn enfiou as esporas no cavalo e saiu galopando, ele e todos os demais gritando “Jovem Guarda!” a plenos pulmões, com mais homens de casaco verde abrindo caminho para se juntar a eles.

Um homem de casaco preto disparou à frente de Rand, os olhos cravados em Gawyn, e o solo irrompeu em uma bolha de fogo e terra que fez tombar meia dúzia de cavalos que iam alcançando os carroções. Rand viu Gawyn balançar no alto da sela no instante em que derrubou o homem de casaco preto no chão com um golpe de Ar. Ele não conhecia o jovem de rosto severo que rosou para ele, mas o sujeito usava tanto a espada quanto o Dragão no colarinho alto, e *saidin* o preenchia.

Taim apareceu de repente, Dragões azuis e dourados enroscados em volta das mangas do casaco preto, o olhar baixo na direção do jovem. Seu colarinho não exibía broche algum.

— Você não atacaria o Dragão Renascido, Gedwyn — disse Taim, delicado e duro ao mesmo tempo, e o homem de expressão severa se levantou com dificuldade, saudando-o com o punho sobre o peito.

Rand olhou na direção onde Gawyn estivera, mas tudo o que conseguiu enxergar foi um grupo grande de homens com um estandarte de Javali Branco abrindo caminho cada vez mais entre os Aiel que os circundavam, com mais homens de casaco verde lutando para se juntar a eles.

Taim se voltou para Rand, seus lábios com aquele quase sorriso.

— Dadas as circunstâncias, estou confiante de que você não vai me repreender por ter desobedecido à sua ordem quanto a enfrentar as Aes Sedai. Eu tinha motivos para ir vê-lo em Cairhien e... — Ele deu de ombros. — Você está com uma cara péssima. Quer que eu... — Seus lábios discretamente torcidos se endireitaram assim que Rand deu um passo para trás a fim de evitar sua mão estendida, puxando Min consigo. Ela se agarrava a ele com mais firmeza do que nunca.

Lews Therin começara a vociferar seu ímpeto de matá-lo como sempre fazia quando Taim aparecia, divagando feito um louco a respeito de Abandonados e de matar todo mundo, mas Rand parou de ouvir e isolou o homem até transformá-lo no zumbido de uma mosca. Tratava-se de um truque que ele aprendera dentro do baú, quando não havia nada para fazer além de tatear a blindagem e escutar uma voz em sua cabeça que soava insana com alguma frequência. No entanto, mesmo sem Lews Therin, ele não queria ser Curado pelo homem. Achava que, se Taim algum dia encostasse nele com o Poder, ainda que por um motivo inocente, acabaria matando-o.

— Como quiser — rebateu com ironia o homem de nariz aquilino. — Acredito que dominamos o acampamento.

Aquilo pareceu suficientemente verdadeiro. Corpos estavam espalhados pelo chão, mas, dentro do círculo de carroções, poucos homens ainda lutavam. De repente, uma redoma de Ar cobriu todo o acampamento, a fumaça dos carroções incendiados escapando por um buraco deixado no topo. Não era uma tessitura sólida de *saidin*. Rand conseguia identificar onde as tessituras individuais se emendavam umas nas outras para criar aquela proteção. Achou que podia haver cerca de duzentos homens de casaco preto sob a redoma. Uma chuva de relâmpagos e fogo atingiu a barreira e explodiu sem causar danos. O próprio céu dava a impressão de crepitar e se incendiar, e seu clamor alto se fazia ouvir por toda a parte. Donzelas com tiras vermelhas pendendo dos braços e *siswai'aman* se punham de pé ao longo da parede que não eram capazes de ver, misturados a mayenenses e cairhienos, muitos também a pé. Do outro lado, uma massa compacta de Shaido fitava a barricada invisível que os mantinha isolados dos seus inimigos, por vezes golpeando-a com lanças ou atirando seus próprios corpos contra ela. As lanças paravam no meio do caminho e os corpos batiam e voltavam.

Dentro da redoma, o último confronto se encerrou. Sob o olhar de um pequeno punhado de Donzelas e homens identificados com a cor vermelha, Shaido desarmados removiam as roupas com semblantes estoicos. Capturados em batalha, usariam o branco dos *gai'shain* por um ano e um dia mesmo que os Shaido, de alguma forma, acabassem conseguindo invadir o acampamento. Em número quase igual ao de prisioneiros, cairhienos e mayenenses funcionavam como guardas de um grande grupo de integrantes da Jovem Guarda e Guardiões enfurecidos misturados com serviçais temerosos. Uma dúzia de Aes Sedai estava sendo blindada por um número igual de Asha'man usando a espada e o Dragão. As Aes Sedai tinham um

aspecto combalido e amedrontado. Rand reconheceu três, embora Nesune fosse a única de cujo nome ele se lembrava. Não reconheceu nenhum dos captores Asha'man. Várias das mulheres que Rand blindara e deixara inconscientes estavam entre as prisioneiras, algumas delas começando a acordar, enquanto soldados de casaco preto e Dedicados com a espada prateada nos colarinhos usavam *saidin* para arrastar outras pelo chão e juntá-las à fileira. Alguns deles estavam trazendo as duas Aes Sedai inconscientes e a mulher magra do bosque. Ela ainda gritava. Quando foram levadas para perto do grupo, algumas das Aes Sedai vomitaram.

Havia outras Aes Sedai presentes, essas cercadas por Guardiões e vigiadas por homens de casaco preto, ainda que não blindadas, e elas observavam os Asha'man com o mesmo desconforto com que o faziam as mulheres já presas. Também fitavam Rand e, não fosse pelos Asha'man, claramente teriam ido até ele. Rand as encarava de volta. Alanna estava entre elas. Ele não estivera alucinando. Rand não reconheceu todas as que a acompanhavam, mas um número suficiente delas. Eram nove no total. Nove. Uma fúria súbita arremeteu contra o Vazio, e o zumbido de mosca de Lews Therin foi ficando mais intenso.

Àquela altura, Rand mal ficou surpreso ao ver Perrin se levantar cambaleante, o rosto e a barba ensanguentados, seguido por um Loial mancando com seu enorme machado e por um sujeito de olhos brilhantes que, com seu casaco de listras vermelhas, aparentava ser um Latoeiro, apesar da espada que carregava, a lâmina completamente ensanguentada. Rand quase olhou em volta para ver se Mat, de alguma forma, também não estaria ali. Avistou Dobraine, a pé com uma espada numa mão e o mastro do estandarte carmesim de Rand na outra. Nandera se juntou a Perrin, deixando seu véu cair, além de uma outra Donzela que Rand, de início, quase não reconheceu. Foi bom ver Sulin usando o *cadin'sor* outra vez.

— Rand — disse Perrin, sem fôlego —, graças à Luz você ainda está vivo. Nossa ideia era você abrir um portão para escaparmos daqui, mas não podemos. Rhurarc e a maioria dos Aiel ainda estão entre os Shaido, a maior parte dos mayenenses e cairhienos também, e eu não sei o que aconteceu com o pessoal de Dois Rios nem com as Sábias. As Aes Sedai deveriam ter ficado com eles, mas... — Ele colocou a cunha do machado no solo e, com uma careta de dor, se apoiou no cabo. Dava a impressão de que, sem aquele suporte, poderia desabar no chão.

Ao longo da barreira, surgiam homens a cavalo, bem como Aiel com lenços vermelhos e Donzelas também com tiras vermelhas amarradas nos braços. A barreira também os isolava. Onde quer que aparecessem, os Shaido os atacavam feito um enxame e os engoliam.

— Desfaçam essa redoma — ordenou Rand.

Surpreendentemente, Perrin suspirou aliviado. Será que ele tinha achado que Rand deixaria seu próprio povo ser trucidado? Mas Loial também suspirou. Luz, o que eles pensavam a respeito dele? Min começou a lhe esfregar as costas, murmurando baixinho em um tom tranquilizador. Por alguma razão, Perrin dirigiu a ela um olhar

bastante surpreso.

Taim poderia estar surpreso, mas com certeza não estava aliviado.

— Milorde Dragão — disse ele com a voz tensa —, eu diria que ainda há várias centenas de mulheres Shaido lá fora, algumas, ao que parece, nada fracas no Poder. E isso sem falar nos milhares de Shaido com suas lanças. A menos que você realmente queira descobrir se é imortal, sugiro esperar algumas horas até conhecermos este lugar bem o bastante para abrir portões com relativa certeza de onde eles vão dar, e então irmos embora. Batalhas geram baixas. Perdi vários soldados hoje, nove homens que vão ser mais difíceis de serem substituídos do que qualquer quantidade de renegados Aiel. Quem quer que morra aí fora está morrendo pelo Dragão Renascido. — Se o homem estivesse prestando a mínima atenção a Nandera e Sulin, poderia ter moderado seu tom de voz e escolhido as palavras com mais cuidado. Rápidos gestos na linguagem de sinais foram trocados entre as duas, que pareciam prontas para matá-lo ali mesmo.

Perrin forçou-se a se endireitar, os olhos amarelos cravados em Rand, firmes e ansiosos ao mesmo tempo.

— Rand, mesmo que Dannil e as Sábias tenham ficado para trás conforme o plano, eles não vão embora enquanto virem isto. — Ele gesticulou para a redoma acima deles, onde o fogo e os relâmpagos criavam uma explosão de luz constante. — Se ficarmos horas e horas aqui parados, os Shaido, mais cedo ou mais tarde, vão atrás deles, isso se já não tiverem ido. Luz, Rand! Dannil, Ban, Wil, Tell... Amys está lá, e Sorilea, e...! Que o queime, Rand, mais gente já morreu por você do que imagina! — Perrin respirou fundo. — Pelo menos me deixe sair. Se eu conseguir chegar até lá, vou poder contar que você está vivo e eles vão poder bater em retirada antes de serem mortos.

— Dois de nós podem escapulir — opinou Loial com calma, erguendo aquele machado imenso. — Se formos nós dois, teremos mais chances de conseguir. — O Latoeiro apenas sorriu, mas parecia mal poder esperar pela batalha.

— Eu vou abrir um buraco na barreira — começou a dizer Taim, mas Rand o interrompeu com contundência.

— Não! — Não pelo povo de Dois Rios. Ele não podia parecer se preocupar nem um pouco a mais com eles que com as Sábias. Verdade seja dita, tinha que parecer se preocupar ainda menos. Amys estava lá? As Sábias nunca participavam de confrontos, permaneciam intocadas em meio a batalhas e rixas de sangue. Vindo atrás dele, elas haviam quebrado os costumes ou até mesmo as leis. Seria mais fácil deixar Perrin voltar para aquele banho de sangue do que abandoná-las. Mas não podia ser pelas Sábias nem pelo povo de Dois Rios. — Sevanna quer a minha cabeça, Taim. Ao que parece, ela achava que podia conseguir isso hoje. — O tom distante que o Vazio conferia à voz dele era apropriado. Porém, aquilo pareceu preocupar Min, que lhe esfregava as costas como que para acalmá-lo. — Quero que ela se dê conta do erro que cometeu. Eu falei para você criar armas, Taim. Mostre

para mim como elas são mortais. Disperse os Shaído. Acabe com eles.

— Como ordenar. — Se antes Taim estivera rígido, agora virara uma pedra.

— Ponham meu estandarte no alto de modo que eles consigam enxergar — ordenou Rand. Pelo menos isso mostraria para todos lá fora quem comandava o acampamento. Talvez as Sábias e o povo de Dois Rios recuassem quando o vissem.

As orelhas de Loial se contorceram em desconforto, e Perrin agarrou o braço de Rand quando Taim foi embora.

— Eu vi o que eles fazem, Rand. É... — Apesar do rosto e do machado ensanguentados, ele soava enojado.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Rand. — O que mais eu posso fazer?

A mão de Perrin o soltou, e o amigo suspirou.

— Não sei. Mas não sou obrigado a gostar disso.

— Grady, erga o Estandarte da Luz! — mandou Taim, com o Poder transformando sua voz num estrondo.

Usando fluxos de Ar, Jur Grady tirou o estandarte carmesim da mão de Dobraine, que ficou chocado, e ergueu-o até fazê-lo passar pelo topo vazado da redoma. O fogo rebentou em torno dele e relâmpagos piscaram conforme o vermelho brilhante se ergueu em meio à fumaça que se elevava dos carroções em chamas. Rand reconheceu vários homens de casaco preto, mas só conhecia os nomes de uns poucos além de Jur: Damer, Fedwin e Eben, Jahar e Torval. Desses, só Torval trazia o Dragão no colarinho.

— Asha'man, formem a linha de batalha! — disse Taim, a voz ampliada pelo Poder.

Homens de casaco preto correram para se posicionar entre a redoma e os demais, todos menos Jur e aqueles que vigiavam as Aes Sedai. Excetuando-se Nesune, que espiava tudo com atenção, o grupo da Torre afundara apaticamente de joelhos, sem nem olhar para os homens que as blindavam, e mesmo Nesune ainda parecia prestes a passar mal. O grupo de Salidar observava com frieza os Asha'man que as vigiavam, embora, aqui e ali, voltassem aqueles olhos gélidos para Rand. Alanna só tinha olhos para ele. Rand notou que sua pele formigava ligeiramente. Para ele estar sentindo, mesmo com toda aquela distância, todas as nove deviam estar abraçando *saidar*. Ele esperava que elas tivessem juízo suficiente para não canalizar. Os homens de expressão pétrea que as encaravam abraçavam *saidin* a ponto de quase explodir, e tinham uma aparência tão tensa quanto a dos Guardiões que corriam os dedos por suas espadas.

— Asha'man, levantem a barricada duas braças! — Ao comando de Taim, as extremidades da redoma se levantaram em toda a sua circunferência. Shaído surpresos, que vinham empurrando o que não conseguiam ver, deram um tropeção para a frente. Recuperaram-se de imediato, uma massa de véus negros em ofensiva, mas só tiveram tempo para um passo antes do grito seguinte de Taim: — Asha'man,

matem!

A vanguarda dos Shaido explodiu. Não havia outra maneira de descrever a cena. Figuras de *cadin'sor* despedaçaram-se em jorros de sangue e carne. Fluxos de *saidin* penetraram por aquela bruma densa, disparando de Aiel em Aiel num piscar de olhos. A fileira seguinte de Shaido sucumbiu, depois outra e mais outra, como se eles estivessem correndo para dentro de um enorme moedor de carne. Observando a carnificina, Rand engoliu em seco. Perrin se curvou para esvaziar o estômago, o que Rand compreendeu perfeitamente. Outra fileira morta. Nandera cobriu os olhos com a mão e Sulin deu as costas para a cena. Os restos ensanguentados de seres humanos começaram a formar uma muralha.

Ninguém era capaz de fazer frente àquilo. Entre uma explosão de morte e a seguinte, os Shaido da frente de repente começaram a tentar ir no sentido contrário, forçando-se a recuar para o meio da massa que lutava para avançar. Esse próprio nó humano logo explodiu, e então todos começaram a recuar. Não, a correr. A chuva de fogo e relâmpagos que se abatia contra a redoma fraquejou.

— Asha'man — ecoou a voz de Taim —, anel de Terra e Fogo!

Sob os pés dos Shaido mais próximos aos carroções, o solo irrompeu de repente em fontes de chamas e terra, lançando homens em todas as direções. Enquanto os corpos ainda voavam pelo ar, mais bolhas de fogo jorraram do solo, depois mais, em um anel que se expandiu em torno dos carroções, perseguindo os Shaido por cinquenta passadas, cem, duzentas. Àquela altura, a única coisa que havia ali fora era pânico e morte. Lanças e broquéis foram abandonados. A redoma lá no alto agora estava transparente, exceto pela fumaça que subia dos carroções em chamas.

— Pare! — O estrondo das explosões engoliu o berro de Rand da mesma maneira como engolia com os gritos dos homens. Ele teceu os fluxos que Taim havia usado. — Já chega, Taim! — Sua voz crepitou como um trovão por sobre todo o local.

Mais um anel de erupções, então Taim ordenou:

— Asha'man, descansem!

Por um momento, um silêncio ensurdecador pareceu preencher o ar. Os ouvidos de Rand zumbiam. Então ele conseguiu escutar gritos e gemidos. Feridos levantavam-se em meio às pilhas de mortos. E, mais à frente deles, Shaido corriam, deixando para trás grupos isolados de *siswai'aman* e Donzelas com panos vermelhos nos braços, cairhienos e mayenenses, alguns ainda em seus cavalos. Quase hesitantes, esses últimos começaram a se deslocar em direção aos carroções, alguns Aiel baixando os véus. Com o Poder aperfeiçoando a sua visão, ele conseguiu identificar Rhuarc, mancando, um dos braços inerte ao lado do corpo, mas de pé. E, bem além dele, um grupo grande de mulheres trajando saias escuras volumosas e blusas claras, com uma escolta de homens com casacos de Dois Rios carregando arcos compridos. Estavam longe demais para que ele pudesse discernir os rostos, mas, pelo modo como os homens de Dois Rios encaravam os Shaido que fugiam, estavam tão estupefatos quanto qualquer outra pessoa.

Uma enorme sensação de alívio brotou em Rand, ainda que não o bastante para sossegar a agitação distante em seu estômago. Min pressionava o rosto na camisa dele. Estava chorando. Ele passou uma das mãos pelo cabelo dela.

— Asha'man — Rand nunca ficara tão contente pelo Vazio apagar as emoções da sua voz —, vocês se saíram bem. Eu o saúdo, Taim. — Ele virou de costas para que não fosse obrigado a continuar olhando os efeitos da carnificina e mal escutou os brados de “Lorde Dragão!” e “Asha'man!” que os homens de casaco preto faziam retumbar.

Quando se virou, deu de cara com as Aes Sedai. Merana estava bem lá atrás, mas Alanna estava quase cara a cara com ele, ladeada por duas Aes Sedai que Rand não reconheceu.

— Você se saiu bem — disse uma das duas, uma mulher de rosto quadrado. Uma fazendeira, com rosto de idade indefinida e olhos que por pouco mantinham a serenidade, ignorando os Asha'man ao seu redor. Obviamente ignorando-os. — Sou Bera Harkin e esta é Kiruna Nachiman. Viemos para resgatá-lo... com o auxílio de Alanna. — Um óbvio adendo, e apenas por causa do súbito cenho franzido de Alanna. — Apesar de me parecer que você não precisa muito de nós. Ainda assim, as intenções continuam valendo, e...

— O lugar de vocês é com elas — afirmou Rand, apontando para as Aes Sedai blindadas. Vinte e três, ele contou, e Galina não estava entre elas. O zumbido de Lews Therin se avolumou, mas ele se recusou a dar ouvidos. Não era hora para rompantes insanos.

Cheia de orgulho, Kiruna se empertigou. O que quer que fosse, com certeza não era uma reles fazendeira.

— Você se esquece de quem somos. Elas podem até ter lhe tratado mal, mas nós...

— Não me esqueço de nada, Aes Sedai — cortou Rand com frieza. — Eu disse que poderiam vir seis, mas estou contando nove. Disse que vocês estariam em pé de igualdade com as emissárias da Torre, e, por terem desobedecido, vão estar mesmo. Elas estão de joelhos, Aes Sedai. Ajoelhem-se!

Rostos friamente serenos encaravam-no de volta. Rand sentiu os Asha'man preparando barreiras de Espírito. Um ar de desafio foi tomando o semblante de Kiruna, Bera e das outras. Duas dezenas de homens de casaco preto formaram um círculo em torno de Rand e das Aes Sedai.

Rand nunca vira Taim sorrir, mas o homem chegou bem perto.

— Ajoelhem-se e jurem fidelidade ao Lorde Dragão — ordenou ele em voz baixa — ou serão postas de joelhos. Podem escolher.

Como acontece com as histórias, o caso se espalhou por toda Cairhien, pelo norte e pelo sul com os comboios de mercadores, os mascates solitários e por meio das fofocas de estalagens. Como acontece com as histórias, a cada conto aumentava-se um ponto. Os Aiel haviam se voltado contra o Dragão Renascido e o matado, nos Poços de Dumai ou algum outro lugar. Não, as Aes Sedai tinham salvado Rand

al'Thor. Foram as Aes Sedai que o haviam matado... não, amansado... não, tinham-no levado a Tar Valon à força, onde ele apodreceu em uma masmorra da Torre Branca. Ou onde o próprio Trono de Amyrlin ficou de joelhos diante dele. Excepcionalmente, em se tratando de histórias, algo muito próximo da verdade era no que se acreditava com mais frequência.

Em um dia de fogo e de sangue, um estandarte esfarrapado se agitou acima dos Poços de Dumai, exibindo o antigo símbolo das Aes Sedai.

Em um dia de fogo, de sangue e do Poder Único, conforme a profecia sugerira, a torre imaculada, dividida, ajoelhou-se perante o símbolo esquecido.

As primeiras nove Aes Sedai juraram fidelidade ao Dragão Renascido, e o mundo mudou para sempre.





A RESPOSTA

O homem só parou por tempo suficiente para repousar a mão na porta da liteira e, assim que Falion pegou o bilhete entre seus dedos, afastou-se. A pancada seca da mulher colocou os dois carregadores em movimento antes mesmo que o sujeito trajando o uniforme do Palácio Tarasin sumisse em meio à multidão na praça.

Só havia uma palavra no quadradinho de papel: *Sumiram*. Ela o amassou no punho. De algum modo, elas tinham escapado de novo sem que o seu pessoal lá dentro visse. Meses de buscas infrutíferas haviam-na convencido de que não existia nenhum *angreal* escondido, a despeito do que Moghedien acreditasse. Ela chegara até a considerar interrogar uma ou duas Mulheres Sábias. Uma delas talvez soubesse seu paradeiro, se o tal *angreal* existisse. Era o mesmo que esperar que cavalos voassem. Entretanto, ela se mantinha naquela cidade deplorável porque quando um dos Escolhidos dava uma ordem, obedecia-se até que essa ordem fosse modificada. Qualquer outra atitude era um caminho bem curto para uma morte dolorosa. Mas se Elayne e Nynaeve estavam ali... Elas haviam arruinado os planos sobre Tanchico. Fossem elas ou não irmãs completas de fato — por mais impossível que tal coisa parecesse —, Falion não encararia a presença delas como mera coincidência. Talvez existisse mesmo um esconderijo. Era a primeira vez que ela ficava contente por Moghedien tê-la ignorado desde que dera suas ordens tantos meses antes em Amadícia. O que fora sentido como um abandono ainda poderia se mostrar uma chance de subir no conceito da Escolhida. Aquelas duas talvez ainda a conduzissem ao esconderijo, e, mesmo se não existisse esconderijo nenhum... Moghedien parecera demonstrar interesse em Elayne e Nynaeve. Entregá-las à Escolhida com certeza seria melhor do que um *angreal* que nem existia.

Ela se recostou no assento e deixou o balanço da cadeira relaxá-la. Odiava mesmo aquela cidade — em seus tempos de noviça, chegara até ali como fugitiva —, mas

podia ser que aquela visita, afinal, terminasse de forma agradável.

* * *

Sentado em seu gabinete, Herid espiava dentro do cachimbo e se perguntava se tinha em mãos os meios para acendê-lo quando o *gholam* se espremeu por baixo da porta. Claro que, mesmo que Fel estivesse prestando atenção, não teria acreditado, e, depois que o *gholam* entrou no aposento, poucos homens teriam tido alguma chance.

Quando Idrien mais tarde foi ao gabinete de Fel, ficou olhando para algo empilhado de maneira nada organizada no chão, ao lado da mesa. Ela levou uns instantes para compreender o que era e, quando o fez, desmaiou antes de conseguir gritar. Embora já tivesse ouvido falar de esquartejamentos, era muito diferente ver os resultados de um diante de si.

* * *

No topo da colina, o homem deu meia-volta com seu cavalo para uma última olhada em Ebou Dar, branca sob o sol brilhante. Uma bela cidade para se pilhar, e, pelo que ele aprenderia sobre o povo local, as pessoas resistiriam, de forma que o Sangue permitiria pilhagens. Elas iriam resistir, mas ele torcia para que os outros olhos estivessem trazendo relatos da desunião que ele testemunhara. A resistência não duraria muito num local em que uma suposta rainha governava um pedaço diminuto de chão, e isso sugeria as melhores possibilidades. Ele cavalgou para o oeste. Não havia como saber. Talvez o comentário daquele sujeito tivesse sido profético. Talvez o Retorno não tardasse, e, com ele, viria a Filha das Nove Luas. Aquele seria, certamente, o maior presságio de uma vitória.

* * *

Deitada para dormir, Moghedien olhava para o teto da minúscula tenda que tinham lhe permitido como uma das criadas da Amyrlin. De tempos em tempos, seus dentes rilhavam, mas, tão logo se dava conta disso, ela tornava a se acalmar, bastante consciente do colar do *a'dam* em torno do pescoço. A tal Egwene al'Vere era mais dura do que Elayne e Nynaeve. Tolerava menos e exigia mais. E quando passava o bracelete para Siuan ou Leane, especialmente Siuan... Moghedien estremeceu. Se Birgitte pudesse usar o bracelete, deveria ser igual.

A aba da tenda se moveu para o lado, deixando a luz do luar penetrar só o suficiente para ela identificar uma mulher se agachando para entrar.

— Quem é você? — perguntou Moghedien com aspereza. Quando mandavam ir buscá-la à noite, quem quer que viesse sempre trazia uma lanterna.

— Me chame de Aran'gar, Moghedien — respondeu uma voz bem-humorada, e uma luzinha se fez dentro da tenda.

Ouvir o próprio nome fez a língua de Moghedien grudar no céu da boca. Ali, aquele nome significava morte. Ela estava com dificuldades para falar, para dizer que seu nome era Marigan, quando, de repente, reparou na luz. Uma pequena bola branca cintilante, pálida, pairando no ar próxima da cabeça dela. Estando com o *a'dam*, não podia fazer mais do que pensar em *saidar* sem permissão, mas ainda era capaz de senti-la sendo canalizada, de ver os fluxos sendo tecidos. Desta vez, não sentiu nada, não viu nada. Só uma minúscula bolinha de pura luz.

Ela ficou encarando a mulher que se apresentara como Aran'gar, finalmente a reconhecendo. Halima, ela achava. Secretária de uma das Votantes, talvez. Com certeza, contudo, uma mulher, ainda que uma que parecesse ter sido desenhada por um homem. Uma mulher. Mas aquela bola de luz tinha que ser resultado de *saidin*!

— Quem é você? — Sua voz estava apenas um pouco trêmula, e ela se surpreendeu por soar tão firme.

A mulher sorriu — um sorriso bastante divertido — enquanto se colocou ao lado do catre.

— Já falei, Moghedien. Eu me chamo Aran'gar. Você vai aprender esse nome no futuro, se tiver sorte. Agora me escute bem e não pergunte mais nada. Eu vou lhe dizer o que você precisa saber. Daqui a pouco, vou tirar esse seu lindo colar. Em seguida, você vai desaparecer com a mesma rapidez e discrição de Logain. Se não me obedecer, vai morrer aqui mesmo. E isso seria uma pena, porque você foi convocada até Shayol Ghul nesta mesmíssima noite.

Moghedien umedeceu os lábios. Convocada até Shayol Ghul. Isso poderia significar a eternidade no Poço da Perdição, a imortalidade governando o mundo, ou qualquer coisa entre os dois extremos. Havia pouca chance de ela ser nomeada Nae'blis, não se o Grande Senhor soubesse o suficiente a respeito de como ela havia passado os meses anteriores a ponto de mandar alguém vir libertá-la. Ainda assim, tratava-se de uma convocação que ela não podia ignorar. E, pelo menos, estaria livre do *a'dam*.

— Sim. Tire. Eu vou imediatamente. — De todo modo, não havia motivos para protelar. Ela era mais forte que qualquer mulher naquele acampamento, mas não pretendia dar a um círculo de treze mulheres nenhuma chance de enfrentá-la.

— Eu achava que você fosse dizer isso. — Halima, ou Aran'gar, riu com gosto. Devagar, ela tocou no colar, encolhendo-se de dor, e Moghedien tornou a se espantar com uma mulher que parecia capaz de canalizar *saidin* e se feria, ainda que muito pouco, por tocar no que só deveria ferir um homem capaz de canalizar. Em seguida,

o colar se soltou e foi guardado depressa na algibeira da mulher. — Vá, Moghedien. Vá agora.

* * *

Quando Egwene chegou à tenda e colocou a cabeça e a lanterna lá dentro, encontrou apenas lençóis amarrotados. Devagar, ela recuou.

— Mãe — alvoroçou-se Chesa atrás dela —, você não deveria sair no sereno. O ar da noite faz mal. Se queria falar com Marigan, eu poderia ter vindo buscá-la.

Egwene olhou em volta. Sentira o *a'dam* se soltar e sentira o lampejo de dor que indicava que um homem capaz de canalizar tocara o colar. A maior parte das pessoas já dormia, mas umas poucas ainda estavam sentadas fora das suas tendas em torno do fogo baixo, algumas não muito longe. Talvez fosse possível descobrir qual homem tinha ido à tenda de “Marigan”.

— Acho que ela fugiu, Chesa — afirmou Egwene. Os resmungos zangados de Chesa sobre mulheres que abandonavam suas senhoras a seguiram por todo o caminho de volta até sua tenda. Não poderia ter sido Logain, poderia? Ele não poderia ter voltado, não poderia saber a verdade. Poderia?

* * *

Demandred ajoelhou-se no Poço da Perdição e, desta vez, não se importou que Shaidar Haran estivesse observando sua tremedeira com aquele semblante impassível, sem olhos.

— Não me saí bem, Grande Senhor?

A gargalhada do Grande Senhor ressoou dentro de sua cabeça.



A torre imaculada se divide e se ajoelha perante o símbolo esquecido.
Os mares seguem em tormenta e nuvens de tempestade se armam incógnitas.
Além do horizonte, chamas escondidas se avolumam e serpentes se aninham em seu seio.
O que foi exaltado é rechaçado, o que foi rechaçado é elevado.
A ordem queima para abrir caminho para ele.

— fragmento de *As Profecias do Dragão*, tradução de Jeorad Manyard, Governador
da Província de Andor
sob o Grão-Rei Artur Paendrag Tanreall.

Fim
do Sexto Livro
de *A Roda do Tempo*





Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos após a morte do último homem Aes Sedai e registrou os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das guerras, havia controvérsia sobre o ano exato de acordo com o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que definiu arbitrariamente uma data para o fim da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

***a'dam*:** Dispositivo para controlar uma mulher capaz de canalizar, só utilizável ou por uma mulher capaz de canalizar ou por uma mulher a quem se pode ensinar a canalizar, e que não tem efeito em mulheres que não são capazes de canalizar. O dispositivo une as duas mulheres no Poder. A versão Seanchan consiste em uma coleira — chamada de colar — e um bracelete ligados por uma correia, tudo feito de metal prateado. Se um homem capaz de canalizar for unido a uma mulher por um *a'dam*, a provável consequência é a morte de ambos. Quando o *a'dam* estiver sendo usado por uma mulher capaz de canalizar, o simples toque no dispositivo por parte de um homem também capaz de canalizar pode resultar em dor. *Ver também* união; Seanchan.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Aes Sedai que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da

promessa de imortalidade. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. De acordo com as lendas e os fragmentos de registros, foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles são: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be’lal, Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage.

Aceitas: Jovens mulheres em treinamento para se tornarem Aes Sedai que alcançaram certo nível de poder e passaram por determinados testes. Em geral, são necessários de cinco a dez anos para que uma noviça seja elevada a Aceita. Um pouco menos limitadas às regras do que as noviças, as Aceitas podem escolher as próprias áreas de estudo, dentro de alguns limites. Uma Aceita usa o anel da Grande Serpente, no terceiro dedo da mão esquerda. Quando uma Aceita é elevada a Aes Sedai, escolhe a própria Ajah, adquire o direito a usar o xale e pode passar a usar o anel em qualquer dedo, ou não o usar, se as circunstâncias assim justificarem. *Ver também* Aes Sedai.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Respeitadas e reverenciadas por muitos, mas também alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio. Não são poucos os que as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferirem nos assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. Parece que depois de alguns anos canalizando o Poder Único, as Aes Sedai adquirem uma característica de idade indefinida, de forma que uma mulher com idade suficiente para ser avó pode não exibir os sinais do passar dos anos, exceção feita a talvez alguns cabelos grisalhos. *Ver também* Ajah; Ruptura do Mundo; Trono de Amyrlin.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos, cobrem o rosto com um véu negro antes de matar. Guerreiros mortíferos com armas ou punhos, jamais tocam em espadas ou montam a cavalo, a menos que obrigados. Os Aiel chamam a luta de “a dança” e “a Dança das Lanças”. São divididos em doze clãs: os Chareen, os Codarra, os Daryne, os Goshien, os Miagoma, os Nakai, os Reyn, os Shaarad, os Shaido, os Shiande, os Taardad e os Tomanelle. Cada clã é dividido em ramos. Às vezes, falam de um décimo terceiro clã, o Clã Que Não Era, os Jenn, que construíram Rhuidean. Todos sabem que os Aiel falharam com as Aes Sedai e acabaram banidos para o Deserto Aiel por conta disso, e que serão destruídos caso algum dia isso volte a acontecer. *Ver também* Deserto Aiel; Rhuidean; *gai’shain*; Sociedades guerreiras dos Aiel; Desolação.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. Sete no total, são designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai.

A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah Guerreira durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai'don, a Amarela se concentra no estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça. As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. Os rumores sobre uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, são negados oficialmente.

Altara: Nação no Mar das Tempestades que, na verdade, se mantém unida por pouca coisa além do nome. Em Altara, as pessoas se veem primeiro como habitantes de uma aldeia ou cidadezinha, ou como o povo daquele senhor ou daquela senhora, e só então, e quando o fazem, como altaranas. Poucos nobres pagam impostos para a coroa ou oferecem uma vassalagem apenas em nome, se tanto. O governante de Altara (por ora, a Rainha Tylin Quintara, da Casa Mitsobar) raramente é algo mais que a nobre mais poderosa da nação, e, por vezes, não chega nem a isso. O Trono dos Ventos detém tão pouco poder que muitos nobres poderosos o desprezaram quando podiam tê-lo assumido.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, acabam fazendo coisas horríveis com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito suficientemente cedo. No entanto, um homem que é amansado acaba desistindo de querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio costumam morrer de um jeito ou de outro em um ou dois anos. *Ver também* estancamento; Poder Único.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado. Entre si, às vezes usam o antigo nome de Amigos da Escuridão.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

Andarilha dos Sonhos: Nome Aiel para uma mulher capaz de adentrar *Tel'aran'rhiod*, interpretar sonhos e conversar com as outras pessoas em seus sonhos. As Aes Sedai também usam o termo, ainda que raramente, em referência às Sonhadoras. *Ver também* Talentos; *Tel'aran'rhiod*.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manejar uma quantidade maior do Poder do que

seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los e restam poucos no mundo. *Ver também* canalizar; *sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth. Atualmente devastada pela guerra civil e por guerras simultâneas contra aqueles que se declararam a favor do Dragão Renascido e contra Tarabon. As domanesas são famosas — ou infames — por serem belas, sedutoras e usarem roupas escandalosas.

Artur Asa-de-gavião: Rei lendário, Artur Paendrag Tanreall governou entre 943-994 AL e unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (992 AL), mas ninguém teve notícias dessas tropas depois de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Avendoraldera: Uma árvore que cresceu na cidade de Cairhien a partir de um ramo de *Avendesora*, um presente dos Aiel em 566 NE, apesar de nenhum registro escrito revelar qualquer ligação entre os Aiel e a lendária Árvore da Vida.

Bair: Sábia do ramo Haido dos Aiel Shaarad e Andarilha dos Sonhos. Não é capaz de canalizar. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Heroína de lendas e histórias, famosa tanto pela beleza quanto pela bravura e destreza no arco e flecha. Diz-se que carregava um arco de prata e flechas também de prata, com os quais jamais errava o alvo. Ela é uma entre os heróis convocados de volta sempre que a Trombeta de Valere é tocada. Sempre relacionada ao herói-espadaachim Gaidal Cain. Exceto por sua beleza e destreza com o arco, tem pouco a ver com o que se fala dela nas histórias. *Ver também* Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprende sozinha a canalizar o Poder Único. Apenas uma em cada quatro sobrevive à crise gerada por esse aprendizado. Tais mulheres costumam criar bloqueios para se impedirem de dar conta do que estão fazendo, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas capazes de canalizar. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Bryne, Gareth: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Exilado pela Rainha Morgase. Considerado um dos maiores generais vivos. O selo da Casa Bryne é um touro selvagem com a Coroa de Rosas de Andor em torno do pescoço. Tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

cadin'sor: Indumentária dos guerreiros Aiel, composta de casaco e calças marrom e cinza que se camuflam junto às pedras e sombras, bem como botas macias até os

joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”, embora essa seja, obviamente, uma tradução imprecisa.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo cuja capital recebe o mesmo nome. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel, assim como muitas outras cidades e aldeias. O consequente abandono das lavouras próximas da Espinha do Mundo tornou necessária a importação de grãos. O assassinato do Rei Galldrian (998 NE) resultou em uma guerra civil pela sucessão do Trono do Sol, na interrupção dos carregamentos de grãos e na fome. A cidade foi sitiada pelos Shaido no episódio a que alguns se referem como Segunda Guerra dos Aiel, num cerco derrotado por outros Aiel sob o comando de Rand al'Thor. Cairhien tem como estandarte um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul. *Ver também* Guerra dos Aiel.

calendário: Há 10 dias na semana, 28 dias no mês e 13 meses no ano. Vários dias festivos não fazem parte de nenhum mês, incluindo o domingo (o dia mais longo do ano), a festividade de Ação de Graças (de quatro em quatro anos no equinócio de primavera), e a festividade da Salvação de Todas as Almas, também chamada de Dia de Todas as Almas (de dez em dez anos no equinócio de outono).

Callandor: A Espada Que Não É Espada, a Espada Que Não Pode Ser Tocada. Uma espada de cristal que, no passado, ficou guardada na Pedra de Tear. Poderoso *sa'angreal* masculino, sua retirada da câmara conhecida como Coração da Pedra foi, junto com a queda da Pedra, um sinal importante do Renascimento do Dragão e da aproximação de Tarmon Gai'don. Recolocada no Coração e reinserida na pedra por Rand al'Thor. *Ver também* Dragão Renascido; Pedra de Tear; *sa'angreal*.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

Car'a'carn: Na Língua Antiga, “o chefe dos chefes”. De acordo com a profecia Aiel, um homem que viria de Rhuidean na alvorada, marcado com dois Dragões, e os lideraria até o outro lado da Muralha do Dragão. Segundo a Profecia de Rhuidean, ele vai unir os Aiel e depois destruí-los, e sobreviverá apenas o restante de um restante. *Ver também* Aiel; Rhuidean.

Caraighan Maconar: Irmã Verde lendária (212-373 DR), é a heroína de centenas de aventuras a que se atribui façanhas que até algumas Aes Sedai considerariam improváveis, apesar de sua presença nos registros da Torre Branca, tais como debelar sozinha uma rebelião em Mosadorin e pôr um fim aos Motins de Comaidin, em um período em que não contava com nenhum Guardião. Um símbolo da Ajah Verde e um modelo para todas as irmãs dessa cor. *Ver também* Aes Sedai, Ajah.

Carridin, Jaichim: Inquisidor da Mão da Luz, alto oficial dos Filhos da Luz e Amigo das Trevas.

Cauthon, Abell: Fazendeiro de Dois Rios. Pai de Mat Cauthon. Marido de Natti e pai de outras duas filhas, Eldrin e Bodewhin, cujo apelido é Bo.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

Cinco Poderes, os: O Poder Único tem fios, batizados conforme o elemento que afetam — Terra, Ar (às vezes chamado de Vento), Fogo, Água e Espírito — e que recebem o nome de Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único será mais forte em um ou talvez dois, mas raramente mais que isso, e será mais fraco com os demais. Na Era das Lendas, enquanto Espírito era encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1.000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Deane Aryman: Trono de Amyrlin que salvou a Torre Branca dos danos causados por Bonwhin em sua tentativa de controlar Artur Asa-de-gavião. Nascida em cerca de 920 AL na aldeia de Salidar, em Shiotia, foi elevada a Amyrlin a partir da Ajah Azul em 992 AL. Ela convenceu Souran Maravaile a suspender o cerco a Tar Valon (que se iniciara em 975 AL) após a morte de Artur Asa-de-gavião. Deane restabeleceu o prestígio da Torre, e acredita-se que à época da sua morte, em 1084 AL, ao cair de um cavalo, ela estava a ponto de convencer os nobres que guerreavam pelo que restara do império de Asa-de-gavião a aceitarem a liderança da Torre Branca como forma de restaurar a unidade da região. *Ver também* Artur Asa-de-gavião; Trono de Amyrlin.

Deserto Aiel: Terra inóspita, severa e praticamente desprovida de água que fica a leste da Espinha do Mundo. Chamada pelos Aiel de Terra da Trindade. Poucos forasteiros se aventuram na região porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos. Apenas mascates, menestréis e Tuatha'an têm entrada permitida em segurança, ainda que os Aiel evitem qualquer contato com os Tuatha'an, a quem chamam de "Perdidos". Não se sabe da existência de qualquer mapa do Deserto.

Desolação: Nome dado pelos Aiel para os efeitos apresentados por muitos deles ao descobrirem que, em vez de sempre terem sido ferozes guerreiros, seus ancestrais eram pacifistas radicais que foram forçados a se defender durante a Ruptura do Mundo e nos anos subsequentes. Muitos creem ter sido essa a falha dos Aiel com as Aes Sedai. Alguns Aiel abandonam suas lanças e fogem, enquanto outros se recusam a deixar de usar o branco dos *gai'shain* mesmo após cumprirem o período de um ano e um dia. Há ainda os que negam que isso seja verdade e, com isso, obrigatoriamente não reconheçam que Rand al'Thor seja de fato o *Car'a'carn*. Para esses, há duas alternativas: voltar para o Deserto Aiel ou aliar-se aos Shaido que se opõem a ele. *Ver também* Aiel; *Car'a'carn*; Deserto Aiel; *gai'shain*.

Dragão Renascido: De acordo com as Profecias do Dragão, diz-se do homem que é o Renascimento de Lews Therin, o Fratricida. A maioria das pessoas, mas não todas, reconhece Rand al'Thor como o Dragão Renascido. *Ver também* Dragão, falso; Dragão, o; Dragão, Profecias do.

Dragão, falso: Nome dado aos vários homens que afirmaram ser o Dragão Renascido. Alguns desencadearam guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar, mas alguns podiam fazer isso. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir nenhuma das Profecias do Dragão. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (351 AL), Guaire Amalasan (939-43 AL), Logain (997 NE) e Mazrim Taim (998 NE). *Ver também* Dragão Renascido.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra, há uns três mil anos, ou mais. Sofrendo da loucura que se abateu sobre todos os Aes Sedai do sexo masculino, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos que amava, recebendo então a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do: Pouco conhecidas, exceto entre os bem instruídos, e raramente comentadas, as Profecias registradas em O Ciclo de Karaethon predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez, e que Lews Therin Telamon, o Dragão, Renascerá para lutar em Tarmon Gai'don, a Última Batalha contra a Sombra. Segundo as Profecias, ele vai salvar o mundo e então causar uma nova Ruptura. *Ver também* Dragão, o.

Elaida do Avriny a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada ao Trono de Amyrlin. Antiga conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes Profetiza.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar. *Ver também* Guerra da Sombra; Ruptura do Mundo.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de Muralha do Dragão.

esposa-irmã: Termo de parentesco Aiel. Mulheres Aiel que são quase-irmãs ou irmãs-primeiras e que descobrem que amam o mesmo homem, ou que simplesmente não querem a presença de um homem entre as duas, acabam casando-se com ele, tornando-se assim esposas-irmãs. Às vezes, mulheres que amam o mesmo homem tentam descobrir se podem se tornar quase-irmãs e irmãs-primeiras adotadas, um primeiro passo para se tornarem esposas-irmãs.

estancamento: Ato realizado pelas Aes Sedai que consiste em isolar definitivamente do Poder Único uma mulher capaz de canalizar. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Oficialmente,

resulta do julgamento e da sentença por um crime. Noviças da Torre Branca são obrigadas a aprender os nomes e os crimes de todas as mulheres que foram estancadas. Quando ocorre acidentalmente, é chamado de exaurimento, mas, na prática, o termo é usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro, mulheres que foram estancadas costumam não viver muito e parecem simplesmente desistir e morrer, a menos que encontrem algo que substitua o vazio deixado pelo Poder Único.

Fain, Padan: Um mascate que fazia comércio em Dois Rios e Amigo das Trevas, foi transformado em Shayol Ghul não só para adquirir a capacidade de rastrear o jovem que se tornaria o Dragão Renascido tal qual um cão de caça, mas também para implantar nele a necessidade constante de rastreá-lo. A dor desse processo incutiu em Fain um ódio tanto pelo Tenebroso quanto por Rand al'Thor. Enquanto seguia al'Thor, deparou-se com a alma aprisionada de Mordeth em Shadar Logoth, alma que tentou tomar seu corpo. Porém, por conta do que havia sido feito a Fain, o resultado foi um amálgama que, em grande parte, manteve a essência do próprio Fain, mas com habilidades além das que os dois homens possuíam antes da fusão, embora Fain ainda não as compreenda completamente. A maior parte dos homens teme o olhar sem olhos de um Myrddraal, mas os Myrddraal temem o olhar de Fain.

Far Dareis Mai: Na Língua Antiga, literalmente “Donzelas da Lança”. Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite mulheres, e apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. (“Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum pode lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.”) *Ver também* Aiel; Sociedades guerreiras dos Aiel.

Filha-herdeira: Título da herdeira do Trono do Leão de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha. Divergências quanto a quem era exatamente a parente consanguínea mais próxima já levaram a diversas disputas pelo poder na região, a última sendo “a Sucessão”, chamada assim em Andor, ou “a Terceira Guerra pela Sucessão Andoriana” em outros lugares, acontecimento que entronou Morgase, da Casa Trakand.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas que não deve lealdade a nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar. Extremamente rígidos em suas crenças e convencidos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie Amigos das Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um

sol dourado em um fundo branco. *Ver também* Questionadores.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo que faz girar a Roda do Tempo. Divide-se em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Há mais de três mil anos, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

gai'shain: Na Língua Antiga, “Comprometido com a Paz nas Batalhas”. Por conta do *ji'e'toh*, exige-se de um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel durante uma incursão ou uma batalha que sirva ao seu captor com humildade e obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos não podem ser feitos *gai'shain*. *Ver também* vazio, o.

Gaidin: Na Língua Antiga, “Irmão nas Batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: Lorde Galadedrid Damodred, chamado de Galad. Meio-irmão de Elayne e Gawyn, com quem compartilha o mesmo pai, Taringail Damodred. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da Rainha Morgase e irmão de Elayne, será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Meio-irmão de Galad. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Praga, a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consiste em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é dado às mulheres elevadas a Aceitas entre as Aes Sedai.

Grão-lordes de Tear: Com atuação semelhante à de um conselho, os grão-lordes são, historicamente, os governantes da nação de Tear, onde não há rei ou rainha. Seu número não é fixo, varia ao longo dos anos, pode ser tão alto quanto vinte ou tão baixo quanto seis. Não devem ser confundidos com os Senhores da Terra, que são lordes tairenos menores.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único e concede dádivas como Cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, da mesma forma que, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como seu Guardião morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a

estabelecê-los e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões a Aes Sedai quiser. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso, em um ataque liderado por Lews Therin Telamon, o Dragão, e uma centena de Aes Sedai do sexo masculino chamados de Cem Companheiros. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin* e enlouqueceu Lews Therin e os Cem Companheiros, dando início ao Tempo da Loucura e à Ruptura do Mundo. *Ver também* Dragão, o; Poder Único.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra dos Aiel (976-978 NE): Quando o Rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs dos Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* *Avendoraldera*; Cairhien; Espinha do Mundo.

Guerra dos Cem Anos (994-117 AL): Série de guerras concomitantes entre alianças que mudavam constantemente, iniciada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. O conflito deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. Com as guerras, o império de Artur Asa-de-gavião se fragmentou e as nações dos dias atuais se formaram. *Ver também* Artur Asa-de-gavião.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais, sob o comando de Myrddraal e Senhores do Medo, exércitos de Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados. *Ver também* Myrddraal; Senhores do Medo; Trollocs.

Homem Cinza: Homem ou mulher que entregou voluntariamente sua alma ao Tenebroso com o intuito de se tornar um assassino a serviço da Sombra. Homens Cinza possuem uma aparência tão comum que os olhos podem percorrê-los sem se

darem conta do que veem. A grande maioria dos Homens Cinza é de fato homem, mas há um número pequeno de mulheres. Também chamados de Desalmados.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

irmã-primeira, irmão-primeiro: Termo de parentesco Aiel que significa ter a mesma mãe. Entre os Aiel, isso indica uma relação mais próxima do que ter o mesmo pai.

Jogo das Casas: Nome dado às articulações, armações, tramas e manipulações feitas pelas Casas Nobres na busca de poder. Nele, dá-se grande valor à dissimulação, a buscar um objetivo enquanto parece-se estar buscando outro, e ao alcance de suas metas com o menor esforço visível. Também conhecido como Grande Jogo e, às vezes, por seu nome na Língua Antiga: *Daes Dae'mar*.

Juulin Sandar: Caçador de ladrões de Tear.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que confirma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder como arma, exceto contra Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado escolhendo-se bem as palavras. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Kerenmosa, Rashima: Conhecida como a Amyrlin Soldada. Nascida por volta de 1150 DR e elevada a Amyrlin a partir da Ajah Verde em 1251 DR. Liderando pessoalmente os exércitos da Torre, obteve inúmeras vitórias, com destaque para a Passagem Kaisin, o Passo Soralle, Larapelle, Tel Norwin e Maighande, onde morreu em 1301 DR. Seu corpo foi descoberto após a batalha cercado por seus cinco Guardiões e uma enorme parede de Trollocs e Myrddraal que continha os cadáveres de não menos que nove Senhores do Medo. *Ver também* Aes Sedai; Ajah; Guardiões; Senhores do Medo; Trono de Amyrlin.

Lan; al'Lan Mandragoran: Rei Não Coroado de Malkier, uma terra engolida pela Praga no ano do seu nascimento (953 NE), Dai Shan e último sobrevivente dos lordes malkieris. Aos 16 anos, iniciou uma guerra solitária contra a Praga e a Sombra, o que continuou até ele se unir a Moiraine como seu Guardião em 979 NE. *Ver também* Guardião; Moiraine.

Latoeiros: Mais precisamente, os Tuatha'an, também chamados de Povo Errante. Um povo nômade que vive em carroções muito coloridos e que segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha. Estão entre os poucos que conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem atacados, já que os Aiel evitam contato com eles. Pouquíssimas pessoas sequer suspeitam da origem comum dos Tuatha'an e dos Aiel, que se separaram durante a Ruptura do Mundo numa

tentativa de encontrar um modo de retornar aos tempos de paz. *Ver também* Aiel.

Lews Therin Telamon; Lews Therin Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os cultos saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas algumas poucas palavras. Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos significados diferentes e sutis. *Ver também* Era das Lendas.

Lini: Babá de Lady Elayne e, antes, da mãe dela, Morgase, e também da avó de Elayne. Mulher de fibra, muito observadora e dona de um arsenal de ditados.

Logain: Homem que afirmava ser o Dragão Renascido. Capturado depois de deflagrar guerras por Ghealdan, Altara e Murandy, foi levado à Torre Branca e amansado, vindo a escapar posteriormente durante a confusão que se sucedeu à deposição de Siuan Sanche. Um homem que ainda há de viver dias de glória.

Manetheren: Uma das dez nações que formaram o Segundo Pacto. Também é o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram destruídas nas Guerras dos Trollocs. O símbolo de Manetheren era uma Águia Vermelha em pleno voo. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada “Primeira”, que advém do antigo termo Primeiro Lorde ou Primeira Lady. As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-da-gavião. O título de Segundo (a), que já foi exclusivo de um único lorde ou lady, chegou a ser usado, nos últimos quatrocentos anos, por até nove pessoas ao mesmo tempo. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo em um fundo azul.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. Tem força moderada com o Poder Único. Casada com Bael, chefe de clã dos Goshien. Esposa-irmã de Dorindha, senhora do teto do Forte das Fontes de Fumaça. *Ver também* Andarilha dos Sonhos.

menestréis: Viajantes contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, apresentam-se principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Moiraine Damodred: Aes Sedai da Ajah Azul. Nascida em Cairhien, na Casa Damodrehd. Nasceu em 956 NE no Palácio Real de Cairhien. Após chegar à Torre Branca como noviça em 972 NE, sua ascensão foi meteórica, com elevação a Aceita em apenas três anos e a Aes Sedai em só mais outros três, ao final da Guerra dos Aiel. Foi então que ela iniciou a busca pelo jovem que, de acordo com Gitara Moroso, Aes Sedai com o Talento da Previsão, nascera nas encostas do Monte do Dragão durante a Batalha das Muralhas Reluzentes e que seria o Dragão

Renascido. Foi ela que levou Rand al'Thor, Mat Cauthon, Perrin Aybara e Egwene al'Vere embora de Dois Rios. Desapareceu ao entrar num *ter'angreal* em Cairhien enquanto lutava contra Lanfear, aparentemente matando tanto a si mesma quanto a Abandonada.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. No momento, em exílio e tida como morta, assassinada pelo Dragão Renascido, como muitos pensam. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano para criá-los ressurgiu, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Não têm olhos, mas enxergam como águias, tanto na luz quanto no escuro. Têm certos poderes que vêm do Tenebroso, inclusive a habilidade de causar um medo paralisante com uma encarada e de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Espelhos os refletem de maneira enevoada. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre os quais Meios-homens, Sem-olhos, Homens das Sombras, Espreitados, Espectros e Desvanecidos.

Ogier: (1) Raça não humana, caracterizada por altura elevada (um adulto do sexo masculino tem cerca de dez pés de altura, em média), porte largo, narizes muito parecidos com focinhos e orelhas longas e peludas. Vivem em áreas chamadas de *pousos*, das quais saem muito pouco, e costumam ter pouco contato com humanos. O conhecimento sobre eles entre os humanos é escasso, e muitos creem que Ogier são apenas lendas, embora eles sejam exímios construtores e tenham construído a maior parte das grandes cidades erguidas depois da Ruptura. Apesar de serem considerados um povo pacífico e extremamente difícil de ser irritado, algumas histórias antigas contam que eles lutaram ao lado dos humanos nas Guerras dos Trollocs, e que são inimigos implacáveis. Em geral, apreciam o conhecimento e, não raro, seus livros e suas histórias contêm informações perdidas para os humanos. A expectativa de vida típica de um Ogier é pelo menos o triplo ou o quádruplo da de um humano. (2) Qualquer indivíduo pertencente a essa raça não humana. *Ver também* *pouso*; Ruptura do Mundo.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver também* *ta'veren*.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída por meio do Poder Único logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem sucesso incontáveis vezes, caiu numa única noite pelas mãos do Dragão Renascido e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do Dragão. *Ver também* Dragão, Profecias do.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem vir a aprender, e uma

parcela ainda menor nasce com essa centelha. Para esses poucos, não há necessidade de aprendizado, pois acabarão canalizando o Poder independentemente da sua vontade, e talvez sem nem perceber. Essa habilidade inata costuma se manifestar no fim da adolescência ou no início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmos (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e então, mesmo se tiver adquirido certo controle, acabar morrendo de uma espécie de doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Assim como a loucura, essa doença é causada pela mácula do Tenebroso em *saidin*. *Ver também* Aes Sedai; canalizar; Cinco Poderes; Fonte Verdadeira; Ruptura do Mundo.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos *pousos* foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção que impede Aes Sedai de canalizar o Poder Único ou mesmo sentir a Fonte Verdadeira em seu interior, embora o conhecimento a respeito de como ou por que isso ocorre tenha se perdido. Mesmo tentativas de usar o Poder Único fora de um *pouso* não terão qualquer efeito em seu interior. A menos que seja obrigado, nenhum Trolloc entra em um *pouso*, e mesmo um Myrddraal só fará isso em caso de extrema necessidade e com grande relutância. Até os Amigos das Trevas, quando muito dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro de um *pouso*.

Povo do Mar: Seu nome mais adequado é Atha'an Miere. Um povo misterioso. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo em terra firme, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maior parte do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Praga: *Ver* Grande Praga, a.

quase-irmã, quase-irmão: Termos de parentesco Aiel para indicar amigos quase tão próximos quanto irmãs-primas e irmãos-primos. Quase-irmãs costumam se adotar formalmente como irmãs-primas, mas quase-irmãos raramente o fazem.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor. *Ver também* Filhos da Luz.

Rhuidean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, e totalmente desconhecida para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, só se

permitia que um homem Aiel entrasse em Rhuidean uma única vez para que, dentro de um grande *ter'angreal*, ele passasse pelo teste de chefe de clã (apenas um de cada três sobrevivia a essa prova). Mulheres Aiel entravam na cidade apenas duas vezes: primeiro para serem testadas no mesmo *ter'angreal* e depois para se tornarem Sábias, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago alimentado por um oceano subterrâneo de água doce ocupa uma das extremidades do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio no Deserto. *Ver também* Aiel.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a Roda gira, as Eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez está sujeito a mudanças maiores.

Ruptura do Mundo: Durante o Tempo da Loucura, Aes Sedai do sexo masculino tomados pela loucura transformaram o mundo, arrasando antigas cadeias de montanhas e construindo novas, erguendo terra onde havia mar e fazendo o mar invadir a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na história como a Ruptura do Mundo.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*, existem *sa'angreal* de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, é a mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. Geralmente, é considerada equivalente ao Prefeito, e em algumas aldeias é sua superior. O cargo de Sabedoria é vitalício, e é raro uma deixar o ofício antes de morrer. Dependendo da região, o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábica ou Buscadora.

Sábica: Entre os Aiel, as Sábicas são mulheres escolhidas por outras Sábicas e treinadas para a cura, uso de ervas e outras habilidades, de forma muito similar às Sabedorias. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de se intrometerem em seus assuntos. Boa parte das Sábicas é capaz de canalizar pelo menos um pouco. Elas encontram todas as Aiel nascidas

com a centelha e a maior parte das que são capazes de aprender. Por costume, não se fala entre os Aiel sobre as Sábias serem capazes de canalizar. Também por costume, e mais até que os outros Aiel, as Sábias evitam qualquer tipo de contato com as Aes Sedai. Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, e, de acordo com o *ji'e'toh*, não podem ser feridas ou capturadas. Uma Sábua que tomasse parte em uma batalha estaria incorrendo em uma grande violação dos costumes e das tradições. Três Sábias ainda em vida são Andarilhas dos Sonhos, podendo adentrar *Tel'aran'rhiod* e, entre outras coisas, conversar com pessoas que estejam sonhando. *Ver também* Andarilha dos Sonhos; *Tel'aran'rhiod*.

saidar; saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos, e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto. (2) A terra onde vivem esses descendentes.

Senhores do Medo: Homens e mulheres capazes de canalizar que passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, atuando como generais das forças dos Trollocs e dos Amigos das Trevas. Às vezes, os menos instruídos os confundem com os Abandonados.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da prisão do Tenebroso.

Sociedades guerreiras dos Aiel: Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das doze sociedades guerreiras, que são os Andarilhos do Trovão (*Sha'mad Conde*), os Buscadores das Águas (*Duadhe Mahdi'in*), os Cães de Pedra (*Shae'en M'taal*), os Dançarinos da Montanha (*Hama N'dore*), as Donzelas da Lança (*Far Dareis Mai*), os Escudos Vermelhos (*Aethan Dor*), os Irmãos da Águia (*Far Aldazar Din*), os Lanças Noturnas (*Cor Darei*), os Mensageiros da Aurora (*Rahien Sorei*), os Mãos de Faca (*Sovin Nai*), os Olhos Negros (*Seia Doon*) e os Sangues Verdadeiros (*Tain Shari*). Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres específicos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia, os Cães de Pedra muitas vezes são usados para cuidar da retaguarda durante a retirada de um grupo de investida, enquanto as Donzelas assumem com frequência a função de batedoras. É comum os clãs invadirem o território uns dos outros e lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, ainda que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; *Far Dareis Mai*.

Sonhador: *Ver* Talentos.

Sorilea: Sábua do Forte Shende, uma Aiel Jarra Chareen. Quase incapaz de canalizar, é a Sábua mais velha, embora a diferença de idade para a segunda não seja tão grande quanto muitos pensam.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vidas próximas, talvez todos os fios de todas as vidas. *Ver também* Padrão de uma Era.

Taim, Mazrim: Falso Dragão que, até ser derrotado e capturado, causou um tumulto em Saldaea. É muito forte no Poder. *Ver também* Dragão, falso.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. A aptidão em vários Talentos varia bastante de indivíduo a indivíduo e raramente tem a ver com a força da capacidade desse indivíduo de canalizar. Há Talentos maiores, e o mais conhecido e disseminado entre eles é a Cura. Outros exemplos são a Dança das Nuvens (controle do clima) e o Canto da Terra (que envolve o controle de movimentos da terra, como a prevenção ou a indução de terremotos e avalanches). Também há Talentos menores que raramente recebem nomes, como a capacidade de enxergar *ta'veren* ou de duplicar o efeito de um *ta'veren* de influenciar o acaso, ainda que numa área bem pequena e restrita que dificilmente cobre mais que alguns pés quadrados. Alguns Talentos, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço físico), só agora estão sendo redescobertos. Outros, como o da Profecia (capacidade de predizer eventos futuros, mas de forma geral) e o do Detecção (localização de minérios e sua possível retirada do solo), são muito raros. Outro Talento que havia muito se pensava não mais existir é o de Sonhar, que envolve a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que as Profecias o fazem. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, e (é o que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedead, que morreu em 526 NE, mas agora há outra. *Ver também* *Tel'aran'rhiod*.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha que ama sua rainha mais do que sua honra ou a própria vida.

Tam al'Thor: Fazendeiro e pastor de Dois Rios. Ainda jovem, deixou o local para se tornar soldado e retornou com uma esposa, Kari, já falecida, e um filho, Rand.

Tarabon: Nação no Oceano de Aryth cuja capital é Tanchico. Outrora local de grandes negociações, fonte de tapetes, tintas e fogos de artifício, entre outros produtos confeccionados pela Guilda de Iluminadores. Poucas notícias chegaram de Tarabon desde que a nação passou a ser assolada pela anarquia e pela guerra civil, além das guerras simultâneas contra Arad Doman e os Devotos do Dragão, pessoas que juraram seguir o Dragão Renascido.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas que se inclinam em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tel'aran'rhiod: Na Língua Antiga, “Mundo Invisível” ou “Mundo dos Sonhos”. Um mundo ou lugar vislumbrado em sonhos que os antigos acreditavam permear e circundar todos os outros mundos possíveis. Muitos podem tocar *Tel'aran'rhiod* por alguns momentos em seus sonhos, mas são poucos os que já tiveram a capacidade de adentrá-lo de acordo com sua vontade, embora alguns *ter'angreal* concedam essa capacidade. Ao contrário dos outros sonhos, o que acontece às criaturas vivas no Mundo dos Sonhos é real: uma ferida sofrida lá ainda existirá ao despertar, e quem lá morre não acorda jamais. Tirando esses dois casos, porém, nada do que acontece por lá afeta de modo algum o mundo desperto. *Ver também ter'angreal*.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan. A fonte de todo mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da Criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas. *Ver também* Dragão, Profecias do.

ter'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas seu propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns requerem canalização, ao passo que outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. Assim como com os *angreal* e *sa'angreal*, os conhecimentos de como fabricá-los se perdeu com a Ruptura do Mundo. *Ver também angreal; sa'angreal*.

Terras da Fronteira: As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar. Sua história é de ataques e guerras infinitas contra Trollocs e Myrddraal. *Ver também* Grande Praga.

Thom Merrilin: Um menestrel e viajante nada comum. *Ver também* Jogo das Casas; menestréis.

Torre Branca: Centro e núcleo do poder das Aes Sedai, localizada no coração da grande cidade-ilha de Tar Valon.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso cuja origem remonta à Guerra da Sombra. De imensa estatura, são uma mistura distorcida entre animais e humanos. Malignos por natureza, matam por puro prazer. Traíçoeiros ao extremo, só são confiáveis quando coagidos pelo medo. Comem qualquer coisa, ou qualquer um. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser encontrados em muitas nações.

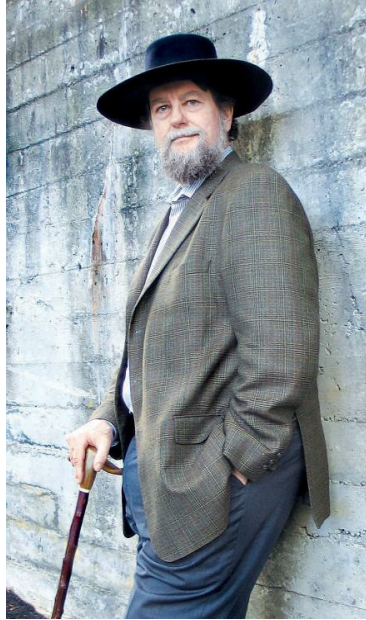
Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, formado por três representantes de cada uma das Ajahs — chamadas de as Votantes —,

elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai, e seu status equivale ao de um rei ou uma rainha. Uma forma de tratamento um pouco menos formal é apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

união: Capacidade das mulheres que canalizam de combinarem seus fluxos do Poder Único. Ainda que o fluxo combinado não seja tão poderoso quanto a soma total dos fluxos individuais, ele é direcionado pela mulher que lidera a conexão e pode ser utilizado com muito mais precisão e com um efeito muito maior do que os fluxos individuais o poderiam. Homens não são capazes de se unir sem a presença de uma mulher ou de mulheres no círculo. Até 13 mulheres podem se unir sem a presença de um homem. Com a inclusão de um, o círculo pode se expandir para 26 mulheres. Dois homens podem levar o círculo a ter 34 mulheres, e assim por diante, até que se atinja o limite de 6 homens e 66 mulheres. Há círculos que contam com mais homens e menos mulheres, mas, exceto quando se unem um homem e uma mulher, uma mulher e dois homens, ou, é claro, dois homens e duas mulheres, sempre deve haver no círculo pelo menos uma mulher a mais do que há homens. Na maioria dos casos, ou um homem ou uma mulher podem controlar a ligação, mas um homem deve necessariamente ter esse controle no círculo de 72 pessoas ou nos círculos mistos de menos de 13 pessoas. Apesar de os homens, em geral, serem mais fortes com o Poder Único do que as mulheres, os círculos mais poderosos são os que contêm o máximo possível de igualdade no número de homens e mulheres. *Ver também* Aes Sedai.

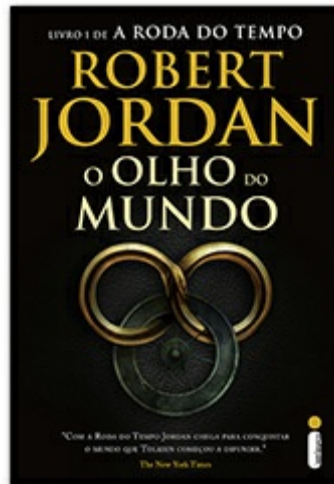
SOBRE O AUTOR

©Liza Groen Trombi/Locus Publications

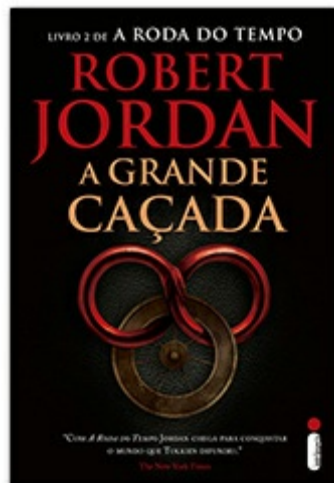


ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Senhor do Caos* é o sexto dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

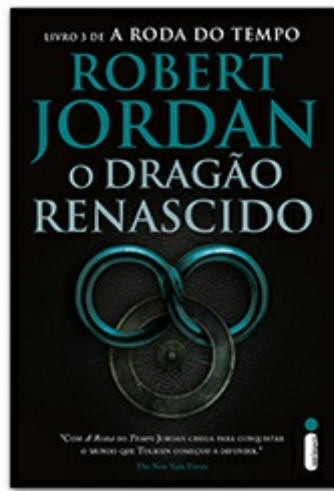
CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



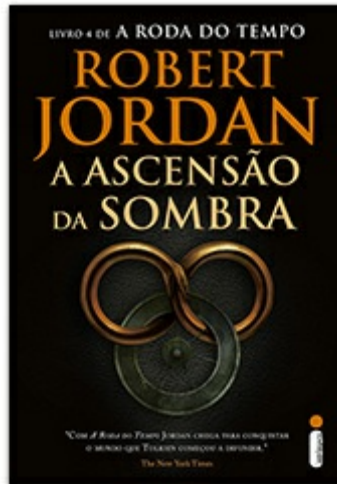
[*O olho do mundo*](#)
[*\(Livro 1\)*](#)



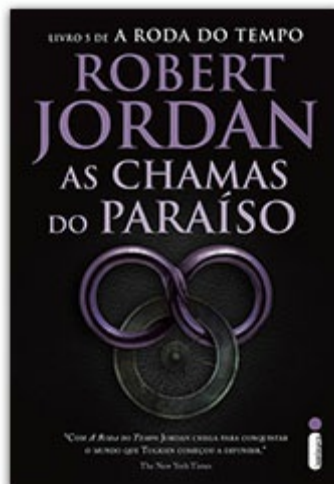
[*A grande caçada*](#)
[*\(Livro 2\)*](#)



O dragão renascido
(Livro 3)

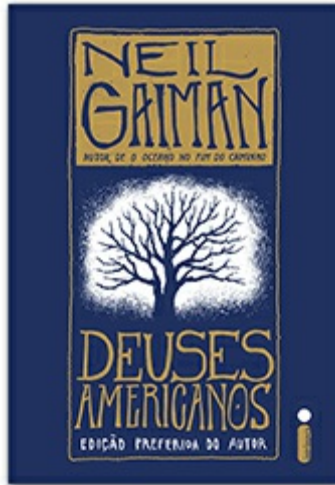


A ascensão da sombra
(Livro 4)



As chamas do Paraíso
(Livro 5)

LEIA TAMBÉM



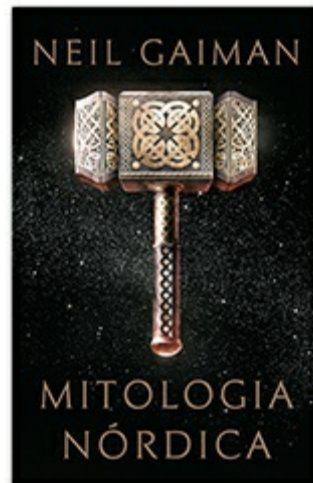
[*Deuses americanos*](#)
[Neil Gaiman](#)



[*Os filhos de Anansi*](#)
[Neil Gaiman](#)



[*Lugar nenhum*](#)
[Neil Gaiman](#)



[*Mitologia nórdica*](#)
[Neil Gaiman](#)



[*Ordem vermelha: Filhos da Degradação*](#)
[Felipe Castilho](#)

Sumário

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo: A Primeira Mensagem](#)

[Mapa 1](#)

[Capítulo 1 – Leão na colina](#)

[Capítulo 2 – A visita](#)

[Capítulo 3 – Os olhos de uma mulher](#)

[Capítulo 4 – Senso de humor](#)

[Capítulo 5 – Uma dança diferente](#)

[Capítulo 6 – Tramas urdidas em sombras](#)

[Capítulo 7 – Uma questão de opinião](#)

[Capítulo 8 – Arma-se uma tempestade](#)

[Capítulo 9 – Planos](#)

[Capítulo 10 – Um ditado das Terras da Fronteira](#)

[Capítulo 11 – Aulas e professores](#)

[Capítulo 12 – Perguntas e respostas](#)

[Capítulo 13 – Sob a poeira](#)

[Capítulo 14 – Sonhos e pesadelos](#)

[Capítulo 15 – Um monte de areia](#)

[Capítulo 16 – Previsões da Roda](#)

[Capítulo 17 – A Roda da vida](#)

[Mapa 2](#)

[Capítulo 18 – Um pouco de solidão](#)

[Capítulo 19 – Questões de toh](#)

[Capítulo 20 – Visitas do pouso](#)

[Capítulo 21 – Para Shadar Logoth](#)

[Capítulo 22 – Rumo ao Sul](#)

[Capítulo 23 – Para entender a mensagem](#)

[Capítulo 24 – A Missão diplomática](#)

[Capítulo 25 – Como relâmpagos e chuva](#)

[Capítulo 26 – Ligando as linhas](#)

[Capítulo 27 – Presentes](#)

[Capítulo 28 – Cartas](#)

[Capítulo 29 – Fogo e Espírito](#)

[Capítulo 30 – Curar de novo](#)

[Capítulo 31 – Lacre de cera vermelha](#)

[Capítulo 32 – Convocação às pressas](#)

[Capítulo 33 – Coragem para fortificar](#)

[Capítulo 34 – A Jornada para Salidar](#)

[Capítulo 35 – No Salão das Votantes](#)

[Capítulo 36 – A Amyrlin é elevada](#)

[Capítulo 37 – Quando a batalha começa](#)

[Capítulo 38 – Um súbito desânimo](#)

[Capítulo 39 – Possibilidades](#)

[Capítulo 40 – Gargalhada inesperada](#)

[Capítulo 41 – Uma ameaça](#)

[Capítulo 42 – A Torre Negra](#)

[Capítulo 43 – A Coroa de Rosas](#)

[Capítulo 44 – A cor da confiança](#)

[Capítulo 45 – Um pensamento amargo](#)

[Capítulo 46 – Além do portão](#)

[Capítulo 47 – A Mulher Errante](#)

[Capítulo 48 – Apoiadas na face](#)

[Capítulo 49 – O Espelho de Brumas](#)

[Capítulo 50 – Espinhos](#)

[Capítulo 51 – A captura](#)

[Capítulo 52 – Tessituras do poder](#)

[Capítulo 53 – O festival das luzes](#)

[Capítulo 54 – O chamado](#)

[Capítulo 55 – Poços de Dumai](#)

[Epílogo: A resposta](#)

[Glossário](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os títulos anteriores da série](#)

[Leia também](#)